ESCUDOS PSIQUICOS

Vol. XIV

1955

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

14.º VOLUME

1955

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

N.º 1

Interrogação, da *Redacção* 1
As Revelações de «André Luís», pelo major *Nelson Bandeira de Melo* 2
Quatro meses numa casa assombrada, por *Arlan Jacobs* 5
À Espera do Trem, pelo médium *Francisco Luciano* 8
Para a História do Espiritismo, *do ciclo de estudos do Centro Espirita «18 de Abril», do Rio de Janeiro, em 1951* 10
Mentalismo, de *Luciano Silva* 13
Telepatia e Aparições, pelo professor *Silveira Bueno* 14
Corpos Gerentes do Centro Espiritualista Luz e Amor 15
A Roda do Tempo, por *Lia* 16
A Orientação Espiritualista do Pensamento Contemporâneo, por *André Dumas* 18
Enrico Fermi e a «Grande Síntese», pelo *Dr. Sérgio Vale* 20
Paraíso e Inferno, por *Alfredo Miguel* 22
Alergia e Obsessão, pelo *Espírito de Dias da Cruz* 23
Cada vez mais longe de Kardec, por *Tito L. Bancéscu* 24
Será isto um Fenómeno Psíquico? 26
Um Filme Espirita 27
Dois clarividentes em Lisboa, da *Redacção* 28
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 29
Notas & Comentários 31
Noticiário 32

N.º 2

Atlântico, da *Redacção* 33
A Psicologia e as suas Relações com a Filosofia, por *Deolindo Amorim* 34
Vida em Sociedade, por *Alfredo Miguel* 39
Como nos atacam, por *Salvador Gatto* 40
As Revelações de «André Luís», pelo major *Nelson Bandeira de Melo* 42
Silvino Augusto Correia da Cunha 45
As Profecias dos Últimos Tempos, por *Leopoldo Machado* 46
O Mentor, por *Lia* 48
Fédon, ou a Imortalidade da Alma, pelo *Dr. Amadeu Santos* 50
Ecletismo, de *Luciano Silva* 52
Que Importa?, por *Cyrilo Alleixo* 53
Os Tempos são chegados -I-, pelo médium *Hercílio Maes* 55
Mensagem da Nova Era, por *Pietro Ubaldi* ... 58
Três Quadros, por *Humberto Mariotti* 59
Maternidade «Caso da Mãe Pobre», da *Redacção* 60
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 61
Notas & Comentários 63
Noticiário 64

N.º 3

Uma Viagem, da *redacção* 65
A Tese das Vidas Múltiplas, por *Alfredo Miguel* 66
Da Convicção em Matéria Metapsíquica, pelo *Visconde B. de Cressac* 68
Santa Mulher, por *Leopoldo Machado* 70
À Margem do Livro «Deus e o Universo», pelo *Dr. Canuto de Abreu* 71
Deus, por *António Dinis da Cruz e Silva* ... 73
Evangelho, por *J. M. Reis* 73
Um Médium Escultor, por *N. Kauffman* 74
Os Tempos são Chegados -II-, pelo médium *Hercílio Maes* 76
Que é a Mediunidade? por *José Simões de Matos* 79
Exortações à Luz, por «*Irmão César*» 80
Memória Ancestral, por *Deolindo Amorim* ... 82
Fraternismo, de *Luciano Silva* 83
Ioga, pelo *professor Octávio Marialva* 84
Mensagem aos Irmãos do Brasil, por *Isidoro Duarte Santos* 87
Como nos Defendemos, por *Salvador Gatto* ... 88
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* 83
Notas & Comentários, da *redacção* 95
Noticiário 96

N.º 4

Rumo ao Brasil, da *redacção* 97
O Fluido Vital e os Fenómenos Biológicos e Metapsíquicos - I -, pelo *Dr. R. Pena Ribas* 98
Médiuns Curadores, de *Allan Kardec* 100
Espiritismo — Ciência ou Religião? por *Achille Biquet* 101
O Amor, por *Léon Tolstoi* 102
Fraternidade, por *José Simões de Matos* 102
D. Maria Veleda, por *Adelaide Ivone de Sousa* 103
Uma Página de M. Quintão, por *Leopoldo Machado* 104
Poemas Espirituais 105
A Fotografia das Radiações Fluídicas, por *Tito L. Bancéscu* 106
Activismo, de *Luciano Silva* 108
A Base Divina do Espiritismo, por *Torcato Cardoso Ferreira* 109
Exortações à Luz, por «*Irmão César*» 112
Juanita — Espírito Artista, pelo *Dr. Joseph Lehner* 114
O Pobre e o Rico, pelo *Espírito de Ismael* 116
Meditando, por *Emílio Ricon Peres* 117
A Tese das Vidas Múltiplas, por *Alfredo Miguel* 118
Poeira de Estrelas, por *Jenny Silenk* 121
Asa Ferida, por *Alsácia Fontes Machado* 121
A Folha em Branco, por *Cyrillo Alleixo* 123
Crónica Mundial, por *Adelaide Ivone de Sousa* 125
Notas & Comentários 127
Noticiário 128

N.º 5

Deste Lado, da *redacção* 129
Aos Espíritos Baianos, por *Isidoro Duarte Santos* 130
Mais Ameaças e Três Grandes Eventos, por *Leopoldo Machado* 131
Aos Médiuns — A Incessante Luta das Trevas, por *Ismael Gomes Braga* 132
Bahia 134
Solilóquio, por *Manuel Cavaco* 135
Terras e Sóis, por *Anselmo Paermentier* 136
A vida do Homem, por *J. C. Moreira Guimarães* 137
O Fluido Vital e os Fenómenos Biológicos e Metapsíquicos - II -, pelo *Dr. R. Pena Ribas* 138
Meditando, por *Emílio Rincon Peres* 140
A Tese das Vidas Múltiplas, (Antecedentes Psíquicos, Os Autodidatas, Predestinação), por *Alfredo Miguel* 141
O Universo e Deus, de *Léon Denis* 143
Individualismo, de *Luciano Silva* 143
Ecos de Uma Viagem — I - Primeiras Impressões; II — Três obras que se entrelaçam; III — Duas Sessões Memoráveis, por *Isidoro Duarte Santos* 144
Domínio de Acção, por *J. Krisnamurti* 153
A Mediunidade Poliglota da Senhora Adela Albertelli, por *José Martin* 155
Deus, por *Antero de Quental* 156
Crónica Mundial, por *Adelaide Ivone de Sousa* 157
Notas & Comentários 159
Noticiário 160

N.º 6

Lição, da *redacção* 161
Interpretações da Reencarnação, por *Deolindo Amorim* 162
A Visibilidade da Aura, da *redacção* 164
Somos todos Irmãos, por *Clarinha* 165
A Mediunidade de Fernando de Lacerda, pelo *Coronel Faure da Rosa* 166
Frente ao Materialismo, por *Léon Denis* 169
O Método Espírita de Kardec conduzirá o Mundo à Verdadeira Religião, por *J. Herculano Pires* 170
Vegetarianismo e Espiritualismo, pelo *Dr. Alberto Lira* 172
O Espiritismo, pelo *Dr. Martins Velho* 173
Como se tornou Espírita?, por *Isidoro Duarte Santos* 174
Ecos de Uma Viagem — IV — Um Passeio à Ilha de Paquetá; V — A jornada de Niterói, por *Isidoro Duarte Santos* 176
Em torno da Prece, por *Emmanuel* 184
Apostolado e Mediunidade de Pancho Sierra — O caso Eustáquio Luna, por *Salvador Gatto* 185
A Mediunidade Poliglota da Senhora Adela Albertelli, por *José Martin* 186
Amigos que partem — José Carlos de Chelmicki Aflallo, por *Isidoro Duarte Santos* 188
Crónica Mundial, por *Adelaide Ivone de Sousa* 189
Notas & Comentários, da *redacção* 191
Noticiário 192

N.º 7

Mar Alto, da *redacção* 193
Interpretações da Reencarnação, por *Deolindo Amorim* 194
Os Nossos Representantes (João dos Santos Coragem) 196
A Preciosa Oportunidade, pelo *Dr. Ademar Dias Duarte* 197
Porque Existe a Dor? por *P. V. Marchal* 197
Um Casamento Espírita, por *Leopoldo Machado* 198
O Tempo e a Vida, por *Valdemar Santos* ... 199
A Tese das Vidas Múltiplas, (Males de Outrora, Há 60 anos, Uma Voz Acusadora), por *Alfredo Miguel* 200
Mortos, por *Emmanuel* 202
A Influência Espírita representará um valor sólido no sentido de Paz?, por *F. Noronha* ... 203
Vós sois o Sal da Terra, por *J. C. Moreira Guimarães* 204
Reuniões Espíritas, por *Allan Kardec* 204
O Trabalho à Luz da Espiritualidade, pelo *Major Luís Gentil* 205
A Volta do Cristo, por *Pietro Ubaldi* 207
Mediunidade Gratuita, por *Allan Kardec* 207
Ecos de Uma Viagem — VI — No Rumo de Macaé; VII — Na Cidade de Campos; VIII — Um Trem... ou talvez não..., por *Isidoro Duarte Santos* 208
Vegetarianismo, de *Luciano Silva* 221
Crónica Mundial, por *Adelaide Ivone de Sousa* 222
Notas & Comentários 223
Noticiário 224

N.º 8

Plenitude, da *redacção* 225
A Tese das Vidas Múltiplas, (Ódio Velho, O Grande Problema, A Morte das Crianças), por *Alfredo Miguel* 226
Mensagem de Amor e Confiança, por *Félix Bermudes* 228

Notável Confirmação de uma Viagem Astral do Médium José dos Santos 229
O Espiritismo nas Religiões, pelo *Coronel Delfino Ferreira* 231
Exortações à Luz, por «*Irmão César*» 234
O Fardo, por *Emmanuel* 236
Nossos Irmãos Inferiores, por *Cyrilo Alleixo* 237
Bem Sofrer, por *Emmanuel* 239
Ecos de Uma Viagem — IX — Uma Visita à Penitenciária; X — A Volta do Corcovado, por *Isidoro Duarte Santos* 240
Ser Jovem 248
Da Barra do Piraí a S. Lourenço, por *Isidoro Duarte Santos* 249
Criacionismo e Evolucionismo, por *Vinicius* ... 250
Crónica Mundial, por *Adelaide Ivone de Sousa* 253
Notas & Comentários 255
Noticiário 255

N.º 9

Unidade, da *redacção* 257
As Maravilhas do Universo, por *Pietro Ubaldi* 258
Depoimento de um Médico Psiquiatra, pelo *Dr. Inácio Ferreira* 260
Jesus, por *F. Noronha* 261
Soneto, por *Leôncio Correia* 264
O Espiritismo nas Religiões, pelo *Coronel Delfino Ferreira* 265
Bem Aventurados os Pacificadores, por *J. C. Moreira Guimarães* 269
Aprendizes e Adversários, pelo *Irmão X* 270
Os Espíritos Crescem no Além? por *Isidoro Duarte Santos* 271
Exortações à Luz, por «*Irmão César*» 272
Solilóquio, por *Manuel Cavaco* 274
Aprendamos com Amor, por *Emmanuel* 275
A Tese das Vidas Múltiplas, (Causas de Ateísmo, Teorias Falaciosas, A Hereditariedade, Afinidades Psíquicas), por *Alfredo Miguel* 276
O Cérebro de Einstein, por *Cyrilo Alleixo* ... 279
Mensagem da Criança, por *Meimei* 280
A Propósito de Uma Crónica, por *Leopoldo Machado* 281
O que é um Centro Espirita, por *Rodolfo Coelho Cavalcante* 282
Egoismo, por *Idalinda de Aguiar Matos* 282
Carta a um Materialista, por *B. Martins* 283
Os que nos deixam — João Rodrigues Duarte 284
Crónica Mundial, por *Adelaide Ivone de Sousa* 285
Notas & Comentários, da *redacção* 287
Noticiário 288

N.º 10

No Caminho, da *redacção* 289
A Tese das Vidas Múltiplas, (Uma Objecção Trivial, As Causas do Esquecimento, A Outra Razão), por *Alfredo Miguel* 290
Os que nos Deixam — Francisco Spinelli, por *F. Jaime* 292
Regresso ao Lar, por *Isidoro Duarte Santos* 294
O Acendedor de Lampeões, por *Jaime Ferreira* 300
O Dia do Livro, por *Leopoldo Machado* 301
Ao bater às portas do Além, por *Cyrilo Alleixo* 302
Ecos de Uma Viagem — XI — O Hospital Espirita Pedro de Alcântara, por *Isidoro Duarte Santos* 304
Predominância da Vontade, por *Idalinda Aguiar Matos* 310
O Problema da Morte, por *Deolindo Amorim* 311
Responsabilidade dos Espiritistas, por *Tito L. Bancéscu* 312
O Dinheiro, por *Emmanuel* 313
Às Mocidades Espiritas, pelo *professor Aleixo Vitor Magaldi* 314
Lembranças Intuitivas, por *De Paula Machado* 317
Crónica Mundial, por *Adelaide Ivone de Sousa* 319
Notas & Comentários, da *redacção* 320
Noticiário 320

N.ºs 11 e 12

Quatro Obreiros, da *redacção* 321
A Lei dos Renascimentos, pelo *Dr. Paulo Hecker* 322
Vida e Obra de Abel Gomes, pelo *Dr. Amadeu Santos* 324
Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas, por *Deolindo Amorim* 328
A Reencarnação Vista por um Frade «Ab Ovo», pelo *Dr. Carlos Imbassahy* 330
No Reino das Borboletas, pelo *Irmão X* 333
O Espiritismo nas Religiões, pelo *Coronel Delfino Ferreira* 334
Carta a um Materialista 338
Solilóquio, por *Manuel Cavaco* 339
Médium que Revela Parte do Teste Final de Oliver Lodge 340
Poesia e Trabalho, por *Virgilio Sobrinho* 343
Ecos de Uma Viagem — XII — A Casa de Luciá, por *Isidoro Duarte Santos* 344
O Dever da Mulher, por *Henrique Magalhães* 352
O Nosso Grupo, por *André Luis* 353
Os Espiritas e a sua Imprensa — Quanto Custa Manter Uma Publicação — por *Tito L. Bancéscu* 354
A Tese das Vidas Múltiplas, (Evolução, Doutrina Antiga, A Metempsicose), por *Alfredo Miguel* 356
A Lei do Progresso, por *Pietro Ubaldi* 358
A Grande Viagem, por *De Paula Machado* ... 359
A Vez do Agostinho Pereira de Sousa, por *Leopoldo Machado* 360
Pensamentos de Marco Aurélio 362
Aproxima-se o Natal 362
Crónica Mundial, por *Adelaide Ivone de Sousa* 363
Notas & Comentários 365
Noticiário 366

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

Rosto de mulher esboçado a preto e branco na face polida de uma mesa

CONTÉM: Interrogação, da **Redacção**; As Revelações de «André Luiz», pelo **Major Nelson Bandeira de Melo**; Quatro Meses Numa Casa Assombrada, por **Arlan Jacobs**; À Espera do Trem, pelo **Médium Francisco Luciano**; Para a História do Espiritismo; Mentalismo, Coordenação de **Luciano Silva**; Telepatias e Aparições, pelo **Professor Silveira Bueno**; A Roda do Tempo (Mensagem de **Lia** no 5.º Aniversário da sua Partida); A Orientação Espiritualista do Pensamento Contemporâneo, por **André Dumas**; Enrico Fermi e «A Grande Síntese», pelo **Dr. Sérgio Vale**; Paraiso e Inferno, por **Alfredo Miguel**; Alergia e Obsessão, pelo **Espírito de Dias da Cruz**; Cada Vez Mais Longe de Kardec, por **Tito L. Bancéscu**; Será Isto Um Fenómeno Psíquico?; Um Filme Espirita; Dois Clarividentes em Lisboa; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

(Ver pág. 26)

16.º ANO JANEIRO DE 1955 N.º 1

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $120,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espíritos	35$00	47$00
O Livro dos Médiuns	35$00	47$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	35$00	47$00
O Céu e o Inferno	38$00	50$00
A Génese (nova edição)	38$00	50$00
Obras Póstumas	35$00	47$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, JANEIRO DE 1955 — N.º 1

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

INTERROGAÇÃO

Mais um ano se escoou no tempo, mais uma fase percorrida com altos e baixos, ilusões e desilusões, vagalumes de esperança a estimular as forças vergastadas, a sacudir o invólucro oscilante, luta contínua pela vida de uma causa que serpenteia entre adeptos fervorosos e adversários animados de ódio mal contido. Deste socalco onde fincámos os pés doridos contemplamos a extensão que se arroteou com suor e lágrimas e na qual vicejam algumas plantas, cuja sombra acolhe muitos viandantes afadigados. Uma obra que se firmou nas almas, um baluarte que se ergueu sobre fraguedos limados pela intempérie, cumpre-nos guardá-la e dilatá-la, seja qual for o esforço ou o sacrifício. Os pusilânimes não trabalham sòzinhos, não edificam na rocha, não idealizam ameias protectoras. Isso pertence aos fortes, aos obstinados de pulso firme e consciência equilibrada. Esses é que são os verdadeiros construtores do mundo livre, cavouqueiros ao serviço da providência que reside em nós — e que por vezes se apresenta fulgurante, inofuscável.

O caminho andado é cheio de efemérides. Não há um palmo sem cultivo. Tudo foi regado pelo trabalho, misto de dor e de prazer. Mas a jornada não terminou ainda. Os horizontes alargaram-se mais e mais e novo esforço nos é pedido. O socalco é degrau de escada que se vai subindo para chegar ao cume. Só então poderemos avaliar a obra e medir-lhe a grandeza.

Os que se limitam ao existente são pedras mortas, águas paradas que não irrigam novas terras. Mas nós queremos movimento, queremos variação, no estético e no mental. O futuro apresenta-se nebuloso, é uma síntese cósmica que se aproxima. E os segadores da messe espiritual são obrigados a estugar o passo, para acompanhar o progresso multiforme.

Estudos Psíquicos *de hoje é diferente de ontem e será sempre diferente do que é e foi. A paisagem também varia a cada passo. De outra forma não haveria renovação que, no fundo, é integração num plano uniforme.*

É preciso ler muito, estudar incessantemente, vigiar o terreno, observar o avanço científico, para que nossas palavras e actos continuem a ser dignos da Doutrina. Não estratificar, nem alimentar futurismos ideológicos. Cuidado com hipóteses que, em vez de renovação, envolvam confusão.

As nossas colunas continuarão a ser tribuna de homens livres e inteligentes. Abrir-se-ão à mentalidade espirita e ao sentimento moral que edifica os verdadeiros carácteres, aguardando sempre novos elementos, que poderão surgir oportunamente, como outros surgiram.

É certo que nos sentimos isolados no trabalho redactorial e perguntamos a nós mesmos o que será deste arauto, quando a doença nos impossibilitar o esforço de coordenação. Pode ser, todavia, que alguma consciência desperte e venha ao nosso encontro. Este problema aumenta de gravidade, pois a tarefa é demasiada para um homem só e a seara espirita portuguesa vai-se enfraquecendo sucessivamente, subordinada a utilitarismos imperiosos.

Assim, o futuro será o que pudermos e quisermos e para ele convergem todas as nossas energias. E é lícito inquirir, como fez António Nobre, acerca dos poetas: Onde estão os espiritas desta terra linda? Onde estão eles que não vêm lutar? Venham quanto antes, reconstituam as fileiras desfalcadas, aglomerem-se à volta dos órgãos de propaganda e não deixem perder o que se alcançou. Quanto a nós, temos consciência de haver cumprido. Mas nem todos poderão dizer o mesmo na rota batida de uma nau que singra há tantos anos, alojando em seu bojo um corpo de doutrina. Que nos reservará o futuro? Eis a grande interrogação.

As Revelações de "André Luiz"

Pelo Major NELSON BANDEIRA DE MELO
(Médico psiquiatra do Hospital Central do Exército — Rio de Janeiro)

I

AS revelações que nos têm sido trazidas do outro plano, pelo querido espírito de André Luís, são suficientemente claras para serem compreendidas por todos que já têm algum conhecimento da doutrina, de forma que este trabalho visa chamar a atenção para o problema do Além que elas esclarecem.

Depois da codificação de Allan Kardec, consideramos as revelações de André Luís o mais importante passo do Espiritismo doutrinário.

No presente ensaio, focalizaremos os casos de doenças mentais, que nos são relatados em «No Mundo Maior» e em «Libertação». Veremos o que se passa, no mundo invisível, e cotejaremos as duas psiquiatrias com relação às diversas doenças.

O assistente Calderaro, orientador que instruíu André Luís no campo da «psiquiatria iluminada», durante uma semana de trabalhos socorristas na crosta, cujos frutos foram consubstanciados no primeiro dos livros já citados, diz com muita razão: «Nossos companheiros da medicina humana baptizam as moléstias mentais como lhes apraz, detendo-se nas questões de periferia, distraídos dos problemas fundamentais do espírito» «No Mundo Maior», p. 98). De facto, até hoje não conseguiu a psiquiatria terrena estabelecer uma classificação de doenças mentais que pudesse satisfazer à diversidade de opiniões entre os psiquiatras, o que revela não possuirem estes ainda a chave do problema, que só conseguirão, quando a medicina, afastando-se dos rumos da ciência materialista, encarar o homem como um ser de organização mais complexa, constituído não apenas do corpo físico, mas de corpo físico, perispiritual e espiritual.

Mas, para este estudo, destinado a leigos em medicina, agrupamos as doenças mentais em cinco classes:

A primeira, contendo as *oligofrenias,* que constituem as paradas do desenvolvimento da inteligência. É oligofrénico o indivíduo «cuja inteligência seja, desde o princípio da sua vida, manifestamente inferior à dos demais da sua mesma idade» (Mira y Lopez). Há testes que medem a idade mental e admite-se que até aos 16 anos, época em que a inteligência está quase totalmente amadurecida, a idade mental deve ser, no normal, igual à idade real. Se os testes apuram, num adolescente ou adulto, idade mental de três anos ou menos, o oligofrénico é chamado *idiota;* se a idade mental está entre três e sete anos, é um *imbecil;* se de sete a dez anos, é um *débil mental.*

A segunda classe contém as *constituições* ou *personalidades psicopáticas,* nome com que se classificam os indivíduos que, sem terem uma parada no seu desenvolvimento intelectual e sem serem presas de uma doença pròpriamente dita (isto é, que o ataque num dado momento, contraste com a sua normalidade anterior), vivem, desde a infância, em equilíbrio psíquico instável, manifestando fàcilmente alterações de conduta, em face de condições do meio que nenhuma reacção provocam em indivíduos normais. É o fronteiriço a que o vulgo chama desequilibrado ou «tocado da bola».

A terceira classe de distúrbios mentais compreende as *neuroses,* que podem ser definidas como um conjunto de manifestações psíquicas ou orgânicas, de origem psicógena, decorrentes de um conflito persistente entre várias tendências de reacção, ou entre estas e as suas possibilidades de realização. O povo costuma chamar os neuróticos de maníacos. (Em linguagem técnica, maníaco tem outro significado). Nesta rubrica estão os histéricos, os ansiosos ou angustiados, os neurasténicos, os psicasténicos, etc.

Na quarta classe, constituída das *psicoses,* estão os doentes a que o vulgo costuma chamar loucos. Na psicose, uma ou mais funções psíquicas acham-se lesadas, determinando um desequilíbrio de tais proporções, que o paciente se torna incapaz de dirigir-se conscientemente no meio. As psicoses dividem-se em *orgânicas* e *funcionais.* As primeiras são originárias de causas orgânicas *conhecidas:* são as psicoses *infecciosas, tóxicas, traumáticas* e *senis.* Aqui se incluem os distúrbios produzidos pelas doenças febris, pela sífilis, pelo alcoolismo, pelos traumatismos, pela ar-

teriosclerose, etc. As funcionais são *as esquizofrenias, a psicose maníaco-depressiva,* e *as psicoses de reacção e de situação.*

Constituindo a quinta classe, colocamos a *epilepsia,* que se manifesta sob a forma de *pequeno mal* ou de *grande mal.* O grande mal é bem conhecido: quase todos nós conhecemos o clássico ataque convulsivo, durante o qual o paciente perde completamente os sentidos, baba-se e, às vezes, morde a língua. O ataque pròpriamente dito é rápido, cinco minutos mais ou menos; mas a ele se sùcede um período de sono de uma ou duas horas. No pequeno mal, há apenas uma tontura, ou uma perda momentânea da consciência, conhecida pelo nome de «ausência». As convulsões então não se manifestam, pelo menos na sua totalidade. Se o doente não recupera logo a consciência, pode, em qualquer dos casos, praticar os maiores desatinos. Então é portador da *psicose epiléptica.*

Vistes assim, *grosso modo,* como nós, médicos terrenos, nos orientamos no dédalo dos distúrbios mentais. Afora as psicoses orgânicas, cujas causas conhecemos, mesmo assim parcialmente, as demais são rotuladas e agrupadas de acordo com os sintomas que manifestam, sem qualquer critério relativo às causas que as produzem.

Esta classificação representa, sem dúvida, um esforço com um fim utilitário: dá-nos uma ideia do grau de perturbação em que se encontra o paciente e orienta, até certo ponto, o emprego dos meios usuais de tratamento. Mas uma interpretação espiritual dos sintomas dar-nos-ia mais ampla perspectiva.

Na prática da medicina a que André Luís se dedicara nas lides terrenas da sua última existência não fora a psiquiatria o campo da sua especialização. Talvez por isso não nos tenha podido fornecer, de forma completa, os diagnósticos dos casos que nos apresenta, segundo os conceitos da medicina terrena. Esforçar-nos-emos por dar aos casos não diagnosticados os rótulos correspondentes.

Na nossa exposição apresentaremos os casos relatados em três grupos:

I — Casos em que não há referência a obsessores

1. Fabrício, paciente ensimesmado, não se dando conta do que ocorria no ambiente, não se achava ainda em desequilíbrio integral. Braços imóveis, olhos parados, mas a zona mental era qual fornalha ardente. Na sua imaginação recordava o passado da presente encarnação: um velhinho agonizante a recomendar-lhe aos seus cuidados três rapazes. Depois o ancião e os jovens pareciam revoltados, recriminando-o. O doente ouvia as vozes internas, ansioso, amargurado. Desejava desfazer-se do pretérito a qualquer preço, ansiava fugir a si próprio, mas em vão: as recordações atrozes vergastavam-lhe a consciência. É que se apropriara indèbitamente de grande herança, depois de ter prometido ao genitor velar pelos três irmãos mais moços, na presença destes. Logo que se viu senhor da situação, expulsou os irmãos do lar e lançou-os ao abandono, à miséria e à morte, em profunda indigência. Enquanto tudo lhe sorria, ao meio-dia da existência física, os divertimentos e prazeres constituíam um anteparo às acusações da consciência. Quando o organismo se cansou, necessitando de repouso em face das ilusões materiais, encontrou-se o paciente com a realidade. Se interpelado, explodia em violentas crises de cólera e, supondo que os alimentos estavam envenenados, desconfiava de todos. Para um psiquiatra terreno, o caso podia ser rotulado como esquizofrenia ou como neurastenia (forma de neurose). O assistente Calderaro diagnostica-o como esquizofrenia, mas esclarece: «A esquizofrenia, contudo, originando-se de subtis perturbações do organismo perispirítico, traduz-se no vaso físico por surpreendente conjunto de moléstias variáveis e indeterminadas. No momento, temos a doença de Krishaber com todas as características especiais». A doença de Krishaber é o que se chamava outrora neurastenia cérebro-cardíaca, uma forma de neurose. Mais adiante, explica o iluminado instrutor: «A mente falida de Fabrício, experimentando insistentes remorsos e aflitivas preocupações, intoxicou esses centros vitais (perispirítico) com a incessante emissão de energias corruptoras».

Quanto ao tratamento, no plano físico, em virtude da coexistência de perturbações circulatórias, não se poderiam aplicar os choques nem a insulina; apenas os calmantes e hipnóticos seriam permitidos. Seria, enfim, um interminável candidato aos paliativos, se a sua desencarnação não estivesse determinada pelo Alto, para breve prazo, antes do desequilíbrio total da razão, a fim de não perturbar a harmonia da família organizada sob o seu amparo material, mas merecedora de amparo celestial.

2. Antonina, órfã de pai desde cedo, aos oito anos já trabalhava para ajudar a mãe

e uma irmã menor. Aos vinte anos, perde a progenitora, mas ainda tem de sacrificar-se para auxiliar a irmã em vésperas de casamento. Esta não foi feliz na vida conjugal e Antonina precisa ainda confortá-la e ajudá-la a criar os filhos, seus sobrinhos. Encontra então um jovem pobre de quem se enamora e, na esperança de constituir o seu próprio lar, com ele colabora durante sete anos consecutivos, durante os quais começa e conclui o curso médico. De posse do diploma, porém, verifica que os dotes físicos da namorada e benfeitora não correspondem às suas exigências. Casa-se então com outra, mais jovem e possuidora de avultada riqueza. Sentindo desvanecerem-se todas as suas ilusões, Antonina premedita o suicídio, para o que adquire violento veneno. Calderaro e André Luís encontram-na «em convulsivo pranto, dominada por desespero incoercível. A mente acusava extremo desequilíbrio, que se estendia a todos os centros vitais do campo fisiológico». André Luís, examinando-a, verificou que «da câmara cerebral partiam raios purpúreos que invadiam o tórax e envolviam particularmente o coração. Torturantes pensamentos baralhavam-lhe a mente».

A cura desse estado foi obtida por meio da aplicação de fluidos anestesiantes ao longo do sistema nervoso simpático que a levou ao sono hipnótico profundo; meia hora depois, foi parcialmente afastada do envoltório de corne e convenientemente doutrinada por entidades amigas, às quais prometeu não levar a termo o seu intento. Ao regressar ao veículo físico pela manhã, Calderaro envolveu-lhe o cérebro de fluidos, para que não se recordasse nìtidamente do sonho real que tivera. A este caso dá André Luís o diagnóstico de psicose afectiva, o que é sinónimo de psicose maníaco-depressiva; tratar-se-ia, então, da forma melancólica ou depressiva da psicose maníaco-depressiva. Rotularíamos o caso com o diagnóstico de reacção depressiva, atendendo ao facto de que se tratava de episódio insulado e originado de causa exógena conhecida. É interessante notar que o nosso tratamento no caso seria análogo, desde que conhecêssemos os propósitos da paciente de suicidar-se. Administrariamos um forte hipnótico e, quando se acordasse, faríamos a psicoterapia que, em muitos pontos, é semelhante àquilo que, em Espiritismo, chamamos doutrinação.

3. Uma velha de cabelos nevados, no pátio do hospício, envergava o uniforme da casa, como quem arrastasse um vestido real, e dizia a duas companheiras apáticas: «Na minha qualidade de marquesa, não tolero a intromissão de médicos inconscientes. Creio estar presa por motivos secretos de família, que averiguarei na primeira oportunidade. Tenho poderosos inimigos na corte; contudo, as minhas amizades são mais prestigiosas e fiéis. O imperador está interessado no meu caso e punirá os culpados. Segregaram-me por miseráveis questões de dinheiro».

Calderaro explicou: «Essa desventurada irmã já possuíu títulos de nobreza em existência anterior; perpetrou clamorosas faltas, dando expansão às energias cegas do orgulho e da vaidade. Renascendo em aprendizado humilde para o reajustamento imprescindível, alarmou-se ante as primeiras provações mais rudes da correcção benfeitora, reagiu contra os resultados da própria sementeira, entregou o envólucro físico ao curso das ocorrências nefastas e, por fim, situou-se em zonas mais baixas da personalidade, passando a residir em pensamento no pretérito de mentiras brilhantes». Trata-se, como vemos, de uma paciente que se refugia no passado, para não enfrentar as realidades do presente. O diagnóstico não nos é fornecido. Mas, tendo em vista o delírio de grandezas e o delírio de perseguição, ambos imaginativos, não parecendo haver alucinações, rotularíamos o caso como paranóia, entidade mórbida que, para alguns, pertence ao grupo das esquizofrenias. Nenhuma referência é feita no plano espiritual quanto a tratamento. Também sei que neste plano nenhum recurso teríamos para tal caso. Lamentemos que a revolta detenha tantos irmãos nossos na senda da evolução.

4. A mulher que odiava o marido e gritava no pátio do hospital:

— Deus me livre de todos, Deus me livre de todos! Não voltarei, nunca, nunca!

E quando a enfermeira a informava de que o marido viera à visita, gritava:

— Não quero vê-lo! Odeio-o, odeio-o com tudo que lhe pertence.

O psiquiatra terreno vê no caso a agitação e a perda da afectividade pelo esposo e, desde logo, pode diagnosticar a esquizofrenia. A terapêutica pelo electrochoque ou pela insulina seria a indicada. Para o psiquiatra espiritual, seria talvez a falência de um espírito ante o imperativo de viver com velho inimigo de outras existências.

(Continua)

Quatro Meses numa Casa Assombrada

Por ARLAN JACOBS

HÁ quatro meses resido numa casa que, se não for mal assombrada, mostra, pelo menos, todas as indicações de o ser.

É uma pequena moradia em terreno isolado, na região nordeste dos Estados Unidos. Construída, embora, há cerca de nove anos, nunca havia sido ocupada quando nela nos instalámos para o Verão. Fomos, pois, eu e Helena, as duas primeiras pessoas que jamais passaram um dia ou uma noite na casa.

PANCADAS E RUÍDOS

Chegámos e instalámo-nos; logo na primeira noite, Helena, cansada, deitou-se cedo, enquanto eu me deixei ficar ainda, entregue a um trabalho que não tivera tempo de terminar. O andar superior da casa consistia em dois quartos de dormir, de bom tamanho, separados por um vestíbulo, bem espaçoso. Helena já dormia no quarto da frente e eu, no outro aposento do mesmo andar, escrevia despreocupadamente, sentado a uma mesa, tendo ficado abertas todas as portas internas do bangaló. Para não incomodar Helena, eu procurava evitar todo e qualquer ruído; mas daí a pouco ela chamou-me, já desperta, dizendo:

— Foi você que fez esse barulho?

— Talvez fosse — respondi —. Foi um barulho assim? — acrescentei, batendo de leve na mesa em que trabalhava.

— Não, foi diferente — observou ela —. O que eu ouvi veio lá da frente, parece. Era como se alguém tivesse batido na parede com uma bengala ou coisa que o valha. Você não ouviu?

Dirigi-me então ao quarto dela, tentando persuadi-la de que se tratava provàvelmente de sonho; na verdade, creio que essa explicação não foi de todo convincente... Mas é claro que nenhum de nós levou a sério o incidente, e daí a minutos já o havíamos esquecido.

Na noite seguinte estávamos juntos na sala, em baixo, quando, lá pelas dez horas, ouvimos as tais pancadas, ruído que evidentemente procedia da parede de fora, logo ao lado da porta, a uns três metros de onde estávamos. Aqueles ligeiros toques foram repetidos talvez doze vezes, com um intervalo de pouco mais de um segundo; e, na realidade, a impressão que se tinha era a de que alguém batera com uma bengala na parede exterior.

— Você está ouvindo? Ontem à noite foi a mesma coisa! — exclamou Helena, enquanto eu, pegando numa lanterna eléctrica, corria à porta.

Logo antes que a abrisse, porém, o ruído cessou; saí, explorei bem toda a entrada com a minha lanterna e nada vi: nem sinal de homem ou animal, nada que pudesse ter rompido o silêncio da noite.

O mesmo fenómeno se deu, de maneira idêntica, muitíssimas vezes, em todo o Verão; ouvimos o ruído seguramente cinquenta vezes. Era invariàvelmente à noite e quase sempre pelas 10 horas; nem preciso mencionar os pormenores das outras ocasiões em que ocorreu o inusitado incidente, pois eram sempre os mesmos.

Naturalmente fizemos tudo que era possível a fim de descobrir a causa. Não uma, mas muitas vezes examinámos minuciosamente todo o pequeno passeio em frente da casa, à luz do dia, tijolo por tijolo, pedra por pedra. Nem sei quantas vezes fiquei de sentinela à porta, quando iam chegando as 10 horas; mas, se ocorria o fenómeno, cessava no momento em que eu abria a porta, não restando qualquer vestígio de coisa alguma. Afinal desistimos, pois nesse interim começam a surgir mistérios de maior vulto.

TRÊS CASOS CURIOSOS

Antes de lá chegar, porém, quero mencionar vários pequenos fenómenos, pois faço questão de narrar tudo por ordem cronológica. Eu estava sòzinho quando se deram os três casos seguintes, em noites sucessivas, na segunda semana que passámos na moradia, sendo que os três aconteceram dois minutos depois de me deitar:

Mal pusera a cabeça no travesseiro, ouvi um ruído: era como se uma caixa de fósforos tivesse caído no chão, de certa altura; tão nítido, que eu seria capaz de jurar que fora realmente uma caixinha de fósforos. Fosse como fosse, o facto era que ouvira o barulho de *alguma coisa* que caía. Não havendo razão alguma para tal som, levantei-me e acendi a luz, procurando verificar do que se tratava.

Não havia objecto algum no chão. Olhei pelo quarto todo, debaixo das cadeiras, debaixo dos outros móveis, dentro da casa de banho. Nada! Não caira coisa alguma.

O segundo caso foi como se uma página de jornal estivesse sendo soprada pelo vento, no chão, de uma extremidade do quarto à outra, ruído esse também inconfundível. No entanto, não havia papel algum no aposento, nem brisa que o impelisse. Já agora, porém, não constituiu surpresa para mim o facto de não ter encontrado nada, nem no meu quarto, nem em qualquer outra dependência do andar superior da casa, onde fiz rigorosa busca.

Na terceira noite o ruído foi mais alto e mais estranho: como das outras ocasiões, acabara de me deitar, quando me pareceu ouvir como que um rolo de madeira (como os que se usam para amassar bolos), que não só caía no soalho, como ia rolando com um ruído característico — até bater de encontro à parede, cessando então o seu movimento. Escusado é dizer que pulei da cama imediatamente e puxei a cordinha para acender a luz; mas não havia nada de anormal no chão nem em qualquer parte daquele quarto ou dos outros.

SERIAM RATOS?

É possível que os leitores estejam a murmurar de si para consigo: «Ora, são ratos!». Toda a vez que tenho contado esta história a algum grupo de amigos, invaràvelmente surge alguém com uma observação qualquer sobre uma ou outra espécie de roedor. Deixem-me dizer, porém, que é vasta a minha experiência em matéria de ratos, ratas, ratazanas, camondongos e todas as respectivas famílias. Paciência, pois, leitor, e espere o resto da narrativa, onde se encontrarão episódios de maior porte.

«ESTALINHO UNIVERSAL»

O próximo, entretanto, ainda não foi dos fenómenos mais surpreendentes, embora ocorresse com bas-

tante frequência: estando juntos ou separados, tanto Helena como eu o ouvimos várias centenas de vezes durante o Verão e o ouviamos a qualquer hora do dia ou da noite, em todos os quartos da casa e —literalmente — em todas as paredes. A coisa foi-se tornando de tal maneira omnipresente, que até lhe demos, por brincadeira, o nome de «estalinho universal».

PASSOS PELA CASA

Falarei agora de um fenómeno ainda mais alarmante. Se o leitor anda ansioso por ouvir referências a «passos nas trevas», não serei eu quem o há-de decepcionar. Houve, realmente, sons de passos pela casa toda. Começaram na terceira semana e prosseguiram, durante a nossa estadia, a intervalos irregulares. Chegámos a ouvi-los três ou quatro vezes em dado dia ou durante uma noite, embora sucedesse também que passássemos uma semana inteira sem que eles se manifestassem. Ao todo, ouvimos os passos umas quarenta vezes durante a temporada.

E eram, na verdade, nitidamente audíveis. Não se pense que falo de sons abafados nalgum canto recôndito. Refiro-me, sim, a um ruído firme, um cloc-cloc-cloc de alguém que, calçando um par de sapatos com salto de couro, caminhasse no soalho do quarto bem acima das nossas cabeças, ou então, com frequência quase igual, no andar de baixo, quando estávamos em cima. Parecia o passo normal de um adulto, e o som nunca foi abafado; uma pessoa que o ouvisse não haveria de ter dúvida alguma de que andava, de facto, alguém pela casa.

Para provar o que acima ficou dito, citarei um único incidente entre tantos que poderia mencionar: naquela região morava uma rapariga (que chamaremos Maria) que, tendo feito boas relações connosco, vinha visitar-nos frequentemente e nem se dava mais ao trabalho de bater à porta — ia simplesmente entrando, íntima que era da casa. Ora, um dia, estando Helena sòzinha, a terminar qualquer tarefa no andar superior, ouviu o ruído de alguém que entrasse pela porta da frente, em baixo, e desse alguns passos por ali. Julgando tratar-se de Maria, chamou-a, mas não obteve resposta. Começou então a descer a escada. Os passos cessaram à medida que ela se ia aproximando e, ao chegar, não viu ninguém: todo o andar de baixo estava vazio.

HABITUADOS AO FANTASMA

Quando se deu o incidente acima referido — aliás adiantei um pouco a narrativa para incluí-lo neste ponto —, já nos havíamos, por assim dizer, acostumado aos «hábitos» daquilo que agora denominávamos de «nosso fantasma». Assim, Helena não se admirou mais de encontrar vazio o aposento onde, momentos antes, ouvira alguém a caminhar: coisa idêntica já sucedera inúmeras vezes antes. Limitou-se a murmurar qualquer observação sobre o fantasma e voltou ao andar superior para prosseguir no trabalho que a ocupava. Mal se instalara, o incidente repetiu-se: os passos no andar de baixo eram os mesmos, as circunstâncias iguais. Helena resolveu, então, descer a escada silenciosamente... mas em vão: quando ia a chegar, cessou tudo e ela nada viu de anormal no aposento. Examinou tudo, foi até ao jardim e voltou ao trabalho.

Não recomeçara ainda a tarefa, quando o fenómeno se repetiu: as passadas atravessando o umbral da porta, em baixo, e dirigindo-se para a parte interior da casa. Agora, Helena decidiu ficar onde estava, sabendo, como sabia, que não adiantava nada descer a escada em silêncio. Por isso, nem se importou mais com o ruído. Mas eis senão quando ouviu uma voz que exclamava:

— Ó de casa!

Era a voz alegre e inconfundível de Maria, a nossa amiga. E Helena verificou então que não havia, em seu ouvido, diferença alguma entre os passos do «fantasma» e os de Maria.

QUE BARULHÃO!

Porém, a maior e a mais assustadora de todas as demonstrações consistiu num barulho que poderia ter sido ouvido a um quilómetro de distância. A esse demos o nome de «caso do piano de cauda», na falta de descrição mais adequada.

A primeira vez que isso se deu foi mais ou menos no meio da temporada de Verão. Estávamos uma noite na sala, quando ouvimos, procedente da garagem, um estrondo de tal força, que quase ensurdecemos, e toda a casa estremeceu. Era exactamente como se um piano de cauda, perdendo sùbitamente as suas quatro pernas, se tivesse esborrachado no soalho. Não havia na moradia inteira peça alguma de mobiliário que pudesse ter feito tal ruído. No entanto, não perdemos tempo a investigar as causas: corremos à garagem para ver que espécie de catástrofe ocorrera aí; e não levámos mais do que alguns segundos para atingir essa dependência da casa.

Nada havia de anormal. Usávamos a garagem como depósito de livros; mas nem sequer um volume caira das estantes. Tudo na mais perfeita ordem. Andámos então pela casa toda; examinámos os cantos, os pedaços de terreno, e tudo estava nos devidos lugares: nem sinal de qualquer cousa que pudesse ter causado aquela súbita explosão.

Repetiu-se isto umas duas ou três vezes; manifesto dúvida sobre o número de vezes por um motivo que, daqui a pouco, se tornará claro aos leitores.

UM ADVOGADO EM APUROS

A não ser Maria, pode dizer-se que ninguém nos visitara na temporada: o trabalho a que ambos nos dedicávamos não nos deixava tempo para a vida social. No fim do Verão, porém, vieram três pessoas passar um fim-de-semana connosco: o meu advogado, que me preparava na ocasião um contrato complicadíssimo, a sua senhora e uma filha. Note-se que ele é um dos céticos mais teimosos que eu conheço e, no caso da esposa e da filha, não se trata em absoluto de mulheres nervosas ou histéricas. Em todo o caso, achei que convinha comunicar ao advogado que algo de anormal se passava na nossa moradia... Fui contando então a minha história, tal como agora relato aos leitores. Não adiantou nada, pois o incrédulo recusou-se a acreditar.

— Aliás — concluiu ele — eu bem gostaria de ouvir esses tais barulhos esquisitos!

Naquela mesma noite, Helena e as duas outras senhoras saíram para um passeio na vizinhança, enquanto eu e o advogado ficámos para «mastigar» o contrato. Mergulhámos de rijo no trabalho, cheio de complexidades, quando, de repente, veio da parede, logo atrás do meu companheiro, um rápido e breve ruído.

— É o tal estalinho? — perguntou ele.

— É...

— Ora, é madeira estalando de velha! — observou o descrente.

Continuei no meu trabalho, pensando: «Aconteça o que acontecer, vou fingir que não percebi para ver qual é a reacção dele».

Daí a coisa de vinte minutos, soaram as passadas, já nossas co-

nhecidas, justamente acima de onde estávamos. Dominando-me valentemente, prossegui na tarefa que tinha a terminar, e só ergui os olhos quando o meu companheiro, de súbito, pulou da cadeira e se pôs de pé.

— Que negócio é esse?! — exclamou.

— Não é nada. É o nosso fantasmazinho...

— Fantasma é que não é, nem aqui nem na China! É gente que anda lá em cima. Vamos lá ver!

Daí a instantes estávamos no andar superior, mas, como eu já esperava, nada encontrámos; exultei então ao ver que o meu amigo, boquiaberto, procurava infatigàvelmente algo que, eu estava certo, ele jamais encontraria... Para lhe fazer justiça, direi que a busca por ele empreendida foi realmente integral. Mexeu em tudo, abriu todas as portas, desembestou pela água-furtada, espiou nas casas de banho, escancarou todos os móveis. Saindo a uma varandazinha, examinou até o telhado com o auxílio de uma lanterna eléctrica. Mas acabou desistindo...

O nosso trabalho ficou por terminar, e a conversa entre nós, daí em diante, foi apenas em torno do que sucedera; só mudámos de assunto quando as senhoras chegaram.

— Não lhes diga nada, pediu-me o advogado. Assim fizemos, e não tardou que estivéssemos todos recolhidos.

A moradia era de facto minúscula e os nossos hóspedes insistiram num quarto só, justamente o da frente, em cima. O casal ficou na cama grande, e a moça num divã, junto à janela. Helena herdou minha cama, e eu fui dormir em baixo no sofá da sala. Pouco depois de me deitar, percebi que os nossos visitantes se haviam levantado, e andavam pelo quarto, conversando em surdina. Mas não tardou que se recolhessem de novo, e a noite transcorreu sem qualquer anormalidade.

Entretanto, bastou olhar, para perceber que estavam um tanto ou quanto excitados.

— Que estrondo foi aquele, ontem de noite?

— Estrondo? Que estrondo?

— Ora, uma bruta explosão, logo depois da gente ter ido para a cama; até parecia que a garagem se tinha desmoronado!

Procurei os olhos de Helena, onde vi uma expressão significativa.

— Você ouviu esse estrondo? — perguntei-lhe.

— Não, não ouvi nada, foi a resposta.

— Eu também não — prossegui. — Como foi? Contem a história.

Contaram-nos, então, dando uma descrição exacta do «caso do piano de cauda», como o conhecíamos; e, não sei porque, dessa vez não o ouvíramos. Confessaram que a sua reacção foi de terror — a tal ponto, que chamaram a filha para dormir com o casal, na mesma cama!

Esse é o fim da minha narrativa.

TENTATIVAS PARA EXPLICAR

Sem uma excepção, as poucas pessoas que me ouviram contá-la, até hoje, observam infalivelmente que «só podiam ter sido ratos», ou então ruídos naturais numa casa de madeira. Mas já morámos em muitas casas de madeira, velhas e novas; e conhecemos muito bem os ruídos das tábuas. Nessa moradia mesmo, era frequente estalar uma tábua aqui, outra ali, mas esse ruído não se podia confundir, de modo algum, com as outras manifestações menos explicáveis. Já vivemos também, em lugares onde os ratos eram abundantes, e bem conhecemos os seus hábitos. Na moradia havia ratos, quando lá chegámos, mas, à força de ratoeiras, logo os liquidámos; aliás duvido que pudessem derrubar pianos... Quando os nossos amigos, ouvindo-nos contar esta história, se põem a falar de ratos e de tábuas que estalam, sorrimos, apenas, e encolhemos os ombros.

PERSISTEM AS DÚVIDAS MAS ALGUMA COISA EXISTE...

Convém acrescentar que eu e Helena não constituímos um desses casais que «atraem» fantasmas. Somos apenas dois adultos normais, em idade bem madura, que jamais acreditaram, nem de longe, em visitantes espectrais ou coisas desse género.

Não encontrei, até hoje, explicação alguma do que tivesse sido o nosso «fantasma»; conheço-o tão bem como o habitante da lua. Evidentemente, muito me agradaria saber, mas duvido que chegue a tanto. Não acredito em fantasmas, embora esteja certo de que não temos nenhuma prova contra a existência deles... Na verdade, porém, há *alguma coisa* de estranho às soltas naquela casa, e eu bem gostaria de saber, afinal de contas, de que é que se trata...

(Do «Reader's Digest» extraiu «Mundo Espirita», de Curitiba)

AOS ASSINANTES DO BRASIL

Ao entrar no ano de 1955, encontramos o Brasil a braços com grandes problemas económicos que se reflectem em toda a vida social, tornando quase proibitiva a circulação de revistas portuguesas através da sua terra, formosa e hospitaleira.

A moeda, extraordinàriamente desvalorizada pela inflação, provocou de tal forma a subida dos preços, em todos os Estados, que não temos outro remédio senão elevar o custo da assinatura anual para Cr$ 120,00, correspondentes a pouco mais de 40 escudos na nossa moeda.

Apelamos para a boa vontade e espírito de compreensão dos amáveis assinantes, na certeza de que não deixarão de nos auxiliar na presente conjuntura.

A todos os nossos representantes, a quem devemos em grande parte a expansão de *Estudos Psíquicos*, solicitamos que informem os interessados, no sentido de renovarem as assinaturas de 1955 de harmonia com esta resolução, evitando assim a ruptura de um intercâmbio de 15 anos consecutivos.

A todos, os nossos antecipados agradecimentos.

À ESPERA

Pelo médium FRA

DA REVISTA "ÁGU

Vem o trem de longe, vem...
O viajante, na plataforma, espera!
Vem o trem de longe, vem...
O viajante, na plataforma, espera!

Vou para bem distante,
vou buscar estrelas
numa terra de ninguém;
vou semear botões
nas águas mortas do rio...

O trem vem de longe, vem...
O trem vem de longe, vem...
Espera, espera!
Meia noite,
uma hora,
duas horas,
três horas...
Quantas horas eu espero
já não sei!

O viajante, na plataforma, espera...
o viajante, na plataforma, espera...
E o trem vem de longe, vem,
e o trem vem de longe, vem...

Traz tanta gente
de terras longínquas,
olhares cansados,
mãos largadas,
bocas retorcidas!...

E o trem não passa!
E o trem não passa!
O viajante está cansado de esperar
de pé na plataforma!
E o trem vem de longe, vem!
E o trem vem de longe, vem!
Passou por estações inúmeras,
recolheu mortos de tédio
mortos de paixões,
mortos bem mortos...

Trará muitas crianças?
Ai! as crianças não viajam nesse [trem!
Existe um outro trem,
pequenino, de brinquedo,
no chão da sala de visitas,
um trem que corre, corre, corre...
sempre, sobre o tapete!
Mas nesse, também, não viajam [crianças,
Para elas, existe um outro trem,
um trem de diversões!
O trem apita na estação,
as crianças se alvoroçam!
Vamos tomar o trem!...
Vamos tomar o trem!...
«Papai, compra as estradas!...»

As crianças não se aguentam de [alegria
e tomam os seus lugares
e vão imitando a máquina
e vão imitando o barulho do trem...
Ele corre sobre as rodas
e as crianças vão felizes...
Mas esse trem logo pára
e as crianças voltam para seus pais!
E o trem vem de longe, vem...
E o trem vem de longe, vem...
O viajante, na plataforma, espera
o viajante, na plataforma, espera!
— Ó chefe da estação!
A que horas vem o trem?
Meia noite,
uma hora,
duas horas,
três horas?
E esse trem não vem!

Tenho minha bagagem completa [aqui do lado:
uma pá...
é preciso cavar a terra,
devo fazer sulcos profundos...
E o viajante espera!
E o viajante espera!

E o trem vem de longe, vem...
Vou semear botões
nas águas mortas de um rio!
Vou apanhar estrelas
numa terra de ninguém!
Que hei-de fazer das estrelas?
Não tenho filhos para brincarem [com elas!
E o trem vem de longe, vem,
e o trem vem de longe, vem...

O viajante, na plataforma, espera...
o viajante, na plataforma, espera...
— Ó chefe da estação!
A que horas vem esse trem? —
E o chefe, mudo, impassível,
sentado à sua mesa,
não responde!
— Ó chefe da estação!

A que horas vem esse trem?
O chefe da estação
escreve, escreve,
anota nomes,
meu Deus, que faz?...
Escreve com sangue.

E o trem vem de longe, vem!
E o trem vem de longe, vem!
O viajante, na plataforma, espera...
o viajante, na plataforma, espera...
e o trem vem de longe, vem...
E o viajante espera...
E o viajante espera!

Vou semear botões
vou apanhar estrelas...
Para onde me levará o trem?
Vou sair desta estação?
Que passe o trem,
que passe...
não tomo assento nele!
Que passe o trem,
que passe...
não tomo assento nele.

E o trem vem de longe, vem...
E o trem vem de longe, vem...
E o viajante espera na plataforma!
e o viajante espera na plataforma!
Vêm homens doentes
vêm homens exaustos...
mulheres tristes...
E crianças?
Crianças não vêm!

— Esse trem vai longe, ó chefe?
Esse trem vai longe, ó chefe? —

Quem sabe para onde vai o trem?
Dizem que entra num túnel profundo
que parece não ter fim...
Dizem que entra num túnel profundo
que parece não ter fim...

— Esse trem vai longe, ó chefe?
Esse trem vai longe, ó chefe? —

DO TREM

ISCO LUCIANO
'IVA'', DE S. PAULO

Vão chegando caminhões...
— Ó chefe,
que caminhões são esses?
Que caras são essas que os guiam?
Que carga trazem eles?

O chefe sé levanta,
dá uma gargalhada seca...
cospe pro lado
e responde:
— Defuntos! —

E o trem vem de longe, vem...
E o trem vem de longe, vem.
O viajante espera na plataforma!
O viajante espera na plataforma!

Se arrepia
tem medo...
quer jogar fora a bagagem!
e fugir...
fugir...
fugir...
Mas o trem está para chegar...
esse trem de carga má
que entra num túnel,
que parece sem fim!
E não adianta tampar os ouvidos!
Os gritos e os ais
enchem o túnel!
Misturam-se com os apitos da loco-
[motiva...
É um inferno
que parece não ter fim!
Dizem que o trem
vai passando
em mais estacões
e sempre encontra carga à sua es-
[pera!
Defuntos,
que foram homens belos,
que foram homens ricos...
que foram homens de prestígio!
Fama!
Glória!
Ventura!
Era o riso estampado nas faces
[deles,
mas no seu coração
a mentira,
a calúnia...
a inveja!

E o trem vem de longe, vem...
E o trem vem de longe, vem...
O viajante espera na plataforma,
E o trem vem de longe... vem...
o viajante espera na plataforma!

Vou semear botões,
vou colher flores,
vou apanhar estrelas...
Existirão estrelas?

Existirão flores
para os lados do túnel?
Oh! que vergonha!
Talvez minha pá seja inútil agora...
agora que vou de trem...
— Ó chefe,
a que horas vem o trem?
Ó chefe,
a que horas vem o trem?

— Um aviso:
Já chegou, —
diz. soturno, o chefe da estação
e dá uma gargalhada seca,
cospe pro lado...
O trem vem perto!

O viajante, na plataforma, espera!
o viajante, na plataforma, espera!
Abriu a bagagem,
quer ver se ainda tem a pá...
A pá está lá...
mas toda quebrada,
não serve pra nada!
Eu apanhei uma pá quebrada!
Eu apanhei uma pá quebrada!...

Não importa,
aonde vou,
já não preciso de pá.
Apita o trem,
apita o trem,
já está bem perto...
o viajante espera!
A carga dos caminhões
já está pronta para embarcar!
E vem o trem,
apitando,
fumegando...
e vem o trem,
e vem o trem,
e vem o trem!...

O viajante está pronto!
Sente que está na hora
e que ele,
de rosto bonito,
de rosto formoso
que tanto sorriu,
que tanto beijou,
agora não tem outra alternativa
senão tomar o trem
e ouvir a gargalhada geral
e a grita imensa
dos desgraçados
que riem uns dos outros,
embora cada um
seja mais despedaçado
do que o seu companheiro!
— Eis, aí vem
o homem sem rosto! —

Partiu o trem...
Partiu o trem...
E o trem vai para longe, vai...
e o trem vai pra longe, vai...
E o viajante
não espera na plataforma...
E o viajante não espera na plata-
[forma...
O viajante já embarcou,
já embarcou...
o viajante sem rosto!
E o trem vai pra longe, vai...
e o trem vai pra longe, vai...

E o trem virá de novo?
Virá.
Virá de longe?
Virá.
Irá pra longe?
Irá...
E haverá viajante à espera?
Haverá...

— Serei eu?

— Tu é que sabes!

UM POETA

Para a História do Espiritismo

Do ciclo de estudo do Centro Espírita "8 de Abril", do Rio de Janeiro, em 1951

NOÇÕES RELATIVAS À PARTE HISTÓRICA DO ESPIRITISMO

A história do Espiritismo comporta dois critérios: o que parte do *fenómeno* e o que parte da *doutrina*. Parece-nos mais lógico tomar como ponto de partida a organização da doutrina, em 1857. É verdade que a doutrina surgiu como decorrência do fenómeno, mas o fenómeno sempre existiu. Se, por exemplo, quiséssemos começar a história do Espiritismo pelo fenómeno, poderíamos dizer que o Espiritismo começou com a existência do próprio homem, uma vez que a existência da mediunidade e a ocorrência de fenómenos, como se sabe, são factos tão velhos como a existência do homem. Não havia, porém, doutrina. Se, portanto, o Espiritismo não é apenas fenómeno, mas o composto inseparável de fenómeno e doutrina, é natural que a história do Espiritismo tenha como marco inicial justamente o ano de 1857, quando se publicou o *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Antes da codificação deste autor não havia a palavra ESPIRITISMO. Os fenómenos são, isto sim, elementos históricos indispensáveis, mas a história do Espiritismo não está exculsivamente nos fenómenos. Há, porém, no terreno dos fenómenos, um acontecimento de importância fundamental na História do Espiritismo: os fenómenos de Hydesville, nos Estados Unidos, no ano de 1848. Esses fenómenos foram o ponto de partida do movimento espirita (1).

A História dos fenómenos pode, pois, ser dividida em três períodos, segundo os diversos autores:

I — *História antiga*, que tem as suas fontes na Bíblia e nas referências encontradas nos mais antigos livros religiosos.

II — *História moderna*, que começa com os «raps» (ruídos) de Hydesville, nas proximidades de Rochester, E. Unidos (1848), onde as Irmãos Fox serviram inesperadamente de médiuns.

III — *História contemporânea*, que compreende o período de Eusapia Paladino, as experiências de Lombroso até Bozzano, e daí aos nossos dias.

Preferimos, porém, tomar como início o período em que aparece a doutrina espirita codificada. Os ingleses e norteamericanos, porém, não aceitam esta orientação, porque entendem que a História do Espiritismo começa com o fenómeno. Além disto, os ingleses e norteamericanos ainda não aceitam a reencarnação, a não ser em percentagem pequena, tanto assim que eles se dizem apenas espiritualistas e não *espiritas* ou *espiritistas*. Aqueles nossos irmãos adoptam critério diferente em relação à história do Espiritismo. Há, porém, um ponto muito elucidativo: antes de Kardec havia fenómenos e havia médiuns, mas não havia um corpo de doutrina com o nome de *Espiritismo*. É lógico, portanto, que o dia 18 de Abril de 1857, precisamente quando saiu, em França, a 1.ª edição do *Livro dos Espíritos*, publicado por Allan Kardec, seja considerado o marco histórico da doutrina espirita.

FONTES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO ESPIRISTISMO

Como obra clássica do assunto, podemos indicar o livro de Conan Doyle: *O Espiritismo, sua História, suas Doutrinas, seus Factos*. Já existe edição em espanhol, publicada pela Editora «Schapire», da Argentina. Tem-se aí a história do Espiritismo, isto é, fenómeno. Nota-se, porém, que Conan Doyle não desenvolve muito o período de 1855 a 69, justamente em que aparece a figura de Kardec. É claro que o historiador cita Kardec, mas fá-lo apenas por exigência cronológica. Contudo, a história de Conan Doyle é a fonte mais ampla, mais substanciosa da História do Espiritismo. Há outra história, igualmente interessante: *Origem do Espiritismo e sua Doutrina*, de Carlos Luís Chiesa, da Argentina, publicada pela Sociedade «Constância», de Buenos Aires. A obra de Chiesa, porém, é baseada, em grande parte, em Conan Doyle. O trabalho de Chiesa, todavia, é muito importante. Diversos resumos históricos do Espiritismo são apoiados na fonte de Conan Doyle.

O escritor inglês Ernest Thompson escreveu também uma história resumida, sob o título *História e Ciência do Espiritualismo* («History and Science of Spiritualism»). A história de Thompson, antigo director do jornal «Two Worlds» *(Dois Mundos)* da Inglaterra, é muito resumida, mas interessante sob o ponto de vista didáctico, pois reúne as lições dadas pelo Autor durante um curso para principiantes em determinada Sociedade espiritualista inglesa. O Autor, porém, faz referência muito ligeira a Kardec. Cita-o apenas em poucas palavras, o que, aliás, é compreensível, porque os espiriutalistas ingleses, embora pratiquem o mediunismo e tenham boa literatura, não seguem a orientação de Kardec.

Finalmente, como fonte autorizada, é recomendável, senão indispensável, a leitura da parte final de *Obras Póstumas*, de Allan Kardec, em cujo material se encontram declarações do próprio codificador do Espiritismo, como ainda comunicações de grande importância na história do movimento espirita. Em *Obras Póstumas* temos, portanto, uma fonte histórica absolutamente indispensável.

Nota final. — Já estava terminado o presente estudo, quando a Editorial Vítor Hugo, da República Argentina, lançou, em excelente edição, a *Biografia de Allan Kardec*, escrita por Henri Sausse. Tem-se aí valiosa fonte histórica do Espiritismo. Como obra geral, que não é espirita, podemos citar «O Espiritualismo Experimental», de C. Vesme, França.

(1) Note-se que os norteamericanos não usam o termo Espiritismo. Para eles o movimento iniciado em 1848, em Hydesville, é *moderno espiritualismo*. A escola inglesa adopta a denominação geral *espiritualismo*.

ESTUDOS COMPLEMENTARES

Noções sumárias de História das Religiões

O programa anual do Centro Espírita «18 de Abril» prevê uma série de palestras sobre História das Religiões. Não se trata — é fácil compreender — de um curso de História das Religiões, assunto vastíssimo, cujo desenvolvimento exigiria meses de estudos; apenas, como elemento de orientação, para facilitar a compreensão dos pontos de relação do Espiritismo com as ideias religiosas, apresentamos esquemas das noções iniciais ou indispensáveis.

Conceito de religião — Para nós, espíritas, a palavra *religião*, de acordo com a sua etimologia, significa religar, isto é, fazer o homem voltar a Deus. É este, portanto, segundo Allan Kardec, o fim da Religião: religar a criatura ao Criador. Parece-nos, pois, desnecessário, nestes estudos, alinhar as numerosas definições de religião, uma vez que o nosso conceito de religião, à luz da doutrina espírita, é muito diferente do conceito comum ou vulgar. Além de tudo, religião é sentimento, é assunto de consciência. São muitas e variadas, como se sabe, as definições. O assunto foge ao objectivo de nosso programa, sujeito às limitações de três palestras apenas.

Todos já sabem que o Espiritismo — quem diz é Allan Kardec — é uma «doutrina de consequências religiosas». Mas daí não se conclui que o Espiritismo tenha ou deva ter organização religiosa: ritual, sacerdotes, cânones sagrados, etc. Consequência religiosa, sim, porque o espírita não pode ser ateu. Nossa maneira de entender a palavra religião é muito diferente, portanto, da maneira por que tal palavra é entendida na opinião geral. Quando se diz religião, logo ocorre a ideia de seita, culto externo (paramenta, pastor ou sacerdote, etc.), ao passo que, sob o ponto de vista espírita, religião é a aceitação consciente da existência de Deus, adesão do espírito à crença no poder supremo de Deus e de sua justiça. Cremos, finalmente, que é desnecessário, na introdução desta série de estudos, citar ou comentar as muitas definições de religião. Temos, como já foi dito, concepção própria de religião. Passemos a outro ponto.

Religião e culto — Quando iniciamos o estudo geral da Religião, devemos considerar logo dois elementos: a ideia religiosa e o culto. Daí dizer-se, com apoio nas autoridades em matéria religiosa, que a religião tem dois aspectos: *subjectivo* e *objectivo*. O aspecto subjectivo é a ideia religiosa, a crença na existência de um poder acima do homem. Há indivíduos que, embora não estejam filiados a qualquer igreja, são religiosos, uma vez que admitem a existência de Deus; cultivam a ideia religiosa. Temos aí a religião considerada sob o ponto de vista subjectivo. O aspecto objectivo da religião está no culto. Que quer dizer culto? Culto é o acto de adorar, de render homenagem ou manifestar obediência a Deus, tenha o nome de Alah, Jeovah, etc. O culto pode ser interno e externo. Quando, por exemplo, nós nos recolhemos espiritualmente, fazemos a nossa prece, estamos praticando o culto a Deus. Mas esse culto é todo íntimo, todo natural, porque não tem ritual, fórmulas, etc. Eis aí o culto interno. Toda a religião tem, entretanto, o seu culto externo: liturgia, objectos materiais, etc. Há religiões que não têm altares, imagens, etc., mas não deixam de ter culto externo, porque adoptam formas especiais de oração, têm hinos, gestos, etc. O que regula o culto externo é o *rito* ou conjunto de práticas e regras de culto. De rito vem a palavra *ritual*, que quer dizer sistema de cerimónias ou práticas inerentes aos diversos actos religiosos. Entendida esta parte, passemos a algumas noções gerais.

Teorias conhecidas — A História das Religiões é do século XVIII. Apesar das crónicas esparsas, das referências em obras muito antigas, a História das Religiões, isto é, História sistematizada, não é tão velha, como se crê. Existem diversas teorias a respeito da origem das Religiões. Justamente por isto, os autores clássicos de História das Religiões divergem muito neste ponto. Eis aqui algumas das teorias mais discutidas:

a) MITOLOGIA DA NATUREZA

Os partidários desta teoria admitem que a religião nasceu da mitologia da natureza, do respeito do homem primitivo pelos fenómenos da natureza.

b) FETICHISMO

Os adeptos da teoria fetichista (adoração de objectos sagrados) entendem que a primeira manifestação de religião foi o fetichismo.

c) ANIMISMO

Os defensores da teoria animista (Taylor, no séc. XIX) afirmam que a religião não começou pela mitologia nem pela adoração de objectos (fetichismo) mas pelo culto da alma. É a chamada teoria animista, que admitia objectos *animados*.

d) MITOLOGIA ASTRAL

Esta teoria, que discorda de todas as outras, desenvolveu-se no século passado. Seus adeptos entendem que a religião começou pela mitologia astral, isto é, pela adoração dos astros, considerados entidades sagradas pelo homem primitivo.

e) MAGIA

Há também, na História das Religiões, os que acham que foi a magia o ponto de partida, a origem da religião. Na opinião de Frazer, que estudou muito a *magia* em todas as suas formas, assim como o *totemismo* (culto de objectos e animais sagrados) a religião é anterior à magia e ao totemismo. Frazer criou a teoria preanimista.

f) MANISMO

Esta teoria diz que a religião nasceu do culto dos antepassados, desde o momento em que o homem começou a prestar homenagem aos seus mortos queridos.

Daí a palavra manismo para designar a teoria do culto dos antepassados.

Existem ainda outras teorias. Como estamos vendo, não se chegou, ainda, a uma conclusão definitiva sobre a origem da religião. Quando e como nasceu a religião? Qual foi a primeira manifestação religiosa? O animismo, o fetichismo, a magia?... Cada teoria tem, a este respeito, o seu ponto de vista. Os autores estão muito divididos sobre este ponto inicial da História das Religiões.

Religiões reveladas — Quando à origem, as religiões estão divididas em dois grandes grupos: *naturais* e *reveladas*. Religiões naturais são aquelas que, não tendo tido profetas, foram buscar os seus motivos aos fenómenos da Natureza. Gregos, assírios, etc., tiveram religiões naturais, porque renderam culto a símbolos e forças da natureza. Religiões reveladas são as que se originam de revelação, por intermédio de um profeta ou enviado.

Religiões reveladas	Judaísmo	Moisés
	Cristianismo	Jesus
	Islamismo	Maomé

Monoteísmo e Politeísmo — Quanto à teologia, as religiões dividem-

-se em politeístas (muitos deuses) e monoteistas (um deus), notando-se que o politeísmo caminhou naturalmente para o monoteísmo O judaísmo é um tronco monoteísta.

Do Judaismo saiu o Cristianismo, como do Cristianismo sairam o Catolicismo e o Protestantismo. Como se vê, as religiões dividiram-se, ramificaram-se muito. Até mesmo as religiões monoteistas, a começar no Judaísmo, não se mantiveram coesas.

Foi muito prudente Allan Kardec ao desprezar as divisões religiosas e extrair do Evangelho, como base de nosso procedimento, apenas a essência, a parte moral dos ensinos de Jesus, deixando à margem as disputas e controvérsias religiosas. Para terminar, vamos apresentar, no quadro negro, um esquema das divisões religiosas.

- Judaísmo
  - Samaritanos
  - Ortodoxos
- Cristianismo
  - Catolicismo
    - Ortodoxo (Não reconhece o Papa) — (Igreja Grega).
    - Romano (Tem o Papa como chefe supremo).
    - Anglicano (Religião da Inglaterra. O Rei é chefe espiritual).
  - Protestantismo
    - Baptistas
    - Presbiterianos
    - Metodistas, etc.

Já dissemos que o Islamismo, cujo livro sagrado é o Corão ou Koran, é também monoteísta. Além das muitas seitas que se formaram dentro do Cristianimo, existe a dos *Pentecostais* e dos *sabatistas* ou «adventistas do 7.º dia». Por aí já podemos ter uma noção das divisões, da fragmentação do rebanho religioso. Quis Allan Kardec, muito bem inspirado, evitar que o Espiritismo tomasse o caminho de uma seita e concorresse para aumentar a confusão religiosa. Justamente por isso, Kardec aproveitou a parte neutra, indiscutível e definitiva do Evangelho: a moral. O Espiritismo preocupa-se com a parte moral do Evangelho.

O estudo anterior circunscreveu-se às principais divisões religiosas: politeísmo, monoteísmo, religiões naturais, religiões reveladas.

Vamos apresentar um esquema dos mais conhecidos livros sagrados das Religiões.

Livros sagrados — toda a religião revelada tem os seus livros sagrados (já vimos, anteriormente, a diferença entre religião natural e religião revelada). Os gregos, que não tinham religião revelada, mas a religião natural, o politeísmo inspirado em fenómenos da natureza, não possuiam o que se possa chamar conjunto de livros sagrados.

Nota-se nos livros sagrados orientais, na opinião de muitos autores, a união da filosofia com a religião. Não se distingue bem, nesses livros sagrados, o místico do filósofo. As ideias filosóficas vieram do Oriente, muito ligadas às ideias religiosas. Entre os chineses há diferença nas tendências de Confúcio e Lao Tse. Este último é mais filósofo, enquanto Confúcio é moralista. A filosofia de Confúcio teve por base o aperfeiçoamento do homem, o domínio das paixões; Lao-Tse preferiu a indagação, a filosofia. Nos livros sagrados dos hindus, notadamente os de Buda, a religião não se distingue da filosofia.

A doutrina religiosa dos persas está em Zoroastro ou Zaratrustra.

AVESTA É A BÍBLIA DOS PERSAS

Passemos, porém, a outro ponto, porque não há espaço para comentários ou exposição desenvolvida.

Já vimos no estudo anterior que o livro sagrado dos maometanos ou islamitas é o *Corão* ou *Koran*. Esta religião, fundada por Maomé, seu profeta, é imortalista como o Judaísmo, adopta a circuncisão e muitos hábitos e tradições dos judeus, mas apresenta muitos pontos diferentes do tronco judaico. O *Corão*, pois, é a Bíblia do Islamismo. Há muitos outros livros sagrados. Devemos, porém, resumir o assunto.

A fonte do Judaísmo é a Bíblia, isto é, o Antigo Testamento. Bíblia quer dizer «os livros por excelência». Justamente por isso é que se pretende definar a Bíblia simplesmente desta maneira: *O Livro*, querendo dizer que é «o livro dos livros». Mas o que se entende na realidade por Bíblia é um conjunto de

DIVISÃO DA BÍBLIA

BÍBLIA

Velho Testamento:

- Livros históricos.
- Livros doutrinários.
- Livro Profético.

Novo Testamento:

- Livros históricos (4 Evangelhos — Actos dos Apóstolos).
- Livros doutrinários (Epístolas).
- Livros proféticos (Apocalipse).

LIVROS SAGRADOS DOS JUDEUS

KABBALA

Parte esotérica, mistérios.

TALMUD

Da Babilónia e da Palestina:

Tradições morais, políticas e religiosas dos judeus.

MISCHNA e TARGUM

Doutrinas e preceitos

FONTE HISTÓRICA DO JUDAISMO

PENTATEUCO

Génesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronómio.

Pentateuco, também chamado *Torah*, a lei, é o conjunto dos primeiros cinco livros da Bíblia. São livros históricos. Já vimos anteriormente (1.ª palestra deste ciclo) que uma corrente judaica se bateu para que o *Judaísmo* ficasse apenas no Pentateuco, que é a sua fonte, desprezando o resto da Bíblia; outra corrente quis que se adoptasse o *Talmud* (livro das tradições judaicas) integralmente, sem alteração. Como se vê, apesar de serem muito rigorosos, os judeus tiveram também as suas divergências.

CRISTIANISMO—Do Judaísmo, como se sabe, saiu o Cristianismo. A fonte histórica do Cristianismo é o Novo Testamento. São 27 os livros do Novo Testamento. A parte descritiva está nos 4 Evangelhos e nos Actos dos Apóstolos. As Epístolas desenvolvem a doutrina. Mas o que nos interessa é a essência do ensino de Jesus. Evangelho significa «boa nova», a mensagem trazida por Jesus. Por força de necessidade cronológica, emprega-se a palavra *Evangelho* no plural, e por isso lemos: «Os Quatro Evangelhos», segundo Mateus, Marcos, Lucas, João. Mas o Evangelho, em si, não tem plural. Não há mais de um Evangelho de Jesus; há, sim, O Evangelho, isto é, a mensagem, a boa nova. Mas o Evangelho foi apresentado por quatro pessoas, em lugares e épocas diferentes. Forço-

samente em virtude desta circunstância, dizemos o Evangelho *segundo* Mateus, segundo Lucas, etc., isto é, o mesmo Evangelho, de acordo com a narrativa de Mateus, Lucas, etc.

Conclusão — Quando Allan Kardec codificou a doutrina espirita, extraiu do Evangelho apenas a parte fundamental e neutra: a moral. Leia-se a *Introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo.*

Resta agora tirar a conclusão que interessa ao ponto de vista: cada religião acha que os seus livros sagrados são a unica expressão da Verdade; o Espiritismo, colocando-se acima de todas as pretensões religiosas, afirma que a Verdade é universal e não pode estar contida exclusivamente nesta ou naquela doutrina. Ha no Judaismo, como no Islamismo, etc., ensinos inalteraveis, como a imortalidade da alma. Cada religião tem um pouco da verdade, mas nenhuma é detentora da verdade integral. O Espiritismo toma por base de sua moral o Evangelho. A Verdade é recebida gradativamente à proporção que o espirito se ilumina pela virtude, pelo conhecimento, pelo trabalho. Eis por que, de tudo isto, o Espiritismo prefere apoiar-se na parte essencial do Evangelho.

Encerra-se aqui mais um período de estudos doutrinários do Centro Espirita «18 de Abril». Todos os nossos estudos, seja qual for o aspecto pelo qual encaremos o Espiritismo cientifico, filosófico ou religioso, tem por fim a atenção do homem para o problema da imortalidade da alma e da existência de Deus. Sejam quais forem os métodos e argumentos que empreguemos, teremos de chegar naturalmente, inevitàvelmente a esta conclusão: «O Espiritismo deve ser estudado, compreendido e praticado com o superior objectivo de realizar a reforma moral do homem».

CONCEITO BÁSICO DE ALLAN KARDEC

«O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura». (Allan Kardec, *Obras Póstumas*).

Não se pode conhecer bem o Espiritismo sem estudar a codificação de Allan Kardec.

MENTALISMO

Coordenação de Luciano Silva

A verdadeira vida mental *consiste na* perpétua renovação de ideias, *num uso pessoal, original e próprio, das* faculdades *de cada um, mas pouquíssimos são os que reivindicam o sublime direito de* pensar pelo próprio cérebro.

ÉLIA

Defendamos o espírito, *que o corpo se preservará.*

DR. BENTES CASTEL-BRANCO

Quando alguém está doente, devemos canalizar toda a nossa energia mental *em seu favor.*

EDLA MORAIS CARDOSO

A Saúde conquista-se. A ventura também. Os nossos esforços são poderosos quando provêm da firme tenção *de avançar e de nos elevarmos.*

DR. AMÍLCAR DE SOUSA

Dominai o vosso pensamento; *não o deixeis vaguear ao acaso;* fixai a atenção *no que estais fazendo, seja o que for, para que o façais com toda a perfeição possível. Não acostumeis a vossa mente a vaguear sem norte.*

J. KRISHNAMURTI

Serás cada vez mais convencido à medida que a tua razão *se ache mais satisfeita e esclarecida.*

PIERRE NAVRY

Mais valente é o que governa o seu espírito *do que o vencedor de cidades.*

SALOMÃO

Elevai *à maior pureza* o vosso pensamento!

D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA

Um déspota algema os corpos, mas não prende o espírito nem mata as ideias.

A. Z.

Uma revolução nas ruas seria pouco frutífera, quando não acompanhada por uma revolução nas consciências.

ARAQUISTAIN

O homem enérgico é aquele que souber despertar as energias íntimas *e fazê-las convergir para determinado fim.*

ELLICK MORN

O pensamento *é maior do que qualquer força material: é o grande poder espiritual que governa o Mundo.*

EMERSON

A auto-sugestão *consiste em guiar-se cada um pelas* vias mentais *que conduzem à harmonia da acção com as Leis Físicas e Morais estabelecidas por Deus.*

O. S. MARDEN

Que toda a minha actividade se encaminhe a favorecer a evolução da vida consciente!

J. B. S.

Conforme pensarmos, *seremos, actuaremos, viveremos, pois a conduta baseia-se na* forma de pensar.

L. S.

Telepatias e Aparições

Pelo Prof. SILVEIRA BUENO

UM dos gratos prazeres da vida consiste em recordar, em épocas felizes, os momentos difíceis do passado. A consciência de que se venceu a luta é um conforto que nenhuma riqueza pode comprar. Foi num desses dias difíceis do pretérito que eu, recem-chegado a São Paulo, tacteando ainda as asperezas de um novo existir para o qual não fora preparado, subi as escadas da rumorosa «Pensão Brasileira». Logo no patamar me defrontei com a figura inapagável em minha gratidão, dessa dama ilustre, dona Belisária Ribeiro, em cujo rosto os sofrimentos e os anos ainda não haviam conseguido destruir a beleza de quem fora a mais formosa moça de São Paulo. Toda de seda negra, com os seus lindos cabelos de ouro, deu-me a impressão de uma rainha, de uma finíssima criatura de Deus. Desde esse momento, estabeleceu-se entre nós tão profunda simpatia que nem o tempo nem a sua ausência puderam diminuir, transformando-a, hoje, em resignada saudade. Dado o meu pendor religioso, imediatamente se expandiu essa alma toda iluminada pelo Evangelho, em efusões de sincera amizade. Era natural que os assuntos espirituais fossem a matéria principal de nossas longas conversações. Depois, nem podia deixar de ser, a matéria literária, a gramática, a vida, enfim, do mais famoso escritor de São Paulo, Julio Ribeiro. Famoso por ser um dos pioneiros da didáctica do idioma, famoso pelas polémicas terríveis que sustentara, famoso, sobretudo, pelo romance «A Carne» ainda agora lido e discutido. Júlio Ribeiro, que de católico religiosamente mal preparado, se fizera protestante, nunca foi muito fiel ao seu credo, alternando épocas de grande religiosidade com outras de acentuada descrença. Nos seus últimos tempos, contava-me D. Belisária, fez-se grande amigo de Horácio de Carvalho, director do «Diário Oficial» e, certamente, um dos homens mais cultos do Brasil. Conheci-o ainda, já muito velho, e da sua vasta biblioteca possuo vários livros de árabe, pois a filologia era uma das paixões deste autodidata extraordinário.

Nesse tempo, os estudos espiritualistas, exotéricos, as ciências ocultas, a teosofia, andavam em moda. Horácio de Carvalho era o corifeu das novidades asiáticas. Júlio Ribeiro, mais positivo, um tanto materialista, o contradizia em discussões acaloradas, que serviam sempre para ainda mais cimentar a amizade entre os dois homens inteligentes. Transferida a residência para Santos, fundaram ambos um jornal semanário, cuja redacção estava na Rua do Rosário, num sobradão existente até há pouco tempo. Pouco durou o jornal, porque pouco durou também Júlio Ribeiro, já nesse tempo gravemente enfermo. Numa dessas costumadas discussões espiritualistas, o romancista de «A Carne», cheio de dúvidas que o atormentavam quanto à vida futura, chegou a afirmar ao amigo que, se realmente sobrevivesse a alma ao corpo, viria dar-lhe disso o seu testemunho. Foi o assunto levado mais à conta da discussão e, naqueles dias torturados que precederam e se seguiram à morte do insigne gramático, nem mesmo Horácio de Carvalho pensou na realização da promessa feita.

Sòzinha com a filha, em terra estranha, D. Belisária, nos sofrimentos da sua pobre viuvez, só pensou em desfazer-se do que já lhe não servia, vendendo o que era supérfluo, arranjando os últimos documentos para regressar aos seus, aqui em São Paulo, em Campinas ou em Capivari, sua terra natal. Quando assim se via arrebatada pelas circunstâncias difíceis daqueles dias, numa tarde, já noitinha, recebeu a visita inesperada de Horácio Carvalho. Vinha o amigo de Júlio Ribeiro apressado e visìvelmente nervoso:

— Dona Belisária, mandou a sra. alguém à redacção do jornal?

— Não. Porquê?

— Porque está fechada a porta, mas o salão iluminado. Não será alguém que, aproveitando-se do momento, lá tenha entrado para roubar?

— Pode ser, Dr. Horácio...

—Quer dar-me a chave para que eu verifique?

E o velho amigo da família lá se foi, apressadamente, à redacção do semanário. A sala de trabalhos estava iluminada e da rua pôde ver, pe-

Corpos Gerentes do Centro E. Luz e Amor

No dia 10 de Dezembro último realizou-se a Assembleia Geral do *Centro Espiritualista Luz e Amor* para eleição de corpos gerentes que hão-de administrar a colectividade durante o triénio 1955-57. Eis o resultado da eleição.

Mesa da Assembleia Geral — *Presidente* — Dr. Sebastião Elviro Martins; *Vice-presidente* — Américo Oliveira Monteiro; *1.º Secretário* — José Cardeira Baptista; *2.º Secretário* — Cláudio da Silva Santos.

Comissão de Contas — *Presidente* — Mário Gouveia Bacelar; *Relator* — Fernando Alves Martins; *Secretário* — Jorge Augusto Raimundo.

Direcção — *Presidente* — Isidoro Duarte Santos; *1.º Secretário* — João Guilherme Carvalho Duarte; *2.º Secretário* — José de Oliveira Rebordão; *1.º tesoureiro* — João José Pilar; *2.º tesoureiro* — Raúl Ribeiro Pesqueira; *Assessor* — Dr. Álvaro Ramos Pereira.

Substitutos — Manuel Lopes Gonçalves; Augusto Gomes Queriol; Luís Lopes da Silva Faria; António Gonçalves de Campos; João de Deus Santana da Fonseca e Joaquim Dias.

las janelas, que alguém andava lá dentro, projectando a sombra na parede. Não havia dúvida, devia ser algum ladrão. Mas como entrara? Não estava fechada a porta e não tinha ele a unica chave do edifício? Abriu muito devagar a porta, subiu cautelosamente a escada e, antes de abrir a porta da sala, parou, conteve a respiração. Queria surpreender o gatuno em flagrante e para melhor se certificar olhou pelo buraco da fechadura para ver se reconheceria o intruso. Quando seus olhos se colaram à fechadura, viu, nìtidamente, um homem de costas voltadas para ele, remexendo os papéis da mesa. Assim, pelas costas, não conseguia identificar o ladrão. Intrigado com tal desconhecido, mentalmente, fez a si mesmo esta pergunta: «Quem será?». Como se o desconhecido tivesse escutado a pergunta, se foi voltando, vagarosamente, e, tal qual se achava Horácio de Carvalho, também colou, do lado de dentro seus olhos na fechadura e disse com aquela voz meio rouca de enfermo: «Sou eu, o Júlio!» Como se um relâmpago se acendesse no cérebro de Horácio de Carvalho, toda uma luz o iluminou e reconheceu, perfeitamente, no homem que ali estava, o seu amigo Júlio Ribeiro, falecido naquela semana. Meteu a chave à porta, abriu-a com força e, contra tudo o que havia visto, a escuridão da noite a enchia profundamente. Estava apagado o lampeão, estavam silenciosas as trevas. Riscou fósforos, acendeu o lampeão, examinou os papéis, percorreu tudo e sòmente viu, numa folha já escrita há tempos, o nome de Júlio Ribeiro. Nada mais!

Como explica tudo isto, dizia eu à D. Belisária, como explica esta aparição do grande morto a Horácio de Carvalho uma semana após haver falecido? E ela, com a sua crença muito viva nos Evangelhos, me foi citando os factos que nos guardaram as Escrituras Santas: naquela manhã dolorosa da Crucificação, não aparecera Jesus a Madalena desconsolada? Não se apresentara a Tomé e lhe não ordenara que metesse a mão em sua chaga do lado esquerdo? Não acompanhara, naquela tarde triste da sua morte, os chorosos discípulos de Emaús que só o reconheceram quando com eles benzeu e partiu o pão? E sobre essas ondas do mesmo lago de Genezaré, onde tantas vezes pregara, não o viram os Apóstolos, flutuando nas vagas, para confirmá-los em sua fé tão duramente experimentada? «Não, meu amigo, não há outra explicação: Deus permitiu que Júlio aparecesse para que tivéssemos a confirmação da nossa crença na imortalidade da alma, para que eu me consolasse em minha tristeza, sabendo que ele continuava vivo nesse outro lado da Eternidade, junto do Cristo!»

Muitos anos já são passados: D. Belisária partiu também para essa outra vida que não tem fim: lá a esperavam os dois amigos e, reunidos agora, aos pés de Deus, continuam, sem os sofrimentos da terra, a amizade que aqui os uniu. Nunca me esqueci desta narrativa, feita, um dia, numa sala da velha «Pensão Brasileira», pelos próprios lábios da sua quase testemunha ocular. Rolaram os tempos, aqueles meus cabelos pretos já se tocam, agora, dos reflexos da luz que vem da experiência. Quanto mais me acerco da morte, mais me convenço de que somos imortais: «Sei que o meu Redentor vive, dizia Job, e eu o verei na minha carne». Se Jesus não ressuscitasse, vã seria a nossa fé. Ele ressurgiu dos mortos no terceiro dia e com ele ressurgiremos também nós! Não é sem motivo que, à noite, nos convidam as estrelas a elevar-nos, a transpormos os umbrais do mistério: é a imortalidade que lateja dentro do nosso coração.

E. Psiq. - jan/55

A RODA

—— MENSAGEM DE LIA NO 5.º

Maria Gonçalves Duarte Santos

Já lá vão cinco anos que parti do ergástulo da carne, onde paguei tributo à dor e ao prazer. Para vós parece muito, que contais as horas minuto a minuto, como quem tem medo de chegar ao fim. Para nós é bem diferente.

O tempo espiritual não tem similitude com o vosso tempo. Há seres que permanecem estáticos, no mesmo ponto em que ficaram, quando galgaram a fronteira. Não avançaram nem recuaram. Contemplam quadros permanentes na sua retina, para seu bem ou seu mal, até que a marcha se lhes imponha. É quase sempre a lição do sofrimento, que deixa traços indeléveis, verdadeiros sulcos no caminho da evolução. Nunca mais se esquecem. Por mais variada que seja a paisagem, aqueles traços influenciam sempre o caminhante. Oh! como eles gostariam que se apagassem! Mas a Lei é lei e o mísero tem de lhe sentir os efeitos.

Já lá vão cinco anos que abandonei o cárcere terreno. Cinco anos cheios de efemérides, polvilhadas de contrastes, facetas de objectivos que se exercem de um lado e de outro. Programas que foram executados, que se cumpriram com regularidade, ideias que germinaram e se alteraram no prado mental e espiritual dos cultivadores, anseios que surgiram aqui e ali, ganharam asas e volejam no azul da fantasia, ilusões e desilusões que se entrelaçaram na moldura da vida, tudo isto constituiu alimento natural para uns e para outros. Os que ficaram tiveram continuação; os que partiram, esses viram modificada a existência e alargada ou diminuída a sua esfera de trabalho.

A minha alargou-se muito mais do que eu julgava. De surpresa em surpresa dilatei os âmbitos, agregada a missões de labor espinhoso, que é este, afinal, o que mais custa e o que mais rende. O outro pouco vale. É literatura, como lhe chamais. Não dá conforto, não exalta, não estimula quem deseja aperfeiçoar-se, chegar mais depressa ao alvo.

Mas eu sempre dei grande valor ao tempo. A sua roda dentada causava-me invulgar impressão. Cada minuto que passava era um choque tremendo na minha ânsia de progresso. E eu sofria com as deficiências da vida, com as anomalias que ela apresentava aos meus conceitos de lógica e harmonia social.

Tantas vezes me revoltei intimamente contra a injustiça! Tantas vezes chorei de piedade pelo mundo ignaro! Tantas vezes me perguntei a razão da minha presença entre seres que se dividiam por veniagas e transacções de consciência!

Essas dores fortaleceram-me para novas tarefas. Hoje agradeço a Deus o sofrimento que me infligiu.

Por outro lado, há clareiras que me auxiliam com a sua luz diáfana. O que fiz

O TEMPO

VERSÁRIO DA SUA PARTIDA

na terra transformou-se em luz para os olhos e em sentimento para o coração. Liguei-me à vossa obra moral e procuro ampliá-la com relativa possibilidade.

Vós ignorais o que fazemos por ela. Quantas vezes vos surpreende um êxito estrondoso que não explicais? E uma ideia peregrina que facilita a vossa empresa? E um amigo que espontâneamente se coloca à vossa disposição? Muitos fenómenos deste género são lógicos e naturais. Deveis atribuí-los à falange que moureja deste lado em ligação convosco.

O tempo não esbate a lembrança do que fizemos ou pensámos. Tudo se fixa, tudo se enquadra na memória, esse manancial que é a maior glória do Espírito. Sem essa companhia maravilhosa, como poderíamos compreender a vida? Como poderíamos avaliar o que fomos e o que somos? Ela é o padrão que nos permite cotejar o passado com o presente.

A evolução processa-se dentro e fora do tempo. Onde vos encontrais não conheceis concepções à margem dele. É uma ideia que não podeis assimilar. Notai, porém, que tudo se modificará para vós, se um dia vos libertardes dos movimentos planetários, em corrida sidérea. Sem dias e sem noites, tal como os entendeis, onde ficará a ideia de tempo?...

Por enquanto integrai-vos nela, com os elementos físicos que vos subjugam. E dentro do velho calendário metei o maior número de boas acções, que só elas vos salvarão no rumo dos séculos.

Os grandes empreendimentos materiais modificam a superfície do globo, mas nada acrescentarão à glória espiritual de quem nada ambiciona. É preciso, pois, que o Espírito tenha a sua parte no festim humano, para que a felicidade exista, de facto, onde muitos se degladiam. E os que vierem possam justificadamente comparar os tempos que se escoaram com a nova era que se viva.

No vosso campo há casos que mereciam reparo e outros que mereciam louvor. Mas só o tempo será o crítico, o juiz apropriado. Cada um responderá por benefícios ou malefícios. Às vezes, muitos erguem uma obra e poucos a derrubam. Outras vezes dá-se o contrário. O rumo das ideias é alheio à prática dos indivíduos. Se assim não fosse, o progresso atrasaria. As ideias pairam, envolvem, aliciam, mas o homem leva anos e anos a compreendê-las. Até lá, danifica o próximo, fingindo que o torna feliz.

O mesmo sucede com as doutrinas.

A solidariedade que se promove nem sempre está de acordo com o que se divulga. Tarefa difícil, a de harmonizar o corpo com o espírito! O braço não quer ou não sabe executar o plano do cérebro.

Mas é preciso aproximar esses dois agentes insubstituíveis, ligá-los intimamente na obra grandiosa que se esboça nos horizontes da humanidade.

Uni-vos todos, comungai na mesma hóstia, desenvolvei actividade coordenada, que o Ideal espera por vós. Não esqueçais a vossa presença na luta doutrinária. Todavia, sem o vosso esforço individual, sem a vossa vontade deliberada, o resultado será mesquinho, não corresponderá ao desejo dos que vos ajudam.

Uni-vos todos como um só homem. A roda do tempo levará surpresas agradáveis aos segadores da última hora, se souberdes persistir e manter a esperança. A doutrina impor-se-á cada vez mais. O número dos adeptos crescerá como as árvores da floresta e formarão legiões invencíveis de reformadores e legisladores. A sociedade será modificada, não pela ciência, mas pela moral cristã que dominará os incrédulos.

Já lá vão cinco anos que abandonei o ergástulo da matéria. Tantas sensações que experimentei, tantos anseios me fizeram vibrar!

Rodou o tempo... e estou modificada, sendo a mesma! Paradoxo sublime, incompreensível para aqueles que deixei mergulhados em ilusões!

Trabalhai, amigos, trabalhai com os olhos na obra que avança no tempo, rolando sobre o nevão do progresso. No tempo ou fora dele, estaremos convosco!

(Recebido intuitivamente por Isidoro Duarte Santos).

A ORIENTAÇÃO ESPIRITUALISTA DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Por ANDRÉ DUMAS

Há dezenas de anos que as ideias mecanicistas suplantaram as doutrinas científicas e filosóficas. Mas nós atravessamos um período em que, no pensamento contemporâneo mundial, se afirmam cada vez mais algumas tendências orientadas nìtidamente em sentido oposto. As perturbações sofridas pela Física após as descobertas atómicas e electrónicas ecoaram profundamente no domínio filosófico.

A meu ver, a pergunta mais frequente era esta:

— Que é o Espírito?

Hoje pergunta-se:

— Que é a matéria?

Os físicos respondem:

— A matéria é energia em movimento.

Mas que é a energia? — pergunta-se ainda.

E as respostas de certos pensadores estão muito mais próximas da metafísica espiritualista oriental do que das concepções materialistas-mecanicistas, a que nos habituou a ciência do princípio deste século.

Com efeito, para grande número de homens de ciência e de filósofos, existe um laço entre a energia e a consciência. «A consciência — diz Kostyleff — é uma parte da energia, tal como se manifesta no mundo vivente, no homem». «A energia em si — diz Henri Berr — é, em menor grau, o que o Eu encontra em si mesmo: a tendência a existir, a existir o mais possível».

Esta profunda modificação das ideias atingiu também a Biologia: conhece-se a repercussão mundial da obra «O Homem e o seu Destino», do grande biologista Pierre Leconte du Noüy, que vê na evolução qualquer coisa mais do que o simples jogo das forças físico-químicas e do acaso, isto é, a manifestação de uma Ideia, de um Querer Supremo.

Numa obra intitulada «O Dinamismo Ascensional», outro biologista — Gustavo Mercier — desenvolveu uma concepção, segundo a qual a Vida e o Espírito estão presentes no Universo, que a Evolução faz progredir, elemento por elemento, do reino do determinismo ao reino da liberdade. Eis alguns pensamentos deste biologista-filósofo:

«A criação está sempre em marcha, mesmo quantitativamente. O Universo desenvolveu-se em si mesmo pelo seu esforço, englobando os esforços e o trabalho de todas as partes individuais. Aquilo a que chamamos vida deriva da organização que não tem limite inferior. O átomo é organizado, porque é vivo. Nenhuma cortina de ferro separa o mundo mineral do mundo orgânico.

«A consciência marca o acesso a um estádio superior — o da espiritualidade — que se define biològicamente como conquista do tempo e do espaço, um domínio próprio conducente ao domínio de grande parte do Universo e à libertação progressiva da servidão material.

«Existe identidade natural entre a energia e a espiritualidade humana e esta permite a progressão e a possessão, em consciência, dos planos que servem de base ao Universo.

«O Universo contém em si próprio a sua razão suficiente e a sua justificação. É o mesmo que o homem, que, doravante, constitui uma peça essencial e que, pelo desenvolvimento da espiritualidade, deve elevar-se à Fonte Suprema que acaba de enriquecer com o seu esforço».

Escutemos agora o sábio Alberto Vandel, professor de zoologia na Faculdade de Ciências de Toulouse. Na sua obra «O Homem e a Evolução», muito conceituada nos meios científicos, exprime nìtidamente a ideia filosófica fundamental que tende a libertar-se da ciência contemporânea:

«Se a evolução — diz ele — é, antes de mais nada, desenvolvimento do Espírito, emergência da consciência fora da matéria e do orgânico; se o pensamento é o modo superior do ser, como a energia é a forma nobre da matéria, o sentido da vocação humana não apresenta dúvidas. O Homem deve libertar-se das influências materiais hereditárias, familiares e raciais que traz em suas origens orgânicas, a fim de se empenhar inteiramente na imensa aventura espiritual em que se põe em jogo o destino do mundo.

«No grau humano, todo o progresso real se devia processar no plano do Espírito. É

por um constante esforço de penetração e de amplificação interior que o Homem cumpre o seu destino e participa, ao mesmo tempo, da obra universal... A moral da necessidade e do interesse pessoal que se alimenta nas mesmas fontes da actividade animal, é incapaz de satisfazer aquele que penetrou o sentido e o valor do trabalho humano. O Homem deve labutar na obra colectiva, que o ultrapassa e integra no desenvolvimento universal; e é numa entrega total de si mesmo e numa obrigação sem reserva que deve esgotar a força, a confiança e a alegria».

O grande matemático e físico Alberto Einstein, que renovou todas as ideias directrizes da ciência moderna, declarou:

«A mais bela e profunda emoção que podemos experimentar é a sensação mística. É a origem de toda a ciência verdadeira. Quem não conhece esta emoção, que já não tem possibilidade de se admirar e de sentir respeito por qualqur coisa, é como se estivesse morto. Saber que existe realmente o que para nós é impenetrável e se manifesta através da mais alta sabedoria, da mais radiante beleza, sabedoria e beleza que as nossos débeis faculdades só podem compreender na sua forma primitiva, este conhecimento, este sentimento, está no âmago da verdadeira religião».

Por outro lado, Lincoln Barnett, sábio autor do livro «Einstein e o Universo», depois de expor as concepções revolucionárias da física relativista, mostra como o conhecimento científico é limitado pelo facto de o espírito humano acabar por se descobrir a si mesmo no Universo que explora:

«Na evolução do pensamento científico — declara ele — um facto se tornou infinitamente claro: não há mistério de mundo físico que não conduza a mistério de nós próprios. Todas as grandes vias da inteligência, todos os resumos da teoria e das conjunturas conduzem finalmente a um abismo que a natureza humana não pode franquear. Porque o homem está preso ao seu ser pela sua finalidade e ligação à natureza. Quanto mais alarga os horizontes, mais reconhece que — no dizer do físico Niels Bohr — somos ao mesmo tempo espectadores e autores no grande drama da existência».

Entre os progressos da Física e da Biologia, as investigações parapsicológicas dão importante contributo a esta orientação espiritualista do pensamento contemporâneo, que se vai tirando do conhecimento científico em elevado ideal moral e social. Depois de William James afirmar que «vivemos à superfície de uma inteligência imensa», o Dr. Rhine crê que os fenómenos de clarividência e de premonição demonstram que o nosso ser psíquico escapa às limitações do tempo e do espaço, o que é já uma garantia de imortalidade.

Assim, as noções de finalidade evolutiva do Universo e dos seres para um alvo de desenvolvimento espiritual, a colaboração crescente do espírito humano na obra universal de incessante criação, o destino de imortalidade de todos os seres e a sua unidade numa Consciência Suprema, tudo isto exige um lugar cada vez mais importante nas ideias da humanidade culta.

Esta orientação deve comandar a do movimento espiritualista baseado nas investigações psíquicas: não deve deixar-se ultrapassar pelas ciências da matéria em audácia de pensamento e nobreza espiritual. A demonstração científica da sobrevivência humana teria relativamente pouco valor se não servisse de base a um esforço libertador do espírito, fora da estreita rotina mental ancestral. O movimento espiritualista não deve ficar abaixo da sua missão, que não é consolidar dogmas e formas cultuais dos séculos passados, mas auxiliar a humanidade a compreender o verdadeiro religioso que consiste no reconhecimento da manifestação divina em cada ser e nos mais humildes aspectos da natureza.

(I. D. S. traduziu)

O PREÇO DOS NOSSOS LIVROS

Chamamos a atenção dos leitores para os novos preços dos livros mencionados na capa desta revista.

Em virtude da sua alteração na origem, fomos obrigados, embora contra-vontade, a aumentá-los, porquanto, muitos deles estavam a ser vendidos abaixo do próprio custo.

Esperamos, porém, que os leitores não esmoreçam na aquisição de conhecimentos.

CORRIGENDA

No artigo «Um Enigma Desconcertante», publicado no número de Dezembro último, onde se lê (5.ª linha da 1.ª coluna) «Começa a trabalhar com botões», deve ler-se «Começa a trabalhar como moço de recados».

ENRICO FERMI E "A GRANDE SÍNTESE"

Vítima do câncer, faleceu, aos 53 anos, na sua pátria adoptiva — Estados Unidos — o pioneiro da era atómica, o maior físico nuclear do mundo, prémio Nobel de 1938, o idealizador e o realizador do reactor atómico, que desviou o curso da civilização e investiu a grande potência americana na direcção material e moral do mundo.

Há 20 anos (1934) Fermi desintegrou o átomo (àquele tempo não se percebeu todo o alcance da experiência), bombardeando-o com neutrónios; há 16 (1938), foi a Estocolmo com a sua família para receber o prémio Nobel e para não mais voltar à Itália, libertando-se do «homem providencial» e explicando-se em poucas e significativas palavras: «há um limite que alguém está disposto a tolerar»; há 15 anos (1939) fizeram-no professor de física da Universidade de Colúmbia, em Nova Iork; há 14 (1940), integrou a comissão de físicos que induziram o presidente Roosevelt à conquista das armas atómicas; há 13 (1941), construiu-se na Universidade de Colúmbia a estrutura de grafite e urânio para o bombardeio com os neutrónicos; há 12 (1942), nos laboratórios da Universidade de Chicago, produziu-se a primeira reacção atómica em cadeia.

Poucos dias antes do seu trespasse, já condenado pelo câncer, recebeu o último prémio de 25.000 dólares com que os americanos lhe recompensaram a superioridade atómica de que desfrutam presentemente.

Eis, resumidamente, os marcos principais da vida deste italiano, feito cidadão americano para se livrar do regime de força que conspurcou, durante mais de 20 anos, a gloriosa Itália.

Era, por conseguinte, um sábio, cuja sensibilidade sofria as influências do ambiente social e reagia contra elas em manifestações inequívocas, por meio de gestos e palavras corajosas que lhe poderiam acarretar o ódio dos ditadores.

Fermi era um cientista completo, da mesma estirpe de Newton, de Pasteur e de Einstein. A intuição divinatória do génio mergulhava profundamente nos segredos das leis divinas, porque as suas mãos eram puras, porque o componente moral, a que não se curvam sòmente as bestas apocalípticas, lhe abriu, de par em par, aquele cofre onde o Criador esconde os tesoiros da ciência aos indignos e aos maus.

Italiano de nascimento, professor universitário, marido de Laura e pai de Nella e Giulio, enquanto a Itália imortal, mãe prolífica de tantos filhos que são partimónio imperecível da humanidade, se inferiorizava na idolatria a Mussolini, incensado e aclamado até por príncipes da Igreja, Enrico Fermi, homem de intuição científica, amigo intransigente e praticante da liberdade e respeitoso da dignidade humana, «periculosamente», como se aconselhava então, desquitou-se das garras de um nacionalismo anacrónico, errado e doentio, para respirar o ar puro da democracia americana, de que se tornou enteado.

Enrico Fermi transplantou-se para os Estados Unidos; Pietro Ubaldi, há dois anos, agasalhou-se no Brasil. Mereceram os Estados Unidos, país detentor da riqueza e da força, interventor providencial e vitorioso nas contendas do velho mundo, a colaboração científica de um sábio italiano, que concorreu decisivamente para lhe pôr nas mãos robustas e cristãs, o ceptro com que a humanidade se livrará da escravidão gerada pelo fanatismo materialista. Mereceu o nosso Brasil, terra da pobreza e da humildade, herança de raças que amargaram a escravidão durante quatro séculos, gente sem preconceitos e sem orgulho, oásis da fraternidade e da tolerância, onde os problemas humanos e sociais que aos outros povos custaram sangue e morte — guerras, força, cadeira eléctrica, campos de concentração — se resolvem apenas pelo derramamento de algumas lágrimas e mandados de despejo aos ditadores (quando não se suicidam); onde o arbitramento foi sempre o recurso soberano com que a diplomacia de um Rio Branco desdou os conflitos internacionais e onde a voz «eloquent à miracle» de Rui Barbosa apostolou na Haia, aos grandes e poderosos, a sublimidade do princípio cristão — todas as nações soberanas são iguais entre si — mereceu o Brasil ser o domicílio da mediunidade prodigiosa de Ubaldi que, através de A

GRANDE SÍNTESE, acordou a inteligência universal e enterneceu todos os corações que acreditam na justiça substancial de Deus.

Confirmou-se a nossa predestinação histórica — pátria que, apesar das suas frustrações e do seu ufanismo, especializar-se-á na exemplificação da fraternidade que iluminará o mundo.

Dois italianos, o cientista da física nuclear que tinha em respeito o mundo do espírito e o aparelho preposto à captação de correntes metapsíquicas que nos instruem, cientificamente, a respeito da nossa razão de existir — evolução em todos os sentidos — trouxeram às duas Américas os princípios soberanos da espiritualidade e da moralidade e o poder da força atómica, único argumento, infelizmente, capaz de conter e convencer os energúmenos que teimam na brutalização e na escravização do homem e no desrespeito à sua dignidade de deuses.

Entre Fermi e Ubaldi, entre a ciência e a intuição nas suas manifestações mais puras, houve uma troca de correspondência da qual é bom tomem conhecimento os mestraços desé «a mais extraordinária, concreta e grandiosa mensagem mediúnica de ordem científica que se conhece em metapsíquica»; para o cientista Trespioli, professor italiano, é «uma obra rica de conceitos, profunda e que produz uma sensação de surpreza e verdadeiro assombro, de real valor científico»; para o filósofo e cientista belga, Prof. Schaerer, ela desenvolve «uma concepção monista e naturalista de estrutura estritamente científica e cujo valor é indiscutivelmente grandíssimo». O Prof. Stoppoloni, catedrático de Anatomia Descritiva, Histologia e Embriologia da Universidade de Camerino, encarece o valor da mediunidade no campo científico e classifica A GRANDE SÍNTESE como «verdadeiramente surpreendente, porquanto os conceitos emitidos são realmente científicos, de um profundo conhecedor da Química».

Enrico Fermi, ledor assíduo das obras de Ubaldi, observou-lhe que a sua intuição se antecipara à ciência do tempo, caminhando à frente da matemática de Einstein. Quando este, em 1950, emitiu a «teoria generalizada

Pelo Dr. SÉRGIO VALE

CORRESPONDENTE EM S. PAULO

denhosos da filosofia materialista. Ambos concordaram em que Goethe tinha razão, quando teorizou nas «Conversações com Eckermann»: «Nenhuma produção de ordem superior, nenhuma invenção jamais foi devida ao homem: sempre jorrou de uma fonte ultra-terrena. O homem, portanto, deveria considerá-la como um dom inesperado do Alto e aceitá-la com reconhecimento e veneração. Em tais circunstâncias, ele mais não é do que instrumento de uma potência superior, qual vaso julgado digno de receber um conteúdo divino».

Em A GRANDE SÍNTESE, uma Voz sobre-humana advoga de modo irreplicável a lei das leis, a Lei da Evolução. Dentro do seu monismo, o macrocosmo e o microcosmo, a matéria e o espírito, a ciência e a espiritualidade, os instintos e a intuição, tudo se harmoniza, tudo se completa, tudo se explica através de um pensamento unitário, que nos dá do Universo e de Deus a concepção mais racional de nossos dias.

Nas suas páginas, cada estudioso encontrará a solução dos problemas pelos quais se extenua: para o espiritista Bozzano, ela

da gravitação e teoria do campo unificado», favorável à concepção monística e unitária do cosmos, já contida, aliás, em A GRANDE SÍNTESE, Fermi escreveu ao seu patrício, advertindo-lhe que lhe cabia a prioridade do novo conceito.

Ubaldi, em 1932, já havia sido informado, mediùnicamente, de que a gravitação é a protoforma dinâmica de todas as radiações. Comentando os trabalhos anteriores de Einstein, sobre os desvios sofridos pelos raios luminosos estelares nas vizinhanças do sol (vide A GRANDE SÍNTESE, pág. 134), porque são atraídos por ele, acrescentou «Poder-se-ía dizer que a luz pesa, isto é, que a luz sofre o influxo dos impulsos atractivos e repulsivos de ordem gravífica; existe uma pressão das radiações luminosas. Direi mais: todas as radiacões exercem, em sua propagação, uma pressão de ordem gravífica; apresenta fenómenos de atracção e repulsão, em relação directa com as suas proximidades genéticas, na sucessão evolutiva e com a sua protoforma dinâmica, a gravitação».

Meditem os sectaristas da matéria, que

sòmente se apascentam da matéria e se demasiam derredor da matéria, as seguintes expressões de Fermi, a propósito da intuição de Ubaldi. Primeiro, ele se refere, aprobatòriamente, a Goethe; «Nenhuma produção de ordem superior, nenhuma invenção jamais foi devida ao homem, mas surgiu de *fonte ultraterrena*». Depois faz a seguinte restrição: «*Há uma disciplina superior, uma verdadeira* ars regia, *que completa a inspiração vinda do Alto, a percepção passiva, transformando o escolhido em instrumento de um poder superior*».

O instrumento precisa de contribuir, não sòmente com a moralidade, mas com o conhecimento das leis cósmicas e da estrutura do espírito humano. Quando este sintoniza com as leis cósmicas (como no caso de Ubaldi), torna-se capaz de exprimir verdades desconhecidas.

Finalmente, deste modo Fermi aquilata o merecimento de Ubaldi:

«Seu enorme poder intuitivo traçou um quadro de filosofia científica (em «A GRANDE SÍNTESE») e de antropologia ético-social, que deixa de longe as tentativas similares do último século — pela amplitude da trama e pela singular novidade do método de que se utilizou e da senda que seguia: a da intuição, como ele próprio o disse. Esta, de facto, não veio ao mundo com ele, pois há sido posta em acção, *AB IMMEMORABILI*, por artistas, sábios, videntes; nunca, porém, foi empregada assim, com uma técnica, ao mesmo tempo rigorosa, clara e consciente».

Como se depreende, a única divergência entre Goethe e Fermi, se ambos analisassem Pietro Ubaldi e as suas obras, seria a seguinte:

Goethe diria: «Eis um instrumento que deve aceitar com gratidão e veneração as verdades que a fonte ultra-terrena lhe revelou, para nossa felicidade». Fermi, acrescentaria: «Eis o médium apropriado, conhecedor das leis cósmicas e da estrutura do espírito humano que, pela sua elevada espiritualidade, nos revela verdades desconhecidas».

Que os nossos irmãos, ainda indiferentes à espiritualidade geradora da paz, da tolerância, da beleza moral e da fraternidade universal, oiçam a voz de Goethe, a voz de Ubaldi e a voz de Fermi, esta emudecida agora para os nossos ouvidos físicos, mas audível, eternamente viva para a nossa convicção na imortalidade do espírito humano.

PARAÍSO E INFERNO

por Alfredo Miguel

Na exposição, sumária, que vimos fazendo dos pontos cardeais da Doutrina Espirita, o assunto que emerge destas duas palavras, pela sua importância, não poderia ficar omisso. À luz do Espiritismo a ideia de céu e de inferno adquire um sentido novo e mais amplo, mui diferente do que ensinam os teólogos. E não podia ser de outro modo, pois não é possível conformar velhas ficções do passado com os nossos conhecimentos actuais. No estado de maturidade intelectual a que chegou a humanidade, a concepção de um paraíso destinado aos eleitos e de um lugar de tormento para os réprobos suscita reflexões que a tornam absolutamente insustentável. O que primeiro se tem a considerar é a insuficiência de uma única existência corporal para o homem se despojar dos sentimentos subalternos e realizar todo o bem que lhe assegure a paz inalterável da consciência, sem a qual, seja onde for, impossível lhe é reter a felicidade... A escalada ao céu custa milenários sacrifícios e ninguém chega até lá sem merecimento. Ser inteligente e perfectível como Deus o fez, o Espírito até purificar-se e poder galgar os planos superiores e venturosos do infinito terá de percorrer inúmeras trajectórias na carne, e em cada experiência terrena se irá curando das suas imperfeições, elevando-se para mais alto. O Criador concedeu-lhe o livre arbítrio para que ficasse consigo a responsabilidade e o mérito dos seus actos. É assim que, à semelhança da semente, que produz o fruto conforme a sua espécie, o bem e o mal que o homem semear no mundo germinarão e farão nascer dentro da sua consciência a tranquilidade ou o remorso — que serão o seu céu ou o seu inferno. Ele é o artífice do seu próprio destino, o autor pessoal e único da sua felicidade ou da sua desgraça. Duas alternativas se rasgam para o Espírito após o seu retorno do exílio da carne: punição temporária e proporcional à culpa e recompensa graduada segundo o mérito. É isto que o Espiritismo ensina, e mais: que «não há uma única imperfeição da alma que não importe funestas e inevitáveis consequências, como não há uma só qualidade boa que não seja fonte de um gozo». *Dependendo o sofrimento da imperfeição, como o gozo da perfeição, a alma traz consigo o próprio castigo ou o prémio onde quer que ela se encontre, sem necessidade de um lugar circunscrito — di-lo Kardec — para concluir que* o inferno está por toda a parte onde haja almas sofredoras, e o céu igualmente onde houver almas felizes.

Alergia e Obsessão

Pelo Espírito de Dias da Cruz

(Esta mensagem é a primeira recebida psicofònicamente pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Quem se consagra aos trabalhos de socorro há-de convir por certo em que a obsessão é um processo alérgico, interessando o equilíbrio da mente.

Sabemos que a palavra «alergia» foi criada, neste século, pelo médico vienense Von Pirquet, significando a reacção modificada nas ocorrências da hipersensibilidade humana.

Semelhante alteração pode ser provocada no campo orgânico pelos agentes mais diversos, quais sejam os alimentos, a poeira doméstica, o pólen das plantas, os parasitas da pele, do intestino e do ar, tanto quanto as bactérias que se multiplicam em núcleos infecciosos.

As drogas largamente usadas, quando em associação com factores proteicos, podem suscitar igualmente a constituição de alérgenos alarmantes.

Como vemos, os elementos dessa ordem são exógenos ou endógenos, isto é, procedem do meio externo ou interno, em nos reportando ao mundo complexo do organismo.

A medicina moderna, analisando a engrenagem do fenómeno, admite que a acção do anticorpo sobre o antígeno, na intimidade da célula, liberta uma substância semelhante à histamina, vulgarmente chamada substância «H», que, agindo sobre os vasos capilares, sobre as fibras e sobre o sangue, actua desastrosamente, ocasionando variados desequilíbrios, a expressarem-se, de modo particular, na dermatite atípica, na dermatite de contacto, na coriza espasmódica, na asma, no edema, na urticária, na enxaqueca e na alergia sérica, digestiva, nervosa e cardio-vascular.

Evitando, porém, qualquer preciosismo da técnica científica e relegando à medicina habitual o dever de assegurar os processos imunológicos da integridade física, recordemos que as radiações mentais, que podemos classificar por agentes «R», na maioria das vezes se apresentam, na base de formação da substância «H», desempenhando importante papel em quase todas as perturbações neuropsíquicas e usando o cérebro como órgão de choque.

Todos os nossos pensamentos definidos por vibrações, palavras ou actos arrojam de nós raios específicos.

Assim sendo, é indispensável curar de nossas próprias atitudes, na auto-defesa e no amparo aos semelhantes, porquanto a cólera e a irritação, a leviandade e a maledicência, a crueldade e a calúnia, a irreflexão e a brutalidade, a tristeza e o desânimo produzem elevada percentagem de agentes «R», de natureza destrutiva, em nós e em torno de nós, exógenos e endógenos, susceptíveis de fixar-nos, por tempo indeterminado, em deploráveis labirintos da desarmonia mental.

Em muitas ocasiões, a nossa conduta pode ser a nossa enfermidade, tanto quanto o nosso comportamento pode representar a nossa restauração e a nossa cura.

Para sanar a obsessão nos outros ou em nós mesmos, é preciso cogitar dos agentes «R» que estamos emitindo.

O pensamento é força que determina, estabelece, transforma, edifica, destrói e reconstrói.

Nele, ao influxo divino, reside a génese de toda a Criação.

Respeitemos, assim, a dieta do Evangelho, procurando erguer um santuário de princípios morais respeitáveis para as nossas manifestações de cada dia.

E, garantindo-nos contra a alergia e a obsessão de qualquer procedência, atendamos ao sábio conselho de Paulo, o grande convertido, quando adverte aos cristãos da Igreja de Filipos:

— «Tudo que é verdadeiro, tudo que é honesto, tudo que é nobre, tudo que é puro, tudo que é santo, seja, em cada hora da vida, a luz dos vossos pensamentos».

(Do «Reformador», do Rio de Janeiro)

Cada vez mais longe de Kardec

Por TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário, Argentina)

Quanto mais amamos o ideal espirita, quanto mais o estremecemos, mais zelosos devemos ser todos para defendê-lo em qualquer terreno. A nossa obrigação moral, científica e filosófica é sermos dele fiéis e consequentes defensores para que seus princípios vitais não sejam adulterados, menoscabados, tergiversados ou desnaturados. Os grandes e transcendentes ideais, como o Espiritismo, como as grandes personalidades da história, têm sempre detractores ou adversários desonestos e irresponsáveis.

Os espíritos missionários oferecem-nos através de Allan Kardec um campo vastíssimo e as normas precisas para cultivá-lo com esmero. Muito se tem feito já no decurso de meio século, mercê de uma plêiade de homens sinceros, consequentes, estudiosos e investigadores, que publicaram vasta série de obras valiosíssimas, ampliando consideràvelmente os conceitos vertidos pelas entidades superiores do Espaço, comentados e esclarecidos pelo referido codificador do ideal espirita, o qual declara que o Espiritismo terá de acompanhar os progressos, descobrimentos ou inovações, destinados a marcar novo ritmo à evolução geral. Por isso, nada poderá impedir-lhe a marcha. Em virtude de não ter sido devidamente impulsionado pelos espiritistas e para que essa evolução não se afaste da sua linha geral, outros serão os homens, com outra denominação, que empunharão o estandarte para seguir a marcha interrompida daqueles que, no século actual e em nossas fileiras, preferiram a comodidade de posições económicas desafogadas.

Essa comodidade ou indiferença, senão indolência, é que afasta do dinamismo idealista e, portanto, dos princípios kardecistas.

Um notável escritor brasileiro disse há tempos que os espiritistas do seu país liam muito pouco. Esta anomalia, diremos nós, é geral em quase todas as Américas. Se nos permitem uma comparação, é como se disséssemos que o grande edifício construído (o edifício espirita) carece de vida criadora, de alma, de espírito. O brilhante codificador do Espiritismo estabelece uma norma a seguir, que consiste na necessidade de formar primeiro elementos teóricos, a fim de que possam discriminar, analisar, cotejar e deduzir os consequentes resultados da experimentação mediúnica. Contudo, a maior parte das nossas instituições começaram a construir o tecto, isto é, a fenomenologia, com a agravante de dar passes aos assistentes, ignorando o efeito dos mesmos.

Não se lê, não se estuda, não se comenta Kardec nem os outros autores de igual envergadura, simplesmente porque «os espíritos-guias aconselham aos componentes dos Centros a ouvi-los e a fazer o que eles indicam. Isto é suficiente, dizem. E já que ninguém se atreve a pôr em dúvida o que emana desses «espíritos-guias», geralmente dominados por entidades extraterrenas reaccionárias, não é de estranhar que o nosso movimento espirita se encontre doente do ponto de vista científico, filosófico e orgânico, pois ainda há sectores em nossas fileiras que acham velhas as obras de Allan Kardec e, por isso, «fora da época». Os que assim afirmam, porém, não leram William Crookes, Gustav Geley, Lombroso, Aksakof, Myers e centenares de outros. Não é isto assombroso? Não autorizam semelhantes desvios a erguer a voz para gritar a plenos pulmões que as instituições espiritas, na sua maioria, se afastam cada vez mais das normas inconfundíveis de Kardec?

Os protestantes, dentro da sua esfera, são superiores a muitos espiritistas, porque conhecem a Bíblia a dedo. Se os nossos irmãos conhecerem Kardec da mesma forma, poderemos dizer, sem temor de equívoco, que o Espiritismo, no seu aspecto orgânico, moral e psíquico, será alguma coisa de mais transcendente, à altura rítmica assinalada por Kardec. Talvez então nos encontremos em face de um movimento de sólidos contornos, se a sua consequência for acompanhada pelo conhecimento e sentido da responsabilidade. Neste caso ter-se-ão evitado certos espectáculos tão contrários aos princípios básicos do ideal.

Em virtude de não haver elementos idóneos dando à nossa trajectória uma feição

didáctica, vemos desagregarem-se e dissolverem-se instituições, quando desaparece da cena terrestre o presidente da agremiação ou o director das sessões mediúnicas. Daí, a necessidade de os grupos ou federações municipais, provinciais ou nacionais criarem corpos de oradores e propagandistas, directores de sessões, grupos dramáticos, quadros de jornalistas, de médicos competentes, numa palavra, especialistas em cada ramo do Espiritismo.

Em regra, dedica-se mais atenção ao desenvolvimento do mediunismo, sem se ver que mediunismo não é Espiritismo. E este labor, até hoje e salvo raras excepções, tem dado frutos precários, notòriamente rudimentares. Poder-se-á dizer que Allan Kardec, Crookes, Geley, Lombroso e Gibier foram de alguma forma superarados em suas exigências? Repetem-se os lugares comuns sem transcendência.

Mas isto explica-se: temos nas Américas um Espiritismo de massas, esse Espiritismo iletrado que se confunde na prática com as religiões comuns, de ritos similares, costumes e preconceitos. Os que ingressaram nas fileiras espiritas não foram submetidos a um questionário, com respostas e exames periódicos. Admitiram-se nas sessões experimentais «para os convencer» e, deste modo, se engendraram fanáticos em vez de espiritistas ilustrados. Não poucos deles, depois de assistirem ao mesmo tempo a essas sessões experimentais, começaram a trabalhar por sua conta, fundaram «centros de estudos psíquicos», onde espiritos zombeteiros e ardilosos os manejam a seu talante, como nas pantomimas e espectaculosidades que militam muito pouco em favor do Espiritismo. Deste modo se tem prejudicado o ideal, denegrindo-o mais que os piores adversários.

Os dirigentes conhecedores de semelhantes anomalias pactuaram quase sempre conscientemente com elas. Não convinha tocar-lhes nem dizer nada, porque a «crítica é destrutiva» e era necessário «deixar que esses irmãos-espiritas, se o guia espiritual aconselha o médium a não ler, porque ele noutras existências zinhos trouxessem o que lhes apetecesse, pois só Deus é que pode julgar»». Estes pretextos infantis e grosseiros contribuiram para um institucionalismo espirita inorgânico e absolutamente negativo em seus lineamentos gerais. Para que estudar, se os guias espirituais pedem que os escutem só a eles? Para que ler, se ao pegar num livro vem logo o bocejo e o sono? Para que aprender noções variadas, se os guias espirituais resolvem todos os problemas? Para que aumentar os conhecimentos já leu demasiado e conhece o Espiritismo desde o A até ao Z?

Ainda há mais. Abstraiu-se do sentido analítico e do exame dos problemas mais sérios, sugeriu-se a necessidade de fugir da «ciência fria e do raciocínio lógico», dando lugar à fé cega, à obediência e ao servilismo incompatíveis com a estruturação científico-filosófica do Espiritismo. Devemos estranhar agora, ao notar que a quantidade esmagou a qualidade, afastando do nosso campo homens sérios, estudiosos, sinceros e nobremente inspirados, para não malbaratar o tempo em lutas internas, contraproducentes, mesquinhas, personalistas, saturadas de vaidade, de exibicionismo, de paixões doentias?

Este estado de coisas não deve ser tolerado por mais tempo. É, porém, o momento de se registar acentuada reacção entre os irmãos responsáveis, a fim de se caminhar novamente em terreno firme, voltando a Kardec, renovando incessantemente o nosso eu interior, procurando interpretar melhor o Mestre e os seus sucessores, os quais nos oferecem páginas magistrais que devem ser estudadas e comentadas. Procuremos transformar-nos e renovar a seiva de nossos organismos para os transformar em aulas de estudo, destinadas a marcar outros rumos às gerações novas e à humanidade de amanhã.

(Traduziu I. D. S.)

Este artigo de Tito L. Bancéscu é judicioso e oportunissimo; dir-se-ia ter sido escrito para o movimento espírita português, onde o estudo brilha pela ausência, apesar das exortações contínuas das entidades responsáveis. Qualquer analfabeto se julga com autoridade para dirigir um grupo «experimental», depois de assistir a duas ou três sessões em que falsos guias, mais ignorantes do que os espectadores da farsa, dispensam uns e outros de leituras necessárias.

O livro espírita vende-se pouco em Portugal, porque o comodismo alargou os âmbitos e o sono contagiou os possíveis leitores. Depois, muitos médiuns são abandonados a si próprios, quando não os sujeitam a tutelas mais indignas que a imbecilidade de seus mentores. E só mais tarde, quando os pseudo guias deixar cair a máscara, é que se escreve a história triste da ignorância e do fanatismo. A primeira quer aprender alguma coisa e o segundo destruir as peias que manietam o livre-arbítrio. Mas é tarde para mudar de rumo e o Espiritismo é incriminado pelo desnorteamento das pobres vítimas. Não seria melhor tomarem pílulas de estudo e umas cataplasmazinhas de bom senso?... Talvez fosse bom experimentar...

Será isto um fenómeno psíquico?

O ácido não conseguiu esbater os contornos...

Desde a morte de seu marido, ocorrida alguns meses antes, a Sr.ª Hunt, que vive em North Bucks, aldeia de Old Bradwell, dormia com uma amiga da vizinhança. Mas todos os dias ela voltava a casa para limpar e polir a mobília, dedicando sempre maior cuidado à mesa de nogueira octagonal, feita por seu pai havia 40 anos.

Esta tinha sido desmontada recentemente e o tampo encostado à parede de um quarto do andar de cima e reverentemente coberto com um pano.

Há cerca de duas semanas, segundo o hábito, a Sr.ª Hunt fechou à chave a porta de casa e foi passar a noite com a sua amiga. De manhã regressou a casa e pegou nas vassouras e escovas para se dedicar aos trabalhos domésticos. Quando estes a levaram ao quarto do andar superior, retirou a coberta e logo recuou de surpresa, pois, a fixá-la da superfície polida da mesa, estava uma jovem bela e de expressão comovente.

A Sr.ª Hunt correu à casa próxima e pediu a uma vizinha que viesse observar o assustador fenómeno. Tentou então apagar o rosto com o pano do pó, mas verificou que parecia uma imagem fotográfica indelèvelmente impressa sobre o tampo. A questão ficou assim dois dois dias, até que a Sr.ª Hunt voltou de novo ao quarto; e, ao retirar a coberta branca, viu que lá estava o rosto da mulher a olhar para ela. Agora, ao lado, tinham surgido as feições de um homem.

Numa entrevista com o *Chronicle and Echo*, de Northampton, a Sr.ª Hunt declarou que as fisionomias não se pareciam com ninguém que ela conhecesse.

«Embora os rostos tenham aparecido na mesa duma forma misteriosa, — escreve o reporter — são muito belos. O rosto da mulher, delineado a preto, com as pupilas brancas, tem reminiscências fotográficas de quando a arte estava na sua infância. O outro é também esboçado a preto e branco e ligeiramente ovalado. As feições são atrevidas. O ombro direito do homem está visível, parecendo usar uma camisola de lã».

Rosto de mulher esboçado a preto e branco, na face polida da mesa

ESCRITA DE ESPELHO

Noutros pontos da mesa há sinais de que outras imagens aparecerão em breve e a Sr.ª Hunt conserva a superfície voltada para a luz, na esperança de que isso auxilie a aparição.

As cores estão a desvanecer-se ligeiramente, mas os contornos mantêm-se plenamente visíveis. Sobre o vestuário do homem estão escritas algumas palavras a tinta azul clara. A Sr.ª Hunt diz que esta escrita não se encontrava lá, antes dos rostos aparecem.

As palavras são indecifráveis. De onde vêm e qual a mão que as escreveu constitui um problema difícil de resolver.

Dias depois, o Sr. Sr. T. Hardiman Scott, fundador da Sociedade Psíquica de Northampton e médium bem conhecido, foi convidado a examinar o fenómeno e descobriu que os caracteres existentes na roupa do homem eram de *escrita de espelho* e conseguiu, em parte, decifrá-los. Segundo ele, as letras pareciam formar um nome como Clary Cooper.

Ora, na casa ao lado da Sr.ª Hunt, vive a Sr.ª Clara Goodger, de 51 anos, o que faz, naturalmente, levantar, esta pergunta:

— Será o nome do retrato, realmente, o de Clara Goodger, erradamente escrito?

A confirmar esta opinião encontra-se a própria declaração da Sr.ª Goodger ao *Chronicle and Echo*, de que ela viveu na casa da Sr.ª Hunt, precisamente a seguir à 1.ª guerra mundial.

Durante aquele período nasceu-lhe um bébé, que morreu 8 horas depois, no próprio quarto onde agora se encontra o tampo da mesa.

Além disso, duas outras imagens estão a aparecer na mesa. Uma, de barbas, parece de um homem idoso; a outra, de um bébé.

A manter a teoria de Goodger, acresce o facto de Cooper não ser nome vulgar na aldeia de Old Bradwell, e registos funerários da igreja paroquial do século 12 demonstram que ninguém, com aquele apelido, ali fora sepultado havia mais de 100 anos.

O Rev. C. Devies, que tem sido cura em Old Bradwell há 25 anos, declara ignorar que tenha havido na aldeia alguém com aquele nome.

O Marechal Chefe da Aviação, Lord Dowding, falou numa reunião da *National Psychic Society* em Carnegie Hall, tendo sido o tampo da mesa levado

UM FILME ESPIRITA

O progresso do Espiritismo evidencia-se em todos os sectores da actividade humana. Há uma força imponderável que arrasta as almas, que as envolve e manieta, seja qual for o tempo e a circunstância. O homem nada pode contra ela. Às vezes reage, procura lutar, envida esforços para entravar a marcha do veículo, mas a roda dentada agarra-se à crosta e leva tudo de vencida. É o bólido invencível, o rastilho que serpenteia e penetra as consciências, afeiçoando-as e dominando-as.

Passada a época reactiva, vem a adaptação incongruente. O homem compreende a necessidade de se conformar, porque o facto pesa no raciocínio; mas a tradição ideológica também tem seu peso respeitável...

Finalmente, a luz espanca as trevas e a clareira alarga-se, exuberantemente, em torno do céptico que passou a adepto incondicional.

Isto vem a propósito de um filme espirita devido à grande médium francesa Marcelle Gendet que já nos deu bem elaborado artigo acerca de seus dons clarividentes e clariaudientes e que o último Congresso Internacional do Espiritismo, de Amesterdão, teve ensejo de apreciar. O filme foi realizado sobre pinturas espiritas executadas por Morac e baseadas nas indicações da senhora Gendet, que lhe descrevera com grande precisão algumas visões de épocas passadas relativas à sua própria existência.

A exibição é precedida de um relato a respeito da doutrina espirita.

Segundo informa Survie, de Paris, o citado filme foi premiado no Festival Internacional de Cannes e muitos jornais lhe fizeram óptimas referências. Na verdade, trata-se de autêntica novidade cultural que bem revela a possibilidade oferecida pelo cinema ao Espiritismo triunfante.

Depois do cinema de ficção e da propaganda pela rádio, esta faceta artística constitui um verdadeiro acontecimento que nos apraz noticiar, para que os leitores antevejam o futuro que espera o movimento espirita universal.

A senhora Gendet e o pintor Morac são dignos dos maiores louvores pela obra que realizaram. Que outros lhes sigam os passos em emulação cavalheiresca, para que a seara espirita floresça e se expanda até aos pontos mais ignorados dá terra e os detractores de fácil crítica recolham a penates com as armas embainhadas.

O cinema, a rádio e os raios infravermelhos, depois do livro e da conferência, são os melhores arautos de uma doutrina que se expande em todos os sectores da vida mental e espiritual. Vale a pena fazer um esforço para conhecer os trabalhos dos grandes investigadores.

Assim, ficaremos mais apetrechados para avaliar a grandeza do ideal que nos acalenta.

para o local e exposto à assistência. Eis o que ele disse sobre o assunto:

«É sem dúvida um fenómeno psíquico, que me é apresentado com toda a evidência». Depois disso, Hardiman Scott confessou a um *repórter* do «Chronicle and Echo» que, ao ver as imagens pela primeira vez, tentou removê-las com um ácido. Embora este fosse forte bastante ao ponto de queimar-lhe o lenço, não teve qualquer efeito sobre o que estava impresso na mesa.

Desde que a publicidade se levantou à volta deste mistério, muitos curiosos têm acorrido à pacata aldeia de Old Bradwell, ansiosos por observar as imagens.

Até à data, ninguém conseguiu identificar o rosto da mulher nem o do homem. Do Sr. E. Streeton, de Tebbutts Yard, Earls Barton, que é desenhador de publicidade, vem esta interessante consideração:

«Diz ele que, se uma gravura for pintada em madeira antiga, é extremamente difícil rasurá-la ou mesmo queimá-la. Pode ser disfarçada com nova pintura, mas, com o esfregar e o polir frequente através dos anos, voltará a aparecer».

Flashback (Visão retrospectiva?).

Foi há 4 anos, em Hollowell, que o «mistério do rosto no balde» encheu as colunas dos jornais. Foi o mesmo médium T. Hardiman Scott, que o investigou.

(Do «Psychic News», traduziu Maria Madalena).

DOIS CLARIVIDENTES EM LISBOA

Depois da agradável presença da Sr.ª D. Elodia de Benavides, a que nos referimos no número anterior, cabe-nos falar hoje da passagem pelo Centro Espiritualista Luz e Amor de Melvin Smith e Dorothy Tevelen, dois notáveis clarividentes e clauriaudientes, que António Cardoso conheceu quando da sua estadia em Amesterdão, no Congresso Internacional de Espiritismo.

Melvin Smith esteve na nossa sede na noite de 14 de Dezembro, onde, perante numerosa assistência, motrou de uma forma precisa e verdadeiramente admirável, as suas extraordinárias faculdades. A esses trabalhos presidiu Isidoro Duarte Santos, secretariado pelos Srs. António Martins, António Cardoso, Dr. Ramos Pereira e Luciano Silva, os últimos dos quais se encarregaram da tradução. O ilustre clarividente e clauriaudiente — actual membro da Federação Espirita Internacional — depois de dirigir algumas palavras fraternais a todos os presentes, iniciou as suas experiências. Sem a menor concentração, com um à-vontade surpreendente, Melvin Smith dirigiu-se a alguns dos presentes, descrevendo entidades ou aquilo que via e ouvia a respeito das pessoas em questão.

Voltando-se, por exemplo, para a sr.ª D. Argentina Costa, diz:

— Vejo junto da sr.ª uma pessoa muito fraca, que esteve em contacto consigo. Foi «morrendo» a pouco e pouco. Tinha cabelo muito bonito. Diz que uma decisão que a sr.ª realizou, estava certa, e isso só lhe pode trazer utilidade.

A sr.ª D. Argentina confirmava.

E o médium continua:

— Seu pai está junto de si. Tem uma voz profunda e tosse para aclarar a voz. Gostava de coisas rectas. Quando dava a sua palavra sobre qualquer assunto, já se sabia que falava verdade. Foi uma pessoa que nunca teve simpatias, por ser recto e honesto.

— É verdade.

— Junto da sr.ª está ainda uma irmã de seu pai, encontrando-se muito agarrada a si, para lhe mostrar o seu grande amor. A sr.ª esteve apreensiva e nervosa ao pôr hoje o seu chapéu, quando vinha para aqui.

— Mas foi isso que me sucedeu.

— Há qualquer coisa por causa de um anel que lhe pertencia.

— Exactamente. Tinha um anel que me foi roubado.

Em determinada altura, dirigindo-se ao Sr. Inácio Serrenho, disse-lhe, entre outras coisas:

— O sr. teve qualquer coisa esta noite que o perturbou com a gravata.

— Mas, exactamente... costumo pôr todos os dias a gravata, não voltando mais a pensar no assunto. Mas antes de vir para aqui, não sei porquê, a gravata parecia que não estava bem posta. Ainda agora, no *eléctrico,* estive constantemente a mexer na gravata, coisa que nunca costumo fazer.

Mais adiante disse:

— Vai-lhe acontecer uma coisa dentro de duas ou três semanas, que o obrigará a dizer: «Maravilhoso!»

Pois esta previsão saiu absolutamente certa: passadas 3 semanas, no dia 4 de Janeiro deste ano, recebeu o Sr. Serrenho, em sua casa, um bilhete postal, que andava extraviado, pois tinha sido remetido no dia 25 de Novembro, pedindo-lhe para comparecer em determinado local, que havia um esplêndido emprego para ele. Embora com este grande atraso foi-lhe dado um emprego que lhe permite viver muito mais desafogadamente.

Na noite de 19 de Dezembro tivemos uma sessão com a Sr.ª Dorothy Tevelen, presidente da *Central Spiritualist Church Brighton de Sussex* e sócia da *Spiritualist National Union* de Inglaterra.

Tal como sucedeu com Melvin Smith, a vidência e clauriaudiência desta confrade inglesa foi admirável, pela extraordinária precisão, e se fôssemos narrar para aqui toda a sessão, nem esta revista seria suficiente para isso. Vamos limitar-nos, portanto, a um ou outro caso.

A determinada altura, a sr.ª Dorothy Televen volta-se para o sr. Jorge Raimundo, e diz-lhe:

— Vejo junto de si uma entidade espiritual que teve qualquer relação com navios. Conheceu alguém, muito chegado ao Sr., ligado a barcos?

— Sim sr. Meu avô era pescador e proprietário de barcos.

Mais adiante:

— Houve alguma pessoa de sua família que esteve recentemente no hospital?

— Não me lembro.

— Um desastre de automóvel...

— Não me lembro de tal coisa.

E esta visão teria sido considerada negativa, se, há dias, o sr. Raimundo não nos dissesse que, afinal, Dorothy Tevelen tinha razão: dias antes, pessoa de sua família recolhera ao hospital, em virtude de um desastre de viação.

A notável clarividente e clauriaudiente inglesa voltou-se depois para a sr.ª D. Argentina Costa (a quem Melvin Smith já se havia referido, como relatámos atrás), dizendo-lhe, entre outras coisas, que ela possuia um medalhão com as fotografias de dois homens. Surpreendida, a sr.ª confirmou. Uma delas era de seu pai e a outra de Sidónio Pais.

Os factos passados com o sr. José de Oliveira Rebordão, que estava presente, foram igualmente interessantes. Entre outras coisas, Dorothy Tevelen falou-lhe de um *grande edifício branco* onde havia pessoas que vestiam batas brancas...

O visado encolheu os ombros, mas a clarividente insistia: «O sr. está ligado a esse edifício».

Passados alguns momentos, o sr. Rebordão lembrou-se de dizer que tinha um filho médico que havia concorrido a facultativo dos Hospitais Civis. Essa enorme casa recentemente inaugurada era a da visão da médium Dorothy.

Foi intérprete o Dr. Pedro Carreira de Sousa.

No final das duas sessões, Isidoro Duarte Santos, em nome do Centro Luz e Amor e da revista «Estudos Psíquicos», agradeceu aos dois confrades a sua valiosa colaboração, que a assistência tanto havia apreciado. Pedia-lhes também que transmitissem aos confrades americanos e ingleses um abraço fraternal dos espiritas portugueses.

Também António Cardoso usou da palavra, agradecendo em nome do *Grupo Experimental Ernesto Bozano* os belos momentos de prazer espiritual que nos haviam dado.

Numa palavra: foram duas noites admiráveis, que não poderemos tão cedo esquecer. E como estávamos perto do Natal, podemos dizer que foram as *broas* que o Centro Luz e Amor distribuiu a todos os espiritualistas de Lisboa e arredores.

E Psig-Jan'55

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A PREVISÃO DE LINCOLN

Psuchic Science, da Austrália, insere na sua edição internacional de Janeiro uma transcrição das memórias de Carl Schurz, revolucionário alemão que emigrou em 1852 para os Estados Unidos da América, onde se tornou famoso político e combateu como general republicano, tendo um monumento em Nova Iorque.

«No caminho para Washington — diz ele — tive uma experiência de grande interesse psicológico. Fui de Bethlehem a Filadélfia, a fim de tomar o comboio da noite para Washington, e em Filadélfia passei a noite com o meu amigo Dr. Tiedermann e sua esposa, os quais haviam perdido dois filhos na guerra.

«A senhora Tiedermann era uma pessoa inteligente e ficou muito pesarosa com a perda. Depois estabeleceu relações com um Grupo Espirita e ali conseguiu obter manifestações dos filhos que muito a impressionaram.

«À noite visitei-os ali, precisamente na altura da sessão. A filha, de 15 anos, era a médium de escrita e pareceu-me um tanto notável.

«Chamei o espírito de Abraão Lincoln e, passados alguns minutos, a médium escreveu que estava presente.

«Então perguntei:

«— Por que quer o Presidente Johnson ver-me em Washington?

«— Quer que faças uma viagem importante.

«— E devo fazê-la?

«— Deves.

«Eu não tinha ideia de fazer qualquer viagem. Supunha que o Presidente queria falar-me a respeito das minhas cartas, mas o motivo da convocação era, na verdade, uma viagem.

«A seguir, perguntei se o espírito de Lincoln tinha mais alguma coisa a dizer-me.

«— Tenho, sim. Serás senador dos Estados Unidos.

«Parecia-me tão arrojada a afirmação, que dei uma gargalhada.

«— Por que Estado? — perguntei.

«— Missouri — foi a resposta.

«O caso parecia-me inteiramente impossível. Eu vivia nesse tempo em Wisconsin e não tinha ideias de ir a Missouri. Tudo, porém, se realizou em Janeiro de 1868, quando me nomearam Senador pelo Estado de Missouri...».

A título de informação diremos que o Presidente Abraão Lincoln realizou muitas sessões na Casa Branca, durante a Guerra de Secessão, que extinguiu a escravatura, depois de lançar os Estados do Norte e Sul numa verdadeira luta fratricida. A conselho de seus guias espirituais, resolveu ir ao campo de batalha contra a opinião dos amigos que o rodeavam e conseguiu pôr termo ao conflito.

Ele próprio era médium e previu o seu trágico desenlace às mãos de um cobarde assassino.

EXPOSIÇÃO DE ILMA MAGGI

Há tempos falámos aqui da mediunidade estranha da senhora Ilma Maggi, cujos lavores em seda apresentam matizes verdadeiramente notáveis. Esta grande artista acaba de expor magníficos trabalhos no Salão Rose Marie, de Buenos Aires, com plena admiração de quantos tiveram o prazer de observar estas singulares «psikecromias», como ela denomina a combinação de cores de seus trabalhos.

Constância, da capital argentina, diz que as «psikecromias» são o fermento e a forma de ânsias e sensações, captações e traslados que se desenharam em sinfonias esplendentes de formas apenas esboçadas e de cores que insinuam definições que possuem ritmo, vida e sentido transcendente.

Em seguida refere-se a determinadas obras expostas, além das 26 anunciadas no catálogo e que constituem uma bela contribuição pictórica. E acrescenta:

«Entre outras, é de notar o efeito verde-negro com o simbólico relógio de areia do n.º 2 do catálogo: «Efífero, o Amor, o Tempo, a Vida... Eterna é sòmente a Alma», todo um poema de cor e de significação transcendente. O mesmo dizemos, quanto ao n.º 10: «Ele e Ela... e o Mal que os Quer Separar», em que o amarelo e o laranja e o tom divisional desempenham um papel eloquente; assim como em «Sublimação», «Amor Divino», e na «Prece», com o simbolismo da cruz no mundo brumoso; ou no «Concerto de Almas», em que o amarelo e as formas são verdadeiros achados; em «Plano de Harmonia» com o violeta e as formas esfumadas. A «Sinfonia Espiritual Superior» e o conteúdo de «Imagens Incorpóreas Espirituais» são elementos de juízo demonstrativas de um novo canal que veicula um estado subtil e eloquente através da forma esfumada e do conteúdo simbólico, susceptível de captar uma nova corrente de espírito e de cor.

«A obra de Ilma Maggi não é estilo: é forma de plasmar o que a autora percebe isoladamente. O que percebe e o que sente e, portanto, não se cinge a um estilo nem a escola ou tendência conhecidas. São os foros do espírito eterno que se tortura para alcançar a forma ou a cor que se defina num ajuste simbolista. Daí a sua profundidade psicológica, visto fixar estados de alma. E aqui está, em nossa opinião, o grande triunfo de Ilma Maggi com as suas «psikocromias».

PODERÁ UM CÃO SER OBSIDIADO?

O *Psychic News* publicou há tempos um comunicado de Norman Hunt referente a uma cadelita que se chamava «Susie» e que põe em causa o aliciante problema da sobrevivência da alma animal.

Diz o articulista:

«Um nosso amigo desencarnado, conhecido pelo nome de Alf, que era amador de cães e se interessava muito por «Susie», contou-nos que tinha conhecido, em espírito, um cão de caça chamado «Sally», que fora morto acidentalmente pelo próprio dono. E perguntava a si mesmo se a cadelita gostaria de encontrar o cão para brincar. Nós achámos a ideia interessante.

«Em determinada sessão, o médium de Alf veio a nossa casa. Ele e «Susie» eram bons amigos; mas, dessa vez, ela fixava-o com tristesa.

«A partir desse momento, a cadelita modificou-se inteiramente e fugia de nós ao ver as pessoas da vizinhança. Normalmente limpa, contraiu de súbito uns hábitos desagradáveis. O seu apetite moderado

transformou-se em autêntica voracidade. Dantes dócil, era agora selvagem e desobediente, aparentemente medrosa. Isto há coisa de uma semana.

«Entrámos em comunicação com Alf, demos-lhe conhecimento da nossa aflição e pedimos-lhe no sentido de que «Sally» não obsidiasse a nossa cadelita.

«Alf ignorava o sucedido, mas sugeriu-nos que ordenássemos mentalmente a «Sally» que se afastasse. E prometeu ajudar-nos.

«Passados alguns dias, «Susie» mudou claramente de atitude e voltava aos seus hábitos antigos.

«Seja qual for a explicação, o facto é inegável e muitas pessoas dele tiveram conhecimento».

Da fenomenografia espirita existente, deduz-se que a sobrevivência se estende aos animais, pois muitas entidades se fazem acompanhar de cães, gatos, cavalos e papagaios, não só para se identificarem fàcilmente, mas também como prova de afinidade entre uns e outros seres.

As experiências telepáticas realizadas com cães e cavalos-sábios demonstram a possibilidade do fenómeno narrado pelo articulista do *Psychic News,* pois se dois psiquismos do mesmo plano podem impressionar-se mutuamente, é natural que o mesmo se verifique nas circunstâncias apontadas. Neste caso houve influência entre dois seres da mesma espécie, o que é perfeitamente razoável.

UM FENÓMENO MUITO RARO

Segundo conta Georges Gonzalès em *Survie,* o clarividente Piet Van den Hoek, realizou uma sessão no Congresso Internacional do Espiritismo em Amesterdão e já há tempos se notabilizara após o roubo sensacional da *pedra da coroação* na Abadia de Westminster.

O fenómeno mais interessante produzido por este médium é prever com muita antecedência quem irá ocupar determinada cadeira numa reunião de centenas ou milhares de pessoas. Para atingir esse objectivo, procede assim: Muitos dias antes ou só algumas horas, em casa ou no compartimento onde se realizará a sessão (neste caso em frente das cadeiras vazias), concentra-se sobre os futuros ocupantes das cadeiras. Enuncia o que vê ou o que lhe transmitem e anota os seus dizeres, fechando-se o relato num sobrescrito que só se abre depois da sala cheia de pessoas e cada qual ter escolhido livremente os seus lugares, ignorante de semelhante experiência.

No dia 14 de Setembro, às 14.45, concentrou-se na sua casa de Roterdão (75 km afastada de Amesterdão) e tomou as seguintes notas:

«Na 7.ª fila, a 2.ª cadeira será ocupada por uma senhora um tanto grisalha, de meia estatura, mas bem constituída e de vestido escuro e casaco claro. Usará uma pequena mala de cor escura e sapatos do mesmo tom e meias claras. Sofrerá de reumatismo numa perna e de dores nos rins. Não é holandesa; é comunicativa, de aparência cuidada e muito agradável. Traz uma pulseira, é espírita, é casada ou já esteve casada e tem um ou dois filhos pequenos. Ouço o nome de Maria e vejo ao pé dela um espírito de cabelos grisalhos com pequena barba e colarinho de pontas caídas.

À noite, em Amesterdão, quando a sala se encheu, o clarividente começou a sessão às 21 horas. Após a chamada, levantou-se a pessoa sentada na 2.ª cadeira da 7.ª fila. Era uma senhora inglesa que o médium desconhecia e que confirmou a exactidão dos dados fornecidos. Tem uma criança: é a filha que se chama Maria.

É possível que os metapsiquistas engendrem hipóteses polisoistas ou polipsiquistas para explicar o fenómeno. Assim mesmo, gostaríamos de as ver enunciadas.

O ESPIRITISMO NA RADIODIFUSÃO

Para que os leitores façam uma ideia do incremento que o Espiritismo atingiu na radiodifusão brasileira, transcrevemos do *Reformador* a seguinte notícia, verdadeiramente promissora:

«Pequeno, pequeníssimo foi o número de pessoas que atenderam ao apelo que por várias vezes daqui dirigimos, a fim de que nos dessem notícias referentes aos programas espiritas transmitidos pelas Estações de Rádio de suas localidades. Vamos, pois, registar apenas esse pequenino número:

Agudos — Est. de S. Paulo. «Rádio de Agudos» — aos domingos, às 10 horas; *Amparo* — Est. de S. Paulo — «Rádio Difusora» — aos domingos, às 11.15: *Araraguara* — Est. de S. Paulo — «Rádio Cultura» — aos domingos, às 11.45; *Caçapava* — Est. de S. Paulo — «Rádio Cacique» — aos domingos, às 9.30; *Cambé* — Est. do Paraná — «Rádio Clube» — aos domingos, às 12.15; *Campos do Jordão* — Est. de S. Paulo — «Rádio Emissora» — aos domingos, às 9.30; *Caruaru* — Pernambuco — «Rádio Difusora» — às segundas-feiras, às 19.15; *Colatina* — Est. de Espírito Santo — às quintas-feiras, às 20.30; *Franca* — Est. de S. Paulo — «Rádio Clube Hertz» — aos domingos, às 9.30; *Jaguarão* — Rio Grande do Sul — «Rádio Cultura» — aos domingos, às 10.30; *Maceió* — Est. de Alagoas — «Rádio Difusora» — às terças-feiras, às 18.15; *Natal* — Rio Grande do Norte — «Rádio Poti» — aos domingos, às 19; *Pinhal* — Est. de S. Paulo — «Rádio Clube» — aos domingos, às 12; *Ponta Grossa* — Paraná — às terças e sextas-feiras, às 18.30; *Presidente Prudente* — Est. de S. Paulo — «Emissoras de Prudente» — aos domingos, às 10.30; *Rio de Janeiro* — Distrito Federal — «Rádio Tamoio-Tupi» — aos domingos, às 8; *Rio de Janeiro* — Distrito Federal — «Rádio Mundial» — aos domingos, às 19.30; *Rio de Janeiro* — Distrito Federal — «Rádio Mauá» — às quintas-feiras, às 20; *Rio Grande* — Rio Grande do Sul — «Rádio Minuano» — aos domingos, às 13; *Rio Grande* — Rio Grande do Sul — «Rádio Cultura» — aos domingos, às 9.30; *Santa Maria* — Rio Grande do Sul — «Rádio Imembuí» — às quintas-feiras, às 20.45; *Santo Ângelo* — Rio Grande do Sul — «Rádio Santo Ângelo» — aos domingos, às 9.30; *S. Paulo* — Est. de S. Paulo — «Rádio Progresso» — diàriamente, às 19.30; *Tupaciguara* — Minas Gerais — «Rádio Tupaciguara — às terças e sextas-feiras, às 17; *Ubá* — Minas Gerais — «Rádio Educadora» — aos domingos, às 8.

São, portanto, 27 estações radiodifusoras que no Brasil difundem a doutrina espirita, sendo que uma delas — a «Rádio Progresso», de S. Paulo — o faz diàriamente, com rara galhardia.

Novos programas estão em projecto e não tardará que a rede se estenda a outros pontos que aguardam ansiosamente a satisfação de um desejo há muito expresso.

E agora uma perguntazinha inocente:

— Será que o Espiritismo é obra do Diabo? Em caso afirmativo, perguntamos outra vez: Será que o diabo tem semelhante popularidade no «Coração do Mundo»? E por que se tornou assim conhecida essa figura mitológica? Através da caridade e do amor e do altruísmo e da abnegação e do sacrifício e da renúncia e da elevação moral que ali tem feito de seus acólitos verdadeiros arautos do Evangelho. Com tão bela companhia, até dá vontade de ir para o inferno.

Notas & Comentários

SESSÃO MEDIÚNICA NUM AVIÃO

O Psychic Science, da Austrália, conta que a médium inglesa Rosa Parvin viajava de avião para Cap Town (Cidade do Cabo), na África do Sul, e mesmo em pleno voo deu uma sessão mediúnica. Na aeronave seguia também um passageiro a quem ela fizera revelações acerca de sua noiva falecida que provou a sobrevivência.

Em 1954, a sr.ª Parvin deu mais de mil sessões e pintou ou desenhou perto de 600 retratos de espíritos, além de realizar inúmeras sessões de clarividência nas maiores cidades da União Africana.

O espírito sopra aonde quer, como dizia Paulo, apóstolo, e por isso não admira que o avião servisse admiràvelmente ao efeito.

Os acampamentos espiritas norte-americanos realizam sessões de clarividência e clariaudiência ao luar, com milhares de assistentes das mais variadas condições. E através desses trabalhos interessantíssimos muitos incrédulos se têm convertido à doutrina.

A bordo de navios de guerra ingleses também há reuniões do mesmo género, como temos dito. A voz dos espíritos é semelhante às ondas electromagnéticas, que se podem captar nas profundidades do oceano ou na atmosfera da terra. Só assim se justifica a assertiva de Paulo. Efectivamente, em qualquer parte da crosta planetária os médiuns dão testemunho do mundo espiritual.

OS CATÓLICOS E O ESPIRITISMO

Mão anónima enviou-nos o Apóstolo da Juventude, jornal católico de Braga que insere a seguinte local, intitulada «Pessoa que se diz católica pode praticar Espiritismo?» O articulista responde:

«Não, mil vezes não. Um católico não pode ser também espirita.

«Porque não se pode acender uma uma vela a Deus e outra ao diabo.

«Há pessoas que querem ser juntamente católicas e espiritas, mas isto é impossível.

«Se são católicas, rezem o Credo, no qual se diz: «Creio na Santa Igreja Católica».

«Ora, esta Igreja condena o Espiritismo, e declara que é pecado grave tomar parte em suas reuniões.

«Acabem portanto com essa triste ilusão. Voltem definitivamente para o Catolicismo, ou para o Espiritismo, mas convençam-se de que se forem católicos práticos, estarão com Deus, e se forem espiritas estarão com o diabo, e irão com ele para o inferno.

«Dizer-se que há padres que dão licença para tal é mentira e infame calúnia».

Esta maneira de se dirigir ao público e a imposição feita aos que, além da sua doutrina, tenham interesse de conhecer outras que, porventura, lhes ofereçam maiores horizontes espirituais, é rebarbativa e displiscente e não está de acordo com os principios cristãos que o jornal parece defender. O homem sensato deve ser eclético, deve procurar o que de melhor houver em qualquer doutrina para firmar a sua posição espiritual.

Devemos convencer-nos de que estamos na era atómica e temos de pensar com o cérebro, usando do livre-arbítrio em toda a plenitude. Se nós, espiritistas, nos sentimos bem numa igreja, porque não há-de suceder o mesmo aos católicos, quando estão em nossos Centros? Não homenageamos a figura do Cristo? Não estudamos e propagamos o seu Evangelho? Não dizemos que, para se ser espiritista, é preciso crer em Deus?... Então, porque hão-de os católicos praticantes estar com Deus e nós com o diabo, mesmo fora do inferno? Quais são os nossos delitos? Vestir os nus? Curar os enfermos abandonados pela Medicina? Asilar os velhos? Instruir os ignorantes? Promover a ordem e aconselhar obediência aos poderes constituídos? Por que havemos de ir então para o inferno com o diabo, quando este recolher a penates?...

Segundo o articulista, o diabo não está no inferno. Se lá estivesse, não iríamos com ele para lá...

Sim, o diabo existe prolifera e campeia em muitos sectores da sociedade. Aqui é que é o inferno, cheio de «diabinhos coxos» que tornam a vida insuportável. Ninguém, por mais virtuoso que seja e mais honesto, lhe consegue barrar a passagem... O articulista que experimente.

O PICANÇO RECONHECIDO

O Diário de Notícias publicou há tempos uma correspondência muito curiosa de Carregueiro, Baixo Alentejo, que não resistimos à tentação de transcrever, tão significativo é o seu conteúdo.

«O quinteiro da Chamiça Nova, sr. Manuel Pedro, — diz o articulista — ouviu que, das bandas do tanque da quinta vinha o piar angustioso de um passarito a pedir socorro. Aproximou-se e viu um picanço a remover-se na água e a bater as asas próximo da morte. O sr. Manuel Pedro deitou-lhe as mãos e salvou-o. A avezita, atordoada, espanejou-se alguns momentos ao sol quente, pipilou uns trilos de alegria e... foi á sua vida. O sr. Manuel Pedro esqueceu o caso. Mas o pássaro é que não. Passado algum tempo, estando o quinteiro a cavar o meloal, sentiu qualquer poisa poisar-lhe no ombro. Era o picanço a saltitar-lhe em volta, pousando-lhe ora num braço, ora noutro e na cabeça e procurando-lhe a mãos, como se quisesse beijá-las. E não mais deixou o seu salvador. Todos os dias ali anda perto. De vez em quando engole, nas mãos do benfeitor, um gafanhotozinho ou debica uns bagos de cereal. Entra em casa como se pertencesse à família, percorre os aposentos, saúda quem encontra no caminho, voa e depois volta. Mais curioso é que os companheiros e familiares do picanço não vêem com bons olhos estas manifestações de amizade e gratidão que, para eles, constitui um perigo, e procuram afastá-lo à bicada. Levam-no para longe à força. De nada serve, porém, a intransigência dos da sua espécie, porque o passarito, mal se liberta da perseguição, corre para a casa do quinteiro que o salvou da morte».

Que representa isto, senão a existência do princípio pensante nos animais? A atitude do picanço demonstra cérebro que pensa e coração que sente. Assim alguns bípedes implumes tivessem os dois órgãos afinados e haveria mais felicidade no mundo!

Noticiário

A NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o nosso companheiro António Cardoso realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor uma conferência, intitulada: «Do Polisoismo ao Polipsiquismo».

O tema era árduo e pouco conhecido entre a maioria daqueles que se dedicam a assuntos espiritas. E por isso o conferencista realizou esforço notável para interpretar a hipótese de Mackenzie, segundo a qual a alma humana não é um ser indivisível, mas um agregado que pode harmonizar-se com determinadas caracteristicas. Falou da relação psíquica entre médium e assistentes e entre médium e ausentes, encarando a possibilidade de, nalguns casos, haver acção telepática e não acção espirita.

Terminou, dizendo que Mackenzie não era materialista, como já tem ouvido afirmar. Se assim fosse, também a hipótese telepática o seria.

O Presidente da Direcção congratulou-se com o trabalho de António Cardoso e disse que o Espiritismo não temia, antes desejava, as hipóteses ou teorias apresentadas pelos metapsiquistas e pelos materialistas, desde que fossem criteriosas e não visassem a destruição pura e simples do edifício espirita. Uma doutrina que atravessara um século resistindo heroicamente a ataques, motejos e sofismas oriundos do materialismo e de algumas confissões religiosas e que fornecera à chamada Metapsíquica o material de estudo para as suas investigações, não devia nem temia.

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Destinados à subscrição do Natal recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

A. F., do Porto, 50$00; Capitão Lourenço Alves Ribeiro, de Lisboa, 50$00; Agostinho João Gomes, de Benfica do Ribatejo, 40$00; Augusto Castanheira, de Póvoa de Midões, 10$00; D. M. Madalena Alves da Silva, de Almada, 20$00; Dr. Ernesto Silva, do Porto, 50$00; Hugo José Cardoso, de Lisboa, 5$00; Capitão José M. Toscano, de Lisboa, 20$00; Alberto Pina Gil, da África Equatorial Francesa, 40$00; Manuel Gama Júnior, de Lisboa, 5$00; António Bauman, de Lisboa, 5$00; António Costa Lopes, de Lisboa, 10$00.

O confrade José Belo de Matos Romãozinho, de Caldas da Rainha, ofereceu várias peças de vestuário.

A distribuição fez-se no dia 23 de Dezembro e em 4 de Janeiro.

A todos quantos contribuiram para este empreendimento apresentamos os nossos agradecimentos.

AVISO AOS SÓCIOS

Em virtude de ter adoecido o nosso cobrador, pedimos aos sócios que paguem as quotas no Centro ou que as enviem pelo correio em selos postais.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM FEVEREIRO DE 1955

Dia 1, terça-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Espiritualistas, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 3, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8, terça-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 9, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Espiritualistas, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 10, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 11, sexta-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 15, terça-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 16, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Espiritualistas, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 17, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «Código Penal do Além».

Dia 22, terça-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 23, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Espiritualistas, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 24, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 25, sexta-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano, dirigido por António Cardoso.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 1 de Março, terça-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2 de Março, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Espiritualistas, dirigido por António Pereira da Silva.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Janeiro — I. S., de Lisboa, 20$00; António C. Lopes, de Tomar, 10$00; D. Maria Bacelar, de Lisboa, 50$00; João M. dos Reis, de Lourenço Marques, 50$00; João Pinto Muge, da Beira, Moçambique, 100$00; Joaquim Sismeiro, de Leiria, 20$00; António Pereira de Almeida, de Lisboa, 35$00; Diversos, 160$00; Brindes de livros espiritas, 40$00. *Total* — 485$00.

Diversos para o Grupo de Protecção às Crianças em Dezembro de 1954	1.351$80
Entregue ao mesmo	1.851$80

Est. Psiq. - jan.º 55

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	

OBRAS DIVERSAS

A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	**50$00**	**64$00**
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	**25$00**	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	**20$00**	**28$00**
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	**20$00**	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	**22$00**	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	**60$00**	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	**25$00**	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	**23$00**	
Vida de Jesus, por *António Lima*	**30$00**	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

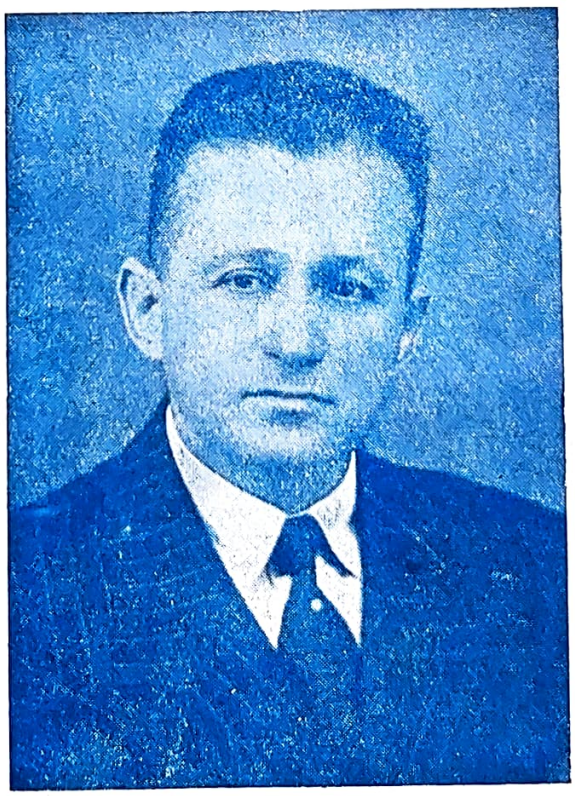
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



DEOLINDO DE AMORIM

(Ver pág. 35)

CONTÉM: Atlântico, da **Redacção**; A Psicologia e as suas Relações com a Filosofia, por **Deolindo Amorim**; Vida em Sociedade, por **Alfredo Miguel**; Como nos Atacam, por **Salvador Gatto**; As Revelações de «André Luiz», pelo **Major Wilson Bandeira de Melo**; Silvino Augusto Correia da Cunha; As Profecias dos Últimos Tempos, por **Leopoldo Machado**; O Mentor (Transcrição do 7.º Capítulo do novo livro de *Lia*); Fédon ou a Imortalidade da Alma, pelo **Dr. Amadeu Santos**; Ecletismo, Compilação de **Luciano Silva**; Que Importa?, por **Cyrilo Alleixo**; Os Tempos São Chegados, pelo médium **Hercílio Maes**; Mensagem da Nova Era (Recebida por **Pietro Ubaldi**); Três Quadros, de **Humberto Mariotti**; Maternidade «Casa da Mãe Pobre»; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

16.º ANO FEVEREIRO DE 1955 N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $120,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espiritos	35$00	47$00
O Livro dos Médiuns	35$00	47$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	35$00	47$00
O Céu e o Inferno	38$00	50$00
A Génese (nova edição)	38$00	50$00
Obras Póstumas	35$00	47$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1955 — N.º 2

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ATLÂNTICO

O mar foi sempre grande sonho de portugueses. Sobre as rochas de Sagres ergueu-se um ninho de águias, quando a nebulosidade geográfica era enigma de cartógrafos. Ali se criou um centro, cujas antenas giratórias perscrutavam horizontes desconhecidos, aliciando os homens na aventura que bem podia chamar-se o Sentido do Atlântico. O sonho plasmou-se em miragens que o génio materializou para a ciência de navegar e o liliputiano enfrentou o Gulíver no desejo de o desentranhar em obras. E as pérolas longínquas começaram a ligar-se a um país minúsculo do ocidente europeu, a conhecer uma civilização humana e compreensiva, o tal sentido do Atlântico que jazia na aspiração dos cruzados de antano.

Entre tantos caminhos afadigosos, um nos levou às terras de Santa Cruz. E logo se estabeleceram laços de simpatia entre romeiros cristãos e indígenas de olhar álgido, um tanto desconfiado. Nessa hora selava-se um pacto imorredoiro entre braço e cérebro, que iriam trabalhar unidos na defesa do património comum. E os anos se escoaram em progresso incessante ... E os índios de Cabral se transformaram em forjadores de metrópoles que infundem respeito ao mundo ... O sentido do Atlântico está nessa marcha audaciosa iniciada há quatro séculos e no abraço fraterno que se apoia nas duas margens distantes. É o magnetismo espiritual a influenciar, aproximando duas pátrias que integram a comunidade luso-brasileira.

Na véspera da nossa viagem ao Brasil há qualquer coisa em nós que se desdobra, que se amplifica como sentimento afectivo, liame inquebrantável que resiste à fúria do tempo e vence a distância em impulso promissor de alegrias.

O Brasil-espirita é campo diferente do Brasil-político ou económico, mas pertence ao mesmo sentido, radica na mesma seiva milenária impregnada de saudosismo e misticismo. O Atlântico exerce nele acção magnífica. A imensidade aquosa desperta nas almas sentimentos acolhedores, desejos de abraçar o próximo, de o fortalecer, de o encorajar. A visão campesina é horizontal; a visão oceânica é profundidade que transcende os limites do real. Tem metafísico, tem vibração atractiva.

O Atlântico desdobrou a raça. Um braço manteve-se fiel à tradição, tronco perene a vitalizar e a tonalizar os ramos, a distender as vergônteas para o sol opulento e criador. O outro adaptou-se no lado oposto, desbravou e fertilizou, e povoou ao influxo da raiz comum. São dois polos do mesmo dínamo, um todo distanciado pela geografia, mas unificado por língua e sentimento. Assim, o Atlântico é o traço-de-união a desafiar os séculos futuros.

Todavia, a comunidade espiritual é maior que a origem rácica. Transcende os interesses comerciais, as comodidades físicas, cristaliza-se em vibrações de frequência progressiva, aproxima as almas, zomba das latitudes. A essa comunidade é que nos dirigimos num abraço fraterno. Ela tem subtileza que só os poetas entendem. O perfume que exala, o fulgor que irradia, o magnetismo que desprende é selo de unificação eterna. O Tejo e Guanabara são extremos que se tocam, porque a ligação atlântica os irmana num anseio tonificante e amoroso.

Cada vez nos sentimos mais próximos desse braço imenso e vigoroso. À medida que se aproxima a hora da partida, a distância se comprime em passo de mágica e o tempo fisiológico se escoa célere na ampulheta. Visitar amigos que são lutadores do mesmo reduto, é estreitá-los duplamente, é sentir o físico e o psíquico, o braço e o cérebro, a flor e o aroma em volutas harmoniosas.

O Atlântico está no meio a latejar de satisfeito, oferecendo rotas ao mareante. Aceitemo-las e saibamos aproveitá-las em benefício do ideal espirita.

A Psicologia e suas relações com a Filosofia

Por DEOLINDO AMORIM
(Correspondente no Rio de Janeiro)

Tese enviada ao 1.º Congresso e Jornada latino-americana de Psicologia, realizado em Curitiba, Paraná, de 1 a 9 de Dezembro de 1953, sob os auspícios da Universidade daquele Estado. Como se tratava de um Congresso de Psicologia, o presente trabalho cingiu-se exclusivamente a esta disciplina, de acordo com o temário do Congresso.

I —

Por mais que se procure restringir a Psicologia ao campo exclusivo da experimentação, dentro dos limites determinados pela divisão das ciências, não é possível excluir dos estudos psicológicos certas cogitações de ordem transcendental, principalmente porque a alma humana já é por si um motivo de generalizações filosóficas, seja qual for o ângulo dentro do qual se coloque o problema do *Ser*. Ainda que nos abstenhamos de qualquer discussão metafísica, mesmo porque a Ciência se preocupa com os factos e não com os conceitos transcendentais, não se pode evitar a incidência de alguns problemas psicológicos, pelo menos os mais gerais, no campo da Filosofia.

Em toda a ciência, por mais objectivos que sejam os seus fenómenos, há sempre o que perquirir, o que indagar fora do círculo da verificação imediata. Não há domínio de conhecimento em que não ocorra a necessidade da indagação acerca do *Porquê*, a solicitação natural de uma resposta lógica a respeito das *Causas* gerais. Apesar de toda a sua objectividade, de todo o rigor de experimentação, a ciência recorre sempre a generalidades que, forçosamente, ultrapassam o campo da fenomenologia experimental para coincidir com certas hipóteses metafísicas. Até mesmo no terreno mais evidente, mais concreto, a Ciência admite, ainda que *a posteriori*, determinados conceitos teóricos ou alguns postulados prèviamente aceitos pelo consenso geral. Já se vê que a Ciência tem o seu lado metafísico, embora não tomemos o termo *metafísico* na velha acepção de sobrenatural ou misterioso, mas no sentido exacto de alguma coisa imponderável, acima de experiência material.

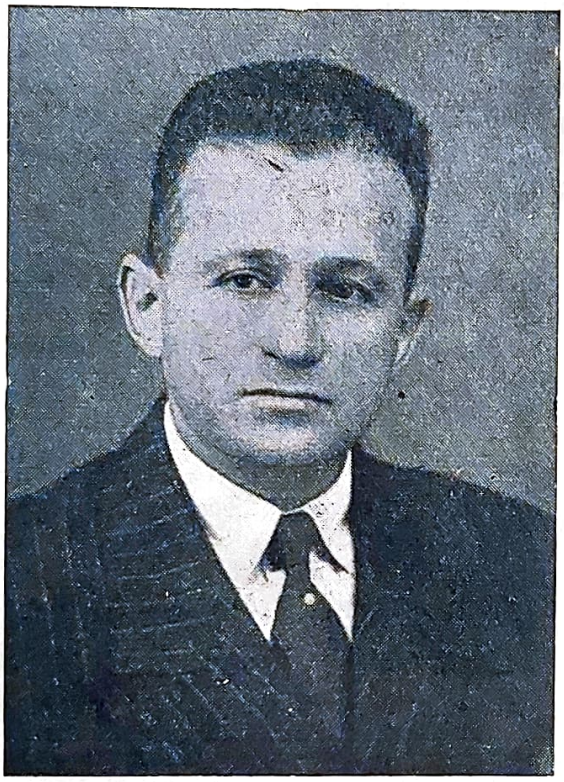
Dentro destas generalizações, a Psicologia não poderia fazer excepção, tanto mais quanto os fenómenos que lhe servem de objecto são precisamente os que mais comportam elasticidade e divergência de intervenção. Sem deixar de ser científica, sem perder a sua feição positiva no campo experimental, a Psicologia não pode deixar de ter contactos com a Filosofia. É claro que a Psicologia e a Filosofia formam duas ordens de conhecimento, instituem valores diferentes, têm os seus aspectos distintivos, mas não se contradizem, não se repelem nem se apresentam como planos indiferentes na escala geral do saber humano, mesmo porque não há campo de conhecimento inteiramente destituído de relação directa ou indirecta com outros campos de pesquisa ou de indagação. É indispensável reconhecer, porém, que os problemas da Psicologia são de tal modo complexos, que nem sempre é possível discutir ou examinar esses problemas — ainda quando situados no plano rigorosamente objectivo ou prático — sem fazer deduções ou tirar conclusões que pertencem mais ao domínio da Filosofia do que propriamente ao da Psicologia. Desta observação decorre naturalmente a seguinte PREMISSA:

> *Embora se distingam pelos caracteres, pelos métodos e pelos valores que lhes são inerentes, A PSICOLOGIA E A FILOSOFIA TÊM VÍNCULOS DE RECIPROCIDADE, já porque a Filosofia, como generalidade, se projecta sobre todas as províncias do conhecimento humano, já porque a Psicologia é uma ciência que, tanto pela sua definição como pelo seu contúdo, suscita as mais amplas questões filosóficas.*

Estabelecida a premissa básica, passemos à discussão do assunto.

II —

De que tipo de fenómenos se ocupa a Psicologia? A resposta depende da posição filosófica em que se encontre a discussão. Já se vê, por aí, que a Psicologia toca, inevitàvelmente, na seara da Filosofia, porque a discussão psicológica logo se converte em discussão filosófica, desde que se procure conceituar o objecto da Psicologia. Depara-se-nos, portanto, já no início da discussão, um problema filosófico provocado pela Psicologia: que é Psicologia? *Ciência da alma*, segundo a definição clássica. Mas o conceito de alma não é pacífico. Quais são, neste caso, os fenómenos atinentes ao campo da Psicologia? Naturalmente os fenómenos psíquicos. Como, porém, definir a natureza desses fenómenos, que são fenómenos da alma humana, sem firmar o conceito de alma, sem tornar clara a noção de psiquismo humano?



DEOLINDO AMORIM

Para os que, no campo da Psicologia, constituem uma categoria especial, independente do mecanismo fisiológico; para os que, porém, se filiam a uma posição filosófica de base materialista, os fenómenos anímicos não passam de simples desdobramento da fenomenologia comum, toda ela condicionada às funções do organismo. Da conceituação da alma depende, portanto, a interpretação dos fenómenos psíquicos, que constituem o campo da Psicologia. Não há dúvida de que a Psicologia abrange uma fenomenologia especial diferente dos fenómenos fisiológicos, mas justamente neste ponto é que se abre uma questão essencialmente filosófica: qual a natureza dos fenómenos psíquicos? São de natureza material ou espiritual? A Psicologia em si é um terreno neutro, porque não lhe cabe discutir as causas metafísicas dos fenómenos, mas o seu mecanismo, os seus elementos positivos. Entretanto esses mesmos fenómenos podem ser interpretados à luz de critérios diversos e antagónicos, de acordo com a concepção filosófica de quem tome parte na discussão.

Se, por exemplo, consideramos a alma uma entidade individualizada, independente e consciente, isto é, a *alma* na acepção espiritualista de «princípio espiritual», logicamente podemos responder que os fenómenos psíquicos são de natureza espiritual; quando, porém, se considera a alma simples função do cérebro, como elemento explicável pela fisiologia nervosa, evidentemente não se lhe pode atribuir natureza espiritual, acima da configuração geral dos outros fenómenos. Já se vê que o psiquismo humano dá margem a cogitações filosóficas indispensáveis na discussão de certos problemas psicológicos, do que se deduz naturalmente o seguinte: o problema da natureza dos fenómenos que constituem o campo da psicologia — natureza material ou natureza espiritual — corresponde a duas tendências filosóficas bem características. À luz do ponto de vista materialista, os fenómenos psíquicos nada têm de espiritual, ao passo que, segundo o ponto de vista espiritualista, é através desses fenómenos que se revela inicialmente a espiritualidade e a racionalidade do homem. É inevitável, por conseguinte, a repercussão dos problemas psicológicos no campo da Filosofia, porque todos esses problemas estão circunscritos a um tema geral, embora interpretado de maneiras diferentes, segundo a tendência de cada doutrina: *a alma humana*. A Psicologia não pode, portanto, ficar em posição absolutamente equidistante da discussão filosófica, a não ser que tivesse por objecto um tipo de fenómenos tão neutros como os de qualquer outra ciência, fosse a Física, fosse a Química ou a Astronomia.

Não cabe, porém, à Psicologia, dentro do critério científico a que se subordinam as suas investigações e conclusões, discutir o problema do que *deve ser* ou quaisquer outros problemas de natureza doutrinária, porque

a única posição que lhe é adequada é a de examinar o *que* é e *como* se dá o fenómeno. Como, porém, os fenómenos psicológicos não são da mesma natureza dos fenómenos naturais, estudados por outras Ciências, é lógico inferir que, depois da observação dos factos, hão-de-se formar doutrinas e até mesmo sistemas filosóficos para a interpretação e aplicação dos factos a determinadas circunstâncias, na ordem moral, ou na ordem religiosa.

Não podemos, pois, fugir à observação de WILLIAM JAMES: *A Psicologia é uma rica contribuição à Filosofia geral.* É verdade que, na opinião de PIÉRON, *o que a Psicologia experimental procura são os processos de reacção, com a mesma realidade objectiva de todos os outros processos biológicos, mas processos esses que nos parecem, com a maior evidência, relacionados com os da consciência.* (1) Ainda assim, a participação dos processos biológicos não exclui nem proibe a especulação filosófica acerca dos factos da consciência. Inegàvelmente a Psicologia teve a sua fase «escolástico-filosófica», fase em que apenas se discutia *ex-catedra,* como acentua JUNG, o destino da alma sob o ponto de vista puramente metafísico ou teológico (2). Não podia deixar de ser assim, porque, realmente, até mesmo nos factos mais evidentes, nos factos que se situam no campo estritamente experimental da Psicologia, há um aspecto transcendental, abre-se, assim, larga margem para generalizações abstratas. Neste ponto, concordamos com LACHELIER: *Os factos da consciência sensível são objecto da Psicologia, mas o pensamento em si mesmo é objecto da Metafísica* (3). Assim como há problemas psicológicos cuja elucidação depende das luzes da Filosofia, porque não se pode deixar de generalizar a respeito de certas questões, do mesmo modo, a Psicologia, tanto no domínio racional como no experimental, pode esclarecer muitas discussões filosóficas e até mesmo alterar certos julgamentos considerados definitivos. Com este raciocínio, chegamos à

1.ª CONCLUSÃO

Ainda que a Psicologia procure restringir toda a sua esfera de pesquisas ao domínio exclusivo dos factos, não pode ser uma Ciência EXCLUSIVAMENTE experimental, porque lhe é inevitável o contacto com a Filosofia, tanto na ordem racional como na ordem metafísica.

III —

A noção de absoluto já não pode ter, hoje em dia, o mesmo sentido vago de incognoscível, segundo a definição de SPENCER, porque, *mesmo sem subir à chamada esfera sobrenatural,* o psiquismo humano já nos oferece elementos para a aceitação de uma realidade ultra-material ou transcendental, embora GRESSON considere *fracas* as probabilidades no domínio metafísico (4). Já não é mais possível, com o cabedal de experiência que se acumulou até hoje, desde que a Psicologia saiu do empirismo ou da «fase escolástico-filosófica» (já citada), atribuir aos fenómenos psíquicos causas puramente orgânicas. Coloquemos, pois, o problema em termos práticos: se, por um lado, não podemos voltar à velha tese da *Psicologia sobrenatural,* sem conteúdo objectivo, sem base nos factos da experiência, por outro lado, também não podemos cair no primarismo da *Psicologia sem alma,* rejeitada, aliás, há mais de quarenta anos, por um filósofo brasileiro, e dos mais insuspeitos, por não estar filiado a qualquer corrente ortodoxa (5).

Conquanto não se possa negar a influência da matéria — da constituição biológica, do sistema glandular, por exemplo — sobre as manifestações psicológicas, notadamente sobre os estados emocionais, porque são indiscutíveis as relações entre o *físico* e o *psíquico,* há fenómenos que ultrapassam as possibilidades da experiência ordinária. Forçoso é reconhecer-se a existência de uma esfera mais alta, de um psiquismo superior. Com isto, porém, não se vai ao extremo de deslocar a Psicologia do plano de realidade objectiva em que ela se acha, embora não se possa estabelecer a base da Psicologia nas ciências naturais, limitada à fenomenologia fisiológica. O próprio W. JAMES, que trata a Psicologia como ciência natural, e o faz para fixar limites, para separar a Psicologia da Filosofia Geral, sem querer, portanto, *materializar* muito a «ciência da alma». Pondera judiciosamente: *quando falamos em Psicologia como ciência natural* — diz ele — *não devemos entender que isto significa uma espécie de Psicologia estabelecida definitivamente sobre sólidos fundamentos, senão precisamente o contrário, isto é, uma Psicologia particularmente frágil, por cujos canais se filtram as águas do critério metafísico, uma psicologia cujas presunções e dados elementais devem ser reconsiderados em mais amplas relações e reduzidos a outros termos* (6). Não

se pode mais reduzir a Psicologia aos fenómenos *habituais*, segundo RICHET. Abriu-se à Psicologia, há muito tempo, um campo especial de observações: o dos fenómenos chamados *inabituais*. Dentro dos próprios quadros da Psicologia, sem sair da esquematização científica, à margem de qualquer tendência doutrinária ou religiosa, registam-se fenómenos que, de modo algum, poderiam ser atribuídos a causas materiais. Há, portanto, no composto humano (físico-psíquico) uma ordem ascencional de fenómenos:

Fenómenos { Extra-psíquicos — inabituais
Psíquicos — habituais
Fisiológicos — orgânicos

A Psicologia actual não pode desconhecer os fenómenos que dizem respeito ao plano da Metapsíquica, embora fique à margem dos sistemas e das doutrinas que sobre eles seformaram. Como factos, porém, os fenómenos *inabituais* se enquadram na Filosofia, mas não podem deixar de interessar ao objecto da Psicologia. Que é fenómeno metapsíquico? É todo o fenómeno que escapa à metodologia normal dos fenómenos psicológicos e que não pode ser submetido aos recursos instrumentais das ciências comuns. Quem o diz é RICHET, o criador da Metapsíquica: *um fenómeno é metapsíquico, quando ele não é explicado pelos factos conhecidos, classificados, clássicos, quer da Psicologia normal, quer da Mecânica, quer da Fisiologia.* (Última aula do Prof. Charles RICHET, na Faculdade de Medicina de Paris, publicada em *La Presse Médicale*, de 25 de Junho de 1925 (7).

Quando Richet fala em Psicologia *normal*, naturalmente quer admitir outra categoria de fenómenos, pertencentes ao campo da Psicologia paranormal. Diz ainda o Autor do «Traité de Métapsychique»: *a metapsíquica subjectiva é o estudo dos fenómenos inabituais, nos quais, porém, não intervém nenhum fenómeno mecânico ou material, que seja inabitual. Ela se conserva puramente psicológica. A leitura de uma carta fechada em sobrescrito opaco não introduz nenhum elemento novo na Mecânica, na Química, na Física. É UM FENÓMENO QUE SE LIMITA, TÃO SÓ, À PSICOLOGIA.* (Grifo nosso). Quem assim fala — veja-se bem — é RICHET. A Metapsíquica objectiva, segundo o grande tratadista francês, refere-se aos fenómenos exteriores ou materiais.

Vê-se, portanto, que, fora do âmbito geral da Psicologia, há o que se pode chamar um ramo de conhecimento mais elevado, porque trata de fenómenos independentes do funcionamento cerebral (8) É a Psicologia chamada supranormal. Justamente por tratar-se de uma ordem de fenómenos menos comuns, entre os quais se pode incluir a categoria dos fenómenos de *animismo*, cuja explicação não pode ser dada com os recursos da Psicologia clássica, é que existem, hoje, escolas científicas como a *Parapsicologia*, a *Metapsicologia* e outras, todas elas consagradas à observação e à discussão de fenómenos a que Richet deu a denominação de metapsíquicos, porque realmente ocorrem além do psiquismo humano. Existe na Argentina, fundado há pouco tempo, o *Instituto Argentino de Parapsicologia*. Que é a Parapsicologia senão um desdobramento da própria Psicologia, um campo de estudos colocado além do psiquismo habitual? Diz, a propósito, um dos mais categorizados pesquisadores argentinos: *Entendemos que a Parapsicologia, ciência que estuda o paranormal, ou seja, os fenómenos do psiquismo humano que pareçam escapar às leis normais da Psicologia clássica, deve proceder rigorosamente em suas investigações, duplamente: suspeitando da possibilidade da imitação fraudulenta e interessada de seus fenómenos e da semelhança com os factos que ficam sob o domínio da Psiquiatria.* Ainda mais: *os fenómenos da Parapsicologia, demonstrando que a mente pode superar as possibilidades do orgânico ou sensorial, justificam a opinião de RHINE de que eles põem em evidência que existe no homem o factor espiritual, o que aceitamos plenamente.* (9).

Parece-nos oportuno citar, para esclarecimento desta parte, as linhas básicas do programa do Instituto Argentino de Parapsicologia:

> «El Instituto Argentino de Parapsicologia es una entidad eminentemente cientifica y, por tanto, su orientación es completamente adogmática. Por ello, no es «en principio» ni materialista ni espiritualista, simplemente estudia los hechos naturales que corresponden a la Parapsicologia e Metapsiquica, con criterio amplio de investigacion y sin prejuicios ni preconceitos.»

Há, portanto, uma série de fenómenos, que a Psicologia não pode desprezar, porque es-

ses fenómenos, embora possam dar margem à formação de doutrinas ou até mesmo de círculos ortodoxos, não podem ser destituídos de interesse científico. Independente de qualquer preferência doutrinária, há fontes que, a este respeito, podem fornecer subsídios de indiscutível significação para a ciência. (10).

Devendo o presente trabalho cingir-se à orientação do Congresso, cujo temário não comporta matéria que não tenha relação com a Psicologia, abstemo-nos de qualquer opinião pessoal sobre as decorrências filosóficas ou religiosas dos fenómenos ora citados, visto como o nosso intuito é exclusivamente afirmar a importância desses fenómenos para a Psicologia geral, a fim de que possamos, assim, chegar à

2.ª CONCLUSÃO

Embora a Psicologia experimental já tenha chegado a resultados satisfatórios no domínio de uma fenomenologia complexa e variada, como é a do psiquismo humano, há uma categoria de fenómenos extra-psíquicos, cujo mecanismo ultrapassa os métodos e processos de experimentação até agora empregados.

IV — RESUMO GERAL

Nem todas as manifestações da alma humana obedecem ao ritmo e à regularidade dos fenómenos habituais do psiquismo. Todavia, o facto de haver mais de uma categoria de fenómenos dentro da conceituação geral da «vida psíquica», o que determina o contacto inevitável da Psicologia com outros ramos de conhecimentos afins, não exclui, e antes reafirma um dos princípios básicos da Filosofia: *a integridade da alma humana*. A existência de fenómenos diferentes, ocorridos em esferas também diferentes, não significa fraccionamento, mas estados de ascensão do princípio espiritual, problema que, embora de natureza filosófica, não pode escapar ao âmbito da Psicologia racional, porque diz respeito a uma realidade psicológica. Todos os problemas que se relacionam com a alma, que é o princípio substancial do SER, ainda que à margem de sistemas religiosos, fazem parte, também, da Psicologia, porque esta Ciência não se limita, hoje, à simples verificação de fenómenos normais. De acordo, finalmente, com a ordem em que desenvolvemos o nosso raciocínio, chegamos, agora, à

CONCLUSÃO FINAL

Sem perder as suas caracteristicas de ciência autónoma, a psicologia tem relações inevitáveis com a filosofia, porque ambas se encontram no terreno comum da alma humana, sejam quais forem as interpretações particulares ou as divergências concernentes ao conceito de alma.

---

(1) PIÉRON (H) — *Psicologia Experimental* (Trad. do Prof. Lourenço Filho.

(2) JUNG (Karl) — *Lo inconsciente.*

(3) LACHELIER — *Psychologie et Métaphysique.*

(4) GRESSON (André) — *Situação Actual dos Problemas Filosóficos* (Trad. J. Cruz Costa).

(5) FARIAS BRITO—*A Base Física do Espírito.*

(6) WILLIAM JAMES — *Compêndio de Psicologia.*

(7) CARLOS IMABASSAHY — *Ciência Metapsíquica.*

(8) GELEY (Gustave) — *Del Inconsciente al Consciente.* (B. Aires).

(9) Eng. José S. FERNANDEZ — Ex-professor de Física nas Universidades de Buenos Aires e La Plata — *Parapsicologia Experimental* — 1953. (Publicação da Sociedade Argentina de Parapsicologia).

(10) Bibliografia relativa à fenomenologia supranormal:

OLIVER LODGE — *La Evolucion Biologica y Espiritual del Hombre.*

E. BOZZANO — *Metapsíquica Humana* (Resposta a René Sudre).

BOZZANO — *Enigmas da Psicometria.*

ALFRED ERNY — *O Psiquismo Experimental.*

Revue Métapsychique — Set. Out. 953 — Paris.

OBSERVAÇÃO

Seja sob o rótulo da *Metapsíquica*, seja sob o da *Parapsicologia* (designação mais académica), os chamados fenómenos supranormais, que ultrapassam o domínio da *Psicologia*, cedo ou tarde terão interesse científico no âmbito universitário, o que, aliás, já foi previsto por Ernesto Bozzano. Ainda há pouco, em conferência pronunciada na Universidade Central do Equador, o Dr. Carlos Alberto Artega chegou a dizer que a *Metafísica* e a *Metapsíquica* vão, pouco a pouco, «deixando de ser transcendentais e dia virá em que os fenómenos metapsíquicos entrarão a formar parte da Psicologia, deixando de ser extra-funções...». Engana-se o ilustre professor universitário. Os fenómenos a que se refere não podem ser reduzidos aos fenómenos comumente estudados em Psicologia. Justamente por isso mesmo é que estes estudos devem ser levados ao ambiente das Universidades a fim de que se esclareçam certas dúvidas muito prejudiciais à interpretação e classificação de tais fenómenos. (Nota posterior à elaboração da tese).

ANALES de la Universidad del Ecuador — Tomo LXXX, Jul. 952, pág. 175.

Rio de Janeiro, Novembro de 1953.

VIDA EM SOCIEDADE

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

OU por Allan Kardec, ou por outro pensador, foi dito que o progresso é lei da vida. Sem ele seria a cristalização, a inércia. Os homens, as civilizações, as culturas, são continuamente gência.

Aliás, progredindo os homens, tudo paralelamente progride, porque sob seu domínio e sua direcção está o Mundo em que vivemos. O espírito humano, enviado à esfera carnal, trouxe uma finalidade de progresso e é neste campo de lutas redentoras que ele desenvolve as suas faculdades, se ilustra moral e intelectualmente.

Na actividade obrigatória do trabalho, progride em inteligência; em moralidade se adianta pelas relações recíprocas que é obrigado a manter entre seus semelhantes. É isto que se lê em «O Livro dos Espíritos», onde se diz que Deus fez o homem para viver em sociedade, não lhe tendo dado inùtilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação. A despeito desta advertência, há criaturas que se recolhem a uma vida de insulamento, e, o que é mais, fazem-no protestando motivo religioso, intentando «servir a Deus» retraindo-se do Mundo.

Muitos vêem nessa reclusão um índice de virtude, assim como se pode vislumbrar nada mais que egoismo.

Realmente, não pode agradar a Deus uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém. A menos que uma pessoa se isole do mundo para se consagrar a uma tarefa humanitária, como é o caso dos que trocam os prazeres da vida civilizada pela habitação entre os selvícolas, com o fim de os curar da incultura e do embrutecimento; ou busque no retiro a tranquilidade que certos trabalhos reclamam; salvante estas e outras análogas excepções, negar colaboração como meio social, abster-se do trato com os homens, tanto vale por desprezar os ensejos de fazer o bem, por condenar-se a uma existência puramente inútil.

Estagnando-se no entorpecimento e na ociosidade, retarda o homem forçosamente o seu progresso, e esse hiato na sua evolução ele deplorará mais tarde com amargura. Finalmente os que acham pernicioso o contacto do mundo, fugindo dele a pretexto de se preservar do mal, não reparam que criam outro mal maior, qual seja a impossibilidade de servir a quem quer que seja, na solidão em que se exilaram.

E só o bem torna o viver meritório, preenche o alto desígnio de nossa existência neste orbe. A misantropia e o egoismo são aspectos de vida negativa, vivida pelo avesso. Não há virtude em se temer o vício,em fugir dele. Ir desalojá-lo de seus redutos, enfrentá-lo, combatê-lo, rechaçá-lo; batalhar contra a maldade, a hipocrisia, a impostura; cair aqui, levantar-se adiante, numa luta sem quartel por um ideal de libertação, de solidariedade, de concórdia; combater o bom combate da luz contra a treva, da justiça contra a iniquidade, do direito contra a força, da liberdade contra a opressão; promover a conciliação e a harmonia, conclamar os homens a auxiliarem-se mùtuamente, a promoverem o bem-estar e a alegria que os ajudarão a suportar o mundo, — eis o que nos parece ser a legítima virtude, a virtude máxima que teve o Cristo por modelo.

Desertar da luta por temor de poluir-se no lodaçal do mundo e dele sair sem nada haver realizado em benefício próprio e dos outros, é ter-se votado a uma vida estéril, no entanto fecunda em desenganos, após o despertar do túmulo.

COMO NOS ATACAM

Por SALVADOR GATTO

O nosso confrade argentino Salvador Gatto enviou-nos o seguinte trabalho editado pelo Ateneu de Propaganda Espirita, de Avelaneda. O Secretariado Central para a Defesa da Fé Católica ofereceu um guia aos seus fiéis que fizessem conferências sobre Espiritismo. Publicamos aqui esse documento, para que os leitores conheçam os argumentos de uma parte do sector que por todos os meios procura entravar a marcha da nossa doutrina. No próximo número publicaremos a resposta ao Secretariodo da Fé Católica.

ESPIRITISMO

1. GENERALIDADES

A) Deverá ensinar-se que, pelos seus métodos (a obscuridade, a «cadeia», a proibição de tocar nas materializações, etc.), o Espiritismo não pode aceitar-se como sistema científico de experimentação.

B) Deverá ensinar-se que os instrumentos do Espiritismo, ou seja, os médiuns, são seres psicològicamente degradados, visto que as relações entre a mediunidade e a histelopsicose degenerativa está perfeitamente comprovada. Além disso, há evidente dificuldade para descriminar, nos médiuns verdadeiros, a simulação e a trapaça. Ter-se-á de ensinar que, na história do Espiritismo, todos os médiuns célebres foram surpreendidos em fraude e portanto o instrumento científico do Espiritismo deve ser repelido como tal.

Tese — Por seus métodos e instrumentos de experimentação, o Espiritismo não pode ser apelidado de ciência, já que esta se define como «conhecimento certo adquirido por demonstração».

2. SOBRE A ECTOPLASMIA

Ter-se-á de demonstrar que, por todas as experiências realizadas, a ectopasmia, longe de estar provada, é uma fraude escandalosa. Explicar as célebres experiências de William Crokes, Richet, etc., que terminaram no ridículo. Dar a conhecer os resultados das experiências realizadas na Sorbona, de Paris, no dia 26 de Abril de 1922, com resultados esmagadores para as pretensões do Espiritismo.

3. SOBRE A TELECINESIA

Embora seja verdade que os fenómenos telecinéticos não são contrários às leis da Natureza, isto é, que podem ser possíveis, a sua realidade está muito longe de estar provada.

O movimento das mesas sem contacto, a escrita directa, os «raps» sem contacto — fenómenos telecinéticos — ao realizarem-se sem vigilância da ciência experimental (que sirva para demonstrar a intervenção de forças superiores às naturais), não podem ser admitidas como demonstradas. A ciência é conhecimento adquirido por demonstração.

Os fenómenos tão célebres produzidos por Eusápia Paladino, jamais tiveram comprovação científica, experimental. A famosa «alavanca psíquica» de Crawford foi descoberta por fotografias, como outra escandalosa fraude.

4. SOBRE A CRIPTESTESIA

1. É necessário dar a conhecer cientificamente o que são fenómenos de sugestão, explicando a sua natureza de acordo com os estudos da psicologia. O mesmo se deve dizer da hipnose.

2. É preciso demonstrar que todos os fenómenos, tais como, a escrita automática, a chamada mediunidade vocal, os «raps» por contacto e o movimento de mesas por contacto, são todos perfeitamente explicados pela psicologia normal e patológica. Que é, portanto, má fé dos espiritistas aproveitar a ignorância do público em geral sobre temas de psicologia, a fim de pretender ensinar que esses fenómenos são produzidos no médium pelas almas dos defuntos.

3. Para admitir a explicação espirita dever-se-á provar à evidência:

a) Que as manifestações do médium não são fraudes.

b) Que não são manifestações do psiquismo inconsciente.

c) Que não são fenómenos telepáticos.

d) Que são produzidos por um ser desencarnado ou não encarnado, para o que se provará iniludìvelmente a identidade desse ser, com o qual o médium pretende estar em contacto.

Até hoje, espera-se um só caso comprovado de semelhante identificação.

4. É preciso explicar como os casos telepáticos, cuja realidade é impossível negar, suprem em excesso as exóticas teorias espiritas.

5. A simples afirmação do médium de estar em contacto com a alma de um defunto, não pode ser considerada como ciência: necessita-se de evidente demonstração. Nem é fé, porque se trata de fé sem bases racionais, portanto uma fé cega no sentido pejorativo do termo, ou seja, que o Espiritismo, por si só, é uma superstição.

5. SOBRE AS DOUTRINAS DO ESPIRITISMO

A) Ensinar-se-á que o Espiritismo nasce como «doutrina experimental» com os fenómenos das irmãs Margarida e Catarina Fox (31 de Março de 1848). Portanto e segundo os próprios congressos oficiais do Espiritismo: *a*) em Hydesville nasce o Espiritismo; *b*) As irmãs Fox são as primeiras a entrar em comunicação mediúnica com os espíritos; *c*) A mediunidade é a base do Espiritismo; *d*) A prática da «necromancia» é uma das muitas superstições que os espiritistas têm adoptado.

B) As doutrinas do Espiritismo baseiam-se num «credo» de 4 pontos aprovados pelo Congresso de Londres (1928). Estes pontos são:

1. Existência de Deus, Inteligência e Causa suprema de todas as coisas.

2. Existência da alma, unida ao corpo, durante a vida terrestre, ao corpo físico perecível, por um elemento intermédio chamado perispírito ou corpo etéreo.

3. Imortalidade da alma; sua evolução sucessiva para a perfeição através de estudos progressivos; reencarnação sucessiva em planos de vida correspondentes ao seu estado de adiantamento.

4. Responsabilidade individual e

colectiva entre todos os seres, segundo a lei da causalidade.

Explicar estes pontos, refutando os erros existentes à luz da sã filosofia e da teologia dogmática.

C) Necessidade de ensinar as verdades católicas sobre estes pontos, tal como assinala uma recente carta da Suprema Congregação do Santo Ofício aos bispos argentinos.

6. O ESPIRITISMO E A HIGIENE MENTAL

Se o dissertante não for médico, que prepare cuidadosamente as explicações que há-de dar. A falta de seriedade científica prejudica grandemente o prestígio do catolicismo. As práticas do Espiritismo provocam sempre as neuroses próprias dos ocultistas, que podem chegar à subjugação total do indivíduo, no caso de ter predisposição para isso.

Convirá descrever estas perturbações mentais e os seus diferentes graus de evolução, não esquecendo a existência de predisposições individuais e as influências exercidas pelo meio ambiente para explicar o perigo das práticas que se estudam.

7. POSIÇÃO DA IGREJA ANTE O ESPIRITISMO

A) Ante as doutrinas:

Pelos dois principais documentos emanados da Santa Sé (Carta Encíclica do Santo Ofício, de 14 de Agosto de 1865 sobre a legalidade ou ilegalidade do Magnetismo; e o Decreto do mesmo organismo, de 27 de Abril de 1917), a posição da Igreja perante as doutrinas do Espiritismo, pode resumir-se assim:

1. É ilícito e herético provocar efeitos não naturais, através de meios físicos.

2. Portanto, é grave superstição comunicar com o Além.

3. É perversão moral e religiosa a presença de donzelas, modas duvidosas, etc.

4. Escândalo contra a perversão de costumes e propagação do mau exemplo.

(Nada aqui se menciona sobre o facto da intervenção diabólica. Coisa diferente é a sua possibilidade).

B) Sobre os fenómenos:

1. A Igreja, que tem autoridade para tratar dos fenómenos naturais, nada disse sobre a natureza dos mesmos no campo espírita. Não se pronunciou sobre a sua autenticidade e muito menos sobre a sua origem sobrenatural ou diabólica.

2. Não é lícito atribuir à Igreja o que a Igreja não disse, nem tirar deduções que lògicamente não se deduzem.

3. Tudo o que se disse e escreveu sobre os factos invocados pelo Espiritismo no campo católico pertence à opinião particular de quem a emitiu, sempre dentro da ortodoxia católica e com o valor próprio das demonstrações e provas oferecidas.

8. A INTERVENÇÃO DIABÓLICA

O Secretário Central para a Defesa da Fé Católica adopta a seguinte explicação, que pertence a Fernando Palmés (S. J.), altamente versado na matéria:

1. A intervenção diabólica deverá explicar-se do seguinte modo: O diabo — cuja existência nenhum católico deve negar — pode agir em acções: *a*) fora do Espiritismo; e *b*) dentro do Espiritismo.

2. Fora do Espiritismo, o diabo pode intervir: indirectamente e directamente. Indirectamente, não é necessário prová-lo: toda a espécie de tentações, cinemas, maus livros, etc. Directamente, ninguém a pode negar (relatos da Sagrada Escritura, histórias na vida de Santos, etc.

3. Dentro do Espiritismo também o diabo pode intervir indirectamente e directamente. Indirectamente, perversão de doutrinas e erros sobre a fé, que podem causar enfermidades. Directamente, é necessário distinguir:

a) A possibilidade de muitos fenómenos ocorridos nas sessões espiritas de forma alguma se pode atribuir às benditas almas do Purgatório (seres em estado de graça e que depressa entrarão na glória). Dever-se-á atribuí-la ao demónio.

b) A realidade: Quanto o Espiritismo demonstra indubitàvelmente um só caso de personificação e identificação espirita, que, todavia, esperamos, ter-se-á que admitir a intervenção directa do demónio. Quando o Espiritismo permite examinar essas identificações com a mesma amplitude de critério com que a Igreja permite à ciência o estudo de casos como os de Lurdes, estar-se-á em óptimas condições para admitir casos de verdadeira possessão.

4. Esta posição sobre a intervenção demoníaca nas sessões espiritas está totalmente de acordo com a prudência da Igreja ao determinar sobre os casos de possessão fora do Espiritismo. Efectivamente, a exorcização solene só terá lugar prévio depois de se ter comprovado a realidade da possessão ou obsessão demoníaca (Canon 1151). Autores moralistas graves, como Lehmkuhl e Noldin, advertem sobre a facilidade de engano perante doenças naturais, tais como histerismo e demonomania, que apresentam semelhantes fenómenos de possessão.

Advertência: Admitir ligeiramente e sem provas a intervenção diabólica directa é *ineficaz*, porque os espiritistas não se assustam com isso. O Espiritismo não crê no demónio; e é *contraproducente*, porque afirmar com ligeireza a intervenção diabólica é tão leviano como afirmar a possibilidade da intervenção experimental com o Além, que é o que eles querem demonstrar.

(Tradução de I. D. S.)

Nota — No próximo número publicaremos a resposta de Salvador Gatto, intitulada «Como nos Defendemos — Refutação à Igreja».

Dois livros valiosos

Acabamos de receber os seguintes livros, vendidos em benefício do *Lar de Jesus:*

«Uma Grande Vida», por Leopoldo Machado. É a biografia de Cairbar Schutel, um dos maiores espiritistas brasileiros e fundador da *Revista Internacional do Espiritismo*.

Encadernado ..... 30$00

«Um Espírito Através do Cosmos», pelo Espírito do Dr. Castro Lopes, recebida pelo médium Isaltino Barbosa. Uma verdadeira viagem astral onde há muito que aprender.

Brochado ..... 25$00

As Revelações de "André Luiz"

Pelo Major NELSON BANDEIRA DE MELO
(Médico psiquiatra do Hospital Central do Exército — Rio de Janeiro)

II

II — Casos de obsessão pura

5. Pedro apresenta-se pálido e abatido, com forte tensão dos nervos e dor persistente no peito. Adivinha-se, pela história, que padece também de insónia. Na prática médica humana, receberia o diagnóstico justo de neurose de angústia. Mas a sua cura seria extremamente difícil, porque os medicamentos não fariam efeito, bem assim a psicoterapia, pois certamente não confessaria a sua culpa de homicídio praticado na adolescência, cerca de trinta anos atrás.

Em vão os psicanalistas lhe revolveram a infância à cata de complexos. Encontra-o André Luís num leito de hospital, unido a um desencarnado em deploráveis condições de sofrimento. Descreve o colega André Luís: «Pareciam visceralmente jungidos um ao outro, tal a abundância de fios tenuíssimos que mùtuamente os entrelaçavam, desde o tórax à cabeça, pelo que se me afiguravam dois prisioneiros de uma rede fluídica. Pensamentos de um deles com certeza viveriam no cérebro do outro. Comoções e sentimentos seriam permutados entre ambos com matemática precisão. Espiritualmente, estariam logo perfeitamente identificados entre si».

O obsessor apresentava uma ferida na região torácica que era a verdadeira causa da estranha dor sentida pelo paciente. Nada encontrando em seu organismo que justificasse semelhante perturbação, o clínico tê-la-ia chamado «Cenestopatia».

Ante as indagações de André Luiz, o assistente Calderaro explica que o paciente fora, desde a infância, assistido, como filho, pela vítima; em troca, desempenhava as funções de empregado na casa comercial desta. Atingindo a maioridade, Pedro exige de seu pai de criação o pagamento de vários anos de trabalho, no que não é atendido. Após troca de palavras violentas, Pedro assassina Camilo, seu patrão e tutor. Antes de fugir, retira do cofre não mais do que a importância a que se julgava com direito. Na manhã seguinte, ante as portas cerradas do estabelecimento, convida um guarda-civil e juntos abrem uma das fechaduras para encontrarem o corpo. Agindo com muita habilidade em face da família da vítima, com a qual, aliás, vivia, fàcilmente despistou a polícia. Terminado o inventário do morto e feita a entrega da herança aos herdeiros, transfere-se para outra cidade, onde inicia as suas actividades comerciais por conta própria, com o dinheiro adquirido.

A vítima, porém, concentrada na ideia de vingança, não o largou mais. Pedro casou-se e do matrimónio houve quatro filhos. Desdobrou-se no trabalho material e conseguiu auferir larga riqueza, mas o remorso perseguia-o inexoràvelmente, e da sua mente não se apagava a memória da vítima.

Para solucionar o caso, Calderaro, por meio de passes magnéticos, provoca sono tranquilo em Pedro que, afastando-se do corpo denso, está apavorado face à sua vítima transformada em verdugo. A doutrinação de ambos impunha-se, mas o assistente não se acha devidamente preparado para tal empresa. Tratava-se de reconciliar duas mentes ligadas por intenso ódio de longas décadas e, para isso, era preciso muito amor. A colaboração da iluminada Cipriana, a divina portadora do amor fraternal em larga escala, resolveu cabalmente o problema. A ciência médica teria falhado e parece-nos que a doutrinação de Camilo numa sessão espirita também não daria resultado, porque Pedro, pelo remorso, o atrairia a si novamente.

6. Caso do indivíduo que, em existência anterior, abusara do magnetismo pessoal e que agora, no departamento masculino do hospício, se assemelhava a verdadeiro autómato, fazendo gestos maquinais e dizendo tolices, por sugestões de algumas entidades de aspecto sombrio, que o submetiam a práticas hipnóticas constantes. Quando André Luiz o encontrou, dizia ele ao enfermeiro:

— Venha, seu João. Não tenha receio. Ontem eu era o leão, mas hoje, sabe o senhor o que eu sou?

— Hoje sou a «bananeira».

O diagnóstico do plano espiritual é o mesmo que lhe seria aplicado neste plano — esquizofrenia. Não temos ideia de qual seria

o resultado da terapêutica usual pelo electrochoque ou pela insulina. No plano espiritual, nada foi feito. Cremos que a doutrinação dos obsessores numa sessão espirita resolveria o caso.

7. O caso de Margarida vem relatado minuciosamente em «Libertação». Numa das suas anteriores existências ligara-se, pelo amor e pelo ódio, a certo comparsa, que no momento exercia o cargo de hierofante numa colónia de trevas. Tendo encontrado e localizado Margarida no plano carnal, resolveu aquela entidade mover-lhe impiedoso processo de alienação e morte, que colocou a cargo de sessenta servidores das trevas. A paciente submetida a uma porfiada acção hipnótica, além de vampirizada por numerosos seres inconscientes, apresentava-se em estado de grande prostração, tinha o olhar espantado e aflito, ouvia vozes e percebia visões. A administração de certos fluidos determinara-lhe úlceras da pele, perturbações do equilíbrio e outras. O quadro clínico descrito mostra-nos Margarida com o aspecto de uma sonâmbula, que receberia, a nosso ver, muito bem, o diagnóstico de esquizofrenia catatónica. O chefe da turma de obsessores esperava contente que a paciente fosse submetida aos choques na casa de saúde. Por aí vemos que a terapêutica, indicada no caso pela medicina terrena, estava fadada ao malogro. Margarida não chegou, porém, a ser internada, porque, antes disso, o instrutor Gúbio, numa acção socorrista em grande estilo, conseguiu a conversão de enorme quantidade de obsessores. Com o auxílio de uma sessão espirita, libertou-a de endurecido perseguidor inconsciente e de várias formas ovóides, características de entidades em estado de regressão perispirítica, que haviam sido imantadas ao seu espírito.

8. É o caso do investigador que abusara, na mocidade, das prerrogativas do cargo. Chegado à idade madura, o remorso fustiga-lhe a mente. Várias formas ovóides escuras aderem-lhe à organização perispirítica. Fizemos o diagnóstico de neurose de angústia. No caso, a cura poderia ser obtida na sessão espirita, com o afastamento das formas ovóides. Este paciente foi, por André Luiz e seus companheiros, encontrado casualmente com os casos seguintes, números 9 e 10, no consultório de um professor de ciências psíquicas.

9. Acompanhada da avó, certa jovem clorótica, ligada por fios ténues de energia magnética a um infeliz que havia sido seu marido em existência anterior, proferia disparates, ria sem motivo, conversava a esmo, referia-se a projectos de vingança. O instrutor Gúbio descreve sucintamente o drama do passado causador da situação do presente. Receberia de nossa parte o diagnóstico de esquizofrenia, forma hebefrénica. O psiquiatra versado nos problemas de obsessão, não dispensaria o concurso de uma sessão espirita.

10. Neste grupo, há ainda o caso de Jorge, filho de Saldanha, o chefe do grupo obsessor de Margarida. Jazia numa cela de hospício, imantado à esposa suicida e à mãe desencarnada na miséria. Foi ainda Gúbio, o Mago do Amor Divino, como o chamou Saldanha, quem restituiu os três ao reequilíbrio mental. A esquisofrenia é um proteu e creio que seria ainda nesta rubrica que incluiríamos este caso. O tratamento a empregar, já o sabeis: electrochoques e insulina. Nós, porém, achamos que a doutrinação das duas mulheres numa sessão, resolveria o caso.

III — Casos mistos: obsessões e outras causas

11. O paciente, com 8 anos de idade, era paralítico de nascença e idiota. Dois séculos antes, detentor de importante cargo político, decretara a morte de vários desafectos pessoais, aproveitando-se do caos administrativo de uma guerra civil. Ao desembaraçar-se do envoltório carnal, defrontou-se com a dura realidade: suas vítimas esperavam-no e submeteram-no a inomináveis suplícios. Seu corpo perispiritico foi duramente vergastado. Muitos deles já o perdoaram e o grupo ficou reduzido a dois, que o perseguem até agora, nesta encarnação de resgate. Quando um destes obsessores tocava a fronte do pequeno paralítico, fluiam, através da mão, estrias negras de substância semelhante ao piche, as quais atingiam o encéfalo do doente, cujo semblante reflectia, então, a angústia e o pavor. Tratava-se, evidentemente, de reencarnação expiatória, para a qual nenhum recurso pode ser encontrado na terapêutica médica, nem espiritual.

12. Com relação ao caso de Marcelo, jovem epiléptico a caminho da cura, Calderaro diz a André Luiz que a epilepsia «mui raramente ocorre por meras alterações do encéfalo, como sejam as que procedem de golpes na cabeça e, geralmente, é enfermidade da alma, independente do corpo físico,

que apenas regista, nesse caso, as acções reflexas». Essas acções reflexas correspondem a reminiscências de dramas vivos no passado sombrio. Marcelo tinha um pretérito de paixões e excesso de autoridade. Ao desencarnar, esperava-o uma massa compacta de inimigos que o submeteram a atrozes sofrimentos, seviciando-lhe a organização espiritual. Em longos anos de desequilíbrio nos vales da sombra, «as vítimas, tornadas em algozes, o abalaram com tremendas convulsões, através de choques e padecimentos inenarráveis».

Marcelo era, pois, um desses pacientes portadores da conhecida moléstia que se caracteriza pelas crises convulsivas com perda total da consciência. Na psiquiatria terrena, temos valiosa arma para prevenir esses ataques e, sem dúvida, os pacientes submetidos ao tratamento pelos barbitúricos têm suas crises suspensas ou diminuídas em número, conforme o caso. A Marcelo, porém, Calderaro não recomenda os hipnóticos, afirmando que provocam estados anormais no organismo perispirítico, deslocando os males, sem os combater nas origens. Marcelo, recebendo a luta com serenidade e paciência, instalara em si mesmo valiosas qualidades receptivas, favorecendo o concurso das boas entidades do plano espiritual e, por isso, dispensaria a terapêutica usual pelos hipnóticos. André Luiz conta-nos então como o paciente foi presa de um acesso à simples aproximação de dois antigos algozes.

13. Temos, finalmente, o caso de Antídio, velho alcoolista sujeito a crises de «delirium tremens». É encontrado num salão de baile, em que os pares dançavam, em lamentável promiscuidade, com viciosos comparsas do outro plano. O paciente, semi-liberto do corpo físico, estava subjugado por quatro entidades embrutecidas que se revezavam no assalto ao estômago do paciente para inalar as emanações alcoólicas que se volatilizavam da bebida ingerida.

Essas entidades que, por sua vez, haviam atravessado o pórtico do sepulcro como alcoolistas, traziam consigo visões espectrais de víboras e morcegos dos lugares trevosos em que haviam estacionado. O paciente, apavorado, gritava:

— Oh! os morcegos!... os morcegos! Afugentem-nos, detenhamo-nos! Piedade! Quem me livrará?! Socorro! Socorro!

E em seguida:

— Ai! Ai! Uma cobra... aperta-me, sufoca-me... Que será de mim? Socorro!

Juntamente com os tremores das mãos e da língua, essas alucinações de carácter terrorista constituem o conhecido quadro do «delirium tremens». Trazendo, com certeza, na alma, a tendência ao vício, adquirindo o hábito na actual reencarnação, é cada vez mais impelido à bebida por companheiros desencarnados, atraídos pelas mesmas tendências viciosas. Estamos usando presentemente eficaz medicamento, à base de dissulfeto de dietiltiuram, que produz náuseas e vómitos pela ingestão de alcoólicos. Acreditamos que tal medicamento, provocando o enjoo da bebida, ocasione também o afastamento dos obsessores, que só por esse motivo subjugam a vítima. Desde que não consigam, pelo terrorismo das visões, reconduzi-lo ao álcool, certamente afastam-se em busca de outra vítima.

As treze observações relatadas por André Luiz abrem-nos largo horizonte na interpretação das doenças mentais e na indicação terapêutica para cada caso. Vimos casos de obsessão pura, perturbações perispiríticas, reminiscências de vidas anteriores, remorso por crimes cometidos, inconformação com a realidade, tendência ao vício e casos mistos, em que duas ou mais das causas anteriores aparecem associadas.

Achamos que uma revolução se impõe nos métodos terapêuticos das doenças mentais. Não podemos prescindir da segregação do paciente em sanatórios e hospícios, nem dos medicamentos calmantes e hipnóticos; o tratamento pelo choque, principalmente pela insulina, é ainda uma necessidade. Diz Calderaro: «nem avançamos que todos os doentes, sem excepção, possam dispensar o concurso dos choques renovadores, tão necessários a muita gente, como ducha para os nervos empoeirados». Mas é necessário proceder-se à doutrinação dos obsessores e seu afastamento, se os houver, bem como à doutrinação do próprio paciente, que pode ser feita pelo psiquiatra espiritualista. Essa doutrinação constitui, a nosso ver, a verdadeira psicoterapia.

É ainda Calderaro quem diz: «Impossível é pretender a cura dos loucos à força de processos exclusivamente objectivos. É indispensável penetrar a alma, devassar o cerne da personalidade, melhorar os efeitos, socorrendo as causas; por conseguinte, não restauraremos corpos doentes, sem os recursos do Médico Divino das almas, que é Jesus Cristo. Os fisiologistas farão sempre muito, tentando rectificar a disfunção das células;

SILVINO AUGUSTO CORREIA DA CUNHA

GRANDE ALMA E GRANDE CORAÇÃO

Mais um grande pioneiro que desaparece da cena terrena, depois de quarenta anos de acção contínua.

Silvino Augusto Correia da Cunha fazia parte de uma trilogia, com seu irmão Matias Cunha e Manuel Graça. Os três elementos bem unidos impulsionaram o Centro Espírita de Braga e a bela revista Luz e Caridade, *cujos 38 anos de existência são um verdadeiro símbolo de trabalho.*

Conhecêmo-los nos bons tempos, o Matias já um tanto alquebrado, menos ao peso dos anos do que às arremetidas de doença pertinaz que o obrigava a dieta permanente. O Graça, comunicativo e optimista, espalhava bom humor à sua volta. Era o proprietário da revista, então publicada sob a orientação de Matias Cunha. O Silvino tinha a seu cargo a Empresa Literária e, *consequentemente, a venda dos livros. D. Sara Graça, sua actual proprietária, era o anjo bom da trilogia, a Egéria inspiradora de tanta obras meritórias.*

Um dia — aí por volta de 1924 — fomos ao Bom Jesus visitar aqueles amigos. Já colaborávamos na revista e não quisemos sair de Portugal sem os conhecer pessoalmente. Iamos por algumas horas e ficámos lá três dias. A nossa passagem de ida e volta, em caminho de ferro, foi logo cancelada pelo Silvino. Três dias maravilhosos na Casa dos Castelos, estância admirável que domina a distância até ao Gerez e da qual a cidade de Braga é contemplada sugestivamente, dando a impressão de odalisca branca em tapete de verdura.

Nunca mais esquecemos aqueles dias de alegre convívio, longe do bulício e numa atmosfera espiritual que convidava à meditação. Lembra-nos que o vigário do Bom Jesus era comensal de honra na lauta mesa a que presidia Matias Cunha. O catolicismo e o Espiritismo davam as mãos todos os dias, à hora de jantar.

No Verão passado estivemos lá outra vez. O Silvino era um ancião de 82 anos, todo branco, fala entaramelada devido a congestão cerebral recente, mas com o mesmo sorriso afável e acolhedor, disposto a transpor os 90...

Memória prodigiosa, lembrou-se de particularidades passadas há 30 anos!

Infatigável obreiro do Espiritismo, nem um só instante abandonou o seu objectivo, que era servir uma causa nobre e conseguir o maior número de adeptos. E conseguiu converter muitas pessoas a quem a Luz e Caridade *era oferecida gratuitamente.*

Ali colaborámos durante muitos anos, ali tivemos o baptismo de fogo espírita, ali desenvolvemos temas que correm mundo em letra de forma e por isso não admira que sentíssemos tanto o afastamento desse grande batalhador.

Agora fica Sara Graça e Joaquim Rocha. O Silvino há-de colaborar com eles e com os outros dois que partiram mais cedo, porque a obra não pode nem deve morrer à falta de braços protectores.

Adeus, Silvino Cunha. Tu não partiste para sempre. Não tarda muito que estejas de volta, em espírito, já se vê, mas, assim mesmo, capaz de auxiliar a obra que na terra impulsionaste.

Os teus companheiros aguardaram-te, certamente, nos umbrais desse novo mundo onde ingressaste. Os que ficaram, esses, seguem na tua esteira, a passo firme e olhos no Ideal.

O Espiritismo alicia as almas para sempre. Quem põe a mão no arado segue em frente, não olha para trás. Foi o que fez o Silvino, o Matias e o Graça. É o que faz D. Sara e Joaquim Rocha, outro abnegado que trabalha intensamente. A estes dois valentes, um grande abraço de incitamento, que envolve toda a nossa simpatia.

Aos outros três... os nossos desejos de progresso espiritual. Que a Luz e Caridade *continue a espancar as trevas da ignorância e a ganhar adeptos para a Doutrina.*

---

no entanto, é mister intervir nas origens das perturbações».

Damos grande importância a essa psicoterapia e achamos que deve ser empregada em todos os casos, logo depois de obtido o equilíbrio psíquico. Temos visto muitos doentes curados em sessões espíritas, que voltam a ser obsidiados pouco tempos depois dos trabalhos de desobsessão. É que «não adianta retirar a sucata que perturba um imã, quando o próprio imã continua atraindo a sucata», diz-nos o instrutor Gúbio. «A psicoterapia espiritualista é um curso pessoal de resistência de grande utilidade para aqueles que já podem mobilizar a vontade em benefício próprio».

Ela é importante ainda, porque age na origem, revelando ao indivíduo que as suas perturbações são apenas efeitos de causas antigas que convém ser evitadas, apontando-lhes o caminho da renovação interior e traçando-lhe os rumos da iluminação espiritual, único meio de nos vermos livres definitivamente de todas as mazelas.

Terminando, desejo que o nosso último pensamento, seja um radioso pensamento de Amor, dirigido aos irmãos André Luiz, seus companheiros Elói e instrutores Gúbio e Calderaro, às iluminadas Matilde e Cipriana, a Sidónio e seus trabalhadores, aos regenerados Camilo, Saldanha, Gaspar e Gregório, todos personagens dos livros «No Mundo Maior» e «Libertação».

E. Psiq - Fev/1957

As profecias dos últimos tempos

Por LEOPOLDO MACHADO
(Correspondente em Nova-Iguaçú)

Recebemos, com o folheto «Conexão de Profecias», de *Ramatis* — folheto de oito páginas, extraídas de uma peça de 420 páginas — este pedido de quem no-lo enviou: «Leia e diga, por escrito, as suas impressões. Trata-se de importante mensagem recebida em Curitiba por um médium ainda pouco conhecido no grande meio espirítico, de nosso antigo conhecimento à distância.

Fomos à sua leitura com tamanho interesse que até escrevemos a seu distribuidor, pedindo informes que julgamos indispensáveis para estudos complementares. É que o assunto sempre nos interessou, embora sem possuirmos dons proféticos, sem nenhuma veleidade a ser profeta. Já chegáramos até a publicar em «O Clarim» um longo estudo que denominámos, «A Hora do Apocalipse». E elaborámos, para a *Hora da Boa Vontade*, quando era na *Rádio Globo*, uma interpretação mais minuciosa do Apocalipse, em crónicas denominadas *O Sentido Espiritualista da Vida*, que se estenderam até terminar aquele programa. E em nossas prefações evangélicas, as profecias têm sido assunto dos mais preferidos...

Tudo o que trata *daquilo que vai acontecer* — desde o *Velho Testamento* até *As Quatro Babilónias*, de Mário Celi; desde as visões do *Apocalipse* até às mensagens que nos chegam pelo médium Francisco Cândido Xavier, capta nossa preferência, lemos como se já estivéssemos vivendo aqueles dias profetizados...

★

Estamos vivendo, efectivamente, dias apocalípticos.

O aviso destes dias actuais data de um século, precisamente.

Antes de falar-se em Espiritismo, Andrew Jaques Devis anunciava, influenciado por espíritos, que *os tempos são chegados*. Afirmativa que até se fez refrão entre os espíritas em particular e os espiritualistas em geral. O primeiro livro espirita que se teria escrito entre nós, por Casimir Liautoud — aliás, professor de Francês do Colégio Pedro II — teve igual título, *Os tempos São Chegados*. Mas, que tempos chegaram? O fim do mundo? Não o cremos. O mundo é, ainda, tão novo; a Terra é, ainda, tão jovem — há nela, ainda, muito pedaço de chão que não foi pisado por pé humano! — que não é aceitável seja a Terra, seja o mundo destruído por água ou fogo. E sabemos, ademais, que «nada se perde no reino de meu Pai», como diz o Cristo; que, na Terra, tudo se transforma, como ensina a química.

Será o fim de uma civilização falida, corrupta, egoista e egocêntrica, dentro da qual, por se alastrar tanto a iniquidade, parece ter desaparecido o sentimento da caridade, como se lê no Evangelho, que, por ser o livro profético por excelência, regista que *só virá o fim, quando o Evangelho do Reino for pregado a todas as criaturas* (Mat. 24). Este mesmo Evangelho que adverte *Deus derramará, nos últimos tempos, de seu espírito por toda a carne, levando servos e servas, filhas e filhos* nossos a profetizarem (Atos, 2-17). Em face de tantas angústias, vitoriosos são aqueles que perseverarem até o fim...

Ora,o médium de Ramatís — e Ramatís não será derramado pelo espírito de Deus provocando profecias? — não será um desses servos-profetas?

★

Depois dos avisos proféticos de Jaques Devis, veio Allan Kardec. Ainda mais possuído de espírito profético, anunciou que *os tempos são chegados*. Então, «os Espíritos do Senhor, que são as virtudes do Céu», desceram para realizar na Terra aquilo que os homens de ciência e de sabedoria, que os homens cheios de filosofias e de religiões não quiseram, ou não puderam realizar. No *Evangelho Segundo o Espiritismo* há, no capítulo 20, o aviso de um espírito de luz: «Não escutais já o ruído da tempestade que há-de arrebatar o velho mundo e abismar no nada o conjunto de iniquidades terrenas?» E termina: «em todos os pontos do Globo vão produzir-se subversões morais e filosóficas. Aproxima-se a hora em que a luz divina se espargirá sobre os dois mundos»: Em *Obras Póstumas*, há comunicação de Samuel Hahnemann que prognostica: «As instituições decrépitas se afundarão num

mar de sangue. É preciso que o velho mundo se esboroe, para abrir-se uma nova era de progresso». Ora, o que ainda impera no mundo são instituições caducas, decrépitas. A despeito de todas as *Ligas de Nações* e Congressos de Paz, a paz ainda não existe na Terra e as nações não se ligam. Depois das duas grandes guerras apocalípticas, pensou-se que não se teria mais a guerra. Nós mesmo chegámos a escrever que a última guerra de 39, seria o último brado de angústia e de morte da humanidade, pois ela iria tomar juízo. E tomou? As lutas não pararam. Lutas internas e externas. Em mares de sangue continuará o mundo até o advento do 3.º milénio. Mário Coeli, no seu admirável livro «As Quatro Babilónias», chega a marcar para o ano 2.014 o triunfo absoluto do Cristo. Por suas luzes proféticas? Pelas conclusões a que chegou, estudando, a frio e a sério, as letras sagradas. Como será isso? Irromperá a luta tremenda entre os dois animais apocalípticos, o *Ursus* e a *Águia*. A revolução universal, provocada pelo Ursus, está marcada para o ano de 1982. Durará até 1985. Ter-se-á a impressão segura de que não houve vitória de ninguém. Nem pode haver, que ninguém vencerá sem a assistência segura de Deus. E essa segura assistência não descerá sobre povos, nações e regimes ateístas, materialistas; sobre regimes, nações e povos que, dizendo-se deístas e apregoando-se religiosos, praticam crenças formalísticas, conservam preconceitos de cor e de raça, matam em nome da Lei e mantêm outros povos egoìsticamente sob seu domínio. Virá o triunfo de Pirro da revolução do Oriente para o Ocidente, acompanhando a marcha do Sol e seguindo a lição de tudo o mais que tem sucedido até hoje: a formação das raças, a civilização em geral, a cultura, as religiões. Entretanto, não haverá vencedor, nem vencido. Serão guerras de destruição geral, de arrazamento total, para que, deste mundo velho e falido de futilidades dominantes, não fique pedra sobre pedra, ao alvorecer do 3.º milénio. Vencerá, então, o Cristo. E, para que vença o Cristo, é preciso que se considere que há outras ovelhas que não são do mesmo rebanho, mas que Lhe escutam a voz, pois é da vontade do Pai que todos os Seus filhos se salvam, que ninguém se perca no Reinado do Pai. Ora, para tanto, embora sem o saber e o sentir, a *Águia do Apocalipse*, que é a América, vem se preparando há anos, com o Evangelho do Cristo, com o seu espírito de liberdade, com o seu espantoso desenvolvimento em todos os ramos de actividades, de cultura e de civilização. Não há dúvida de que a hegemonia dos continentes, que começou na Ásia, demorou pouco na África, demorou muito mais na Europa, desloca-se, agora, para a América. A hora, se é de toda a América, nem a América toda se está preparando, à luz do Evangelho, para o reinado do Cristo. Não devemos esquecer que só «quando o Evangelho do Reino for pregado a todas as criaturas, virá o fim». A América do Norte abarrota o resto das Américas, e até o mundo, de Bíblias, de Evangelhos. Mas, há na América do Sul uma região que absorve mais Evangelhos, que os estuda mais. É o Brasil. *Reformador*, de Junho último, traz interessante nota, extraída de revista estrangeira, sobre o caso. Mostra como é no Brasil, onde, actualmente, mais se dissemina, a despeito de tudo, o livro sagrado. Há coisas assim: «Em nenhum outro lugar do mundo se coloca tanto a Bíblia, como na América do Sul. E o máximo do progresso se verifica no Brasil».

Ora, diante disto é para repetir, com Mário Coeli, no seu admirável «As Quatro Babilónias»: *Deus te salve, Brasil!*

E as profecias de Ramatís?

É assunto para outros comentários, para outras análises.

(Lida em «Selecções Espiritualistas», da *Rádio Guanabara*, e na Legião da Boa Vontade, da *Rádio Jamoio*).

(Ver adiante, na pág. 55, a 1.ª parte da mensagem de Ramatís «Os Tempos são Chegados»).

Livros de Pietro Ubaldi

Vêm a caminho os dois novos livros de Pietro Ubaldi.

«DEUS E O UNIVERSO» e «HISTÓRIA DE UM HOMEM»

Como são obras de grande valor, distribuí-las-emos primeiro pelos respectivos assinantes e só depois satisfaremos pedidos que nos sejam dirigidos.

É conveniente que os interessados mandem reservar os exemplares que desejem, para que não sejam prejudicados na sua aquisição.

Os livros de Pietro Ubaldi trazem a marca do Autor e do Editor. São verdadeiras joias literárias que honram todas as estantes.

O ME

Transcreve-se o 7.º
—— livro de LIA

NA relatividade da vida há sempre seres mais ou menos evolucionados. A escada apresenta-se ao fluxo inteligente e as multidões povoam-se de variedade. Cada um tem uma ponta de sabedoria adquirida na experiência. E a sabedoria universal reside em unidades independentes ligadas entre si.

É o conjunto maravilhoso do pensamento que se estende a todos os indivíduos, formando a base e a cúpula do edifício mental, origem das realizações espirituais e humanas. O mentor da minha tese é uma espécie de oleiro que aformoseia o barro, que o alisa e modifica, que o engrandece no reino das coisas amorfas. Está em toda a parte, pontifica num e noutro mundo. Todos lhe obedecem sem esforço, porque é, de facto, o maior e o melhor, no mercado dos valores.

Sem ele, a organização não existiria, no verdadeiro sentido do termo.

A lei de afinidade atrai elementos simpáticos e os aglomerados surgem espontâneamente — é assim que parece, mas sujeitos a forças psicológicas que escapam ao vulgo.

Em cada departamento há um mentor a orientar. Às vezes não tem consciência da acção moderadora, tão naturalmente a exerce pela ideia expressa que alicia o conjunto e o leva a disposições várias, conforme o alvo determinado.

Queiram ou não queiram, as humanidades necessitam de mentores. O progresso é uma corrente unificada, obediente à consciência cósmica, e da influência dos mentores depende o ritmo do universo moral e mental.

Eles estão presentes e vigilantes. O seu papel é o seu carácter. São professores, quando ensinam, e justos, quando expõem. Ultrapassaram a ciência na sua missão de pontífices e os mais atrasados são acalentados pelo seu prestígio.

Nota-se bem o mito da igualdade. A variedade é que se impõe a tudo. A igualdade nivela, estratifica. A planificação das formas mataria a beleza física e os próprios seres baixariam de nível. É que a desigualdade está na génese do movimento, é articulação e propulsão. O heterogéneo humano é precário, em contraposição ao heterogéneo divino que o mentor adapta ao gosto dos semelhantes.

Ele não cria, não realiza mutações vitais intrínsecas, porque o seu mister se limita a operações superficiais de modelagem em todos os reinos da criação a que pertence. Mas o trabalho que desenvolve espraia-se em facetas harmónicas que definem a orientação.

Cada um de nós tem uma partícula de mentor que se revela constantemente na vida quotidiana, desde o desabrochar da inteligência. Através de fases sucessivas vamos aplicando o conhecimento adquirido na direcção do imediatamente inferior e fazêmo-lo conscientes de um papel instintivo que, no fundo, ninguém poderá modificar.

Este problema ainda não foi estudado em suas linhas essenciais. Aqui aprende-se melhor, é certo, embora se não compreenda totalmente.

★

O mestre por formação biológica em que se fala na Terra está longe do seu termo. A selectividade é demasiado lenta para que solucione a questão. Hão-de exercer-se esforços mil antes dessa plenitude longínqua. A fixação de eras ou períodos evolutivos é coisa arbitrária e pertence ao homem preconceituoso e atrasado. O tempo não conta na evolução moral, que é irredutível à transitoriedade física. Acompanha-a na depuração do ser, mas logo adquire liberdade e se expande em volutas imperceptíveis.

É verdade que o mentor aplica a experiência no aperfeiçoamento da colectividade e, nesse relativismo de acção permanente, desenvolve energias superiores e obedece a ditames que vêm do Alto.

NTOR

apítulo de um novo
m elaboração

Este princípio é comum a todas as fases de vida. Em qualquer parte há necessidades prementes que obrigam a certos movimentos. E mesmo que pareçam retrógados, são positivos, de marcha ascensional.

O mentor é timoneiro que segue rumo determinado, olhos fixos na carta de marear. O seu esforço é de correcção, para que o estabelecido se cumpra. Às vezes cogita na melhor forma de orientar, apela para o oceano interior e sente resposta à inquietude. A apreensão de nova ideia produz variação no rumo. Por isso a rota das almas é alterada a cada passo pelo comando das ideias de que o mentor é serventuário.

Ele está no seu degrau e abrange o sector apropriado, para lá do qual outro mentor tem acção específica. Tudo obedece, pois, a directrizes adequadas. O mentor é agente de evolução, até quando adormece ou parece adormecer na sua faina imanente.

No que saibamos, sejamos mentores devotados, auxiliando a marcha de outros, para que outros auxiliem a nossa marcha. A solidariedade afirma-se em tudo. Se assim não fosse, haveria caos no físico e no psíquico. Mas o que vemos é harmonia. E quanto mais subimos, mais perfeito nos parece o concerto universal.

Os nossos mentores desenvolvem acção maior dentro do mesmo princípio e aplicando a inteligência em formas diferentes. São admirados e acatados. Não procuramos saber de onde vieram, nem onde buscaram a sabedoria. Olhamo-los como seres virtuosos que irradiam bondade e autoridade e isso nos basta. A sua presença nos anima e encoraja.

Embora livres, há qualquer coisa que nos prende aos mentores espirituais. Submissão feliz que facilita a caminhada nos séculos e o avanço para o mais perfeito! Eles vieram da alvorada da vida em sucessivos impulsos e assimilaram eternidade que projectam em todos os sentidos. Nós também assimilamos e projectamos eternidade. O que ganhamos é nosso, integra-se em nós, «aumenta» a personalidade. Se esta não morre, participamos do eterno.

Há mentores que levam o mundo à derrocada? Esses não são mentores, mas instrumentos progressivos dos verdadeiros mentores.

Às vezes é preciso alterar para harmonizar. Os bons afligem-se com os meios de acção, chamam anticristos aos que parecem subverter a religiosidade e a moral. Mas atrás desses fenómenos individuais e sociais há incógnitas salvadoras que, esclarecidas e resolvidas, darão tranquilidade e felicidade. A nuvem transforma-se em raio de luz.

Pois os mentores são às vezes semelhantes à nuvem que passa e encobre a claridade. Assim é preciso, em certas emergências. O resultado é favorável ao conjunto.

O filho nem sempre compreende o desígnio dos pais. Chega a julgá-los injustamente, porque a ignorância o leva a juízos temerários. Quando, porém, a luz se faz em seu espírito, o caso se esclarece e a situação se modifica: o filho é pai e serve-se do mesmo princípio ante a prole que desponta.

O mentor exerce uma função providencial em qualquer anseio de progresso.

Nada escapa à sua fiscalização, que regula a palavra, dirige o acto e consegue até metodizar o pensamento.

Se virmos bem, a projecção espiritual abrange o infinito. A matéria heterogénea vibra intensamente ao desabrochar da ideia. O fluido mental faz estremecer os chamados inorgânicos e obriga-os ao mesmo esforço reactivo, em holocausto ao progresso. O mentor existe no espiritual e no material, em cuja relatividade promove e reflecte a harmonia divina.

(Recebido intuitivamente por Isidoro Duarte Santos).

«Fédon» é um dos mais famosos diálogos de Platão, não só por acumular sucessivos e poderosos argumentos em favor da tese da imortalidade da alma, o que já se verifica em «Georgias» e «República», mas sobretudo por narrar o delicado e comovente episódio da morte imposta a Sócrates, solucionador da problemática sofística e «pai da filosofia moral». O título da obra é tomado do nome de um dos seus amados discípulos, justamente aquele que lhe devia a gratidão da sua libertação e uma das testemunhas oculares do agitado e pungente drama em que foi envolvido, inocentemente, o «mais sábios dos homens», segundo o proclamara o oráculo de Delfos. Trata-se de um livro em forma dialogística, que não tem a preocupação primordial, como ocorre em outros diálogos platónicos, de evidenciar o erro de uma teoria ou a veracidade de um princípio qualquer, mas a exposição de teses fundamentais da filosofia, quer traduzindo o pensamento genuinamente socrático, quer expressando o próprio pensamento platónico. A subtileza e encanto do estilo, reconhecidamente belo e sugestivo, a par da linguagem simples e sedutora, que muitos dizem ser uma prosa que participa da poesia, não permitem, por vezes, entrever o exacto sentido da doutrina exposta. Entretanto, uma simples observação do texto, logo nos permite uma convicção: é a de que a exposição assume uma importância inquestionável, primando pela evidência, ou, pelo menos, pela presunção de tomada de contacto com argumentos sérios e possivelmente irrespondíveis, em abono das verdades fundamentais da filosofia, que preconiza.

FÉDON E ECHECRATES

Platão dá desenvolvimento ao seu trabalho, urdindo uma tessitura harmoniosa, pondo em cena a Fédon e a Echecrates de Filonte. Aquele narra então a este as emoções sublimes dos instantes culminantes que precederam à morte de Sócrates, pela cicuta, imposta por onze desvairados juízes atenienses, pelo «crime» de pregar a verdade, preconizar a moral, confundir os sofistas presunçosos, censurar os desregramentos dos políticos carcomidos e vaidosos e de não curvar a cerviz diante de ídolos de barro nem reverenciar deuses de pedra, insensíveis e mudos! Sim, o desassombro com que censurava os abusos dos dissolutos de Atenas, a franqueza com que nobremente enfrentava os corruptos, haviam de grangear-lhe inimigos poderosos, que mal disfarçavam a vaidade ferida. Dentre eles, Melito poeta, Anito magistrado e Licon orador, que o acusaram ante o Areópago. Bem que Anito o ameaçara, enfurecido, como se vê num passo do «Ménon», mas Sócrates não tinha de que intimidar-se, pois que toda a sua vida estava inteiramente dedicada à Sabedoria e à virtude, preparando-se tranquilamente para as bem-aventuranças da vida futura. Perante seus julgadores, apresentou-se cheio de dignidade e altivo, falando-lhes do seu «*daimon*» (génio ou espírito familiar), que lhe indicava o que devia fazer e ainda mais o que devia omitir. Segundo a lei, o réu podia marcar a qualidade da pena, quando o tribunal não lha fixasse. Usando de tal recurso legal, Sócrates impôs-se a pena de ser sustentado à custa da república no Uritaneu, o que irritou aos do Areópago, proferindo a sentença de morte, por envenenamento. Talvez tenha sido melhor assim, pois do contrário os discípulos talvez não lhe assistissem a maior das suas lições, na exemplificação das convicções inabaláveis, demonstrando estar preparado para o sacrifício, enfrentando a morte com santa serenidade, além de ficar o seu admirável ensinamento para o futuro, com nítido sabor de permanente actualidade!

OS ÍNTIMOS DE SÓCRATES

Platão, pelos lábios enternecidos de Fédon, faz desfilar outro cenário mais opulento, de matizes policrómicos, as personagens que privaram da intimidade de Sócrates e que eram, além daquele discípulo e do mestre, Apolodoros, Simias, Criton, Xantipa, esposa de Sócrates, e seus três filhos, e ainda o carrasco, que, por sinal, deu evidentes demonstrações de apreço e carinho a Sócrates, quando, no exercício de sua triste e odiosa profissão, desabafando enquanto derramava copioso pranto: «os outros, a quem devo avisar o momento de beber o veneno, me increpam e maldizem. Porém tu não és como eles; desde que entraste na prisão, que te reconheço o mais firme, o mais bondoso e o melhor de quantos aqui têm estado presos e estou seguro de que não me guardas nenhum rancor!». Esta a melhor demonstração de admiração que em tão grave momento se poderia dedicar a Sócrates, pela espontaneidade de que se caracterizou e por partir, inesperadamente, de quem partiu. Os discípulos, que não puderam reprimir as lágrimas, foram admoestados pelo mestre, visto que, para evitar carpimentos, mandara antes retirar as mulheres, não lhes ficando bem, a eles que eram iniciados na sabedoria, a quem lhes tinha sido provado exaustivamente a imortalidade da alma, solucionando o problema da morte, e não lhes sendo defeso entregarem-se a lamúrias inúteis e infundadas, «pois os homens ignoram que os verdadeiros filósofos só trabalham durante a vida, para preparar-se para a morte», visto que «filosofar é acercar-se da natureza dos deuses».

Os interlocutores mais frequentes de Sócrates são Simias de Atenas e Cebes de Tebas, forçados a sustentarem, prazeirosamente, uma discussão que se prolongou até o pôr-do-Sol, quando o mestre havia de constranger-se à morte, pela cicuta. Este acontecimento momentoso e consagratório estava destinado a servir de pretexto à melhor exemplificação da filosofia socrática, até

FÉDON, OU A IMO

Pelo Dr. Al

então adstrita à evidenciação de refulgentes prédicas. Tal contraste deveria ser reptido, na sua legítima eloquência, quatro séculos depois, no topo do Gólgota, através do suplício infamante do Divino Crucificado! E é bem provável que a turba ignara não fosse sacudida pelas excelências dos ideais por que ambos se haviam de imolar, se não fora o absurdo de tais ignomínias, a hediondez de semelhantes injustiças, armadas pelo homem imprudente e desvairado!

A ATITUDE DE SÓCRATES

O derradeiro tentame espiritual, que teve por local a prisão de Sócrates, antes da sua morte, representou um hino perene de amor, entoado pelo espaço infinito, valendo, como o próprio Sócrates confessa, docemente, pelo seu canto de cisne: «Julgais-me, pois, muito inferior aos cisnes no que se refere aos pressentimentos, à adivinhação, porque, quando sentem que vão morrer, cantam melhor do que nunca,

alegres porque vão encontrar Deus, a quem servem. Porém os homens, pelo temor que lhes inspira a morte, caluniam os cisnes, dizendo que choram sua morte e cantam de tristeza!». A convicção de Sócrates é que, depois da morte do corpo, a alma encontrará uma vida melhor que a nossa, junto de deuses justiceiros, bons e amigos dos homens. Isto basta ao sábio para incitá-lo a sorrir diante da morte. Mas não aprova o suicídio, pois «nenhum homem deve adiantar o término natural da vida». O sábio, mais do que qualquer outro homem, não pode cometer tal desatino, porque «se existe uma razão justa para não temer a morte, há duas para esperá-la, suportando os males desta vida até o fim, visto que sua pessoa e seu destino pertencem aos deuses, seus criadores e donos e que, não se pertencendo, carece do direito de dispor de si mesmo. E nesta sequência admirável de ideias. Platão desenvolve a sua dialética, empregando o método analítico, fazendo manar, da discussão activa e fecundante, por meio de perguntas e respostas, as verdades principais da sua filosofia, toda ela defluindo da *teoria das ideias*. Pondo em prática tal processo, desenvolve o método da *mayêutica*, culminando na discriminação de seu corolário, a teoria da *anamnese* ou mito da reminiscência. E assim procura provar que a ciência não é mais do que uma vaga lembrança e que aprender é evocar o conhecimento que as nossas almas já possuiam, numa vida anterior, acercadas da Divindade, ilustrando a tese com o mito da caverna. Daí se chega à sustentação das teses essenciais da sua filosofia, que são a preexistência, a sobrevivência da alma ao corpo, a existência das ideias por si mesmas, a simplicidade, a imortalidade, a indissolubilidade e a liberdade da alma. A favor da preexistência, Platão renova a ideia pitagórica da transmigração das almas, já preconizada pelos brâmanes, na India, e pela filosofia egípcia, para provar que o filósofo tem a certeza do não perecimento do corpo, aplicando a máxima de que «os vivos nascem dos mortos», visto que tudo o que tem algo contrário faz deste contrário o mesmo que o mais do menos, o mais forte do mais fraco, o mais rápido do mais lento, o pior do melhor, a vigília do sono e a vida da morte! É a aplicação da doutrina da metempsicose em favor da precedência da alma e uma consequência de que aprender é recordar, supondo um conhecimento anterior, princípio que nada mais é do que um pressuposto da teoria das ideias que, por sua vez, se assenta na distinção de dois mundos, já vislumbrados por Parmênides: o *inteligível* e o *sensível*. O mundo ideativo (inteligível ou das ideias) é o das essências puras, arquétipos ou protótipos perfeitos, fixos e reais, exemplares das coisas ou seres do mundo sensível, e que é ilusório, de aparências. Mas o homem cuja alma viveu antes na bem-aventurança dos deuses, pode *participar* do conhecimento, da realidade, pela reminiscência. Ora, se a alma se recorda de algo que não aprendeu nesta vida, é isso uma prova de que viveu anteriormente. Pois é certo que a nossa alma, através da ideia de uma igualdade imperfeita dos objectos sensíveis, entre si, tem a ideia de uma igualdade perfeita, inteligível, e que escapa à percepção de nossos órgãos sensoriais. Tem ao demais a ideia do bem, do justo, do santo e da essência das coisas. É porque, tanto a nossa alma como as essências, exitem antes do nosso nascimento. São convincentes, deveras, os argumentos em abono da natureza da alma. Assim, por exemplo, a sua indissolubilidade, visto que é simples e imaterial. Daí o problema do destino da alma, depois da morte corpórea, que não pode ter outra solução senão depois da sua essência, buscando-a em seguida.

ALIDADE DA ALMA

EU SANTOS

DUAS ORDENS DE COISAS

Platão faz distinção de duas ordens de coisas: umas simples, absolutas, imutáveis e eternas — as essências inteligíveis; — ou trasmutáveis, que são os corpos perceptíveis aos sentidos. A nossa alma pertence à primeira dessas ordens — as essências, porque é como elas invisível, simples e por si mesma disposta a buscá-las, como um dom da sua natureza. Sendo semelhante às essências, nossa alma nunca muda como mudam as coisas sensíveis, e daí não ter que temer que a morte a destrua com o corpo, pois é imortal. Feita a defesa do dualismo, corpo e alma, Platão argumenta admiràvelmente, evidenciando que a alma, tendo um futuro distinto, este é igual para todas as almas indistintamente. Admitir o contrário, seria negar a Justiça Divina. Platão recorre ainda à Mitologia para dar maior desenvolvimento à exposição da sua teoria das ideias, provando, pelo menos, a antiguidade da crença do género humano na sanção suprema da lei moral e no consenso universal a um dos princípios mais certos da filosofia. Faz objectar que a alma seja idêntica à harmonia, embora invisível e imaterial como a alma, nem ela perece com o corpo como a harmonia com a lira, de vez que a alma existe antes do corpo, como está demonstrado enquanto é absurdo admitir que a harmonia exista antes que a lira; que a alma manda no corpo e governa os órgãos, sendo absurdo afirmar que a harmonia mande nas partes da lira. Por aí se vê como a preexistência e a liberdade da alma vêm em socorro da sua *imortalidade*. Não se concebe, pois, que a alma, depois de sobreviver a vários corpos, pereça com o derradeiro que animara!

A ALMA NÃO PERECE COM CORPO

A realidade está nas ideias do mundo inteligível. Os indivíduos, do mundo sensível, são meras aparências, imagens imperfeitas das *ideias-tipos*. Platão parece deixar implícito, na exposição de sua doutrina, o princípio da hierarquia das ideias puras. Mas não repugna conceber que a do *Bem* seja a própria Divindade, e que a justiça, a beleza e a verdade absolutas existam por si mesmas, como atributos de Deus. Certo é que, com maior frequência, são citadas as ideias do justo, do belo, do verdadeiro, do santo e do bom, parecendo, essa circunstância, assinalar a sua capital importância na estrutura da sua filosofia. Mas, de qualquer modo, o que não parece padecer dúvida é que o princípio das essências conserva todo o seu vigor contra as dúvidas suscitadas no decorrer do diálogo, a respeito da imortalidade da alma. A alma, como ficou demonstrado, participa da natureza divina das essências, não podendo, por isso mesmo, perecer com o corpo, quando este se dissolve, porque é *imutável* e *indissolúvel*, escapando, por essência, a todos os requisitos da morte.

As mais sábias e sugestivas normas da moral são então postas em evidência, indicando o caminho da

virtude, o qual não trilham aqueles que, vencidos pelas próprias paixões, não dominam certas voluptuosidades, mostrando serem «temperantes por intemperança». Não é virtuose quem troca tristezas por tristezas, temores por temores, como quem «troca uma moeda grande por moedas pequenas». «A sabedoria é a única moeda de boa lei pela qual se trocam todas as outras». A verdadeira virtude é uma purificação de toda a sorte de paixões. «Poucos são os possuídos de Deus». E estes são os que filosofam bem.

PERANTE OS JUIZES

Sócrates enfrentou a morte com uma serenidade santificante, dando-se ao cuidado de banhar-se, antes de tomar o veneno, para não dar trabalho às mulheres de lhe lavarem o cadáver! E, aos rogos enternecidos de Criton, para que lhe desse as últimas recomendações, exclamou docemente: «Nada mais vos recomendo do que o que sempre tenho feito; que tenhais cuidado convosco, e com isso me fareis um favor, e também a minha família e vós mesmos, ainda que agora não mo prometais; porque se os abandonardes e não seguirdes os conselhos que vos tenho dado, de muito pouco serviriam todas as provas e protestos que me fizesseis hoje»!

«Como queres que te enterremos?» — «Como vos ocorra, se é que vos ocorra, se é que lograreis apoderar-vos de mim e não me escape de vossas mãos», retruca-lhes, sorridente e imperturbável! E acrescenta: «Falar impròpriamente, querido Criton, não é só cometer uma falta pelo que se diz, mas fazer dano às almas; há que ter mais valor e dizer que só ao meu corpo enterrais»!

Enquanto se ganhava, desabafa Fédon: «quando ficamos sós, comentamos o que nos havia dito, considerando-nos os desgraçados que somos, como filhos privados de seu pai e condenados a passar o resto da nossa vida na orfandade! E o diálogo termina com um suspiro amoroso de Fédon, cuja cabeleira fora acariciada pelo mestre pela derradeira vez nesta vida: «Já sabes, Echecrates, qual foi o fim do homem de quem podemos dizer que foi o melhor dos mortais que temos conhecido em nosso tempo e, ao demais, o *mais sábio* e o *mais justo dos homens*»!...

RIO DE JANEIRO

ECLECTISMO

(Compilação de Luciano Silva)

Tudo nos demonstra que o Universo é «uno». Não há, pois, razão para nos dividirmos em dois campos: materialista e espiritualista. O espírito humano não se detém no campo da Sabedoria: caminha sem cessar. Caminhemos! E, como os antigos, procuremos conhecer todos os planos do Universo, sem fazer questão de escolas, mas, sim, de verdades; o verdadeiro Espiritualismo abrange todos os campos; eis por que sou espiritualista sem me limitar.

Alberto Cardoso

Verdade, mentira... tudo é segundo a cor do cristal com que se mira.

Campoamor

O preconceito que só vê o que lhe agrada, não pode ver o que é justo.

Aubert de Vere

A Verdade é como o Sol: por toda a parte emite os seus raios; mas, estes, atravessando meios de natureza e densidade diferentes, refractam-se sob ângulos diversos e, na grandeza desses ângulos de refracção, marcam a maior ou menor aproximação entre as interpretações e a Verdade em si mesma.

Maria Feio

Os filósofos servem-se do critério metafísico; os sábios, do critério positivista, e os literatos, como todas as almas simples, servem-se do senso comum. Quando estes três critérios se puderem unir para a compreensão da Vida, as sociedades humanas poderão realizar melhor o ascenso infinito para a Verdade Eterna, à qual a vida do Homem se liga por Leis ainda não determinadas.

Carneiro de Moura

Aquele que só vê a questão do seu lado, pouco sabe.

Stuart Mill

Então, porque alguém diz pertencer a qualquer das inúmeras seitas da religião de Cristo, não pode ler os livros de Confúncio ou Mafoma, das religiões ou filosofias de Pitágoras, Platão, Comte, Kardec, Krisnamurti e doutros pensadores e criadores de ideias e correntes de pensamento espiritualistas, morais ou sociais?

Nicolau Vilas

Uma exclamação contínua por «Mais Vida!...» ecoa por todo o Mundo. Mas, que é Vida? Mais actividade, diz um. Mais conhecimento, diz outro. Mais alegria, diz este. Perfeita Saúde, responde aquele. Cada qual acha resposta conforme o seu coração.

Isabel Flemming

O diamante escondido no lodo não cintila; precisa de ser limpo e posto à luz para brilhar. A Verdade, porém, tem luz própria. Só a ocultam as mentiras sociais, a nossa inércia ou cegueira mental.

J. Maria Lopes

Toda a teoria, hipótese, filosofia, seita, credo ou instituição que tema a análise, o exame e a controvérsia, manifesta abertamente o seu próprio erro.

Jackson Davis

Tudo livremente examinar, tolerantemente confrontar, criteriosamente escolher, sinceramente seguir. A intolerância, as limitações e opressão com que se pretenda sufocar o Pensamento Humano, nada são ante a força vitoriosa e a luz fecundante da Verdade Eterna.

L. S.

QUE IMPORTA ?

Por CYRILO ALLEIXO

Que importa o ódio dos que nos detestam, as surdas ameaças, os ataques soezes, os pensamentos rancorosos, toda essa aluvião de vibrações daninhas, de anátemas coruscantes, de ranger de dentes, cerração de punhos e conturbações de raivosos dementes?

Que importa esse mar revolto de paixões titânicas, iracundo, monstruoso, encapelado sob a fúria dos vendavais da morte, com ânsias de louco e propósitos de facínora?

Que importa as gélidas grilhetas, as enxovias pestilentas, o crepitar de rancores sem fim e o sarcasmo da população ignara?

Que importa tudo isso, quando o coração trasborda de amor por toda a humanidade, olhando-a condoído e convicto da sua regeneração futura?

Que importa o malquerer, os propósitos maquiavélicos e a mentalidade obtusa, quando a isso se antepõe infinita piedade e um perdão eterno?

De encontro a essa couraça amorosa, todo o mal se extingue, toda a treva se dissipa, porque o amor é foco ardente, onde os gelos do pecado se fundem e se transmudam em quintessência divina.

Que importa que nos queiras mal, se, como irmãos, nos compete auxiliar-te e relevar-te essa fraqueza, oriunda de uma ainda cerrada ignorância? Esse fel, diluído em tuas fibras, há-de passar, como tudo que é falaz e transitório, para dar lugar a um perene aformoseamento da tua alma, onde se hão-de reflectir para sempre, as suaves claridades siderais.

Terás também um dia a tua estrada de Damasco, onde, contrito, proferirás o mea culpa, num brando ciciar com o Pai, quando, qual filho pródigo há muito transviado, reconheceres a inanidade em que vegetas.

Sabemos bem que ainda nos não ouves e malfazer é teu dilema, mas o perdão é nosso escudo, contra o qual se goram teus ataques.

Sabemos bem que nos repeles, mas quando as mãos são caridosas, jamais se retiram aos trânsfugas, sempre prontas a zelar-lhes a vida, embora eles nos desejem a morte.

Não julgues que isto se faça por cálculo ou na mira de recompensa, pois o desinteresse é nosso lema e ante as perspectivas mais sombrias, jamais retiraremos nosso auxílio fraternal.

Não comprendes? É natural. A caligem que obumbra o teu espírito, faz-te ver as coisas por prisma denegrido, onde só avulta, valoroso, tudo que engrandeça e glorifique o teu personalismo.

Saberás um dia, quando essa fumaça se dissipar, que não há muitos, mas um só, cuja identidade com o Pai é seu destino.

A divisão e a distincão são apanágio das humanidades infantes, mas, com os ciclos ascencionais, profunda metamorfose se vai processando, assistindo-se a lenta, mas crescente dilatação do eu, até envolver toda a criação, num amplexo infinito.

Reconheceremos assim que a expansão do Ego, circunscrito até então pela nossa presunção, numa pedantice vã, é uma necessidade imperiosa, firmada nas admiráveis leis divinas.

A bem dizer, não tens culpa desse estado, fase inferior de uma infinita série de fases, que é mister percorrer, porque em a natureza nada se faz com intermitência e a maturação tem de ser antecedida de fases preliminares.

Como seria possível que a centelha divina, ao sair do seu torpor milenário, atingisse de um só voo as vertiginosas culminâncias angelicais?

Oh! Não! O plano da criação obedece a outras normas e só gradativamente as melhorias se vão processando, lentas, mas firmes, sem retrocesso de espécie alguma, admitindo, embora, ligeiras paragens, numa anexação constante de valores intrínsecos, em seu processo eterno de desbastar as facetas negativas e obstruidoras da difusão dos raios divinos.

Se assim é, se tu, pobre irmão, não tens a sabedoria dos iluminados, nem o comportamento dum santo, devemos querer-te mal por isso? Deveremos cuspir-te no rosto as fraquezas e as misérias que atestam a tua pobreza e tornam tua alma combalida e enfermiça?

Deveremos encarar-te sobranceiros, deixando que a jactância faça as honras da

recepção ao viandante coberto pelas impurezas, onde sabemos oculta aquela sede abrasadora que o levará um dia à linfa da regeneração?

Como poderiamos abalançar-nos o tal, se imensa piedade nos avassala, ao reconhecermos nos companheiros vergando ao peso de escórias mil, uma projecção de nós mesmos, pedaços de nossa alma que é necessário polir, para reflectir também as luminosidades da Fonte Original.

Estranhas, talvez, estas reflexões, tu que és rico e poderoso, ou portador de outros bens mundanos, mas ardilosos. Achas que estas palavras não se destinam àqueles perante quem todo o mundo curva a cerviz, num servilismo equivoco, onde enganadoras aparências mascaram revoltas latentes, àqueles que, receptadores de bens terrenos, se julgam no direito de representar o valor máximo do globo?

Pobres irmãos! O pedestal onde se firmam e de onde pretendem dominar o mundo, é efémero e um dia oscilará, qual tenra haste, sob rajadas salutares de rispidas lições. Lufadas poderosas vos derrubarão dessa frágil coluna, onde a vossa inépcia julgou cimentar-vos para sempre e, caídos quais vermes desprezíveis, a turba passará indiferente, aclamando outros ídolos, que, por sua vez, cairão também, pela lei da renovação contínua e da depuração sem limites.

Eterna, só a chispa divina que geralmente dormita, esquecida e desprezada, para melhor poder dar larga aos pendores esconsos, expressos na capa das tentações, onde se vão delineando, aos poucos, os estígmas de inenarráveis sofrimentos vindouros.

Mas a pobrezinha é paciente e confiadamente espera a hora da libertação, que um dia fatalmente soará, quando, após ciclos de preparação mais ou menos longos, a espessura do seu isolamento tenha sido pouco a pouco adelgaçada.

Que importa, pois, as saraivadas de impropérios, as ingratidões e as injustiças, se tudo é passageiro e fruto da ignorância dos companheiros de jornada?

Que importa tudo isso, se o nosso dever é ampará-los, tal como os gigantes espirituais presentes, foram na meninice psíquica, guiados e amparados por almas bondosas?

Que importa o negrume que se adensa no horizonte, prelúdio de borrasca próxima, se a vida é eterna e se Deus está sempre com seus filhos?

Que importam as ameaças suspensas sobre a humanidade, na presente curva evolutiva, se depois da tempestade o ar ficará mais puro e leve, com a aniquilação dos miasmas deletérios?

O potencial negativo, há muito acumulado sobre o mundo, contribuição individual de todos os componentes, em diferentes proporções e em todos os tempos, tem de ser exaurido, a fim de que no futuro a humanidade faça armazenagens positivas e regeneradoras.

Os tempos são chegados. É muito o fruto amdurecido, tornando-se mister que a colheita se efective e se limpe o terreno das ervas daninhas, comprometedoras da harmonia de conjunto.

Trabalhada lentamente, a humanidade atingiu uma fase em que profunda remodelação vai ter lugar.

Por toda a parte vai azáfama intensa. São preparativos gerais para o advento de nova era, moldada nos eternos princípios da moral e do dever.

Sobre as agonizantes concepções do passado, abutres esfaimados amedrontam as almas timoratas, convictas de uma derrocada universal, sem se aperceberem de que um sopro regenerador vem mobilizando espíritos de escol, na faina sacrossanta de se estabelecerem sólidos fundamentos para uma nova e mais perfeita civilização.

Em vez de pés de barro, são necessários agora alicerces inabaláveis, tecidos de amor universal, justiça e equidade, a fim de conceder segurança eterna ao edifício que há-de albergar a humanidade redimida.

Muitos espíritos infantes terão de abandonar estas paragens, a fim de não mancharem a alvura do novo meio, relegados a outros plainos, onde continuarão o seu desenvolvimento, aqui voltando mais tarde, quando as suas vibrações anímicas se harmonizarem com a deste orbe remoçado.

Não importa que as perspectivas sejam sombrias e que a noite desça a largos passos sobre este planeta conturbado, porque o rosicler da alvorada virá anunciar ao mundo, a victória definitiva das sagradas forças do Bem.

Aumenta os teus conhecimentos no trato dos bons autores e serve a propaganda do Ideal Espirita.

Um bom livro é conselheiro nas horas adversas e fonte de beleza espiritual.

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

Comunicação semi-mecânica psicografada pelo médium HERCÍLIO MAES, em 1949, cidade de Curitiba

Pergunta: *Que nos pode dizer sobre os «Tempos São Chegados»?*

Ramatís: Que já estais vivendo essa época anunciada pelas profecias milenárias, por João Evangelista no Apocalipse e principalmente por Jesus em Sua síntese simbólica. Mas não aguardeis sinais insólitos nos céus ou na Terra, que atestem milagres ou perturbações às Leis Imutáveis do Criador. Sòmente as criaturas infantilizadas por credos supersticiosos e melodramáticos acreditarão que haja derrogação dos princípio divinos.

Pergunta: *Podeis dar-nos uma ideia aproximada da sucessão dos acontecimentos profetizados, dentro duma linha científica e racional?*

Ramatís: Perfeitamente. Antes de tudo tendes de reconhecer a existência de plêiades de espíritos prepostos do Pai, que desempenham funções similares às que por vezes executais na Terra, embora vós sejais apenas meros plagiadores. Há um grupo de entidades super-planetárias, às quais designaremos com o nome de *Engenheiros Siderais,* que traçam, com antecedência de bilhões ou trilhões de anos, todo o esquema das rotas e órbitas dos astros, planetas, asteróides, corpos e poeiras cósmicas que formarão as futuras galáxias distribuídas na abóbada celeste. A concretização faz-se dentro de princípios disciplinados que derivam da Mente Divina. Em virtude dessas órbitas ou planos de tráfego sideral consumirem milhões, bilhões, trilhões, etc., de anos-Terra para se concluirem, os humanos não conseguem avaliar ou sequer conceber a ocorrência total. A média de vida humana, seja 60 ou 80 anos, é infinitamente pequena para apreciar aquilo que acontece em milhões ou mais anos terrestres. Assim, esses movimentos siderais manifestam-se para vós na configuração de «leis imutáveis», dentro da disciplina do *Todo,* porque sempre os vedes fixos, certos, seguros e exactos em cada reencarnação. Para abrangê-los em sua totalidade teríeis que sair da órbita terrena, postar-vos à distância do fenómeno e analisá-lo no espaço-tempo de quinquilhões ou sextilhões de anos terrenos. E se ainda sois relativos, não podereis aquilatar o *Todo.*

Pergunta: *Sòmente um tipo de Entidades técnicas no tráfego sideral coopera nesse sentido?*

Ramatís: Não, de maneira alguma. Quando os *Engenheiros Siderais* planejam órbitas onde estudam e examinam todas as atracções, repulsões, influências astrológicas e astronómicas dos corpos e partículas siderais futuras, esses planos são alvo da atenção de inúmeras outras entidades. Esses espíritos, cujas auras impregnam globos e sistemas celestes, podem ser concebidos por vós, quais Matemáticos, Anatomistas, Geólogos, Botânicos, Zoologistas, Sociólogos, Legisladores, etc., mas de um modo *Sideral,* muito acima de vossas concepções humanas! Os vossos cientistas circulam sempre em torno do Planeta-Terra, aferindo-lhe os valores miúdos do solo e do meio. Mas esses que vos menciono, como *Cooperadores Siderais,* consideram tudo na base de sistemas de sóis e de mundos milhares de vezes mais adiantados do que a vossa pobre morada. São cálculos de matemática sidérea, previstos com bilhões de anos-Terra, em que os *Calculadores Siderais* determinam todos os movimentos e pormenores dos mundos porvindouros, demarcando as exigências de aproximação e distanciamento recíproco dos astros, no tempo apropriado aos eventos purificadores das suas humanidades. Um *Geólogo Sideral* orça toda a carga do Planeta e seus satélites em correspondência ao sistema responsável; um *Sociólogo Sideral* prevê as emigrações e imigrações entre os globos habitáveis; um *Anatomista Sideral* estabelece as linhas fundamentais dos seres humanos; um *Legislador Sideral* prescreve as leis básicas da ascensão espiritual. Outros estudam as fases psicológicas em que devem reencarnar espíritos do quilate dum *Krisna, Hermes, Buda, Confúcio, Ramacrisna, Antúlio* e um sintetizador de todos os trabalhos preliminares, como seja um *Cristo.* Quando essas almas excelsas se manifestam à Terra, é preciso que no momento apropriado até as situações e constelações de astros ofereçam abertura, isto é, uma estrada, um campo vibratório adequado à descida do *Sublime Mensageiro.* Cada nascimento de Alta Entidade no vosso orbe ou mundo similar, é marcado por acontecimentos que podeis avaliar na esfera astrológica. A Lei de Afinidade Espiritual exige espaço vibratório purificado para o *Peregrino Superior!*

Consequentemente, *Jesus,* cuja aura é imenso facho de luz a envolver a Terra, não poderia ligar-se, de súbito, à substância grosseira da carne, sem que antes a Ciência Divina proporcionasse ensejo favorável, em obediência à Lei de Afinidade e Correspondência Vibratória do Cosmos. Porventura conseguis aprisionar os raios imponderáveis do Sol em grosseiro frasco de vidro?

Eis por que, em hora exacta e precisa, o Cristo abria Seus olhos à vida física e humana, no planeta Terra, graças às núpcias planetárias de Júpiter, Saturno e Marte na conjunção de Piscis, que Lhe ofereciam, na tela celeste, o «tom vibratório» fundamental, para o esponsalício divino com o mundo terreno! Os estudiosos do tema astrológico podem verificar que o ano de 747, da fundação de Roma, quase 9.000 anos após a civilização adâmica, marcou a mais exuberante conjunção planetária na abóbada celeste sobre a Terra, produzida pelo poderoso grupo de planetas Saturno, Júpiter e Marte. Exerceram verdadeira profilaxia vibratória na aura terrestre, limpando-a das impurezas que pudessem dificultar a revelação do Cristo à forma humana.

E o signo de Piscis, previsto nos planos da Engenharia Sideral, inspirou a suave denominação ao Cristo, como o «Pescador de Almas», constituindo, também, a influência electiva nos pescadores que se tornaram os apóstolos do Senhor!

Pergunta: *Podia dar-nos uma ideia desses espíritos super-planetários?*

Ramatís: Impossível defini-los na terminologia terrena. Suas auras

envolvem constelações e alentam a vida em todas as formas nos orbes de suas influências. Assemelham-se a centros irradiadores de força e vida, recebendo de mais perto a vitalidade de Deus. Comparando as maiores conquistas científicas e filosóficas na Terra com os movimentos que vos relatei, é provável que a ideia se esclareça um tanto, confrontando o conteúdo da gota do oceano com o poder e o volume deste.

Pergunta: *Citando espíritos-guias da humanidade, o irmão falou em Antúlio, cujo nome ignoramos na história terrena.*

Ramatís: Realmente, *Antúlio,* que quer dizer em linguagem sideral «Ante-a-Luz», viveu mais ou menos há 50.000 anos do vosso calendário e foi um grande homem de ciência naquela época, conhecido realmente como Antúlio de Maha Ettel. Originário das grandes falanges de espíritos chamados «Amadores», da mesma esfera donde emanou o Cristo, Antúlio foi um dos profetas e clarividentes mais famosos da Atlântida; aliás, quem previu milhares de anos antes a submersão do Continente. Inspirado nas tradições dos Flamíneos, os profetas brancos remanescentes da Lemúria, de seus esforços nasceram fraternidades espiritualistas como os Dactilos que se fixaram na Ática pré-histórica, e os Kobdas que surgiram no vale do Nilo, antes dos Faraós, prolongando-se nos templos egípcios. Um dos ramos mais puros dessas escolas espiritualistas foram os Essênios, que, aliás, prepararam a a chamada «abóboda espiritual protectora» para o Mestre Galileu — o Cristo!

Pergunta: *Consequentemente, os «tempos que chegaram profèticamente» já estavam determinados há muito?*

Ramatís: É óbvio que as profecias só podem ser baseadas em factos que já estão previstos e determinados infalivelmente. A Terra nada mais é do que o produto dum plano que foi elaborado há bilhões de anos e constitui mero pormenor na consecução do plano geral do sistema solar. Os *Cooperadores Siderais* previram-lhe os desvios, as insuflações, as transformações geológicas e climatéricas, as épocas de repouso e reflorestamento; as excitações magnéticas e influências astrológicas, inclusive a carga humana a transportar, a emigração para outros orbes ou o acolhimento a expulsos doutros mundos. A época exacta da chegada dos tempos é a consequência da concretização dum plano em que tudo é sintónico: a necessidade física de se verticalizar o orbe terráqueo no eixo e de sua humanidade tomar a posição vertical em espírito. As modificações da morada afectam os moradores.

Pergunta: *Neste caso persiste um determinismo que tolhe o livre arbítrio?*

Ramatís: Enganais-vos, pois o equilíbrio do conjunto, deliberado sob o determinismo de execução fixa, não rouba a oportunidade de os pormenores manifestarem livre arbítrio. Quando edificais um arranha-céu seguis um determinismo nas linhas arquitectónica gerais, na solidez, na estrutura e na forma adequada à época. O arquitecto traça um plano definitivo que parece oprimir o livre arbítrio dos que cooperarão na obra. Mas a segurança do conjunto obriga disciplina absoluta das minúcias. É preciso que o livre arbítrio do servente, do pedreiro, do carpinteiro, do pintor, etc., fique submetido exclusivamente à determinação fundamental da obra, para não sucederem imprudências e incoerências estéticas e funcionais. O ilógico seria que o servente teimasse, pelo seu livre arbítrio, em reduzir a profundidade das valas, pondo em perigo a vida de centenas de criaturas.

Quanto aos moradores do edifício, embora submetidos ao determinismo arquitectónico do prédio, gozam do livre arbítrio de ornamentarem e decorarem seus aposentos, o seu ambiente, do modo que lhes convier, atendendo-lhes o gosto e a estética. O *Todo* edifício é um *Determinismo* na execução; mas, nos pormenores-aposentos, os seus moradores exercem o livre arbítrio. Há determinismo, pois, para todos os fenómenos e transmutações terrestres, mas que se concretiza sòmente em bilhões de anos. Se viveis nos lapsos de 80 ou 100 anos, em que vos afecta o determinismo desse plano? Se em cada existência terrena tendes a liberdade de realizações e objectivos pessoais, não chegais a pressentir uma pulsação da causalidade sideral do vosso sistema planetário. Embora sejais responsáveis pelos actos que afectam a condição moral e económica do orbe, podeis morver-vos, tão livres, quanto a capacidade de assumirdes a responsabilidade de vossos actos incongruentes.

Pergunta: *Então a vinda do Cristo já estava prevista há bilhões ou trilhões de anos?*

Ramatís: Sim, embora não se cogitasse que devia ser o mesmo espírito que se chamou Jesus de Nazaré, na Terra, mas o plano geral determinava que o *Sintetizador* das trajectórias dos seus antecessores fosse do grau que se manifestou. A época que exigia um *Sacrifício* de milenária descida das esferas dos Amadores, por parte de espírito do quilate dum Cristo, foi a que aconteceu há 2.000 anos. E viveis actualmente o período previsto pelos *Planejadores Siderais,* como o decisivo momento das grandes selecções espirituais. É mister compreender que o acúmulo de resíduos e material mental deprimente, gerados pelo desequilíbrio das paixões humanas ou na inversão de valores sadios, acarreta a *Aura* do orbe, a ponto de trazer modificações climatéricas e até influência nociva aos mundos adjacentes. A Terra principia a *exalar magnetismo deteriorado;* é preciso que se suceda a proverbial limpeza tantas vezes já ocorrida noutros orbes de iguais condições. Daí, os acontecimentos profectizados com tanta segurança e já beirando vossos pés! Para vós são ocorrências excepcionais; para o *Todo* são factos triviais e comuns ao mecanismo infinito!

Pergunta: *Nesse caso toda a actividade no mundo carnal, pelo Cristo, apóstolos e os que constituiram sua família estava prevista, como sucedeu?*

Ramatís: Aceitais demasiadamente à letra os pormenores dum plano inconcebível às vossas mentes. Assim como podeis prever que um genial pintor produzirá pintura superior, usando o melhor material e conhecendo a mais pura harmonia cromosófica, é óbvio que a categoria do espírito que foi *Cristo* insinuava ao *Planejadores Siderais,* mais ou menos as suas resoluções, atitudes e soluções decisivas diante das necessidades do mundo. O grau mental e espiritual de uma entidade da esfera dos *Amadores,* onde permanece o *Cristo,* como cidadão daquela colectividade, será sempre o mesmo em face de qualquer missão de sacrifício na matéria. A moral, uma só, indiscutível, ou seja, o *Amor Vivo!...* E um centro de inesgotável *Amor,* manifesto em tal espírito, teria de produzir na Terra uma passagem como ocorreu, cercando-se de almas apostolares pela Lei de atracção amorosa e dando-se todo a favor da humanidade. Ninguém precisa de ser profecta, ao afirmar que o mais célebre pintor do orbe costuma compor telas de fascinante harmonia!

Isto é consequência da premissa — o melhor pintor! A actividade do *Cristo* no mundo terráqueo não precisou de ser objecto antecipado de preocupações e dúvidas siderais; o *Seu Grau Espiritual* era a premissa suficiente para profetizar o que manifestou!

Na realidade, ainda não compreendeis a verdadeira *Paixão* e *Sacrifício* do Cristo na Terra. Preocupais-vos demasiadamente com o Seu sofrimento físico ou moral no ambiente terreno, esquecendo-vos de Sua milenária descida, de plano a plano, deixando-se esmagar, paulatinamente, pelas vibrações coercivas dos mundos de magnetismo lodoso, para surgir aprisionado no casulo de carne! Já pensastes no condor baixando lentamente oprimido pelo pó, chuva e lama em suas asas, em seu corpo, sufocado pela agressividade exterior e prostrado pelo fardo de lodo a tolher-lhe a amplitude de movimentos e volição? Já imaginastes a ansiedade desse condor, pressentindo a limpidez pura da atmosfera dos Andes e sentindo-se encarcerado no pote de lama? Imaginais, pois, o Sublime Condor que a Terra arrebatou dos mundos de luz e enclausurou para o sacrifício e a humilhação, como fez ao Cristo!? Que significam 33 anos de vida física, em face de mais de um milénio de descida angustiosa? E porventura o desligamento da forma terrena, no retorno, não lhe causou também alternativas de sofrimento inconcebíveis a nós todos? Na realidade, o Cristo ainda sofre e trabalha por nós!...

Pergunta: *E como se efectivará cientificamente a ideia de «os tempos são chegados»?*

Ramatís: Na consecução dos planos previstos e já em realização. Incluído nas rotas do vosso sistema planetário, encontra-se um astro 3.200 vezes maior que a Terra, cuja órbita é de 6.666 anos para o circuito total, e, mediante influências determinadas, em seu curso, tange a órbita terrestre. Partindo já do próximo ano de 1950, a sua primeira vibração sensível à aura da Terra, manifestar-se-á após a meia-noite do dia primeiro de Janeiro do vosso calendário. A fase de influenciação mais intensa será entre 1982 e 1992, acentuando-se gradualmente daqui por diante. A sua órbita é oblíqua sobre o eixo imaginário da Terra e a sua força magnética actuará tão fortemente, que obrigará o orbe terráqueo, progressivamente, a um movimento de verticalidade em seu próprio eixo. Se imaginardes uma haste oblíqua, no espaço, e actuardes na ponta superior, atraindo-a para vós e conservardes a ponta inferior no mesmo local, obrigá-la-eis à posição vertical. E, obediente aos planos previstos pela Engenharia Sideral, esse astro exercerá a sua força magnética e assim que o orbe terrestre se tornar perpendicular, distanciar-se-á em sua órbita, evitando nova declinação da Terra. A segunda função do astro que se aproxima é sugar da aura terrena todas as almas que vibrem com ele em magnetismo inferior.

Pergunta: *De conformidade com a disciplina das rotas siderais, esse planeta não influirá, também, sobre os demais corpos do sistema solar?*

Ramatís: A sua influência será profundamente magnética, tangendo sobre um ângulo do sistema solar. O seu volume, 3.200 vezes maior do que a Terra há-de provocar alterações nos satélites do Sol, na razão directa de suas velocidades, rotas, volumes, idades siderais, potências magnéticas, durante o tempo que permanecerem no ângulo de incidência. É óbvio que Mercúrio, com sua órbita de 88 dias em torno do Sol, sofrerá influência diversa de Júpiter, que exige 12 anos para o circuito total, ou Plutão, que o faz em 250 anos. Estão previstas pela Administração Sideral todas as modificações que devem ocorrer no sistema solar, em perfeita analogia com as alterações comuns e periódicas doutros sistemas adjacentes. Os planos da Engenharia Sideral desdobram-se gradativa e disciplinadamente, aprimorando sistemas de sóis e mundos que balouçam na rede do Universo, em «ritmos e oscilações cósmicas» que escapam aos vossos sentidos e compreenão. Mas é de lógica comum, que esse astro não efectivará tal curso profético, visando ùnicamente modificações na Terra, aliás, um dos corpos menos importantes do sistema.

Pergunta: *Porquê verticalizar o eixo da Terra?*

Ramatís: Porque a humanidade do Terceiro Milénio será constituída pelos espíritos seleccionados até o fim deste século; criaturas fraternas, honestas, avessas à guerra e à maldade, com um karma suave e à procura da Paz Espiritual. Em face da Terra se tornar vertical, processa-se o ajuste das estações na forma de *Primavera* e *Outono*, favorecendo a extinção de resfriados, gripes, bronquites e todas as moléstias do sistema respiratório e mais consequente de oscilações climatéricas violentas. Embora se manifestem ainda as enfermidades, estas serão mais do sistema nervoso, tratadas e curadas pelos processos da psicoterapia e cromoterapia. A humanidade, não obstante ainda necessitada do elemento-trabalho, viverá maior soma de tempo dedicada à Arte, à Ciência e ao Estudo, controlando também o clima e descobrindo extraordinários sistemas de domínio às forças da matéria. Majestosas civilizações desenvolver-se-ão nos polos, gozando a plenitude do ambiente estável e acolhedor, livres das comoções geológicas extremistas e das intempéries que surpreendem a lavoura e abatem o trabalhador. Anseios e ideiais mais puros já poderão ser concrezidos na Terra, que, embora ainda imperfeita, aproximar-se-á da imagem de «esfera de eleição».

Pergunta: *O irmão falou em civilização nos polos?*

Ramatís: Com a modificação do eixo terrestre, os polos serão libertos, gradualmente, dos gelos. Até 1999 essas regiões estarão recebendo satisfatòriamente o calor solar. O degelo já principiou e vós é que não notais. Entretanto, deste ano em diante (1949) se fordes atenciosos, verificareis inúmeros terremotos, inundações em todas as orlas marítimas e também nas grandes bacias de água fluvial. Muitas ilhas vulcânicas desaparecerão e outras surgirão, pouco a pouco. As chuvas torrenciais, devido ao degelo e evaporação acentuada, cairão sucessivamente sobre as zonas onde a seca era proverbial. Essa modificação do eixo terrestre, que principiará imperceptivelmente às 24 horas do 1.º de Janeiro do ano próximo de 1950, acarretará toda a série de distúrbios climatéricos e geológicos. No segundo período deste século, pois, vivereis os «tempos são chegados», nesses acontecimentos em ciclos intermitentes e progressivos.

O degelo nos polos descobrirá à luz do dia as vastas regiões que se encontram refrigeradas, guardando em seu seio vegetação luxuriante e minerais preciosos que servirão ao homem do Terceiro Milénio. Grandes reservas nutritivas escondem-se debaixo do gelo, de quando os polos ainda não eram regelados e que a Terra era menos elipsóide, antes da grande catástrofe da Atlântida.

(Continua)

MENSAGEM DA NOVA ERA

Recebida por PIETRO UBALDI

(Escrita na véspera do Natal de 1953, em S. Vicente, cidade de S. Paulo).

No silêncio da Noite Santa, como a primeira vez que te falei para iniciar a Obra, volto a falar-te, depois de tantos anos, para concluí-la.

Volto com o mesmo ritmo, de dez em dez anos, começado na Páscoa de 1933 com a Mensagem aos Homens de Boa Vontade e Mensagem aos Cristãos e continuado em 1943 com a Mensagem da Páscoa

Desta vez, ainda depois de dez anos, em 1953, volto a falar-te, mas no Natal por ser o dia do nascimento e ser esta a Mensagem da vida nova no Natal, como foi para a primeira de 1931, porque, depois de tantas outras Mensagens pascais, esta encerra a série.

Venho trazer-te uma palavra de esperança, porque no caos em que se debate o Mundo, está despontando a luz da alvorada. O tempo caminha e os homens chegaram à segunda metade do século, na qual se cumprirá aquilo que foi anunciado na minha primeira Mensagem, no Natal de 1931, isto é, entraram na fase de preparação activa da nova civilização.

Venho falar-te na hora própria do ritmo que preside ao desenvolvimento normal dos acontecimentos, segundo a vontade do Alto. Ontem a noite, sem o saber, o meu instrumento carnal guiado por este ritmo, escreveu a última palavra da 3.ª das três trilogias que lhe foram ditadas.

O trabalho foi feito com tenacidade e constância, durante vinte anos, que terminaram agora, atravessando tempestades que destruiram nações e modificaram o mapa político do Mundo; avançou, resistindo a tudo, contínuo e persistente como todas as coisas guiadas pelo Alto. Avançou no silêncio, protegido pela sombra da indiferença geral, aparentemente entregue a um só homem, humilde, dotado de meios humanos reduzidos, vivendo ùnicamente amparado com a força da sinceridade e da verdade, da forma mais modesta e simples, enquanto poderosas organizações humanas ruiam. Hoje cumpriu-se o milagre. Esta será uma prova da verdade.

Tens diante dos olhos um sistema completo, que resolve todos os problemas com um princípio único e dá resposta a todas as perguntas. Tens a orientação que representa a chave para todos os enigmas do Universo. Poderás usá-la sòzinho, para continuar as investigações até ao infinito, no campo analítico.

Desta forma, a Obra está virtualmente completa. A grande pirâmide está construída e eleva-se sobre a terra, em três planos sucessivos, cada um apoiado sobre o outro. As gerações passaram, olhando a ciclópica construção com o pensamento elevado ao Alto, nesta hora do destino do Mundo.

O último volume agora concluído é como um bloco de pedra, da terra até ao cimo da pirâmide, um dos pontos onde o *Cristo* poderá poisar os pés, quando descer de novo à terra, desta vez espiritualmente, para nela construir o Seu reino espiritual.

No vértice da pirâmide brilhará uma luz e essa luz chama-se *Cristo*.

As gerações caminham pela estrada infinita do tempo, verão ao longe o farol que lhes indica o caminho e apontá-lo-ão uns aos outros, dizendo: «Coragem! A dor é dura de suportar e comprido o caminho da evolução, mas temos um guia. Lá em cima o *Cristo* vê-nos e fala-nos. Não estamos sós. Ele está connosco; Seus pés, o Seu pedestal, é a pirâmide do conhecimento, feita de pensamentos que são a Sua luz. À fase mais elementar da fé sucede a fase mais avançada do conhecimento, que completa o Amor. E, com o conhecimento, o *Cristo* voltará à terra para concluir o Seu Reino, fundado há vinte séculos».

O ritmo das Mensagens começou no Natal de 1931, continuou em 1932 e terminou na Páscoa de 1933, (no XIX centenário da morte do Cristo) e depois continuou em novo ritmo, desta vez decenal. A primeira Mensagem apareceu no final de 1931, como o corpo do Cristo foi sepultado na noite de Sexta-feira Santa. Continuaram a aparecer em 1932, tal como o corpo do Cristo permaneceu no túmulo no Sábado Santo. E terminaram na Páscoa de 1933, centenário da Sua Morte, tal como o Seu corpo ressuscitou ao terceiro dia. As Mensagens tomaram depois novo ritmo, o decenal, completando agora vinte anos, equivalentes aos vinte séculos decorridos até agora.

Revelo esta harmonia, ignorada pelo meu instrumento e à qual foi completamente alheio, mas sim disposta pela imensa sabedoria do Alto, para fazer compreender o significado dessas Mensagens. Tudo quanto é harmonia provém do Alto; tudo quanto é discordância provém de baixo. A mensagem de hoje corresponde ao fim do milénio e atira-te para os braços do III, para a nova civilização. Corresponde ao terceiro dia, ao alvorecer daquele em que se realizou a Ressurreição. Esta incomparável concordância de ritmos, esta harmonia musical na génese da Obra, serão para ti mais uma prova da verdade.

Visto que esta Mensagem te lança nos braços do III milénio, chamar-se-á a *Mensagem da Nova Era*.

O mundo materialista luta freneticamente na auto-destruição. O dragão será morto pelo seu próprio veneno. A vida, que nunca morre, está preparando a substituição do velho pelo novo mundo; o reino do espírito com o triunfo do *Cristo*. A humanidade esperou dois mil anos pela Boa Nova, mas conseguiu atingi-la agora. A vida aproveitará as tempestades que as forças do mal querem desencadear para reconstruir em plano mais alto.

Repito agora as palavras da primeira Mensagem do Natal de 1931: «A destruição é necessária... Um grande e doloroso trabalho é necessário para que a humanidade recupere o equilíbrio livremente violado; um grande mal torna-se indispensável para um bem maior. Depois, a humanidade purificada, aliviada, seleccionada por ter perdido os seus piores elementos, reunir-se-á em volta dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio e, assim renovada, retomará o caminho ascencional. Começará a nova era do espírito e não da matéria, já reduzida à escravidão».

Encontram-se as mesmas palavras tanto no princípio como no fim. Mas hoje avançaram vinte anos no tempo, isto é, chegou-se à maturidade dos acontecimentos, à plenitude do tempo. A ideia desenvolvida nas três trilogias da Obra, torna-se hoje realidade. A diabólica revolta do ateismo materialista quer travar contra Deus a sua última batalha, luta desesperada para o

TRÊS QUADROS

de HUMBERTO MARIOTTI

DUAS CANÇÕES

1

Paz, faze-te árvore, faze-te pedra,
faze-te um cavalo que relincha,
faze-te quarto crescente.
Paz, faze-te fogo,
converte-te em montanha,
transforma-te em rio,
faze-te coração e fala!
Paz, faze-te mundo.

2

Venham os puros ares
e mãos limpas que orem.
Venham as virgens do canto
e contra as mortes
cantem.
Venha o mel olvidado
nas velhas árvores
a adoçar as carnes amargas.
Venham sóis longínquos
e nossas noites matem;
venham os mundos amigos
e as aves inocentes;
venham com rumores azuis
todos.
As antigas vozes venham
e as novas vozes;
venham as suaves palavras
com suas mariposas,
e as águas correntes venham
com anjos novos.
Venha o sangue distante
e venham
também os mortos!...

SE TENS DE CANTAR...

Se tens de cantar,
Canta o existir.
Pergunta ao coração e ao vento
quem nos faz viver.
As palavras mortas
nunca serão poesia.
Canta buscando o germe das coisas,
da sua sabedoria.
Com tua ciência ilumina
o mundo da morte.
Diz o que há na noite silenciosa,
e o mundo há-de crer-te.
Desvenda o mistério
que enche a criação
e às almas sedentas
levarás o coração.
É magistério o canto,
uma canção é sangue derramado.
Que doce é cantar para o segredo
da alma iluminada!
Nasce pura a flor,
sua beleza é bondade, é harmonia,
é água pura da fonte,
é luz do dia.
Assim é a canção. Dá-lhe tuas vozes
mais claras e ideais.
A poesia é amor, não tem nomes
de homens terrenais!

(Versão de I. D. S.)

triunfo absoluto, esforço supremo que terminará com a sua completa derrota. E Deus mostrará à humanidade aterrada, para seu bem, que só Ele é o senhor supremo.

Estás ainda atrás de uma cortina de nevoeiro. Mas para lá dela o sol começou a brilhar e está prestes a romper o nevoeiro para inundar o Mundo de luz e calor. A outra margem do Novo Reino está próxima e a humanidade não tarda a dirigir-se a ela. O novo continente começa a surgir aos olhos do hábil navegante e a humanidade, depois da longa travessia de dois milénios, poderá gritar: «Terra!... Terra!» Por isso, esta Mensagem se chama da Nova Era, pois já anuncia a sua realização.

Assim como tudo se tem cumprido com inexorável ritmo, tudo continuará a cumprir-se. Com esta segunda Mensagem decenal, terminou o período do II milénio e o período de preparação do terceiro dia da ressurreição para o III milénio. E agora, que já te conduzi às portas desse milénio, com a presente Mensagem, que completa a realização da Obra, o ciclo das Mensagens terminou. Esse ciclo precedeu e acompanhou a Obra e agora encerra-a no hemisfério oposto àquele onde foi iniciada e desenvolvida, nas novas terras onde nascerá a grande civilização do futuro.

A pirâmide foi construída aqui e aqui foi posta a última pedra. Enquanto o mundo caminhar para o cumprimento fatal do seu destino que ele próprio talhou, nessa pedra apoiará os pés e se erguerá a figura do *Cristo*, que iluminará como um farol o caminho dos viajantes que procurem a luz, para os orientar no longo caminho da ascenção humana.

SUA VOZ

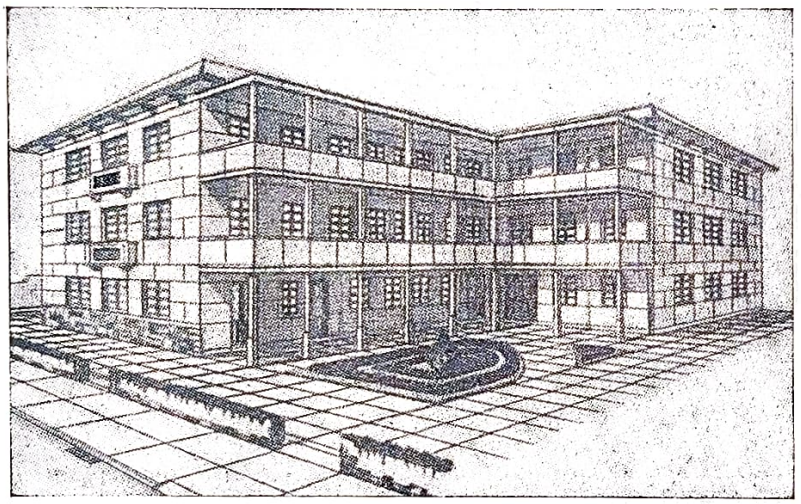
(Tradução de SIBIL)

Maternidade "Casa da Mãe Pobre"

UMA INSTITUIÇÃO QUE HONRA O ESPIRITISMO

Após a tempestade vem a bonança. O esforço dos pioneiros é sempre compensado, embora seja preciso aguardar o tempo.

A Maternidade «Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro, passou dias espinhosos que a fizeram oscilar nos alicerces. As responsabilidades contraídas, muito superiores às suas forças, obrigaram-na a tarefas ingentes, quase incomportáveis. Mas estava escrito que não sossobraria, que o equilíbrio de suas contas em breve seria um facto e que o seu património seria extraordinàriamente valorizado em face das dívidas contraídas. A inflação da moeda concorreu também para a solução da crise. Hoje, a Maternidade suporta fàcilmente os seus débitos e caminha a passos de gigante para nova era de prosperidade. Assim os seus associados lhe continuem a prestar o auxílio que merece.



MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE»

Temos aqui o Relatório da vida desta bela agremiação, desde 1 de Julho de 1953 a 30 de Junho de 1954, segundo o qual a Administração apresentou um saldo de exercício que atingiu Cr$ 1.791.794,00, sendo a receita Cr$ 10.742.299,50 e a despesa Cr$ 8.634.371,80.

A situação económica melhorou muito devido aos esforços de D. Maria Cândida Correia e Castro, 1.ª procuradora da instituição. Basta dizer que em 1952 a dívida era de Cr$ 3.684.075,70 e agora baixou para Cr$ 1.797.153,90. Que é uma dívida destas ante um património que vale mais de 30 milhões de cruzeiros?

No mesmo período, a Maternidade apresentou os seguintes trabalhos através de seus serviços técnicos:

Matrícula de gestantes, 1.046; consultas pré-natais, 2.049; internações, 2.204; partos, 2.084; nascimentos, 2.107; gémeos, 24.

Mortalidade fetal — neo-mortos, 21; natimortos, 57. Portanto, a taxa de mortalidade foi mínima: em 2.107 crianças nascidas, morreram 21 após o nascimento, ou seja 1,4 por cento. Este resultado honra bem o nome do Dr. Osvaldo Nazaré e o seu grupo de auxiliares.

O Banco de Sangue, a cargo do Dr. Acácio Gomes da Rocha, realizou um trabalho digno de louvor. Vejamos a estatística:

Sangue doado, 122.150 gr.; sangue comprado, 7.500 gr. Total — 129.650 gr.

Sangue aplicado, 113.590 gr.; sangue inutilizado, 9.060 gr.; sangue em depósito, 7.000 gr. Total — 129.650 gr.

Sob a direcção do Dr. Wilson Fragoso, o Laboratório desenvolveu grande e útil actividade, como se vê nos seguintes números, relativos a exames efectuados:

Urina, 5.918; sangue, 8.814; fezes, 96; escarro, 13; bacterioscópico, 15; diversos, 13. Total, 14.869.

Quanto a puericultura, a cargo do Dr. Balbino Carlos Dias e de seu auxiliar, Dr. Mouro Wilson Mota, as consultas elevaram-se a 1.897, número bem frisante do interesse suscitado pela obra.

Sob a orientação técnica do Dr. Ulisses Baldissarra, fizeram-se 425 exames radiográficos.

No berçário, dirigido pela sr.ª D. Edite de Carvalho, foram socorridas 31 crianças.

A Legião Protectora da Mãe Pobre, que foi dirigida pela alma vibrátil de D. Maria Elisa Amaral Machado, conseguiu cerca de cr$ 450.000,00, assim descriminados: Festa do Natal, 280.488,90; Campanha Nacional da Criança, 103.468,40; Listas de Natal, 23.734,00; Campanha do Natal, 59.387,00.

O que aí fica reflecte bem esta obra magnificente a cargo de mais de 20.000 associados, cujas quotizações atingiram cr$ 1.315.189,10.

Mais fàcilmente se avaliará a grandeza da Maternidade, sabendo-se que a expedição de cartas, ofícios e telegramas ascendeu a 91.106!

Houve grandes amigos, cujos nomes se relembram neste relatório, entre les, o Dr. Telémaco Gonçalves da Maia, vereador municipal, que tem conseguido óptimos donativos à instituição; o nosso saudoso amigo Manuel Jorge Gaio, benemérito da Maternidade, e Mário de Almeida, amigo dedicadíssimo que nunca deixou de auxiliar a empresa.

O relatório põe em relevo a acção prodigiosa de D. Maria Cândida Correia e Castro (D. Nena), cheia de fé e de coragem, que se opôs à venda de um imóvel, em momento de grave crise económica. Seis meses depois conseguia recursos para enfrentar o obstáculo, ganhando retumbante vitória.

Que esta instituição progrida e que outras se construam, eis os nossos votos de hoje e de sempre!

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM PEQUENO GÉNIO

A frase «os tempos estão chegados» ecoa no mundo há mais de cem anos e nunca a sua retumbância alcançou o grau que agora tem em todos os sectores mentais e sociais.

Por toda a parte surgem génios precoces que parecem derrogar as leis pedagógicas e deixam os sábios atónitos.

Vem isto a propósito de um artigo publicado no *Diário de Notícias* de Lisboa, que transcrevemos a seguir e que a *Life* de Abril passado inseriu em suas colunas:

«Não apenas Rhode Island, mas toda a América conhece hoje o génio de 11 anos de idade que sabe calcular tão depressa e tão bem como Einstein: o menino Briand Van Dale.

«A sua história é surpreendente. Aos três anos de idade, ante o pai, atónito, leu e explicou o folhetim de um jornal. Na casa havia livros e jornais e com eles brincava a criança. Mas ninguém, evidentemente, se lembrara ainda de lhe ensinar as primeiras letras. Como é que, em tão verdes anos, ele chegou a ler, embora traindo indecisões e dificuldades, é um mistério que permanece indecifrável.

«Aos quatro anos, Briand lia pràticamente tudo. Aos cinco, os seus conhecimentos abrangiam os domínios mais diversos e imprevistos, como a Biologia, a Matemática e a Física. E entretinha-se a aprender de ouvido os alfabetos de algumas línguas estrangeiras. Aos sete anos disse ao pai:

«— Vou aprender estenografia. É o meio mais cómodo e mais rápido de escrever. Eu não posso perder tempo.

E aprendeu. Como estava em idade escolar, foi matriculado na escola municipal. Mas, duas horas depois, a mãe telefonava ao pai:

«— Briand tornou-se insuportável na escola. Não quis ficar na aula e declarou não concordar com a maneira como ali se ensinava.

«Não houve remédio, senão matriculá-lo na escola particular de Hamilton, em Chartley, no Massachussets. O aluno genial foi acolhido com simpatia e sujeito a demorado exame pelo célebre psiquiatra Dr. Clemente Benda, que o achou de perfeita saúde, mas ficou surpreendido com a revelação dos «testes»: o quociente do génio é de 160 e o do jovem Briand era de 180! E o examinador declarou:

«— Esta criança tem um génio igual ao de Edison, mas não há motivo para inquietações. O seu segredo consiste numa prodigiosa memória fotográfica. Basta-lhe ler ou ouvir qualquer coisa com atenção para retê-la indefinidamente. O que é preciso é aproveitar esse dom no sentido do conhecimento das matérias.

«Convidado a reproduzir páginas dos manuais escolares, Briand fê-lo tão bem, que até os reproduziu em caracteres de Imprensa.

«O seu professor pediu-lhe que calculasse o rendimento de uma locomotiva a vapor lançada a *X* quilómetros à hora, numa rampa de Y por cento de inclinação, puxando um comboio de *Z* toneladas à velocidade *V*, sabendo-se que consome *Q* toneladas por hora.

«Era um problema para aluno de matemáticas superiores. O pequeno, porém, não se perturbou, meteu a cabecita entre as mãos, reflectiu dois ou três minutos, puxou do lápis, fez os complicados cálculos e deu a solução, dizendo:

«— É simples. Com cinco equações converte-se a tonelada de carvão em energia calorífica e, comparando-a com o trabalho fornecido, chega-se imeditamente ao resultado.

«De outra vez, no quadro, já com onze anos, explicou à classe o que é uma célula viva, com o seu núcleo e o seu citoplasma. E esclareceu:

«— Isto é muito mais complicado; mas não entro em pormenores, porque as crianças não me compreenderiam...

«Briand é modesto e nada o aborrece mais do que «ser apresentado como animal curioso». Além de superiormente inteligente, a natureza dotou-o de reflexos surpreendentes e de perfeita coordenação psicomotora. Adora o estudo, tem o anseio vivo de saber, mas, no resto, é uma criança como as outras: joga o futebol, salta e corre alegremente e tem um carinho extremo pela mãe».

O LAR DE JESUS EM FESTA

O Lar de Jesus de Nova-Iguaçú, Estado do Rio de Janeiro, embandeirou em arco durante o Natal e o Ano Novo. Aquele transcorreu alegre e comunicativo. Primeiro, foi o *Pão Espiritual do Natal* distribuído às internadas no Pavilhão Francisco de Assis. Constou de palavras sobre o Natal e de números de canto apropriado. Dirigiu-o o seu Director Geral, Leopoldo Machado, preleccionando sobre o significado do Natal. As crianças homenagearam a mamãe Marília e uma delas declamou a poesia «Mãe de Verdade», ao som da «Serenata de Schubert» cantada pelas outras. Falou depois D. Maria de Lurdes Pereira e preleccionaram às crianças os confrades Nancy de Barros, Lindolfo de Sousa, Fidélis Teixeira, Prof. Áurea Gonçalves e Etelvina Bastos. As crianças entoaram em coro várias canções e o Director Geral proferiu a oração do Natal.

Depois veio a *Consoada do Natal* distribuída às crianças e aos convidados, todos cooperadores do *Lar de Jesus* e directores da instituição, consoada do *Natal Brasileiro*, farto e gostoso, mas sem castanhas, nozes e amêndoas...

Finalmente, distribuição de brinquedos às crianças. Cada uma recebeu três brinquedos. Isto, no dia 24 de Dezembro.

No 1.º de Janeiro foi a comemoração do 13.º aniversário da fundação do Lar. Uma festa interessantíssima com a colaboração de grande público.

À tarde, uma sessão solene animada pelo nosso confrade e patrício I. A. Marques, após o empossamento da nova Directoria, que se compõe dos seguintes confrades: *Presidente* — Leopoldo Machado; *Secretário*: — João Sabino de Melo; *Tesoureiro* — Antenor Dias de Carvalho; *Vogais:* — Laura Babo, Maria Luísa Babo de Mendonça e Áurea Gonçalves.

O *Lar de Jesus* consagrou uma parte às instituições mais afins, falando vários confrades que representavam diversas instituições amigas.

Depois, o bolo de aniversário distribuído em fatias pelo público, ta-

refa que coube a D. Maria de Lurdes Pereira e D. Etelvina Bastos; a distribuição de senhas numeradas para sorteio da série de livros editados este ano pelo *Lar de Jesus;* a visita à exposição de trabalhos das internadas; números de arte, declamação, canto, bailado, música, etc.

Muito nos apraz registar estas festas que nos sensibilizam profundamente, mormente tratando-se de uma instituição a que nos ligam os mais fortes elos de amizade. Que o *Lar de Jesus* progrida cada vez mais sob a égide de seus mentores, à frente dos quais se encontra o espírito de Marília Machado!

UM SONHO EVITA UMA CATÁSTROFE

A *Voz Informativa*, do México, publica um comunicado especial de Londres, digno da melhor atenção.

Um oficial da marinha teve um sonho que se confirmou, quando o avião em que viajava o Marechal do Ar, *sir* Vítor Goddard, caiu perto do mar. Felizmente o Marechal recebera o aviso profético e tomou precauções que evitaram a perda de vidas.

Segundo a narração do conhecido espírita Thurston Hopkins em livro recentemente editado em Dublin, Goddard regressava a casa, vindo de Xangai, e dirigia-se a Nova-Zelândia, via Tóquio. O Almirante Mountbaten facilitara-lhe o seu próprio avião de marca *Dacota*.

Na noite anterior à sua partida de Xangai estava a beber numa reunião de amigos com o general McConnel, da Força Aérea dos Estados Unidos e outros amigos, quando percebeu uma voz que perguntava em honra de quem era a reunião.

— Em honra do Marechal Goddard.

— Porque faz a pergunta? — respondeu alguém.

— Porque não virá aqui, pois morreu num desastre aéreo ocorrido ontem à noite — disse o mesmo indivíduo que formulara a primeira pergunta.

O Marechal do Ar voltou a cabeça e ficou cara-a-cara com um comandante naval. Este perturbou-se ao ver Goddard e disse:

— Sinto muito, ou antes, alegro-me de o ver aqui e poder apresentar-lhe as minhas desculpas. Na verdade, isto foi o resultado de um sonho que tive. Causou-me tamanha impressão, que cheguei a crer na sua realidade.

Em seguida descreveu a queda de um avião numa estreita faixa da costa, limitada pela areia da praia. A luz era ténue, semelhante à que acompanha as tempestades de neve. Era noite cerrada e fazia muito frio, num lugar da costa da China ou do Japão. A nave era um *Dacota* e a bordo encontravam-se três civis, dois homens e uma rapariga muito nova, além da tripulação da Real Força Aérea Inglesa.

— O seu sonho é confuso neste ponto — respondeu Goddard —. Levo tripulação e não civis.

Mais tarde, nessa mesma noite, Seymour Berry (actualmente Lord Camrose), que estava na reunião, pediu que o levassem no avião. Antes de terminar a reunião tinham-se autorizado outras pessoas a seguir no avião, como passageiros. Eram George Alwyne Ogden, o Cônsul Geral Britânico em Xangai e uma taquígrafa, linda e alta, que fora transferida para Tókio. Assim se constituiu um grupo de três civis, primeira parte do sonho citado.

Durante a viagem, o *Dacota* viu-se em grandes dificuldades. Em certo momento começaram a cair das asas estilhas brilhantes de gelo e o piloto Campbell, não podendo ultrapassar a altura da nuvem, foi obrigado a descer e começou a perder altura a cerca de 200 milhas de Tókio, próximo lugar de destino.

Cá em baixo estava a costa estreita junto à praia, que o comandante vira em sonho. Goddard preparou a tripulação e os passageiros para o acidente que se ia dar.

Mesmo convencido de que ia morrer, envolveu todos com mantas e colchões e ordenou-lhes que se colocassem nos lugares de menor perigo. Mandou depois abrir a porta do avião, para que não ficasse fechada quando caisse. A porta desprendeu-se ao abrir-se e a neve penetrou no avião.

Com um ruído impressionante, o avião tocou na areia da praia, mas ninguém sofreu coisa alguma. A profecia cumprira-se integralmente. O único erro do comandante foi ter afirmado que as pessoas que viajavam no avião haviam morrido.

LIVRO QUE SE DESLOCA DUMA ESTANTE

O *Psychic News* publicou em Dezembro último o relato de um fenómeno invulgar referente ao livro «Antiguidades e Curiosidades da Igeja» que mão invisível tira mensalmente de certa estante do museu do Yorkshire.

Brian Lumley, noticiarista do *Yorkshire Evening Press*, diz que Georges Jonas, guarda do museu, foi o primeiro a notar a aparição de um velho que pegava no livro. Depois, o médico de York resolveu tomar parte nas investigações que se fizeram com Lumley, Jonas e seu irmão James, F. A. Nutt, W. N. French, e bem assim o referido médico e um advogado, que se reuniram na biblioteca fracamente iluminada e que fora prèviamente esquadrinhada, quando o fantasma apareceu.

O livro estava bem colocado na estante. Às vinte horas menos dezoito minutos sentiu-se um ruído especial e viu-se sair o livro vagarosamente da fila onde se encontrava e cair no chão, com o título para cima e ligeiramente aberto. O médico estava próximo da estante e disse que antes da eclosão do fenómeno sentiu as pernas muito frias até ao joelho. Ninguém teria podido tocar no livro, porque Lumley estava de vigia e os restantes distavam cerca de dois metros do lugar. O médico inspeccionou a estante, levantou os outros volumes e nada viu de anormal. O guarda do museu exclamou:

— Talvez agora me acreditem.

O irmão deste, que manifestara incredulidade, estava aparvalhado à vista do fenómeno.

Após as investigações, o médico declarou:

— Isto é absolutamente incrível. Sem dúvida, o livro foi tirado da estante por qualquer coisa que não é deste mundo.

O advogado, por sua vez, justificou:

— Eu vi com os próprios olhos. De resto, não acreditaria em ninguém que me narrasse o facto.

Um dia, no momento de fechar a biblioteca, Jones viu a aparição escoar-se por uma porta fechada a cadeado. De outra vez, quando ia acompanhado, ouviu voltar as páginas de um livro, que caíu no chão, quando ele se aproximou.

Parece que se trata do espírito de Edward Wooler, um advogado de Darlington e antiquário a quem o livro pertencia e cujo cartão de visita estava no interior do livro.

É pena que o médico e o advogado mantenham o anonimato, pois seria interessante que assumissem a responsabilidade das afirmações.

É possível que a entidade espiritual encontrasse apoio nas faculdades mediúnicas de qualquer pessoa que ali vivesse, pois só assim poderia tanger a matéria.

Notas & Comentários

A BOLA DE NEVE...

Após tantos e variados acontecimentos que temos anotado relativos às excelências do Espiritismo e comprovantes de que a sua essência é de origem humanitária, publicamos a seguir um decreto do Governador de S. Paulo, Lucas Nogueira Garcez, concernente a uma das melhores instituições espiritas brasileiras.

«Lucas Nogueira Garcez, Governador do Estado de S. Paulo, usando das atribuições que me são conferidas por lei, faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

«Artigo 1.º — É declarada de utilidade pública a «Liga Espirita do Estado de S. Paulo, com sede nesta Capital.

«Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor no dia de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

«Palácio do Governo do Estado de S. Paulo, aos 27 dias do mês de Dezembro de 1952.

«Lucas Nogueira Garcez — José Loureiro Júnior».

Vejam se não há razão para nos ufanarmos de ser espiritas e de suportar com alegria os ataques e motejos de inimigos que estimulam as nossas forças, em vez de quebrantá-las! Por toda a parte se erguem baluartes, por toda a parte se difundem princípios que motivam estranho alarme nos arraiais adversos à Doutrina, por toda a parte se nota compreensão e assentimento, nas artes, nas letras, nas ciências, no magistério, no artesanato, por toda a parte a bola de neve vai rolando, como rolou na Inglaterra, na Holanda, em Israel, na Turquia, no México, frente à onda materialista e à oligarquia de interesses criados que reclama o sol para seu uso.

LIGA DE IGREJAS CRISTÃS

The Greater World (O Mundo Maior), semanário espirita londrino com edições em várias línguas, noticiou que algumas igrejas cristãs inglesas se tinham congregado para o estudo em comum do psiquismo, sobretudo no tocante à vida post mortem, em virtude do grande desenvolvimento da doutrina espirita, no campo de investigações surpreendentes que reforçam a ideia da continuação da vida espiritual para lá das fronteiras terrestres.

O escritor Reginald M. Lester, sócio da Liga Espirita «O Mundo Maior», deu corpo à empresa, à qual se ligaram intelectuais e professores da Universidades, entre eles, alguns de Oxford.

Nunca, como hoje, se verificou ambiente tão favorável à confraternização e ao estudo de um tema de grande alcance espiritual. Ainda segundo o mesmo semanário, muitos médiuns porão suas faculdades ao serviço da comunidade, a que pertencem, repetimos, intelectuais de toda a espécie e até juízes do Supremo Tribunal da Inglaterra.

Já aderiram à Liga das Igrejas Cristãs de Investigações Psíquicas as seguintes pessoas:

W. H. Mattews, decano da Catedral de S. Paulo, de Londres; Prof. Dr. Campbell (teólogo); o cónego Dr. A. Hanson; o reverendo Dr. Leslie Weatherhead, de City Temple; o Dr. H. H. Price, professor de Lógica da Universidade de Oxford; o escritor e jornalista Reginald M. Lester; sir Cyril Atkinson, Juis do Supremo Tribunal; deão W. S. Pakenham Walsh; deão A. E. Webling, os vigários Charles W. Harrington, John D. Pearce-Higgins, F. S. Simpson e outros mais.

MAIS UM HOSPITAL ESPIRITA

Segundo lemos em «Desobsessão», de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o jornal «Paraiba Espirita» informou que os confrades desta região trabalham no sentido de erguer em João Pessoa um hospital espirita a que será dado o nome de Allan Kardec. A frente dos organizadores está o general José de Oliveira Leite e já se constituiram comissões para a angariação de fundos destinados à construção da obra, que conta com terreno próprio situado em óptimo local.

De todos os empreendimentos espiritas, os hospitais são dos mais necessários, sobretudo no tocante às doenças mentais que invadem a psiquiatria. Quantos dos chamados loucos haverão perdido toda a esperança nos métodos terapêuticos oficializados e quantos poderiam ser restituídos à sociedade, se o misoneismo científico não estivesse emparedado em muralhas orgulhosas.

Enquanto se aguardam novos tempos e novos costumes, bem fazem os confrades brasileiros, semeando obras de amor na bela terra de Santa Cruz.

Estes factos incontroversos colocam o Espiritismo em plano superior e constituem títulos de glória nos anais da propaganda.

«Mais um hospital espirita», quer dizer que há outros congéneres a afirmar bem alto as belezas da doutrina. Hospitais, berçários e maternidades são fontes de altruismo a revelar uma época precária. No dia em que não for necessário construi-los por iniciativa particular, grande passo se terá dado no caminho do equilíbrio social. Até lá, seremos obrigados a gestos desta espécie, que honram os indivíduos e as instituições.

UM SERMÃO SOBRE PSIQUISMO

Ainda acerca da Liga das Igrejas Cristãs Inglesas, informamos que pela primeira vez na história da Catedral de S. Paulo um padre teve a coragem de pregar um sermão sobre o valor dos estudos psíquicos na fé cristã.

O caso deu-se no dia 23 de Janeiro o pregador era o Rev.º John Pearce-Higgins, vigário de Putney e presidente da Comissão de Investigações Psíquicas da Liga das Igrejas.

Neste sermão o padre Pearce-Higgins referiu-se à influência da Liga no país e prestou homenagem à iniciativa de Reginald Lester.

É interessante notar a liberdade que os padres ingleses disfrutam na orientação de suas dioceses, a ponto de poderem falar de psiquismo nas igrejas. A nosso ver, o sermão do reverendo Pearce-Niggins foi um passo em frente em novo campo, que muito contribuirá para o fortalecimento do reino espiritual que certamente congregará o maior número de adeptos espalhados pelas várias correntes espiritualistas britânicas.

Isto demonstra a vitalidade cada vez maior da nossa doutrina.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No passado domingo 20 de Fevereiro, conforme estava anunciado, Isidoro Duarte Santos realizou a sua conferência «O Código Penal do Além», em que concluiu as suas considerações que, sobre este palpitante tema, começara numa outra conferência realizada há meses.

Tal como da primeira vez, mercê da sua cultura e da sua facilidade de expressão, conseguiu prender a atenção da assistência durante mais de uma hora demonstrando em muitos e elucidativos exemplos a superioridade do Código Penal do Espírita que vem preencher as lacunas que existem no oficial. Comparou as nossas concepções de vida após a morte com a do inferno, dizendo que a ideia das penas eternas é incompatível com a de um Deus infinitamente bom, acrescentando que mesmo actualmente muitos teólogos já não a aceitam.

António Cardoso, que falou em seguida, congratulou-se com o esplêndido trabalho apresentado, fazendo votos para que o orador nos volte a apresentar muitos outros do mesmo género para prazer espiritual de todos os presentes e progresso do Espiritismo.

DISCOS VOADORES

Muito se tem escrito sobre discos voadores e muito mais se tem falado. Ainda há pouco o coronel brasileiro Adil de Oliveira, chefe do Serviço de Informações do Estado-maior da Aeronáutica, realizou uma conferência sobre o assunto, à qual se deu o maior relevo, e na qual estudou o assunto relativamente ao passado e ao presente, dizendo que o problema era sério e que a aparição dos discos recrudescera depois das explosões atómicas. *O Clarim*, de Buenos Aires, dedica várias colunas ao assunto, publicando depoimentos de observadores autorizados e deixando entrever as mais variadas hipóteses para a explicação do fenómeno.

O mesmo jornal insere a opinião de D'Alton, homem de ciência francês que inventou a máquina de explosão a distância de minas terrestres e que é digna de ser ponderada. Por essa razão publicá-la-emos no número de Março.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se mais uma oferta de livros espiritas a três subscritores desta modalidade beneficiente.

Foram os seguintes:

«Ciência Divina» — Bartolomeu Bana Martins, de Manique do Intendente.

«No Limiar do Etéreo» — Isaac Marques, de Viseu.

«Um médium de Transportes» — Capitão Lourenço Alves Ribeiro, de Lisboa.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MARÇO DE 1955

Dia 1, terça-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2, quarta-feira, às 21.30 — Grupo de Estudos Espiritualistas, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 3, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8, terça-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 9, quarta-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 10, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 15, terça-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 16, quarta-feira, às 21.30 — Grupo de Estudos Espiritualistas, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 17, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Conferência por António Cardoso, intitulada «A Quiromancia».

Dia 22, terça-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 23, quarta-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 24, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 29, terça-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 30, quarta-feira, às 21.30 — Grupo de Estudos Espiritualistas, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 31, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 3 de Abril, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 5 de Abril, terça-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Fevereiro — Manuel Pinto, de Rio Maior, 11$50; D. Cupertina de Meneses, de Alhandra, 20$00; Leonel Gomes Pinto, de Malange, 100$00; Cipriano Marques, de Anadia, 8$00; R. L., de Abrantes, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Brindes de Livros Espiritas, 55$00; Centro E. Luz e Amor (Janeiro e Fevereiro), 300$00. Total — 534$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litigio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

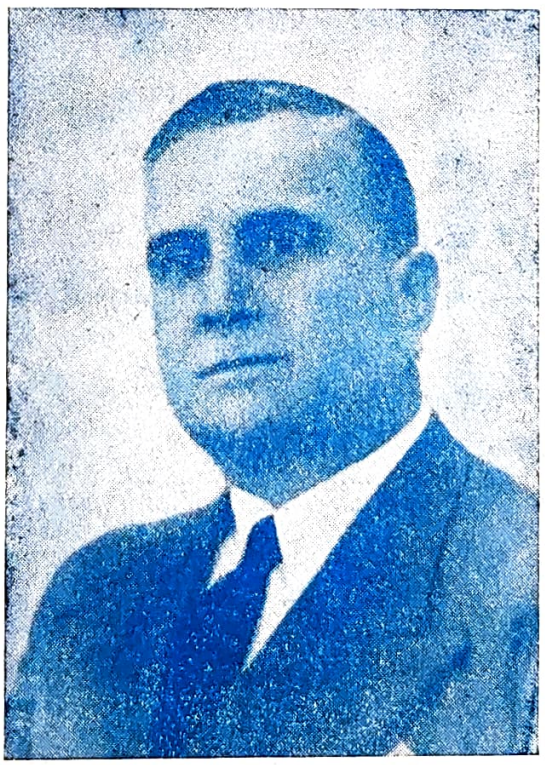
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



ISIDORO DUARTE SANTOS

CONTÉM: Uma Viagem, da **Redacção**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; Da Convicção em Matéria Metapsíquica, pelo **Visconde B. de Cressac**; Santa Mulher, por **Leopoldo Machado**; À Margem do Livro «Deus e Universo», pelo **Dr. Canuto de Abreu**; Deus, por **António Diniz da Cruz e Silva**; Evangelho, por **I. M. Reis**; Um Médium Escultor, por **N. Kauffman**; Os Tempos São Chegados - II - pelo Médium **Hercílio Maes**; Que é a Mediunidade?, por **José Simões de Matos**; Exortações à Luz, por **«Irmão César»**; Memória Ancestral, por **Deolindo Amorim**; Fraternismo - Compilação de **Luciano Silva**; Ioga, pelo **Prof. Octávio Marialva**; Mensagem aos Irmãos do Brasil; Como Nos Defendemos, por **Salvador Gatto**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

(Ver pág. 87)

16.º ANO MARÇO DE 1955 N.º 3

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $120,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espiritos'	35$00	47$00
O Livro dos Médiuns	35$00	47$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	35$00	47$00
O Céu e o Inferno	38$00	50$00
A Génese (nova edição)	38$00	50$00
Obras Póstumas	35$00	47$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1955 — N.º 3

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

UMA VIAGEM

Viajar é um dos maiores prazeres do espírito. Distrai e educa, em treino de sensações. Tudo em nós se movimenta, se altera, se dispõe, segundo a atitude e a paisagem. Unidade na variedade.

Mas esta viagem é de reposição e integração. Vamos repor o alimento que nos emprestaram, vamos integrar-nos no ambiente amigo que nunca deixou de favorecer-nos. A amizade tem paradoxos que só o coração compreende.

A dois passos de terra brasileira, que o sangue português regou em holocausto, somos presa de curiosidade e ansiedade. Alteia-se a aspiração, alarga-se o sentimento, um pouco de nervosismo se interpõe em crise de restauração lógica. É natural, em véspera de expansões afectivas.

A deslocação dos homens faz parte da vida. Há necessidade de intercâmbio, de conhecimento, de efusão moral e espiritual. Temos que nos dar em transcendência para melhor equilíbrio. Ficamos mais fortes, mais serenos e mais perfeitos.

Sentimos peso enorme sobre os ombros. É preciso um arauto e não somos arauto; é preciso um orador e não somos orador; é preciso alma que atraia e empolgue e somos pobres de recursos tais; é preciso pulso e resistência e temos receio da nossa fraqueza. Por isso sentimos responsabilidade.

Mas também temos confiança. Em nós e nos outros. Os amigos são para as ocasiões. Onde fraquejarmos, auxiliar-nos-ão. Uma espécie de Cireneus infatigáveis, capazes de levar toda a cruz, quando o cansaço invada os limites. No Norte e no Sul vemos bordões deste género. Assim, não há temores que se justifiquem.

E o Alto, não conta para isso? Donde veio a ideia da viagem? Quem a veiculou e acalentou? Porque estamos tão ligados ao Brasil? Que voz interior nos incita a amá-lo e a festejá-lo? Isto são factores importantes. Não podemos afastá-los do pensamento.

Agora estamos mais calmos, sentimos menos nervosismo. O sol promissor começa a beijar os píncaros da montanha. A coragem envolve-nos, as forças latejam em nós, o optimismo constrói o seu nicho. Há vigor, há disposição, há vontade indómita. Milagre e ressurreição que apontam caminhos nunca dantes palmilhados. Olhares indulgentes e sorrisos afectuosos que se esboçam na lonjura e que emitem vibrações acolhedoras...

Uma viagem faz tudo isto e muito mais no rumo do Brasil.

É contando com o imprevisto salutar que abandonamos a torre de vigia. Vamos ao encontro da Fé para trazermos fé. Vamos à Meca espiritual buscar alentos novos, aspirações novas. Vamos sentir os corações amigos mais perto do nosso. O resto compreende-se. Nem as palavras o dizem, nem é preciso traduzi-lo em linguagem imperfeita.

O reduto, esse fica entregue. Tudo seguirá como se cá estivéssemos. Os próprios leitores não darão pela nossa abalada. Terão resposta às suas missivas, serão atendidos em seus desejos. De manhã, à tarde e à noite, haverá serviço permanente. Fiquem tranquilos os correspondentes, animem-se os amigos dilectos.

Esta grande viagem vai cientificar-nos de muita coisa necessária. São tantos os prodígios que se anunciam, que será lícito pensar: «ver para crer», se não tivéssemos firmado a crença há muito.

As almas alçam o voo sobre rastos de luz propícia. Não singram ao acaso, como naus de aventura em mares procelosos.

A nossa vai direita ao seu ambiente favorito. Lá, estará como cá. É só mudar de latitude. Quanto ao labor, nada mais faremos do que manter a mão no arado, que não cessará de sulcar na charneca onde os vindouros lançarão a divina semente.

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

(1)

ACTOS DO NOSSO DRAMA

Para muita gente, a própria tese da comunicabilidade dos mortos não é tão dura de se conceber como essa história de reencarnação. Afinal de contas, os factos que atestam o intercâmbio entre o plano físico e o espiritual, ocorrem por toda a parte, a imprensa regista, os livros expõem, o povo comenta. Embora pareça impossível, quem ousará argumentar contra os factos? Impossível era outrora que uma máquina com o peso de muitas toneladas percorresse velozmente o espaço. E hoje, sem que muitos saibam explicar o porquê dessa maravilha, já ninguém olha para cima quando elas passam, porque o inconcebível do passado tornou-se em nossos dias um acontecimento corriqueiro. Agora, esse negócio de morrer uma pessoa e voltar outra vez a este mundo é o que há de mais inverosímil e absurdo—no entender de certas criaturas que não perlustraram a blibliografia espirita e não reflexionaram um pouco sobre este assunto.

Que a tese transcende a compreensão de muitos, bem o sabemos. A reencarnação, não obstante, é doutrina eminentemente racional, consagrada pelas mais antigas religiões do mundo, assinalada na História, confirmada pela ciência,sancionada pelo Cristo. Que importa haver os que não podem compreendê-la? Rejeitam-na hoje, aceitá-la-ão amanhã. Todos marchamos para aquisição de maiores conhecimentos. Os que negam a reencarnação, certo não negarão a omnipotência de Deus. Ora, somos ou não somos espíritos num corpo de carne? Estamos indubitàvelmente encarnados, sofremos o processo da «encarnação». E que quer dizer «reencarnar»? Não é reevestir-se de carne «outra vez»? Será então que o que Deus pôde fazer «uma vez», não o possa fazer outras vezes e não o tenha feito muitas vezes antes desta? Se este argumento não basta, dizei-nos porque será que os espíritos, segundo credes, sendo feitos por Deus para o corpo do nascituro, diferem tanto em inteligência e moralidade, em sentimentos e pendores naturais? Se o Pai é equânime e justo, porque a uns de seus filhos concedeu o que aos outros recusou? Queiram, pois, ou não queiram os homens, o drama de nossa vida compõe-se de inúmeros actos, que são as existências terrestres. Representámos ontem, estamos hoje representando, representaremos amanhã e sempre, até desempenharmos com perfeição o nosso papel... Passaremos a estância mais feliz do que a Terra, quando, pela dor, resgatarmos as nossas culpas. Dura lex, sed lex. *Disponhamo-nos, pois, a um ligeiro exame do problema.*

(2)

PREEXISTÊNCIA DA ALMA

As experiências de regressão da memória, levadas a efeito em 1887, na Espanha, por Fernandez Colavida, e, seis anos mais tarde, repetidas, com esplêndido êxito, pelo engenheiro Alberto de Rochas, em Paris, poderiam ter posto termo, definitivamente, às controvérsias filosóficas acerca do nosso passado prenatal. Mas ocorre que nem todos conhecem a inestimável contribuição científica desses dois eminentes pesquisadores, e vêm desse desconhecimento — da parte de uns —, e do interesse ou má fé — da parte de outros — as discussões subsistentes no que toca à teoria da preexitência da alma. Que somos de ontem, pois, antes desta, vivemos inumeráveis existências animando outros corpos que a morte desfez em pó, tal foi a grande verdade que resultou, positiva e irrecusável, daquelas memoráveis experiências.

Empreendendo-as com o concurso de um sonâmbulo, Fernandez Colavida submeteu este a um profundo sono magnético e, nesse estado, mandou que ele contasse o que havia feito no dia anterior, depois no outro dia, e, assim, transportou-o à sua infância, de que recordou todos os pormenores.

Mergulhando-o ainda mais no passado, fê-lo descrever a sua vida espiritual antes do nascimento, e a morte na sua última encarnação, e toda essa vida anterior, pentrando após na outra fase da vida espiritual. A retrospecção fez remontar o paciente a quatro encarnações, e a cada mudança de persona-

lidade correspondia uma transfiguração característica, nos gestos e no semblante.

Colavida era um homem frio, circunspecto; e desejando combater quaisquer causas fortuitas de erro para poder certificar-se da realidade do fenómeno que havia produzido, fez magnetizar o «passivo» por outro magnetizador, o qual sugeriu-lhe serem falsas as existências pregressas. A despeito dessa sugestão, o médium repetiu as suas descrições como o havia feito anteriormente.

Estas experiências foram comunicadas ao Congresso Espirita e Espiritualista de 1900, reunido em Paris. O documentário das pesquisas efectuadas por Alberto de Rocha encontra-se no livro que ele escreveu — As Vidas Sucessivas —. Aí está porque os espiritas admitem a anterioridade da alma; e como consequência lógica e imediata deste princípio decorre a sua convicção da sobrevivência e do ser e das vidas consecutivas. Não bastassem essas demonstrações baseadas no método experimental e por si só decisivas para se firmar a certeza da nossa procedência e imortalidade pessoal, e apelariamos para outros elementos de comprovação, que todos os indivíduos, aliás, trazem consigo, como a revelarem o que foram e o que aprenderam no passado. Esses elementos intrínsecos são as nossas tendências instintivas, os nossos conhecimentos inatos de que nos ocuparemos por alto para fortalecer a nossa tese aqui esboçada.

(3)

CONHECIMENTOS INATOS

Como não há nada mais fácil do que uma negativa, imaginemos que se ponha em dúvida o valor probante das experiências de Fernandez Colavida e Alberto de Rochas, a que aludimos, relativamente às existências da alma humana anteriores à sua actual encarnação. Ambos, porém, são investigadores reconhecidamente honestos, sendo que o segundo (antigo director da Escola Politécnica de Paris) não era espirita, para que o suspeitassem de parcialidade. Tanto ele como Colavida experimentaram com vários passivos, obtendo sempre resultados concordantes.

No seu livro já citado, relatando em todos os pormenores as suas pesquisas, diz o sr. Alberto de Rochas: «Todos os passivos, quaisquer que fossem as suas opiniões no estado de vigília, apresentam o espectáculo de uma série de individualidades cada vez menos adiantadas moralmente, à medida que se remontava o curso das idades». As indicações por eles dadas durante a hipnose, acrescenta o sr. De Rochas, NÃO VARIAVAM NUNCA e eram de tal modo categóricas, que ele próprio, entrando a fazer indagações, pôde verificar a existência de nomes, lugares e famílias que entravam nas narrativas, posto que no estado normal de nada os passivos se lembrassem. Sim, tudo isto poderão impugnar e bastam duas palavrinhas: «Não cremos».

Pois vamos ao que é mais concreto, aos factos de observação, ao que está por toda a parte à vista. Reparemos num lar, por exemplo, onde os cônjuges têm dois filhos. A educação paterna e os exemplos da moral doméstica não obstaram a ambos os descendentes as diferenças de génio e de carácter. Um distingue-se pelos sentimentos de bondade e ponderação e o outro é de índole perversa e leviano; um aplica-se ao estudo e aos misteres relevantes e o outro é despreocupado e propenso às coisas fúteis. Ao invés, indivíduos oriundos de pais incultos e servis possuem instinto de dignidade e grandeza; já outros, tendo nascido nas classes superiores, só apresentam instinto de inferioridade.

Certas pessoas assimilam com notável facilidade as verdades espirituais, que em muitos não encontram a menor receptividade, nem exercem a mínima influência. Nem a hereditariedade nem o atavismo lograram explicar satisfatòriamente o caso dos génios precoces. Ora é Pierino Gamba, aos 11 anos regendo magistralmente orquestras integradas por exímios professores; ora é o moço baiano Dario Vasconcelos, de 19 anos, falando e escrevendo em 25 idiomas e dialetos. Ou o menino desta capital, Carlos Augusto Bandeira, a executar com perfeição os retratos de conhecidas personalidades mundiais e cuja natural vocação para essa arte já o fazia desenhar, antes de saber falar correntemente. De casos desta espécie e doutros bem mais assombrosos está repleta a História, mas só alguns iremos coligir. Onde beberam essas criaturas semelhantes conhecimentos, se não viveram antes, se o seu passado começou no berço? Pois tais conhecimentos, assim como as tendências irresistíveis e as inclinações naturais, são indícios incontestáveis de remoto aprendizado, de progresso anterior da alma. Outros argumentos militam em favor da nossa tese, como veremos, embora a examinemos perfunctòriamente.

(Continua)

DA CONVICÇÃO EM MATÉRIA METAPSÍQUICA

pelo VISCONDE B. DE CRESSAC

(Engenheiro E. C. P.)

COMO conseguirá a inteligência humana obter provas de convicção? Este problema foi provàvelmente resolvido nos seus mais ínfimos pormenores por psicólogos profissionais e nós poderemos dar alguns esclarecimentos se a nossa erudição nos permitir. Eis a razão por que, ao iniciar esta análise, não pretendemos apresentar coisas novas, mas apenas tirar conclusões aplicáveis às nossas investigações psíquicas.

A convicção pode adquirir-se por dois processos: a evidência e a crença, as quais, correspondendo a duas grandes tendências, a dois grandes sistemas psicológicos, se apresentam, conforme as circunstâncias, sob múltiplos aspectos, ficando intacta a sua natureza profunda, cujos traços podemos encontrar nos vocábulos: espírito geométrico ou espírito inteligente, conhecimento científico e intuitivo, educação e génio, experiência e instinto, etc.

Com efeito, podemos dizer que estes dois ramos da aquisição de conhecimentos são baseados no raciocínio e no sentimento, e que, de harmonia com as suas faculdades, os homens se classificam, nestas duas tendências, em diversos graus de uma escala infinita.

Todos conhecem, sem dúvida, o sentido exacto dos dois termos *evidência* e *crença*. No entanto, considerando melhor, não será talvez inútil analisá-los tão exactamente quanto possível. E, vendo bem, a tarefa não é simples, como parece.

Estas duas palavras destinam-se a definir um «estado de alma», noção essencialmente subjectiva e difícil de determinar.

Lutero, referindo-se à evidência, afirmou, e muito bem: «A evidência é tão verdadeira como o facto de um côvado ser mais comprido do que meio côvado. Poderia o mundo inteiro tentar convencer-me do contrário, mas eu teria a certeza de que era assim. Onde vou buscar esta convicção? À verdade, que não pode ser negada.

Mas, caso curioso, esta definição, para o crente, aplica-se completamente à sua crença. Onde vai ele buscar essa convicção? Quem lha dá?... Ninguém. Apenas a verdade incontestável que, para ele, não pode ser negada.

O crente está por tal forma convencido da exactidão do seu ponto de vista, que nem o sofrimento nem a morte conseguem demovê-lo. No entanto, todos sabem que estas bases de convicção são diferentes e de forma nenhuma comparáveis nos dois casos.

Com efeito, quando a nossa convicção pretende apoiar-se na evidência, apela, implìcitamente, para uma espécie de raciocínio lento e condicional, isto é, o absurdo. Quando afirmo: «é noite», ou «dois e dois são quatro», subentende-se a hipótese contrária: «se não fosse noite... se dois e dois não fossem quatro...», para concluir: «desta forma chegarei a conclusões absurdas».

Se a razão se torna indispensável para a convicção pela evidência, acontece exactamente o contrário na convicção pela crença.

Nesse caso, a nossa adesão à tese é espontânea e, como a razão não intervém, a tese oposta também poderá ser aceita. A convicção baseia-se numa certeza imediata e revelada, de ordem instintiva ou sugestiva, não precisando de discussões. Na crença, temos primeiro o conhecimento; na evidência, o conhecimento vem em segundo lugar. Por isso a convicção é, no primeiro caso, inabalável e sem contradição possível.

Desta forma, quando afirmo: «Creio na divindade de Buda, na Imaculada Conceição, no governo da República», não existe raciocínio algum que possa provar-me a excelência ou o erro da minha convicção.

Tenha ou não tenha razão, essa convicção, para mim, será sempre legítima e inatacável. «Sei isto porque... sei. A minha certeza é certeza, porque é minha e eis tudo».

Justamente por isso, a força da minha convicção é ainda mais imperiosa.

Depois desta análise, que valor intrínseco poderá ter cada um destes dois processos de convicção?

Invocando a razão humana, a convicção pela evidência parecer-nos-á intelectualmente preferível.

Na realidade, esta será muitas vezes ilusória e mais perigosa por se basear em elementos aparentemente indiscutíveis.

Com efeito, no Universo existem muitíssimas noções definitivamente estabelecidas, se as virmos superficialmente, e que, depois de investigações mais delicadas, de esforços dolorosos e subtis, se despojam da aparência, mostrando-nos a verdade profunda.

Por exemplo, quando diante de nós o Sol se ergue no Oriente, atinge o zénite e depois se oculta no Ocidente, a evidência provada por estes factos não passa de um erro. É preciso um considerável esforço intelectual, em desacordo com a evidência, para inutilizar a certeza da rotação do Sol em volta da Terra.

Para alcançar a correcção intelectual necessária, teremos de apelar para o segundo processo de convicção: a crença.

Porque em determinada altura eu «não acreditei» na rotação do Sol em volta da Terra e «acreditei» no fenómeno oposto, repelindo com energia a evidência, é que pude ligar raciocínios bastantes para me levarem a rejeitar o testemunho dos meus olhos.

O que é aplicável a uma evidência positiva, como o curso solar, não o será menos a uma evidência negativa, como, por exemplo, a que levou esse grande cientista chamado Lavoisier a afirmar irònicamente: «Como não se vêem pedras no céu, elas não podem cair na Terra».

Mas uma crença enraizada em falsas evidências, implicando outras crenças e outras evidências para fazerem triunfar a verdade perante os mais conceituados sábios, e um raciocínio justo na sua construção, mas falso na base, precisaram da crença de muitos não-sábios e de discussões seculares para serem definitivamente postos de lado, contestados e renegados.

Uma das formas da evidência sujeita a caução é a que vulgarmente se chama *senso comum*. Este

pode considerar-se uma apreciação prejudicial de quem possui pretensa experiência da vida e afirma a veracidade de tal ou qual conceito.

As possibilidades de erro do senso comum são tão numerosas como as da evidência pròpriamente dita; alguns erros são tão clássicos como as ilusões ópticas. Recordemos sucintamente um dos mais conhecidos: o do *pau cortado*. Tome-se uma vara de madeira com 1 metro de comprimento e de 10 em 10 centímetros faça-se um entalhe de 1 milímetro. Repita-se a operação, fazendo novos entalhes de 10 centímetros e um décimo de milímetro e assim sucessivamente. Conseguiremos, finalmente, tirar toda a madeira da vara?... O senso comum diz-nos imediatamente que sim, mas a reflexão responde-nos que não.

Portanto, é preciso a maior prudência para basear a convicção no senso comum.

Desta forma, toda a convicção sentimental ou reflectida, genial ou simples, examinada ou não à luz da razão e do raciocínio, baseada na evidência ou na crença, continua, apesar de tudo, sujeita a garantia e a sua validade será sempre contestável.

O sábio deverá, em qualquer caso, temperar a convicção com alguns grãos de incerteza e de cepticismo, mostrando-se sempre reservado nas suas afirmações.

Infelizmente, raras vezes isso acontece. Quando uma convicção se enraizou no pensamento, pela crença ou pela evidência, é quase impossível arrancá-la.

Semelhante obstinação, para um homem inteligente, pode parecer inexplicável. Todavia, à luz da psicologia, afigura-se-nos não só desculpável, mas até lógica.

Por exemplo, a convicção de um crente nunca será compreendida por um descrente. Conscientemente ou não, aparentemente ou não, os seus silogismos nascem de proposições diferentes e, tanto um como outro, chegarão necessàriamente, de boa fé e com raciocínios precisos, a conclusões divergentes, opostas e por vezes incompatíveis.

Eis um cristão e um não-cristão. O cristão dirá: «creio na divindade do Cristo»... Portanto, para ele o Cristo existiu, Sua mãe também, e esta não podia deixar de ser assinalada pela mão de Deus. As suas deduções serão claras como cristal; o seu ponto de vista e a interpretação dos factos serão lògicamente baseados na sua crença. O não-cristão dirá: «Não creio na divindade do Cristo»; portanto, a sua existência poderá ser posta em dúvida, a virgindade de Sua mãe não passa de um mito, etc. Baseada em raciocínios não menos rigorosos, mas numa interpretação diferente dos factos, a sua convicção será tão firme como a precedente, embora completamente oposta.

Segue-se que pensadores de valor intelectual idêntico e absolutamente sinceros podem sustentar com violência e fanatismo teses inteiramente contrárias, desprezando-se mútuamente.

Logo que se compreendam, estas aberrações da convicção humana permitem reconhecer fàcilmente as dificuldades de convicção em matéria metapsíquica, ciência em princípio e difícil, exigindo mais do que nenhuma outra o equilíbrio dos dois meios para se poder estabelecer uma convicção racional, porque, neste domínio particularmente difícil de descobrir e de atingir, o meio-termo, o ideal dos pensadores orientais, estará oculto, como no labirinto das crenças e guardado pelos agudos bicos do cascalho da evidência.

De todas as figuras contemporâneas cujos nomes são conhecidos e familiares na metapsíquica, há dois que, em nossa opinião, representam essa dupla dificuldade e concretizam claramente os dois tipos da convicção: Marcel Boll, a evidência; Gabriel Marcel, a crença.

Na análise que nos propomos fazer, teremos, bem entendido, de pôr de parte a hostilidade declarada e por assim dizer patológica do primeiro e a atracção inevitável do segundo, para demonstrar que a posição dos dois intelectuais é tão má uma como a outra, a fim de alcançar a convicção do pensador-modelo que, pelo seu equilíbrio, ponderação e repugnância por todos os excessos, contribuíu para a reputação universal da melhor época francesa, a do Grande Século, de que a nossa geração sente a nostalgia, sem conseguir atingi-la ou mesmo confessá-la.

Infelizmente, temos de reconhecer que, nos nossos dias, são raros os espíritos capazes de erguer uma construção intelectual clara e lógica, conservando ao mesmo tempo elevada inspiração. Mas dificuldade não significa impossibilidade e, de qualquer forma, será a esse pensador ideal que aludiremos.

O pensador «tipo Boll» é, com efeito, absolutamente incapaz de assimilar qualquer coisa situada fora do campo do *contrôle* dos aparelhos «actualmente» em uso no seu laboratório. Por isso, inúmeros factos humanos ficam sem explicação na sua mente, que sistemàticamente os afasta.

Estamos convencidos de que se encontraria em dificuldades se pretendessem, por exemplo, obrigá-lo a descobrir o interesse das cruzadas. Todas as formas intelectuais, para lhe serem acessíveis, terão de cingir-se às normas rígidas do «espírito geométrico» ou ser incluídas no género «lei de Mariotte».

O facto metapsíquico é quase sempre pouco acessível e geralmente furtivo. Além disso, necessita em muitos casos de considerável espírito de apreciação, fazendo apelo a elementos de sentimento ou boa fé e envolvendo num plano provàvelmente muito diferente dos nossos planos habituais. Assim, como conseguir que dê o mais pequeno impulso a essa mecânica psíquica?

Fazer a pergunta será o mesmo que responder com uma negativa formal.

Como será possível, então, censurar esses intelectuais, exactos mas inertes como uma máquina, quando abordamos com eles um assunto cuja novidade exige, infelizmente, razoável dose de «subtileza», e eles se abandonam a divagações grosseiras e por vezes indelicadas? Tentemos, nestes casos extremos, ter para eles delicada indulgência, alimentando a esperança de que nos pagarão na mesma moeda, para evitar atitudes deselegantes tão vulgares em certas discussões.

Por sua vez, a intuição «marcelina» apresenta, perante a metapsíquica, um inconveniente muito diferente, mas não menor.

É, de facto, numa espécie de manifestação genial e subjectiva a que um homem vulgar não poderia aspirar, que o célebre filósofo do neo-cristianismo assenta a sua convicção metapsíquica.

Essa noção será talvez acessível a um artista ou a um poeta, mas infelizmente, na nossa época, raros serão aqueles que se deixem tocar pela «graça» metapsíquica para aderir ao nosso ponto de vista.

Num grau aproximado, a convicção necessitará, para se firmar, da narração feita por um terceiro, mais ou menos representativo de uma ou mais observações metapsíquicas. Uma convicção mais exigente pedirá que se observem directamente os factos, com graduações infinitas na qualidade ou quantidade dos fenómenos. Outro, mais desconfiado ou mais rigoroso, para se convencer, quererá produzir os fenómenos, como nós próprios pretendemos. Finalmente, este último, concordando com os desejos de Boll, não se conven-

SANTA MULHER

por LEOPOLDO MACHADO

Encenação. Um grupo de crianças, devidamente ensaiadas, em cena. Uma declama a poesia, cabendo às outras fazerem as perguntas curiosas dos últimos versos. Na última estrofe, todas trauteiam a música *Santa Mulher* do disco *Odeon*, 13261-A, de Jair Maia e Felisberto Martins. Depois, cantam todas o disco, com tonalidades de *orfeão*...

É uma santa mulher. Mas, muito santa.
E fascina e deslumbra e enleva e brilha.
Além do mais, a toda gente encanta...
— Filha, naturalmente?

— Não é filha.

É seu fulgor maravilhosso e belo,
Como a estrela da manhã,
Ou como o setestrelo...
— Com certeza é a irmã...

— Não é a irmã.

Tem mais encanto do que a irmã. Acima
Dela, nada se encontra, nada!
Saíu das mãos de Deus, feito obra prima...
— Namorada?

— Não é a namorada!

Sua fascinação deslumbra a gente,
Porque é a obra maior da Natureza,
Grande, formosa, esplêndida, eloquente...
— É a noiva, com certeza...

Não é a noiva. Excede a noiva. Excede
Muito mais e em muita coisa,
A noiva. Seu amor nunca se mede...
— A esposa, será?

— Não é a esposa...

É a mulher, cujo renome implica
Hinos de amor em divinal orquestra,
Quer seja branca ou preta, pobre ou rica...
— Eu sei, é a mestra.

— Pois não é a mestra.

É mais que a filha e a irmã; e muito mais
Que a namorada e a noiva, a esposa e a mestra.
Pois que Deus acompanhe
Seu nome excelso a hinos divinais,
Seu nome augusto com divinal orquestra:
É a nossa mãe! Santa Mulher é a mãe!

E no dia das mães, que todos nós,
Sem sombra de tristeza e misereres,
Ergamos nossa voz
Em louvor à mais santa das mulheres!

cerá absolutamente, se não fundar a convicção em dados da experiência científica, quer dizer, se não puder reproduzir o fenómeno metapsíquico as vezes que desejar.

Neste rápido exame das inúmeras formas que a convicção em matéria metapsíquica pode revestir, fàcilmente se compreende a dificuldade. Ao passo que, na ciência ordinária, ninguém pode hesitar perante o resultado experimental e uma única atitude se torna possível (convicção ou não convicção), no domínio metapsíquico, pelo contrário, o número de casos a admitir prolonga-se ao infinito, em consequência da liberdade de apreciação dos fenómenos.

Desta forma, por muito que se diga e que se lamente, a situação não se modificará, enquanto o génio inventivo dos pesquisadores não encontrar de maneira precisa o meio de realizar a demonstração experimental dos fenómenos metapsíquicos.

Devemos dizer que grande passo foi dado nesse sentido, quando alguns investigadores reconheceram o imenso interesse dos pequenos fenómenos metapsíquicos, fáceis de incluir em estatísticas sistemáticas, com referências ao cálculo das probabilidades. Nós próprios e a *Associação Francesa de Estudos Metapsíquicos* trabalhámos muito tempo neste sentido e nunca desprezámos os resultados obtidos. Publicámos os mais interessantes fenómenos relativos às «Demonstrações Experimentais de Telepatia» (1), de Cressac, e «Efeitos Psico-cinéticos», de Chevalier (2).

O seu interesse reside, não só no número verdadeiramente elucidativo dos fenómenos estudados, mas, acima de tudo, na possibilidade, para quem estiver na disposição de tentar as experiências, de obter resultados comparáveis, seja quem for o experimentador ocasional.

No entanto, essa vantagem representa também um inconveniente, visto que poucos terão a paciência de reunir a dúzia de pessoas necessárias à repetição de experiências demoradas e fastidiosas.

Contudo, empregando os mesmos métodos e aparelhos cada vez mais aperfeiçoados, haverá grande probabilidade de obter fenómenos cada vez mais subtis, em curto prazo e com experiências não muito longas.

Desta forma, sem afirmar coisa alguma, pudemos conseguir resultado bastante animador com o nosso aparelho óptico-electrónico para demonstrar a evidência dos fenómenos psico-cinéticos (3).

---

(1) «Sciences Métapsychiques», 1946, I e II, e «Cahiers Métapsychiques».

(2) «Cahiers Métapsychiques».

(3) Idem.

(De *Spiritualisme Moderne*—Tradução de SIBIL).

À MARGEM DO LIVRO "DEUS E UNIVERSO"

pelo DR. CANUTO DE ABREU

PRECE

É meu primeiro impulso. Sinto-me devedor a DEUS, antes de tudo, do inestimável prémio de ser contemporâneo de Pietro Ubaldi e, mais ainda, de haver sido o primeiro Brasileiro, talvez, a conhecê-lo pessoalmente em Gubbio, aonde fui para lhe apertar a mão e lhe ouvir a palavra. Alguns espiritas compreenderão de pronto o motivo desta ufania mística: Para os homens amadurecidos de nossa geração, Pietro Ubaldi não é só um homem que toda a gente pode conhecer. É também o génio que teve a missão de sintetizar a Filosofia Religiosa do porvir, cujos primeiros fundamentos foram lançados de 1857 a 1869, em Paris, por outro génio missionário, ALLAN KARDEC. O génio só alguns espiritas podem conhecer, pois isso não depende de vontade mas de amadurecimento. Não basta, de facto, ser chamado à crença espirita para conhecer o nosso missionário, mas ser escolhido. Sei de muitos que teimam em ignorar o valor da obra de Pietro UBALDI e a refutam. Esses, naturalmente, ignorando o assunto, não compreenderão o motivo de minha ufania. Nem lerão estas linhas. Outros, porém, estão de boa vontade aguardando o seu ensejo. É para estes que escrevo, dizendo-lhes quem é o autor e o que é a obra marginada.

O AUTOR

Principiou a ser conhecido de nome nos meios literários ítalo-brasileiros em 1911, quando editou «L'Espasione Coloniale e Commerciale dell'Italia nel Brasile», desenvolvimento da tese de Doutor em Direito que ele defendeu com distinção em 1910 na Universidade de Roma. No mundo filosófico apareceu em 1928 com «L'Evoluzione Spirituale», ensaio publicado em série na revista romana Ultra. *Conquanto os espiritistas experimentados já pudessem aí perceber o «médium» e a sua «crença espirítica» — pois o articulista afirmava ser «levado a escrever em virtude de impulso interior misterioso e indefinível» e sentir ao escrever que «as ideias lhe acudiam como a revelação de recôndita entidade» existente dentro dele, «como a revelação dum arcano íntimo», conservado na memória subconsciente anterior à vida actual — a explicação de seu fenómeno e de sua crença podia encontrar-se, conforme o próprio autor do ensaio, dentro da Filosofia clássica, da Psicologia comum, ou, se mais, do misticismo religioso. A sua vocação missionária de «médium revelador» só se tornou positiva três anos depois. Antes e primeiramente, teve de fazer duas renúncias. Renunciou os bens da fortuna, que passavam de uma centena de milhões de liras bem consolidados, abrindo mão de seus direitos de co-herdeiro e entregando seu quinhão na herança à família e a parentes, a fim de ficar, ele só, franciscanamente pobre, e cristãmente livre para seguir Jesus. Renunciou o munus de advogado que seu título de Doutor em Direito lhe assegurava em qualquer foro italiano, a fim de melhor servir ao Mestre sem outros clientes. E assim, pobre, sòzinho, sem profissão privilegiada, confiado em sua intuição, partiu certa manhã como um apóstolo, levando apenas a túnica e a sandália. Partiu no mesmo dia em que deliberou a dúplice renúncia. Subiu para o seu misterioso destino em que só ele na Terra acreditava. E o mundo o julgou a seu modo, segundo a aparência. E, como simples peregrino penitente, ganhou ao entardecer a estrada de Colle Umberto, destinada a entrar para a História do Espiritismo com o mesmo signo de luz da* Estrada de Damasco *na História do Cristianismo. Pela madrugada, exausto de forças físicas, sentou-se numa pedra do caminho. E orou. Estava só dentro da noite estrelada e do silêncio ambiente. E sem rumo. Abrindo depois os olhos húmidos para contemplar o céu imensamente distante, viu descerem duas estrelas que, ao poisar no chão, tomaram a forma humana, transcendente e luminosa. As duas entidades celestes marcharam em direcção a ele. Não tardou a reconhecê-las, graças à memória espiritual. Foi a sua primeira visão na série missionária. Convidado, marchou entre elas, tendo à direita Jesus e à esquerda Francisco de Assis. E, caminhando, ouviu bem nítida e inconfundível a VOZ DO CRISTO, que daí por*

diante, em seus escritos, passou a designar «VOZ D'ELE» ou «SUA VOZ». Ficou desde então garantido, quanto ao alimento do espírito. Para ganhar o pão diário do corpo «em trabalho material», obteve em concurso a cátedra de inglês em ensino secundário. E foi designado para o Liceu de Modica, no sul da Sicília. Ali, sòzinho, completamente desconhecido por dentro e sem se dar interiormente a conhecer a ninguém, era para todos uma figura apagada, um simples mestre-escola ginasial. Um modesto «Chico Xavier» italiano. E ali esperou ordens do MESTRE para iniciar a missão esboçada na estrada de Colle Umberto. Nas horas vagas, afastava-se do centro para um horto distante, onde se quedava absorto, pensando em Jesus e nos grandes problemas teológicos ainda a resolver. Um dia, quando ali orava à Ave-Maria, o Mestre lhe apareceu e lhe falou. Conversaram. Selaram uma aliança. Trabalhariam em solidariedade, UM no Céu, outro na Terra, visando ao preparo da Humanidade «espiritualizada» e destinada a ingressar no Terceiro Milénio Cristão. Na noite de Natal de 1931, Ubaldi recolheu-se ao seu quartinho de pensão familiar, no qual havia apenas uma cama, uma cadeira e uma pequena mesa. O frio era forte e a cela não tinha lareira. Pensou em deitar-se para desprender-se. Mas veio-lhe o impulso irresistível de escrever. Sentou-se à mesinha e orou. E suas ideias se foram dissipando como trevas espancadas suavemente por luz que se aproxima. De repente, ouviu aquela VOZ inconfundível, a «VOZ D'ELE»:

— No silêncio da Noite Sacrossanta,
Escuta-me! Relaxa tudo o mais:
O saber, as lembranças, a ti próprio.
Esquece tudo! Entrega-te vazio,
Sem nada, inerte, à VOZ QUE É MINHA,
Em silêncio, o maior do Tempo e Espaço,
E, assim vazio, escuta a MINHA VOZ!
ELA te fala:—SURGE! E DIZ—SOU EU.

Foi assim que principiou o seu mandato: — «SURGE!» E ele surgiu, de facto, nessa hora. Esta primeira e outras «Mensagens Espirituais» lançaram Pietro Ubaldi à missão reveladora. E isso se deu — como estava previsto na história oculta e ainda inédita do Espiritismo Kardeciano — ao fim da terceira geração espírita. Publicada em Março de 1932 na revista Alfa, de Roma, essa encantadora comunicação, cujas primeiras linhas traduzimos acima, assegurou desde logo a Pietro Ubaldi lugar de relevo na vanguarda do movimento espírita mundial. Analisada pericialmente pelos dois mais abalizados e doutos espiritualistas da Itália — Bozzano e Trespioli — foi considerada, pelo fundo e pela forma, de pura origem espírita, e não subconsciente, e de elevada procedência espiritual, acima da fonte comum. Daí por diante a fama do médium foi de «crescendo em crescendo». A segunda Mensagem, na Páscoa de 1932, e sobretudo a terceira, no dia do «Perdão da Porciúncula» (é de Agosto de 1932), ressoaram de maneira inusitada. Jornais e revistas profanas e folhas espíritas e espiritualistas de vários pontos da Europa transcreveram essas comunicações superiores, atribuindo-as, sem a menor reserva, à inspiração de Jesus. A própria Igreja Católica, por seus mais altos dignitários italianos, as aprovou. No Brasil — onde se dará a eclosão da Reforma — tiveram ampla e profunda repercussão. Essas três Mensagens, depois de transcritas no Correio da Manhã, em A Pátria, noutros diários estaduais e em quase todas as folhas espíritas do País, apareceram em livro, em 1934, editado pela Federação Espírita Brasileira e espalhadas gratuitamente. Na Itália, a exemplo do Brasil, também se enfeixaram num folheto em 1935. Mas, a par das Mensagens que falavam ao coração, começou Pietro Ubaldi, em Janeiro de 1933 (início da quarta geração espírita), a receber e a publicar em série, na revista milanesa Ali del Pensiero («Asas do Pensamento»), a obra monumental e inigualável intitulada «A Grande Síntese», com a qual ingressou brilhantemente no rol dos grandes filósofos da actualidade e dilatou as bases científicas do Espiritismo. A primeira edição italiana, em 1937, esgotou-se ràpidamente e constitui hoje preciosidade de coleccionadores. Vieram em seguida outros livros, outras Mensagens, outros escritos, tudo visando à exegese e à complementação dos diversos tratados existentes em género ou em germe em «A Grande Síntese». E agora vai ser impressa no Brasil, em primeira mão, a obra marginada «Dio e Universo», décimo livro da série, que acabo de ler em original por finíssima gentileza e alta deferência do autor.

A OBRA

O livro que virá a lume com o título «Deus e Universo» é uma «grande síntese teológica», cuidando das causas primeiras e finais. A

DEUS

por António Diniz da Cruz e Silva

Ó ímpio, tu que clamas: «não existe
um Deus eterno, a sua Monarquia
é obra de ardilosa fantasia
para reger, tirana, o povo triste»,

os olhos, porventura, já abriste
para esses globos ver? Viste a harmonia
com que rodam, brilhando noite e dia?
Ah! Bem mostras, insano, que os não [viste!

Levanta a vista, pois, vê uma estrela,
uma planta, uma flor, e logo adverte,
se a mão produz, acaso, obra tão bela.

Vê-te a ti mesmo; e, para convencer-te,
que maior prova teu engano anela,
pois, para ver que há Deus, basta só [ver-te!

EVANGELHO

por J. M. Reis

Lèi divina de amor, de perfeição,
Caminho da virtude e luz sublime,
Luz que nos santifica e nos redime,
Quando adoramos Cristo, em oração!

Do alto da Cruz o Mestre, em Sua [Paixão
Com profundo pesar por esse crime,
Olha a Humanidade, à qual exprime
Quanto sofre, de dor, Seu Coração!

E culminou Jesus a Lei da Vida,
Na Cruz! Lei de perdão, de caridade,
Que nos guia pra Deus com fé sentida...

Evangelho! Lei justa e de bondade
Que Jesus ensinou, p'ra ser seguida,
Em paz e amor, por ti, Humanidade!

Lourenço Marques

meu ver, constituirá o «elo central» que ligará «A Grande Síntese» ao livro prometido, ainda não escrito, e intitulado «Cristo». Esses três livros monumentais — «A Grande Síntese», «Deus e Universo» e «Cristo» — serão, penso eu, os vértices do Triângulo Religioso da III Revelação, que será simultâneamente científica, teológica e cristã.

A CRÍTICA

A crítica de tal livro... A minha estultícia não me leva ao ponto de sequer tentá-la. «Deus e Universo» é obra acima da minha capacidade de compreensão. Cada homem tem o seu limite de entendimento. E o meu limite é demasiado estreito para apreender em espírito e verdade as lições profundas desse trabalho transcendental. Li-o, sim. Li-o com emoção crescente. Li-o mais com o coração do que com os olhos. Reli-o mesmo em parte e continuarei a lê-lo na tradução. Mas, ai de mim!, como o transeunte pobre que pára extasiado diante de um mostrador de joalheiro, não sabendo sequer avaliar o preço das preciosidades: namora-as por fascinação; cobiça-as por ambição; pode até pensar em furtá-las. E afasta-se pesaroso, com a mente cheia de fantasias, ciente de que não tem a moeda necessária para a aquisição. Sinto, porém, que todas as lições são da mais pura qualidade. E sei, por intuição e pela história oculta, que vieram uma a uma directamente do Céu, trazidas ao Mundo pela própria «VOZ D'ELE», destinadas a enfeitar um dia o Templo Espiritual que o CRISTO II, sobre o II PEDRO, erguerá no Terceiro Milénio. Templo onde «SUA VOZ» será ouvida por muitos, como hoje apenas é escutada por Pietro Ubaldi. E onde, ao ouvi-LA, muito crente há-de ficar em dúvida se escuta a Voz do «EU SOU» — EGO Central do Universo — ou o «SOU EU» — EGO do CRISTO. Pois UM e OUTRO serão talvez a MESMA PESSOA para a Humanidade Espiritualista e Remida do Porvir.

UM MÉDIUM ESCULTOR

ALDO BARTELLETTY - DAILLION — UM NOVO RODIN

Por N. KAUFFMAN

EM seguida à bela conferência dialogada de M.me Sauvan e do Sr. Feuerstein, sobre «Estética e Mistério da Arte», realizada na Casa dos Espiritas na tarde de 20 de Dezembro de 1953, os ouvintes, que se comprimiam nos vastos salões, mas insuficientes para os receber a todos, tiveram a sorte de assistir a uma manifestação verdadeiramente extraordinária: a realização na pedra, em talhe directo e em sessenta e quatro minutos, do rosto do grande artista Jean Weber, um dos mais ilustres membros da Comedie Française, pelo médium escultor Bartelletty-Daillion.

Foi com efeito uma sorte excepcional achar ali reunidas duas celebridades — Jean Weber e Aldo Bartelletty-Daillion — numa sessão em que M.elle Joana Laplace, que trabalhou com o Dr. Alexis Carrel, nos daria mais uma vez a prova de presenças invisíveis e da sobrevivência, em termos de comovente precisão.

Digamos agora, no que diz respeito a Jean Weber, que ele conquistou verdadeiramente o auditório pelo seu espírito vivo e encantador, por essa alacridade que irradia da sua pessoa e que soube irradiar logo que enfrentou o microfone.

Com efeito e prestando-se de boamente às exigências do escultor, cujo esforço extraordinário e supranormal admirou, contou-nos as suas experiências psíquicas (entre elas, uma particularmente demonstrativa da acção do seu avô, observada na nossa Casa dos Espiritas, que nesse dia o recebeu como convidado de honra), experiências numerosas e concludentes e que ele completou, segundo os desejos dos ouvintes, com muitas anedotas espirituosas e vivas sobre a vida teatral, por vezes divertidas e comoventes, encerrando muitas coisas dignas de meditação. Se bem que os minutos decorressem ràpidamente para todos, ao escutarem o talentoso comediante, entretanto a pedra tomava vida sob o cinzel ardente do «mágico escultor», como os *clichés* que acompanham este relato o provam.

E agora falemos do prodigioso Bartelletty-Daillion, que podemos comparar ao nosso querido Agostinho Lesage, o único médium pintor, amado de grande multidão de espiritas e cuja obra, facilitada pelas reminiscências dum passado longínquo, é bem de carácter verdadeiramente espirita.

Bartelletty-Daillion é um ser de excepção, como se encontram raramente no decorrer dos séculos, e foi para nós, na Casa dos Espiritas, não sòmente um privilégio, tê-lo no nosso meio, mas também o testemunho vivo de tudo em que acreditamos e por que lutamos, ou seja *a supremacia do Espírito sobre a matéria.*

De facto, desde muito novo, Bartelletty-Daillion sentiu a pedra vibrar sob os seus dedos. Seu pai era escultor e o seu vizinho era o guarda-fiscal Rousseau, que foi o primeiro a revelar-lhe que era preciso «acariciar a pedra para que ela falasse».

Desde então, qualquer coisa surgiu nele: «A comunhão com a Vida Divina presente em tudo». E se um provérbio árabe diz que «Deus dorme no mineral», Aldo Bartelletty-Daillion soube que o amor e a comunhão do espírito do homem com o espírito da pedra ajuda a acordá-la e acelera a evolução segundo o Plano Divino.

Uma visita à oficina do artista é uma peregrinação, uma viagem encantada através dos séculos e de climas diferentes. Ele, cujo coração vibra ao contacto do Oriente, sente-se penetrado de veneração diante dos seus Budas que parecem surgir das ruínas de Angkor, diante das suas Deusas Chinesas, diante da beleza indescritivelmente elevada do seu «Nirvana», apresentando de maneira tão perfeita a pureza e a calma absoluta que dá o abandono de tudo o que é transitório.

As suas cabeças maravilhosas de Beethoven, seu Cristo bisantino, o seu Ganesha, o Deus da Sabedoria com cabeça de elefante do qual ele fez a sua mascote e que parece fugido do Museu Guimet, os seus admiráveis frescos egípcios, a sua obra audaciosa sobre a criação do homem e da mulher, as duas polaridades, são projectadas fora da espiral

criadora inicial. E que dizer dos seus animais, dos seus adoráveis macacos, dos seus cães, dos seus tigres, etc.?

De facto sentem-se neste ser excepcional possibilidades inesgotáveis e é com igual felicidade que ele retrata os seus contemporâneos.

Para Bartelletty-Daillion, vibrar com a beleza é vibrar com o Divino, é realizar o Eterno. Não resistimos a citar as suas frases directas, breves e precisas como as suas marteladas, e que situam tão admiràvelmente o homem:

«A verdade artística reside na procura do Divino através da natureza.

A arte é um apelo contínuo, um apelo divino a lembrar ao homem o imenso alcance do pensamento e do sentimento, no decorrer dos séculos e em face da eternidade.

A obra terminou. Bastaram-lhe 64 minutos para realizar a expressão de Jean Wéber

O fim das artes é depurar as almas, pelo espectáculo da beleza e fortificá-las pela pintura das misérias e grandezas da humanidade».

Bartelletty-Daillion apresenta-se como um médium-escultor e este título serve-lhe bem, porque *«ele é efectivamente um médium»*, um traço entre os arquétipos divinos e o qual ele executa cá em baixo. A pedra serve-lhe para cristalizar e representar as forças psíquicas. Ele explica que:

«A pedra foi em todos os tempos venerada e procurada por ter propriedades benéficas, protectoras, não sómente durante a nossa vida, mas também além da morte. Exemplo: os egípcios, que consagravam as riquezas a fazer executar os seus duplos em pedra, a fim de guardar as almas e preservá-las de toda a corrupção, a fim de melhor receberem as forças centrífugas e purificadoras celestes.

«As imagens esculpidas, levando em si o sentimento que as originou, acordam na sua passagem o respeito pela antiga herança e revelam aos homens a solidariedade das gerações e o sentimento profundo que une os seres que se desconhecem.

«É durante o acto criador que o escultor traça na pedra uma passagem que atravessa o espírito na sua ascensão para a claridade. É também durante o acto criador que se acham estreitamente associados a pedra e o pensamento (o pensamento é guiado pela vontade da pedra). A forma que deve impor-se ao espírito resulta do equilíbrio entre as formas adaptadas ao mecanismo da crença, pois a imagem continua a sua vida terrestre, dirigindo-a nos mistérios da eternidade. Além disso, a estatuária egípcia explica-se inteiramente pela ideia, segundo a qual a estátua-retrato cria uma defesa contra a extinção da alma. A imagem da pedra que reproduz o aspecto de um corpo retém qualquer coisa da alma que animou o seu modelo vivo. As estátuas vivem, e a vontade que as criou deve estar concentrada neste ideal: Ajudar o homem a não morrer.

«O acto do médium-escultor deve ser uma prece e cada golpe de cinzel uma palavra mágica vibratória cuja circunferência está em toda a parte e o centro em parte nenhuma».

Gostaríamos de citar tudo que Bartelletty-Daillion escreve, porque ele fala e escreve com igual facilidade, com o fogo e o brilho como esculpe, com toda a alma, a sua alma ardente, vibrante, cheia de entusiasmo que só o fogo sagrado é capaz de acender.

Nesse domingo de 20 de Dezembro vivemos uma hora única diante do prodigioso inspirado, arrancando à pedra uma face humana, e, mais tarde, na sua oficina, tivemos outras horas de felicidade suave, ao contemplar a materialização da Beleza através das idades.

(Mário Bacelar traduziu de *La Revue Spirite*).

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

Comunicação semi-mecânica psicografada pelo médium HERCÍLIO MAES, em 1949, na cidade de Curitiba

II

Pergunta: *Mencionais a Atlântida?*

Ramatis: Sim. Ela submergiu-se mais ou menos há 37.000 anos, favorecendo a origem da lenda do Dilúvio bíblico, quando o rei Noel Poethastro a governava e que se salvou no seu famoso palácio flutuante, achegando-se às fímbrias do Himalaia, onde se guardam até hoje grandes tesouros históricos desse passado. Mais tarde os descendentes de Noel baixaram das montanhas ao local que hoje denominais Arménia. A Atlântida era já uma terra árida e gasta, e assim por lei sideral submergiu-se para a devida fertilização no seio do oceano, devendo surgir, novamente, em certos locais, com o solo já nutrido e seivoso, na modificação do eixo terrestre.

Pergunta: *Podia o irmão Ramatis informar-nos mais ou menos a forma de influenciação desse planeta que se aproxima sobre a Terra?*

Ramatis: A influência será de modo *intermitente* sobre um oitavo da órbita da Terra, em torno do Sol. Uma vez que a Terra gasta 365 dias para completar o seu circuito em redor do Sol, em cada circuito comoleto receberá a influência do planeta intruso, mais ou menos 46 dias do vosso calendário. A sua órbita é oblíqua sobre a da Terra e a sua acção magnética será em tangente. O globo terrestre várias vezes penetrará e sairá dessa zona magnética do astro visitante, tantas vezes quantos forem os seus circuitos à volta do Sol. Daí poderdes verificar que os fenómenos profetizados acentuar-se-ão mais em determinados períodos.

Pergunta: *Relatastes «sucção psico-magnética» como segunda função do planeta que passará junto à Terra?*

Ramatis: Sim, conforme advertiu o Cristo, «os bons sentar-se-ão à Sua direita e os maus à Sua esquerda». Esse astro é ainda de magnetismo primitivo, intenso e grosseiro, e a sua aura é totalmente força atractiva e vitalidade inferior. As suas zonas invisíveis actuarão nas zonas invisíveis ou astrais da Terra, subtraindo para seu bojo todos os espíritos desencarnados e que sintonizem com o teor de baixa vibração. É a lei de que «os semelhantes atraem os semelhantes», agindo com absoluta equidade. Analogamente às limalhas de ferro atraídas por ferro magnético, esses espíritos denominados *«pés de chumbo»*, realmente *chumbados* ao solo térreo pelas suas vibrações densas, ver-se-ão arrebatados para a aura do orbe visitante. Serão os egoístas, os malvados, os falsos, os cruéis, os desonestos, os orgulhosos, hipócritas e déspotas; os que exploram, tiranizam e lançam a corrupção; enfim, todos os que, mesmo sábios ou condutores no vosso plano, estejam em sintonia psíquica com a vibração grosseira desse astro. O seu habitante é ainda o homem em fase rudimentar das cavernas; mal consegue amarrar pedras com cipó para fazer machados. Consequentemente, os espíritos ainda dominados pelas paixões inferiores, os da «esquerda do Cristo», serão atraídos, por lei natural, para esse mundo também primitivo. E em virtude de a Terra ser promovida a um plano da «direita de Jesus», deverá ser habitada, no Terceiro Milénio, sòmente pelas almas avessas à guerra, à maldade ou à desonestidade, capazes de activarem o crescimento definitivo das virtudes evangélicas. Aqueles que forem promovidos no exame doloroso e profetizado que se aproxima de todos hão-de merecer o futuro lar terrestre, higienizado em sua aura astral e equilibrado em seu clima físico.

Pergunta: *Essa sucção será violenta?*

Ramatis: Por favor, meus irmãos, não avalieis as soluções siderais com a pobreza de vosso calendário! Já estais vivendo essa sucção; gradualmente ela se exerce em correspondência com o estado vibratório de cada espírito. Muitos malvados, que têm sido verdadeiros demónios para a civilização terrena, já denunciam, em suas almas aflitas e desesperadas, o apelo implacável do planeta higienizador da Terra. Legiões de criaturas adversas dos princípios cristãos sentem-se accionadas em seu psiquismo inferior e rompem as algemas convencionais da moral humana, lançando-se à corrupção, à devassidão, ao roubo organizado e ao cáos da cobiça! É o momento profético das definições milenárias; todo o conteúdo subvertido do espírito virá à tona, excitado pelo magnetismo primitivo do planeta intruso!... É necessário que todos tenham a sua oportunidade derradeira; revelarem-se à «direita» ou à «esquerda» do Cristo!... E a profética figura da «BESTA APOCALÍPTICA» se fará visível, na soma das paixões humanas que hão-de explodir sob o estímulo vigoroso desse astro elementar. E como a Lei é imutável, mas justa, cada um será *julgado conforme as suas obras,* pois se a semeadura é livre, a colheita é obrigatória!

Pergunta: *Essas migrações de espíritos dum planeta para outro ocorrem sempre através do processo de «sucção magnética»?*

Ramatis: Não confundais acontecimentos locais com Lei Geral do Cosmos! Embora o vocábulo «sucção» deva ser tomado à conta de «subtracção magnética gradativa», nem sempre as emigrações de espíritos se processom por juxtaposição de auras magnéticas de planetas vizinhos. Os métodos variam de conformidade com as distâncias, a natureza e factores mesológicos de cada orbe, em correlação com as contexturas «psicofísicas» dos emigrados. Os espíritos exonerados do satélite de Capela, na constelação de Cocheiro, que constituíram na vossa Terra as civilizações chinesas, hindus, egípcias e hebraicas, transladaram-se através de volição compulsória, sustentados pelas mais poderosas mentes directoras do sistema solar. Moveram-se, os emigrados, flutuando num mar de energias cósmicas e ingressaram na aura terrestre sob o domínio da mente planetária.

No caso do astro que se aproxima da Terra, formar-se-á, por assim dizer, uma «faixa vibratória» capaz de canalizar o rebanho dos espíritos cuja psique está em relação com o seu magnetismo denso.

Pergunta: *E que farão esses espíritos perdidos ou ligados na aura invisível do planeta que mencionais?*

Ramatís: Terão sòmente um ensejo — reencarnarem como filhos dos homens das cavernas de lá, a fim de auxiliar a evolução deles, inventando processos avançados de civilização. Embora nascendo na forma hirsuta e primitiva, no âmago de suas almas estarão latentes todas as conquistas feitas e conhecidas na Terra. Obedecendo a índole intuitiva, criarão sistemas de favorecimentos aos habitantes de lá. E, também, nas horas de nostalgia espiritual, sentir-se-ão como estranhos no planeta, alimentando outra lenda parecida com a de «*anjos expulsos dum Paraíso*» por haverem abusado da árvore da ciência do mal! Uma nova versão de «*anjos decaídos*» e de «*Adão e Eva*» tomará forma nesse planeta, até que o despertar futuro venha a corrigir a lenda. Mas, na realidade, é a alma que chorará, intimamente, o mundo terrestre perdido, onde a cor, a música, a poesia e a civilização vibrarem na tela mental, qual longínquo Paraíso! E o meio agressivo e inóspito do novo mundo que lhe será moradia representar-lhe-á paisagem infernal!

Pergunta: *Então isto já ocorreu também com a Terra? Porventura somos expulsos doutros mundos?*

Ramatís: Dissestes bem, e muitos de vós, nos momentos de desprendimento espiritual, suspirais ante a evocação do ambiente superior que deixastes algures em épocas que coincidiam com a que hoje passais! E a prova tende-la nas Pirâmides, nas civilizações chinesas, hindus e hebraicas, que contradizem, em épocas iguais, as rudimentares criações do homem verdadeiramente terreno e que hoje classificais de marginais da vida!

Pergunta: *Mas essa reencarnação em forma primitiva não é involução?*

Ramatís: Quando em vossas escolas os alunos não conseguem assimilar as lições elevadas, por negligência ou descaso, preguiça ou desafecto aos pais, que fazeis? Porventura os premiais com promoções para cursos melhores, aos quais não fazem jus? Ou os obrigais a repetir o curso, recomeçando outra vez a lição? As almas emigradas da Terra não involuem, mas recomeçam a ligação para rectificarem os desvios perigosos à sua própria felicidade! Quando se purificarem e os seus perispíritos se tornarem translúcidos, o que farão muito antes dos verdadeiros filhos do planeta expiatório, regressarão à verdadeira Pátria — a Terra, quer devido a nova aproximação planetária, quer por seus esforços individualmente ascensionais.

Pergunta: *Sentimo-nos um tanto confusos em face dessas reencarnações de espíritos terrestres como futuros «filhos dos homens das cavernas»!*

Ramatís: Porventura desconheceis as chamadas reencarnações expiatórias em vosso próprio ambiente terrestre? Considerais «involução» ou «retrocesso» o reencarne de orgulhoso potentado na figura de pustuloso mendigo? Ou o notável escritor que abusou da pena se reencarnará na forma do imbecil que é chacota de ruas? Ou, ainda, o atleta desabusado que regressa ao mundo físico num molambo de carnes aleijadas? O cego leproso, os dementes escorraçados e os infelizes inquilinos dos asilos psicópatas não vos podem notificar qual o mundo em que se encontram! Ignoram se habitam a Terra ou um mundo em formação! Porque, então, o temor e a dúvida do reencarne «de filho do homem das cavernas», pleno de vida e de sentidos físicos normais, quando por vezes podeis arrastar organismos corromoidos em mundos melhores?

Pergunta: *Porventura haverá um desencarne tão meticuloso que sòmente os desencarnados possam ser escolhidos para a «direita» ou «esquerda» do Cristo?*

Ramatís: Não vos esqueçais do que Jesus advertiu: — «E serão julgados os mortos e os vivos», isto é, os desencarnados e os encarnados!

Os PLANIFICADORES SIDERAIS previram um desencarne de dois terços da humanidade terrestre até ao fim do século que viveis. Será a média de 1.700.000.000 de criaturas libertando-se da matéria pelas comoções sísmicas, inundações, terramotos e maremotos, epidemias, catástrofes, hecatombes guerreiras entre os continentes, destruição por armas atómicas e raios incendiários a distância! Acentuar-se-á a destruição pelo fogo atómico, justificando ainda a profecia de João Evangelista: «E o mundo será destruído pelo fogo», não mais pela água! Mas é necessário que junteis a esses dois terços de desencarnados a humanidade que compõe o mundo invisível nas adjacências da Terra, somando hoje mais ou menos 20 biliões!... No processo de *sucção gradual* do astro vindouro, cada alma responderá conforme a sua faixa vibratória. Os espíritos de vibrações rapidíssimas, em faixas mais subtis, não sentirão o *entorpecimento magnético,* um estado de *morte aparente* e consequente flutuação compulsória para o astro em questão. O que predomina ainda nesse processo é a afinidade espiritual electiva de cada alma para o orbe estranho.

Quanto aos reencarnados no mundo terráqueo, sobreviventes à passagem completa do astro, serão seleccionados, no Espaço, pelos Mestres Kármicos e endereçados aos planos afins às suas qualidades ou defeitos. Mas a Lei é inexorável — os da esquerda do Cristo não voltarão à Terra no próximo Terceiro Milénio!...

Pergunta: *Nunca mais voltarão à Terra?*

Ramatís: Os menos evolvidos farão o seu reingresso no orbe terráqueo, quando esse planeta primitivo se aproximar novamente, no curso de sua órbita de 6.6[illegible] anos. Quanto àqueles que mais cedo se despojarem da indumentária inferior e animalizada, voltarão antes, em grupos afins, sustentados energèticamente pelos agrupamentos de espíritos que aqui denominamos «peregrinos do sacrifício»!

Pergunta: *A passagem desse astro não provocará eclipse, aceleração ou queda de temperatura e consequente extinção da vida terrena?*

Ramatís: Ele não atravessa o sistema solar em perpendicular ou em diagonal; tange-o, de leve, ao fechar a cauda de sua órbita de 6.666 anos, em torno de um outro sol, em sistema distante.

Pergunta: *Porventura também não se aproximou da Terra, há 6.666 anos passados, ao completar a sua órbita?*

Ramatís: Sim, avizinhou-se da Terra, mantendo-se mais afastado e sem influenciá-la, pois é satélite re-

gular doutro sistema planetário. No entanto, assim como o vosso sistema solar não é fixo, no céu, e caminha em direcção a um ponto chamado «apex», próximo da estrela Vega, na constelação de Lira, também o sistema de que faz parte esse astro se move em direcção a um alvo determinado. E como ambos os sistemas se transladam com velocidades diferentes, além das alterações produzidas pelas «oscilações cósmicas», justifica-se a maior ou menor aproximação em cada 6.666 anos de curso completo.

Pergunta: *Não poderia dar-se o caso de esse astro destruir a Terra?*

Ramatís: Sim, desde que isso estivesse determinado nos planejamentos siderais há bilhões ou trilhões de anos. Claro, não se cogitou do «fim do mundo» em sua estrutura física, mas de alterações evolutivas em harmonia com o seleccionamento espiritual da Humanidade!

Pergunta: *A existência de cometas errantes que surgem, bruscamente, nas várias constelações, porventura não desmentem os «planejamentos siderais»?*

Ramatís: Os cometas, constituídos de matéria rarefeita, embora não ofusquem nem influenciem o curso dos planetas, não são exclusivamente «astros errantes», sem objectivos definidos na mecânica celeste. A regularidade de suas órbitas foi comprovada por Halley, Faye, d'Arrest, Tempel e outros que previram os retornos periódicos. Entretanto, obedecendo aos planos dos ENGENHEIROS SIDERAIS, os cometas revitalizam, na sua passagem, a atmosfera dos sistemas planetários, aumentando-lhes, principalmente, as cotas de hidrogénio, nitrogénio e hélio, cujas substâncias possuem em abundância nas suas nebulosidades ou cabeleiras luminosas.

Pergunta: *Mencionando «engenheiros siderais» que planejam o movimento no Cosmos, por que se refere o irmão à «Lei Imutável», que parece anular a possibilidade desses projectos?*

Ramatís: Porque todas as criações de astros e sistemas no Cosmos obedecem a épocas denominadas de «*Respiracão Divina*», a que os orientais denominam «Dia de Brama», depois dum período de repouso chamado «Noite de Brama», dos ciclos de «Aspiração e Expiração», «*Manvantara*» e «*Pralaya*». É uma verdade oculta de que na Natureza Cósmica há períodos de Actividade e Inactividade, em cuja fase dinâmica os COOPERADORES SIDERAIS concretizam os planos de movimentação da maquinaria das constelações e sistemas, num ritmo de harmonia e equilíbrio. Sòmente quando os mundos estão esgotados e consumidos em sua vitalidade, gélidas as suas atmosferas e desertas as suas auras astrais, é que se sucedem os choques e abalroamentos que fundem as suas matérias em nova expressão substancial cósmica. Mas, na economia sideral, nenhum corpo é destruído antes de cumprir a sua missão predeterminada. Quando a Terra estiver mais translúcida em seu magnetismo e com menos peso cósmico, a âncora do seu equilíbrio no sistema, como é a Lua, hoje desabitada e envelhecida, encaminhar-se-á melancòlicamente para a sepultura do Infinito!

Pergunta: *Finalmente, podeis dizer algo que lembre, profèticamente, e coincida com a fase de selecção espiritual dos «tempos são chegados»?*

Ramatís: Dizem as profecias, em resumo: «Quando os pássaros de aço desovarem ovos de fogo; os homens dominarem os ares e cruzarem o fundo dos mares; os mortos ressuscitarem; o fogo acometer a Terra e os homens dos campos não alcançarem a cidade e os da cidade não puderem fugir para os campos; estranhos sinais se fizerem no céu e formas insólitas se apresentarem à Terra; quando a fome, a sede, a miséria, a doença e as ossadas substituírem cidades e os irmãos de sangue se matarem e as criaturas adorarem a «Besta» — então os «tempos serão chegados»!

É evidente que tudo isso se está realizando. Os mortos ressuscitam todos os dias, pois eu sou um deles que vos visita; venho do túmulo falar convosco! Os aviões de aço desovam bombas de fogo e atestam o domínio do homem nos ares; os submarinos cruzam o fundo dos mares e o fogo atómico já foi experimentado em cidades asiáticas; os habitantes dos campos não puderam chegar à cidade e os desta não conseguiram alcançar os campos, comprovando o terrível simbolismo de desespero profetizado no Apocalipse de João Evangelista! Quando condições magnéticas favoráveis de Marte emanam para a Terra, tendes visto estranhos sinais a que chamais «Discos Voadores». A desordem, a fome, o medo, a angústia e a miséria avolumam-se em vosso mundo; trucidam-se esposos e esposas; agridem-se filhos e pais; matam-se, entre si, irmãos consanguíneos e estranhas criaturas praticam crimes abomináveis, revelando a «besta» em seus corações!... As ossadas nos campos de concentração substituíram cidades desertas, cujos habitantes foram assassinados pela fúria da «besta humana»; a vossa medicina esgota-se para debelar a multiplicidade de doenças exóticas, de terminologia brilhante, mas incuráveis! Eis, pois, o panorama geral profetizado e mil outras coisas que ainda não vos podemos revelar, porquanto Jesus advertiu: «E quando os tempos chegarem eu falarei pela carne de todos»!

A Lei Cósmica, em ritmo de selecção espiritual, reproduz factos já ocorridos noutros mundos, em épocas iguais, e comprova as advertências proféticas de Jesus: «... e as ovelhas serão separadas dos lobos»! O Terceiro Milénio, embora não seja a época paradisíaca terrestre, constituir-se-á sòmente por aqueles que revelarem o estado evangélico da «direita do Cristo»! Dando-vos esta singela, «conexão de profecias», há muito tempo preditas por inúmeros videntes, cumprimos o dever espiritual de vos alertar ante a lógica e a ciência do mecanismo, que desencadeará os acontecimentos nevrálgicos dos «Tempos São Chegados».

Oxalá, vos recordeis, em tempo, que, se a Lemúria, Atlântida, Pompeia, Herculanum e Babilónia olvidaram o apelo profético do Alto, é porque desconheciam as leis morais que hoje não ignorais!

ADENDA

A — Considerações de Emmanuel, o consagrado mentor de Chico Xavier, sobre as mensagens de Ramatís:

«... de admirável conteúdo para a nossa inteligência; dignas de nosso melhor apreço» — «A mensagem é de elevado teor; e todo o trabalho organizado com o respeito, com o carinho e com a dignidade, dentro dos quais essa mensagem se apresenta, merece a nossa mais ampla consideração, de vez que todos nós, em todos os sectores, somos estudiosos que devemos permutar as nossas experiências e as nossas conclusões, para a assimilação do progresso com mais facilidade em favor de nós mesmos».

QUE É A MEDIUNIDADE?

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

É uma faculdade que nos permite sentir em grau maior a vida dos seres e das coisas. E, embora comum em todos os seres humanos, faz sentir-se nalguns mais do que noutros, por necessidades espirituais próprias da evolução de cada ser pensante. Desejo ainda esclarecer que ela nada tem que ver com o Espiritismo ou qualquer outra doutrina, para que não pensem alguns que, por serem ou sentirem-se médiuns, julgam que já são missionários capazes de dizer ou fazer coisas importantes.

A mediunidade deve ser considerada como ferramenta dada ao espírito, para que ele melhor possa progredir. O bom ou mau resultado depende do uso que dela venha a fazer. Mas agora precisamos de compreender que não basta que a ferramenta seja boa, se aquele que a possuir não for trabalhador e não aprender a usá-la ùtilmente. Por esta razão é necessário instruir-se e orientar-se convenientemente, a fim de evitar hábitos e complexos próprios da ignorância dos homens e que muito têm prejudicado, na prática, o bom nome da nossa consoladora doutrina.

Precisamos de esclarecer, ainda, o seguinte: muitos médiuns acham que não o são, por se saberem e se sentirem conscientes de tudo que dizem e fazem. Seguidamente passam a fazer perguntas aos seus guias e mentores espirituais, se o são ou não e qual a sua mediunidade. A pergunta, concordo que possa ser feita para *contrôle* da consciência do médium. Mas o que não é justo é o médium ignorar o facto de sua mediunidade, por ser um fenómeno íntimo de sua vida, a que não pode ficar alheio; tanto mais, por ser de origem consciente. Concordamos que, por falta de conhecimento das principais obras fundamentais de nossa doutrina, ele não saiba explicar o seu caso; mas nem por isso poderá, jamais ignorá-lo em sã consciência.

Para se avaliar da sua mediunidade, seja ela qual for, é preciso não perder de vista as suas possibilidades normais para qualquer trabalho que execute, a fim de melhor poder verificar a assistência que lhe é concedida. Isto verifica-se pela facilidade com que, em determinadas circunstâncias, fazemos, fàcilmente, um importante trabalho; e noutras, apesar de nossa boa vontade e disponibilidade de tempo, não o conseguimos, como seria para desejar, o que nos leva, muitas vezes, a adiar o serviço, tornando sem efeito a parte realizada por não nos satisfazer. Ora, se fôssemos sempre nós, exclusivamente, porque não fazê-lo quando queremos? Só um cego vaidoso não vê estas coisas. Entretanto, não devemos também exagerar, supondo que os espíritos fazem tudo e para tudo devemos contar com eles. Não, meu amigo, Deus, nosso Pai, ao conceder-nos o livre arbítrio, deu-nos consciência, por meio da qual nos devemos orientar no caminho a seguir, seja em que circunstância for, cabendo-nos, por esta razão, a responsabilidade de nossos actos. A consciência é o nosso roteiro, e é no uso dela que nos chegam as instruções e auxílio de nosso guia espiritual. Por esta razão, os espíritos só nos podem auxiliar em determinados casos, e nunca devemos esperar que façam o nosso trabalho. Se tal acontecer, estaremos nós e eles fora da lei, agindo em oposição à nossa consciência, como acontece nos casos de obsessão.

Desejo ainda chamar a atenção para outro ponto da nossa doutrina: *As curas espirituais.*

As doenças do corpo são efeitos de causas espirituais e têm sua base no desajuste da personalidade em face das leis que se processam à luz da consciência, que deve ser o nosso Guia, o nosso roteiro no Caminho a seguir. Por esta razão é preciso encarar o tratamento de tais pacientes em espírito e verdade. Em princípio, devemos esclarecer e compreender que a lei de Deus é justa e perfeita e, como tal, não podem praticar-se coisas que não sejam da vontade de nosso Pai. Quer isto dizer que ele tudo vê e tudo sabe.

Dirão alguns: Então, porque permite ele que se faça o mal? Deus não quer que façamos o mal, porque um pai não deseja ver o seu filho sofrer. Entretanto, tendo-nos concedido o livre-arbítrio, é justo que, por sua lei, cada qual colha o que semeou, bem ou mal. Ajuda-nos a sair do sofrimento, mas a entrada nele é por nossa conta. As vítimas de hoje, foram os algozes de ontem. Por esta razão, o tratamento espiritual da vítima de hoje, não deverá ser feito fora do que o Cristo nos pregou e exemplificou, segundo as instruções que nos legaram seus discípulos através do Evangelho.

É por esta razão que Jesus mandou orar pelos que nos perseguem e caluniam. Que manda dar a face esquerda, a quem nos bater na direita. A entregar a túnica, a quem nos demandar por causa dela. A fazer o bem a quem nos fizer o mal. É por esta razão que nos afirma: «Bem-aventurados os que sofrem, porque serão consolados. Bem-aventurados os que sofrem perseguições de justiça, porque serão livres. Bem-aventurados os simples e humildes, porque entrarão no reino do Céu». Que precisamos perdoar para sermos perdoados.

Ora, tudo isto nos demonstra que certas injustiças que aos olhos humanos se apresentam, não o são perante a lei Divina. Em tais circunstâncias precisamos de considerar no caso. Duas vítimas da ignorância da lei divina, ou se a conhecem ainda não tiveram forças para vivê-la, perdoando-se mùtuamente, considerando-se filhos do mesmo pai, irmãos em Cristo, nosso Divino Mestre. É ainda por estes motivos que Jesus nos aconselha a não julgar, porque as causas de certos factos não são nossas conhecidas. O que se faz mister é perdoar. Fazer a paz, evitando discussões, procurando, cada qual, a sua melhoria espiritual. Foi ainda por estes motivos e outros muitos, que ele nos aconselhou a não olhar para traz depois de pôr a mão na rabiça do arado, isto é, fazer a paz e não discutir mais os casos do passado, para evitar novas perdas provenientes de posíveis perturbações no caso.

Por estas razões, recomenda-se muita atenção a esses pacientes, quando nos procurem para tratamento. Pouco a pouco devem ser esclarecidos até que se arrependam, para depois receberem o auxílio espiritual e serem dignos de cura.

EXORTAÇ

por "IRM

I

Bendito seja Deus, que une a Terra aos astros com um vínculo de Paz e Amor!

Bendito seja Deus, que se compraz em mostrar a Sua Grandeza aos que O amam & bendizem!

Não há nada que mais nos extasie e nos eleve a alma do que a glorificação a Deus, a beatitude do nosso próprio Espírito.

Santo Deus, que nos glorificas em Tua glória infinita, que nos amparas na Tua Bondade sem limites que desce do mais alto ao mais humilde recôndito da Terra!

Ó Deus, Supremo Ser, Suprema Bondade, ampara aos que te anseiam, ilumina aos que te glorificam, sequiosos de Ti, Senhor!

Ó Cristo, profeta iluminado, humilde filho da Galiléia, Espírito Sublime e Redentor, une os nossos corações ao Teu por vínculos de Amor e Luz, une os nossos Espíritos ao Teu Espírito, para que, enraizados na senda da Tua Luz, possamos glorificar o Pai de infinito Poder, de infinita Bondade!

Ó Humanidade, ergue-te da podridão, ergue-te de tuas lutas e decepções, pára um instante e ascende num pensamento de Fé, numa oração de preito ao Pai!

Ó Humanidade cega e sofredora, ergue-te e redime tuas culpas amontoadas por séculos de séculos.

Ergue-te, ó Homem que passas na luta terrena, sem parar no desejo louco de riquezas e poderios!

Ergue-te, ó Mulher caída no pecado da prostituição! Salva o Espírito do lodo de tua carne!

Ó mãe que sofres, embalando o berço de um filho moribundo! Ergue-te numa prece ao Todo, pára de chorar e de te lamentar e glorifica o Poder de infinita Bondade. E se Ele te levar o teu menino, não exasperes, ergue-te; ergue-te à luz da tua Dor, ergue-te e ora, que Deus estará contigo no fim da tua prece pequenina e sincera!

Ó Filha, que suportas o desagrado de teus progenitores! Pára e ergue-te. Para além de toda a Dor, espera-nos um Pai que nos salvará de nossos próprios erros, decontando as nossas angústias ao nosso passado pecaminoso!...

Pára, ó Humanidade! Pára!

Deus espera cada um de vós, no fim de cada dia de lutas e canseiras.

Ó Esposa lacrimosa, cujo consórcio não foi feliz! Tu, que choras magoada pela crueldade ou inferioridade do teu consorte, ergue o pensamento ao Alto. Jesus compreende e escuta a prece de toda a humanidade!

Ergue-te, ó Esposa dolorida e não chores em vão sobre a tua desdita, sobre o fracasso do teu matrimónio. Ergue-te e ora!

Para além da humanidade, Deus espera-te, para que te possas unir ao próprio «Eu», para que te possas harmonizar com Deus. Só Deus te poderá compensar de tantas lutas e dissabores! Deus é Sábio e o Divino Poder! Confia!

Pára na tua luta e ora. Deus está no fim da oração! Ergue a alma atribulada e não te deixes arrastar ao pecado do coração!... Ergue-te! Nada mais agradável a Deus do que a tua ascenção! Ora, ora resignadamente. Tudo tem fim. E o sofrimento, embora te pareça longo, passa depressa e seus frutos são imensos e eternos!

Toda a Humanidade deve parar um instaante! É bom que o faça!

Deus espera a humanidade e esta nem sempre espera em Deus!

ÕES À LUZ

O CESAR"

A Luz se faça em cada um de vós!

Parai todos, que precisais de Deus!

Parai todos, ó vós que chorais e sofreis as consequências de passados culposos. Chorai, sofrei e orai!

Deus não esquece cada um de vós.

Cada um de vós é um problema, é uma esfingie que procura a Luz e o Amor Divino!

Orai; sempre que o façais, o vosso Espírito se encherá de Luz e de Fé e vibrará na harmonia dos Astros Superiores, com os Espíritos Superiores, sequiosos de Paz e Amor!

Pai, Todo Poderoso, toda a Humanidade precisa de Vós! E o tempo passa inùtilmente para tantos Espíritos encarnados e sofredores!

Almas benditas, não vos canceis de vossas tarefas regeneradoras!

Almas sofredoras da Terra, escutai os do Além, que acorrem a toda a parte desejosos de vos intruir na boa moral, fôrça locomotora da vossa ascenção aos Planos Superiores!

Lutai, ovelhas tresmalhadas, lutai!

O Mestre vos espera no cume das vossas angústias, no cume das vossas agonias!

Parai! Parai! Meditai um pouco mais no além da Morte, que é a razão das vossas vidas!

Parai e escutai as vozes do Além, ansiosas de partilhar convosco as alegrias inefáveis de amar a Deus e glorificá-lO!

Quando encontrardes alguém que não ame a Deus, deveis lamentá-lo e erguê-lo! É um desgraçado. Nega a única razão da existência, nega a força oculta que o criou e o colocou no Universo, para que sulcasse os ares, qual águia vencedora e potente! Lamentai-o, porque está longe do caminho da Verdade!

Lamentai-o, porque o seu Espírito necessita de muita assistência espiritual, e exortai-o à Fé, com carinho, com resignação! Não vos molesteis por ele não compreender o que já compreendeis! O seu Espírito vacila entre o Bem e o Mal, e vós há muito que decidistes singrar na escada ascencional do Bem.

Luz se faça nos vossos Espíritos, Luz se faça em todos que vos circundam desejosos de Luz e Paz!

Fé em Deus!

Quando se cumprem os preceitos divinos, com o nosso exemplo cheio de valor na luta, as nossas palavras semeiam paz e aparecem envoltas em Luz. Quando no Espírito vibra a Luz, as palavras são impregnadas de doce odor celestial.

A Dor é a nossa maior riqueza terrena! É com ela que aramos o terreno espiritual onde o Divino Semeador cultiva as suas virtudes! Sem essa magnífica ferramenta, o nosso Espírito seria duro. Assim, torna-se maleável e pronto a receber a semente da Luz e do Amor!

Como serão belos os frutos, se se souber cuidar da seara Divina! Como serão largamente compensados os que param nas suas vidas laboriosas para meditar em Deus!

Vós, que sois humanos, parai!

Parai e escutai a voz do Senhor, que se ergue e não declina, neste esfriar dos corações!

.....

Senhor, Vós, que sois o nosso Destino, que sois o fim de toda a nossa existência, experiência e sabedoria, que sois o ponto final das nossas lutas, das nossas glórias e do nosso Amor, bendito sejais! Bendito sejais para todo o sempre! Como para todo o sempre desejamos ser glorificados no Vosso Amor, na ânsia de imitar o Cristo, Mestre de Amor e de Luz, Redentor da Humanidade sofredora!

MEMÓRIA ANCESTRAL

por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

São diversas as teorias que tentaram explicar, fora da interpretação espirita, os inumeráveis casos de xenoglossia já dividamente classificados e documentados na imensa bibliografia de ciência psíquica. *Xenoglossia* é, como se sabe, a faculdade pela qual o médium se exprime em línguas que o mesmo desconhece e, na maioria dos casos, em línguas desconhecidas pelos assistentes. É, portanto, a mediunidade poliglota.

De todas aquelas teorias, a que nos parece mais simplista é a da «memória ancestral». Bozzano trata essa curiosa teoria na sua obra «Xenoglossia», dando-lhe a refutação necessária. Segundo os partidários da explicação pela «memória» ancestral», a mediunidade poliglota está intimamente relacionada com a hereditariedade, ou seja a transmissão, por via hereditária, de conhecimentos linguísticos. Então, dentro dessa hipótese, os fenómenos de *mediunidade poliglota,* ou xenoglossia, explicam-se simplesmente da seguinte maneira: quando um médium fala, por exemplo, em língua estranha, língua que não estudou, nem aprendeu em qualquer parte, é porque alguém da sua família (pai, avô, bisavô, etc.) conhecia a citada língua e, portanto, a transmissão seria por hereditariedade: é «memória ancestral». Perante isto, a explicação espirita cai estrondosamente, porquanto não há espírito manifestado, visto que se trata de simples memória ancestral, isto é, conhecimentos linguísticos oriundos de antepassados do médium.

Esta teoria, como se vê, está longe de abranger a extensão ou complexidade do problema. Há casos em que se dá uma espécie de «emergência de recordações», mas este fenómeno psíquico não se confunde de modo algum com a mediunidade poliglota, porque a memória ancestral nunca explicaria os fenómenos em que o médium fala mais de um língua, sem conhecimento linguístico e sem ter na família quem conheça pelo menos uma dessas línguas. Não há dúvida de que se tem exagerado muito o verdadeiro sentido dessa hipótese. Generalizou-se demais, tanto assim que se pretendeu explicar pela chamada fenomenologia ancestral toda a fenomenologia do género poliglota. Tentou-se levar a teoria ao ponto de transcender os limites iniciais.

A sr.ª Maria Manaceine, a quem se atribuiu essa hipótese, quis explicar certos fenómenos que, na realidade, não se enquadram na categoria dos fenómenos xenoglóssicos; contudo, os seus continuadores resolveram generalizar sistemàticamente e, assim, chegaram ao exagero de admitir que *todos* os fenómenos desta categoria tinham a sua causa na «memória ancestral», memória que permite ao médium ou sensitivo trazer ao conhecimento actual línguas inteiramente desconhecidas dos seus antepassados. Sabe-se perfeitamente que esses fenómenos não têm relação com a chamada «memória ancestral».

Bozzano critica muito bem a teoria de Menaceine, dizendo em termos claros: «A hipótese da memória ancestral foi sugerida primeiramente pela doutora russa Maria Menaceine, embora com a intuição demasiado limitada de explicar outro fenómeno mnemónico bastante discutido: o de emersão de lembranças de acontecimentos que, na realidade, nunca se deram na vida de quem os recorda».

Pela hereditariedade, como se vê, quis a doutora Manaceine explicar, também, fenómenos da memória. Daí, a suposição de que a memória dita ancestral seja, por exemplo, a chave de muitos enigmas.

Até certo ponto, como diz Bozzano, a hipótese de Manaceine é aceitável na interpretação de certos fenómenos psíquicos, mas nunca poderia esclarecer suficientemente o problema suscitado pelos fenómenos de xenoglossia, o que também levou Bozzano a classificar de «absurda ou fantástica a extensão que se quer imprimir à mesma hipótese». Nem sequer se encontra em mínima relação com os fenómenos de xenoglóssia aplicados à teoria da memória ancestral.

Um dia, por exemplo, um professor da Faculdade Nacional de Filosofia, que, por

outro lado, não era professor de qualquer matéria que se relacionasse com o assunto, pôs-se a explicar a seu modo alguns fenómenos em que o médium fala correctamente sobre assuntos que ultrapassam a sua capacidade. Logo, isto é muito simples, dizia o velho professor: *nós, em crianças, ouvimos muitas coisas que não compreendemos e tais coisas ficam no subconsciente, como que vêm à superfície*». Esta teoria é tão simplória, tão ingénua, que não sabemos como pode ser admitida por um professor universitário, embora não seja professor de filosofia, de psicologia ou de qualquer outra disciplina que tenha afinidade com este grupo de fenómenos. Se um médium de um instante para o outro for *tomado* por um espírito e fizer cálculos matemáticos sem nunca ter aprendido matemática, o velho professor dirá imediatamente: «Sim, ele não sabe matemática, mas viu em criança alguém a fazer cálculos no quadro negro, «arquivou» isso no subconsciente e agora a matemática aflora-lhe à superfície»-...

Que coisa espantosa! Isto, sim, é que seria um milagre. Segundo a hipótese da memória ancestral, o fenómeno seria explicado de outra maneira, também curiosa ou *sui-generis:* o médium nunca aprendeu matemática, mas o avô era matemático; logo é a memória ancestral!...

As duas hipóteses, como se vê, são pueris. Trasladar a hereditariedade do plano biológico para o plano espiritual é confundir corpo e espírito e inverter a ordem natural do composto humano. Que tem a hereditariedade com os fenómenos mediúnicos? Onde já se viu o bisavô, avô ou pai transmitir conhecimentos de ciência, pintura, letras, etc., por via hereditária?

Ernesto Bozzano, com o peso da sua notória e incalculável autoridade científica, refuta conscientemente e com segurança todas as hipóteses que apareceram até hoje para torcer a realidade dos fenómenos e dar-lhes explicação diferente da explicação espirita, a única racionalmente aceitável, por ser a mais lógica e estar apoiada na experiência. A teoria da «memória ancestral» não tem, portanto, o menor cabimento no quadro da fenómenologia espirita.

(Colaboração da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires)

(Tradução de I. D. S.)

FRATERNISMO

(Compilação de LUCIANO SILVA)

A Simpatia, origem da Fraternidade e da Harmonia Social, consiste em ver em toda a Humanidade companheiros de jornada, uns mais adiantados, que devemos respeitar, outros igualmente ou menos adiantados, que devemos auxiliar, a fim de chegarmos todos o mais ràpidamente possivel ao termo da nossa peregrinação.

Dr. A. Auvard

Amemos sempre até o mais elevado grau. Este amor inspirado nas alturas vale cem vezes mais do que o oriundo das cisternas estagnadas da caridade vulgar.

Maeterlinck

Amai-vos uns aos outros. Amai os vossos inimigos. Amai os que vos perseguem e caluniam. Amai!

Jesus Cristo

Tudo é difícil para quem não possuia a ciência da Bondade.

Montaigne

Ninguém pode ser verdadeiramente puro e bom, sem que alguém receba auxílio e consolo da sua pureza e bondade.

Filipe Brooks

O melhor meio de alguém se expandir consiste em contribuir para o progresso alheio.

Elbert Hubbard

É respeitável toda a ideia que tenha um vislumbre de benefício para a espécie humana.

Rev. Eduardo Moreira

Mesmo quando perdêssemos os nossos últimos bens, restaria ainda o bem que podemos fazer aos outros; só por isso valeria a pena trabalhar e viver.

Joubert

Porque vivemos, senão para tornar a vida menos difícil uns aos outros?

G. Eliot

Protejamos o homem, a mulher, a pessoa de idade ou doente, a criança, o jovem, o ignorante, o pobre, o preso, o trabalhador, o animal, a árvore, enfim, tudo quanto careça de auxílio e amor. E quando este se generalizar, a Felicidade e a Fraternidade reinarão.

L. S.

IOGA

Pelo Prof. OCTÁVIO MARIALVA

Ao abordar este magno assunto, direi estar peremptòriamente convencido de que já nenhum europeu civilizado motejará em nossos dias acerca do misticismo do Ioga, visto o que, no último quarto de século, ficou dito por alguns cépticos de renome mundial.

L. Jacolliot, por exemplo, não obstante o seu «empedernido racionalismo», viu-se forçado a confessar a autenticidade dos prodigiosos operados pelos sábios do Oriente.

É elucidativo o seguinte passo do autor de *Les Sciences Occultes dans l'Inde:* «Não me seria possível fazer o relato completo de todas as experiências a que tenho assistido; basta mencionar, no entanto, que o magnetismo e o hipnotismo dos ocidentais estão ainda no a b c das operações fenoménicas, se pretendermos compará-los à ciência oculta com que os faquires hindus conseguem efeitos surpreendentes. Ao observar, com frieza analítica, estas estranhas mas inegáveis manifestações psíquicas, queda-se a mente suspensa do maravilhoso e não vejo outra solução, que a de ausentar-me para destruir o feitiço.

«A única explicação que pude alcançar da boca de um prosélito erudito, foi a seguinte: — Tendes estudado a Natureza física, e o manejo das suas leis levou-vos a resultados extraordinários sobre o vapor, electricidade, etc. Há vinte mil anos que nós estudamos as forças mentais; descobrimos-lhes os segredos e temos obtido, fazendo-as actuar, quer sós, quer em ligação com a matéria, fenómenos muito mais curiosos do que os vossos. E por isso fazemos coisas que nenhum de vós se atreve a descrever com receio de que se duvide da sua razão...».

Mas desejando o leitor mais elementos concretos acerca do momentoso assunto, para prova de que a existência desta fraternidade de super-homens não é uma mera visão de passivos nevróticos, poderá, desde já, ir encontrá-los entre as numerosas narrações de escritores e viajantes (1) com responsabilidades científicas, que nos contam do que viram por si próprios e a cuja certeza objectivista não temos o direito de opor um cepticismo formal.

★

Inquestionàvelmente. Já sabemos que, desde a mais remota antiguidade, existiram no Oriente diversas gerações de investigadores que consagraram sempre o seu tempo e a sua atenção ao desenvolvimento dos poderes psíquicos, mentais e espirituais.

E, embora tudo isto pareça de um absurdo esfíngico ao nosso senso criticador de ocidentais, o certo é que, para dinamizarem essas forças prodigiosas da alma, ainda hoje dezenas de místicos se submetem ali a penosos exercícios de concentração, meditação e respiração rítmica.

O distante e misterioso Tibete é a sede desta gerarquia hierática, que possui ramificações poderosas nas várias seitas que se encontram espalhadas através da Índia, Tartária, Mongólia, China, e cujos métodos e processos para agir nas dimensões superfísicas são apenas transmitidos de mestre a discípulo, sob o mais rigoroso sigilo.

— De que modo possível? — perguntar-se-á o nosso critério negativista.

Cremos que, perante tal dúbia interrogação, só poderiam responder aqueles que estão na posse de certos arcanos do ocultismo oriental.

É essa, pelo menos, a opinião autorizada de C. Godard (2), o infatigável professor da Universidade de Besançon, quando afirma, no seu ensaio sobre as origens do faquirismo: «Os novos aderentes, sejam de que raça forem, são sempre benvindos, dado que possuam os requisitos exigidos. Mas o candidato a iniciar deve fazer um estágio de sete anos, antes de ser admitido à primeira das provas a que terá de se sujeitar, porque o desenvolvimento do adepto demanda uma vida absolutamente pura sob o ponto de vista físico, e não há viabilidade de atingir a verdadeira ciência hermética pelo ascetismo repugnante de certos ginosofistas das flores e desertos».

Nesta altura, é claro, ocorrerá aos leigos o desejo de saber qual a estranha filosofia (3) em que abeberam os Budas vivos, a fim de chegarem a possuir o famigerado poder mágico.

A pretensão é justa e a nossa voz seria de todo o ponto falaz, sem técnica de ob-

jectivação, se não procurasse expressar relativamente aquilo que alguns raros estudiosos conhecem já com certeza.

Ora, a palavra dos *slocas* (versículos sânscritos) é simples e clara.

E sabe-se, por este modo, que é com o fim de aprofundar os mistérios do subconsciente que todos esses adeptos mencionados fazem votos de observar as duras regras ascéticas, sem o que seriam fatalmente excluídos da comunidade iniciática.

É evidente que, para nós — eméritos positivistas — tais princípios exóticos poderão fazer-nos sorrir...

Não obstante, pretendem eles que está aí mesmo a base lógica e natural do adestramento faquirista e afirmam que, sòmente por meio de um treino doloroso, modificando a sua constituição física e psíquica, o discípulo (*chela*), dirigido pelo mestre (*guru*), conseguirá levantar o véu da Natureza.

Não vá inferir-se, todavia, que baste a recitação, ou decoradeira apenas, das estâncias de qualquer *Manu*, para fazer de um simples mortal um iluminado taumaturgo. Não. Uma coisa é o estudo teórico e outra o exercício prático da magia.

Comenta, algures, um contemplativo:

— Ó *Lanu!* De que serviria ter aprendido de cor os 105 volumes do *Kadjur* (cânone sincretista), se ainda não te conhecesses a ti próprio?

Há um só caminho (dizem os *Upanishads)* para chegar à meta: o conhecimento do Eu, onde jaz oculto o tesouro dos tesouros.

«Não acrediteis em nada, sem o terdes vós mesmo verificado», eis o fundamento do Ioga (Ciência da Unidade).

De facto, ensinam os filósofos orientais que a alma de cada um de nós contém a divindade em potência; e que muitas faculdades que se encontram ainda hoje em estado latente poderão ser desenvolvidas mediante o ímpeto indómito da vontade, não só pela realização superior de uma conduta moral e física, como também pelo exercício das faculdades transcendentais.

O objectivo desta iniciação é, como se vê, atingir no corpo carnal e humano a ciência nirvânica, o saber infinito, que deve e pode desenvolver-se, relativamente.

★

Isto aclarado, poderemos agora aquilatar do voo ascensional de assombro, expoente das mais fantásticas audácias, com que os turiferários da Mística Asiática se propõem encontrar a Ciência da Unidade, esse «Um que é múltiplo», pois, segundo o seu método de introspecção, «tudo finalmente nos será revelado».

Citemos, a este respeito, os princípios fundamentais dos iogues:

1.º Que tudo no Universo, desde o mais pequeno átomo ao maior dos sóis, está em constante vibração.

2.º Que todas as vibrações têm por base a lei do ritmo.

3.º Que nada é permanente no mundo, sendo a forma sempre variável.

4.º Que a única realidade é a Substância imutável e eterna.

5.º Que os dois polos da Substância única são a Matéria e o Espírito.

Antes de mais nada, porém, e para compreendermos algo acerca das leis em que estes sábios polípteros se baseiam, é necessário que desvendemos primeiro a pergunta dos *Vedas:* «Qual é a coisa cujo conhecimento equivale à ciência universal?».

Diz Swami Vivekananda: «O homem que tivesse a pretensão de conhecer todas as minúcias do Universo deveria examinar individualmente cada grão de areia, o que levaria um tempo infinito, e seria mesmo impossível. Então como se há-de saber?

«Estas cousas mínimas ocultam uma generalização. Por detrás de toda a ideia particular está uma ideia geral, um princípio abstracto; compreendei-o e tereis compreendido tudo».

Após esta curta leitura, parece que não será já difícil abordarmos o problema obscuro da metafísica védica, e definirmos assim os conceitos basilares de Patanjali (*Ioga Sastra*), cujo iluminismo convém fixar atentamente.

1.º Os fenómenos considerados «sobrenaturais» não são nada do que o vulgo crê, mas apenas efeitos de uma lei eterna e continuamente activa.

2.º O homem é trino. O seu elemento objectivo é o *corpo físico;* o seu elemento invisível é a *alma;* o seu elemento superior é o *espírito imortal,* que ilumina e atrai os dois elementos subordinados.

3.º A magia é a ciência de actuar mentalmente no corpo físico de conformidade com os princípios reguladores da actividade do espírito sobre si mesmo e sobre a matéria.

4.º O adepto pode saber tudo quanto até agora tem acontecido no mundo, porque tudo o que sucede fica registado nos anais da luz etérica (*akasha*).

5.º Por meio das práticas esotéricas é possível separar a alma do corpo físico.

6.º A pedra angular da sabedoria secreta é o conhecimento positivo do magnetismo e da electricidade com todas

as suas propriedades, correlações e efeitos no reino animal e no humano.

★

Elucidemos o caso.

O corpo humano é animado por sete *chakras,* ou plexos da fisiologia moderna, que ficam situados ao longo da coluna vertebral:

Muladhara, ou plexo sagrado;

Svadhishtana, ou plexo prostático;

Manipura, ou plexo solar;

Anahata, ou plexo cardíaco;

Vishudha, ou plexo faríngico;

Ajna, ou plexo cavernoso;

Sahashrara, ou glândula pineal.

Os iogues afirmam que a espinha dorsal é a sede de duas correntes nervosas (*Ida* e *Pingala*), as quais têm por centro o canal *Sushumna,* que está fechado na sua extremidade inferior pelo plexo sagrado ou lótus de forma triangular, conhecido por *Kundalini* (fogo serpentino).

Ora, o asceta, para atingir o *Ioga* perfeito (ou estado de omnisciência espiritual) e conseguir dispor de poderes transcendentais, deve saber concentrar entre as sobrancelhas, onde existe o órgão da visão mental (*olho de Siva*), a corrente animadora do corpo físico.

Mas para conquistar esta força mística, por meio de um acto voluntário, tem o neófito de passar primeiramente por oito estágios:

Yama, ou absoluta liberdade de se reger;

Niyama, ou repressão individual pela uniformidade de carácter;

Asana, ou prática das posições faquíricas;

Pranayama, ou exercício rítmico psíquico da respiração;

Pratyahara, ou império racional sobre os sentidos e os órgãos;

Dharana, ou concentração;

Dhyana, ou meditação;

Samadhi, ou super-consciência.

Ao contar este passo na senda, diligenciará então penetrar os dez princípios áureos: a compaixão universal; a pureza; a paciência; a regularidade persistente; a assiduidade heróica; a clarividência; o método analógico; a exaltação pela ascese; a dinâmica mental; a contemplação das coisas abstractas.

Mais tarde, lutará também por desprender-se de dez laços: a fé na imortalidade da personalidade carnal; a dúvida sob a possibilidade de libertar-se individualmente; a hipótese de que semelhante libertação possa ser obtida pela prática exclusiva da devoção; a sede dos sentidos; o ódio ou malevolência; o apego à vida terrena; a ambição de uma vida futura num paraíso fictício; a vaidade ou o desejo de aplauso; o orgulho pessoal, a escravatura das ideias.

E, finalmente, virá o dia em que há-de aperfeiçoar-se até levar à infalibilidade os cinco *abhinaras,* ou discernimentos, que o conduzirão às portas da Sabedoria (*Bodhy*): a ubiquidade; o entendimento superior; o poder de realizar toda a volição, tanto sobre o plano físico como no plano astral e mental; a leitura dos pensamentos alheios pela correspondência das vibrações do cérebro; o conhecimento das existências anteriores.

★

É pena, entretanto, que tais fenómenos do magnetismo transcendental (4) sejam conhecidos de poucos mortais.

Francamente...

Mas a razão dessa anomalia explica-o, talvez, Max Muller na própria série dos *Sacred Books of the East.*

Vemos ali referido que um *bhikou* (peregrino budista), elevando-se do solo, foi tirar uma escudela de madeira de sândalo que estava colocada no topo de compridas varas de bambu, e, conservando-a nas mãos, deu no ar três voltas em redor da cabeça de Gautama.

Isto levou o grande *Sakia* a censurá-lo: «O que fizeste ultrapassa toda a conveniência. Como se compreende que, por causa de uma miserável escudela de madeira, desvendasses na presença de laicos a natureza sobre-humana do teu misterioso poder?».

E ordenou, em seguida, aos discípulos que nunca mais exibissem quaisquer dos diferentes *sidhis* (poderes psíquicos) diante de profanos, pois Saber, Ousar e Calar (5) representa o verdadeiro ternário do aspirante a caminho da realização e que aprendeu a ver que o segredo é condição necessária em todas as operações do Ocultismo.

---

(1) Vide P. Hue, na *Voyage dans la Tartarie;* Guymict, na *Psichologie Hindou;* Laouènan, em *L'Inde après le Boudha;* Amaravella, em *Le Secret de L'Univers;* Ossendowsky, em *Betes, Hommes et Dieux.*

(2) Ler *Os Faquires e os seus Prodigios.*

(3) Existem diversas espécies de *Ioga: Ata Ioga,* ou desenvolvimento físico: *Bakti Ioga,* ou desenvolvimento anímico; *Raja Ioga,* ou desenvolvimento espiritual; *Laya Ioga,* ou ciência mágica do som; *Karma Ioga,* ou conhecimento do destino; *Jnana Ioga.* ou princípio da sabedoria.

(4) *As Forças Subtis da Natureza,* de Rama Prasad.

(5) Segundo o iniciado K. Hoomi, as forças místicas não devem ser empregadas com o fim de manietar as multidões, só se podendo adquirir o conhecimento de um modo gradativo, indivíduo por indivíduo, pelos lentos processos da evolução.

MENSAGEM AOS IRMÃOS DO BRASIL

Irmãos e amigos:

Soou a hora grande de um grande sonho. Quando lerdes estas palavras, já estarei na vossa terra maravilhosa. Vou a caminho do abraço fraterno, da auscultação directa, da comunhão sem par. Levo uma alma cheia de aspirações, onde tudo se conjuga para o festim espiritual.

Mensageiro conhecido de muitos, a muitos transmito o meu saudar de amigo, o meu desejo de aproximar, de colaborar, de estreitar os laços que unem duas pátrias irmãs, que mergulham a raiz no mesmo tronco rácico.

Vamos dar as mãos como trabalhadores infatigáveis, vamos erguer ainda mais a bandeira de fé em volutas harmoniosas.

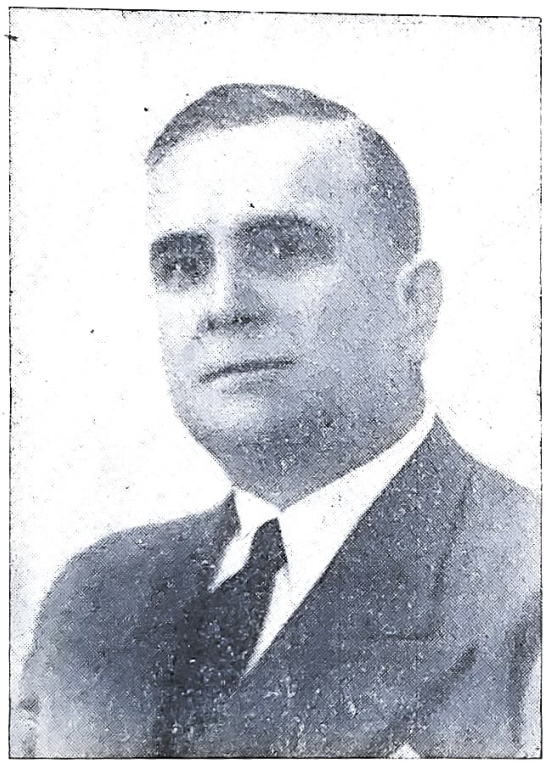
O Ideal nos atrai, o Ideal nos irmana. Por ele faremos todos os sacrifícios. Nem o ataque, nem a zombaria, nem o motejo abalam a convicção fortemente radicada.

Vai comigo o abraço efusivo dos espiritas de Portugal. Abraço sincero, revelador dos mais finos sentimentos, que coisas não diria, se pudesse falar! Seria um poema de oiro trasbordante de simpatia, um apelo às energias másculas, uma afirmação decidida, peremptória, de quanto vale a união ao serviço da Causa.

Esta viagem andava há muito no meu espírito. Voz interior me segredava que tivesse esperança. Chegou o momento. O Atlântico oferece as ondas glaucas ao beijo do «Vera Cruz». A imensidade líquida estreita as margens, ante a velocidade do progresso.

Vou a nova descoberta que me encherá de júbilo. Vou observar, analisar, aprender convosco lição fraterna. Vou conhecer de perto o milagre de vossas realizações. Vibraremos em conjunto no mesmo desígnio, auxiliados pelo mesmo idioma.

Não corresponderei talvez à vossa expectativa, mas tereis um soldado a mais nas fileiras, um veterano de várias pugnas que nunca depôs as armas leais. Um soldado de um só rosto, «de antes quebrar, que torcer», intransigente em questões doutrinárias, indulgente em questões individuais.



ISIDORO DUARTE SANTOS

Por mim, satisfarei natural anseio: ver colaboradores fiéis de há muitos anos, concertar com eles novos empreendimentos, para que a comunidade se firme ainda mais em bases construtivas.

Eles esperam-me, como eu os espero. O nosso contacto será promissor de nova fase de luta, de avanço promissor no intercâmbio espirita luso-brasileiro.

Eu busco amizade, não busco proveito. Por isso vou confraternizar. O proveito dura pouco, no mundo em que vivemos. A amizade é salvadora. Conforta e encoraja o mais tímido obreiro.

Irmãos e amigos: O nosso contacto será benéfico para todos. Trocar ideias é trocar sentimentos, polarizar desejos, concentrar vontades. Alma e coração abrem-se ao amplexo divino.

Dai-me as vossas mãos! Aqui tendes as minhas, ombro a ombro, face a face, olhos nos olhos, galerianos da mesma tripulação invencível!

Dentro de minutos estaremos juntos, estaremos unidos! Salve, Brasil!

Como nos defendemos

I

Publicámos no n.º anterior o ataque que o Secretariado Central para a Defesa da Fé Católica, de Buenos Aires, fez ao Espiritismo, nas colunas de «El Pueblo», daquela cidade. Hoje publicamos a resposta do nosso confrade argentino Salvador Gatto.

No periódico *El Pueblo,* de Buenos Aires, correspondente a 2 de Agosto de 1953, sob o título de «Espiritismo», se transcreve pormenorizadamente a «Guia Temática» que o Secretariado Geral para a Defesa da Fé Católica ditou para uniformizar, metodizar e capacitar os eclesiásticos, nas conferências que têm feito contra a verdade espirita. Dividem-na em oito capítulos, que intitulam assim:

1. Generalidades.
2. Sobre a Ectoplasmia.
3. Sobre a Telecinesia.
4. Sobre a Criptestesia.
5. Sobre as Doutrinas do Espiritismo.
6. O Espiritismo e a Higiene Mental.
7. Posição da Igreja ante o Espiritismo.
8. A Intervenção Diabólica.

No primeiro capítulo, começa, dogmatizando: «Deverão ensinar-se que, por seus métodos(a obscuridade, a «cadeia», a proibição de tocar nas materializações, etc.»)... «Deverá ensinar-se...». Sempre o mesmo método. Sempre divorciados do possível nas aras de um vetusto dogma, que já vai sendo hora de actualizar. Antes disto também se impuseram assim, quando, pelas mesmas razões, Copérnico, para destruir 20 séculos de verdade aparente e enganosa sustentada por Ptolomeu e admitida e sustentada pelas mais sangrentas perseguições, teve de esperar a morte para que o mundo conhecesse o sistema planetário que hoje conhecemos, após cinco séculos de martírio, começados por Copérnico e seguidos por Giordano Bruno. Herois e mártires da verdade revelada!

Por outro lado é interessante notar que, embora o Secretariado Central Católico o ignore ou pretenda ignorar (seria grave falta), as materializações em referência, também se realizam *em pleno dia.* De maneira que seria conveniente a remessa do caso ao Reverendo J. Dickson, de S. Francisco da Califórnia, que obtém *materializações* de espíritos e fotografia dos mesmos em pleno dia. Muitas destas experiências são reproduzidas, até pela imprensa profana, sem prejuízo da documentação de outras fontes experimentais contemporâneas, numa das quais um só investigador registou 50.000 casos de intervenção espiritual, devidamente comprovados. Mas não repousa sòmente nisto o alicerce espirita, pois que, além do mais que seria longo enumerar, há moldes de pés e mãos que só poderiam obter-se com materializações; de contrário, produziriam a ruptura do gesso de que são formadas. E se tudo isto a que chamamos fraude e epidemia paranoica nos invadisse, como seria vosso desejo; se, em nosso delírio e fanatismo, víssemos coisas não abonadas pelos factos e que, portanto, ninguém vê, como se explicariam as fotografias dos espíritos obtidos em nossos dias, tantas vezes e com tanta assiduidade? Ou pretender-nos-ieis demonstrar que o objectivo fotográfico é susceptível de ideias delirantes, enfermidades paranoicas e sugestões?

A mais científica e concludente das experiências espiritas é a notável prova da *existência da alma humana.* Podeis falar da sua existência, mas nós vamos mais longe, tanto que já chegámos às provas da existência, imortalidade e sua palingenesia.

As doutrinas combatem-se com doutrina, mas sempre a verdade a brilhar impoluta em todos os actos da vida; porque apesar dos homens, das filosofias, das religiões, das raças, das nacionalidades ou dos sistemas, há-de perdurar sempre, para dar maior amplitude à razão e à justiça e preparar a era do amor, enunciada pelo Justo.

E se é certo que há dificuldade para distinguir «nos médiuns verdadeiros a simulação e o embuste» (note-se o contra-senso), é bom também saber e entender que lá «porque se falsifique o champanhe com água de Seltz, nem todo o champanhe será água de Seltz». De resto, quem com mais autoridade do que os espiritas pode discernir sobre os seus próprios assuntos?

Todas as experiências obtidas, quer nos centros de estudo, quer em sessões experimentais de honestidade sem mácula, têm sido prèviamente fiscalizadas por seleccionados pesquisadores com auxílio de vidências que não só individualizam a possessão do médium, como também as radiações do ser que se comunica.

Mediante este estudo que não podem mistificar nem ocultar, a entidade espiritual em possessão sabe bem a que escala pertence. Se é inteligente, se é virtuoso, se é ignorante, invejoso, degradado, obscuro, burlão, obsessor ou zombeteiro. Tudo isto se reflecte na aura, ciência esta que é preciso conhecer teórica e pràticamente para poder discuti-la, pois sem conhecimento de causa não se fala com propriedade.

Mais adiante lê-se: «Terá que ensinar» (vede o imperativo) a imposição. Sempre o caminho equívoco dos opostos, em vez da colaboração fraterna e amorosa delineada pelo Cristo. E nesse afã de salvar a vossa igreja a todo o preço, perdeis-vos lamentàvelmente quando dizeis: «Terá que ensinar que todos os médiuns célebres na história do Espiritismo foram surpreendidos em fraude e por isso o instrumento científico do Espiritismo deve ser repelido como tal».

Acontece, porém, que isto não é exacto, visto existir numerosa documentação na história da humanidade, registada em todos os sentidos, tais como, descobrimento de autores de crimes assinalados por mediunidades e registados nos arquivos policiais de muitos países civilizados, utilização de médiuns para casos científicos, militares, etc., que desmentem categòricamente a vossa afirmação. Para manter isto, tereis que demonstrar ao mundo que

William Crookes era um parolo qualquer, ao documentar com rigoroso critério científico (que possuia como ninguém) as materializações e fotografias obtidas durante anos com outros cientistas do seu quilate. Terieis que arremeter como o Quixote contra os moinhos para demonstrar que Edison não frequentava assiduamente sessões experimentais; que Lincoln não libertou os escravos mediante a insinuação dos espíritos que, nas sessões que frequentava, lhe concluíam o expediente que esperava a sua assinatura; terieis que aborrecer-vos, porque o maior sábio contemporâneo — Einstein — declarou pùblicamente que todos os seus estudos, problemas e equações que a ciência levou anos a comprovar, foram coroados pelo êxito, quando, prestes a desanimar, teve a *vidência exacta* da estrutura e medida do mundo que logo assinalou, como relatou o famoso periodista russo Dimitre Marianoff.

Porque ao desmerecer este sublime apostolado que eleva a nossa filosofia ao nivel de *verdade revaticinada* por Malaquias no versículo citado é corroborada terminantemente nos textos copiados do Evangelho segundo Mateus: «Ele é, disse Jesus, o mesmo Elias que tinha que vir». Quer-se confirmação mais contundente da pluralidade de existências da alma do que esta palavras de Jesus?

Mas dizemos mais: o tempo vos cientificará de que a prática honesta da mediunidade em proveito dos homens como apostolado (assim a entendemos) vos facilitará a saída da impossibilidade em que vos encontrais. Alguns de vós, verdadeiramente iluminados, e que muitos são, graças a Deus, já vão soltando o rumo no caminho da boa nova anunciada pelo Cristo.

A mediunidade prova a existência da alma; e nestes tempos em que não basta a fé cega, é preciso utilizá-la para evangelizar as massas e purificar as almas, reconduzindo-as a Deus pelo amor e fraternidade universal.

Por isso o Espiritismo se baseia em factos científicos abonados por imenso caudal de documentos que

Por SALVADOR GATTO

velada, terieis de renegar os livros sagrados, que têm passos que muito veneramos. O próprio Cristo não foi médium na maior acepção da palavra?

Mediunidade crística, flor perfumada de hálito divino que perdurará através dos séculos até que a cegueira e o fanatismo dos homens se ilumine no Amor de todos os Amores.

Tereis que renegar Paulo, o médium que viu o Justo *materializado* na estrada de Damasco e que, por isso mesmo, lhe modificou a alma, ao ponto de se transformar no Apóstolo dos Gentios. E assim terieis de realizar um novo concílio de Niceia, para «depurar» ainda mais os Evangelhos, reduzidos a quatro, de quarenta que circulavam. Porque neles estão as provas irrefutáveis das várias mediunidades que atacais, pois neles tendes até o dogma da reencarnação legado à posteridade como verdadeiro desígnio da Causa Primária.

A nova encarnação do espírito de Elias está anunciada no Velho Testamento, que diz: «Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o dia grande e tremendo do Senhor» (Malaquias, IV, 5).

A reencarnação do profeta Elias esperam contraprovas, que nunca chegarão no mais amplo sentido da palavra.

*

Sobre o capítulo 2.º (ectoplasmia), consideramos de má fé, de má lei e de maus adversários essa absurda definição a que arribais, em completo desacordo com a verdade dos factos admitidos até pela ciência clássica. Pois se a ectoplasmia é considerada «escandalosa fraude» (palavras livres que os factos desaprovam), de que forma catalogais as documentações fotográficas que provam a existência objectiva do ectoplasma? E que opinião vos merece esta notável manifestação de ectoplasma, registada entre mil para os vindouros?

Richard W. O'Farrel, consequente na sua atitude de dar a conhecer as importantes experiências do Espiritismo na Inglaterra, enviou-nos mais uma demonstração da faculdade mediúnica de Jack Webber, na formação de uma extensa «tela» ectoplásmica, nitidamente captada pela fotografia.

Diz este colaborador:

«Da boca do médium começa a emergir uma substância que à vista parece um vapor denso. Ao sair, «desenvolve-se» e flui até alcançar o soalho. Entretanto, o vapor continua a emergir da boca em forma de cascata, parte dele espalhando-se em várias direcções, chegando a atingir a largura de 4,m60 × 1m. A emissão é rápida e a sua formação exige apenas alguns segundos.

«Da garganta do médium não sai qualquer som, nesse lapso de tempo. Em 2 ou 3 segundos a massa de vapor se condensa até sair da boca uma substância semelhante a um tecido, cuja contextura varia segundo as condições da sessão e do médium. Se forem boas, o tecido é fino e espesso, a que chamaremos o «ponto». De contrário, o tecido será grosseiro e pode rasgar-se (Tudo isto foi fotografado).

«Actuando sob instruções do Guia Espiritual, este material foi palpado pelo médium curador Harry Edwards, autor do livro «The Mediumship of Jack Webber», donde se extraem estas citações. O material é húmido e tem olor peculiar. Em certos momentos Edward foi convidado a estender o material em toda a sua extensão, mas era preciso muito cuidado. A sua largura, quando estendido, mal podia ser abarcada pelos braços de qualquer pessoa. Numa sessão, como Edwards não conseguisse com os braços abranger toda a largura, foi auxiliado por um assistente. Nessa ocasião a largura era de 2 metros.

«A volta de ectoplasma ao médium é instantânea. Uma vez, enquanto o autor segurava delicadamente o material, este foi-lhe arrebatado das mãos, ouvindo-se um som vibrante, como soltar de elástico. Desapareceu luminosamente.

«De outra vez, à luz vermelha, os presentes puderam ver este material entrar no médium numa fracção de segundo, isto é, num momento era visível e noutro tinha desaparecido. Após esta reabsorção pelo médium, ouviu-se o som da deglutição.

«Este material não tem forma definida. É diferente da roupagem que envolve as formas materializadas, pois o destas é subtil e muito leve, como teia de aranha fina.

«O autor disse que as formas ectoplásmicas são compostas de células e possuem nervos e capilares, sendo, portanto, sensitivas.

«Seja qual for a forma do ecto-

plasma, é conteúdo humano, procede do corpo do médium e volta a ele para ser reabsorvido. É, pois, matéria viva.

«No livro de Harry Edwards há fotografias de desmatrializações de vestidos tirados do corpo do médium e da rematerialização e nova desmaterialização para voltar a vesti-los e a rematerialização posterior, cabeça astral fotografada junto à cabeça física, a descrição de «apports» e os objectos obtidos, braços e barras ectoplásmicos, caixas fonéticas para produção da voz directa, levitação de objectos com barras ectoplásticas visíveis e invisíveis, diversas emissões de ectoplasma, mãos materializadas, etc.

★

O capítulo 3.º sobre telecinesia prova o vosso absoluto desconhecimento do assunto. Qualquer espírito ligeiro ou charlatão de praça pode dizer coisas inexactas, mas que o faça «a Igreja que tem autoridade para tratar dos fenómenos naturais», como vós dizeis, é colocar-se em ridículo perante o mundo ilustrado em que vivemos. Com efeito, por todos os meios possíveis, até em espectáculos públicos, em palácios reais, em laboratórios científicos e em qualquer parte escolhida pelo mundo espiritual, se mostrou a quem tem olhos de ver que as forças magnéticas do universo, em combinação com o fluido que reveste os chamados médiuns, tornam possível o movimento de móveis e objectos sem contacto, os chamados «raps» e os casos de levitação, que neutralizam e vencem a lei de gravidade.

★

No 4.º Capítulo que intitulais «A Criptestesia», o assunto apresenta-se mais problemático e encostais-vos à ciência, de que vivestes sempre divorciados. E nessa dualidade de conceitos, desconhecendo a contrapartida do temário, encaixais tudo na Psicologia clássica, precisamente quando a ciência está a sair do letargo materialista a que a condenastes há muito e seus homens preclaros realizam trabalhos metapsíquicos capazes de a carrilar nos verdadeiros caminhos espirituais. Cientistas honrados possuídos da verdade ou no seu encalço, trabalham assiduamente para que ela estude esses fenómenos nos laboratórios. O Dr. Orlando Canavesio diz a respeito: «Não se podem desdenhar os factos, por parecerem estranhos». E acrescenta: «Devem ser estudados com boa vontade». Este mesmo investigador, que preside à Associação Médica Argentina de Metapsicologia do Ministério da Saúde Pública, proporcionou o Congresso Panamericano de Psicologia, a realizar no nosso país, talvez sob a direcção do Doutor Hugley, grande investigador metapsíquista, com o fim de solicitar às respectivas autoridades a criação dessa cátedra em todas as universidades americanas. E obterão essa vitória, porque chegaram os tempos da compreensão, visto que o homem caminha para Deus pelo amor e pela ciência.

Quanto à alínea *a)*, sabemos que há médiuns e pseudo médiuns. O mesmo sucede em todas as ideologias, partidos políticos, religiosos, etc. É questão de graduações. Porque o homem, se é cretino, se é tergiversador, se é fraudulento, se tem as qualidades morais inclinadas para o mal, se possui espírito delinquente, será mau cidadão, mau governante, mau idealista, mau espírita e mau religioso. Se, pelo contrário, tem veementes desejos de superação, de verdadeiro amor ao semelhante, de salientar dotes morais, será insigne governante, conceituado idealista, exemplar religioso, virtuoso cidadão, numa palavra, homem de bem. Porque havia de fugir à regra o sagrado ministério da mediunidade, quando os homens são tão frágeis e pequenos?

O mesmo sucede com a alínea *b*. Conhecemos estas manifestações do psiquismo inconsciente. Mas os que tenham passado anos atrás destes fenómenos com a teoria às costas, que é fundamental, podem, na maioria dos casos, traçar uma linha tangente e divisória entre ambos.

Na alínea *c* entoais loas aos fenómenos telepáticos. Não vemos porque os separais da nossa ciência, embora por sua natureza não lhes sejam inerentes.

Devem habituar-vos a compreender que a transmissão do pensamento é também faculdade mediúnica e que esta se realiza não só entre pessoas encarnadas. Diremos mais: um dia, quando Deus o permitir e queirais usar de livre-arbítrio em benefício da verdade, o estudo vos conduzirá, os factos vos provarão que até as próprias comunicações que vos assustam, que negais e combateis, são manifestações de pensamentos de seres desencarnados que se valem da mediunidade para exprimir as suas ideias (essência), por meio da cerebração do médium que lhes dá forma, para as exprimir, já traduzidas, através dos órgãos da fonação.

Dir-vos-emos, para vosso governo, que as escolas espíritas há muito que realizam sessões experimentais com o Além, utilizando a «voz directa» sem intervenção directa do médium; e embora vos surpreenda, estamos bem documentados nisso.

No n.º 4 do temário em questão, recomendamos a leitura do «Livro dos Médiuns», de Allan Kardec, onde observareis o contra-senso em que incorrestes, porque, francamente, não sabemos como podeis manter uma conformidade telepática, falando ao mesmo tempo em desconformidade mediúnica.

No n.º 5 do mesmo temário, assinalais coisas que já nós temos assimilado, interpretado e metodizado, merecê de conhecimentos básicos ministrados pelas nossas escolas e muito especialmente pela nossa doutrina. Claro que não deveis crer em certos médiuns, pois seria erguer falsos deuses. Em todas as escolas responsáveis, o médium é sempre dirigido e fiscalizado com o maior rigor científico.

Quanto à nossa afirmação de que «nem é fé, porque se trata de fé cega no sentido pejorativo do termo, ou seja que o Espiritismo é apenas superstição», só dizemos o que publicamente afirmamos.

O Espiritismo diferencia-se do Catolicismo, porque este só admite a *fé cega*, encerrada no dogma, e aquele proclama a *fé raciocinada e lógica*. Combate a superstição como atavismo produzido pela ignorância e agravado pelo fanatismo. Há leis que o homem vai descobrindo, mediante o livre exame e amplo conhecimento para combater a ignorância, a superstição e os chamados milagres, que não foram tais.

★

No capítulo 5.º «Sobre a Doutrinas do Espiritismo», estais em erro grosseiro. O Espiritismo não nasceu com os fenómenos das irmãs Fox, em 31 de Maio de 1848, em Hydesville. Esse caso é um dos inumeráveis de que se têm valido os Espíritos para despertar a humanidade. Nem foi o primeiro, nem será o último.

Em todas as épocas, em todas as idades, ontem, hoje e amanhã, num eterno presente, Deus permite que se descerre o véu que cobre a verdade absoluta para religar os homens, agitá-los e mostrar-lhes o verdadeiro móbil da existência. Desde que o homem existe, sempre houve demonstrações similares às de 1848 em Hydesville, assim como razões plausíveis da convivência es-

piritual. Não vos esqueçais de que os médiuns hodiernos são os que a igreja antiga acoimava de bruxos, feiticeiros, possessos do demónio e outras coisas desconhecidas. Um só caso bastará para provar o acerto: a vossa Santa Joana d'Arc, condenada à fogueira por feiticeira por ordem de um papa e mais tarde absolvida por outro e canonizada depois por outro.

O Espiritismo, na sua parte filosófica, que constitui um corpo de doutrina, nasceu como verdade *revelada* nas obras compiladas e codificadas por Allan Kardec, que são a base, que tem como ponto de partida «O Livro dos Espíritos».

Também não acertais, dizendo que «a mediunidade é a base do Espiritismo». Ela é a parte principal que, na experimentação científica, na convivência espiritual faz com que os interesses criados não nos releguem à palavra *hipótese*, coisa esta que pretendeis demonstrar desde o começo do vosso panfleto, à margem da verdade das coisas, embora ela trabalhe onde seja preciso, no meio de paixões desenfreadas, abrindo passo no mundo das conveniências e indicando novos rumos e amplos horizontes ao incipiente conceito da pobrer medida humana.

Mais; deveis concordar que a base do Espiritismo assenta na essência da prédica do Cristo, nos princípios morais que ela encerra, no conhecimento das leis divinas como demonstração palpável de que o objecto da vida responde ao progresso paulatino de nossas almas através das vidas sucessivas e ao dever inerente aos nossos semelhantes de nos compreenderem, a fim de podermos chegar à Religião Universal pelos caminhos do Amor.

O Espiritismo considera todos os homens seus irmãos, seus iguais, apesar da momentânea separação ideológica ou religiosa, que são fases a separar gradualmente num processo ascendente de evolução. Dizemos e provamos que todas as raças são iguais e fraternas entre si e que o dever de todos é colaborar mùtuamente para melhor viver em paz e disfrutar os bens ubérrimos da terra.

Não é verdadeira a vossa acusação contida na alínea *d*. Pelo contrário, sempre protestámos contra os charlatães, vendedores de talismãs, amuletos, medalhinhas, estampas, etc., com que se pretende iludir a ignorância humana. Porque não há um só talismã, um só amuleto que possa evitar o cumprimento da lei, quando a alma se torna delinquente ou com um destino a saldar. Quer dizer que colhemos o que semeamos, porque somos artífices do nosso próprio futuro.

Quanto aos outros quatro pontos em que repousa a doutrina espirita, como dizeis, aprovados no Congresso de Londres em 1928, esperamos que expliqueis e «refuteis os erros que houver à luz da sã filosofia e da teologia dogmática». Porque não sabemos como se pode, èticamente falando, demonstrar isto, sendo juiz e parte ao mesmo tempo. Porque certamente a carta da Suprema Congregação do Santo Ofício aos bispos argentinos que mencionais não poderá explicar a justiça soberana de Deus sem a lei das reencarnações, pedestal onde descansa a justiça primária de Deus e única maneira de provar a justiça distributiva do Criador.

★

O Capítulo 6.º «O Espiritismo e a Higiene Mental» não vale a pena tomá-lo a sério, porque carece de senso comum. Com efeito, as estatísticas recentemente feitas em países progressivos como o Brasil provam eloquentemente que as doenças psíquicas, tais como obsessões, neuroses, etc., apresentam mais baixa percentagem em nossas fileiras, ao passo que os católicos ocupam o primeiro lugar. Por outro lado, não é segredo para ninguém que, nesse país, trabalhando os médiuns em convívio com a ciência, isto é, atendendo esta os casos patológicos e aqueles os casos de obsessão, quando as haja, conseguem-se altas percentagens de curas completas e que, mediante este procedimento, quando se generalize e se permita em todos os países, se reduzirão de tal forma as doenças mentais, que apenas uma ínfima percentagem não reagirá, em virtude de graves lesões orgânicas.

As correntes espiritas de todo o mundo têm documentado e realizado esta humanitária tarefa, colaborando com o mundo invisível, e muitos católicos foram beneficiados por elas, pois não perguntamos a cor, a nacionalidade e o credo que têm os que nos procuram, para que possamos demonstrar que somos susceptíveis de auxiliar alguém.

★

Chegamos ao Capítulo 7.º, «Posição da Igreja ante o Espiritismo». Para isso mencionais seis documentos emanados da Santa Sé (Carta Encíclica do Santo Ofício de 4 de Agosto de 1865 e outra de 27 de Abril de 1817, da mesma origem), para demonstrar a posição contrária da Igreja, que resumis assim: «É ilícito e herético». Pelo que se deduz que desconheceis em absoluto o alto valor moralizante que se desprende de todos os convívios espirituais a que chamais «ilícitos» e «heréticos».

Vede se é heresia amar o próximo como a si mesmo. Vede se é heresia compreender Deus com maior amplitude. Vede se é heresia perdoar o mal que nos fazem, proclamar a liberdade de consciência como direito natural, respeitar todas as crenças para ter direeito a que respeitem a nossa. E se não perdestes o senso comum, se sois cristãos de verdade, se vibrais no amor, sòmente no amor, como ensina o Cristo, por cima dos interesses temporais, com os olhos sagrados da missão regeneradora a cumprir, vereis na Doutrina Espirita, que tanto vilipendiais, uma nobre escola da alma, empenhada em reformar a moral do indivíduo, em cumprimento dos sagrados desígnios de Deus.

Não. Não é com imposições que solucionaremos os desventurados conflitos da humana grei. Demasiado inimigos nos temos feito em existências anteriores, com a acumulação de ódios, desvios e vinganças, todas contrárias aos desínios de Deus. Quem semeia ventos, colhe tempestades, e o homem, disse o Cristo, cede mais às doçuras do amor, do que às represálias do ódio. E o Cristo é a *Lei*. Não sejais delinquentes da lei. Amai, queridos irmãos eclesiásticos.

Deixai de fazer guerra, apaziguai os vossos paroquianos. Não ataqueis os vossos semelhantes, porque a batalha das ideias não se ganha com a opressão, a imposição ou o crime. Tudo se paga amplamente e um dia compreenderemos com extraordinária lucidez que, apesar de tudo, apesar de vós, «só pelo amor se salvará o homem».

Não façais questão de palavras nem de formalismos. O homem não é a medida exacta do universso e o que para vós é «uma grave superstição», para outros é uma consoladora esperança, uma tangível realidade.

Tudo é questão de evolução. Colocar-se contra o progresso é estropiar a verdade e cavar a sepultura do nosso próprio atavismo. E quando falardes deste ideal sublime que resume em si os ensinamentos de todos os iniciados nas verdades eternas, profetas, messias e enviados divinos, coroados pela própria essência do Cristo, nosso Irmão Maior e Mestre, refreai um pouco a vossa excessiva veemência em homenagem a maior talento interpretativo, em holocausto à verdade e em cumprimento do dever que

tendes de vibrar sempre no amor que predicais. Pois vós podeis errar, quando afirmais que o Espiritismo «é uma perverssão moral e religiosa», porquanto o mundo sabe que nesse ponto delicado do vosso temário, o triunfo do nosso ideal se verifica aceleradamente, porque constitui a escola que difunde a moral de Cristo e pratica o que difunde, por saber que «de todas as *doutrinas* que pretendem ser a única expressão da *verdade*, a verdadeira será a que tiver mais homens de bem e menos hipócritas, isto é, que pratiquem a lei de *amor e caridade* em sua maior pureza e mais alta aplicação. Nisso podereis conhecer que uma doutrina é boa, pois aquela que semear a discórdia e estabelecer a divisão, só pode ser falsa e prejudicial à sociedade».

E se chamais à *lei do progresso* «perversão de costumes, propagação do mau exemplo», deveis documenttar e provar o que afirmais, porque, històricamente, o homem converte-se em inovador e faz progredir os seus semelhantes, quando sacode o pó dos costumes adquiridos por atavismo. Nem de outro modo se verifica o *progresso* constante da humanidade.

Na vossa opinião, em astronomia, devíamos caminhar ainda hoje ao rítmo da astrologia; em química, com os mistérios ignotos da alquimia; em religião ao lado dos primeiros balbuceios do homem que adorava o Sol e lhe rendia culto, com receio de que não surgisse um novo dia. No político, económico e social, ao som dos feudos, da força bruta e do podeer estabelecido por hereditariedade, em lugar dos direitos adquiridos, dos governos que reeducam as massas, fundamentando um justicialismo na base da mais pura espiritualidade.

E quando não entendeis alguma coisa, em lugar do «ignoramus» da ciência, resolveis tudo «com a intervenção diabólica». E depois de um cúmulo de ofensas gratuitas, afirmais em descargo de consciência que «a Igreja não se pronunciou sobre a autenticidade dos mesmos», mas logo dizeis: «Tudo o que se disse e escreveu sobre os factos invocados pelo Espiritismo no campo católico, pertence à opinião particular, etc.».

Em que ficamos, pois? E a Suprema Congregação do Santo Ofício que mencionais?...

*

Chegámos quase ao fim e eis no capítulo 8.º a «Intervenção Diabólica».

Não vale a pena determo-nos muito nisto, em virtude da forma atávica com que se pretende personificar uma figura lendária que não resiste a análise séria e que, portanto, não possui valor formal.

Este mito, esta crença no diabo é inadmissível no século actual. Não se enquadra na razão, escapa à lógica e diminui a magnificência de Deus.

Atribuir as manifestações mediúnicas ao diabo é coisa infantil. Teríamos de concordar que teria de ser uma rara personagem infernal, esta que aconselha amor, encarece o perdão das ofensas e alicia a humanidade no sentido de sacrificar o interesse pessoal em benefício do interesse colectivo. Belo diabo este, que combate o egoismo e que previne toda a gente contra a loucura dos bens materiais e dos prazeres mundanos. Exótico satã que combate o ódio, a vaidade, o orgulho e que chama à realidade e à concórdia com estas palavras: «Homens da Terra, sois todos irmãos, amai-vos uns aos outros e todos os vossos males cessarão». Divertido lucifer este que pregou a paz, a fraternidade, e assegura aos que tenham ouvidos de ouvir, que todas as guerras e actos fraticidas são sacrílegos aos olhos de Deus!

Na alína A admitis a possibilidade das comunicações espiritas, mas não podem ser, dizeis, das almas benditas do purgatório (seres em estado de graça e que prestes estarão na Glória). «Terão de se atribuir ao demónio».

Desta forma impondes uma crença de que discordamos, quando apresentais este sofisma desconcertante: «Quando o Espiritismo demonstrar sem lugar a dúvida um só caso de personificação e identificação espirita, que, todavia, esperamos, teremos de admitir a intervenção directa do demónio». Prova-se, portanto, que sois adversários desleais e maus doutores da lei. Se assim administrais a justiça, se desta maneira absolveis e condenais, mais vos valera rever a folha para vos apresentardes dignamente ante a balança divina que vos pesará, até à parte mais etérea do vosso pensamento.

Pedis um só caso de identificação e personificação... Ingénuos! Nós temos documentado sessões inteiras de imenso valor histórico que enchem muitos volumes de qualquer biblioteca progressista. Neles tendes a prova irrefutável da verdade espirita. Aksakof, William Crookes, Sir Oliver Lodge, Lombroso, Conan Doyle, Vitor Hugo, Geley, Delanne, Bozzano, Flammarion, Richet, Zoellner, Osty, Inácio Ferreira, Tedeschini e um enorme caudal de luminares da humanidade que ainda esperam a *contra-prova impossível*, que honradamente nunca chegará, porque a verdade revelada não tem contra-provas.

Por outro lado, o Espiritismo, «consequente com os seus princípios, não se impõe a ninguém, e só quer ser livremente aceite. Expõe a sua doutrina e recebe os que voluntàriamente o abracem». «Não procura afastar ninguém de suas convicções religiosas, não se dirige aos que têm fé bastante, mas aos que, não estando satisfeitos com o que se lhes tem dado, buscam algo de melhor».

E para terminar rogamos que notem não havermos atacado nenhuma religião, porque isto equivaleria a colocarmo-nos contra a ordem e a lei estabelecida em nosso país, pela Constituição que protege a liberdade de cultos. Somos zelosos difensores das leis do país, porque o Espiritismo é assim, é *ordem*. Mas tendo em conta a prioridade de que goza a religião católica em nossa pátria, de ser religião oficial, pelo mesmo motivo devia ser consequente com o Governo Nacional que a ampara e protege. Encostar-se nestes privilégios que a lei lhe concebe para *atacar violentamente* outra doutrina que não impõe a sua crença, que reforma a moral do indivíduo e cujos adeptos são cidadãos probos e honestos devia ser previsto e punido pela lei.

Isto é uma simples refutação fraterna e amorosa em defesa de uma verdade em marcha por um ideal cuja grandiosidade escapa ainda ao conceito dos homens.

Era nosso dever defendermos-nos, dizer a verdade com coragem e parece que o cumprimos.

Que possamos resolver todos os problemas humanos que nos assoberbam, rogando a Deus que a verdade esplenda, amando-nos como verdadeiros irmãos da grande família universal; que possamos oferecer ao Criador o espectáculo maravilhoso da compreensão, perdoando mùtuamente as faltas em que tivéssemos incorrido, para que o Amor de todos os amores — o Cristo — nos envolva atraído pela simpatia dos nossos sentimentos. Que possamos compreender que todos os caminhos levam a Deus, quando se marcha decidido às conquistas da virtude e quando, possuídos de moral inatacável, façamos a lei cristica em nós mesmos: «Amando ao próximo como a nós mesmos e a Deus sobre todas as coisas».

(Tradução de I. D. S.)

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

OS ESPÍRITOS CRESCEM NO ALÉM?

A propósito de uma pergunta que nos fizeram, recordamos o que um dia dissemos no *Mensageiro Espírita*, que circulava sob nossa direcção.

Sabe-se que o perispírito é o modelador do corpo, acompanhando, não só o crescimento deste, como também presidindo à reconstituição de certos órgãos danificados por acidente. Que ele esteja, porém, sujeito, no espaço, às mesmas regras biológicas, embora num ambiente que nada tem de comum com o muido em que vivemos, eis um caso profundamente nebuloso, para a solução do qual não temos dados que cheguem.

Se o indivíduo desencarna no estado de adolescente, deve entrar no Além com características próprias, quanto à forma, sendo por esta que, geralmente, é identificado nas sessões de materialização. Mas se ele desencarnou pouco depois do nascimento, com que forma entrará no chamado mundo espiritual? Sendo o perispírito uma espécie de duplo do corpo físico, parece, segundo o critério mais simplista, que aparecerá com a forma do objecto que modelou.

O escritor inglês Conan Doyle fez um dia uma conferência no Queen's Hall (Salão da Rainha) de Londres acerca de certa fotografia psíquica obtida pelos irmãos Falconer, conhecidos médiuns fotográficos de Edimburgo. E depois de se referir às acusações exageradas feitas a Craig e a Jorge Falconer, contou um caso notabilíssimo relacionado com o assunto, em que o experimentador era filho de conhecido magistrado, homem de 50 anos e bom cidadão em todos os sentidos. Este sujeito tinha procurado a médium londrina Bacon, que disse ver ao lado dele uma filha do próprio que morrera à nascença e que crescera no mundo espiritual, apresentando o aspecto de uma senhora de 27 anos. Na mesma altura a entidade prometeu mostrar-se-lhe, se ele procurasse um médium fotográfico.

— Mas, como saberei que é o teu retrato? — disse ele.

— Porei um sinal na chapa.

Um ano mais tarde estava este indivíduo em Edimburgo, quando ouviu falar nos Falconer. Pediu-lhes uma sessão e na chapa apareceu a imagem de uma encantadora rapariga de cerca de 27 anos. Em baixo, a forma de um feto, em ectoplasma, semelhante a algodão em rama. O indivíduo nunca ouvira falar desta criança, morta à nascença. Além disso, o seu nome era ignorado pelos Falconer.

Conan Doyle terminou o relato com estas palavras:

— Se não é um caso de genuína fotografia psíquica, então não sei onde a poderemos encontrar.

A fotografia era, realmente, bela e estes médiuns declararam à revista inglesa *The Greater World* que a pessoa que levara as chapas examinou cuidadosamente a máquina fotográfica antes de a carregar, tendo procedido a todas as manipulações usuais, excepto tirar a lente e colocá-la depois da exposição. A sessão foi feita às escuras, motivo por que se não via fundo algum na fotografia. Enquanto a máquina esteve aberta, o visitante conservou-se sentado com os irmãos Falconer, mas com as mãos escondidas.

Antes da experiência o anónimo interlocutor disse que perdera um filho na Grande Guerra e que gostaria de obter uma fotografia dele. Chegou mesmo a descrever-lhe as feições. O facto é que ele nunca tivera filho algum. Queria ver se os médiuns produziam a fotografia de algum soldado imaginário. Claro, que os médiuns lhe disseram antecipadamente que não podiam garantir qualquer resultado satisfatório, visto que não fiscalizavam os espíritos que tinham liberdade de se manifestar.

Logo que soube do resultado da sessão, o visitante declinou a sua identidade: era juiz do Supremo Tribunal.

Assim, verificou-se a exactidão do sinal dado um ano antes por *Miss* Bacon, pois se descobriu que o ectoplasma da fotografia podia ter sido a forma de um feto correctamente desenhado, com auxílio daquela substância.

Quando Conan Doyle narrou o facto, disse que estava autorizado a divulgar o nome do magistrado inglês.

OS MILAGRES DO MAGNETISMO

Na *Voz Informativa*, de México, relativa ao mês de Fevereiro, lemos interessante relato de experiências feitas sobre bactérias e que demonstram a existência de forças subtis cujo efeito deixa os investigadores a braços com sérios problemas.

Diz o articulista:

«Num recente Congresso de Microbiologia realizado em Roma, o Dr. de Silva, sócio do Instituto Médico de Investigações, de Ceilão, leu uma informação com o título de «Influências da Mente no Crescimento das Bactérias». O autor fez as primeiras experiências há 25 anos e pretendia averiguar se o poder da vontade humana impediria o desenvolvimento das bactérias.

«O método adoptado consistia em separar a bactéria de certa doença em dois grupos, um dos quais ficaria submetido à força psíquica, enquanto o outro permaneceria em liberdade.

«Quatro quantidades de mistura nutritiva foram colocadas numa cultura de bactérias de difteria e separadas em duas partes dentro de caixas esterilizadas. Todas as precauções ordinárias se tomaram para evitar os possíveis erros da experiência. Depois, concentrando-se profundamente sobre uma das caixas, o Dr. Silva repetia continuamente durante meia ohra:

«— Não vos desenvolveis, não vos desenvolveis! Sois estéreis! Sois estéreis! Estais mortas! Estais mortas!

«Depois desta exortação, as caixas foram guardadas na forma habitual. 24 horas decorridas, contou-se o número de bactérias em cada caixa, com os seguintes resultados:

Caixas «sujeito»	Caixas de «controlo»
99	250
60	216
39	75
6	24

«A experiência repetiu-se várias vezes e notou-se que era sempre

menor a colónia de bactérias na caixa que servira de «sujeito» durante a hipnose».

O articulista acrescenta que os sócios do Instituto Metapsíquico de Paris revelam grande interesse por estas experiências, as quais, anunciadas a seguir à Conferência de Parapsicologia, realizada há dois anos em Utrecht, demonstram a possibilidade de os investigadores científicos introduzirem experiências «não ortodoxas» nos campos de estudo.

A *Revue Métapsychique* está a analisar o trabalho do Dr. de Silva, o do Dr. Lucious Nicholls, director do Instituto de Bacteriologia de Doenças Tropicais, de Lisboa, e o do Dr. Loehr, de Los Angeles, etc.

Este último afirma ter obtido óptimos resultados em experiências para influir no crescimento das plantas por meio de oração.

Afinal, tudo se conjuga para o reconhecimento de forças latentes que podemos orientar e aplicar nas mais variadas direcções. Estes triunfos da ciência deixam atemorizados os misoneístas, em geral mestres de obra feita, incapazes de aceitar uma verdade fora do seu credo.

Sancionar semelhantes resultados é facilitar a marcha do psiquismo.

UM FACTO NOTÁVEL

Spiritualisme Moderne, de Liège, insere um artigo de Len Lloyd, actual presidente da Federação Espirita Internacional, narrando um fenómeno digno de atenção.

«Há pouco mais de um ano — diz ele — antes de abandonar a África do Sul para assistir em Inglaterra ao Congresso da Federação Espirita Internacional de 1948, eu e minha mulher, durante uma sessão de voz directa realizada em minha casa, recebemos uma comunicação de minha mãe desencarnada, pedindo-nos que fizéssemos tudo por meu irmão residente em Inglaterra. E aludia ao facto da sua saúde precária, acrescentando que alguns meses depois entraria no mundo espiritual, onde ela o aguardaria para lhe dar as boas vindas.

«Meu irmão não simpatizava com o Espiritismo e não tinha conhecimento algum acerca da sobrevivência.

«Quando chegámos à Inglaterra vimos que meu irmão estava irremediàvelmente perdido. Quando partimos sabíamos muito bem, nós e eles, que não mais nos veríamos neste mundo. Em 27 de Maio de 1949 um telegrama comunicava-nos a sua morte.

«Nessa época correspondia-me com amigos alemães que não conhecia pessoalmente e os quais ignoravam a minha vida particular e de minha família. Em Junho seguinte, isto é, 20 dias após a morte de meu irmão, escreviam eles: «*Recebemos com prazer a sua amável carta. Travámos conhecimento com alguns amigos de uma cidade vizinha com quem realizámos sessões de Espiritismo e principalmente com um médium de qualidades excepcionais. Temos assistido a fenómenos interessantes que nos estimulam e recebemos conselhos para a nossa vida espiritual. Quanto a si, dizemos-lhe que perdeu um parente muito próximo. A sua mãe deu-lhe um aviso antecipado e forneceu-lhe uma bela prova da sobrevivência*».

«Analisando este caso que constitui uma prova corroborante, é preciso não esquecer que nada conheço do médium, homem ou mulher, nem a cidade em que se realizou a sessão. Ninguém, à excepção dos meus familiares que assistiam à sessão do grupo de voz directa, tinha conhecimento da mensagem de minha mãe e até ignoravam a minha correspondência com amigos na Alemanha.

«Esta sessão, realizada 20 dias após a morte de meu irmão, corroborava uma mensagem dada um ano antes a 10 ou 11 mil quilómetros de distância. Enquanto estivemos em Inglaterra ou no continente, nem eu nem minha mulher falámos nesta mensagem, nem dissemos que tinha escrito aos amigos da Alemanha acerca do assunto; e a minha carta, à qual eles responderam, fora escrita alguns meses antes. Ignoravam, portanto, que tinha parentes vivos e que minha mãe falecera».

PREMONIÇÕES DE ACIDENTES AÉREOS

Voz Informativa, do México, extraiu do *Psychic News* os seguintes parágrafos:

«Um título do *Sunday* diz que os sonhos premonitórios de desastres aéreos enervam o Ministério da Aeronáutica Civil. O que os espiritas sabem há muitos anos começa agora a penetrar nas barreiras do mundo oficial.

«Terence Feeley, o noticiarista deste jornal, anunciou no último domingo em edição do seu periódico que um grande expediente acerca de «anúncios prévios de acidentes aéreos» foi levado a um alto funcionário do Ministério. O documento foi feito por um grupo de psicólogos investigadores, sob a direcção do especialista Harley Street. Nele se faz referência a vários sonhos que predisseram um famoso desastre aéreo ocorrido em Inglaterra no princípio do ano.

«Os investigadores estavam a estudar essas informações, quando se deu a catástrofe. Os sonhos tiveram que ser interpretados, visto o avião não figurar neles de forma directa.

«O artigo do *Sunday Graphic* assinala que a conclusão dos investigadores não pode ser desprezada e que os mesmos têm tido notícias antecipadas de outros desastres. Mantêm a opinião, segundo a qual, quando um perigo ameaça um grupo de pessoas, certo mecanismo protector avisa subconscientemente alguém do grupo.

«Os especialistas podem assinalar centenas de casos em que pessoas têm desistido de empreender viagens marítimas ou de combóio, conseguindo assim escapar à morte.

«Os mesmos investigadores têm informações de sonhos e pressentimentos que revelaram antecipadamente notícias de bombas atómicas e de hidrogénio, no momento em que estavam a ser experimentadas e sem que o público disso tivesse conhecimento.

«O mesmo grupo, em ligação com os colaboradores do Dr. Rhine, da Universidade de Duke, Estados Unidos da América, está a trabalhar no problema da telepatia, — afirma o noticiarista — bem como estudando a influência da mente sobre a matéria. Descobriu-se que certas pessoas podem fazer com que um dado caia, apresentando a face que desejam, pois sementes há que se desenvolveram melhor que outras, devido a pensamentos positivos de que foram alvo».

Estamos, como se vê, no limiar de nova era que revolucionará toda a Psicologia clássica. Esta passará a objecto de museu. E o mais curioso é a oposição tenaz do conservantismo moderno a tudo o que represente avanço racional no caminho da Ciência. Quer dizer, a ciência não quer Ciência. Emparedou-se com antigas aquisições, narcizou-se e estratificou. É contra este comodismo, impróprio e inadmissível, que o Espiritismo ergue a sua voz, através dos seus arautos espirituais, que incansàvelmente anunciam tempos novos e aconselham preparação moral, de modo que o homem não seja colhido de surpresa no momento psicológico.

E em troca deste auxílio, desta atitude colaboracionista, erguem-se barreiras escandalosas, atrás das quais se acocoram os cegos voluntários, na ilusão de manter a Terra

Notas & Comentários

MISTÉRIOS DA VIDA E DA MORTE...

Foi assim que o «Diário Popular» intitulou uma estranha notícia. Estranha para os outros, familiar para nós, que conhecemos o assunto e o professor nela mencionado, não só como sábio egiptólogo, mas também consciente pesquisador das ciências psíquicas. Eis a notícia do «Popular»:

«Eu dancei, há três mil anos, na corte dos Faraós — *afirmou, com ar muito grave, uma professora de Blackpool, «miss» Ivi de Beaumont. Trata-se de «medium» de altas faculdades e grande reputação. Em transe, esta senhora é capaz de falar o egípcio antigo, como se fora a sua própria língua — e de egípcio antigo até hoje, só se conheciam as consoantes —. Devido às sobrenaturais qualidades de «miss» Ivi, o professor Wood, egiptólogo londrino de nomeada, já concluiu o seu dicionário de egípcio antigo, juntando-lhe as vogais que faltavam. A extraordinária «médium» vai partir em missão secreta para a região do Alto Nilo, por conta de uma sociedade científica inglesa. Mistérios da vida e da morte...».*

A notícia não interessa muito como documentário. O que interessa é o facto de ter sido publicada num diário português de grande expansão e sem qualquer ideia preconcebida. Dantes, havia riso, chacota, tudo misturado com ares de superioridade. Os tempos foram correndo, os factos bateram a «cabeça do prego» e os cépticos chegaram-se à razão. O mundo não terminava no extremo tangível. Alargava-se muito mais. E aquilo que uns «semi-loucos» entreviam como parte de um todo digno de estudo e de menção foi-se delineando e exteriorizando. Hoje fala-se em médiuns e em espíritos, sem qualquer receio. Os próprios médicos — até os mais abalizados — aconselham certos doentes a procurar os centros espíritas, cientes de que neles encontrarão a cura que a medicina não podia dar.

Nisto é que reside o grande significado da notícia que inserimos.

«Mistérios da Vida e da Morte...», sim, para os ignorantes, não para os estudiosos como o Professor Wood e muitos outros que, sem diploma universitário, nem por isso deixam de mourejar nesta seara imensa e cheia de imprevisto.

O «Diário Popular» foi honesto na sua atitude. Não comentou e fez muito bem. Limitou-se a relatar, mantendo a sua posição, no uso plenissimo de um direito. Outros, porém, não fazem assim. Armam-se de filáucia e arremetem com moinhos, convictos de que o mundo é um deserto e eles são os reis da areia. A miragem da ignorância é o verdadeiro reflexo do seu estado mental. Mas o Espiritismo caminha a passos de gigante e nada pode entravá-lo. Nem os timoratos, nem os mofadores. As conclusões dos sábios que se abeiraram dos fenómenos são de tal modo impressionantes, que a verdade se vai impondo em toda a parte.

em meia penumbra. O que eles não sabem é que tudo será revelado e as suas ilusões desfeitas.

Olhem para a História da humanidade e observem as mutações intérminas exercidas ao longo dos séculos, apesar das reacções dos que se aferram aos nichos para não sentir a onda que passa.

O que está oculto é muito mais do que o revelado. É o *iceberg* que vai singrando e diminuindo, à medida que a temperatura e a corrosão aumentam. O Espiritismo é a corrosão de todas as velharias que impedem o avanço promissor da humanidade.

SOMA E SEGUE...

Agora é o «Diário de Notícias» de 23 do corrente... A notícia é de Saint-Jean de Maurienne (Sueste da França), em data de 18. Eis o título espampanante: «Saltam os Pratos, Bailam as Chávenas e Batem as Portas». Eis o conteúdo, atribuído à Reuter:

«Uma família italiana vive transida de medo numa casa construída nesta localidade aí por volta do século quinze, Os moradores dizem que viram inesperadamente os pires a voar de um lado para o outro, as chávenas a jogar o eixo e os copos a saltar para o chão.

«Noticiando uma série de «estranhos incidentes» nesta localidade alpina, perto da fronteira italiana, o jornal de Paris «France-Soir» diz que a senhora Rotella ficou ferida, quando uma porta bateu violentamente e a atirou ao chão.

«Uma série de incidentes semelhantes mandou para o hospital Teresa Costa, de 24 anos, durante uma semana, depois de ter visto a loiça a saltar e a dançar.

«Teresa encontrava-se em casa de seus primos, quando a «cozinha frequentada por fantasmas» começou a fazer as suas partidas.

«Outros visitantes dizem ter visto um jarro de água bater numa pessoa presente, sapatos a deslizar, no momento em que a senhora Rotella tentava calçá-los, e uma caçarola cair num carrinho de bébé».

O mundo espiritual encarrega-se de chamar a atenção de fulanos e sicranos, quando é preciso agitar o acontecimento. E são os próprios adversários que espalham as notícias, julgando impedir a marcha do fenómeno.

As nuvens não impedem o sol de brilhar. O efémero não luta com o eterno.

DR. HENRI REGNAULT

No dia 9 de Março corrente, às 21.45, desencarnou em Paris a esposa do nosso redactor-correspondente em Paris, Dr. Henri Regnault, vice-presidente da União Espírita Francesa e um dos melhores combatentes que, pela palavra e pela pena, têm ilustrado os Anais do Espiritismo com efemérides dignas de relevo.

Senhora de grande cultura e extraordinária resignação, sucumbiu em consequência de grave operação cancerígena.

Foi uma prova terrível, mas que soube enfrentar com admirável denodo.

Henri Regnault manteve-se forte no seu posto e não desiste de trabalhar na promoção do Congresso Espiritual Mundial, a realizar em Paris, no ano corrente.

Apresentamos-lhe os protestos da nossa veemente solidariedade.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como fora anunciado, António Cardoso realizou em 20 de Março no Centro Espiritualista Luz e Amor uma conferência subordinada ao título «A Quiromancia».

Foi, de facto, uma excelente exposição, muito bem concatenada e demonstrativa de quanto há de verdade nas ciências chamadas ocultas.

Fez um breve estudo das glândulas, sobretudo das de secreção interna, para frisar a relação entre o funcionamento de alguns órgãos e certos sinais existentes na mão. Depois entrou no assunto do seu tema, expondo a maneira de ver de certos quirologistas, que nem sempre estão de acordo, o que não impugna a seriedade desta ciência.

Servindo-se do quadro preto, onde desenhou a mão humana, descreveu em pormenor a significação das linhas ligadas aos caracteres e aos sentimentos e conseguiu interessar vivamente a assistência, que de vez em quando olhava para as mãos, como que a cotejar os seus traços com as afirmações do conferente.

Não há dúvida que António Cardoso falou com conhecimento de causa. Os dados fornecidos estavam de harmonia com as conclusões dos mestres quirologistas.

O Presidente da Direcção e director desta revista congratulou-se mais uma vez com os progressos do conferente, e, detendo-se na análise de um ou outro passo do estudo apresentado, aconselhou os presentes a ler e a meditar os bons livros de ciências herméticas no próprio interesse individual. As linhas da mão, assim como a grafia — acrescentou — fornecem elementos preciosos, utilissímos na vida de relação, e orientam o homem na reforma de si mesmo. O Espiritismo apoia-se em tudo o que pode melhorar a criatura e aproveita todos os ensinamentos para melhorar a sua posição no mundo.

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez pedimos aos nossos correspondentes que façam acompanhar as suas cartas de 2$50 em estampilhas postais, sempre que desejem qualquer resposta, pois não estamos habilitados a fazer face às grandes despesas que este serviço acarreta.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS

Mais um brinde aos subscritores desta secção beneficente. Mais um efeito da solidariedade bem compreendida:

«Narrações do Infinito» — Major Aldemiro Nunes Correia, de Faro.

Felicitamo-lo vivamente pela sua nobreza de carácter e inexcedível dedicação à Causa.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE ABRIL DE 1955

Dia 3, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 5, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 6, quarta-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 7, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Repen-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 13, quarta-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 14, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 17, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 19, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 20, quarta-feira, às 21.30 — Sessão de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 21, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 24, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 27, quarta-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 28, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 1 de Maio, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 3 de Maio, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4 de Maio, quarta-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 5 de Maio, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 8 de Maio, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Maio, quarta-feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

NOTA — As sessões são exclusivas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Março — João da Silva Gomes, de Malange, 130$00; D. Beatriz Plácido de Araújo, de Maúa, Nampula, Moçambique, 30$00; D. Maria E. S. Gaspar, de Aldeia Formosa, Angola, 25$00; «Irmão César», 20$00; Por alma de D. Elvira N. Carvalho, de Lisboa, 5$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Brindes de livros espiritas, 50$00; Centro E. Luz e Amor, 50$00. *Total* — 330$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira e Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

D. MARIA VELEDA

(Ver pág. 103)

CONTÉM:

Rumo ao Brasil, da **Redacção**; O Fluído Vital e os Fenómenos Biológicos e Metapsíquicos, pelo **Dr. R. Pena Ribas**; Médiuns Curadores, por **Allan Kardec**; Espiritismo — Ciência ou Religião?, por **Achille Biquet**; Fraternidade, por **José Simões de Matos**; D. Maria Veleda, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Uma Página de M. Quintão, por **Leopoldo Machado**; Poemas Espiritas; A Fotografia das Radiações Fluídicas, por **Tito L. Bancéscu**; Activismo (Compilação de **Luciano Silva**); A Base Divina do Espiritismo, por **Torcato Cardoso Ferreira**; Exortação à Luz, por **«Irmão César»**; Juanita - Espirito Artista, pelo **Dr. Joseph Lehner**; O Pobre e o Rico, pelo **Espírito de Ismael**; Meditando, por **Emílio Ricon Peres**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; Poeira de Estrelas, por **Jenny Silenk**; Asa Ferida, por **Alsácia Fontes Machado**; A Folha em Branco, por **Cyrilo Alleixo**; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

16.º ANO ABRIL DE 1955 N.º 4

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores * **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $120,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	**15$00**	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espíritos	35$00	47$00
O Livro dos Médiuns	35$00	47$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	35$00	47$00
O Céu e o Inferno	38$00	50$00
A Génese (nova edição)	38$00	50$00
Obras Póstumas	35$00	47$00
Vade-Mécum Kardequiano	**16$00**	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	**52$00**	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	**52$00**	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1955 — N.º 4

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

RUMO AO BRASIL

Escrevo do mar alto. O «Vera Cruz» corta vertiginosamente o imenso vagalume, que se divide à sua passagem. O tempo é ameno e a rota segura. O sonho vai-se materializando pouco a pouco. O que eu esbocei no passado esclarece-se e vinca-se hoje, como sulco indelével. Deus quis que se realizasse.

Quão grande não é o coração do homem, quando o magnetismo espiritual o invade plenamente! O meu vai cheio de esperança e de fé no Ideal. À medida que se galga a superfície aquática, sinto-me mais próximo desse Brasil de encantamento, onde vou pela primeira vez em tarefa de aproximação. Todo eu me concentro nesse objectivo meritório, sem dúvida superior às minhas forças e para cuja realização farei apelo a todas as possibilidades.

Enquanto estamos longe tudo parece vaga aspiração. O projecto que se ergue num momento volta à primeira forma, substituido por outro talvez mais belo, e essas imagens várias originam estados de alma que se amalgamam e acabam por desaparecer no horizonte mental ou espiritual. Depois vêm outros projectos, ideias novas aparecem e assim caminhamos na vida impulsionados e orientados.

Mas quando estamos perto, quando se aproxima o instante da realização e somos postos à prova, o caso modifica-se, apresenta facetas inéditas e sentimos o peso da responsabilidade...

Mar alto sem ter fundo... Oceano portentoso, aliado de portugueses e brasileiros, abraça oriente e ocidente num ósculo de eternidade.

Como ele está sereno, onde, noutros momentos, rugiu ferozmente, contra pesquisadores que o quiseram desentranhar!...

Estas linhas só as relerei em terras de Santa Cruz, ao mesmo tempo que amigos dilectos se preparam para a saudação benvinda que há-de selar amizades para todo o sempre. Lá, no vasto rincão onde o milagre da vontade supera o que se pode imaginar de admirável e portentoso, espíritos prepostos reatarão laços que se haviam perdido na noite das idades e firmarão alianças que se manterão no porvir.

Eu serei um arauto de união a trabalhar perenemente a colaborar com todas as correntes neo-espiritualistas na grande obra comum que só a Causa interessa.

Deste pontículo nebuloso de salsugem distingo mal os contornos de um programa que se há-de efectivar, mercê de braços fortes que se movimentarão como forças concorrentes. Mas estou firmemente convencido de que muitas coisas surgirão para amenizar o panorama desta viagem única nos anais do Espiritismo português. Ao lado dos obstáculos, haverá facilidades que permanecerão, amenizando tudo o que representa motivos de inquietude.

À hora a que escrevo apenas sinto a vibração do monstro de aço que singra na massa líquida. De um lado a saudade dos que ficaram; do outro o desejo ardente de ser útil à Doutrina, a que me entreguei totalmente, certo de que o compromisso que se toma é coisa sagrada e exige todos os sacrifícios de nossa parte.

Assim, poderei ficar aquém do que de mim se espera, mas tudo farei para manter a posição erecta de quem fez o que pôde, lançando na fogueira as achas mais preciosas da sua bagagem mesquinha.

À medida que estes pensamentos me acicatam, o influxo do Alto me envolve caricioso-mente, me dá coragem. Seja o que Deus quiser. O que puder fazer farei em nome da Causa. O que puder dar, darei generosamente.

Quem me dera que estes braços que se fizeram para abraçar, se dilatassem milagrosamente num amplexo gigantesco em direcção ao Brasil amigo, minha pátria de antanho! Quem me dera abarcar assim uma seara de oiro cheia de segadores infatigáveis!

O Fluido Vital e os Fenómenos

PELO DR. R

Se tivemos a audácia de falar é porque estamos absolutamente certos de nossa experimentação... (Ch. Richet — A Grande Esperança — pág. 103).

Em que pese o carrancismo ferrenho dos materialistas impenitentes, o Vitalismo não foi destruído nem desmoralizado, conforme blasonam certos publicistas levianos e asseveram alguns investigadores sectários. O Vitalismo atravessa tão sòmente uma fase de eclipse passageiro. Dispersadas, que sejam, as nuvens cumuladas pelas paixões que fermentaram ao calor das ideias dos Comtes, dos Spencers, dos Haeckels, dos Molleschotts, dos Vogts, dos Buchners, etc., e restabelecida a serenidade dos espíritos conturbados, a ciência será forçada a confessar que os problemas da vida não ficam adstritos a um sistema exclusivamente mecânico e não se expressam com fórmulas matemáticas.

De facto, quem quer que examine, com isenção de ânimo e sem preconceitos dogmáticos, os fenómenos biológicos, para logo há-de reconhecer a presença de um elemento, imponderável em sua essência, mas ostensivo em seus efeitos, que congrega as partículas materiais, que organiza a estrutura dos corpos e harmoniza as funções, dentro de um plano preconcebido, de acordo com uma finalidade prevista, tudo com sabedoria e providência admiráveis. E se, para simplificar, deixarmos à margem os incontáveis representantes da escala dos seres vivos, para focalizarmos, exclusivamente, aquele que mais de perto nos interessa — o homem — veremos que nele, mais que em qualquer outro vivente, esta força vital patenteia o prodígio do seu dinamismo. Que este facto fora de todo esquecido e que, nos quadros da ciência, e, particularmente, no sector da medicina, o conceito de um princípio soberano presidindo, autocràticamente, a vida sempre esteve presente no espírito de muitos homens de grande intelectualidade, é prova evidente a veemência com que os discípulos de Hahnemann, os homeópatas, sempre propugnaram para aparar os golpes iconoclastas vibrados, muitas vezes, contra essa doutrina médica, que, em meio ao vendaval materialista, teimou, persistiu e sobreviveu apegada fielmente ao critério vitalista. É bem verdade que, não só o autor do *Organon*, como também os mais insignes partidários do Vitalismo, não puderam abordar pelo método experimental, tão em voga e de resultados tão positivos, o estudo da força ou, melhor, do fluido vital. Esboçaram apenas, em linhas gerais, os contornos mais salientes da doutrina. O motivo é simples: não se encontrou ainda o revelador específico para esse fluido. Isto, entretanto, não autoriza a negá-lo. Vivemos mergulhados num mundo de forças invisíveis e imperceptíveis aos nossos sentidos. A maioria dos factos científicos, que conhecemos, actualmente, não nos foram revelados directamente pelos sentidos e, sim, indirectamente, por um revelador particular. Assim a própria luz, simples e branca na aparência, complexa e multicolor na realidade. Mais do que complexa: invisível também, em grande parte. Não fora o detector próprio e ignoraríamos ainda os raios infra-vermelhos. Não existissem os sais de prata, desconheceríamos talvez as radiações ultravioletas.

Afirmar que numa migalha qualquer, no mínimo detrito, pode habitar uma fantástica população de seres invisíveis, hoje, já não é loucura. Porque se descobriu o microscópio. Outrora, o visionário, o alucinado seria encarcerado, coitado!

Falar em determinar a composição química dos astros já não provoca conjuros, nem causa arrepios aos mais tímidos e supersticiosos. Porque se descobriu o espectroscópio. Senão, pobrezinho de quem tal sandice proferisse: cadeia ou fogueira com ele! Mas, assim como as ondas luminosas foram separadas pelo prisma, e assim como a composição da luz se identifica na imagem espectral, também o fluido vital terá, há-de ter o seu instrumento de revelação. Todas as grandes conquistas do pensamento humano tiveram de vencer a resistência instintiva daqueles que repelem, sistemàticamente, as concepções que fogem ao padrão das verdades já sedimentadas no senso comum, ou desgastadas pelo uso vulgar.

O fluido vital, com mais forte razão, pela imensa significação que tem, não poderia deixar de encontrar opositores. Contudo, é tão grande o acervo de factos, que só encontram explicação em se admitindo a presença desse fluido, que é difícil recusá-lo, ao menos, como hipótese de trabalho.

II

É inegável a existência da finalidade no organismo. Cada elemento parece conhecer as necessidades presentes e futuras do conjunto, e modifica-se de harmonia com elas. (A. Carrel — O Homem, esse desconhecido — pág. 331).

Que há, nos seres vivos, uma força directriz, congregando os elementos, plasmando a estrutura e coordenando as actividades das funções, com um sincronismo, uma sinergia e uma previdência surpreendentes, é facto inegável que ressalta à vista de qualquer observador sagaz e imparcial. Na verdade, uma das características primaciais da vida, quer nos animais, quer nos vegetais, é esta de manter, quase constantes, a forma e a composição dos seres vivos, apesar das ininterruptas substituições que se processam no meio interno, em virtude das trocas incessantes com o meio ambiente. Ainda mesmo quando o ambiente está sujeito a bruscas variações, a vida resiste especificadamente, mantendo um equilíbrio compatível com as funções orgânicas. E o que é, positivamente, admirável, é a resistência com que a *força vital* não só mantém estável a forma corporal, em organismos agitados por extraordinário dinamismo físico-químico, mas, sobretudo, restaura, em muitos casos, a primitiva forma, em corpos mutilados. É conhecida a capacidade regeneradora de certos organismos elementares. Infusórios há, como o *Stentor*, que, cortados e recortados muitas vezes, reproduzem ainda, de cada fragmento, um novo espécime, em tudo idêntico ao ser originário. Citam-se, mesmo, exemplos edificantes, em que uma fracção correspondente a 1/64 do corpo de um protozoário pôde reconstituir de novo o ser tão radicalmente retalhado.

Sabe-se, desde as experiências de Trembey, em 1740, que a chamada *hidra-de-água-doce*, dividida que seja em três partes, transformada será em três novos seres, de tal sorte que cada um dos trigémeos, artificialmente gerados, em nada se distinguirá dos exemplares fornecidos pelo misterioso laboratório da natureza.

Também nos vermes, a *força vital* patenteia o seu poder plástico. Em mãos de Muller, a minhoca, a prosaica minhoca, quarenta vezes amputada na parte posterior do corpo, quarenta vezes reorganizou a estrutura do organismo mutilado, reparando o segmento decepado por outro equivalente.

Nos artrópodes, posto que a faculdade principie a restringir-se, muitos segmentos do corpo podem regenerar-se perfeitamente. Haja em vista o que se observa, quando nestes animais se extirpam os palpos, ou as mandíbulas, ou as antenas, ou as patas, ou os filamentos caudais.

É típica a facilidade com que alguns exemplares se desenvencilham da prisão, ao verem-se retidos por uma pata. Largam nas mãos do aprisionador o troféu desarticulado do órgão locomotor. É graças a essa espécie de desarticulação espontânea que conseguem safar-se de certos obstáculos importunos. Aliás, não há nenhum heroísmo na acção. A natureza dadivosa substitui prontamente o membro seccionado por outro novo, igualzinho!

Ainda nos batráquios a *força vital* se evidencia em sua função reorganizadora da matéria, regenerando e compensando mutilações bastante extensas. As experiências com as salamandras são clássicas. Não há que insistir.

Mas, há alguns anos, nos Estados Unidos, as experiências de Merye Rose demonstraram que também a rã é capaz de regenerar, dentro de pouco tempo, uma pata inteira amputada. De maior significação, porém, é o facto da regeneração do órgão visual dos animais. Conforme acentua Millot, da Sorbonne, «a regeneração do olho é particularmente interessante de estudar-se nos batráquios, não só por tratar-se de órgão sensorial extremamente diferenciado, mantendo estreitas relações com o sistema nervoso, como porque a marcha do processo de reparação não reproduz a seguida no desenvolvimento embriológico do órgão». O facto vale, portanto, como uma demonstração de que, além de poder restaurar o corpo mutilado, a *força vital* nem sempre se vale da via observada no desenvolvimento do embrião. Fica-se tentado a crer que, excitada pelo traumatismo da matéria à qual se encontra intimamente ligada, a *força vital* ou, melhor, o *fluido vital* possa valer-se de recursos insuspeitados, até ao presente, pelos homens de ciência.

Que esses fenómenos não se explicam claramente, por um mecanismo físico-químico exclusivo, é coisa que se não discute. Se tudo dependesse apenas de divisões celulares, se uma força não controlasse o número de divisões e não orientasse os elementos, como quem visa atingir a uma certa dimensão e plasmar uma certa forma, dificilmente se poderia conceber como fragmentos díspares, de tamanhos diversos, retirados do corpo de locais diferentes, conseguem, em alguns casos, reproduzir seres iguais entre si e todos idênticos ao ser primitivo. É bem verdade que esta propriedade é apanágio de seres inferiores, localizados nos primeiros degraus da vida. Não é menos verdade, contudo, que a regeneração desses seres encontra uma equivalência relativa nos processos de cicatrização dos vertebrados. Porque, de facto, a cicatrização, a reparação de um bocado do organismo, para realizar-se, envolve, mobiliza um conjunto enorme de recursos, provenientes, muitos deles, de pontos afastados do «processus». De modo que, bem analisadas as coisas, não se poderá deixar de sentir a necessidade de admitir um poder coordenador, que sincroniza, com previsão admirável, todos os factores que concorrem para substituir o tecido traumatizado, ou arrancado, por outro que, embora não sendo igual, resguarda o organismo de maiores perigos e remedeia a situação. É esta sincronização de forças, esta convergência de factores para uma mesma finalidade, que afasta, explìcitamente, a hipótese de forças cegas, cegamente trabalhando, num mecanismo puramente físico-químico, para impor, em todos os fenómenos biológicos, a presença de um elemento *sui generis*, que é a *vitalidade-força* que domina a matéria viva, emprestando-lhe os caracteres específicos, que a distinguem da matéria bruta. O erro fundamental dos materialistas é que eles querem encontrar a vida na matéria, que mataram, para examinar, como Bichat queria encontrar o espírito no cérebro do cadáver...

Passo a passo, contudo, iremos galgando as escarpas altaneiras do pensamento humano, a ver se lobrigamos, no horizonte, uma réstia de luz...

Biológicos e Metapsíquicos

PENA RIBAS

III

> *Por enquanto não podemos compreender a forma de organização de nosso corpo e as suas actividades nutritivas e nervosas. As leis da mecânica, da física e da química aplicam-se completamente à matéria inerte, e só parcialmente ao ser humano.* (A. Carrel — O Homem, esse desconhecido — pág. 131).

Conforme já assinalámos, há organismos dotados de tal poder plástico que, quando mutilados, restabelecem prontamente a forma corporal, mercê da perfeita regeneração dos segmentos amputados.

As coisas passam-se então como se a multiplicação dos elementos histológicos obedecesse à orientação duma força directriz inteligente, que dispõe os tecidos e as células de acordo com um arquétipo, que, desde a fecundação, modela a construção do organismo vivo, consoante as características de cada espécie.

O fenómeno, em si, é de suma importância. Porque afasta qualquer explicação estribada, apenas, numa engenhosa concatenação de forças mecânicas sàbiamente engrenadas, como exclui, outrossim, toda a teoria alicerçada, sòmente, num determinismo físico-químico ultra-sensível. Demonstra, ao contrário, a presença de um factor *sui generis* a agir como se dotado de uma consciência rudimentar. Factor que não actua cegamente, ao acaso, pois demonstra uma finalidade, visa a alcançar um objectivo: corrigir a deformação do organismo, pela fabricação de nova

peça idêntica em tudo: forma e função — à que lhe fora subtraída, acidental ou experimentalmente.

Aliás, posto que este poder plástico não se evidencie com a mesma intensidade, em todos os seres vivos, e vá, a pouco e pouco, tornando-se menos e menos ostensivo, à medida que ascendemos na escala dos seres oganizados, não se apaga nunca totalmente e pode, até, ser reconhecido nos organismos mais complexos, como no do homem. Nota-se, porém, uma mudança de direcção, digamos assim, na acção deste factor plástico. Enquanto nos organismos simples a sua influência se exerce no sentido de garantir a morfologia, nos seres mais complexos, de funções mais especializadas, o seu poder manifesta-se, sobretudo, para assegurar a regularidade das funções. Assim: se a um protozoário amputarmos parte do corpo, a tendência é a restauração perfeita do fragmento decepado. Porque, neste caso, forma e função quase se confundem. Qualquer subtracção material significa um *deficit* funcional. Dentro da exígua massa de protoplasma do ser unicelular deve caber a energia necessária ao exercício de todas as funções vitais.

Nos organismos complexos, não. As funções vitais ou fisiológicas execem-se através de órgãos especializados que laboram sinèrgicamente, de modo que o *deficit* funcional de uns é, até certo ponto, compensado pela superactividade de outros. Se o poder plástico não se patenteia claramente, é porque grande parte da massa perdida foi compensada pela aceleração da produção, não só no órgão amputado, como também naqueles que com ele trabalham em sinergia. Mesmo assim, o poder plástico aparece na hipertrofia, no aumento de volume dos elementos constituintes da porção que não se amputou.

De resto, não está definitivamente demonstrado que a hipertrofia de um órgão amputado corra por conta exclusiva da hiperplasia, isto é, do aumento de volume dos elementos já existentes. Pelo contrário, investigações recentes, confirmando as pesquisas de Ponfick, que praticou extensas mutilações no fígado de cães e coelhos, demonstram que a regeneração não se faz apenas por uma hiperplasia. Há neoformações evidentes. Há multiplicação celular muito abundante. Há, portanto, um processo plástico incontestável. Não só no fígado, mas em qualquer órgão mutilado. De mais a mais, é conhecida e reconhecida a plasticidade do tecido conjuntivo, espécie de argamassa com que a *força vital* repara as avarias orgânicas. Até nos tecidos mais grosseiros, mineralizados em alto grau, como o ósseo, o poder plástico se manifesta. Está provado que a tíbia é capaz de regenerar, morfológica e fisiològicamente, um fragmento de, pelo menos, quinze centímetros, extraído da diáfise do osso. E, para a nossa tese, não tem maior significação a regeneração da pata inteira de um batráquio, por exemplo, do que a reorganização perfeita de uma parcela da tíbia humana. Ambas afirmam a actuação de um factor inteligente, capaz de coordenar as actividades orgânicas para refazer a estética corporal. Mais do que isto: capaz de restabelecer as funções nas partes regeneradas. Factor que mantém a forma, a composição e as funções dos seres vivos, em meio às variações frequentes do ambiente, apesar das permutas materiais e energéticas com o mundo exterior. Factor que empresta à vida o sentido de força activa, reagindo inteligentemente contra todas as condições extrínsecas, que, de qualquer modo, tentem alterar qualquer destes atributos mencionados — a forma, a composição ou a função. Factos que predominam sobre todas as forças mecânicas e físico-químicas que actuam no organismo. Factor, cuja ausência equivale à morte, à desorganização da matéria. Matéria que, livre deste *factor vital*, segue as leis normais da matéria inerte, as leis da mecânica, da física e da química. Factor que dá à vida uma realidade extramaterial, nem sempre tangível, no estado actual da ciência, mas já perfeitamente antevista e tocada, através de certas manifestações fenomenais, metapsíquicas ou mediúnicas, pouco habituais, porque pouco exploradas cientìficamente, mas já comprovadas milhares de vezes por centenas e centenas de observadores honestos e sisudos. É a este factor de vitalidade, que ora focalizamos tão sòmente sob o aspecto do seu poder plástico, e que tem sido denominado de muitos modos, inclusive de *força vital, princípio vital, força nervosa*, etc., que nós preferimos chamar, como os espiritas, de *fluido vital*, conforme justificaremos.

(Da SEPE, de Niteroi, Brasil)

(Conclui no próximo número)

MÉDIUNS CURADORES

Este género de mediunidade consiste na faculdade de certas pessoas para curarem pelo simples contacto, aposição das mãos, olhar ou mesmo gesticulação, sem o emprego de qualquer medicamento.

Esta faculdade é incontestàvelmente efeito de força magnética, de que, entretanto, se distingue pela energia e instantaneidade da acção, ao passo que as curas magnéticas exigem um tratamento metódico, mais ou menos longo.

A confiança do doente auxília poderosamente a acção fluídica, e Deus, muitas vezes, recompensa essa fé pelo sucesso.

Só a superstição pode dar virtude a determinadas palavras, e só os Espíritos ignorantes ou mentirosos podem entreter semelhantes ideias, precrevendo-lhes certas fórmulas. Entretanto, para certas pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas espirituais, o emprego de uma fórmula de prece, ou de uma qualquer prática, pode inspirar confiança. Neste caso não é a fórmula que cura, mas a fé que ela provoca.

Não se devem confundir os médiuns curadores com os receitistas. Estes são simples escreventes, cuja especialidade consiste em servir mais fàcilmente de intérpretes aos Espíritos nas prescrições médicas, não fazendo mais do que transmitir o pensamento do Espírito, sem que tenham influência própria.

(Obras Póstumas) *ALLAN KARDEC*

Espiritismo—Ciência ou Religião?

Por ACHILLE BIQUET (Correspondente em Liège)

Se há questão controvertida que tenha suscitado múltiplas discussões e numerosos mal entendidos é a que se refere à qualificação do Espiritismo e à orientação definitiva que deve ter.

Por ocasião do Congresso Espirita Internacional, julguei oportuno precisar o meu pensamento no assunto e propor a adopção para cada movimento espirita de uma directriz uniforme que me pareceu mais racional e capaz de satisfazer ao mesmo tempo o coração e a razão

O que deu origem ao Espiritismo, o que essencialmente o caracteriza e diferencia das religiões mais conhecidas, reside no estudo e observação dos fenómenos que demonstram:

a existência do mundo espiritual;
a existência da alma e sua sobrevivência ao corpo;
a possibilidade para os vivos de comunicar com os desencarnados;
a sanção dos nossos actos;
o exercício do culto não dá privilégios.

Estes fenómenos têm sido e são a base do edifício grandioso que constitui o Espiritismo. A experimentação deve ser seguida com objectividade e circunspecção, se quisermos que o Espiritismo viva, progrida e possa combater o materialismo gerador dos maiores males da humanidade.

Todos admitem que, sem experimentação, o Espiritismo não teria razão de ser e não preencheria eficazmente o fim que tem em vista.

A ciência oficial confinou-se até hoje no estudo do visível e do material. Devemos inclinar-nos ante os notáveis resultados obtidos pelos sábios, resultados que têm contribuído para melhorar consideràvelmente a vida social. Mas as suas descobertas são insuficientes para dar ao homem os meios de encontrar a solução dos problemas angustiantes que se levantam, quando ele pretende conhecer o porquê da vida, a razão de suas provações e de que maneira poderá realizar as suas aspirações à verdadeira felicidade.

Nisto encontramos nós as razões que motivam a imperiosa necessidade de desenvolver incessantemente a experimentação dos fenómenos paranormais, a fim de levar mais cedo ou mais tarde a ciência oficial a interessar-se pelos nossos trabalhos. Uma vez estes fenómenos reconhecidos oficialmente, será o triunfo da nossa causa e da verdade.

Em minha opinião ninguém poderá contestar que a função do Espiritismo científico é de importância primordial, para que ele possa cumprir frutìferamente a sua bela missão. Não estabelece ele um laço directo e efectivo entre a ciência material e a espiritualidade?

Mas é preciso admitir também que se o Espiritismo se limitasse ùnicamente à experimentação sem dela tirar ensinamentos úteis, faliria grandemente e sairia do caminho que lhe foi traçado.

Com efeito, os ensinamentos recolhidos deram origem a uma doutrina que ilumina os homens com uma luz espiritual brilhante. Do estudo dos factos decorrem leis naturais que permitem a todos conhecer a razão da sua presença aqui em baixo.

Quem se der ao trabalho de observar os factos espiritas, pode desvelar alguns segredos da vida universal, compreender a causa do sofrimento e a necessidade das provas para auxiliar a evolução, as desigualdades sociais entre os indivíduos e as raças e a igualdade de todos os seres perante o Criador.

Ante a realidade da vida espiritual, o homem é levado a reflectir, a meditar e a amar a Deus, através da sua Obra, a adquirir uma fé raciocinada e a compreender a eficácia da prece.

Tudo isso o convencerá de que só a prática da lei de Amor e Sacrifício o impulsionará com segurança na estrada penosa que conduz à verdadeira felicidade.

Este aspecto do Espiritismo tem importância igual à da experimentação.

A experimentação é o meio e a espiritualidade o fim.

Estes dois aspectos do Espiritismo são inseparáveis. Completam-se mùtuamente. O

Espiritismo prova que ciência e espiritualidade se conciliam perfeitamente e harmoniosamente.

Em meu parecer está errado quem só encara o Espiritismo pelo lado científico, assim como o que renunciar à experiência e o considerar autêntica religião.

Deste modo, peço a todos os espiritas e dirigentes de sociedades espiritas que não toquem estes dois extremos. O Espiritismo é ao mesmo tempo uma coisa e outra, isto é, uma *doutrina espiritualista com base científica*. Não pode confundir-se com as religiões, porque levaria à suposição de que é uma doutrina teórica e um apelo à fé cega.

O Espiritismo deve ser alheio à ciência oficial e às religiões. É preciso que seja compreendido pelas massas e não pode fechar-se em princípios caducos e dogmas irracionais.

O Espiritismo deve ser essencialmente evolutivo e neste sentido progredirá. Os espiritas, ao contrário dos crentes religiosos, devem ser homens livres, que pensem livremente, que saibam assumir a sua responsabilidade. Só a lei de amor é divina e, portanto, só a ela é que a humanidade se deve submeter para atingir as regiões sublimes do mundo espiritual onde reina a felicidade.

O Espiritismo deve ser o farol que conduzirá os homens a seu destino espiritual. Para que sejamos dignos dele, unamos os esforços no seio da Federação Espirita Internacional, dando-lhe mais possibilidades e mais força para concluir a sua obra salvadora.

Possamos todos compreender a necessidade de permanecer unidos sob a mesma bandeira, facilitando a esta agremiação os meios de se ouvir no mundo.

(Tradução de I. D. S.)

O AMOR

Eu creio em Deus que é para mim o Amor.

Sim, o Amor!... Não o amor egoista, mas o amor tal qual eu o senti, pela primeira vez, quando me apercebi do meu inimigo moribundo a meu lado, e o amei... É a própria essência da alma. Amar o próximo, amar o inimigo, amar todos e cada um, é amar Deus em todas as suas manifestações!...

Amar um ser que nos é querido, é amor humano, mas amar o inimigo, é quase amor divino!

LÉON TOLSTOI

(A Guerra e Paz)

FRATERNIDADE

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

A palavra fraternidade não é simplesmente um termo, é um facto. Não é uma palavra vazia, é um sentimento que nos conduz à união, à luz, à Paz e ao Amor, o que significa dizer «Caridade».

Necessitamos de volver ao estudo e meditação do Evangelho, para melhor sentirmos e compreendermos estas coisas. Jesus é o mestre por excelência para nos ensinar a arte de bem viver e ser feliz em qualquer plano de vida a que o espírito tenha sido chamado, por suas necessidades, a viver. Só com Jesus se pode compreender a dor e conformar-se cada qual com a sua sorte. Só ele nos pode dar meios e forças de perdoar e amar os nossos inimigos. Coube à 3.ª Revelação, que é o Espiritismo, esclarecer-nos sobre as causas de tais sofrimentos e provações, à luz do Evangelho.

É por esta razão que por toda a parte se nota um grande interesse pelo conhecimento de nossa doutrina, devido aos factos que constantemente se dão em todos os lares, através da mediunidade, em suas várias modalidades, convidando os homens ao conhecimento e estudo da verdade. E estes factos não cogitam de religião, raça ou posição social. Eles se processam à revelia de tudo isso, porque procedem de uma fonte espiritual que tudo sabe prever para prover ao nosso esclarecimento e libertação da escravidão de determinados dogmas e preconceitos sociais. Se o Evangelho nas nossas mãos apenas merecer a nossa admiração para ser lido e decorado; se, embora pregando-o aos demais, não o praticamos em nossa vida, quem nos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária, que há muito nos têm anunciado os espíritos do senhor e se faz sentir, a qual dará o domínio da terra aos justos, preparados para o seu desenvolvimento, e que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos de coração para o mundo que lhe for próprio? Quem nos poderá socorrer nessas horas de maior provação, senão tivermos a luz que nos faz buscar o abrigo de nosso Mestre?

Amigos: Os tempos chegaram e não há tempo a perder. Convém reconciliar-mo-nos enquanto é tempo com os nossos desafectos, perdoando e confraternizando mùtuamente, auxilando-nos mùtuamente. Deus, nosso pai, por Jesus, nosso mestre, não exige o nosso sacrifício. Mas, ao menos, um pouco de boa vontade em nos melhorarmos para recebermos o auxílio espiritual, que sempre nos é dado por sua misericórdia.

No limiar deste novo ano, data que o nosso calendário consagra à confraternização dos povos, possam os nossos espíritos vibrar com amor, fé e confiança na paz, e não mais propagar nem dar motivos de guerra.

Queremos a Paz. Que Jesus proteja e ilumine os homens que têm a missão de instruir e guiar os povos da terra na sua evolução para Deus, pelas sendas do trabalho, da sabedoria e do amor. Que sejam bem intuídos em suas determinações.

D. MARIA VELEDA

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

O artigo da nossa estimada colaboradora D. Ivone de Sousa traduz, com absoluta fidelidade, o sentir de todos os espiritas portugueses e constitui justa e merecida homenagem à memória de D. Maria Veleda. Estudos Psíquicos associa-se a ela, respeitosamente.

★

Regressou à Pátria Espiritual, com 84 laboriosos anos, esta nossa veneranda confrade que na terra muito sofreu e decerto muito terá evoluído.

Sofreu as próprias dores, e as alheias, porque também muito amou a Humanidade, devotando-se, desde nova, à causa da emancipação da mulher, e à defesa de todos os fracos e oprimidos.

Foi uma das mais prestimosas e dedicadas propagandistas do Espiritismo em Portugal. Tomou parte activa na organização e nas várias sessões de trabalhos do 1.º Congresso Espirita Português, realizado em Lisboa, em Maio de 1925, do qual nasceu a Federação Espirita Portuguesa, a que deu muito do seu esforço.

Presidiu à «Liga Republicana das Mulheres Portuguesas», foi escritora de talento e de invulgar sensibilidade, publicista e oradora fluente.

Certo dia, há mais de quarenta anos, ao passar pela Covilhã, foi inesperada e insistentemente solicitada para falar no teatro daquela cidade. Ao entrar no palco D. Maria Veleda não tinha, sequer, um tema, uma ideia. Pediu auxílio do Alto, olhou o público constituido na sua maioria por operários texteis, e logo lhe acudiu a inspiração, arrebatando toda a assistência.

Fundou e dirigiu as Revistas «A Asa» e «O Futuro», nas quais colaborou assiduamente, como aliás em todas as publicações congéneres do nosso país, as últimas das quais a «Revista de Metapsicologia» da Federação Espirita Portuguesa» e «Luz e Caridade», de Braga, cessando para esta última a sua moralizadora colaboração, quando, recentemente, os seus padecimentos se agravaram e a doença a prostrou definitivamente.

A última fotografia de D. Maria Veleda

Como «Velleda, a druida gauleza», de Chateaubriand, possuia, no dizer de quantos a conheceram nessa época, autênticas faculdades supra-normais. Ficaram memoráveis as suas sessões mediúnicas, num pequeno grupo familiar, e dirigidas do Invisível por uma entidade que usava o pseudónimo de «Luz e Amor» para ocultar a elevada categoria eclesiástica que tivera na terra.

O grupo aumentou e deu lugar à colectividade que tão conhecida é hoje como «Centro Espiritualista Luz e Amor», e que indubitàvelmente é um filho espiritual de D. Maria Veleda.

Profundamente materna, toda a sua vida abrigou no seu coração filhos adoptivos, dedicando-lhes carinho e protecção, e na «Obra Maternal» que criou com as Dr.as D. Adelaide Cabette, e D. Beatriz Ângelo demonstrou toda a sua grande ternura pelas crianças.

Ao baixar à campa, nela cairam as lágrimas saudosas e gratas de uma mãe pobre e de sua filha adolescente que há pouco ainda D. Maria Veleda salvára da terrível tuberculose...

As amarguras da sua vida e as incompreensões do mundo, jámais conseguiram abalar os seus princípios doutrinários, aos quais manteve, até à morte, uma estoica fidelidade, tanto mais para admirar numa época de egoístico materialismo.

A doença que aceitou com admirável resignação, afastou-a das suas mais queridas actividades associativas, mas, de olhos erguidos para o Ideal Espirita, interessava-se sempre por todos os seus problemas.

Irmãs nos Ideais sempre nos ligou uma forte e leal amizade à qual eu juntava a minha admiração por essa mulher que às outras mulheres pode ser apontada como exemplo, e que soube ser espirita até ao seu último suspiro.

Que a sua ascensão espiritual aos planos superiores seja rápida e luminosa.

E. Psiq. — Abril/55

UMA PÁGINA DE M. QUINTÃO

por LEOPOLDO MACHADO

Uma página inédita de M. Quintão será sempre recebida por seus amigos e admiradores com muita alegria.

Aqui está uma sobre nosso «Cientismo e Espiritismo».

Aliás, uma das mais belas impressões que aquele nosso livreco mereceu. Entregando-a ao público, no mesmo passo em que recordamos aquele nosso volume, quase esgotado a esta altura, reverenciamos o ilustre desencarnado, de quem até já falámos, cuja amizade, a despeito de nossas divergências marcantes, nunca sofreu solução de continuidade: sempre foi a mesma, individualmente, até ao fim.

I

CIENTISMO E ESPIRITISMO

> «*A verdade será sempre* paucorum hominem, *e por isso tem de, calma e modestamente, esperar pelos poucos que, discordantes da regra, saibam apreciá-la...*»
>
> ARTUR SCHOPENHAUER

Na opulenta colectânea de mensagens mediúnicas recebidas pelo notável psicógrafo luso Fernando Lacerda, ao amanhecer deste século e intitulada «Do País da Luz», há uma página cintilante do Eça de Queirós, que nos fala dos apuros alfandegários da sua bagagem literária nas fronteiras do Além-túmulo.

Em Entre Dois Mundos, *de Antoinette Bourdin, o espírito de Ludovic Manoel, em transe mediúnico, descreve à genitora um quadro alegórico, no qual os autores terrícolas, desencarnados, assistem à selecção, depuramento e frutificação das sementes que espalharam deste lado: as que germinam vigorosas, crescem e frondejam pejadas de suculentos, vitaminados frutos; as que vingam olentes e floridas, mas venenosas qual mancenilha; e, finalmente, as que não chegam a germinar, porque resvalam e apodrecem no lodo.*

Os plumitivos, no topo de uma colina, lápis em punho, anotam, angustiados ou serenos, o que lhes incumbe de futuro refundir, melhorar, inovar ou expurgar do seu celeiro. Porque o celeiro é eterno e a tarefa contínua. A reencarnação é um facto e a lei é progressiva.

*

Considerações são estas, que me defluem da mente à pena, ao manuseio de mais um livro de Leopoldo Machado, caro confrade e velho amigo, que estou a pique de proclamar cinturão de ouro na maratona da propaganda doutrinária no nosso país.

Polígrafo e polimático, na vera acepção da palavra, Leopoldo é de uma actividade e facúndia assombrosas, que parecem arrasar a noção de tempo, espaço e meio. Houvéramos de o fixar iconogràficamente e teríamos Briareu a investir as Colunas de Hércules.

Professor, orador, novelista, poeta, teatrólogo, não sei de outrem que mais exuberado na faina de propagar o Evangelho à luz da Terceira Revelação. Exemplo típico de autodidatismo, é interessante notar que, forrageando os mais árduos problemas epistemológicos, ele o faz com agilidade, precisão, naturalidade e segurança, só concebíveis em lastros de velha e sedimentosa cultura.

Fenómeno é este de molde a suscitar ponderações de mais alto teor filosófico, quanto a génese, coordenação e transmissão da ideia. De facto, não há como destrinçar, deslindar, nessa avalanche de teorias e conhecimentos, definições e conceitos, a espontânea, natural e própria do consciente, do sub ou do super-consciente humano.

É porque, em dinamismo assombroso tal, só encontramos paralelo na obra de Francisco Xavier, queremos coligir que a de Leopoldo também não se desquita da maior tara mediúnica, inconsciente embora.

E não se diga que assim a infirmamos e desmerecemos, porque em tudo prevalece o Evangelho do Senhor, quando asserta que digno é o trabalhador do seu salário.

E ainda porque, no granjeio de uma assistência espiritual de translúcida equação, não há como desconsiderar no receptor um sólido cabedal, latente de madureza, ou seja de aquisições pregressas.

O valor apreciável da tarefa, portanto, neste caso, no animus operandi *do artífice, a esmar-se pela utilidade, alcance, oportunidade e projecção do seu trabalho.*

Neste afã, investindo Freud ou Voronof, adversando o Dr. H. Roxo ou comentando Comte, Leopoldo supervisiona e condensa, com evidente senso crítico, os mais altos problemas que já preocuparam esta nossa precita humanidade pensante.

Sem malabarismos fraseológicos, sem ruminação de citas indigestas, num estilo hialino, muito seu, não visa, certo, consagrações tempestivas, de ribalta, ilusórias quanto efémeras e até perigosas.

É que ele sabe como e porque dizia o Mestre nada fazer de si mesmo, se não por vontade do Pai que está nos céus...

*

Eis porque, agradecendo e registando a oferta de mais um livro de sua lavra, desprezo epinícios e loas, para só fazer justiça ao seu indefesso e probo labor.

Trata-se de «Cientismo e Espiritismo», editado em Lisboa por Estudos Psíquicos Editora, com substancioso prefácio de Isidoro Duarte Santos, também director emérito da excelente revista Estudos Psíquicos, *altamente cotada no nosso país.*

Com magnífica impressão gráfica e cuidadosa revisão, condensa, em 222 páginas, 32 capítulos de assuntos versados na imprensa periódica e assim agora colectados em livro, ao socairo de possível esquecimento e dispersão.

De acordo com o provecto prefaciador, não caberia aqui apologizar cada um dos assuntos, para que o leitor os saboreie e julgue a todos de si mesmo.

Limito-me a dizer que todos polarizam problemas de alto relevo científico-filosófico e moral-religioso, estilizados a preceito da sadia hermenêutica e boa ética.

E, se a requisitos tais acrescentar que o autor não escreve para mer-

POEMAS ESPIRITAS

UM POETA — MENSAGEM URGENTE — ALGUEM ME ESPERA

Ó meus irmãos,
de caminhos sem fim,
não perdei a esperança
e vinde ouvir-me ainda uma vez!
Agora a mensagem é urgente!

Já se fazem bombas monstruosas,
os trens correm mais rápidos do que nunca!
A ciência progride vertiginosamente!
Os homens fazem comícios
e as luzes são mais artificiais!

Ouvi os apitos das fábricas,
os sinos das igrejas dobrando,
as mãos nervosas conduzindo as máquinas possantes,
semeadoras da morte,
pelos céus antes imaculados!

Boquiabertos nas praças,
os olhos arregalados,
levam as mãos aos peitos,
num desejo incontido
de segurar o coração e apascentá-lo!

São os homens destes dias
a clamar: Misericórdia!
São as mulheres e as crianças desta hora
sem futuro!

Caminheiros,
não percais as esperanças!
Deixai que as revoltas se consumam,
as angústias se destruam!
Erguei vossos olhos, cheios d'água,

e pedi, mais uma vez:
Senhor, envia obreiros para a tua Seara!
Na pátria da claridade,
onde os anjos moram,
o chão é feito de luz
e, o céu, de estrelas coloridas,
Alguém me espera.

Na pátria dos bons desejos,
onde se dão corações,
se trocam os sentimentos afáveis
e todos se sentem irmãos,
Alguém me espera.

Na pátria do amor sem fim,
onde também os lagos rezam
e as árvores erguem seus braços, fazendo preces,
Alguém me espera.

Na pátria da humildade,
onde as crianças brincam,
as flores são luminosas
e os céus confraternizam com a terra, iluminada,
Alguém me espera.

Na pátria da caridade,
onde os pássaros voam sem obstáculos no espaço,
ninguém fere seu irmão
e as mãos estão sempre juntas,
sem conhecerem o adeus,
Alguém me espera.

Adivinhas quem seja
Aquele que, a mim, a ti e a todos espera?
Nas pátrias iluminadas,
nos campos sem limites,
nas searas do bem infindo?
Não, tu não adivinhas, mas sentes, no teu coração,
que Ele espera sempre:
— Jesus, o Divino Mestre!
Salve o Senhor!

---

cantilizar ideias e sim para beneficiar o LAR DE JESUS, Instituto de Filantropia Cristã, que é a «menina dos seus olhos», não lhe hão-de faltar leitores nem bênçãos, deste e do outro lado da vida.

A mim, que o conheço de há quase sete lustros e de perto o venho acompanhando na concha doutrinária, só cabe pedir a Deus que o leve à Coluna Simbólica, entre os legítimos escribas, sem arrostar no fisco os percalços do confisco, que decepcionaram o mago dos Maias, da Relíquia e quejandas jóias de «bagagem avariada»...

Que, de MESTRES EM ISRAEL, vai nosso mundo obstruído e empanturrado, Deus me perdoe.

(Irradiada no programa «Selecções Espiritualistas», da «Rádio Guanabara», Rio de Janeiro).

EXPERIÊNCIAS PARANORMAIS

A FOTOGRAFIA DAS RADIAÇÕES FLUÍDICAS

por TITO L. BANCÉSCU (DA A. P. P. E. E.)

O problema das radiações fluídicas ainda não foi estudado nem analisado com atenção nos centros de experimentação psicológica. Este facto, salvo algumas excepções, constitui a característica dos gabinetes onde não se tem em conta a importância da fenomenologia psicológica. Os que a dirigem, do ponto de vista da metapsicologia materialista, procuram localizações cerebrais e a sede da consciência ou o hemisfério cerebral que a produz, em virtude de existir a convicção anticientífica de que o cérebro «manufactura» os pensamentos.

Quando as experiências parapsicológicas ou metapsíquicas são realizadas com critério amplo, interpretando-se imparcialmente as observações e deduções com o fim exclusivo de encontrar a verdade, tal como é na essência, analisa-se a intervenção dos fluidos ectoplásmicos, porque exercem influência essencial na produção de toda a espécie de fenómenos psíquicos. A tese do ectoplasma tem sido sistemàticamente combatida, tanto pelos sábios materialistas, como por escritores teológicos; estes últimos com o pouco honroso fim de desacreditar o Espiritismo científico, valeram-se de actos desonestos ao utilizar pedaços de algodão nas *poses* fotográficas, colocados no peito dos sensitivos.

Ora, sendo as pessoas aparelhos emissores e receptores de vibrações, é costume realizar concentrações mentais prévias na abertura das sessões experimentais, para saturar o ambiente de fuidos apropriados que se convertem em veículos dos fenómenos mediúnicos. Pode dizer-se também que os intermediários psíquicos são esplêndidos acumuladores de uma espécie de electricidade, (se o termo «fluido» parecer inadequado) e que é utilizado pelos laboratórios, visível e invisível. Portanto, a coordenação é indispensável, se se quiser conseguir algum resultado importante. A ausência do estado positivo nos que rodeiam a mesa das experiências determina automatismos, animismos, efeitos sugestivos ou manifestações psíquicas da mais baixa espécie que tantos desenganos proporcionaram a alguns experimentadores teòricamente desconhecedores desta classe de fenómenos.

Os aparelhos defeituosos em experiências físico-químicas produzem efeitos maus, deficientes ou medíocres. O mesmo se dá com as experiências psíquicas em que intervenham aparelhos humanos, muito mais complexos e delicados que os materiais. Tanto os psicólogos da escola clássica, como os metapsiquistas materialistas, incluíndo não poucos espiritistas inexperientes, costumam prescindir do factor vital inerente ao fenomenismo, que é a acumulação indispensável dos fluidos citados de que depende o êxito ou o inêxito nos fenómenos de materialização, voz directa, etc. O amálgama das energias psíquicas visíveis ou invisíveis é necessidade imprescindível sem a qual não se podem obter bons fenómenos.

Os investigadores de renome calculam que esses fenómenos energéticos constituem elementos indispensáveis de trabalho. Nos anais parapsicológicos, especialmente nos de índole espirita, abundam os casos em que núcleos reduzidos, integrados por indivíduos de sãs vibrações mentais, conseguem fenómenos muito superiores aos homens de ciência dos laboratórios. Os primeiros entregam-se amplamente à faina, cooperando com a sua escala vibratória, enquanto os segundos, sempre desconfiados, pensam geralmente na fraude dos sensitivos a ponto de influir sobre eles e chegando a provocá-la. O caso do professor Charles Richet com Eusápia Paladino, devido à má intenção de um assistente, é já clássico. Por isso é que o doutor Gustavo Geley aconselha a permanência passiva dos médiuns e dos assistentes.

O ambiente psíquico no recinto dos trabalhos é o factor que determina os fenómenos. Há excepções, inegàvelmente, como a de Jack Dickson, da América do Norte, que produz materializações à luz do Sol, fora de casa, mesmo a andar na rua, e toda a gente pode ver entidades espirituais materializadas. Os intermediários psíquicos de incorporação

— aos quais impròpriamente se denominam de «especialmente dotados», quando, em realidade, se deviam denominar de «suficientemente desenvolvidos» através de várias existências — nem sempre logram os objectivos que desejam fora do ambiente apropriado, devido à mesma causa, a não ser que estejam rodeados de influência psíquica de suficiente protecção.

II

De harmonia com o que temos dito, aduziremos a experiência do Prof. Iodko, que é uma autoridade na matéria.

«O século 19 é chamado, com justiça, o século do vapor e da electricidade; o século 20 chamar-se-á o século do éter, do magnetismo e de outras forças da Natureza, cuja existência apenas entrevemos (1).

«Colocados no éter, condensamos mais ou menos este agente. Produzímo-lo, émitímo-lo. Numa palavra: estabelecemos perfeita troca entre o nosso organismo e o éter ambiente, sem que fenómeno algum nos seja ostensível. Mas quando há desequilíbrio na troca, os fenómenos apresentam-se-nos com maior ou menor intensidade.

«Sobrecarregado o organismo com esta força, em que nos encontramos, aparecem fenómenos novos pressentidos pelos magnetizadores.

«A electricidade não serve para sobrecarregar o organismo e quando os agentes que nos rodeiam se condensam, pode transmitir-se uma mensagem através do corpo humano, aparecem efeitos luminosos nos tubos de Geissler e na garrafa de Crookes; e em nosso organismo produzem-se, sem contacto, os raios «Roentgen». Os eflúvios que se desprendem do corpo humano tornam-se visíveis e podem fotografar-se.

«Acabo de dizer — continua o Professor Iodko — que me sirvo da electricidade, que aplico em virtude de uma teoria pessoal que não se harmoniza completamente com as teorias vulgares. A princípio, emprego pouca energia de uma corrente de 1 a 2 vóltios, pondo em acção uma bobina de Ruhmkorff, com uma faísca de 2 centímetros. Um dos polos da bobina está em comunicação com o ar atmosférico e o outro ligado a um fio condutor que ponho na mão do sujeito da experiência, mediante um isolador de vidro. Os gânglios e os plexos podem ser considerados como baterias e os nervos como condutores. A Natureza faz sempre em grande o que a arte faz em pequeno; e a influência da pilha e da atmosfera que vem através do fio único de que me sirvo, apenas imita o ar carregado de electricidade.

«Activando a bobina, não se notam as suas vibrações. O experimentador pega com uma das mãos na extremidade do condutor e com a outra no receptor telefónico separado de toda a comunicação. Colocado o receptor no ouvido de qualquer pessoa, percebem claramente as vibrações da bobina. Se o experimentador leva o receptor ao seu ouvido, não ouve nada; mas, se outra pessoa coloca o dedo num parafuso de contacto do receptor, a primeira ouve claramente todas as vibrações (2).

Seguidamente, Iodko diz que as vibrações individuais estão em relação directa com a sua energia vital. Analisa depois o tubo de Geissler, os raios X no tubo de Crookes para chegar ao capítulo relativo à fotografia dos eflúvios magnéticos, a que Reichenbach chama «ódicos». E continua:

«Com auxílio do meu processo electrográfico obtenho a fotografia dos eflúvios irradiados do corpo humano, sem qualquer objectiva (3).

Depois expõe uma série de provas realizadas com todo o êxito e que não reproduzimos, para não nos alongarmos demasiado. O que, todavia, tem importância inquestionável é a verificação da existência de radiações fluídicas no corpo humano, que nas experiências parapsicológicas desempenham papel preponderante.

III

Por seu lado, Baraduc realizou experiências que confirmam as de Iodko. «Sobre uma prancheta de madeira — diz ele — fixei um pombo com as asas e as patas estendidas. Cobri-o e coloquei-lhe sobre o coração uma placa fotográfica e mais tarde cobri a chapa e o pombo com um recipiente, tendo especial cuidado de só operar à luz vermelha. Quando revelei a placa, encontrei-a cheia de pequenas manchas em forma de grãos. Para explicar o fenómeno, é preciso admitir que o animal se aterrorizou, apelou para todas as energias e projectou no exterior toda a força vital de que dispunha. Entretanto, tratou de se defender; a placas apresentaram o mesmo grafismo; mas quando se habituou e o seu coração latejou normalmente, a placa traduziu bem a desaparição do terror. Neste momento foi sacrificado o pombo e coloquei-lhe

outra placa sobre o peito. Esta registou uma série de ondas em torvelinho que abarcavam toda a superfície em contacto com o órgão lesado. Não se vê aqui a projecção da força; vê-se, pelo contrário, uma atracção, uma absorção de força externa. O pombo, em sua debilidade, parece reclamar a vida que se lhe escapa, como pulmões que reclamam o ar que lhe falta. É o inconsciente a pedir auxílio ao invisível. Chegou a morte e a placa recolheu os últimos suspiros, que se esboçaram em estratos velados, diáfanos, vaporosos, isto é, totalmente diferentes dos outros. Finalmente, coloquei outra placa sobre o cadáver já frio. Como a vida havia abandonado o envoltório carnal, a placa nada registou (4).

IV

Do que acabamos de reproduzir se conclui que estes factos provam, não só a existência das ondas vibratórias em tudo o que é orgânico, mas também no que escapa aos nossos sentidos. É aqui que a microfísica está destinada a desempenhar um papel de interesse transcendente para a ciência adogmática. Esses estratos vaporosos que emergiram do pombo constituíam a essência da vida em seu estado radiante ou o rudimentar dinamismo essencial de Geley.

Os homens que sabem fazer experiências sérias, que limitam a sua esperança na ciência, que tem na frente um campo de imensas perspectivas capazes de iluminar os cérebros susceptíveis de admitir os frutos do conhecimento, deviam cooperar no alargamento das novas possibilidades científicas para lá dos cânones oficiais.

Os fenómenos vibratórios merecem, entretanto, mais atenção nas reuniões em que se esquadrinham as facetas de uma ciência das mais difíceis, como é a parapsicologia. As experiências paranormais devem ser confiadas a homens capazes, estudiosos, dotados de senso comum. Não é, pois, com o bisturi, que se há-de encontrar a consciência em qualquer dos hemisférios cerebrais de Grasset, mas em torno do cérebro.

(Tradução de I. D. S.)

---

(1) As energias atómicas são forças da Natureza.

(2) Quintín López Gómez: «Ciência Magnética» — Edição Mancci.

(3) O Doutor E. Osty conseguiu fotografar o pensamento.

(4) Dupuy: «Science Occulte».

ACTIVISMO

(Compilação de LUCIANO SILVA)

A nossa evolução não poderia fazer-se sem trabalho; trabalhar ùtilmente para um fim progressivamente altruista, é uma obrigação moral, pelo menos quando não imposta por necessidade absoluta; sem ele não existe felicidade duradoura.

Dr. A. Auvard

A Terra é a nossa oficina. Trabalhemos, pois, para tornar a Humanidade uma pacífica e progressiva Família.

Mazzini

Para ser realmente fecunda a vida, deve sê-lo ao mesmo tempo em sentimento, inteligência e vontade. Só essa fecundidade em todas as direcções é «a vida», a única coisa que merece tal nome.

P. Kropotkine

O mundo não pára nunca. Se paras no caminho da vida, sujeitas-te a que passem por cima de ti.

Visto que hoje não nos sacrificamos nas fogueiras, no pelourinho ou ante as feras, façamos o sacrifício de uma vida toda dedicada às mais nobres actividades.

Rèv. Eduardo Moreira

Os que se conservam parados ou pousam obstinadamente, ou se isolam do mundo, erguem um obstáculo ao Progresso.

Harold L. Palmer

A vida, oceano encapelado de amarguras, verdadeiro lago de prantos, de que não cessam os filósofos de falar, é toda constituida de lutas. Logo, quem não lutou, não viveu.

Mayer Garção

A fé sem obras não passa do prelúdio duma desilusão.

Eisenhower

A vida do espírito, a verdadeira vida religiosa, não é de pura contemplação nem de inactividade.

R. W. Trine

É a saudável actividade de cada um de nós, se possível no seio da Natureza, para obter directamente aquilo que constitui as nossas primeiras necessidades, que se chama «vida», vida na sua completa amplidão; porque viver não significa só respirar e comer, mas agir, trabalhar. Trabalhai e desenvolvei-vos a vós próprios, ascendendo assim ao mais alto grau de perfeição física e moral; é aquele trabalho que vos conduzirá a esse nobre objectivo.

Eliezer Kamenetzky

A BASE DIVINA DO ESPIRITISMO

CARTA A DOIS PROTESTANTES

por TORCATO CARDOSO FERREIRA

Presados Irmão em Jesus

Muito agradecemos os cuidados que a nossa humilde pessoa vos mereceu. Dois amigos nossos, julgando-nos a trilhar por caminho errado, enviaram-nos um folheto e um jornal onde se combate o Espiritismo, procurando fundamentar a opinião do Protestantismo com várias citações da Bíblia.

Escudados nessas citações, os nossos irmãos reformistas, julgam ser os únicos detentores da Verdade, que está na multiplicidade dos aspectos como demonstração do infinito poder de Deus, visto que o homem como ser finito, só pode apreender uma verdade relativa ao seu grau de compreensão.

Pelo falso conceito que têm do Espiritismo, os protestantes chegam a pensar que os espiritas andam arredados dos Evangelhos, quando, pelo contrário, é o Evangelho o roteiro que os guia neste mundo, ensinando-os a venerar Jesus e a adorar Deus acima de todas as coisas.

Esclarecendo, diremos que o Espiritismo não é uma religião, mas sim uma filosofia de consequências morais e religiosas, que não combate religião alguma.

Diz o Evangelho: «Não julgueis para não serdes julgados». (Mateus, VIII, 1 e 2). Nós não temos a pretensão de criticar ou julgar o Protestantismo. Respeitamos as crenças alheias e entendemos que todas, se são sinceras, são dignas de respeito.

Mas ousaremos perguntar: Dividindo-se o Protestantismo em tantas ramificações, cada uma interpretando o Evangelho a seu modo e declarando-se cada uma a detentora da verdade absoluta, como se poderá saber qual é a verdadeira?

Os protestantes baseiam a sua maneira de ver na Bíblia, que consideram a palavra de Deus; mas os espiritas não podem aceitar tudo o que está na Bíblia como palavra de Deus, por nela haver incoerências e ninguém lhes poder garantir que não tenham surgido, no decorrer dos tempos, erros ou adulterações enxertados pela mão do homem.

Esquecendo as palavras de S. Paulo, que disse: «A letra mata e o espírito vivifica», estes irmãos agarram-se demasiado à letra dos Evangelhos, olvidando também que, devido à mentalidade da humanidade que não estava preparada para compreender toda a verdade, os profetas e depois Jesus, tiveram que se servir de símbolos, o que levou Jesus a dizer: «Ainda tenho muitas coisas que dizer, mas vós não as podeis suportar agora. Porém, quando vier aquele Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a verdade, por que não falará de si mesmo, mas falará tudo que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que estão para vir». (João, XVI, 12 a 13). E que vem a ser o Espírito da Verdade? É o Consolador prometido por Jesus à humanidade, quando os tempos forem chegados. Assim falou Jesus: «Se me amais, guardai os meus mandamentos, e eu rogarei a meu Pai, e ele vos enviará outro consolador, para que fique eternamento convosco: O Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco, e estará em vós».

«Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo quanto vos tenho dito». (João, XIV, 15, 16, 17 e 26).

E como se manifesta o Consolador ou Santo Espírito à humanidade para a ajudar a expurgar do Cristianismo as adulterações e deformações feitas pelo homem, reconduzindo-o àquela simplicidade e pureza como a sentiram e viveram, prègaram e exemplificaram, os Apóstolos e cristãos dos primeiros séculos? Por meio das pessoas dignas com faculdades mediúnicas, pois estas faculdades não são exclusivo de nenhuma seita, religião ou igreja, para que se podessem cumprir as palavras da profecia de Joél: «E nos últimos dias, diz Deus, que do meu espírito derramarei sobre toda a carne e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões e vossos velhos sonharão sonhos. E também do meu espírito

derramarei sobre os meus servos e minhas servas e profetizarão naqueles dias». (Actos, II, 14; Joel, II, 28 a 32).

Eis aqui, como os espiritas, fundamentados nas palavras de Jesus e do profeta Joel, apresentam a explicação da base divina do Espiritismo, porque o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus à humanidade.

Como já conhecemos o argumento dos protestantes dizendo que o cumprimento das palavras da profecia de Joel é a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, no dia de Pentecostes, diremos que duas asserções o desmentem:

Primeira: «*E nos últimos dias*», e, no entanto já se passaram perto de dois mil anos, provando assim que não era para essa altura a realização do acontecimento predito.

Segunda: «*Derramarei sobre toda a carne*». Isto é bem claro: derramar sobre toda a humanidade e não só sobre os Apóstolos.

E qual será a finalidade do Espiritismo? É provar a imortalidade da alma e inculcar no coração do homem o respeito e a crença em Deus e em Jesus e ajudar a operar a reforma moral da humanidade, combatendo os vícios e más tendências, dando-lhe como guia as palavras de Jesus, expressas no maior mandamento: «Amareis ao Senhor vosso Deus de todo o coração, de toda a vossa alma e de todo o vosso entendimento; este é o primeiro e o maior mandamento. Eis aqui o segundo, que é semelhante a esse: «Amareis ao vosso próximo como a vós mesmos. Toda a lei e os profetas estão encerrados nestes dois mandamentos». (S. Mateus, cap. XXII, vv. 34 a 40).

Seguindo estes dois mandamentos e procurando pôr em prática a moral expressa por Jesus no Sermão da Montanha, temos o suficiente para guiar os nossos passos e orientar as nossas acções neste mundo.

Para atingir esta finalidade é que os Espíritos Superiores nos ensinam a amar a Deus sobre todas as coisas, nos exortam a seguir os ensinamentos de Jesus, nos incitam a que perdoemos a quem nos ofenda e a fazer todo o bem possível, isto é, a praticar a caridade; nos instigam a corrigir os nossos defeitos, e a orar e a pedir a Deus luz e forças para nós e para o nosso próximo e a orar ainda pelas almas que se encontrem em sofrimento no mundo espiritual.

Cremos sinceramente ser este um dos caminhos que conduzem ao bem, porque, como disse Jesus, «pelo fruto se conhece a árvore», e conselhos e ensinamentos daquela natureza só podem ter por origem a melhor das árvores: DEUS. Assim, carece de fundamento, o que se diz no folheto, «que só se têm entregado às práticas espiritas os homens maus», etc. Quem estiver em contacto com espiritas poderá verificar não ser verdadeira aquela afirmação. O espirita procura adorar a Deus em espírito e verdade, como Jesus ensinou, e por este motivo são as nossas sessões abertas e encerradas em nome de Deus, comprometendo-se os assistentes, enquanto duram o trabalhos, a ter sempre o pensamento em Deus ou em Jesus.

Toda a Bíblia se encontra cheia de comunicações espiritas. Os que na antiguidade se denominavam profetas, não eram mais do que aqueles que hoje chamamos médiuns. S. Paulo escrevendo aos Coríntios recomendou cuidado nas sessões que eles realizavam: «Falem dois ou três profetas e os outros julguem; porém, se a outro dos que estiverem assentados for revelado alguma coisa, cale-se o que falava primeiro; porque podeis profetizar, uns depois dos outros, para que todos aprendam e todos sejam consolados. E os espíritos dos profetas estão sugeitos aos profetas. (I Coríntios, cap. XIV, vv. 29 a 32).

Se os espíritos não podessem entrar em comunicação com os homens, como muitos pretendem, não teria S. João dado este conselho: «Não acrediteis em todos os espiritos, mas provai se o são de Deus». O Apóstolo incitava ao descernimento para que não aceitassem o joio pelo trigo.

Para combater as sessões espiritas, os protestantes erram e exageram quando dizem que os espiritas «para sancionar as suas práticas se atrevem a reclamá-las com o nome santo de Jesus. Nisto cometem uma blasfémia». Alguém disse que o maior cego não é o que não vê a luz do dia, mas sim aquele que não quer ver. Abram os Evangelhos, lá diz Jesus: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome eu lá estarei entre eles». (S. Mateus, cap. XVIII, v. 20). Repetiremos aqui a moral do ensino de Jesus: «Ouça o que tiver ouvidos para ouvir».

Ainda sobre as sessões, diremos: Ali se reúnem os espiritas para adorar Deus a seu modo e para lhe dirigirem as suas preces. O seu desejo é o do bem para si e para toda a humanidade. Vejamos à luz dos Evangelhos o que lhes pode suceder: «seja o que fôr que pedirdes pela prece, crede que o obtereis, e isso será concedido». (S. Marcos, cap. XV, v. 24). «Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; porque o que

pede, recebe, e o que busca acha, e a quem bate, abrir-se-á. Assim, qual entre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir pão lhe dará uma serpente? Se, pois, sendo maus como sois, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos Céus, dará verdadeiros bens aos que lhos pedirem». (S. Mateus, cap. VII, vv. 7 a 11).

Em face dos Evangelhos e à luz dos ensinamentos dos evangelistas S. Marcos e S. Mateus, vejamos como cai pela base a argumentação dos protestantes, quando se referem ao que eles julgam que ocorre nas sessões espiritas.

Fiados na promessa de Jesus («porém, quando vier aquele Espírito da Verdade ele vos guiará em toda a verdade, etc.») os espiritas reunem-se em nome de Deus, oferecem-lhe as suas preces e pedem para que Deus lhes envie os seus divinos mensageiros para os consolar e instruir. Em resposta, Deus, a suprema bondade e o infinito amor, faz o que um homem bom não faria a seus filhos, porque se eles lhe pedem pão ele não lhes dá uma pedra, e, se lhe pedem peixe não lhes dá uma serpente. Quem é que de boa fé e com bom senso pode admitir que se peça a Deus para enviar anjos e em resposta ele envie o diabo, contrariando as promessas de Jesus e as palavras dos Apóstolos, que somos obrigados a aceitar?

Mas, dirão nossos irmãos reformistas: E a proibição do Deuteronómio?

A Bíblia proibiu e muito bem, essa prática em tempos de absoluta ignorância do assunto. Essa proibição tem por fim reprimir a actividade dos feiticeiros, nigromantes, bruxas e quantos praticam a magia negra, de charlatães ou de adivinhos exploradores sem escrúpulos com os quais os espiritas nada têm. O que determinou a proibição de Moisés foi o atraso em que o povo estava, para evitar o mau uso e para maus fins.

Já Allan Kardec, a páginas 161, do «Céu e Inferno», diz: «A proibição de Moisés, era assaz justa, porque a invocação dos mortos não se baseava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes recurso para adivinhação, tal como agoiros ou preságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, eram objecto de negócio; e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares».

Sobre este assunto, diremos, que a proibição de Moisés só serve para demonstrar que essa coisa é verdadeira. Porque, se nessa coisa se manifestasse algo de diferente daquilo que os espiritas acreditam e provam que seja, isto é, os mensageiros de Deus e as almas dos que deixaram na terra o fardo da carne, Moisés em vez de proibir diria simplesmente que não deveria fazer-se.

Moisés proibiu pelo motivo do mau uso que o homem podia fazer, e o objectivo supremo do Espiritismo é operar como doutrina regeneradora, como muito bem diz Léon Denis: «O fim do Espiritismo é a melhoria do homem; ninguém busque nele senão aquilo que possa contribuir para o seu progresso intelectual e moral».

Resta aos protestantes o argumento do diabo. Demónio (Daimon) vem do grego e significa, génio; ora há génios bons e génios maus, isto é, bons espíritos e maus espíritos.

Satanás, é palavra hebraica, que passou para o grego e significa adversário, inimigo.

O diabo que existe na igreja protestante foi herdado dos sacerdotes romanos, que por sua vez o herdaram do sacerdócio hebraico.

Agarrando-se à letra dos Evangelhos, o Protestantismo não pode compreender o verdadeiro sentido das palavras de Jesus, que, quando falava de Satanás, se queria referir aos erros e às maldades dos homens de baixa condição espiritual.

Uma coisa para ser séria tem que ter um fundamento racional. Ora o diabo se existisse tinha sido criação do próprio Deus. E como Deus, em sua infinita sabedoria, ao criar o homem, sabia que ele ia pecar e pela sua fraquesa e fragilidade seria presa fácil de Satanás, Deus, então, seria o verdugo dos seus próprios filhos.

Jesus na oração «O Pai Nosso», ensina-nos que para que Deus perdõe as nossas faltas, teremos primeiro que perdoar as alheias. O homem, portanto, embora insignificante, perdoa as ofensas que recebe. Seria, então, superior a Deus! O homem com seu atraso e imperfeições, perdoa, mas Deus, a Suprema Perfeição, o Infinito Amor, não perdoa!

Este simples raciocínio nos leva a não acreditar no diabo como um ser real e predestinado ao mal, por conseguinte, nas penas eternas. S. Paulo, na sua epístola aos Coríntios, explica o que se pode chamar diabo: adultério, mentira, sodomia, avareza, embriaguês, maledicência, ciúme, desconfiança, malquerenças.

Satanás é o símbolo do mal, de tudo o que é contrário ao bem. De resto, bastam-nos estas palavras de Jesus: «O Pai não quer que se perca uma só das suas ovelhas».

II

Deus na sua infinita bondade, fez o homem!

O homem nasceu e cresceu, sem dar acordo de si. A sua inteligência vagueava nas trevas da ignorância, exposta ao mal, pela fraqueza das suas virtudes pessoais.

Os séculos rolaram e, sobre o homem, fez-se sentir a actividade do progresso universal. O ser humano evolucionou até à Luz de Deus e da Razão!

Quer dizer, nada se faz sem esforço e trabalho, sem luta e canseira. Todos os loiros serão proporcionais à obra.

A luta do homem pelo Bem principia nos tenros anos da sua existência terrena.

Se os pais sabem manietar-lhe os vícios e as fraquezas, a criança triunfa de muitas influências que traz consigo de passadas encarnações, vividas nem sempre com sussesso. Note-se que, se os pais não aperfeiçoarem o Espírito recém-vindo, morrem-lhe muitas faculdades latentes no seu Eu, porque em todos põe Deus o Bem por instinto e o Mal por tentação.

Todos os pais devem saber dominar as más tendências dos filhos, a não ser que mais tarde tudo lhes seja adverso e que não tenham forças para os manter na fúria de seus vícios.

Todos os pais são obrigados a defender os filhos das próprias fraquezas, mas se os esforços resultarem improfícuos, só terão que resingar-se como bons cristãos.

A maior parte, todavia, dos desgostos sofridos pelos pais são a colheita do que semearam, deixando os filhos vibrar livremente na senda do mal, sem tentarem defendê-los de influências malignas!

Repare: Quando passa na rua, quantas pessoas se cruzam consigo! Quantos problemas íntimos, quantas lutas e quantos sofrimentos! No entanto, parece um mundo de pessoas felizes!

Todos se comportam bem na sociedade, fingindo ser o que não são e desejando que lhes façam justiça sem vislumbrarem

EXORTAÇ

por "IRM

a crença ou a Fé. A sua crença, em geral, é o dinheiro e o prazer! Viver bem a vida e gozá-la bem! Procurar um bom lugar na sociedade, brilhar e gozar, acima de tudo.

Que importa o bem que se não fez, as virtudes que se calcaram, as consciências que se amarfanharam até ao silêncio?

O que interessa é brilhar, no conceito humano.

Que importa saber o que está para além da Morte ou das estrelas que brilham no firmamento, num terno convite às delícias celestiais?

Que importa saber que há um Espírito em cada corpo a vibrar nas Leis do Universo, a desejar a sua depuração, ansioso da libertação final?

Que importa que haja muitos e muitos Espíritos dolorosamente esperando o convívio humano, ou o ingresso na lei terrena da encarnação?

Que importa o que é transcendente e sublime, real e verdadeiro?

Que importa que os semelhantes nos atropelam, na ânsia louca de bem-estar material?

Será bem-estar o que procuram?

Será bem-estar sofrer os horrores de uma consciência esquecida, e a vida pútrida dos deveres incumpridos?

Procurar tenazmente os bens materiais, indiferente ao bem-estar espiritual, que é perene e verdadeiro, será, de facto, viver bem a vida?

Será bem-estar sentir que a alma se despedaça em desespero e loucura, nos vícios da matéria e na podridão da sociedade humana?

Esta imensidade de desventuras será, de facto, viver bem a vida?

Óh, pobres cegos! Pobres loucos, que

ÕES À LUZ

O CESAR''

ros atropelais para alcançar um lugar na vida!

Vida passageira e efémera!

E sentem-se humilhados e espezinhados pela sociedade que adoravam e reclamam justiça, convencidos de que a merecem! Depois de terem vivido a vida a calcar impiedosamente os nobres impulsos da alma, — porque todo o homem os tem — depois de terem vivido a louquejar atribulações, ciosos de paz fictícia, de bem-estar material ilusório, choram e desesperam, clamando de punhos cerrados ao Deus que os criou e negando a existência Divina e a Sabedoria!

Pobre humanidade de hoje! Pobre mundo terráqueo!

Citam-se com enlevo os que nasceram em pobreza e conseguiram lucrar nos negócios e vencer na vida, criando um lugar de relevo ao sol da sociedade humana!

Que importa que, no monopólio das suas riquezas, este homem tenha vícios, misérias e crimes, que um dia terá de resgatar penosamente?

Que importa? Que importa?...

Não é ele o senhor fulano de tal, detentor de imensas riquezas?

É grosseiro, é vil, é criminoso?...

Que importa?... Que impórta?... Todos acorrem pressurosos a apertar-lhe a mão, a cativar-lhe a confiança, a amizade felina e às vezes dramática!

Todos anseiam riquezas e glórias fúteis.

Ah! Pobres poderosos terrenos! Quantas responsabilidades amontoais em vossos espíritos inexperientes! Quantos sofrimentos tereis de passar, quantas angústias, para que possais um dia saber proferir uma oração singela!

O dinheiro é necessário, é extremamente útil. Não é o dinheiro que enxovalha os homens; estes é que o conspurcam!

Todo o dinheiro é útil; assim seja dispendido com utilidade.

Todo o dinheiro pode aliviar a humanidade e não afogá-la em vícios e misérias físicas e morais!

O dinheiro pode fazer progredir a humanidade e não é o seu algoz.

É preciso que cada um se sinta feliz com o quinhão que lhe cabe, sem dispêndios inúteis ou prejudiciais!

Cada um deve limitar-se ao que tem, sem calcar o semelhante para conquistar moedas rutilantes ou notas velhas e viscosas!

Sim, deveis trabalhar no vosso progresso espiritual. E se o vosso futuro vos indica a linha da glória e da grandeza terrena, não deveis esquecer que o karma é útil para darmos glórias a Deus e aprendermos a servi-lO!

Não maldigais o dinheiro, meus irmãos. O dinheiro não é culpado das baixezas da sociedade em que viveis!

Um homem honrado e de consciência esclarecida, não se deixa manchar por esse metal, nem que ele lhe passe pelas mãos em grande escala! E se se deixar tentar, é ainda prova da sua fraqueza espiritual! Não foi, portanto, o dinheiro que o manchou! Ele é que se manchou no dinheiro que não tinha alma, nem consciência, nem vida, nem podia responsabilizar-se pelo Homem, que era inteligente e tinha tudo isso!

O dinheiro é o metal inerte! O homem é um ser que tem Espírito, essência divina. É bem diferente!

Se vamos por uma estrada e damos com o pé numa pedra, não vamos bater-lhe, não vamos parti-la, por julgarmos que é culpada. O homem sensato assume a responsabilidade do acidente.

Irmãos, não maldigais, pois, o dinheiro. Abençoai-o. Amaldiçoai as vossas fraquezas e lutai até vencê-las!

JUANITA

— ESPÍRITO ARTISTA —

pelo DR. JOSEPH LEHNER

Enquanto os cientistas buscam a prova da existência da alma, fazendo investigações em torno da telepatia, os espíritos revelam-se através de James J. Dickson, com desenhos mediúnicos, materializando-se ou dando comunicações pela voz directa.

— Eu faço os desenhos pela mediunidade ou exercitando a minha força mental. Não tenho necessidade de tocar a ardósia. Posso fazê-lo se quiser — afirmou Juanita.

As gravuras, desenhadas por Juanita, guia espiritual do sr. Dickson, foram feitas na cabina mediúnica, onde o espírito pousou inteiramente materializado, com luz branda.

No caso de Lanea Venhold, o sr. Dickson sentou-se de modo bastante visível a dois metros de mim. De um lado da cortina, Lanea Venhold permanecia de pé. Por um momento, Juanita apareceu no lado oposto e depois desapareceu.

Durante aproximadamente trinta minutos, enquanto o desenho estava a produzir-se, eu, Lanea e o sr. Dickson mantínhamos animada palestra. O interesse e a amabilidade de Lanea eram extremos. Eu observei-lhe isso. Ela sorriu e agradeceu-me. Os mortais invejariam o seu encanto.

Eu tinha obtido mais de doze desenhos de Juanita e pela abertura da cortina podia ver o que ela desenhava. O retrato de Lanea tinha o azulado mavioso do céu, a magnificência da gota de orvalho, e como adorno uma rosa com as suas folhas. Eu podia ver perfeitamente as cores empregadas. O desenho, portanto, revelava uma grandiosa perspectiva. A subtileza das linhas e a vivacidade dos contrastes eram maravilhosamente esquisitos. Juanita obtinha as cores de pequenos pedaços de carvão que estavam colocados no meio de duas ardósias. Eu tinha ali colocado o carvão antes de dobrar as duas ardósias que me pertenciam e ninguém havia nelas tocado, a não ser eu.

Este episódio não será uma prova de sobrevivência? Espíritos completamente materializados, conversando comigo e com o sr. Dickson; o desenho representando Lanea, conforme a tinha visto materializada; de qualquer forma, um quadro produzido por um espírito deveria ser de intenso interesse para qualquer que sinceramente buscasse a prova da existência de uma força personificada e inteligente fora do corpo humano.

Os cientistas hodiernos afirmam que buscam a prova da alma humana. Buscarão, de facto, esta finalidade? Investigam a telepatia, mas deveriam refletir sobre os pensamentos de Bacon, cuja rebelião contra os «ídolos de toda a espécie», impulsionou há trezentos anos a época liberal em que vivemos. «Tudo depende de mantermos os olhos fixamente nos factos produzidos pela Natureza, recebendo as suas imagens simples como elas são...» «A humildade, afirmava Bacon, marcará sempre o grande investigador».

Um médium de materialização pode dizer com segurança que possui um dom excelso da natureza, mas a sua sensibilidade não é compreendida. Ele arruina a sua própria vida, quando está sob a influência do espírito, pois o médium de materialização está sujeito a morte instantânea. A fim de se proteger suficientemente contra qualquer choque brusco, envida todos os esforços para se manter tranquilo, harmonizando tudo à sua volta.

Os cientistas também controlam o ambiente em que trabalham. Exigem laboratórios situados em lugares de paz e com equipamento adequado. Que acontece porém, quando investigam os fenómenos psíquicos? Encaram eles as manifestações de modo favorável ao médium?

Eles investigam sob qualquer condição, mesmo pondo em perigo a vida do médium. Certamente, uma barreira se ergue entre eles e o outro mundo. Desde quando pode o homem pedir contas aos céus sobre as suas manifestações majestosas?...

Se os cientistas desejam, de facto, compro-

var se o corpo humano tem alma, porque não vão aos Centros e se recolhem, no silêncio, com pensamentos adequados? Porque não deixam de tratar os que vêm do mundo espiritual como fantasmas, formas ectoplásmicas, projecções do pensamento, percepção dos sentidos e coisas semelhantes?...

A faculdade de desenhar mediùnicamente é para o sr. Dickson mais importante do que a materialização ou a voz-directa. Ele é conhecido em todo o mundo devido a esse género de manifestação espirita. Há mais de cinquenta anos que os nossos entes queridos de além-túmulo voltam para se manifestar por seu intermédio, mostrando-nos as formas e provando sobejamente que ainda vivem, amam e estão próximos de nós. As suas manifestações e comunicações tem trazido alegria a muitos corações amargurados.

Os fenómenos operados pela mediunidade do sr. Dickson são notáveis pela espontaneidade. Nunca me esqueço de uma materialização extemporânea, apesar de ter ocorrido há longos anos na residência de um doutor amigo.

Numa tarde 18 convivas estavam sentados na sua sala de visitas, mantendo palestra interessantíssima. O sr. Dickson era um dos convidados. Repentinamente o nosso hospedeiro obtemperou:

— Vamos abrandar as luzes para tentar obter qualquer demonstração espirita.

O sr. Dickson concordou.

Imediatamente, algumas formas começaram a aparecer no espaço, em torno do médium e no meio da sala. Esas formas eram maravilhosas, vivas, e faziam movimentos similares aos dos encarnados, deram os seus nomes, conversaram com os presentes e fizeram o máximo para se identificarem.

Lanea materializou-se. Vestia mimosamente, mostrando as suas formas jovens e caminhou para mim. Centímetros distante, parou, mostrou as mãos, os dedos, os braços desnudos e depois disse:

— Recolha o seu pé, caro amigo, a fim de que eu possa aproximar-me ainda mais.

Eu obedeci. Amavelmente, curvou-se para encostar-se à minha face, dizendo:

— Está agora a ver-me claramente?

Sim, eu podia agora vê-la muito bem.

A sua bela figura estava aproximadamente a trinta centímetros de mim. Eu estava encantado.

Outros espíritos apareceram. O pequeno guia espiritual do sr. Dickson, *Minnie Brown*, materializou-se, dançou em volta da sala e cantou linda canção com a voz clara de uma criança de sete anos.

Eu estava contentíssimo. Alí não havia cortinas nem cabinas. No entanto, os espíritos materializavam-se. O sr. Dickson estava debaixo da nossa vista, falava e via os espíritos do mesmo modo que nós.

Um espírito elevado introduziu-se na sala como luminosa esfera e ficou de pé, no centro da sala. Estalando espasmòdicamente, desceu até o solo. Vivemos momentos de indescritível comoção. Quando ele parou, mostrando o esplendor da sua forma, senti como que um nó na garganta. Depois, o espírito desmaterializou-se.

Repentinamente, viram Juanita parada no meio da sala, com rica vestimenta, apertada na cintura. O seu cabelo escuro e o adorno de rosas, caíam obliquamente e ela virou-se, para que todos pudessem vê-la.

Permanecendo inteiramente visível, Juanita sustentou ligeira conversa sobre as belezas do Mundo Espiritual. Foi um momento sagrado. Concluíu, asseverando que os homens deveriam ser bondosos e justos em todos os ramos da actividade humana, cultivando a lei do amor e expargindo-a por toda a parte. Frisou que os homens deveriam estreitar-se cada vez mais, procurando viver em paz e harmonia, à semelhança do mundo espiritual. Depois, saudando-nos, levantou os braços e desapareceu.

Porventura, essas conversações, cantos, danças e risos não serão suficientes para provar que a alma existe sem o corpo? Sim. Tudo isso é um quadro nítido do que existe no mundo imponderável.

Antes que os cientistas demonstrem por meios materiais que o corpo humano tem alma, devem compenetrar-se das aptidões dos espíritos e da manipulação que fazem da matéria.

Para adquirir esse conhecimento devem recorrer aos médiuns.

Que conhecimento será mais importante para mim do que saber que os nossos entes queridos vivem, amam e observam quotidianamente e com interesse a nossa luta pela vida?...

(Da revista «Chimes»)

O POBRE E O RICO

Pelo Espírito de Ismael

Numa esfera espiritual, meditavam juntas duas entidades que, na última peregrinação pela Terra, haviam experimentado estados diferentes. Uma das entidades possuira tesouros materiais fabulosos e a outra estivera sempre a mendigar pelas estradas. O diálogo que se estabeleceu entre os dois espíritos foi o seguinte:

— Nada que eu desejasse me era negado, tudo que quisesse teria prontamente, fortunas imensas me pertenciam; eu, porém, sentia-me triste e infeliz, não eram aqueles tesouros que me interessavam. E um dia... um dia abandonei o meu lar e toda a riqueza, que não me davam felicidade.

— Eu, ao contrário, meu amigo — disse o pobre —, nunca tive fortuna, desde os meus primeiros dias de conhecimento com o mundo experimentei as mais cruéis privações; fome, frio, sede, tudo senti. Tinha, porém, uma coisa que era para mim o mais caro dos tesouros: ternura, muita ternura.

— Meus pais jamais me dirigiram palavras meigas e afectuosas — acentuou o rico —, estavam sempre preocupados com a fortuna que possuíamos e não se incomodavam comigo; por isso eu era triste, por isso eu era infeliz. Quando queria abraços, carinho, afecto, só ouvia falar na conservação das riquezas e de que tudo que eu desejasse me seria dado. Meus pais afiançavam:

— Filhinho, quando quiser alguma coisa, basta expressar o seu desejo e imediatamente será atendido. Nós podemos comprar tudo, porque somos infinitamente ricos. Todavia, com todo aquele dinheiro, do qual podia dispor à vontade, não podia comprar o carinho, os abraços e os beijos de minha própria mãe. Quando a procurava, para conversarmos um pouco, ela replicava:

— Não, meu filho, cuidado com o meu vestido, você o amassa todo. Meu filho, cuidado, você pode estragar um dos meus anéis, segurando assim a minha mão. Cuidado, meu filho, não me abrace tanto, cuidado com os meus colares. Meu filho, cuidado, foi muito custoso pentear os meus cabelos.

Fugi, portanto, de casa; ali não tinha ternura, nem afecto, nem carinho, e era só isso que eu desejava.

— Meu bom amigo, de facto não há tesouro que se compare à ternura; muitos são os que a desprezam e logo dela sentem falta, sentem-se pobres. Veja, por exemplo, o que aconteceu a Jesus Cristo; descendo das Alturas, derramou sobre as criaturas ingratas e más a Sua ternura, só havia ternura no Seu olhar e nos Seus lábios e nas Suas mãos, nas Suas palavras só havia ternura, no Seu modo de caminhar só havia ternura. Jesus era terno e meigo, proporcionava carinhos infinitos à humanidade, e o que fez essa humanidade? Desprezou toda essa ternura, todo esse carinho. E, hoje, olhe, olhe para a Terra mergulhada em sombras; o que é que a humanidade está suplicando? O que pede, ardentemente, a humanidade? Ternura! Ternura! Ambiciosos, os homens correram atrás de todas as riquezas, construiram palácios dourados e encheram-nos de ouro, mas bem cedo viram que ali não tinham paz, tranquilidade, que ali eram infelizes os pobrezinhos. E compreenderam que só a ternura, só o carinho podem consolar infinitamente! Hoje, todos suplicam, todos pedem ternura; sim, mas, para que eles experimentem a ternura em toda a sua amplitude, é necessário que sofram algumas provações e compreendam que, tendo ternura e amor, não precisam dos tesouros do mundo. Você, meu amigo, andou em busca da fortuna e a teve; eu também fiz o mesmo e, depois disso, porque pedi a ternura, recebi-a. Ela encheu o meu coração e, tendo-a, todas as outras provações não me faziam nem triste nem infeliz. Agora você vai voltar à Terra, o nosso superior pediu-me que lhe dissesse algumas palavras, creio que já falei o suficiente. Meu amigo, agora você terá ternura, embora vá sentir fome, sede e frio, mas com ternura e amor, você será completamente feliz.

*

Irmãos, esta Mensagem é a consolação para os vossos corações, mergulhados em trevas, aflitos e sobrecarregados. Sim, Humanidade, é para você

MEDITANDO

por EMÍLIO RICON PERES

«Buscai, pois, primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas se vos acrescentarão».

Referir-se-á este versículo tão sòmente aos bens materiais relativos ao corpo, descritos nas passagens que o antecedem, ou poderemos com ele abranger também as qualidades do espírito, na sua ânsia de saber e progresso?

Vejamos.

Pela sabedoria chegaremos à perfeição, dizia Buda. Mas como adquirir sabedoria senão pela Revelação? E a revelação só pode vir de Deus, a Quem devemos buscar no nosso desejo de sabedoria. Assim, o ornamento da cultura só com o amparo vindo do Alto se tornará em Saber e em verdadeiro valor imperecível para o espírito. Talvez não seja despropósito exemplificar:

Além dos músicos-prodígios e muitos mais artistas-revelação, tomaremos os matemáticos de nascença: crianças houve e há que conseguem fazer operações com mais rapidez do que o usual modo do «papel e lápis» e até do que as recentes máquinas de calcular! Como tal é possível? A teoria palingenésica muito nos elucida, mas muito fica ainda por explicar! Se noutra vida foi um grande matemático, tal não parece totalmente justificar que «opere» agora dum modo mais rápido do que os melhores calculistas de hoje ou de então! Mas se nos encaminharmos para outro horizonte, talvez aí encontremos uma satisfação.

Tal espírito aproxima-se mais de Deus, por merecimento, sem dúvida, de modo que a revelação consolida aquilo a que nós chamamos «saber»: a revelação responde ao problema enunciado sem necessidade de manipular o mecanismo mais material do espírito, que a mor parte dos terrenos ainda têm de usar para chegar ao mesmo resultado. Sabe e vê, porque lhe é revelado, porque a sua consciência chegou a altos níveis aonde se especializou em determinada função, donde maior campo se abrange sem o necessário palmilhar a que o espírito está caridosamente obrigado no seu caminho de evolução! Sabe e vê, porque, embora esteja aqui, o seu ser superior está recebendo do Cosmos a Luz que tudo ilumina, que tudo comporta, que tudo revela, que está fora do Espaço e do Tempo! E os minutos ou fracções que são necessários para o mecanismo terreno traduzir o resultado ao problema posto, são devidos à deficiência do mesmo mecanismo.

Será assim?

Busquemos a Deus e Ele no-lo dirá...

esta Mensagem; você teve o maior tesouro nas suas mãos: Jesus-Cristo; mas desprezou-O e foi em busca de tesouros passageiros. E agora é preciso que aprenda que, quando há ternura, a fome, a sede e o frio não existem. É um pouco difícil até que se acostume, mas você sentirá isso, sentirá completa alegria. Vamos, Humanidade, as provações aí estão, porque os tempos chegaram, as dores são numerosas e agudas. Volte-se para Jesus, receba a Ternura do Mestre e verá que todos os seus problemas desaparecerão e você estará feliz para sempre.

Humanidade, procure conformar-se com os sofrimentos, porque eles querem mostrar a você que a Ternura de Jesus é o maior de todos os tesouros. Humanidade, você precisa de Ternura.

Jesus está de braços abertos.

Que a paz e o amor de Deus estejam sempre nos vossos corações.

(Do livro «Páginas Cristãs»)

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

(4)

SIMPATIAS E ANTIPATIAS

Entre as pessoas estranhas, que vemos pela primeira vez, há as que nenhuma impressão nos causam, porém outras nos despertam uma instantânea simpatia e por outras ainda sentimos uma instintiva repulsa. Também observamos a boa harmonia e compreensão entre simples amigos e conhecidos, ao passo que entre os membros de uma mesma família — pais, irmãos, filhos — que mais deviam sentir-se unidos pelos laços consanguíneos, as incompatibilidades são perenes e às vezes irredutíveis.

Não sabemos que explicação lógica possam dar para essas anomalias os partidários da existência única, para quem a vida actual do ser humano é início e não sequência. Por certo semelhantes aberrações têm uma origem, porque são efeitos, e todo efeito — isto é axiomático — está necessàriamente subordinado a uma causa.

Vamos, pois, recorrer à hipótese da preexistência espiritual — aliás, para nós, a preexistência é uma verdade verificável — e veremos como a questão deixa de ser enigmática e se explica satisfatòriamente. Claro, os que à primeira vista se repelem, vindo do intimo, instintivamente, a antipatia, são espíritos adversos. Em precedentes existências desencarnaram levando para o túmulo os ódios que as ofensas e maldades, praticadas ou recebidas, geraram no coração.

Tais rancores, até que sejam extintos, permanecem nas profundezas do subconsciente, como tara do espírito; mas é mister, para que se cumpra a lei de fraternidade, que os adversários se reconciliem. Com este objectivo Deus os reune mais tarde dentro de um mesmo lar — e isto pode acontecer repetidas vezes — pelo tempo em que persistirem os secretos motivos de ressentimento. Enquanto, porém, os velhos desafectos não se desarmarem de seus propósitos hostis, substituindo os antagonismos por afeições duradouras, as antipatias ressurgem nas sucessivas encarnações sem causa aparente, porque os inimigos de antanho, pela aura perispiritual impregnada das qualidades boas ou más de seus espíritos, se adivinham e reconhecem...

Dito isto, fica tàcitamente elucidado em sentido inverso, o porquê das simpatias subitâneas. As pessoas cuja presença nos surpreende agradàvelmente e para as quais nos sentimos atraídos, do mesmo modo as que se identificam por profunda comunhão de ideias e sentimentos, são espíritos afins, de aspirações comuns, por terem sido no passado nossos amigos, ou convivido como membros da mesma família, assim se consolidando, aqui e para a eternidade, o amor que os tem unido.

Aqueles indivíduos que não nos causam especial impressão, dir-se-iam os desconhecidos que não mantiveram relações connosco, que não influiram ou tomaram parte nos dramas de nossas longínquas existências. Que medite bem em tudo que fica dito o leitor, recolhendo-se em si mesmo e interrogando-se num calmo exame introspectivo. O tema da preexistência da nossa individualidade comporta outros raciocínios e leva-nos a apreciar outros factos que o confirmam.

(5)

REMINISCÊNCIAS DO PASSADO

As idéias inatas, as vocações irresistíveis, a precocidade intelectual, as simpatias e antipatias instintivas que nos assaltam em presença de pessoas estranhas, e mais as experiências de regressão da memória, foram os argumentos com que, em escritos anteriores, procuramos fazer luz sobre o problema da preexistência da alma.

Agora vem a propósito referirmo-nos a alguns homens que, excepcionalmente, possuiam recordações de suas vidas passadas. Se tudo, acaso, não passa de invencionices, a culpa cabe toda aos historiadores mais honestos que registaram os factos. Nós é que não fantasiamos.

Na antiguidade apenas citaremos Juliano, cognominado o Apóstata, e o genial Pitágoras. O primeiro recordava-se de ter sido Ale-

xandre da Macedónia. Pitágoras declarava ter sido Hermótimo, Euphorbo e um dos Argonautas. Ovídio (Metamorfoses, liv. XV) reproduz as próprias palavras do sábio grego: — «Eu mesmo bem me lembra que era Euphorbo Panthoides do tempo da troiana guerra e que me atravessou o peito a pesada lança de Atrida mais moço. Reconheci há pouco, no templo de Juno, em Argos, o escudo que meu braço trazia».

Entre os modernos, podemos invocar os nomes de Vítor Hugo, que guardava reminiscência de duas vidas em que fora Ésquilo e posteriormente Juvenal.

Ponson du Terrail, apesar de adversário do Espiritismo, escrevia que se recordava de ter vivido sob os reinados de Henrique III e Henrique IV.

Foi em recordações íntimas, diz o Dr. Lobo Vilela («O Destino Humano») que Teófilo Gautier e Alexandre Dumas apoiaram as suas crenças nas vidas passadas, não sendo para eles, como para tantos outros, uma simples teoria a pluralidade das existências, e sim um facto de observação directa.

Quando Lamartine viajou pela Judeia não levava consigo mapa da região, nem tampouco a Bíblia e não tinha quem lhe desse os nomes dos lugares e as denominações antigas dos montes e dos vales que ia encontrando no seu itinerário.

Pois é ele mesmo quem nos conta no seu livro «Viagem ao Oriente»: ... «Não obstante, reconheci sem demora o vale de Terebinto e o campo de batalha de Saúl. Quando estivemos no convento, os padres confirmaram-me a exactidão da minhas descobertas. Os meus companheiros não quiseram acreditar. Do mesmo modo, em Séfora, apontara com o dedo e designara pelo nome uma colina que tinha no alto um castelo arruinado, como o lugar provável do nascimento da Virgem. No dia seguinte, no sopé de um monte árido, reconheci o túmulo dos Macabeus e falava verdade sem o saber. Excepcuando os vales do Libano, quase que não encontrei na Judéia um lugar ou uma coisa que não fosse para mim uma recordação. Temos, então, vivido duas ou mil vezes? É, pois, a nossa memória uma simples imagem embaciada que o sopro de Deus aviva?».

Testemunho pessoal mais ou menos idêntico é o que nos dá o famoso metapsiquista Dr. Gustavo Geley, no seu volume «Resumo da Doutrina Espírita», traduzido com esmero por Isidoro Duarte Santos e publicado pela «Estudos Psíquicos Editora», de Lisboa.

Conquanto seja nosso propósito manter o espírito de síntese nestes rascunhos, ainda no subsequente voltaremos à questão das reminiscências.

(6)

O CASO DA MENINA HINDU

Não faz ainda vinte anos, a imprensa europeia amplamente divulgou o caso de uma menina de 9 anos, residente em Delhi (Índia) que se recordava de uma existência imediatamente anterior, vivida naquele país, na cidade de Mutra.

O Dr. Gustavo L. Abry, de São Paulo, traduziu o noticiário de publicação estrangeira e fez sobre o caso, pelo «Diário Alemão» de 22-1-36, um longo e judicioso comentário. Mais tarde, na secção forense de «O Estado de S. Paulo», (ed. de 24-5-36) também dele se ocupou, em brilhante crónica, o conhecido jurista e parlamentar Dr. Plínio Barreto.

Comparado com outros registos da mesma espécie que conhecemos, julgamos ser este o mais extraordinário, tanto pela abundância de pormenores, como pela nitidez das recordações que a garota conservava de sua encarnação precedente.

Vamos resumir a descrição feita por aqueles dois distintos comentaristas da imprensa bandeirante. Um dia, reunidos em casa os membros da família, a menina deu de falar de coisas estranhas. Dizia ter vivido e morrido na cidade de Mutra, onde era casada com um rico negociante hindu, cujo nome declinou, e de quem tivera um filho que tempo depois faleceu. Descreveu os traços desse negociante, o seu aspecto, as suas actividades e a casa que lhe pertencia, com uma fidelidade verdadeiramente impressionante. Parentes e médicos, acompanhados da mocinha, foram, seguindo as suas indicações, ao sítio onde ela afirmava que residira e onde sob o nome de Lugdi tivera o seu lar. Ali chegando, todos, estupefactos, verificaram a perfeita exactidão das indicações: o sítio apresentava os característicos assinalados, o homem que fora o seu marido lá se encontrava e confirmou que, de facto, havia sido casado com uma rapariga de nome Lugdi, falecida em 1925 e que lhe dera da união um filho.

Divulgado o singular acontecimento, alguns cientistas procuraram explicar as vi-

Livros que se encontravam esgotados

Podemos já atender, nas condições habituais, pedidos dos seguintes livros:

MANUAIS DE CIÊNCIAS HERMÉTICAS
(Psicologia experimental)

	Br.	Enc.
Educação Pessoal — Tendes fraca inteligência? Este livro vos ensina a desenvolvê-la. Quereis triunfar e enriquecer? Este livro vos proporcionará	55$00	70$00
Fisiognomonia e Frenologia — Tratado sobre a arte de conhecer o homem pelo rosto, olhar, porte e gestos	55$00	70$00
Grafologia — Conhecimento do carácter, aptidões e qualidades pela caligrafia. É muito útil aos comerciantes e a quem trata com o público	70$00	85$00
Hipnotismo — Quer dominar as multidões e fascinar com os olhos? Leia este livro e aprenderá a adquirir poder hipnótico	60$00	
Magia Teúrgica — Ensina a dominar as coisas materiais, a entrar em contacto com os entes que partiram e com os espíritos planetários	90$00	100$00
Magnetismo — Indica os processos mais rápidos para adquirir força magnética e ensina a vencer a timidez, a dominar as emoções. É, ao mesmo tempo, um guia para a cura das doenças	50$00	
Medicina Oculta — Exposição da medicina universal. Estuda a verdadeira origem das doenças e fornece elementos de ataque, mesmo sem ver o doente	70$00	
Quiromância — O mais completo tratado de ler nas mãos. Quem o estudar, poderá descobrir íntimos segredos e predizer o futuro, a começar por si próprio	90$00	
Radiopatia — Os raios solares e as irradiações humanas no tratamento dos doenças. Um precioso tratado de banhos de sol		65$00

OBRAS DIVERSAS

	Br.	Enc.
Força (A) do Pensamento, por *W. Atkinson* — Sua acção na vida, influência psíquica, concentração de energia e conhecimento da alma humana	35$00	47$00
Magia Mental, por *W. Atkinson* — Um livro dos mais importantes da nova psicologia acerca da energia mental e suas aplicações. Esta obra provocou uma grande revolução nos nos Estados Unidos	100$00	
Nossas Forças Mentais, *por Prentice Mulford* — Monumento erguido por um poderoso cérebro, ensina as leis da prosperidade, do triunfo, do bem-estar e da saúde. Os seus ensinos têm dado conforto e felicidade a milhares de seres. 4 grossos volumes	200$00	300$00
Milagre e Fé na Cura, por *Fred Wachsmann* — Executado em 7 meses. Livro popular que fala da história das grandes curas milagrosas e trata o problema do poder pessoal, de sugestão do Yoga e das radiações humanas, etc. 2.ª edição	10$00	
Magia Prática *(tratado elementar),* *de Papus* — O mais completo tratado de magia prática. Adaptação, realização e história da magia, com um dicionário adequado. Um grande volume com 160 gravuras	120$00	
Grande (A) Mensagem, por *Van der Naillen* — Mensagens do *Homem dos Milagres* sobre as possibilidades humanas	48$00	
Nos Templos do Himalaia, por *Van der Naillen* — Um tratado de iniciação em forma de romance, com os mais belos ensinamentos da filosofia Yogui	48$00	
Cabala, *Tradução de Vladomiro Lorenz* — A tradição esotérica dos hebreus	35$00	

sões da pequena como influências telepáticas... Deu-se então o facto mais pasmoso! A hinduzinha reproduziu também longas conversas íntimas que asseverava ter entretido, havia decénios, com o presumido marido, conversas tão íntimas que era impossível tivessem chegado ao conhecimento de pessoas estranhas. Transmitidas depois ao velho negociante, este ficou excitadíssimo! É que estava tudo certo, palavra por palavra, «um disco fonográfico não poderia ter feito uma gravação mais fiel».

Aí está, em suas linhas gerais, o caso da menina hindu. Essas visões, essas reminiscências, verificam-se com mais frequência no período infantil. Léon Denis, no seu livro monumental «O Problema do Ser, do Destino e da Dor», *reproduz trecho de uma correspondência enviada de Simla (Índias Orientais) para o «Daily Mail» de Londres, e transcrita no «Le Matin» de Paris, narrando um caso de reencarnação de um menino, onde se lê que* «estes factos são muito comuns em Burna, onde os reencarnados que se lembram do seu passado têm o nome de «winsas».

POEIRA DE ESTRELAS

Por JENNY SILENK

O sol, despejando cascatas de luz sobre a Terra, punha um tom cálido e festivo de carícia e de alegria, tanto nos aspectos belos como nos aspectos desolados da Natureza. E eu, contemplando aquela orgia avassaladora de luz, lembrei-me que, na realidade, o sol nasce para tudo e para todos...

No quadro risonho e pontilhado de luz da Avenida Borges, as árvores erguiam, garridas, os guarda-sóis de copas verdes, projectando com eles, rendados de luz e sombra sobre as filas sinuosas dos porto-alegrenses à espera de condução. Filas, que eram como fitas móveis e coloridas ou como o esboço de algum rio encantado no mapa mágico daquela hora de luz...

No meio-fio da calçada fronteira àquela onde eu me achava, estacionou um auto de linhas aerodinâmicas, tipo «Rabo de Peixe». Sua beleza de formas, realçada pelo tom harmonioso da pintura reluzente, sobressaía ao sol do mais belo puro-sangue no orgulho de sua raça...

Em seu bojo, onde o cristal dos vidros reflectia o setim macio e voluptuoso do aconchego interno, parecia resumir-se um pequeno mundo de delícias, onde esvoaçavam os belos sonhos da Vida...

Um homem desceu daquele auto e eu, dando plena liberdade a meus pensamentos embriagados de sol, deixei que meu olhar sondasse profundamente aquela fisionomia máscula, em busca dos traços inconfundíveis da felicidade que devia irradiar.

Mas, oh decepção! Aquela face masculina trazia gravada em seus atractivos traços as linhas também inconfundíveis de uma triste história.

E eu raciocinei: o pobre chora e lastima-se por não possuir o conforto e a despreocupação proporcionados pela riqueza, julgando que ela o faria feliz. E eis que um rico a quem o mundo depõe aos pés tudo o que possui de mais belo e de mais agradável, traz retratado em suas feições, o mesmo anseio, a mesma insatisfação que leio na face do pobre... Felicidade, onde andas tu?...

Naquela manhã radiosa cheguei a casa com a mente ocupada em resolver a incógnita da felicidade na grande Razão da Vida e foi quando... encontrei a tua missiva dirigida à «Poeira das Estrelas».

Li-a. E o que ela exprimia veio tocar tão directo o pensamento em que eu me engolfava nessa hora, que compreendi, por intuição, que o mundo espiritual prepara o início com a cena do automóvel e que agora aparecia o alvo para a «Poeira das Estrelas».

Dizia a carta:

«Debaixo do ouro e do luxo, escondem-se, muitas vezes, tragédias piores do que aquelas que vicejam entre a pobreza.

O meu caso é um destes. Se vou expô-lo nestas linhas, não é em busca de piedade: não a peço, nem a aceito.

O acaso colocou-me entre as mãos a colecção de um Boletim Espírita, chamado «A Luz de Damasco». Surgiu daí a curiosidade de fazer uma pergunta e ouvir uma resposta.

Eis a minha história:

«Sou milionário, jovem, físico bem proporcionado. Tenho pais que me adoram e tenho noivas à escolha. Tudo o que a Vida pode ofertar-me em beleza, amor, luxo e prazer, eu o tenho em profusão. Nos balneários, nos clubes da *élite*, nas viagens pelo estrangeiro, olham-me com inveja e comentam:

— Que sujeito feliz! A vida foi-lhe pródiga em tudo!

«Pois bem, saiba que este felizardo da Terra, na realidade é o homem mais desesperançado da Vida. Jovem, rico, requestado e invejado, não passo, contudo, de um condenado à morte em curto prazo. E é horrível a morte que me aguarda: sou canceroso.

O cancro, como flor carnívora insaciável, alimenta-se das células vivas do meu organismo, localizado em lugar inacessível à moderna cirurgia, e de lá, lança a sua semente maléfica pela circulação do meu sangue moço e ardente.

Por enquanto, ainda posso encobrir às pessoas de minhas relações o meu estado real. As dores ainda não me afligem em demasia. Porém, tempo virá em que esta terrível e maldosa doença reivindicará os seus direitos e então... um tiro no ouvido solucionará o problema da minha vida.

Esta a minha história que vai anónima, é lógico. Agora a pergunta que a simples curiosidade me leva a formular:

— Existe o acaso ou o mundo é governado por um Ser inconsequente a quem as religiões chamam Deus? Será que ofertar-me o pomo dourado da Vida com um germe venenoso dentro não é prova de insânia ou maldade?...».

Esta foi a missiva trágica e brutal que recebi naquela alegre e ensolarada manhã de domingo.

Era a tua missiva, irmão infortunado. E as estrelas, em sua poeira dourada, te enviam a sua mais bela e alertadora mensagem. Ouve-a:

«Irmão, no minuto terreno de agora, coube-te percorrer a estrada da Vida na carruagem dourada e luxuosa da Riqueza. E encontraste entre os coxins assetinados do seu conforto um espinho venenoso que inoculou a sua peçonha na tua carne moça, ávida de explendor e sensualidade.

E por não poderes saborear os gozos que este coche te oferta em sua curta jornada terrena, preferes desertar do mesmo com um tiro no ouvido. Achas que tal gesto será uma pronta solução para o problema da tua Vida, que reputas insolúvel.

Pois eu te digo, irmão, que na verdade e na realidade esse gesto tresloucado não será uma solução para o teu problema. Ele irá, pelo contrário, criar novo e mais cruciante problema cuja incógnita a tua alma terá de resolver no futuro.

Porque — e agora vai a resposta à tua pergunta — não existe o acaso e nem um Ser inconsequente regendo a Criação.

Tudo na Vida tem o seu «porquê», a sua finalidade. Tudo, dentro e fora de nós, obedece a um esquema evolutivo, cujas linhas gerais são traçadas por outro Pensamento que não o nosso, incapazes que somos ainda de compreender os planos divinos.

Cada alma baixa à crosta e toma um corpo carnal com as linhas gerais de sua vida terrena já traçadas. Fica o seu livre arbítrio para traçar as linhas menores que completem, na harmonia do seu

conjunto, a grande harmonia do Todo.

E isto em raciocínio simplificado, assemelha-se ao seguinte:

«Quando um aluno se matricula num curso lectivo, obedece a um plano de estudo referente àquele ano. Os pormenores de cada dia, ele os vai vivendo de acordo com as circunstâncias e o ambiente que o cerca, mas sem se desviar do plano geral e sempre dentro das bases do que já foi aprendido anteriormente.

Se ele segue fielmente o plano de estudo, é aprovado no fim do ano e ganha credenciais para um curso mais adiantado no ano próximo.

Porém, se não aproveita o tempo ou interrompe o curso, terá forçosamente de recomeçá-lo no ano futuro».

Foi assim que todos renascemos para a vida carnal e é assim também que tu renasceste para a vida de agora.

Por razões referentes ao Passado da tua alma, foi mister que nascesses rico e que a ameaça de uma morte dolorosa para o teu corpo físico se fizesse sentir nos anos áureos da tua mocidade carnal. Pretenderes interromper violentamente o traçado desta linha geral no esquema da tua Vida que obedece a leis irrevogáveis, será uma rematada loucura. Amanhã ou depois, volverias novamente à Terra, quiçá sem o auxílio de outro coche dourado, para resolveres não um, mas dois problemas intrincados: o da vida presente com o seu resgate inutilizado e o da futura com o novo saldo a pagar. Porque, torno a frisar, o acaso não existe: o momento presente é a consequência do que passou e o momento do futuro será o reflexo do actual. Esta é uma proporção tão certa na grande Razão da Vida, como é certa a velha afirmação matemática de que dois e dois fazem quatro.

Pode ser que, de momento, te faltem as bases para aquilatar do grau da verdade contida neste aforismo. Mas, para sanar essa deficiência, basta aprender a soletrar a cartilha da Vida. E o abecedário mais completo sobre a Vida e a Alma, encontra-se nas obras básicas Allan Kardec.

Não te aconselho a leitura movida pelo fito de propaganda espírita, mas, sim, como uma pessoa amiga que já passou por certos trechos desesperançados da Vida — no estilo daquele que estás vivendo no momento — e que aprendeu como tirar dele a realidade profunda e bela através as páginas dessa Cartilha Maravilhosa.

Procura lê-la com a mesma simplicidade espontânea que puseste na escrita à «Poeira de Estrelas», e só então estarás na altura de resolver o cruciante problema de tua Vida.

Outros, como o médico-mártir Napoleão Laureano, já encararam de frente este problema e o resolveram de maneira gloriosa sem precisarem lançar mão do gesto covarde do suicídio.

És rico e à tua frente abrem-se inúmeros caminhos de glória que poderão levar-te ao resgate de tua alma e ao alívio da Humanidade sofredora.

Do Alto não te faltará o apoio e o consolo necessários. Uma prova disto já a tens nas linhas desta crónica que, contràriamente a tuas crenças e a teus hábitos, tiveste a curiosidade de solicitar.

Que ela seja o toque de clarim anunciando a alvorada do grande dia luminoso de tua alma, é o que te deseja a «Poeira de Estrelas».

(De «A Luz de Damasco», de Porto Alegre).

ASA FERIDA

Asas abertas na amplidão celeste
Riscam o céu de graça e de beleza,
E quando pousam numa rocha agreste
São como um riso bom da natureza.

Simb'lo da Paz por entre o temporal
E do que tem de puro o coração,
Mensageiras do Amor Universal
Por sobre a paz das águas do Jordão.

E quando pairam no azul sereno,
Perto do sol e perto das estrelas,
A mão do homem, cúpido e pequeno,
Projecta a morte, a dor por cima delas.

Ao ver o sangue a palpitar exulta.
Diverte-o essa dor que não lhe dói,
E a vaidade que o cega é tão estulta,
Que até por destruir se julga herói

Descerra contra o céu a mão impura,
No ar vacila uma asa branca f'rida,
E essa imagem da Paz e da Ternura
Tomba no chão a estrebuxar sem vida.

Ó humana razão, aonde estás
Que os homens não increpas com tristeza,
Quando o seu duro espírito desfaz
O que há de Belo e bom na Natureza?!

Alsácia Fontes Machado

A FOLHA EM BRANCO

Por CYRILO ALLEIXO

Ao entrarmos no plano onde a matéria impera soberana, entre lamentos sentidos e perspectivas mais ou menos sombrias, damos início ao vasto drama da vida, mais uma folha em branco, das muitas de que se compõe o drama da nossa ascensão.

No tablado terrestre estamos desde esse momento, não para servirmos de joguete aos apetites materiais e às imperfeições deformativas do nosso espírito, mas para remover os obstáculos que dificultam e retardam esta arrancada para o Alto, iniciada num pretérito brumoso e longínquo.

A folha está em branco e quem dera podermos escrevê-la por linhas direitas, vasando-lhe a essência do que é belo e puro, para que, terminada a última linha, pudéssemos sentir a alegria e a inefável consolação do dever cumprido.

Escrever assim a folha, devia ser a nossa maior ambição, mas, infelizmente, somos fracos e a obra sai, por isso, cheia de lacunas e imperfeições, reflexo sombrio das misérias humanas, num amálgama estranho e sinistro, que nos causa calafrios, quando, depois de escrita, somos obrigados a relê-la, sem omissão de qualquer pormenor.

É nesse momento solene que sentimos vivo desespero, se o seu conteúdo foi tecido de lodo e trevas e em vão tentamos inutilizá-la, porque essa página é eterna e só nas seguintes poderemos reformar a obra, imprimindo-lhe nova orientação.

Mas se foi moldada nosditames do amor e do dever, a consolação e o júbilo sentidos compensarão todos os sacrifícios, porque uma página assim não se escreve sem renúncia e sem sofrimentos, quantas vezes superlativos!

Bem ou mal escrita, a folha da nossa vida é o passaporte que nos dá ingresso num meio correspondente, de sombras e pesadelos, ou de claridades e de esperança.

Somos livres quanto à sua elaboração, o que não sabemos é tirar partido dessa vantagem, porque se lhe inoculamos venenos perigosos, podemos também insuflar-lhe doces harmonias, que nos abrirão os pórticos de mansões ignotas, onde o bom e o belo imperam soberana e eternamente.

Mesclados ainda fortemente com as sombras da animalidade, seduzem-nos particularmente as satisfações imediatas, preferindo-se proveitos rápidos, embora efémeros, à vantagens remotas, mas duradouras, donde poderíamos fazer finca-pé para progressos cada vez maiores e melhores.

Quem, embalado pelo canto da sereia, do lado passional da alma, passa o tempo a correr atrás de quimeras, jamais conseguirá atingir satisfações estáveis, porque tudo se lhe escapa e se esvai como fumo, sem possibilidade de detê-las, mais que fugaz momento.

E, assim, a vida para muita gente é uma série ininterrupta de prazeres falazes, lastro inútil, que nos impede a marcha para além das fronteiras da ilusão.

Quem sabe esperar, sacrifica de boamente as solicitações enganadoras, na certeza de que as colheitas futuras serão estáveis e lucrativas.

A folha está em branco, mas como não se trata duma folha esparsa, ao preenchê-la, teremos de atender ao que já foi escrito anteriormente, por assim o exigir a força incoercível que rege os nossos destinos.

Recomeçamos a obra onde a havíamos deixado, tendo de seguir o rumo anterior, bom ou mau, que, no entanto, podemos ir modificando à vontade, visto que para outra coisa não serve o livre arbítrio, dependendo, portanto, exclusivamente de nós, a feição dada a essa tarefa, por onde se moldarão as páginas seguintes.

E assim, paulatinamente, a epopeia da nossa evolução se vai exercendo, numa gigantesca concatenação de quedas e ascenções, de marasmos e actividades criadoras, de esperanças e desalentos, até à vitória decisiva do fragmento divino.

A lei da causualidade rege a sequência da obra, moldando cada existência segundo as directrizes traçadas nos avatares pretéritos, colhendo cada um o fruto das suas sementeiras, sem excepção de espécie alguma, porque a justiça divina é absoluta.

Bem semear para bem colher, é, portanto, uma necessidade imperiosa, uma vez que não nos podemos furtar às consequências da nossa actuação, desabadas sobre nós na altura própria, qual

maldição infernal, ou qual bálsamo consolador, segundo o uso dado ao nosso livre-arbítrio.

Somos bem, como se costuma dizer, os obreiros de nossos destinos, não nos sendo dado, por isso, atribuir à sorte, ao acaso, ou ainda a um Deus parcial, o fracasso de nossas vidas.

Quem se abalança a uma obra, não se poupa a toda a sorte de trabalhos, para torná-la o mais eficiente possível, sabendo de antemão quanto proveito isso lhes proporcionará. Por que razão não adoptamos igual critério, quanto à obra da nossa regeneração, se isso redunda em benefício gigantesco e eterno?

Vários motivos se opõem a esse desiderato, provenientes do atraso em que parte da humanidade se encontra mergulhada. Um dos principais é a trave na nossa vista, de que nem ao de leve suspeitamos, convictos de sermos uns poços de virtudes, que nos leva a ver na dos outros argueiros indesejáveis

Dizer a certas pessoas que se regenerem é ofendê-las no seu amor-próprio, pois que, a seu ver, a carapuça não lhes assenta e, se a atmosfera moral é alarmante,elas nada têm que ver com isso.

Outras, considerando a vida um acidente fortuito, para além do qual só o nada se lobriga, sorriem, se são maldosas, à ideia de qualquer reforma, vítimas do infeliz conceito de que o melhor que se leva da vida é o que se come, bebe e goza.

Mil outros pretextos servem ainda de escusa, perante a nossa melhoria interior e, assim, os dias vão passando numa atonia criminosa, ao mesmo tempo que se põem em jogo as causas determinantes dos acontecimentos futuros.

Pára momentâneamente, ó viajor afadigado! Concede ao menos umas curtas tréguas à tua louca caminhada!

Pára, que vais errado e com suor e lágrimas terás de recuperar o caminho perdido. Olha para trás, com os olhos da consciência ,esse guia seguro que tens desprezado até agora e atenta bem no teu logro. Prosseguir, será abeirares-te de precipícios, onde, para tua desdita, poderás despenhar-te um dia.

Vê a leviandade dos teus propósitos, a preferência pelos trilhos escabrosos, pondo à margem a ampla vereda, que poderás palmilhar, alígero e feliz.

Deixa que ela, a consciência, essa representante divina, faça ouvir a sua voz; escuta-a com respeito, seguindo-lhe os ditames. Se assim procederes, terás fartas recompensas no futuro, que te levarão a abençoar essa feliz reviravolta.

Mas para isso é necessário sacrificarem-se as futilidades enganadoras, as mil tentações mundanas, disfarçadas sob a falsa capa do bom tom, pelo que uma boa dose de renúncia e sacrifício se impõe, para se levar avante tão grandiosa como sacrossanta tarefa.

E agora, depois de teres retemperado as forças, arripia caminho e segue sempre em frente, de fronte bem erguida, que do invisível receberás as energias necessárias à execução desse plano imponente.

É esse o dever de todo o habitante planetário: parar de vez em quando e inquirir se irá bem na sua jornada. Com esta precaução, conseguiremos escrever uma bela página do nosso drama anímico, por onde as seguintes se moldarão, num crescente e contínuo encanto.

Do pavoroso antro das trevas nos devemos afastar presurosamente, buscando a iluminação da alma, para saborear os deliciosos frutos da maturação espiritual.

Se tudo o que fazemos vem, mais cedo ou mais tarde, repercutir sobre nós, é mister sermos prudentes na nossa actuação, a fim de não termos de sofrer consequências desastrosas.

É essa uma das admiráveis leis ocultas, a que ninguém se pode subtrair, competindo-nos estar sempre vigilantes, para evitar os deploráveis efeitos da sua inobservância. Mas essa precaução deve estender-se também às nossas intenções e aos próprios pensamentos, com os quais devemos ter muito cuidado, porque o pensamento é uma força e mesmo que não se tenha objectivado, deixa traços indeléveis, denunciadores da natureza que o impulsionou.

Um pensamento de inveja ou de qualquer outra imperfeição, emitido consciente ou inconscientemente, pode afectar o alvo visado, provocando-lhe prejuízos, na razão directa da sua intensidade, de que seremos os únicos responsáveis.

Muitas pessoas há que, não obstante procederem mais ou menos irrepreensìvelmente, não se dispuseram ainda a vigiar o trabalho do cérebro, cuja actividade nem sempre está de acordo com as atitudes exteriores. E assim vamos caindo em faltas por não fiscalizarmos o âmbito de nossas actividades...

Atentemos na página que andamos a escrever; e se ela contiver muitos erros, esforcemo-nos, a partir de hoje, por aformoseá-la o melhor possível.

Auxílio não nos é negado, porque, como é sabido, «Ajuda-te, que o Céu te ajudará».

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

«ALBERGUE NOCTURNO HUMBERTO DE CAMPOS»

Mais uma vez nos vamos referir à grande obra social do Brasil Espirita. Obra colossal, evangélica, a todos os títulos digna da nossa admiração.

Hospitais, creches, maternidades, asilos, albergues nocturnos, tudo a solidariedade espirita brasileira tem montado com o esforço dos sinceros pioneiros do Ideal, e sempre compensados pelos mais animadores resultados.

Esta imensa obra de caridade não foi ainda igualada em nenhum outro país, e podemos afirmar, sem intuitos laudatórios, que é verdadeiramente assombrosa.

O *Doutrinador* de Fevereiro último publicou o relatório do «Albergue Nocturno Humberto de Campos», referente ao seu movimento desde o 1.º de Janeiro até 31 de Dezembro de 1954, num total de 1626 passagens pelo Albergue, sendo 1394 do sexo masculino e 232 do feminino. Por nacionalidades: 23 italianos, 44 espanhois, 3 japoneses, 6 portugueses, e 1550 brasileiros.

O Albergue à noite dá caldo e café com pão.

Distribui roupas usadas, sapatos, chapéus, leite, pão, lenha, café, etc., e tem por lema; «Dai com a mão direita e escondei com a esquerda».

Estes e outros relatórios de que temos conhecimento comovem-nos pelo carinho, e denodado esforço dos nossos confrades brasileiros em propagar o Espiritismo por uma forma tão cristã. E não nos podemos impedir de verificar, com mágoa, todas as dificuldades que enfrentamos sempre que uma ideia semelhante germina em nossas mentes, e aspiramos a torná-la uma realidade. Assim aconteceu com um sonho que tivemos — A Casa de Repouso ou Lar Espiritualista — que talvez um dia possa abrir as suas portas acolhedoras. E quão útil também seria uma casa de protecção, regeneração e educação da infância, e tantos, tantos outros sonhos que neste país (como de resto em toda a Europa) são problemas tão difíceis, mas que o grande Brasil resolve com tanta facilidade!

Assim se verifica a grande vitalidade dos países novos, em que abunda uma seiva viçosa e fecunda.

Querer é poder! E todos os espiritas brasileiros querem seguir nas pisadas do Mestre Jesus, amparando os aflitos, tanto física como material e espiritualmente, em seus hospitais, abrigos e Centros. Por toda a parte o mesmo ardente desejo de praticar o Bem.

Deste modo, pela grande Lei das Afinidades, o Brasil, sem dúvida, também beneficia das benesses do Alto, porque bem disse Victor Hugo «Quem dá aos pobres empresta a Deus».

Bem haja a administração do «Albergue Humberto de Campos», composta pelos devotados obreiros espiritas Dr. Octávio Noronha, Paulo Guimarães e Pedro Baptista Pereira.

ACHILE D'ANGELO, «O MAGO DE NÁPOLES, «O ÍDOLO DA ITÁLIA» FAZ CURAS NO VATICANO

O nosso colega *O Clarim*, do Estado de S. Paulo, refere-se, em 12 de Março, às extraordinárias curas de Achile d'Angelo, a quem a imprensa espirita portuguesa já fez referência em *Estudos Psiquicos* e *Revista de Metapsicologia*, e que de novo está a causar sensação, segundo revela a revista francesa *L'Heure d'Être*, de Novembro de 1954.

O sensacional relato aparece devidamente documentado com uma fotografia 8×10 «representando um elemento do alto clero, no momento de receber os passes curativos dentro do próprio Vaticano. Para auxiliar os passes, encontra-se, junto, outro alto dignitário do Vaticano, concentrado em prece, um sacerdote de idade já madura, cujo nome não consta.

A fotografia foi apreciada pela *L'Heure d'Être*, da forma seguinte:

«Aqui temos o curador Achille d'Angelo transmitindo fluídos a Monsenhor Felici «dela Sacra Rota», numa dependência do Vaticano.

«Contràriamente aqui na França os intelectuais católicos são ferozmente contra os curadores, mesmo sendo cristãos.

«Ùltimamente o Bispo de Bayeux tem fulminado com «suspense a divinis» o Abade Noury, o perfeito da cidade de Denis-le-Mailloc, pelo motivo daquele venerável sacerdote ter persistido em «curar os enfermos segundo os preceitos de Cristo».

E a revista francesa pergunta: — «Os curadores serão tolerados para curar sòmente os altos prelados do Vaticano, ou, encontramo-nos diante de dois pesos e de duas medidas?».

Assim nos parece, de facto, em face da perseguição contra quem pratique este género de tratamentos, aliás tão usados pelos primitivos cristãos, e pelo próprio Jesus, conforme rezam as Sagradas Escrituras.

Como os tempos estão chegados, a luz vai penetrando nos cérebros e nas almas, destruindo a ignorância e a rotina, e como o Espiritismo caminha com passos de gigante, seguindo a grande Lei da Evolução, não ficaremos surpreendidos se em breve as igrejas romanas, as ortodoxas, anglicanas e protestantes aceitarem os tratamentos fluídicos como uma ciência natural, ou dádiva de Deus.

ESTRANHA E NOTÁVEL DESENHADORA

Mr. Raoul de Bourcet, da «Academia Delfinal», relata que sua filha mais nova é uma desenhadora, mas nunca aprendeu desenho nem recebeu noções de anatomia. Contudo, e com a maior facilidade desenha retratos de Indus e de Malásios, homens e mulheres, de países que ela nunca visitou pois só tem viajado em França.

Todos os seus personagens são orientais, com cabeças envoltas em turbantes ou em véus.

Desenhou um sacerdote budista cujo crânio, tão diferente dos francêses, foi verificado por um pintor

como possuindo todas as características daquela raça, e que para se conseguir semelhante técnica são necessários muitos anos de escola.

Quando esta estranha artista esboça os seus trabalhos nunca sabe o que vai fazer; a sua mão é guiada por uma força oculta e inteligente, dando a impressão de que a desenhadora não realiza uma criação, mas que é sòmente a executora. Nesses momentos ouvem-se, nitidamente, pancadas e outros ruidos nos móveis.

Os seus esboços são traçados harmoniosamente, as linhas bem lançadas são rigorosamente exactas; nunca as apaga, o que causa admiração aos próprios artistas.

Trata-se de um médium com excelentes faculdades artísticas e Mr. R. de Bourcet afirma que não se trata de nenhuma manifestação do subconsciente.

Um pintor que assistiu a uma dessas sessões vendo a extraordinária força e rapidez com que o lápis deslizava sobre o papel, temeu que o desenho se estragasse, mas uma senhora que também assistia fez-lhe notar que o lápis tocava imperceptivelmente no papel.

Todos os ornamentos do vestuário desses orientais são rigorosamente indianos, conforme Mr. R. de Bourcet pôde verificar, pois enviou os referidos esboços a um missionário que há quarenta anos habita na Índia, e que lhe mandou a explicação de cada um desses enfeites.

M.lle de Bourcet nunca se dedicou a estudos àcerca da Índia, ignorando em absoluto o simbolismo de tais atavios.

Não resta a menor dúvida de que se trata de mais um médium de faculdades artísticas, como Agostinho Lesage e Bartellety-Daillion, e que certamente vai converter muitos incrédulos com a sua Arte emanada do Além.

Registamos com prazer o gesto do Mr. de Bourcet dando publicidade às faculdades supra-normais de sua filha.

ESTAMOS AGORA MAIS VIVOS DO QUE NA TERRA

O *Psychic News*, de 6 de Janeiro de 1954, relata o seguinte curioso facto:

Entre as vitimas da catástrofe de Harrow, que se deu há um ano, morreu o jovem Mauricio Hilton. O seu trespasse causou a seus pais um grande abalo moral, e como ignorassem em absoluto o Espiritismo, desconheciam, também, que na localidade, Hatford, onde Maurício vivia com os pais, existia um centro espirita. Após a catástrofe, o casal Hilton, para se refazer de tão grande desgosto, resolveu sair de Hatford.

Certo dia, nesse Centro, é recebida pela voz directa a seguinte comunicação: — «Maurice Hilton — morto na catástrofe de Harrow, procura seus pais».

O médium não conhecia os Hilton, mas uma assistente, que os conhecia, encarregou-se de os prevenir.

Decorridos quinze dias, a senhora Hilton dirigiu-se ao Centro Espirita e ouviu o filho pedir-lhe que não chorasse porque — «ele e os outros não estavam mortos, bem pelo contrário, estavam agora mais vivos que quando se encontravam na terra».

Disse também à mãe que não queria tornar a vê-la vestida de preto, e que tinha reparado estar a fotografia dele ornamentada com flores.

Informado por sua mulher, o pai recusou-se a ir ao Centro, mas na semana seguinte Mauricio acompanhado pelo seu avô disse à mãe: — «É preciso trazer o papá». Este aceitou enfim, e nesse dia o jovem Maurício agradeceu a comparência de seus pais, e de não o terem cremado, dizendo que gostava do sítio aonde o tinham enterrado e a árvore colocada diante do seu túmulo. Anunciou pequenos acontecimentos que depois se realizaram; apezar destas provas seu pai continuava a duvidar.

Como Maurício tivesse por hábito oferecer a sua mãe, no dia dos seus anos, um ramo de violetas, prometeu que nesse ano novamente lhas ofereceria. Na semana seguinte, a senhora Hilton encontrou uma amiga que já não via há meses e que lhe entregou um saquinho de papel dizendo-lhe: — «Que Deus a abençôe», e partiu. O saquinho continha um ramo de violetas de Parma, iguais às que Maurício costumava oferecer-lhe.

A senhora Hilton, afirmou que a amiga que lhe entregou as violetas não é espirita e ainda não acredita — «que qualquer coisa especial se encontrasse dentro do saquinho, embora confesse que foi levada a fazer esse gesto sem saber como».

Mauricio voltou a comunicar dando provas que se confirmaram em tudo quanto anunciou. Deste modo os pais desolados e incrédulos retomaram gosto pela vida e passaram a acreditar firmemente na sobrevivência da alma.

W. CHURCHILL É ESPIRITA

«Mundo Espirita», de 28 de Fevereiro do ano corrente, insere a seguinte nota:

«Centenas de artigos têm sido consagrados, a Sir Winston Churchill pela passagem dos seus oitenta anos. Evocou-se, em todos os quadrantes do globo, a surpreendente carreira do estadista britânico, rica de recordações de toda a espécie. Poucos de seus biógrafos improvisados, entretanto, revelaram sua paixão pelo Espiritismo. O interesse que manifesta pela ciência de Allan Kardec não data de hoje.

«Foi por ocasião da guerra dos Boers que teve, com efeito, a revelação exacta do outro mundo. Era então correspondente de guerra do «Morning Post» e se achava um dia perdido na África, isolado, desarmado, ameaçado por muitos perigos. Instintivamente apelou para o seu guia espiritual, com o qual havia travado relações alguns meses antes, quando começara a dedicar-se à ciência espiritual, sem todavia crer muito nela. Sua prece foi logo ouvida e atendida sua súplica. O jovem jornalista, irresistivelmente guiado, reencontrou, sem grande trabalho, o caminho e a segurança.

«Depois desse dia, Winston Churchill, como o seu colega Mackenzie King, primeiro ministro canadense, nunca mais tomou qualquer decisão grave sem consultar os espíritos, tornando-se adepto fervoroso da doutrina espirita. Tem sido, aliás, um dos raros políticos que tomaram a defesa dos espiritas no Parlamento britânico.

«Winston Churchill teve ocasião, em Maio de 1950, de proclamar seu pendor para a doutrina espirita numa reunião no «Vitcoria Hall», na qual tomaram parte outras personalidades políticas, como Stafford Crips, Clement Attlee e Herbert Morrison».

Não nos surpreende a notícia, pois demais sabemos quanto, na Inglaterra, o Espiritismo está vulgarizado como doutrina de superior moralidade, e acreditado com filosofia do mais aliciante interesse.

Natural é que o perfilhem e sigam homens eminentes como Sir Winston Churchill, sendo, no entano, para louvar, o desassombro com o faz.

Na Inglaterra o Espiritismo ocupa já o lugar que lhe pertence, ao lado dos restantes credos religiosos.

Notas & Comentários

O CÃO «SKIPPY» REPETIU NOUTROS TERMOS A HISTÓRIA DO «FIEL»

Com este título e em telegrama de Montreal, publicou o Diário de Notícias do passado dia 4, a seguinte notícia que entregamos à meditação dos nossos leitores:

«O cão nunca é um animal inutil e nunca deixa de ser o maior amigo do homem. Eis o que George Allan, de Hamilton, deve ter pensado quando se resolveu a matar o seu «Skippy» que, além de comer, beber e dormir, para mais nada — nem para caça, nem para guarda, nem para defendê-lo de ataques — prestava. E, se bem o pensou, melhor o fez. Levou o animal até junto de um ribeiro com uma pedra atada ao pescoço, para nele o afogar. Nisto viu um garoto, ali perto, perder o pé e cair na água, desamparado. Quis socorrê-lo, mas do sítio onde se encontrava, isso era-lhe impossível. Mas o «Skippy» é que, resolutamente, se deitou ao ribeiro e trouxe para terra o pequeno. Era o filho do próprio George Allan!».

O caso dispensa comentários, mas cabe transcrever, para sua mais completa valorização, um pouco do que acerca desse nobre animal, que é o cão, escreveu o Dr. Axel Munthe no seu «Livro de San Michele»:

«Para chegar a ser um bom médico de cães é preciso não só amá-los, mas também compreendê-los; acontece o mesmo com os nossos semelhantes, com a diferença, apenas, de que é mais fácil compreender um cão do que um homem, e principalmente mais fácil amá-lo. Não esqueçam nunca que a mentalidade de um cão difere totalmente da de qualquer outro. A aguda inteligência que cintila nos olhos brilhantes de um fox-terrier, reflete uma actividade mental absolutamente diferente do sereno equilíbrio que brilha nos olhos calmos de um S. Bernardo ou de um velho cão de pastor.

«A inteligência dos cães é proverbial; mas há grandes diferenças de graus, perceptíveis até nos cachorros logo que abrem os olhos. Há também cães estúpidos, mas a proporção é menor neles do que nos homens.

«É fácil compreender o cão e ler-lhe os pensamentos. O cão não pode enganar, nem dissimular, nem mentir, porque não pode falar. O cão é um santo. É de um natural franco e honesto.

... ...

«O cão pode ler no pensamento do dono, compreender os seus diferentes estados de alma e prever as suas decisões. O seu instinto diz-lhe quando é indesejável; fica horas inteiras tranquilamente deitado, enquanto o seu Rei trabalha activamente como trabalham muitas vezes os Reis ou, pelo menos, como deveriam trabalhar».

UMA CIDADE COM DOIS MIL ANOS DESCOBERTA NUM SONHO

«Diário de Notícias» do dia 5 de Abril corrente, inseriu na sua primeira página, uma notícia com o título acima.

O articulista, porém, talvez por não julgar o facto merecedor de considerações sérias, trata-o em estilo jocoso.

E foi pena, porque o fenómeno bem merecia outro tratamento.

Eis, em resumo, a história:

Em Torrejoncillo de Rey, povoação espanhola da província de Cuenca, reside D. Pedro Moralles, uma das mais destacadas figuras da aldeia.

D. Pedro Moralles teve um estranho sonho. Sonhou que se dirigia para um local situado a uns 1.500 metros da sua casa, e ali chegado lançou mão de uma enxada e principiou a cavar. Em dado momento a terra cedeu sob os seus pés, e ele penetrou, «maravilhado, numa vastíssima sala onde tudo era fantástico, desde as paredes de cristal até às aberturas negras de dezenas de misteriosas galerias».

D. Pedro acordou neste preciso instante. Depois narrou o sonho a dois dos seus familiares. E logo resolveram os três meter ombros à empresa.

Localizado o sítio visto no sonho, principiaram a cavar.

Cedo a palavra ao autor do artigo:

«Decorreram dias, semanas. Finalmente, quando já quase desesperavam a terra abriu-se à profundidade de 24 metros e ficou à vista uma profunda cavidade.

«Moralles, triunfante, atirou-se pelo buraco e... foi cair na sala que lhe aparecera no sonho. Para onde quer que se voltasse, via bocas de escuras galerias e as paredes, essas paredes brilhantes, eram as mesmas que visionara».

Numa das galerias foi encontrado um sarcófago cheio de moedas de ouro.

Continua o articulista: «As primeiras investigações levadas a efeito por uma equipa de cientistas e arqueólogos vindos expressamente para o efeito, provaram já que se trata das ruinas de cidade subterrânea cuja fundação deve remontar a mais de 2.000 anos. O interesse despertado em toda a região de Cuenca pelo achado e pelas circunstâncias em que este se verificou, é enorme. Formulam-se as mais variadas hipóteses. Uma coisa é certa: a descrição do sonho encontrou exacta correspondência na realidade». E o articulista acrescenta, em guisa de explicação: «Os defensores da teoria de que o homem alberga, potencialmente, o conhecimento universal, rejubilam».

Esses, e os que afirmam que o homem tem uma alma e que ela pode agir durante o sono, também rejubilam, talvez com maior razão — afirmamos nós.

CASA DE SAÚDE ANDRÉ LUÍS

Realizou-se em Belo Horizonte, nos dias 20 a 26 de Março p.p., as solenidades da inauguração da construção da «Casa de Saúde André Luís», iniciativa meritória de seis Grupos Espíritas daquela cidade.

Do calendário fazia parte, além da visita ao médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, várias reuniões festivas e de convívio espiritual.

A avaliar pelo desenho impresso no programa das referidas festividades, a «Casa de Saúde André Luís» vai ser uma obra que honrará o Espiritismo brasileiro e encherá de satisfação os nossos confrades de Além Atlântico.

Noticiário

A VIAGEM DO NOSSO DIRECTOR

Conforme estava previsto, partiu com destino ao Brasil, a bordo do «Vera Cruz», no passado dia 8, o nosso querido amigo e director desta revista, Tenente Isidoro Duarte Santos, que teve no cais de embarque uma afectuosa despedida por parte dos seus numerosos confrades e amigos.

Tomou corpo, assim, um grande sonho, há muitos anos acalentado, e mais e mais robustecido em cada ano que passava.

Para os espiritas portugueses o Brasil é, na verdade, a Terra da Promissão, e todos nós desejaríamos fazer a viagem maravilhosa que Isidoro Duarte Santos iniciou nessa tarde quente desta primavera prometedora.

E ele bem mereceu este momento de indiscritível satisfação, pelo muito que tem lutado na defesa e propagação do Ideal Espírita, pelo que lhe tem sacrificado, pelo que o tem servido através de quase quarenta anos de intenso e proveitoso labor.

Com o nosso confrade e amigo foi o palpitar e a ternura dos nossos corações, foram as mais puras vibrações de nossas almas, foi todo o nosso entusiasmo de crentes sinceros, para que tudo ele transmita aos nossos irmãos brasileiros, a esses confrades queridos que sempre temos encontrado, dedicados e solícitos, quando deles e do seu amparo moral temos carecido.

E ao afastar-se o «Vera Cruz», imponente e majestoso em suas linhas magníficas, havia nos olhos de todos os presentes, o brilho alegre que lhes dava a certeza de que se estava a cumprir um destino auspicioso, e que o Isidoro era, afinal, a mensagem viva que todos nós enviávamos, Além Atlântico, para selar definitivamente, uma amizade já tradicional que os vínculos do sangue forjaram e agora os laços do espírito robustecem e tornam perene.

Que vá e regresse em Paz, o presado amigo, e cumpra, com a nobreza e a dedicação que todos lhe reconhecemos e tem sido apanágio da sua vida, a missão que em prol do Espiritismo português lhe foi confiada.

AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS

As primeiras notícias que nos chegam são, necessàriamente, respeitantes à forma como decorre a viagem.

O nosso director segue de óptima saúde, e pede que o recomendemos a todos os confrades, dando-lhes a certeza de que com ele vai o entusiásmo e a fé que animam os espiritas portugueses.

FALECIMENTO

À hora de fechar chega-nos a notícia do falecimento do pai do nosso prezado confrade e colaborador Sr. António Cardoso.

Estudos Psíquicos apresenta a esse seus amigo e a sua Ex.ma Família a expressão sincera do seu pesar.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE MARÇO

Mais um livro distribuido, em fins de Março, por uma subscritora deste género de beneficência:

«Falando à Terra» — D. Maria de Moura, de Lisboa.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MAIO DE 1955

Dia 1, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 3, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 5, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 12, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 15, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 17, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 18, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 19, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 22, domingo, às 16 horas — Conferência por Ângelo da Costa Cabral intitulada «O Espiritismo e as Leis Divinas».

Dia 25, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 26, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 29, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 31, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 1 de Junho, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2 de Junho, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 5 de Junho, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8 de Junho, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinado ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que muito reconhecidamente agradecemos.

Mês de Abril — D. Maria Eva Alves, de Lisboa, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Centro E. Luz e Amor, 50$00; Brindes de livros espiritas, 60$00. *Total* — 150$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espírita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	**50$00**	**64$00**
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	**25$00**	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	**20$00**	**28$00**
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	**20$00**	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira e Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	**22$00**	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	**24$00**	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	**60$00**	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	**25$00**	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	**25$00**	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		**80$00**
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	**23$00**	
Vida de Jesus, por *António Lima*	**30$00**	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

O nosso Director ao microfone da Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro.

(Ver pág. 153)

CONTÉM: Deste Lado..., da **Redacção**; Aos Espiritas Baianos, por **Isidoro Duarte Santos**; Mais Ameaças e Três Grandes Eventos, por **Leopoldo Machado**; Aos Médiuns - A Incessante Luta das Trevas, por **Ismael Gomes Braga**; Bahia; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Terras e Sóis, por **Anselmo Paermentier**; A Vida do Homem, por **J. C. Moreira Guimarães**; O Fluido Vital e os Fenómenos Biológicos e Metapsíquicos, pelo **Dr. R. Pena Ribas**; Meditando, por **Emílio Rincon Peres**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; O Universo e Deus, por **Léon Denis**; Individualismo (Compilação de **Luciano Silva**); Ecos de Uma Viagem, por **Isidoro Duarte Santos**; A Mediunidade Poliglota da Senhora Adela Albertelli, por **José Martin**; Deus; Soneto de **Antero de Quental**; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

16.º ANO MAIO DE 1955 N.º 5

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $120,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espíritos	35$00	47$00
O Livro dos Médiuns	35$00	47$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	35$00	47$00
O Céu e o Inferno	38$00	50$00
A Génese (nova edição)	38$00	50$00
Obras Póstumas	35$00	47$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1955 — N.º 5

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

DESTE LADO...

Cheguei ao Brasil! Neblina na Guanabara após copiosa chuva. O que estava além desse pano de fundo era um mistério para a minha alma. E por isso a ansiedade ondulava como dúvida crescente.

O «Vera Cruz» aproximava-se do cais. Entrementes, os olhos ávidos procuravam, na distância, descortinar algum amigo dilecto.

António José Alves foi o primeiro que entrou. Um abraço fraterno junto da amurada... E o grupo foi localizado. Olha este... olha aquele... Já em Salvador eu exercera a intuição. Que grande faculdade e que grande esteio! É desdobramento e conhecimento que nos liga aos outros e nos envolve e fortifica.

O primeiro abraço foi a primeira revelação. Era uma espécie de noviciado em que o coração fremia, ignorante do mundo que se ia desdobrar entre cálidas paisagens.

Agora estou deste lado... O Atlântico estreitou as margens, estou mais pertinho de Portugal. Que deslumbramento para os olhos e para as almas! Que maravilhoso artista andou a juntar e a semear de beleza este rincão divino! A majestade e a formosura se enlearam para o grande festim da Natureza. É o sol ardente e fecundo a desentranhar a terra-mãe. É a selva dominante a cobrir os morros e a planura imensa. É o quadro magnífico e verdejante na moldura do oceano, dando tons glaucos à salsugem. O que isto é, meu Deus! O que isto é!...

Como se não há-de amar o Brasil?! Como se não há-de adorar este paraíso terreal pleno de magia, acolhedor e embalador em seus beijos de ternura?! Isto é a continuação da nossa terra!

É o magnetismo do idioma, é o sentimento da amizade, a identidade da aspiração, os laços do sangue, o património histórico, tudo a gritar aleluias, vida forte e estuante, para lá das convenções, do preconceito velhentado. É a presença dos portugueses em cada rua, em cada chácara, no mar e no campo, a impulsionar uma nação heróica, a guiá-la ao seu destino.

Agora estou deste lado... É uma sensação diferente, é certo, misturada de saudade, mas o agridoce banha-me de luz espiritual.

Que estranha lição a minha! Que estranha lição, que admirável treino! O Evangelho Vivo anda de porta em porta acordando as almas para o festim da redenção. O Cristo desdobra-se, multiplica-se, refulge na casa do pobre, engrandece o Bem, alivia o sofrimento, norteia o transviado. Portugal necessita de conhecer o Brasil, este filho que é a glória maior, o maior orgulho da nossa raça. A bondade do seu povo, o progresso das suas cidades, a variedade do seu clima, são disciplinas que fazem parte de um curso nobilitante.

Grande e querido Brasil! Deus te fez, Deus te aumentou! O sorriso de tuas mulheres, a graça da tua juventude, o movimento e a vida de tuas metrópoles são índice vigoroso de excelsa caminhada! Teu destino é promissor. A História registará para os séculos teus passos de gigante. Serás maior que o mundo antigo. Grécia e Roma perder-se-ão no tempo, quando em teu bojo hospitaleiro se abrir ao mundo o Pórtico do Evangelho.

Grande e querido Brasil! De onde vem este amor indizível, este amor que me atrai para teus braços amigos? De onde vem ele?... Vem de outras vidas, que eu já por cá andei a trabalhar e a sofrer, a desdobrar o lábaro da Fé, caldeando o Amor e o Sacrifício na rota da ascensão moral.

Agora estou deste lado... Portugal continua para cá do Tejo e da Guanabara...

AOS ESPIRITAS BAIANOS

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

É de bordo que o meu lápis freme ao dirigir-vos a palavra amiga. Permiti que vos saúde, como sentinelas da Doutrina. Habituei-me tanto à vossa lealdade, traduzida fielmente por Alfredo Miguel, o arauto das nobres atitudes e das palavras incisivas, que me sinto orgulhoso deste primeiro contacto espiritual, porque ainda me encontro a vinte horas da chegada.

Daqui já posso enviar-vos um coração pleno de afectividade. E neste abraço sincero vai tudo o que de bom permanece em mim: a admiração, a simpatia, o desejo veemente de felicidade perene. Nele envolvo todos os batalhadores incansáveis, os grandes e os pequenos, que se esforçam, na medida de suas energias latentes, por erguer bem alto a legenda que nos guia.

Se este abraço pudesse exprimir em palavras a sua intensidade e enormidade, ficarieis perplexos. Que mundo inédito não desentranharia aos olhos pávidos!

Tudo o que vos enobrece me enobrece. Segador da mesma seara imensa e vencedor da peleja heróica que envolve dignificação e redenção do homem, poderemos e deveremos trabalhar unidos, oferecendo ao Ideal o produto da labuta comum.

Eu venho ao Brasil em tarefa de aproximação. Do extremo ocidental da Europa venho à Terra da Promissão espiritual que o sangue português negou em holocausto, e trago comigo o selo da amizade indefectível.

Vamos trabalhar ainda mais estreitamente. Vamos proclamar o nosso desejo intenso de bem servir, mãos com mãos, olhos nos olhos, ritmando as pulsações para que a sintonia seja mais perfeita. Assim, rejuvenesceremos a obra e fortaleceremos o reduto.

Não sei o que há neste abraço que vos dou, antes de aportar ao Rio. É uma síntese da maior aspiração humana; é o anseio de uma alma que vibra na ideia de ter sido brasileiro de antanho e que não queria morrer sem materializar o maior desejo da sua vida: rever paisagens, ressentir notas afectuosas que talvez me hajam impressionado em remotas eras.

É uma espécie de baptismo que alguns não compreenderão, mas que eu avalio em sua justa grandeza.

Gostaria que estas palavras fossem transmitidas a todos os amigos de Salvador. É a Revista «Estudos Psíquicos» e o Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, que estão presentes nesta saudação especial, soltada do «Vera Cruz», a caminho do grande e formoso Brasil.

A Bahia é, neste momento, a antecâmara de um mundo em que se movimentam os mais diversos propugnadores, cuja responsabilidade é tão conhecida, como a sua operosidade. Se me fôr permitido auscultar esse mundo imenso e laborioso, traduzir a veemência do seu amor à Doutrina e o nobre exemplo com que propaga o Evangelho vivo aos vivos do século, sem exclusividades, sem acepções preconcebidas, dar-me-ei por compensado de todos os labores exercidos nesta digressão que me proporcionaram. A lição que aprender transmiti-la-ei aos leitores que acompanham a nossa obra. Eles saberão em mais justa medida o que vai pelo Brasil em matéria de Espiritismo social e como se consegue, por meio de um segredo indesvendável, erguer obras gigantescas pelo simples esforço da vontade colectiva. Saberão isto e muito mais que me será permitido ver e analisar de perto.

Mas estas palavras são de saudação. As almas preparam-se para o conhecimento pessoal, de que sairá o elo inquebrantável da fé e a esperança na transmutação individual.

Um abraço é presença e certeza de união. Estou presente e certo de que me compreendeis, comungando comigo na mesma pira, vibrando comigo na mesma nota moral, ansiosos de perfectibilidade e conhecimento.

Aceitai-o, amigos dilectos! Aceitai-o e esperai-me na volta, que muito diremos mùtuamente.

Este ligeiro contacto avulta a curiosidade do visitante, estimulando a amizade do velho amigo. Se da vossa parte houver reacções semelhantes, eu ficarei mais forte nesta missão espiritual.

Que Deus vos guie na jornada grandiosa e que os vossos passos marquem uma época na história dos ideais humanos!

A bordo do «Vera Cruz», em 15 de Abril de 1955, a 20 horas da chegada à cidade de Salvador.

MAIS AMEAÇAS E TRÊS GRANDES EVENTOS

Por LEOPOLDO MACHADO

Foi na última terça-feira, antes da *Semana Espirita* de cá.

Tempo ameaçador e indisposição física de nossa parte impediam-nos de ir à sessão mediúnica no «Fé, Esperança e Caridade». Mas alguma coisa nos arrastava. Fomos. E fizemos bem, que cinco espíritos atrazados — quatro clérigos e um sacristão — nos prejudicavam. Disse até o mais autorizado: «Este danado, que já devia ter-se afastado da circulação, vencido e aniquilado, ainda teima, vivendo! Ainda se sente animado para mais coisas! E são três, desta vez! Mas está muito enganado! Havemos de aniquilá-lo completamente. Havemos de engasgá-lo! Sujeitinho teimoso! Morre todo mundo, e ele, não! Acabaremos com ele, desta vez. Ora, se acabaremos...».

Compreendemos tudo. Era gente da terrível falange, que não descança, enquanto não nos vir vencido, aniquilado.

E as *três coisas desta vez?*

Era a *Semana Espirita,* que se realizou aqui, de 3 a 10 de Abril, a que só comparecemos a metade de uma reunião, não podendo presidir à sessão de encerramento.

Era a chegada do jornalista e escritor português Isidoro Duarte Santos, para cuja viagem fizemos também alguma força, embora sabendo que não podíamos acompanhá-lo nas suas visitas, na sua excursão. Contudo, recebemo-lo na *Casa de Luciá,* onde se hospedara, interrompendo assim a nossa acção nos programas das *Bodas de Prata do Colégio Leopoldo.* E o levámos ao *Lar de Jesus,* onde ele, como na *Casa de Luciá,* foi recebido pela criançada a ouvir o expressivo «*Bemvindo o amigo!*», elaborado, especialmente, para ele! Embora, a insistência do Nelson de Azevedo, dissessemos ao telefone, para suas *Selecções Espiritualistas,* que o visitante dispensava apresentação para os espíritos cultos que lêem e que sentem o Espiritismo. E gaguejámos. E nos entalámos para mais do velho hábito! Actuação deles, que prometeram entalar-nos? Na sua apresentação no *Fé, Esperança e Caridade,* para uma assistência que superlotou o salão, não dissemos nada...

A terceira das três coisas, a série de programas excelentes, em ambientes também diferentes, com que o *Colégio Leopoldo* comemorou as Bodas de Prata com o Ensino e a Educação na cidade, no município e na zona. Foram, efectivamente, programas cuja lembrança há de ficar na memória de todos. Ora, se pudemos presidir à reunião de 21, em que houve emoção até às lágrimas; se pudemos assisitr, para fazer justiça, a velhos companheiros de labor educativo, à sessão do dia 22, preparámo-nos, inùtilmente, para a sessão de sábado, no *Grupo Escolar,* e do domingo, 24 de Abril, no *Cine-Iguaçú.* Cólicas seríssimas, inesperadas, castigaram-nos na tarde e na noite de sábado. Vimos raiar, aniquilado, o domingo. Nem para ouvirmos as filhas do *Lar de Jesus* no seu *Salve o Papai!* Obra dos espíritos atrazados? Além dos pecados do espírito encarnado, a incapacidade orgânica de seu corpo somático...

O deputado Campos Vergal, que emprestou o brilho de sua palavra à comemoração de domingo, sabedor do que se passara, disse:

— Mas, você Leopoldo, ainda se deixa vencer por esses inimigos?

— Vencer, não. Mas quem lhe pode escapar à acção maléfica? As tentações são necessárias. Servem para experimentar a firmeza de nossa fé, escreveu Tiago. E o próprio Cristo fora tentado! E pôs no *Pater* o clássico apelo «não nos deixes cair em tentação, mas, livra-nos, Senhor, do mal». Logo, a tentação existe. Mas, ai daqueles que se deixam vencer por ela!...

E mostrámos-lhe a porta da secretaria do *Lar* com uma lasca tirada. Os ladrões tentaram, à noite, arrombá-la inùtilmente. Dissemos, então:

— Ladrões tentaram, por três vezes, arrombar esta porta. Não o conseguiram. Mas deixaram-na lascada. Os espíritos maus são outros tantos ladrões. Se não ousaram obsidiar os que sabem vigiar orando e orar trabalhando, sempre lhes arrancam umas lasquinhas. Ademais, se fosse para ouvir desaforos e diatribes, era possível que nós fôssemos, como comparecemos, enfermo e febril ao desafio, em 1946, do Padre Slater. Mas, para ouvir elogios... As emoções, como os elogios, são tão prejudiciais ao coração como as canceiras.

E teriam os maus espíritos, vencido?... Pensamos que não.

E damos graças a Deus por mais esta vitória.

AOS MÉDIUNS

A INCESSANTE LUTA DAS TREVAS

Era uma vez um grande médium inglês que produziu dois livros maravilhosos, logo traduzidos para outras línguas e divulgados pelo mundo todo. Ernesto Bozzano estudou as duas obras e deu-lhes todo o seu apoio moral em comentários imortais. Mas veio a tentação das trevas: se os livros, a favor do Espiritismo, haviam alcançado tal êxito, embora destinados a ínfima minoria da Humanidade, o que não faria um livro de acordo com a opinião da imensa maioria? Foi tão engenhosa a tentação que o escritor caiu: escreveu um terceiro livro desmentindo os dois primeiros, tudo atribuindo à ilusão; não há mediunidade nem eram mediúnicos os seus trabalhos, disse ele no terceiro volume.

Que desilusão! Esse terceiro volume não teve a aceitação esperada e morreu na primeira edição. Os adversários do Espiritismo mostraram-se indiferentes pelo assunto. E o nosso brilhante escritor desapareceu da circulação. As trevas o enganaram duas vezes: fizeram-no desmentir-se, prometendo-lhe a conquista do mundo, mas, apenas o viram por terra, abandonaram-no entregue à sua própria fraqueza.

Muitos dos nossos leitores conhecem os dois volumes mediúnicos aqui mencionados, mas bem poucos conhecem o terceiro volume. Os dois primeiros foram traduzidos e editados em português, mas não o terceiro.

Infelizmente são numerosas essas tristes quedas, triunfos da tentação que não poupou nem o Médium Divino, segundo o belo relato de Mateus, 4:8 a 11:

«*De novo o Diabo o levou a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e disse-lhe: Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares. Respondeu-lhe Jesus: Vai-te, Satanás; pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto. Então o Diabo o deixou; e eis que vieram anjos e o serviam*».

A tentação é sempre a mesma. prometem todas as grandezas materiais em troca da verdade espiritual; mas quase nunca podem cumprir o prometido, nem por isto se interessam; o infeliz sofre a decepção de duas quedas: perde os bens espirituais e não adquire os bens materiais prometidos.

Dois grandes médiuns brasileiros, um em 1932 e o outro em 1954, sofreram essa mesma tentação e, por mercê de Deus, venceram como Jesus. Não temos direito de mencionar nomes, mas os nossos leitores saberão adivinhar o que não podemos dizer por agora.

O primeiro caso ocorreu em 1932. Um jovem médium publicara um livro impressionante que anulava a fé materialista das multidões. Todos os intelectuais discutiam apaixonadamente a obra. Fácil era prever-lhe o glorioso triunfo a que se achava destinada.

Foi logo o moço procurado por um cavalheiro bem posto que se interessava pela sua sorte e dispunha de meios para ajudá-lo a conquistar excelente posição no mundo. Arranjava-lhe imediatamente uma função pública com vencimentos dez vezes maiores do que estava ganhando em sua aldeia e lhe deixava tempo para fazer um curso universitário completo. Mudar-se-ia imediatamente para uma capital, onde frequentaria o ginásio e depois a faculdade e conviveria com gente instruída; teria grandes bibliotecas à sua disposição. Um rapaz tão vivo e inteligente merecia toda a protecção em favor da Pátria, dizia o protector.

Os vencimentos iriam crescendo sempre com os estudos, de modo que ele poderia proteger muito a sua família pobre.

Toda a família ficou encantada com as perspectivas de um belo porvir e lá se foi o

rapaz para a capital, conhecer seu novo meio. Foi colocado em excelente apartamento e tudo se ia processando de acordo com as promessas e esperanças; mas o protector se abriu com ele. Não falava apenas em seu nome, era intérprete de um grupo de amigos que desejavam proteger o jovem e fazer dele o grande homem, como suas qualidades inatas prometiam. No entanto, havia uma condição necessária: O mancebo teria que fazer uma conferência pública, em cuja redacção colaboraríam seus protectores, dizendo num grande teatro, para depois ser impresso em toda a imprensa, que ele não era médium, não acreditava em Espiritismo; que seu livro era exclusivamente seu e a alegação de que eram de almas de mortos os escritos era simples fantasia literária para facilitar a divulgação da obra.

Era a grande cilada: feita a declaração escrita e lida diante de centenas de testemunhas e amplamente divulgada pela imprensa, estariam desmoralizados o jovem médium, o prefaciador de seu livro, a casa editora e consequentemente o próprio Espiritismo.

E como procederiam depois os «protectores»? Provàvelmente, depois de terem desmoralizado o rapaz, o correriam a ponta-pés, ou pelo menos o deixariam no mais absoluto abandono. Também os Espíritos superiores não poderiam mais confiar nele e teriam que abandoná-lo. Ficaria entregue aos infelizes Espíritos das trevas que nada de interessante podem produzir nem desejam produzir. Estaria desfeita sua missão mediúnica e não alcançaria também as grandezas mundanas que lhe haviam sido prometidas. Graças a Deus, só temos que fazer suposições sobre o que teria havido, porque o missionário reagiu como o Divino Modelo: «De modo algum eu faria essa declaração, porque ela seria inteiramente falsa! O livro realmente é mediúnico. Eu sou efectivamente um médium e nada mais».

Todas as promessas ficaram anuladas e lá se foi ele para sua aldeia, para sua pobreza, cumprir fielmente a missão. São decorridos vinte e três anos e ele já transformou a mentalidade de grande parte dos pensadores de sua Pátria com uma grandiosa série de obras-primas de mediunidade.

O segundo caso ocorreu em 1954.

Outro médium notável publicou dois livros excelentes e está preparando outros. Tem parentes abastados e bem instalados numa capital de Estado. Um desses parentes, representando a família toda, trouxe-lhe a proposta tentadora: farão grandes edições dos livros e ampla divulgação, empregando para isso seu prestígio e recursos económicos. Como os livros têm grande valor literário, terão imensa aceitação e produzirão uma verdadeira fortuna; mas terão que ser apresentados com novos prefácios, nos quais se diga que o aspecto mediúnico é fantasia e nada tem de verdade.

Surgiu uma longa demonstração de que os livros não são mediúnicos, pois que a pessoa que os escreveu tem desde a infância grande capacidade de fantasiar e um talento inato para a literatura. Até escreveu, na infância, de um só jacto, uma grande obra que não foi publicada. Tudo isto é verdade: muito antes de conhecer o Espiritismo, já era médium, sem o saber, e só veio a compreender seu suposto «talento», tão irregular, quando estudou o Espiritismo e começou a cumprir sua missão.

Por ISMAEL GOMES BRAGA

Também neste segundo caso a resposta foi negativa: o médium não caiu. Se houvesse caído, talvez não produzisse mais nada interessante. Seria uma decepção para os parentes e protectores que só apareceram nesse aspecto de tentadores.

Os nossos irmãos que trouxeram a espinhosa missão da mediunidade superior, reflitam sobre os perigos da tentação, e fiquem certos de que as promessas de grandeza material igualmente são ilusórias. Numerosos exemplos, que a caridade manda silenciar, já demonstraram que a queda vem em ambos os sentidos: espiritual e material.

(De *O Reformador*, Rio de Janeiro)

BAHIA

(Irradiado ao microfone de "Selecções Espiritualistas" do Rio de Janeiro)

Bahia foi o primeiro contacto com o Brasil grandioso. Que emoção não senti ao lobrigar a faixa costeira por entre as brumas aquáticas! Foi um deslumbramento em que evoquei glórias antigas e rezei como verdadeiro crente. Momentos deliciosos que não sei descrever! Deliciosos e reconfortantes, plenos de alegria de alma.

As primeiras casas são os primeiros «arranha-céus», erguidos entre verdura luxuriante e semelhando guardiões gigantescos na Torre de Vigia da cidade. Salvador é a terra mais portuguesa do Brasil. Sentimo-nos ali como em nossa pátria.

Os espiritas baianos esperavam o «Vera Cruz» e o forasteiro humilde, que aportava em dia de sol ardente, em baptismo tropical. Foi uma apoteose. As almas e os corações exaltaram de júbilo ante o abraço fraternal. Depois... expansões espontâneas, lágrimas nos olhos de uns e de outros, romance sem palavras que eu não traduzo, mas que hei-de sentir por toda a vida.

O primeiro contacto foi o primeiro bálsamo. Foi a certeza de que serei benvindo nestas paisagens maravilhosas e que me aguardarão como velho amigo. Eles também sentiram, também idealizaram. E não deixaram de evocar três ilustres arautos da Doutrina, baianos completos, na inteligência e no carácter: Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado e Deolindo Amorim. O primeiro, grande polemista, um dos maiores escritores espiritas modernos; o segundo, polígrafo eminente, educador e lutador que arruinou a saúde em viagens que perduram na memória dos coevos; o terceiro, pensador e escritor de fino quilate, estilo transparente, de inexcedível clareza, filósofo e jornalista de sólida construção. Nesse momento lembrou-me de Rui Barbosa, o titã que não será esquecido enquanto houver bom gosto literário, pureza de expressão e espírito de justiça.

Almoçámos no «Cólon», um restaurante português de feição acolhedora, e seguimos até à Rua General Argolo, mansão de Alfredo Miguel, cheia de alegria e espírito fraternal. Sua esposa, uma simpatia; sua filha casadoira ia celebrar, dentro de uma hora, o acto nupcial; seus outros filhos, bem dispostos e saltitantes, espalhando boa disposição em toda a casa.

Fomos saudados com champanhe e ouvimos palavras que soaram como arpejos e reflectiram vivas amizades. Alfredo Miguel foi preciso na espontaneidade. Disse coisas que não mereciamos, mas que calaram fundo em nosso coração agradecido.

Respondemos, em confusão emotiva. Por fim um grande abraço assinou a expressão, em ponto final oportuno.

Abílio da Silva Lima, grande espirita e grande obreiro, verdadeiro criador e impulsionador do «Luz da Verdade» em que Alfredo Miguel deixou retalhos da sua inspiração e do seu verbo eloquente, expandiu coisas que mais aumentaram a minha perplexidade. Orlando José de Barros — uma alma que sobe aos olhos — foi de amabilidade indescritível. Um amigo que espera o amigo para o acompanhar em tudo. E o Manuel Coelho da Cruz, outro companheiro dilecto que prometem apoiar e secundar a minha visita à Bahia em preconcebido roteiro.

Salvador, terra acolhedora, berço de heróis e mártires, solo regado de sangue português, eu te saúdo nesta rota sacrossanta! O abraço que te deixei levo-o comigo numa prece veemente. Abraço de amizade é fluido que se dá e volta a nós para enternecer. Levo-o comigo, viverá comigo sempre, ligado à memória, porque os momentos divinos da existência engastam-se em moldura espiritual que o tempo não destrói, nem apaga.

Bahia, antecâmara do Espiritismo brasileiro, tabernáculo de joias de escrínio, alfobre de mensageiros dispostos ao sacrifício dos bens terrenos para erguer bem alto o lábaro da Fé que redime! Como me sinto bem depois deste beijo votivo! No Rio, em S. Paulo, em Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Vitória ou Recife, não mais te esquecerei, tão impressiva foi a nota que vibraste em meu ser palpitante!

Bahia, floração gentil, berço de novos mareantes! Teu passado histórico envolve expressões lendárias, é a oração votiva dos primeiros colonizadores que do Restelo de Qui-

Maio, 55

SOLILÓQUIO

É *bem certo: «escrever é semear».*

Quem escreve semeia idéias, pensamentos que tomam forma de conceitos, fórmulas, provérbios, sentenças, adágios, aforismos, rifões, história, legislação, ciência, arte, filosofia e outras, e muitas outras expressões diversas que permanecem pelos tempos fora, que germinam e dão frutos e produzem os mais variados efeitos em quem lhes dá crédito e acolhimento.

A seu tempo, os semeadores de tais sementeiras receberão a merecida maquia.

Com efeito, quem escreve semeia, e quem semeia, colherá — fatalmente — daquilo que tiver semeado. Eis porque, a fatalidade nem sempre é um mero incidente ou acidente fortuito; vezes sem conto, a fatalidade é a consumação de certos efeitos cujas causas, próximas ou remotas, ignoramos.

O fatalismo dá cabal testemunho da lei de causalidade; põe em relevo a sua primeira condição de infalibilidade e a constante relação entre causa e efeito; se a causa é ruim, o efeito é ruinoso.

O condicionalismo também confirma a causalidade; qualquer sistema condicional se fundamenta em premissas por causa das quais se espera obter determinados efeitos; e assim se engendra o determinismo que é — rigorosamente — um sistema causal; a causa determina o efeito.

O dia sucede à noite e a noite ao dia; a periodicidade das marés, dos solstícios e demais movimentos deste planeta que habitamos, sucedem também por causa das condições prèviamente estabelecidas que regulam o nosso sistema solar; em qualquer sistema de procedimento, periòdicamente ou não, o efeito sucede à causa, impreterìvelmente.

Decerto quem escreve semeia bem se o preceituado das suas produções tiver o condão de conduzir dignamente, quem quer que, confiado, se guie por ele; então, os benefícios que advierem de tal sementeira, constituirão auspiciosa colheita para o seu semeador: «quem dá tem a haver». Mas se a contextura das produções de quem escreve puder induzir alguém em erro, ou a cometimentos menos dignos, então a colheita de tais frutos será ruinosa para quem os semeou: «quem semeia ventos, colhe tempestades».

Assim como o agricultor prepara as terras, escolhe as sementes e cuida das sementeiras, na esperança de conseguir bons frutos e abundantes colheitas, também cada um de nós, em cada dia, deverá ter muito cuidado na escolha dos seus pensamentos, das acções que praticar, das palavras que proferir e mormente as que escrever, de modo que o seu procedimento constitua boa sementeira e dela consiga uma óptima colheita: «a cada um conforme as suas obras».

Enquanto os resultados agrícolas são incertos por causa das variadas contingências atmosféricas, insectíferas e outras, os resultados do procedimento humano, são sempre certos, de igual quilate e da justa medida do seu merecimento.

A causalidade encerra a chave da melhor solução dos problemas da vida humana, individual e social, e, consequentemente, da vida e da cultura do espírito, fora do tempo e do espaço.

A causalidade é o mais claro indicativo de como se deve agir para se colher o melhor proveito evolutivo: «assim como fizeres, assim acharás».

É por força da lei de causalidade que a violência gera violência, o ódio gera ódio, e o amor gera amor.

MANUEL CAVACO

nhentos rumaram ao Oceano, dando mundos ao mundo e plasmando uma raça criadora! Essa raça já se está afirmando em realizações que espantam pelo desígnio e pela grandeza inofuscável.

Foi Nelson de Azevedo que permitiu esta saudação ao microfone de «Selecções Espiritualistas». Para ele vai um pedaço de meu coração agradecido.

Que estas palavras sejam pétalas, embora emurchecidas, a juntar à grinalda do teu florilégio harmonioso e perfumado.

Bahia, antecâmara de heróis, poetas, escritores e professores! Até breve! Voltaremos à comunhão das almas, voltaremos ao abraço dos corações!...

TERRAS E SÓIS

Por ANSELMO PAERMENTIER

Ao contemplar os astros no céu de uma noite escura, temos a impressão de que o isolamento, o silêncio e a inércia reinam como soberanos absolutos na vastidão do Universo infinito.

Não deixa de ser uma mera ilusão dos sentidos, influenciados por uma mesquinha concepção, longo tempo sustentada, de que o Universo era um lugar circunscrito à terra que habitamos.

A ciência astronómica por um lado, ligada ao sentido espiritual que invariàvelmente devemos ter das coisas, sob pena de cair no erro a cada instante, nos conduzirá pelo céu, em viagens siderais, para maior e melhor apreciação da obra Divina; e então, o espectáculo grandioso que o céu nos oferece, revela-nos o poder de Deus em todo o seu esplendor.

E ao contemplarmos, de novo, o infinito, compreendemos que essas estrelas que aparecem aos nossos olhos como pontos luminosos, apenas perceptíveis, são focos radiantes, vindos da imensidade, cujas luzes iluminam as terras do céu, onde outras humanidades, essencialmente como a nossa, ou talvez mesmo com formas idênticas, cumprem a sua missão cíclica evolutiva, avançando na escala do progresso para destinos superiores.

Vamos inserir aqui alguns dados — a todos os títulos necessários — para podermos internar-nos no campo das maravilhas da criação, muito embora o nosso anacrónico sistema de pensar a tal respeito, possa sofrer um grande e inesperado, mas salutar, abalo. Ele se explica pelas imensas perspectivas que se abrem ao espírito, sempre sequioso de infinito e de eterno, ansiando por ir mais além... cada vez mais longe, em busca do sol da verdade.

Vejamos: Sabemos que a velocidade da luz é de trezentos mil quilómetros por segundo. Para chegar à terra, a luz de uma das estrelas mais próximas, a alfa da constelação do Centauro, gasta três anos e meio; catorze da estrela Sírius; vinte e cinco da Vega.

A luz que nos envia a estrela Polar, gasta cincoenta anos desde o instante em que é emitida, e a Cabra setenta e dois... viajando sempre a essa fantástica velocidade!... E há outras cujos raios luminosos nos chegam após mil, cinco mil, dez mil, cem mil anos...

Estas cifras fantásticas dão, ainda muito superficialmente, a medida da grandeza da obra Divina. É indispensável profundar mais, e para isso passaremos aos tamanhos, tendo como termo de comparação o nosso globo que julgamos enorme.

Longe disso. Dados astronómicos que a seguir se indicam, mostram que o nosso planeta — o único da criação, segundo certas concepções — não passa de um grão de pó «nas muitas moradas que há na casa de meu pai».

Urano é sessenta e cinco vezes maior; Neptuno, planeta situado nos confins do nosso sistema solar, pois está à distância de quatro mil quatrocentos e setenta e oito milhões de quilómetros do mesmo sistema, é oitenta e cinco vezes maior; Saturno, com o seu tríplice anel e múltiplas luas e que faz a sua viagem à roda do sol em trinta anos, é oitocentas e sessenta e quatro vezes maior do que a terra; e para igualar o colossal Jupiter seriam necessários mil e trêzentos globos como o nosso!...

Se até aqui não nos surpreendemos muito, embora nos pese a grandeza da diferença que existe, vemo-nos obrigados a dizer que o Sol, esse Sol que todos os dias temos a inefável dita de ver com os seus raios luminosos e os seus benefícios como astro indispensável à vida na nossa esfera, esse sol, repito, tão próximo de nós, pois só cento e quarenta e nove milhões de quilómetros nos separam dele, é, nada mais nada menos, do que um milhão duzentos e oitenta mil vezes, números redondos, maior do que o nosso mundo. E não julguemos que este colosso celeste é o maior de todos; espalhados pelo éter, pululam como enxames, milhares, milhões de mundos e de sóis, mais volumosos do que ele, inacessíveis à nossa vista desarmada, mas não à do telescópio, que os capta, como o microscópio capta o infinitamente pequeno. Se apenas déssemos crédito ao que os nossos pobres sentidos físicos nos deixam ver, que longe estaríamos dessas facetas da verdade!...

Pelo que respeita ao pretendido silêncio e inércia, vejamos as conclusões a que chegou um dos muitos espíritos evoluídos que passaram pela terra: «Tudo caminha, tudo se transforma, tudo resplandece de vida e actividade. Visto de longe, abraçado pela visão investigadora do filósofo, que abstrai do tempo e do espaço, o Universo é um conjunto gigantesco de sistemas estelares, no qual os sóis radiantes, os planetas magníficos, os cometas flamejantes e todas as criações etéreas se cruzam, se buscam, se sucedem incessantemente, arrastados por um movimento perpétuo através as diversas vias por onde os conduzem as leis divinas. Ali existe a vida e não a morte, a actividade e não o repouso, a luz e não as trevas, a harmonia e não o silêncio, as transformações sucessívas das coisas existentes e não a imobilidade e a inércia. Para ali, para ali especialmente, é que devemos olhar para conhecer a realidade da criação, e não para este grãozinho de areia em que estamos encerrados...» (1).

E penetrando mais profundamente em suas concepções, agora espirituais, sobre a grandiosidade da obra do ser Supremo, continua este espírito de eleição, até penetrar, como ele diz, «mais além dos limites mais recuados da nossa imaginação»:

«...Mais além da terra, mais além do espaço onde se perdem os olhares assombrados dos mortais, do outro lado dos céus, o mesmo espaço se renova incessantemente. Ao espaço sucede-se o espaço; à extensão sucede-se a extensão. O poder criador desenvolve ali, como aqui, o turbilhão incompreensível da vida, e incessantemente, através dos espaços infinitos do Universo se sucedem os sóis e os mundos...».

«Estenda-se o nosso voo ao infinito. Para além dos limites mais distantes que a nossa imaginação, avançando sempre, possa marcar a esta Natureza inconcebìvelmente productiva, a mesma extensão e a mesma Natureza existem sempre, sem fim algum possível, e encontramos até ao infinito, senão uma renovação de mundos cheios de opulência e de vida, pelo menos um espaço sem limites onde essas flores do céu podem desabrochar e desenvolver-se. É o império de Deus, cujas fronteiras não poderíamos alcançar mesmo que vivessemos uma

A Vida do Homem

Por J. C. MOREIRA GUIMARÃES

Presados irmãos. Que a luz do Divino Mestre ilumine as vossas almas e conduza os vossos passos pelo trilho abençoado do Amor e do Perdão.

«A vida do homem — disse o imortal Shakespeare é uma teia tecida de bons e de maus fios». Profundo conhecedor da alma humana, o genial trágico inglês definiu, maravilhosamente, neste pensamento, a vida do homem.

Toda a criatura, inegàvelmente, tece por suas próprias mãos a trama complicada do seu destino, que outra coisa não é senão a consequência necessária do seu procedimento, dos seus actos passados e presentes.

A sucessão dos acontecimentos que acompanham a trajectória humana do berço ao túmulo e mesmo para além dele; o desenrolar desse fio misterioso do grande novelo da vida, orienta-se tanto para o sentido do bem como para a direcção do mal, tal seja o estado evolutivo do indivíduo.

O bem e o mal refletem-se nas atitudes, na conduta, na maneira de agir que cada um se impõe a si mesmo. Os fios bons, os fios fortes, resistentes, inquebráveis da teia figurada pelo grande Shakespeare, representam os pensamentos nobres, as virtudes sublimadas, o procedimento recto, os exemplos de amor que enobrecem o homem; os fios maus, de si mesmos frágeis, quebradiços, sem resistência, de efémera duração, simbolizam a inferioridade, a imperfeição, a ignorância, a cegueira em que se debate o espírito humano, a sua precaríssima condição moral, que o leva à prática de actos menos fraternos, que o compele, em suma, a atitudes totalmente contrárias aos princípios consagrados na *Mágna Carta* que regula a vida moral das criaturas e das colectividades, ou seja o insuperável *Evangelho* do meigo Rabi da Galileia.

Quando essa *Mágna Carta* se impuzer à meditação, ao estudo e à orientação de todas as sociedades humanas, a vida do homem não mais será *uma teia tecida de maus fios,* mas exclusivamente urdida de *bons fios,* vale dizer, os laços, os fios fortíssimos e indestrutíveis do Amor cingindo as almas nos elos indissolúveis da *Fraternidade,* unindo-as *ad aeternum* para o Bem, para a Paz, para a Verdade.

Só o Amor, todo feito de renúncias e de sacrifícios, de perdão e de esquecimento, pode entrelaçar os corações e prender as almas nos maravilhosos fios da aproximação fraternal; sòmente ele, o Amor divino e puro, qual o sentiu e viveu o Cristo Amado, tem o extraordinário poder de transfigurar e converter o ímpio de hoje no santo de amanhã.

Busquemos, pois, a fonte onde se espelha esse grande Amor, ou sejam os ensinos de Jesus, *em espírito e verdade,* quais no-lo apresentam os Espíritos do Senhor na excelsa Revelação codificada por Allan Kardec, e com eles teçamos a teia de uma vida nova, estruturada nos fios bons da Caridade sem fronteiras, nos fios fortes do Amor ao próximo como a nós mesmos.

Caríssimos leitores, fique convosco a paz do Mestre dos Mestres e «que o amor único de Deus inspire sempre todas as almas para o bem».

(Rio de Janeiro)

---

eternidade para levar as nossas investigações além de tudo o que se possa imaginar!...

«Leitor, detenhamo-nos e expressemos aqui, francamente, a ideia que fazemos da Terra. Ah!, se a nossa visão fosse suficientemente penetrante para descobrir, ali onde não distinguimos mais do que pontos brilhantes sobre o fundo azul do céu, os sóis resplandecentes que gravitam no espaço e os mundos habitados que os seguem; se nos fosse dado abarcar de um só olhar esses milhares de sistemas solidários, e se avançando com a velocidade da luz, atravessassemos durante séculos e séculos esse número ilimitado de sóis e de esferas, sem jámais parar nessa imensidade prodigiosa onde a Natureza fez germinar os mundos e os seres; se, olhando para trás, mas não sabendo já em que ponto do infinito se encontrava este grão de pó a que chamam Terra, nos detivessemos, fascinados e confundidos por semelhante espectáculo, e unindo a nossa voz ao concerto da Natureza universal, diríamos, do fundo da nossa alma: Deus Todo Poderoso! Quanto insensatos fomos em acreditar que nada havia para além da Terra, e que a nossa pobre morada tinha, só ela, o previlégio de reflectir a tua grandeza e poderio!» (2).

---

(1) C. Flammarion — *A pluralidade dos mundos habitados* — Vol. I.

(2) Idem, Idem.

IV

Avant même, cependant, qu'un être vivant trouve dans l'accident qui le mutile l'occasion de manifester son pouvoir de régénération traumatique, il utilise dans de l'usure entrinée de régénération physiologique souvent beaucoup plus étendu qu'il ne parait la vie quotidienne, du seul fait au premier abord. (J. Millot — Traité de Phys. Norm. et Path. de Roger-Binet, vol. XII, pag. 135, ed. 1940).

Até aqui focalizámos o poder plástico dos seres vivos na sua manifestação mais ostensiva: a regeneração das mutilações.

Entretanto, além dessa faculdade extraordinária, mercê da qual certos organismos conseguem reconstruir, de acordo com o modelo anterior, uma peça roubada à estrutura do corpo, há a assinalar, em todos os seres vivos, uma plasticidade menos aparente e, não obstante, de maior significação. Referimo-nos à notável capacidade de manter a forma corporal, apesar da renovação incessante do material, que entra na construção do organismo dos seres dotados de vida. Na verdade, é facto de observação a desagregação constante de elementos destacados da economia orgânica.

Uma gota de qualquer excremento conterá sempre células degeneradas que, por envelhecidas e incapazes de preencher as finalidades fisiológicas, foram substituídas por outras, novas. A renovação das unhas, do pêlo e dos dentes, são, no homem, fenómenos que chocam a atenção. Contudo, não é nesses tecidos que notamos os maiores prodígios da força que dirige as substituições dos elementos constituintes do organismo. Não. No sangue, por exemplo, onde o trabalho da natureza se processa às ocultas, indevassável aos olhos dos curiosos, mas já pressentido, em sua plenitude maravilhosa, pela luneta indiscreta do investigador renitente, no sangue, a renovação dos elementos efectua-se com uma perfeição pasmosa!

E se, na maioria das vezes, não podemos perceber claramente a renovação periódica de todos os elementos histológicos do organismo, à medida que vão perdendo a vitalidade, é, certamente, porque as técnicas actuais nos colocam ainda bem afastados da realidade dos fenómenos biológicos. O que não resta dúvida, porém, é que a regeneração fisiológica, isto é, a substituição dos elementos histológicos gastos por força das próprias funções que exercem, não é apanágio de alguns órgãos privilegiados. É, pelo contrário, *uma propriedade geral, pertencente a todas as células.* Assim sendo, é tão admirável que um organismo, cujos elementos fundamentais estão sendo frequentemente substituídos, possa manter a forma corporal, plasmada sempre dentro de um plano arquitectónico específico, quanto é surpreendente que, uma vez mutilada, esta forma se recomponha com perfeição. Este facto, de suma importância, não tem, entretanto, merecido — pensamos nós — a devida atenção dos biologistas.

Ainda mais: se deixarmos à margem este fantástico turbilhão vital, que renova, célula por célula, toda a anatomia dos viventes, para penetrarmos um pouco mais no âmago da vida, encontraremos, *dentro da célula, a renovação incessante, molécula a molécula, dos elementos químicos da matéria.*

De facto, os seres vivos estão, em comércio constante com o ambiente, a trocar, sem interrupção, os materiais e as energias de que necessitamos para contrabalançar as despesas consecutivas ao desempenho das funções vitais. *Pode-se asseverar, portanto, que, ao fim de um certo tempo, não subsistirá um único átomo, sequer, daqueles que primitivamente estavam incorporadas no protoplasma das células germinais!*

Assim sendo, a menos que se admita a hipótese da existência de um factor estável, actuante à guisa de um campo de forças, na organização da matéria, dificilmente se logrará compreender como é possível, em meio deste perpétuo movimento de decomposição e de recomposição, de absorção e de excreção, que constitui uma das características fundamentais dos seres vivos, já não dizemos a regeneração de amputações, mas a própria conservação da *forma do corpo,* nos moldes peculiares a cada espécie. Noutros termos: sendo a vida, em si mesma, caracterizada por intenso dinamismo, e estando a matéria viva agitada sempre, pelo fluxo e refluxo das permutas com o ambiente, não será fácil conciliar esta instabilidade, esta agitação, este dinamismo vital com a estética da forma. Ao contrário, tudo nos induz a supor que, a não aceitarmos a presença do *fluido vital,* elemento muito mais estável do que a matéria, não seria nunca exequível a modelagem da matéria viva, dada a verdadeira transubstanciação, em que se encontram, sem cessar, os seres vivos. Sacudida pelo dinamismo vital, a matéria viva seria, então, como o Proteu das «Geórgias»... Mudaria de forma ao talante das trocas metabólicas. Um aspecto a cada momento. Nunca idêntico a si mesmo, o ser vivo, rodopiando à maneira duma visão caleidoscópica, jamais, em dois momentos, tomaria a mesma conformação, a não ser que, por uma coincidência incrível, nestes dois momentos, todos os factores intrínsecos e extrínsecos se equivalessem matemàticamente.

A vida seria essencialmente *passiva.* Manifestar-se-ia apenas pela faculdade de responder aos estímulos exteriores, como ainda hoje pensam alguns materialistas. Justamente o oposto do que se conclui, quando se observa mais detidamente a extraordinária capacidade de adaptação dos organismos às condições ambientes. Não, a vida não é reacção apenas. A vida é acção. Tem uma existência real no fluido vital. Mas escapa ainda à observação directa e à percepção normal dos sentidos. É por isso que nós damos conta dela através das modificações que imprime à matéria bruta...

Bem sabemos quanto estas ideias se contrapõem aos preceitos dos que, fazendo o protoplasma «a base física da vida», não concebem, entretanto, a vida como um *princípio,* e sim como uma resultante da harmonia funcional dos seres vivos.

Acreditamos, não obstante, e acreditamos firmemente, não estará longe o dia em que novos descobrimentos e novas técnicas colocarão os sábios em contacto com muitos

O Fluido Vital e os Fenómenos

PELO DR. R.

factos capazes de revelar a vida *fora da matéria*, ou, pelo menos, independente desta matéria, tal qual actualmente se concebe.

Então, ruirá o preconceito e a verdade surgirá.

V

> *Há, certamente, no organismo vivo, muitas manifestações, que são manifestações físicas das energias conhecidas: mecânica, química, térmica, etc. Mas serão dessa ordem todas as manifestações do ser vivo? (A. Dastre — A Vida e a Morte — pág. 109).*

Em todos os seres vivos — animais e vegetais — distinguem-se duas categorias de fenómenos: fenómenos materiais ou físico-químicos, e fenómenos fisiológicos ou vitais. No homem, entretanto, e no homem exclusivamente, manifesta-se mais uma categoria, a dos fenómenos psicológicos ou espirituais. Estes fenómenos são de tal forma

Biológicos e Metapsíquicos

PENA RIBAS (Continuação do número anterior)

interdependentes, que, embora irredutíveis sob certos aspectos, normalmente não se dissociam. Daí a confusão dos biologistas e dos psicólogos, que, influenciados por um conceito monista, unitário, materialista, que aprisiona o universo inteiro nas cadeias de um sistema puramente mecânico, insistem em reduzir a vida, e mais do que a vida — a vida do homem — à simples expressão duma retorta de laboratório, sintetizando-o nos sais da garrafa de Moleschott...

Ninguém poderia contestar que os fenómenos vitais se manifestam através de um mecanismo físico-químico. Mas é preciso não confundir o mecanismo com o mecânico. Também não se contesta que, normalmente, as faculdades espirituais se manifestam através do sistema nervoso. Daí a confundir o cérebro com o espírito e o pensamento com uma secreção celular vai uma grande distância. Seria confundir o pianista com o piano...

O que caracteriza a vitalidade é justamente a faculdade de regular e de modificar, ao sabor das circunstâncias, de acordo com as necessidades do momento, o mecanismo físico-químico. Noutros termos, a *força vital ou, melhor, o fluido vital* prevalece sobre todas as finalidades do organismo. Mais do que isto: o *fluido vital* actua como campo de forças, regulando a disposição material dos elementos constituintes do organismo, desde a fecundação até a morte, que é exactamente a consequência do esgotamento do fluido vital. Vale dizer que o crescimento, da infância à velhice, e, portanto, a *regeneração fisiológica* e a regeneração química, célula a célula, molécula a molécula, dependem, primàriamente, do *fluido vital*. O mecanismo físico-químico, neuro-glandular, é secundário. É o *instrumento*, pelo qual o *fluido vital* exerce a sua actividade. *Instrumento* e não *agente*, como geralmente se pensa. O erro dos fisiologistas é considerarem o organismo como um todo acabado, ao invés de encará-lo como um elemento em *constante renovação*. A célula morta, ao microscópio, dá ilusão de imobilidade, de equilíbrio. Um organismo qualquer, contemplado com os órgãos grosseiros da visão, dá-nos a impressão de uma massa compacta, de forma estável. Pura ilusão. Todo o ser vivo está animado de um dinamismo estupendo, e troca, a cada momento, o material de sua composição, com outro, novo, retirado do ambiente. Nestas condições, a manutenção da *composição* e da *forma* dos seres vivos seria impossível, se, neles, um elemento mais estável que a matéria — o *fluido vital* — não congregasse os átomos e não regulasse o funcionamento geral do organismo. Já insistimos nesse assunto. Por isso, não vamos teimar.

Fixemos, contudo, a atenção no controlo que o fluido vital exerce sobre as forças físico-químicas. Bohr, sábio fisiologista de Copenhaga, estudou «com extremo cuidado» as trocas gasosas, que se processam entre o ar e o sangue, dentro do pulmão. Os dois elementos — líquido sanguíneo e mistura gasosa — estão apartados apenas por uma ténue membrana viva. Nestas condições, se a membrana fosse inerte, dever-se-iam observar sòmente fenómenos físicos. As trocas far-se-iam de acordo com as leis de difusão dos gases. No entanto, não é o que se verifica. Vamos dar a palavra a Dastre, que é insuspeito:

«Os elementos vivos da membrana pulmonar intervêm no fenómeno físico. Tudo se passa como se os gases, que se trocam, estivessem submetidos não a uma simples difusão, facto físico, com as suas regras fixas, mas a uma verdadeira secreção, fenómeno fisiológico ou vital, obedecendo a regras fixas também, mas diferentes das primeiras».

Outro exemplo notável de modificação impressa às leis físico-químicas pelo fluido vital é o que podemos tomar emprestado ao autor de «A Vida e a Morte», a respeito das investigações de Heidenhain, de Breslau. Estudando as trocas dos líquidos no interior do organismo, este professor concluiu que as leis físicas — da difusão, da osmose e da diálise — não são estrictamente obedecidas, mas que, ao contrário, a vitalidade da membrana viva, constituída pelas paredes dos vasos sanguíneos, *modifica de tal modo os fenómenos que lhes imprimia a feição de um acto psicológico.*

Poderíamos multiplicar os exemplos. Estes dois bastam, não obstante. Quase todas as trocas, que se efectuam no corpo humano, e também nos demais organismos vivos, sejam efectuadas pela digestão, sejam operadas pela respiração, ou são trocas gasosas, ou são permutas de líquidos e de corpos em solução. Num e noutro caso, as leis físico-químicas não se manifestam da mesma forma que nas experiências de laboratório. Não. A membrana viva modifica o mecanismo das trocas. Grava-lhe o selo da *vitalidade*.

Realiza as permutas energéticas, seleccionando e combinando os materiais, como se fosse dotada de inteligência e objectivasse uma *finalidade*.

Esse prodigioso *modus operandi*, apanágio dos fenómenos biológicos, constitui um dos mais graves mistérios da Natureza. Até hoje nenhum sábio logrou desvendar o desconcertante enigma. O terrível segredo jaz oculto atrás do véu de Ísis...

Contudo, o enigma não se nos afigura de todo em todo indecifrável. A chave encontra-se na fenomenologia mediúnica, máxime nas ectoplasmias, ou teleplastias, vul-

MEDITANDO

Por EMÍLIO RINCON PERES

Muito se tem escrito sobre a identificação dos «pobres de espírito» de que nos fala o Evangelho segundo S. Mateus, ao capítulo V.

Mais um que pergunta: Quem são os pobres de espírito?

Mais um que responde e, se o não pode fazer com acerto, que o realize com humildade e sem pecado.

OS POBRES DE ESPÍRITO SÃO OS QUE NÃO SE REVOLTAM.

Jesus, no seu discurso em que falou das bem-aventuranças, dirigiu-se não só aos discípulos mas, presumimos, a «grande multidão». Assim, exprimia-se para o povo, dizendo-lhe que eram bem-aventurados os pobres de espírito, ou melhor, os que esse povo considerava como sendo pobres de espírito, pois, em verdade, esses pobres são ricos perante Jesus e o Pai e a quem Ele o revelar, tão ricos que até deles é o reino dos céus!

Por paradoxal que pareça, os pobres são ricos; pobres perante os homens, ricos perante Deus. Se assim não fora, como possuiriam eles o reino dos céus?

Falava Jesus daqueles que o homem julga como pobres de espírito, dos que se resignam perante qualquer aparência de infortunio, dos submissos, enfim, dos que não se revoltam!

Parece confirmar este juizo os versículos seguintes, que dão como igualmente bem-aventurados os mansos, os que choram, os que têm fome de justiça, os misericordiosos, os limpos de coração, os pacíficos, os que padecem perseguição por amor da justiça e ainda os injuriados e perseguidos, os difamados por Seu respeito. Para tudo isto se sofrer com proveito espiritual, tem-se de estar isento de revolta.

Sim, os que não se revoltam podem enquadrar-se nos restantes bem-aventurados, mas só assim compreendem os que estiverem em condições para tal, porquanto o homem vulgar os considerará sòmente como muito simples «pobres de espírito», desconhecendo-os como os verdadeiros armazenadores de tesouros no céu, dos possuidores do próprio reino dos céus!

Qualquer que seja a verdade, parece, contudo, demonstrado, que muitos ricos em espírito são os chamados pobres de espírito, porque, se assim não fora, não teriam a limpeza de alma que é o passaporte indispensável para entrar na bem aventurada mansão do Além a que chamamos Céu!

garmente conhecidas sob a denominação de materialização dos fantasmas. E também nas desmaterializações dos corpos dos médiuns—fenómeno verdadeiramente assombroso.

Desde as afamadas experiências de William Crookes, ficou cientificamente demonstrado que a materialização dos fantasmas se processa às expensas das energias vitais extraídas, misteriosamente, do organismo do médium.

Comprovado está, também, que, quando as condições são favoráveis, o corpo do fantasma materializado é exactamente idêntico ao corpo humano — a mesma forma, a mesma estrutura, a mesma composição, as mesmas funções. Prova disso é a eliminação de gás carbónico com o ar expelido pela expiração do fantasma — facto verificado, mediante a turvação da «água de barita», por Charles Richet, o maior fisiologista da sua época.

Por outro lado, a desmaterialização e a rematerialização dos médiuns — factos constatados por vários sábios desde o século passado — sem que daí resultem quaisquer consequências fatais, observando-se, apenas, em alguns indivíduos, acentuada sensação subjectiva de estafa e de esgotamento orgânico, comprovam que a estrutura do corpo humano é mantida por uma força plástica (fluido vital), que, em determinadas condições, pode desagregar os elementos celulares, e, novamente, tornar a agregá-los, de acordo com o arquitecto primitivo, sem que, por isso, a vida deixe de existir, pois terminadas as manifestações, o médium volta ao estado normal, reintegrado no seu todo psicossomático, sem qualquer distúrbio de sua individualidade!

Tais factos atestam que os fenómenos vitais são governados por forças psíquicas, não equacionadas pelos bioquímicos, nem pelos biofísicos, mas perfeitamente verificáveis nas experiências espirituais.

E como seria absurdo emprestar ao *fluido vital* a ciência necessária à produção desses maravilhosos fenómenos de materialização e de desmaterialização do corpo humano — fenómenos que, na verdade, nada mais são do que um grau superlativo da admirável *regeneração fisiológica*, que se efectua, incessante, nos biliões de células do nosso organismo sem que disso tenhamos a mínima consciência — força é admitir que entidades extracorpóreas, espirituais, se encarregam da construção, da manutenção e da diuturna renovação dos organismos de todos os seres vivos, actuando sobre os elementos materiais do corpo através do poder plástico do *fluido vital*, que é, também, muito sensível à radiação do pensamento, à *energia psíquica* como se verifica pela influência que as convicções dos assistentes podem exercer na produção dos fenómenos mediúnicos.

É patente que tais ideias se apartam inteiramente dos actuais conceitos científicos. Pouco importa, porém. A verdade evolui em paralelo à mente humana. Seria veleidade estulta admitir que a Ciência actual é o *nec plus ultra* da sabedoria humana. O facto é que a hipótese aqui aventada não destrói realmente nada do que está demonstrado pela Ciência. Apenas dá aos factos outra interpretação, abrindo novos horizontes à investigação dos fenómenos biológicos, e colocando a medicina face a face com o problema do vitalismo que poderá revolucionar seus métodos terapêuticos, induzindo os clínicos a abolirem as drogas tóxicas, que agridem as células enfermas, e a empregarem, de preferência, como há mais de um século estão fazendo os homeópatas, medicamentos dinamizados, «desmaterializados», dotados de enorme energia curadora, que actuem vibratòriamente sobre o *fluido vital* dos tecidos afectados, exercendo nas células doentes acções catalizadoras instantâneas, que explicam as curas assombrosas da Homeopatia!

(Da SEPE, de Niteroi, Brasil)

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

(7)

ANTECEDENTES PSÍQUICOS

Se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, conforme preceitua a doutrina anti-reencarnacionista, todas que o Criador aprouve enviar a este mundo deveriam, necessàriamente, ser iguais. Deveriam, pelo menos, ostentar o mesmo padrão de virtudes, visto que das mãos de Deus, blásfemo fora admitir que elas procedem eivadas de vícios.

No entanto, não é preciso ser psicólogo para se saber que desde a tenra idade física suas desigualdades vão se patenteando gradualmente, quer em relação às vocações naturais como às qualidades distintivas do carácter.

Todavia, sendo a justiça um dos atributos do Criador, a razão nos diz que Ele não pode ter criado as almas desiguais; isto é, a umas outorgando certos privilégios e prerrogativas e a outras negando essas vantagens. Então força é convir, tomando como nossas as palavras do Espírito de São Luís, numa mensagem inserta em O Evangelho Segundo o Espiritismo, *que «Deus estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder».*

«Se notamos tanta diferença entre os homens, essa diferença traduz o modo como eles exerceram o livre arbítrio desde as primeiras encarnações dos seus Espíritos neste planeta. As almas humanas, elucida por sua vez o filósofo Léon Denis, estão mais ou menos desenvolvidas segundo suas idades e principalmente segundo o emprego que fizeram do tempo que têm vivido; não fomos todos lançados no mesmo instante no turbilhão da vida; não temos caminhado todos a passo igual; não temos desfiado todos, do mesmo modo, o rosário de nossas existências.

Naturalmente os que cumpriram a lei, adiantaram-se na senda do bem e do progresso; os que a transgrediram e negligenciaram o dever, atraíram sobre si o sofrimento e retardaram-se.

Para se conhecer os antecedentes psíquicos, basta observar a índole das criaturas, os sentimentos intrínsecos que definem e realçam suas individualidades. A alma ao renascer traz uma síntese do seu passado. O seu saber ou a sua ignorância, a sua nobreza ou a sua corrupção, ela desde cedo o demonstra, independente do meio, da educação e da influência ancestral.

Quando, por exemplo, duas pessoas inteligentes se aplicam ao estudo de uma matéria — uma, assimilando com facilidade os menores elementos, enquanto que a outra só à custa de muito trabalho e aplicação consegue penetrá-la, — a ilacção a tirar é que aquela já possuia conhecimento dessa matéria, ao passo que esta última se encontra pela primeira vez a trato com tais questões. Tal é o caso dos autodidatas.

(8)

OS AUTODIDATAS

Na verdade, é curioso, é estranho, o caso dessas pessoas que se elevaram, projectando-se, principalmente nas letras, e alcançando notoriedade, sem nunca terem cursado uma escola superior ou tido mestres particulares que as ensinassem. Instruíram-se por si mesmas; e muitas, em virtude de seu estado de pobreza, nem de livros, em quantidade suficiente, dispuseram. No entanto aprenderam, adquiriram cultura, grangearam fama, e na história literária de todos os povos seus nomes aparecem num lugar de destaque.

Por toda a parte e em todos os domínios do pensamento, vemos essas pessoas realçarem pela inteligência e méritos pessoais, apesar de não possuirem diploma académico.

Não nos deteremos em citações, que seriam enfadonhas. Mas, como lídimos autodidatas, dignos de menção, dois nomes, no Brasil, e, particularmente, no meio espírita, avultam na admiração de quantos os conhecem através da obra extraordinária que vêm realizando no sentido de divulgação cultural do Espiritismo. São eles: o professor Leopoldo Machado e o jornalista Deolindo Amorim. O primeiro é director de um dos mais conceituados estabelecimentos de ensino secundário, na cidade de Nova Iguaçú, Es-

tado do Rio de Janeiro, e possui mais de uma dezena de livros publicados, em que se afirma, brilhantemente, como poeta, contista, teatrólogo, polemista e filósofo. É um dos autênticos valores do Espiritismo brasileiro.

Deolindo Amorim, além de homem de imprensa, por vocação, tendo já exercido o ofício como profissional, é membro proeminente da Sociedade de Filosofia do Rio de Janeiro, e tão apreciado como escritor que o seu último livro, O Espiritismo e os Problemas Humanos, acaba de ser lançado em edição castelhana, na Argentina, pela «Editora Victor Hugo». Em questões de língua portuguesa é muito versado, sendo profundo conhecedor da História do Brasil, e especialmente da Bahia, de onde é filho, como o é também o professor Leopoldo Machado.

Enunciava Platão uma verdade profunda quando dizia que aprender é recordar. Pois se estamos vivendo agora pela primeira vez, se não desenvolvemos nossas faculdades intelectivas e não fizemos progressos no passado, animando outras formas perecíveis como a que revestimos no presente, de onde vieram, para tantos homens, como nos casos acima referidos, os conhecimentos intuitivos, as aptidões ingénitas, a facilidade com que apreenderam certas idéias e a rapidez com que triunfaram em determinadas carreiras?

E, por que será que, ao contrário dos autodidatas, outros indivíduos, a despeito das condições de nascimento e dos meios favoráveis ao seu alcance, se mostram intelectualmente retardados, ou por mais que estudassem jámais conseguiram brilhar pelo talento e por seus dotes espirituais? Há outras indagações a fazer e que, como estas, só encontram respostas satisfatórias mediante a noção das existências anteriores da alma.

(9)

PREDESTINAÇÃO

Há quem ensine e há quem acredite que os homens sábios, justos e bons que ocasionalmente aparecem, sobrepondo-se ao seu meio e à sua época, são almas predestinadas, seres a quem Deus concedeu os dons especiais de uma vida santificada na virtude.

Entretanto, quer-nos parecer que a doutrina da predestinação, embora contando muitos defensores, é indispensável como a passagem bíblica da paragem do sol por Josué...

Ora, se um grande reformador ou apóstolo é um eleito do Senhor — de quem teria recebido os altos predicados que o guindaram à admiração e à glória — que dizer, então, de um celerado? E de quem recebeu ele os sentimentos perversos que o tornaram odioso?

Suas almas, segundo o dogma da unicidade, não foram criadas para virem a este mundo e aqui não estão vivendo pela primeira vez?

Partindo, pois, deste princípio, como conciliar o antagonismo entre o apóstolo e o sicário, entre o homem de bem, que sente horror ao crime, e o sacripanta que mata sorrindo? Eis duas individualidades opostas, dois destinos desiguais, e, no entanto, dizem, são criações de um Deus soberanamente justo! E é de ver que o bom e o mau logo cedo se revelam por actos precoces.

Temos aqui o recorte de um diário local com um telegrama de Fortaleza. Dá-nos notícia de um horrível fratricídio, praticado em localidade do interior cearense, por um menor de 10 anos! Este brincava com seus manos e pediu à irmãzinha de 6 anos um objecto qualquer e ela não lho deu. Enfurecendo-se, apoderou-se de um machado, matando-a com três golpes na cabeça, e quis ainda agredir as pessoas que o foram desarmar.

A par de crianças de natureza malévola, indisciplinadas, de carácter selvagem, vemos as que se distinguem pela nobreza de sentimentos e actos de dedicação por amor ao próximo.

«Assim como se vêem anjos de pureza nascerem e crescerem em meios grosseiros e depravados — observa um autor — assim também encontram-se ladrões e assassinos em famílias virtuosas, num e noutro caso em condições tais que nenhum precedente atávico pode dar a chave do enigma». E prossegue o aludido autor (Léon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor): «Todos estes fenómenos, na sua variedade infinita, têm sua origem no passado da alma, nas numerosas vidas humanas que ela percorreu; cada um traz ao nascer os frutos da sua evolução, a intuição do que aprendeu, as aptidões adquiridas nos diversos domínios do pensamento e da obra social, na arte, na ciência, no comércio, na indústria, na navegação, na guerra, etc.; traz habilidade para tal coisa de preferência a tal outra, segundo a sua actividade se exercitou num ou noutro sentido».

Veremos que até nos casos de obsessão a alma revive as tragédias do seu pretérito obscuro.

(Continua)

O UNIVERSO E DEUS

Acima dos problemas da vida e do destino, levanta-se a questão de Deus.

Se estudarmos as leis da natureza, se procurarmos a beleza ideal em que todas as artes se inspiram, em toda a parte e sempre, acima e para além de tudo, encontramos a ideia de um ser superior, de um ser necessário e perfeito, fonte eterna do Bem, do Belo e do Verdadeiro.

O mundo físico ou moral é governado por leis estabelecidas segundo um plano; denotam uma inteligência profunda das coisas que regem. Não procedem de uma causa cega: o cáos e o acaso não poderiam produziz a ordem e a harmonia. Também não emanam dos homens: seres passageiros, limitados no tempo e no espaço, não poderiam criar leis permanentes e universais.

Não se pode conceber a inteligência sem a personificarmos em um ser, mas esse ser não vem adaptar-se à cadeia dos seres. É o Pai de todos e a própria origem da vida.

A personalidade não se deve entender aqui no sentido de um ser com forma, porém, sim como sendo o conjunto das faculdades que constituem um todo consciente. A personalidade, na mais alta acepção da palavra, é a consciência, e é assim que Deus é antes a personalidade absoluta, e não um ser que tenha uma forma e limites. Deus é infinito e não pode ser individualizado.

Quanto a não cogitar do estudo da causa primária, como inútil e incognoscível, conforme a expressão dos positivistas, perguntaremos se a um espírito sério é realmente possível comprazer-se na ignorância das leis que regulam as condições da sua existência. A indagação de Deus impõe-se, pois que ela é o estudo da grande Alma, do princípio da vida que anima o Universo, e se reflecte em cada um de nós. Tudo se torna secundário quando se trata do princípio das coisas. A ideia de Deus é inseparável da ideia da Lei, principalmente da Lei moral; e, sem o conhecimento desta, nenhuma sociedade pode viver nem desenvolver-se. A crença em um ser superior de justiça, fortifica a consciência e sustenta o homem em suas provações. É a consolação, a esperança dos que sofrem, o supremo refúgio dos aflitos, dos abandonados.

(Depois da Morte)

LÉON DENIS

INDIVIDUALISMO

(Compilação de LUCIANO SILVA)

Eu sou apenas um, *mas sou* um!
(Lema duma sociedade missionária)

É em governar-se a si próprio, e *não em governar os outros, que consiste a glória.*

Luís Leitão

É quando me recolho intimamente *que me sinto* eu mesmo, *que tomo* consciência da minha existência *como* ser individual.

E. Armand

Um regime ideal de liberdade individual *consistiria em* cada ser *viver livre de toda a ligação deprimente ou nociva, sempre em paz com a* sua *consciência e o seu próximo.*

Dr. Nicolau Vilas

A obra da reforma pessoal — *nunca é de mais repeti-lo — eis o grande segredo da* vida sã e feliz.

Dr. Paulo Carton

Auto-educação *é a acção directa e imediata do* indivíduo *na* sua própria formação.

Lourenço Luzuriaga

Mas como havemos de viver sem governo? — pergunta-se com ansiedade. Não te digo, caro amigo, que vivas sem governo; digo-te, antes, muito sèriamente: governa-te tu próprio!

William Platt

Cada qual é que deve ser o seu *médico,* estudando-se e *procedendo racional, metódica e silenciosamente.*

Dr. Amílcar de Sousa

Epicteto, na tortura, vencia-se estòicamente; e quem se domina é *senhor do Mundo.*

Fazer de cada indivíduo *juiz da* sua própria consciência *é a característica da educação anglo-saxónica, mais requintada hoje em dia nos Americanos do que pròpriamente nos Ingleses.*

Rev. Eduardo Moreira

Dou à minha liberdade *tão alto valor, que o ouro de todos os reis do Mundo não chegaria para me comprar.*

Descartes

Só uma pessoa deve fazer o bem: eu.

R. L. Stephenson

Ninguém pode fazer tanto por ti *como* tu próprio!

Dr. Lion de Castro

ECOS DE U

Por ISIDORO D

PRIMEIRAS

É no lar acolhedor de José António Marques, em Nova Iguaçú, que escrevo a primeira crónica da minha viagem ao Brasil. Não sei, porém, como principiar. Há muito que esta aspiração legítima vibrava todo o meu ser. Sonho vago a princípio, miragem algumas vezes, foi avultando e delineando os seus contornos, à maneira de colina luxuriante que sai da bruma e acaba por se entregar aos olhos do viandante. E então o esboço apresenta maior nitidez.

Foi nesta expectativa que embarquei no «Vera Cruz» em demanda do Brasil. Vim a nova descoberta. Cabral trouxe um mundo à civilização; eu vou mostrar um mundo à velha Europa e, sobretudo, ao querido Portugal.

As primeiras atenções recebi-as a bordo. Um barco moderno, cheio de conforto e amabilidade. Vale a pena viajar neste hotel luxuoso profundamente português. Desde o chefe ao mais humilde tripulante se notava desejo intenso de servir, cumprindo ordens e prestigiando um emblema de oiro erguido bem alto pela Companhia Colonial de Navegação. Festas diárias, bailes, concursos promovidos pela Emissora do navio, não deixavam que ali se instalasse a monotonia. O animador Daniel Martins e a orquestra tudo fizeram para que a digressão fosse mais alegre e a própria oficialidade confraternizava em notas vibrantes de amabilidade e simpatia. Até o oceano, que costuma bramir entre Lisboa e Funchal, dormiu plàcidamente permitindo diversões e tornando o trajecto mais ameno e fácil.

Ia comigo o confrade João José Alves, um dos fundadores do Centro Espiritualista Luz e Amor. O seu companheirismo foi excelente e o seu convívio precioso deu mais equilíbrio ao meu estado de espírito, pois embora eu viesse a convite dos irmãos brasileiros, a empresa tinha dificuldades que talvez não pudesse vencer. Mas a verdade é que o Alves me insuflou energia e aqui lhe agradeço a prova de amizade.

Oito dias durou a viagem de Lisboa à Bahia, onde os primeiros confrades me aguardavam para o festim espiritual. Alfredo Miguel dirigia a Caravana, segundo informo na saudação que vai noutras páginas da revista.

Oh! A Bahia é o berço desta nacionalidade. Ali se encontram os vestígios palpáveis da alma portuguesa. Os baianos são para mim irmãos queridos, sem desdouro para todos que me acolheram galhardamente. As lágrimas emotivas que verti ao ver terra brasileira localizaram-se em Salvador, cidade progressiva e hospitaleira onde senti verdadeiramente o doce orgulho da minha acção doutrinária, tentando aproximar os corações luso-brasileiros para o grande festim que se exerce nos dois extremos do Atlântico.

O «Vera Cruz» atracou ao cais e eu desci a escada. A canícula apertava. Abraços, muitos abraços, expansões magníficas, e vamos ao restaurante Cólon, em mãos de português, onde almoçámos e nos demos a novas expressões de amizade.

Depois rumámos à Rua General Argelo, n.º 40, mansão benigna do colaborador querido, para novas surpresas. Uma família simpática, esfusiante de alegria. A saudação de que fui alvo emocionou-me deveras. A sinceridade das palavras de Alfredo Miguel eram anúncio de óptima recepção. E a minha alma genuflexa pedia a Deus que me proporcionasse viajar como os antigos apóstolos, a fim de corresponder ao pensamento destes amigos dilectos.

As minhas palavras foram poucas. No meio desta onda afectiva só o meu abraço emergia. Ele chegava para agradecer o acolhimento fidalgo.

15 horas. O «Vera Cruz» afasta-se do cais, lentamente, comovedoramente... Acenos e lenços brancos de amizade selam o contacto fugaz que animou visitantes e visitados. Agora o rumo era outro. O nosso objectivo era a capital do Brasil, a cidade maravilhosa.

MA VIAGEM

UARTE SANTOS

IMPRESSÕES

berço de um progresso estranho que espanta pelo ritmo incessante. Esta última noite em Portugal — que o «Vera Cruz» é Portugal genuíno — é passada em ânsias. Mal se dorme. Desejávamos chegar e gostaríamos de ficar... O eterno problema do sentimento, o apego à terra, ao berço natal, a tradição, a música, o folclore. Mas não havia dúvida. Estava vencida a primeira fase da jornada. Como seria a segunda? Como reagiram os amigos que de tão longe me chamaram?

18 de Abril. Quatro e meia da manhã. Vislumbram-se as luzes do Rio, cortadas, aqui e ali, pelos contornos do Pão de Açúcar e outros montes que ladeávamos na grande massa líquida que constitui soberba baia, uma das maiores e mais formosas de quantas lobriguei nas minhas viagens pelo mundo. Há nebulosidade e chuva que dificultam a visão do cenário. Assim mesmo, enfrentamos a Copacabana, a Tijuca, mais além o Corcovado, e aguardamos a chegada das autoridades locais para a entrega dos documentos que nos acreditam como turistas no Brasil. Agora podíamos descer. E descemos...

Novos e novos abraços. A Comissão Promotora estava largamente representada. Primeiro o Amadeu Santos, jurista, filósofo, jornalista, alma de eleição, bondade personificada; a seguir, essa alma impoluta de Henrique Magalhães, esteio desta revista, seco e nervoso, organização forte ao serviço de um ideal divino. E outros vieram, aos quais me referirei na devida altura. Faltava um, igualmente querido, irmão que repudia louvores, que se opõe à própria justiça que bem merece pelos altos serviços que presta à nossa obra de propaganda: José Carlos de Chelmicki Aflalo. Mas este está doente. De outra forma, estaria presente, como os outros.

Desembaraçada a bagagem, mercê de providência amiga, entre as quais as do Dr. Ovídio Gil, director da Casa de Luciá, onde me vou hospedar e onde se encontra o grande Leopoldo Machado, que daqui foi com sacrifício para me receber e acompanhar durante a minha estada no Rio, outros amigos me são apresentados. E ali em plena rua, sob os olhares curiosos de muitos populares, ouço a saudação do Amadeu Santos. A sua palavra espontânea ecoa como vibração forte e confunde-me pela amizade. Falo então pela primeira vez. E de tal forma me concentro no pensamento dominador desta cruzada fraternal, que me esqueço de que estou num país diferente. O que ouço, o que me cerca, os olhares, o idioma, o timbre das palavras, tudo isto faz nascer em mim entusiasmo que avassala. Identifiquei-me e integrei-me. É que, na noite de 17, um espírito gentil me visitara e agitara em mar de fluido. Desde esse momento tinha a certeza de vencer a hesitação que me invadira...

Um dos melhores amigos que assistia à minha entrada no Rio era o Nelson Baptista de Azevedo, director da União dos Discípulos de Jesus e das «Selecções Espiritualistas», irradiadas pela Rádio Guanabara às 19 horas de todos os dias. E este me informou que eu iria falar ao microfone nesse mesmo dia. Mas o Dr. Gil, alto funcionário da Fazenda, ex-ministro interino, advogado emérito e sobretudo alma de eleição como tenho encontrado poucas, levou-me para a Casa de Luciá, onde ficarei durante a minha permanência no Estado do Rio. E atravessámos as ruas barulhentas desta vasta metrópole agitada pelo movimento de um sem número de ocupações. Virando à direita e à esquerda, parando aqui e ali, obedientes à sinalização dos cruzamentos, fomos vencendo a distância até à Rua Carolina Santos, n.º 47, em Lins de Vasconcelos, onde Leopoldo Machado se hospedara para aguardar o amigo lusitano e acalentá-lo com palavras nobres e amigas. O abraço que se seguiu selou para sempre a ligação entre dois lutadores: um, o professor abalizado e intuitivo, o polemista de rija têmpera, o poeta de fino quilate, o plumitivo que salta de tema em tema como abelha de flor em flor,

o dramaturgo e demiurgo, cultor de rosas perfumadas num Lar que é a mais bela expressão da beleza evagélica; o outro, viajante solicitado para o abraço fraterno, aluno atento à grande lição do Espiritismo cristão que enche esta terra bendita semeada de alfobres espirituais, o homem porfioso votado a uma Causa gloriosa, que não espera benefícios, mas satisfações íntimas que se harmonizem com a própria consciência, o homem que ainda hoje ignora o porquê desta chamada à Pátria do Evangelho.

A Casa de Luciá vale uma crónica. E que crónica! A portuguesa que a dirige é mulher extraordinária que reúne no sentimento a modéstia e o gosto artístico, onde se confude a alma portuguesa e brasileira.

Mal franqueáramos esta mansão de paz favorecida pelo clima, deparámos com um cenário de ternura que nos inundou o coração: as abrigadas, dispostas pelo jardim como borboletas gentis, entoavam a canção de boas-vindas ao visitante perplexo, que mal pôde refazer-se da surpresa, exortá-las a trabalhar e a agradecer à Casa de Luciá os altos benefícios que presta à mocidade radiosa de suas filhas.

Depois, no primeiro pavilhão, novas apresentações e novas palavras. Novas expansões, novos frémitos. Ouvimos Leopoldo de viva voz, o colaborador de mais de vinte anos! E tivemos de falar outra vez, de arrancar ao coração os mais íntimos acordes para corresponder a tantas demonstrações de amizade. Oh! Como o Brasil é grande em manifestações de afecto pelos portugueses! E como eu sinto desejo intenso de proclamar o meu amor pela sua hospitalidade incomparável!...

Após o almoço na Casa de Luciá tive a grata satisfação de abraçar a nossa colaboradora D. Marcolina Alves, neste retiro bonançoso. Vinha também a Suzete, que estivera em nossa casa de Lisboa e agora dava largas à sua comunicabilidade. Fiz-lhe entrega de algumas lembranças e prometi visitá-las em Cascadura, na Rua Nervel de Gouveia. Como é confortante reencontrar amigos dilectos em fainas deste género!

Às 19 horas, nas «Selecções Espiritualistas», lá estavam velhos amigos, como o coronel Delfim Ferreira, o Dr. Moreira Guimarães, Deolindo Amorim, o professor Torres Pastorino, do Colégio Militar, e outros, que me sensibilizaram com palavras imerecidas.

O Nelson anunciou a minha falação. E o humilde lusitano enfrentou o microfone pela primeira vez na vida. É um caso de respeito saber que, para lá daquele objecto metálico, se estende um mundo vivo, atento às vozes que de longe vêm. Habituado a lutar, a falar, a sentir a palpitação de muitos auditórios, aproximei-me do instrumento de progresso que substituira vantajosamente a imprensa de Gutembergue. E hesitei. Que iria eu dizer à família espirita brasileira? Não seria melhor dar um abraço ao Nelson e ele, por sua vez, o transmitisse aos milhares de ouvintes da sua «Hora»? Nesta perplexidade, ouvi o anúncio do meu nome e tive que avançar. Ah! meus amigos! O que senti não se descreve. Abri o coração, que era um lago de sentimento, e a linfa jorrou, à semelhança de um dilúvio trasbordante. Todo o amor, toda a simpatia que me inundava atravessou os ares deste berço que Portugal embalou um dia e depois se transformou num mundo grande e excelso onde o Evangelho predomina. E como o tempo escasseasse, terminei, não me fosse tornando brasileiro em demasia...

O calor apertava, apesar do Outono, que renovara o terno. Eu não me habituava assim ao sol dos trópicos. Era preciso transição e moderação. Mas o programa deste dia tinha outra dificuldade para mim. Ia dentro em pouco sofrer um choque maior, antes de recolher a penates. A Associação Brasileira de Imprensa, sediada num vigésimo quinto andar majestoso, cedera o vasto salão à União dos Discípulos de Jesus para nele encerrar a Semana Espirita com uma conferência de Deolindo Amorim comemorativa do aniversário do «Livro dos Espiritos», de Allan Kardec e comemorar igualmente o seu 12.º aniversário. Além disto, iam receber o representante de Estudos Psíquicos e do Centro Espiritualista Luz e Amor, que se vai tornando familiar nestas andanças pelo formoso rincão brasileiro.

O salão, engalanado a preceito, continha centenas de pessoas, naturalmente curiosas, de ver e ouvir quem aportara ao Rio para um grande abraço fraterno.

Deolindo Amorim foi o orador da noite. Na sua palavra incisiva passaram os conflitos da ciência e das religiões, cada qual mais ligada aos preconceitos da época, avançando e recuando segundo interesses particularistas. Deu uma ideia exacta do esforço enorme realizado pelo Espiritismo no sentido de firmar

alicerces, impressionando todas as classes e chamando a atenção de todos os homens de boa vontade. Por vezes, entusiasmou-se a ponto de ser eloquente.

Nelson Baptista de Azevedo, que presidia em nome da U. D. J., deu o maior relevo ao trabalho de Deolindo Amorim e informou a assistência acerca da nossa presença na mesa, tecendo um hino a Portugal, pátria-mãe que tanto se honra com os progressos incessantes dos filhos. E deu-nos a palavra, ao mesmo tempo que por toda a sala reboava uma grande salva de palmas, que senti como saudação carinhosa dirigida à terra distante.

E falei durante muito tempo ao sabor da inspiração, esta inspiração que ia crescendo e se amalgamava, à medida que os corações abandonavam a reserva dos primeiros instantes e se entregavam à comunhão total. Ao cabo de minutos, Portugal e Brasil confraternizavam num frémito espiritualista e já não sabiamos onde terminava um e começava o outro. Transubstanciação insuperável que domina corações, e obnubila inteligências! Nunca vi coisa assim! Nunca supus que o meu trabalho suscitasse aqui tão carinhosa atenção. Nunca supus que tivesse tantos amigos sinceros. E digo sinceros, porque eles nada esperam de mim, nem eu lhes posso dar alguma coisa. A espontaneidade da família-espirita é a maior surpresa da minha vida de lutador. São abraços efusivos, palpitantes, dados com os braços e com os olhos, abraços que jamais esquecem, pois deixam traços indeléveis na cera mole da memória afectiva. Esses abraços são incitamento perene à obra realizada.

Já não sei o que disse na Associação Brasileira de Imprensa, cuja sessão foi para mim um verdadeiro baptismo espiritual. O que sei, amigos portugueses, é que tudo o que tenho de bom vibrou intensamente. Deixei de ser homem para ser unidade etérica e deslizar, sem mais obstáculos da matéria, através de um mundo que se agita em mim e tem, às vezes, ondas alterosas que é preciso ladear para fugir a seus estragos imediatos.

Esta crónica é pequeno voo de quem teve pressa de chegar e ainda se não refez do choque sofrido. Por isso é cheia de impressões variadas, ao sabor do sentimento e da tendência. O clima vergasta o europeu, agita-o fortemente, deixa-o prostrado na senda vacilante. Necessito de refazer-me do embate.

Acabo de chegar e já devo muito à União dos Discípulos de Jesus, cuja microfone, alteado sobre o Brasil, vai dizendo do meu roteiro com inexcedível carinho.

Se a minha vinda foi buscar amizades, este primeiro dia compensou-me das amarguras sofridas em muitos anos de trabalho, ao serviço da nossa bela doutrina.

II

TRÊS OBRAS QUE SE ENTRELAÇAM

No dia 20 de Abril, mal refeito da falação da ante-véspera — seis vezes dirigi a palavra a amigos brasileiros — sigo com Leopoldo para a cidade de Nova-Iguaçú. Ás 7 horas estava a pé, disposto a galgar a distância. A paisagem que se oferce ao viajante é variada e colorida. Deus não regateou beleza a este Brasil de encanto. Retalhos de verdura colocados aqui e ali, a fim de regalar os olhos do neófito que se aventura, são atracções divinas que o homem não pode imitar, faça muito ou pouco esforço estético. Ainda mal acabavamos de apreciar o luxuriante da planura e já os olhos poisavam na montanha polvilhada de casinhas brancas, à semelhança de Portugal... A mesma disposição do urbanismo campesino, porque a mesma alma plasmara aspirações e fecundara a terra adusta.

Tantas recordações que sinto nesta contemplação sem igual! Dir-se-ía um filho pródigo que andou pelo mundo a viajar e a sofrer e volta ao «ninho seu paterno» desiludido e cansado, para melhor apreciar o conjunto do seu lar amigo.

Nova-Iguaçú é um retalho paradisíaco. Assim se justifica que Leopoldo Machado tenha sido poeta toda a vida. É que eu, de tanto passear os olhos, sinto necessidade de sacrificar às musas e aproximar-me do Alto. Se não é contágio, deve ser mimetismo que dispõe das almas e as leva às maiores expansões espirituais.

Às 9,30 entramos no Colégio Leopoldo.

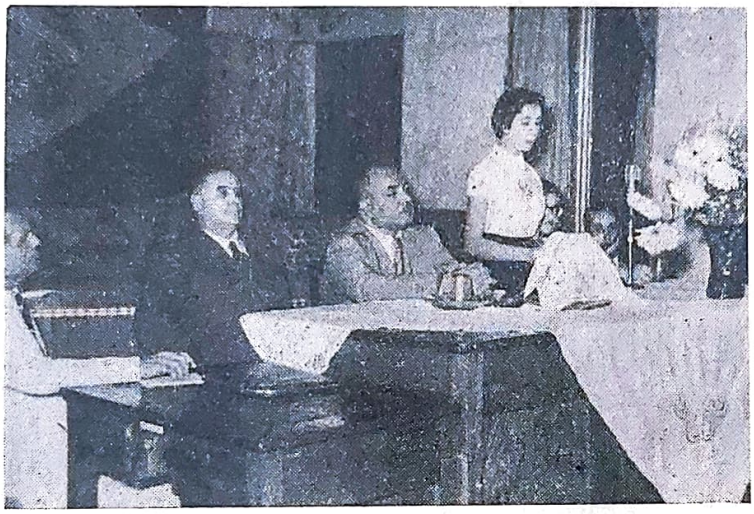
Fachada sóbria, ocultando maravilhas. A secretária do poeta está cheia de recordações de Marília. A primeira que salta à vista é a seguinte legenda aliciante:

«A vida é imortal, não existe a morte.
Não adianta morrer, nem descansar, porque ninguém descansa nem morre».

Magnífico pensamento de um formoso espírito que se mantém fiél à obra que deixou!

Surge agora a figura do Dr. Newton Gonçalves de Barros, cunhado de Leopoldo e professor do Colégio que está a comemorar as bodas de prata, ou sejam 25 anos de labor contínuo em benefício da educação do povo.

Esta instituição é conhecida em todo o Distrito Federal pelo aprumo do ensino. E, há pouco, o seu Director Geral transformou-o numa sociedade por quotas, a fim de que realizasse obra mais grandiosa, interessando maior número de pessoas em seu progresso contínuo.



No Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguaçú, na 3.ª reunião comemorativa das Bodas de Prata do Colégio Leopoldo. Na presidência o Dr. Amadeu Santos, à direita Isidoro Duarte Santos e Leopoldo Machado, à esquerda a aluna Helyénica de Paula proferindo o seu discurso

25 anos a leccionar, a plasmar, a espancar as trevas da ignorância, é uma vida cheia de esforço ao serviço da renovação humana. Quantos homens que hoje disfrutam situações de relevo nesta região incomparável não foram alunos de Leopoldo Machado! Vi alguns deles na sessão comemorativa, firmes a prestigiar, com sua presença, o acto que se realizava. Soldados que não abandonavam o reduto, amigos gratos à luz que receberam em época que se escôa no tempo!

O Dr. Newton é uma verdadeira simpatia. Já uma vez colaborou em Estudos Psíquicos. *Agora promete voltar a esse esforço sublimado, dando-nos o fulgor da sua fé e do seu talento. Nervoso, agudo no conceito, esclarecido no pensamento, muito nos dará em prol do espírito, de que é cultor apaixonado.*

Sentimos grande afinidade com o seu temperamento de lutador. Temos a certeza de que nossas vibrações se harmonizarão e auxiliarão os desígnios comuns.

O J. A. Marques vem ao nosso encontro e seguimos no seu carro para o Lar de Jesus, sobranceiro à cidade e dominando-a com o seu aspecto majestoso. À medida que subimos, a temperatura desce, o clima torna-se mais aprazível. Na grande alpendrada que o mosaico ilustra em cor bizarra, as «filhas» de Leopoldo recebem o visitante em coro e entoam algumas canções da autoria do poeta. Sentimos a alma ajoelhar perante o milagre que observamos. Tiramos algumas fotografias, recordações indeléveis deste grande dia que, já agora, faz parte de nossas efemérides, e visitamos a obra.

A primeira impressão é de higiene, disciplina, embora o educador se aproxime da ceara florida que o amor santificou. Leopoldo é taumaturgo e demiurgo, como dissemos noutra crónica. Consegue o milagre da renovação, fez sentir a cada alma a responsabilidade da vida. Não cria autómatos. Cria responsáveis. Abraçando e beijando as «filhas» com emoção e carinho paternal, não deixa de aplicar sanções, quando o delito aparece.

— Porque não foste à festa do Colégio? — perguntou a uma delas, que se lhe cingia amorosamente.

Ela não respondeu, mas o seu pranto denunciou a traquinice que lhe impedira de participar na festa.

O Lar de Jesus, *de que temos falado muitas vezes nestas colunas, é filho da Casa de Luciá e serviu de modelo a 54 instituições congéneres espalhadas pelo Brasil.*

A palavra «orfanato» é rebarbativa. Dá ideia mesquinha da condição humana. Por

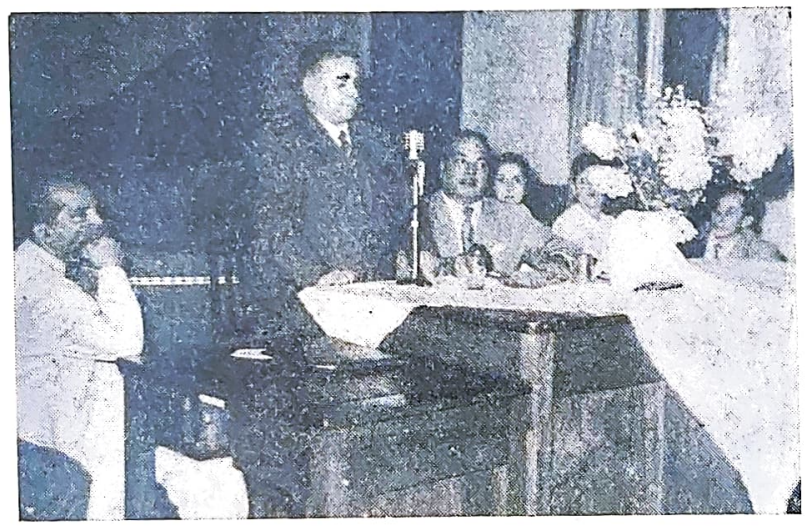
isso Leopoldo a substituiu por outra mais harmónica e verdadeira.

Este homem vive para a sua obra. Abandonou objectivos temporais, sempre efémeros e precários, e trocou-os por outros, imortais e eternos. E é tão grande o seu prestígio em Nova-Iguaçú, que as próprias autoridades o respeitam e admiram.

O Leopoldo polemista não existe mais. Essa faceta extinguiu-se e deu lugar a um Leopoldo realizador do Bem. Hoje vive para o seu Colégio e para o Lar de Jesus.

O Marques hospedou-me em sua casa, depois de me apresentar a esposa e as filhas gentilíssimas. Ali me ofereceram um verdadeiro jantar à portuguesa, ali me cumularam de atenções que eu não esquecerei mais.

Depois seguimos para o Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade onde Leopoldo deixou uma obra verdadeiramente modelar, agora sob a direcção do Marques, que o Centro Espiritualista Luz e Amor conhece de memorável conferência que lá realizou.



Nas Bodas de Prata do Colégio Leopoldo, quando discursava o director desta Revista

Esta instituição — a terceira da série que englobo nesta crónica — ia receber-me como convidado de honra. Lá estava o querido Amadeu Santos, professor do Colégio e grande amigo de Leopoldo.

O salão regorgitava de assistentes. Atmosfera magnífica. O prof. Perrone ia ser o orador da noite. Na verdade, a sua oração foi elevada e correspondeu perfeitamente aos objectivos. Falou também o Amadeu, sempre vibrante, sempre jovial, amigo dos melhores e que não tem regateado esforços para nos acompanhar. Falaram senhorinhas, expandiu-se entusiasmo e por fim ergui-me para saudar os confrades de Nova-Iguaçú. Foi um reviver de lembranças comuns. Eu era bem o amigo que eles recebiam afectuosamente, sem protocolos. E então o meu entusiasmo comunicou-se à assistência. Havia alguém a meu lado a incitar-me, a impulsionar-me, e as palavras vinham cheias de aliciamento. Tudo vibrava.

O Marques, presidente do Centro, saudara o patrício e o amigo, recordando como fora recebido em Lisboa, no Centro Espiritualista Luz e Amor. E dando largas à ideia fraternal, contribuiu para que me sentisse em casa, entre colaboradores sinceros.

Mais uma noite memorável. Mais uma jornada cheia de emoções, em que houve anseio e satisfação indizível.

O Centro Fé, Esperança e Caridade, de Nova-Iguaçú, é uma entidade de larga projecção no mundo espiritual e social. Um dia, o seu presidente Leopoldo Machado recebeu ordem de cessar as actividades.

— Muito bem — disse ele a quem de direito —. Fecharão também as escolas que mantém, bem como a sua obra de caridade.

Ao ouvir isto, a autoridade ponderou as ordens que dera e pouco depois o Centro reabria as portas, sem alterar os seus fins e as suas directrizes.

Como se vê, o Colégio Leopoldo, o Lar de Jesus e o Centro Fé, Esperança e Caridade são três obras de Leopoldo Machado que se impõem por si mesmas à consideração de gregos e troianos.

No dia 21 de Abril assisti à 4.ª sessão das Bodas de Prata do Colégio, presidida pelo seu Director, na qual o jornalista Luís de Azevedo, director do Correio da Lavoura, foi o orador da Festa, tecendo um hino à obra de Leopoldo.

Também ali fui homenageado, como «grande amigo». No fim da sessão abriram-se quatro salas: A «Sala Tiradentes», a «Sala Almirante Paim Pamplona» inaugurada por seu filho, coronel Silvio Paim Pamplona, a «Sala Silvino de Azevedo», inaugurado por Luís Azevedo, e a «Sala Padre José de Anchieta, que tive a honra de inaugurar.

Todos os actos foram fotografados e filmados e correrão mundo, através dos cinemas do Brasil.

Voltando ao Lar de Jesus, onde almoçámos na companhia agradável de Leopoldo, Amadeu Santos, General Alfredo Lemos da Silva, Coronel Paim Pamplona, Arnaldo Paim Pamplona e Dr. Henrique Andrade, que me surpreendeu com o seu abraço de velho amigo, tivemos novamente a sensação do ar condicionado.

Ali ouvimos novos coros pelas «filhas» do educador, desta vez dedicados ao visitante Henrique Andrade.

Momentos deliciosos os que passámos em alegre convívio com tantos arautos da Doutrina!

Estas sensações não se descrevem. Por melhor que seja a expressão, ficam sempre aquém da realidade. A palavra humana é muito grosseira para que possa traduzir o sentimento. O que digo é que vivi intensamente aquelas horas de enlevo espiritual. Isso posso e devo dizer, porque corresponde à verdade.

E agora uma pequena confidência. Foi necessário que a febre me dominasse, para escrever estas notas desataviadas. De outra forma, andaria por Seca e Meca, sem possibilidade de coordenar ideias. A solicitação dos amigos do Rio de Janeiro e do Estado do Rio tem sido assombrosa de amizade. Por isso mesmo me impossibilitou de organizar a vida mental, o que faço neste momento, ansioso de me restabelecer.

Os portugueses de Portugal ignoram as explosões afectivas de que somos alvo no Brasil. Aqui respira-se alacridade, confiança, alegria de viver. O coração está mais perto da boca. As pulsações são mais harmónicas. Os horizontes da vida ampliaram-se de tal modo, que é preciso ampliar igualmente os sentidos.

III

DUAS SESSÕES MEMORÁVEIS

O dia 21 de Abril foi pródigo de sensações. Ainda não se extinguira o éco das Bodas de Prata do Colégio Leopoldo, de Nova-Iguaçú, e já o Nelson Baptista de Azevedo nos leva ao Rio em corrida vertiginosa, através da auto-estrada Presidente Dutra, que une a Capital Federal à Capital Paulista. É que tínhamos horário marcado nas «Selecções Espiritualista». Iamos saudar a Bahia amorosa, dos cantares e das emoções, essa Bahia que nos ficara na alma, como primeira pincelada de harmonia neste contacto fraterno, quase religioso. E à noite seria o encerramento da 2.ª Semana Espirita do Distrito Federal enquadrada nas comemorações do 12.º aniversário da U. D. J. (União dos Discípulos de Jesus).

Por isso, a corrida era veloz. Não obstante, pudemos avaliar a grandeza desta obra levada a cabo pelo Presidente Dutra, mais homem de acção que de palavras. No seu asfalto perfeito vimos deslizar os ómnibus da Empresa Cometa, amplos e estáveis, com ar refrigerado que dá conforto aos passageiros e que levam 6 a 7 horas para ligar duas metrópoles que são verdadeiro orgulho do Brasil.

Este magnífico país está substituindo a imprensa pela rádio e pela televisão. Em meia hora, qualquer ouvinte fica ao corrente da hora política, social, artística e económica. Que belas sínteses temos ouvido, tão bem concatenadas! Assim, passámos por várias emissoras, umas em construção e outras em pleno funcionamento. É o progresso que modifica o existente e arrasta o indivíduo para o seu «apex».

Os olhos extasiam-se na vegetação que cresce e viceja sob o céu azulino. E os veículos avançam na estrada, dominados por hábeis volantes.

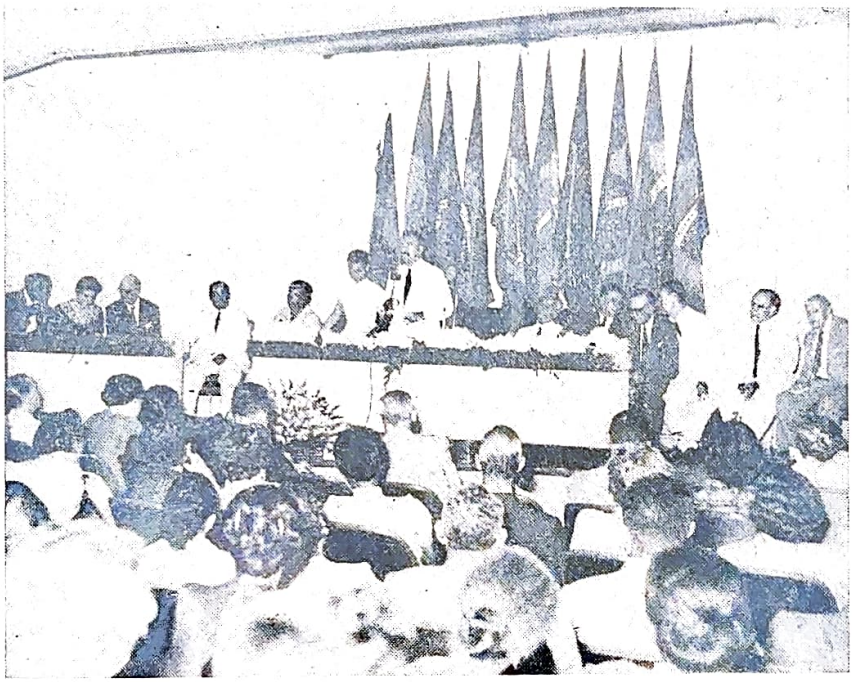
Ás 19 estávamos num 25.º andar junto ao microfone do P. R. C. 8, Rádio Guanabara, onde irradiámos a saudação. Novas vibrações, novas emoções. Osmose de pensamento e sentimento. Não havia descanço em nossas andanças. O Brasil espirita sintonizara connosco a onda da simpatia. É preciso fazer uma viagem destas — repito — para sentir esta amizade sincera que liga dois continen-

tes. As vozes discordantes não contam em face do coro triunfal que nos enche os ouvidos.

Dali, seguimos para o Palácio do Trabalho (Auditorium Salgado Filho), cedido gentilmente à U. D. J. pelo Ex.mo Ministro do Trabalho, coronel Lencastre Guimarães.

Os leitores de Estudos Psíquicos devem admirar-se deste impressionante triunfo e compará-lo com as facilidades obtidas em nossas conferências públicas. Aqui tudo é grande: a confraternidade e a liberdade. Só assim o Brasil avançará na rota do seu glorioso destino. O que se está passando é uma circunstância dolorosa na vida de uma nação que acabará por se bastar a si própria. O trabalho é tão intenso, mesmo debaixo da canícula, que a hora há-de chegar, esplendorosa e cheia de oportunidade.

Pois a U. D. P. conseguiu reunir nesta sessão uma série de oradores marcantes, habituados à tribuna, familiarizados com exigentes auditórios.



Sessão de Encerramento no Palácio do Trabalho

Lá estava o Aurino Souto, da Liga Espirita, o Deolindo Amorim, o Deputado Campos Vergal, o Coronel Delfino Ferreira (orador oficial), o Dr. J. C. Moreira Guimarães, o escritor Paula Machado a Prof.ª Idalina Aguiar Matos, Nelly Sonia, locutora das «Selecções» e a declamadora Maria Cardoso. E lá estava a Rádio Guanabara a irradiar os trabalhos e a levá-los por esse Brasil do samba e das orações...

Palavras vibrantes de fé espirita, afirmações eloquentes que permanecem na senda difícil dos pioneiros. Mais uma vez nos sentimos empolgados.

Também estava programada a nossa recepção. E fui obrigado a falar, a estravazar o fluido que armazenára para o festim do amor fraterno. Tanta expansão que vinha da alma aos lábios! Como me sinto atraído para este país de sonho e encanto! Tudo isto é meu conhecido: o homem e a paisagem. O espirito necessita de ambiente para viver e lutar. Aqui há ambiente para a vida e para a luta, há oxigénio tonificante que desentranha maravilhas e projecta novas, luzes no futuro de um povo emancipado, alheio ao egoísmo feroz, que abraça o estranho e lhe possibilita o trabalho remunerado.

Eu não falei como estrangeiro amigo do Brasil. Falei como célula da amizade luso-brasileira, que o deputado Campos Vergal vai promover na Câmara Federal, tentando aproximar os dois povos e acabando com a proibição iniqua da entrada das nossas traduções no território brasileiro.

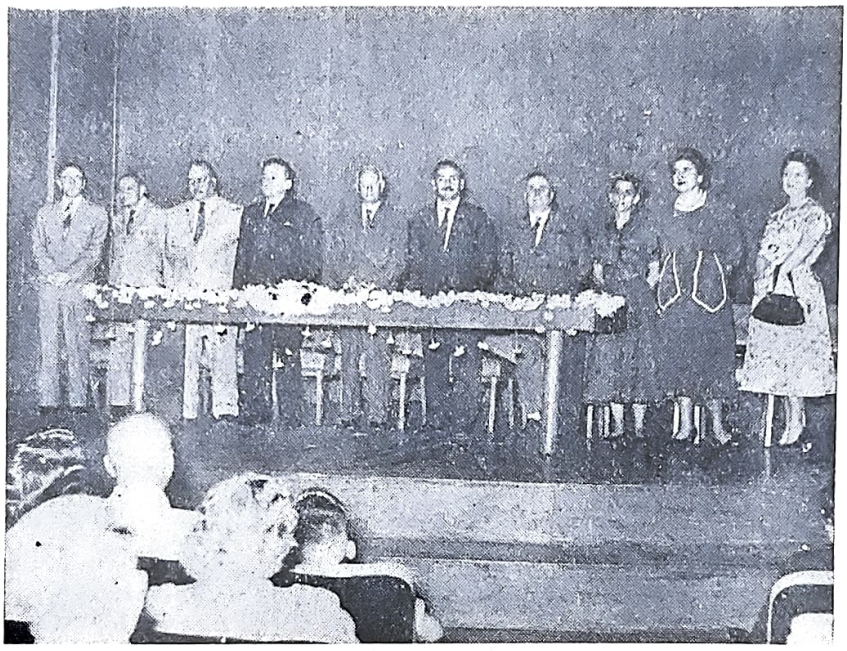
A outra sessão teve cunho especialíssimo. Eram três sociedades de grande projecção no movimento espirita que se reuniam no n.º 4 da Avenida Rio Branco, 15.º andar, sede da Sociedade de Medicina e Espiritismo. A fim de me poupar esforço, juntaram-se às 16 horas do dia 23 nesse majestoso imóvel de onde se disfruta um belo trecho da Guanabara.

O calor apertava. Antes, pousámos para a objectiva, como se vê na gravura que acompanha esta crónica. Depois dirigimo-nos para o Salão, já repleto de assistência. Alguns já me conheciam pessoalmente e quiseram ir ali prestar homenagem amiga. Mas outros conheciam-me pela primeira vez.

Presidiu Deolindo Amorim, o nosso querido redactor-correspondente no Rio, e a mesa estava constituida por nomes conhecidos em todo o Brasil. Era o Dr. Miranda

Ludolf, Presidente da Federação do Estado do Rio, Brandão da Rocha, director-gerente do grande vespertino Vanguarda, Dr. Amadeu Santos, 1.º secretário da Sociedade de Medicina e Espiritismo, Coronel Delfino Ferreira, director da Sociedade Brasileira de Estudos Psíquicos, F. Américo de Carvalho, fundador do Jornal Espirita, Dr. Túlio Chaves, que iria dar uma aula de biologia em minha honra, o Dr. Lauro Sales, secretário da Faculdade de Direito do Distrito Federal, Áurino Santos, Presidente da Liga Espirita do Distrito Federal, o Dr. Moreira Guimarães e outros, cujos nomes me não ocorrem... Uma plêiade de valores eminentes e incontestáveis ao pé dos quais em me sinto pequenino e humilde.

O que ouvi nesta Sala não há palavras que o descrevam. Vi então que o meu trabalho de aproximação luso-brasileira tem sido compreendido por homem responsáveis que detêm em suas mãos um vasto movimento, que vai rolando como bola de neve, disposta a transmudar-se em avalanche.



Na Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro
Major Luiz Glutit, Dr. Moreira Guimarães, Dr. Amadeu Santos, Deolindo Amorim, Coronel Delfino Ferreira, Nelson de Azevedo, Isidoro D. Santos, Nelly Sonia, Idalina Matos e Maria Cavalcanti.

Desculpai, amigos leitores, mas eu tenho de deixar nestas colunas algumas notas, para que vibreis comigo nesta hora maiúscula. O nosso trabalho não é tão inglório como parece. Deste lado, há olhos que prescutam e almas que sentem. As palavras escritas numa revista como esta, e os livros que escrevem na doce língua portuguesa, encontram aqui cérebros que analisam e consciências que julgam sem ideia preconcebida.

Nunca imaginei estar sob vistas tão sagazes. O que estes amigos disseram não era louvaminha. Era a expressão de um sentimento que os levava à justiça dos acontecimentos. Nenhum deles seria capaz de descer ao elogio fácil. Mas, de entre todos, o Coronel Delfino foi o mais preciso no labor, não de consagrar, digo eu, mas de historiar, de analisar, em sua função de crítico sabedor e honesto. O meu trabalho de jornalista e de escritor mereceu ao ilustre crítico palavras de exame sério que me deixaram boquiaberto. Ele conhecia a rota de meus passos, procurava entender as minhas intenções.

Mas aquele mar de corações estava à espera de mim, como se eu valesse alguma coisa, como se eu pudesse corresponder a tantos louvores. E falei, amigos, falei e proclamei que as palavras ali proferidas não correspondiam à verdade; que só era lutador de antes quebrar que torcer e que estes homens olhavam-me pelos olhos foscos da amizade. E tal união de almas se estabeleceu, que ao fim de alguns minutos toda a Sala era um lago de harmonia. Já não era o Brasil espirita que vibrava e se alteava em volutas de ascensão e fraternização, mas dois povos e a mesma raça unidos pelo sentimento.

Foi assim esta sessão memorável que eu não posso descrever, já pela posição que me cabe, já pela emoção que rouba ao cérebro o equilíbrio das situações.

Se Deus quiser, alguém a descreverá para os leitores de Estudos Psíquicos, para que saibam quanto as coisas portuguesas são gratas ao grande Brasil.

Estas duas sessões encheram-me de energia moral. E aqui perguntarão os que me conhecem:

— Você precisa de tónicos desse género?

— Preciso, sim, senhores. Quem abandona a sua terra em demanda de outras regiões, precisa sempre de energia moral, mormente

se a jornada for atreita a surpresas de qualquer espécie, pois estou avisado de que elas poderão surgir, quando menos esperar. Mas todo o Brasil-espirita sabe que não vim em visita de proveito. Vim aprender a lição do Evangelho Vivo, disposto a continuar no Ocidente Europeu este magnifico aprendizado.. Se o meu património moral não fosse essencialmente cristalino, se os meus actos não se exercessem à luz meridiana, não teria vindo enganar irmãos generosos e confiantes. Mas a minha Vida é uma estrada de sacrifício onde os abrolhos se amontoam como dádiva do céu. Se eles não existissem e não me servissem de tónico, teria eu trocado a Marinha com suas perspectivas por este labor de espinhos cruciantes?

Isidoro Duarte Santos falando na Sociedade de Medicina e Espiritismo

Por isso eu disse que estava cheio de energia moral. É compensação a futuros contra-tempos. As compensações são contrastes que Deus põe em nosso caminho vacilante. Os lutadores têm compensações e eu tive uma das maiores nesta sessão de tríplice amizade. Vi entidades responsáveis do Brasil-espirita, entoando cânticos a Portugal, na pessoa do menor dos seus filhos.

Como Deus é grande! Como ele permite alegria de viver aos que não devem nem temem!

ISIDORO DUARTE SANTOS

Domínio da Acção

Se o vosso pensamento fôr o que deve ser, pouco trabalho tereis em regular a vossa acção.

Lembrai-vos, contudo, de que, para se ser útil à humanidade, deverá o pensamento gerar a acção.

Não deve haver preguiça, mas sim actividade constante em boas obras. Tendes de executar o trabalho que vos compete fazer, e não o trabalho de outrém; a não ser com a sua permissão e para o ajudardes.

Deixai cada um fazer o seu trabalho a seu modo; estai sempre prontos a prestar auxílio, mas não vos intrometais nos negócios das outras pessoas.

Para muitas pessoas não há nada mais difícil neste mundo do que habituarem-se a não se meterem com as outras. É isto que não deveis fazer.

Não deveis, pelo facto de estardes tratando de fazer trabalho mais elevado, esquecer as vossas obrigações ordinárias, porque só depois de concluidas é que estais livres para outros deveres. Não vos deveis encarregar de novos trabalhos mundanos, mas sim executar com perfeição aqueles de que já estais encarregados. Obrigações definidas e razoáveis, como tal reconhecidas, e não as obrigações imaginárias que vos queiram impôr.

Se desejais servi-Lo, deveis fazer o vosso trabalho melhor, e não pior que as outras pessoas: porque o vosso trabalho Lhe é dedicado.

(Aos Pés do Mestre)

J. KRISNAMURTI

A Associação de Jornalistas, Publicistas, Escritores Espiritas e Metapsiquistas, de Buenos Aires, tem a satisfação de oferecer aos nossos leitores uma nova colaboração do sr. José Martin. As suas experiências com a senhora Adela Albertelli têm indubitável importância. Trata-se de estudo interessante conseguido através das suas observações psíquicas.

A sua tarefa foi complexa, como se verá, em virtude da sensitiva possuir diversas faculdades mediúnicas, cuja classificação exigiu paciência e espírito crítico derivado de amplo conhecimento destes problemas.

A A. P. P. E. E. M. agradece ao autor a valiosa colaboração e abriga a esperença de que dará aos leitores novos trabalhos no género.

Por nossa parte, congratulamo-nos com o facto de Estudos psíquicos *ter sido escolhida para veicular o presente estudo.*

A Mediunidade Poliglota

Por JOS

I

DECLARAÇÃO PRÉVIA

A descrição das faculdades psíquicas, que faremos a seguir, tem carácter objectivo, isto é, o relato do fenómeno é feito sem ter em conta que poderia ser outra a sua verdadeira essência. As denominações foram aplicadas, segundo o mesmo critério. Assim, por exemplo, quando separamos as «viagens mentais» dos «desdobramentos», fazemo-lo, porque a sensitiva os percebe e descreve como coisas diferentes, embora admitamos a possibilidade de que o que se produz intrìnsecamente nos dois casos seja o mesmo fenómeno.

O nosso propósito é dar a conhecer os fenómenos produzidos através de uma sensitiva, julgando que poderão servir de utilidade aos que se dedicam a esta espécie de investigações.

1 — Escritos em Castelhano

Ao sentar-se para escrever, a sr.ª Adela nem sempre o consegue. Quando começou a desenvolver esta faculdade sentia uma espécie de corrente de ar no braço direito, até que se produzia a escrita. Com o tempo foi sentindo com maior intensidade a força exercida sobre ela. E não a percebeu sòmente no braço, mas em todo o corpo e tomando-lhe a mão, como se fosse um mestre-escola a ensinar-lhe a escrever.

Posteriormente, notou que lhe punham uma espécie de capacete na cabeça. Desde esse momento sentia o cérebro esvasiado. Escrevia no papel, mas não via as letras. Só via o papel branco e só no estado normal é que se inteirava do conteúdo.

Hoje, também não vê o papel, quando escreve.

Quando realizou os primeiros trabalhos deste género julgou que não precisaria de usar os óculos que costuma pôr para escrever, coser, etc., mas ao tirá-los na escrita mediúnica, nada conseguia obter. Por esse motivo põe sempre os óculos, quando se prepara para receber alguma mensagem psicográfica, nas quais predomina a letra que usa na sua vida comum. A ortografia é variável. Há escritos com muitos erros gramaticais e outros sem nenhum.

Quanto aos temas desenvolvidos, são também de carácter variável, predominando os ensinamentos morais.

Ao principiar o ano de 1955, os escritos em Castelhano eram 85: 52 com letra própria, 21 com letra diferente e 12 com letra mista.

Pudemos verificar que alguns deles correspondiam a temas publicados em livros ou revistas, que nem a médium nem os seus familiares nunca tinham visto. E ao cotejá-los, nota-se em todos uma inteligência estranha que selecciona, corrige ou adapta tudo à modalidade espirita.

2 — Escrita noutros idiomas (xenografia).

No caso da senhora Adela, esta faculdade é a mais probatória da sua mediunidade. O procedimento visível é o mesmo que nos casos de escrita em Castelhano, ignorando a médium se o que vai escrever será em Castelhano ou noutro idioma.

A letra usada, ao contrário do que se dá quando recebe em nossa língua, é quase sempre diferente da que usa habitualmente.

Os tradutores têm-nos dito que há erros, em geral de pouca importância.

Os temas são de maior diversidade da que se observa nos escritos em Castelhano e tratam indistintamente de estimologia, jogos, poesia, literatura, medicina, orações, estatística, etc.

É notável, também, o uso que faz de sinais ortográficos ou modalidades pouco frequentes, usadas ou não usadas no idioma, como as aspas, os pontos de exclamação no fim da frase e não no princípio, o apóstrofo para indicar eliminação de vogais, contracções, etc., o emprego da cedilha, a colocação da diérese (divisão do ditongo) em vogais, como o *a e o e, o o e o e*, etc., etc.

Em princípios de 1955 os escritos noutras línguas eram 37: 7 com grafia própria, 26 diferentes e 4 mista.

As línguas empregadas foram as seguintes: desconhecidas, 9; Inglês, 6; Alemão, 6; Italiano, 10; Francês, 1; Holandês, 2; Japonês (termos isolados), 1; Português, 1; Latim, 1.

Como sucedeu nalguns escritos em Castelhano e em recepções aditivas, é provável (tendo em conta o seu conteúdo) que muitos deles vasados noutras línguas tenham sido igualmente captados de livros ou periódicos. Claro que estes casos não deverão ser novos, pois já Bozzano, na sua monografia «Mediunidade Poliglota», menciona como fenómenos de pseudo xenoglossia a leitura e reprodução do conteúdo de livros fechados, acrescentando que as personalidades mediúnicas consultadas declararam ter procedido assim para oferecer provas da sua presença espiritual.

Não devemos esquecer também que a psicografia não é em letra de imprensa, mas em grafia vulgar completamente diferente da usada pela sensitiva, mantendo estilo uniforme do princípio ao fim.

3 — Locução em Castelhano

Quando cai em transe sente agonias e o coração palpita-lhe com maior intensidade.

Desde que começou a usar a mediunidade vocal, a perda do conhecimento foi imediata e completa, contràriamente ao que sucede com outros médiuns, que só gradualmente vão perdendo a consciência do que dizem. As manifestações podem realizar-se a plena luz, sem

qualquer perturbação no seu organismo. Muitas vezes abre os olhos e mira todas as coisas, sem interromper o transe, mas no fim não se lembra do que disse ou ouviu.

As personalidades que se manifestam são das mais variadas. A mais frequente é o guia João, que nos dita em Castelhano certos passos da vida de Jesus. Às vezes, as personagens que se manifestam vocalmente também escrevem; mas neste caso a médium não vê o papel, como sucedia quando escrevia. O mesmo ocorre quando em transe se produz vidência ou clariaudiência. Não se lembra absolutamente de nada. Todas as faculdades que tenha fora do transe dir-se-iam transmitidas a outra pessoa, quer dizer, à entidade comunicante.

Outras vezes entra em transe vocal, quando realiza experiências de outra índole: vidência de existências anteriores, recepção de mensagens auditivas, escritas, etc.

de 1954 manifestou-se uma entidade que, antes de falar em Castelhano, juntou as mãos e fez uma prece em Latim, atitude que repetiu em sessões posteriores. Disse que era o guia das experiências e chamar-se João.

Esta entidade apresenta sempre personalidade bem definida. Durante o ditado, que dura mais ou menos 30 minutos, mantém-se de mãos unidos em atitude de oração. Dita vagarosamente, para que possa ser registado sem necessidade de recorrer à taquigrafia. Os assuntos são correlativos, continuando em cada 4.ª feira onde havia terminado na semana anterior. A princípio eram parábolas isoladas, mas depois começou o relato com o nascimento do Mestre.

Nos ditados há conhecimentos superiores aos da médium e os nomes e lugares concordam com os que figuram nos Evangelhos. A sensitiva sentir-se bem após estas manifestações, o que não sucede quando os comunicantes são «perturbados» ou «ofuscados».

Senhora Adela Albertelli

RTIN

É possível que sobrevenham casos de locução consciente em Castelhano, visto que já se têm registado noutros idiomas.

Quando a personalidade comunicante se retira, a médium sofre um suave desvanecimento, inclinando a cabeça para trás.

4 — Locução noutras línguas (xenoglótica).

Esta espécie de locução obteve-se até agora em três formas diferentes de transe. No primeiro caso, a médium fala noutra língua, estando em transe, isto é, inconsciente, nada recordando ao despertar.

Nos outros casos está consciente. Nota que da sua boca saem palavras em língua estrangeira. Umas entende o que diz, como se fosse em Castelhano (2.º caso) e noutras emergências não sabe o que está a dizer (3.º caso).

Nestes dois últimos casos, a locução pode ser acompanhada de vidência, clariaudiência, etc.

Nuns ditados semanais de passos da vida de Jesus-Cristo, a médium põe em jogo a locução poliglota, intervindo na comunicação de Latim e Castelhano.

Na primeira 4.ª feira de Agosto

5—Clariaudiência em Castelhano.

A) *Sem vidência* — As mensagens auditivas são recebidas quase sempre depois de a médium esperar a escrita mecânica. Deixa então cair o lápis da mão, pois sente retirarem-lho com esforço para cima, ouvindo a seguir uma voz que lhe dita. Umas vezes copia o que lhe ditam, outras repete-o aos circunstantes para que escrevam.

Nestes casos não perde o conhecimento. A voz não é sempre a mesma. Varia segundo o manifestante. Primeiro escuta-a, como se se aproximasse progressivamente, e logo diminui, afastando-se pouco a pouco. Isto repete-se, enquanto dura a clariaudiência. Parecem ondas que vão e vêm, à medida que se efectua a sensitiva sente-se bem após estas mantua o relato. Escuta primeiro com o ouvido direito e distingue a voz feminina da masculina. Em certas oportunidades a sensitiva captou auditivamente páginas inteiras de livros que nunca vira.

B) *Com vidência* — Nos casos precedentes, a médium raras vezes vê. Noutras emergências vê entidades astrais que lhe falam. Às vezes produz-se um diálogo entre elas e a sensitiva, que, para falar-lhes usa a linguagem habitual, linguagem sonora para as pessoas presentes. Noutras ocasiões dá-se um caso curioso: os circunstantes vêem a médium monologar, quando, em realidade, está a dialogar. Assim, a conversação é difícil de entender, porque se ouve só uma parte.

6 — Clariaudiência noutras línguas (xenoglótica).

A) *Sem vidência* — A médium tem capacidade para receber auditivamente mensagens pronunciadas nutros idiomas. Traduz o que ouve e transmite-o.

B — *Com vidência* — Às vezes, para conseguir fazer a tradução recorre à vidência xenoglótica. Neste caso, ante a sua vista espiritual, apareceram xenografias equivalentes ao que lhe ditavam e que lhe eram mais fácil de traduzir.

Também há casos em que a médium vê entidades que lhe falam em línguas estrangeiras. A médium nota que lhe estão a falar noutra língua, entendendo o que lhe dizem, ainda que depois, geralmente, se esqueça.

Do mesmo modo se produzem os diálogos com a sensitiva, que responde com voz normal, mas em língua estrangeira, que ela compreende nessas ocasiões, embora mais tarde esqueça o que se passou.

7 — Vidência.

A vidência da senhora Adela abarca modalidades, a saber:

A) *Vidência silenciosa* — A médium vê os seres espirituais andar pela casa, sem lhe falarem, sobrepostas às pessoas que assistem às reuniões, viagens mentais, etc.

Os seres que a senhora Adela vê andar pela casa usam sempre vestuário cor de chumbo escuro, sendo o tom mais claro nos fatos dos homens do que nos vestidos das mulheres. Não se vêem as pernas.

Igualmente podemos considerar dentro deste grupo as seguintes vidências: figuras sobrepostas às pessoas que assistem às sessões, auras com as suas respectivas cores, formas de pensamentos abstractos, imagens criadas pelo som das teclas do piano, etc.

B) *Vidência com linguagem mental* — Nestes casos a médium vê as entidades espirituais com a boca fechada, mas percebe, mentalmente, o que lhe dizem, ou melhor, o que pensam, respondendo-lhes ela, por seu turno, também mentalmente,

compreendendo, por sua vez, aquelas, o que a sensitiva lhes transmite.

C) *Vidência com linguagem falada.* — A médium vê pessoas que falam, umas vezes em Castelhano, outras em idiomas estrangeiros. Nota que movem os lábios e percebe, por clariaudiência, o que dizem.

Quando lhes responde, fá-lo na sua maneira normal de falar, quer dizer, de forma que as demais pessoas que estão assistindo à experiência ouçam o que a médium diz, embora não possam escutar o que dizem os interlocutores.

Quando o diálogo é numa língua estrangeira, a sensitiva emprega-a também, sem explicar como a fala, nem porque a entende.

D) *Vidência de escritos em Castelhano ou em outros idiomas.* — Os casos de vidências de escritos, que se produzem durante as experiências, revestem os seguintes caracteres:

1) *Escrita sobre pedras.* — É este um dos casos de vidência xenográfica (vidência de escrita em outras línguas).

Em Janeiro de 1954, estava a médium sentada socegadamente, quando ouviu uma voz que lhe disse que pegasse num lápis e papel, pois lhe iam ditar uma prece em latim.

A senhora Adela pegou no papel e tomou nota. Como lhe tivessem dito que a não divulgasse porque era exclusivamente para ela e para ser usada só nesta espécie de experiências, decorou-a. Efectivamente, as instruções que lhe deram para fazer a leitura das pedras, recomendam que, depois de se ter descalçado, devia abrir os braços em cruz, levar em seguida as mãos ao peito e dizer, mentalmente, a prece latina. Em seguida devia abrir os braços e repetir tudo duas vezes mais.

A médium perguntou com que fim lhe indicavam que assim procedesse. — Para concentrar melhor o pensamento — foi a resposta.

Nestas experiências, uma vez ditas, mentalmente, as preces, a médium senta-se a uma secretária num escritório ao lado, onde passados segundos, antes da vidência começar, vê uma porta fechada.

Como a «leitura em pedras» pode ser tentada em qualquer ocasião pela médium, foi esta avisada de que se suceder esta porta não se abrir, isso significa que não deverá prosseguir nessa ocasião.

Se, pelo contrário, a porta se abre, quer dizer que poderá entrar e realizar a clarividência.

Transposta a porta, a senhora Adela não tarda em encontrar-se em frente de pedras com o aspecto de lápidas gravadas. As inscrições são em diversas línguas: hebreu, inglês, francês, latim, etc.

Algumas vezes o ralato continua noutras pedras as quais desfilam, umas a seguir às outras, com a parte gravada voltada para a médium, como se fossem carruagens de um comboio.

Ao encontrar-se perante esses idiomas estrangeiros, não sabe em que estado se acha que lhe permite lê-los e compreendê-los. Enquanto lê, está consciente e vê as pessoas que se encontram na salinha das sessões. Nestas ocasiões, porém, não lhe é permitido escrever, pois quando pega no lápis, desaparece quanto estava vendo.

Por isso, dita-nos sempre o que está lendo.

2) *Em livros.* — Outras vezes, o que a sensitiva vê são livros colocados sobre as pedras, cujas páginas se vão voltando, por si sós, à medida que são lidas.

Estas experiências (1 e 2) são muito interessantes porque quase sempre tratam de biografias cujos pormenores estão fora do alcance do conhecimento ou da memória dos presentes. Acrescente-se que os dados fornecidos, como datas e nomes históricos, são mais tarde verificados como exactos, na sua maioria.

3) *Sobre outras superfícies.* — Assim como a médium vê escritos em línguas estrangeiras, em pedras ou em páginas de livros, há ocasiões em que os vê noutras superfícies, ou no ar, umas vezes em Castelhano, outras noutras línguas. Nestes últimos casos também sabe traduzir.

Para estas vidências não se requer qualquer preparação, como sucede com a leitura das pedras ou dos livros, pois se produzem directamente.

(Continua)

Deus

Quem, senão Deus, criou obra tamanha,
O espaço e o tempo, as amplidões e as eras,
Onde se agitam turbilhões de esferas,
Que a luz, a excelsa luz, aquece e banha?

Quem, senão ELE, fez a esfinge estranha,
No segredo inviolável das moneras,
No coração dos homens e das feras,
No coração do mar e da montanha?

Deus!... Sòmente o Eterno, o Impenetrável,
Poderia criar o imensurável
E o Universo infinito criaria!...

Suprema paz, intérmina piedade,
E que habita na eterna claridade
Das torrentes da Luz e da Harmonia.

ANTERO DE QUENTAL

(Do *Parnaso de Além-Túmulo* — Recebido mediùnicamente por Francisco Cândido Xavier).

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

NA FRAQUEZA DO ESPÍRITO RESIDEM AS CAUSAS DAS DEFICIÊNCIAS FÍSICAS

O «Espiritismo», de Buenos Aires, insere um artigo com este título, em que chama a atenção para um dos ensinamentos da Sabedoria Antiga, a que várias vezes nos temos referido.

«Como nos tira o sono qualquer mal físico! Como nos aflige e desconsola toda a fraqueza ou doença que faz sofrer o nosso corpo!

Porque não nos inquietamos, igualmente, tratando-se do espírito?

Porque razão, tanto o vaidoso como o soberbo, o egoísta, como o avarento, o invejoso, como o ciumento, o concupiscente, o desregrado em todos os aspectos, se sentem bem e até tranquilos com tais impurezas? Porque não nos inquieta o nevoeiro moral que nos envolve?».

Bem sabemos que o atraso da Humanidade não lhe permite avaliar o peso da sua consciência. De resto, a consciência humana, estando ainda bastante adormecida, não possui a subtileza necessária para abranger problemas que escapam ao seu alcance. Geralmente, o homem «civilizado» ocupa-se quase exclusivamente de tudo quanto se refira à matéria. Aprendeu em criança que «é preciso gozar a vida enquanto cá estamos, porque, com a morte, acaba-se tudo».

O Espiritismo trouxe a grande missão de ensinar o homem a conhecer-se. Enquanto esta admirável doutrina não se generalizar, enquanto ela não for ensinada às crianças, ao mesmo tempo que a matemática e as ciências naturais, o homem manterá as mesmas características retrógradas.

Juntamente com os ensinamentos da escola primária deveria ministrar-se à criança os três grandes princípios básicos do Espiritismo: Reencarnação, Livre arbítrio e Karma. Neste trilho o homem iniciaria os seus passos na vida, sabendo que a psique e o corpo têm papéis preponderantes e estruturalmente ligados. Então, a problemática da Consciência faria parte do grande problema da vida e o ser hominal procederia integrado na sua verdadeira categoria de Homem.

Até lá, que Deus nos dê paciência!

PREVISÃO DA PRÓPRIA MORTE

J. Watts conta-nos, em «Psychic Highlights», que a Niassalândia é a mais encantadora terra em que ele viveu. Admira-lhe o povo, que é leal, valente e honesto, inteligente e alegre. Não havendo hospital nessa região, ele estabeleceu um pequeno centro de primeiros socorros na sua propriedade, com a preceptora de sua filha para o ajudar e à sua mulher nos tratamentos.

Um dia, um dos seus criados anunciou-lhe que o chefe Jeumola desejava falar ao Dona. O chefe era um homem alto, de aspecto digno, vestido de vermelho e branco, e trazia uma fina peça de tecido feita à mão. — «Para agradecer ao Dona, que tem ajudado o meu povo, eu trago este pobre presente».

Algum tempo mais tarde, tendo-o encontrado na aldeia, o chefe disse-lhe: — «Dona, digo-lhe adeus».

— «Você vai fazer alguma viagem, Jeumola?».

— «Sim, Dona, na próxima terça-feira vou para o Pai».

— «Para o Pai?»—perguntou, surpreendido, Watts, sabendo que o chefe só tinha 60 anos e parecia estar de perfeita saúde e cheio de serenidade.

— «Sim, Dona» — foi a resposta, com um longo e grave olhar.

«Isto passou-se na quinta-feira, de manhã. Na terça-feira seguinte Jeumola morreu repentinamente.

«Os nativos não se lamentam quando uma pessoa querida morre. Eles alegram-se que isso lhes aconteça.

«Estas pessoas, vivendo muito longe da civilização, parece nunca temerem a morte. Eu não sei se muitas delas sabem a hora da sua morte, mas Jeumola certamente que o sabia».

«Talvez que estes habitantes de Niassalândia não estejam tão «longe da civilização», como somos levados a pensar».

«Em Bombaim eu tive por amigo um aristocrata indu. Em certo fim de semana ele anunciou-me que morreria na quinta-feira seguinte, às 3 horas da tarde. Nesse dia chamou a família e amigos, disse-lhes adeus e pediu-lhes que o deixassem só para meditar calmamente nos seus últimos dias. De facto, ele morreu no dia e hora que tinha previsto».

Tempo virá em que o problema da morte, actualmente tão terrificante, será encarado com a mesma serenidade do Niassalandês Jeumola. E, possìvelmente também, com a maior naturalidade será conhecida a hora suprema de cada ser.

Assim será verdadeiramente compreendida e aceita uma das Leis Divinas que nos regem.

FÉ PERSONIFICADA — RAPARIGA ATROPELADA POR UM TRACTOR E CURADA PELA MÃE

O «Psychic Highlights» relata este curioso caso que transcrevemos:

«No «Sunday Dispatch», Godfrey Winn, distinto jornalista e autor, está escrevendo uma série de artigos acerca de curas espiritas. Ele verifica todos os factos que relata.

Vivian Durrant, sobrinha de Harry Edwards, rapariga que tomou parte nos serviços agrícolas durante a guerra, caiu de um tractor e foi atropelada pela roda gigantesca.

Os homens da ambulância disseram que não esperavam que ela chegasse ao hospital com vida. Os ossos do peito e dos ombros estavam tão esmagados, que os cirurgiões não sabiam como ou onde começar o trabalho de reparação.

Pairando à beira da morte, ela esperava confiadamente sua mãe, que tinha sabido do desastre pelo telefone, mas que continuou a sessão de tratamento que estava fazendo. (Um exemplo de confiança que estão dando os curadores de hoje!).

O relato não diz se os cirurgiões operaram. De qualquer modo, a mãe tratou-a. Cinco semanas mais tarde ela deixou o hospital e os médicos diziam que, mesmo que ela vivesse,

não poderia pôr-se de pé antes de um ano.

A mãe continuou a tratá-la e, em pouco tempo, Vivian começou outra vez a trabalhar na agricultura. Não havia cicatrizes.

Winn declarou que tinha «imensos dados» provando que «curas fantásticas estão sendo feitas por todo o país».

A condessa de Darnlew telefonou-lhe a dizer que o seu filho de 12 anos tinha sido atacado de poliomielite. O hospital considerou-o perdido.

O Dr. Chevasse, bispo de Rochester, pediu nas suas orações pela cura. Melhoras imediatas. A mãe disse que isso parecia milagre. O rapazito já voltou à escola.

Lady Darnley contou a Winn que ela própria foi curada de cegueira de nascença num dos olhos por outra curadora, a S.ª Gilbert.

A Sr.ª Gilbert curou a própria filha, de 10 dias, duma doença grave, pela imposição das mãos.

Desde então, a Sr.ª Gilbert mantém sessões de curas na casa Darnley.

A Condessa disse a Winn: —«Foi o menos que podia fazer. Continuarei a assistir a estes trabalhos toda a minha vida».

Estas notícias vieram reforçar a nossa convicção, tanta vez manifestada, de que os médicos adoptarão, no futuro, processos bem diferentes daqueles que hoje empregam.

Quão simples e racionais são os métodos da medicina natural! E que surpreendentes resultados já colhidos, sem falar da extinção da cruel vivissecção, que tantos milhões de pobres animais tem sacrificado, e sacrificará ainda, no mais atroz dos sofrimentos!

Podemos crer que Minerva, no Olimpo, não deve estar muito satisfeita com a teimosia dos Esculápios, muitos dos quais, senão a grande maioria, teimam em virar as costas à luz do verdadeiro Progresso.

O CASO DA «CHUVA DE PRATA»

Com as necessárias reservas, embora não julguemos o facto improvável, transcrevemos de «A Flama» (Uberaba, Brasil) o seguinte telegrama de Campinas:

«CAMPINAS, 24—Continua despertando a atenção dos campineiros o caso da «chuva de prata», de que deu notícia o «Correio Popular», Recordando os acontecimentos, devemos dizer que, há dias, uma senhora, moradora à rua Major Solon, observou que estranhos engenhos, semelhantes a discos voadores, voavam sobre a cidade. Ao passarem sobre a sua casa lançaram um líquido que se solidificou ao entrar em contacto com o solo. Quis ela apanhar os estranhos corpos, mas não pôde aproximar-se deles, em virtude do calor que irradiavam. Esses objectos foram levados à redacção do «Correio Popular», que pediu ao Dr. Vivaldo Mafferi, químico de uma indústria local, que os analisasse. O resultado do exame revelou tratar-se de estanho de pureza ainda não conhecida e com o alto teor de 88,91 %. A referida amostra não apresenta as impurezas comuns ao nosso estanho, tais como o chumbo, o antimónio, o ferro e outras. A única impureza apresentada é uma oxidação elevada. Em data de ontem o Estado-Maior das Forças Aéreas brasileiras interessou-se pelo caso e requisitou o material que se encontrava em poder do «Correio Papular». Para esse fim veio a Campinas o sargento da FAB Nelson Bandeira, que já levou para o Rio as placas de estanho, as quais serão examinadas pelas autoridades militares brasileiras e cientistas norte-americanos. A FAB enviou ainda a Campinas, na noite de ontem, dois oficiais para investigarem o caso».

Como se vê, o telegrama cita pessoas e envolve, mesmo, o nome de um departamento oficial — o Estado-Maior das Forças Aéreas Brasileiras.

Reveste-se, portanto, a notícia de um cunho de verdade bastante para considerar.

Que a Terra não é o único astro habitado crêem firmemente os espíritas, não só porque a lógica assim o manda e o afirmam os ensinamentos que do Alto nos vêm, mas também porque pela pluralidade dos mundos habitados nos temos que decidir ao interpretar a frase de Jesus: «Há muitas moradas na casa de meu Pai».

CASAMENTO DE ESPÍRITAS QUE PARECE UM CONTO DE FADAS

Por uma carta do nosso confrade Sr. Lino Soares soubemos do casamento do conhecido médium Sr. José Santos, mas não tínhamos mais detalhes.

A «Voz Informativa» de Fevereiro relata o acontecimento por uma maneira sugestiva:

«Espírito que encontra a noiva e faz o casamento»

«Nos círculos espíritas de Londres tem-se comentado com muito interesse o casamento de dois portugueses que se realizou na Igreja Espírita de Balham daquela cidade.

«O par era formado pelo Sr. José Santos e pela menina Adelaide Maria de Carvalho. O noivo é um conhecido médium, há tempos residente em Londres, e a noiva era a Secretária de um Centro Espírita do Porto, Portugal.

«O romance parece um conto de fadas...

«Como dissemos, o Sr. Santos vivia em Londres e conheceu aquela que viria a ser sua esposa seguindo os conselhos do seu espírito guia — Harry Kerry — que lhe disse que puzesse um anúncio para casamento num jornal português. O anúncio teve várias respostas, mas, seguindo as indicações de Harry Kerry, o Sr. Santos escolheu a menina Adelaide Carvalho.

«O Sr. Santos ignorava que esta jovem fosse secretária de um Centro do Porto. Quando o soube sentiu-se, mais do que nunca, impressionado com a sabedoria de Harry Kerry. Depois de terem trocado alguma correspondência, ela veio a Inglaterra para se casar. Acompanhava-a o seu tio, Sr. Lino Soares, que também é espírita, e que ficou encantado com o noivo.

«Surgiu uma dificuldade: intérprete para a cerimónia civil e religiosa. Contudo, o Sr. Santos manteve-se imperturbável, confiando plenamente que Harry Kerry resolveria a dificuldade.

«Miss Prince-Bishop muito conhecida pelas suas actividades espíritas, tendo chegado de Portugal, onde fora passar as suas férias anuais, foi levada por Mrs. Louis Hill à Igreja de Balham, que ela não conhecia. Como tivesse sido convidada para fazer uma conferência sobre Portugal, nessa Igreja, Miss Prince-Bishop teve conhecimento da história do casamento e logo foi convidada para intérprete. Assim se cumpriu, mais uma vez, a predição de Harry Kerry».

Assim também se desmente o que muita gente erradamente afirma: que os bons espíritos não se ocupam dos nossos pequenos problemas terrenos.

Os nossos familiares, quando são espíritos de esferas elevadas com missões de protecção, estão autorizados a defender-nos e a guiar-nos. O essencial é merecermos e, sobretudo, compreendermos o auxílio que nos é enviado.

Notas & Comentários

TÃO POBRE COMO OS QUE O VISITAM

Em telegrama de Nápoles, a United Press conta o seguinte maravilhoso fenómeno, que o jornal «O Nosso» do Rio de Janeiro transcreve, acerca de um homem que, embora pobre, consegue alimentar, diàriamente, umas 500 pessoas, sem aceitar qualquer pagamento: «Centenas de pobres desta cidade são alimentados todos os dias na humilde casa de Teodoro Mandato, em virtude de poderes que ele considera sobrenaturais. À mesa de Teodoro está sempre repleta de macarrão e talharim e bandejas com pão e frutas».

«Os comensais, que não cessam de chegar, agradecem ao venerando ancião, e depois retiram-se para dar lugar aos demais».

«O Sr. Mandato, que não aceita pagamento pela comida, explica que esta é obra da Providência, pois ele é tão pobre como os que o visitam. A explicação do «milagroso» homem, porém, não satisfaz as autoridades civis, nem as eclesiásticas, que querem explicar o mistério».

— «Como consegue o senhor dar de comer a tanta gente? — perguntaram-lhe».

«Teodoro respondeu com um sorriso nos lábios: — É obra de minha filha Rosa Imaculada, que vive em estado de graça. Por seu intermédio o Altíssimo me informou de que devo alimentar os pobres».

— «Porém, de onde lhe vem o dinheiro para isso?».

— «Da Providência — respondeu Teodoro humildemente».

«As autoridades têm procurado saber como o taumaturgo alimenta 500 pessoas diàriamente. Porém, os seus esforços têm resultado infrutíferos».

«Há 24 anos Teodoro foi a Roma em busca de fortuna. Começou a vender roupa velha com um carro de mão. O seu negócio prosperou por forma incrível e, ao eclodir a segunda guerra mundial, era imensamente rico, com um sumptuoso palacete e vários automóveis».

«Teodoro, porém, e os seus sócios eram de origem judaica. Foram perseguidos e os seus bens confiscados. Finda a guerra, Teodoro voltou a Roma; a sociedade devia uma elevada quantia de impostos. Teodoro, depois de pagar a parte que lhe competia, ficou sem um centavo. Pobre e sem amigos, regressou, com sua esposa e oito filhos, a Cardito, sua cidade natal, doze quilómetros ao norte de Nápoles».

«Durante cerca de dois anos viveram afastados da sociedade local e só eram vistos aos domingos, na missa».

«Em 1952, sùbitamente, a filha mais velha, Rosa Imaculada, abandonou a escola e começou a levar uma vida de clausura no seu quarto, em casa».

«Ao mesmo tempo Teodoro mudou de génio e apresentava-se mais alegre. Foi então que começou a abrir as portas da sua casa aos pobres, e o seu nome começou a passar de boca em boca, por toda a província».

«Teodoro vai todos os dias ao mercado, acompanhado de seus filhos, conduzindo grandes cestos para o «milagre» diário, e paga com notas que retira do bolso, sem sequer se dar ao trabalho de conferir o troco que recebe».

«Às vezes, os comensais de Teodoro manifestam o desejo de ver Rosa Imaculada, uma jovem de 20 anos, de abundantes cabelos negros, e que veste sempre uma túnica branca. E não faltam os que dizem que ela tem também a virtude de curar».

— «Rosa Imaculada — explica o Sr. Teodoro — vive uma vida sobrenatural e algum dia a sua beleza e santidade serão objecto de veneração».

«O pároco local começou a preocupar-se e falou com o bispo de Averosa, que prometeu investigar o caso».

«Até à presente data, contudo, não se sabe se se chegou a alguma conclusão».

Ignoramos, em boa verdade, até onde se poderá dar crédito a tão extraordinária notícia.

Se, efectivamente, o Sr. Teodoro possui faculdades supranormais, o fenómeno dos apports poderia explicar tudo, muito embora ainda surpreenda pela frequência e continuidade.

Na literatura espirita digna de crédito não há nada que se compare a este caso.

Apenas nos ocorre um facto, relatado há anos na «Revista de Metapsicologia», de pequenas somas, em moedas, que apareciam nos momentos de grandes aflições financeiras em casa de uma família de pescadores.

Parece-nos, portanto, que, dada a notícia com as necessárias reservas, os nossos leitores dela tomem conhecimento nas mesmas condições.

DIRECTORES DE GRUPOS

«Survie», de Março-Abril, chama a atenção de todos os directores de grupos para a urgente necessidade de se preocuparem com a eventual sucessão desses cargos, tomando todas as precauções inerentes às responsabilidades que eles comportam, a fim de que os continuadores estejam sempre à altura da sua delicada tarefa.

Fazemos nossos os desejos de «Survie», pois entre nós também não é demais chamar a atenção para esse problema, de capital importância para a boa marcha das nossas sociedades, e, consequentemente, do progresso e bom nome do Espiritismo em Portugal.

A direcção de um grupo espirita requer várias aptidões, tais como um claro e exacto conhecimento da Doutrina, boa cultura geral, afabilidade no trato, etc.

Os directores de grupos são valiosos propagandistas, pois da maneira de orientar as sessões espiritas depende, em grande parte, a eficaz propaganda de tão nobre e útil Ideal.

As suas responsabilidades são grandes não só perante o público terreno, como ante os Guias que lhes confiam, por vezes, problemas delicados. É, pois, de toda a utilidade que cada director de grupo tenha o seu competente substituto.

Infelizmente, entre nós, muita vez estes assuntos são entregues... ao Além! Entendemos que se deve dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Que os nossos directores de grupos escutem também o apelo de «Survie», são os nossos maiores desejos.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No passado domingo, dia 22 de Maio, realizou-se no Centro, conforme fora anunciado, mais uma conferência pelo nosso confrade Ângelo da Costa Cabral, presidente da Ordem Esotérica Iniciática e da Sociedade Portuguesa de Naturologia, subordinada ao tema «O Espiritualismo e as Leis Divinas». Tomando como ponto de partida a conhecida frase bíblica *Não matarás,* o orador fez úteis e sujestivas considerações a seu respeito, que a assistência númerosa ouviu com vivo interesse. No final António Cardoso, que estava presidindo, secretariado por Jorge Raimundo e Raúl Ribeiro Pesqueira agradeceu a Costa Cabral a sua bela lição e fez votos para que brevemente outras se sigam.

MAURICE MESSEGUÉ

Esteve há dias no Centro Espiritualista Luz e Amor o nosso prezado amigo Sr. Maurice Messegué, extraordinário radiestesista francês, que realizou quando da sua estadia em Lisboa, no passado mês de Dezembro, uma memorável conferência subordinada ao tema «Doentes, podeis curar-vos», a que assistiram mais de 300 pessoas. Nesse interessante trabalho, o ilustre confrade não só mostrou a importância da Radiestesia e Métodos Naturais no diagnóstico, profilaxia e cura das enfermidades, como respondeu ainda a muitas perguntas feitas pelos presentes.

É autor de vários livros como «O Curador, esse desconhecido», «É a Natureza que tem razão» e «Sim, eu curo»; neste último vamos encontrar testemunhos de centenas de doentes que se curaram graças ao seu saber e prática.

O nosso prezado colega «Diário de Notícias», escreveu há meses a seu respeito: «Toda a imprensa francesa e uma grande parte da dos dois continentes se ocupou dele, das suas curas maravilhosas, a propósito dos seus julgamentos em Nice, em Paris e em Lião, em processos que lhe foram movidos pela Ordem dos Médicos Francesa. Esses julgamentos, em que vieram depôr, a favor de Maurice Messegué, muitas altas personalidades, generais, homens de ciência, homens de letras, deputados, antigos ministros, centenas de pessoas por ele curadas, constituiram verdadeiros triunfos para o radiestesista. Depois da sentença de Nice, em que, embora condenado a uma pena mínima, em obediência à letra da lei, o juiz prestou homenagem aos autênticos serviços e êxitos do acusado, Messegué foi levado em triunfo pela assistência, que o aclamou, em delírio à saída do tribunal».

Pois esse nosso ilustre amigo, que tem também um consultório na Suiça e vai a Londres todas as semanas, tal é o seu prestígio, esteve novamente entre nós, tendo feito até o amável oferecimento de realizar outra conferência, que seria, estamos certos disso, outro grande êxito. Infelizmente, porém, por motivos completamente alheios à sua e à nossa vontade, isso não foi possível.

Daqui lhe endereçamos, num fraternal abraço, sinceros desejos das maiores prosperidades e triunfos.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE ABRIL

Mais um brinde aos subscritores desta secção beneficente.

«Doutrina Espirita» — D. Maria Luisa Pavão Veloso Macedo, Amadora.

Presados confrades, subscrevendo nesta secção contribuireis para a obra de solidariedade humana em que todos devemos estar empenhados.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JUNHO DE 1955

Dia 1, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação mental «Reper-Siam», dirigida por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 9, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigida por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Conferência por Luciano Silva, intitulada «Ser Sábio, Santo e Sadio».

Dia 15, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 16, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigida por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 19, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 22, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 23, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 26, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 29, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 30, quinta?feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 3 de Julho, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 6, de Julho, quarta-feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 7, de Julho, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigida por Raúl Ribeiro Pesqueira.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Maio — I. S., Lisboa, 20$00; A. L. G., Lisboa, 10$00; M. H. A. B., Lourenço Marques, 16$00; D. Dulce Pereira Brito — Entradas, 40$00; D. Maria da Silva Jácome, Ponta Delgada, 20$00; Centro E. Luz e Amor, 50$00; Brindes de livros espiritas, 60$00 — *Total* — 216$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio,* livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz,* obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	

OBRAS DIVERSAS

A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga,* recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda,* 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

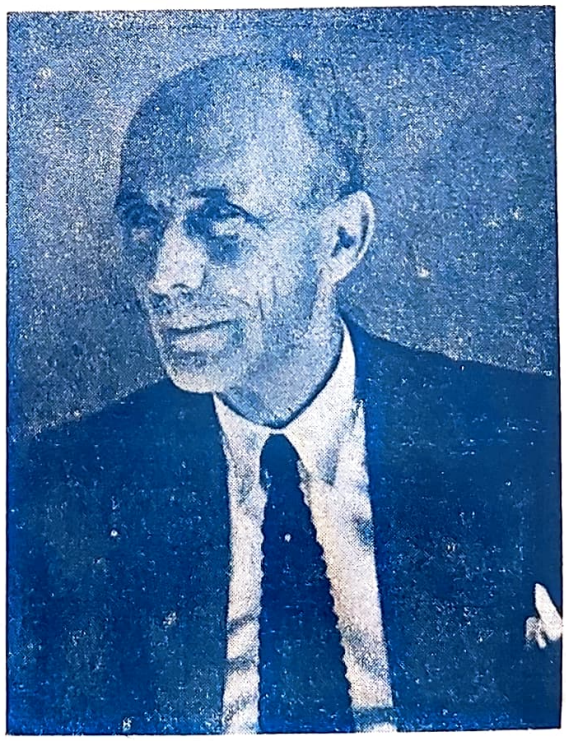
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



JOSÉ CARLOS DE CHELMICKI AFLALLO

(Ver pág. 188)

CONTÉM: Lição, da **Redacção**; Interpretações da Reencarnação, por **Deolindo Amorim**; A Visibilidade da Aura; Somos Todos Irmãos, por **Clarinha**; A Mediunidade de Fernando de Lacerda, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Frente ao Materialismo (De «Cristianismo e Espiritismo» — **Léon Denis**); O Método Espirita de Kardec Conduzirá o Mundo à Verdadeira Religião, por **J. Herculano Pires**; Vegetarianismo e Espiritualismo, pelo **Dr. Alberto Lira**; O Espiritismo (De «O Espiritismo Contemporâneo» — **Dr. Martins Velho**); Como se Tornou Espirita?; Ecos de Uma Viagem, por **Isidoro Duarte Santos**; Em Torno da Prece (Comunicação recebida pelo Médium Francisco Cândido Xavier); Apostolado e Mediunidade de Pancho Sierra, por **Salvador Gatto**; A Mediunidade Poliglota da Senhora Adela Albertelli, por **José Martin**; Amigos que Partem - José Carlos de Chelmicki Aflallo; Crónica Estrangeira; Notas & Comentários; Noticiário.

16.º ANO JUNHO DE 1955 N.º 6

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores — Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $120,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espíritos	35$00	47$00
O Livro dos Médiuns	35$00	47$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	35$00	47$00
O Céu e o Inferno	38$00	50$00
A Génese (nova edição)	38$00	50$00
Obras Póstumas	35$00	47$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisivel (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1955 — N.º 6

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

LIÇÃO

Que grandes e mangíficas lições se não aprendem neste Brasil! Por toda a parte encontro o mesmo espírito fraternal, o mesmo desejo de servir a Doutrina, de comungar na hóstia sacrossanta da Caridade! Nunca vi união assim. Onde há espiritas há amigos, há monumentos de beleza material e espiritual. E sabem o que notei, logo à primeira vista? É que o coração português está na base de 80 % das obras beneficentes. Lá está o braço e o cérebro, lá está o dinheiro e o trabalho. Por isso os brasileiros nos consideram irmãos.

Por outro lado, é rara a família em que não haja descendência portuguesa. Um pai, um avô, um tio... são troncos que as vergônteas não esquecem. Deste modo as instituições espiritas trabalham e progridem apoiadas ao braço lusitano, que nunca deixou de animar e auxiliar as iniciativas beneficentes.

A viagem de Café Filho a Portugal e a recepção extraordinária que lhe fizemos — apesar de me encontrar no Brasil tomei parte na homenagem — contribuiu verdadeiramente para esta onda de amizade, para estas explosões de ternura e simpatia de que tenho sido alvo.

As palavras não exprimem a cor, o relevo, o tom em que vibram os irmãos espiritas. Descrevem isto ou aquilo, procuram traduzir o sentimento, mas o essencial do fenómeno permanece oculto. Não vi ainda a mais leve discrepância. Todos me dão um pouco de lição, todos voltam os braços para a velha Europa, num olhar nostálgico que tem muito de colaboração e sintonia.

O Espiritismo é o imã, é o núcleo central. Para ele convergem as afirmações de fé mais altas e harmoniosas. As saudações que me têm feito vão muito além do meu valor intrínseco. Mas recebo-as como reflexo salutar de um trabalho honesto. O desejo dos manifestantes seria que pudéssemos fundar em Portugal obras igualmente belas. Estariam prontos a revelar-nos o segredo dos seus triunfos. E ficam tristes e pesarosos, quando notam que é cedo para levar o Evangelho Vivo a plagas lusitanas.

— Olhai como trabalhamos! Com 50 cruzeiros aventuramo-nos a obras de milhões! O povo dá quando se lhe pede. Até os descrentes dão. E quem mais dá, afinal, é quem menos tem! Quem mais dá é o pobre, que trabalha de manhã para comer à noite, com a casa cheia de filhos.

Mas também a tem cheia de sol espiritual, como tive ocasião de observar algumas vezes.

Amigos de Portugal! Que grande e formosa lição de unidade e solidariedade! Nem os católicos, nem os protestantes, nem os metodistas, nem os ateus — haverá ateus? — conseguem estes milagres do coração. Só os espiritas caminham, orando e cantando. Só eles se desentranham em obras de caridade, só eles se multiplicam em dádivas que são presentes do céu.

A minha análise é serena e dura. Observo com a inteligência, embora sinta com o coração. Mas concluo positivamente. O resultado é maravilhoso.

Nós temo-nos perdido nos atalhos da ciência. Andamos à roda de uma brasa morta, julgando que poderá aquecer-nos. Afinal, o que aquece é o lume vivo. Mas, esse, temos de acendê-lo. Mais ainda: temos de ateá-lo. E como se ateia esse fogo sagrado, senão através da Fé, que constrói monumentos de amor, através do esforço ordenado que se alicerça nos Evangelhos?

Eu falo assim, porque a lição foi rija, foi edificante. Apregoar bondade, sem dar um passo no sentido do Bem, é trabalhar em pura perda. O melhor é não apregoar, mas lançar mãos à obra!

No Brasil é assim que se faz. Não será tempo de lhe seguirmos na esteira?...

Cimentemos o Ideal em alicerces de amor e fé e ele se firmará para os séculos!

Volta Redonda, Maio de 1955.

Interpretações da Reencarnação

por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

— I —

A reencarnação é, como se sabe, um princípio aceito por diversas escolas espiritualistas, tanto do Oriente como do Ocidente. Apoiado nos ensinos oriundos do mundo espiritual e, ainda, pelas suas pesquisas e deduções pessoais, Allan Kardec firmou a sua Codificação, que é a base e o corpo da doutrina espirita, sobre a tese reencarnacionista, mas fê-lo — notemos bem — em termos adequados ao pensamento ocidental. A ideia geral da reencarnação tem raízes orientais, sua origem é remotíssima, como já é sabido de todos os estudiosos destes assuntos. Allan Kardec, por orientação espiritual, depois de criteriosos e longos estudos, introduziu-a no cerne da doutrina então Codificada com o nome de Espiritismo. Convém notar, entretanto, que o Espiritismo trouxe contribuição nova à teoria da reencarnação, tanto assim, que modificou certos conceitos antigos.

Com relação à *metempsicose*, por exemplo, o Espiritismo trouxe muita luz, porque demonstrou ser impossível admitir, racionalmente, a reencarnação de um espírito humano em corpo de animal. É verdade que, para certos orientalistas e estudiosos, a teoria da metempsicose, em sua conceituação original, não é bem o que se pensa e o que se diz no Ocidente. Já ouvimos, não há muito tempo, uma conferência em que um orientalista erudito, após haver exposto largamente alguns pontos básicos do Bramanismo, passou a fazer comentários sobre a reencarnação e, por fim, criticou muito os espiritualistas ocidentais por interpretarem a *metempsicose* — dizia ele — muito pela rama e de forma por vezes, até, um tanto depreciativa. Em suma, queria o conferencista dizer que a teoria da metempsicose não é tão retrógrada como se afirma, mas apenas tem sido mal exposta e mal interpretada no Ocidente. Não discutimos este ponto. Seja como fôr, haja ou não haja exagero, a verdade é que existia e ainda existe, no Oriente, quem admita a reencarnação em corpo de animal. Não é simplesmente uma opinião individual: é uma crença, é um pensamento colectivo, porque certos grupos, ainda hoje, na Ásia, embora constituindo minoria, cultivam essa crença.

Já se disse também que Allan Kardec não se demorou muito no estudo da *metempsicose* — teoria conhecida e admitida no Oriente desde os tempos primitivos — porque apenas no *Livro dos Espíritos*, e de modo lacónico, é que se encontram referências a este assunto. Diga-se de passagem, todavia, que Allan Kardec, de si mesmo, tratou da metempsicose como decorrência da resposta que fora dada pelo espírito instrutor à pergunta 612, formulada nos seguintes termos: «Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?». A resposta veio, é claro, de acordo com a objectividade da pergunta: «Isso seria retrogradar, e o espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente».

Eis aí, portanto, um princípio. Kardec preocupava-se precisamente com os princípios e não com os pormenores. Não lhe interessava, para o fim que tinha em vista, descer a perquirições históricas a respeito da metempsicose e de outras crenças orientais. A entidade comunicante respondeu exactamente com o mesmo espírito de síntese com que a questão havia sido proposta: a reencarnação do Espírito em corpo de animal seria retrogradação. Nada mais.

Se era ou não exacta a ideia que se fazia da metempsicose, como crença ou como doutrina, no tempo de Kardec, pouco importava naquele momento, porque a pergunta fora feita em tese, para que o espírito elucidasse um ponto ainda obscuro: a possibilidade ou impossibilidade da volta do espírito em corpo de animal. Kardec formulou a questão dentro do conceito corrente. Ora, o que se entendia por metempsicose, segundo a tradição transmitida do Oriente — bem ou mal interpretada — era realmente a crença na transmigração das almas através de corpo de animal. Existia, portanto, a crença. Ninguém o negaria, nem mesmo um orientalista ortodoxo. Evidentemente, se não existisse uma crença

muito antiga nesse tipo de reencarnação, aliás estranho e inexplicável. Allan Kardec não teria pedido ao espírito que esclarecesse o problema.

De acordo com a resposta do espírito, Kardec limitou-se a acrescentar comentários pessoais, muito desenvolvidos, aliás, pois tomam quase duas páginas do *Livro dos Espíritos*, logo em seguida à pergunta 613. Observa sensatamente o Codificador do Espiritismo:

«*Seria verdadeira a metempsicose, se indicasse a progressão da alma, passando de um estado inferior a outro superior, onde adquirisse desenvolvimento que lhe transformasse a natureza. É porém, FALSA no sentido da transmigração directa da alma do animal para o homem e recìprocamente, o que implicaria a ideia de uma retrogradação, ou de fusão*».

Não nos esqueçamos de que Allan Kardec situou bem a questão, quando disse: *a reencarnação, como os espíritos a ensinam, funda-se, ao contrário, na marcha ascendente da natureza e na progressão do homem, DENTRO DA SUA PRÓPRIA ESPÉCIE, o que, em nada lhe diminuiria a dignidade.* (Demos relevo, em maiúsculas, às expressões que nos parecem mais significativas e decisivas). Isto quer dizer, sem a menor dúvida, que a reencarnação do espírito há-de se operar dentro da própria espécie humana. Com estas observações finais, deu Kardec por encerrado o assunto:

«*Quanto às relações misteriosas entre os homens e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento ACTUAL nada importa ao nosso progresso, e sobre as quais seria inútil determo-nos*».

Vê-se, pois, que Allan Kardec não teve a preocupação especial de discutir a doutrina da metempsicose, se era ou não bem compreendida no Ocidente, etc. Interessava-lhe exclusivamente examinar e esclarecer o problema da transmigração da alma em corpo de animal, fosse à luz da metempsicose, fosse à luz de qualquer outra teoria. No ano seguinte, já em 1859, Kardec publicou em sua *Révue Spirite*, n.º 12, correspondente a Dezembro daquele ano, uma comunicação feita à *Sociedade Parisiense de Estudos Psíquicos*, então sob a sua presidência, tendo-se posto em foco, novamente, o problema suscitado no *Livro dos Espíritos*. Kardec julgou oportuno voltar ao assunto. Dizia a comunicação, em concordância, aliás, com a opinião já expendida anteriormente por Allan Kardec:

«*A metempsicose dos Hindús está fundada sobre o princípio da degradação das almas. A reencarnação, segundo os espíritos, está fundada no princípio da progressão contínua. Segundo os Hindús, a alma começou pela perfeição para chegar à abjecção: a perfeição é o começo, e a abjecção, o resultado. Seria supérfluo procurar demonstrar qual destas duas doutrinas é a mais racional, qual a que dá mais elevada ideia da bondade e da justiça de Deus*».

Faz-se confronto, nessa comunicação, entre duas concepções reencarnacionistas: a metempsicose, já citada, e a concepção do Espiritismo, completamente diferente, senão oposta.

Não se pode, sensatamente, acusar Kardec de haver desfigurado o conceito da metempsicose, nem tão pouco de haver tratado deste assunto apenas por alto. Não. O Codificador do Espiritismo encarou o problema sob o ponto de vista racional, pelo critério lógico, no que foi, inegàvelmente, muito profundo em sua interpretação. Tendo evitado quaisquer divagações e minúcias inoportunas, Kardec resumiu a discussão e procurou cingir-se, prudentemente, como sempre, à parte essencial da tese: pode ou não pode um espírito, que haja animado corpo humano, reencarnar em corpo de animal? NÃO, responde a doutrina espirita. Está definida, portanto, a posição do Espiritismo em face da questão. E não pode, porque:

a) — sob o ponto de vista fisiológico, a natureza do perispírito humano encontraria resistência na constituição do organismo animal;

b) — sob o ponto de vista filosófico, a reencarnação em corpo de animal estaria em completo desacordo com um ponto básico do Espiritismo: a progressividade do espírito;

c) — sob o ponto de vista moral, seria uma injustiça, porque o espírito, uma vez reencarnado, como castigo, em corpo de animal, não teria órgãos apropriados para exer-

A VISIBILIDADE DA AURA

A Psychic News, de 10 de Agosto de 1935, publicou um artigo sobre a aura, em que diz, baseada num relato do News-Chronicle, *haver um cientista inglês que afirma ter visto a aura a olho nu. Além disso, muitas das suas sentenças confirmam os resultados obtidos pelo Dr. Kilner, que chamou a atenção dos investigadores para as emanações da aura.*

— A aura não tem nada de espiritual ou oculto, — disse ele ao «reporter», — pois é um facto, puramente, físico e natural.

Segundo aquele cientista, cujo nome não foi revelado, a aura compõe-se de duas camadas que acompanham os contornos do corpo.

Quanto à cor, varia de azul claro a cinzento.

A camada inferior da aura estende-se cerca de quatro polegadas fora da epiderme e a camada exterior cerca de seis a doze.

A variação de temperatura não a impressiona, o que prova que a aura não é vapor.

Parece que os imãs exercem alguma atracção sobre a aura inferior, mas a polaridade magnética não tem nisso qualquer influência.

A aura não é, portanto, de natureza magnética. A electricidade, por exemplo, descarregada da máquina electrôestática de Wunshunt, faz desaparecer a aura, ainda que mais tarde apareça mais expandida. Por isso, o cientista pensa que esse facto prova, suficientemente, que a aura é de natureza eléctrica.

A aura desaparece, completamente, com a morte. Também desaparece com a perda da consciência, e vice-versa.

O estado de saúde influi muito na sua cor e forma. Uma pessoa sã tem aura azul clara e a doente cinzenta.

Nos casos epilépticos, acaba na região dos joelhos.

Os órgãos doentes não produzem emanação alguma. São indicados, na aura, por manchas escuras.

A aura também varia com a idade das pessoas.

Pràticamente, as crianças não têm aura exterior. Os períodos da puberdade, gestação, senilidade, estão, claramente, demarcados. O mais interessante é que, na mulher, a aura é muito maior que no homem. As pessoas vulgares não podem ver a aura, porque é demasiado pequena a amplitude das suas vibrações. As mais curtas ondas que podemos ver, são as dos raios violeta.

A aura encontra-se na região a seguir aos raios ultra-violeta. Todo o segredo dos médiuns videntes está em que os seus nervos são muito mais sensíveis a essas vibrações.

O cientista acha que muitos se poderiam tornar, artificialmente, clarividentes, e que os videntes podem, também, aperfeiçoar as suas faculdades. Lamenta, porém, não lhe ser permitido continuar as suas investigações, por falta de recursos.

Aquele cientista deixou a sua cadeira de biologia na Universidade de Cambridge, para servir no exército, durante a guerra, voltando a casa, em 1918. Ainda trabalha, como professor de biologia, mas fora da Universidade, por ter sido extinta a referida cadeira.

---

citar as suas faculdades e, assim, não teria oportunidade nem meios para se reabilitar, o que seria, portanto, uma solução absolutamente fatalista.

Firmada a posição do Espiritismo em face da tese reencarnacionista, Kardec não tinha necessidade, portanto, de examinar outros aspectos da metempsicose.

A reencarnação é um princípio lógico, inteiramente compatível com a razão e o senso de justiça; mas a reencarnação em corpo de animal, se fosse admitida, seria uma tese insustentável, por falta de apoio lógico e experimental.

Vê-se, pois, que a Codificação de Allan Kardec colocou o problema da reencarnação em termos aceitáveis, tendo rejeitado substancialmente certas hipóteses reencarnacionistas, admitidas no Oriente. Nem todas as correntes reencarnacionistas têm a mesma opinião sobre determinados pontos. Daí as divergências de interpretação, das quais nos ocuparemos no próximo artigo.

(Continua)

SOMOS TODOS IRMÃOS

Por CLARINHA

Ao prezadíssimo confrade Isidoro Duarte Santos, que transpôs os mares para nos dar a alegria de sua visita, pálida lembrança dos seus amigos de Cachoeira Paulista — S. PAULO — BRASIL, 20-5-955.

Minha filha querida,
Vem cá!
Senta-te aqui, bem junto a mim.
Assim!
Pára um pouquinho, um só momento, escuta.
E agora,
Vem ver, de dentro para fora,
O cenário da vida.

Minha criança,
Vejo descendo, lentamente, essa cortina
Que velava tua alma de menina...
Sinto que um munâo novo te reclama,
Te chama,
Cheio de sol, de música, de som,
Onde tudo é grandioso, belo e bom!

E essa alvorada de emoções vibrantes, novas,
Palpitantes de vida e claridade,
Invade
A penumbra sagrada de tua alma,
Onde dorme a inocência doce e calma.

E isto tudo te cega...
Tu já não podes ver,
Nem compreender,
Senão a voz do que é mais claro e mais berrante...
És como a folha solta, em pleno turbilhão,
Rodopiando ao sabor da fantasia...
Na vertigem do sonho e da alegria...

Minha filha querida,
Pára um pouquinho, escuta!
Não é isto sòmente *a nossa vida!*
Podes dançar!
Oh! Sim! Sorrir, cantar...
Mas, olha, se teus pés, levianos, tontos,
Não pisaram sem ver... magoando flores,
Flores humanas, pobres, multicores,
Escondidas, talvez, na folhagem da vida...
Podes bailar!
— Bailam pássaros, ventos, baila o mar...—
Mas cuidado, filhinha!
Sê modesta,
Sê discreta, prudente, tolerante e nobre.
Jamais te acanhes de apertar a mão de um pobre...
Que ao banquete perene de tua alma em festa

Haja guarida para toda criatura.
Brancos, de côr, incultos ou poetas,
Ímpios e ascetas,
Budistas ou cristãos,
— Não te esqueças, filhinha! —
«Somos todos irmãos».

A MEDIUNIDADE DE FERNANDO DE LACERDA

pelo Coronel FAURE DA ROSA

A mediunidade de Fernando de Lacerda era inteiramente objectiva e, dentro desta, da espécie que menos fala aos nossos precários cinco sentidos: mediunidade escrevente-psicográfica, para me servir da classificação de José Lhomme. Não há mediunidade para empolgar a massa como a objectiva, de efeitos físicos, pela forma espectaculosa de que as suas manifestações são revestidas. São os fenómenos preferidos pelos rebeldes à meditação. E, contudo, é, talvez, a de ilusionismo menos difícil.

A mediunidade subjectiva psicográfica é serena: não tem exibições que espevitem curiosidades abracadabrantes, nem produz o arrepio emocional que tanto agrada às sensibilidades doentias. A mediunidade psicográfica, precisamente porque tem mais carne do que casca, exige observação mais demorada, inteligência penetrante, raciocínio lúcido.

QUEM ERA FERNANDO DE LACERDA

Fernando de Lacerda era um modesto sub-inspector da Polícia administrativa de Lisboa, de cultura, talvez, menos que mediana. Desempenhava o seu cargo com zêlo modelar, a par da competência e da bondade que em todos os seus actos funcionais demonstrava. Na vida privada, revelava a mesma inteireza de carácter, de probidade, de isenção magnânima, que todos que com ele privavam lhe reconheciam. Ninguém punha em dúvida a sua boa fé, a sua completa lealdade e sinceridade na afirmação do fenómeno e no relato despretencioso e singelo do modo como se produzia.

Todos aqueles, que observavam as suas manifestações mediúnicas e estudavam as suas produções, eram unânimes em afirmar as qualidades de carácter de Fernando de Lacerda. O Dr. Sousa Couto, talvez o mais arrojado e estudioso dos espiritas portugueses, analisou a mediunidade de Fernando de Lacerda com tenacidade, demoradamente, sob todos os aspectos, e largamente a descreveu, explicou e justificou em vários e valiosos trabalhos que ficaram arquivados na revista *Estudos Psíquicos* que ele então dirigia. O Dr. Amilcar de Sousa, nosso prestimoso confrade do Porto, já desencarnado, fez uma conferência na S. P. I. P. acerca do Dr. Sousa Couto a quem o Espiritismo português muito deve. Individualidades, de valor mental e cultural, como os doutores Martins Velho, Anacleto de Oliveira, Xavier da da Silva, Francisco Namorado, e tantos outros, todos eles prestavam a devida e inteira justiça a Fernando de Lacerda.

COMO COMEÇOU A SUA MEDIUNIDADE

Obedecendo ao impulso estranho e insólito de que são acometidos os médiuns psicográficos, Fernando de Lacerda, durante seis anos, só obteve escritos pobres de conteúdo, malévolos, insultuosos, por vezes, e que, sempre, vinham assinados por um nome que ele em vida conhecera, e cujo carácter parecia que nascera pòstumamente vincado com antigos laivos da impureza da vida terrena. Que se lembrem deste começo todos os médiuns psicográficos incipientes e não desanimem. Uma das qualidades, que do Além se exige àqueles que se dedicam ou pretendem dedicar a este género de trabalhos, é, sem dúvida, a paciência, a perseverança, a tolerância.

Fernando de Lacerda obteve, depois, comunicações firmadas com nomes de várias pessoas falecidas e cujo conteúdo e estilo estavam muito acima dos seus recursos científicos e literários.

Essas comunicações, no fundo e na forma, dão-nos a impressão de que só as poderia escrever o punho do escritor cujo nome as paterniza, muitas vezes com notável semelhança caligráfica.

COMO FUNCIONAVA

Lacerda, ao começar um escrito, não sabia que nome lhe correria dos bicos da pena ao fim dessas belas e inesperadas páginas. Os conceitos, os contrastes, os imprevistos dessas comunicações eram para ele uma verdadeira surpreza, porque a sua consciência não lhe acusava a elaboração desse trabalho mental, e ele mesmo era o próprio a reconhecer-se incapaz de o produzir.

Frequentemente surgiam palavras cujo sentido ignorava, outras cuja propriedade lhe parecia contestável, mas o recurso ao dicionário fazia-lhe vêr que esses termos desconhecidos, acepções ignoradas, estavam, com justeza, no seu lugar.

Como a quase todos os médiuns acontece — se não a todos — havia momentos particularmente especiais para a produção da escrita.

O êxito depende dum estado especial indefinível; esse estado favorável é, pode dizer-se, pressentido. Há como que um impulso, uma marcada inclinação para escrever. Era então que escrevia àgilmente, sem emendas, sem hesitações, lèvemente, sem cansaço, sem o menor esforço intelectual, sem o menor entrave.

Nessa ocasião o cérebro estava como parado, a vontade abolida, toda a acção mecânica indesejada. A mão, porém, ia correndo, a escrita deslizando, sem que Lacerda soubesse o que ia saíndo e menos ainda qual a ligação que viria.

Igualmente ignorava quando a escrita acabava. Para ele tudo eram surprezas, até o próprio remate da comunicação. Estes pormenores, que transcrevo, são deduzidos do inquérito feito pelo Dr. Sousa Couto.

Também sucedia, por vezes, Lacerda ouvir, durante a escrita, as palavras como se fossem produzidas fonogràficamente no cérebro. Fernando de Lacerda afirmava que o seu cérebro consciente não presidia ao fenómeno, não dirigia a associação ideológica, não ditava, não pensava, em suma, uma única palavra do que escrevia.

DUAS POESIAS MEDIÚNICAS

As duas poesias que vou transcrever — «À mocidade» e «A mocidade» — ditadas pelo espírito de João de Deus — foram obtidas da seguinte maneira:

Fernando de Lacerda e o Dr.

Xavier da Silva estavam sentados a uma mesa e escrevendo ao mesmo tempo. Cada um escrevia a sua sextilha, e, depois de todas escritas, quando se procurava coordená-las para comporem a poesia, reconheceu-se, com grande surpresa, que não era uma, mas duas poesias, e que um dos médiuns havia escrito as sextilhas impares e o outro as pares.

À MOCIDADE

O sol d'Abril,
Num céu d'anil
Desabrochando,
É o luzeiro
Do caminheiro
Que vai marchando.

Riso d'amor
Que beija a flor
Nos descampados.
Alento e vida
D'alma dorida
Dos desgraçados.

É globo d'oiro,
Bem fulvo e loiro,
Sorrindo ao mundo,
Graça e favor
Que o Criador
Vos dá jocundo.

Com tudo isto
O sol de Cristo,
Sendo tão puro,
Logo ao subir
A rir, a rir,
Beija o monturo.

Fazei também
Como o que vem
Dar-vos lição,
Tereis na essência
Dessa existência
A salvação.

A MOCIDADE

Ó mocidade
Riso e saudade
Do meu amor!
Hora tão linda
Que breve finda
Imersa em dor!

Aragem breve
Que bem de leve
Cicia e passa,
Sonho infantil,
Curto, subtil,
Cheio de graça!

Manhã rosada,
Branca alvorada,
Dia outonal!
Cativa flor,
Essência, olor,
Dum roseiral!

Aura fagueira,
Que vem ligeira
Sorrir ao velho,
E o faz chorar
Ao remirar
Aquele espelho.

Ai quem lhe dera,
Por vã quimera,
Ser sempre assim!
E rindo, louco,
Ir, pouco a pouco,
Chegando ao fim!

Comparemos já estes versos, para nada perdermos do seu ritmo delicioso, com um de igual medida que, a pág. 7, encontro no «Campo de Flores» desse génio poético inimitável que na vida terrena se chamou João de Deus — o maior poeta do Amor, como o qualificou um crítico italiano — uns versos a que o autor deu o título de «Meu casto lírio»:

Meu casto lírio,
Terno delírio,
Glória e Martírio
Do meu amor!
Amo-te como
A haste o gomo,
O lábio o pomo,
E o olho a flor.

Se ao meu ouvido
Sôa o rugido
Do teu vestido
Indo a roçar,
Que som me vibra
Não sei que fibra,
Que me equilibra
Assim no ar?

Não se encontra em todas às estâncias, a mesma cadência rítmica, a mesma espontaneidade e a mesma singeleza de dizer?

Versos do *Além* e do *Aquém* confundem-se no mesmo lirismo, no mesmo estro sublime, porque todos eles são do mesmo grande poeta do Amor, do grande lírico que se chamou João de Deus.

A CRÍTICA DOS ADVERSÁRIOS

Fernando de Lacerda, sem dúvida, foi o médium português mais discutido que até hoje apareceu. E, como todos os médiuns, não escapou à imputação de trapaceiro, embora os imputadores não tivessem explicado a maneira por que compreendiam a possibilidade de objectivar as trapaças. É fácil fazer acusações genéricas, imprecisas e irónicas, quer se trate da mediunidade objectiva, quer da subjectiva. Isto está ao alcance do primeiro sarrafaçal que se presuma de letrado e de engraçado. Parece até que quanto mais realça a acuidade mediúnica do sensitivo, mais a troça sobe e se aglomera a crítica soez em volta do pobre médium que não percebe, muitas vezes, porque o maltratam com tanta grosseria e contumácia.

E de nada vale que os observadores se chamem Crookes, Lodge, Richet, Lombroso, Geley, Curie, d'Arsonval e que afirmem a realidade dos fenómenos, longamente, persistentemente estudados e discutidos: são todos uns tontos, uns parvos. Há muito boa gente que pensa assim: a inteligência e o bom senso de outrem só duram enquanto se pensar como eles; desde que os contrariem passam a estúpidos, a néscios, destituídos do mais elementar senso comum. Espertos, sagazes, sabedores, com lume no olho... só eles, os críticos de má morte; eles os negativistas de tudo que seja inabitual, os negativistas que nada viram, nem observaram nem estudaram, mas que sabem por uma espécie de ciência infusa, emprestada, por palavras arrevezadas, propositadamente criadas — que nada explicam — ou procuram tudo destruir com o sarcasmo, com o riso, quando não com chocarrices de truão. Não é, pois, sem razão que o povo diz «muito riso, pouco sizo».

A EXPLICAÇÃO MATERIALISTA

Qual seria a fonte dos escritos de Fernando de Lacerda?

Seria a famosa subconsciência?

Taine, na sua obra, «A Inteligência», refere um facto importante que considera produto da subconsciência. Conta ele: «Vi uma pessoa que conversava, cantando e, ao mesmo tempo, sem olhar para o papel, escrevia frases seguidas e até páginas inteiras, sem ter consciência do que escrevia.

«A meu ver — diz ele — a sua sinceridade é perfeita; ora, essa pessoa declara que, ao fim do escrito, nenhuma ideia tem do que traçou sobre o papel; quando depois o lê, fica admirada, por vezes alarmada. A escrita é diferente do seu modo de escrever ordinário. O movimento dos dedos e do lápis é rude e parece automático.

«O escrito termina sempre pela assinatura duma pessoa falecida e tem o cunho de pensamentos íntimos, dum fundo mental que o autor não queria divulgar».

Taine desencarnou em 1893. Nunca nos disse — como até hoje

nenhum dos cientistas que se contentam com a palavra «sub-consciência» para tudo explicarem e compreenderem — nunca nos disse onde era que a famosa «subconsciência» aprendia aquilo que a «consciência» ignorava. O grande filósofo, crítico e historiador francês considerava a arte e a literatura como funções naturais deste animal superior que é o homem: para ele o génio dos grandes escritores e dos grandes artistas era dirigido pelo comandamento duma faculdade, a qual, por sua vez, seria dominada pelas influências geográficas (o solo e o clima) e, sobretudo, pelas três grandes influências paralelas da *raça*, do *momento* e do *meio*.

Essa faculdade, que comanda o génio, no dizer de Taine — não pode ser outra senão o espírito já em grau superior de evolução — sujeito, sem dúvida, às influências de *hereditariedade*, do *meio* e do *momento* da produção, transmitidas pelo seu invólucro — o perispírito — que o aparelho carnal pôs em vibração.

Nem a hipótese da sub-consciência, nem a da leitura do pensamento, da telepatia ou da sugestão podem resolver o problema das comunicações recebidas por Fernando de Lacerda.

VÁRIOS FACTOS CURIOSOS

Vou referir um incidente curioso.

Em princípios de Dezembro de 1908, o conhecido médico, Dr. Marques da Costa, combinou com Fernando de Lacerda um passeio matinal, em automóvel, e almoço em Sintra. Marcou-se o dia 9. Nesse dia, ao levantar, sentiu-se Lacerda impelido a escrever. A entidade comunicante disse chamar-se João de Deus: e a pena leda, fácil, corrente, deixou no papel, em cerca de uma hora, 237 versos, com aquele valor peculiar do grande lírico. Lacerda, de relógio na mão, contando o tempo minuto por minuto, aguardava a cada instante a chegada do Dr. Marques da Costa, e nem sabia o que se ía produzindo nem quando acabaria. Por fim chega o automóvel, e logo a poesia fechava plena e feita e a mão parava, como máquina a que faltasse a corrente.

Foi só depois do almoço, em Sintra, que se examinou o escrito. Apareciam nele duas palavras que Lacerda desconhecia: *flagício* e *abusão*, palavras que, na poesia, ocupam lugar de exacta precisão e de lídima propriedade.

Duma vez, dois oficiais do exército e um funcionário superior, que tanto valiam pela inteligência como pelo carácter probo — afirma o Dr. Sousa Couto — conversando neste assunto, acidentalmente, com Fernando de Lacerda, mostraram a naturalíssima dúvida sobre as condições do fenómeno. Lacerda prestou-se logo a uma prova, e, ali mesmo, envolvido em conversação geral, intervindo nela, corrigindo datas e factos, escreveu, ràpidamente, duas largas páginas, sem uma emenda, sem uma hesitação, um tema substancioso no fundo, na forma elevado, e surgindo alfim a assinatura de Camilo a subscrevê-lo.

Um dia o distinto médico Dr. Archer da Silva encontrou-se com Fernando de Lacerda na presença do Dr. Manuel Moreira Feio, que, em tempos, foi inspector da polícia. Entre o Dr. Archer da Silva e Fernando de Lacerda travou-se o seguinte diálogo:

— O Sr. Lacerda é capaz de conseguir-me respostas a uma pergunta que eu lhe faça, conservando cada uma o característico de quem a diz?

— Sou, respondeu Lacerda.

— Quando?

— Já, afirmou Lacerda sem hesitar.

O Dr. Archer da Silva pensou e, momentos volvidos, disse:

— *A esmola é um bem ou um mal?*

Lacerda sentou-se a escrever, e o Dr. Archer da Silva tomou nota da hora.

Lacerda ía escrevendo, vertiginosamente, ao mesmo tempo que os dois doutores — Archer da Silva e Moreira Feio — conversavam ruidosamente e Lacerda com eles.

Enquanto escrevia, Lacerda foi interrompido por dois indivíduos que entraram no gabinete, em que se encontravam, para tratar de assuntos, e, entretanto, a pena de Lacerda continuava a correr célere, a escrever vertiginosamente. Decorridos quatro minutos e quinze segundos, foram lidas as seguintes seis respostas, notando-se que a atribuída a Castilho foi feita em letra ponteada, como se o fosse com a ponta dum alfinete.

AS RESPOSTAS

Respostas à pergunta — A esmola é um bem ou um mal?

De Eça de Queiroz:

A esmola é um mal sob o ponto de vista mundano.

Faz ociosos e viciosos.

Todos aqueles que se habituam a viver pela linfa da fonte da Caridade, linfa puríssima na sua acepção genuinamente cristã, não mais buscarão viver do trabalho honesto, — ordem e vontade do Criador de tudo, que a tudo determinou acção e necessidade.

Sob o aspecto social, é, pois, um mal.

De João de Deus:

A esmola é a lágrima de Cristo caída na ferida do desgraçado. Orvalho que rocia a dor, como o orvalho da manhã rocia a flor ressequida na época estival.

Bendita esmola
A que consola
No mundo a dor!
Bendita estrela
Tão linda e bela,
Do Deus d'Amor!

De Camilo:

A esmola é uma das mais belas manifestações da doutrina do Mestre.

Pode representar, perante os sociólogos de alma estéril ou maninha, um mal, e perante o egoísta feliz um incómodo enauseante; mas representa, seguramente, para quem tenha no peito um pedaço de músculo a que se chama coração, uma das mais belas e consoladoras acções dessa vida.

Sob o aspecto moral é um dos produtos mais belos da solidariedade humana; sob o aspecto espiritual é uma das mais lídimas manifestações de grandeza da alma.

Bendita seja, pois, a esmola.

De Castilho:

A esmola é um dom das almas elevadas. Só as almas grandes a compreendem.

Como manifestação de bondade é, pois, um bem.

De Júlio Diniz:

A esmola, filha da Caridade, é a pedra de toque por onde se pode aferir o grau de sentimento de qualquer personalidade.

É esmola? Mas, esmola simples, sem ostentação?

Será um bem.

A esmola, dada amorosamente, é uma das primeiras e mais radiosas obras que encontramos, ao deixar essa terra de desenganos e lágrimas.

As respostas, que acabo de reproduzir, encaram, bem alto a tese

FRENTE AO MATERIALISMO

Ó ciência da matéria! Com as tuas implacáveis afirmações, com as tuas enexoráveis leis do atavismo e da hereditariedade, quando ensinas que a fatalidade e a força regem o mundo, tu aniquilas todo o impulso, toda a energia moral nos fracos e nos deserdados da existência; fazes penetrar o desespero no lar de inúmeras famílias; instilas o teu veneno até ao coração das sociedades!

Ó materialistas! Apagaste o nome de Deus no coração do povo, disseste-lhe que tudo se resumia nos prazeres da terra; que todos os apetites eram legítimos e que a vida era uma sombra efémera.

E o povo o acreditou. Calcaram-se as vozes íntimas que lhe falavam de esperança e de justiça. As almas fecharam-se à fé, para se abrir às más paixões. O egoismo expulsou a piedade, o desinteresse, a fraternidade.

Sem ideal em sua triste vida, sem fé no futuro, sem luz moral, o homem retrogradou até ao estado bestial; sentiu despertarem os seus ferozes instintos; entregou-se à cobiça, à inveja, aos arrastamentos desordenados.

E agora as feras rugem na sombra, tendo no coração o ódio e a raiva, prontas a despedaçar, a destruir, a amontoar ruinas sobre ruinas.

Desgraçados os que sufocaram as vozes da consciência, que assassinaram o ideal puro e desinteressado, que ensinaram ao povo que tudo era matéria e a morte o nada!

Desgraçados dos que não quizeram compreender que todo o ser humano tem direito à existência, à luz, e, mais ainda, à vida espiritual; que deram o exemplo do egoismo, do sensualismo e da imoralidade!

(Cristianismo e Espiritismo)

LÉON DENIS

contida na pergunta e vestem-na diversamente, com o cunho especial de cada um, como poderíam fazer as entidades que as assinam.

COMO EXPLICAR O ESTRANHO FENÓMENO

Poderá atribuir-se o fenómeno da mediunidade de Fernando de Lacerda a dupla ou múltipla personalidade, existindo, parasitàriamente, ao lado da personalidade normal?

Mas, uma dupla ou segunda personalidade não tem independência completa, individualidade distinta, existência separada do sensitivo: vive nele e por ele, é uma modalidade do seu psiquismo, por ele se explica e nele se funde... Ora, nas personalidades mediúnicas dos escritos de Lacerda há independência, há individualidade autónoma.

Como se hão-de explicar os estilos diferentes?

Se o estilo é o homem, se cada homem tem o seu estilo, como tem o seu perfil físico e moral, como podemos atribuir a um só indivíduo tão ricos e diferentes estilos?

E não esqueçamos que cada personalidade mantém sempre uniforme e característico o seu estilo peculiar, e, o que é mais ainda, dalgumas dessas personalidades nunca Lacerda viu uma linha escrita, nem de ouvido conhecia o *facies* da sua expressão.

Como poderá justificar-se a diversidade das caligrafias?

Por vezes as comunicações vêm firmadas por autógrafos perfeitos, como os originais mostram, e, contudo, alguns deles eram totalmente desconhecidos de Fernando de Lacerda. E este é um facto que reveste incontestável valor. Uma das melhores provas de identidade é o autógrafo; o autógrafo que serve na vida social para obrigar ao cumprimento das obrigações firmadas, porque é o gráfico indelével e expressivo da vontade e da individualidade. Admitir que um homem dentro das suas faculdades normais, por mais talentoso e culto que seja, possa imitar estilos tão diversos, desde o pastoril ao senhoril, em linguagem tersa, do mais puro vernáculo, com o emprego de vocábulos que ele desconhece, muitas vezes, e *com a própria caligrafia de cada uma das entidades* comunicantes,— equivale a aceitar a objectivação da omnisciência humana.

Não cabe em tão curto espaço tratar devidamente da extraordinária e rara mediunidade do médium português Fernando de Lacerda, que escreveu comunicações de mais de 39 autores desencarnados, prosadores e poetas. Cada uma delas tinha o cunho inconfundível da sua individualidade, dos seus escritos na Terra; a mesma distinção característica se encontra em cada um depois de desencarnados.

O Visconde de Seabra, célebre jurisconsulto português, autor do nosso Código Civil, perguntado um dia, por intermédio da mediunidade de Lacerda, «se teria alguma coisa a dizer ácerca do seu código», entre muitas observações judiciosas que fez, afirmou isto: «No dia em que o espiritismo for uma conquista definitiva da humanidade, todo o direito penal será absolutamente refundido. Ver-se-á, então, que o principal criminoso de todas as sociedades civilizadas e cristãs tem sido o código penal de cada uma delas».

Mas... só Deus sabe quando se alcançará a meta. Seja como fôr, trabalhemos e esperemos.

O MÉTODO ESPIRITA DE KARDEC

CONDUZIRÁ O MUNDO À VERDADEIRA RELIGIÃO

por J. HERCULANO PIRES

Pouca gente sabe que a elaboração do Espiritismo, como doutrina, se assenta no método estabelecido por Kardec para o seu trabalho pessoal, e que o desenvolvimento da doutrina só pode ser feito sobre a base desse método. No geral, afora os que estudam o assunto de maneira mais aprofundada, nossos confrades encaram os problemas doutrinários por prisma romântico. Pensam que os Espíritos deram tudo de mão-beijada a Kardec, e este, por sua vez, tudo aceitou no puro beija-mão. Assim pensando, acham que agora também, depois de Kardec, tudo pode ser feito da mesma maneira. E o que é pior, muitas pessoas que escrevem e publicam livros sobre a doutrina assim pensam e agem, promovendo inúteis confusões no movimento espírita.

O trabalho de Kardec foi sobretudo metódico. Homem de sólida formação científica, diplomado em Medicina e especializado em Pedagogia, autor de numerosas obras didáticas, o Prof. Rivail não era dos que comem gato por lebre. Muito pelo contrário. Espírito atilado, perquiridor, arguto, conhecendo por longa experiência o valor e a importância do método nos vários campos de pesquisa, nunca ele se entregou à solução fácil das hipóteses e das suposições, ao desenfreio da imaginação.

O próprio Charles Richet que durante muito tempo discordou de Kardec e refutou a exactidão científica do «sistema espirita», confessa no seu «Tratado de Metapsíquica», parte histórica, ao expor o que entendia por «período espirítico» da história humana: «Temos de admirar sem reservas a energia intelectual de Allan Kardec. Mau grado uma credulidade exagerada, ele tem fé na experimentação. É sempre na experimentação que ele se apoia, de maneira que a sua obra não é sòmente uma teoria grandiosa e homogénea, mas também uma imponente reunião de factos».

NA BASE DOS FACTOS

A observação de Richet teria de ser confirmada mais tarde, e o será pelos tempos afora, por todos os observadores honestos. A obra de Kardec é um monumento de lógica, apoiado na base extensa e poderosamente sólida dos factos espíritas. Para não repetirmos com as nossas palavras aquilo que já foi dito com tanta clareza por outros, reproduziremos a seguir um pequeno trecho do trabalho do Dr. Chrisanto de Brito, «Allan Kardec e o Espiritismo», que dá bem a ideia do critério de Kardec:

«Comunicando-se por toda parte e discutindo todos os assuntos, os espíritos foram preparando uma massa enorme de factos. Conquanto não pudessem revelar tudo, nem tudo explicar, eles muito revelavam e muito explicavam. Ao mesmo tempo, Allan Kardec os interrogava a respeito de tudo aquilo que tinha utilidade e podia trazer ensinamentos sobre coisas da ciência, da filosofia e da moral, coisas, principalmente, que interessavam directamente ao presente e ao futuro da humanidade».

Logo adiante, diz o mesmo autor: «Ele levava para as sessões um caderno inçado de notas, de que fazia um questionário. Ia recolhendo também comunicações, onde as podia encontrar, e coligia as que lhe enviavam os correspondentes. Tudo observava. Sobre tudo meditava. Um dos primeiros resultados de suas observações foi que os espíritos, sendo as almas dos homens, não tinham a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber estava limitado ao grau de adiantamento de cada um, e que as suas opiniões só tinham o valor de opiniões pessoais; que, portanto, não eram infalíveis, preservando-o assim de formular teorias prematuras sobre o dizer de cada um ou de alguns».

À LUZ DA RAZÃO

Todos os princípios reunidos para a estruturação da doutrina resultaram da análise comparativa dos factos, à luz da razão. Kardec observava, anotava, comparava, analisava e deduzia. Não fosse a sua excepcional capacidade de análise e a sua vasta cultura filosófica e científica, auxiliada pelo conhecimento teológico de que nos dá mostra em seus livros, e não estaria o prof. Rivail em con-

dições de executar essa tarefa ingente. Cabia-lhe enfrentar uma ordem nova de acontecimentos, em flagrante contraste com tudo o que constituia o mundo de então. Qualquer outro, menos seguro e menos dotado, menos sereno e menos honesto, menos humilde do que ele, teria descambado para o terreno das simples «revelações», tudo aceitando dos Espíritos e tudo colorindo de profecia.

Ao esclarecer o próprio sentido da palavra «revelação» ele já nos deu a explicação do seu método, dizendo que o Espiritismo faz parte, ao mesmo tempo, da revelação divina e da revelação científica. A revelação divina era a que vinha do Alto, através das comunicações mediúnicas. A revelação científica era a que subia da Terra, graças ao trabalho de pesquisas dos homens. No Espiritismo, Kardec reuniu essas duas revelações, para que da média assim feita, surgisse uma doutrina equilibrada, de acordo com as necessidades da época.

UNIVERSALIDADE

Para afastar o perigo das «revelações» imaginosas, tão comuns na comunicação de certa ordem de Espíritos, que fàcilmente iludem os homens pela sua capacidade de argumentar e pela sua erudição, Kardec estabeleceu, como uma das bases do seu método, o princípio da «universalidade, ou concordância dos ensinos». Sòmente quando vários Espíritos, por diversos médiuns desconhecidos entre si — e simultâneamente, ou seja, na mesma ocasião — tivessem dado uma informação, podia esta ser levada a sério e entrar para a Doutrina. Antes, porém devia essa novidade passar «pelo crivo da razão» e ser submetida ao exame comparativo, em face às verdades científicas admitidas.

Quando as «revelações» não suportavam esse processo, ou não se enquadravam nas exigências da «universalidade», mas estavam de acordo com a razão e suportavam o exame lógico, então Kardec as aceitava como hipóteses. Podemos verificar isso a todo instante, na simples leitura dos seus livros. E vemos assim o admirável critério do Mestre, que muito ao contrário do que pensam os adversários do Espiritismo, era um homem que não vivia com a cabeça nas nuvens, mas com os pés na terra.

VERDADEIRO POSITIVISMO

E foi assim que Kardec construiu, na mesma era em que nascia o Positivismo de Augusto Comte, uma escola positivista mais segura e mais ampla, baseada na positividade dos dois aspectos fundamentais do Universo, o material e o espiritual. Toda a sua doutrina, que ele atribui aos Espiritos, mas que em grande parte lhe pertence, é o que se pode chamar uma doutrina positiva. Nenhum cientista materialista agiu em tempo algum, com maior objectividade e mais rigoroso critério, na observação dos factos e na procura da verdade.

Esse Espírito científico do Codificador foi a garantia terrena da elaboração do Espiritismo em bases racionais. Foi o critério de Kardec resultante de uma formação espiritual vigorosa e de uma educação aprimorada, de uma cultura sólida, que permitiu o aparecimento dessa verdadeira síntese do conhecimento, que é o Espiritismo.

UM EXEMPLO

Interessante exemplo do método de Kardec encontramos no caso da evolução dos Espíritos no espaço após a morte. Tudo levava à suposição de que os Espíritos evolvem no espaço. Kardec, se fosse menos exigente consigo mesmo, poderia ter deduzido isso dos princípios já aceitos. Não obstante, preferiu investigar. E foi sòmente depois de o haver comprovado, através de criteriosas observações, em sucessivas comunicações mediúnicas, que ele firmou o princípio. Porque então já se tratava de um princípio revelado pelos Espíritos, confirmado pelos factos e sancionado pela razão.

Kardec foi, portanto, o criador da ciência espiritual, pois não se compreende ciência sem método de observação e de pesquisa ou experimentação. E é por isso que ele dizia que o Espiritismo é uma ciência, advertindo, ao mesmo tempo, que não se confundia com as ciências vulgares, que (repousam sobre as propriedades da matéria». A ciência espirita é mais ampla e mais profunda. Em vez de se contentar com os efeitos, penetra o mundo das causas. E, por sua própria natureza, tratando dos problemas fundamentais da existência, esta ciência gera uma filosofia, que se converte em religião.

Mas ainda aqui há uma diferença substancial entre o que o mundo entende por ela. Porque a religião espirita, como a ciência espirita, é uma religião de causas e não de efeitos, religião «em espírito e verdade», e não em exterioridade. A ela é que o mundo será conduzido na era nova que se avizinha pelo método de Kardec.

(De *Unificação*, de S. Paulo)

VEGETARIANISMO E ESPIRITUALISMO

pelo DR. ALBERTO LIRA

O vegetarianismo é o regime alimentar segundo o qual nada que importe em sacrifício de vidas animais, deve servir à alimentação. Desta forma, os vegetarianos não comem carnes e seus derivados (carne de vaca, peixe, frango, porco, salsicha, presunto, mortadela, fígado, etc.), mas incluem em seu regime leite, laticínios e ovos. A rigor, os ovos não deveriam fazer parte do regime vegetariano pois há sacrifício de uma futura vida animal.

O regime vegetariano não é, pois, exclusivamente vegetal e o seu nome não se origina de alimentação vegetal, e sim, do latim «vegetus», que significa: forte, vigoroso.

O regime composto exclusivamente de alimentos vegetais é chamado VEGETARISMO ou FITOFAGISMO. Digamos de passagem, que as proteínas do trigo integral, do feijão soja e da amêndoa, apesar de serem proteínas vegetais, são de tanto valor biológico quanto as proteínas da carne, pretensamente insubstituíveis. Elas preenchem inteiramente as necessidades do crescimento e da manutenção do peso.

O vegetarianismo tem, antes de tudo, um lado eminentemente moral. O espiritualista, como evolucionista, sabe perfeitamente que, antes de a Vida Divina se manifestar no homem, passou pelo reino mineral, pelo vegetal, pelo animal e se tornou o homem com o seu Ego ou alma e sua consciência.

Os animais também têm alma, porém alma colectiva, ou alma-grupo. Entretanto, os animais que ocupam a escala final da evolução do reino animal, os mamíferos, estão tão próximos da individualização, que possuem uma alma rudimentar, uma «sub-alma», um esboço imperfeito de alma humana. Efectivamente, qualquer observador superficial percebe que o animal manifesta simpatia, medo, irritação, impaciência, amor, vaidade, ódio, etc.

Se o animal sente e raciocina e se aceitarmos as leis da evolução e da analogia, não podemos negar-lhe a existência de uma alma, embora em embrião. E, ainda, se aceitarmos aquelas leis, temos de considerá-lo nosso irmão menor, pois também já fomos animais.

Naturalmente, a primeira vez que a pessoa toma conhecimento de que o animal tem alma, isto lhe causa estranheza. Todo facto novo e oposto ao fortemente estabelecido, custa a ser admitido. É bom recordar que, nos tempos da escravidão, muita gente acreditava que os negros não tinham alma e por isso os tratavam como animais. Houve também, há muito tempo (não podemos responder pela veracidade do facto, porque não nos lembramos da fonte de informação) um concílio teológico em que se debateu a existência da alma na mulher!...

Os orientais — hinduístas e budistas — são naturalmente vegetarianos, porque, para eles, a existência da alma nos animais é um facto. Dão-nos, pois, uma lição de fraternidade.

Entre os povos cristãos, o aspecto anti-fraternal da alimentação carnívora não é suficientemente considerado, porque não só a Bíblia não o focaliza especialmente, como até dá recomendações para a alimentação cárnea.

Muitos citam, mesmo, em apoio do carnivorismo, que o Cristo comia e bebia de tudo (Mateus, XI, 19) e que, no fim dos tempos, espíritos demoníacos impeliram os homens a se absterem de alimentos (dentre os quais a carne), que Deus criou para seu uso (Timóteo, IV, 1-4).

Entretanto, o Cristianismo bem compreendido terá de conduzir o indivíduo à realização da fraternidade total. O doce Poverello de Assis, São Francisco, estendia o seu amor panteísta a tudo e a todos. Conta-se que, certa vez, estando o santo muito doente, o irmão Junípero, seu companheiro, preparou-lhe um tordo com azeite, que foi comido com satisfação. Mais tarde, o «louco em Cristo» caiu em si. Arrependeu-se de tal forma, que saiu pela cidade, com uma corda amarrada ao pescoço e, puxando-a como quem puxa um animal, gritava: «vede o hipócrita, o glutão, o dissoluto, que manda os outros jejuarem e se arrependerem, enquanto ele se banqueteia com um tenro pássaro, sòmente porque o seu estômago lhe dói um pouco!».

Independente de qualquer consideração sobre a alma dos animais, basta meditar um pouco que se trata de um ser vivo, sensível, que é morto para satisfazer ùnicamente a nossa gula. O sacrifício de animais é um acto de crueldade e de egoísmo e essa crueldade para com eles é um incentivo à crueldade para com os homens, que é um dos factores da alta criminalidade em certas cidades de grandes matadouros, os quais oferecem um espectáculo brutal, repelente, antiestético, pelo mau cheiro que se espalha à distância, pelos urubús que voejam ao redor e, sobretudo, por seres humanos se espojarem no sangue de animais que vão matando inconsciente e friamente.

Por estas e outras coisas, nós, os ocidentais, fomos mui justamente chamados bárbaros, por um dos grandes Iniciados hindús.

Se se considerar o Cosmos, como a Vida que se manifesta na Natureza; se se considerar que uma das leis fundamentais da Natureza é a conservação da espécie e da vida; se se considerar que, na terra, o homem é o ser mais evoluído, temos de concluir com Carlos Brandt («El Problema Vital»), que ele deve respeitar o mais possível as leis da natureza e, portanto, não destruir vidas animais e vegetais, pois está infringindo a lei fundamental da conservação da vida. O ideal, portanto, seria, ainda segundo Carlos Brandt e segundo conclusões de certos anatomistas eminentes, o FRUGIVORISMO, em que não só o homem não destrói uma vida, como até contribui para a propagação da vida e da espécie.

Devido a erros milenares, por contingências do momento (grandes cataclismos, migrações humanas, etc.), o homem afastou-se de seu regime ideal e adoptou o omnivorismo (uso de carnes, de cereais, folhas, frutos), concomitantemente. Daí verdadeira degeneração física, aparecimento de doenças crónicas, as quais devido aos erros acumulados da alimentação não natural, sobrevêm após os 40 anos, em geral, e encurtam o tempo de vida do homem.

As condições sociais modernas, que obrigam o homem a viver em ambientes confinados, a se vestir

O ESPIRITISMO

Fala-se muito lá fora no Espiritismo, estuda-se, discute-se acaloradamente o seu valor; e a pesar disso entre nós ele é quase uma doutrina secreta, partilhada por algumas centenas de adeptos, que receosos da zombaria dos seus conterrâneos, só em família se atrevem a confessar-se partidários de tal doutrina.

E todavia a verdade é que ele é um conjunto de doutrinas científicas que se apoiam em numerosíssimos factos observados e estudados com todo o rigor dos métodos experimentais pelos sábios mais conspícuos da Europa e da América.

Físicos, químicos, astrónomos, fisiologistas, médicos, jurisconsultos, antropólogos e homens de letras, do velho e do novo continente, forçados pela evidência dos factos, têm, às dúzias, renegado as suas antigas teorias e crenças científicas para abraçarem com resolução e firmeza inabalável as doutrinas do Espiritismo. E esses homens notáveis, tanto pelo seu carácter, não se contentam com o abraçar a nova doutrina, vão mais longe, tornam-se os seus mais estrénuos propagandistas, publicando livros preciosos, que hoje constituem já uma bibliografia importantíssima.

É que o Espiritismo é hoje uma ciência positiva e experimental, a base fundamental da biologia, por isso que estuda precisamente as origens da Vida.

É ele a bússola que mais proveitosamente nos pode guiar na vida, e que nos dá a orientação mais segura da felicidade, e a chave preciosa dos maiores problemas que afectam a espécie humana.

Se bem que as suas doutrinas possam, com vantagem, substituir mais tarde as diversas religiões, o Espiritismo não é, no fundo, uma religião, pois que não se estriba na fé, mas sim na convicção, não tem culto, nem dogmas, nem mistérios, nem crê no sobrenatural, pois tudo nele se explica por leis naturais, embora desconhecidas do vulgo.

Vulgarizar, por isso, esta ordem de conhecimentos que tanto interessam ao nosso bem estar terreno e à nossa felicidade futura, é um dever imperioso.

(O Espiritismo Contemporâneo)

DR. MARTINS VELHO

cobrindo-se em excesso, a tomar muito pouco sol, privam-no da energia solar física e prânica, indispensável à vida, e fazem com que se torne difícil e em certos casos impossível, a adopção do regime frugívoro, o qual, de qualquer forma, é benéfico sòmente após três anos de cuidadosa e paulatina transição.

A nossa constituição física, as nossas unhas, os nossos dentes, a conformação do estômago, o comprimento dos intestinos, são de animal frugívoro e não omnívoro, como afirmam alguns, sem base científica.

As velhas tradições mostram os resultados do carnivorismo. Assim, na Bíblia, em Génesis, I, 29, o Criador não se referiu à alimentação carnívora: «Eis que vos tenho dado toda erva que dá semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore em que há fruto e árvore que dá semente, ser-vos-á para mantimento». Mais tarde, a humanidade perverteu-se e razões do momento fizeram com que se permitisse a alimentação animal, embora fosse proibido o uso da carne com sangue. (Génesis IX, 3, 4).

O sr. Leadbeater refere uma passagem curiosa das antigas escrituras da Índia. No tempo em que a alimentação do povo era vegetariana, conheciam-se apenas três doenças, uma das quais era a velhice. Depois que as castas inferiores passaram a comer carne e seu uso se generalizou, apareceram 78 doenças!...

Aos adeptos do carnivorismo é bom lembrar que os atletas gregos se alimentavam de nozes, figos, queijos e milho e os gladiadores romanos comiam sòmente torta de aveia e azeite. E um dos povos mais fortes e mais sadios até hoje conhecidos, os Hunzas, são rigorosamente vegetarianos.

Enquanto o alimento vegetal cru é vivificante, traz em si a energia solar acumulada, o alimento animal é morto, excrementicial, portador de toxinas cadavéricas — a carne é um cadáver em decomposição. O organismo vegetal dá energias, é construtivo, armazena forças solares. O organismo animal extrai energias, é destrutivo, consome forças solares (Leadbeater).

Como se tornou espirita?

Selecções Espiritualistas, com programa diário na «Rádio Guanabara», do Rio de Janeiro, dirigida por Nelson Baptista de Azevedo, entrevistou ao microfone dezenas de espiritistas militantes, cujos depoimentos publicaremos nestas colunas, para estreitamento das relações luso-brasileiras.

Hoje, publicamos as respostas do nosso director, actualmente no Brasil, em viagem de confraternização, às perguntas formuladas.

Exerceu algum cargo em instituições espiritas?

— Sim. Presidente do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, cargo que continuo a desempenhar. Sou, também, director da revista «Estudos Psíquicos». Esta revista é luso-brasileira, tem larga penetração no Brasil. Agora vou aumentar-lhe a tiragem para satisfazer muitos pedidos de assinaturas do interior dos Estados.

Também sou director da revista «Medicina Natural». Além disso, sou jornalista, escritor e tradutor de várias obras. Também sou médium intuitivo. Tenho recebido diversos livros, sem rasuras. Entre eles, «Dois Mundos», «Almas Errantes» e «Ronda Espiritual».

Como se tornou espirita?

— Não é fácil explicar isso em três minutos. Mas posso dizer que os livros de Allan Kardec me abriram novos horizontes. Eu sempre tive ânsia de saber e os enciclopedistas tinham-me enchido de enganosas ilusões. O rumo que soltara não era dos melhores para chegar a porto de salvamento. Está-se a ver. Quem vem da escola materialista, quer analisar, quer deduzir por A+B. Ora aí está por que eu caí num barranco.

Quando abri os olhos, vi que a escola sem Deus era um labirinto espiritual. O Espiritismo respondeu às minhas interrogações e forneceu-me elementos de compreensão lógica. Foi então que entrei sem receio, analisando e estudando. E cá estou...

Foi sempre espirita?

— Já disse que vim do materialismo estulto e enfatuado, onde militava sem convicção. Era uma ovelha do rebanho de Panúrgio.

Qual o livro que mais influiu na Conversão?

— «O Livro dos Espíritos».

Houve algum facto que o convencesse?

— Não tive necessidade de factos.

Qual o aspecto do Espiritismo que mais influiu para firmar a sua crença? O filosófico? O religioso? O científico? Porquê?

— Primeiro, deve ter sido o científico, em virtude da minha formação. Ao ler William Crookes, Barrett, Lombroso, etc., fiquei impressionado. Aqueles sábios não eram mistificadores. Se ligavam o nome à questão dos fenómenos, é porque alguma coisa havia digno de estudo... Depois, veio o aspecto filosófico. Este foi o mais importante. Deu-me a chave de muitos enigmas que pesavam na minha vida moral.

A lei de causa e efeito e as vidas sucessivas exerceram grande influência na minha conversão.

O aspecto religioso, só mais tarde o compreendi. Dominou-me igualmente e visionei um monumento em que os três aspectos se ligavam como peças do mesmo todo.

O Espiritismo será útil à humanidade apenas como ciência, religião ou filosofia?

— Todas as facetas são necessárias. Não podem desagregar-se. Cada ser humano tem a sua evolução específica. Basta pensar um pouco: a ciência procura estudar o facto; o facto é a base da filosofia. Mas a moral é luz que envolve e dignifica o homem.

No Brasil, o aspecto chamado religioso está generalizado e é veículo de maravilho-

E. Psiq. - jun./55

Podemos já atender, nas condições habituais, pedidos dos seguintes livros:

OBRAS DIVERSAS

Ciência (A) Secreta, por *Henri Durville*—Dois grossos volumes com cerca de 1.000 páginas e 60 gravuras, em que se estudam todas as correntes iniciáticas e todos os graus das antigas iniciações ..... broch. 180$00

Como Fazer-se Yogui, por *Swami Abhedananda* — Lendo esta obra ficar-se-á fazendo ideia completa dos livros de filosofia Yogui ..... broch. 30$00

Curso e Iniciação Esotérica — Esplêndido livro para desenvolvimento dos poderes espirituais em lições graduadas ..... broch. 45$00

Dicionário de Ciências Ocultas — Um dicionário útil a todos os estudantes das ciências ocultas ..... broch. 18$00

Dogma e Ritual de Alta Magia, por *Elifas Levi* — A iniciação, a cabala, a necromância, a magia negra, os enfeitiçamentos, a medicina universal, a adivinhação, a chave do ocultismo, as transmutações, o *sabat* dos feiticeiros, etc., etc., num volume de 642 páginas de grande formato e *muitas gravuras* ..... broch. 100$00

OBRAS DE YOGUI RAMACHÁRACA

14 Lições de Filosofia Yogui — Belas noções sobre a mais alta filosofia do universo, muito claras e desenvolvidas ..... broch. 48$00

Ciência (A) da Cura Psíquica — Regras para o tratamento mental, psíquico e espiritual, de acordo com as leis naturais e os princípios da cura psíquica ..... broch. 32$00

Ciência Yogui da Respiração — Chave da saúde física e mental, com os mais salutares exercícios respiratórios ..... broch. 24$00

Cura Prática pela Água — Aconselha o melhor tratamento para as doenças dos rins e prisão de ventre simplesmente com o uso da água ..... broch. 25$00

Gnana-Yoga — A verdadeira arte de aprender tudo o que se desejar, aproveitando os poderes do homem e as forças da natureza ..... broch. 48$00

Hatha-Yoga — Filosofia do bem-estar físico. Regras para adquirir saúde, beleza física e energia mental ... broch. 45$00

Raja-Yoga — Desenvolvimento mental. Meios de alcançar a mais alta sabedoria. Obra dedicada ao desenvolvimento das forças latentes ..... broch. 45$00

Vida (A) depois da Morte — Descreve as condições de vida do Além com particularidades muito curiosas broch. 30$00

sas tarefas. Alicerça monumentos de caridade, materializa o Evangelho de Vivos e recupera transviados.

No seu entender, que caracteriza o Espiritismo?

— A primeira coisa que o caracteriza é a sua índole essencialmente evolucionista, baseada no estudo dos fenómenos psíquicos e no ensino dos Espíritos Elevados. Por ela se vê que não há matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria. Neste ponto, é doutrina insuperável. O Espiritismo está de acordo com a ciência e com as melhores aspirações da alma humana. Está de acordo com o transformismo, porque a evolução anímica anda a par da evolução orgânica; com a físico-química, porque antevê a unidade da matéria e a unidade da força. Está de acordo com a fisiologia, com o hipnotismo superior, com a psicologia, com a patologia nervosa e com a Filosofia.

Numa palavra: avança para Deus pela ciência e pelo Amor. É uma grande e formosa Doutrina!

Depois, as suas consequências morais, apoiadas no conhecimento das leis e das condições evolutivas, na necessidade do desenvolvimento individual e da compreensão das desigualdades humanas.

O ser deve trabalhar com bondade, não prejudicando o semelhante, deve preferir os prazeres elevados e considerar a pátria e a família de ponto de vista mais amplo e generoso.

Aqui está, meu amigo o que penso do Espiritismo. Esta doutrina venho eu prègando há 16 anos nas colunas da revista «Estudos Psíquicos» e no estrado do Centro Espiritualista Luz e Amor.

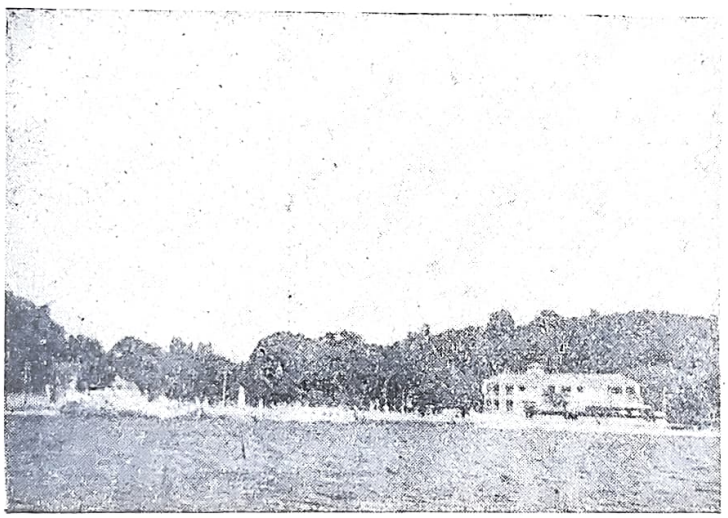
Em 12-5-955.

ECOS DE U

Por ISIDORO

UM PASSEIO À I

Havia quatro dias que me encontrava no Rio de Janeiro e minhas andanças não me deixaram tempo para espraiar os olhos, para os mergulhar nas belezas naturais com sentido estético e desejo de transfusão. É que as exigências do programa têm ultrapassado as minhas previsões. A transição do clima foi rápida, não me deixou preparar convenientemente. Os trópicos têm exigências fortes. Obrigam o neófito a precauções mil. O aguilhão da canícula estava, pois, exercendo em mim acção demolidora. É quando o Nelson Baptista de Azevedo, grande alma e grande coração (a quem já devo amabilidades indescritíveis) me falou em passeio à Ilha de Paquetá, uma das mais lindas pérolas da Guanabara, a minha sensibilidade se agitou num alvoroço estranho. Seria a primeira evasão da metrópole carioca, cheia de movimento e bulício, por vezes contundente na questão dos transportes urbanos, o maior problema citadino que obriga a sérias cogitações. Seria a primeira evasão real de um círculo que me preocupava em demasia, labareda envolvente a atrair-me, a experimentar-me, a balançar a minha resistência.



Um aspecto da Ilha de Paquetá

A baía da Guanabra é a mais linda de quantas tenho sulcado em viagens pelo mundo. Os colonizadores portugueses chamaram-lhe rio, formosa artéria aquática, ora revolta, ora serena, parecendo deslisar entre morros verdejantes, margens belas, de perfume esquisito e aspecto majestoso, quase lendário. Foi em Janeiro que ali aportaram, olhos marejados e alma trasbordante. E o nome do local ficou marcado para os séculos, enchendo o planisfério de olor incomparável.

Assim, em 22 de Maio dirigimo-nos — eu e o Nelson — ao Cais das Barcas, frente à Praça 15 de Novembro, uma praça magnífica, opulenta, de feitio português, cuja arquitectura nos obriga a vibrar de saudade, na evocação de outras praças semelhantes, muito nossas conhecidas. As árvores frondosas, de ramos impertinentes a gritar altura; o «chafariz de el-rei» traduzido em variegado repuxo, quando um raio de sol abraça a linfa em sua queda suave; o recorte dos arruamentos e até o perambular das gentes que vão e vêm, como formigas atarefadas, tudo isto nubla os olhos, amortece a sonoridade, extasia os sentidos num transporte rápido à pátria distante.

Ah! A saudade! Nectar agridoce, pábulo do coração que não tem lei social, voluta espiralada ascendente e descendente, suavizante e estimulante, veludinosa em horas calmas, cheia de espinhos em hora adversa! Como eu te sinto, amiga dilecta, como vibro contigo em altos frémitos! E quanto maior é o abraço deste instante psicológico, mais volto a ideia para aquilo que deixei coberto de neblina.

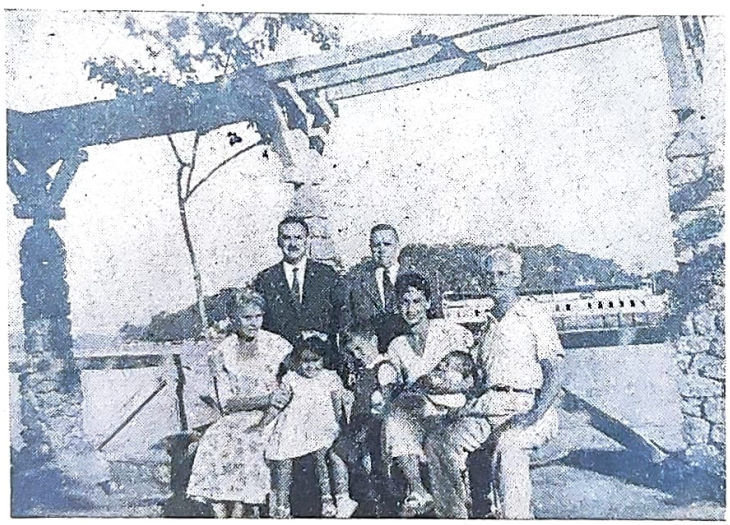
Mas a Praça 15 de Novembro continuou

MA VIAGEM

ARTE SANTOS

HA DE PAQUETÁ

marchetada de policromia, enquanto nossos passos se dirigiam ao cais de Faraoux, mesmo à beirinha da toalha líquida. Chegáramos tarde. Minutos de atraso por causa de aquisição oportuna levou-nos a situação difícil. O coronel Delfino Ferreira esperava-nos em Paquetá, ilha misteriosa para mim, de visão radiosa e distante... Esperava-nos ansiosamente numa casinha acolhedora, degrau florido rescendendo salsugem, bafejado pela brisa coada pela folhagem. Então o Nelson teve a ideia decisiva de alugar uma lancha a gasolina; e assim conseguimos neutralizar o atraso sofrido.



Na Ilha de Paquetá — Em pé: Nelson e Isidoro. Sentados: Esposa do Coronel Delfino, filha, netos e o Coronel

★

O Nelson é um amigo, solícito e amável, como diria Junqueiro. Eu vou, porém, mais longe do que o nosso vate imortal. É um companheiro objectivo e útil, capaz de resolver as maiores dificuldades e de fazer face às mais imprevistas circunstâncias. Filho de portugueses, deles herdou a decisão e as faculdades de trabalho, caldeadas ao calor desta incomparável forja brasileira, onde tudo é grande, menos a maldade, onde tudo é bom e sublime, a começar na liberdade de expressão que une os homens no mesmo desejo de grandeza e perfectibilidade nacional.

Instalados na barca, rumámos ao «desconhecido». À direita vislumbrei aglomerado citadino onde arranha-céus erguiam majestade a desfiar as intempéries. Era a Niterói amiga do Imbassahy e do Gentil e de família muito cara que pouco tempo depois eu envolveria num verdadeiro amplexo de amizade. Agora surgiam os contornos do Ministério da Fazenda à minha vista deslumbrada. E aquele conjunto de edificações modernas, ia-se alteando em calidoscópio girante para gáudio de meus sentidos, até que o Pão de Açúcar emergiu como gigante a topetar o firmamento azul, ao lado do Corcovado sobranceiro, adusto e sugestivo.

A Guanabara alargava-se, distendia as margens, encrespava a superfície. E o Nelson ia informando:

— Olha a Ilha das Cobras. Ali, o Arsenal da Marinha. Mais além, a Escola Naval.

Voltei-me para o Rio e um fenómeno de perspectiva feriu minha atenção. À medida que a distância era vencida, subordinada ao hélice trepidante, o casario se amesquinhava e a montanha, avolumando o porte e delineando os contornos, fechava em concha a urbe enorme e esparsa nos vales da amizade... O Pão de Açúcar fica-nos agora à esquerda, sentinela vigilante a salientar-se da baía, qual ciclope adormecido em oração perene. Mas o Nelson interpõe-se ao meu deslumbramento:

— Olha a Ilha das Flores. É a terra da

quarentena, cordão profilático contra a peste estranha...

E ao lado vai deslisando a barca de Niterói. «E se fôssemos a Niterói?»—pensei. Esta cidade exercia em mim atracção magnética. Mas logo um baloiço mais forte leva meus olhos à Ilha do Governador, delineada ao longe por entre maciços verde-escuros que se confundiam neste cenário inédito. Como Deus fora generoso para com as almas civilizadoras que semearam de cruzes a Terra da Promissão!

Contemplo outra vez a capital. Agora é a zona dos Ministérios, o edifício de A Noite *e a sede do Flamengo, que se reflecte na superfície líquida da praia.*

Mais um movimento na placa giratória *do olhar e Niterói se opulenta, ilustrada e polvilhada de edifícios modernos, sugestão ou subjugação que arrasta as almas e as põe genuflexas.*

★

A barca singra veloz em seu navegar de andorinha. Junto à Ilha do Governador ergue-se, imponente, a Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, ligada àquela por bela ponte, traço vivo de união entre o mental e o espiritual. E o movimento descobre neste instante a praia da Urca, rente ao Pão de Açúcar, antecâmara de um bairro escolhido, talvez o mais belo do Rio...

Niterói passou, esbatendo os contornos para evidenciar novo ponto de referência. Aqueles barcos e aquelas chaminés são estaleiros de empresas particulares, afirmando aspirações patrióticas a colaborar com o governo da nação.

Já a Ilha do Governador se estende à esquerda como serpente gigantesca recamada de verdura. E novamente meus olhos beijam a capital distante... E os contornos do Corcovado erguido em benção imprimem em nós cenários deslumbrantes, inesquecíveis!...

Da Ilha do Governador emergem as Torres do Galeão. São as antenas vibráteis do Ministério da Aeronáutica, rodeadas de vegetação opulenta. E o Corcovado continua a altear-se em delineamento maravilhoso e a cidade a diminuir... só deixando ver as altas construções, que parecem minúsculas caixinhas...

★

E o coronel Delfino? Que pensará dos visitantes que não chegaram à hora marcada? Virão, não virão? A sua impaciência dará talvez uma boa crónica. Mas ele vive numa ilha encantada, longe do mundo... É um novo Robison sem ligação ao exterior... Procure acalmar os nervos, que em breve tudo saberá. Nós somos homens de palavra e de sentimentos.

O pitoresco da Baía interrompe-me o cogitar e a voz do Nelson ressoa, qual Stentor, para dominar o barulho do motor de explosão:

— Lá está a Ilha do Manginho! Um petroleiro da E.S.S.O. na Ilhota dos Caracóis a desembarcar o precioso combustível!

— Sim! Sim! — grito eu, como se estivesse no tombadilho da Nau Catrineta e ele no tope do mastro.

Outra ilhota com iluminuras civilizadoras, replecta de depósitos oleícolas. À direita, morros de coqueiros alterosos a sobressair da paisagem, como guardas-avançadas da baía. Atrás, em perspectiva, novos morros verdes a velar e a rezar...

★

E ao virar do leme a barca estremece e o milagre surge. É Paquetá, a Sintra da Guanabara!

A distância venceu-se; mal se deu por ela. E a baía continua ainda para outros olhos e outras sensações. Estamos rentinhos ao cais. Dois degraus oscilantes... e o coronel Delfino aparece em trajo ligeiro, reminiscência natural do clima do Rio.

Um abraço efusivo, passos firmes na crosta urbanizada e demandamos os três a mansão familiar do exilado que trocou as coisas do mundo pelas coisas do espírito.

★

Estamos numa vasta biblioteca. A alma de Delfino está espalhada naqueles livros, disseminada em comentários, em sugestões que poderiam constituir matéria de novos volumes. Conversamos muito sobre doutrina, enquanto o Nelson, recostado numa poltrona, vai curtindo futura gripe igual àquela que me prostrou três dias depois.

O coronel Delfino é extremamente dinâmico e tem pontos de vista pessoais acerca da prática do Espiritismo. Assim, ouvimos muita coisa útil e digna de estudo sério. E embora possamos divergir aqui e ali da sua dialéctica, é forçoso concordar que estamos

em presença de um homem honesto, incapaz de atraiçoar ou falsear a sua missão.

Falou de Estudos Psíquicos com o maior carinho e prometeu colaborar, contribuindo com a sua palavra para enriquecer o património mental e espiritual destas colunas.

★

O almoço foi motivo de conversa amiga, em presença de sua esposa, D. Sílvia Guimarães Ferreira, descendente de português, de sua filha Orseley e seu marido Ruderico Cristiano de Brito, que está a cursar Medicina.

Que bela recordação mantenho desse repasto acolhedor! Portugal mudara as fronteiras para ali. E eu senti-me em Lisboa, na Rua do Salitre, junto da família amiga, porque as vibrações são volutas incoercíveis que zombam da lonjura.

A ementa atendeu às minhas predilecções e até uma deliciosa torta de banana atraiu os paladares congraçando ainda mais os circunstantes, já irmanados pelo ideal. Mas, digamos entre-parênteses, quando a mesa é agradável, os pensamentos tornam-se mais e mais harmónicos... Que Deus abençoe tantas gentilezas e a boa vontade inexcedível da família Delfino Ferreira! Este almoço português exerceu em mim salutar influência, além, de me trazer um colaborador para a nossa revista...

★

Agora, que todos estão refeitos em acomodação do estômago — por quanto tempo teremos nós este cadinho material? — vamos voltear na Ilha para regalar os olhos. Aqui não há motores sobre essa roda progressiva que a árvore da borracha deu ao mundo em partos fenomenais. A alimária é que circula em torno do Paraíso deslumbrante de Paquetá.

E em ronda extasiante e ao trote lento do nosso irmão inferior vislumbramos a bela Teresópolis, estância que visitarei antes de regressar a Portugal. A Ilha dos Lobos, lá em frente, atrai igualmente a nossa atenção.

Agora passámos junto a frambões gigantescos, enquanto um par de jovens negros entrelaçam as almas em idílio bucólico. Lembram-me as églogas de Bernardim Ribeiro...

Arrecadas vistosas, ouropeis flamejantes! O preto simpático é filho do Brasil, tão filho como o branco, este branco portentoso que ao sangue do índio foi buscar qualidades que o distinguem entre os povos da terra...

O veículo deslisa vagarosamente. Que Sintra dadivosa, esta Sintra brasileira, fresquinha, de Paquetá! Dá vontade de aqui ficar na companhia do Delfino. Se eu não tivesse Lisboa, se o Nelson não tivesse a Colina da Fraternidade e as «Selecções Espiritualistas», pediamos a nossa carteira de emigrantes...

A estrada marginal cortada a pique na periferia da Ilha é verdadeiramente impressionante. Passamos na Praia dos Frades... Abacateiros de grande altura... Tamarindeiros de vinte metros, imponentes e ramalhudos...

Estamos em frente da Ilha Brocois (julgo que é este o seu nome), pertencente a um particular e vendida à Prefeitura há cerca de onze anos.

Paquetá é para os seus habitantes um grande motivo de beleza. Ainda aqui se ouve a estrofe de Martins Fontes, glosada pelos nativos.

Dizia o grande poeta:

— Paquetá é um profundo...
que começa neste mundo...
Não se sabe onde acabá...

E o natural da Ilha, glosa, pitorescamente:

— Terra de vagabundo...
Onde ninguém quer trabaiá...

E os coqueiros passam à nossa beira... Eu fecho os olhos e parece-me vê-los descer das alturas, em reverência... E logo os eucaliptos ainda mais altos vêm ao nosso encontro, atraídos pelo ruído do veículo... Aqui, um solar bem típico com vasos no pórtico... Além docéis floridos engrinaldados de folhas nobres. É a flora eloquente a entoar hinos à terra do Cruzeiro...

★

O dia vai dobrando as horas. Os minutos caem no tempo. É o momento de voltar ao Rio, de rever o Corcovado.

Já temos saudade daquela manhã esplendente, em que perderamos a barca. O atraso proporcionou felicidades maiores, mais belas, que me fizeram atingir a plenitude.

Era tempo de voltar. E voltámos, presos à

Sintra de Guanabara e ao carinhoso acolhimento da família Delfino.

★

Já lá vão 40 dias. Estou em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, em casa de António Augusto dos Santos, português amigo que em Lisboa abracei em nome da Causa. Hoje há laços mais fortes que nos prendem. Como o Nelson, como o Humberto, como o Amadeu, como o Magaldi, como o Lasneau, como o Ademar, como tantos outros a que farei referência, ligou-se à nossa romagem de sentimento, faz parte dela e continua a estimulá-la com vibrações insuperáveis.

Belo Horizonte, 2 de Junho de 1955.

V

A JORNADA DE NITERÓI

No dia 1 de Maio estávamos na Casa de Luciá, lar acolhedor onde passámos alguns dias de grande felicidade espiritual. D. Rosa de Vasconcelos, sua orientadora e directora, é portuguesa de lei e dirige uma instituição que serviu de modelo ao Lar de Jesus, de Nova-Iguaçú, e que honra o ideal espirita, na mais elevada acepção do termo. Eram 7 horas da manhã. Haviam programado a nossa falação na «Hora Espiritualista João Pinto de Sousa», do operoso obreiro Geraldo de Aquino. Depois seguiríamos para Niterói na companhia do Dr. Amadeu Santos, pois ali nos aguardavam muitos confrades e amigos, alguns deles já conhecidos de velha correspondência. Em vão esperámos. O transporte não apareceu e perdemos o bom ensejo de falar aos irmãos brasileiros através da rádio.

Resolvemos alcançar a Praça 15 de Novembro e tomar a barca de Niterói, o que fizemos com grande atraso, nada menos de duas longas horas, porque as de espera são terríveis para todos e entram a fundo no tempo fisiológico.

Embarcámos. O Rio de Janeiro tem sérios problemas entre mãos e o dos transportes urbanos e suburbanos é dos maiores e mais difíceis de resolver. Ninguém imagina o drama desses milhares de transeuntes que acotovelamos e nos acotovelam em ruas demasiado estreitas para a torrente que espadana, indiferente às aspirações de cada um. Dizemos isto, porque a barca foi logo tomada de assalto e os lugares ocupados em menos tempo do que o necessário para ler quatro ou cinco linhas desta crónica. Os menos felizes ficaram enlatados como sardinha de conserva. Mas o hélice entrou a trepidar e todos se acomodaram às suas posições, criticando a Prefeitura e apresentando alvitres salvadores. Neste ponto não há duas ideias diferentes. O português é também amigo de criticar seja o que for. A cada passo diz: «se eu fosse ministro...», «se eu fosse professor...». O pior é chegar a professor e a ministro. E aqueles que lá chegam têm sempre ideias diferentes. Uma coisa é falar e outra executar. Esperamos que este problema se resolva a longo praso, sem precipitações nem confusões.

Enquanto congeminávamos e suspendíamos a maleta, a baía da Guanabara deixava passar o veículo, estável e ronceiro. E sem dar por isso chegámos a Niterói.

Eram 10 h. e 30 m. Mal abandonámos o cais e o Major Luís Gentil que aparece, afável e solícito, em companhia de outros confrades. O Gentil é uma das pessoas mais gentis que conhecemos. Presidente da Federação Espirita do Estado do Rio de Janeiro, coração generoso, trabalhador infatigável, ocupa a vice-presidência da Comissão de Recepção e tem sido um dos nossos melhores amigos. Por isso ali estava acompanhado de outros directores. E como o tempo escasseasse, seguimos de automóvel para o Educandário Espirita Demétrio Monteiro...

★

Eis uma obra espirita que deixa impressões indeléveis, sobretudo quando há sensibilidade e espírito de observação. Ao transpor o limiar de suas portas, duas longas filas de abrigadas se estendiam pela alta escadaria, entoando o hino de boas-vindas e pondo uma nota

alacre naquele dia de Confraternização Mundial do Trabalho, festejado em todo o mundo. À medida que subíamos os degraus, ondas emotivas se apoderavam de nós. Aquilo era o Espiritismo de Vivos a brotar das almas, profundo e envolvente, como voluta harmoniosa, e nenhum ser bem formado poderia ficar insensível a semelhante espectáculo.

Lá no alto, surge a figura simples e boa de D. Altiva da Silva Duarte Monteiro, mulher inteligente e empreendedora capaz de elevar o Educandário às maiores culminâncias. Com que ternura se dirige a todas as «filhas», num beijo doce, numa carícia espontânea, que é, ao mesmo tempo, estímulo e orientação!

Mais de 100 crianças abriga esta casa de caridade. Aqui recebem educação e orientação, aqui se preparam para a vida futura cheia de enigmas e de problemas tantas vezes insolúveis. Aqui aprendem o duro ofício da maternidade e se apetrecham para a reforma espiritual que as distinguirá no mundo de amanhã. E tudo sob a égide do Mestre Jesus, na qual assenta a moral espírita.

O Educandário está instalado na Rua Noronha Torrezão, no Cubango, e a sua fundação deve-se ao Centro Espírita Sebastião Mártir.

Apenas chegámos, fomos saudado pela graciosa Anália Maurício da Silva, uma das internadas, em nome de educandas e directores, que nos desejavam os maiores triunfos em nossa viagem pelas terras brasileiras e que, no seu dizer, envolvia benemerência e ensinamento que se reflectiria em mais perfeita harmonia. E terminava assim esta linda oração votiva: «Que as nossas preces ao Senhor sejam gratidão aos que se encontram dentro do cristianismo sem fronteiras e no dia em que tantas mães e filhos abençoarem as directrizes dessa obra que não será nossa, mas do próprio Jesus, nosso Mestre, e de Maria, mãe de todas as mães sofredoras».

Seguiu-se a visita ao Pavilhão. Percorremos as suas instalações, detendo-nos principalmente no refeitório e no dormitório. E não pudemos esconder a nossa emoção em face de obra tão bela.

★

Em complemento da homenagem que nos prestavam assistimos a uma hora de arte òptimamente organizada, com a colaboração das internadas do Educandário, tendo sido executados vários números de música da autoria das próprias educandas, que tiveram o concurso amabilíssimo da União da Mocidade Espírita de Niterói, cujo presidente as acompanhou ao violino.

Encerrando o programa, o Presidente da instituição proferiu comovedora prece de agradecimento pela oportunidade de receber em sua humilde casa o representante dos espíritas de Portugal.

★

Falou então o Amadeu Santos, esquecido de que é formado em Direito, jornalismo e filosofia, além de membro da Sociedade de Medicina e Espiritismo e de outras instituições congéneres. Num improviso brilhante agradeceu as homenagens, desejando a todos felicidade e espiritualidade.

A seguir e para encerrar o certame, coube-nos a vez de exortar os novos ao trabalho fecundo. Com palavras de entusiasmo e fé no futuro, sintetizámos a nossa impressão daquele momento e alertámos as crianças do Educandário para esta obra, que não eram as paredes que sustentavam a cúpula do edifício, mas o labor de educação moral que ali se realizava sem alarde, nem recursos naturais suficientes para tamanho empreendimento, terminando por lembrar que nos ombros delas pesavam as responsabilidades do mundo de amanhã.

★

Às 13 h. e 30 m. rumámos ao «Orfanato Dr. March», onde nos aguardavam inúmeros confrades e pessoas gradas da pérola da Guanabara. No cimo da escadaria encontravam-se alguns e o Amadeu perguntou-nos se conhecíamos o Carlos Imbassahy.

— É este — respondemos — e um grande abraço selou o nosso primeiro encontro físico neste mundo.

Muitas apresentações de brasileiros e portugueses, inquirição acerca do Espiritismo na Lusitânia e as 14 horas chegaram para o almoço de homenagem, no qual tomaram parte, entre inúmeros representantes de organizações espíritas, as seguintes pessoas de grande relevo social: Dr. Rocha de Faria, Juiz de Menores de Niterói, que ali fez a sua profissão de fé espírita; os médicos Dr. Celso Dias Gomes, que esteve em Portugal e proferiu vibrante discurso; o Dr. Gualberto Pereira, que agradeceu a homenagem prestada aos oito médicos que fazem serviço gratuitamente nas actividades assistenciais da Federação;

o Dr. Renato Silva, médico e vereador, que agradeceu em nome do Orfanato; a médica Dr.ª Elisabete Lore Hümiller e o Dr. Hélio Rose.

Além destes, viam-se o Deputado Evaldo Saramago Pinheiro, Hugo Saramago Pinheiro, gerente do Banco Nacional de Minas Gerais, e João Pires Ribeiro, alto funcionário público, que discursou em belo improviso exaltando Portugal e os portugueses, dizendo ser casado com uma rapariga criada no Orfanato Dr. March, exaltando assim a excelência desta grande obra.

Estava também o general Ivan Madeira Coelho, secretário da Cruzada dos Militares Espiritas, que é cirurgião-dentista e presta serviços gratuitos aos pobres e às crianças do Orfanato Demétrio Monteiro, e que declinou a sua descendência portuguesa e teceu um hino de glórias a Portugal e aos portugueses.

O confrade João Pires Ribeiro disse, a título de informação, que o Orfanato Dr. March tinha sido fundado pelo português Tomás de Aquino, que, durante anos, presidira à Federação. Foi citado igualmente o actual tesoureiro da Federação, o madeirense Venâncio de Freitas, que há mais de meio século empresta o seu concurso ao Espiritismo e à Caridade.

Em todas estas grandes obras que tenho visitado está o dedo português a cimentar alicerces e a auxiliá-las generosamente. Eu e o Amadeu daremos a conhecer um dia o esforço português no Espiritismo do Brasil. O mundo saberá então a soma de sacrifícios e a dedicação sem fim de tantos lusitanos à obra verdadeiramente extraordinária que se processa neste querido país do Cruzeiro do Sul.

★

O almoço foi um verdadeiro banquete à brasileira e temos pena de o não havermos saboreado, em virtude de estarmos convalescente de forte gripe curtida no Rio de Janeiro. Mas saboreámos a intenção, que ultrapassa quanto se pode imaginar.

A eloquência dos discursos não a posso eu traduzir em prosa burilada, que me falta o engenho para tal. No entanto, assevero que a houve e da boa, daquela que nem sempre aparece frente a comesainas.

O Imbassahy, eternamente jovial, foi de grande felicidade na expressão. Mas, antes dele, já o Luís Gentil, que além do apelido também é médico e major, iniciara os brindes, falando com entusiasmo de Portugal, dos portugueses e da minha visita ao Brasil. O seu entusiasmo estravazou de tal modo, que não há palavras que o traduzam. Este pioneiro do Espiritismo tem sido de amabilidade insuperável e enfileirou na lista dos nossos colaboradores. Fez questão de nos acompanhar a Macaé e Campos com o Venâncio de Freitas, de quem tenho igualmente as melhores recordações, e durante a jornada aplanou dificuldades e facilitou o caminho.

O nosso Director subindo a escada do Educandário Demétrio Monteiro, ladeado pelas internadas que cantam o Hino de Boa-Vindas. Atrás, o Dr. Amadeu Santos e outros confrades.

Houve dis-

cursos que nos empolgaram, entre eles o do general Ivan, que pôs nas palavras toda a sinceridade que lhe é peculiar. Essencialmente comunicativo, a sua presença inspira simpatia. Sente-se que está ali alguém. O seu olhar respira mocidade e alacridade.

No Educandário Demétrio Monteiro, de Niteroi, enquanto o nosso Director falava às educandas, que se encontravam em frente dos visitantes.

Quando me ergui para falar, natural expectativa se estampou no rosto da assistência. O que disse, não sei. Já lá vai tanto tempo! Mas os minutos passaram, o silêncio manteve-se, a palavra saiu fácil e Portugal ficou prestigiado. O país e a Causa entrelaçaram-se na mesma grinalda de amor e Saudade. E tão juntinhos ficaram os dois guardiões do Atlântico, que me pareceu ver escoar as águas. Ah! Se pudéssemos materializar a ideia e as costas se unissem para maior frequência destas viagens e destas expansões!...

No final, tudo estuava ainda da vibração. Abraços ininterruptos selavam amizades que o ideal havia cimentado. O General Ivan abraçou-nos efusivamente e particularmente. Daqui transmitimos estas vibrações aos portugueses de Portugal. Se eles pudessem ver e sentir o que temos sentido e visto, a comunidade luso-braseleira seria o maior acontecimento do século vinte!

★

O dia não terminara ainda. Às 17 h. e 30 m. quase ao lusco-fusco, porque estamos à porta do Inverno, seguimos de automóvel para a sede da Federação Espirita do Estado do Rio de Janeiro, onde fomos recebidos pelo mundo espirita de Niterói.

A Federação é um belo edifício de linhas sóbrias. No 1.º pavimento estava em funcionamento uma aula de moral cristã, sob a direcção de uma jovem, que ministrava ensinamentos evangélicos a crianças de ambos os sexos. Visitámos em seguida o Consultório Médico, o Gabinete Dentário, o Curso Prático Comercial Dr. March e o Curso Primário J. J. Bandeira.

No pavimento superior assistimos à distribuição de géneros às mães pobres, feita pelos jovens da União da Mocidade Espirita de Niterói. Depois entrámos na Secretaria, na Biblioteca e na Livraria.

Acto contínuo, fomos introduzidos no Salão de Conferências, sob grandes aplausos, e tomámos assento ao lado do Presidente da Federação, que, após uma prece, abriu a sessão de homenagem, dando a presidência ao irmão Norberto Herdy Boechat, presidente da Mocidade, que passou a dirigir o programa.

Foi uma noite inolvidável. A juventude encheu de alegria a casa toda. Suas canções, suas músicas suaves, tudo o que saiu das almas para a atmosfera empolgante do Salão, eram bênçãos do Alto.

Falou outra vez o Major Gentil, sempre bondoso e amigo para com o visitante; falou o Carlos Imbassahy como orador de boas-vindas encarregado de nos apresentar à as-

EM TORNO DA PRECE

Na criação não há pedido sem resposta.

O que parece, por vezes, silêncio e negação, em torno da rogativa, é o próprio desinteresse da alma que, quase sempre, entre a inquietação e a leviandade, voeja de solicitação a solicitação, sem persistência bastante para alimentar os próprios anseios no tempo, de vez que o tempo é o matemático divino que não podemos esquecer ou iludir.

Atenta, pois, para o que pedes, porque o Senhor sabe aquilo que nos convém, raramente conhecemos, em verdade, aquilo de que necessitamos.

Todos se prosternam perante o altar da vida e algo suplicam do que consideram material imprescindível à própria felicidade.

Muitos pedem ouro e recebem a fortuna emoldurada nas garras da aflição.

Muitos reclamam beleza física e recolhem-lhe os dons de mistura com o fel de dolorosas desilusões.

Muitos imploram o poder humano e apossam-se dele, incorporando irremediáveis pesadelos à própria sorte.

Muitos rogam a evidência social e escalam-lhe os dourados galarins, passando a respirar o hálito envenenado do desencanto e da morte.

Muitos pedem o louvor da inteligência e adormam-se com a fama, penetrando, contudo, em pavorosos sorvedouros de angústia.

Acharemos o que buscarmos.

A reacção será invariàvelmente o reverso da acção.

Quem deseja sente. Quem sente pensa. Quem pensa realiza.

Saibamos, assim, seleccionar os nossos impulsos, porquanto a Eterna Bondade estrutura para a nossa existência o programa que mais favoreça a própria edificação.

Cumpramos o nosso dever, puro e simples, onde estivermos, seja no reduto doméstico ou no campo social, à frente dos nossos familiares ou dos nossos desafectos, oferecendo-lhes todo o bem ao nosso alcance, e a obrigação correctamente atendida será o degrau da nossa ascensão a planos mais altos.

Por isso mesmo, em qualquer problema da oração, não nos esqueçamos de que a Vontade Sábia e Justa do Pai Celestial, em nosso próprio favor, deve ser executada, com o nosso melhor concurso, assim na Terra como nos Céus.

EMMANUEL

(Comunicação recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

sistência; falaram o Olímpio da Silva Campos, o Sales e outros.

Realizámos então a nossa conferência, que durou 40 minutos; e após nova confraternização e regosijo pela estadia aqui de um espiritista português que todos mais ou menos já conheciam e estimavam, terminou a reunião, com outros hinos e outra prece.

Aquilo era demasiado vibrante para que pudéssemos manter a calma. Três jornadas no mesmo dia e... sem almoço — que a refeição sobredita fora pantagruélica, incompatível com o nosso estado e o nosso regime — era de arrazar! O cérebro estava em confusão. Não podiamos conciliar ideias, nem articular palavras. A chama do Ideal estava abrasando um coração.

Amigos de Portugal, espiritistas militantes! É preciso ver para crer! Este movimento espantoso que se exerce de Norte a Sul do Brasil está criando raízes fundas em todos os recantos! Em face do que observámos e observamos, temos a certeza de que a Doutrina subirá cada vez mais alto, engastada em legendas de fraternidade e bondade.

Poderão julgar que exageramos. Pois ficamos muito aquém dos factos. É sempre ingrato noticiar acontecimentos em que tomamos parte como figuras de relevo. Por isso não nos sentimos à vontade. Mas a História é uma mulher sombria, no dizer do poeta, e diz a verdade sem conveniências. Nós também a dizemos, porque este acolhimento enternecido se deve à Doutrina e ao amor que o Brasil dedica a Portugal. Quando os aplausos fremem, sentimos lágrimas patrióticas. Eles não se dirigem só a nós, que pouco valemos, mas àquela terra distante, berço de heróis e de santos, que neste continente ergueram um dos maiores patrimónios espirituais do mundo.

Ah! Portugal pequenino! Como tu és grande! De longe é que podemos avaliar a tua grandeza! Enquanto outros retalham, tu unificas e imprimes seiva espiritual a novas populações! Que o diga este gigante florescido e unificado pelo teu génio colonizador!

Espiritistas lusos! Embora brasileiro pelo coração, nunca senti mais orgulho de ser português. O Brasil é a maior glória de Portugal!...

Rio de Janeiro.

Apostolado e Mediunidade de Pancho Sierra

O CASO EUSTÁQUIO LUNA

Especial para "Estudos Psíquicos" — Por SALVADOR GATTO

Uma das curas prodigiosas levadas a efeito e documentadas por *Pancho Sierra* é a de Eustáquio Luna, nascido no ano de 1863, na aldeia de Dolores, onde viveu até aos 22 anos, data em que se mudou para Laprida onde fixou residência. Mais tarde foi para Pringles.

O gaucho Luna, aos 26 anos, começou a sofrer de uma doença invulgar. Os médicos que o tratavam chegaram a desenganá-lo. O diagnóstico era de um *tumor maligno no estômago,* e uma intervenção cirúrgica não faria mais que abreviar a sua vida tão precária.

Disposto a morrer, portanto, Luna vendeu e pouco que possuia; uns cavalos e respectivos arreios e algumas alfaias agrícolas.

Quando a morte estava próxima, inevitável, disse-lhe um amigo: — Porque não vais ao Pacho Sierra?

— Que poderá fazer o Sr. Sierra — redarguiu o doente desolado — se os médicos me não salvaram?

Mas o amigo tanto insiste, que ele um dia, agravados, ao extremo, os seus padecimentos, trespassado de dores, vai.

Ao vê-lo, o médium diz-lhe paternalmente: — *Ninguém morre antes de tempo!*

«Eu estava estupefacto, observa Luna, não podia crer nessa cura a que me estava submetendo, com imposição de mãos e um simples copo de água.

«A verdade, porém, é que *me curei* completamente!

«No ano seguinte, quando consegui juntar os primeiros cem pesos, fui visitá-lo na intenção de lhos dar. Sierra lê-me no pensamento aquilo que pensava fazer, e assim me increpa:

— Muito me alegra ver-te, amigo Luna, mas se julgas que me deves alguma coisa, não é com dinheiro nem com nenhuma espécie de obséquios que deves pagar-me. Tens que preparar-te para servir a Causa.

— Senhor, respondi tìmidamente — bem sabeis que antes de vir até vós, *eu era um dos vossos maiores inimigos.* Como poderei agora ser um discípulo para servir a Causa?

— Dos arrependidos se serve Deus — sentenciou Sierra. De hoje em diante empregarás teus esforços para o *Bem* e em nome de Deus».

E assim o fez sempre Eustáquio Luna. Quando morreu, também ele deixou um rasto luminoso da sua honrada mediunidade.

É curioso notar que ao médium Pancho Sierra muitos o conhecem como o «Dr. da água fria», por ser isso, precisamente, que ministrava em quase todos os casos.

Às vezes não percebemos que vivemos porque respiramos e que no oxigénio que inspiramos existe certa quantidade de fluido vital, «Prâna», que é, em todos os casos, quem carrega a nossa bateria do magnetismo indispensável à vida. De maneira que, ao contrário do que se pensa, *cientificamente falando,* a morte produz-se no indivíduo antes que o sangue deixe de circular e o nosso coração de palpitar. A morte produz-se, pois, pela simples falta de *fluido vital* na parte psíquica do ser, que é a origem da vida e da morte.

Um exemplo demonstrativo é o de *uma máquina accionada electricamente* que deixa de funcionar *quando se corta a corrente*. Não obstante, pela força da inércia, essa máquina continuará a andar ainda algum tempo, até parar por si mesma.

Ora bem. A água também possui, como o ar que respiramos, esse fluido vital de que necessita o organismo para viver.

Por isso, não é de estranhar que se realizem curas ou se obtenham melhoras em todos os casos, tomando de manhã um copo de água, saboreando-a, aos golos, demoradamente, para extrair o «prâna», tal como o fazem naturalmente todas as crianças de peito, quando sorvem o leite materno.

Pancho Sierra, impregnado da nossa doutrina, apóstolo da Lei, não podia desconhecer isto. *Sabia-o.* Por isso obrava prodígios, que, nem por isso deixavam de estar dentro da *Lei Divina.*

II

8 — Viagens mentais

Quando a médium se dispõe a realizar estas viagens, fecha os olhos e pensa que está viajando:

A) *Com a cruz giratória* — Segundos passados vê uma cruz suástica escura. Mas este conhecido símbolo religioso da Índia não é visto com os braços dobrados para a direita, como o usavam os alemães, mas noutra direcção, quer dizer para a esquerda.

A cruz começa a girar da direita para a esquerda, cada vez com maior velocidade, até se transformar num redemoinho escuro, de fundo plúmbeo.

Aparte este movimento de rotação, a cruz tem outro de translacção, pois avança em frente como se abrisse caminho à médium.

Chega o momento em que a cruz, transformada num círculo, desaparece, formando-se, em seu lugar, uma luz azulada que avança para a vidente e pára diante dela. Depois começa a mover-se em direcção contrária, quer dizer, para a frente, atraindo a médium como se fosse um imã, e levando-a ao sítio desejado.

Ao chegar dissipa-se a nebulosidade formada diante da médium e esta começa a ver com nitidez os lugares ou as coisas a examinar.

Com esta forma de agir, a médium transporta-se mentalmente a qualquer lugar do planeta ou fora dele, ao interior das coisas inanimadas, etc. Também por este processo vê cenas do passado, como uma interessante descrição que nos fez do «Congresso de Tucuman de 1816», ou as vidas passadas de qualquer pessoa.

Ao realizar estas experiências, muitas vezes a sensitiva, fazendo girar o tronco, move-se da esquerda para a direita, ou vice-versa. Isto é devido a que, nessas viagens, «não lhe permitem» — segundo ela própria afirma — olhar para trás. Por isso, se ela quer ver lateralmente, vê-se obrigada a mover todo o corpo nessa direcção.

A seguir descreveremos alguns casos em que se produzem viagens mentais depois de vista a referida cruz giratória:

1 — *Existências anteriores* — Dissemos, a princípio, que as descrições que fazemos têm carácter objectivo. Aqui, por exemplo, não temos qualquer prova de que o que a senhora Adela vê, são, realmente, vidas anteriores, mas como tal as indicamos, porque a sensitiva as vê assim.

O processo empregado para ver as vidas ou as personalidades anteriores de qualquer pessoa, é o mesmo da maioria das viagens mentais, quer dizer, começa por ver girar a cruz.

As últimas existências, isto é, as mais recentes, vê-as com grande nitidez; mas à medida que se vão distanciando no tempo, as cenas observadas apresentam-se menos claras. Embora não se admita que, na realidade, são vidas passadas o que a senhora Adela vê, fica, não obstante, como fenómeno digno de estudo, a facilidade com que ela dramatiza uma vida. Vê, sem esforço, para criar, em qualquer momento, a história completa de uma pessoa, com as suas vestes e costumes próprios da época que menciona dando nomes e datas, e uma infinidade doutros detalhes.

2 — *Astronomia* — A médium não faz apenas viagens mentais terrestres; algumas vezes sai fora do nosso planeta, examinando os astros.

Tal como nos outros transportes mentais, vê, a princípio, a cruz suástica. Nestas viagens é acompanhada por um guia especial: um índio alto da raça dos Incas. Tem uma pena vermelha na cabeça, a sua tez é morena e mostra no peito a ferida que lhe produziu a morte.

Embora não se possa verificar a realidade do que a médium vê nestas viagens, muito do que ela descreve concorda com os conhecimentos astronómicos actuais.

3) *Geografia* — Por este processo também se transporta a qualquer lugar da terra, descrevendo, detalhadamente, o que vê: cidades, paisagens, etc.

4) *História* — Viajando mentalmente vê cenas do passado, como o Congresso de Tucuman de 1816, por exemplo, fornecendo dados cuja exactidão posteriormente foi verificada.

5) *Casas* — Também se transporta mentalmente a edifícios cujo interior descreve. Certa vez transportou-se a um cinema, onde seu filho assistia ao espectáculo. O que ela disse ter visto da película coincidiu com a realidade, como depois se comprovou.

6) *Objectos inanimados* — Pode ver no interior dos objectos e ver cenas que, de certo modo, se relacionam com eles.

B) *Sem a cruz giratória* — Nem sempre que a senhora Albertelli deseja ir a qualquer lugar vê a cruz gamada. Assim, quando se transporta ao local onde se encontram os monólitos gravados, não aparece a cruz. Nos desdobramentos também este símbolo não aparece.

Às vezes quando se transporta a qualquer lugar sucede não ver coisa alguma até chegar ao lugar desejado.

A médium sabe, por exemplo, que quando deseja ver certos objectos distantes se concentra por momentos e nota que vai a um lugar que julga afastado da terra. Minutos passados começa a ver formas astrais soltas. Essas formas não são sempre diferentes, mas vê frequentemente as que já tinha visto em anteriores visitas ao mesmo lugar: dois punhais cruzados; uma taça com uma serpente enroscada; dois triângulos sobrepostos, formando uma estrela como o signo de Salomão; duas rodas dentadas engrenadas; uma pena de ave colocada sobre um livro; um centauro; um escorpião; sólidos geométricos de diversas cores; uma braseira num tripode, com as brasas bem acesas e soltando chamas; uma roda de carro; um olho dentro de um triângulo; uma ampulheta; uma mulher sentada, segurando um facho na mão direita; notas musicais soltas; três espigas de trigo, atadas; uma lira, etc.

9 — Desdobramentos

Os desdobramentos têm lugar, aproximadamente às quatro horas da madrugada. A médium acorda, vê Carlota, — o seu guia de desdobramento — e sai com ela.

Os desdobramentos começaram expontâneamente. Só passados três dias percebeu o que se estava passando consigo. Tinha-se levantado e vestido, quando se lembrou de olhar para a sua cama onde viu uma senhora encostada.

Por altura dos joelhos e sobre a roupa da cama havia uma luz de cor azul «eléctrico» esverdeado. Parecia um globo luminoso, despedindo chispas que lembravam o fogo

A Mediunidade Poliglota

Por JOSÉ

de artifício com que brincam as crianças.

Quando a médium percebeu que se tratava de um desdobramento, o seu duplo que estava ao lado e a luz desapareceram instantâneamente. Um dia estando deitada, mas acordada, sentiu que alguém, que se encontrava ao lado da cama, lhe tocava no hombro. Disse-lhe que se não assustasse, que era Carlota, o seu guia de desdobramento e que se carecesse do seu auxílio a chamasse pensando no seu nome. Acrescentou que em vida fizera o mesmo que agora desejava a senhora Adela fizesse, para o que lhe estava a dar as necessárias instruções.

Carlota é uma senhora de uns sessenta anos. Apresenta-se vestida com uma bata escura, modelo antigo. O seu rosto é redondo e os cabelos grisalhos.

Nos desdobramentos as vidências são mais nítidas do que nos outros casos. Algumas vezes, ao regressar ao corpo, a médium nota que está a tremer. Essas vibrações vão diminuindo até que torna ao estado normal.

10 — Linguagem mental

A sensitiva, em certos casos «conversa» mentalmente com os espíritos. Umas vezes vê-os e outras não, como sucede com o seu guia.

Quando os vê, nota que transmitem o que querem dizer-lhe sem mover os lábios. A médium capta as ideias emitidas e responde da mesma maneira.

Falam-se e entendem-se, mas o tímpano não recebe vibrações acústicas. É como se a percepção fosse feita directamente pelo cérebro da sensitiva, como uma transmissão telepática.

11 — Avisos prévios dos fenómenos

Antes de produzir-se um fenómeno, a sensitiva recebe, às vezes, avisos prévios do que vai suceder, com anticipação variável. Estes avisos podem ser recebidos de diversas formas: *Por percepção interna* — Registam-se como se fossem ideias próprias. Pensa, por exemplo, repetidamente, num nome próprio, cujo significado desconhece. Outras vezes são muitas as palavras que o seu cérebro recebe, sem saber porquê. Mas tudo se torna claro ao produzir-se o fenómeno em que figuram aqueles termos cuja significação era ininteligível.

Por fala — As entidades anunciam em algumas ocasiões o que vai fazer-se nas reuniões futuras, utilizando, para isso, a mediunidade falante da Senhora Adela.

Por vidência — Surgem à vista da médium personagens que a seguir intervêem de qualquer forma, no fenómeno.

Por clariaudiência — Algumas vezes, é anunciado auditivamente o que vai suceder a seguir. Nestes casos pode produzir-se também vidência e o espírito comunicante fala em língua estrangeira.

Mentalmente — Assim como em certos casos de vidência a sensitiva mantém diálogos mentais com as entidades espirituais que vê, assim também, em algumas ocasiões, estas a avisam de algum trabalho que projectam levar a cabo.

a Senhora Adela Albertelli

MARTIN

Resumo da mediunidade poliglota da Senhora Albertelli

- **Escrita** .....
  - Em castelhano
  - Noutras línguas
- **Fala** .....
  - Em castelhano
  - Noutras línguas
    - Consciente
      - Ouvindo
      - Sem ouvir
    - Inconsciente
- **Clariaudiência** .....
  - Em castelhano
    - Sem vidência
    - Com vidência
  - Noutras línguas
    - Sem vidência
    - Com vidência
- **Vidência** .....
  - Silenciosa
  - Com linguagem mental
  - Com linguagem falada
    - Em castelhano
    - Noutras línguas
  - De escrita em castelhano ou noutras línguas .....
    - Sobre pedras
    - Em livros
    - Sobre outras superfícies
- **Viagens mentais** .....
  - Com a cruz giratória
  - Sem a cruz giratória

Desdobramentos

Linguagem mental

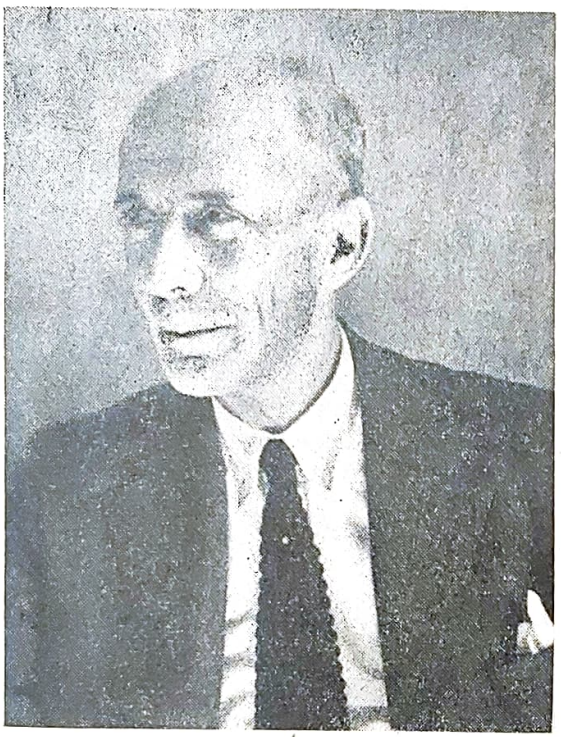
Avisos prévios dos fenómenos

AMIGOS QUE PARTEM

JOSÉ CARLOS DE CHELMICKI AFLALLO

Escrevemos esta página com verdadeira emoção. O Chelmicki abandonou a vestidura material, rumo a outros planos, deixando atrás de si uma lacuna bem difícil de preencher.

Antes da nossa viagem a Belo Horizonte, capital de Minas, estivemos com ele na Federação Espírita Brasileira. Falámos mais de duas horas. Ele estava alquebrado, presa de emoções que o levariam ao «fim». Animámo-lo quanto pudemos, dissemos-lhe que não se esforçasse demasiado e que, na volta, conversaríamos muito sobre a Revista, que era a «sua menina», pois a vira nascer, crescer e prosperar.



José Carlos de Chelmicki Aflallo

Há coisas na vida que dispõem do coração e só coisas semelhantes e contrárias lhe podem trazer o equilíbrio. Chelmicki estava numa curva difícil. Não era o trabalho, apesar dos 74 anos vencidos, que o curvava, porque o seu ânimo varonil resistia aos safanões da matéria. O que o levou foram os desgostos, as injustiças, os embates do sentimento. Pobre Chelmicki, grande amigo e grande carácter!...

Uma vez escreveu-nos uma carta, em que dizia: — Quando eu morrer, não quero palavras laudatórias. Basta o nome... e tantos de tal. A seguir, o epitáfio: partiu tranquilo com a consciência.

Nunca vimos um homem deste quilate. De honradez inconcussa, incapaz do menor deslise, puritano em todos os actos, amigo sincero do seu amigo, o Chelmicki, como era tratado, desempenhou um grande papel nas fileiras espíritas e foi um lutador na verdadeira acepção do termo.

Estudos Psíquicos deve-lhe muito. Advogou sempre as nossas aspirações junto de outro amigo que o precedeu na viagem final — Manuel Jorge Gaio — e assim pudemos enfrentar muitas dificuldades.

Todos os anos, pelo Natal, a Fundação Marieta Gaio, de que era tesoureiro, nos brindava com donativos oportunos que muito contribuíam para facilitar a nossa tarefa.

Tivemos muitas controvérsias com ele. Lia a revista de ponta-a-ponta, analisava tudo com olhos de crítico. Não deixava escapar coisa alguma. Depois vinham aquelas cartas intermináveis, mantendo seus pontos de vista, e nós a transigir e outras vezes a silenciar... Sabíamos que tudo aquilo era produto do seu amor à obra. No fundo, acompanhava o progresso desta folha e sentia-se feliz com os triunfos obtidos.

Um amigo raro nos tempos hodiernos. Homem de poucas palavras e de muitos actos meritórios, nunca apelámos em vão para a sua calma de espartano.

Por tudo isto e muito mais que não dizemos, porque ele não quer — Chelmicki não morreu — sentimos imenso a sua falta. Já não discutiremos a situação da Revista com ele. Agora a sua posição é outra. Há-de interessar-se por ela — isso, sim! —, há-de aconselhar, há-de sugerir, há-de impulsionar, como Lia e Emmanuel têm feito, e as suas vibrações dar-nos-ão força para caminhar. Estaremos vigilantes aos teus pensamentos, caríssimo Chelmicki. Continuaremos a mourejar e a batalhar, como querias que fizéssemos. Estudos Psíquicos continuará a ser como desejavas: uma tribuna calma e firme ao serviço da Doutrina, erguendo bem alto o lábaro do Evangelho Vivo. Descansa, que o rumo não será modificado. A nossa fé aumentou com esta viagem ao Brasil. Aqui a temperámos, aqui a sentimos avolumar, dia-a-dia, hora-a-hora, ao calor de realidades palpitantes que tu estremecias. Por isso a nossa fé é o maior baluarte desta cruzada bendita. Ela terá novos elementos de vida. Quando uma obra é digna, os seareiros aparecem. Tu sabes que a nossa é animada pelo Alto. Ainda há pouco Emmanuel escreveu, pela mão de Francisco Cândido Xavier, na Meca de Pedro Leopoldo:

«Abençoada colmeia de serviço espiritual, Estudos Psíquicos prossegue amparada por toda uma plêiade de amigos espirituais, que empenham por elevá-la cada vez mais alto, em sua missão de amor e luz na consagração do Espiritismo como legítimo restaurador do Evangelho do Cristo de Deus, na redenção do mundo».

E ao Centro E. Luz e Amor dedicou as seguintes palavras: «Nossos amigos desta instituição permanecem sob a orientação de puros instrutores da Espiritualidade Superior. Sob semelhante supervisão, esperamos possam cumprir valorosamente a nobre tarefa a que se consagram com as bênçãos de Jesus».

Meu caro Chelmicki! Podes estar certo de que tudo seguirá a sua trajectória de luz e harmonia. A grande Amiga que tudo deu a esta obra, não cessou um minuto de lutar em benefício destes redutos que se completam. É o teu concurso espiritual que nós esperamos.

Que as nossas vibrações sensibilizem tua alma impoluta. Perdoa aos que te ofenderam e caminha para a frente e para o Alto.

I. D. S.

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

DO SEXTO SENTIDO À QUARTA DIMENSÃO

Com este sugestivo título publicou o Sr. Victor Simon uma obra que, no dizer da crítica dos nossos confrades franceses, é tão valiosa como útil à Humanidade.

O Sr. Victor Simon é, como Pietro Ubaldi, um médium privilegiado recebendo as mais belas mensagens filosóficas e científicas que o Alto entende difundir na terra a fim de mais fàcilmente apressar o progresso espiritual do homem.

Dessa crítica transcrevemos esta aliciante passagem da citada obra:

«Verificamos muita vez que os vivos, aproveitando-se do privilégio de verem belos fenómenos, não tiram deles nenhum proveito espiritual porque o seu grau de evolução não lhes permite transformar a sua existência. Bem ao contrário, eles vêem apenas uma fonte de proveitos materiais e sòmente esperam que lhes sejam indicados os meios de engrossar o seu pecúlio, de ganhar muito dinheiro, ou ainda — o que é muito mais grave — de procurar arrastar o mundo invisível para as suas questiúnculas íntimas.

Portanto, é de toda a conveniência lembrar que temos os fenómenos que merecemos, que devemos armar-nos de paciência, de altruísmo e de tolerância para que desçam até nós os mensageiros da Verdade!».

É esta espécie de interesseiros que por vezes invade as nossas fileiras, dizendo-se espiritas sem o serem, ùnicamente com o nefasto intuito de se apropriarem de benefícios que não lhes pertencem e que não merecem. Felizmente, Deus, que tudo regula, separa o trigo do joio, ficando os actos com quem os pratica, e a Doutrina Espirita singra triunfantemente, cada vez com mais adeptos.

Pela pequena transcrição acima feita, concluímos que o livro «Do Sexto Sentido à Quarta Dimensão» deve ser, como parece, uma excelente obra, duma alta e moralizadora filosofia, além dos grandes ensinamentos científicos acerca da bomba atómica, esse pavor da nossa época.

Oue meditem todos quantos julgam o Espiritismo uma fonte para saciar a sede de egoísmo, em vez de manancial de água cristalina para purificar as almas!

DRAMÁTICA VISITA DE UM SOLDADO ALEMÃO A UMA ENFERMEIRA BRITÂNICA

Com este título, «Two Worlds», de Londres, envia-nos mais um dos seus numerosos e interessantes relatos, sempre flagrantemente comprovativos, da sobrevivência da alma humana e do real poder das faculdades supranormais dos médiuns ingleses:

«A atmosfera do campo de batalha foi dramàticamente invocada por Brenda Rowland durante uma sessão de clarividência quando um jovem soldado alemão veio agradecer a uma enfermeira britânica, que interrompera os seus deveres no *front* para o beijar quando ele morreu.

A *nurse*, Miss D. Price, de Herne Hill, Londres, S. E., reconheceu a referência feita pela médium a um oficial alemão, de bonita figura, cabelo louro, e de pouco mais de vinte anos de idade.

«Os meus braços estavam cobertos de sangue e os seus também», disse a médium na sessão de Brixton há alguns dias. «Eu fui atingido por um tiro no estômago. A senhora descançou a minha cabeça no seu braço e inclinou-se para beijar-me a testa. A senhora usava o uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha. Antes de morrer eu dei-lhe o crucifixo que tinha na mão».

O soldado, que disse chamar-se Franz Wilhelm, agradeceu a Miss Price por ter tomado o lugar de sua mãe quando ele morreu e lembrou-lhe a cerimónia católica no campo de batalha.

«Eu estava combatendo por aquilo que eu julgava que era verdadeiro», disse ele. «Agora compreendo que todos os homens são irmãos. Tenho a impressão de que a enfermeira inglesa pensava o mesmo. Ela tratou de mim como teria feito a um soldado inglês».

Depois da sessão, Miss Price tirou um crucifixo do seu saco de mão e mostrou-o à assistência e contou que efectivamente, durante a guerra de 1914-18, tinha estado no campo de batalha e deitara no seu braço a cabeça dum jovem alemão, inclinando-se para o beijar quando ele morreu.

Miss Price declarou que a descrição da médium acerca desse jovem tinha sido exacta. Ela confirmou também a referência à cerimónia católica.

O crucifixo que ele lhe tinha dado conservara-o, durante quarenta anos, como um objecto precioso».

Esta grande demonstração da Verdade, característica das leis de Deus, tão flangrantemente provada neste triste relato, encerra lições de elevada significação moral, como a do pensamento do espírito comunicante, afirmando o errado conceito da guerra, visto que todos os homens são irmãos. E no campo de batalha, onde a terra ensopada de sangue gritava contra os insensatos ódios dos homens, a Ternura verdadeiramente maternal e cristã duma enfermeira amparando a cabeça dum moribundo «inimigo» e o beijo que depôs na sua fronte quando ele morreu, comove-nos pela santidade, pela pureza do gesto, lembrando-nos que é bem verdade que nos pântanos, como a guerra, também podem brotar lírios.

Gesto santo, de santa fraternidade humana!

O CÃO MÉDIUM-VIDENTE

Se o homem é ainda para si próprio um desconhecido, como tão bem o afirmou o Dr. Alexis Carrel, como não o será ele para os animais?

Por toda a parte a inteligência, o sentimento e até as faculdades supranormais neles se revelam tão semelhantes às dos seus «irmãos superiores» que estes passaram, felizmente, a olhá-los com mais atenção e carinho.

Vejamos o que «Pictoral» nos diz acerca dum interessante cãozinho:

«Mme. J. M. Simpson, moradora na Rua Charles, em Dumfernline, contou que enquanto ela cosia, na sua casa de campo, observou que o seu cão estava agitado, com o pêlo eriçado, ao mesmo tempo que a porta se abria lentamente. Os olhos do cão pareciam seguir qualquer coisa que vinha da porta e ia para um cadeirão oposto ao lugar onde se encontrava Mme. Simpson.

O cão dava sinais de grande terror e escondeu a cabeça no regaço da dona.

No dia seguinte M.me Simpson soube casualmente, num estabelecimento, que um homem tinha morrido naquele cadeirão aproximadamente quatro anos antes».

Ainda a propósito do cão, Philip Rowe, de Folkestone Road, East Ham, contou uma história acontecida a seu pai.

O comissário Rowe levava sempre consigo o seu cão. Cada vez que este avistava certo túmulo no cemitério, o cão mostrava evidentes sinais de terror.

Nunca conseguiram que ele passasse perto desse túmulo, se bem que o animal fosse muito dócil e obediente.

Pergunta-se se o cão «sente» ou se ele «vê» os espíritos.

DIANTE DA SOMBRA

Com este título «Reformador» publicou uma mensagem recebida pelo conhecido médium Francisco Cândido Xavier, e que gostosamente transcrevemos:

«Se encontraste o Sol do Evangelho para reaquecer as tuas esperanças, decerto compreenderás quanta sombra amortalha o campo imenso da vida.

Sombras da grande ignorância gerando a grande miséria, sombras na inteligência e no coração, sem amor.

Não desesperes, contudo, à frente da névoa espessa.

Sê tu mesmo o raio de luz que a desintegre.

Raio de luz que se projecte sem alarde e sem dor, que avance, tranquilo, sem ferir e sem ofender.

Não exijas a grande transformação de um dia para o outro.

Forma-se o rio gota a gota.

Levanta-se a fortificação pedra a pedra.

Erque-se a sabedoria através do alfabeto.

Consolida-se a virtude, lição por lição.

Se podes ver a noite, que ainda envolve as criaturas, compadece-te delas e ajuda sempre.

Às vezes, basta um ténue raio de claridade para que a esperada renovação apareça.

Uma prece que auxilie...

Uma palavra que oriente...

Um bálsamo que reconforte...

Cada dia pode ser na terra abençoado serviço de preparação para o Céu.

Se já ouvimos o Senhor, caminhemos com Ele. Jesus foi, por excelência, o Divino Servidor.

Aprendamos, pois, a servir, e a nossa migalha de boa vontade no bem será bênção de luz com que o Senhor vencerá, em nosso benefício, sobre o mundo, a dominação transitória das trevas».

«Emmanuel»

Este bondoso e elevado Espírito não carece de apresentação, pois todos os leitores desta revista há muito o conhecem através das suas brilhantes mensagens. O seu maior desejo é ser compreendido nas suas manifestações de Verdade e Amor.

Ao ler esta mensagem sentimo-nos subir com a alma inundada de luz e o coração a transbordar de ternura. Mas, na realidade, foi Emmanuel, mensageiro de Deus, que desceu até nós para nos trazer mais uma mensagem do Pai. Mensagens de Luz e de Amor!

Tantas! Tantas! Qual delas a mais bela!

Amor! Sentimento criador, expressão da Vida, Verbo eterno de Jesus!

Amor! Como és incompreendido!

Dos céus caem sobre a terra benesses sem fim, perdidas no deserto da ignorância e na aridez da maldade-sombra.

Quantos meditarão nesta mensagem?

Que titânicos esforços empregam os instrutores da Humanidade para ajudarem a sua evolução! Seres que ainda se encontram na «sombra», na noite escura da consciência emparedada no mal, onde ruge a porcela da ferocidade, quão difícil é conduzi-los pelo melhor caminho!

Meditemos, pois, na bela mensagem de Emmanuel; façamos dela uma prece cotidiana para que ele opere em nós o milagre de nos tornar melhores, sem sombras em nossas almas.

RECOMENDAÇÃO OPORTUNA

Extraímos de *Spiritualisme Moderne*, órgão oficial da União Espírita Belga, a seguinte notícia que nos parece interessante dar a conhecer aos nossos estimados leitores. Subscreve-a A. B., iniciais que talvez não procurem esconder a identidade do seu autor, mas apenas indicá-la caso haja necessidade de identificação:

«M.me Halleux, um médium de Liège, teve a bondade de me proporcionar uma sessão de clarividência, embora eu a não tivesse solicitado.

«As indicações que me deu e de que não tinha conhecimento eram exactas e eu pude constatá-las imediatamente. A vidência tinha um carácter paranormal indiscutível.

«Houve, porém, uma revelação que me não foi possível verificar senão mais tarde. Com efeito, ela disse-me que um dos meus guias chamava a minha atenção para a direcção do meu automóvel, cuja vistoria recomendava.

«Na manhã seguinte, sem dizer as razões por que assim procedia, mandei fazer uma inspecção minuciosa da direcção.

«Quando fui buscar o carro, o garagista declarou-me que o seu mecânico verificara, cheio de espanto, que a *caixa da direcção estava quase completamente desatarraxada*.

«Posso garantir que este defeito do meu carro não era aparente e que o seu estado era relativamente novo, pois tinha feito apenas cerca de 25.000 quilómtaros.

«Nenhum ser vivo sobre a terra podia ter conhecimento deste defeito. Não se trata, portanto, de leitura do pensamento, a menos que se pretenda, como certos detractores, que... a matéria pode emitir pensamentos. Inútil, também, fazer intervir o subconsciente, porque há-de concordar-se que, se eu tivesse a mínima suspeita acerca do mau estado da direcção do meu automóvel, já teria mandado proceder à sua reparação».

E o Sr. A. B. conclui por pedir aos leitores que saibam de qualquer hipótese que possa explicar o facto sem a intervenção daquela entidade, que se diz seu guia, o favor de a comunicarem para a redacção da revista.

Não sabemos se ali foi recebida qualquer resposta, mas, certamente, aquela que se serve do *acaso* para explicar o inexplicável não terá deixado de acudir à mente de certas pessoas como explicação mais aceitável...

UM SONHO TRÁGICO

Psychic News, de Outubro de 1954, conta que Vincent Coomber, criança de 5 anos, moradora na Rua de S. Pedro, n.º 32, em Sandwich, sonhou que caía ao rio e se afogava.

Dias passados, Vincent brincava com dois amigos à borda da água. Subitamente perdeu o equilíbrio e caiu ao rio.

Os companheiros de Vincent chamaram por socorro e dois rapazes que estavam próximos, num bote, conseguiram salvá-lo, embora com custo.

E os pais e a avó de Vincent começam a acreditar que pode haver qualquer relação entre o sonho e a realidade...

Notas & Comentários

A VIAGEM DO NOSSO DIRECTOR

Estamos profundamente sensibilizados com as homenagens prestadas no Brasil ao director desta Revista. Elas se reflectem em todos os espíritas portugueses e cimentam mais, se é possível, a já tradicional amizade luso-brasileira.

Nada do que se tem passado com o confrade Isidoro Duarte Santos nos surpreende, e, porque sabemos quanto são entusiastas os nossos confrades brasileiros e dedicados os espíritas portugueses, já havíamos vaticinado a jornada vitoriosa de que vamos tendo notícias.

É pena, realmente, que a distância que separa as duas Pátrias seja tão grande que não permita maior aproximação, pois de um constante intercâmbio entre os espíritas dos dois países muito teríamos a lucrar.

O nosso confrade Deolindo Amorim, correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro enviou-nos a seguinte nota que com grande satisfação publicamos e bem demonstra quanto vimos de dizer a respeito da maneira gentilíssima como o Espiritismo português tem sido apreciado e prestigiado na pessoa do nosso director:

«HOMENAGEM A ISIDORO DUARTE SANTOS — SESSÃO CONJUNTA NA SEDE DA SOCIEDADE DE MEDICINA E ESPIRITISMO

Realizou-se na tarde de 23 de Abril, à Avenida Rio Branco, 4, 15.º andar, uma homenagem ao director da revista «Estudos Psíquicos», nosso confrade Isidoro Duarte Santos, em sessão conjunta da Liga Espírita do Distrito Federal, Sociedade de Medicina e Espiritismo e Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. Na qualidade de director da Faculdade, ocupou a presidência dos trabalhos o nosso confrade Deolindo Amorim, que formou a mesa com o homenageado, os professores da Faculdade de Estudos Psíquicos e representantes de diversas sociedades espíritas.

Teve a palavra, inicialmente, em nome da Sociedade de Medicina e Espiritismo, o prof. Amadeu Santos. Em nome da Liga Espírita do Distrito Federal, falou o seu presidente, Dr. J. Augusto de Miranda Ludolf. Finalmente, em nome dos professores da Faculdade, falou o coronel Delfino Ferreira. Todos os oradores fizeram sentir o muito que Isidoro Duarte Santos, através de «Estudos Psíquicos», tem feito pela Liga Espírita, pela Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos e pela Sociedade de Medicina e Espiritismo.

O salão estava superlotado e, além disto, era dia de aula da Faculdade de Estudos Psíquicos. Agradecendo a homenagem, muito comovido, discursou Isidoro Duarte Santos, que reafirmou os seus propósitos de trabalhar pela solidariedade entre os espíritas do Brasil e de Portugal. Calorosa salva de palmas aclamou o homenageado. Em seguida, o confrade Isidoro ainda assistiu à aula de Psicologia, ministrada pelo Dr. Túlio Chaves. A belíssima reunião terminou quase às 19 horas.

*

Outras homenagens têm sido prestadas ao director de «Estudos Psíquicos». No dia 23 de Maio será recebido na sede do Novo Centro Espírita António dos Pobres, cujos componentes — directores e sócios — são quase todos portugueses».

FOTÓGRAFO TRANSCENDENTAL

O «Diário Popular», em seu número de 23 de Maio passado, com o título «Apareceu, perto de Brighton, um «fantasma» que se deixou fotografar...», insere uma notícia de Londres, na qual se diz:

«Apareceu um «fantasma» na residência do Marquês de Ely, em Hove, perto de Brighton. Contràriamente à maior parte das «almas do outro mundo» que certas pessoas afirmam ver, mas não podem fotografar, este impressionou a película sensível, embora não se enxergasse a olho nu.

O Marquês de Ely, que conta 52 anos, interessa-se muito pela fotografia, e ao tirar recentemente, dentro de casa, e com luz artificial, o retrato a uma senhora das suas relações, teve a surpresa de ver aparecer, quando a película foi revelada, uma linda mulher vestida à época de Isabel I, que parecia situar-se num plano sensìvelmente inferior ao sobrado da sala; a personagem era visível em «três clichés» diferentes.

O «Daily Sketch» publica hoje uma das fotografias em que se vê nitidamente a imponente senhora isabelina em parte cortada pela margem da película e afirma que os membros da «Royal Photographic Society» estão a perder o seu latim, enquanto que os espíritas andam entusiasmados...

A moradia do Marquês de Ely foi construída há uns cem anos, mas o jornal nota que, ao tempo, havia provàvelmente outras casas no mesmo local, o que explicaria a posição do fantasma a nível inferior ao do soalho actual.

Quanto à «Lady», Ely afirma categòricamente que até agora não acreditava em almas do outro mundo, mas, hoje, acredita».

À parte as reticências e as aspas, marcas indispensáveis aos «espíritos fortes» quando se ocupam de assuntos supranormais, o facto de que a notícia nos dá conta está suficientemente pormenorizado, embora seja igual a centenas de outros muito já do conhecimento geral.

Desejamos, no entanto, fazer um ligeiro reparo à explicação encontrada para a circunstância de a forma fantasmagórica (mas não tanto que não pudesse ter sido fotografada) se encontrar num plano inferior ao nível do soalho: explica o noticiarista que deve ser em consequência de haver, provàvelmente, na época de Isabel I de Inglaterra, outras casas no mesmo local, cujos soalhos se não encontravam ao nível da do Marquês de Ely.

Nós, espiritistas, sabemos perfeitamente que as entidades espirituais, ao pretenderem ser fotografadas, se preocupam apenas com a sua colocação em face da objectiva por forma que a película impressione especialmente as suas feições ou outros principais elementos de identificação. Podem, por isso, ficar os pés acima ou abaixo do plano do soalho, sem que o facto signifique desnível natural do plano em que se encontra a entidade espiritual.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No passado domingo, dia 12 de Junho, tivemos o prazer de ver na Sede o nosso prezado confrade Sr. Luciano Silva, que nos brindou com uma sugestiva e útil conferência subordinada ao tema: «Sê sábio santo e sadio». Afirmou que só norteando a Vida neste tríplice aspecto — instruindo-se, moralizando-se e alimentando-se de conformidade com os métodos e preceitos naturistas — o indivíduo poderá evoluir, e caminhar a passos largos para o alvo que deve ser por todos desejado: a Perfeição.

Durante mais de uma hora, Luciano Silva, no seu estilo característico, prendeu a atenção de todos os presentes, desenvolvendo um dos temas mais da sua predilecção. Foi oportuno e instrutivo, como sempre, e, certamente, as suas palavras terão encontrado eco no coração e na inteligência de grande número daqueles que o escutavam.

António Cardoso, que estava presidindo, secretariado por D. Ivone de Sousa, fez um resumo da intensa actividade do orador, que há mais de 40 anos vem semeando Ideais, Verdades e Doutrina nos mais variados sectores e louvou-o pela tenacidade e pela constância com que, através desse tempo tem propagado e difundido os seus ideais e exortou-o a continuar perserverante como até aqui.

A assistência, que escutou com muito agrado a brilhante exposição do Sr. Luciano Silva, fez no fim algumas perguntas de carácter doutrinário, às quais o orador pronto e claramente respondeu, e muito contribuiram para dar maior clareza aos pontos de vista defendidos pelo conferencista.

GRUPO DE PROTECÇÃO A CRIANÇAS

Nunca é ocioso chamar a atenção dos nossos leitores para a obra verdadeiramente Cristã que no Centro Espiritualista Luz e Amor vem realizando um punhado de senhoras, cheias de boa vontade e animadas do mais ardente desejo de espalhar o bem na medida das suas possibilidades.

Infelizmente, porém, não chegam os recursos para essa tarefa tão nobre e meritória em prol das criancinhas, e não raro as dirigentes de tão prestimoso agrupamento se encontram em face de problemas materiais cuja resolução nem sempre vem com a facilidade que seria para desejar e as próprias componentes do Grupo diligentemente procuram.

Efectivamente, a despeito de todo o empenho em acomodar a receita às despesas do Grupo, surgem sempre imprevistos que desorganizam os bem elaborados orçamentos e frustram as mais cuidadosas previsões.

Ousamos, por isso, apelar para a generosidade dos nossos estimados confrades, lembrando-lhes a existência, no Centro Espiritualista Luz e Amor de uma obra tão digna do carinho de todos, para que, de vez em quando, a auxiliem na medida das suas possibilidades.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JULHO DE 1955

Grupo de Irradiação Mental

Todas as quintas-feiras, às 21,30 horas, dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, às 21,30 horas, com a médium D. Deolinda Robalo, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 3, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecilia Gorina.

Dia 10, Domingo, às 16 horas — Conferência por D. Ivone de Sousa, intitulada «A inteligência dos Animais».

Dia 12, terça-feira, às 21,30 horas — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 17, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 24, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecilia Gorina.

Dia 26, terça-feira, às 21,30 horas — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 31, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Nota — As Conferências são publicas para as pessoas que venham acompanhadas por qualquer sócio e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, virem munidos da última quota paga.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE MAIO

Conforme vai indicado noutro lugar, foi de Esc. 90$00 o total da subscrição destinada a esta espécie de beneficência. Lembramos aos nossos prezados confrades que desejem contribuir para ela, que na secretaria do Centro serão recebidos os donativos e prestados os esclarecimentos acerca do modo como é feita a atribuição dos livros.

No mês de Maio foi distribuido o seguinte:

«À Porta do Mistério» — Manuel d'Oliveira Gouveia, Angra do Heroismo.

FÉRIAS DO CENTRO

As férias do Centro principiam em 1 de Agosto e terminam em 30 de Setembro.

Como nos demais anos o Centro Espiritualista Luz e Amor, encerra os seus trabalhos em 31 de Julho, recomeçando os mesmos em 2 de Outubro.

Neste interregno, qualquer informação pode ser pedida pelos telefones 5 66 05 e 63 67 24.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Junho — I. S.; Lisboa, 20$00; D. Cupertina de Meneses, Alhandra, 20$00; Joaquim Sismeiro, Leiria, 15$00; «Irmão César», Abril e Maio, 40$00; Centro E. Luz e Amor, 50$00; Brindes de livros espiritas, 90$00 — *Total* — 235$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

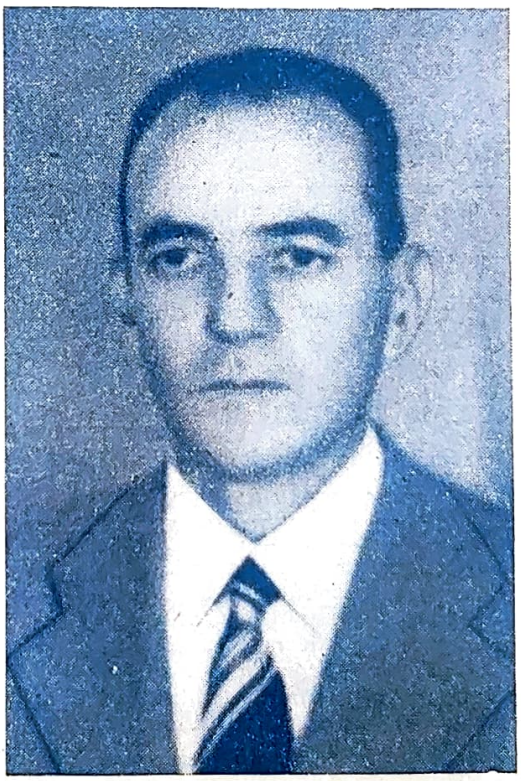
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



MAJOR LUÍS GENTIL

(Ver pág. 205)

CONTÉM: Mar Alto, da **Redacção**; Interpretações da Reencarnação, por **Deolindo Amorim**; Os Nossos Representantes — João dos Santos Coragem; A Preciosa Oportunidade, pelo **Dr. Ademar Dias Duarte**; Um Casamento Espirita, por **Leopoldo Machado**; O Tempo e a Vida, por **Valdemar Santos**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; Mortos, (Mensagem recebida pelo Médium Francisco Cândido Xavier); A Influência Espirita Representará Um Valor Sólido no Sentido da Paz?, por **F. Noronha** (Colaboração Póstuma); Vós Sois o Sal da Terra..., por **J. C. Moreira Guimarães**; Reuniões Espiritas, por **Allan Kardec**; O Trabalho à Luz da Espiritualidade, pelo **Major Luís Gentil**; A Volta de Cristo, por **Pietro Ubaldi**; Mediunidade Gratuita, por **Allan Kardec**; Ecos de Uma Viagem, por **Isidoro Duarte Santos**; Vegetarismo (Compilação de **Luciano Silva**); Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

16.º ANO JULHO DE 1955 N.º 7

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. 100,00 Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espiritos	32$00	45$00
O Livro dos Médiuns	32$00	45$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	32$00	45$00
O Céu e o Inferno	35$00	47$00
A Génese (nova edição)	35$00	47$00
Obras Póstumas	32$00	45$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1955 — N.º 7

Redactor: **Ramos Pereira** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administradora: **Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

MAR ALTO

Senhor Deus das Alturas! Como é grande o teu poder e a tua magnanimidade! Anda o homem a rojar-se nos abrolhos da existência em busca de calma que não conhece; a navegar entre baixeis sujeito a naufrágios irremediáveis, a repetir experiências insuficientes no sentido de melhorar a vida precária... e a felicidade escôa-se, qual gota de água no deserto arenoso!

Eu andei pelo Brasil infindo envolvido em ternura, a experimentar novos passos e a sentir novas emoções, rasgando-me nos abrolhos de viagens difíceis, navegando e procurando rotas que me levassem a bom porto... Sim, andei por muitos plainos... ao sabor de várias temperaturas. A onda já era grande, envolvia-me todo em vibrações indiscritíveis... E julgava que era o ponto culminante, que depois nada mais haveria no trilho da minha jornada...

Mas eu fui a Pedro Leopoldo... à tebaida mineira, no rasto do médium que se desdobra em mil cambiantes, na sua estranha humildade... Fui a Pedro Leopoldo, abracei o missionário, cujas obras correm mundo, e as ondas altearam-se mais e mais no oceano das almas, que fremiram em cachão remoinhante.

Tudo o que eu vira e sentira pairava na curva do tempo. Os meteoros também passam. As auroras boreais deslumbram os olhos e o fenómeno extingue-se e o céu serena. Mas em Pedro Leopoldo não foi assim. O que nos envolveu a mim e ao Chico Xavier, não há palavras que o contem. Eu quisera ficar ali muito tempo, aurindo perfumes caros, respirando atmosferas novas, prelibando doces manjares.

O que liga os homens, não o sabemos. São estranhas cadeias, laços imponderáveis que decidem de seus destinos. O Chico é um ambiente polarizado. A dor o eleva, o trabalho o anima. Dá a César o tributo legal. Mas para lá do César, que admiráveis quinhões ele reparte com o mundo ansioso!

O meu quinhão foi grande, tão grande, que julgei desmerecê-lo. E o tradutor do Invisível, sereno como as violetas em seu canteiro mesquinho, abandonava o reduto espiritual para comungar connosco em alegria perene. Que grande coração o daquele homem humilde e bom! As rosas brancas que me ofereceu, aljofradas de aroma celeste, correram mundo e clarearam outras almas, em doce eflúvio.

Pedro Leopoldo foi um mar alto de vibração e de enleio! Tantos familiares se manifestaram! Tantas provas me deram! E pairando e me envolvendo, a asa branca de Lia, como beijo suave, roçou em minha fronte, numa legenda discreta:

— Vai, caminheiro audaz! Eu te acompanho sempre e te animo e te impulsiono! Lá e cá, o nosso caminho é de luta gloriosa!

Mas isto, nos lábios do maior psicógrafo da actualidade!

Se há lágrimas de alegria, as minhas foram alegres, deram-me vigor, dirigiram-me para novos horizontes.

Na luta permaneço, à luta me entrego, enfrentando obstáculos, apoiado ao bordão da fé. O Alto me inspira para novos trabalhos e o físico reage à volição da mente!

Pedro Leopoldo foi um mar alto de vibração e enleio! Foi a nascente cristalina, serpenteante e fagueira, a jorrar para sempre. Água viva, água luminosa! Canto enternecedor, música sublime de harmonioso tom! Não te esquecerei jamais. Impresso ficaste na memória do peregrino.

Valeu a pena ter vindo ao Brasil para beber dessa água maravilhosa. As almas sentiram-se mais perto da ressonância. O Chico vibrou em uníssono, transcendeu-se. E a grande rosa vermelha que me ofereceu no último instante, orvalhada do rócio da noite, selou um pacto que tem de ser cumprido... Senhor Deus das Alturas! Como é grande o teu poder e a tua magnanimidade!...

Interpretações da Reencarnação

por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

— II —

Não são concordantes as interpretações da reencarnação. Nem todos os reencarnacionistas pensam do mesmo modo a respeito de certos problemas atinentes ao princípio das vidas sucessivas. Até mesmo em relação ao próprio sentido de continuidade da reencarnação, que devia ser ponto pacífico, existem dúvidas e divergências. É justamente em face de tais divergências que somos levados a afirmar que a interpretação espirita é a mais racional, mais compreensível, mais aceitável, tanto sob o ponto de vista lógico, como sob o ponto de vista moral.

Há quem admita a reencarnação, por exemplo, sòmente na terra, como há quem sustente a tese de que a reencarnação se dá ùnicamente no mundo invisível... A doutrina espirita, pelo contrário, ensina que *A REENCARNAÇÃO SE REALIZA ATRAVÉS DE DIFERENTES MUNDOS*, de acordo com o aperfeiçoamento do espírito em cada nova existência. Já Léon Denis observava, há muito tempo, a diversidade, senão o antagonismo, de interpretações da doutrina reencarnacionista. Dizia ele: *Certas escolas espiritualistas combatem o princípio das vidas sucessivas e ensinam que a evolução da alma, depois da morte, continua a efectuar-se sòmente no mundo invisível; outras, conquanto admitam a reencarnação, crêem que ela se realiza em esferas mais elevadas; o regresso à terra não lhes parece ser uma realidade.* Léon Denis critica este ponto de vista com objecção indiscutìvelmente sensata: *Aos partidários destas teorias lembraremos que a encarnação na terra tem um objectivo, e esse objectivo é o aperfeiçoamento do ser humano.*

A opinião de Léon Denis — grande discípulo de Kardec — concorda inteiramente com o ensino básico da doutrina espirita sobre a pluralidade das existências: Pergunta 172 do *Livro dos Espíritos:* «As nossas existências corpóreas verificam-se todas na terra? Resposta: *Não; vivêmo-las em diferentes mundos.*

Como se vê, a doutrina espirita interpreta a reencarnação de modo bem diferente do modo por que a interpretam algumas escolas orientais. Daí ser necessário falar em reencarnação *segundo* o Espiritismo, *segundo* o Bramanismo, etc., porque não há coincidência geral de interpretações. Há um ponto comum, não resta dúvida, mas é indispensável notar que, na apreciação de determinados aspectos ou até mesmo nas consequências da tese reencarnacionista, o Espiritismo se afasta e muito, de algumas concepções antigas.

Interpretada à luz do Espiritismo, a reencarnação não é absolutamente determinista, uma vez que postula o desenvolvimento do livre arbítrio e chega a dizer que o espírito reencarnado, querendo, pode modificar o seu padrão de vida e, assim, aliviar os efeitos de uma prova ou de uma situação difícil. Para o Bramanismo, entretanto, a reencarnação é determinista. Mais do que isto: é fatalista. Pelo menos é o que se pode deduzir de uma observação de Roger Gal, em sua *História da Educação*. Pode ser que este Autor não tenha penetrado bem no verdadeiro espírito do Bramanismo ou talvez não seja versado em doutrinas e religiões orientais, especialidade em que os doutos, na realidade, são muito escassos no Ocidente. De qualquer forma, a obra de Roger Gal é interessante, porque o Autor estudou e criticou todos os sistemas de educação da antiguidade e, para tanto, colheu muito material de pesquisa. Diz ele: *O sistema de educação indú repousa inteiramente sobre a distinção das castas, introduzidas pelos Arianos quando invadiram o vale do Ganges e impuseram às populações indígenas a sua dominação. Houve, assim, a casta teocrática dos brâmanes; abaixo dela, a dos guerreiros; mais abaixo a dos negociantes; bem em baixo, afinal, a casta dos escravos, os «sudras» ou párias, excluídos de todos os direitos, predestinados*

ao serviço das classes superiores. Então, segundo Roger Gal, dentro do conceito reencarnacionista, os escravos devem ser sempre escravos, porque nasceram *predestinados* para servir as classes superiores. Não garantimos que a interpretação da filosofia bramânica esteja absolutamente exacta na obra de Gal, mesmo porque, com apreciáveis excepções, que não são numerosas, tudo quanto nós, ocidentais, sabemos da cultura oriental, principalmente em matéria religiosa, é de segunda mão, através de traduções nem sempre fiéis. Temos muitos eruditos, mas não temos muitos orientalistas de verdade, porque são poucos, relativamente poucos, os especialistas que conhecem as fontes originais do pensamento oriental. Tudo quanto bebemos, na maioria dos casos, vem por intermédio de terceiros, por via indirecta, portanto.

Roger Gal, todavia, criticou o sistema de educação no Bramanismo sem partidarismo nem paixão religiosa, mas à luz da tradição reencarnacionista. Segundo a maneira de se compreender a reencarnação no pensamento bramânico, a sociedade, como diz Roger Gal, deve ser dividida em quatro castas, como já vimos: *Brâmanes* (casta superior, que forma a aristocracia sacerdotal); *guerreiros; comerciantes; escravos* (Sudras). Veja-se bem o sentido determinista da reencarnação nestas palavras de Gal: *É que cada um nasce na sua divisão social e ninguém pode sair dela; há mesmo uma justificação metafísica para a situação de facto social, a saber que* o «*sudra*» (pária ou escravo) *nasce como tal para expiar as faltas cometidas em uma existência anterior e que, por consequência, não pode resgatar esta maldição senão servindo humildemente as castas superiores*. Pela reencarnação, como se prevê, justifica-se o regime de castas e, ainda mais, procura-se justificar a própria escravidão! Eis aí o que se pode chamar uma concepção anti-democrática. Será este, porventura, o conceito espírita de reencarnação? Evidentemente, não.

Em primeiro lugar, a doutrina espírita repele fundamentalmente qualquer forma de escravidão, embora seja uma doutrina reencarnicionista; em segundo lugar, a doutrina espírita só admite o determinismo até certo ponto, visto como a reencarnação não destroi o livre arbítrio.

Tanto é relativo o livre arbítrio, como o determinismo, segundo a filosofia espírita. Um espírito pode reencarnar como escravo, naturalmente por haver sido mau, por haver abusado da sua autoridade na existência anterior, mas isto não quer dizer que o escravo deva ser sempre escravo, e que a sociedade deva continuar a ter senhores e escravos. Pelo esforço próprio, pela luta incessante, qualquer pessoa pode elevar-se na escala social. A própria doutrina espírita demonstra que certas existências humilhantes e trabalhosas chegam a ser muito necessárias, para que o espírito reencarnado aprenda a lutar e a exercitar as suas faculdades. Logo, a reencarnação não é fatalista. Se, porém, admitirmos que alguém trouxe a *predestinação* de ser escravo e não pode sair desta condição social, cairemos forçosamente no fatalismo. Não é assim que a doutrina espírita encara a reencarnação.

Eis aqui um dos ensinos do Espiritismo:

«*É contrária à lei de Deus toda a sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, gradativamente desaparecerão todos os abusos*».

Vê-se, pois, que a doutrina espírita, longe de aceitar o fatalismo de certas doutrinas orientais, põe a tese reencarnacionista em termos diferentes, porque afirma o sentido progressivo das vidas sucessivas. Não se pode confundir, portanto, a concepção espírita da reencarnação e, por exemplo, o *karma* de algumas escolas antigas. Henri Arvon escreveu um trabalho sobre o *Budismo* e um dos aspectos que muito lhe chamaram a atenção foi precisamente o sentido fechado da lei kármica para algumas seitas orientais. Não sabemos se Henri Arvon conhece a fundo a filosofia do Budismo, mas a sua exposição, pelo menos, é muito imparcial.

De tudo quanto dissemos, finalmente, a noção que pretendemos fixar é a de que, dentro da concepção reencarnacionista, há divergências muito acentuadas entre o Espiritismo e algumas escolas orientais. Ainda há pouco, o professor Josué de Castro, nos estudos e inquéritos que realizou, em diversos pontos do mundo, inclusive na Ásia, para examinar o problema da fome, encontrou grupos que, até hoje, admitem a metempsicose ao pé da letra, pois estão certos de que os seus antepassados estão reencarnados em animais. O trabalho do prof. Josué de Castro, da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, é recente, está em dia com os costumes e os tipos de alimentação mais usados actualmente no mundo.

Em seu falado livro *Geopolítica da Fome*,

que tem sido, aliás, muito criticado, nota o prof. Josué de Castro a falta de proteína em grande parte da alimentação habitual de alguns povos asiáticos. Diz ele: *Certos preceitos religiosos, tanto budistas como bramanistas, colaboram fortemente para a manutenção dos baixos consumos de proteína animal nas terras do Oriente.* Porquê? Justamente porque alguns grupos orientais, admitindo a reencarnação em corpo de animal, não comem carne, não permitem a matança de animais, em virtude, é claro, da crença de haver algum antepassado voltado à terra no corpo de um carneiro, de uma vaca, etc. Ainda existe, portanto, a velha crença numa forma de reencarnação que a lógica do Espiritismo já demonstrou ser absolutamente impossível. Diz ainda o prof. Josué de Castro: *A crença budista na metempsicose, isto é, na transmissão da alma humana nos animais, proíbe que se mate qualquer animal para comê-lo, porque quem assim procede arrisca-se a matar um parente, um antepassado reencarnado sob forma animal.* Não afirmamos, por nossa conta, que seja inteiramente exacta a referência à crença budista na metempsicose, porque também é provável que o Autor brasileiro tenha sido informado por fontes incompletas. Todavia, o que nos interessa é o facto em si: ainda se aceita, no Oriente, a reencarnação em corpo de animal.

Daí a carência de proteína animal na alimentação de alguns grupos orientais, ainda filiados à metempsicose, e por isso mesmo, contrários à matança de animais domésticos, segundo a observação do prof. Josué de Castro. As divergências aqui apontadas já nos permitem, finalmente, a seguinte CONCLUSÃO:

A crença na reencarnação determina, por decorrência, dois comportamentos distintos:

a) — em determinados grupos orientais, onde a reencarnação é aceite sob a forma de fatalismo inexorável, o comportamento é estático, um tanto passivo e resignado;

b) — nos grupos ocidentais, justamente porque a reencarnação não tem implicações deterministas de carácter absoluto, o comportamento é mais activo, racionalista, dinâmico, aliás, bem ajustado ao temperamento latino.

Se assim é, temos razão em dizer que, embora haja pontos comuns na tese geral, são muito diferentes e às vezes antagónicas as interpretações da reencarnação.

OS NOSSOS REPRESENTANTES

JOÃO DOS SANTOS CORAGEM

Estudos Psíquicos *tem agora novo representante no Estado de Minas Gerais. É o confrade e amigo João dos Santos Coragem, homem dinâmico que se entregou à Doutrina disposto a servi-la em todas as modalidades. Tem a missão de angariar assinaturas e anúncios destinados a esta revista e enviar-nos a sua correspondência.*

Graças ao seu esforço e dedicação pudemos gravar a histórica sessão de Pedro Leopoldo, em que Lia se manifestou durante muito tempo, ao lado de Marília, Faure da Rosa, Eurico Zuzarte, Baptista Ramires, F. Noronha, etc., e que deixou em nossa alma a mais viva saudade. Além disto, gravou também algumas conferências que realizámos de improviso em Juiz de Fora e Belo Horizonte.

Na sessão de Pedro Leopoldo lhe foi dito que se ligasse à nossa publicação e por ela fizesse tudo o que estivesse a seu alcance. É, pois, este o novo amigo que enfileira nesta falange de lutadores, em ligação com Martins Peralva, Dr. Noraldino e Orville Derby Dutra.

Para ele vão os nossos agradecimentos e homenagens. João Coragem, que, além de espiritista militante, é Perfeito na cidade mineira de Lima Duarte, sente e vive o Ideal e percorre todo o Estado em serviço de propaganda no seu auto apetrechado com gravador eléctrico e alto-falante para reproduzir conferências onde os conferencistas não podem chegar.

Que Deus o abençoe na sua faina de semeador!

A Preciosa Oportunidade

Pelo DR. ADEMAR DIAS DUARTE

Os espiritas não duvidam de que, entre as Leis Divinas, a da Reencarnação assume aspectos de extraordinária importância no seio da Doutrina Excelsa.

Lei que explica e positiva a razão da Imortalidade da alma, é uma das colunas mestras da Terceira Revelação. Realmente, a lei das vidas sucessivas equaciona e resolve os mais sérios e angustiosos problemas engendrados pela inteligência humana. Soluciona, filosófica e cientificamente, a milenária cogitação do homem — quem sou, de onde vim, para onde vou? Sua transcendental significação no texto da Codificação de Allan Kardec inspirou os promotores do 2.º Congresso Espirita Mineiro, realizado em Belo Horizonte, no ano de 1952, razão por que na inspirada DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS aprovada, sob palmas, por 3.000 congressistas, consta, do item III: — *Os Espiritas crêem na imortalidade da alma, sua evolução contínua e perfeição, por estágios progressivos; sua reencarnação em planos de vida correspondentes ao seu estado de adiantamento*».

A Lei da pluralidade das existências sabemos se processa como missão, prémio ou necessidade, neste ou em outros planetas, porque na «casa do Pai há muitas moradas», advertiu Jesus. Funcionando mais como medida reformatória, nas condições actuais de regeneração do planeta Terra, a reencarnação, em última análise, reveste-se de uma preciosa oportunidade, conferida aos espíritos para a evolução, no aperfeiçoamento de virtudes ou no ressarcimento de erros pretéritos. No baptismo da carne, com o seu passado obumbrado, subindo e descendo nas variadas situações sociais, defrontando a todo o instante o bem e o mal, o espírito humano, pelo livre arbítrio, segue despreocupado o caminho fácil dos prazeres, ou vence a vereda tortuosa das dificuldades, neste caso alcançando a «porta estreita da salvação», a que se refere a lição evangélica.

Segundo mensagens recebidas em Pedro Leopoldo e por inúmeros Centros e Sociedades Espiritas do Brasil, estamo-nos aproximando do século que marcará o início de nova vida de Paz, Espiritualidade e Progresso no orbe terreno.

Assim, no sentido de preparar e seleccionar os espíritos para essa era de Luz e Sabedoria, conforme outros comunicados mediúnicos, de há anos à presente data processa-se no Espaço a separação do «joio do trigo», dos «cabritos e ovelhas», consoante rezam as escrituras.

Como que em conformação desse período de transição, não é difícil verificar que as próprias crianças de hoje possuem virtudes e caracteres mais aprimorados do que as de ontem. São inteligentes, sensíveis, cheias de personalidade, porque são espíritos mais experimentados, possuidores do *tonus* da espiritualidade.

Sob outro aspecto, é do conhecimento dos trabalhadores da seara do Mestre que para cada espírito encarnado, pode-se contar até dez desencarnados. A imensa população invisível, não obstante possa, também, evoluir pelo trabalho junto dos encarnados, prefere o retorno aos grilhões da carne, prova mais árdua, porém mais meritória na escada evolutiva. Eis porque, considerando esses factores e ainda o biológico da natalidade e do desencarne na Terra, temos que admitir a veracidade das mensagens mediúnicas que nos esclarecem sobre a ânsia dos desencarnados pelo regresso à carne. A reencarnação tornou-se-lhes a grande oportunidade. É o desejo ardente dos irmãos desencarnados, conhecedores desse período de transição, de seleccionamento, que assinala a evolução espiritual, intelectual e material do planeta por nós habitado.

E, por ser assim do outro lado da vida, com mais razão os espiritas precisam aproveitar a preciosa oportunidade da presente estadia terrena, no aperfeiçoamento individual e colectivo, em cada dia, hora e minuto. O tempo urge. A hora que passou, oferecendo ensejo de servir, talvez não volte com tanta facilidade. Aproveitemos o instante que se apresenta e transformemo-lo em serviço proveitoso à melhoria dos nossos vícios e recalques, dando assim exemplos de renúncia, compreensão e sacrifício aos nossos semelhantes, a fim de que eles aprendam connosco. Trabalhemos principalmente com Solidariedade e Tolerância, na bendita sementeira do Cristo Amado, produzindo «cento por um», não deixando para amanhã o que pode ser feito hoje. «Apascentai as minhas ovelhas», disse o Divino Pastor, no convite amorável.

Estamos vivendo a grande, a imensa e preciosa oportunidade de evoluir na carne, para, no futuro, após competição meritória com a numerosa Família Invisível, regressarmos ou não à Terra.

Lembremo-nos dos «Exilados da Capela». A situação afigura-se-nos idêntica, na época actual. Quem for encontrado sem arado ou enxada na mão, merecerá expurgo no seleccionamento espiritual.

E diante das tentações da matéria e das preocupações financeiras de cada dia, recordemo-nos: *Buscai o reino de Deus e a Sua Justiça e todas as demais coisas vos serão dadas por acréscimo.*

PORQUE EXISTE A DOR?

Se sofremos por causa dos nossos desejos, sofremos muito mais ainda por causa das nossas paixões. Escavai a raiz dos males que vos afligem e vereis que a maior parte provém de alguma lei violada, de algum dever desconhecido. «O homem não morre, mata-se». A vida, para muitos, é um banquete, que para outra coisa não serve, senão para adoecerem. Para cúmulo de desgraça, quando as nossas paixões querem satisfazer-se, encontram outras paixões que lhes fazem concorrência e lhe vedam o caminho. O orgulho esbarra com o orgulho, a luxúria com a luxúria, o egoismo com o egoismo. Daí, conflitos que acabam sempre com sangue ou com lágrimas.

P. V. MARCHAL

UM CASAMENTO ESPIRITA

Por LEOPOLDO MACHADO

(Correspondente em Nova-Iguaçú)

José António Marques é português. Veio para Nova-Iguaçú em fins de 1936. Hostilizava o Espiritismo, sem saber o que fazia. Entrava em choque, constantemente, com um colega seu, do comércio, que era nosso companheiro na direcção do «Fé, Esperança e Caridade». Um dia, ouviu do colega provocado:

— O senhor ridiculariza o que desconhece. É por medo, sabe? Seria melhor que fosse, primeiro ao Centro, que, primeiro, estudasse o Espiritismo. Não o faz. E é por medo que não o faz.

— Pois, para mostrar-lhe que não é medo, aceito o seu convite. Irei ao Centro com você. Hoje há sessão? Se houver, irei...

E foi, efectivamente. Era sexta-feira. Aliás, a sexta-feira antes do Carnaval de 1937...

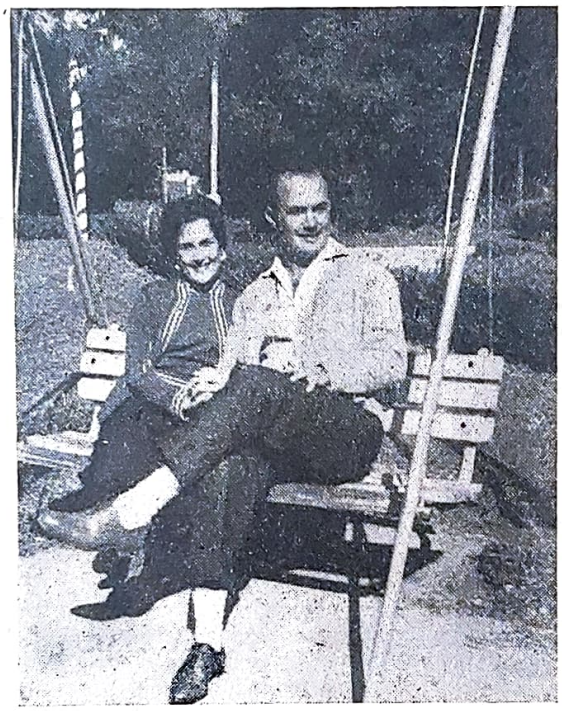
Depois, ele podia dizer-nos, sinceramente.

— O senhor falava, explicando a Doutrina. E tocando nos pontos básicos que me interessavam. Pareceu-me até, que tudo aquilo que prègou, naquela noite, era para mim, era comigo. Voltei ao Centro com mais interesse para aprender, mais interessado no estudo da Doutrina...

Depois, poderia parafrasear Júlio César: «Fui, vi e... fiquei...».

E ficou de tal modo, que é, actualmente, o presidente do Centro «Fé, Esperança e Caridade», em substituição do autor desta crónica, que o dirigiu durante 18 anos...

Sua filha mais velha casou-se com moço de família católica. Jovem que ela conseguiu levar ao Centro, às sessões de estudo. Pudera! Diz



O casal a que se refere esta crónica

velho rifão francês que «o que a mulher quer, Deus quer». Queiram as noivas espiritas seguir o exemplo da Sónia Marques, e não mais se verá, nos meios espiritas, o triste espectáculo de jovens casadoiras, na hora de darem o testemunho de suas convicções doutrinárias...

A casa encheu-se. Abarrotou-se. E de gente quase que sem religião declarada ou gente declaradamente católica. Contudo, uma verdadeira multidão de gente boa e limpa.

Às 18 horas, em torno da mesa armada para o festim, e com os confrades em torno dele, e ao lado do jovem casal, falou o Marques:

— Meus senhores, todos desta casa são espiritas. Minha filha deu-me o prazer de abrir mão do casamento na Igreja. Seu noivo, que não era espirita, concordou com ela. Isto foi motivo de muita alegria, de muita satisfação para mim e para sua mãe. Ora, o casamento religioso é uma prece que se faz a Deus para os casados serem felizes. E quem, melhor do que o pai, poderia fazer esta prece? Quem poderia sentir mais do que o pai e sua mãe, para desejar muita felicidade à filha querida na vida nova que vai empreender? Assim vamos orar. Acompanhem-me na prece que eu vou proferir.

E orou com alma, com emoção, deprecando ao Pai todas as felicidades para o jovem casal. Concluida a prece, com lágrimas nos olhos e na voz, voltado para o noivo.

— Hélcio: a lei dos homens já declarou, hoje, que a Sónia é sua esposa. E eu, como pai da noiva, lhe declaro, agora, em nome de Deus, e pelas leis divinas, que a Sónia é sua mulher...

E abraçou, emotivamente, o jovem casal.

Vibração geral em todos. E nós tivemos, também, os olhos

O TEMPO E A VIDA

«O tempo passa depressa»,
eis o que nós exclamamos.
Mas o tempo nunca passa;
nós, no tempo, é que passamos.

Não temos noção do tempo,
e vou provar por que digo:
— O tempo em que nós nascemos,
chamamos de tempo antigo.

No entanto, que antagonismo,
que contraste nos extremos:
— Achamos que o tempo é novo,
quando nele envelhecemos.

O tempo não muda, é eterno,
mas é um algoz inclemente.
O tempo limita a vida
e acaba a vida da gente.

Deixai o tempo, deixai-o
na sua faina incontida,
porque, afinal, o que importa
não é o tempo — é a vida.

VALDEMAR SANTOS

em lágrimas. Mal sopitámos o desejo imenso de dizer qualquer coisa.

Se tivessemos de falar, diríamos estas duas palavras ao jovem casal:

— Duas palavras, apenas, dirigidas a Sónia, filha de um ilustre confrade e amigo, e ao Hélcio, ex-aluno do *Colégio Leopoldo*, e aluno que nunca deu trabalho a seus directores, a seus professores. Vós estais vivendo, hoje, o dia mais feliz de vossa vida, o primeiro dia de uma existência nova, de um novo mundo. Unistes vossas almas perante Deus; vossas almas e vossos corpos perante as leis humanas e as leis divinas. União pelo casamento, a instituição mais bela, familiar e social, instituída, através dos anos, entre os homens. O casamento dá-vos maior responsabilidade. Passais, agora, a viver — por mais egoistas que fosseis — menos egoisticamente, porque passais a viver a dois. Nenhum de vós pertencerá, exclusivamente, a si próprio. Depois, virão os filhos — e eu não creio que ireis precisar da leitura da *Doutrina Inglória*, tanto mais sabendo que, actualmente, só reinam na Terra espíritos com funções especiais; espiritos que, para reencarnarem, fazem filas na Espiritualidade. E tantos filhos tereis, quanto mais se irá multiplicando a vossa responsabilidade e se desdobrando vossos cuidados...

«Haveis de ter, como todos, nugas e desentendimentos no lar. Mas, que tais desentendimentos e tais nugas sejam coisas passageiras; não sirvam nunca para marear vossa harmonia doméstica, que deve ser perene. Ficai certos de que, lá fóra, na sociedade, nossa vida social e de relação, não encontrará nada que supere a felicidade que um lar bem construído e alicerçado no amor e na confiança oferece a todos. E vós casastes por amor, porque confiaveis um no outro. Pois, que o vosso lar seja um mundo à parte, e que, por vosso exemplo, possais encontrar aquilo que nem sempre encontrareis nos lares alheios, aquilo que só existirá num lar onde existe Deus, o amor sincero, o respeito puro entre os cônjuges. E sendo o vosso lar assim construído, podeis dizer, sempre felizes, repetindo a frase célebre: A tempestade é lá fora...

«Vós gozais, agora, de uma felicidade que só me foi dado gosar no meio da existência. Muito tarde, portanto, porque me casei com mais de 35 anos. Assim, é baseado na idade, na experiência e na de meus actos, que arranco essas coisas todas do coração, para vo-las dizer. E por muito felizes sereis, se as ouvirdes, se procurardes seguir o que aqui está.

«E Deus vos abençoe agora e sempre!».

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

10

MALES DE OUTRORA

Temos que tocar agora, ainda que por alto, na questão das obsessões, para mostrar que as causas originárias dessas tragédias nem sempre se situam na existência actual do obsidiado. Não raro remontam a um passado remoto, em que o perseguidor invisível de agora foi a vítima da maldade do seu perseguido e morreu sufocado em ódio e desejo de vingança... Numa obra em três tomos, intitulada Novos Rumos à Medicina *— obra que, pela sua riqueza de ensinamentos, deverá ser amplamente difundida — o seu autor, Dr. Inácio Ferreira, médico psiquiatra e director do Sanatório Espirita de Uberaba, Estado de Minas Gerais, relacionou dezenas de casos de obsessão, ali tratados, e descritos com pormenores interessantíssimos. Releva notar que qualquer paciente recolhido ao Sanatório com sintomas de desequilíbrio mental, é primeiramente submetido a exame clínico. Uma vez, porém, constatada a ausência de lesão no cérebro do alienado, cuida-se de averiguar a causa espiritual da alienação. Deste modo tem sido fácil ao Dr. Inácio Ferreira diagnosticar com segurança e distinguir entre os que se acham acometidos de loucura comum e aqueles cujo estado de perturbação é produzido por Espíritos desencarnados. No primeiro volume da obra acima citada vem narrado um caso de obsessão que tomou o número 243, e foi curado, como outros do mesmo género, absolutamente sem os recursos da medicina material. Destacamo-lo por ser um dos mais significativos, como veremos. A paciente era uma doméstica, de 38 anos de idade, nascida ali mesmo em Uberaba, onde era muito conhecida. Vivia do seu trabalho modesto, empregando-se em casa de família como cozinheira e lavadeira. Frequentava com assiduidade o culto protestante e era uma criatura jovial, de boa conduta. De certo tempo em diante sua família passou a notar uma desorientação no seu modo natural de viver; pouco a pouco foi-se tornando esquiva, retraindo-se do culto religioso e alegando que os protestantes queriam persegui-la. Sobreveio-lhe, dias após, repentinamente, a idéia de sair de casa, de preferência à noite, altas horas, pondo todos os familiares em desassossego e sendo preciso vigiá-la para que não se atirasse a esmo, sem destino. Aflita, desesperada, dizia que precizava sair de qualquer maneira, para assistir alguém que estava sofrendo, pois* uma voz, que não lhe era desconhecida, *chamava-a insistentemente, clamando por seu socorro. Essa situação se prolongou por alguns meses, durante os quais a família da insana baldamente empregou todos os recursos possíveis tendentes à sua cura. Só então resolveram interná-la no Sanatório, onde a perturbada chegou num estado de grande abatimento físico. As características continuaram: — ora uma voz a bradar-lhe por socorro, ora chamando-a com urgência porque estavam maltratando o seu esposo, ou, ainda, porque estavam assassinando os seus irmãos... Dias após ao internamento da paciente, outra característica se apresentou: —* vivia ela escondendo-se *demonstrando pavor de qualquer coisa que via ou pressentia. Saberemos, a seguir, quem foi a obsidiada na sua precedente encarnação, e que os males que semeou a condenaram ao resgate doloroso do presente.*

11

HÁ SESSENTA ANOS...

Dispondo do concurso de médiuns de inteira confiança — de incorporação e videntes — a direcção do Sanatório Espirita de Uberaba está sempre apta a tratar com êxito as psicoses originárias de actuação espiritual, obtendo ainda revelações que permitem ver no passado longínquo o papel que desempenharam, juntos, obsidiados e obsessores. A obsessão de ordinário reflecte uma vindicta do Espírito desencarnado sobre o seu inimigo na carne, porém as mais das vezes o motivo dessa animadversão remonta a ciclos anteriores de suas vidas terrenas. Assim como o amor transpõe o túmulo, e os que foram nossos amigos continuam a testemunhar-nos

o seu afecto e assistir-nos para o bem, do mesmo modo o ódio persiste no coração daqueles que não souberam perdoar e extravaza-se em actos de vingança contra o adversário no menor ensejo que se lhe ofereça. Daí a possibilidade de todos compreenderem que o obsidiado sofre por ter feito sofrer outrora aos que hoje são seus algozes, sendo mister que estes desistam de seus intentos rancorosos para que ele se veja livre da vexação. É a lei de causalidade retribuindo a cada um a consequência irrevogável de seus feitos. Vamos reportar-nos a uma época distante, separada do presente por uns 60 anos, e veremos numa localidade mineira a pobre atormentada que focalizámos no número anterior. Ei-la, mulher bonita e bem vestida, vivendo nos alcouces por lhe terem roubado o único bem que a poderia tornar digna e cercada de conceito na sociedade. Fechando-lhe esta todas as portas, menos a do vício e da baixeza, por aí a infeliz penetrou, de alma confrangida e vibrando num sentimento íntimo de revolta. Um rapaz de distinta família apaixona-se pela doidivanas e a ela se liga, indiferente aos apupos da sociedade e aos clamores indignados dos seus. Como que desejando desforrar-se nesse rapaz do ultraje que a arrojou à miséria do prostíbulo, tanto o fascinou e subjugou aos seus caprichos, que o moço, já tendo perdido a consideração do meio social, acabou esgotando os recursos e cometendo acções indignas numa última tentativa para sustentá-la no luxo e na grandeza. Vendo-o agora incapaz de satisfazer-lhe as exigências mundanas, abandonou-o sem outro motivo para que ele mais tarde se suicidasse por não poder resistir a esse abandono. O pai do jovem, ralado de dor e de vergonha, não resistindo ao choque de tamanha desventura, sucumbiu alguns dias após, — «levando o seu espírito, liberto da matéria, uma esperança e um ódio: esperança de encontrar o filho e ódio que necessitava de saciar-se na causadora de tanta ignomínia». A infeliz, por sua vez, perseguida por membros da família ultrajada, desapareceu da cidade indo findar os seus dias sabe-o Deus como e aonde. Sessenta anos depois é a humilde serviçal que vemos recolher-se ao Sanatório Espírita de Uberaba num estado deplorável de desequilíbrio mental que a ciência materialista teria diagnosticado «loucura patológica» e para o qual em vão utilizaria os seus processos de cura. No número a seguir daremos a palavra à primeira entidade espiritual que se manifestou, aliás com muito custo e só após 33 dias do internamento da paciente. Outro não é senão aquele pai de coração revoltado e dolorido.

12

UMA VOZ ACUSADORA

A morte, removendo a criatura humana para outro plano de vida, não a transforma, a não ser física e exteriormente. Tendo-se despojado da vestimenta carnal com que entrara neste mundo, reveste-se agora o Espírito de um corpo etéreo e incorruptível — cópia fiel do que baixou à tumba — porém continua sendo integral e essencialmente o mesmo. Bom ou mau, esclarecido ou inepto, indulgente ou vingativo, — tal como era, com seus hábitos e sentimentos, permanece — pois se assim não fora, não poderia a alma, após a desencarnação, atestar a sua individualidade. É evidente que os maus tendem a se transformar em bons, uma vez que tudo progride e o destino do homem é a perfeição; mas essa metamorfose, mais rápida ou demorada, se operará por sua vontade, posto que inevitàvelmente, no transcurso do tempo. Até que as lições do bem o reformem e persuadam a mudar de conduta, aqui ou na vida espiritual, estará o indivíduo alimentando maldades e rancores, tramando desforço e retribuindo o mal com o mal a seus semelhantes. Voltemos nossas vistas para aquele pai torturado, que morreu dilacerado de dor, levando na alma propósitos sinistros contra a causadora da ruina do seu filho e do opróbio que caiu sobre a sua família. Seu Espírito, ardente em ódio e sedento de vingança, durante longos anos procurou-a por toda a parte, até que foi encontrá-la sob outra forma feminina, em condição humilde, noutra localidade do mesmo Estado. Soara afinal o momento do ajuste de contas, e ele começou por envolvê-la na teia dos seus pensamentos malignos e nos seus fluídos impuros, até conduzi-la a um estado de perturbação que a levou ao Sanatório. Ouçamos suas primeiras palavras, depois de, com muita dificuldade, ter-se incorporado no médium: — «Miserável, malvada, creatura sem entranhas, você é a pior rameira que já conheci! Desgraçou meu filho. Custou, mas encontrei-a! Sim, custou muito, mas agora você há-de comer o pão que o diabo amassou...». Esse palavreado injurioso serviu bem para identificar o Espírito obsessor e para se avaliar o sofrimento da obsidiada. Pelas perguntas continuadas,

MORTOS

Há sempre numerosos mortos em nossa luta de cada dia, convocando-nos à prece da diligência e da bondade.

Mortos que jazem muito mais impassíveis do que os outros — aqueles que, por vezes, julgais sentenciados à cinza e à separação.

Há usurários inermes em túmulos de ouro.

Há dominadores da carne, cerrados em sarcófagos imponentes de orgulho falaz.

Há juízes inumados em covas de lama.

Há legisladores mumificados em terríveis enganos da alma.

Há sacerdotes enterrados em brilhantes mausoléus de simonia e administradores encarcerados em urnas infernais de inconfessáveis compromissos.

Há jovens mortos no vício e velhos amortalhados no frio do desencanto.

Há sábios enrijecidos no gelo da indiferença e heróis cristalizados em ataúdes de medalhas faiscantes.

Há criaturas impulsivas em sepulturas de espinhos e mentes preguiçosas em sepulcros de miséria.

Se proclamardes a verdade para essas almas cadaverizadas no esquecimento da Lei Divina, decerto responder-vos-ão com a inércia, com a ironia, com a imobilidade e com a negação.

Para semelhantes retardados de espírito, pronunciou o Senhor as inesquecíveis palavras: — «Deixemos aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos».

Procuremos, pois, a vida, descerrando o nosso coração ao trabalho constante do Bem Infinito, porque, em verdade, só aquele que aprende e ama sempre, renovando-se sem cessar para a Luz, consegue superar os níveis inferiores da treva, subindo, victorioso, ao encontro da vida imperecível com eterna libertação.

EMMANUEL

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

feitas com habilidade e firmeza pelo director dos trabalhos, a entidade manifestante foi fazendo as revelações de que ele necessitava e em resumo assim se exprimiu: — «Minha família — família Farias — em determinada cidade de Minas, gozava de todo o conceito. Essa mulher, rameira da pior espécie, desgraçou meu filho, levando-o a roubar e assaltar, manchando o nome da família, para sustentar o seu luxo e os seus vícios. Após explorá-lo bastante e vendo-o já sem recursos e doente, abandonou-o, arrastando-o ao suicídio. Agora, após longos anos de procura, consegui encontrá-la. Procurei levá-la ao suicídio, fazendo com que experimentasse as mesmas torturas que meu filho. Procurei também atraí-la para longe do seu lar, pois era do meu desejo que apodrecesse no mato e aí fosse consumida pelos bichos. Ela há de me pagar! E o meu filho? Há quantos anos não o vejo e, no entanto, dizem que as almas se encontram! Ele morreu miseràvelmente, e ela foi a causadora de tudo. Meu filho, meu filho! Por que não o encontro?». Exortado nesse primeiro contacto com um doutrinador espirita sobre a necessidade do perdão, esse Espírito desincorporou do médium e desde esse dia a paciente começou a melhorar. Deixou a mania do suicídio e a de querer sair para socorrer um imaginário sofredor que a chamava sempre. Persistiu, porém, a manifestação de medo ou receio que a levava a esconder-se de alguém que continuava a atormentá-la. Esse «alguém», veremos quem era.

(Continua)

A influência espirita representará um valor sólido no sentido da Paz?

por F. NORONHA (Colaboração Póstuma)

Burbank, apelido dum norte-americano cientista que o mundo culto conhece e aplaude, asseverou esta verdade, em uma de suas elaborações: «Nada sucede por acaso na vida de uma planta, de um animal, de um ser humano». E mais adiante, encerrou, nestes preciosos termos, a mesma elaboração: «O poder de exercer influência é o mais rico dos dons que recebemos; podemos robustecê-lo pelo pensamento, pelo estudo, pela diligência e o bom coração, ou então dissipá-lo, desencaminhá-lo e enfraquecê-lo, a ponto de pôr em perigo a nossa própria vida e a da espécie. Nascido connosco, esse poder acompanha-nos do berço à tumba, e traça nosso epitáfio. Pode tornar-nos efémeros, inconsequentes, ou deixar atrás de nós um rasto luminoso e perene!».

Durante a leitura destes períodos e em suma, de toda a elaboração, que tem por título *A safra dos anos,* a propósito da palavra *influência,* ocorreu-me a pergunta que encima estas linhas. Pensei e penso que não existe acaso. O princípio de causalidade impõe-se à visão intelectual do homem, à soberana potência do raciocínio.

Materialista, ateu, teimosia desabalada em negativa, *tuti quanti,* egoistas, vaidosos, ambição do seu e do alheio, chegando ao crime, nada por nada constitue fenómeno sem causa, ideia no ar, vago no saber profundo. «E até tu, miserável ateu, no acaso, a teu pesar, um Deus confessas» — li algures, por certo há dezenas de anos.

Seja, porém, como fôr, e pondo de parte o vocábulo *acaso,* recurso parvo de ignorância chôcha, é categórico, indubitável, que a influência exerce ou desempenha acção, meritória ou de utilidade prática e nociva ou desastrosa, conforme as situações e os casos.

Ora, no seio ou dentro da atmosfera espirita, que o não é, de facto, se aí não transparece a modalidade fraternal e esta expressão sintética, valendo o mundo e a espécie: *amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos,* neste interior, de concordância psíquica e de lógica perfeita, temos por força de reconhecer influência de unidade voluntária e prestígio de relações necessárias, no conjunto totalitário das respectivas coexistências.

E não sendo lícito supôr que haja dissidências em tais meios de actividade anímica e insucessos de aspirações e ideias, susceptíveis de desagregar e afastar em vez de aproximar com veemência e afecto, é claro serem-lhes norte e guia ou estrela de magos, anseios de paz e abraços recíprocos.

No presente instante avultam no planeta que nos transporta através da imensidade, milhões de espiritas, de todas as classes, de todas as procedências e de todas as posições sociais e políticas.

Além Atlântico, naquela região que iguala quase, na superfície, os dez milhões de quilómetros quadrados que definem a da Europa; ali, onde a língua de Camões tem culto e glória como nesta nossa terra, da margem ocidental oceânica, apruma-se e honorifica-se no hinário do Alto uma coorte numérica de muitos milhares de mancebos estudiosos e inteligentes, que, reunidos a barões de vasta cultura e de larga experiência, impulsionam para a frente em avanço luminoso e triunfal, verdadeiras multidões sedentas do verbo do espírito e do amor universal.

O Brasil ocupa, assim, lugar de relevo no cômputo espirita, mas, na restante América, na Índia e outros países asiáticos, na Inglaterra, na França, na Itália, numa palavra, mundo em fora, cresce a onda de adeptos, de simpatizantes, de apóstolos prestigiosos e convictos.

Tudo isto será omisso de influência?

Se tantos milhões de indivíduos se dispuzerem a aproveitar todas as emergências de contacto com extranhos para a propaganda da Paz, não levarão a efeito uma obra benemerente, sociológica e humanitária? Quantos eram, há vinte séculos, os companheiros de Jesus, em sua missão evangélica?

E com que recursos contavam, com que elementos materiais de deslocação e transporte, com que esperança de acolhimento entre populações adversas ou trabalhadas por contrários?

Contudo, foi realizado um facto de espanto e consumada uma conquista ética, ainda agora digna de registo.

Jesus, condenado e crucificado, vem até nós pelos evangelistas, e apesar da sua imitação se ter perdido, contrafeita pelos homens, o «em espírito e em verdade», do seu estilo e consciência, prevaleceram como elo na corrente das idades.

E em vez de não muitos agentes da ideia, como eram os discípulos de Jesus, restritos na quantidade, milhões, espalhados no mundo, são os espiritas, ligados pelo sentimento de fraternidade, em contacto com todos os meios e portanto aptos para o exercício de apóstolos e instigadores da paz em todas as circunstâncias e em todas as situações.

A paz está-lhes na índole e na essência de princípios doutrinários e filosóficos.

Cada espirita é pois, individualmente, personalidade idónea, para exercer acção fecunda entre os seus pares, de incitamento à cordura, à calma e à sua exemplificação, através das suas tarefas ou ocupações.

A paz é assunto sempre sugestivo, sempre integrado no bem comum. Só a não ama, a não aprecia, quem carece de caracter, de sinceridade, de quadrante moral honesto e honrado.

O imenso bem fazer do Espiritismo, em tantíssimos sectores formais de elevação psíquica, é segura garantia de êxito valioso em todas as esferas e campos de acção, redundando em equilíbrio edificante para a humanidade. Afigura-se-me que lhe importa, a ele, mais continuidade, mais apego, mais realidade objectiva, menos distração de base fundamental, que pode ser causa de equívocos e de interpretações frágeis.

O «para lá dos véus», a certeza da imortalidade, a divisa «bem por bem» que deverá distinguir-nos em toda a parte e se compadece com a Providência inexgotável, revelada nas leis imutáveis da Natureza, retrato eloquentíssimo do seu Autor Eterno, são o nosso panorama e o nosso horizonte, a nossa força e a nossa influência! Saibamos aproveitá-la na melhor acepção!...

VÓS SOIS O SAL DA TERRA...

Por J. C. MOREIRA GUIMARÃES - Rio de Janeiro

Presados leitores, paz e luz às vossas almas.

Falando aos seus discípulos e, através deles, a toda a Humanidade, disse Jesus certa vez. «Vós sois o sal da terra; se o sal se tiver tornado insípido, como se poderá restaurar-lhe o sabor? Para nada mais presta senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; e ninguém acende uma candeia e a coloca sob o alqueire, mas no velador e assim alumia a todos os que estão na casa. De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus».

Analisemos estes admiráveis conceitos do Divino Mestre e vejamos qual a lição que resumbra dessas palavras cheias de sabedoria e de amor.

Sal da terra, luz do mundo *representam o homem espiritual, a criatura que vive pela razão e pelo sentimento, já transmitindo com lógica e coerência os sublimes ensinamentos de Jesus, já exemplificando a sua incomparável Doutrina, plena de consolações e de esperanças sempre renovadas. O indiferente, o supersticioso, o fanático, o negador, o maldizente, o hipócrita, o que permanece estacionário, não progride, não se eleva e não trabalha, nem se esforça no sentido do bem geral, esse é, sem dúvida,* o sal insípido, a luz mortiça, *que para nada presta.*

O que não corre em auxílio dos necessitados, o que não procura combater a ignorância e ensinar aos que erram, o que não se compadece dos males alheios e não busca aliviá-los, é bem o sal insípido, *que só serve* para ser pisado pelos homens, na expressiva *alegoria do Mestre Nazareno; é* luz mortiça, *que entenebrece em vez de iluminar.*

Os discípulos de Jesus, em qualquer tempo, são, não há que negar, a luz do mundo e o sal da terra, *porisso que a sua missão é viver* pelo exemplo *a Doutrina do Suave Prégador da Galiléia, é esclarecer os seus semelhantes, procurando não só conservá-los fieis aos princípios cristãos, como também proporcionar-lhes as consolações e o conforto espiritual de que é pródiga a palavra santificante do Divino Cordeiro.*

O sal insípido não condimenta; a luz mortiça não ilumina.

«De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus» — assim concluiu Jesus a sua grandiosa lição.

Presados leitores, não sejamos nunca o sal insípido, nem a luz mortiça, que para nada servem, mas sim a luz do mundo, a luz do exemplo, do testemunho cristão em todos os nossos pensamentos e obras.

REUNIÕES ESPIRITAS

Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles (Mateus, XVIII, 20).

Estarem diversas pessoas reunidas em nome de Jesus não quer dizer que baste se achem reunidas materialmente, mas sim espiritualmente, pela comunhão de intenções e de pensamentos para a prática do bem. Nestas condições, Jesus estará presente à reunião, ou representado pelos espíritos puros. O Espiritismo explica como podem os Espíritos estar entre nós. Eles baixam ao nosso meio com seus corpos fluídicos ou espirituais, sob a aparência mediante a qual os reconheceríamos se se tornassem visíveis. Quanto mais alto é o lugar que ocupam na hierarquia, tanto maior é neles o poder de irradiação. Assim é que possuem o dom da ubiquidade que lhes faculta acharem-se em diversos lugares ao mesmo tempo. Basta, para lhes assinalar a presença, uma irradiação de seus pensamentos.

ALLAN KARDEC

O Trabalho à Luz da Espiritualidade

pelo Major LUÍS GENTIL

O trabalho é necessário ao espírito, como o alimento ao corpo. Intelectual ou físico é instrumento de progresso imprescindível, para que a alma avance na senda da espiritualidade. O trabalho dignifica o homem e o afasta das cogitações malsãs.

O trabalho é filho da luz. O ócio é filho das trevas.

O trabalho é vida exuberante e ardente. O ócio é morte lenta, degradante.

O trabalho é honra. O ócio é labéu.

O trabalho é movimento, a primeira lei da vida biológica. O ócio é estagnação, e estagnação é perecimento.

O trabalho é progresso, porque é força positiva. O ócio é retrocesso, não constrói e deixa perecer aquilo que foi construído; actua como força negativa.

O trabalho é amor que edifica. O ócio é desleixo que deprime.

O trabalho é cumprimento do dever. O ócio é fuga do dever.

Major Luís Gentil

Na «Grande Síntese», capítulo «A Lei do Trabalho», onde nos inspiramos, lemos: «O trabalho não é uma necessidade económica; é uma necessidade moral». E mais adiante: «Em lugar do conceito limitadíssimo, egoístico e socialmente danoso do trabalho-ganho, é preciso colocar o conceito de trabalho-dever e de trabalho-missão».

É sob este conceito que estamos encarando o trabalho. E é sob este conceito que ele deve ser executado, com o cérebro acima do estômago e não com o estômago acima do cérebro.

Ainda na «Grande Síntese», *Sua Voz*, diz: «A vossa mentalidade utilitária há feito do trabalho uma condenação; transformastes o dom divino de plasmar o mundo à vossa imagem, num tormento insaciável de possessão».

Para que o espírito possa alcançar em toda plenitude as messes de luz que o trabalho proporciona, necessário é que seja realizado sinceramente, dentro do conceito de trabalho-missão.

Todas as actividades, desde o mais humilde trabalho material até à mais elevada cerebração, são peças que se ajustam no mecanismo maravilhoso da destinação divina do homem.

O trabalho material se afigura a muitos, quando penoso, ou pesado, como se costuma dizer, uma injustiça. E esses, que assim pensam, julgam o trabalhador intelectual, um ocioso parasita.

É um erro assim julgar. O trabalho intelectual consome as energias mais subtis, que são aquelas que dependem das mais delicadas células do organismo, as células do sistema nervoso, sistema pelo qual o espírito transmite ao corpo a sua vontade, e também recebe do meio exterior todas as impressões.

A fadiga proveniente do trabalho material requer o repouso do corpo. O indivíduo deita-se, dorme profundamente e as perdas orgânicas são refeitas.

O fatigado mental nem o sono pode conciliar. Fica irritadiço, irascível, e um mal-estar lhe perturba a tranquilidade, que busca em vão. Muitas vezes insiste em prosseguir o trabalho, mas nada mais assimila.

E — coisa interessante — é no trabalho material que pouco esforço mental requeira, que está uma boa terapêutica.

Devemos convencer-nos de que é pelo trabalho que preparamos as bases para as superconstruções do espírito.

Todas as aptidões, todos os conhecimentos, se plasman no perispírito, são degraus

galgados na escala da evolução, assim como todas as conquistas morais são património indestrutível do espírito.

As artes são produções superiores do espírito.

É por acaso no ócio que o artista atinge a perfeição? Não, absolutamente não! É com trabalho continuado, persistente, de anos, que o artista faz desenvolver o dom, pondo em vibração a sensibilidade da alma.

A perfeição da obra é o coroamento dos esforços dispendidos, é a recompensa verdadeira, pelo gozo espiritual que produz.

É comum dizer-se: «nasceu artista», quando uma pessoa revela facilidades para aprender uma arte. Sim, incarnou com aptidões para aperfeiçoar a arte, que plasmou no perispírito, pelo trabalho, em encarnações anteriores.

Portanto, o chamado dom nada mais é que o fruto das aptidões adquiridas no passado pelo esforço próprio.

E para verificar a verdade do que acabamos de afirmar, basta atentarmos no facto de que os povos primitivos não sabiam representar, pela pintura ou pela escultura, os animais e as coisas.

Os desenhos que faziam eram rabiscos, que nem sequer davam ideia daquilo que desejavam representar, tal como ainda fazem hoje os aborígenes que habitam as selvas do nosso Brasil.

Graças à Matemática, esta ciência maravilhosa, cujo corpo é formado pela colaboração de muitos estudiosos, que a ela se dedicaram, através de todos os tempos, descobrindo as suas leis, tem o homem, hoje, as mais complicadas máquinas e instrumentos para sua utilidade.

É pelo trabalho, através de sucessivas reencarnações que o espírito progride moral e intelectualmente, e é do acervo de todos esses progressos individuais, que se faz o progresso colectivo.

Na «Grande Síntese» lê-se: «Se, quanto mais se retrocede no passado, tanto mais o trabalho se apresenta como peculiar ao vencido e ao servo, quanto mais, ao contrário, se progride sobre o futuro, tanto mais se torna nobre o acto de domínio e de elevação».

Os inventos trouxeram progresso, que eliminou por completo certas formas de trabalho repugnante, que só aos escravos era determinado executar e que, depois da abolição da escravatura, só os fortemente tangidos pela necessidade deles se incumbiam.

OBRAS DE PIETRO UBALDI

Acaba de chegar ao nosso depósito mais uma remessa de obras de Pietro Ubaldi, algumas das quais nos foram obsequiosamente cedidas, por se encontrarem quase esgotadas.

Temos as seguintes, em número reduzido:

A Grande Síntese	**150$00**
Ascensões Humanas	**140$00**
Ascese Mística	**150$00**
As Noúres	**140$00**
Fragmentos de Pensamento e de Paixão	**150$00**
Problemas do Futuro	**150$00**

Estas obras, impressas em papel de linho puro e òptimamente encadernadas, constituem uma raridade bibliográfica, pois não voltarão, tão cedo, a editar-se.

Quem as desejar, não demore os seus pedidos.

A cada momento o trabalhador intelectual, depois de silencioso e insano labor nos gabinetes e laboratórios, põe à disposição do trabalhador braçal máquinas e utensílios que diminuem o emprego da força bruta e aumentam o rendimento da produção.

O conceito de alta dignidade dado outrora a certas profissões, em detrimento de outras, acompanhado de menosprezo por quem as exercia, tende cada vez mais a ser colocado na sua justa medida.

Qualquer que seja a natureza do trabalho, é nota musical necessária à harmonia de conjunto, cuja falta deixaria a execução mutilada.

O mestre é Deus; os músicos somos nós.

Procuremos, portanto, desempenhar a parte que nos incumbe, com carinho e amor, para a fiel execução da harmonia universal.

A VOLTA DE CRISTO

Por PIETRO UBALDI

No Natal, o Mundo comemora o nascimento de Cristo na terra, um facto histórico ocorrido há vinte séculos. E todos os anos essa data é festejada.

Mas, perguntamos nós: o que é feito desse Cristo que os Evangelhos nos descrevem, que morreu e ressuscitou, subindo aos céus? Se Ele não está, fisicamente presente entre nós, isso não é uma razão para O supormos ausente espiritualmente, vivendo no coração dos que O desejam e amam.

E visto que Cristo não pode identificar-se com o Deus cósmico, tão vasto que para a nossa pobre mente se perde no inconcebível, continua a ser o Deus da nossa humanidade, a máxima aproximação do Deus absoluto que, dessa forma, a nossa pobre imaginação consegue representar mentalmente, numa concepção humanizada.

De facto, Cristo refere-se ao Deus cósmico como sendo Seu Pai e tudo quanto para nós se torna impossível de imaginar, Ele , pela sua manifestação, conseguiu trazê-lo ao nosso concebível.

Este nosso Chefe e Guia, supremo director dos acontecimentos históricos que marcam as etapas da evolução humana, esse nosso Chefe e Guia a quem estamos unidos, muito para lá de todas as divisões humanas, no mesmo anseio para o bem, não pode ter concluído a Sua missão salvadora e função protectora com a breve aparição na terra, durante poucos anos, há vinte séculos. É absurdo consumar o tremendo sacrifício da Sua Paixão, para depois nos deixar andar à deriva no tempo, abandonados a nós próprios, ignorantes e fracos como somos.

Portanto, além de uma intuição inspirada pela fé, teremos de admitir também por necessidade lógica que Cristo continua presente entre nós, junto de nós, presidindo ao desenvolvimento das forças que influem no nosso destino de viajantes que, guiados por Ele, penosamente sobem a encosta da perfeição até regressarem a Deus. Evidentemente, não se trata de uma presença física, registada pelos nosso sentidos. Trata-se de uma presença espiritual que, se não pode ser-nos revelada através dos sentidos materiais, é registada pelos sentidos da alma dos seres mais sensíveis e que sabem utilizá-los.

Para esses, é este o maior conforto, a maior alegria da vida. É a presença de Cristo, bem viva, real e activa. Mas o que acontece aos oltros, àqueles que não possuem faculdades de intuição que lhes permitam sentir por meios não materiais, como o pensamento, vontade e sentimento, a real presença de Cristo?

Para esses, o Natal pode assumir outro aspecto e significado diferente do que lhe foi dado de princípio, isto é, a comemoração de um facto histórico. O Natal pode representar o verdadeiro nascimento de Cristo no coração de cada um de nós, nascimento espiritual que significa o despertar da centelha divina que vive em nós e que será a origem da transformação do ser que passa da fase biológica animal-Humana, representada pelo biotipo mais evoluido, que é o homem do Evangelho, membro amorável e consciente da grande família humana dirigida por Cristo.

É esta a significação que devemos dar ao Natal. Muitos esperam novo aparecimento de Cristo na terra, em forma humana, nesta era apocalítica. Isso implicaria novo sacrifício físico, que, presentemente, já não teria utilidade. A humanidade actual não precisa de novos derramamentos de sangue, nem de contrair novas dívidas, repetindo os delitos de outrora. A próxima alvorada do III.º Milénio, representa o despontar do terceiro dia, o dia da ressurreição. A história da humanidade atingiu uma grande curva e como em todas as horas decisivas do destino do Mundo, Cristo torna-se cada vez mais presente e activo.

Procura renascer no coração dos homens e é esse o novo modo do Seu Nascimento, não material, mas espiritual, nesta nova forma do Natal em que Cristo se nos manifesta e nós sentimos como Ele vive e espera junto de nós.

É deste modo que Cristo voltará à terra, não numa nova encarnação, mas como uma revelação.

(Tradução de SIBIL)

MEDIUNIDADE GRATUITA

Os médiuns modernos — porque os apóstolos também o eram — receberam igualmente de Deus um dom gratuito: o de ser intérpretes dos Espíritos para a instrução dos homens, para mostrar-lhes o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para vender palavras que lhes não pertencem, visto não serem produto da sua concepção, nem das suas pesquisas, nem do seu trabalho pessoal.

Deus quer que a luz chegue a todos, e não que o pobre seja deserdado e possa dizer: «Não tenho fé porque não pude pagar; não tive a consolação de receber o encorajamento e os testemunhos de afeição daqueles que choro, porque sou pobre».

Eis porque a mediunidade não é um privilégio e se encontra por toda a parte. Fazê-la pagar seria, portanto, desviá-la do seu fim providencial.

ALLAN KARDEC

ECOS DE U

Por ISIDORO

NO RUMO

Após aquele dia atarefado de Niterói em que se expandiram vibrações mil, em que se oferecera lauto banquete ao visitante mas de feição tropical, incompatível com o seu organismo mal refeito de gripe incómoda, o Imbassahy teve a genial ideia de me levar à sua tebaida, na companhia do Gentil. E ali nos foi dada bela merenda, que a esposa do Imbassahy é filha de português e teve a intuição de que eu estava em jejum. Intuições destas nem sempre aparecem, motivo porque eu a soube apreciar. E refeito o estômago, fomos em busca da rua António Parreiras, 35, outra mansão de paz onde habita a grande alma de Hugo Capeto, tio da Raquel, chefe de família bondosa de quem voltarei a falar.

Eu era desconhecido para o lar que me acolhia de braços abertos. Em breve, porém, os corações se altearam e o ambiente se tornou fraterno, sem a mais ligeira dúvida. E tudo decorreu, como se fossemos velhos conhecidos. Falei muito do país distante. Saudades que se avivaram, lembranças que vieram à tona, laços afectivos que nesse momento se fortaleciam pela força do sentimento... tudo concorreu para estreitar laços, que eu venho ao Brasil para o banho da amizade, como tenho dito sempre. Até que voltámos à casa do Imbassahy, para o descanso da noite cálida. No dia seguinte rumaríamos a Macaé, no ónibus das 7, e eu necessitava de sono reparador, já que o estômago sossegara, passado o suplício da véspera.

Grandes almas, as do Imbassahy e sua esposa! Como lhes estou grato! E a do outro Imbassahy, o júnior, que veio de relance, mas que tive ensejo de abraçar! É digno descendente de seu pai, esse Bozzano de estilo terso e alma serena, pronto à defesa, logo que o adversário aparece na esquina da rua.

★

Às 5 da manhã, já eu estava a pé e às 7 o Imbassahy nos conduziu ao ónibus, onde tomei lugar com o Gentil e o João Venâncio de Freitas, velho madeirense que em Niterói exerce cargo directivo no «Orfanato Dr. March». O carro partiu em demanda de Macaé. Era a minha primeira viagem em território brasileiro, não falando no passeio à Ilha de Paquetá com o Nelson Baptista de Azevedo. Isso era viagem sentimental para compreender certas coisas que o mundo ignora.

A de hoje tinha sentido diferente. De Niterói a Macaé a paisagem é magnífica e eu queria sentir a paisagem. Queria embeber-me na sua atmosfera inigualável, respirar fundo, observar cambiantes, regalar os olhos pávidos. O Rio de Janeiro ia ficando para trás, com o Pão de Açúcar e o Corcovado. Pobre Cristo de cimento a querer abraçar os homens e os homens a fugir dele! Como eu te lamento! Como eu desejava a união de todos nessa grande metrópole cosmopolita, para que não houvesse famintos e andrajosos! O Rio não ficava, o Rio levava-o eu no coração. E nesse momento pensava no drama da humanidade ansiosa, na luta vital dos que se acotovelam nas ruas, desconhecidos de hoje e companheiros de ontem, ajustando contas sem cessar... Que peleja heróica, que prélio terrível o de tantas almas que no mundo estão para pagar o que fizeram em existências que se perdem na noite dos tempos!

★

Esta floração natural que envolve o europeu longe do seu país causa nostalgia, uma saudade que não se pode descrever. Deslumbramento de imagens que hão-de perdurar sempre na minha memória. O cenário maravilhoso, à direita e à esquerda, desdobra-se em corrida permanente. Montanhas elevadas cobertas de vegetação luxuriante, fazem lembrar a floresta virgem de «A Selva», de Ferreira de Castro. As almas assumem atitudes

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

I

DE MACAÉ

novas ante panoramas nunca vistos. Aqui e ali, a mão do homem talhou roças e povados. Mas logo a mão de Deus repõe a beleza indescritível, em planos arborizados.

De minuto a minuto o sol encobre-se e a chuva copiosa humedece o arvoredo, em baptismo vital. O deslumbramento aumenta a meus olhos, ciumentos de variedade e instabilidade...

Agora são extensas plantações de cana, semelhando searas de trigo. E os olhos perdem-se outra vez na lonjura, em busca de nova cintilação. E o veículo vai rodando e torcicolando para vencer a distância.

A temperatura começa a baixar e prestes sinto a maresia a dominar o ambiente. E uma grande e extensa lagôa, a Lagôa de Araruama, que se espreguiça ao longo da estrada.

Que mutação admirável! Em pleno trópico surge o oásis. Chamo-lhe assim, porque a mancha aquática é, de facto, verdadeiro oásis na vegetação gigantesca.

Há montes que são verdadeiros corcovados. Outras parecem cabeleiras fantásticas. Ao longe, sobre o dorso do planalto, um mago invisível desbastou a mata virgem. Foi a tosquia da terra... Mas logo a harmonia voltou ao conjunto. É como se mergulhássemos um sólido de grande volume num tanque cheio de água. Separa-se o liquido, mas depois volta ao seu equilíbrio.

E em volto a sentir o frémito...

★

Paramos junto a pequeno oceano para meter frescos. É tradicional. Os passageiros vão cansados de apreciar tantas maravilhas e necessitam de bom derivativo. Horas de viagem sujeitas ao solavanco tornam-se enfadonhas. O corpo requer outra ginástica.

Entramos numa locanda sem conforto, onde brasileiros não permanecem, que eles gostam de coisas limpas, asseadas. Ali havia de tudo, menos o que faltava. E fomos bebendo a zurrapa de um café emergente, para voltar ao ónibus. Localizados em novo assento, ouço a história estranha do Venâncio, enquanto a estrada se vai esgotando, cedendo à velocidade do motor. Um homem admirável, cheio de qualidades intrínsecas. O que ele fez para aprender a ler! Noites mal dormidas, sacrifícios, aborrecimentos, desilusões... tudo sofreu para usufruir o prazer espiritual da leitura. Já tinha constituido o lar e a luta continuava sempre.

Um dia frequentou uma escola protestante. Tudo ia bem. Era muito estimado pelo mestre e por todos os compenheiros. Mas souberam que era espirita e as suas ilusões cairam pela base.

Agora, relanceio a vista pela paisagem e lobrigo grandes cabeleiras de árvores que ao longe semelham penasco... Como ascender ao cume desses morros íngremes para arrancar deles o oiro negro do café? Não vejo estradas, nem veredas... Só vegetação espessa, só vegetação cerrada. Árvores fortes, ramalhudas, que as trepadeiras enlaçam. Outras esgalhadas, que se debruçam como velhos alquebrados e caquéticos... Mas ao longe tudo é verde-negro, mancha indecisa a cobrir a terra promissora. E o Venâncio vai contando... quase a gritar, porque o ónibus é barulhento.

O que ele passou, meu Deus, o que ele sofreu para chegar à libertação económica! Por fim viu seus direitos cerceados. Mas ele tinha coração de oiro e fé que chegava para muitos. E quando parecia exausto, sem possibilidade reactiva, tudo se dispôs para a hora da justiça imanente.

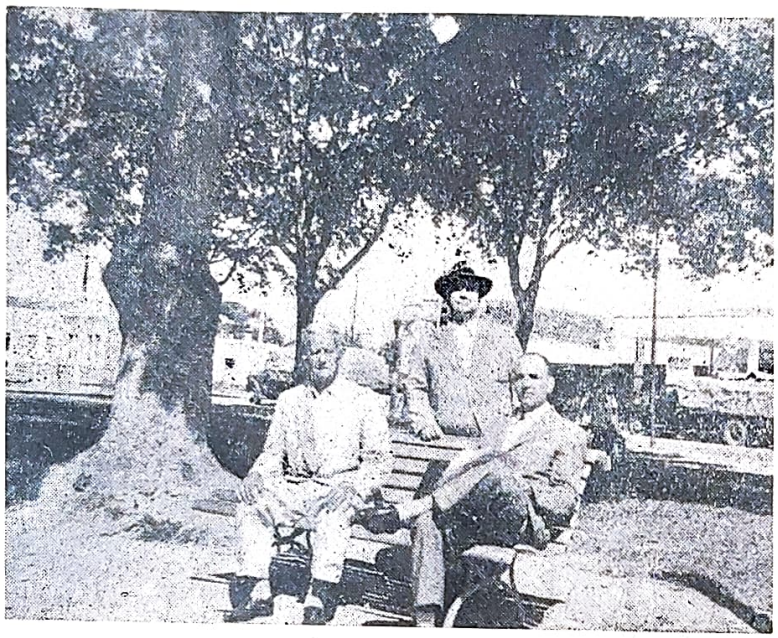
Novos montes, novas cabeleiras... Além, a tosquia da terra... A paisagem deixou de ser escura e monótona. O tom claro é um sorriso da natureza. As almas alegram-se. Nova lagôa surge e. com ela, a estrada de ferro de

Leopoldina, que vem de Niterói e quase fica solapada entre renques de capim alto e copiosa verdura.

Lá mais adiante...

Mas o Venâncio reata a história vivida da sua existência actual. Depois de inúmeros solavancos — não tantos como os do ónibus naquela estrada deficiente — integrou-se no movimento espirita, é orador que merece ouvir-se e chefe de família que deve respeitar-se. Está perto dos oitenta, tem compleição robusta e grande aura entre a família espirita.

Lá mais adiante, dizia eu, estava a ilha de Santana, com o seu farol a branquejar. Subimos pequena ladeira e, na descida, entrámos em Macaé. Uff! Uma viagem de ónibus é boa em estrada boa. Entre barrancos é de se lhe tirar o chapeu... Mas há outras piores, como a seu tempo se verá. Se não faço o elogio do ónibus, também não lhe escrevo o epitáfio...



Numa praça de Macaé — Sentados: Venâncio de Freitas e Major Gentil. De pé: Isidoro Duarte Santos, director de «Estudos Psíquicos»

★

Macaé é cidade alegre. Ruas amplas, arejadas, cheias de árvores frondosas. Convidam ao passeio. Chegámos no dia 2 de Maio, eu, o Major Gentil e o Venâncio. E quem nos hospedou foi o Peixoto Lins, bom amigo e verdadeiro arauto da doutrina. E de coragem inaudita. Para vir de automóvel do Ceará a Macaé, é preciso coragem de Rondon. Pois ele veio. Demorou mais de uma semana, mas veio, com a família e a bagagem, e venceu, embora estivesse em riscos de sossobrar, por causa da gasolina, que é um perigo faltar na estrada escusa da selva... Pois foi no seu lar que ficámos os três, irmanados no mesmo ideal e caldeados no mesmo ónibus.

A esposa de Peixoto é uma simpatia. Tem sorriso brasileiro e sangue português. Não admira que a recepção fosse condigna.

Mas eu trazia uma grande interrogação polarizada no estômago. Ainda não esquecera o banquete de Niterói... E apresentei os meus crescentes receios alimentares, resolutamente, afoitamente, que o hospedeiro pusera-nos à vontade, a casa era nossa. E assim, na posse de tão bela «propriedade», ditei o cardápio e a refeição decorreu de forma admirável.

Às 18 horas, o culto familiar, a que assistimos todos e no qual falei sobre um tema evangélico. Nesse momento, a esposa do Peixoto viu Lia a fazer-me passes, acariciando-me e incitando-me.

Que bela coisa o culto familiar! Todos os dias às 18 horas ali se reúnem numa prece votiva, se lê um trecho do Evangelho, comentando um ou outro passo. Depois encerra-se o trabalho e ficam preparados para jantar.

★

À noite falei na sede do Grupo Espirita Pedro, sob a presidência do Peixoto Lins. Foi uma confissão de fé espirita. É preciso, uma vez por outra, dar exemplos deste género. São contagiosos, abrem caminhos largos à imaginação, decidem até das próprias almas. Quantos ouvintes não haveria predispostos à franqueza? Quantos não trocariam o nevoeiro da mentira pelo clarão da verdade? Eu não tive receio nem vergonha de apontar os maus caminhos que trilhei, as lutas sustentadas, os preconceitos abatidos, um sem número de abrolhos que arredei para facilitar a ascensão.

Quem não gostará de ouvir a história de cada um, quando nela houver realidade e simbolismo lógico? Eu tirei da minha situação conclusões racionais que todos subscre-

veriam sem esforço. E por isso fui entendido pelos circunstantes.

Havia ali espiritas de todos os matizes. Uns gostavam de Evangelho mesclado de filosofia, outros de ciência prática e outros de parábolas redentoras. Esse, o motivo da minha confissão no Grupo Espírita Pedro, da linda Macaé florida e à beira-mar plantada.

O Major Gentil aplanara o caminho ao viajante. A sua palavra conceituosa, a atitude nobre do gesto, a simpatia que irradiava, eram preâmbulo acolhedor saboreado a tempo e aberto aos surtos do Alto.

Já o Peixoto Lins, de picareta em riste, havia desbravado floresta densa povoada de dúvidas e estendera belas pontes sobre os barrancos da minha viagem. E aquele templo de humildade prestes se tornou chama viva de fé onde todos se aqueceram e sincronizaram...

★

De manhã visitara eu o «Lar de Maria», instituição cristã de assistência social à criança desamparada, fundado e dirigido pela União Espirita Macaense. Que óptima impressão colhi nesse convívio amável da criançada! E a limpeza, a higiene e a disciplina deixaram-me convicto de que havia algo de grande no conjunto e que tudo aquilo poderia ainda ser maior. Percorri a casa oferecida a Pietro Ubaldi, uma bela vivenda que o conhecido escritor primeiro rejeitou e depois solicitou, já fora de tempo. Esquadrilhei com olhos de investigador os escaninhos desta obra magnífica que é verdadeira jóia de escrínio nos fastos do Espiritismo, revelando a concepção peregrina de seus planejadores, e fiquei a pensar no quanto podem as almas ao serviço de ideais benditos.

Tudo era novo, tudo era asseado, convidativo, harmónico, delicioso para o espírito que queria sentir de perto as coisas que de longe vira. Depois... depois lancei a minha opinião num livro em branco que me ofereceram, para que eu o manchasse com a escória do meu verbo escrito. E então deixei correr a tinta, como transfusão de sangue moço, para que tal obra ainda mais rejuvenescesse. O que disse, não sei. Mas fiquei aliviado de grande peso que a consciência mandou alijar. Era a justiça que se erguia a grande altura em busca de seu trono de verdade.

★

À noite, em casa do Lins, desabafei. Estava com a minha gente e desabafei. Disse de onde era, os hábitos que tinha, como entrara no Espiritismo. E as nossas vibrações se harmonizaram de novo.

O almoço fora quase à portuguesa. Esta coisa da alimentação é grande factor de alegria, quando nos fala ao paladar. Por isso os diplomatas modernos se sentam a grandes mesas e ingerem apetitosas iguarias antes de sentenciar sobre o destino dos outros. O banquete de Niteroi — desculpem a insistência — era bailado fantasmático que eu não podia esquecer por enquanto. A boca do estômago tem exigências que a outra desconhece. Eis, porque a chama da pátria crepitava nas verduras e no caldo verde, que só de os ver e cheirar as células se moviam em gestos característicos. Os olhos luziam de contentamento e as glândulas salivares segregavam agradecidas ao Vatel generoso.

Então surgiu a veia culinária. Esta receita e aquela. E tantas variantes vieram à superfície, que a cozinha estava cheia.

Grande coisa é o pensamento! Que admira que os Espíritos plasmem tudo o que desejam e necessitam?...

★

No dia 4 solicitaram-me no Grupo Francisco Xavier. Assistência selecta. Não havia lugar a mais nem a menos. Tudo superlotado, como diria o grande Leopoldo. Falei durante uma hora sobre assunto doutrinário, depois do Gentil e do Peixoto oferecerem aperitivos ao público. O primeiro falou do escritor e do irmão afectivo e o segundo evocou a romagem de Café Filho a Portugal, sublinhando o feito com emoção e simpatia. Eu talvez houvesse dito coisas e loisas. Toldado como estava com a vibração, até cheguei a falar no Chico de Pedro Leopoldo, esquecido de que o patrono do Grupo era outro Francisco Xavier. Que o querido amigo perdoe o erro. Eu me apresso a emendá-lo.

Senti-me em terra portuguesa. Os abraços carinhosos e sinceros eram moeda real. E os autógrafos que recebi, em saudações espontâneas, diziam bem da amizade daqueles confrades e do entusiásmo que os invadira. Esses documentos estão gravados no meu espírito e viverão sempre na saudade que deles conservo.

Há coisas que, parecendo pequenas, exercem em nós forte influência psicológica. Maior do que as chamadas grandes. E pela vida fora andamos sempre a recordá-las, a engrinaldá-las, a vesti-las de beleza moral.

Esses autógrafos são retalhos vivos do coração. Nasceram ràpidamente, como sementes tropicais, floresceram e perfumaram-me.

As atenções que me dispensou a família do Peixoto Lins foram inexcediveis de gentileza. Perfume raro que me envolvesse, não exerceria em mim tamanha influência. D. Maria, a esposa gentil, e os filhos, latagões de força que a mocidade incendiara de júbilos, a simpatia que dedicavam à Raquel que longe ficara a cuidar da terra para que nada faltasse na divina sementeira, tudo era enlevo de alma ligado à doutrina. E eu sentia estes pequeninos afagos e endossava-os aos protectores que abriam caminhos à minha jornada.

★

A União Espirita Macaense, fundada em 1943, adesa à Federação Espirita do Estado do Rio, compõe-se de cinco agremiações: Centro E. Vicente da Paula, Grupo E. Pedro, Grupo E. Divino E. Santo, Grupo E. João Baptista e Grupo E. Francisco Xavier. Pela momenclatura se nota a tendência evangélica que preside a seus trabalhos. Mas vi lá muitos elementos activos que seguem a doutrina sob a égide de Kardec. Tenho a convicção de ter sido compreendido. A reacção dos auditórios reflecte-se nos sensitivos, que não se enganam fàcilmente.

Vi a humildade aureolada nas obras espitas de Macaé e pensei nas conquistas espirituais que a renúncia obtém. Vi homens apagados na vida quotidiana cingidos aos mais simples misteres, e vi-os depois a pregar, como verdadeiros missionários. Não eram exemplos frisantes e aliciantes? Que mais era necessário para impor um Ideal aos, profanos?

Macaé amiga! Eu te saúdo, enaltecendo as tuas virtudes! Caminha serenamente, evangelizando e amando! Dá aos pobres a riqueza dos pobres, que muitos ricos não têm riqueza que preste. É água impura que não serve aos sedentos de vaidade.

Desperta consciências, burila corações, abre caminhos e Deus te ajudará! Lembra-te bem: o Espiritismo é luz do mundo e perfume subtil que envolve as almas erguendo-as para o Alto. Que grande e sublime voo! As aves, as flores, o Sol, a natureza, tudo caminha para o amplexo da vida, extinguindo maus pendores e fortalecendo o bem geral!

VII

NA CIDADE DE CAMPOS

As cambiantes da alma humana! A nossa passagem meteórica na linda Macaé ficava assinalada para sempre na tela dos corações, que nem sempre endurecem à semelhança do lacre. O lar do Peixoto Lins enchera de ternura os três viandantes afadigados que se dirigiam a Campos em pregação fraterna. E na lufa-lufa da partida deixei em casa dois amigos que muito prezo e que me seguem por toda a parte. Foram aqueles óculos de ver ao perto que se esqueceram de me acompanhar. Aconchegados em mesa pulida, descansando de faina inglória (mostrar coisas deformadas, maiores de que são, para que mundo não pareça tão mesquinho), ali se ficaram caladinhos à espera do meu chamado.

O homem é animal de hábitos e há certos movimentos instintivos que fazem parte de nós mesmos.

Se pego num jornal, logo os óculos vão à frente a seleccionar, a «engrandecer» a notícia. Mas, quando o comboio se pôs em marcha, eu não tinha óculos para «engrandecer» fosse o que fosse. E alheei-me da vida, afastei-me dos conflitos humanos para acompahar a paisagem exuberante e visionar outros conflitos que se processariam sob a ramagem da floração que cobria a planície imensa.

A selva ocultava-os ao nosso olhar penetrante. Nada podíamos ver. O espesso da floresta era concha fechada. Outra vida palpitava sob o rumorejar das folhas. Era segredo de abelha, aguçando curiosidade. Queria tomar notas, mas a velocidade e o gingar da mísera carruagem não o permitiam. Como se eu o pudesse fazer sem os óculos de ver ao perto!

★

A estrada de ferro de Leopoldina é precária e deixa triste impressão. Faz lembrar certas regiões africanas, onde chegamos, quando chegamos. Gostaria de dizer o con-

trário, isto é, que o material era óptimo e que as viagens eram seguras. O meu desejo seria dizer muito bem desta terra amorável onde o sangue português corre generosamente. Mas isso seria enganar os olhos dos próprios brasileiros. Dentro do Brasil há muita coisa boa e má, há muito progresso, muita maravilha, mas também há muita, muita deficiência. Cada um procura fazer o melhor que pode, em benefício colectivo. E se às vezes a comodidade afrouxa a marcha gloriosa, não é culpa do indígena, mas de certos potentados que colam a ventosa no corpo da nação, a fim de sugar ao máximo a linfa criadora.

Assim mesmo, abanando e gingando sem liberdade de estender o músculos para facilitar a posição, fui observando a campina, cheia de colorido, cheia de variedade.

Por estas bandas há imensas plantações de cana. É um nunca acabar, semelhando trigais pujantes prestes a florescer. Mas tudo silencioso e deserto. Onde está o homem? Onde estão essas fazendas a que muitos chamam roças? Onde estão as terras amanhadas? Não sei onde estão. Da carruagem paupérrima só via a mancha verde foliculada. Depois novas matas, charcos, ribeiros, bananais, vegetação heterogénea, inacessível ao braço do bípede implume. Também, para que havia de chegar o braço àquele milagre da natureza, se tudo é largo e fácil neste rincão de privilégio?

★

E oscilando e meditando chegámos à bela cidade de Campos, talhada na planura que parece saudar o visitante. É um dos maiores e mais prósperos municípios do Brasil. Duzentas mil almas a mourejar e a revolver o solo ubérrimo. A urbe aglomera noventa mil em plena harmonia cristã. É o que eu julgo, porque não consultei a estatística, nem perlustrei a psicologia popular. Mas, onde a polícia brilha pela ausência, há sinal de paz duradoira. Isto é demonstração de pacifismo, índice de bondade que enaltece a raça e distingue os homens em qualquer parte do globo.

Na estação estavam alguns amigos. O Clóvis Tavares lobriguei-o sem esforço. Liguei-o fàcilmente à ilustração da efígie. É muito fotogénico. Além disso, uma verdadeira simpatia, alma aberta aos grandes surtos espirituais. E arrumada a bagagem no auto, demandámos o seu lar bonançoso. Não me esqueço. Foi no dia 4 de Maio, sob um sol ardente. Ali me instalei como em casa própria, bafejado por eflúvios subtis que faziam esquecer o prosaísmo da caminhada.

Depois, a família. Que belas almas! Convívio sereno e doce, aliciando e elevando! A esposa, uma figura de retábulo sobre dois troncos libaneses. E todo aquele conjunto, muito suave, muito harmonioso, me envolveu de poesia. O libanês é caloroso e franco, como nós. Também conhece a saudade. Tange em sua lira os mais belos poemas humanos e atrai pela formosura do sentimento.

— E jantar? — inquiriu o Clóvis.

Lembrei-me de Niterói e a pele entrou no exercício das suas funções. Falei nesse grande problema. Mas eles compreenderam logo o embaraço e exclamaram, sorrindo:

— Estão aqui duas portuguesas que lhe farão o manjar!

— Óptimo! — disse eu, numa explosão de alegria.

E a mesa vestiu galas de caldo verde, peixe com batatas e ervilhas, salada de alface, azeite e vinho lusitano.

Grande coisa a compreensão! Quem compreende, executa. E quem executa, se a alma não é pequena, constrói. Estes amigos construíram um baluarte para me recolher na cidade de Campos!...

★

À noite falei na Escola Jesus-Cristo. Uma turma de lutadores. À frente, a alma acolhedora de Amaro Carlos Teixeira e logo a seguir o Dr. Clóvis Medina, outro esteio não menos acolhedor. E o Nilo Coelho e o José Bueno da Silva e o Júlio Barcelos e D. Maria Amélia e Norival Nogueiro... Tudo gente boa, infatigável no trabalho, de visão clara e espírito forte.

E o Clóvis Tavares, de valor tão grande como a sua modéstia. Não quer ser doutor, apesar do diploma bem adquirido e do saber bem experimentado.

Foi ele que me apresentou. Velho amigo, companheiro de lides espiritas, nosso representante nesta cidade, agora meu hospedeiro, satisfez a curiosidade da assembleia, dizendo mais do que eu era. Suas palavras serviram-me de bálsamo. O Major Gentil, que me aliviara a cruz em Macaé, ergueu a voz encomiástica. Que eu viera das plagas lusitanas em viagem de amizade, a fim de percorrer o Brasil e dar alguns ensinamentos.

Ele deve ter-se enganado, porque essa questão de ensinamentos é bobagem. Eu vim aprender, não vim ensinar. A lição já tinha

começado naquele dezoito de Abril em que falei seis vezes por mal dos meus pecados. Mas o Gentil justificou o apelido em parangonas que me deixaram perplexo. Que grande companheiro de jornada!

Versei um tema sugestivo e oportuno: «O Espiritismo na Evolução Humana». Alguns dos seus capítulos diziam respeito ao Brasil. Aqui, a paisagem anímica é semelhante à portuguesa. Há o mesmo sentimento, a mesma vibratilidade, a mesma necessidade de expandir ideias. Os latinos não compreendem a reserva vocabular do anglo-saxão. E o ideal espírita adapta-se bem ao povo brasileiro, fraterno e humanista. Por isso a Doutrina alarga os sectores em cada minuto que passa. Tenho ouvido que em S. Paulo se constrói uma casa de meia em meia hora. Talvez haja nisto exagero, que os dias são muito pequenos e o esforço é muito pouco. Mas a construção espírita, neste Brasil moderno, é maior que a construção civil. E aqui é que encontrei os argumentos da minha conversa. O que tenho visto e sentido está na base dos Evangelhos. «Por bom caminho e segue». É a divisa dos homens sãos, dos homens fraternais. O Espiritismo faz milagres de renovação. As almas transformaram-se de tal modo, que o mundo deixou de ser o que era. Tudo diferente, tudo diferente...

Em Campos, no terraço do Clóvis
Da direita para a esquerda: Major Gentil, Venâncio de Freitas, Clóvis Tavares, esposa do Clóvis e cunhada

★

Já disse que nesta cidade há génio hospitaleiro. O português de Portugal é visto com simpatia, estendem-lhe a mão fraterna. Moureja em todos os ramos da actividade. Triunfa quase sempre. E o sangue vai circulando em cruzamentos que fortalecem a nova raça.

Vemos que é assim. A ausência de preconceito no tocante à cor da pele é obra de portugueses. O preto, o branco e o bronzeado andam ombro a ombro em comunhão assombrosa. Isto é a fraternidade, ó senhores europeus, que estabeleceis barreiras entre homens da mesma cor! Vinde ao Brasil aprender a lição. Os vossos códigos estão errados. Vede estes olhares bondosos, cheios de resignação. Vede a paciência com que este povo aceita o ludíbrio e como é explorado por certos negreiros de origem estranha. E dizei se no subsolo de tão magnífica paisagem não há filões preciosos que valem todo o ouro do mundo!

Estava eu neste congeminar, quando o Clóvis me anunciou uma sopa à Juliana e um peixe cozido digno de versos de Bulhão Pato. Como Niterói se ia distanciando do meu espírito e do meu estômago! Eu não vivo para comer, à semelhança de alguns gastrónomos, mas gosto de ver boa mesa de predominância vegetal. E tenho grande saudade do azeite português, o melhor azeite do mundo, graças a Deus! Tanta mixórdia que se vende com o seu rótulo! Mas o do Clóvis era genuino, que os libaneses são sinceros e amantes da verdade.

A sopa estava deliciosa. Nesse momento voara a Lisboa a refazer-me do esforço dispendido. E que alegre convívio, o deste lar cheio de cordura! Delicadeza, urbanidade, atitudes polidas. Ambiente revelador de almas simples que sentiam a Doutrina, como adeptos fervorosos.

Tenho falado em libaneses, porque a esposa do Clóvis é filha de pais libaneses, mas todos brasileiros de coração. Ele é brasileiro de raiz, cem por cento de português pela alma, pela inteligência, pelas virtudes cívicas, pelo seu tipo, onde há reflexos de ariano puro, pelo seu olhar onde a lembrança de um país distante deixou resquícios de saudade...

— Que é feito do Gentil e do Venâncio? — perguntará o leitor feminino, que as mulhe-

res sempre são mais curiosas. Estes amigos estavam em casa de um grande português, o Serafim de Almeida, presidente da União Espírita Macaense, agora residente em Campos, por motivos familiares e de saúde.

Que admirável organização moral a do Serafim! Há 28 anos que vive nesta região privilegiada, mas ainda se lembra da sua bela Vizeu. E os oitenta anos não lhe pesariam muito, se não fosse a bronquite asmática, fiel amiga dos seus lazeres de pioneiro.

Eu tive a boa sorte de encontrar um lar acolhedor. O Gentil e o Venâncio não ficaram atrás em felicidade, porque esposa e filha daquele homem entroncado são verdadeiros modelos de solicitude.

Visitei-o, como já o abraçara na Escola Jesus-Cristo, onde expandiu o seu coração luso-brasileiro.

Nunca vi homem mais simples e mais alegre. Era a conformação em pessoa. A tudo renunciara, com espírito bondoso e generoso, e sentia-se feliz com a felicidade alheia.

A sua conversa é um tónico. Habituado à frieza dos homens, a seus cálculos, às suas manigâncias, soube-me bem a palavra do Serafim, que, embora esteja longe da corte do céu, como seu nome parece indicar, é candidato a ajudante de S. Pedro, com probabilidades de vencer a eleição, já que o céu aberto é melhor que o céu fechado. Tenho a certeza de que o seu verbo amenizaria o ambiente de santidade escolhido por alguns e prestes ganharia a confiança de grande parte dos guardiões celestes.

Pois neste lar benigno é que o Gentil e o Venâncio se acolheram. E tão bem se deram por lá, que me fizeram saudades. Um e outro são almas que se impõem pela modéstia, pela bondade. Não admira que as horas se prolongassem na sua ausência. Quando, porém, ali nos encontrámos, foi a tal amostra do céu aberto. Os braços, os lábios e os olhos entoaram doce linguajar. Era o sol da amizade que surgia por entre nuvens... que a brisa dissipara.

★

O Serafim ficou em casa e nós todos demos um passeio na cidade, em companhia do Clóvis. Arruamentos impressionantes, tìpicamente portugueses. Edifícios baixos, dois andares o máximo, na planície sem perspectiva. Mas que lindas praças, que belos jardins!

Numa banca de jornais contei sete diários, todos de Campos. Fiquei admiradíssimo. Alguns inseriam notícias da minha chegada e das minhas conferências. Isto de tantos diários faz pensar na mentalidade da população. O Brasil está caminhando para vida melhor, mais consciente. A imprensa é índice de cultura, dá justa medida do nível do povo. Não é debalde que se erguem conjuntos escolares nestes aglomerados ansiosos de renovação.

O passeio tinha objectividade. E assim deparámos com o Abrigo Dr. João Viana, para obsidiados de ambos os sexos, pertencente à Liga Espirita de Campos, dirigido por abnegados trabalhadores, que são António Alves Cordeiro, Luís da Silva Campelino, Ramiro Viana, António Gomes da Silva e João Ribeiro, que nos acompanhou na visita.

Vibrei na observação desta obra, onde homens e mulheres estavam separados por gradeamentos. Contei 9 varões e 13 mulheres, todos a cargo do médico João Baptista Gomes.

Vi também uma biblioteca em início, uma sala de tratamentos médicos, um pequeno necrotério para o que desse e viesse, uma garagem... e vários compartimentos para obsidiados fortes e perigosos.

Um manicómio é coisa de respeito. Para mim, é a coisa mais respeitável no mundo. É a coisa mais bela do Espiritismo. Manicómio, hospício, casa de saúde, como lhe queiram chamar. Centros de recuperação, que deviam ser auxiados por toda a gente. O tuberculoso sofre, mas espera a cura; o asmático entrevê alívio; o mutilado apoia-se à muleta; o cego tem o refúgio do ouvido e o surdo o refúgio dos olhos. Mas o louco, como lhe chama a psiquiatria? Mas o obsidiado como lhe chamamos nós? Que tem ele, além de sofrimento horroroso para si e para os seus?... É um grande problema, este da loucura. Temos ali o ser orgânicamente perfeito comandado por um estranho, quase sempre inimigo do doente. É um sepulcro vivo, uma concha escura. Por isso me impressionei à vista do Abrigo Dr. João Viana. E quando passeei o olhar pelas celas destinadas aos «loucos violentos», contive a respiração, não pelo que via, mas pelo que sentia. Pensei no martírio dessas almas e na desolação das pessoas que as cercam, porque os hospícios são gota de água no oceano da «moléstia». E minha alma ensombrou-se. Quanto não ganharia a sociedade, se a medicina oficial se unisse à medicina espiritual! O mundo sofre por falta de entendimento...

Vi um homem inteiramente nú, irmão de médico, sentado, sem consciência do seu estado psíquico. Não conhecia o pudor. Um

sorriso alvar estampara-se-lhe no rosto. Este ser humano defeca na roupa e a roupa estava a lavar e a secar...

Vi também um preto de 18 anos com obsessão giratória. Andava em marcha circular, descalço, sobre o mesmo solo, já passava de um mês...

Tive pena destes irmãos, que não podem ser abandonados, e meu espírito se voltou para os dirigentes de tão magnífica assistência, em exclamação vibrante:

— Continuai, irmãos e amigos! É preciso lutar e recuperar o homem para o trabalho colectivo! Não afrouxeis no vosso esforço!

E dirigi-me para o Livro do Visitante, quando li estas frases de André Luís no pórtico de entrada:

— Vai visitar alguém? Lembre-se de que a prece é um grande auxílio.

— Levante o caído. Você ignora onde seus pés tropeçaram.

Sim, nós ignoramos onde seus pés tropeçaram e por isso estas obras são grandes lições de humanismo...

★

E passámos pela Escola Jesus-Cristo. O sol do outono era bravo. O Clóvis, esse estava no seu ambiente cálido. Ele e os outros. Só eu me sentia deslocado na latitude. Em todo o caso, reagia como português de antano. E tirei as minhas notas... Contemplei o amplo salão onde falara duas vezes perante numerosa assistência e visitei o Orfanato. Vinte e nove crianças brancas e pretas em santo convívio. Um milagre de amizade em que a cor não existe. Falei com elas. Que bondade no olhar nostálgico! É que muitas não tinham mãe, essa fonte de amor na charneca da adversidade. E olhavam em derredor, sonhos alados de infância triste, a perscrutar uma réstea de materno enleio. Pobres amiguinhos! Que será o mundo para vós? E que seria o mundo, se não houvesse escolas de Jesus com almas estoicas a iluminá-las?!...

O Clóvis diz que vão aumentar a casa para receber mais crianças, mais flores, mais botões de rosa... E passamos a outro departamento, à «Casa da Criança». Leitor amigo, olhe para estas legendas:

— Ajuda, em vez de reclamar.

— Auxilia indirectamente.

— Filho, não humilhes os ignorantes e os fracos.

— Ama a todos.

— Trabalha e estuda.

— Não recolhas os bens que não te pertençam.

Que tal? Não acha edificante esta sublime escola de adoração? Eu acho, acho muito edificante e digna de ser conhecida.

Depois subimos ao Dormitório de Auta de Sousa. 16 camas higiénicas, convidativas. E a seguir o refeitório e o banheiro... e a cozinha cheinha de avencas dispostas harmoniosamente pela Francisca, uma pretinha de alma branca, que leva a poesia ao jardinzinho do quintal, onde as plantas florescem... sob o riso das internadas.

O Pavilhão de João de Deus está ali para os almoços dominicais aos necessitados; e a Enfermaria de Bonifácio de Carvalho, um português que prestou grandes benefícios àquela casa de caridade, ergue-se acolhedora para o festim da caridade.

★

Por fim, regressámos ao princípio: à sala-de-estar «Humberto de Campos». Lá está a fotografia de Nina Arueira, um alto Espírito que vela pela Escola Jesus-Cristo. A instituição vai construir o Colégio Pedro II para rendimento, com o objectivo de enfrentar as despesas desta obra simpática e digna de louvor.

★

Visitámos o médium Peixoto Lins, aquele médium pelo qual se obteve em Fortaleza, capital do Ceará, a fotografia de nossa saudosa companheira.

Peixoto Lins, ou o Peixotinho, como é conhecido entre a família espírita, é excessivamente modesto, uma criatura que nos cativa logo às primeiras palavras, que põe a Doutrina acima de todos os interesses materiais. O dia mergulhava no crepúsculo, quando eu, o Clóvis, o Gentil e o Venâncio o visitámos em casa. Apareceu logo, sorridente, vergado à bronquite que o estava dominando, e todos ficaram à vontade, alheios a cerimónias. Vem a esposa e os filhos, uma família de sangue português que gostaria imenso de visitar Lisboa.

Conversamos. O Peixotinho mostra-nos o humilde Centro onde reunem para as sessões de materialização. Lá está, na parede, a fotografia tirada em Fortaleza e que tanta emoção causou em Portugal e Brasil... E promete-me uma sessão especial, com fotógrafo e

gravador eléctrico, para que eu possa levar uma recordação valiosa.

O Peixotinho é o protótipo da modéstia, da timidez e da humildade. Não posso duvidar das suas palavras amigas.

★

Em 6 de Maio saimos de Campos com destino a Niterói, princesa de Icaraí, famosa por suas belezas e seus banquetes oferecidos a visitantes depauperados. Que saudades trouxe da família do Clóvis e daqueles amigos que nos cumularam de atenções! Não tenho com que retribuir semelhantes gentilezas, a não ser estas palavras descoloridas de amizade. Elas aí ficam como violetas humildes rescendendo perfume subtil. Hei-de ir a Campos brevemente, que lhe devo uma crónica que ainda não foi vivida. E espero reencontrar esses nobres paladinos para abraço forte e veemente.

Campos, metrópole de açúcar, engrinaldada e florida, risonha e esplendente na tua graça imorredoira, Deus te avolume e bendiga! E que os ramos frondosos de tuas árvores cresçam mais e mais e se ergam para o céu em prece votiva.

★

A viagem de Campos a Niterói... isso é outro negócio. Já leram as «Vinte Mil Léguas Submarinas»? Então calculem o que teria sido a odisseia de três viajantes que se aventuraram, como nos tempos de Marco Polo... A linha de Leopoldina não é a boca do inferno, mas o caminho que lá conduz. Quem tirou bilhete de «rápido», o melhor é trocá-lo por amendoim e seguir a pé. Chegará mais depressa e mais seguro. Isto me disse um brasileiro amigo do seu país e que sofre imenso com anacronismos que é preciso reformar e melhorar.

Brasil amigo! Tens poucos que te amem; teus muitos que te exploram. É tempo de sacudir a juba e deixar o sono milenário. Então eu te amarei ainda mais do que te amo.

E nesta plangente melopeia, catrafilados por chuva de-molha-todos, o Venâncio ficou em S. Gonçalo e nós chegámos a Niterói. Não sei bem que horas eram. Era tarde e a más horas. As voltas que dá o trem e as voltas que o mundo dá! Deus super omnia, *como diz o rei do calendário...*

Recife, 4 de Julho de 1955.

VIII

UM TREM... OU TALVEZ NÃO

Eu não queria falar nesta viagem. Enaltecer o bom é próprio dos amigos. Mas levar o desejo a ponto de abrir os botões de rosa para que floresçam mais depressa, é tudo menos amizade. Tudo se quer no seu tempo. A Natureza conta as horas em seu relógio, não precisa de máquinas humanas, deficientes e grosseiras.

Pois em 7 de Maio regressámos de Campos a Niterói. Eu, o Major Gentil e o Venâncio de Freitas. Três almas diferentes, num só ideal harmónico.

Eu fora beneficiado. Ambos companheiros dilectos, capazes de renunciar para bom auxílio, estenderam mão amiga ao cronista emergente, facilitaram-lhe quanto estava a seu alcance. Mestres e cireneus, no orientar e no guiar.

Habituei-me tanto ao seu ambiente psicológico, que não queria pensar no epílogo da viagem. Ela deveria chegar ao fim. As emanações não podem durar sempre, que o coração não é vibrador subordinado ao espírito inquieto. Mas, enquanto o fim não chegava, eu ia-me deliciando em grata companhia. O Gentil é uma sólida cultura ao serviço da modéstia. Outros diriam, em diferente sentido: é a modéstia ao serviço da cultura. Também está certo. E por isso fez-me bem conviver com ele.

Se o vissem argumentar nas estradas do nosso roteiro! Braço entalado em protecção de gesso, mercê de acidente sofrido um dia após a minha chegada ao Rio, não lhe ouvi naturais lamentos a quebrar eterno sorriso de bandeirante espiritual. Sempre afável e cordato, igual a si mesmo, soe dizer-se como o Dr. Luís Gentil — que o Major também é médico e professor — extraíu do seu tabernáculo verdadeiras jóias para oferecer aos

dois companheiros de odisseia. É que, até Campos, a jornada fora bela. As vozes cantaram e as almas entoaram. O Alto estava connosco na festa grande da harmonia. Impulsionou, encorajou, unificou. Mas era necessário sentir o reverso da medalha, apreciar o contraste em sua nudez. E nós íamos na peúgada do abrolho, como quem vai à romaria ou leva ao colo uma criança.

O abrolho era o regresso a Niteroi, através do «rápido» de Leopoldina. Em minha inocência julguei que as palavras não se alteravam num hemisfério de idioma comum. E visionei outros «rápidos» brasileiros amplos, confortáveis, luxuosos, observantes de horários e cultores de higiene. E disse com os meus botões:

— A viagem será talvez emocionante...

Mas, quando entrei na carruagem, exibindo bilhete de 1.ª, meu sonho se dissipou. Por onde andara eu nessa romagem de sentimento? Por onde andara eu, que não vira os contrastes da existência? Então eu pregara a linguagem da verdade e na estrada de ferro proliferava o contrário? Eu devia estar enganado. Levei a mão ao bolso para analisar o papelucho, mas os óculos amigos tinham ficado em Macaé. O Gentil veio em meu auxílio e lá estava: 1.ª classe. E também estava na madeira, que servia de retábulo à imagem feérica das poltronas. E procurámos o assento. Eu e o Gentil seguiríamos amarfanhados, pés de encontro à antepara, sem licença para os distender durante muitas horas. O Venâncio de Freitas, com seus oitenta bem puxados, ladeando moça esbelta, sonharia muito, regressaria à infância traquina e solerte. A segunda infância é igual à segunda adolescência...

Abraços do Clóvis e da família e o «bólide» dá os primeiros sinais de marcha. Ranger de engrenagens, estremeções de inércia na acomodação de passageiros e o veículo fica especado. Motivo de novos adeuses, de novas exclamações de alegria, não estuante, alacre, de quem chega e revê amigos, mas agridoce, de quem sente abalar um momento delicioso que se viveu em plena soberania. Depois... Tinha que ser. O lugar fora marcado... Era aquele, eram aqueles...

★

O tempo estava bom. Calor, céu azul, perspectiva de óptima viagem. Mas nos trópicos o tempo é instável. Trinta graus à sombra é coisa vulgaríssima e o coirão da pele aguenta o safanão. Eu viera no Outono, fugindo à canícula, na esperança de encontrar um clima adequado e enganei-me totalmente. Aqui o sol é sempre sol. É fecundante para a terra, mas inimigo dos europeus que blazonam de fortes.

O tempo estava bom, mas depressa mudou. Não sei de onde vieram os cúmulos, os cirros e os nimbos. Surgiram de toda a parte ao mesmo tempo e a chuva não se fez esperar. O trem avançava a medo na linha aguda que a fricção de anos tornara luzidia, enquanto passageiros, menos cerimoniosos, colocavam pés onde outros punham mãos ou fechavam janelas emperradas, fugindo à violência da chuva. O problema da ventilação apresentou-se à minha consciência alarmada, porque sempre gostei de bom ar. E tive de suportar a pé firme aquela «marcha nupcial», segregado da paisagem. E pude contemplar o cenário. Venâncio piscava os olhitos cansados em direcção à janela fechada. Quando se abriria ela à passagem de um raio de sol?... A meu lado, quatro lugares vis-a-vis suportavam indistintamente os membros superiores e inferiores de personagens dramáticas. Em seu rosto estampava-se grande desejo de liberdade. E até a crina das poltronas decrépitas ia saindo pelos rasgões enormes do pergamóide lustroso e seboso. Eu queria apoiar os pés cansados, mas a poltrona da frente já não tinha articulações metálicas. E levei quilómetros e quilómetros em vaivém contínuo, firmando-me à direita e à esquerda, para me desequilibrar em seguida. O Gentil passou a viagem sòzinho. Os dois lugares que ocupava davam-lhe foros de homem livre e podia abrir e fechar à vontade o postigo da carruagem.

Instalei-me junto de um brasileiro comunicativo. Era inspector de ensino, andava a percorrer escolas e lamentava-se das exigências e dos parcos ordenados. Cá e lá más fadas há, como diria Camões, se voltasse. Nisto, um solavanco agitou o «bólide» de Leopoldina. O meu comparsa ficou insensível, dizendo que era vulgar e que às vezes aguardavam horas à espera, em plena estrada. Mas a chuva torrencial batia na vidraça, esfumando tudo.

Felizmente, o Clóvis dera-me boa merenda, já prevendo o contratempo. Abri o pacote: sanduíches de azeitonas muito bem temperadas, maçãs, peras, bananas. Vinham na hora própria. Distribuí pelos três, irmãmen-

te, e preenchemos o vazio. Novamente evoquei aquela família de libaneses tão sensíveis, tão cordiais. De nada se esqueciam para agradar ao visitante e a sua previdência acompanhava-me. Deus seja com eles por todo o sempre!...

★

Afinal, o «rápido» era um trem como alguns bagageiros que levam dias a chegar. Que pena tinha de não poder tirar as minhas notas! O Gentil já me emprestara os óculos em certa emergência e bom arranjo me fizeram. O pior era a chuva, que parecia gente, de tal modo batia. Nem leve nesga de campo me era dado lobrigar. A respiração de vinte «emparedados» foscava os vidros, fazendo lembrar casa mortuária. Até que parámos numa estação. Que alívio! Deus permitisse que a demora continuasse. Abri a porta principal e a chuva e o vento varreram os miasmas daquele sepulcro mal caiado. Que alívio! E que pressa eu tinha também de sair do caixote, para nunca mais voltar à estrada de Leopoldina!...

Isto não é dizer mal. Vejam lá se há exagero. Não viram as poltronas esfarrapadas e cebosas? Não viram a sujidade em desarmonia com o preço do bilhete? Poderão objectar: «Mas o pessoal é urbano». Perfeitamente. Basta ser brasileiro para ser urbano. Deêm-lhe elementos de trabalho, que ele saberá dignificar a profissão. Mas obrigá-lo a trabalhar inglòriamente para que o odioso caia sobre ele, não está certo, não é humano. Ela faz o que pode. Mesmo sofrendo, tem sorrisos nos lábios. Que grande povo! E que grande coração.

★

A chuva parou e o trem partiu. Ainda bem. Abro a janela e vou apreciando os campos maravilhosos através de mil reflexos que as gotas de água deixaram nas folhas verde-negras. Quero descrever e não posso. A marcha agora é mais veloz e não há tempo de fixar as imagens. Tudo é exuberante.

Passamos em Tanguá. Este nome faz-me lembrar o desastre ferroviário ocorrido há cerca de dois anos... Os campos estavam alagados... Em circunstâncias destas é que surgiu o acidente. O trem corria veloz, depois de abandonar a estação. Ali chegado, deu com o horrível charco que aluira a via férrea... E as carruagens de trás galgaram sobre as da frente. Pavorosa tragédia que, de evocá-la, me sinto vibrar emotivamente.

Eram 17 horas. Haveria seis que viandávamos com tempo chuvoso. A merenda do Clóvis estava gualdida e a sede apoderava-se de mim, como absorção constante. Custava-me, porém, atravessar a zona perigosa que ali se entrepunha, como «terra de ninguém». Da minha carruagem, ou, antes, do meu caixote ao restaurante, a distância era considerável. E o corpo, moído pelo solavanco, não reagia. Até que nova estação impôs nova paragem. Ergo-me resoluto e avanço pela única estrada que conduz ao refrigerante. A estação encontra-se alagada e enlameada. Capim alto ladeia as duas serpentes de aço que se espreguiçam nas travessas da via inexorável.

Bebo um guaraná, que a mucosa saboreia e aplaude, e posso contemplar campos alagados, figuras esguias de caipiras, burros pachorrentos e indifentes, caminhos lodosos à espera de mão civilizadora que os transforme. Quando voltei ao caixote, o Gentil cochilava, olhando para dentro. Que veria ele, bom companheiro e bom irmão? Tudo, menos o quadro desolador que o véu da noite ia cobrindo para que o não esquadrinhassem.

O trem oscila sobre a senda metálica e um alívio cai nas almas entristecidas. Será desta?... Será desta que abandonaremos a estrada de Leopoldina? A pressa de chegar a Niterói, ao lar do Gentil, impacientava-nos. Valera a pena, ir a Macaé, gozar as belezas de Campos e o doce convívio de amigos que já estavam longe, para depois sofrer tamanha desilusão? Nem aos maiores inimigos desejo a grande estopada que apanhei.

★

Mas isto foi uma grande lição de urbanismo. Enquanto a demora se prolongava, o Gentil contou a história de milhares de almas residentes nos subúrbios do Rio e que abandonam os lares às cinco da manhã com merendas feitas na véspera, para chegar às oito a suas ocupações. Trazem lancheiras, entram no trem e enlatam-se promiscuamente, apoiados uns aos outros. Pára aqui, pára além, sob calor estiolante. É terrível. Quando começam o trabalho, já vibraram três horas de indizível tédio. O esforço de equilíbrio no veículo superlotado enerva-os, rouba-lhes forças preciosas e o resultado é

negativo para todos. A economia é defraudada. O patrão exige o que não pode, nem deve. Os operários, os funcionários, os empregados adquirem complexos de inferioridade. E quando abandonam seus misteres o mesmo drama se desenvolve. A merenda que trouxeram oxidou-se, que o calor não poupa a carne e o peixe... e os homens habituam-se a manjares deficientes, refinados, incompatíveis. E os pobres trabalhadores adquirem doenças de estômago que o médico vai curar, provocando — quantas vezes — novas doenças!

E mais três horas de odisseia, antes de chegar a casa... O trem marcou a partida, mas o horário não se cumpre. O das sete parte às oito e meia. E assim, sucessivamente... Aqueles indivíduos não têm onde repousar. Ali se aglomeram, de pé, como estátuas vivas, à espera. Quando alcançam o lar, não têm sorriso para a esposa e para os filhos; têm revolta contra a vida que levam, contra o jugo de engrenagens que totalmente os submeteram. Fugiram da cidade para o subúrbio, mas o transporte gasta energias que deviam servir a fins mais úteis. É o círculo vicioso do urbanismo.

Eu sou contra os aglomerados humanos, para além de vinte mil, porque a vida nas grandes urbes prejudica a saúde, tira a calma, dificulta a economia familiar. Criam-se impostos para tudo e ninguém se lembrou, que eu saiba, de aplicar impostos de cidade, evitando a despovoação dos campos. Nas vilas não há problema de transportes. Basta cinco minutos para chegar ao emprego. Não há filas que impacientam. O caminho está franqueado a todos.

O cenário que o Gentil me apresentou acerca de milhares de criaturas que trabalham na capital federal causou-me verdadeiro assombro. Pobre humanidade, que te preocupas com fioleiras que degradam, esquecendo problemas que interessam!

★

Outro estremeção do «rápido»... e outra esperança de chegar, agora pela noite dentro, que os minutos não perdoam a quem espera. A linha de Leopoldina vai até Vitória do Espírito Santo, terra formosa que eu pisarei mais tarde, com recados portugueses de bom sabor. Será possível que eu tenha de percorrer esta via crucis até aos confins do Estado do Rio?... Se assim for, meu Senhor Jesus, dá-me força e paciência, mas não me dês um caixote sem luz nem ar, onde a crina irrompe do pergamóide e homens põem os pés onde outros põem as mãos!...

O trem desliza outra vez pelas serpentes de aço e passamos ao lado das fábricas de cimento Mauá, barão famoso, autêntico cidadão do Brasil, impulsionador e criador de fomento, banqueiro e armador... Depois, Casimiro de Abreu, Silva Jardim, Rio Bonito, Itaboraí, Aldeia Velha e Alcântara. Um pouco adiante o Venâncio despede-se. Tem ganas de ver a família. Uma grande alma, a do Venâncio! Alma caldeada no sofrimento, aprendeu lição que outros descuidaram.

Minutos passam. Estamos em Niterói, a das praias lindas e dos banquetes e dos amigos sinceros! A chuva não parou ainda. Não torrencial como noutros momentos da viagem. Miúda, aborrecida, enfadonha.

★

Motorista oficial leva-nos à casa do Gentil. Agora, sim, estava longe dessa estrada e desse trem. Dirijo-me ao chuveiro e afasto para longe a locomotiva e o carvão. O jantar convida. O ambiente é outro. Até parece que o mundo é diferente.

A Marinina chegou, jovial e prazenteira. A esposa, essa estava ainda em mister espiritual e só depois nos deliciaria com sua presença.

Gentil pediu à filha que tocasse qualquer coisa para mim. E o piano gemeu e vibrou sob dedilhar expressivo e forte. Primeiro, Chopin, o imortal Chopin dos nocturnos, sempre oportuno e sempre novo. E vieram as músicas portuguesas, veio a saudade desse folclore tão rico e envolvente... Como eu vibrei! Como eu vi o doce e querido Portugal, deste doce e querido Brasil!... Todo o anseio erguia as asas para transpor a distância... e levar um abraço para bem longe... Lágrimas santas, as que eu verti nessa noite chuvosa! A alma portuguesa está na música de seus cantares. Ali sonha, ali freme, ali ama, ali anseia. É tal qual a alma brasileira no ritmo do samba. Ah! Como eu gosto do samba, essa melodia suave e amorosa! Os poetas da brasilidade arrancam ao coração estrofes tão belas, ilustram as ideias de perfume tão emotivo, que os chamados insensíveis sentem os olhos enevoados. Senhor, que

fluido é esse que lançaste no âmago da raça comum, desta grande raça luso-brasileira?...

Dizem que o fado é triste e monótono o samba. Mas há sambas e fados que são vivas expressões de altura. É o lirismo puro que neles canta. E a nossa alma em festa debruça-se ou ajoelha, baixando os olhos para a bênção ou erguendo-os para o êxtase. É a raça, é um oceano de ternura, aroma de humildade ou fulgor de estrela. Portugal e Brasil são dois amantes do belo, dois guardiões de santidade. O que eu pensei naqueles momentos inesqueciveis, enquanto Marinina dedilhava no piano!... O mundo interior estava em festa. Eram foguetes de S. João e cânticos de Natal que se uniam no mesmo abraço votivo. E eu devia tudo à Marinina, que não esquecerei jamais. Amanhã, quando o tempo tiver dobrado o manto sobre o passado, quando ela for mãe e repetir nos filhos a lição de Chopin, do fado e do samba, hei-de continuar a vê-la na mesma posição hierática, atacando as notas, vibrátil e nervosa, arrancando ao pentagrama o segredo musical. E direi: «Deus te abençoe. Marinina! Que essas volutas se espraiem, envolvam e toquem os corações sensíveis!». E continuarei a sentir o eco da felicidade longínqua que tive em Niterói. E o «famoso banquete» ficará na retina como recordação alegre a esbater-se na distância...

★

Leopoldina amiga! Arruma a casa, varre a poeira, põe rodados novos! E uma demão de tinta não é coisa de desprezar. As poltronas, essas, oferece-as ao Museu de Arte Antiga e compra outras, que se harmonizem com o novo século, que vai em mais de meio. É um conselho de quem experimentou e deseja o teu bem-estar e o meu. Reforma tudo, a começar pela estrada, já fora de moda. Os brasileiros merecem um pouco mais de conforto. Acredita que merecem. Convivi com eles, Leopoldina. Que tesoiros de amor naquelas almas simples! Quem os souber levar encherá o mundo de lírios e de rosas.

Vá, coragem, põe um pé à frente do outro! É preciso caminhar! O contrário é morrer. Foi o que ia sucedendo a três peregrinos que se aventuram, nestes lindos dias de Outono, à viagem inolvidável de Campos a Niterói.

Que saudade, Leopoldina! Ai que saudade!...

Recife, 7-7-955.

VEGETARISMO

(Compilação de LUCIANO SILVA)

Alimenta-te de Frutos e Vegetais, conforme te destinou a Natureza, para teres Saúde, Vida e Energia; não tornes o teu prato e o teu corpo urnas de cadáveres de animais cuja vida deves respeitar.

J. Sanches Roque

Fumar, tomar vinho, comer e viver como é vulgar, desregula os centros nervosos, acidifica os humores, enfraquece as defesas naturais e conduz fàcilmente à agressão microbiana. O remédio principal está em reformar a Alimentação e seguir a Higiene Natural.

Dr. Fred Wachsmann

Vitaminas vivas só as podeis encontrar nos Alimentos em Estado Natural, isto é, Saladas e Frutas — os melhores e inofensivos antibióticos. Quereis ter Saúde e filhos saudáveis? Dai-lhes Frutos em vez de bolos, de guloseimas e de remédios químicos.

Prof. Ângelo Costa Cabral

A medicina das drogas tem fracassado por não reconhecer a devida importância da Alimentação e desprezar o conceito hipocrático «O teu remédio está no Alimento». O êxito do meu método reside fundamentalmente em ter posto em prática esse princípio racional e natural.

Dr. Indíveri Colucci

Noutros planetas mais evoluídos deve ser natural não se matar para comer; de forma que, na Humanidade da Terra, os vegetarianos por Ideal representam já os espíritos moral, mental e espiritualmente superiores.

Abel Paiva

As mais elevadas Escolas Religiosas e Esotéricas advogam a Alimentação Frugal em base Vegetariana por não envolver a morte de animais, ser mais simples, higiénica e favorecer o desenvolvimento espiritual. Como é, pois, que indivíduos que se arrogam de neo-espiritualistas ainda comem alguns dos seus mais simpáticos irmãos inferiores, transgredindo assim o mandamento «Não matarás!» e desrespeitando a Lei do Amor? A única razão é que ainda não se lhes fez no espírito a necessária luz, estão atrasados na sua evolução e, persistindo em manter a falta de escrúpulo, de raciocínio e de critério moral em comer cadáveres, dificultam a sua própria compreensão e ascensão.

Dr. Nicolau Vilas

Era doente desde pequeno, tomava drogas, comia e bebia de tudo, como todos. Tornei-me naturista, vegetariano. Deixei os remédios e... gozo saúde!

António Cardoso

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

DESPERTAM AS IGREJAS NA INGLATERRA

O Clarim, de Março, informa:

«Ao que parece, a Igreja Anglicana, da Inglaterra, experimenta agora, também, o despertar «forçado», em vista das demais Igrejas Cristãs da Gran-Bretanha terem tomado a iniciativa de estudar, guiados por «leigos» — os espiritas, é claro — os assuntos que estas igrejas esqueceram no correr dos séculos, assuntos estes que representam o capítulo mais importante da Humanidade: A Sobrevivência do Espírito! E mais ainda: a evolução do Espírito através dos séculos, graças àquela sábia Lei instituida pelo Criador do Universo infinito, que é a Lei da Reencarnação! Agora, finalmente, e tàrdiamente, depois de um ciclo duas vezes milenar, «despertam» estas igrejas, ditas «cristãs», depois de os tempos preditos há 20 séculos já terem chegado...

O «Psychic News» editado em Inglaterra, e a revista francesa «L'Heure d'Être» referem-se largamente à atenção que a mesma Igreja Anglicana consagra agora aos tratamentos espiritas que designa pelo belo nome de «Cura Divina». Os bispos de Canterbury e de York acabam de nomear uma comissão destinada a estudar esse género de curas».

O Globo de 22 de Março, último, publica uma notícia de Londres com o título de *Adão e Eva:*

«O sr. Russel Barry, bispo da Igreja Anglicana, de Southwell, revelou que a história de Adão e Eva no Jardim do Eden nada mais é do que uma alegoria. Em sua última Carta Diocesana, diz sobre a história do Jardim do Eden: «Não descreve um acontecimento que tivesse ocorrido no princípio do mundo. Apresenta, apenas, um acontecimento que é uma das realidades permanentes e morais da natureza humana. Significa apenas uma apresentação dramatizada do pecado sempre presente em todas as épocas».

É isto mesmo o que diz a Doutrina Espirita...

É ou não verdade que os tempos estão chegados? E quantas mais surprezas ainda teremos?...

DIÁRIO DOS MÉDIUNS

A Nova Era, de S. Paulo, publicou o programa dos médiuns, que constitui o lema mediúnico da Liga Espirita do Estado de S. Paulo.

1.° — Deve afastar os seus pensamentos de toda e qualquer preocupação, ao sentar-se para mediar.

2.° — A sinceridade, deve ser o interesse único, afim de bem servir os que sofrem.

3.° — A calma, e a prece são as principais forças de atracção para obter a protecção e a assistência dos bons Espíritos.

4.° — Não vai ser instrumento de exibição, para receber aplausos.

5.° — A leviandade acarreta graves prejuizos, com consequências e responsabilidades imprevisíveis.

6.° — O médium não é um ser perfeito, mas da luta pelo próprio aperfeiçoamento, depende igualmente o seu progressivo desenvolvimento mediúnico.

7.° — Não deve invocar nenhum espírito, mas simplesmente gravar em seu pensamento, a imagem de Jesus, Nosso Mestre.

8.° — Vai trabalhar na Seara de Jesus, tendo como interesse único prestar caridade aos que sofrem.

9.° — Deve entregar-se com toda a confiança e fé, na direcção dos trabalhos, mas sòmente em Centros idóneos, devidamente organizados, de compreensão Cristã, que visem exclusivamente o bem, dando de graça, o que de graça recebem.

10.° — Se o médium assim proceder, pode estar certo de adquirir valores para o seu progressivo desenvolvimento mediúnico e espiritual. Repelirá todas as tentativas dos Espíritos levianos, zombeteiros, mistificadores e obsessores que terão de ceder lugar aos espíritos honestos e trabalhadores, e com eles nossos Guias e Mentores da Seara do Mestre».

Felizes os médiuns que sabem cumprir estes princípios. Dar de graça o que de graça recebemos, não implica praticar a mediunidade com prejuízo próprio, mas quer dizer que não é permitido cobrar dinheiro ou outra forma de remuneração, pela caridade que atravez da mediunidade se pode praticar.

Bem hajam os bons médiuns, e todos os que compreendem e respeitam a sua nobre missão!

EINSTEIN, JAWORZKI E A HUMANIDADE

Com este título *Constancia,* de Buenos Aires, publica um artigo de fundo no seu número de Junho, do qual recortamos esta passagem, referente a um discurso de Einstein na Universidade de Princenton.

«Durante o século passado e parte do anterior, estava muito difundido o critério de que existe um conflito irredutível entre o conhecimento e a crença. É exacto que as convicções podem ser melhor apoiadas na experiência e no pensamento esclarecido. Não obstante, o lado fraco deste conceito consiste nas convicções que são necessárias e determinantes para a nossa conduta pessoal, e os nossos critérios não podem guiar-se sòmente pela sólida via científica. A razão disto está no facto que o método científico não pode ensinar-nos nada mais do que a relação dos factos uns para com os outros e como se condicionam mùtuamente».

O Dr. Hélan Jaworski, que trabalhou junto do Dr. Osty, que conheceu e tratou com Richet e Geley, possuidor de grandes qualidades morais e intelectuais de pensador, realizou na sede de *Constancia* uma conferência em que disse: «— falo do duplo humano, e pergunto porque é que a ciência o não admite».

Afirma *Constancia* que o Dr. Jaworski é hábil experimentador que soube captar o sentido transcendente do fenómeno paranormal e a sua filosofia construtiva e é optimista acerca do futuro do homem na Terra.

Todos sabemos que Eistein afirmava que a religião devia ser científica, e a ciência religiosa. Verificamos que grandes sábios como os mestres que acabamos de citar concluiram que a ciência friamente materialista não resolve os problemas transcendentes da psique humana e não explica a incógnita do seu destino. Algo de mais subtil e de mais elevado deve guiar o Homem: a convicção da existência de Deus, Omnipotente e Omnisciente.

Notas & Comentários

AINDA A INTELIGÊNCIA DO CÃO

Nunca perdemos a oportunidade de pôr em relevo a inteligência dos animais, a sua dedicação aos donos, os seus sentimentos de amor pelos filhos e a sua solidariedade uns para com os outros.

De todos os animais dotados de tão apreciáveis sentimentos, é o cão aquele que, de longe, se distingue dos outros animais.

Vejamos, a propósito, o que nos diz o «Diário de Notícias» de Junho passado, recortando uma nótula de «Samedi-Soir»:

«Na Via Madame Christina, em Turim, pede esmola o mutilado Giuseppe Bertano. Há tempo, deparando com um cão miserável, faminto e sujo, o pobre deu-lhe um banho, alimentou-o e abrigou-o em sua casa. O animal ficou grato ao medigo e, talvez por reconhecer que os ligava o mesmo destino de desventura, ligou-se-lhe com uma fidelidade exemplar.

Bertano passou a utilizar o cão, dependurando-lhe ao pescoço o mealheiro das esmolas. Eram inseparáveis e a amizade dos dois infelizes enternecia Turim. Assim viveram durante três anos, até que últimamente alguns benfeitores começaram a notar que o pobre cão, de velho que estava, quase não podia suster, ao pescoço, o mealheiro.

Bertano, compadecido, conseguiu entregar o animal a um lavrador dos arredores. Mas o podengo, embora bem tratado, não se resignou e voltou à cidade, à esquina da Via Madame Christina. O pedinte tinha lá, porém, outro cão, com o mealheiro ao pescoço. E, embora chamasse o seu amigo, este não lhe obedeceu e fugiu para a rua, onde um automóvel o esborrachou.

Simples acidente ocasional? Talvez. Mas Bertano está inconsolável — e arrependido».

Poder-se-á, com propriedade, dizer que este cão agiu por «instinto», depois de verificar que tinha sido substituido por outro na obrigação que fora a sua durante três anos?

Não haverá, antes indiscutível manifestação de «inteligência» nesse ciume e desgosto que se apoderou do pobre animal, a ponto de se recusar a aproximar-se do antigo dono?

Vamos arquivando estas provas insofismáveis de que nem só o homem é capaz de actos reflectidos, mas também o são os animais, para nos lembrarmos de os ajudar na sua evolução, sempre que os encontremos no nosso caminho.

O TÚMULO DE ALLAN KARDEC

Voz Informativa em seu número de Janeiro dá-nos um interessante artigo, ilustrado com uma fotografia, acerca do túmulo de Allan Kardec no cemitério do Père Lachaise, em Paris.

O monumento que é construido em cimento tosco, compõe-se de uma pedra larga sustida por duas colunas à frente. Uma grossa corrente abraça este conjunto simbólico que assenta sobre a lousa que cobre o túmulo pròpriamente dito. Entre as colunas e sob a pedra de cimento, está um busto, em cobre, de Kardec, cópia do original que se encontra na Casa dos Espiritas. No frontispício do monumento há o seguinte dístico, legenda que foi do Mestre: NAITRE MOURIR RENAITRE ENCORE ET PROGRESSER SANS CESSE TEL EST LA LOI. Na coluna da direita há uma placa onde se lê: À l'initiateur du Spiritisme, hommage, reconnaissant de l'Union Spirite Belge» — 30-3-1947. Na coluna da esquerda outra placa: Ao mestre Allan Kardec. Paz em Jesus. Castro Carvalho. Deputado. S. Paulo-Brasil.

No pedestal que suporta o busto lê-se: Allan Kardec. Fondateur de la Philosophie Spirite. Há mais qualquer coisa escrita em baixo, mas a «montanha de flores naturais ali colocada há dois dias» não permite ler. Ao lado esquerdo do pedestal há outra placa que diz: Amélie Gabrielle Boudet Veuve Allan Kardec. 21 Novembre 1795 — 21 Janvier 1883.

Durante todo o tempo em que o articulista permaneceu junto do túmulo, umas duas horas, não parou de chegar gente, velhos e novos, a maioria dos quais levam flores frescas. Uns ajoelham, oram, a cabeça inclinada sobre o peito, levantam-se e seguem, apressadamente, sem olhar para ninguém; outros apoiam a mão no ombro do busto, resam e partem. E tão frequente é esta cerimónia, que os ombros do busto estão polidos, reluzentes, arrancada a patine que cobre o restante.

De outros pormenores fala o articulista, mas o mais interessante é o que nos revela que «nenhuma sociedade espiritista francesa se preocupa com o túmulo», o qual estava abandonado e destruido como, aliás, os outros em redor.

Foi a senhora Crepillière quem, dedicadamente, a partir de 1947, passou a cuidar dele, assim como da tumba de Gabriel Delanne, falecido em 1926.

A respeito do abandono total a que as sociedades espiritas francesas, votam o túmulo do Mestre Allan Kardec, e emitindo uma opinião muito pessoal, diremos apenas: Nem tanto ao mar...

UM CASO ORIGINAL

Reformador, transcrevendo um telegrama de Modena, Itália, dá-nos conhecimento do seguinte facto, na verdade original:

«Um facto original verificou-se nesta cidade. Um burro desconsolado, conseguiu, à força de coices, incorporar-se no cortejo que acompanhou os restos do seu dono, Ariosto Malavasi, ao cemitério. O animal saiu da cocheira, chegou até ao ataúde e, ao ser expulso, começou a dar coices em todos os que o queriam afastar do local. Para resolver a estranha situação, os parentes do morto permitiram que o burro acompanhasse o féretro até ao cemitério.

Esta manhã, muito triste, o burro permaneceu na cocheira, recusando-se a aceitar qualquer alimento».

E Reformador comenta: «E os homens teimam em afirmar que os chamados irracionais não têm alma...

«Este burro provou que a sua alma é bem mais evolvida que a de muitos dos seus «irmãos superiores». Que bela lição!».

Perfilhamos, por completo, o comentário.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

O tema tão antigo, mas sempre novo para o gosto dos ouvintes, da *Inteligência dos Animais,* foi o escolhido pela nossa confrade Ivone de Sousa para a sua conferência do passado dia 10.

Durante mais de um hora a assistência ouviu, interessada e surpreendida, o relato de numerosos factos que depõem, em absoluto, a favor da inteligência dos chamados irracionais.

O velho conflito de opiniões dos que entendem que, nos animais, é sempre o instinto que se manifesta, mesmo quando os acontecimentos parecem demonstrar o contrário, foi posto em relevo pela conferencista, para depois demonstrar, exuberantemente, que é impossível, em face de actos nossos, absolutamente semelhantes em sua génese e evolução, defender, com sucesso, esse ponto de vista.

Os espiritualistas, mormente os Espiritistas, aceitam, sem relutância, que os animais são dotados de alma e de inteligência, e que esta se manifesta com mais ou menos evidência, consoante a escala zoológica a que o animal pertence, o que traduz evolução.

A assistência seguiu, com o maior interesse, o desenrolar dos argumentos da conferencista, e no fim aplaudiu-a longamente.

Presidiu o confrade António Cardoso, que, a propósito, fez algumas interessantes considerações, exortando todos a que fossem compassivos para com os animais, e tivessem sempre em mente que eles são almas em evolução para a espécie humana.

GINÁSIO «O PRECURSOR»

A «Associação Cristã Educadora, Lda.», de Belo Horizonte, Brasil, comunica-nos a modificação que se operou na sua Directoria e Conselho Fiscal, que passaram a ter a seguinte constituição: *Directoria:* Presidente: Dr. Ademar Dias Duarte. Vice-Presidente — D. Maria F. Aluoto Berutto. Secretário — Virgílio Pedro de Almeida. Gerente — António de Sousa Martins. Director Comercial—Óscar Coelho dos Santos. *Conselho Fiscal:* Osório Morais, Oswaldo Dantés dos Reis e José de Lima Géo.

A «Associação Cristã Educadora», como o seu nome indica, é uma instituição destinada a ministrar o ensino atravez do seu ginásio «O Precursor», com os cursos Primário, Admissão e 1.º ano ginasial. A Direcção pedagógica é do professor Rubens da Costa Romanelli, e a orientação religiosa está integrada nos princípios evangélicos cristãos de conformidade com os preceitos da Doutrina Espirita.

FESTA CULTURAL E RECREATIVA NEO-ESPIRITUALISTA

No dia 26 do passado mês de Junho uma Comissão de confrades, nomeada por iniciativa da Fraternidade Esotérica, realizou, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, uma brilhante festa de carácter espiritualista, dedicada ao Apóstolo da Caridade — S. Paulo, e à Fraternidade Cristã.

O vasto Salão achava-se cheio de selecta assistência, que aplaudiu, com entusiasmo, o belo programa que aquela Comissão elaborou. A festa foi iniciada com palavras de saudação à assistência proferidas pelo confrade José Francisco Cabrita, um dos membros da referida Comissão Organizadora, que, ao mesmo tempo, aludiu aos fins da festa, dedicada, como constava dos Convites, ao Apóstolo Paulo.

Frisou quanto este Apóstolo trabalhou para o lançamento das bases do Cristianismo, afastando-se, quanto possível, dos preconceitos das Leis mosáicas e procurando estabelecer uma nova ordem mística baseada na sobrevivência da alma, ou seja, numa vida futura, apresentando como fundamento dela a ressurreição de Cristo, que a ele próprio se tinha manifestado, primeiro na Estrada de Damasco, quando ele ainda ardia em fúria contra o Nazareno, e depois por intermédio dos seus Mensageiros, durante o apostolado que desenvolveu até ao fim da vida. E para explicar como era o conceito da Caridade segundo S. Paulo, sem a qual não há salvação das almas, isto é, evolução e progresso espiritual, aquele nosso confrade leu a Espístola aos Coríntios, constante do Capítulo 13.

Seguiu-se depois a execução da 1.ª parte musical pelo magnífico sexteto dirigido pelo talentoso maestro sr. Cruz Braz.

Depois os consagrados artistas de teatro D. Alma Flora e seu esposo, o sr. Salu de Carvalho, apresentaram engraçadíssimas produções suas, em prosa e em verso, declamadas e representadas com a mestria própria dos grandes artistas que eles são.

Ainda na 1.ª parte do programa a distinta professora D. Ema Cordeiro apresentou e acompanhou ao piano alguns dos seus melhores alunos, em recitações e canções.

A segunda parte iniciou-se, depois dum curto intervalo, com o restante programa de música seleccionada executada pelo já referido sexteto.

Seguidamente deliciaram a assistência os alunos de outra ilustre professora, D. Fabiana Eugénia, que os acompanhou ao piano.

Os apreciados artistas Mário Sarzedas e Fernandel também deram à festa o brilho do seu talento.

O confrade Eduardo Fernandes de Matos, da Comissão Organizadora e o conhecido e apreciado locutor Sr. Cabral Rocha, fizeram as apresentações dos diversos números do programa.

A festa terminou com palavras de agradecimento do confrade Eduardo Fernandes de Matos, dirigidas a todos os artistas, à assistência e aos funcionários dos Bombeiros Voluntários pelas facilidades e colaboração prestadas.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE JUNHO

«À Porta do Mistério» — António dos Santos, Hortinha — Alhandra.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Julho — I. S., Lisboa, 20$00; Francisco Joaquim Martins, Lourenço Marques, 35$00; J. M., Beira, 199$50; pela memória de Maria de Sousa e Almeida (Ivone), Alfredo Cavalheiro, Lisboa, 100$00; C. E. L. A., Lisboa, 50$00; brindes de livros espiritas 95$00 — *Total* — 499$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	

OBRAS DIVERSAS

A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espírita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pegadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CORONEL DELFINO FERREIRA

(Ver pág. 231)

CONTÉM: Plenitude, da **Redacção**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; Mensagem de Amor e Confiança, por **Félix Bermudes**; Notável Confirmação de Uma Viagem Astral do Médium José dos Santos, Tradução de **Adelaide Ivone de Sousa**; O Espiritismo nas Religiões, pelo **Coronel Delfino Ferreira**; Exortações à Luz, por **Irmão César**; O Fardo, por **Emmanuel**; Nossos Irmãos Inferiores, por **Cyrilo Aleixo**; Bem Sofrer, por **Emmanuel**; Ecos de Uma Viagem, por **Isidoro Duarte Santos**; Da Barra do Piraí a S. Lourenço (Palestra Radiofónica ao microfone de *Selecções Espiritualistas* — Rádio Guanabara), por **Isidoro Duarte Santos**; Criacionismo e Evolucionismo, por **Vinícius**; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

16.º ANO AGOSTO DE 1955 N.º 8

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	«*Alvorada de Uma Nova Era*»	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. 100,00 Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espíritos	32$00	45$00
O Livro dos Médiuns	32$00	45$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	32$00	45$00
O Céu e o Inferno	35$00	47$00
A Génese (nova edição)	35$00	47$00
Obras Póstumas	32$00	45$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZIANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1955 — N.º 8

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

PLENITUDE

As emoções fortes desequilibram as almas, obrigam-nas a viver intensamente. Um mês comprime-se num minuto. Depois é a explosão do tempo, o extravazar de fluidos necessários à expansão das almas sequiosas de infinito.

Quanto eu tenho vibrado neste Brasil grandioso! A imponência da Natureza viva erguendo hosanas é igual à doçura do sentimento. Raça nobre a desentranhar prodígios, arrancando à bondade os mais puros florilégios!...

Andança e desandança na romagem bela; beijo de felicidade roçando a flor de um dia; curva espiritual de harmonia pura; voluta, perfume, sensibilidade, melopeia; canto de ave, raio de luz, murmúrio de nascente; olhar de mãe, carinho de irmã, beijo de esposa; chama crepitante, marulhar de cachoeira; olhar de criança, pólen fecundante, música das esferas, tudo se conjugou numa aurora que animasse o peregrino.

Os caminhos alargaram-se, os passos firmaram-se e a marcha assumiu novas proporções. De toda a parte o chamamento carinhoso, o sorriso fraterno. Braços de leal amplexo, peitos que são urnas de fé, tabernáculos de humildade.

Oh, quanto em tenho vibrado neste Brasil grandioso! No mar acalentei o sonho; na terra o materializei; no ar o consolidei em voo largo e seguro.

Agora é a vibração permanente. É a brasa viva burilando as almas. Do Norte ao Sul, do Oriente ao Poente, a mesma ansiedade, a mesma aspiração. Luz, amor, suavidade, vozes de oiro declamando estrofes imortais.

Ando de cidade em cidade, coma abelha de flor em flor. Rosas de Maio, goivos discretos, violetas humildes, oferecem aromas capitosos ao esforço do viajante. Mata secular, terra adusta, galho, rochedo, fruto ressequido, selva ondulante, como eu vos contemplo na minha visão estranha de namorado! Os contratempos são expressões de enfado para quem não conhece os abrolhos do mundo. Os outros conhecem-nos e dão graças ao céu por saberem vencê-los. Como é bom ter forças para galgar o pedregulho, quando ele quer tolher os nossos passos! Então vem o prémio, a firmeza, a calma, a serenidade vivificante. O homem é mais digno e mais forte. Harmoniza-se com o Alto, que auxilia e protege, e não tem mais dúvida, não oscila mais...

Ó moços válidos, crianças bisonhas, rosas vivas de carne que alegrais a vida e ofereceis luzeiros novos à humanidade! A vossa esperança está escrita no meu caminho. Ela grita, empunhando lábaros de claridade e liberdade. Não mais lutas inglórias, não mais guerras fratricidas! Bocas de sorrir e braços de abraçar! Estradas amplas, fontes vivas, pão de eternidade! Arado na leiva, trigo no rego sinuoso. E o homem cantará em rondas de alegria.

Brasil grande, Brasil amoroso! Ó terra do céu azul e do sol escaldante, o mar vive em teu seio, nas tuas fontes, nas tuas cachoeiras, nesse Amazonas de fé, heróico e fecundo, que vai criando imarcessíveis obras onde se aprende a ser humilde e santo! Que fizeste à minha alma sedenta? E ao meu coração torturado? Que fizeste, ó terra boa de gente boa e simples?...

Aqui, tudo se refunde, tudo se aprimora. Desde o homem à planta. É o milagre da redenção, milagre que se alteia no mundo para dar luz ao mundo... milagre que se processa em corações bondosos, contagiando como rastilho inapagável. Por isso o Brasil é a Terra da Promissão, onde os sequiosos de amor encontram cheias as grandes fontes...

Florianópolis, Agosto 1955.

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

13

ÓDIO VELHO

O leitor, que nos vem acompanhando e está a par do nosso último escrito, saberá, agora, porque, amiúde, tremia de medo a obsidiada e tentava ocultar-se como se assediada se visse por um inimigo terrível. Efectivamente, um verdugo, visível aos seus olhos, infundia-lhe aquele pavor. Julgando o director dos trabalhos mediúnicos que se tratasse ainda de acção do outro Espírito, pai do moço, sua antiga vítima, resolveu consultar um dos Guias espirituais, que informou tratar-se de uma inimiga da paciente e sua companheira de infelicidades em tempos idos, quem vinha provocando nela aqueles efeitos. Atraído esse Espírito para o sensitivo, manifestou-se, colérico, alvejando a desditosa com epítetos soezes. Não valia a pena — disse a princípio — relembrar coisas vis, passadas há tanto tempo; porém, jeitosamente, conseguiu o doutrinador que a entidade ultriz contasse a sua história triste: — Era dona de um lupanar e essa miserável, expulsa de casa, foi à minha procura. Tão miserável que não tinha que vestir. Dei-lhe de tudo e tudo fiz para que fosse alguma coisa na vida, pois apesar de dirigir uma casa duvidosa, ainda alimentava bons sentimentos e me esforçava para melhor encaminhar as minhas inquilinas. Todavia, essa infame, com «parte» de santa, vivia praticando as maiores baixezas, e, incapaz de sustentar seus actos, jogava a culpa sobre nós outras, principalmente sobre mim. De nada sabíamos e sofremos muitas consequências desagradáveis devido à sua maldade e à sua hipocrisia. Procurei-a por todo lugar, mas não foi possível encontrá-la, pois fugia covardemente, escondendo-se debaixo das camas. Foram tantas as humilhações que sofri em consequência da sua maldade, que morri miseràvelmente de paixão e de desgosto. Dizem que morri tuberculosa. Há quanto tempo? Mais ou menos 30 ou 35 anos. Quando em vida, não pude encontrá-la. Guiada pelo meu desespero e o meu ódio, jamais perdi a esperança de nos defrontarmos, até que, enfim, a encontrei há muito tempo. Por duas vezes já fiz com que passasse maus bocados. Da última vez retirei-me por uns tempos e quando voltei não pude mais encontrá-la. Continuei procurando-a, até que, mais uma vez, pudemos estar em contacto. Desta vez, porém, não a deixarei mais. Ela há-de pagar por toda a maldade, toda a ingratidão e todo o sofrimento por que me fez passar. Encontrei aqui um senhor que deseja enlouquecê-la e tenho procurado ajudá-lo, pois que ela é tão infame e tão ruim que não merece estar aqui. Parece que ela adivinha a minha presença, pois é só me aproximar, começa a tremer, procurando se esconder, como antigamente, como coisa que isso valesse para se ocultar de mim! Idiota! Miserável! Quanta miséria você praticou! O corpo mudou, mas você é sempre a mesma!

Após demorada doutrinação, esse Espírito prometeu retirar-se, e, de facto — escreve o autor de «Novos Rumos à Medicina» —, «desde o dia seguinte, cedo, a paciente não mais demonstrou terror nem buscou esconderijo debaixo das camas, atrás das portas ou dentro dos banheiros».

14

O GRANDE PROBLEMA

Reproduzindo, em síntese, um caso típico de obsessão, dentre os muitos relatados pelo Dr. Inácio Ferreira, na sua importante obra «Novos Rumos à Medicina», julgamos ter apresentado mais uma prova irrecusável de que a alma, encarnada, não está em trânsito neste mundo pela primeira vez. A razão nos diz que esta é simplesmente uma etapa da sua vida infinita, uma das múltiplas oportunidades que Deus lhe concedeu para rectificar a sua conduta e expungir-se de suas culpas. O Criador, ao invés de condenar seus filhos a castigos eternos e irremissíveis, o que seria a mais completa negação da sua decantada bondade, franqueia a todos, por mais graves

que sejam as suas faltas, um meio de se reabilitarem, — pois está dito, de um modo inequívoco, por Jesus, que da imensa família humana que o Pai confiou à sua guarda e direcção, nenhum de seus membros se perderá. Esse meio são os sucessivos retornos do ser pensante à arena terrestre para expiação e reparação dos seus erros, e é assim que a justiça de Deus se executa, aliada sempre à sua misericórdia sem fim. Errando hoje, corrigindo-se amanhã — que tal é a finalidade dos renascimentos — a alma, ou melhor, o homem, impulsionado pela dor, corolário inevitável de suas infracções à lei, terá frequentes possibilidades de esclarecer-se e redimir-se. Só se compreende seja o homem uma criatura imortal, se a imortalidade significa uma vida progressiva. Desviando-se do dever, semeando o mal e fazendo sofrer a seus semelhantes, ele condena-se ao «inferno», que é o remorso da consciência; do mesmo modo, edificará o seu «céu» na paz da consciência e no júbilo do coração, quando se elevar dos estágios inferiores e se consagrar à prática do bem por amor ao próprio bem. Essa transição demandará séculos, mas os séculos são minutos no infinito do tempo. E porque os séculos se sucedem e a sua sucessão não acaba nunca, ao Espírito humano jamais faltarão ensejos de continuar o seu aprendizado na Terra, e em planos superiores, quando já não houver aqui que aprender. A inanidade de certas objecções feitas à teoria palingenésica fica patente quando vemos que os factos eloquentemente confirmam esta teoria. Pois se lobrigamos a alma em outras existências corporais, no passado, a sua presença carnal como a vemos agora evidencia um novo nascimento. E se, em épocas diversas ela revestiu outros corpos materiais, por que não acreditar, como indaga Platão, que, em o deixando ao fim da sua romagem actual, possa animar sucessivamente outros? Mas, ainda que se pudesse opor um desmentido lógico à doutrina das vidas consecutivas, demonstrado que fosse ser esta a primeira e única passagem da alma humana pela Terra, restaria indagar com que desígnio ou finalidade veio ela a este mundo. Por que será que umas prolongam aqui por dezenas de anos a sua permanência, enquanto outras se demoram sòmente meses ou dias, e outras ainda são logo arrebatadas após o parto? Essas e outras são as anomalias ou o grande problema que só a filosofia espírita pode explicar à luz da razão e do bom-senso.

15

A MORTE DAS CRIANÇAS

A questão da morte das crianças e o seu destino espiritual nunca foram racionalmente explicados pelos teólogos, como não o foram outras questões que naturalmente repontam de um exame da tese reencarnacionista. Sem poderem sair do embaraço filosófico em que os coloca a complexidade do problema, acham mais cómodo assoalhar que as crianças são «anjinhos inocentes» para quem estão abertas as portas do paraíso. E sustentam esse despautério arrimados a uma interpretação graciosa das conhecidas palavras de Jesus com que ele certa ocasião se referiu às criancinhas. Como somos da opinião de Gabriel Delanne, só aceitando como reais as verdades demonstradas pela análise, pelos sentidos e pela observação, vamos, com a devida vénia, discordar dos mestres em Teologia, começando por não achar racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Isto justamente porque a observação aqui e ali demonstra o contrário. Não faltam, com efeito, por aí, crianças dotadas de instintos maus, astuciosas, pérfidas, malvadas, ou mesmo com acentuado pendor para o roubo e o assassínio, a despeito dos bons exemplos de seus familiares e do meio em que vivem. Os sentimentos de baixeza e perversidade, em muitas, acordam numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação, o que indica terem trazido do berço as suas inclinações ruins. Ainda que o reino dos céus se reserve sòmente para as crianças dóceis e bondosas, importa em primeiro lugar esclarecer porque são estas diferentes daquelas e qual a razão dessa diferença. Deus não faz preferências e exclusões, o que se verificaria se criasse uns predestinados à felicidade e outros obrigados a conquistá-la à custa de rudes provações e sacrifícios. Pelo contrário, a lei é uma só para todos e o fundamento da justiça na aplicação das recompensas e das penas assenta no mérito que advém das obras de cada um em função do seu livre arbítrio. Logo, os que, na idade infantil, sem terem exercitado a vontade em actos conscientes, não tiveram mérito nem demérito, que prémio ou punição podem receber? Esta uma pergunta que jamais encontrou resposta precisa e judiciosa da parte dos teólogos. Ora, segundo o Espiritismo, e a preceito da lei das vidas sucessivas, as crianças só o são na

MENSAGEM DE AMOR E CONFIANÇA

Por FELIX BERMUDES

Voz do silêncio é aquela que não tem som interior e só vibra secretamente no mais íntimo do nosso coração, nos sagrados arcanos da nossa consciência.

Tácita e serena, essa voz maravilhosa dita-nos silenciomente os deveres humanos e aponta-nos, em magestosa calma, o caminho divino.

Para saber escutar essa voz de mistério, é preciso aprender e ficar surdo aos gritos clamorosos da matéria que nos chama e atrai, celebrando em seus hinos ardentes de bacante, os pérfidos encantos das suas formas, o tesouro sedutor das suas riquezas, o prazer inebriante dos seus gozos.

Todas essas sinfonias pagãs cantam aos nossos sentidos os aspectos ilusórios da vida, os quadros transitórios, destinados a cair sob a foice implacável do Tempo, sob a luz reveladora da Verdade.

Para saber escutar a Voz Misteriosa do Silêncio, é preciso primeiro compreendê-lo e partilhar da Paz que envolve os altos mundos.

Transpostos pela nossa percepção os humbrais do Silêncio, começa ele a falar-nos na sua voz de harmonia infinita — a Harmonia Infinita das Esferas.

Então compreenderemos que a Voz desce da orquestra maravilhosa da Unidade e que o silêncio é a renúncia da personalidade separada; então compreenderemos que deve emudecer em nós, afogados para sempre todos os ecos das paixões tumultuosas, todas as vibrações de emoção inferior, para que num silêncio religioso e solene possa fazer-se ouvir aquela Voz subtil.

Por toda a parte essa harmonia entoa amorosamente o Cântico dos Cânticos, e sempre que o silêncio místico se realize em nós, as estrofes desse Cântico serão ouvidas no nosso coração.

Quando, às horas do sol-por, o silêncio e a calma pairam enternecidamente sobre o lago deserto, as flores do nenúfar estão cantando um hino nupcial, casando a vida através do seu pólen; as águas espelhadas cantam o movimento, nas ondulações suaves em que o vento as embala, e a brisa, mansa e meiga, murmura uma oração de paz nas hastes amorosas que o junco ergue para os céus. Mas a doce harmonia dessas vozes, só pode apercebê-la quem tiver dentro de si próprio o silêncio da hora majestosa.

Para bem compreender esta Voz do Silêncio, forçoso é conquistar a discreta virtude do silêncio. Sabendo que, por toda a parte a Vida entôa um hino; que esse hino se traduz na Harmonia perfeita de todas as coisas, cumpre-nos, antes de falar, conquistar a certeza de que o que vamos dizer não irá perturbar essa Harmonia.

A cada instante, os acordes inarmónicos da nossa tagarelice inútil, da nossa maledicência, da nossa crítica intolerante, das nossas expressões irritadas, vão chocar aquela doce harmonia com tão estrídula dissonância, que só a nós próprios conseguimos ouvir e àqueles que connosco se juntam, no infernal «jazz-band» das nossas vibrações inferiores.

Tu, homem irreal que queres ser conduzido à Realidade, homem das trevas, que queres ser guiado para a luz, homem mortal que aspiras a ver-te revelado na Imortalidade, cala-te e escuta! Conquista a virtude do silêncio e aprende a perscrutar, nos profundos arcanos da tua alma, a Voz Infinita do Silêncio!

(da Revista «O Pensamento»)

---

idade física, pois os seus espíritos já viveram e trouxeram as aquisições do passado, conforme o denotam pelas suas tendências naturais que começam a revelar-se na puerícia. A curta duração de suas vidas tanto pode constituir uma provação para os pais como representar para os Espíritos que as animavam o complemento de uma existência precedentemente interrompida. Muitos não deixam de ser aqueles que destruíram a própria vida, abreviando-a criminosamente, e que tiveram de voltar e aqui permanecer o tempo que faltava para concluí-la. O assunto é aliciante e convida-nos a prosseguir.

(Continua)

Notável Confirmação de uma Viagem Astral

do Médium José dos Santos

Tradução de Adelaide Yvone de Sousa

O «Psychic Realm», de Maio último, deu-nos esta interessante notícia com o título que reproduzimos.

«Eis um relato notável da mediunidade de José dos Santos. Conta-nos ele uma viagem astral através do Atlântico até às Índias Ocidentais, a fim de ajudar duas pessoas que são objecto duma obsessão por parte de maus espíritos.

A correspondência relativa a este caso, entre Oxford e Trinidad, foi fornecida pelo «Psychic Realm», de Manchester, e revela como essas pessoas de Trinidad confirmaram a perícia com que Santos viu tudo e o que observou no mundo astral.

O «Psychic Realm» é lido em todo o mundo. Um leitor vivendo em Trinidad (Índias Ocidentais Britânicas) ficou tão impressionado com as notícias de auxílios e curas de obsessões publicadas por este jornal, que se convenceu de que os nossos Espíritos amigos o poderiam ajudar no seu problema referente à intervenção dum mau espírito.

Diz o referido leitor: «Eu estive obsediado durante sete anos, por um ou mais Espíritos, assim como Miss Maunders, uma parenta que vive em minha casa». Isto prova que não há distâncias para os Espíritos. E o leitor continua: «Espero que faça o possível para nos ajudar. É devido a Miss Maunders que eu despertei para o Espiritismo, mas ainda sou demasiadamente novo para me poder ajudar a mim próprio ou a ela», afirmou o Sr. Harol Edward, de Trinidad. E continua a sua carta:

Exorcismo que falhou. — «Várias tentativas de exorcismo foram feitas pelo padre Sebastião a Miss Maunders e a mim, mas sem resultado. Hoje a minha experiência diz-me que a completa expulsão dos maus espíritos é bastante rara. Evidentemente que isto é muito aborrecido e eu não quero tirar a coragem a ninguém que esteja a ser vítima de obsessão. Durante os últimos sete anos procurei incessantemente a cura para o meu mal que era uma *obsessão demoníaca*».

O Sr. Edwards continua a explicar os sintomas físicos, muito desagradáveis, ligados a períodos de obsessão demoníaca, dores e arrepios de frio por todo o corpo, «que causam um efeito como de morte». Miss Maunders suportou visitas muito desagradáveis deste Espírito enquanto estava de cama.

Como o Sr. José Santos tem relatado, para este jornal, vários casos de obsessão, provando que é um perito em viagens astrais, perguntamos-lhe se ele não se importava de ajudar o Sr. Edwards e Miss Maunders.

Ao receber a nossa carta, Santos consultou os seus Espíritos-Guias, e logo foram feitos preparativos para uma visita astral, nessa mesma noite, a Trinidad. Enquanto o corpo de José Santos estava dormindo em Oxford, o seu espírito viajou no seu corpo astral conduzido pelo seu guia até Trinidad.

Magia Negra — «Quando Santos ali chegou descobriu que os dois doentes estavam sofrendo os efeitos da magia negra que, segundo ouvimos de outra fonte, é muito frequente naquela terra.

«Santos baixou numa *bahia chamada S. Pedro,* da qual segue uma estrada em direcção a Port of Spain, onde viu uma quinta *com animais de capoeira.* Ali visitou a rua Markett N.º 10, onde primeiro se manifestaram os maus espíritos. Perto dali havia uma casa de madeira que parecia ser *utilizada para sala de dança.*

O sr. religioso. — «Primeiro, Santos, teve contacto com um Espírito que ele descreveu como *muito insociável* e que o levou a uma outra casa, num lugar chamado Woodbrook. Aí encontrou um segundo espírito, uma senhora de meia idade, que conduziu o grupo à rua Adelaide N.º 31, onde o sr. Edwards e Miss Maunders residem. Santos viu-os a ambos, e depois o grupo astral passou revista à casa. Ele lembra-se especialmente dum retrato dum velho religioso *que tinha desaparecido* em circunstâncias bem tristes, e que esteve fora da Islândia durante algum tempo. Este velho religioso também estava presente como Espírito, e explicou a José Santos como começou a obsessão. Esta foi devida à inveja, e a este respeito deu certos detalhes referentes a uma divisão na família. Então esse velho levou José Santos a um pequeno monte sobre o qual havia *um mosteiro com*

Podemos já atender, nas condições habituais, pedidos dos seguintes livros:

OBRAS DIVERSAS

Como Fazer-se Yogui, por *Swami Abhedananda* — Lendo esta obra ficar-se-á fazendo ideia completa dos livros de filosofia Yogui ..... broch. 30$00

Curso e Iniciação Esotérica — Esplêndido livro para desenvolvimento dos poderes espirituais em lições graduadas ..... broch. 45$00

Dicionário de Ciências Ocultas — Um dicionário útil a todos os estudantes das ciências ocultas ..... broch. 18$00

OBRAS DE YOGUI RAMACHÁRACA

14 Lições de Filosofia Yogui — Belas noções sobre a mais alta filosofia do universo, muito claras e desenvolvidas ..... broch. 48$00

Ciência (A) da Cura Psíquica — Regras para o tratamento mental, psíquico e espiritual, de acordo com as leis naturais e os princípios da cura psíquica ..... broch. 32$00

Ciência Yogui da Respiração — Chave da saúde física e mental, com os mais salutares exercícios respiratórios .... broch. 24$00

Cura Prática pela Água — Aconselha o melhor tratamento para as doenças dos rins e prisão de ventre simplesmente com o uso da água ..... broch. 25$00

Gnana-Yoga — A verdadeira arte de aprender tudo o que se desejar, aproveitando os poderes do homem e as forças da natureza ..... broch. 48$00

Hatha-Yoga — Filosofia do bem-estar físico. Regras para adquirir saúde, beleza física e energia mental ... broch. 45$00

Raja-Yoga — Desenvolvimento mental. Meios de alcançar a mais alta sabedoria. Obra dedicada ao desenvolvimento das forças latentes ..... broch. 45$00

o nome dum santo: mas, infelizmente, Santos esqueceu-se do nome desse santo.

Era um edifício avermelhado, e parte dele estava aberto ao público. Mostraram-lhe um livro de visitantes e alguns cartões postos à venda.

Qualquer coisa que arde. — «Então Santos refere-se a *um negócio escuro,* pedidos de empréstimos, e um aviso dum senhor idoso e religioso, com referência à rua Adelaide N.º 31.

Quando José Santos deixou Trinidad, viu *qualquer coisa a arder,* nos subúrbios.

Por fim, Santos mencionou que Miss Maunders *sofria do olho direito* devido a uma queda quando nova e quando estava a viver com amigas, e que além disso, *sofria duma fractura nas costas,* do lado esquerdo.

Todos estes detalhes estão mencionados numa carta escrita à máquina, datada de 29 de Março, e mandada ao Editor do «Psychic Realm» por José Santos. Esta carta conclue com uma nota mencionando que o caso estava então nas mãos de um Espírito que na terra fora um médico muito conhecido

Convencidos da visita. — «Esta carta foi mandada ao sr. Edwards, com o pedido de que respondesse imediatamente para o «Psychic Realm».

O sr. Edwards respondeu a 7 de Abril e afirmou que devido à exactidão da informação estava convencido de que o sr. Santos os tinha «realmente visitado na sua actual residência, e na anterior».

O nome *Bahia de S. Pedro está certo;* a quinta *com animais de capoeira* (ele deu o nome dela) está situada no lado esquerdo da estrada de Port of Spain; *a casa de madeira existe* e é utilizada para dançar. Woodbrook é um arrabalde de Port of Spain; a descrição da *pessoa insociável* é «alguém que nós conhecemos e que morreu há alguns anos».

A pessoa religiosa do retrato, era o pai do sr. Edwards e *que morreu fora da ilha,* em Santa Lúcia, uma outra colónia britânica. O *mosteiro está no monte de S. Benedito* e tem o nome deste santo. Artigos religiosos, etc., são lá vendidos ao público; foi aqui, que o padre Sebastião tentou exorcisar o espírito obsessor.

Tudo exacto. — «Há uns certos negócios referentes à rua Adelaide N.º 31, como acima se diz. Quatro homens novos, vivendo numa parte desta casa meteram-se numa combinação, e dois deles estão nas mãos da polícia.

É agora o tempo das ceifas e os proprietários fazem fogos de noite nos campos que vão ser ceifados em breve; *por isso Santos viu a iluminação.*

Miss Maunders *tem um aparelho de gesso nas costas.* Ele descreve actividades na visinhança que se podem classificar como magia negra. Tanto ele como Miss Maunders têm sido ameaçados de destruição.

Esta carta que tão exactamente confirma a visita do sr. Santos a Trinidad, foi-lhe agora mandada para continuar a sua benéfica ac[illegible].

O ESPIRITISMO NAS RELIGIÕES

Pelo Coronel DELFINO FERREIRA

I

O tema indicado na epígrafe supra é o que expuzemos, há tempos, no auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo, em conferência promovida pelo Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado bandeirante. Ao elegê-lo, porém, hesitámos ante um outro: «*O Espiritismo e as religiões*», diferente, mau grado a semelhança expressional. É que este impõe definir a posição do Espiritismo face às diversas religiões — assunto que anteriormente esboçáramos já, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, sob o título: «*O Espiritismo no campo das religiões*», pelo microfone de uma das estações radiofónicas daquela capital — ao passo que «*O Espiritismo nas Religiões*», visa assinalar a presença do Espiritismo em todas as crenças da humanidade, tarefa bem mais extensa, mas menos ingrata e, quiçá, mais esclarecedora e construtiva, conquanto oferecendo margem à tão discutida questão de ser ou não religião o Espiritismo, cuja solução, aliás, reside simplesmente em assimilar-se com precisão o sentido íntimo do vocábulo «*religião*», a despeito da fragilidade das definições dicionaristas.

De facto, recorrendo-se aos léxicos, neles encontramos, não uma, mas algumas definições, que, afinal, nada definem, dado cairem, por vezes, em incongruências. Se, de outro lado buscarmos o étimo do vocábulo, ainda aí se deparará uma bifurcação de caminhos. É velha e universal a afirmação de nos vir do latim *Religio* a palavra *religião*. Quando, entanto, procurarmos verificar de onde, por sua vez, deriva o termo *Religio*, há que escolher entre *Religare*, no sentido de «*atar*», «*ligar*» — porque a religião tem por base os laços que unem o homem a Deus, e tal é o pensamento de Lactâncio, St.º Agostinho, S. Jerónimo outros, sem que por isto a Igreja opte abertamente por esta opinião — e *Relegere*, no sentido de «*recolher*», «*tratar com cuidado*» em oposição a *Neglígere*, no de «*deixar de lado*», «*descuidar*» — porque todo o homem religioso zela com o máximo empenho e profundo respeito pelas coisas do seu credo. Esta a opinião de Cícero. Não será, pois, por esse caminho... Exacto, porém,

CORONEL DELFINO FERREIRA

é já se haver tornado clássico o conceito do Espiritismo Ciência, Filosofia e Religião. E, em verdade também, quase só se discute, se lhe buscam negar a feição última.

Vem isto, parece-nos, do facto da religião, mais do que a ciência e a filosofia — que só interessam a élites — interessar a todos por constituir um sentimento inato no homem e sua acção se tornar mais fácil sobre o sentir das massas e, quiçá, de sua inteligência. Por isto mesmo o advento do Espiritismo suscitou neste sector maior número de adversários, uns feridos realmente em suas convicções religiosas, em sua fé, outros, mais numerosos, em seus interesses sectários; e, uma notável maioria, em seus hábitos de crenças... muito embora bem maior revolução haja trazido à ciência e à filosofia. É que o Espiritismo, sem ideia de seita, como luz a iluminar do alto e por detrás de todas as crenças, proporciona à humanidade, ou, mais precisamente, à nossa civilização, conhecimentos que a induzem à concepção e realização da unidade religiosa, tão singelamente apontada por Jesus em seu último e «novo» mandamento, o «*amai-vos uns aos outros*», forma objectiva da Lei «*amar a Deus sobre todas as coisas*», e tradução do ensino mosaico do «*amar ao próximo como a si mesmo*», tendo como directriz de conduta moral a universalíssima LEI ÁUREA: «*Fazei aos homens tudo o que quereis que os homens vos façam*»; lei universal, é certo, mas por Jesus expressa assim em termos positivos, e, daí, de interpretação mais ampla, intensa e profunda do que na forma negativa de Buda, Confúcio, Hiller e outros. No amor ao próximo pelo amor a Deus se resume, aliás, toda a religião, pois o mais — disse-o Hiller — é comentário; ou, no dizer do padre Melinge, política, arte, ciência. Enquanto, porém, a humanidade não elevar a sua zona lúcida à ideia de religião única, sem sacrifício, embora de apresentação e culto diferentes; enquanto não compreender que sob as variadas manifestações existe uma identidade de sentimentos, exteriorisando-se, contudo, consoante o desenvolvimento moral, intelectual e espiritual de cada indivíduo, de cada povo e de cada raça, há-de haver multiplicidade infinita de credos, igrejas e religiões, mais ou menos sectárias, mais ou menos dogmáticas, dividindo os homens ao invés de os unir. Cabe, en-

tão, às consciências mais dilatadas, mais esclarecidas, mais libertadas do preconceito religioso, uma atitude de indulgência, de compreensão. E não é ao acaso — em que não crê — que o Espiritismo deve a herança do lema *Trabalho, Solidariedade* e *Tolerância* legado por Allan Kardec, por sua vez dele herdeiro de Jean Jacques Rousseau, através de Pestalozzi; daí cumprir-lhe, por amor à humanidade, *solidarizar-se* com ela, *tolerar-lhe* os erros e pacientemente, com espírito de fraternidade, que é forma de tolerância — *trabalhar* no sentido de, gradualmente, despertar-lhe, activar-lhe o raciocínio, esclarecer-lhe a consciência, iluminando-lhe, enfim, a razão para criar-lhe, por último, uma fé que possa encarar essa razão face a face, qual caracterizou Kardec a fé verdadeira.

Quando, pois, houver assimilado os ensinamentos desse Movimento Cultural, dessa *doutrina de tríplice e indecomponível aspecto:* científico, filosófico e religioso, que é o Espiritismo, o mundo terá o verdadeiro senso de que única deve ser a religião, como única é a moral, única a verdade, único o amor, única a própria ciência, a que essa religião se aliará, fundindo-se, depois, com ela na forma de *Religião Científica,* ou *Ciência com Deus.* Perceberá, então, que o Cristianismo não foi feito religião por Jesus de Nazaré. Nem o Budismo por Gautama. Que Deus não é objecto de fé, como não o é de crença religiosa, nos termos em que a quase totalidade da mentalidade humana compreende a religião. Então haverá um só evangelho: o *Evangelho Universal,* evangelho do amor, porque é o da compreensão. A religião se apresentará, assim, despida de toda a eiva materialista. Será única porque único será o seu objectivo: *amar a Deus amando a criação, e nesta, acima de tudo, o homem, sua mais alta expressão.* Daí o encontrarmos como marcante: no budismo, a fraternidade; no israelismo, o amor ao próximo como a si mesmo; no cristianismo, o mesmo preceito em nova forma de expressão, de sentido mais cristalino: «*Amai-vos uns aos outros*»; no islamismo, o amor ao homem, etc.

Impossível?... A ciência e a história das religiões nos mostram que não, examinados os fundamentos e as origens das crenças da humanidade. Em seu estudo observamos que, à parte consequências de apuramento de civilizações, donde, até certo ponto, o seu reflexo na forma dos cultos e cerimoniais, há no fundo um sentimento inato no homem, que o Espiritismo apresenta como uma das leis naturais: a de adoração. Esta lei é que desperta no homem o sentimento de Deus, donde haver sociedades sem ciência, sem arte, sem filosofia, mas não sem religião, como o recorda Bergson, repetindo um pensamento de Kardec, exposto no «Livro dos Espíritos» e segundo o qual, «*se há homens ateus, nunca houve povos*».

Recorrendo, então, a esse passado da humanidade, percorrendo, até onde o possamos fazer, todas as crenças que ela tem professado, encontraremos por toda a parte e em todos os tempos a religião manifestada através multiformes aspectos, de tal modo, porém, interessando o homem e mesmo o apaixonando, mais pelo que lhe vai oferecendo de exterioridades, de sedução dos sentidos físicos e no âmbito, sobretudo, dos seus interesses de ordem material, particular, pessoal, do que por seus reais fins e essência, que perdeu o seu verdadeiro sentido, — o em espírito e verdade, dando lugar às «*religiões*», na base das quais, não obstante, permaneceu a unidade da fé. Justamente esta unidade é que o Espiritismo sintetisa e busca difundir, estabelecendo a racional concepção de *Deus Espírito,* Força Sabedoria, Justiça, *Amor,* em suma, que, no âmago de todas as religiões, esplendeu no ensino do Cristo.

Recordarmos, portanto, sucintamente, como o Espiritismo, por sua doutrina e sua fenomenologia, está presente em todas as crenças da humanidade, antigas e modernas, mortas e vivas, destarte patenteando-se tão antigo na face da Terra quanto o homem, seria nosso escopo nesta tese. A extensão do empreendimento, todavia, nos leva a limitarmo-nos ao campo das grandes religiões actuais, e, assim mesmo, em suas linhas gerais, sem atendimento às suas ramificações particularistas.

Comecemos pela Índia, para muitos, como para Jacolliot, berço de todas as religiões e de todas as filosofias. Aí encontramos o Bramanismo envolto em sua, muitas vezes, milenária tradição e cujo fundo a nossa mentalidade de ocidentais não alcança, e onde a nossa ancestral ignorância nada percebe senão fantasias e aberrações, tudo analisando apenas pela superfície, confundindo símbolos e ideias, de que zomba, numa crítica destrutiva, cega pelo preconceito de que sòmente a nossa religião é verdadeira. E de tal ordem é a cegueira que não nos deixa constatar nas demais crenças, porque não nos movemos à comparação, a profunda analogia com muito do que forra as nossas. Do Islamismo, por exemplo, nascido do mesmo tronco que o Cristianismo, que sabemos? Pouco mais do que Mahomé maldizer o toucinho... Entanto, neste particular mesmo, a nosa velha Bíblia, pelas leis mosaicas, igualmente malsina a carne de porco, proibindo ao povo o seu uso, como a de outros animais. Em Moisés, porém, isto é ordem de Deus... mas em Mahomé, é objecto de zombaria. É assim, em regra, a conduta do homem religioso face às religiões de outrem. E não queremos referir aqui ao nascimento virginal de Crisna e de outros fundadores de religiões do passado, que recusamos como absurdo... Parece, em tudo isto, que a fé mata o entendimento, ou o entendimento mata a fé, conforme nos encontremos no círculo de crenças nossas ou alheias... Talvez por isto haja Latino Coêlho concluído pela existência de, apenas, duas religiões: a da fé e a do entendimento. No dia entanto, pensamos nós, em que as duas se fundirem, teremos a verdadeira religião, aquela que se baseará numa fé perante a qual a ciência não sorria e a razão se satisfaça.

Vejamos, porém, sintèticamente, joeirando em suas várias seitas, os fundamentos da fé indú:

I — Crença em um Ser Supremo: Brahman (com «n» final), considerado o Eterno, Absoluto, Infinito, Único, Indivizível. Concebido *fora de toda a Causa, do Tempo, do Espaço,* correspondendo, assim, ao nosso conceito de Incriado, por Si gerado. Todavia, como *Pensamento Eterno* que é, Brahman, num acto de sacrifício — portanto, de amor — *limita-se* e, vibrando, torna-se Brahma, (sem «n» final). É agora o Criador, Deus pessoal, *emanado* de Brahman, o Absoluto. É a sua primeira emanação, primeiro aspecto da Trindade Védica, a *Trimurti,* tendo por símbolo o sol. (Integram os outros elementos dessa Trindade: *Vishnú,* seu segundo aspecto, o Conservador, o Salvador da humanidade, tendo por símbolo a água; e *Shiva,* terceiro aspecto, o Destruidor, simbolizado pelo fogo).

II — Crença na alma, oriunda de Deus, naturalmente de *Brahma,* e admitida imortal e evolutiva. Perfectível, na linguagem espírita.

III — Tem por *símbolo* uma cruz, a *Swástica,* que cumpre não confundir com a *Sawástica,* adoptada pelo nazismo, dizem os ocultistas

que por engano, em lugar da anterior.

IV — Oferece por *síntese* o princípio da *Vida Imanente*, ou seja permanente em tudo, lembrando o de *Vibração Universal* da doutrina espírita.

V — Tem por *característica* o lema *Dever e Liberdade*, talvez melhor dito *Dever de Liberdade*, dado constituir, para o adepto, uma obrigação o conquistar essa liberdade, alcançável pelo *Conhecimento que mata a Ignorância*. Por isto proclamam: «*Enquanto a alma não atingir o necessário grau de conhecimento, transmigra de corpo em corpo, purificando-se*». Iniludìvelmente reside neste preceito o mesmo princípio reencarnacionista com a sua finalidade objectiva, defendido pelo Espiritismo; e também a lição do Cristo: «*Busca a Verdade e a verdade te libertará*».

VI — Em toda a história das religiões da Índia ressalta magnífica figura: É *Crisna*. Tão interessantes são os pontos de contacto e semelhança entre aspectos de sua vida e da de Jesus, que adversários do Cristianismo acusam os cristãos de haverem atribuído a Jesus episódios da vida e ensinamentos da Crisna, ao passo que outros afirmam haverem os induistas interpolado na deste, factos da vida e ideias do Rabi galileu.

Colhamos dos *Puranas*, aditamento aos *Vedas*, como na Bíblia o Novo Testamento é aditado ao Velho, alguns dos ensinos de Crisna:

1 — «*Quando a verdade declina e a impiedade se propaga na face da Terra, EU ME ENCARNO para vir salvar a humanidade*».

2 — «*Eu estou em cada religião como o fio de um rosário*».

3 — «*Por qualquer caminho que o homem a mim se dirija, eu o recebo, porque todos os caminhos são meus*».

(Recordemos haver Jesus afirmado:

«Eu sou o Caminho»... «Ninguém vai ao Pai senão por mim»...).

4 — «*O corpo, envoltório da alma que faz dele sua morada, é uma coisa finita; mas a alma, que o habita, essa é incorruptível, imponderável e eterna*».

Nestes ensinamentos de Crisna encontramos os do Cristo compreendidos à luz do Espiritismo. Não descemos a comprová-lo para não nos alongarmos ainda mais e ainda porque os leitores vão percebendo e sentindo, naturalmente, os pontos de contacto, ou semelhança.

Também a exemplo de Jesus vamos, na vida de Crisna, vê-lo, como aliás o fizeram igualmente Buda e Sócrates, a dialogar com seus discípulos. Assim, certa vez, um deles, Arjuna, talvez o «discípulo amado», indagou: — «*Qual, finalmente, o destino da alma depois da morte? Obedece sempre à mesma lei ou pode furtar-se à sua acção?*»

Teria sido isto no decurso de uma explanação sobre a lei kármica. E Crisna respondeu:

— «*Não se lhe furta nunca; obedece-lhe sempre. Reside nisto o mistério dos renascimentos*». E acrescentou:

— «*Como ao raiar das estrelas se abrem as profundezas do céu, assim as profundezas da vida se abrem ao raiar desta verdade*». E após maior dissertação sobre tão importante tema, ajuntou:

— «*Escuta um enorme e profundíssimo segredo*, (Jesus diria: «mistério do reino dos céus»...) *o mistério soberano, sublime e puro: Para se chegar à perfeição impõe-se conquistar a ciência da unidade, que está acima da sabedoria; é mister elevar-nos ao Ser Divino que está acima da alma, mais alto mesmo que a inteligência. Esse Ser Divino, esse AMIGO SUBLIME existe em nós próprios, está dentro de cada um de nós. Sim, porque Deus reside no interior de cada homem, MAS POUCOS SABEM ENCONTRÁ-LO. Eis nisto o verdadeiro CAMINHO DA SALVAÇÃO. Uma vez que te tenhas apercebido de que o Ser Supremo estando acima do mundo está igualmente em ti mesmo, abandona o inimigo que se disfarça sob a forma do desejo; domina as tuas paixões: os gozos que os sentidos procuram correspondem a desgostos futuros. NÃO BASTA SIMPLESMENTE FAZER O BEM. É PRECISO SER BOM. Que o motivo da bondade esteja nos actos e não nos seus frutos. Renuncia aos frutos de tuas obras e faz de cada acção tua uma oferenda ao Ser Supremo. O homem que faz sacrifício de seus desejos e de suas obras ao Todo Poderoso, do qual procedem os princípios de todas as coisas e por quem o Universo há sido formado, obtém por esse sacrifício a Perfeição. Unido espiritualmente a ele atinge essa sabedoria QUE ESTÁ ACIMA DO CULTO E DAS OFERENDAS, e experimenta uma felicidade divina. Porque aquele que encontra em si mesmo a felicidade, é uno com Deus*».

(Tudo isto, com outras palavras, o Cristo ensinou; igualmente Buda. E o Espiritismo reedita).

Até aqui a doutrina. Agora alguns factos:

Por duas vezes Crisna se transfigura aos olhos dos discípulos. Potente luz irradia de seus olhos. Seu rosto resplandece de tal modo que os discípulos caem com a face em terra. É o mesmo fenómeno espírita, raro embora, que vemos realizado por Jesus diante de seus três maiores médiuns: Pedro, João e Tiago.

A fenomenologia espírita se prolonga neste mesmo episódio vivido por Crisna. Está evidente quando Arjuna exclama: «*Mestre, não podemos sustentar a vista DO GRANDE SER* QUE TU EVOCAS *aos* nossos olhos». Responde Crisna:

— «*Escutai o que ELE VOS DIZ POR MINHA BOCA...*» e segue-se outra lição, agora sobre a reencarnação.

Das palavras últimas de Crisna depreende-se que não ele, mas alguém fala por seu lábios; conclue-se ser ele médium de uma alta entidade em que Arjuna reconhece um «Grande Ser»... E vem aqui a propósito lembrar que para a Índia, Crisna foi um *Avatar* de Vishnú, o oitavo, conforme certas afirmativas, tendo sido Vyasa o primeiro. E atentemos em que Vishnú é o segundo elemento da Trindade Védica. E foi Vishnú, depreende-se, quem falou pela boca de Crisna...

Finalmente, na vida de Crisna são também comuns as predições, os êxtases, sonhos premonitórios e visões, hoje simples fenómenos naturais, explicados pelo Espiritismo e comuns a muita gente, sem nada de sobrenatural ou milagroso.

Ainda na Índia vemos nascer o *Budismo* cinco séculos antes de Cristo e nove depois de Crisna, que viveu, portanto, 1.400 anos antes de Cristo.

O Budismo surge do Brahmanismo, como do Judaismo o Cristianismo.

Seu fundador é um príncipe, *Sidharta Gautama*, o Buda, ou seja, o Sábio, o Iluminado. Um dia, revoltado com a desigualdade reinante entre os indús, sobretudo ante a situação dos párias dentro do regime de castas, renuncia à sua posição, deixa o palácio, a família, e fazendo-se asceta entra a pregar uma doutrina de fraternidade, baseada na igualdade dos homens.

(Continua)

III

EXORTAÇ

por "IRM

Jesus, no seu sacrifício, pregava às gentes hirsutas que o conspurcavam e baniam da sociedade humana, que orassem e velassem pelos seus filhos: «Não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós e vossos filhos».

O povo conspurcava-o, mas ele, na sua magnificiência espiritual, rogava que velasse cada um por si, e não O lamentassem!

Ora, ai está uma das obras mais belas de Jesus: PERDOAR!

Na essência divina, perdoar é o melhor e o mais firme reflexo.

Claro que, para perdoar, não basta esquecer as injúrias ou os agravos sofridos; urge que elevemos uma prece ao Alto a implorar protecção e piedade, para aqueles que nos ofendem!

Os homens julgam que, perdoar, é dizer que se não quer mal; é lamentar o inimigo, com palavras nem sempre acres, nem sempre boas, que saiem do espírito magoado e perturbado.

É necessário que se faça Luz nos espíritos injuriados e todos nós as sofremos, na caminhada íngreme da vida!

Irmãos, velai por vós próprios e deixai que os vossos semelhantes vos enxovalhem!

Olhai para a atmosfera interior do vosso próprio Espírito.

Se estiver tranquilo, como céu azul em dia sereno de Primavera, é sinal de que não sofre e, pelo contrário, está velado na Luz de Deus, disposto a sofrer toda a classe de injúrias, sem revolta! É sinal de que a depuração está em franca ascensão. Louvai o Senhor. Louvai-O nas Suas glórias eternas, porque o vosso Espírito, já se habituou a perdoar!

Se olhais para o vosso clima espiritual e o vêdes agitado e tempestuoso, tomai conta, tende cuidado, porque o vosso Espírito precisa de assistência na Fé e na vida de relação! Deveis, portanto, lamentar-vos, cientes de que chegará o vosso dia luminoso. Ele chega sempre para aqueles que o procuram e desejam!

É, pois neste facto da vida, tão importante e tão banal, que reside a essência do perdão, ou seja o germe do amor e da clarividência.

Para perdoar não basta atirar ao vizinho as pedradas da vossa benevolência insolente e exaltada.

É preciso perdoar com amor, com discreção, como se não tivesse acontecido nada de especial em nossas vidas.

Perdoar com singeleza, com pureza de coração, eis o que Jesus nos ensina, não só nos Evangelhos, produto da obra de Seus Discípulos, como também do Seu Exemplo nobre e edificante!

Jesus mostra-nos que devemos perdoar setenta vezes sete, porque também erramos outras tantas vezes.

E sabe Deus que conta astronómica não é a soma dos nossos erros, em cada passagem no planeta de depuração e martírio!

Sabe Deus quantas contas teremos que ajustar ainda, no rol imenso de nossas iniquidades e de nossos crimes!...

Quantos mal-entendidos desnecessários, quanto atraso espiritual, só porque o mundo ainda não aprendeu a doutrina de Jesus, em que o primeiro versículo é amar ao próximo como a nós mesmos, depois de amarmos a Deus sobre todas as coisas!

Quanta guerra inútil, quantas encarnações perdidas, só porque o homem não aprendeu a Amar e a Perdoar!

Pobre daquele que fecha o coração à mágoa exagerada do vizinho que, na sua pobreza de sentimentos, o agrediu, talvez por ignorância ou completa ausência de conhecimentos cristãos!

Vós, que vos dizeis cristãos; vós, que acreditais na existência do Espírito e numa vida transcendente a esta, perdoai humildemente aos vossos inimigos! Sede vós os primeiros a estender a mão, como irmãos.

Não vos julgeis superiores se souberdes perdoar; não vos julgueis sem mácula, se souberdes amar os vossos inimigos. na

ÕES À LUZ

CESAR''

terra. Não há glória que não tenha pecado! Alcançar o meio termo das coisas é o maior problema do homem.

Não vos julgueis limpos de mácula, mas simplesmente cristãos!

Julgai que sois os mais dilectos filhos de Deus, mas também os mais fracos e os mais pusilânimes, que mais necessitam de estudo e amparo!

Limitai-vos simplesmente a perdoar.

Não julgueis que isso vos franqueia o Reino da Luz; se é uma escada que nos conduz, não é a chave que nos abre a porta. A chave é o «controle» completo de nós próprios, é a beleza das mais rutilantes virtudes, das mais lindas flores espirituais!

Reparai que tudo na terra tem fim!

E reparai também, que só as flores espirituais perduram, não secam jamais, porque são tratadas e cultivadas pelo Divino Semeador, pelo mais sublime jardineiro, no altar do nosso Espírito.

É necessário que o nosso ambiente interior seja ameno, para que as delicadas flores floresçam e vivam.

Se é glacial e áspero, murcharão à falta de calor!

Se é tórrido de paixões e vícios, morrerão à míngua de brisa fresca e de água viva!

Eu explico:

O clima glacial é a aspereza de coração, a maldade, a crueldade, a baixeza humana nos seus vícios e nos seus crimes!

O clima tórrido é a sensualidade, a morbidez de Espírito, a ganância, a inveja, o ódio e o ciúme!

Devemos, pois, ter cuidado com o nosso ambiente espiritual. Temos um termómetro infalível: a CONSCIÊNCIA, essa luz divina que se não apaga, embora amorteça às vezes à falta de oxigénio racional e pareça que vai fenecer! Porém, na hora derradeira, Jesus vem mansamente reanimá-la. Dá-lhe um impulso forte e ao mesmo tempo tão suave, que quase não se dá por Ele.

Cuidado, irmãos, cuidado!

Esse ambiente deve merecer-nos muito cuidado. Devemos diligenciar para que seja cada vez mais ameno, cada vez mais suave e temperado, para que nele possam viver e florescer as mais belas virtudes que os humanos aprendem de Jesus, em imitação constante e eterna de Quem nos salvou da borrasca da inferioridade humana.

Coragem! A hora chegará para todos. Se, para alguns o que digo é fantasia romanceada, para outros será bálsamo de corações doloridos, Luz rediviva da FÉ no rochedo incerto e perigoso da Terra!

Deveis lamentar-vos pouco!

Habituai-vos (isto é para todos) a compreender que não viveis entre gente simples e feliz e que não sois os únicos queixosos! Lembrai-vos de que todos sofreis penas atrozes, transportando aos ombros uma cruz de erros acumulados em séculos de séculos!

Resignai-vos!

Fazei que dessa cruz de sofrimentos brilhe a Paz de Deus e o Amor de Jesus, que o mesmo é dizer, amar todos os semelhantes!

Ninguém deve dizer que ama Jesus, tendo ódio no seu coração.

Amar a Jesus é amar a todos indistintamente, amigos e inimigos! É amar com condescendência aos que se cruzam connosco na vida e que foram as ferramentas com que o Senhor se serviu para podar a nossa vinha espiritual, mal tratada e mal adubada!

Coragem, pois! Mãos à obra!

O Senhor Deus vos espera; o Cristo vos chama!

Cada um de nós é uma partícula do Ser Supremo e uma angústia de Jesus, que vos espera ansiosamente como um Pai amoroso espera o filho na praia, vendo-o debater-se no mar furioso, onde as vagas dos sentimentos são as mais alterosas!

Jesus ama-vos sem excepção de classe, idade, ou credo.

Ama-vos, porque cada um de vós é uma gota do seu martírio.

Cada um que se perde, faz sangrar o

Seu coração. Como um pai que perde um filho num naufrágio, impotente e triste por não o poder amparar na luta contra o mar que o venceu. Não para sempre mas até que seja colocado noutra barca e, com a experiência adquirida, possa triunfar das ondas do seu destino!

Se tiver por guia a FÉ, e Deus por farol, será mais fácil. Se não olhar para o farol, e baixar os olhos para as ondas caudalosas e ameaçadoras, estas lhe meterão um pavor de tal modo, que será ele próprio que se lhes entregará vencido e louco de medo e desespero!

Olhai sempre para cima, meus Irmãos!

Olhai, que o farol da vossa FÉ nunca se apague!

Olhai sempre para Deus, e nunca para a sociedade em que viveis! Dai-lhe só a atenção que merece, e não demasiada! Olhai para o mundo com a cautela de um marinheiro deve ter, quando vê o mar bravio e revoltoso!

Lembrai-vos que Deus vos espera e Jesus vos chama!

Nada de desânimos, nada de desalentos inúteis e perigosos!

Saiba cada um velar por si, sem esquecer que amar a Deus é um preceito de fé, e amar ao próximo é um preceito de caridade. E sem caridade não há salvação!

Lembrai-vos de que Jesus também vos perdoa!

Nós seremos mais do que Ele?

Seremos tão orgulhosos mesquinhos, que nos vamos supor acima de Jesus?

Não. Ele deve ser o Astro-Rei,no clima do nosso Espírito.

Sem Ele não poderemos aquecer o clima glacial do nosso Eu! E com Ele à Sua semelhança, tudo será ameno, tudo será Paz e Amor!

As flores virtuosas serão tocadas, levemente pela brisa do Mundo hórrido e pusilânime, mas sem as cortar da haste onde estão robustas e firmes!

Saibam todos vós, cada um de vós, compreender as minhas palavras, e compreender quanto vos quero dizer, e quanto vos amo um a um à semelhança do Cristo Salvador.

Vosso amigo de sempre:

CÉSAR

O FARDO

«Cada qual levará a sua própria carga»

Paulo - Galatas, 6:5

«Quando a ilusão te fizer sentir o peso do próprio sofrimento, como sendo excessivo e injusto, recorda que não segues sòzinho no grande roteiro.

Cada qual tolera a carga que lhe é própria. Fardos existem de todos os tamanhos e de todos os feitios:

A responsabilidade do legislador.

A tortura do sacerdote.

A expectativa do coração materno.

A indigência do enfermo desamparado.

O pavor da criança sem ninguém.

As chagas do corpo abatido.

Aprende a entender o serviço e a luta dos semelhantes para que te não suponhas vítima ou herói num campo onde todos somos irmãos uns dos outros, mùtuamente identificados pelas mesmas dificuldades, pelas mesmas dores e pelos mesmos sonhos.

Suporta o fardo de tuas obrigações valorosamente e caminha.

Do acervo da pedra bruta nasce o ouro puro.

Do cascalho pesado emerge o diamante.

Do fardo que transportamos de boa-vontade procedem as lições de que necessitamos para a vida maior.

Dirás, talvez impulsivamente: — «E o ímpio vitorioso, o mau coroado de respeito, e o gosador indiferente? Carregarão, porventura, alguma carga nos ombros?».

Responderemos, no entanto, que, provàvelmente, viverão sob encargos mais pesados que os vossos, de vez que a impunidade não existe.

Se o suor te alaga a fronte e se a lágrima te visita o coração, é que a tua carga já se faz menos densa, convertendo-se, gradativamente, em luz para a tua ascensão.

Ainda que não possas marchar livremente com o teu fardo, avança com ele para a frente, mesmo que seja um milímetro por dia...

Lembra-te do madeiro afrontoso que dobrou os ombros doridos do Mestre. Sob os braços duros do lenho infamante, jaziam ocultas as asas divinas da ressurreição para a divina imortalidade.

Emmanuel»

(Página recebida pelo Médium Francisco Cândido Xavier).

NOSSOS IRMÃOS INFERIORES

por CYRILO ALEIXO

Terão alma os animais?

Se fosse levado a efeito um inquérito neste sentido, avultariam, provàvelmente, as respostas negativas, tão arreigada é a crença de que só os humanos são animados de fogo sagrado, não passando os restantes seres da criação, de verdadeiros desertos anímicos.

Quem tudo vê pelo prisma da parcialidade e das concepções pessoais, considera os chamados irracionais como seres àparte na natureza, a quem faltam todos os atributos, embrionários que sejam, dos racionais, condenados por isso, a uma perpétua inferioridade.

Erguendo-nos, porém, acima das vãs aparências, para além dos limites traçados pelo orgulho e pela presunção, bases da nossa vulnerabilidade, temos de convir numa obra mais justa e mais perfeita, que melhor honre e dignifique o seu Autor.

A lei é uma só, não admitindo excepções de espécie alguma, porque o Foco Original é infinito em suas perfeições e toda a criação, como produto Seu, está sujeita à mesma lei de progresso incessante, num crescendo empolgante para o glorioso destino de identificação com o Incriado.

Mas à vaidade humana convém mais uma outra Teoria, que melhor se coadune com a sua jactância e vã superioridade, nesta ilusão de sermos produtos àparte na natureza, sem qualquer ligação, portanto, com os restantes seres que a constituem.

E porque criaria Deus uma outra fauna assim tão numerosa?

Sòmente para nos regalarmos com a sua carne, pele e outros produtos e servir de alvo a instintos sanguinários?

De tal forma o homem se habituou a considerar-se um ser superior, uma espécie de semi-Deus, que acha muito natural lhe sejam prestadas todas as honras devidas ao seu elevado título de rei da Criação.

Não admira, portanto, que Deus houvesse espalhado pelos quatro cantos do mundo as mais diferentes espécies animais, para seu regalo e conforto.

Mas daí à realidade, vai um grande abismo e como Deus nada fadou à cristalização eterna, sem, portanto, qualquer possibilidade de melhoria, segue-se que, todas as restantes espécies são, como nós, impelidas para uma finalidade comum: Evolução.

Morrer, renascer, progredir sempre, eis a lei máxima que rege todos os reinos da criação, lei admirável, que bem define a superior essência do seu Autor.

Ir do simples para o complexo, dos baixos para as alturas, das trevas para a luz, são perspectivas que, longe de nos apoucarem, nos devem encher antes de sadio orgulho, pelo esforço e trabalho dispendido nessa obra tão difícil como grandiosa.

Acaso o sábio ou o artista se sentem amesquinhado com a ideia de ter sido simples colegial, ou um atleta, de ter sido frágil e embalado em braços amorosos?

Não será antes motivo de satisfação contemplar-se o caminho percorrido do nada ao estado actual?

Pelo menos, há mais merecimento numa obra levada a efeito à custa do nosso labor, do que ostentar-se uma posição, para a qual se não trabalhou.

Assim, também, que importa termos transitado pela fieira animal durante longos e duros tirocínios, se tal condição se impunha, para atingirmos o reino hominal?

Era preciso, primeiramente, que o espírito conquistasse a fase instintiva, para se consagrar inteiramente, depois, à delicada tarefa do desenvolvimento moral e intelectual.

Quão laboriosa não foi essa aquisição, através de uma infinidade de formas, em luta permanente com as forças do meio ambiente! Luta titânica mas abençoada, de porfiadas aprendizagens, lenta e para sempre fixadas no perispírito, sob a forma de instintos!

Das massas gelatinosas originais às admiráveis organizações presentes, depois de ter usado as vestes das amebas, moneras, medusas, crustáceos, peixes, batráquios, repteis e finalmente dos mamíferos, que longa série de lutas e adaptações, de alegrias e de dores, para o embrião divino poder extrair de seu âmago os inexgotáveis recursos nele contidos!

Os primeiros alvores animais não marcam o início do ciclo evolutivo, porque antes, num pretérito remoto, tivemos de percorrer a escala vegetal, depois de termos emergido do plano material, onde a fase

involutiva da criação nos havia colocado.

À luz destas mal conhecidas verdades, em que longe de nos sentirmos inferiorizados, nos invade o orgulho dos herois, é-nos fácil reconhecer que a única diferença entre os componentes dos diversos reinos da natureza, consiste na maior ou menor extensão do caminho percorrido, nada mais.

Para quem viva na ilusão de que os nossos irmãos inferiores se acham afastados de nós por distâncias incomensuráveis, ou que são seres condenados a eterna inferioridade, vamos narrar várias manifestações inteligentes por parte dos animais, citadas por Gabriel Delanne, o grande pioneiro das verdades eternas, na sua notável obra «A Reencarnação».

HANZ, cavalo suíço, dava sinais de certa inteligência, que Wilhelm Von Osten resolveu cultivar. Após infatigável trabalho, conseguiu fazer-se compreender pelo referido animal, que se tornou capaz não só de contar, por meio das patas, como também de resolver pequenos problemas e de efectuar vários cálculos.

A sua habilidade chegou, porém, mais longe, pois conseguiu aprender a ler e a indicar a data dos respectivos dias da semana.

Com dois cavalos árabes, um outro experimentador conseguiu que ao cabo de treze dias, executassem pequenas adições e subtrações e pouco tempo depois, que compreendessem o francês, o alemão, extraissem raízes quadradas e cúbicas e um deles, aprendesse a soletrar palavras pronunciadas na sua presença.

Para prevenir o fenómeno de transmissão de pensamento, ou de qualquer acção telepática, as perguntas eram apresentadas em envelope fechado, cujas soluções os assistentes ignoravam e às quais os inteligentes cavalos davam respostas exactas.

Conta o mesmo experimentador, que, muitas vezes, quando ia à cavalariça, ficava estupefacto, por o seu poney lhe transmitir frases inteiras, por meio de pancadas dadas com uma das patas.

Nessas frases, aquele animal relatava ao dono, o que de mais importante se passava na sua ausência. Assim, certa ocasião, referindo-se a um criado de nome Alberto que havia batido num dos cavalos da cavalariça, o inteligente animal fez a seguinte acusação: «Alberto bateu em Haenschen». Numa outra altura, a acusação recaiu naquele seu colega, que havia mordido num outro cavalo: «Haenschen mordeu Kama».

Outras vezes, quando lhe era apresentado algum novo problema para resolver e não estava disposto a tal, acabava por soletrar com a pata: «Eu fatigado».

Narra a Sr.ª Moekel o seguinte, acerca de um cão, de nome Rolf, que possuia: Duma ocasião estava essa senhora a dar lição a uma filhita, a qual não havia forma de efectuar o cálculo $2 + 2$, quando, após ligeiro correctivo, reparando na insistência com que o animal a fitava, não resistiu à tentação de, por brincadeira, lhe perguntar quantos eram $2 + 2$.

Com grande espanto da dona, que até aí não havia suspeitado da esperteza do animal, este respondeu de forma exacta, batendo com a pata quatro pancadas, no braço daquela senhora.

Admirada com o resultado, perguntou-lhe então quanto eram $5 + 5$ e a resposta foi dada prontamente, por dez pancadas. Em seguida e de experiência em experiência, verificou que o animal executava com facilidade e sem erros, adições, subtrações e multiplicações.

São de Rolf ainda, as seguintes manifestações extraordinárias:

Perguntando-se-lhe o que significava a palavra Outono respondeu soletrando: «O tempo em que há maçãs», porque nessa altura, era costume darem-lhe maçãs assadas.

Doutra feita, quando a Sr.ª Moekel chorava por sua filha ter sido internada num colégio, Rolf, aproximando-se, ditou por pancadas, esta frase extraordinária: «Mamãe, não chora; isto faz mal a Rolf».

Certa ocasião, o Dr. Mackenzie perguntou-lhe de que mais gostava, ao que o animal respondeu, sem hesitação: «Comer salmão de fumeiro».

No intuito de aquilatar o seu discernimento, o mesmo experimentador mostrou-lhe uma gravura, representando um cão rasteiro, ao que Rolf respondeu: «Um cão». Perguntando-lhe em que diferia dele, respondeu imediatamente: «outras patas».

Doutra ocasião, falando-se de pessoas incrédulas quanto ás manifestações de Rolf, este, que estava presente, bateu imediatamente: «São burros».

Uma das respostas mais interessantes dadas por aquele animal, foi a que a Sr.ª Moekel obteve, quando lhe perguntou como conseguiam os cães entenderem-se uns com os outros: «Latir, mover a cauda, ver também movimentos com a boca».

Segundo declarações dos respectivos experimentadores, os animais têm como nós, dificuldades na execução de trabalhos mentais, fatigando-se,

BEM SOFRER

Aprendendo a sofrer, mentaliza a Cruz do Mestre e medita.

Ele era Senhor e fez-se escravo.

Era Grande e fez-se pequenino.

Era a Luz e não desdenhou a imersão nas sombras.

Era o Amor e suportou, valoroso, o assédio do ódio.

Quem o contemplasse de pé em Jerusalém, no dia da grande flagelação, decerto identificá-lo-ia como legionário em extrema derrota.

Suas pregações haviam encontrado a animadversão do Sinhédrio, sua doutrina categorizava-se por abominável heresia, seus sonhos de confraternização pareciam aniquilados, seus beneficiários e companheiros vagueavam desiludidos e, por único testemunho de reconforto, entre as chagas da morte, não encontrava senão a piedade e o entendimento de um ladrão comum...

Mas quem fixasse com Cristo a multidão, do alto da cruz, reconhecer-lhe-ia a condição de herói vitorioso, porque para o seu olhar a turba fanática não passava de irmãos necessitados de auxílio.

Ele viu a cupidez em sua figuração de miséria, o ódio em seu facies de treva, a ilusão em seu manto esburacado de fantasia e percebeu todas as falhas dos perseguidores à maneira de moléstias do espírito, sob a máscara de dominação e alegria...

E sentiu apenas a grande compaixão que lhe coroou o espírito divino com a paz inalterável.

Se nos propomos assim bem sofrer, procuremos reparar do cimo de nossa cruz aqueles que jornadeiam connosco, carregando madeiros mais pesados que os nossos, acendendo a fraternidade no próprio coração, afim de que não estejamos órfãos de entendimento.

Compadece-te e ajuda a todos!

Compadece-te daquele que se fecha no oasis do lar, entronizando o egoismo e compadece-te daquele que por não possuí-lo se compraz na revolta! Compadece-te dos fortes que oprimem os fracos e dos fracos que hostilizam os fortes!...

Derrama o tesouro que o Mestre te confiou por bênçãos de bondade ao longo do caminho e serás auxiliado por aquele a quem auxilias, tanto quanto serás curado pelo doente a quem socorres.

De seu madeiro de sacrifício, Jesus nos ensina a aquisição das bemaventuranças...

Para bem sofrer, é preciso saber amar e, amando como o Cristo nos ama, encontraremos na Terra ou no Céu a luz interior que nos reunirá para sempre à glória da Vida Eterna.

EMMANUEL

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

por vezes, grandemente, com a solução dos problemas.

É natural que os casos citados causem surpresa a certas pessoas, no entanto, foram, como muitos outros, observados e controlados por vários homens competentes, que acabaram por se render à evidência.

Diz o Dr. Bérillon e com razão em «As memórias topográficas e a capacidade de calcular nos animais»: «Os animais, cujo sistema nervoso apresenta como o do homem tanta analogia de estrutura e de morfologia, não são autómatos, despidos de consciência, de inteligência e de raciocínio, como bons espíritos se comprazem em apresentá-los. Esforços de amestramento e educação, idênticos aos que se aplicam no ensino às crianças, dariam, seguramente, depois de certo tempo, resultados inesperados».

Assim, os nossos irmãos inferiores devem merecer-nos toda a estima e simpatia, auxiliando-os na sua penosa marcha para o reino que ora ocupamos, tal como seres ultra-humanos nos auxiliam, também, nesta ascenção para o reino Angelical.

De mãos dadas, em auxílio fraterno,venceremos melhor a distância que nos separa do Alvo final.

ECOS DE U

Por ISIDORO

UMA VISITA À

Após aquela viagem histórica de Campos a Niterói, fiquei mais amorável e paciente. O sofrimento acalma. A fogosidade e os nervos amortecem e o homem encara a vida de outra maneira. Quem gostará de servir empresas deficitárias? É a psicologia das multidões. Há muita gente que se agarra às trazeiras dos carros triunfais. Mas antes do triunfo ninguém aparece. Os galerianos, que trabalhem. Um dia, quando crescerem e aparecerem, não faltarão amigos a colaborar. O abismo atrai o abismo.

Eu gostava de ser amorável e paciente. Todos os dias me esforço nesse sentido, todos os dias faço o balanço da minha empresa moral e verifico sempre o mesmo deficit. Será que não consigo sair do atoleiro?... A lama do mundo é atraente e pegajosa. Quase todos refocilamos ao sabor da ignorância e sofremos durissimos embates. Depois é a revolta contra isto e contra aquilo. É o inconformismo negativo. É o inadaptável, o protestante que se julga superior a tudo. Depois, vem a dor. Foi o que se deu comigo naquela viagem, que já não qualifico de histórica, mas de óptima, de magnífica. Eu precisava daqueles solavancos. Não era só apoteose, oceanos de amizade a magnetizar uma alma sensível. Não era só dolce farniente, que o corpo gosta de ginástica. E se não gosta, deve gostar. Por isso, as palavras que escrevi sobre a Linha de Leopoldina ficam sem efeito. Há certos pesadelos em nossa vida, que os olhos não vêem bem.

★

Ora, no dia 6 de Maio o Major Gentil tinha-me falado numa visita à Penitenciária do Distrito Federal, na Rua Frei Caneca. Que era costume visitar os presidiários aos domingos e realizar sessões na Escola Paulo de Tasso. Se eu quisesse acompanhá-lo... A Federação Espirita Brasileira é que promovia tais reuniões.

Eu fiquei a pensar. Que bela propaganda a de levar aos encarcerados a luz poderosa da Doutrina! Não importava se estavam bem ou mal condenados. Isso era com os juizes. Embora tenha havido muitos erros judiciários, os homens da justiça procuram acertar no seu ministério. A lei tem de ser observada e cumprida. Bem sei que há gente venal em todos os campos e os falsos testemunhos levam inocentes à cadeia. Mas, que há-de fazer o juiz, se a testemunha afirmou? O processo mal organizado é origem de muitos males sociais.

Aqueles homens não viviam em liberdade, como eu vivo, e bastava isso para que eu pensasse neles. Coitados! Teriam mulher e filhos... Que horror!... Anos e anos segregados, sob a vigilância nem sempre compreensiva... E quantos inocentes não haveria naquela coorte heterogénea? Sim, senhor. Eu iria à Penitenciária no dia 8. Queria ver um cenário vivo, queria observar aqueles rostos patibulares. Como seriam eles? Como reagiriam às nossas exortações? Este capítulo não deixava de ser importante. Se eu andava à cata de emoções na paisagem das almas, ali haveria grande acervo dessas coisas que nos tocam de perto e por vezes obrigam a reflectir nos próprios actos.

Todos somos bons, todos somos honestos, enquanto não surge o barranco. Nesse momento é que somos postos à prova. Como reagirá este? Como reagirá aquele? Uns são mais calmos do que outros. Há quem não se incomode com as injúrias, porque — dizem eles — não ofende quem quer. Outros, então, levantam a luva, antes dela cair. Por causa disto é que se fizeram as penitenciárias. Por causa disto é que se criaram os verdugos...

Estes pensamentos acicatavam-me, bailavam, farandolavam em meu espírito. Sempre tive dó de quem sofre, mesmo que as penas tenham sido justas. Mas coloco-me na situação do delinquente — todos somos delin-

MA VIAGEM

ARTE SANTOS

PENITENCIÁRIA

quentes — e avalio o que eu sofreria. Se assim fizéssemos antes de ajuizar, seria melhor. Um pouco de consideração é útil e reabilita-nos perante a consciência.

★

Aquele domingo amanheceu cálido, apesar do Outono. No Rio, as estações do ano andam às avessas e não podemos dizer se faz calor porque é Verão, ou se faz frio, porque é Inverno. Nesse domingo era Outono, mas o sol vinha de má catadura. Eu e o Humberto, esse Humberto Correia de Sá que tem sido meu hospedeiro e de quem falarei um dia, levantámo-nos cedo e dirigimo-nos à rua de Frei Caneca. Tomámos o bonde — o bonde é o eléctrico lisboeta — e eu fui observando o movimento às primeiras horas da madrugada. A população é grande, vai perto dos três milhões, e o transporte, como já disse, é um sério problema para todos. Primeiro viajámos no estribo de madeira e mais tarde é que subimos. Vai ali o «pingente», como cá chamam a quem viaja fora da lotação, e, quando alguém evacua a bancada, sobe mais um degrau e instala-se de harmonia com o espaço. Às vezes há lugar e serve de distracção: é melhor que o automóvel. Quase sempre é um suplício.

Mas os que estavam na Penitenciária não tinham suplício maior? Se andassem de bonde, mesmo às horas de aglomeração de passageiros, seriam mais felizes. Não se paga a liberdade. As aves desejam espaço para voar.

Estas reflexões foram suspensas, quando um preto velho se apeou e eu tomei o seu lugar. Fixou-me com humildade. No seu olhar havia ternura e resignação. Donde viria ele? A que tugúrio se dirigia? Se estudássemos os dramas ocultos das grandes cidades, talvez compreendêssemos melhor os penitenciários. Tanto lixo nos porões humanos, tanta humildade nas almas simples que acotovelamos na rua! Esta que sorri, ainda não almoçou. E são horas de jantar. Aquele não sabe onde vai dormir. E há quem viage refastelado em poltronas de quatro rodas, numa riqueza supérflua! Há por aqui automóveis de um milhão e quatrocentos mil cruzeiros!...

Mas eu vou à Penitenciária. Vou tratar de coisas muito sérias, mais sérias que as frioleiras rolantes. Vou estudar os detentos, partilhar com eles um pouco de solidariedade. O Gentil já deve estar à espera. Costuma ser pontual.

Este pensamento nada vale, porque o bonde emperrou atrás de uma fila de caminhões, que emperraram atrás de automóveis, que emperraram atrás de uma carroça. E todo o mundo parou menos as almas ansiosas que têm pressa de chegar... e não chegam. A vida é ali, a pé firme, no estribo do bonde. Que espere o escritório, que espere a oficina, que espere tudo. O bonde tem o seu ambiente e é preciso vivê-lo, no estribo, no corrimão, ao sol, à chuva, que lá dentro não cabe mais gente, vai tudo enlatado. Para que aumentou a população?... O monopólio não tem culpa desse fenómeno demográfico...

★

Chegámos à rua de Frei Caneca, em frente de um edifício sóbrio, pouco simpático. O Humberto aponta. É ali a Penitenciária do Distrito Federal. Entretanto aparece o Confrade Luís Montofane, delegado da Federação Espirita Brasileira, e depois o Major Gentil, que falará em nome da Federação Espirita do Distrito Federal.

Lá dentro tive impressão optimista. O asseio contrastava com o aspecto da rua. E seguindo por vários corredores demos com a Escola Paulo de Tarso, onde se realizam as sessões. A sala é vastíssima, de agradável mosaico, com bancos laterais e colunas a meio, também ladeadas de bancos. Além, a

mesa da presidência. Um ramo de flores alindava o ambiente, tornava-o mais leve.

Os presidiários ou detentos, como lhes chamam no Brasil, iam entrando e ocupando as bancadas, vestidos indiferentemente. Não vinham de uniforme. Iam ouvir doutrina espírita e tinham liberdade relativa. Uns de branco, outros de cinzento, camisa larga à desporto, eram nota agradável naquele recanto onde esqueceriam a condição humana para tomar parte num banquete espiritual.

O Major Gentil dirigiu-se aos ouvintes, que eram muitos, e contou-lhes uma história da sua vida militar, quando comandava um destacamento em Fernando de Noronha. Frisou a regeneração de um preto, que parecia impraticável, mas que se obteve com doutrinação adequada. E tão alta compreensão se apoderou do recluso, que se transformou absolutamente, chegando a arriscar a vida para salvar a de um oficial prestes a morrer afogado.

As ilações do orador foram magníficas, plenas de conceito. Mostrou que há sempre uma tecla de bondade e caridade no coração do homem e que todos podem e devem regenerar-se. Todos somos escravos de qualquer coisa e ninguém afirme que não fará isto ou aquilo. Torna-se necessário meditar nos erros praticados, com esperança em vida mais perfeita.

Gostei de ouvir o companheiro da minha «histórica viagem», entre Campos e Niterói. Falou bem, foi verdadeiro e oportuno e fàcilmente compreendido. Os detentos demonstravam o maior interesse pelo assunto. Alguns estavam emocionados. À história do preto velho era forte de ensinamentos e tocara as pobres almas dos reclusos. Eles sentiam o peso da condenação e dariam tudo por uma réstea de liberdade. Outros sentiriam tristeza pela justiça falível. Sofreriam jugos infamantes, à espera do ajuste. Mas aquele momento era de meditação e reflexão e todos reflectiam e meditavam.

★

Depois anunciaram a minha presença no recinto. Era um português do continente, etecetra e tal, que vinha ao Brasil em viagem de amizade...

Apresentei as saudações dos espiritas lusitanos, em especial do Centro Espiritualista Luz e Amor e da revista «Estudos Psíquicos» e falei sobre os percalços da vida, os deveres para com Deus e com a sociedade. Depois expus a necessidade de fazermos o nosso balanço moral.

Ao mostrar o efeito do sacrifício e da resignação, surgiu a ideia principal da minha palestra, que era apontar o Espiritismo como grande auxiliar na escala evolutiva.

— Alegrai-vos, que todos se redimem. O homem deve ser bom, digno, correcto. Pensai nisto, agora e depois de cumprida a pena. A sociedade espera-vos, devidamente regenerados. A vinda à Terra é para muitos condenação. Mas, quando o arrependimento chega, o perdão está perto. É preciso não perder de vista a evolução moral.

E depois entrei na questão do delito. Réus?... Quem poderá apontá-los, quem poderá nomeá-los?... Quantos se acotovelarão nas ruas? Quantos passarão em luxuosos veículos?... E quantos não haverá em plena liberdade, sem que a justiça os procure?...

Ninguém pode descontar sobre o porvir, nem alterar o passado. O presidiário cumpre a pena em nome da lei e depois nada deve à sociedade. Volta ao lar, volta ao trabalho fecundo, ou volta ao ambiente que o degradou e emparedou. Portanto há que reflectir e reagir no sentido do bem. Se a sentença foi justa, resigne-se o homem à lei dos homens. Se foi injusta e não há remédio, revista-se o homem de paciência, aprenda a suportar as injustiças e terá avançado muito em sua ladeira de sofrimento.

Os ouvintes escutavam com atenção. Aquilo era evangelho vivo. E eles escutavam sem perder uma palavra. E vieram agradecer-me a exortação. Eu tive pena deles, mas não o declarei. Falei-lhes de homem para homem, porque a estrada era comum. Eu não estava livre de claudicar e de merecer amanhã o mesmo prémio. O meu interesse era princípio de solidariedade. De que valia dizer-lhes que tinha pena da situação em que se encontravam? Não fora melhor exortá-los à resignação? Depois voltariam ao convívio social, mais aptos, mais prestimosos. As lições servem sempre, desde que tragam dor, quebrantem energias e recordem passos que a consciência reprova...

Tantas coisas que evoquei naquela visita aos detentos!

★

Quero abrir um parêntese. Um dos que escutaram escreveu-me, lamentando a sorte. Condenado a três anos de prisão, recorreu sem resultado.

«Não é a primeira vez que venho à prisão,

mas isto não prova que eu seja aficionado ao crime, pois sempre que pratiquei actos que a sociedade condena foi por necessidade. Ninguém vive sem alimento, ninguém suporta a fome, sem jogar a última cartada». E ofereceu-me a seguinte poesia, que mantenho na sua expressão original.

ANSIEDADE

por Haroldo Soares de Freitas

Ansia, expectativa dolorosa
de boa ou má notícia
que nos aproxima do mundo
exterior,
colocando-nos por alguns
momentos
como parcela de homens livres!
Ansiedade de ter entre as mãos
uma cartinha com palavras
amáveis,
de que tanto precisamos
para a perfeita resignação
de um elemento afastado
socialmente.
Chegam os visitantes...
correm impulsionados
para ver os que chegam...
Qual!... Chegaram muitos visitantes...
Para mim não chegou ninguém!
Minha ansiedade é mais do que agonia,
é mais que dolorosa.
A ansiedade, portanto,
é a palavra que nos deixa
a solução bem clara.

O poeta acrescenta, em sua carta: «Muitas vezes é num relicário que se encontra o lenitivo».

★

Em seguida houve declamação de poesias espiritualistas, na qual tomou parte a alma vibrátil de D. Maria Cardoso, que eu já ouvira noutras emergências. E a sessão terminou com palavras alusivas do confrade Montofane. Uma bela jornada cheia de emotividade!

★

A Penitenciária abriu as portas aos visitantes. Percorremos quase tudo e fiquei com óptima impressão. Os detentos eram alvo de esmerada assistência, tendo em vista a recuperação do homem. As celas tinham ar e luz. Algumas tinham aparelhos de rádio.

A secção de cirurgia também me impressionou. O Dr. Junqueiro, operador abalizado, acompanhou-nos com grande solicitude e falou muito de Portugal e do Dr. Egas Monis, cujo método encefalográfico elogiou.

Visitámos as oficinas de alfaiate, de calçado, de composição tipográfica e vimos grandes páteos de recreio, onde os detentos confraternizavam periòdicamente. Noutros páteos jogavam a bola, ao ar e ao sol.

Havia também uma óptima biblioteca. E campos de baseball. *Tudo muito bem disposto, muito bem ordenado.*

Os detentos assistem igualmente a práticas católicas e evangélicas. As primeiras são realizadas numa capela adrede preparada.

Uma das coisas que me chamou a atenção foi um enorme auditorium *de cinema, com requintes modernos, majestoso e convidativo.*

— É destinado aos bem-comportados — disse o guia da turma, por sinal um detento já próximo da liberdade.

Eu fiquei admirado e exclamei, a sorrir:

— Estão bem instalados, os presidiários!

O meu interlocutor fixou-me um instante e respondeu:

— Há também aparelho de televisão.

Ora, aqui está uma regalia que os homens livres de Portugal ainda não possuem!

★

Era tarde e outras coisas me solicitavam. Por isso voltámos à rua, voltámos ao sol, voltámos ao bonde, a sentir a vida em sua nudez, a enfrentar o estribo e tudo que vinha dentro e fora de nós.

O regime penitenciário será bom, será mau? Não seria melhor levar aquelas almas para colónias agrícolas? Obrigá-las a trabalhar nos campos, fugindo ao regime celular?... Quere-me parecer que sim. O sol distrai, felicita. Na sombra é que se conspira, é que se combinam maldades.

Os espiritistas fazem bem, pregando aos detentos. O erro e o crime devem ser expurgados da face do globo. Mesmo que entre cem haja um só que escute a palavra da vida, já é semente proveitosa. O homem transviado é braço que se perde na seara do amor. E ela é tão grande, que os trabalhadores, embora muitos, serão poucos. Que faz uma gota a mais no oceano? E num rio caudaloso? E mesmo num ribeiro?... A corrente é constituída de gotinhas. Não compete a ninguém contá-las, mas elas estão lá, aumentando ou diminuindo o caudal.

Eu fui à Penitenciária com o Humberto e o Major Gentil. Se preguei ou não, isso é com os presos. Eles é que sabem se ouviram ou escutaram. A minha intenção foi boa: foi

dar-lhes alento na provação, incentivá-los a renunciar ao crime, a honrar a sociedade que alguns odeiam e outros desejam com ardor. Há muitos que choram a ausência do lar, a falta de carícias, a tortura do isolamento. Pobres amigos! Se lhes abrissem a porta, seriam homens de bem. Mas a pena está escrita: tantos anos. A pena é mal aplicada. Porquê tantos anos, taxativamente? É o mesmo que impôr a um doente tantos anos de hospital, apesar de curado. A pena deve ter outra função. Deve ser variável, consoante a regeneração. Quando o delinquente se arrepende sinceramente, que ganha a sociedade mantendo-o preso? Não são os braços úteis que a fortalecem e a dignificam? A visita à Penitenciária do Distrito Federal, na metrópole carioca, lançou-me em cogitações profundas acerca deste problema. A criminologia moderna ultrapassou em muito os velhos códigos. O elemento humano é diferente. Regenerar é recuperar, é utilizar. Regenerar, armazenando e segregando, é ideia errada, própria do século quinze.

A cadeia é lição dura para todos. Quem aprende, quem assimila, recebe o diploma e vai à vida. A não ser que fique, de mótu-próprio, como professor auxiliar...

O Espiritismo lança muita luz na jurisprudência de hoje. Fernando Ortis o demonstrou no seu livro célebre. Mas o progresso exerce-se lentamente e só à custa de muito trabalho, de muita dor, se avança um passo diminuto.

Assim mesmo, não devemos olhar para trás. O mundo carece de reformas urgentes. O regime penitenciário não acompanhou a evolução geral. Contribuamos para essa reforma, em nome do ideal que servimos, e o progresso será mais rápido e a regeneração mais simples. A sociedade o exige, na atitude de seus passos e nos anseios de seu espírito. Transformemos o matagal humano em matagal divino.

X

A VOLTA DO CORCOVADO

O Rio de Janeiro é grande urbe espreguiçada entre morros altivos e o mar azul da Guanabara. Princesa do Atlântico, guarda eu seu cofre relíquias famosas que engrinaldaram frontes e serviram de luzeiro a bandeirantes. Não dorme um segundo. Quer expandir-se, quer alargar os lindes... Mas o espaço vital é tortura maior que a sua aspiração. Ela bem se esforça, lançando as favelas sobre planos inclinados que limitam ruas largas, não tão largas quanto necessário. O problema é de solução difícil. A roda do progresso não pára. Está na projecção do esforço colectivo.

Mas esses morros altivos, que impedem o urbanismo de proliferar, têm sua graça específica. E um, principalmente, — o Corcovado — reveste-se de majestade, impõe-se ao viajante que de longe vem.

Quando, em 18 de Abril, o «Vera Cruz» aportou à grande baía, esse monte famoso alteava-se sob coifas de neblina e não pude apreciar-lhe a beleza e a grandeza. Seus esfumados contornos cerceavam aos olhos lindas visões. Tive pena. O Corcovado e o Pão de Açucar exerciam em mim natural atracção. Levantara-me cedo, muito cedo, para contemplar o lindo panorama revelado pelo turismo, mas tudo foi debalde. A cortina da Natureza ultrapassava a propaganda nobre dos nobres brasileiros e o prejudicado fui eu, em toda a linha. Linha de estética e linha de curiosidade. Que eu gosto de ver o bom e admirar o belo, sobretudo o belo natural, alheio à mão do homem. Essa, deforma as coisas, rouba-lhes expressão, lima arestas próprias de conteúdo imortal. Deforma e chama arte ao vandalismo. Pisa a flor, roubando-lhe o perfume, e copia-lhe a imagem em traços grosseiros. É o estético, é o artístico...

Eu tive pena de não ver o Corcovado naquela manhã de bruma. Da baía formosa, pontilhada de rochedos, a visão é sugestionável. Já a tive noutras emergências, rumo a Niterói, rumo à Ilha de Paquetá...

★

Ver cidades é ver pessoas, é ver almas, elementos vivos que impressionam. Mas o Corcovado não é só a rocha adusta. É um marco, um mirante gentil oferecido ao transeunte. Ele, que suba estes degraus incon-

táveis e note o que se alarga em sua frente. O Alto da Boavista é Sintra de maravilha. Estrada colcante, debruada de arvoredo, mesmo larga parece oculta na verdura, profusão vegetal que aromatiza e prende. A ramagem exuberante é efeito de partes fenomenais que a chuva e o sol caldeiam. E os rebentos surgem, heterogéneos, dirigidos à luz, logo espraiando as folhas clorofiladas, como lábios fofos que se entreabrem para sugar o úbere da natura.

A ascensão é íngreme e torcicolada, um selenóide encostado e adaptado ao dorso do morro.

O Nelson Baptista de Azevedo leva-me de longada em 9 de Maio. O auto resfolega na curva estreita e a velocidade diminui para que possamos ver melhor, apreciar melhor o conteúdo da grande tela que se vai exibindo... Depois apeamo-nos, que a roda não sobe mais, chegou ao limite do seu trilho. Agora é o peão que manda. Cada degrau é um socalco a vencer na distância oblíqua, flecha ao alto, como fogetão que se dirige à estratosfera...

★

No cimo, um bloco enorme, extremidades lançadas sobre o abismo, ao fundo do qual parece dormir uma das mais belas cidades do mundo. É o Cristo do Corcovado, obra de engenho humano, arquitectura indefinida sobre santuário de arte imortal.

O Rio de Janeiro é a noiva de mil braços cingidos a pérolas engastadas ao longe dos vales, sempre ao abrigo das intempéries.

Lá está a Gávea, a Lagoa Rodrigues de Freitas, a Urca, o Pão de Açúcar, a Tijuca, a Copacabana de arranha-céus, o Meier, e ao largo a neometrópole de Niterói, a de morros glaucos... E eu ando de um lado para outro a cirandar meus olhos, chumbado àquela maravilha.

Nunca vi coisa assim. A vista é esplendente do alto do Corcovado. E eu fechei os olhos para nova visão, mais profunda e mais íntima. Tinha sentido presença amiga e queria dilatar os minutos na formosa abstracção do momento. O físico nem sempre é inerte. Reveste-se de perfumes fortes e embriaga o espírito. E o homem sente-se transportado a «inacessíveis» alturas. Desliga-se da massa, é atraído para novas fontes e dessedenta-se. Voa e desliza em desdobramento audaz. À majestade da visão humana junta-se a espiritual.

Eu orei no cimo do morro. Não ao Cristo de pedra que engenheiros e arquitectos ali prantaram para edificação das gèntes, mas ao Deus do Alto e do Baixo, da Planície e da Montanha, Deus que palpita na flor humilde e freme no coração do homem bom. Foi um banho lustral. Meus olhos se apagaram, meus ouvidos se extinguiram. Era a orquestra natural, de harmoniosa suavidade, que me envolvia.

O Nelson também sentiu o êxtase. Eu não queria afastar-me do nicho embriagador. Gostaria de lá ter ficado muito tempo a meditar na inconstância das cidades e na serenidade dos campos. Tenho a certeza de que aumentaria a visão psicológica e a visão telescópica.

★

O Corcovado é um varandim que os homens aformosearam, retocando aqui, cortando ali, ao gosto dos manifestantes. E são tantas as bocas que se abrem em hiatos de admiração, tantos os olhos que se extasiam na lonjura marchetada, que as vibrações sucedem ininterruptamente. No cume, na rotunda do Cristo, na escadaria revalescente e oblíqua é uma resonância de amor à cidade-maravilha que os portugueses mais do que esboçaram, em fundamento e sentimento, para a luminosa posteridade do século vinte.

Vi estrangeiros que a interjeição tocara, a fechar os olhos como eu, em prece votiva. Deviam ser espiritualistas, pela atitude serena. Rondavam a vista, da Gávea à Ilha do Governador, esteriotipado no rosto o selo do espanto; e ficavam absortos, como lendários crentes de mãos no rosário...

Não há criaturas que se afastam do mundo a confabular com Deus?... É o seu deus, a sua concepção divina. Uns agarram-se à peanha dos santos para densificar a crença, outros à imagem mental para densificar a fé. Modos de ver e sentir, caminhos evolucionistas que se oferecem a todos os seres que pensam e duvidam. Romagem ou não, é o avanço do espírito na fundura dos séculos — cada um lá vai de candeia na mão. E quando a luz se apaga, as órbitas alertam o inquilino que lá vive, para que se agite e reaja. É a luta permanente, o ser e não ser inexoráveis.

Mas eu vi estrangeiros absortos debruçados sobre o cairel, junto ao Cristo de cimento armado. Lá isso vi. Estrangeiros que não eram portugueses, porque nós outros fazemos parte deste povo bondoso e amigo. Estamos no alicerce, nas paredes, no telhado. Estamos nos olhos e no coração. Estamos na inteligência, no espírito da aventura, na

aspiração unânime. Não há passo brasileiro onde não esteja Portugal a sorrir e a cantar. Sorriso de prazer, cântico de glória. O pai a rever-se no filho. Harmonia divina, inspiração imortal.

Alguns não querem. Protestam. São filhos espúrios que esqueceram a ascendência. Há muitos por esse mundo ingrato. Pois não há quem proteste contra a luz por ser luz?... São os que vivem na sombra sem olhos para ver o Sol.

Mas aqueles estrangeiros admiraram o Rio do alto do Corcovado:

— Isto é grande! É maravilhoso! É melhor que Buenos Aires!...

★

E descemos por São Conrado. Lá está a igreja típica entre renques de verdura. De longe é um presépio recortado. Ao fundo, a vegetação pujante do paraíso que Deus ofereceu aos portugueses de antanho, como presente de baptizado:

— Formai um novo mundo onde a alegria sobre, que seja o prolongamento da fé e da pátria, essa pátria de quem um poeta falará eloquentemente!

E a pátria alargou-se e dignificou-se. E que pátria, escreveu Junqueiro:

«A mais formosa e linda,
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!»

Mas deste tabernáculo verde que o sol aquece e fecunda há qualquer coisa que engrandece.

Ando extasiado, louco de beleza. saturado de harmonia. Apesar disso, o coração palpita sempre mais. Tem cordas sensíveis prontas a vibrar de emoção e que nos agitam em pleno gozo espiritual.

O auto roda, veloz, sobre o asfalto. O Nelson pouco fala para não interromper o idílio, que se mantém na Avenida Atlântica, cheia de motivos estéticos que os olhos anseiam e não se enfadam de contemplar...

Minutos depois entramos na enseada de Botafogo. O Flamengo aparece em seu conjunto harmonioso... E chegamos ao centro da capital, ensolarados e fortificados...

Isto não era tudo. Vira apenas uma faceta. No dia seguinte, outros motivos, outros cambiantes me seriam dados para regalo dos sentidos.

E eu pensei na felicidade dos simples que vivem em «doce paz virgiliana», cavando a terra e minando a rocha. Pensei na sua vida e no seu drama, o drama de todos os seres humanos, vergados para o chão e com os olhos no Alto!...

★

10 de Maio. Tempo firme, tempo acolhedor. O Nelson chega, pontualmente, nos seus «bons dias» de cavaleiro andante, e o motor do carro obedece aos desígnios do Alonso, nosso vizinho da Galiza que no Brasil encontrou ambiente promissor. Atravessamos a Tijuca, lindo bairro residencial, em direcção ao Alto da Boavista. Atrás ficam lindas praias — praias de todo o ano — que oferecem ao carioca areias perfumadas de salsugem e águas refrescantes. As mulheres mais formosas ali assentam arraiais, embelezando as poéticas estâncias, às quais imprimem suavidade.

Agora começamos a subir a encosta e surge a Cascatinha, engrinaldada e emoldurada. Por toda a parte a luxúria vegetal, o parto lancinante, a confusão e a profusão. E eu fico atónito. Relanceio os olhos e o deslumbramento surge, empolgante e colorido. O sol esconde-se atrás de nuvem caprichosa, para que eu sinta melhor o vigor do quadro. A Cascatinha tomou o nome dos Donay, que se estabeleceram aqui há muitos anos e fundaram a Escola das Belas-Artes do Rio de Janeiro. Eram aventureiros e estetas. O belo os atraía, o belo os dominava.

As curvas sucedem-se, circundadas de paraíso. Porque isto é um paraíso vivo, a irradiar vida estuante. Ali está a Fraternidade Rosacruz, retiro bonançoso, gradeamento branco a sorrir ao homem, a convidá-lo ao repouso. A vegetação é a moldura verde, é o fundo, é a base destes recantos sublimes bafejados pela mão de Deus, ungidos de eternidade.

A criancada brinca em adorável promiscuidade. O Alto da Boavista está ali com suas cores. Baloicos gentis, árvores frondosas, relvados coleantes. O riso da inocência e a circunspecção do adulto. O bonde avança, pachorrento, e as almas, tocadas de mistério, colam-se ao fluido envolvente. É outro mundo que se evidencia, para lá das fronteiras materiais... Como eu gostaria de me deitar num relvado a orar e a cantar!...

★

O tempo vai passando. Descemos para as Furnas da Tijuca, que visitámos demoradamente. Grandes blocos de granito sobrepostos em platibanda. Restos de cataclismos, de

erosões gigantescas. A mão do homem não poderia abalançar-se a semelhante arquitectura... Tudo higienizado e urbanizado, é o retiro citadino na época calmosa.

Senti-me num banco de pedra tosca e lembrei-me do estatuário do padre António Vieira. Se eu fosse estatuário, se soubesse manejar o martelo e o cinzel, o que não poderia fazer daqueles blocos!...

Eu gosto de baixar ao subsolo para admirar a Natureza nos seus pormenores mais íntimos. O silêncio é condutor de Deus, que existe em cima e em baixo. E os que silenciam fazem trabalho de introspecção. Naquelas criptas gélidas, naquelas catacumbas naturais, quantos pensamentos não haverá à espera de captação? Quantos acordes, quantas súplicas, quantos gemidos não terão procurado caminhos novos na floresta virgem do mundo? Os rochedos soltos, heterogéneos e roliços em sua forma derradeira, são testemunhas da evolução geral. Aguardam transporte para outras bandas, talvez outras criptas, até se esfarelarem e aglutinarem, em novas latitudes e novos modelos.

Por ora estão ali, nas Furnas da Tijuca, para a carícia dos seres. dando sombra e frescura a gregos e a troianos, sem predilecções, sem favoritismos...

★

Além, a Clínica de Repouso do Alto da Boavista, onde os chamados loucos estiolam à espera da recuperação, coitados! Ignoram a situação, julgam-se equilibrados... Antes assim; de outro modo, a dor seria cruciante. Julgam que não há mundo diferente do seu mundo e assinam papéis ilusórios polvilhados de ridículo. Os grandes nomes estão presentes em suas personificações. É César Augusto, é Napoleão numa vassoura, tão grande como o cavalo de Troia. Se o Estado quisesse, a «loucura» seria menor. O Espiritismo ajudaria a evacuar os hospícios ou as clínicas de Repouso dos Altos da Boavista...

A caminho de Jacarepaguá fomos obrigados a desistir. «Direcção proibida». Que pena, amigos leitores! Como seria diferente esta crónica!

Enfim, descemos à Barra da Tijuca para me deliciar num quadro marítimo que reterei na memória para todo o sempre. Praia digna de um grande pincel. Ar puríssimo. O eterno conjunto de mar e céu, a subjugar o homem, a submetê-lo ao maravilhoso. A terra tem cambiantes que o mar reflecte em maior grandeza.

Lá vai a estrada de Jacarepaguá... E o Golf-Club, onde Getúlio se entretinha a jogar... À esquerda, quatro morros de cabeleira desgrenhada, desafiando os elementos...

A Barra é estranhamente bela. Ladeamos a Lagoa de Camocim, outro aspecto da natureza viva, cheio de cambiantes. No meio, árvores imponentes, erectas, em atitudes místicas. Tudo é grande, tudo é majestoso neste carinhoso rincão! Deus é verdadeiro amigo do Brasil, porque lhe deu atributos que outras terras ignoram: fértil, corações bondosos e animosos de sentido humanista que aqui fundaram a Terra de Promissão. E o sol ardente e o mar profundo...

★

Agora, a zona dos grandes hotéis... das grandes quintas... Paisagem diferente. Contraste. E logo Joá, onde o quadro se confunde. O maciço de verdura e a praia ondulante. Ao fundo, os ilheuzinhos parecem barcos aventurosos a deslisar nas águas.

Que lindo, amigos leitores! Se eu fosse artista... se eu soubesse escrever... se eu pudesse erguer um pincel a grande altura... o que eu daria à posteridade! Oh, o que eu daria!

A estrada de Joá é uma fita sinuosa. linha marginal sombreada de árvores benfazejas, mas altivas no seu porte e seculares na idade. A quantas exclamações, a quantos idílios, a quantas promessas mal cumpridas não terão assistido estas sentinelas vigilantes! O reino vegetal não é inerte. Tem anseios e desígnios, como nós. As raízes de certas plantas procuram a linfa aquosa com avidez e são alérgicas a certas reacções. É a vida a manifestar-se. E se o homem não pode galgar a fronteira das espécies, jamais compreenderá a linguagem bizarra que as une para destinos mais altos, sempre mais altos...

O seu trabalho de pesquisa será inglório neste campo porque Deus não é o Deus dos homens, é o Deus do Universo. E há muitas coisas que a nossa filosofia não entende.

★

Voltamos à Igreja de São Conrado, por estrada conhecida. O ficus é semelhante ao buxo de Portugal, enquanto é pequenina planta. Depois engrossa a raiz, alarga a copa. É árvore ramalhuda, de sombra espessa, mas obediente à tesoura do jardineiro, que faz dela o que entende.

Tenho visto muitas árvores destas a abrir calçadas, a erguer pavimentos, com suas ex-

pressões radiculares. Mas são opulentas no conjunto.

Outra vez na estrada da Niamaia... a praia de São Conrado... a dos reflexos verdes... oriundos da mata...

Ao lado, a praia do Leblon. Adiante, o Hipódromo da Gávea e o Jardim Botânico. Ali se encontra a palmeira secular de D. João VI, de Portugal, progenitora de outras existentes no Rio... Nesta vertigem do tempo, dentro em pouco serão milenárias...

De novo a Lagoa de Rodrigues de Freitas, de peregrinos reflexos, superfície pulida onde os deuses bailam e as ninfas adormecem à luz do luar, extasiadas, geneflexas, enquanto ao longe se ouvem melopeias que fazem lembrar o samba...

★

Mas eu estava na Lagoa Rodrigues de Freitas... Não... já tinha pasado a massa líquida... o vidro glauco da embaixada... expoente da construção moderna... S. Clemente, Botafogo, Voluntários da Pátria, tudo isto passa em caleidoscópio fantástico.

À direita, a Urca, e. sobranceiro e empertigado, o Pão de Açúcar, atracção de meio mundo que ainda não subiu ao céu... Rua Farani... o Palácio Guanabara, onde Getúlio meditou, como Napoleão em Santa Helena...

Ali junto, uma artéria paradisíaca. É a rua Payssandra, ladeada de palmeiras imperiais, com mais de 50 metros de altura...

Depois, o Instituto de João Afonso (Asilo Oficial) e a rua das Laranjeiras, onde se vê o Instituto Nacional de Surdos-mudos...

E ao subir para o Bairro de Santa Teresa, lobrigo à esquerda o Cristo do Corcovado, impávido e sereno, como diria o poeta dos «Simples».

O túnel de Rio Comprido abre-se em nossa frente. É um cano escuro, cheio de luzinhas, por onde os veículos correm com pressa de sair, para abreviar a viagem. Por ali reside o Rocha Garcia que à Federação Espirita Brasileira prestou inestimáveis serviços, que em Portugal estudou e no Brasil se instalou. Ali mora também o Valente, da U. D. J.. Passos andados e surge a rua Alexandrina, com o Hospital Pedro de Alcântara... E a Casa de Portugal e o Hospital Henry Ford, da Prefeitura...

Grande passeio, grande recordação. Devo isto ao Nelson, alma de idealista e braço forte ao serviço da Causa. Ele me guiou, ele me amparou com sua amizade constante. Homem de convicções e de realizações, tem inimigos que lhe atiram pedras de lado, com medo do perigo. Só as árvores frutíferas recebem pedradas dos que pretendem maná, sem forças para subir os troncos.

Desculpem os leitores a caminhada. Se puderem chegar ao fim, terão forças para subir os troncos, sem atirar pedras aos frutos sublimes. As viagens são escolas de civismo onde muito se observa e muito se aprende. O Espiritismo me impôs esta digressão cheia de colorido e eu aqui estou com a minha mensagem...

Porto Alegre, 18 de Agosto de 1955.

SER JOVEM

A juventude não é um período de vida, é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor ao conforto.

★

Não é por termos vivido certo número de anos que envelhecemos. Envelhecemos porque abandonamos o nosso ideal.

★

Os anos enrugam o rosto. Renunciar ao ideal enruga a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos, são os inimigos que lentamente, nos inclinam para a terra e nos tornam pó antes da morte.

★

Jovem é aquele que se admira, que se maravilha e pergunta, qual criança insaciável: E depois? — Aquele que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida.

★

És tão jovem quanto a tua fé; e tão velho quanto a tua descrença. Tão jovem quanto a tua confiança em ti e em tua esperança; tão velho quanto o teu desânimo.

★

Serás jovem enquanto te conservares receptivo ao que é belo, bom e grande; receptivo às mensagens da Natureza, do homem, do infinito.

★

E se um dia teu coração for atacado pelo pessimismo e corroído pelo deboche, que Deus, então, se apiede de tua alma de velho.

GENERAL MAC ARTHUR

DA BARRA DO PIRAÍ A S. LOURENÇO

Palestra Radiofónica por Isidoro Duarte Santos ao microfone de «Selecções Espiritualistas» (Rádio Guanabara)

A convite do Nelson Baptista de Azevedo, grande coração e grande amigo, aqui me encontro novamente a dar-vos conta das minhas andanças por esta terra abençoada. É com fervor de peregrino que falo a este microfone. Um peregrino que buscou a Terra da Promissão e encontrou fontes de água viva a jorrar do solo magnífico. Que beleza, meus amigos! As obras de Deus na inspiração humana, a jorrar como enormes cachoeiras!

Pois no dia 16 dirigi-me à Barra do Piraí, no trém de aço, através de paisagem surpreendente, uma das mais belas paisagens que meus olhos têm visto. O cenário apresentava aspectos inéditos à minha sensibilidade e eu vi-me pequenino em presença de tantas maravilhas naturais. À medida que o veículo galgava a serra, os vales escoavam-se na distância, esbatendo-se como fumo ténue. Depois, já no planalto, surgia a Barra do Piraí, com seus morros verdoengos e seu clima aprazível.

Esta visita proporcionou-me a observação de uma bela obra benéficente, instalada fora da cidade. Era o Asilo de Velhinhos mantido pelo Grémio Espirita. Que silenciosa mansão! Fazia lembrar a «doce paz Virgiliana», de que fala Junqueiro. Um verdadeiro jardim com bancos acolhedores, onde os bambus alterosos e esguios dão notas pitorescas ao retiro campesino.

Visitei também as obras hidráulicas da *Light* e à noite falei no Grémio Espirita, dirigido pelo confrade Ferreira e onde encontrei o Professor Magaldi, de Volta Redonda, que ali fora para me acompanhar até S. Lourenço e, possìvelmente, até ao Rio. Foi uma noite de vibração espiritual.

Em 17 seguimos em direcção a Resende, eu, o Magaldi e o Vicente, este também de Volta Redonda. Ladeámos o Paraíba, pontilhado de eucaliptos e a serpentear por capim verde, mostrando ao viajor os lugares da pesquisa do ouro, levada a cabo pelos antigos bandeirantes. E aqui visitámos a Academia Militar de Agulhas Negras, em companhia do Capitão França Americano, que foi de gentileza insuperável. A Academia é um grande monumento. O Brasil pode orgulhar-se dele. Ali se estão formando os bandeirantes da nova Era que darão ao mundo exemplos extraordinários.

Tudo era convidativo, desde o cadete ao general Jair Dantas Ribeiro, bela figura de militar, com quem tivemos a honra de falar durante meia hora. Homem simples e afável, muito comunicativo, teve palavras de louvor para os portugueses, de quem se disse descendente, e mostrou-nos as nove bandeiras da colonização. Saímos daquele recinto com a impressão vincada de um Brasil forte e grandioso que se está plasmando na alma de seus filhos.

À noite, no Centro Espirita Flora de Araújo, foi uma jornada vibrante. Falei cerca de hora e meia. Grande entusiasmo, grande expectativa. Por fim, o abraço luso-brasileiro, que veio selar a amizade que o património espiritual tornou mais firme e duradoiro.

O coronel O'Keilly, que estava presente, ofereceu-me linda flâmula da Academia Militar, em sinal da minha passagem por aquela unidade. Representava os oficiais espiritas: 5 coronéis, 8 tenentes-coronéis, 5 majores, 3 capitães e 7 tenentes. Além destes, há 46 sargentos e 48 cadetes. Todos fazem parte do Núcleo dos Militares Espiritas de Agulhas Negras.

Em Volta Redonda falei no Centro Espirita Estudantes da Verdade, com o Magaldi na Presidência. O edifício ainda não está concluído, mas já estava cheio de amizade, carinho e simpatia inexcedível. Foi, por assim dizer, uma inauguração. Que belas recordações trouxe da terra do Magaldi e de sua esposa!

Visitei também a cidade do aço e pude sentir uma das maiores obras da economia brasileira. Este grande país caminha a passos rápidos na estrangulação de certos tentáculos que se opõem ao seu equilíbrio e à felicidade nacional.

Depois seguimos para a Cachoeira Paulista. Ficámos em casa do Dr. Darwin do Prado, cuja esposa, bela alma de artista, foi de solicitude incomparável.

Na Rádio Urânios fui entrevistado por Nelly de Barros acerca do Espiritismo em Portugal. Essa meia hora de irradiação ligou-me inteiramente aos cachoeirenses. Por isso, à noite, na União Espirita Cachoeirense, a vibração foi de... cachoeira. Houve discursos, poesias, música, orações e lágrimas sentidas pela comunhão de almas que Deus trouxe àquela cidade de grandes tradições portuguesas. Deste microfone vos abraço, amigos dilectos! Tendes um lugar de relevo no meu coração de lusíada!

Em Cruzeiro foi o mesmo carinho, o mesmo interesse pelo intercâmbio espirita. O Pedro Fortes, o Zácaro, o Antenor de Sousa e outros, escudaram-me contra o desânimo, que já o Magaldi — outra grande alma — diminuira com a sua companhia.

Visitámos o *Sanatório Jesus*, que será um dos melhores do Brasil Espirita. O dinamismo do Antenor paira ali em magnetismo envolvente, como certeza promissora. Que grande realizador! É um verdadeiro apóstolo. Que ele me perdôe esta expansão.

O Pedro Fortes é um alto exemplo de fraternidade que todos os espiritas deviam conhecer.

Finalmente, em S. Lourenço, visitámos a *Casa de Maria*, que nos deixou impressão forte de humanidade. É uma obra grandiosa digna de ser visitada. Lá está o coração magnânimo do Modesto Negreiros, um dos homens mais raros que tenho encontrado na vida!

Houve sessão no Centro Auxiliadores da Verdade. O mesmo entusiasmo e a mesma vibração. Comunhão espiritual com o Negreiros na presidência e o Henrique Magalhães, o Magaldi e outros na mesa de honra.

E com a prece do Henrique terminou a minha digressão e começou a minha saudade.

Nunca julguei que estivesse tão ligado à linda terra brasileira!

Rio de Janeiro, 24-5-955.

Criacionismo e Evolucionismo

Por VINÍCIUS

Os que rejeitam a reencarnação não admitem tão pouco a encarnação. Adoptam o dogma criacionista, pretendendo que Deus vai criando as almas à medida que os corpos são concebidos.

Semelhante doutrina, porém, peca pela base, é insustentável à luz da razão e dos factos.

Nunca se viu na ordem natural da Criação o superior submetido ao inferior, ou o maior sujeito ao menor. No entanto, o critério criacionista nos apresenta essa inversão, considerando a origem do Espírito como uma exigência reclamada pela matéria. Esta, portanto, deixa o plano secundário em que se encontra na Natureza, para ocupar o plano principal. A alma é criada para o corpo, e não o corpo para a alma. A matéria organizada não é mais o instrumento do Espírito, a forma corpórea através da qual ele se manifesta no plano físico; o Espírito é que passa a ser o instrumento da matéria, de vez que foi criado para ela.

De outra sorte, a vontade soberana de Deus está sujeita à vontade relativa do homem, visto como é este que determina, mediante o instinto de perpetuação da espécie, a criação da alma. Conforme vemos, é um absurdo, além de ser uma impressionante heresia.

Mas, ainda não é tudo. Jesus nos concita a buscarmos em primeiro lugar o conhecimento de Deus através da sua Justiça, asseverando que, deste modo, tudo o mais nos será dado por acréscimo, isto é, que os demais problemas da Vida se solucionarão automàticamente.

Cumpre, pois, procurar conhecer Deus mediante a manifestação da sua justiça, porque em tal importa o processo ou o caminho que nos leva a conhecê-lo tal como ele é em realidade. Partindo, portanto, dessa premissa, que é que a doutrina criacionista nos apresenta no cenário terreno? Deus criando várias raças — a branca, a preta e a amarela. Estas raças revelam diferenças, sendo, umas superiores, outras inferiores. Porque, pois, essas desigualdades? Porque não as criou todas no mesmo nível, dotando-as das mesmas possibilidades e de idêntica capacidade? E, dentro de cada raça e de cada povo, porque Deus cria almas boas, dotadas de sentimentos elevados, com pronunciada tendência virtuosa, e cria almas rebeldes, revoltadas, de maus instintos, cruéis, tendendo para o vício e para o crime? Se essas almas iniciaram a sua vida com o nascimento do corpo, quer isso dizer que elas foram criadas tais como se apresentam no meio onde vão exercer as suas actividades. E, sendo assim, Deus as fez boas e más, justas e iníquas, virtuosas e perversas, do mesmo modo que lhes deu um corpo preto, branco ou amarelo.

No que respeita à parte intelectual, verifica-se a mesma anomalia: Deus dota uns Espíritos com inteligência lúcida, aguda, com capacidade de assimilar os conhecimentos mais transcendentes; com perspicácia e acuidade para desvendar e resolver os problemas mais difíceis e complexos, do mesmo passo que a outros distribui um intelecto tardo, obtuso, bronco, incapaz de julgar com acerto e discernir com justeza as questões mais simples, os casos mais comezinhos. Enfim, Deus cria santos e réprobos, génios e cretinos. Como admitir semelhante heresia?

Em se tratando de uma matéria enferma de origem, portadora de acentuada carga luética, de um aleijão ou deformidade congénita, como se concebe que Deus crie uma alma para habitar esse corpo fadado a uma existência de sofrimentos, dores, vexames e humilhações? Que responsabilidade tem essa alma, que culpa cometeu para lhe tocar por sorte uma indumentária urdida de mazelas, chagas e pústulas? Onde ficam o mérito e o demérito — se uns Espíritos recebem graças e dons, enquanto que outros, desditas e torturas? Que mérito tem o génio e o santo, se o fizeram, ao nascer, génio e santo? Que demérito cabe ao mau e ao enfermo, se assim o fizeram desde o princípio?

Tais perguntas ficam sem resposta, de vez que a lógica dos criacionistas é a seguinte: *Cada um como Deus o fez!*

A palavra do Mestre, daquele que foi enviado do Alto para guiar e conduzir a Humanidade, firmando este postulado sancionado pela razão e o bom senso — *A cada um será dado segundo as suas obras* — desaparece, anula-se em face do dogma criacionista. Que é, e que sentido pode ter a responsabi-

lidade, se não são os nossos actos, mas o nosso nascimento que responde pelo que somos? Como nos admirar do confusionismo e da corrupção que lavram no mundo, se nos apresentam a Divindade agindo ao sabor de caprichos incompreensíveis, divorciada dos mais comezinhos princípios de justiça? Outrosim, como não justificar a incredulidade e a impostura reinantes em nossa sociedade, se nos apresentam uma — imortalidade — que tem começo, que se inicia no nascimento, mas não termina na morte? Quem pode crer sinceramente em semelhante — imortalidade?

Sim, é lógico, é evidente e concludente que a Vida, começando no berço, terá a sua finalidade no túmulo, pois assim nos diz a razão, o raciocínio, a faculdade de observar, deduzir e concluir, que são funções da inteligência.

A crença, pois, na imortalidade, sob o critério criacionista, não tem base, não se firma em terreno sólido, antes é vã e insustentável, portanto, não pode gerar convicção, não pode alimentar uma fé viva, luminosa e consequente.

Como corolário dessa dúvida, dessa natural vacilação sobre a imortalidade, decorre a irresponsabilidade. Sem a crença inabalável na imortalidade não há responsabilidade, de vez que no decurso de uma existência efémera que medeia do nascimento à morte não se verifica a sanção da justiça, não se confirma a sabedoria da já citada sentença: *A cada um será dado segundo as suas obras.*

E que diremos dos animais e dos anjos e arcanjos — esses seres que se encontram nos dois extremos da Criação? Porque condenar os animais à vida inferior, à vida rasteira circunscrita eternamente nos limites do instinto? Os seus sofrimentos, que resultados poderão reflectir sobre eles, uma vez que a sua inteligência permanecerá cristalizada numa zona delimitada?

E os anjos e arcanjos, essas criaturas bem-aventuradas, libertas das contingências e dos percalços inerentes à Humanidade? Porque lhes conceder tão acentuado privilégio, colocando-as fora das lutas da carne e do sangue, acima das paixões e de todas as conjunturas da vida humana, tais como as enfermidades, as incertezas, a dor, a pobreza e a morte? Como explicar tão flagrante favoritismo, tão revoltante parcialidade?

Decididamente, para aceitar a doutrina criacionista, circunscrevendo os seres dentro de zonas fechadas, isoladas em ciclos distintos, sem ligações nem interdependência, é preciso fazer tábua rasa do raciocínio, é preciso fechar os olhos às lições da Natureza, às injunções da justiça e a todas as indagações da inteligência.

★

Vejamos, agora, o reverso da medalha, isto é, encaremos o produto majestoso e deslumbrante da Criação sob o prisma evolucionista, verificando como Deus e o Universo se revelam em sua excelsitude arrebatadora, onde o Autor e a Obra se ostentam condignos e recìprocamente se exaltam ao infinito, deslumbrando a inteligência humana.

Comecemos alicerçando o postulado da imortalidade na rocha inabalável da eternidade.

Somos imortais, portanto, somos eternos. Não se concebe Deus na inactividade. A Criação coexiste, pois, com Ele, de conformidade com as palavras de Jesus: «O Pai age sempre, nunca cessa de agir». Somos de ontem e ignoramos, disse o profeta Job no meio dos sofrimentos e das provas a que se achava submetido. Não iniciamos a vida no berço e não a encerraremos no túmulo. O Espírito preexiste ao nascimento, e, por isso, subsiste à morte.

Envergamos uma veste material ao ingressarmos neste plano, e a despimos ao deixá-lo, após havermos realizado uma etapa de progresso e de aperfeiçoamento. Passamos pelas escalas inferiores, fomos galgando, degrau por degrau, a escada evolutiva até atingirmos o estado em que nos achamos, de acordo com o imperativo do Mestre: «Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito». Os germes das faculdades foram-se desenvolvendo em nós mediante o uso e o esforço empregados para vencermos as dificuldades das ambiências por onde a nossa psique vem descrevendo a sua imensurável trajectória.

Aprendemos o que sabemos à custa própria, a fim de termos consciência do que somos e do que valemos. Depois de havermos atingido certo grau evolutivo, tornamo-nos os arquitectos dos nossos destinos, somos o que merecemos, trazemos connosco o nosso céu ou o nosso inferno, na expressão da sentença evangélica, cuja citação é sempre oportuna: «A cada um será dado segundo as suas obras». Não há seres votados eternamente à condição subalterna. Não existem zonas isoladas nem criaturas desprotegidas ao lado de outras privilegiadas. Os sóis, os mundos com seus habitantes são interdependentes,

influindo reciprocamente uns sobre os outros. Tudo marcha, evolve, aperfeiçoa-se e se espiritualiza numa ascensão constante. A Vida é um movimento contínuo para a frente e para o alto. A sua estabilidade pode ser comparada à do voo, isto é, resulta de actividade ininterrupta. Os animais estão contidos no pensamento divino como todos os demais seres. Daí a observação do Mestre excelso: «Vede as aves do céu; elas não semeiam nem ceifam; não têm celeiros nem despensas, no entanto, vosso Pai celestial as alimenta». A lei do instinto as orienta, dirige e mantém. Da esfera do instinto vai despontando a da razão e do sentimento, e, assim, num encadeamento que une e entrelaça sistemas solares infinitos e humanidades também sem conta, o Universo forma um todo unísono, palco incomensurável onde a Vida se ostenta sob feitios e modalidades incontáveis, presidida por Deus, cuja presença se manifesta mediante a acção de Leis sábias, justas, eternas, imutáveis.

Os anjos e arcanjos são individualidades superiores que lobrigaram os planos elevados onde habitam, graças a porfias e lutas ingentes. Foram o que nós somos, e nós seremos o que eles são. Não constituem castas privilegiadas ou distinguidas. Combateram o bom combate e venceram todos os óbices, conquistando a vida superior, aquela vida já isenta das contingências do nascer e morrer, ou seja, da encarnação e desencarnação. E que não foram mais favorecidos do que nós, o Mestre no-lo ensina naquela passagem em que, contendendo com os saduceus acerca da imortalidade, disse-lhes: «Aqueles que forem julgados dignos da ressurreição dos mortos, não se casam nem se dão em casamento, pois *tornaram-se iguais aos anjos,* fazendo-se filhos de Deus por serem filhos da ressurreição». Por estas palavras concluímos que os ressurrectos, isto é, aqueles que terminaram de vez o seu curso de aprendizagem através da matéria corpórea, ingressarão na esfera angelical, tornando-se por sua vez anjos — tais como se denominam os habitantes das regiões celestes. A justiça de Deus, indefectível como é, transparece, acompanhando os seres em sua arrancada evolutiva, dando a cada um aquilo que de direito lhe pertence.

Dentro da Doutrina Evolucionista não há lugar para vaidades, presunções, ciúmes, invejas e rivalidades. Contemplando, em nossa imaginação, o estupendo cenário universal, experimentamos o desejo incontido de dizer às entidades que se encontram acima de nós, tais como os anjos, arcanjos e deuses, estas palavras:

— «Irmãos meus — não vos invejo: admiro-vos. O estado superior, em que vos achais, constitui um incentivo para mim! Quero imitar-vos, vou esforçar-me! Serei diligente, operoso e perseverante; a minha fé no futuro jamais esmorecerá; galgarei um dia a esfera luminosa em que habitais, tornando-me, como ora vos vejo! O sentimento que me despertais é de emulação. Ao contemplar-vos, sinto o grande anseio de escalar as alturas subindo a escada de Jacob por onde vos elevastes! Sei que a minha sorte vos interessa e que o meu desejo é também o vosso! Ajudai-me!».

Considerando, em seguida, o que se passa nos planos inferiores, lobrigo raças bastardas, homens selvagens, habitantes das selvas e das cavernas; vejo ainda animais de toda a espécie, de variedades infinitas, do mísero verme que se roja no pó ao pássaro trêfego sulcando os ares; da fera bravia que ruge nas brenhas à mansa ovelhinha balando docemente à porta do aprisco, e brota-me do coração o impulso de dirigir-me a esses entes dando-lhes a denominação que, com sabedoria, lhes deu o «Poverelo» de Assis: «Meus irmãos inferiores — que vos encontrais abaixo de mim —, não vos lamento nem vos desprezo. Já fui o que ora sois. Na Criação não há privilégios. Todas as criaturas têm capacidade e ensejos para lutar e vencer, melhorar e progredir. Já foi dito, com acerto, que entre o verme e a estrela existem pontos de contacto. Nenhum ser está esquecido do Criador. Ele alimenta as aves e faz crescer os lírios e as ervas do campo. Todos fazem parte da estupenda e maravilhosa orquestra da Vida. Em cada átomo do Universo o Supremo Arquitecto inscreveu a legenda: caminha, avança, transforma-te e sobe. O canto do rouxinol é tão necessário no concerto universal como o pensamento de Newton — disse um grande filósofo.

Por isso, irmãos meus — nada de revoltas, nada de desânimos. Eu me interesso pelo vosso bem, quero ardentemente o vosso progresso, pois sereis um dia o que eu sou na actualidade! Creio no vosso aperfeiçoamento e na vossa marcha ascensional — porque creio no Autor da Vida e confio na sua justiça!».

(de «*Reformador*»)

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

UM NOVO PRODÍGIO?

A imprensa francesa e brasileira, referem-se a um curioso caso de criança prodígio que transcrevemos:

«Brian Van Dale é um débil e pálido garoto de oito anos de idade, cujas faculdades intelectuais se assemelham às dos grandes génios.

«Aos doze anos, dizem seus professores, poderia pretender uma cadeira em qualquer universidade.

«Os testes oficiais, a que tem sido submetido, dão-lhe um quociente de inteligência de 185, e todos sabemos que 140 já significa que se está em presença de um tipo excepcional, do género de Pascal ou de Marconi. Há alguns anos, Alberto Einstein, no momento da sua glória, atingia a cifra de 192, recorde que jamais foi ultrapassado, mas que Briand Van Dale deixará bem longe se uma longa vida lhe foi concedida.

«O jovem fenómeno é de origem holando-americana e residia na pequena aldeia de Lincoln, no Estado de Rhode Island. Seu pai é um simples agente de compra e venda de propriedades e sua mãe ocupa-se de trabalhos domésticos. Nem um nem outro apresentam sinais especiais, e na família não consta ter havido nenhum génio; todos são mais ou menos, de mediana inteligência.

Foi cerca dos três anos de idade que Brian começou a assombrar os seus. Nessa época — sem ter recebido outras lições senão as que lhe dava, inconscientemente, sua mãe, lendo o jornal em voz alta, — ele leu-o, também.

«Aos quatro anos já havia devorado todas as obras que compunham a reduzida biblioteca de seus pais, e reclamava sempre, cada vez mais livros....

«Aos cinco anos os conhecimentos por ele acumulados sobre biologia, física e matemáticas, permitiram-lhe responder pràticamente a todas as questões que lhe apresentavam e aos seis anos conhecia os alfabetos grego, hebraico e arabe.

«Chegado à idade escolar, uma manhã, a Sr.ª Van Dale levou-o à escola de Lincoln, onde residiam. Nessa mesma tarde, Brian declara com autoridade que não voltará mais à escola. O professor nada mais tinha para lhe ensinar; e consultado declarou que não estava preparado para ensinar «fenómenos», aconselhando os pais do garoto, a levá-lo a um médico psiquiatra.

«O psiquiatra da cidade visinha confirma a opinião do mestre-escola, afirmando que Brian é uma criança prodígio, com faculdades excepcionais, verdadeiramente anormais. Nestas condições Brian foi para o Instituto Hamilton, de Chartley, a 30 quilómetros de Lincoln. Com oito anos de idade frequenta aulas correspondentes ao primeiro ano liceal de França, e segundo ano científico do Brasil. Os seus colegas mais novos têm o dobro da sua idade, e todos o olham com um espanto respeitoso.

«Há algumas semanas, professores e jornalistas procuraram-no em comissão, e sob pretexto duma inspecção deram-lhe um importante problema de física que Brian em breves minutos resolveu de tal maneira que professores e jornalistas se retiraram em bicos dos pés... Tinham visto o «fenómeno»!

«Os sábios observaram-no e cada um deles o catálogou segundo o seu critério, não chegando a uma conclusão».

Este caso, indecifrável para a ciência oficial, tem explicação na ciência espirita, que o considera um caso de reencarnação assaz interessante. Poderia mesmo saber-se quem foi Brian e como adquiriu tão vastos conhecimentos em vidas anteriores.

Muito em breve talvez, acontecimentos deste género serão devidamente estudados à luz da Ciência Espiritualista, com resultados concludentes, disso podemos estar certos.

Entretanto os cientistas continuam a ser sábios... e os espiritualistas, uns lunáticos...

EXERCÍCIO ILEGAL DA MEDICINA

No seu número de Junho de 1954, «L'Heure d'Etre» informa os seus leitores de que 23 membros da Associação «Amor e Vida», acabam de ser condenados pelo tribunal correccional do Sena por exercício ilegal da medicina.

Eis a sentença do tribunal, extraida de «L'Eure d'Etre», pg. 193.

«Mr. Mantovani é condenado em vinte mil francos de multa, e selos.

«Os quatro membros mais antigos, em dez mil francos de multa, e selos.

«Os outros inculpados, em seis mil francos de multa, e selos.

«A Associação foi condenada em dez mil francos de indmnização à Ordem dos Médicos, e às custas e selos do processo».

E a «Tribune Psychique» faz o seguinte comentário: Na hora em que todos os jornais franceses anunciam ao mundo a morte de numerosas pessoas às quais receitas médicas tinham prescrito Stalinon, é triste pensar que os raios e coriscos da Justiça caem pesadamente sobre uma Associação à qual tantos antigos doentes, primeiro tratados, sem resultado, pela medicina legal, devem a sua cura.

«Quem será o Voltaire que conseguirá fazer compreender ao Parlamento, quanto são absurdos e odiosos certos textos legislativos, de que a França parece ter o previlégio, enquanto que outros países, como a Inglaterra, que não tem um estado sanitário inferior ao nosso, bem ao contrário, os prescrevem».

UM FENÓMENO ESTRANHO

Quando ainda era um jóvem médico, exercendo clínica em Chicago, o Dr. Kellogg, que habitava em Battle Creek, no Michigan, foi consultado por uma jóvem negra, muito pobre que sofria duma doença intestinal muito séria. O caso merecia ser transferido para o sanatório de Battle Creek. Contudo, duas razões se opunham: a cor da pobre mulher, e o facto, de, nessa época, o sanatório ser uma instituição muito pobre. Por isso, o Dr. Kellogg enviou a doente para o hospital do distrito. Logo que a negra saiu do gabinete do doutor, este ouviu uma voz dizer-lhe: — «Manda-a para o sanatório; nós arranjaremos o dinheiro». O Dr. virou-se para a enfermeira e perguntou-lhe se ela ti-

nha falado, mas esta respondeu negativamente. Um instante depois a mesma voz repetia claramente: — «Envia-a para o sanatório, nós arranjaremos o dinheiro» — Nova pergunta do Dr. à enfermeira, que uma vez mais disse que não tinha falado nem ouvido ninguém falar. Desta vez o doutor mandou chamar a doente e enviou-a ao sanatório.

O Dr. Kellogg estava tão preplexo como aborrecido: tinha na sua presença os dois problemas: o da raça da paciente e a falta de dinheiro.

Foi fazer as suas habituais visitas aos seus doentes, em casa de um deles entregam-lhe um pequeno pacote, remetido não se soube por quem... nem como ele se encontrava ali, mas trazendo o nome do doutor. Ao abri-lo encontrou um masso de notas de banco que logo se apressou a enviar ao sanatório.

O Dr. nunca soube quem lhe tinha mandado o dinheiro».

Este curioso caso relatado pelo «Psychic News» lembra um conto maravilhoso de fadas, ou milagre de algum santo, das histórias das nossas avós. Contudo trata-se dum facto autêntico que bem prova o imenso poder das forças ocultas. Da mesma maneira que elas agem, por vezes, ao serviço do Mal, também, quando conduzidas pelos elementos celestes — ou Misericórdia de Deus, produzem fenómenos para os quais ainda não encontramos a explicação exacta, contentando-nos em afirmar que a Deus nada é impossível.

UM FACTO NOTÁVEL

«Spiritualisme Moderne», de Liège, notifica-nos pela pena do seu Director e nosso prezado amigo Mr. A. Biquet, um interessante fenómeno comprovativo da sobrevivência da alma humana.

«Mr. Len Lloyd, actual Presidente da Federação Espirita Internacional, entregou-me na ocasião do Congresso de Amsterdam o relato dum facto absolutamente indiscutível, e que tenho grande prazer em publicar.

Este facto constitue uma prova da sobrevivência e deve ser classificado entre os mais notáveis fenómenos da fenomenologia espirita».

A. Biquet

«Há pouco mais de um ano, antes de deixar a África do Sul para me dirigir a Inglaterra, afim de assistir ao Congresso da Federação Espirita Internacional que se realizou em Londres, em Setembro de 1948, minha mulher e eu, durante uma sessão de vozes directas, organizada em minha casa, recebemos uma comunicação de minha falecida mãe, na qual ela nos pedia que fizessemos tudo por meu irmão, residente em Inglaterra, porque a sua saúde era deficiente, e era apenas questão de meses a sua entrada no mundo espiritual, onde ela o esperaria para lhe apresentar as boas-vindas.

«Devo esclarecer que o meu irmão não simpatizava com o Espiritismo e não tinha quaisquer conhecimentos acerca da sobrevivência.

«Quando chegamos a Inglaterra podemos verificar que do ponto de vista de saúde, meu irmão estava perdido. Quando partimos, em Novembro, sabiamos perfeitamente, ele e nós, que não voltarimos mais a ver-nos neste mundo. No dia 27 de Maio de 1949, um telegrama anunciou-me a sua morte, ocorrida nesse mesmo dia.

«Nessa época, eu correspondia-me com uns amigos alemães, que eu não conhecia pessoalmente e nada sabiam da minha vida privada, nem da minha família.

«No dia 16 de Junho de 1949, vinte dias apenas depois da morte de meu irmão, escreveram-me eles o seguinte:

— «Recebemos com prazer a sua amável carta. Sabemos agora, após um longo período de isolamento, que podemos ainda encontrar amigos no estrangeiro e nesse país. Entretanto, tivemos ocasião de conhecer alguns amigos duma cidade visinha, com os quais organizamos sessões de Espiritismo, e principalmente um médium que parece possuir qualidades excepcionais.

«Fomos testemunhas de fenómenos importantes que foram para nós um novo estímulo para avançar no estudo destes factos, e recebemos conselhos para a nossa vida espiritual.

«Quanto a vós, nossos novos amigos estrangeiros, soubemos que acabais de perder um próximo parente. Vossa mãe deu-vos um aviso prévio, e desta maneira forneceu uma extraordinária prova da sobrevivência da alma».

«Analisando este caso que constitue uma prova confirmativa, é preciso notar que eu não conheço o médium, nem sequer sei se é homem ou mulher, nem a cidade onde a sessão se realizou.

«Ninguém conhecia a mensagem de minha mãe, excepto os membros da minha família, e estes ignoravam a minha correspondência com os meus amigos da Alemanha.

«Esta sessão, realizada menos de 20 dias depois da morte de meu irmão, confirma a mensagem dada aproximadamente um ano antes, e à distância de 10 a 11.000 Km.

«Muito especialmente desejo também fazer notar que durante todo o tempo em que estivemos na Inglaterra ou no Continente nem minha esposa nem eu, fizemos a quem quer que fosse a mínima referência à mensagem de minha mãe, e também não escrevi a esse respeito aos meus amigos alemães. Nada disse referente à minha família; além disso a minha carta, à qual eles responderam, tinha sido escrita alguns meses antes. Ignoravam, portanto, se eu tinha pais vivos e que minha mãe tinha falecido».

Esta prova de sobrevivência é, na verdade, flagrante, e merece emparceirar com os mais notáveis documentos do género.

OUTRO TRIBUNAL OUTRO JULGAMENTO

Transcrevemos da revista francesa «La Tribune Psychique» estas interessantes notícias que por si só revelam a marcha do progresso em matéria de tratamentos:

Um curador salvou o filho de um médico de uma morte certa.

«Toulouse, 3 de Novembro de 1953 — Um facto pouco banal. Dois membros da classe médica, foram hoje depor como testemunhas, perante o tribunal correccional de Toulouse, na defesa dum curador.

«Este, Jacques Viguerie, radiestésista de Toulouse, muito conhecido no Sudoeste, foi perseguido, como é costume, por exercício ilegal da medicina.

«Um médico, o Doutor Pradel, de Valence-d'Agen (Tarn-et-Garonne), não hesitou em se apresentar como testemunha, e em contar, com voz comovida, os sofrimentos de seu filho e a sua milagrosa cura, devida aos extractos de plantas prescritos pelo radiestesista.

«Em consequência dum terrível desastre de bicicleta, explicou o Dr., o meu filho Pedro, de 12 anos, foi internado no hospital de Purpan com uma comoção cerebral, hemorragias múltiplas e coma total. Apezar de uma hibernação artificial, ele esteve sempre em estado de coma, durante dois meses. Disseram-me que o levasse para minha casa. A Faculdade abandonara-o.

«Então mandei chamar Viguerie que logo me surpreendeu pela precisão do diagnóstico. No fim de doze dias de tratamento a temperatura tinha baixado, e o pulso regularizava-se. Decorridos dois meses

Notas & Comentários

A CASA ASSOMBRADA!

Em telegrama da France Presse, «O Primeiro de Janeiro», de 18 de Julho passado, publica, com o título acima e o subtítulo: Onde termina a ficção e começa a realidade?, *a seguinte curiosa notícia:*

«Um casal de Birmingham, com 5 filhos, conseguiu instalar-se numa casinha muito confortável, depois de terem esperado dois anos. Mas logo na primeira noite que ali pasaram foram acordados por portas que batiam, pancadas que estremeciam toda a casa, ao mesmo tempo que sentiam cheiros esquisitos, desde o do alho ao da borracha queimada. O dono da casa fez a guerra nos paraquedistas não sendo homem que se assuste com pouca coisa. Mas três semanas depois de se ter instalado na casa, na segunda quinzena de Junho, morreu o filho mais novo do casal com um mês de idade. A criança morreu de noite, sùbitamente.

Entretanto, os ruídos nocturnos intensificaram-se e a temperatura do quarto de dormir sofria modificações estranhas. Começaram a ouvir-se murmúrios. Uma noite, outro filho do casal, disse que na noite em que morrera o irmão, tinha visto um cãozinho branco deitado na cama do bébé. O cãozinho já tinha vindo noutras noites, mas naquela, deitara-se em cima da criança. O dono da casa pediu o auxílio da polícia, que nada encontrou de suspeito.

Um sacerdote veio benzer a casa e também ouviu os murmúrios e outros ruídos. Apesar de tudo, o casal não queria deixar a casa que tanto custara a arranjar. Mas, há poucos dias, o dono da casa viu a esposa ao cimo da escada, como quem queria gritar, mas não podia. Precipitou-se para ela, mas não conseguiu avançar. Agarrou-se ao corrimão, usou toda a sua força e o obstáculo cedeu de repente. Só depois a senhora pôde gritar e soluçar. Os dois resolveram deixar para sempre a casa...».

É pena que estes jornais de grande circulação se limitem a publicar as histórias e não lhes façam os comentários sérios que elas merecem.

A fenomenologia supranormal surge, a cada passo, em todos os continentes e latitudes, a despeito do que podem pensar e dizer os seus detractores. É tempo, portanto, de se lhe votar uma atenção mais cuidada, e de não a considerar apenas como produto de alucinação ou fantasia de cérebros fracos.

Estudem-se os fenómenos, honestamente, cientificamente, eis o que pedem os espiritas, certos de que o resultado desse estudo só poderá ser vantajoso para o Espiritismo.

PROFECIAS QUE SE REALIZAM

A revista «Spiritualisme Moderne» no seu número de Maio conta que uma clarividente predisse à esposa de um industrial sul-africano que o seu marido seria vítima de três acidentes. A clarividente para fazer uma descrição mais pormenorizada, pediu ao marido que saísse. A esposa teve, então, conhecimento completo das circunstâncias em que ocorreriam os dois primeiros acidentes. Sùbitamente, a médium ficou com os olhos esgaseados, porque via o industrial rodeado de uma substância negra, brilhante e a ferver.

O industrial esqueceu o incidente até que os dois primeiros acidentes se produziram. Então, lògicamente, considerou o terceiro como inevitável, mas não tomou outra precaução que a de fazer um seguro de vida a favor da esposa.

Pouco tempo depois, fazendo uma visita de inspecção numa nova fábrica, parou, junto de uma caldeira de alcatrão, para ver acionar um tubo que devia ali ser metido.

Sùbitamente, a corrente que segurava o tubo partiu-se e este foi projectado dentro da caldeira fazendo saltar, sobre o industrial, um verdadeiro banho de alcatrão, que o cobriu quase por completo.

Os médicos desesperaram de o salvar, mas ao fim de sete meses de internamento hospitalar conseguiu curar-se.

Também são frequentes estes fenómenos de clarividência, e tão frequentes que, como os anteriores, deviam merecer um estudo aprofundado das condições da sua produção, feito pelas pessoas para quem, actualmente, eles constituem apenas simples histórias para passar o tempo.

UMA MENSAGEM DO ALÉM

É este o título com que o «Diário de Notícias», de 31 de Dezembro de 1952, encima as 15 linhas do telegrama transmitido da cidade de S. Salvador, pela France Presse, e no qual se conta que um baiano, Manuel Porfírio da Silva, «recebeu, em sonhos, uma mensagem de um bisavô aconselhando-o a abrir um buraco com dez metros de fundo, em determinado ponto. O Manuel assim fez e achou no fundo da cova um cesto com ouro e pedras preciosas, no valor de cinco milhões de cruzeiros».

CURIOSIDADES ASTRONÓMICAS

Extraimos do n.º 159 de «Selecções», correspondente a Abril do corrente ano: «A Terra é um dos nove planetas que giram em torno de uma estrela anã, de brilho médio, chamada Sol.

O Sol e os seus planetas fazem parte de uma galáxia de milhões e milhões de estrelas que percorrem o espaço a grande velocidade. Enorme como é — um quintilião de quilómetros de diâmetro — a nossa galáxia, contudo, não passa de um grão de poeira no universo conhecido. Os astrónomos imaginam que

---

meu filho estava curado; tinha recuperado o uso da palavra assim como toda a sua consciência».

«A outra testemunha não hesitou em reconhecer que, cientificamente, esta cura não se podia explicar.

«O professor Rizer, grande mestre de psiquiatria, sempre declarara aos seus alunos, referindo-se ao jovem Pradel: *A criança não tem qualquer probabilidade de voltar a falar, nem de recobrar a consciência.*

«Ora, exclamou o advogado Floriot, defensor de Viguerie, o garoto está agora na plena posse de todas as suas faculdades mentais.

talvez haja um bilião de outras galáxias semelhantes».

Atentai bem, estimado leitor: O Sol é considerado uma estrela anã, de brilho médio! A enormidade da pequenez humana!...

Mais adiante: «Que tem a dizer a lei das probabilidades sobre o número possível de planetas onde pode existir vida orgânica?

«O Dr. Harlow Shapley, do observatório da Universidade de Harvard, afirma que não é absurdo supor que uma estrela em cada milhão tenha uma família de planetas.

«Destes, uma família de astros em cada mil pode oferecer as condições necessárias à vida orgânica; destas, por sua vez, uma em mil poderia desenvolver seres altamente organizados e inteligentes. Por outras palavras, a possibilidade de haver outros planetas com seres vivos, é de apenas uma em cada trilião. Julga-se, no entanto que existem 100 quintiliões de estrelas. Isso significaria 100 milhões de planetas com seres um pouco parecidos connosco».

Este número de 100 milhões é arbitrário, evidentemente, como o é o outro de 100 quintiliões para as estrelas existentes, pois não se poderá limitar a quantidade de estrelas no Universo ilimitado.

Quanto ao número provável de planetas habitados, lembremo-nos que ele será muito diferente, quando considerarmos que a vida, nos planetas superiores faz-se através apenas do corpo espiritual.

UMA SESSÃO DE CLARIVIDÊNCIA

Esta sessão de clarividência foi feita pela médium Estela Roberts, no Victoria Hall, em Londres, e durante ela deu uma série de indicações reconhecidas exactas pela assistência.

Contudo, pela sua excepcional importância, esta merece ser destacada: A clarividente descreve um jovem aviador, de 20 ou 22 anos de idade, que tinha atravessado o mar, mas que jamais voltara. Tinha morrido sùbitamente, sem sofrimentos. Chamava por «Len» ou «Ken», não sabia bem.

Uma senhora, do meio da sala, confirma: «Len». Estela transmite o que lhe diz o espírito: «É a mamã». E pergunta: «O pai está também aqui?». «Sim, lhe responde uma voz masculina».

A entidade comunicante fez referência a diversas fotografias, aniversários, amizades, e especialmente a um certo emblema que o pai declarou ser um emblema de escoteiro que o filho havia ganho. A médium pergunta, em seguida: «Porque será que ele tem um pé erguido na minha direcção?».

«É porque eu acabo de levantar-me de um ataque de gota», replicou o pai. «Procurei ajudar-vos», disse o espírito.

Depois da sessão o pai disse que 90 % das indicações dadas pela médium eram absolutamente exactas.

FALOU A CIÊNCIA

Na Conferência Atómica Internacional, segundo lemos no «Diário de Notícias» de 20 do corrente, foi anunciado que o corpo humano emite radiações — os homens mais do que as mulheres, e os jóvens mais do que as pessoas de idade.

Falou a ciência e acabaram-se as dúvidas a respeito deste assunto. Ainda bem.

No entanto, há muitos anos que os espiritas e os magnetizadores veêm afirmando exactamente o mesmo, acrescentando, até, que as radiações aumentam, excitadas pelo poder da vontade, e nem por isso têm tido mais do que sorrisos piedosos da parte de quem as ouve. É porque às radiações chamam-lhes eles «fluidos», e «aura», e os sábios afirmam que o fluido e a aura não existem. Pouco a pouco, porém, esses mesmos sábios vão anunciando algumas dessas novidades, que, entre os espiritualistas, começam a ter cabelos brancos...

Noticiário

O REGRESSO DO NOSSO DIRECTOR

Dirigem-se-nos alguns dos nossos confrades perguntando a data do regresso a Lisboa do director desta Revista.

Na quase impossibilidade de respondermos a todos particularmente, resolvemos fazê-lo nestas colunas.

Como se vê das crónicas que têm sido publicadas, os confrades brasileiros desentranham-se em amabilidades para com o seu hóspede e, decerto, o reteriam por tempo indefinido.

Porém, as saudades da pátria e dos seus familiares e amigos pungem o coração do nosso director; e embora ele se sinta rodeado de amizades sinceras e de admiradores entusiastas, pensa, decididamente, no regresso para data próxima.

Assim, a menos que qualquer imprevisto venha alterar os planos traçados, embarcará, no dia 21 de Setembro, a bordo do «Santa Maria», e estará entre nós a tempo de presidir à reabertura dos trabalhos do C. Espiritualista Luz e Amor.

★

Toda a imprensa espirita brasileira tem noticiado, com grande relevo, a visita do confrade Isidoro Duarte Santos, destacando o valor da sua obra e o seu porfiado labor em prol do Espiritismo, tudo com palavras repassadas de fraternal estima e nos mais lisongeiros termos.

Vibrando no mesmo entusiasmo e comungando na mesma fé, *Estudos Psíquicos* agradece, reconhecidamente, essas generosas provas de solidariedade espirita e pede aos Bons Guias protejam e amparem esse magnífico Brasil donde nos chega a certeza de um futuro auspicoso para o triunfo da nossa Doutrina.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE JULHO

«À Porta do Mistério» — D. Estrela de Moura — Lisboa.

Nota — Os trabalhos do Centro recomeçam no dia 2 de Outubro.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Agosto — I. S., Lisboa, 20$00; Grupo Allan Kardec, Lisboa, 20$00; Fausto Orlando Dias, Foz do Douro, 4$50; D. Maria Helena Faria, Lisboa, 32$50; C. E. L. A., Lisboa, 50$00; Brindes de livros espiritas, 85$00 — Total — 212$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espírita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espíritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espíritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espírita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

Fotografia psíquica obtida pelos médiuns Falconer. Em baixo: um feto de criança esboçado em ectoplasma.

(Ver pág. 271)

CONTÉM: Unidade, por **P. C. D. S.**; As Maravilhas do Universo, por **Pietro Ubaldi**; Depoimento de Um Médico Psiquiatra, do **Dr. Inácio Ferreira**; Jesus, por **F. Noronha**; Nove Proposições, por **Camilo Flammarion**; Soneto, por **Leôncio Correia**; O Espiritismo nas Religiões, pelo **Coronel Delfino Ferreira**; Bem-Aventurados os Pacificadores, por **J. C. Moreira Guimarães**; Aprendizes e Adversários, por **Irmão X**; Os Espíritos Crescem no Além?, por **Isidoro Duarte Santos**; Exortação à Luz, por **Irmão César**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Aprendamos com Amor, por **Emmanuel**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; O Cérebro de Einstein, por **Cyrilo Alleixo**; Mensagem da Criança, por **Meimei**; A Propósito de Uma Crónica, por **Leopoldo Machado**; O que é um Centro Espirita, por **Rodolfo Coelho Cavalcante**; Egoismo, por **Idalinda Aguiar Matos**; Carta a Um Materialista, por **B. Martins**; Os Que Nos Deixam - João Rodrigues Duarte; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

16.º ANO SETEMBRO DE 1955 N.º 9

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores * Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. 100,00 Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espíritos	32$00	45$00
O Livro dos Médiuns	32$00	45$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	32$00	45$00
O Céu e o Inferno	35$00	47$00
A Génese (nova edição)	35$00	47$00
Obras Póstumas	32$00	45$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1955 — N.º 9

Redactor **Ramos Pereira** | Director, Editor e Proprietário **Isidoro Duarte Santos** | Administradora **Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

UNIDADE

No áspero e íngreme caminho que os adeptos do Espiritismo, para a sua propaganda e divulgação, têm de percorrer; na luta cotidiana que sustentam com os diversos elementos que, por toda a parte, pretendem dificultar-lhes a marcha, o melhor auxílio, a mais segura defesa, o meio mais eficaz de neutralizar esses acidentes, é a união de todos e a permanência nela, a todo o transe, haja o que houver, suceda o que suceder.

Que nem a intriga, nem a maledicência, nem as atitudes incorrectas — filhas, quantas vezes, de impulsos momentâneos — possam quebrar ou aluir, sequer, essa unidade, que deve manifestar-se não sòmente quanto ao mundo profano, mas também, com a mesma intensidade, e com o mesmo ardor, dentro das colectividades e até nas relações particulares dos espiritas entre si.

Haverá necessidade, muitas vezes, de vencer, com grande esforço, as nossas tendências inferiores, mas isso é o que mais mérito concede à vitória conseguida. E a doutrina bem merece esse grande esforço.

Aqueles que tenham abraçado o Espiritismo com o coração e com o cérebro, isto é, que sejam crentes sinceros e conscientes, certamente terão já compreendido a necessidade de afastar tudo quanto possa impedir uma união eficaz, e um bom combate travado em todos os sectores, sem que ninguém falte à chamada ou deserte em meio da luta.

A propósito e para ilustrar estas considerações, veja-se o que se passa no Brasil, em que o milagre dos hospitais, dos educandários, das escolas, das maternidades, dos abrigos e de tantas outras formas de assistência a necessitados, só foi possível e só é possível com a unidade de objectivos, com a união de todos os corações, com o sentir e vibrar unísono de todas as almas no sentido da solidariedade.

E é ainda por causa dessa mesma unidade de vistas, desse mesmo anseio comum e forte dos espiritas brasileiros que eles têm, no campo da fenomenologia, os resultados mais consoladores e surpreendentes.

Não se creia que as magníficas mediunidades que por toda a parte brotam no Brasil e são únicas no mundo, teriam sido possíveis, teriam ambiente para se manifestar e desenvolver, se não fosse a unidade, a coesão, dos espiritas brasileiros.

Esses exemplos deveriam bastar-nos, a nós que tão arredios temos andado da crença na virtude e na eficácia destes processos, para nos dar coragem e iluminar-nos o entendimento.

Então, veríamos os frutos magníficos e saborosos que daria a árvore a cuja sombra nos acolhessemos e veríamos, também, amplamente demonstrado, o aforismo, velho de centenas de anos, mas verdadeiro como a juventude promissora, de que «a união faz a força».

Quando, em todo o mundo, o Espiritismo se está a impor e a conquistar multidões, não é razoável, nem coerente, que nós nos mantenhamos alheios a esses triunfos e não façamos quanto esteja ao nosso alcance para seguir as pisadas daqueles que vão na vanguarda do movimento.

Nada mais nos será necessário para atingir os pontos mais altos da montanha que é o Espiritismo, do que muita fé em Jesus e nos nossos Guias Espirituais e muita confiança em nós mesmos e na força que nos virá da unidade que soubermos imprimir aos nossos actos e aos nossos pensamentos.

Para essa unidade, salvadora e profíqua, para essa solidariedade de aspirações e de anseios, mais uma vez apelamos, na esperança de nos fazermos ouvir e de, assim, podermos oferecer à nossa magnífica doutrina o esforço, o entusiasmo e a boa vontade de todos os seus adeptos.

P. C. D. S.

AS MARAVILHAS DO UNIVERSO

Por PIETRO UBALDI

Caros amigos leitores:

Desejo hoje passar convosco alguns minutos de alegria, contemplando juntos a grandeza das obras de Deus e abandonando-nos à sensação da Sua presença no mundo, entre nós.

A astronomia calcula que só na nossa *Via Láctea* deva existir um milhão de mundos habitáveis. O telescópio do Monte Palomar revela-nos a existência de cerca de 40 milhões de outras vias lácteas ou universos estelares. Daqui poderemos admitir a existência de um número de mundos habitáveis que dificilmente conseguiremos representar. A nossa mente perde-se, também, quando tenta imaginar o número infinito de formas que a vida poderá ter assumido em tão espantosa diversidade de condições de ambiente. E formas de vida significa formas de percepção, de conhecimento e de consciência, com as quais nos encaminhamos para Deus; formas de organização biológica, social, psíquica, talvez baseadas em princípios completamente diversos daqueles que nós conhecemos, talvez limitados em dimensões ainda mais evoluídas da matéria e também daquilo a que nós chamamos pensamento e espírito.

Mas se, por um lado, a nossa mente se perde na ilimitada vastidão do espaço e nas infinitas multidões de seres e de formas de vida por eles assumidas, além do infinitamente grande também se sente confundida perante o infinitamente pequeno. A ciência moderna cada vez desvenda mais além o mistério do mundo atómico que nos revela outras ilimitadas imensidades no número dos elementos componentes, todos eles em movimento e livres, como se fossem vivos; livres nos seus movimentos, mas sujeitos a uma lei colectiva que os coordena numa ordem inflexível, na qual a mecânica clássica viu apenas o absolutismo cego de uma lei determinista.

Perante estes factos positivos que a ciência todos os dias profunda e confirma, a posição agnóstica do ateu, dia a dia se torna mais simples e pueril. O materialismo pode desde já considerar-se uma fase primitiva do pensamento científico, actualmente já superada. Essa fase conserva-se, por inércia, nalgumas mentalidades atrasadas e isso por falta de conhecimento e de lógica interpretação das últimas conclusões da ciência moderna. No nosso século surge sempre mais claro na base da ciência, o conceito de Deus. À força de pesquisar, a ciência não podia deixar de descobrir em todos os fenómenos, e sempre mais evidente, a mão de Deus. Era inevitável que ela, estudando os fenómenos, atingisse o princípio inteligente que os guia, isto é, a Lei que tudo rege, estabelecendo uma ordem universal, sem a qual o Cosmos não poderia governar-se.

Desta forma, o todo aparece-nos como enorme organismo em movimento, a cuja formação e funcionamento preside um grande espírito, uma suprema inteligência de matemático, sabedoria e universal omnisciência, isto é, o pensamento directivo de Deus. Assim, o antagonismo entre a ciência e a fé, entre o materialismo e o espiritualismo, dia a dia vai desaparecendo e é abandonado a um passado que se afasta de nós cada vez mais.

Não chegaremos assim, é certo, à concepção de um Deus antropomórfico, como no passado o estado primitivo da mente humana exigia para poder fazer uma ideia do Criador. Se este Deus perde assim características humanas que o tornavam semelhante ao homem, em compensação espiritualiza-se cada vez mais, mas continuando sempre a ser o mesmo Deus. É apenas a imagem que nós conseguimos fazer d'Ele que evolui com a evolução da nossa mente. E com isto também nós nos aproximamos cada vez mais da compreensão exacta de Deus, porque quanto mais conseguirmos concebê-Lo como Ente abstracto e imaterialmente, mais nos aproximaremos da Sua verdadeira natureza. É assim que os adiantados concebem Deus como um pensamento omnipresente, dirigindo tudo quanto existe, como um pensamento de amor, justiça e bondade que preside ao desenvolvimento da vida, como um princípio abstracto que toma a forma de todas as coisas.

A verdadeira face de Deus, sendo Ele a

suprema abstracção de todas as formas materiais, não pode ser concebida no plano de vida em que hoje vive o homem. Mas a projecção dessa face em todas as formas é bem perceptível para os nossos sentidos e para a nossa mente. Podemos ver Deus projectado em todas as coisas e ouvir como todas elas nos falam d'Ele. Em tudo quanto existe podemos sentir Deus, principalmente se das formas materiais que O exprimem, soubermos extrair o princípio espiritual que existe em todas elas.

Poderemos assim chegar à sensação maravilhosa da presença de Deus. Para a alcançarmos impõe-se não parar à superfície, não as ver apenas com os olhos físicos. Devemos profundá-las, olhando para dentro, para a alma das coisas com os olhos espirituais.

Então patenteia-se-nos um espectáculo maravilhoso. Tudo se anima com um pensamento profundo e, orgânicamente harmónico, caminhando para a meta estabelecida. Então, os fenómenos físicos, os fenómenos individuais, históricos e sociais, o mundo astronómico e o mundo atómico, tudo adquire um significado lógico e ilumina-se com uma luz interior e espiritual, tudo se move para o alvo do bem. Então a dor torna-se numa escola onde se aprende, e o mal, nas mãos de Deus, transforma-se num instrumento de bem. Sentimos não só a presença de Deus, mas essa presença activa, operando entre nós.

Se a alma fica enlevada na contemplação do pensamento de Deus que tudo guia, os sentidos podem perceber as consequências no plano material da obra de Deus entre nós. Deus não tem mãos, no entanto trabalha; não tem voz, mas fala. Se soubermos observar o que se passa em volta de nós e soubermos compreender porque os factos se desenvolvem deste modo e não daquele, veremos a mão de Deus em todas as coisas e em todos os acontecimentos.

O mundo ignora isto. E, no entanto, esta atmosfera divina é aquela que todos os seres respiram, aquela em que nos movemos, aquela a que todos nós devemos a vida. Na fatigante e mesmo inútil corrida dos nossos tempos, se soubéssemos parar um instante para olharmos para dentro de nós e para a essência das coisas, em vez de nos prendermos com a ilusão da sua aparência, alcançaríamos tão brilhante lampejo do pensamento de Deus que ficaríamos deslumbrados; e alcançaríamos também tão profundo sentido da Sua sabedoria e bondade que ficaríamos arrebatados de alegria.

Veríamos então o infinito poder e grandeza de Deus, tão altos que se perderiam no inconcebível quando se aproximassem de nós, quando se confundissem com a pequenez da nossa vida cotidiana. Veríamos então o Omnipotente fazer-se pequeno por amor de nós, para nos fazer sentir que a Sua maior força é o amor. Sentir-nos-íamos esmagados e vencidos, mais do que o seríamos pelo temor e pela ameaça de terríveis castigos. Abrir-Lhe-íamos então os braços e, mesmo feridos pela dor, abençoá-Lo-íamos e abençoaríamos a vida que Ele nos deu.

O paraíso não é mais do que um estado de alma feito de harmonia na ordem divina e alcança-se cumprindo-a, respirando e mergulhando na atmosfera do divino que envolve o mundo. Então ouve-se Deus que canta em todas formas do ser. É uma música sublime, uma orquestração perfeita, uma contemplação de amor.

O inferno, pelo contrário, é um estado de alma feito de dissonância e revolta contra o poder divino. Então, a alegria do amor de Deus transforma-se no tormento do ódio satânico. O paraíso ou o inferno estão dentro de nós, conforme aquilo que nós escolhermos.

Actualmente, muitos vivem no inferno. Mas impõe-se avançar e no fim do caminho espera-nos um clarão de felicidade. De plano em plano, o ser constrói o grande edifício da evolução, cujos fundamentos foram lançados na rocha dura da matéria e cujo cimo se perde na imensidade do céu. O ponto de partida é o caos, a meta é a ordem. Assim se chega de um estado de luta feroz, no qual os seres não se aproximam senão para se devorarem, a um estado de harmónica fraternidade no qual os seres se aproximam para se compreenderem e amarem. Desta forma, de plano em plano, se eleva o edifício. Os gritos selvagens dos primitivos que construíram nos planos inferiores, transformam-se, pouco a pouco, nos cânticos da alma que começa a conhecer Deus e a função da dor que purifica, até chegarem a ser hino de glória e de triunfo nos planos superiores, que no céu infinito se dirigem para Deus. Desta forma, o funcionamento orgânico do Universo, revela-se-nos como a marcha ascensional de todos os seres para Deus. É este o significado da vida, que a torna útil e construtiva para a nossa felicidade, mesmo quando estamos imersos na dor. A qual, se é forçosamente suportada com ódio nos planos baixos, no entanto é aceita porque se compreendeu a sua função de purificação e redenção e acaba por ser excedi-

Depoimento de um Médico Psiquiatra

Do livro "Novos Rumos à Medicina"

Os médicos que labutam em todos os ramos da medicina, mormente aqueles que se entregam à luta árdua no terreno neurológico e, principalmente, psiquiátrico, precisam desviar-se um pouco das suas investigações da matéria, lançando-se ao estudo e às experiências no campo espiritual. Precisam compreender e chegarão a essa compreensão, quer queiram, quer não, de que 70 % dessas tragédias que se desenrolam no Universo, produzindo esses desequilíbrios mentais, são consequências de actuações psíquicas, partidas do mundo invisível aos nossos olhos materializados, porém percebido e sentido pelos médiuns, criaturas possuidoras de um sexto sentido.

Lançando as suas pesquisas para esse campo vasto, infinito, perceberão a grandeza e o poder que lhes conferirão meios fartos para elevá-los aos pináculos da glória, transformando-a no ramo mais sublime e produtivo da medicina. Caso contrário, continuarão tacteando, às cegas, girando em torno de si mesmos, numa circunvolução eterna e infinita.

★

Vendo, de um lado, as pesquisas estafantes dos especialistas e a luta insana que travavam contra os ondas encapeladas do mar revolto da dúvida, da incerteza, e, de outro, o farol que se erguia, sublime e majestoso, bem capaz de lançar as suas luzes potentes sobre aqueles náufragos que se debatiam, proporcionando-lhes meios para se orientarem à procura da salvação, não vacilámos, tomámos o frágil barco e nos lançamos na escuridão do mar tempestuoso, enfrentando o furacão e as ondas revoltas, para, num esforço inaudito, com o fraco lume que nos fora doado, ir acender aquela luz que ainda haveria de se espargir com toda a sua intensidade e com todo o seu esplendor...

Com os ensinamentos espirituais; com as sessões de investigação processadas com critério e rodeadas de todas as garantias; com médiuns sinceros, criaturas boas e simples, tivemos explicações para quase todas as falhas encontradas e, em pouco, o hospital onde trabalhávamos produzia uma média de curas como poucos, ou, talvez, nenhum hospital do mundo produzisse, em condições idênticas, com deficiência de tudo.

Não tinha aparelhagem eléctrica; não possuía enfermeiros especializados; medicamentos eram em tal parcimónia, que quase só se empregavam amostras obtidas da generosidade dos laboratórios; um único médico material, nós, que durante mais de 2 anos não conhecemos um enfermo, sequer, e não havíamos dado, sequer, uma receita!...

DR. INÁCIO FERREIRA

---

da, depois de terminada esta função pela suprema felicidade.

É este o caminho que todos nós trilhamos, porque esta é a Lei de Deus, tanto mais difícil quanto mais atrasados estamos, mas que mais ràpidamente percorremos quanto mais soubermos subir e estender a mão a quem ignora tudo ainda; caminho que percorreremos mais depressa e mais fàcilmente, se fraternalmente nos auxiliarmos uns aos outros.

Neste amor pelo próximo está o segredo da felicidade. O inferno é um estado de egoísmo separatista e de máxima cisão, no qual os seres se autocastigam, agredindo-se e matando-se alternadamente, como demónios. Pelo contrário, o paraíso é um estado de altruísmo que unifica, de função máxima, no qual os seres se autopremeiam, abraçando-se e amando-se como anjos.

Se todos procurarem caminhar para o seu semelhante, para o compreender e amar, daremos grande passo para a harmonia geral, o futuro reino de Deus, isto é, para o paraíso, o mesmo que a nossa própria felicidade.

(Tradução de SIBIL)

JESUS

Por F. NORONHA (Colaboração póstuma)

É enorme a literatura que se ocupa da pessoa de Jesus, e, constantemente, aparecem obras que lhe dizem respeito.

Em verdade, afigura-se-me já exaustiva tanta publicidade, que, aliás, nem sempre se ajusta à sã filosofia e à perfeita crítica histórica.

Haverá exacta proporção entre o ontem de Jesus, vivo, semeando, na Palestina, a sua palavra juntamente com o seu exemplo, e a actualidade, que afirma prestar-lhe culto?

Não conheço, na História, através dos séculos, realidade comparável à da vida daquele semeador.

Este facto é soberanamente incontestável: na humildade e no trabalho manual dos seus progenitores descerraram-se as pálpebras de Jesus infante, que os pais, não ricos, libertam da homicida perseguição de Herodes, fugindo com a débil criança para o Egipto. Ascendentes directos e descendente imediato assim abalam, de surpresa, transportando-se, mãe e filho, no dorso do mais paciente dos animais. E, quando lhes chega a nova de haver falecido aquele detestável sanguinário, volvem à terra natal com o pimpolho estremecido.

Não durara muito o exílio voluntário; e, se de mãos vazias apelaram para o asilo de chão alheio, no mesmo estado as trouxeram no regresso.

Prosseguiram os pais de Jesus em sua lida de labor, nas precárias circunstâncias precedentes, e não é provável que o varão, simples carpinteiro, sonhasse com sorrisos da fortuna e mudança para situação económica lisonjeira.

Nesta escola — e outra não tinha — decorreram os primeiros anos do unigénito do casal.

Atingiu no lar doméstico e no trabalho a sua maioridade. Evidentemente, porém, não lhe era de pobreza nem omissa de luz a sua capacidade peregrina, e possuía em suas faculdades, de radiação invulgar, um potencial típico, muito acima do meio ambiente em que se encontrava.

*

Encaro, agora, Jesus no elevado papel de semeador messiânico, de Enviado.

É facto que nascera num período com razão registado como século de luzes, e, embora não conste que ele soubesse grafar por seu punho, é demonstrado, por evidência autêntica, a profundidade inigualável da sua bagagem de conhecimentos, do seu engenho lucidíssimo, da sua psique sem émulo.

Assombra doutores, transmite preclaridades a cegos de entendimento, tem três momentos de transcendência absoluta nos domínios do argumento mental e ético, perante os quais queda pasmada a argúcia, a urdidura intrigante, a própria lógica de má fé: o diálogo com a mulher samaritana, a solução admirável no caso da adúltera surpreendida em flagrante delito, e a palavra regeneradora que dirige a Madalena no palácio de Zaqueu.

Isto é deveras eloquência máxima de expoente inultrapassável, e na sucessão das idades não se apagou da retentiva emocionante no trânsito das gerações.

Mas, no entanto, uma coisa há que se diluiu e é de Jesus, de sua exteriorização espontânea, de sua lição modelar, de seu modesto aprumo.

Essa coisa, porém, acha-se inteiramente mistificada e escandalosamente sofismada.

O bem moral, o «em espírito e verdade», o «é mais fácil passar um calabre pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino do céu», o «dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus», o «o meu reino não é deste mundo», numa palavra: o «amai-vos uns aos outros»!

Ora, o que se tem visto e observado ao longo do tempo, após a agonia do Calvário, participará desta filosofia de pura emancipação pacificadora e incruenta?

Todo o doutrinamento de Jesus revela um ser, sem antes nem depois no conceito formal de individualidade anímica, no entranhado convencimento de obediência e preito a um Pai sem símil que tudo orienta e a quem acata e adora, no testemunho de si próprio em honra e louvor dessa augusta supremacia que lhe alenta o espírito na imanente aspiração de ascese.

Desvia-se dos poderosos da terra, não o enlevam ouropéis

nem o fascinam banquetes e iguarias, são nus os seus pés e não resguardada do ar a sua cabeça, lava os pés aos discípulos que o acompanham, despede-se deles com um único legado!

De realeza, de abastança, de promoção rendosa, de faustos invejáveis, de gozo sensual embriagante, de entradas triunfais e aclamações ruidosas por parte de multidões delirantes?...

Nada disto é seu legado.

Consiste apenas numa recomendação de afecto: «Dou-vos um novo mandamento: «que vos ameis uns aos outros como eu vos amei».

E mantém-se coerente consigo mesmo, com esta fala de completa acessibilidade, com este hinário de sublimação assombrosa, distante breves horas de crucificado, quando, cravado no madeiro infamante de pés e mãos e cingido com coroa de espinhos enterrados na fronte, soltará este brado, permanecente para todos os séculos: «*Perdoa-lhes, Pai, que não sabem o que fazem!*».

E experimentara Jesus a dor da ingratidão do discípulo que o vendera, uma amargura moral talvez mais lancinante do que a da cruz.

Os discípulos fiéis, que transformara de pescadores de peixes em pescadores de homens, herdeiros de nova espécie, partiram, a ensinar a todas as gentes, conforme ele também recomendara.

E depois, na sequência das idades?!...

Como surge a barca de Pedro, e a cabeça ao vento, e os pés descalços, e o não temos oiro nem prata do pescador e do seu companheiro na emergência do paralítico?

«*O meu reino não é deste mundo*».

Coerente com esta solene declaração, a alguns séculos de distância, recusa Godofredo a coroa real onde Jesus a tivera de espinhos e, vencedor triunfante, apenas toma para si o título, mais modesto, de defensor do Santo Sepulcro.

Ainda com coerência idêntica, decorridos outros séculos, assoma iluminante no rigor de verdade apostólica e formidável de acepção integral íntima, em grau de unção só aquilatável ao da pessoa e aura de Jesus, o Mestre singular daqueles tais discípulos, o autor de um livro extraordinário, de lés-a-lés sem segundo e sem sombra de joio sequer, em que há um rótulo compreendendo capítulos com expressões desta categoria:

«Filho, não podes possuir perfeita liberdade, se totalmente não abnegares a ti próprio. (Mateus, 16:24).

«Estão agrilhoados todos os proprietários e amadores de si mesmos (2 — Timóteo, 3:2); cubiçosos, curiosos, vagabundos, buscando sempre as mollícies, não o que é de Jesus-Cristo (Filip. 2:21), mas muitase vezes fingindo isto, e compondo o que não há de durar.

«Porque perecerá tudo o que não deriva de Deus.

«Retém esta breve e consumada palavra (Rom. 9:28): Despede tudo de ti, e acharás tudo; deixa a cobiça, e acharás descanso.

«Isto resolve na mente; e quando tiveres cumprido, entenderás todas as coisas.

«Senhor, isto não é obra de um dia (1 Esdr. 10:13), nem brinco de meninos: antes em estas poucas palavras se encerra toda a perfeição dos Religiosos».

O livro, ou antes elaboração preciosa, abrangendo quatro livros num único tomo ou volume, denomina-se *Da Imitação de Cristo* e o seu texto, em todos os idiomas, existe espalhado em todas as regiões da terra.

E nem por isso, ó Jesus, a simonia deixou de ter escandalosa e vexatória realidade, nem por isso aqueles que se intitulam teus seguidores se mantiveram na imitação do teu exemplo, na cordura da tua doutrina e no cumprimento do teu mandato!

Onde se encontra a tua herança, onde assistem a tua paz e amor, onde o predomínio dos teus genuínos discípulos e autênticos imitadores?

Como se passou do semeador palestino, do amigo das crianças, do inexcedível narrador parabólico, do meigo e manso judeu a quem repugnavam todas as vaidades, todos os vícios da época, todas as armadilhas soezes, para os cálculos interesseiros, as confusões sociais, as discórdias e contendas de poder, a deflagração entre famílias, o ódio ferino entre os produtos do mesmo sangue?

*

O pretérito remoto, da antiquidade clássica, representou duas unidades de aproximação política em que prevaleceu, predominantemente soberana, a urbe tibrina.

A primeira dessas unidades constituiu-a o famoso Alexandre da Macedónia em sua marcha conquistadora e vitoriosa, que pôs termo ao império persa e levou a civilização da Grécia a meios orientais muito afastados.

A seu turno, quando Octaviano César triunfou em Filipes e em Astio, a lisonja o saudou Augusto, e os seus domínios absorveram desde as paragens do ocidente, banhadas pelo Mediterrâneo, até à Ásia imensa e sonhadora, a seu turno, quando esta obra

foi consumada, avultou, de facto, uma nova unidade.

Jesus nasceu nessa época. Augusto ordenara o censo da população a que presidia e o cumprimento do seu édito provocara o deslocamento de José e de Maria, seus progenitores.

O paganismo, ou religião dos deuses, vigorava, na data, no seio da sociedade romana, e o regime de escravos, provindo de longe, consignara-se na legislação em voga.

Jesus iniciou o seu apostolado, respeitando inteiramente a autoridade estabelecida e distinguindo, de modo inconfundível, o espiritual do temporal.

As seitas judaicas do seu povo esperavam quem as libertasse do jugo estrangeiro e não quem fosse alheio ao manejo da espada e ao génio de conquistas.

A sua percepção, a sua índole, o seu egoísmo, o seu anelo de poder, não concebiam idealidade psíquica elevada e moral de aberta concordância.

Viram, de mau olhado, a figura do seu patrício que asseverava não vir ao mundo para destruir a lei e os profetas, mas para lhes dar cumprimento, e que dizia, outrossim: «Ouvistes que foi dito: Amarás ao teu próximo e aborrecerás ao teu inimigo; mas eu vos digo: Amai aos vossos inimigos; fazei bem aos que vos aborrecem; e rogai por aqueles que vos perseguem e caluniam, para que sejais filhos do vosso Pai, que está nos Céus, o que faz nascer o Sol sobre bons e maus, e chover sobre justos e pecadores.

«Olhai que não façais a vossa justiça diante dos homens, com o fim de que eles vejam; que a vossa mão esquerda ignore o que faz a direita».

Não consente dúvida, de qualquer natureza e espécie, a cabal coerência de acção e princípios de Jesus. Em todas as situações que o definem, por mais críticas, por mais gravosas e por mais martirizantes que hajam sido, ele conteve-se em sua individualidade incorruptível e na profundeza de suas convicções inabaláveis.

Não o prendiam de raiz à terra pensamentos que o envolvessem em miragens de popularidade e de preeminência potencial. E aquela recepção triunfal, em Jerusalém, não lhe desnudou o carácter nem lhe enfatuou o ânimo íntegro e incontaminável.

Teria de esgotar o cálice de amargura até às fezes, e de sacrificar-se, num holocausto cruentíssimo, com olhar de alma na humanidade e fervor de crente ao exalar o derradeiro alento, resignado à vontade do celeste Pai!

«*Consummatum est*». Estava consumada, ó Jesus, uma tarefa missionária, não adivinhada entre os povos há muito adormecidos nos silêncios de jazidas sepulcrais, onde encontraram acaso civilizações contingentes, e iria repercutir-se inviolado o teu doutrinamento, de espírito e verdade!...

Não tardou a era dos mártires; depois, a das soluções de Constantino, depois, a era em que os perseguidos por te confessarem seu Mestre venerando e não participarem da idolatria pagã, adorando os imperadores de Roma, são reconhecidos livres no seu culto, e em que a mãe do vencedor de Maxencio dá à Cruz o seu significado inefável. Depois, decorrem os séculos, e tudo se transforma e entra em antagonismo com «*o meu reino não é deste mundo*» e «*dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*».

Seria necessário, ó Cristo, que viesses de novo, e de novo fizesses ouvir a tua voz aos povos, para que te seguissem, exemplificando a tua lei! Volta, Mestre, e ensina-nos de novo!

Um lamentável extravio da mala do correio aéreo, facto que, felizmente, só esta vez se verificou, faz com que, a despeito de toda a nossa boa vontade, não seja possível publicar a última crónica de viagem do nosso director, referente ao Hospital Pedro de Alcântara.

Esperamos, no entanto, fazê-lo no próximo número, pois estamos certos de que a mala do correio acabará por aparecer.

Não obstante não termos qualquer responsabilidade no sucedido, endereçamos aos nossos presados confrades e assinantes, as nossas desculpas.

NOVE PROPOSIÇÕES

por Camilo Flammarion

Após o conjunto de factos observados, tão concordantes, numerosos e precisos, julgo-me autorizado a apresentar as seguintes proposições, como estabelecidas sobre bases irrecusáveis:

1.º — Os seres humanos falecidos, a que chamam mortos, continuam a existir, depois da dissolução do organismo material.

2.º — Existem, em substâncias invisíveis, intangíveis, que os nossos olhos não podem ver, que as nossas mãos não podem tocar, que os nossos sentidos não podem apreciar, nas condições normais.

3.º — Não é vulgar manifestarem-se. O modo da sua existência é muito diferente do nosso, mas, alqumas vezes e em diferentes circunstâncias, esses seres podem-nos provar a sua sobrevivência.

4.k — Actuando sobre o nosso espírito, actuam, também, sobre o nosso cérebro. São vistos por nós, sob formas sensíveis; podemos vê-los, tal qual, como os conhecíamos: com os seus fatos, maneiras e personalidades. É a nossa vista interior que os vê. É uma percepção, de alma para alma.

5.º — Estes factores não são alucinações, nem visões imaginárias. São realidades. O ser invisível torna-se visível.

6.º — Também as podem evidenciar, debaixo de uma forma objectiva.

7.º — Em grande número de casos, as aparições dos mortos não são intencionais. O morto não actua, expressamente, sobre o espectador. Parece que é de um modo vago, que continua certos hábitos e que erra nos sítios, onde viveu, ou perto da sua sepultura; mas, não esqueçamos que isto são apreciações humanas e que a distância não conta para os espíritos. Da alma emanam ondas etéricas que, ao tocar no percipiente, se transformam em imagens, no cérebro receptor, vibrando, sintònicamente.

8.º — As aparições e manifestações são, relativamente frequentes, nas horas que seguem, imediatamente, a morte; o seu número diminue, à medida que o tempo passa e atenua-se, de dia para dia.

9.º — As almas separadas dos corpos conservam, muito tempo, a mentalidade terrestre. Nos católicos, os pedidos de rezas são frequentes. É um facto de observação que seria importante analisar, sob o ponto de vista da psicologia humana e transcendental.

SONETO

(Último soneto do livro «O Canto do Cisne», escrito quando a cegueira apagara para sempre a visão do famoso poeta paranaense e confrade de lides espiritistas.)

Cego — completa escuridão... Tateio
Sem um velho cajado a que me arrime.
Expiação, talvez, de um grande crime,
Mas onde, quando e como pratiquei-o?

Das aves ouço o matinal gorgeio...
Invejo-as, e esta nobre inveja exprime
Uma resolução firme e sublime
De encarar a hora extrema sem receio.

Ao Pai celestial minh'alma entrego,
Às margens quase da outra vida, cego,
Mas abrasado de infinito amor

Pelo bom Deus, que me concede ainda,
Quando minha missão na Terra,
Esta bendita luz interior.

LEÔNCIO CORREIA

(de «Reformador»)

O ESPIRITISMO NAS RELIGIÕES

Pelo Coronel DELFINO FERREIRA

II

Qual o Cristianismo que emigraria da Judeia, o Budismo emigrou da Índia. Ele, para o oriente, o Cristianismo, para o ocidente.

Em sua emigração o Budismo vai-se modificando, adaptando-se aqui e acolá, para após a morte de Gautama, se desvirtuar totalmente, fracionando-se em numerosas seitas e tornando-se tipo comum de religião.

Tem por símbolo uma roda dentada: a RODA DOS RENASCIMENTOS. Apresenta como *característica* a IGUALDADE e por *síntese* a RENÚNCIA como meio de supressão da dor, pela supressão do desejo. Fundamenta-se na lei do Karma, de onde tira a sua moral: a RECTIDÃO.

Buda jamais foi teólogo; e, como Kardec, não pensou em estabelecer uma nova religião, antes, fazia da sua doutrina um método de disciplina, estando nesta disciplina a realização da extinção da dor, observada uma directriz de vida, que denominou NOBRE CAMINHO DAS OITO SENDAS, que são: FÉ perfeita; VONTADE perfeita; PALAVRA perfeita; ACÇÃO perfeita; MEIOS DE EXISTÊNCIA perfeitos (perfeita profissão); APLICAÇÃO perfeita; MEMÓRIA perfeita e MEDITAÇÃO perfeita. Tudo isto conduz à perfeição, que liberta das reencarnações compulsórias. Tal é, também, o sentido, na Oração Dominical, ensinada por Jesus, do pedido: «... *e livrai-nos do mal*». MAL, no sentido de tentação da carne, quer como restrições e exigências que impõe ao espírito encarnado, quer como desejo de reencarnar, ou, mesmo, acepção da própria reencarnação forçada pela lei do Karma.

Nenhuma outra corrente filosófica ou crença, mais do que o Budismo, se fixa na Lei da Reencarnação e, em natural decorrência, na de Causalidade, a que denomina de lei do Karma. Precisamente por desvendar, com tal conhecimento, nova face da Lei divina, que destarte, abriu à humanidade racional caminho de redenção e lhe proporcionou mais elevada concepção da sabedoria e justiça de Deus, foi que Buda humanizou o Brahmanismo que Crisna espiritualizara, tal como Jesus, a seu tempo, viria fazer uma e outra coisa quanto ao Judaismo.

Outra analogia interessante: Se no Cristianismo dos homens surge com um ideal universalista o Espiritismo, buscando a purificação da Doutrina do Cristo, igualmente no Budismo um rebento surge com objectivo semelhante: o CAODAISMO, chamado budismo renovado. Fundou-o, aí por 1920 um adepto taoista, ou seja do TÁO, crença chinesa baseada na filosofia de Láo-Tsé. Impõe o Caodaismo aos seus profitentes deveres cada vez mais altos, à medida que se vão evoluindo. Fundamentalmente tolerante, tenta conciliar todas as religiões, raças e povos. Toda a sua actividade se baseia no fenómeno espiritico da escrita pela cestinha de bico, de uso reservado aos seus sacerdotes médiuns.

Vejamos, porém, alguns ensinamentos de Buda: —

I — «*O QUE NÃO QUEREIS QUE VOS FAÇAM, NÃO O FAÇAIS AOS OUTROS*».

É a Lei Áurea, universal, sancionada por Jesus no Sermão da Montanha, em forma, todavia, de expressão positiva e mais ampla, já atrás referida, valendo, porém, repeti-la: «*FAZEI AOS HOMENS TUDO O QUE QUEREIS QUE OS HOMENS VOS FAÇAM*». Removendo a expressão negativa e imprimindo ao enunciado o cunho positivo, Jesus deu mais clareza à Lei, ampliou-lhe os horizontes, deu-lhe mais força e com isto mais alargou o campo dos nossos deveres e, pois, de nossas responsabilidades. Escoimou a Lei de algo de egoismo que nela permanecia. É por isto que Kardec afirmou ser a moral cristã a mais alta e mais pura de quantas difundidas entre os homens e a elegeu para base do Espiritismo. Em verdade, a Lei Áurea, nos termos em que a vasou Jesus, corresponde ao seu ensino: «*NÃO BASTA NÃO FAZER O MAL, É PRECISO FAZER O BEM*», ao passo que nos termos da expressão negativa, de Buda, Hillel, Confúcio, e outros, não ficamos obrigados à prática do bem para querermos recebê-lo; do mesmo modo, também, não obriga a quem quer que seja a nos fazer bem. Por seus termos a lei apenas nos garante reciprocidade na isenção da prática do mal: Não nos farão mal se mal igualmente não fizermos. E poderemos querer que nos façam bem sem que o façamos nós... Basta que não façamos o mal...

No Budismo o sentido da lei parece ser mesmo este, dado que Buda, predicando, expõe larga série de actos capazes de causar sofrimento aos outros e conclui:—«*Tais coisas, seguramente, não deveis fazer*».

Zoroastro, apresentando a Lei Áurea, a expressa também em forma negativa, permitindo, porém, após certa análise, interpretação relativamente positiva. Diz assim, Zoroastro: — «*Aquilo que não aprovais para vós mesmos, não aproveis para ninguém mais*». De qualquer modo, em realidade, a constante incidência da Lei de Causa e Efeito ensinada pelo Espiritismo, ou de Causalidade pela Teosofia, ou do Karma, pelo Budismo. O mesmo ensinamento de Jesus: «*A CADA UM SEGUNDO AS SUAS OBRAS...*».

Continuemos, porém, a destacar ensinos de Buda:

1 — «*O mal, — disse — aumenta as dívidas a pagar; o bem liberta e paga. Evita o mal, pratica o bem; mantém-te dono de ti mesmo. Tal é o caminho*».

2 — «*Praticar a justiça é criar tesouro que ninguém poderá dividir ou roubar*».

3 — «*Com a fé se move o Himalaia*».

4 — «*Eu sei que um reino me é destinado; mas não reclamo reino deste mundo*».

5 — «*Sete sóis passarão um após outro numa imensidade de tempo incomensurável, mas minha doutrina persistirá*».

6 — «*Aquilo que vos digo não aprendi de ninguém, nem de filósofo, mas daquele que conheço, vi e compreendo*».

7 — «*Jamais com a ira se acalmará a ira; com a doçura se acalma tudo. Esta é a antiga doutrina: a cólera vence-se com a doçura, o mal com a bondade, a avareza com a dádiva, a mentira com a verdade*».

8 — «*Andas bem vestido, vestes boas peles... O exterior é limpo, mas o interior é rapacidade*».

9 — «*Seja aberta a todos a porta da eternidade. Ouça quem tiver ouvidos. Eu pensei em minha própria mágoa; e foi por isto que hesitei em revelar aos homens a nobre verdade: Venho ao mundo para a salvação de muitos, da pena do mundo*».

Não menos impressionante, também, a analogia de certos factos. Vejamo-los:

1 — João Baptista mandou discípulos a Jesus a indagar se era ele aquele a quem esperavam, ou se deveriam aguardar outro. Igualmente um pregador manda emissários a Buda buscando saber se era ele o Esperado.

2—Jesus enviou à pregação, dois a dois, setenta de seus discípulos; Buda o fez a sessenta.

3 — Jesus, consoante o Evangelho, tinha seu discípulo preferido: João; de igual modo Buda teve o seu em Amanda, tal como Crisna a Arjuna.

Possìvelmente estará causando estranheza este paralelismo mais de doutrina que de factos fenoménicos. Diremos, entanto, que, se dos factos retira o Espiritismo seus princípios fundamentais, é a doutrina que o constitui e não os fenómenos, não o mediunismo. E temos assinalado analogias doutrinárias porque assim vamos, de certo modo, encaminhando a solução do problema de ser ou não religião o Espiritismo. E vamos ainda constatando que religião não é o culto, não são as exterioridades, os dogmas, os princípios de fé alheios à pureza da doutrina em seus primórdios, pregada por seus fundadores. E destarte o problema vai recebendo solução natural e implícita.

Ora, acabamos de ver no Budismo de Buda, não uma religião, mas um regime de disciplina do espírito, traçando ao homem definida atitude diante da vida, de modo a conduzí-lo à perfeição moral, a que chamamos *salvação*. Outra não foi a acção, nem outra a ideia de Jesus, que, como Buda, nenhum sacerdote ordenou, nenhum sacramento instituiu e que nem mesmo o baptismo ministrou; nenhum templo construiu ou aconselhou se construisse, ao contrário, afirmou ser Deus Espírito a ser adorado, não no templo de Jerusalém, não no de Samaria, sim em espírito e verdade. Pregou o amor, como Buda a fraternidade. Pregando o amor, estimulou a solidariedade e imprimiu à sua doutrina, pela palavra e pelo exemplo, o mais perfeito cunho de cooperação. Entretanto a cristandade vive o mais ferrenho, o mais furioso clima de competição, movida pela mais desbragada ambição. Ambição de tudo: de gozos, de glórias mundanas, de fortuna, de mando, de poder. Por Jesus, o Cristo, reduziu toda a Escritura à prática, tão só do amor a Deus e ao próximo. Nada mais. E, no entanto, que é o Cristianismo dos nossos dias através de todas as igrejas em que os homens o dividiram?

É, pois, não o facto, mas a compreensão do facto que nos cumpre buscar. E nisto o Budismo se assemelha ao Espiritismo, dado apelarem ambos para a razão, a compreensão. Tanto assim que Gautama predicou:

— «*Não creias em algo pelo que disso te disseram; não creias nas tradições por serem antigas e transmitidas por sucessivas gerações; não creias em virtude da mera autoridade de instrutores ou sacerdotes. Aquilo que, segundo tua própria experiência e após cuidada investigação esteja concorde com a tua razão e proporcione o teu bem como o de todos os seres vivos, isso, sim, é que deves aceitar como verdade, e, de conformidade com ela, viver*».

Outra não é a orientação espiritica. O Espiritismo não pretende que se *creia* nele, mas sim que se compreenda. Mesmo as comunicações dos Espíritos, os seus ensinamentos, cumpre sujeitar ao exame da razão, da lógica, do bom senso, da própria doutrina, pois, é princípio espirítico «ser preferível repelir dez verdades a admitir uma única mentira, uma teoria falsa».

Passemos agora ao CONFUCIONISMO: Seu *berço* é a milenária China e seu *fundador* KOUNG FOU TSEU, conhecido, porém, universalmente, por CONFÚCIO, forma latina de seu nome. Nasceu Confúcio em 551 ou 550 antes de Cristo. Sua doutrina sòmente séculos após a sua morte é que se popularizou na China, assumindo aspecto religioso pelo culto dos mortos e pelo culto, em realidade cívico, do próprio Confúcio, cuja doutrina no-lo revela, menos do que um fundador de religião, um legislador; diferente, todavia, de Moisés; e um moralista diferente de outros filósofos chineses seus antepassados, ou contemporâneos como LAO-TSÉ; e diferente ainda, sobretudo, de Buda e de Jesus.

O Confucionismo, em síntese, consiste na RECTIDÃO DE CONDUTA, no sentimento, e no *amor ao próximo como a si mesmo*, caracterizando-se, pois, pela benignidade, sociabilidade e pela veneração aos antepassados, evocados geralmente nos lares, por seus próprios chefes. Daí, como fundamento de seus sistema, Confúcio pregar também a Lei Áurea: «*NÃO FAÇAS AOS OUTROS AQUILO QUE NÃO DESEJAS TE SEJA FEITO*».

Igualmente dele é esta bela frase: — «*O HOMEM SÓ SERÁ FELIZ SE PUDER ENCONTRAR O CÉU DENTRO DE SEU CORAÇÃO*». E lembramos que «céu», aqui, significa DEUS. «*O CÉU ME CONHECE*», era uma sua frase costumeira.

De Confúcio são ainda os seguintes conceitos, colhidos dos livros que escreveu, em número de cinco, como os de Moisés e os fundamentais de Kardec:

1 — «*A lei do grande estudo ou filosofia prática consiste em desenvolver e pôr em relevo o princípio luminoso da razão, que recebemos do Céu (Deus), renovando os homens, promovendo-lhe a perfeição, ou seja o soberano bem, o seu destino*».

2 — «*Desde o homem mais elevado em dignidade até o mais humilde e obscuro, é dever igual para todos corrigir e melhorar sua pessoa, visando o aperfeiçoamento de si mesmo, que é base fundamental de todo o progresso e de todo o desenvolvimento moral*».

Apreciando-se devidamente o panorama das crenças chinesas, desde FO-HI, percebe-se, é verdade, a preponderância de um ideal politico social, de um sentido moralista sobre o religioso; mas sente-se, também, como que lhes constituindo um fundo de cena, longìquamente esbatido, ou, talvez dizendo melhor, como uma força intuitiva, uma acção subconsciente, sempre a ideia de Deus, que, metafòricamente, é o CAMINHO, — o TÃO na doutrina de Láo-Tsé — ou o CÉU, na de Confúcio. E isto confere ao sentimento chinês foros de religião, e considerada das maiores, desde que bem compreendida e honestamente interpretados seus preceitos e costumes.

O Confucionismo, que deu cunho

prático a esse sentimento, CRÊ, tal como o Budismo, em Deus, mas inominável, inespeculável; existente, mas como algo desconhecido, inatingível à compreensão, todavia manifestante e manifestado. CRÊ na alma e na sua sobrevivência, nisto pondo todo o seu culto, através da veneração aos antepassados, aos quais os chineses dedicam em seus lares a melhor dependência da casa, onde os evocam nos momentos propícios, tendo seus nomes gravados em quadro em regra posto sobre uma mesa — altar, diríamos nós. CONSIDERA o homem constituído de sete elementos, que lembram os corpos a que alude a Teosofia e condensados na síntese ternária exposta pelo Espiritismo. PROCLAMA que não é só o homem que tem alma. NEGA quaisquer castigos divinos, como nega o Mal.

Conquanto sem a clareza do ensino budista do karma ou da lei de causalidade, comum ao Espiritismo e à Teosofia, DÁ ao homem a responsabilidade dos seus actos, e, assim, o proclama produto moral de si próprio. VARREU de sua mentalidade a ideia do acaso. Seus livros santos, não, a rigor, sagrados, não apresentam nenhuma revelação divina. Não possui o Confucionismo profetas nem dogmas, nem teologia, nem templos onde se cultue Deus. A morte, como no Espiritismo, é tida por simples fenómeno natural.

Ouçamos, a respeito, o que disse a um ocidental, um letrado confucionista:

— «*A morte para nós não passa de uma palavra que, se tem horrível ressonância, é vazia de sentido. Nós não morremos* e somos imortais em todas as nossas partes. *Vêde os quadros em que estão inscritos os venerandos nomes dos nossos antepassados. Estão no lugar de honra de nossa casa. Nada posso fazer sem vê-los. Nunca os vejo sem os consultar mentalmente, de maneira que, assim, estão intimamente ligados às nossas acções. Amanhã o meu nome, no lugar que lhe corresponder, integrará a série já longa que vêdes. Deste lar, no entanto, não estarei menos presente do que meus pais. Retivemo-los aqui, à força de chamarmos seus espíritos e de invocar-lhes a presença. Continuarei com meus filhos, como meus pais comigo. E minha alma presidirá sempre aos destinos da família. Quanto ao meu corpo, será, no seu caixão, confiado à terra-mãe que me fez viver e à qual restituirei o que ela me deu. Nutrirei esse arroz de que se alimentam meus filhos. E assim é que, em espírito e em matéria, ficarei no meio deles, invisível e inteiro*».

Estranharemos nós, ocidentais, possa o povo entender uma doutrina transcendente, e, na realidade, metafísica, qual se apresenta a chinesa; é que ao lado de tudo, porém, há esse culto simples, caseiro, de veneração aos antepassados, realizado com o sentimento e a singeleza expressos nas palavras do letrado, que acabamos de transcrever; que depende de cada chefe de família que executa em seu lar, como os comprende, os preceitos de Confúcio. A metafísica teogónica compete aos letrados. Por isso mesmo, diz Alp. Saïr em sua «Filosofia de Láo-Tsé», não há rivalidades na direcção das consciências, porque cada qual dirige a sua e se julga incapaz de reger a dos outros.

Realmente, ponderando bem, uma religião não se prega a outrem. Existe uma lei natural, a de Adoração, sujeita à de Evolução (Progresso), em virtude das quais o espírito e a forma de uma religião decorrem do desenvolvimento moral e intelectual do indivíduo, como da colectividade a que ele pertence. Teremos, assim, parece-nos, a razão da morte das religiões que se estratificam. Quando, pois, os Espíritos ditaram a Kardec a natureza anti-proselitista da Doutrina que ele teria de codificar, expressavam, apenas confirmando-o, um princípio natural, científico, já de séculos apreendido, quiçá intuitivamente, pela popular filosofia chinesa.

Para concluirmos estas notas sobre o Confucionismo, vamos apresentar, colhidas de notável escritor chinês, de quase dois séculos depois de Confúcio, palavras que, denotando fidelidade aos preceitos do Mestre e ainda de Láo-Tsé, apresentam igualmente, como observa Wells, extraordinária semelhança com os ensinamentos do Cristo, posto em termos políticos:

«*Os recíprocos ataques de classes a classes; as usurpações mútuas de família a família; os roubos de homem a homem; a falta de condescendência por parte do soberano e de lealdade por parte do ministro; a ausência de ternura e afecto filial entre pai e filho; estas e outras coisas como estas, são injuriosas à justiça. Tudo se origina na falta de amor recíproco. Se esta única virtude se conseguisse tornar universal, os príncipes se amariam entre si e não haveria campos de batalha; os chefes de família não intentariam nenhuma usurpação; os homens não cometeriam furtos; governantes e ministros seriam condescendentes e leais; pais e filhos se guardariam amabilidade e respeito; os irmãos estariam em harmonia e prontos à reconciliação. Amando-se uns aos outros os homens em geral, o forte não converteria o fraco em sua presa; o mais poderoso não despojaria o menos; o rico não insultaria o pobre; o nobre não se mostraria insolente com o mesquinho; e o esperto não se imporia ao simples*».

Que há em tudo isto que o Espiritismo não sancione, não ensine?... Saltemos, agora, da China, e Palestina, passando por sobre a Pérsia, hoje novamente Iran, onde, milénios atrás, esplendeu a religião zoroastrina, o MAZZDEISMO, actualmente professada apenas por pouco mais de uma centena de crentes, os *parsis*, e da qual, como do Induismo, e do Hermetismo, tanto colheu Moisés para a religião que fundou, criando, antes, para ela um povo. Essa religião é o Judaismo.

Em tempos idos, poucos anos antes dos de Jesus, pontificavam na Judéia dois grandes Rabinos, doutores da Lei: HILLEL e SCHAMAI. Este esposando uma doutrina de interpretação presa à letra, prevalecente entre os *saduceus*, seita judaica quase materialista; aquele, ou seja Hillel, estimado pelos *fariseus*, outra seita judaica, o qual punha o espírito da Lei acima da letra, donde S. Paulo, que fora fariseu antes de se converter ao Cristianismo, haver lançado a advertência, que se perpetuou: «*A letra mata, o espírito vivifica*».

A propósito da linha de ideias desses dois Rabinos, regista-se interessante episódio: Certa vez um pagão pediu a Schamai que numa simples frase lhe ensinasse a essência do judaismo. Agastou-se o célebre doutor da lei e mandou-o embora. Buscou, então a Hillel, e este lhe respondeu: «*NÃO FAZER AOS OUTROS O QUE NÃO SE QUER PARA SI. Esta é a lei; o mais é comentário. Se queres, vem e aprende*».

O Judaismo foi *fundado* por Moisés pouco menos de dois milénios antes de Cristo. Assinala-se como seu *berço* a Judéia, mas em realidade foi o deserto do Sinai. Sua *síntese* está no Decálogo, sendo sua *característica* a Justiça. Seu *símbolo* é o hesagrama de Salomão: dois triângulos equiláteros entrelaçados,

Podemos já atender, nas condições habituais, pedidos dos seguintes livros:

OBRAS DIVERSAS

Como Fazer-se Yogui, por *Swami Abhedananda* — Lendo esta obra ficar-se-á fazendo ideia completa dos livros de filosofia Yogui ..... broch. 30$00

Curso e Iniciação Esotérica — Esplêndido livro para desenvolvimento dos poderes espirituais em lições graduadas ..... broch. 45$00

Dicionário de Ciências Ocultas — Um dicionário útil a todos os estudantes das ciências ocultas ..... broch. 18$00

OBRAS DE YOGUI RAMACHÁRACA

14 Lições de Filosofia Yogui — Belas noções sobre a mais alta filosofia do universo, muito claras e desenvolvidas ..... broch. 48$00

Ciência (A) da Cura Psíquica — Regras para o tratamento mental, psíquico e espiritual, de acordo com as leis naturais e os princípios da cura psíquica ..... broch. 32$00

Ciência Yogui da Respiração — Chave da saúde física e mental, com os mais salutares exercícios respiratórios ..... broch. 24$00

Cura Prática pela Água — Aconselha o melhor tratamento para as doenças dos rins e prisão de ventre simplesmente com o uso da água ..... broch. 25$00

Gnana-Yoga — A verdadeira arte de aprender tudo o que se desejar, aproveitando os poderes do homem e as forças da natureza ..... broch. 48$00

Hatha-Yoga — Filosofia do bem-estar físico. Regras para adquirir saúde, beleza física e energia mental ... broch. 45$00

Raja-Yoga — Desenvolvimento mental. Meios de alcançar a mais alta sabedoria. Obra dedicada ao desenvolvimento das forças latentes ..... broch. 45$00

um de vértice apontado para o alto, representando o fogo, ou espírito, e o outro, para baixo, significando a água, ou matéria. Como os dois triângulos são iguais, seu conjunto representa o princípio hermético: «*Em cima é como em baixo e em baixo como em cima*». Este hesagrama, aliás, comporta, por seu simbolismo, várias interpretações além da do princípio hermético já por si indiactivo do da analogia. Em numerologia, p. ex., é o signo do número seis, que por ser duas vezes três é tido por símbolo do equilíbrio, do antagonismo, do bem e do mal, consoante explica Waldomiro Lorenz em seu livro «Cabala». Os *livros sagrados* do Judaismo são, no seu conjunto, denominados Sagradas Escrituras, ou simplesmente: As Escrituras. Após o advento do Cristianismo os cristãos passaram a denominá-los VELHO TESTAMENTO, de vez que aos ensinamentos de Jesus, aditados às Escrituras passou a denominar-se NOVO TESTAMENTO, como ao conjunto BÍBLIA SAGRADA. Outros livros, porém, a igreja judaica admite como complementares, embora não sagrados, como o Talmud, a Cabala, etc., interpretando textos, tradições, etc.

As crenças fundamentais do Judaismo são:

1 — *Existência de Deus,* com os excelsos atributos que a razão humana concebe indispensáveis à Divindade, elevados ao absoluto da perfeição;

2 — *Existência da alma,* imortal para os fariseus e outras correntes, mas não para os saduceus;

3 — *Veneração aos profetas;*

4 — *Penas e gozos eternos, juízo final, ressurreição no dia desse juízo,* para os imortalistas, naturalmente.

Do Judaismo, cujos anais se repletam de factos e crenças que outra coisa não são do que a hoje tão nossa conhecida fenomenologia espirítica, dispensáveis de desfilarem aqui por geralmente conhecidos, duas outras «religiões» se formaram: o Cristianismo e o Islamismo

Embora posterior, comecemos por este.

Foi *fundada* por MAHOMET, ou Mohamed, ou ainda Mafoma. Sua Escritura, o CORÃO, foi, segundo tradição, ditada a Mahomet, durante cerca de vinte e quatro anos pelo anjo Gabriel. Vemos, assim, de início, a acção fenoménica espirítica. Teve por *berço* a Arábia, no século VII de nossa era. É sua *característica* a RESIGNAÇÃO, que não se deve confundir com fatalismo, de que é acoimada essa religião, cuja *síntese* é SUBMISSÃO A DEUS, admitido como uno e designado por ALLAH, que significa «*tudo que existe e não existe na vida subjectiva*» e, ainda «*paz interna*». Esta *síntese* se desdobra: VENERAÇÃO AO PROFETA e mais: AMOR AOS HOMENS. Tem por *símbolo* o crescente lunar. Os islamitas, muçulmanos ou mahometanos, como são chamados os adeptos do Islam, guardam como dia sagrado a sexta-feira, tal como os judeus o sábado e os cristãos o domingo. Quase não possuem culto; condenam as imagens; não conhecem sacramentos e não têm clero. Admitem, entretanto, alguns dogmas. A fé a manifestam pela oração, de preferência feita em seus templos, denominados «mesquitas», principalmente a do meio-dia, que é a mais importante. Todavia podem orar em casa. As orações, em número de cinco, diárias, são precedidas de abluções sob certa forma ritualística. Praticam o jejum, para o qual há um mês especialmente consagrado, e, nele, um dia em que cumpre ser observado com maior rigor. Esse dia é o do aniversário de Mahomet. Anualmente há uma grande peregrinação a Meca, que todo o muçulmano deve realizar, ao menos uma vez na vida. Acrescentando os ensinamentos de Mahomet aos Livros de Moisés, o Islam baseia-se na Lei dos hebreus. Aceita, pois, os seus patriarcas e a cosmogonia mosáica, como, aliás, aceita o Evangelho cristão. A respeito diz o Corão:

«*Cremos nos livros que foram dados a Moisés e aos Profetas do Senhor e no Evangelho de Jesus Cristo*».

(Continua)

Bem-Aventurados os Pacificadores

Por J. C. MOREIRA GUIMARÃES

Caríssimos leitores, paz e alegria.

O verdadeiro cristão, o espirita sincero e convicto, revela-se pelo desejo incontido de viver em paz e preservar a paz alheia. Ser manso e pacífico, propenso à concórdia e à harmonia, é dar prova inequívoca de sentimento cristão, de verdadeiro seguidor do Cristo. Os que se entregam à tarefa inglória de submeter e humilhar o próximo, não procedem como cristãos e, menos ainda, como espiritas.

Tampouco, os que açulam e alimentam alheios rancores.

Compadecer-se daqueles que erram, perdoar ao inimigo e buscar a própria paz interior, implantando-a quanto possível em seu derredor, tal deve ser a obra, do autêntico cristão, do legítimo espirita.

«Bemaventurados os que são mansos, porque possuirão a terra. Bemaventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus» (Mateus. Cap. V vv 5 e 9). Mateus, o evangelista, oferece-nos, nos versículos que acabámos de transcrever, um dos mais expressivos trechos do admirável Sermão da Montanha, no qual o Divino Mestre, diante da multidão ávida de conforto espiritual, derramou em verdadeiras cascatas de luz as mais consoladoras esperanças naquelas almas oprimidas e desalentadas, consolações e esperanças que sempre foram o supremo anseio de todas as criaturas em todas as épocas da humanidade.

«Bem-aventurados os mansos e pacíficos...». Com esta expressão, repassada de sabedoria e de amor, Jesus define claramente uma lei moral de insofismável relevância, por isso que faz da doçura, da mansuetude, da moderação, da paciência, da cordialidade, da tolerância, em suma, condição *sine qua non* do progresso e da felicidade do espírito, quer na terra, quer no Além.

Nesse ensinamento do Cristo, está implícita a mais formal condenação da violência, da irritabilidade, da cólera, e bem assim de toda a expressão descortez para com os nossos semelhantes, de vez que toda a palavra agressiva, que fere e magoa, caracteriza notòriamente a ausência do amor e da caridade, que devem regular as relações entre os homens e manter a fraternidade e a concórdia entre todos os povos.

A afabilidade, a cortezia, a civilidade, estão intrinsecamente contidas na mansidão.

Pela cordura, pelo modo lhano e cordial de tratar o seu irmão de provas planetárias, o homem grangeia sólidas e duradouras afeições na terra e faz jús às bemaventuranças celestes.

A mansidão — antítese absoluta da irritabilidade que produz a cólera — triunfa sempre. Os mansos e pacíficos possuirão realmente, a terra, porque trazem em si a força indomável do amor, que edifica para a eternidade. Em vão buscam os homens possuir a terra pelo ódio, pela destruição e pela violência. Posse efémera e ilusória, que não tem mais do que a duração de um pôr-de-sol! «Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração» — disse Jesus. É, pois, no Divino Mestre, que devemos buscar sempre as lições e os exemplos de mansidão e doçura, de que tanto carecemos para vencer as lutas deste mundo. Sempre humilde e carinhoso Jesus prodigalizava aos que o ouviam, a consolação, a fé e a esperança numa vida melhor, nessa vida de além-túmulo, onde as suas promessas se realizariam integralmente. Recomendando a cada passo a tolerância, a paciência e o perdão, aconselhava amorosamente: «Não vos deixeis dominar pela ira, para que não sejais condenados». Efectivamente, da irritabilidade à cólera, curta é a distância. Quem desconhece os males que a cólera produz?

Evitemos, portanto, que esse sentimento mesquinho se agasalhe em nossa alma. Sejamos mansos e pacíficos, que a mansidão é uma das formas da caridade. Eduquemos a geração que vem surgindo para as lutas da vida — a criança, o jovem, o homem de amanhã — na escola da bondade, da indul-

APRENDIZES E ADVERSÁRIOS

Por IRMÃO X

Jonathan, Jessé e Eliakim, funcionários do Templo de Jerusalém, passando por Cafarnaum, procuraram Jesus no singelo domicílio de Simão Pedro.

Recebidos pelo Senhor, entregaram-se, de imediato, à conversação.

— Mestre — disse o primeiro —, soubemos que a tua palavra traz ao mundo as Boas Novas do Reino de Deus e, entusiasmados com as tuas concepções, hipotecamos ao teu ministério o nosso aplauso irrestrito. Aspiramos, Senhor, à posição de discípulos teus... Não obstante as obrigações que nos prendem ao Sagrado Tabernáculo de Israel, anelamos servir-te, aceitando-te as ideias e lições, com as quais seremos colunas de tua causa na cidade eleita do Povo Escolhido... Contudo, antes de solenizar nossos votos, desejamos ouvir-te quanto à conduta que nos compete à frente dos inimigos...

— Messias, somos hostilizados por terríveis desafectos, no Santuário — exclamou o segundo — e, extasiados com os teus ensinamentos, estimaríamos acolher-te a orientação.

— Filho de Deus — pediu o terceiro — ensina-nos como agir...

Jesus meditou alguns instantes, e respondeu:

— Primeiramente, é justo considerar nossos adversários como instrutores. O inimigo vê junto de nós a sombra que o amigo não deseja ver e pode ajudar-nos a fazer mais luz no caminho que nos é próprio. Cabe-nos, desse modo, tolerar-lhes as admoestações, com nobreza e serenidade, tal qual o ferro, que após sofrer, paciente, o calor da forja, ainda suporta os golpes do malho com dignidade humilde, a fim de se adaptar à utilidade e à beleza.

Os visitantes entreolharam-se, perplexos, e Jonathan retomou a palavra, perguntando:

— Senhor, e se somos injuriados?

— Adoptemos o perdão e o silêncio — disse Jesus. — Muita gente que insulta é vítima de perturbação e enfermidade.

— E se formos perseguidos? — indagou Jessé.

— Utilizemos a oração em favor daqueles que nos afligem, para que não venhamos a cair no escuro nível da ignorância a que se acolhem.

— Mestre, e se nos baterem, esmurrarem? — interrogou Eliakim. — Que fazer se a violência nos avilta e confunde?

— Ainda assim — esclareceu o brando interpelado — a paz íntima deve ser nosso asilo e o amor fraterno a nossa atitude, porquanto, quem procura seviciar o próximo e dilacerá-lo, está louco e merece compaixão.

— Senhor — insistiu Jonathan — que resposta oferecer, então, à maledicência, à calúnia e à perversidade?

O Cristo sorriu e precisou:

— O maledicente guarda consigo o infortúnio de descer à condição do verme que se alimenta com o lixo do mundo, o caluniador traz no coração largas doses de fel e veneno que lhe flagelam a vida, e o perverso tem a infelicidade de cair nas armadilhas que tece para os outros. O perdão é a única resposta que merecem, porque são bastante desditosos por si mesmos.

— E que reacção assumir perante os que perseguem? — inquiriu Jessé, preocupado.

— Quem persegue os semelhantes tem o espírito em densas trevas e mais se assemelha ao cego desesperado que investe contra os fantasmas da própria imaginação, arrojando-se ao fosso do sofrimento. Por esse motivo, o socorro espiritual é o melhor remédio para os que nos atormentam...

— E que punição reservar aos que nos ferem o corpo, assaltando-nos o brio? — perguntou Eliakim, espantado. — Refiro-me àqueles que nos vergastam a face e fazem sangrar o peito...

— Quem golpeia pela espada, pela espada será golpeado também, até que reine o Amor Puro na Terra — explicou o Mestre, sem pestanejar. — Quem se rende às sugestões do crime é um doente perigoso que devemos corrigir com a reclusão e com o tratamento indispensável. O sangue não apaga o sangue e o mal não rectifica o mal...

E, espraiando o olhar doce e lúcido pelos circunstantes, continuou:

— É imperioso saibamos amar e educar os semelhantes com a força de nossas convicções e conhecimentos, a fim de que o Reino de Deus se estenda no mundo... As Boas Novas de Salvação esperam que o santo ampare o pecador, que o são ajude o enfermo, que a vítima auxilie o verdugo... Para isso, é imprescindível que o perdão incondicional, com o olvido de todas as ofensas, assegure a paz e a renovação de tudo...

Nesse interim, uma criança doente chorou em alta voz num aposento contíguo.

O Mestre pediu alguns instantes de espera e saiu para socorrê-la mas, ao regressar, debalde buscou a presença dos aprendizes fervorosos e entusiastas.

.....

Na sala modesta de Pedro não havia ninguém.

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

---

gência, do amor ao próximo como a si mesmo, porque, como afirmou Allan Kardec — «quando a lei do amor e da caridade for a lei humana, o egoísmo deixará de existir».

Os fracos e os pacíficos deixarão de ser explorados e esmagados pelos fortes e violentos. Tal será o estado da Terra quando, segundo a lei do progresso e a promessa de Jesus, se tornar planeta feliz com a exclusão dos maus.

Então — caríssimos leitores — ditosos quanto se pode ser no mundo, os mansos e humildes possuirão a Terra.

Que as bênçãos do Senhor desçam aos vossos lares, e «o amor único de Deus inspire todas as almas paar o bem».

OS ESPIRITOS CRESCEM NO ALÉM?

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

Aqui está um assunto que ainda não vimos tratado por qualquer investigador, dentre os muitos que se dedicam ao psiquismo. Sabe-se que o perispírito é o modelador do corpo, acompanhando, não só o crescimento deste último, como, também, presidindo à reconstituição de certos órgãos, danificados por acidente. Que ele esteja, porém, sujeito, no espaço, às mesmas regras biológicas, embora num ambiente que nada tem de comum com o mundo que nos cerca, eis um caso profundamente nebuloso, para a solução do qual não temos dados que cheguem.

Se o indivíduo desencarna no estado adolescente, deve entrar na nova vida com características próprias, quanto à forma, já se vê, sendo por esta que, geralmente, é identificado, nas sessões de materialização. Mas, se ele desencarnou pouco depois do nascimento, com que *forma* entrará no Além? Como o perispírito é uma espécie de duplo do corpo físico, parece, segundo o critério mais simplista, que deve aparecer com a forma do objecto que modelou.

Vem isto a propósito de um relato feito pelo falecido escritor inglês Artur Conan Doyle, numa conferência realizada em 1928 no Queen's Hall, de Londres, acerca duma fotografia psíquica obtida pelos irmãos Falconer, conhecidos médiuns fotográficos, residentes em Edimburgo.

Depois de se referir às acusações infundadas feitas a Craig e a Jorge Falconer, Conan Doyle passou a contar um caso notabilíssimo, relacionado com o assunto, em que o experimentador era o filho dum conhecido magistrado, homem de cincoenta anos de idade e bom cidadão, em todos os sentidos. Este sujeito tinha procurado a médium londrina *Miss* Bacon, que disse ver ao lado dele uma filha do próprio que morrera à nascença e que crescera no mundo espiritual, apresentando o aspecto duma senhora de 27 anos. Na mesma altura, a entidade prometeu mostrar-se-lhe, se ele procurasse um médium fotográfico.

— Mas, como hei-de eu saber que é o teu retrato? — inquiriu o sujeito.

Fotografia psíquica obtida pelos médiuns Falconer. Em baixo: um feto de criança esboçado em ectoplasma.

— Eu porei um sinal na chapa, pelo qual me reconhecerás.

Um ano mais tarde, estava este indivíduo em Edimburgo, quando ouviu falar dos Falconer. Pediu-lhes uma sessão, tendo aparecido na chapa a fotografia duma encantadora rapariga de cerca de vinte e sete anos e, em baixo a forma dum feto, em ectoplasma, semelhante a algodão em rama. O indivíduo nunca ouvira falar desta criança, morta à nascença. Além disso, o seu nome era ignorado pelos Falconer.

Conan Doyle terminou o relato, com estas palavras:

— Se isto não é um caso de genuína fotografia psíquica, então, não sei onde o poderemos encontrar.

A fotografia é, realmente, bela e merece reprodução, que fazemos com todo o gosto, acompanhando-a das declarações que estes médiuns prestaram à revista *The Greater World*, donde extraímos a notícia.

Diz ela que a sessão se realizou em 5 de Setembro de 1924. O indivíduo levou as chapas e examinou a máquina fotográfica, antes de a carregar, tendo procedido a todas as manipulações usuais, excepto tirar a tampa da lente e colocá-la, depois da exposição. A sessão foi feita às escuras, razão por que se não vê fundo algum na fotografia; e, enquanto a câmara esteve aberta, o visitante conservou-se sentado com Craig e Jorge, mas com as mãos escondidas. Antes da sessão, o anónimo interlocutor disse que tinha perdido um filho na guerra e que gostava de obter uma fotografia dele. Descreveu-lhe, mesmo, as feições. O facto é que ele nunca tivera filho algum. Queria ver se os médiuns produziam a fotografia de algum soldado imaginário. Claro, que os médiuns disseram-lhe, antecipadamente, que não podiam garantir qualquer resultado satisfatório, visto que não exerciam *contrôle* sobre os espíritos, que tinham a liberdade de se manifestar.

Logo que soube o resultado da sessão, o visitante declarou a sua identidade: era um juiz do Supremo Tribunal.

Assim, verificou-se ter sido exacto o sinal dado, um ano antes, por *Miss* Bacon, pois se descobriu que o ectoplasma da fotografia podia ter sido a forma dum feto, correctamente desenhado com auxílio daquela substância.

IV

EXORTAÇ

por "IRM

Irmãos. Quando vimos ao mundo não sabemos para que vimos, ou, se o sabemos, esquecemo-nos completamente ao contacto da matéria.

Como não nos lembramos do que vimos fazer ao mundo, Deus dá-nos uma maneira simples de retomarmos, embora vagamente, a noção das nossas faculdades e possibilidades para esta ou aquela missão. Nós, na Terra, não somos mais que partículas da colossal máquina do Universo.

Cada um de nós traz uma missão a cumprir, e quantas vezes nessa missão vimos encontrar a dura expiação dos nossos actos, levianos ou criminosos, de vidas anteriores!

Todos ou quase todos os que vivem neste planeta se encontram em missões expiatórias, como Santa Margarida, Santo Agostinho, São Francisco de Assis, Santo Inácio de Loyola e tantos outros que seria longo enumerar.

Nem sempre os Santos foram almas em missões Divinas; algumas vezes foram-no em termo de regeneração, na última página do rol das suas dívidas.

Tanto quanto o desejarmos, assim será o nosso futuro. O nosso presente é a causa do nosso futuro e a consequência do nosso passado.

É preciso, pois, ter cuidado com a sementeira!

Aqueles que ainda desconhecem estas coisas precisam de saber que as nossas vidas sobre a Terra se compõem das seguintes fases: Expiatória, na qual o indivíduo é sujeito, alheio à sua vontade, ao resgate de faltas passadas. Regeneradora, em que o indivíduo, já senhor de faculdades anímicas e psíquicas em elevado grau, vem à Terra, em missão, para semear Paz e Amor, e viver nobremente, para que o seu exemplo possa prevalecer no planeta como estrela que tivesse baixado a lembrar aos humanos as Sábias e Santas Leis de Deus, e o sacrifício de Jesus.

Essas são as almas que em missão regeneradora vêm à Terra resgatar um mínimo de culpas, ou, em missão especial, a bem da Humanidade. Quase sempre esses Espíritos preferem viver na Terra no corpo de uma pessoa pobre, ou, em missão ainda mais difícil, no de uma rica e poderosa.

Esses indivíduos não são tão raros como podereis julgar. Na verdade, eles vêm constantemente a este planeta, para iluminarem as trevas em que vive a Humanidade e recamar a história com o exemplo das suas virtudes.

Estes espíritos em missão regeneradora sofrem muito mais do que os outros, em consequência das suas possibilidades e sensibilidade espirituais, ou, mais claramente, um Espírito, em missão regenradora, carece de provas profundas, para que possa desabrochar na Terra e cultivar as flores das suas próprias virtudes.

Assim, um Espírito nesta missão necessita de muito amparo espiritual das Esferas Superiores, para que, ao ingressar na vida do planeta, não perca nenhuma das suas virtudes. Urge, também, que traga uma missão difícil e sublime. E não raro esses Espíritos vêm, de camadas Superiores, ingressar na Terra nas camadas mais baixas, nos ofícios mais grosseiros, simplesmente para que o exemplo da sua espiritualidade possa ficar impresso na sociedade onde encarnou. É necessário, também, que o seu exemplo seja de profunda humildade.

Quantos sossobram nesta prova máxima! Quantos!...

Porque é necessário grande cabedal de experiência, adquirida em milénios, para que o Espírito em missão regeneradora não fracas-

ÕES À LUZ

CESAR"

se. A História arquivou o nome de alguns que, infelizmente, sossobraram!

Estas missões podem elevar os Espíritos aos páramos da Luz, mas também os podem fazer estacionar alguns séculos de trabalhos e de lutas. Depende das responsabilidades com que vierem à Terra.

Nós temos sempre especial carinho por esta espécie de Espíritos, porque sabemos quanto é dura a sua caminhada e quanto é louco o mundo que os injuria e calunia, e, quantas vezes, os martiriza!

É, de facto, necessária grande experiência espiritual.

Mas Jesus, que sabe quanto custa o cumprimento duma missão, não abandona um só instante essas Entidades, que, embora se encontrem dentro das Leis Divinas, necessitam de sérios cuidados nas suas pretensões, nos seus desejos e na sua conduta. Vivem numa só vida o labor de muitas vidas, porque é necessário que o seu esforço seja árduo para que possam desencarnar com a quase certeza de terem cumprido a sua missão bela e altruísta, mas também escorregadia como barro batido pelas chuvas, áspera como vidros quebrados sobre rochedos, e tão grande como grande tiver sido a humildade demonstrada!

Por isso é necessário que todos se aproximem de Jesus, e das forças do Alto, para que, guiados pela Luz dimanada de Deus, possa cada um cumprir a sua missão, seja regeneradora ou expiatória, pois todas são degraus que nos levam ao Absoluto.

Ninguém desdenhe da sorte que a Divina Providência lhe traçou, nem da missão que tem a cumprir, porque, por mais humilde ou grosseira que seja a caminhada, o interessante é saber como se caminha!

Não é o caminho que embeleza o caminheiro, mas este, se for uma alma poética e iluminada, é que encontrará motivos de beleza até nas rochas que lhe firam os pés!

Porque a beleza da paisagem está, muitas vezes, nos olhos que a vêem. Basta que a alma seja grande e sinceramente dedicada ao Bem, para que em tudo vislumbre a Grandeza do Mestre e a Omnipotência de Deus!

O romeiro chegará menos cansado ao final da jornada, se purificar o seu caminho rude e doloroso, e, quantas vezes, sombrio, com a Luz da sua consciência, com a protecção rogada e merecida do Senhor!

Seja, pois, cada um de vós, hábil em purificar o ambiente espiritual que vos cerca, artista em matizar, com as mais delicadas flores, os abrolhos que encontrar no caminho.

Dentro de nós próprios, estão os mais profundos arcanos da Natureza. Aprendamos com ela a matizar, com flores mimosas, os campos áridos da Vida! Que cada flor seja uma vitória obtida sobre nós próprios, seja um cálice Divino, implantado na Terra, em holocausto ao Senhor da Imensa Bondade!

Que a nossa Fé matize delicadamente, com as mais ricas e variegadas flores, o Céu do nosso próprio Ser e possa iluminar-nos o caminho estreito. Com um sorriso nos lábios saibamos caminhar confiantes, estrada fora, sem indagarmos a origem dos espinhos que nos ferem, ou das pedras que nos atiram!

Assim chegaremos ao final de mais uma romagem, na longa e penosa caminhada para a LUZ de DEUS!

Sede sempre alegres, valorosos, e tende Fé no Alto e confiança em vós próprios!

Procurai pesquisar, nas profundezas dos vossos Espíritos, as sublimes riquezas que ali tendes! Procurai conhecer-vos bem, para que ao chegardes ao conhecimento de vós próprios possais encontrar Quem vos criou!

Que o meu amor vos ampare, que as minhas palavras vos animem e esclareçam, são os votos do vosso fiel e dedicado amigo,

Set/55

SOLILÓQUIO

Por MANUEL CAVACO

É bem certo que a Natureza não dá saltos; em cada uma das suas manifestações observa-se sempre, uma transição mais ou menos lenta, mais ou menos longa.

A metamorfose das coisas e dos seres é lenta, e a sua evolução é muito mais lenta ainda; por vezes, uma e outra operam juntas, simultâneas, irmanam-se, misturam-se, confundem-se, quando os seus ritmos vibratórios se igualam e sincronizam.

Todavia, a evolução e a metamorfose são duas operações distintas uma da outra; a metamorfose confina-se na transformação da matéria, na mutação das formas; enquanto que a evolução ultrapassa aqueles limites, transcende o tempo e o espaço e acompanha o espírito nas suas peregrinações planetárias e astrais.

Neste planeta, o progresso evolutivo das gentes tem sido moroso; mas no astral, a morosidade das transições parece ainda mais acentuada, talvez por se viver fora do tempo, talvez pela inconsciência de muitos dos seus habitantes quanto à sua necessidade de evoluir, talvez ainda porque, ali, vivendo-se como se pensa, os pensamentos dominantes permanecem, permanecem tanto que, por vezes, chegam a perdurar de uma a outra existência terrena sem alteração sensível, como o demonstram certas tendências inatas, autênticos reflexos de existências anteriores, ou antes: clara intuição de uma subconsciência perene revelando uma mentalidade já feita em determinado sentido e que pode persistir por tempos largos.

Sem dúvida: qualquer estado de alma de cada indivíduo, é a resultante genuina da sua imaginação.

Da observação experimental, eu tenho obtido provas inconfundíveis e concludentes de que, no astral, cada indivíduo conserva todas as características, desde as fisionómicas até às intelectuais e afectivas, da sua personalidade, na sua última existência terrena.

Com efeito, depois do falecimento do corpo físico, a alma continua integral com todas as suas boas e más qualidades, todas as suas virtudes e vícios, paixões, convicções e crenças, toda a sua mentalidade que a caracterizava e distinguia das demais; em suma: tudo que é da alma vai com ela: — «A alma levou tudo o que havia de beleza, como de ciência, de arte, de valor, de majestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não visse, era a alma» — dizia Padre António Vieira.

E assim, no astral, cada indivíduo permanece, sem medida de tempo, conforme a sua mentalidade, até quando as circunstâncias e a necessidade lhe despertem a vontade de evoluir; seja como for, a mudança que vier a operar-se é lenta, porquanto é sempre morosa a substituição das suas ideias preconcebidas, das suas crenças e convicções abstrusas e absurdas mais ou menos arreigadas; é sempre morosa a expurgação dos pensamentos que nos obscurecem e amesquinham; eis porque as cismas são as doenças mais difíceis de curar. Uma cisma é o mesmo pensamento, constante, permanente, é a mesma ideia fixa, vivida totalmente sem interrupção, por tempos esquecidos.

Certamente: da idiossincrasia de cada um resulta o seu estado de alma; a calma, a paciência, a prudência revelam claramente a serenidade da mente que origina aqueles sentimentos. Qualquer obsecação: a inveja, o ciume, o ódio, o rancor, a angústia, a ansiedade, a saudade, a nostalgia, a melancolia, a tristeza, a alegria, são efeitos genuínos de pensamentos afins que albergamos demoradamente, que nos embrutecem e retardam a nossa evolução.

O indivíduo carece tanto de renovar as suas ideias por outras mais sãs, como o seu corpo físico carece de renovar as suas moléculas vitais; quanto mais retrógradas e obsoletas forem as ideias de cada um, mais lenta é a sua evolução.

Cada indivíduo evolue na mesma medida da sua formação consciencial; e a consciência individual forma-se com os conhecimentos adquiridos experimentalmente por cada um e pelos ensinamentos da experiência alheia. Parece-me que, sòmente em idênticas condições de vida e idênticas circunstâncias, poderá distinguir-se o aperfeiçoamento de cada indivíduo; e para se conseguir, por experiência própria, o conhecimento exacto das causas e dos efeitos da vida temporal nos seus

diversos sectores sociais, não basta uma só existência; por certo, não bastará uma existência para cada um dos mais diferentes daqueles sectores sociais, e se for necessário repetir a experiência nalgum deles, então mais longo será o curso nesta escola terrena onde cada um de nós forma a sua consciência e realiza a sua evolução.

O curso evolutivo nesta escola planetária, pode ser dividido em três largos ciclos: o selvático, o bárbaro e o civilizado, cujos sectores mais diferenciados são: o feminino, masculino, rico, pobre, agrícola, marítimo, artífice, comercial, ciência, legislativo, eclesiástico; e em cada um desses sectores, desde o indivíduo mais ignorante ao mais sábio, do gerente ao dirigido, a escala de diferenciação é muito variada. Para se viver, experimentalmente, em cada uma das classes que o curso evolutivo terreno comporta, temos de admitir, por imprescindível, a pluralidade de existências; e se dermos a cada uma dessas existências a duração média de meio século com igual período na alternativa no astral, poderemos conceber — de muito longe embora — a extensão milenária da nossa evolução até se alcançar aquele nível de espiritualidade superior que nos liberta da lei da morte; e se tivermos em conta que o passado foi tanto mais longo quanto mais lenta é a evolução nos seus promórdios, poderemos conseguir uma noção, embora muito vaga, da eternidade.

Curioso contraste!... São efémeras as existências planetárias de cada indivíduo, e é eterna a vida existencial da Humanidade; são perenes e têm o cunho do «eterno presente», as quatro fases distintas da vida existencial humana; a infância, a juventude, a adolescência e a velhice. Sucedem-se, entrecalam-se, misturam-se, combinam-se num movimento contínuo de perpetuidade na eternidade.

Eu creio: a evolução é muito lenta, mas sempre mais ou menos progressiva, quanto mais não seja, no reconhecimento, por cada um, dos seus erros cometidos e no compromisso formal de os resgatar.

A espiritualidade de cada indivíduo, progride tanto mais quanto mais diminui a sua obscuridade.

Porto, Maio 1955.

Aprendamos com Amor

Nos comentários do Evangelho, guardemos abstenção de referências a outras escolas religiosas do nosso campo de acção, quando essas referências se efectuem num sentido menos edificante.

A mesma bondade infinita que nos socorre nos santuários espiritas-cristãos é a mesma que se expressa nos templos de outra feição interpretativa da Divina Ideia de Deus.

Não é a religião que destaca o homem, mas sim o homem quem salienta ou desfigura a religião que esposa e pretende servir.

Saibamos honrar o Espiritismo Evangélico na elevada compreensão de quem encontrou o Pai no Todo-Compassivo Senhor, e de quem abraçou na Humanidade a própria família.

A revelação do Céu é invariável como a luz que flúe da glória solar, a benefício das criaturas.

Sempre a mesma para todos.

Difere, em nossa vida, tão sòmente, o trabalho transformador com que a recebemos.

Convertamos, desse modo, o património de bençãos que nos felicita em serviço de amor aos nossos semelhantes.

Só o amor é capaz de soerguer-nos da perturbação para a harmonia e das trevas para a luz.

Seja a nossa religião o amor que se exprima, incessante, em caridade, tolerância, paciência, fraternidade, trabalho e dever bem cumprido, no estímulo constante ao melhor que possamos fazer, e o sectarismo desaparecerá totalmente das nossas profissões de fé, porquanto, não mais encontraremos adversários na senda redentora, e sim irmãos de experiência e de luta, felizes ou menos felizes, iluminados ou menos esclarecidos, em cuja companhia dispomos de sublime oportunidade de aprender com Jesus para a Vida Eterna.

EMMANUEL

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

16

CAUSAS DE ATEISMO

Dando de barato que as crianças sejam seres imáculos, porquanto não cometeram ainda pecados que as pervertessem, decorrendo da sua inocência o prémio da bemaventurança após a morte, é muito de admirar que a sua proclamada «inocência» não as preserve das agruras da dor no decurso da sua permanência efémera neste mundo. Porque, na verdade, um sem número de crianças entram na vida penosamente e dela são arrebatadas alguns meses ou anos depois, vítimas de padecimentos atrozes que as flagelam desde o berço. Se não são culpadas de faltas cometidas outrora e que as fazem cair sob o castigo da lei, — mas sim, como pretendem certas escolas religiosas, almas ainda há pouco saídas das mãos do Criador, — por que estranha fatalidade são perseguidas logo ao sairem do ventre materno? E por que, a contrastar com essas desditosas criancinhas, outras nascem e se conservam saudáveis, robustas e felizes? Um outro facto, e esse ainda mais chocante, fere a nossa atenção e faz emudecer os doutores em Teologia. É o nascimento de cegos, surdos, mudos, idiotas, — apesar de haver Deus dotado a criatura humana de razão, de inteligência, de sentidos, para que toda a humanidade pudesse realizar o seu destino. E quantos indivíduos portadores das mais variadas deformidades, que são outros tantos males congénitos? A não se admitir que são delinquentes de outras eras tornados réus da soberana Justiça, que fizeram então essas almas para se verem neste mundo a braços com tantas misérias e infortúnios? A falta de explicação racional para essas aparentes anomalias é que tem levado e continuará levando muita gente à descrença e ao ateismo. Na verdade, quando as religiões anunciam um Deus infinitamente justo e misericordioso, e logo a seguir o homem contempla o espectáculo dessas desigualdades pungentes, desses contrastes formidáveis, uma dúvida impetuosa inopinadamente o assalta, inclinando-o ao desprezo pelas religiões e pelo próprio Deus que elas apregoam. Muitos homens nem mesmo conseguem sopitar a sua revolta e gritam blasfêmias, como Albino Forjaz de Sampaio, cujo livro «Palavras Cínicas», há uns trinta anos, arrastou inúmeras pessoas à impiedade e a alguns espíritos desprecatados precipitou no abismo do suicídio. Tu, leitor, acreditas em Deus? — indagava. «Pois bem, vai dizer a esse canalha que eu o odeio com toda a força do meu ódio, porque ele faz prosperar os desonestos e os devassos e deixa perecer à míngua uma viúva honesta com seus filhinhos». Como escribas ou oradores, nas cátedras de ensino ou nos bancos académicos, nos meios sociais e por toda a parte multiplicam-se hoje os Forjaz de Sampaio, ostentando a sua estupidez e a sua empáfia em face dos problemas do espírito e das dores humanas inexplicáveis segundo a teoria fóssil da vida única.

17

TEORIAS FALACIOSAS

Quando assinalámos a insuficiência da teoria geracionista — segundo a qual a alma é gerada com o embrião do corpo, iniciando com este a sua existência material — e sustentámos que semelhante hipótese não resolve o problema das desigualdades morais e intelectuais entre os homens, retrucaram alguns opositores da Reencarnação dizendo que essas diferenças procedem naturalmente da nossa organização fisiológica. «Mas, então — passemos a palavra ao codificador do Espiritismo — achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, joguete da matéria, deixaria de ter a responsabilidade de seus actos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas». E Deus, ajuntamos nós, afinal de contas, seria o grande culpado dos males que infelicitam uma terça parte da humanidade. Não é Ele quem cria os corpos quando cria as almas? E se a ruindade de uns, a incapacidade mental de outros, resul-

tam da diferença de matéria, só a Deus caberia a culpa de não ter destinado a esses, matérias mais perfeitas que os habilitassem a ser melhores e mais capazes. Deu-as, porém, aos outros, e só por um privilégio dessa espécie é que esses outros são os bons, os sábios, os felizes da Terra! Isso é que é uma concepção da justiça e bondade do Criador! A veleidade de explicar as dessemelhanças a que nos referimos, abstraindo das reencarnações do Espírito, leva, aliás, os corifeus religiosos, quando em maiores apuros, a lançá-las à conta do lendário «pecado original», não vendo que saindo dum absurdo vão esbarrar noutro ainda maior. Maior por duas razões, a saber: primeiro, porque a existência pessoal de Adão só se «prova» à letra da Bíblia; segundo, porque ainda que esse personagem realmente tivesse existido e cometido um milhão de pecados, por estes não teríamos absolutamente que responder! A consequência de um acto mau recai ùnicamente sobre quem o pratica. O contrário seria a iniquidade na sua forma mais abominável. Pois queremos saber porque é que nascem cegos, aleijados, surdos, mudos, cretinos, etc? E a resposta — mirífica resposta! — é a falta cometida pelo mitológico Adão. Eis que o raciocínio frio repele tamanha insensatez e afirma que não é por obra do «pecado original» que se vem ao mundo nessas condições. Se o fosse, todos nasceriam com aqueles estigmas; também não é por culpa dos pais, porque em tal caso sofreriam idênticos castigos quantos procedessem do mesmo casal. «De onde procedem, então, esses sinais de uma condenação prévia? — inquire o confrade Francisco Bernat de Sousa, em artigo de imprensa. Se não é uma excepção odiosa, que revela parcialidade e crueldade em Deus, não encontramos explicação possível na teoria da vida única. Se recorremos à das vidas múltiplas, tê-la-emos explêndida e sem lesão dos divinos atributos. Aqueles deserdados, como se pensa, não foram privados dos bens concedidos à humanidade por uma excepção do Criador, mas sim por suas próprias obras. Cometeram, em passadas existências, faltas que pediram reparação — e tiveram a vida presente como reparação — e essa reparação consistia na privação daqueles bens humanos. Assim, a excepção odiosa, segundo a doutrina da vida única, transforma-se em obra de recta justiça, exercida em benefício da própria vítima, segundo a doutrina das múltiplas existências». Se, com as suas explicações, não explica o que queremos ver explicado, a diléctica anti-reencarnacionista vai então acastelar-se na teoria da hereditariedade, que dizem ser científica, e, portanto, irrefutável. Só o será, entretanto, se não tiver contra si a impugnação dos factos.

18

A HEREDITARIEDADE

Não resta dúvida de que a hereditariedade é uma teoria falha, ainda quando analisada do ponto de vista estritamente fisiológico. Pouco importa que certas particularidades do organismo se transmitam dos pais aos filhos e outro tanto se dê em relação a algumas qualidades morais e doenças dos ascendentes, que se repetem, pela procriação, nos descendentes. Pouco importa que a semelhança física seja igualmente muito notável num mesmo grupo familiar, preponderando acentuadamente nos traços fisionómicos dos irmãos, ou entre estes e seus progenitores. Nada disto tem maior importância, desde que não é raro ver-se em uma família, filhos nada parecidos com os pais, quer no que tange ao físico, assim quanto à inteligência e ao moral. Tenhamos em conta, por outro lado, os casos de indivíduos portadores de doenças graves, ou dipsomania, que geraram prole saudável e imune deste vício. Reciprocamente, vemos ébrios contumazes, ou pessoas raquíticas e enfesadas, cujos ascendentes eram abstémios e robustos... Excogitando da questão hereditária, no seu portentoso livro «A Evolução Anímica», observa Gabriel Delanne que, se é fácil demonstrar que o organismo material nem sempre é transmissível, mais fácil é admitir que a hereditariedade intelectual venha a falhar muitíssimas vezes. E falha mesmo. Desta verdade nos apresenta a História copiosos exemplos, porém sòmente alguns citaremos. O imperador romano Calígula, tristemente célebre por seus actos de despotismo e atrocidade, era filho do benevolente Germânico, aquele Germânico tão querido por seu carácter nobre, que certos reis, diz Suetónio, por sua morte, raparam as barbas e cortaram os cabelos de suas esposas em sinal de grande luto. Vespasiano, espírito liberalíssimo e indulgente, protector dos talentos e das artes durante o seu principado, deu ao mundo Domiciano, cruel, ignorante e incestuoso. O sábio e virtuoso Marco Aurélio gerou o miserável Cómodo. Péricles, que legou o nome ao século em que viveu, pelo

florescimento da cultura ateniense no período do seu governo, produziu dois patetas, que a história menciona sob os nomes de Paralos e Xântipas. Tucidides, historiador grego, contemporâneo e discípulo de Heródoto, assaz admirado pelo aticismo da sua prosa, teve por descendente o inepto Milésias. Desprezíveis eram os filhos de Sócrates, de Temístocles, de Cícero... «Se a hereditariedade psíquica existisse — objecta Isidoro Duarte Santos no seu livro «Pierino Gamba» — haveria muitos génios e Rousseau não seria filho de um relojoeiro». Nem Shakespeare de um açougueiro; nem Edison de um chaveiro do caminho de ferro; nem Voltaire de um notário; nem Joana d'Arc de camponeses; nem o cardeal Aquiles Ratti, mais tarde Papa com o nome de Pio XI, teria nascido de um casal modesto empregado em pequena fábrica de tecelagem. Os homens que mais se elevaram nas ciências, nas artes, na literatura — em todos os domínios do pensamento — saíram, quase sempre, das camadas mais humildes da sociedade. Em numerosas obras no género biográfico se encontrará a prova disto, sendo que uma, particularmente interessante, é «O Poder da Vontade», de Samuel Smiles. É inegável que existem famílias de músicos, de pianistas, de poetas, porém isto é outra questão que pouco tem a ver com a hereditariedade e de que trataremos a seguir.

19

AFINIDADES PSÍQUICAS

Vimos que a hereditariedade psicológica não existe. Caso contrário, isto é, se constituisse lei, o talento e o génio seriam encontradiços, não nasceriam de pais obtusos filhos dotados de peregrina inteligência e nem, tampouco, néscios e criminosos procederiam de ascendentes ilustres. Shakespear não houvera sido o homem único do seu tempo, «sem outro antes ou depois que o igualasse». E Mozart? Não foi descendente de uma família de músicos? Contudo, dos Mozart, só ele (Wolfgang) se tornou célebre e o seu génio artístico não teve herdeiro. Cabe aqui um breve episódio histórico muito significativo. Seu filho, estabelecido em Milão, recebe um dia a visita do compositor Blanchini e, depois de ter respondido por monossílabos às perguntas amáveis que este lhe dirigia, inclusive se cultivava o violino ou o piano, volveu ríspido e mal humorado:

— Por quem diabo me toma o senhor? Não gosto de música!

— Como! pois não é músico?

— Não, senhor, sou banqueiro e a única música que me agrada é esta! — E metendo a mão no bolso, Mozart filho tirou dele um punhado de luíses de ouro, que fez cair, tinindo, sobre a secretária.

— É esta, — continuou — a música de que gosto!

Blanchini afastou-se indignadíssimo. (S. Smiles, «Vida e Trabalho»). Sem embargo, há famílias onde os filhos são, por assim dizer, os continuadores das obras encetadas pelos pais, ou, pelo menos, seguem-lhes os passos, como sucede, por exemplo, com certas famílias de artistas em que todos revelam tendências e aptidões que poderiam atribuir-se à hereditariedade. Para o Dr. Lobo Vilela («O Destino Humano») assim como para nós, «isto seria, porém, um critério pouco racional de estabelecer leis, porque uma excepção não tem o carácter de regra geral. Demais, compreende-se que esse caso se dê sem que haja hereditariedade; o que não se compreende é que ele deixe de dar-se desde que a hereditariedade exista». Para que houvesse transmissão hereditária dos valores psíquicos ou intelectuais, fora preciso que o Espírito procedesse do Espírito, tal como o corpo provém do corpo. Ora, diferentes são as almas, trazendo cada qual ao renascer os frutos da sua evolução. O agrupamento de espíritos similares, formando famílias de artistas, de literatos, de diplomatas, como esporàdicamente ocorre, explica-se pela analogia de pendores. Uma afinidade espiritual e mental os atraiu, reunindo-os em um grupo. O mesmo se dá entre os homens no seu meio ambiente. Por identidade de sentimentos ou simpatias recíprocas sentem-se atraídos para os outros, tornam-se companheiros. «Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és», reza o aforismo. Aos Espíritos faculta Deus uma certa liberdade na sua volta à carne, e daí procurarem eles, naturalmente, na terra, para seus genitores, aqueles que mais lhes sejam afins e cujo influxo paternal possa favorecer o desenvolvimento de suas aspirações. Similia similibus. Nada de estranhar, portanto, observa Delanne, que um músico prefira a paternidade de um maestro à de um pedreiro.

(Continua)

O CÉREBRO DE EINSTEIN

Por CYRILO ALLEIXO

Com a morte do eminente cientista Alberto Einstein, ocorrida há pouco, pretendem alguns cientistas norte-americanos, pela análise do seu cérebro, desvendar o segredo de tão portentoso génio, convictos de que naquele órgão reside a única e verdadeira causa da superioridade ou inferioridade dos diversos espécimes humanos. Não é de estranhar que esses cientistas, como, aliás, muitos outros, assim pensem, componentes que são das fileiras materialistas, aferrados ao velho dogma mecanicista do Universo e da vida, para os quais as manifestações vitais são outros tantos humores orgânicos e o pensamento, simples secreção cerebral.

Se tal sucedesse, a vida não passaria de burlesca comédia, onde os dotados com particulares arranjos celulares levariam a palma àqueles a quem a natureza houvesse sido ingrata, condenados assim a irremediável inferioridade.

Bela teoria essa para nos livrar de responsabilidades e estimular as más inclinações, uma vez que culpa alguma nos caberia no arranjo fisiológico herdado ao nascer.

Com semelhante doutrina, todos os erros e crimes seriam desculpáveis, simples efeitos de determinadas combinações orgânicas, para as quais se não concorreu e, assim, os tribunais desempenhariam papel aviltante, com suas sentenças iníquas, ao mesmo tempo que os criminosos não passariam de outros tantos inocentes.

Se, na verdade, tudo se passasse como os partidários do *struggle for life* pensam, a anarquia e o caos reinariam soberanos neste planeta, transformado no mais curioso dos manicómios, onde os seus componentes se agitariam numa confusão dantesca, manobrados pelos cordelinhos das omnipotentes células orgânicas, num vaivém desordenado, sem alvo e sem ideal, ao grito retumbante de «salve-se quem puder».

Tal como em exames idênticos anteriores, os referidos investigadores norte-americanos acabarão por concluir que o cérebro de Einstein em nada deferia dos outros cérebros e a incógnita manter-se-á enquanto os efeitos continuarem a ser confundidos com a causa. A essa conclusão, aliás, já haviam chegado os médicos, quando, em vida, Einstein se submeteu a várias experiências de «ondas» do cérebro, ante as quais aqueles observadores confessaram, certamente desapontados, que o cérebro do referido cientista era «constituído» como qualquer outro.

Sempre que um vulto se destaca da massa amorfa circundante, aparece-lhe pela frente a figura petulante da ciência agnóstica, que, de bisturi em punho, se propõe descobrir o mistério da vida, nos refolhos da matéria putrefacta. E apesar do fracasso de todas as empresas deste género, os perscrutadores dessa incógnita não se resolvem a abandonar o caminho errado por onde enveredaram, pretendendo a todo o custo solucionar o caso à custa de escalpelo e de equações algébricas.

Enquanto se confundir vida com manifestações vitais, isto é, causa com efeito, jamais se conseguirá sair desse labirinto inextricável e em vão se procurará resolver o magno problema da existência. É como submeter-se a exame um instrumento musical que nos tivesse deleitado com suas melodias, ou a paleta e os pincéis dum artista consagrado, na mira de descobrir-se aí o segredo da arte.

Vós também, insensatos, limitai-vos apenas a interrogar a matéria, esse amontoado de células e órgãos, instrumento abandonado dum ser que a manejou a seu talante e assim jamais lograreis chegar a uma conclusão clara e definida.

Se houvesse sido possível a troca entre o cérebro de Einstein e o cérebro de um indivíduo vulgar, constatar-se-ia que Einstein continuaria a ser o mesmo génio, enquanto o outro indivíduo se manteria ao nível da mediocridade. Era como se, entre dois músicos, um artista exímio e outro pouco mais que leigo no assunto, se fizesse a troca dos instrumentos: nem por isso se inverteriam os seus valores, firmados, não naqueles objectos, mas nas respectivas aptidões individuais.

O cérebro não é mais do que simples instrumento, através do qual o ser vivente manifesta as suas faculdades e que, juntamente com os sentidos físicos, lhe permite a comunicação com o mundo exterior. Pretender encontrar nesse órgão o porquê da vida, é pura ingenuidade, lamentável miopia, com desprezo absoluto da verdadeira causa dos fenómenos ocorridos na massa encefálica.

Mas enquanto se não reconhecer a existência de um outro princípio mais subtil aliando-se à matéria, para lhe dar vida e movimento, continuar-se-á laborando no mesmo erro, sem possibilidade de sair de tão emaranhado dédalo.

Entregue a si mesmo, o recheio cerebral é, pois, incapaz de qualquer manifestação, tal como um piano de emitir notas, sem que se lhe firam as teclas.

O nosso *Eu* é coisa bem diferente desse amontoado celular e dele independente, se bem que durante a vida lhe esteja mais ou menos associado, por conveniência sua, na aquisição da melhoria imposta pelas leis cósmicas.

Mais ou menos associado, dizíamos, pois, como é sabido, há ocasiões em que essa conexão se afrouxa, como durante o sono natural, na hipnose, síncope, anestesia, etc., e nas próprias enfermidades, libertando-se definitivamente com a morte do envoltório físico, por encontrar-se exaurida a sua missão.

A morte, portanto, não passa da separação entre o princípio espiritual e o material, isto é, entre o *Eu* pensante e a matéria que lhe serve de suporte, mas como isso se processa invisìvelmente, somos levados a concluir pelo que apenas observamos através dos sentidos orgânicos, conclusão errónea e inconciliável com a autêntica realidade.

Mas já é tempo de se admitir mais alguma coisa além do revelado pelos órgãos dos sentidos, sabido que estes se limitam a captar uma pequena faixa da imensa escala das vibrações do Universo, passando-nos, portanto, despercebida uma outra parte, por falta de órgãos adequados à sua manifestação.

Para os adeptos da matéria, existe apenas o corpo somático e, uma vez tombado, a vida se extingue para sempre.

Todavia, não se pode negar a existência das vibrações invisíveis atrás citadas. E, sendo assim, por-

que não acreditar num organismo fluídico, capaz de se desprender do arcaboiço celular na ocasião da morte, uma vez que, tal como as supracitadas vibrações, o facto de ser invisível não é razão para se negar a sua existência?

Esse corpo fluídico não é pura abstracção, como o atestam repetidas experiências, muitas delas feitas com aparelhagem apropriada e com máquinas fotográficas, constituído também por matéria, mas em grau mais sublimado, passando despercebido, como, aliás, tudo que é de natureza imponderável, aos nossos limitados órgãos visuais.

Com esse corpo etéreo fazemos vida no Além, num ambiente que se nos oferece tão real e palpável como este onde ora nos encontramos.

Isso, porém, nada tem de extraordinário, sabendo-se que o outro plano é constituído por vibrações afins. É tudo uma questão de gradação.

Uma vez admitida a existência de um organismo diáfano, associado ao organismo físico e, por trás daquele, o *Eu* pensante a manobrar os respectivos cordelinhos, tudo se esclarece devidamente, patenteando-se, *ipso facto*, a solução de uma infinidade de incógnitas, que nos atormentavam.

Vê-se, assim, que é pura estultícia pretender solucionar o enigma da vida, nos inertes despojos carnais, depois de o seu ocupante se ter retirado. É como querer descobrir a causa do rumor de um edifício, depois de os seus moradores o terem abandonado.

O crânio em que se extinguiu a vida é câmara vazia onde nada mais se pode encontrar além da massa celular, através da qual o seu proprietário estabeleceu relações com o exterior, durante o tempo indispensável à consecução de determinados objectivos.

Essa câmara, como se sabe, nem sempre apresenta a perfeição desejada; e quando tal sucede, há maior ou menor dificuldade em se estabelecer relações com o meio externo, a ponto de, muitas vezes, o seu possuidor se encontrar quase impossibilitado de fazê-lo.

Por melhor que seja um artista, se o instrumento for deficiente, as suas composições ressentir-se-ão fatalmente com o facto, saindo tanto mais truncadas, quanto menor for o número de notas ao seu dispor.

É o caso dos alienados, que têm a servi-los cérebros imperfeitos, não por acaso ou por capricho da sorte, mas como condição necessária à sua fase evolutiva.

MENSAGEM DA CRIANÇA

Dizes que sou o futuro:
— Não me desampares no presente.
Dizes que sou a esperança da paz:
— Não me induzas à guerra.
Dizes que sou a promessa do bem:
— Não me confies o mal.
Dizes que sou a luz dos teus olhos:
— Não me abandones às trevas.
Não espero sòmente o teu pão:
— Dá-me luz e entendimento.
Não desejo só a festa do teu carinho:
— Suplico-te amor com que me eduques.
Não te rogo apenas brinquedos:
— Peço-te bons exemplos e boas palavras.
Não sou simples ornamento do teu caminho:
— Sou alguém que te bate à porta em nome de Deus.
Ensina-me o trabalho e a humildade, o devotamento e o perdão.
Compadece-te de mim e orienta-me para o que seja bom e justo.
Corrige-me, enquanto é tempo, ainda que eu sofra.
Ajuda-me hoje, para que amanhã eu não te faça chorar.

MEIMEI

Mas todas as teorias materialistas caem redondamente ante certos casos revelados através de muitas autópsias, em que a massa cerebral se encontra reduzida a um simples montão de pus. Onde está aqui o tão apregoado paralelismo físico-psíquico, uma vez que os portadores dessas caixas cranianas eram criaturas normais, sem a mais leve insuficiência mental?

Casos há, também, em que por desastre ou doença, se sofre a ablação de grande parte da substância cerebral, sem se ver afectada a normalidade dos pacientes, provando-se, assim, não ser o cérebro o estranho dínamo, gerador da nossa individualidade, mas simples instrumento que o *Ego* pode, por vezes, dispensar, como sucede em variadíssimos casos.

Se acrescentarmos a estes factos as faculdades transcendentais, manifestadas em certos indivíduos — vista sem olhos, audição sem ouvidos, etc. — melhor se compreenderá a inconsistência das convicções materialistas, ressaltando evidente a existência de qualquer coisa que pode dispensar, em absoluto, o concurso dos órgãos materiais, para se manifestar.

O próprio Einstein não acreditava que os cientistas tirassem qualquer conclusão com a dissecação da sua massa cerebral, porque, muito tempo antes de morrer, declarou que a maioria dos humanos chega a elevar a matéria à categoria de Deusa, sem, contudo, saberem qual a sua verdadeira natureza.

Como sucede a princípio com tudo que colide com as concepções correntes, a verdade espiritualista não podia escapar, também, ao riso e ao sarcasmo. E assim como a circulação do sangue, a existência dos micróbios e tantos outros factos outrora relegados para o plano do inconcebível, acabaram por ser reconhecidos, às verdades espiritas sucederá, precisamente, a mesma coisa. É uma questão de tempo, nada mais.

A matéria já tem sido alvo de muito estudo e experimentação. É tempo agora de os cientistas de boa vontade se virarem para as questões do espírito, que lhes darão azo a penetrar num vasto mundo de surpresas e encantos, rico e inexgotável manancial onde mitigarão a sede que os abrasa.

A maior parte das suas incógnitas se dissiparão, qual neblina aos primeiros raios solares e a humanidade só terá a lucrar com esses estudos, tendentes a aclarar a vereda por onde, sem perigos, deve transitar. A hora presente assim o reclama. Mãos à obra e deixemos na paz dos sepúlcros, entregues a seus próprios destinos, esses cérebros abandonados pelos génios, que, do Além, se devem rir das ingénuas teorias humanas, deplorando o tempo gasto com autênticas frioleiras.

A propósito de uma Crónica

Por LEOPOLDO MACHADO

«Estudos Psíquicos», a revista espirita mais completa e complexa que conhecemos — por sua apresentação gráfica e excelente impressão tipográfica; por sua colaboração e paginação; pela escolha do material de texto e pelo noticiário espirítico de toda a parte, de molde a interessar a toda a gente — inseriu «Estudos Psíquicos», no seu número de Maio de 1955, entre as primeiras notícias substanciais a propósito da excursão do seu director ao Brasil, uma crónica de sua autoria, que nos diz respeito e nos sensibiliza profundamente...

Três Obras que se Entrelaçam — é a crónica, focalizando, a um só tempo, o *Colégio Leopoldo*, o *C. E. Fé, Esperança e Caridade* e o *Lar de Jesus*, obras de uma só pessoa.

Fala assim sobre as três, o prezado articulista:

«O Lar de Jesus, *de que temos falado muitas vezes nestas colunas, é filho da* Casa de Luciá, *e serviu de molde a 54 instituições congéneres, espalhadas pelo Brasil. A palavra* orfanato *é rebarbativa. Dá ideia mesquinha da condição humana...*».

.....

«*Na grande alpendrada que o mosaico ilustra em cor bizarra, as «filhas» de Leopoldo recebem o visitante em coro e entoam algumas canções da autoria do poeta*».

.....

«*Depois, seguimos para o Centro Espirita* Fé, Esperança e Caridade... *O salão regorgitava de assistentes. Atmosfera magnífica...*

.....

«*Às 9,30, entrámos no* Colégio Leopoldo. *Fachada sóbria, ocultando maravilhas...*

«*Como se vê, o* Colégio Leopoldo, *o* Lar de Jesus *e o Centro Espirita* Fé, Esperança e Caridade *são três obras de Leopoldo Machado que se impõem por si mesmas à consideração de gregos e troianos.*

.....

«*No dia 21 de Abril assisti à 4.ª sessão das* Bodas de Prata *do Colégio, presidida pelo seu Director, na qual o jornalista Luís de Azeredo, director do* Correio da Lavoura, *foi o orador da Festa, tocando um hino à obra do Leopoldo.*

«*Também ali fui hemenageado, como «grande amigo». No fim da sessão, abriram-se quatro salas: a* Sala Tiradentes, *a Sala* Almte, Paim Pamplona, *inaugurada por seu filho, Coronel Silvio Paim Pamplona, a* Sala Silvino de Azeredo *e a* Sala Padre José de Anchieta, *que tive a honra de inaugurar*».

São, efectivamente, três obras que mais se afiguraram a seu criador feitos os seus três mundos à parte, entrelaçadas e palpitando dentro do mesmo ritmo de afinidades cristãs.

Desvenecido com a cita do querido confrade lusitano, e trazendo para a rádio e para a imprensa o nosso desvanecimento, basta que Deus saiba não o fazemos incriminado pela infracção do preceito cristão: (Mat. VI - 1) «Não façais as vossas boas obras diante dos homens para serdes vistos por eles...», mas, absolvido por este outro preceito do Cristo: «De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus...». (Mat. V - 16).

E nossas três obras entrelaçadas de tal sorte se conjugam, graças a Deus, que, no mesmo passo em que nos proporcionam, a par de muitas dificuldades a vencer e algumas decepções a amargar, muita alegria, algum respeito de toda a gente e a satisfação intensa de um dever cumprido.

E vão congregar-se com outros movimentos afins com o seu fundador, incentivador ou cooperador maior.

Senão, vejamos:

O Centro Espirita *Fé, Esperança e Caridade* faz anos a 18 de Julho. E 18 de Julho ficou na História do Espiritismo no Brasil como a abertura do *1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil*, facto que deu que falar, contra e a favor, mais a favor do que contra, por aí fora. Movimento espirita de tal relevância que, hoje, a participação de mocidades e juventudes espiritas nos trabalhos da Seara do Mestre é coisa sabida e no-

O que é um Centro Espirita

Um Centro Espirita:
É Luz para os cegos;
É Paz para os aflitos;
É Bússola para os perdidos;
É Porto para os cansados;
É Bálsamo para os feridos;
É Remédio para os doentes;
É Bênção para os bons;
É Graça para os maus;
É Tempo para os preguiçosos;
É Âncora para os náufragos;
É Deus para os ateus;
É Perdão para os criminosos;
É Fé para os fracos;
É Esperança para os justos;
É Caridade para todos;
É Amor para os órfãos;
É Amparo para as viúvas;
É Cristo para a humanidade.

RODOLFO COELHO CAVALCANTE

tória. Movimento que vem daí, indiscutìvelmente.

O Colégio Leopoldo faz anos a 21 de Abril, no dia consagrado ao Tiradentes. E 21 de Abril é o aniversário da União dos Discípulos de Jesus, movimento que aplaudimos, embora parcimoniosamente, desde a primeira hora, colaborando, uma vez por outra, com ligeiros instantâneos e auxiliando com a nossa assistência espiritual, com a nossa admiração ao seu programa, a sua obra.

O Lar de Jesus, que se inaugurou no dia de Natal de 1942, por ser obra de acção, experimentação e confraternização, optou pelo 1.º de Janeiro, o grande dia da *fraternidade universal*, para comemorar o seu aniversário.

A L. B. V., a magnífica organização cristã de Alziro Zarur, que também não foi fundada a 1 de Janeiro, comemora nesse dia o seu dia maior.

Singularidade e coincidências dignas, na verdade, de nota e de relevo. E que nos desvanecem profundamente...

(*Irradiado em «Selecções Espiritualistas», do Rio de Janeiro*).

EGOÍSMO

Por IDALINDA DE AGUIAR MATOS

O maior obstáculo ao progresso do homem é, indiscutìvelmente, o egoísmo. Ele se apresenta sob várias formas: às vezes patente em suas manifestações, outras vezes discreto, agindo mais perigosamente. De mãos dadas com a vaidade, arrasta a criatura aos mais lamentáveis desatinos. Esquece-se o homem de seus deveres morais, dos direitos conferidos aos seus irmãos em humanidade, porque só em si pensa, só o preocupa a sua felicidade. Entretanto sabemos que a verdadeira felicidade consiste em sermos solidários, em proporcionarmos aos outros algo que lhes possa atenuar os sofrimentos ou concorrer para alegrar-lhes a vida. Custa tão pouco tal prodigalidade que apenas deixamos de a fazer por egoísmo!

Conhecemos chefes de família que poderiam ser queridos, amados por seus familiares; entretanto suas atitudes egoísticas os colocam na mais amarga posição da vida: o indiferentismo!

A nosso ver, o lar é a oficina onde se burilam, unissonas, as inteligências, onde as almas em resgate de culpas milenares se reúnem, a fim de se aprimorarem, no desejo de esculpir em suas consciências as conquistas superiores do aprendizado. Que valerá ao homem realizar muito no campo de suas actividades, sejam políticas, de ordem material ou espiritual; tenha ele projecção ou valores incomensuráveis, se não tiver junto de seus entes queridos o respeito, o amor, a dedicação tão necessários à caminhada do espírito? Se não tivermos para com os nossos filhos, consorte, pais ou irmãos, a abnegação de que nos fala o Evangelho; se formos para com eles inflexíveis e egoístas, para quem poderemos ser solidários, amigos dedicados?

De todos os defeitos que precisamos de combater para a nossa própria felicidade, seja em primeiro lugar o egoísmo! Ele é o entrave do nosso progresso. Observemos bem onde ele se radica, pois sàbiamente oculto dificilmente o podemos localizar.

CARTA A UM MATERIALISTA

Por B. MARTINS

Meu caro C.

Obrigado pela tua carta de 8 de Junho.

Dizes-me que a carta que escrevi ao T. A. foi interpretada por ti como uma prova de bom carácter.

É uma interpretação favorável, devida à amizade benevolente que me dispensam, que me sensibiliza e agradeço, mas que não corresponde exactamente à realidade. Eu, por enquanto, sou apenas um aspirante, sincero, a possuir um bom-carácter. Não passo de aprendiz de atitudes correctas, que de vez em quando falha, por não ter ainda aprendido a controlar-se, eficientemente, em todas as circunstâncias.

No meu caso, não são apenas as boas maneiras exteriores que me interessam, mas as atitudes totais que surgem no interior, quer prorrompam expandido-se integralmente em manifestações externas, quer sejam reprimidas e fiquem ocultas no íntimo do meu arcaboiço. As belas maneiras de afabilidade são já alguma coisa, mas não são tudo. Podem ser o primeiro passo, mas daí em diante é necessário lutar sempre, sem esmorecimento, contra a nossa natureza dualista.

Se o gigante que foi Saulo, de Tarso, dizia de si mesmo: — «eu faço o mal que não quero, e não faço o bem que quero» — eu, mero pigmeu da perfeição, que hei-de fazer senão conformar-me com o meu grande atrazo e confiar em que o Pai me concederá o tempo e os meios necessários para me livrar da ganga que ainda me envolve, e fazer brilhar, em todo o seu esplendor, o maravilhoso brilhante que colocou no interior de cada um de nós.

Quanto aos meus problemas do outro mundo, são os mesmos que tenho neste, porque a vida no outro mundo (de acordo com as notícias que de lá temos) não é mais que a continuação da vida que levamos aqui, assim como a vida neste é, do mesmo modo, a continuação da vida que tivémos no outro, antes de aqui surgirmos desta última vez.

Porque a nossa vida não cessa, nós é que mudamos de indumentária, de meios de manifestação e de ambiente; porque assim é necessário ao nosso progresso através das idades e dos diferentes reinos porque temos passado (mineral, vegetal, animal, hominal) e dos outros que ainda hão-de vir, à medida que formos podendo passar de classe, consoante o nosso aproveitamento.

Por isto, não me interessa morrer mais tarde do que me compete, nem tenho pressa em deixar esta existência antes da minha hora, porque sei que só cá devo estar, para tirar o máximo proveito (proveito real), o tempo que for conveniente, o qual foi e é determinado, com toda a sabedoria, por Inteligências muito superiores às nossas, que estão encarregadas do governo do mundo e dos seres que o povoam.

O que me interessa, com profundo anelo, é colher os melhores resultados das lições que vim aprender pràticamente, não me deixando enlear em ilusões, ainda que sedutoras.

Não receio que o Padre Eterno (como tu dizes a brincar) me excomungue por dívidas que eu não tenha pago. O Pai, não julga nem condena ninguém, porque não é necessário. Fez a Lei que nos havia de regular e poz, no íntimo de cada um de nós, um julgador imparcial, que mede todos os prós e todos os contras, atende a todas as atenuantes ou considera todas as agravantes, sem nunca se enganar, porque a sua vista é profunda e, qual potentíssimo Ráio-X, vê para além da matéria e das aparências, e porque nos é impossível mentir-lhe, pois que toda a nossa história, segundo a segundo, momento a momento, está gravada indelevelmente em nós mesmos, sem falta de um til e mais clara que nos mais perfeitos filmes hodiernos. Basta-lhe olhar para nós (ou para si, o que é o mesmo), com a sua forte vista, capaz de revolver o passado mais longínquo, e ler-nos como em livro aberto. Lá está toda a nossa vida, através das eras, com todas as suas paisagens, com todos os panoramas em que actuámos e vivemos. Lá estão bem patentes, as razões porque procedemos desta ou daquela maneira, e não doutra forma, as responsabilidades ou os méritos, que nos cabem, as iniciativas que tomámos, ou que deixámos de tomar; lá estão demarcados os limites que foram impostos ao nosso próprio organismo, a cuja fatalidade não podemos fugir, tal como o viajante que se pode deslocar e agir livremente dentro do transatlântico em que viaja, mas para fora do qual não lhe é possível sair enquanto for navegando e afastando-se das paragens donde partiu (com o nascimento) e aproximando-se daquelas onde há-de aportar (com a morte do corpo).

Esse julgador, que não se dobra a quaisquer espécies de favoritismos, é a nossa consciência. É o nosso verdadeiro Eu, que luta e sofre para desenvolver os nossos poderes latentes que, em embrião, herdámos do Pai, a Vida que tudo criou, tudo sustenta e tudo regula. Sem luta, sem esforço, sem sofrimento, não conseguimos vencer a nossa ignorância, a nossa inexperiência e a nossa imperfeição. É com o sofrimento que a nossa consciência desabrocha, e se desenvolve, e adquire qualidades de domínio próprio, deixando de andar ao sabor da onda, ou como a nuvem que corre, tocada pelos ventos, incapaz de resistir às influências externas, boas ou más, influências essas que têm o fim de exercitarem e desenvolverem as nossas forças latentes.

O Pai é amor e a ninguém julga, e a ninguém condena. Pelo contrário, está sempre pronto a ajudar, concedendo-nos forças e coragem para suportarmos as consequências desagradáveis dos nossos actos (porque cada um colhe o que semeia: é a Lei), concedendo-nos novas formas e novas oportunidades de reparação do mal que tivermos produzido, e ajudando-nos a tomar o remédio de que necessitamos, quando ele fôr amargoso ou repugnante. O Pai não nos dispensa das provas que tivermos atraído por nós mesmos, mas ajuda-nos sempre, quando essas provas se tornam difíceis.

E não modifica a sua atitude para qualquer das suas criaturas, quer acreditemos n'Ele, quer ignoremos, ou neguemos, a Sua existência; quer lhe chamemos Deus, ou Criador, ou Pai, ou Divina Providência, ou Supremo Dispensador da Vida (e de todos os bens), ou Supremo Arquitecto (dos universos e de tudo o que neles há), ou Grande Foco, ou o Uno, ou o Todo, ou Omnipotente, ou Omnisciente, ou Poder Supremo,

ou Inteligência Directriz, ou Natureza, ou Supremo Bem, ou Padre Eterno, ou o Eterno, ou Todo Poderoso, etc., ou outros termos equivalentes. O nome não interessa. Ele é inefável; e é absurdo querê-Lo representar por ancião de longas barbas brancas, sentado num trono de ouro, com os pés apoiados nas nuvens, a julgar os vivos e os mortos (mortos não há: há morte, mas não há mortos).

Que configuração poderia ter o Criador, a Suprema Vida?

A sua face teria que ser constituída por mil faces, o seu corpo por milhões de corpos, porque todas as criaturas constituem a Sua face e o Seu corpo, porque Deus, está em toda a parte e nos constitui a todos nós e vivemos n'Ele, que nos criou e nos sustenta. Sem Deus, nós desvaneceríamos sùbitamente por falta de constituintes, de sustentáculo e de vida. A Natureza é uma parte da Sua manifestação infinita, de universos após universos. Para além da Sua manifestação há o mar, sem fim, sem forma e sem limites de qualquer espécie do Deus Imanifesto, imenso reservatório de energia, de poder, de inteligência e de sabedoria no estado de repouso, que poderá também manifestar-se, quando Deus quizer, produzindo uma infinita variedade de novas formas de vida, num novo Dia Cósmico de actividade, a que sucederá, ao fim de triliões de anos, uma outra Noite Cósmica de repouso, e assim sucessivamente.

Mas, como poderemos nós, finitos e tão relativos, compreender e abarcar o Infinito, o Eterno, o Absoluto?... Temos, agora, que nos conformar em apenas sentir a Vida com os nossos escassos e limitados recursos actuais, e contentarmo-nos com uma ideia muito grosseira, embora susceptível de se aperfeiçoar à medida que a nossa inteligência se desenvolva, e à proporção que nos for permitido ir levantando, pouco a pouco o véu que nos encobre as leis misteriosas e a sabedoria infinita da Vida Omnipotente, donde tudo deriva e para onde tudo converge.

Assim, se meditarmos com clareza e desapaixonadamente, reconhecemos que o homem nada criou do que existe, e que já cá encontrou tudo, quando surgiu no mundo. Apenas se utiliza, de maneiras diversas, de alguns materiais ao seu alcance, à medida que a sua inteligência se vai desenvolvendo. Sobre o que vai descobrindo (não criando), formula hipóteses, cria teorias e estabelece leis que, quantas vezes, mais tarde deita abaixo, ou tem que rectificar, porque não interpretou os fenómenos em toda a sua plenitude.

Maravilhamo-nos da inteligência dos sábios humanos que, pouco a pouco, vão compreendendo e descobrindo (ainda que lentamente) algumas das coisas existentes desde a eternidade, que sempre estiveram ao alcance da espécie humana; e não nos admiramos, nem sequer nos lembramos da suprema inteligência, sabedoria e poder de Quem criou e sustenta tudo o que existe (tudo aquilo de que temos conhecimento mais ou menos completo) e todas as estupendas maravilhas que temos ainda por descobrir e conhecer, no nosso mundo tão pequenino, e no infindável número de mundos, distribuídos pelos universos inumeráveis, como manifestações da Vida no macrocosmo e no microscosmo.

Se ainda não conhecemos completamente, nem sequer o nosso corpo físico, se ainda a maioria ignora, ou lhe custa a compreender, que a sua vida e a sua individualidade existem independente do corpo, existem com ou sem ele, antes e durante, e depois dele, que todas as suas faculdades superiores (não só a vida, mas a inteligência, a consciência, os sentimentos, etc.) residem na alma, que se utiliza do corpo físico como de uma máquina que lhe facilita a vida de relação neste plano físico; se os nossos conhecimentos e as nossas possibilidades, por enquanto, são tão limitados, como poderemos pensar que nada mais existe que a inteligência humana, e que a Natureza surgiu do cáos, por obra do acaso, que não há um Criador que a tudo dá existência e de Quem estamos na absoluta dependência, apesar de toda a nossa vaidade? Que temos de nós mesmos, que nos pertença, que não tenhamos recebido de qualquer lado? Nada!

Por isso, eu não me preocupo do tempo que hei-de aqui viver, mas de como hei-de viver, aqui e quando de cá for.

Quando Deus quer, nos faz nascer aqui; e, quando quer, nos retira de cá, sem perguntar a nossa opinião.

Quanto à tua mãe, minha madrinha, tal como a teu pai, meu padrinho, sinto, para com ambos, um grande reconhecimento e uma imensa gratidão, e ao mesmo tempo admiração, porque souberam, na verdade, desempenhar para comigo, o seu papel de verdadeiros padrinhos, substituindo meu pai e minha mãe, e preparando-me para a vida com os seus nobres e salutares exemplos, e com os cuidados e carinhos que sempre me dispensaram.

Teu amigo

B.

OS QUE NOS DEIXAM

João Rodrigues Duarte

A poucas horas da nossa Revista entrar na máquina fomos surpreendidos com a triste notícia do desencarne do pai do nosso director, ocorrido no dia 26, na terra da sua naturalidade.

Conquanto avançado em anos — 83 já contava — e, ùltimamente, bastante depauperado pela doença, todas as esperanças do seu estremoso filho eram de que, a despeito disso, ainda lhe seria permitido abraçá-lo quando regressasse do Brasil.

Cumpriram-se, entretanto, os desígnios do Alto, contrariando este filial desejo, e o venerando ancião, partiu, serenamente, para a grande viagem no Além.

Sabemos quanto este doloroso acontecimento vai ferir profundamente o coração do nosso querido amigo, Tenente Isidoro Duarte Santos, mas estamos certos de que o bálsamo da fé que abraça se lhe há-de derramar na alma dolorida e breve lhe trará a calma necessária para encarar serenamente os desígnios de Deus.

Certos de que interpretamos o sentir dos seus numerosos amigos e confrades, aqui lhe deixamos expressa a certeza do nosso pesar, com preces a Jesus para que ilumine o espírito do nosso irmão desencarnado.

Crónica Mundial

Por ADELAIDE YVONE DE SOUSA

CASOS EXTRAORDINÁRIOS

De «Vida Mundial», de Agosto próximo passado, relatamos três factos interessantíssimos e dignos de meditação.

«Um Piloto francês perdeu os sentidos quando o seu avião voava a mil quilómetros à hora».

«Dois pilotos franceses, durante um voo a bordo dos seus aparelhos de caça a reacção, foram protagonistas de um drama no ar; o primeiro precipitou-se a mil quilómetros por hora até 150 metros da morte; o segundo desafiou a barreira do som para salvar o amigo em perigo. Os mesmos protagonistas contaram depois, instante por instante, as fases dessa aventura, que durou apenas 38 segundos, nos quais os dois pilotos baixaram de 9.000 metros de altura».

Guy Allien, de 24 anos, foi o principal comparsa do drama e o seu jovem amigo Jean-Claude Bernard conta como nele tomou parte:

«Durante alguns segundos não me apercebi de nada. Só quando o aparelho de Allien começou a descer em «picado», num autêntico «picado» para a morte, aproximando-se do meu cada vez mais, é que reparei que a respectiva cúpula saltara fora e que a cabeça de Allien oscilava no interior da carlinga. Comecei a chamá-lo pela rádio».

Bernard crê o seu amigo sem sentidos e verifica que o aparelho, abandonado a si próprio, se precipitava a toda a velocidade. Começou então a rodeá-lo em espirais.

«Enquanto estes terríveis pensamentos se acumulavam no meu cérebro produziu-se o milagre. No momento em que me preparava para anunciar pela rádio que todas as esperanças estavam perdidas, pois o avião de Allien estava prestes a perder-se numa floresta, vi o «Ouragan» mudar de rumo subitamente. O avião, por sua própria conta, sem que ninguém o controlasse, virou para cima, para o céu, como por milagre, quando estava a 150 metros do solo e a escassos segundos do desastre que representaria a morte para Allien. Recomecei a chamá-lo pela rádio, desesperadamente, mas não obtive resposta. A pouco mais de 1.500 metros de altitude o avião iniciou um segundo «picado». De novo temi o desastre, mas, mais uma vez, o avião voltou a mudar de rumo, a seiscentos metros do solo. Era alucinante assistir a este voo, por sabermos que a bordo seguia um homem inanimado. O «Ouragan», abandonado à sua cega fantasia, volteava sobre si mesmo como uma borboleta».

Por sua vez, Allien disse:

«Perante os meus olhos havia apenas uma ilimitada extensão de verdura: então dei-me conta de que ia a caminho do solo. Consegui estabilizar o aparelho a mais de 1.500 metros e pensei em pedir pela rádio instruções para voltar à base. A carlinga estava cheia de sangue. O vento soprava por todos os lados. Depois comecei a ouvir os apelos desesperados que Bernard me lançava pela rádio. Virei a cabeça e vi-o. Ordenou-me que o seguisse e eu aguardei as suas instruções».

O drama durara apenas 38 segundos.

Que poder manobrara o aparelho, nos dois momentos supremos em que parecia ir esmagar-se no solo, salvando Allien da morte?...

*

«*O Conto da Semana*» de Artur Conan Doyle narra uma corrida vertiginosa através duma estrada da Inglaterra.

O herói do drama, tendo nesse dia tomado posse do seu novo automóvel, quis ele próprio guiá-lo, apesar das recomendações do seu motorista de que isso constituia imprudência, pois ele ainda não lhe conhecia o manejo, algo diferente do antigo carro.

«Não tem importância. Quero experimentar o carro» — respondeu o patrão.

O motorista sentou-se a seu lado e partiram em direcção a casa, tendo de percorrer, de noite, oito quilómetros, numa estrada em curvas.

«Claro que era uma presunção estúpida essa de supor que podia habituar-me, acto contínuo, a um mecanismo novo, e para mais em plena escuridão, mas quantos disparates semelhantes fazemos todos nós sem pensar por um momento que poderão ter consequências catastróficas».

Assim aconteceu, numa horrível e louca corrida em que não foi possível ao nosso herói dominar o seu carro, o qual se despedaçou precisamente ao querer vencer a curva do jardim da sua casa. Passado o momento do estrondo catastrófico, disse o nosso narrador:

«Quando recuperei os sentidos encontrei-me ao pé do muro, no caminho que conduz à casa do jardineiro. Junto de mim estava alguém que, ao princípio, pensei fosse Perkins, mas, olhando com mais atenção, vi que era Stanley, um rapaz que conhecera anos antes na Universidade. Sentia por ele uma grande amizade e orgulhava-me de que ele a retribuísse. Tão surpreendido fiquei ao vê-lo, que nem sabia se estava acordado ou se sonhava».

«Que choque tremendo, santo Deus — disse eu. Ele fez um aceno afirmativo com a cabeça e, apesar da escuridão, vi que nos seus lábios pairava um sorriso doce e sonhador».

Não sentia desejos de se mexer, e viu grupos em volta do seu automóvel e os seus criados, bem como as outras pessoas não lhe ligavam importância nenhuma, ocupados em volta do motorista, que disse:

«Onde está o patrão?».

«Estou aqui, Perkins — gritei. No entanto pareceu-me que ninguém me ouviu, todos debruçados sobre qualquer coisa que se encontrava na frente do carro. Stanley pôs uma das mãos nas minhas costas e aquele contacto pareceu acalmar-me de maneira inexplicável. De repente, senti-me leve e feliz, apesar de tudo o que tinha sucedido».

«Não sentiste nenhuma dor, pois não? — perguntou-me Stanley, e imediatamente senti que o pasmo e a surpresa me dominavam. Stanley! Stanley!».

«Ora vejamos: Stanley morreu de malária em Bloemfontel, durante a guerra dos boers!».

«Stanley! — gritei, e as palavras pareciam sufocar-me. — Mas tu es-

tás morto!». Ele olhou-me, sempre com o seu sorriso doce e sonhador, pairando-lhe nos lábios:

«E tu também, meu velho!».

O ENIGMA DE AUGUSTIN LESAGE, O PINTOR-MINEIRO

Martine Beauvais, em extenso artigo, traça toda a história de Lesage, desde a sua infância até ao seu apogeu artístico-mediúnico.

«Estudos Psíquicos» referiu-se, em devido tempo, a esta extraordinária manifestação supra-normal, que é também, a meu ver, a reminiscência duma anterior existência, que os Espíritos facilitaram. Se a Misericórdia Divina não nos adormecesse a memória das vidas passadas, quem poderia resistir ao espectáculo constante de vermos os nossos defeitos sempre patentes, e até crimes cometidos noutras épocas? Mas quando, como no caso de Lesage, se trata duma alta qualidade, a reminiscência pode permanecer viva, e até ser auxiliada. Vejamos:

Todo o mundo conhece o êxito retumbante que Augustin Lesage obteve na exposição das suas obras, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Paris. Depois, conta Martine Beauvais, em 1936 recebe a visita duma dama da alta sociedade britânica, que, dizendo-se dotada de clarividência, lhe afirmou que recebera «ordem do Invisível» para lhe entregar um escaravelho notàvelmente cinzelado proveniente de Aménophis III. Havia no talisman, gravada em hieroglifos, uma sentença que provocou perplexidade em Augustin Lesage: — «Aquele em cuja posse estiver este escaravelho será privilegiado na vida e no Além».

Quinze dias depois, Lesage recebia dos seus guias o aviso de que em breve pintaria uma cena da ceifa, e quadros com assuntos egípcios e que breve também partiria para aquele país.

Sabido é que a ceifa foi pintada e que Lesage foi ao Egipto. A expedição de que fazia parte visitou, entre outros pontos, o Vale dos Faraós, onde se encontrava o túmulo de Aménophis III. Em seguida visitou a aldeia de Mena, que se supõe ter existido há 3.500 anos.

Ali, com espanto de todos, encontrou-se um fresco representando uma ceifa, quadro absolutamente idêntico ao que Lesage pintara.

Verificou-se que Augustin Lesage ignorava a existência desse fresco, mas, afirma o articulista: «o sentimento de «coisa já vista e conhecida» que o assaltara ao abordar aqueles lugares adquiria nele as proporções duma revelação».

Segundo as declarações dum arqueólogo do grupo, «não existia no mundo nenhuma reprodução do fresco de Mena».

Felicitamo-nos que um jornal de grande circulação como a «Vida Mundial» tivesse trazido à publicidade estes três casos profundamente incrustados na doutrina espírita, e não fazemos comentários...

ROSE MARY NO EGIPTO

O semanário «Sunday Express» revelou que a famosa médium inglesa Miss Ivy Beaumont, que há anos a «Revue Spirite» anunciou tratar-se duma antiga bailarina da corte do faraó Aménhotep III, falando em transe a língua dessa época, acaba de ser convidada pelos egiptólogos oficiais a acompanhá-los numa excursão de estudo ao Egipto.

Essa expedição, dirigida pelo Dr. Frederick Wood, irá até Karnak, para realizar investigações acerca da vida na corte dos antigos faraós e da fonética do egípcio antigo, assim como obter provas acerca da tese da reencarnação.

Eis uma notícia de alto significado para a teoria espírita.

Convencidos estamos de que a missão egiptóloga verá coroados de êxito os seus objectivos e esperamos, ansiosamente, o momento de poder dar aos nossos leitores o relato de mais um grande triunfo mediúnico de Rosemary para honra e glória do Espiritismo.

AINDA AS CRIANÇAS PRODÍGIOS

A revista «Constancia» transcreve de «A Capital», de Rosário, uma notícia a respeito de mais um menino prodígio. É Carlos Bonicelli, de sete anos.

«Possui uma memória excepcional; soma, divide, multiplica e faz as mais complicadas operações de aritmética, em poucos segundos. É semelhante a uma máquina de calcular, afirma a citada revista, àqueles mecanismos assombrosos que designamos por «cérebros electrónicos».

Mas há mais: Há pouco ainda o «Diário de Notícias» recebeu de Londres este não menos sensacional comunicado: — «*Um sábio... de 14 anos!*».

«A «British Association», uma das maiores sociedades científicas da Grã-Bretanha, reunida agora em Bristol, recebeu ontem uma comunicação feita pela pessoa mais nova que até hoje tomou a palavra nesta sábia assembleia: foi uma estudante de 14 anos, Margaret Silcocks, que leu uma exposição acerca dos costumes dos mochos e seus hábitos alimentares».

Estas notícias provam-nos, à evidência, que «os tempos estão chegados» e que tanto a idade como o sexo nada valem perante o génio, uma das formas exteriorizantes do espírito.

Que dizem a isto os conservadores das velhas fórmulas?!

PROFECIAS

«O Doutrinador», de S. Paulo, no seu número de Maio, e a revista «La Consciencia», de Buenos Aires, de Julho-Agosto, avisam-nos de que, efectivamente, «Os tempos estão chegados».

Este aviso foi dado por Ramatis, espírito milenário que se utilizou do médium Dr. Hercilio Maes, de Curitiba, que recebeu essas maravilhosas mensagens.

Elas vêm lembrar à Humanidade distraída pelos prazeres materialistas, ou ignorante das leis do Cosmos, que as loucuras humanas terão em breve o reverso da medalha.

Por serem extensas não podemos publicar essas valiosas e científicas profecias.

NA VELHA INGLATERRA

Segundo lemos em «Reencarnação», a família real inglesa dedica-se à prática do Espiritismo, realizando as sessões no próprio palácio de Buckingham.

Facto curioso e digno de nota: o Rei de Inglaterra é, também, o chefe da Igreja Anglicana que, por sua vez, proibiu aos seus fiéis de assistirem a sessões espíritas.

E «Reencarnação» comenta, com esta simples frase: «Sinais dos tempos!».

Sinais dos tempos, sim, e também índice seguro de que urge que se respeite e considere o Espiritismo na medida não só em que ele se impuser pela sua moral e superior filosofia, mas também pelo que o mereça a categoria social e intelectual das pessoas que o adoptam para sua orientação e amparo na vida.

Basta de ridicularizar e perseguir um corpo de doutrina que se apoia na ciência e só pela razão pretende conseguir prosélitos!

Notas & Comentários

O ESPIRITISMO NA INGLATERRA

Não é demais insistirmos, repetindo a sensacional notícia: Por deliberação do Parlamento Britânico, a instâncias do Marechal do Ar Lorde Downding, foi, em Julho de 1952, o Espiritismo Cristão reconhecido, em Inglaterra, como religião. O Parlamento tomou esta decisão nos seguintes termos: a) — O Espiritismo é reconhecido como religião no Serviço Militar. b) — Aos militares espiritas das três armas assiste o direito de anotação da sua crença espirita nos documentos militares e o direito de realizar reuniões espiritas, sempre que existam dependências ou salões disponíveis.

ÍNDICE DE PROGRESSO

É o que se pode concluir da notícia que nos diz ser de 27.500 exemplares a actual tiragem mensal da revista espirita Reformador, *do Rio de Janeiro, órgão oficial da Federação Espirita Brasileira.*

A propósito diz o «Reformador»: «Poucas, pouquíssimas serão as revistas religiosas do País que talvez alcancem tão elevada tiragem. E, no meio espirita mundial, cremos ser a nossa a de maior tiragem; tiragem fixa, certa, real, controlada e fiscalizada pelas autoridades governamentais do Brasil».

Com os nossos confrades de o «Reformador» também diremos: Belo índice, não há dúvida, do progresso da Doutrina Espirita nas terras do «Coração do Mundo»!

Isto, sem contar com as dezenas de livros, jornais e revistas que se publicam em todo o território brasileiro, igualmente com tiragens de muitos milhares de exemplares, que contribuem com o seu esforço para manter sempre viva, na «Pátria do Evangelho», a fé no mais aliciante veículo da palavra do Divino Mestre Jesus.

COMO NO BRASIL SE APRECIA O ESPIRITISMO

Do Relatório da Direcção da Federação Espirita do Rio Grande do Sul destacamos as duas seguintes interessantes e elucidativas passagens: «Estamos melhor instalados em casa própria. Tivemos, para isso, o concurso da família espirita local, de alguns confrades do interior, de simpatizantes, de instituições autárquicas e do poder público».

Quer dizer, para a instalação da Federação em Sede própria, contribuiram, além dos espiritas e simpatizantes, algumas Câmaras Municipais e o Governo.

Mas o auxílio dos poderes públicos à F. E. R. G. S. não ficou por aqui. Segundo o mesmo Relatório, «a Federação recebeu o auxílio de Cr. $5.000,00 que lhe foi concedido pelo Governo do Estado. Está pendente o recebimento do auxílio de Cr. $25.000,00 concedido pela Prefeitura Municipal no exercício de 1953. Por decreto n.º 806, de 31 de Dezembro de 1954, o Governo do Município destinou o auxílio de Cr. $5.000,00 para o Sector assistencial da Federação e o de Cr. 18.000 para o cultural — A Reencarnação».

Deixamos aos nossos leitores os comentários...

LIVROS ESPIRITAS PARA INVISUAIS

Segundo lemos em o Reformador, *de Julho passado, a Federação Espirita Brasileira possui na sua biblioteca, à disposição dos confrades privados da visão material, os seguintes livros espiritas escritos em caracteres Braille:*

O Livro dos Espíritos — O Evangelho Segundo o Espiritismo — Biografia de Allan Kardec — O Espiritismo em sua expressão mais simples — Nosso Lar — Novas Mensagens — Cartilha da Natureza — O Espírito Consolador — Espiritismo Racional, Científico, Cristão — Várias conferências espiritas — Estatística Espirita — O Evangelho, segundo Mateus — O Evangelho, segundo Marcos — Uma proclamação ao cegos.

OS HOMENS E OS DESENCARNADOS

Transcrevemos de «Reencarnação», órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul:

«Citando o jornal «L'Echo du Merveilleux», Alfred Erny encontrou ali descritos diversos casos comprovados de identidade dos Espíritos. Um deles é o seguinte:

Durante o Inverno de 1897, o abade L... (conde Lubienski), vigário de Santa Cruz, Varsóvia, trabalhava só nos seus aposentos, quando ouviu alguém bater-lhe à porta. Foi abri-la e viu diante de si uma menina pobremente vestida, que lhe suplicou fosse levar os últimos sacramentos a sua mãe agonizante.

O digno sacerdote acompanhou a moça até uma pobre mansarda, onde encontrou uma mulher deitada, enferma, que o recebeu com provas de reconhecimento, mas inquiriu-o, não sem admiração:

— Quem vos foi chamar, senhor abade? Vivo aqui tão só, que não tinha a quem mandar ao vosso encontro.

— Vossa filha...

— Minha filha? Não pode ser, senhor abade, pois acaba de morrer. Ainda ali está no leito em que expirou.

O vigário de Santa Cruz aproximou-se e grande foi o seu espanto ao reconhecer na finada a mesma jovem que o fora chamar para junto de sua mãe.

Esta história circulou em Varsóvia e em toda a Polónia. Ninguém ousou pôr em dúvida a veracidade das palavras do abade, única testemunha ocular. É evidente que a moça morta, embuída de ideias católicas, quis obter para a sua mãe os últimos socorros da religião. Foi, portanto, como espírito desencarnado, que ela chamou o sacerdote e este, reconhecendo a morta, obteve uma incontestável prova de identidade».

Noticiário

O REGRESSO DO NOSSO DIRECTOR

No próximo mês de Outubro, a bordo do «Vera Cruz» (e não «Santa Maria», como, por lapso, noticiámos no número passado) regressa a Lisboa o nosso confrade e amigo, Tenente Isidoro Duarte Santos, director de «Estudos Psíquicos».

A chegada estava prevista para o dia 1. Porém, o recente movimento revolucionário argentino surpreendeu o «Vera Cruz» no porto de Buenos Aires e retardou a sua partida do Rio de Janeiro de alguns dias.

Assim, a chegada a Lisboa verificar-se-á só no dia 7, a hora que não é possível fixar com antecedência e o navio atracará ao Cais da Rocha do Conde de Óbidos.

Após 6 meses de ausência, em terras de Santa Cruz, onde tão dignamente representou esta revista, o Centro Espiritualista Luz e Amor e, afinal, o Espiritismo português, volta ao convívio dos seus familiares e confrades, este incansável trabalhador da seara espirita.

Justo será, portanto, que ele sinta, desde o primeiro momento do seu retomar de contacto com a pátria, quanto, durante estes meses, a sua acção e trabalho foram apreciados por todos nós. Para isso, espera-se que acorram à sua chegada aqueles confrades que o possam fazer, para lhe testemunhar, assim, a sua admiração pelo exaustivo esforço que vem de realizar em prol do Espiritismo.

O confrade Isidoro Duarte Santos, porque se sente física e intelectualmente carecido de repouso, retira-se, no dia seguinte, para a terra da sua naturalidade, onde vai gozar umas semanas de bem merecida tranquilidade de corpo e de espírito.

A FEDERAÇÃO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL É RECONHECIDA COMO DE UTILIDADE PÚBLICA

Recebemos, da Federação Espirita do Rio Grande do Sul (Brasil), a seguinte comunicação: «*Lei Municipal n.º 1.418* — O Prefeito Municipal de Porto Alegre — Faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte lei: Art.º 1.º — É reconhecida como entidade de utilidade pública a FEDERAÇÃO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL. Art.º 2.º — A presente lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 21 de Junho de 1955. Manuel Vargas — Prefeito».

Aos confrades da F. E. R. G. S. endereçamos as nossas congratulações pela distinção que acabam de receber e agradecemos a comunicação que nos fizeram.

O BRASIL E A LIBERDADE DE PENSAMENTO

Duas notícias que bem a comprovam:

Por decreto de Outubro de 1954, o Governo do Município de Porto Alegre, deu o nome de Allan Kardec a uma nova rua daquela cidade, tendo já sido colocada a respectiva placa, onde se lê: *Rua Allan Kardec — Codificador do Espiritismo.*

O núcleo da Cruzada dos Militares Espiritas, daquela capital, realiza, todas as semanas, sessões doutrinárias-evangélicas públicas, às quais concorre apreciável número de assistentes.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO DE 1955

GRUPO DE IRRADIAÇÃO MENTAL

Todas as quintas-feiras, às 21,30 horas, dirigido por Raul Ribeiro Pesqueira.

GRUPO DE CARIDADE «LIA»

Todas as quartas-feiras, às 21,30 horas, com a médium D. Deolinda Robalo, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 2, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 4, terça-feira, às 21,30—Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Sessão do grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 18, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 23, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 30, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 1 de Novembro, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 6 de Novembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE AGOSTO

«À Porta do Mistério» — Haduindo Santos, de Loulé.

COBRANÇA DO CENTRO

Tendo adoecido o cobrador do Centro e para evitar maiores atrasos, resolvemos fazer a cobrança pelo correio, por não encontrarmos, de momento, pessoa idónea.

Por isso, pedimos aos nossos prezados consócios o favor de pagarem os recibos das suas quotas logo que lhes forem apresentados.

A todos os nossos prezados consócios, em geral, com as suas quotas em atraso, pedimos também o favor de as pôr em dia, o mais depressa possível.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Setembro — I. S., Lisboa, 20$00; U. S. J., Ponta Delgada, 20$00; Luís Gonçalves Patraquim, Lourenço Marques, 30$00; C. E. L. A., Lisboa, 50$00; Brindes de livros espiritas, 67$50 — Total — 187$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	

OBRAS DIVERSAS

A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DR. FRANCISCO SPINELLI

(Ver pág. 292)

CONTÉM: No Caminho, da **Redacção**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; Os que nos deixam — Dr. Francisco Spinelli, por **F. Jaime**; Regresso ao Lar, por **Isidoro Duarte Santos**; O Acendedor de Lampeões, por **Jaime Ferreira**; O Dia do Livro, por **Leopoldo Machado**; Ao Bater às Portas do Além, por **Cyrilo Alleixo**; Aos Confrades Brasileiros; Ecos de Uma Viagem, por **Isidoro Duarte Santos**; Predominâncias da Vontade, por **Idalina Aguiar Matos**; O Problema da Morte, por **Deolindo Amorim**; Responsabilidade dos Espiritistas, por **Tito L. Bancéscu**; O Dinheiro, por **Emmanuel**; As Mocidades Espiritas, pelo **Prof. Aleixo Vítor Magaldi**; Lembranças Intuitivas, por **De Palma Machado**; Crónica Mundial; Notas & Comentários; Noticiário.

16.º ANO OUTUBRO DE 1955 N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores * **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. 100,00 Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00	
A Prece	12$00	
Espiritismo	**15$00**	
O Principiante Espirita	18$00	
O que é o Espiritismo	18$00	
O Livro dos Espíritos	32$00	45$00
O Livro dos Médiuns	32$00	45$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	32$00	45$00
O Céu e o Inferno	35$00	47$00
A Génese (nova edição)	35$00	47$00
Obras Póstumas	32$00	45$00
Vade-Mécum Kardequiano	**16$00**	
LÉON DENIS		
Cristianismo e Espiritismo	50$00	
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00	
O Grande Enigma	30$00	
Depois da Morte (nova edição)	50$00	
O Porquê da Vida	28$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	**50$00**	**62$00**
Joana d'Arc Médium	48$00	60$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00	
No Invisível (nova edição)	**52$00**	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	52$00	64$00
A Evolução Anímica	48$00	
O Fenómeno Espirita	45$00	
A Alma é Imortal	**52$00**	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	25$00	
Enigmas da Psicometria	28$00	
Animismo ou Espiritismo?	50$00	62$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	26$00	
Xenoglossia	32$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	40$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1955 — N.º 10

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

NO CAMINHO

De novo no caminho duro da missão. De novo na trincheira, na forja dos grandes prélios. A alma andou por terras outras, peregrinando e observando. Sofreu inclemências tropicais, reflectidas no corpo físico. Sentiu os altos e os baixos do homem. Aprendeu amizade e tolerância, aproximou-se da justiça que se deve a todos. Veio cheinho... Que lastro grandioso!

Partira leve, sacola vazia, incertezas e dúvidas no instinto. Enfrentara com denodo os espinhos da viagem.

A meio do Atlântico, a Mensageira Alada roçou a face do homem, dizendo:

— Coragem! O mundo é para os fortes!

Sopro de oxigénio, gota de água na sede, luz na espessura. Foi isto e muito mais essa presença amiga, constante, ardorosa, estímulo e vontade na hora adversa, alegria e calma no triunfo empolgante...

Agora é o caminho duro, pedregoso, em que o abrolho a custo vegeta. A charrua é pesada e a terra estéril. É preciso amanhá-la e adubá-la, para que a semente germine. Agora é deste lado, «do outro lado»...

Que importa! Esforço é esforço, luta é luta, trabalho é trabalho. Aqui ou ali, é caminho que se abre na charneca da vida. Por ele seguirão muitos que desejam chegar... Nele estiolarão alguns mais fracos, menos animosos. Mas este que aqui está escolheu as batalhas difíceis e há-de vencê-las. Quer humanidade e verdade no mundo das almas. Quer felicidade social, este que aqui está...

As lições do Brasil são programa para os tempos. Só a voz do Cristo pode abolir o caos, só ela reforma o homem, só ela engrandece e restaura. A voz de um Cristo irmão de todos, Cristo sem coroa, alegre, comunicativo, serviçal, discípulo mais velho de outro Mestre...

Só isto. O resto «é quase nada».

A moral é luz no pântano. É bordão de cego e côdea de faminto. Que vale medir o obstáculo, se não há coragem para destruí-lo, ou para galgá-lo?... As mesas que se movem não iluminam. E o homem tem que ser bom. Dar do que tem àqueles que necessitam. Em todos os campos da actividade, em todas os campos... Ir-se-á aproximando, assim, do Grande Modelo...

Isto aprende-se na estrada, no pedregulho, ao lado de quem caiu sob o peso do jugo...

Este é o caminho da luta. O alvo está longe, muito longe, entre o céu e a terra, no palácio e na choça, harmónico e sereno, oferecido à conquista. Venham os corredores, venham todos! Ponham na faina o músculo e o cérebro. Tragam planos, tragam vitalidade e bondade. Falange sobre falange, batalhões aguerridos, bandeiras desfraldadas.

No Alto, outros guerreiros estão a postos. Eles ajudarão. Já ajudam, tonificando corpos, disciplinando espíritos.

Não se pode estratificar. Seria a morte do organismo. O movimento é vida, é progresso constante. As montanhas se abatem, os rios se mudam; e surgem novas montanhas e novos rios. Tudo pelo esforço do homem. O que parecia incrível é realidade. O sonho materializou-se e assombrou os próprios fautores.

Trabalhemos, pois, cheios de ardor. Um mundo novo está surgindo das ruinas do mundo velho. O incêndio queimou, reduziu a cinzas a floresta. Mas as plantas rebentam de novo, alviçareiras, do humo tonificante. Auxiliemos a nova aurora com vontade.

Venham braços, venham instrumentos! Novo sol, nova luz nas trevas da humanidade! Unam-se as almas em festim espiritual, salvem o mundo do abismo, cimentem alicerces, oponham diques à vaga tumultuosa!

Eis o caminho que se abre à compreensão. Olvidá-lo é abandonar um posto, como desertor que foge ao seu Dever!...

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

20

UMA OBJECÇÃO TRIVIAL

Sobre a ancianidade da Reencarnação teremos de escrever ainda, a fim de desfazer o engano de certas pessoas que pensam ser uma doutrina concebida por Allan Kardec e surgida com o Espiritismo. Ela remonta à mais alta antiguidade.

No número dos escritores que reconhecem quão remota é a Reencarnação, inclui-se Arthur Schopenhauer, filósofo alemão, nascido no último quartel do século dezóito. autor das Memórias sobre as Ciências Ocultas, para quem ela é a melhor e a mais antiga de todas as crenças. Em sendo a melhor, subentende-se que é a mais lógica e subsistente, assim também a que aliciou maior número de adeptos entre as classes ilustradas, ou, como diz a Sr.ª Anie Besant, a doutrina que tem por si um pretérito repassado de intelectualidade, o peso da opinião dos homens mais sábios. Desdenham-na tão sòmente aqueles que não a examinaram com cuidado, senão que, por interesse sectário ou espírito de sistema, juraram combatê-la até que se sintam descoroçoados e esmagados pela evidência.

Mesmo sem o desenvolvimento e sem a nitidez expositiva com que se apresenta em nossos dias, graças à nova revelação dos Espíritos que a colocaram ao alcance de qualquer inteligência, a ideia reencarnacionista em todos os tempos possuiu adeptos aos milhões e tão convictos como quem está de posse de uma certeza absoluta.

Cônscio de que as almas dos mortos volverão em outros corpos materiais para reencetar o trabalho do seu aperfeiçoamento, Benjamim Franklin, o inventor do pára-raios, falecido em 1790. escreveu o seguinte epitáfio para ser gravado na sua campa: «Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamim Franklin, impresso como a capa de um livro velho, ao qual arrancaram as folhas e apagaram o título; mas nem por isso ficará perdida a obra, porque reaparecerá, como creio, em nova edição melhor revista e correcta pelo autor».

Por sua vez, o distinto literato belga Maurício Maeterlink, embora não fosse espirita, reconhecia a excelência da doutrina dos renascimentos e proclamava-a nestes termos: «Nunca houve crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora e, até certo ponto, mais verosímil que a Reencarnação. Só ela, com a sua doutrina das expiações e das purificações sucessivas, dá conta de todas as desigualdades físicas e intelectuais, das iniquidades sociais e das injustiças abomináveis do destino».

Convenhamos que mui valiosos são esses conceitos, dirão muitos; porém, com admitir que vivemos alhures outras existências à feição desta que estamos vivendo, se delas não guardamos memória? Se existimos num passado anterior ao nascimento, por que então não nos lembramos dele? Só assim acreditaríamos na reencarnação, dizem; sim, dizem isto puerilmente, irreflectidamente. Esta, não há negar, é a objecção mais trivial, e também, dentre todas a mais ingénua. Diremos por que razões a cortina do esquecimento desceu sobre as nossas vidas precedentes.

21

AS CAUSAS DO ESQUECIMENTO

Os casos. assaz demonstrativos, de indivíduos que possuíam recordações de suas vidas anteriores, e a que já nos referimos (artigos 5 e 6), constituem excepção à regra geral, que é o esquecimento. Por muito raros, digamos de passagem, que sejam esses casos, a História os regista, importando isto em garantia de sua autenticidade. Cientificamente estudados por vários autores espiritualistas de nomeada, entre estes sobressai Gabriel Delanne, que melhor os elucidou na sua obra A Reencarnação, existente em língua portuguesa. Mas o que nos interesse é estudar as causas do esquecimento do passado.

As causas são fisiológicas e morais. Deixemos agora as últimas e falemos das primeiras, inerentes ao renascimento.

Revestindo um novo rganismo, tendo como instrumento de sua manifestação um cérebro

virgem de toda a imagem, o espírito cada vez que reencarna sofre uma diminuição do seu estado vibratório e se vê, «ipso facto», impossibilitado de exprimir as recordações de suas vidas precedentes. É verdade, conforme observa Léon Denis, que os seus antecedentes continuarão a revelar-se em suas aptidões, na facilidade de assimilação, nas qualidades e defeitos, posto que as particularidades dos factos, dos sucessos que constituem o seu passado, reintegrado nas profundezas da consciência, tenham de permanecer veladas durante a vida terrestre.

É ainda mais explícito aquele eminente filósofo, quando escreve no seu O Problema do Ser, do Destino e da Dor: «*O despertar da memória não é mais do que um efeito de vibração produzido pela acção da vontade nas células do cérebro. Para fazermos reviver as lembranças anteriores ao nascimento, é necessário que nos tornemos a pôr em harmonia de vibrações com o estado dinâmico em que nos achávamos na época em que houve a percepção. Não existindo já os cérebros que registaram essas percepções, é preciso procurá-las na consciência profunda; mas esta conserva-se calada, enquanto o espírito está encerrado na carne. Para recuperar a plenitude das suas vibrações e reaver o fio das lembranças em si ocultas, é necessário que ele saia e se separe do corpo; então percebe o passado e pode reconstituí-lo nos menores factos. É isto o que se dá nos fenómenos do sonambulismo e do transe*». *(Volva o leitor aos nossos artigos 2 e 3 sobre os casos de regressão da memória).*

Eis em síntese a causa física que em geral impossibilita a alma reencarnada de reviver os acontecimentos que lhe ficaram aquém do berço. De resto, quantas coisas que se passaram connosco na adolescência ou há uma vintena e se apagaram completamente da nossa lembrança! Em prosseguimento, veremos que, por outro lado, um forte imperativo de ordem moral justifica o olvido de nossas existências pregressas e nesse esquecimento nos revela Deus a sua imensa misericórdia.

22

A OUTRA RAZÃO

Muita gente opõe-se ao ensino da Reencarnação apenas por achar injusto ser-se castigado por faltas de que se não guarda a menor lembrança, como se o olvido das faltas suprimisse a culpa e as suas consequências. Já apontámos a causa física do esquecimento das existências passadas; vejamos agora se uma outra razão, de ordem moral, não o justifica perfeitamente. Ora, se actualmente somos tão imperfeitos, tão escravizados ainda às paixões e aos sentimentos inferiores, que dizer de nossas maldades e fraquezas em épocas remotas?!... É de ver, pois, que onosso passado nada tem de honroso para que o recordássemos sem corar de vergonha e sem sentir na consciência o látego do remorso. A lembrança dele redundaria na perpetuação das iniquidades, agravaria cada vez mais as discórdios, os ódios, as rivalidades na sucessão das vidas; frustrado estaria o objectivo das reencarnações do espírito, que é justamente aplicar e extinguir estes sentimentos para que um dia se estabeleça a harmonia e a solidariedade fraterna entre os homens. Conservássemos memória do que fôramos, e os nossos algozes, as nossas vítimas de outrora nos reconheceriam e nos perseguiriam com a sua vingança, ou seríamos nós que teríamos de desforrar-nos daqueles que nos ultrajaram e nos levaram à ruína.

«Todos os criminosos da história, no dizer de Denis, reencarnados para expiar, seriam desmascarados; as vergonhas, as traições, as perfídias, as iniquidades de todos os séculos seriam de novo assoalhadas à nossa vista. O passado acusador, conhecido de todos, tornaria a ser causa de profunda divisão e de vivos sofrimentos».

Tirando-nos, porém, a noção das existências anteriores, Deus, sempre misericordioso, proporcionou-nos uma reconciliação com aqueles que nos ofenderam ou foram por nós ofendidos. Bastam as antipatias instintivas que sentimos por certas pessoas para sabermos que nos achamos em presença de antigos adversários, embora ignorando por completo os males que outrora elas nos causaram ou lhes causámos. (Vede o nosso artigo n.º 4, Simpatias e Antipatias*). Muitas vezes Deus os reúne no mesmo tecto, unidos pelos laços do sangue, para que cessem os rancores e nasçam entre eles a união e a estima. Todavia, nem sempre o parentesco físico amortece ou elimina os ressentimentos de outras eras, e assim é que vemos filhos que se não harmonizam com os pais, e vice versa; irmãos que se não suportam mùtuamente; lares onde são perpétuas as rixas e as desavenças.*

«Esquecido do passado — escreve o professor Djalma Farias — o orgulhoso há-de

(Continua na pág. 293)

Os que nos deixam

FRANCISCO SPINELLI

Por F. JAIME

Irmãos, a voz amiga, cheia de entusiasmo e de fé, que através do éter penetrava em vossos lares, levando encorajamento, esperança e alívio, ao traduzir os ensinos do Cristo à luz do Espiritismo, — a voz de Francisco Spinelli — silencio.

Deus, nosso Pai justo e misericordioso, no seu grande amor, houve por bem chamá-lo ao Seu Reino de Glórias. Foi na madrugada do dia 7, sexta-feira última, às quatro horas, que em pós violenta dor no peito, o nosso grande amigo serenava, e exalando o derradeiro suspiro, sua generosa alma alçou voo, rumo à espiritualidade, deixando como legado a todos os que tiveram a felicidade de participar de seu convivio e envolto em uma grande saudade — as riquezas dos seus ensinos, tanto pela palavra esclarecedora, impregnada de amor e de fé, como, e principalmente, a exemplificação evangélica.

Gestos comedidos, atitudes moderadas, olhar sereno e penetrante, sorriso meigo e palavra fluente, eis em rápidos traços e perfil desta alma caridosa, cujo poder de irradiações benéficas, envolvia a quantos dele se aproximassem. Companheiro dileto de horas boas e más!

Francisco Spinelli, foi um missionário, não cabendo aqui recordar os seus feitos e sim, deixando ao tempo, o trabalho de revelar aos poucos o que foi sua vida e sua obra, como filho, esposo, pai, amigo e fiel discípulo do Cristo.

Apenas diremos: Não havia problema, por difícil que se apresentasse, que o saudoso irmão e amigo Francisco Spinelli, através da sua fé inabalável, não lhe encontrasse uma solução mediadora, eis uma de suas grandes virtudes.

Se alguém em aflição o procurava, certo era de que dali não sairia, sem que as chagas de sua alma não lhe produzissem um bem estar em novas esperanças.

DR. FRANCISCO SPINELLI

«Não fui eu, não, posso afirmar. Não a mim, mas a Deus e Jesus devemos agradecer».

De uma sincera e encantadora humildade, era assim que se expressava, sempre que resolvia favoràvelmente a situação de alguém.

Tanto ao Espiritismo neste Estado, onde ocupava o elevado cargo de presidente da casa-máter, como ao Espiritismo de todo o Brasil, deixa o querido irmão, a quem Deus chamou, traços indeléveis, que recordarão para sempre sua passagem fecunda na ordem federativa.

Quem desejasse vê-lo feliz, uma felicidade que vibrava todo o seu ser e através das lágrimas por vezes transbordava, era falar-lhe no Mestre, no seu Evangelho de amor, e a esperança do triunfo final para a felicidade dos homens.

Esta esperança o querido irmão Francisco Spinelli levou consigo no regresso à pátria de Deus.

— Ùltimamente, quem observasse atentamente o semblante do grande amigo, notar-lhe-ia uma transformação; seu sorriso não era o mesmo, mas um sorriso tristonho; e quando interrogado pelos irmãos inquietos por esta mudança, um esforço ele fazia para sorrir mais abertamente, dizendo:

— Não é nada. Sinto-me um pouco cansado.

Ninguém o demovia do seu desejo intenso de lutar pela doutrina, ninguém o demovia do desejo incontido de produzir cada vez mais.

Quando advertido, tanto pelos irmãos terrenos, como das esferas espirituais, ele, humildemente, como criança tímida, prometia respeitar as advertências. Mas, qual?! No dia seguinte lá estava ele sorridente para todos, preso ao trabalho demasiado pesado para as suas energias físicas.

Francisco Spinelli, o nosso bom amigo Spinelli, como o herói sergipano Camerino, tombou na luta, feliz, coberto de glórias, e a estas horas, no lugar onde se encontra, hinos de vitória por certo são entoados, em honra do fiel servidor do Cristo, no regresso da peregrinação de 62 anos pelos caminhos sombrios da vida terrena.

«Quando nasceste, todos sorriam, só tu choravas. Vive de tal forma, que, ao morreres, todos chorem e só tu sorrias». Belissimo pensamento do célebre filósifo Confúcio.

Assim viveu Francisco Spinelli e, no Instituto Espirita «Dias da Cruz», onde foi velado, lá estava o corpo inerte do grande amigo de todos, cujo semblante conservava aquele sorriso meigo que o caracterizava, enquanto, entre os circunstantes, uns choravam, e outros tristeza profunda estampavam em seus rostos, mau grado a serenidade conquistada através desta doutrina consoladora, pela fé esclarecida e inabalável que confere. Porém, todos temos coração e, nestes momentos, a saudade, valendo-se de predisposição natural, lança sua seta misteriosa sobre este repositório sagrado, ferindo-o grandemente.

Seu piedoso espírito entrou no Além, e seu corpo cansado baixou à terra. Ambos seguiram seus destinos, e, passados tais momentos, aqui nos encontramos novamente, calmos e confiantes na suprema sabedoria, rogando a Deus lhe conceda Paz e Luz e lhe permita o mais breve possivel vir junto aos seus familiares e irmãos de doutrina, consolando-os e ajudando-os na tarefa que lhes resta a cumprir.

Grande amigo! No reino onde te encontras, por hoje, apenas, esta simples prece, rogando a Deus e Jesus possa ela a ti chegar.

«Querido irmão Spinelli:

«Embora tua voz amiga não mais se faça directamente ouvir, teus ensinos e teus exemplos falarão bem alto em nossos corações.

«Que Jesus te dê suas bençãos, são os nossos votos.

«Adeus, Francisco Spinelli.

«Até breve...».

NOTA DA REDACÇÃO

A carta do nosso amigo Simões de Matos e o artigo de Francisco Jaime trouxeram-nos a dolorosa notícia do desenlace do bondoso Francisco Spinelli, Presidente da Federação Espirita do Rio Grande do Sul e uma das mais belas almas que encontrámos no Brasil. Tivemos ensejo de ouvir a sua palavra autorizada e apreciar os dotes do seu coração e por isso lamentamos a partida de tão lidimo representante da Doutrina naquele Estado Brasileiro.

A acção de Francisco Spinelli no sector espirita foi verdadeiramente notável. Ainda há pouco ela se afirmou, no Rio de Janeiro, numa reunião federativa, no sentido de dar maior eficiência ao Conselho Federativo Nacional.

A sua afabilidade encantava todos quantos se aproximavam dele. Além disso era senhor de vasta cultura que se impunha fàcilmente, até na mais ligeira conversa.

Tivemos a impressão de que poucos homens terão desempenhado missões tão altas mais ligados à simplicidade do que este homem prestimoso, sempre risonho, de atitude fraternal, disposto ao trabalho e ao sacrifício que lhe coubesse, contanto que o Ideal fosse disseminado e prestigiado.

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul é uma das mais conceituadas organizações brasileiras, cuja orientação se deve em grande parte ao seu esforço.

Spinelli era um grande amigo de Estudos Psíquicos. Não se cansava de louvar o nosso trabalho e a prudência que presidia às nossas atitudes, fossem quais fossem as circunstâncias solicitantes.

A sua presença dava alento, fortalecia os mais timoratos. E todos os empreendimentos que levassem a sua marca eram acolhidos com merecida simpatia.

Tencionávamos visitá-lo antes do nosso regresso ao Rio de Janeiro, mas tudo se dispôs em contrário. A correspondência supriria essa falta — pensámos nós — e agora estamos arrependido. Ter-nos-ia sido tão fácil!

Quando saímos de Porto Alegre, o Spinelli mandou dizer-nos que se encontrava adoentado e não podia ir ao aeroporto fazer pessoalmente a sua despedida. Mal diria ele que não mais voltaria a comunicar connosco, através dos veículos normais. Mas do Alto, onde se encontra, o seu espírito continuará a irradiar vibrações puras, que muito auxiliarão a causa. Que os bons espíritos o protejam.

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS *(Continuação da pág. 291)*

*ser humilhado; o egoista aprenderá a ser altruista; o vaidoso se tornará modesto; o presunçoso há-de ser ferido no seu amor-próprio; o avaro aprenderá a ser pródigo; o impaciente e desesperado fàcilmente saberá adquirir paciência e esperança; o algoz será vítima; são as duas faces da vida para o espírito falido: a face de sombra — o vício; a face de luz — a virtude. Os inimigos de ontem devem ser os amigos de amanhã» (*Ensaio sobre a Reencarnação*). Deus quis, pois, que os espíritos esquecessem temporàriamente o passado para apressar a obra de fraternidade espiritual. Temporàriamente, sim, porque volvendo à verdadeira vida, livre da contingência da matéria que restringia as suas faculdades, a alma recupera a plenitude do seu «eu» e possível lhe é abranger todas as fases de suas existências corpóreas.*

(Continua)

CORRIGENDA — Número de Maio, artigo «Predestinação», no 2.º parágrafo, linha 3, leia-se «indefensável» e não indispensável.

Número de Julho, artigo «Males de Outrora», linhas 11 e 12, leia-se «devera» e não «deverá».

Vista nocturna da Cidade Maravilhosa...

27 de Setembro. Frente à Praça de Mauá, rentinho à Guanabara, está o «Vera Cruz» altaneiro. Retardara a chegada ao Rio. Os acontecimentos da Argentina, a queda de Perón, a confusão natural, boatos disto e daquilo, tudo contribuira para o atraso. Seis dias a mais de permanência na capital federal, que, todavia, deram motivos de verdadeiro júbilo.

Eu estava ansioso de regressar. Após o vendaval emotivo de tantos meses em terras do Brasil, sabia bem voltar a casa, aos braços da família. Mas eu tinha vontade de partir e de ficar... Não se me apagavam dos ouvidos os ecos de amizade, ondas de ternura imensa que faziam esquecer os acúleos da jornada. Não se me apagavam. Estavam cá dentro, a clarinar. Eram cordas vibrantes de harmonia infinda, eram cenários que não mais esquecem. Eram vozes, eram preces, eram cânticos. Era o Brasil querido a rezar pelo bem do mundo...

Aquele navio esperava por mim. Passageiro de emergência, iria carregar-lhe o bojo cinzento-claro, no retorno. Outros iriam comigo, oriundos de várias plagas, com aspirações definidas, destinados ali e além, onde havia um alvo a atingir.

O cais regorgitava de criaturas nas quatro estações da vida. Iam por causa do «Vera Cruz», que levaria preciosa carga a latitudes diferentes. Acompanhavam amigos dilectos, familiares, noivos ou noivas, simples conhecidos... E mantinham-se ali especados, como árvores acabadas de plantar... Alguns nem sabiam porquê.

O «Vera-Cruz» atrai sempre muita gente ao cais. É um navio opulento e carinhoso. Seus mastros brancos são braços erguidos para o céu e para os homens.

— «Vinde a mim, ó vós que andais pelo mundo! Eu vos conduzirei com solicitude ao lar ou servirei de ponte na viagem a outros continentes.

E os homens vêm, atraídos pelo semblante, atraídos pelo conjunto maravilhoso. Uns vêm ver, outros para ir ou voltar. Cada um tem o seu problema a resolver. O dinheiro é que manda. É rei da vida material.

Mas eles vêm ver... Talvez um dia possam voltar. No fundo das almas há vozes que chamam, que atraem de muito longe. Negócio, pé-de-meia, herança, tudo pode acontecer.

Tenho a certeza de que muitos pensavam nisto e gostariam de vir comigo...

REGRESS

Eu andara pelo Brasil, como viandante sedento de claridades. Tantas que encontrei, de estranha luz, de estranha vibração! Mas quando cheguei à Praça de Mauá e vi a proa do barco gentil, foi como se entrasse num mundo diferente.

A saudade é nevoeiro que aumenta ou adelgaça, ao sabor da viração espiritual. Assim, o que acontecera no tempo surgia agora, palpitante, de graça peregrina. Era actualizado, retido na memória, e constituía património de felicidade que nem todos apreendiam no momento preciso.

★

Eu também estava especado, a olhar em alvo. Introspecção sublime, prece de encantar! O António J. Monteiro desvelara-se em atenções. Homem simples e bom, leal e franco como os lusíadas de sempre, não me abandonou um segundo, em dobadoira constante. O seu auto era meu, era meu o seu almoço,

era meu o seu coração. E esta ideia de solidariedade bailava, obsidiante, no meu espírito. Havia pessoas que renunciavam ao mais, para dar o menos que possuíam, servindo o amigo, que talvez um dia passasse a servidor. A vida, naquele instante, não contava para elas. Eram braço carinhoso, guia solícito, bordão seguro:

— Sou tudo e não sou nada. Posso auxiliar, auxilio.

Isto conclamava em meu interior. Que exemplo de humanismo! Toda a diplomacia junta não valia uma sílaba deste poema, onde a lição se ligava a estrofe grandiloquente...

★

Depois vieram os amigos dilectos. O Imbassahy foi radiante surpresa naquele cenário inesquecível: Viera de Niterói, Guanabara em fora, para abraçar o companheiro que partia. A doença, que ele curtia estoicamente, repelia-a para longe, em holocausto. Grande coração o seu, tabernáculo de amizade pe-

O AO LAR

Por ISIDOSO DUARTE SANTOS

rene! E o bom do Henrique Andrade, que me andara no encalço, sem desânimo, para o abraço final! E o querido Amadeu Santos, sempre amável, a ladear-me, a confortar-me! E o Deolindo Amorim, irmão lídimo, incondicional, das horas boas e más! E Lauro Sales, um rosicler cheio de bondade! E o Vitorino Elói dos Santos, alma de asas pandas em céu de arminho! E José Capeto, oceano de ternura, sensibilidade à flor da pele! E Marcolina Alves e Suzete, que me haviam dado o jantar na véspera, duas fontes de amizade! E o Henrique Magalhães, que chegou depois, mas esteve sempre no altar da minha gratidão! E D. Maria Cardoso e seu marido, simpáticos e sinceros, presentes na minha viagem. E o José Cabral Barbosa, de Niterói, que apareceu no fim, com o Major Gentil, ao fundo da escada... O Cabral, um leque de alegria sã; e o Gentil, um irmão queridíssimo, para toda a vida... E D. Preciosa e a «Princesa» que a U. D. J. consagrara na Festa da Primavera... E outros, que a retina não pôde guardar, e o Nicanor da Silva Tavares e o Alberto Machado, duas rosas de sentimento que andarão comigo vida em fora...

★

Num ápice galguei a ponte que dava acesso ao barco. Subi, subi mais, junto da amurada, e olhei para baixo. Lá estava a multidão dos que ficavam, olhos expectantes, lábios onde morrera inquieto sorriso orvalhado em lágrimas... Saudade, esperança de volta breve... Quem voltará?... De Portugal ou do Brasil?... Lenços brancos... mãos suplicantes... rostos parados de quem muito sentiu... É um mundo misterioso cheio de matizes, cheio de cambiantes...

O «Vera Cruz» é nau promissora e desoladora. Para quem regressa e para quem fica. Mais sorrisos... mais poemas, mais elegias, cânticos...

— Meu Brasil! Poesia suprema, estrofe imortal!...

Homens, mulheres, crianças que permanecem; crianças, mulheres e homens que vão no bojo de uma nau...

Há velhos que parecem estátuas. Há sorrisos enevoados que ocultam tristeza solene. Há mãos que acenam com legendas de ternura. Quanto sentimento, quanto carinho, quanta bondade!...

Uns andam lacrimejantes por entre serpentinas que pairam sobre o cais, como beijos de amizade e vozes de gratidão.

De cima vejo tudo isto. Estou parado a ver tudo isto. Parece que estou parado, mas não estou. Mutação estranha: há um minuto estava no Brasil e agora estou em Portugal. Pouca diferença existe. Dois lares, duas pátrias, um povo fraterno e decidido, uma bandeira de amor frente ao oceano comum...

— Brasil! Meu Brasil! Em ti deixei lágrimas de júbilo e o coração cheio de saudade!

★

O cais de Mauá é um jardim encantado. Agora o rumo é azul, Atlântico em fora, direito ao país das lendas, de onde surgiram empresas aventurosas... É Nordeste, sol benigno, indagação e floração. Portugal, berço de heróis e de santos! Brasil, berço de heróis, de justos e de simples! Irmandade e bondade!...

Duas nações, dois plainos, dois sonhos formosos!

Olho o cais, de relance. Não me despeço dele sem pranto. Não me despeço...

— Brasil! Meu Brasil! Quando voltarei

ao teu seio? Quando voltarei ao teu céu azul? Quando voltarei a sentir a alma do teu povo bom e simples e humilde?... Quando voltarei?...

— Venha depressa, irmão! Venha depressa!

Estas vozes me encantaram e seduziram.

«Venha depressa», como quem deseja sentir outra vez as lágrimas do amor e da gratidão! «Venha depressa»! Não tarde em voltar!

Que frase é esta, senhores, que me atrai e renova? «Venha depressa! Não demore em voltar»...

Almas que se entendem, que se reunem, que se auxiliam, que se identificam em vidas imortais!

★

O sol escondeu-se para a terra, mas a multidão continua no cais de embarque. Homens, mulheres e crianças. Palavras, olhares, expressões de alegria e tristeza. Há também os extáticos que desejariam vir connosco e não vêm. Se eles pudessem! Ah! Se eles pudessem!... Mas um dia virão. O «Vera Cruz» há-de estar no Cais de Mauá... A raça chama por eles. E nós voltaremos igualmente. O Amor pede que voltemos...

Coisas que há de um lado e de outro! A mesma língua a chamar, do Oriente e do Poente... Pais lusos ligados à nostalgia da gleba... Filhos brasileiros queimados pelo sol dos trópicos... Em toda a parte é a terra-mãe, água que se bebeu na infância, a sentir-se pela vida fora!

— Quando iremos a Portugal?...

Corações que visionam um país amante...

— Quando iremos ao Brasil?...

Encanto, sonho lindo, aspiração, painel de saudade no que fomos outrora, no lugar onde morámos e na dor que sofremos...

O Brasil está aqui, no meu coração. É frémito, lágrima e saudade. E ao mesmo tempo sorriso amorável, olhar bendito, beijo morno, abraço veemente. Oração e cântico...

Não se deixa assim um povo onde sentimos emoções fortes, onde sonhámos sonhos mais altos... Não se deixa, não...

★

E os que não vieram ao cais?. Seriam mole imensa, se viessem. Eles estariam ali, se pudessem vir. Do Norte e do Sul, de Leste e de Oeste. São romeiros votivos, como eu. Ainda, na véspera, o Leopoldo me chamara, da Casa de Luciá. E o Venâncio, de Porto Alegre. E o Ademar, de Belo Horizonte. E o Alfredo Miguel, de Salvador, essa Bahia formosa que não mais esqueço. E o Nelson de Azevedo. E o António dos Santos, do «Amor, Caridade e Esperança». E o José Alves de Oliveira, do Rio. E o Fernando Malta, de Maceió. E o Elson Fontes, de Aracajú. E o Joaquim Gomes, do Recife... Tantos que ali estariam em corpo de carne!...

Mas estavam em pensamento, abrindo sendas ao «Vera Cruz», pedindo que o tempo amainasse...

★

Dezoito horas. Quem manda, retira as pontes de acesso e o vapor afasta-se com lentidão. Os lenços agitam-se em frenesim. Todos os agitam, olhos marejados, nervos trepidantes...

De bordo, lenços iguais retribuem... Lágrimas e anseios... Silêncios que muito falam...

Fala o coração. Romance sem palavras. É a prece do amor cristão. Os lábios querem dizer:

— Sede felizes! O mundo é igual em toda a parte!...

Que grande verdade! Em toda a parte é igual, porque as almas é que fazem o mundo. Elas é que formam o ambiente e o aglomerado. A crosta é a mesma, aqui e além, batida pelo vento, regada pela chuva, queimada pelo sol. Pouca diferença na latitude. Por isso aquela frase que os lábios não disseram é verdadeira e lapidar...

★

Foguetes estralejam sobre o edifício de «A Noite», na Praça de Mauá. Vinte e tantos andares alicerçados na rocha. Um rectângulo de caixinhas onde os homens se encafuam de dia e têm insónias de noite. Legenda de urbanismo ignaro que afasta a criatura do Criador. Artificialismo, isolamento, complicação vital...

O bojo cinzento-claro do navio ladeia a cidade imersa no crepúsculo. As luzes bruxuleiam na penumbra. Mal se distingue o cais. Deve ser além que estão as almas e os lenços brancos, que há pouco semelhavam borboletas...

Agora fixo o olhar no Pão de Açúcar, relanceando-o pelo Corcovado, onde o Cristo de cimento branqueja, de braços estendidos

sobre babilónia jacente. No edifício de «A Noite» e num dos morros, pequena nuvem esvoaça, como crista de palmeira...

Já não há subterfúgios. Estou na realidade palpitante. O hélice faz estremecer as engrenagens, rumo a Salvador e ao Recife e depois a Portugal.. E eu tenho saudade da família e deste país imenso... Um avião ligeiro vai poisar no aeroporto. E outro e outro e outro... Gasolinas que roncam à superfície das águas escuras...

O negro dos morros recorta-se no horizonte. Que tela magnífica! Onde o pintor capaz de traduzir esta beleza?...

Os foguetes continuam a estralejar...

★

Adeus, Brasil! Sonho doirado que vai comigo! Terra onde vislumbrei clarões de eternidade! País de encanto onde as almas se entendem melhor!

Toda a Guanabara se espraia, cintilando e rumorejando. Torres esguias que a claridade recorta, como sentinelas gigantescas...

Adeus, Brasil! Quem me dera voltar em breve para sentir novamente a alma do teu povo!

Tanta luz feérica! Escurece mais. O Cristo distingue-se melhor. Lá está ele revestido de cambraia luminosa, frente à torre da televisão!

E nos lindes da baía as luzes imprimem carácter à paisagem...

Onde fica a minh'alma? Onde fica?... Momentos felizes que vivi entre irmãos de ideal!... Momentos grandes, momentos insuperáveis!...

O mastodonte vai resfolegando sobre a crista da vaga, enquanto a grande urbe diminui a meus olhos humedecidos. Agora é luz baça na espessura. E eu fico ainda a olhar... a olhar... aguçando a vista na direcção do cais... Depois sento-me em cadeira de lona, no tombadilho lavado, e cerro as pálpebras. A visão dealba no seu mundo, no seu vasto recinto. Percorro todos os lugares em fita panorâmica. Vejo este e aquele, viajo novamente, louvo a «Leopoldina» pelo bem que me fez, tomo banho de chuveiro, tudo isto em breves minutos, ràpidamente, vertiginosamente... Um tónico do espírito que a evocação me deu. E tão viva ela foi, que pareceu realidade.

O pensamento viaja por todo o mundo, penetra nos mais esconsos recintos. Nada lhe pode fugir. Excelente viajante, abarca as maiores distâncias num segundo. Assim, no «Vera Cruz», andei por terras longínquas, descansei à sombra do ficus, perlustrei caminhos dadivosos, ouvi oradores eloquentes, senti abraços, ouvi estímulos, segui exemplos. A romagem que fizera reaparecia em seus cambiantes. Visão retrospectiva de cores bizarras, envolvendo quadros, debruando lugares conhecidos... ela aí estava, emotiva, nervosa, alacre, turbilhonante...

★

Dois dias depois estaríamos em Salvador, nessa Bahia fagueira, de ruas portuguesíssimas, onde os campanários tangem em noventa igrejas centenárias. Até lá, porém, que se passaria a bordo em todos que regressavam à pátria distante? Na primeira noite, tudo recolheu a penates muito cedo. O balanço da saudade apresentava saldo positivo. Dos dois lados havia atracção de sentimento. Cada qual ficava a sós com suas mágoas...

Quando o silêncio fala, orquestrações vibram em nós. São dois mundos que procuram sintonia. A bordo havia dois campos de um mundo, duas faces, talvez dois contrastes. É que o homem não dá pelo movimento. Nem pelo ruído. É um molusco a sonhar...

Belos sonhos que tive antes de Salvador! Alfredo Miguel estaria no cais?... Outro cais, outra Praça de Mauá... Estava, certamente. Ele e o Orlando, dois servidores da causa, duas alavancas prontas ao embate.

Antes não estivessem... As cordas cansam de tanto vibrar... São violino retesado, harpa eólia de um divino Chopin. Num momento ergue-se a batuta e o festim surge, apoteótico. E vamos no seu encalço, rio sem margens, leito infinito...

Belos sonhos que tive antes de Salvador!

O passado era história vivida; o futuro, história a viver. Os amplexos de Mauá diziam muito, prometiam muito. Eram homens e mulheres que sentiam a obra comum. Por trás de sua atitude havia resolução firme. Não mentiam, não; aliás não teriam vindo. E eu vi-os, abracei-os, contei-lhes a pulsação...

Volto ao tombadilho, volto à coberta, passeio, cogito, falo a conhecidos e a desconhecidos...

A bordo é assim. Todos são homens e mulheres, circunscritos, inermes, solidários, no bojo da nau. Se há sinistro, unem-se. Parti-

lham entre si o bem e o mal do instante. Irmandade e solidariedade, que ali está o pego vivo, sem fundo... Se há prazer, alegram-se, confraternizam. São as amizades da infância ou da escola. Mais tarde iluminam como arrebóis...

Eu vinha pensando nisto. Mas o navio, andando muito, andava pouco. Eu queria chegar depressa, abraçar depressa os amigos da Bahia. Sabia que me aguardavam, no cais de Salvador, e andava inquieto. Depois, o eco da família, a chamar de longe... E era Porto Alegre a sorrir prazenteira e Niterói com novos jardins e novas saudades... Nunca me vira em estado assim...

E o Hugo Capeto e os familiares... Que belos passeios à Ilha do Governador, ao Pão de Açúcar, a Teresópolis!... Que bela organização moral! Que grande amigo, sempre amável! Tudo isto vem à memória e as lágrimas afloram aos olhos...

★

Até que me deitei. Não se resiste a tanto reencontro. Ia mergulhar no sono, repousar em pétalas de rosa. Estendi-me no beliche. Estiquei os músculos... e através da vigia apreciava o movimento do navio e a prata do oceano, reflectindo o luar que espargia poalha branca na superfície. Estive muito tempo nesta posição. Depois, a lassidão do corpo. Ali fiquei mudo e quedo, como a Inês do poema...

Jugo suave me colou as pálpebras e comecei a sentir a presença de alguém que não morreu, que andou comigo sempre e me apoiou e inspirou. Ela estava ali nas volutas de perfume conhecido...

Como é bom deixar a charneca do mundo em fuga transitória! Não somos deuses, é certo, mas ficamos mais puros, mais dóceis, mais humanos.

O que se passou, não sei. Quando acordei era manhã, com o «Vera Cruz» no cais. Seria possível? Se eu não dera pela manobra...

Chego à vigia... Em frente e de pé, como estatuas vivas, o Alfredo Miguel e o Orlando. Era Salvador, era a Bahia esplendente!

Outra vez o Brasil, a terra do Cruzeiro! Outra vez almas irmãs, radiantes de alegria!

Abraços efusivos, expansões, narrações, pormenores da viagem... e os antigos caminhos se oferecem a meus passos. Terra baixa, terra alta... ruas conhecidas, calçadas que subira e descera... E assim andámos algumas horas quatro amigos, que o Abílio da Silva Lima se juntara aos três.

Mas o tempo não perdoa. O Orlando fica no seu mister. O Alfredo e o Abílio voltam comigo. Deixaram lembrança para quem estava longe, ansiosa do meu regresso. E a custo se afastaram, depois de ligeira visita ao barco e de prelibarem o bom vinho português... E as despedidas não tinham fim...

— Se eu fosse um dia a Portugal... — exclama o Alfredo.

— E porque não? — respondi —. Quem me diria que tão cedo viria o Brasil?!...

— Vais comigo — diz o Abílio —, quando me sair a sorte grande.

Que pena! Que pena o Abílio não jogar na lotaria!...

— Não faz mal — retruca o Alfredo Miguel —. Se não for em carne, vou em espírito. Quando, no «Luz e Amor», aparecer um meliante a dar murros na mesa, já sabe que sou eu!

Oh, amigos bons, amigos leais! Quanto vos admiro e quanto vos devo!

★

Novamente o cenário azul-marinho a encher os olhos ávidos... Grande barco, o «Vera Cruz»! Não se nega a saudosos, a tristes, a inconformados que procuram melhor ambiente. Todos vão entrando e saindo, todos se sentem bem nesta acolhedora nave... E quando a abandonam revêem-se no seu busto gentil. Estão a escolher navio para futura viagem...

Julgo os outros por mim mesmo.

Mas ainda não chegámos ao termo do Brasil. Chegaremos em Cabo Frio, acima do Recife. Aí será, para nós, o termo deste enorme continente. Soltaremos então rumo às Ilhas Canárias e ficaremos mais perto de Lisboa.

Noite alta, evoco outra vez a família. É bom viajar e é bom regressar... E de novo sinto a saudade das terras que percorri. É a nostalgia sertaneja a chamar as almas, numa doçura sem nome. Elas hesitam... oscilam entre dois pontos. Não podem estar num lado e noutro...

★

E eu cinjo-me ao ambiente. Consulto o mapa da rota e anoto a posição do barco. Já pouco falta para chegar ao Recife. Lá estará

o Joaquim Gomes e a esposa, D. Estela, almas votadas ao bem, dois pioneiros resolutos, ambos com a mão no arado... Vi-os juntos, na obra, firmes, unidos, dispostos ao trabalho, ao lado de Aurora Valente. Deviam estar no cais... A que horas, não sei. Eu telegrafara. Mas aquilo da Argentina atrasou tudo. Foi grande prejuizo para muitos. Para mim, não foi. Estava cheio de saudade, mas vi o que não veria, se o navio saisse no dia aprasado: a Cruzada dos Militares Espiritas, com amigos que dela fazem parte — o general Estrada, o Marechal Travassos, o Major Gentil —, e que há-de ocupar uma crónica; a Tenda Mirim, da Linha de Umbanda, cujo ritual observei e onde me cumularam de atenções; o «Preito a Jesus», com D. Marcolina, no qual plantei um árvore e realizei a centésima quadragésima palestra, desde que em 18 de Abril aportara a Santa Cruz... E outras coisas mais que guardo no coração.

Mas eles deviam de estar no cais. Que vontade eu tinha de os rever! Foram tão bons para mim, em Pernambuco! O leitor saberá... Falarei deles e de sua casa acolhedora, que me deixou bem gratas recordações...

Que misterioso arquivo, o da memória! Nela se guardam impressões indeléveis, dela arrancamos coisas multiformes que actualizam momentos vividos há muito... Os que passei na Rua de Alfredo Medeiros, no Recife, foram esplêndidos. Que amabilidade, que solicitude, que gentileza naqueles onze dias! Só de me lembrar desse ambiente cálinhoso, esqueço o ramerrão de bordo, cada vez mais insípido.

O que nos vale é o pensamento alado para fugir do calabouço. Eu sei que o barco vai singrando. A trepidação é sinal de avanço na rota solta...

★

O mar colabora com o Brasil. É manso, benigno, chega a ser jovial, como aquele melro de Junqueiro, que poisava no chapéu do cura. E enquanto o beliche recolhe o meu envólucro para repasto da noite, a distância é vencida e Recife surge, garbosa, estilizada, na largueza do porto, na importância dos edifícios.

Lentamente, nos aproximámos do cais. Eram sete horas matutinas. O sol espelhava-se nas águas e aquecia o ferro dos guindastes que giravam nas corrediças. Vagueei o olhar pela multidão em busca de gente conhecida. Ninguém!...

Mas eu tinha fé... E cumpriu-se o vaticínio da véspera... Lá vinha o Gomes e D. Estela! A mesma atitude, o mesmo sorriso confiante naquelas boas almas...

Depressa chegámos à fala e depressa nos reunimos para troca de impressões.

A conversa foi rápida, mas incisiva. Como passei, o acolhimento que tive, as materializações de Campos no «Grupo Espirita Aracy», com o famoso médium Peixotinho.

O Joaquim Gomes é um dos melhores obreiros de «Estudos Psíquicos». Faz tão bem falar com ele e D. Estela! E que pena o «Vera Cruz» demorar tão pouco no Recife!... Mal nos sentávamos, logo o microfone pedia aos passageiros que saíssem.

Ainda assim, dissemos muita coisa em linguagem telegráfica, aproveitando minutos e segundos.

Abraços, desejos de saúde!

E outra vez o mar alto, singrando na rota começada...

Agora, sim, o Brasil havia terminado. O que vissemos até Cabo Frio era paisagem morta que a distância velaria. A outra paisagem iria no meu coração agradecido.

Tanto que eu sentira e que ficara para trás chumbado aos panoramas! A névoa cobria tudo. Só as vibrações me agitavam continuamente... Laços fortes de amizade, propósitos de luta, promessas de auxílio à Obra, eram afirmações que me acompanhavam, vindas das fontes onde bebera...

Mas eu não podia conformar-me com a ideia de separação. Se o levava cá dentro, se o sentir como se minha terra fosse... Que importava a distância?... Acima ou abaixo de Cabo Frio, o Brasil era sempre Brasil, era sempre o país do meu sonho, a bela mansão onde os portugueses são brasileiros e os brasileiros portugueses.

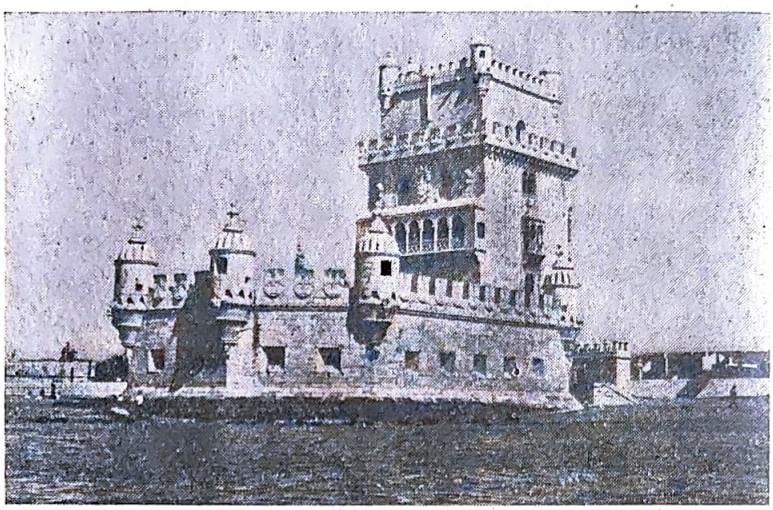
Esta era a minha impressão. E por isso as lindas terras que percorrera me bailavam na mente. Rosário de contas que se desfiavam em prece, na expectação de um viajante acarinhado, seu lugar seria tabernáculo votivo de horas solenes.

Terra doce onde aprendi a lição da bondade, onde tudo é cumprimento, sol de amor que se oferece, eterna fonte a brotar do seio adusto! Eu te saúdo do mar alto, em cari-

nhosa vibração! Deponho a teus pés minha amizade perene, meus votos de felicidade para o teu povo sensível e bom, tão bom e tão sensível, que faz lembrar a árvore do sândalo... Ele perfuma os seus algozes, enriquece os seus verdugos e é sempre grande em sua humildade! Povo de canções e de trabalho, amante da paz e do progresso, irmão nosso em sangue e aspiração, que as bênçãos de Deus te envolvam e te acrescentem, para maior glória do homem e do mundo ingrato! Acolheste-me prazenteiramente, como se eu fosse embaixador de amigos que te estremecem; viste em mim excelências que só existem no selo da amizade e que eu não tenho em meu valor mesquinho; festejaste meus passos claudicantes, aureolaste minha humildade...

Pobre de mim, que nada posso dar-te! Só o coração onde um jardim floresce em rosas de amor espiritual. Dispõe dele, povo amigo! Não olhes à emergência. A gratidão é bela flor, é a flor mais bela das almas compreensíveis. A minha compreendeu-te e amou-te... A ti ficou ligada para sempre...

Alto-mar, a bordo do «Vera Cruz», em 2 de Outubro de 1955



Torre de Belém, em Lisboa...

O ACENDEDOR DE LAMPEÕES

Mal a noite chegava,
Ele saia,
A caminhar...

E acendia,
Em cada esquina,
Uma luz tão pequenina,
Que mais parecia
Um raio de luar...

Percorria quarteirões e quarteirões
O pobre «Acendedor de Lampiões»!

A noite imensa e fria,
Era um mendigo em farrapos,
Que aos poucos aparecia
Todo vestido de trapos...
De trapos de luz, de luz pequenina,
Que ele acendia,
Em cada esquina!...

Regressava ao lar,
Cansado de tanto caminhar,
Deixando, lá em baixo,
A cidade, entre as sombras,
Toda vestida de luar...

E adormecia, sorrindo e sonhando,
o bom «Acendedor de Lampiões»...

Sonhando
Que continuava dentro da noite,
Caminhando...
Derramando
gotas de luz em muitos corações,
E um punhado de ilusões,
Em muita alma
Que o tédio e a melancolia
Deixara tão vasia...

Dentro da noite negra e fria,
o «Acendedor de Lampiões»,
Ressurgia,
Na infinita poesia
De um semeador de sonhos e esperanças,
Esperanças ingênuas
Como a luz do luar,
Como as águas das fontes a cantar...
Ingénuas esperanças,
Como o riso alegre de todas as crianças!...

Eu quisera também
Ser um mago assim,
Como esse «Acendedor de Lampiões»!
E dentro da minha noite sem fim,
Acender clarões,
Muitos clarões,
No meu mundo interior...

JAIME FERREIRA

O DIA DO LIVRO

Por LEOPOLDO MACHADO

Em Nova Iguassú não se fez a *Festa do Livro,* mas comemorou-se o *Dia do Livro* com uma exposição de livros espiritas na *vitrine* da maior casa comercial da cidade.

E da dúzia e meia de convites que recebemos para festas e exposição de livros, convites que nos chegaram de toda a parte, do Norte ao Sul do País, devemos salientar, principalmente, a que nos veio de França. Aí, em vez de *Semana Espirita,* faz-se a *Semana do Livro Espirita.* São oito dias de festas espirituais, como, de resto, nas outras semanas espiritas, mas em cujas festas a aquisição de livros é dever imprescindível. Muito bem! Apoiado!

★

A *Festa do Livro Espirita* nasceu em 1949, quando se fez a primeira. O único remanescente — aliás, o mais belo e eficiente — que sobreviveu ao extinto *Conselho Consultivo,* resultante do 1.º *Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil,* realizado no ano anterior. E, por singular coincidência, que muito nos lisongeia, fomos ainda o instrumento receptivo de tal festa e tal programa. *Instrumento receptivo,* porque tais coisas vêm do Alto, armam-se Lá em Cima... Lembramo-nos bem do programa que se realizou no auditório do *Instituto Lafaiete.* A querida esposa já estava passando mal, muito mal. Mas fomos. Começou tarde, quase uma hora depois da hora marcada. E, na vez da leitura da nossa peça, que recebemos da mão de J. A. Oliveira — estava com ele para publicar não nos lembramos onde — deu-nos ele outra borrada. Por intuição, sabíamos que tinhamos escrito *combustível* no final da peça. Mas em vez de combustível saiu *gasolina!* Fiasqueira! Aliás, os dirigentes, que conversaram, durante o programa, sem prestar-lhe a atenção, contribuiram, também, para tanto. E não se distribuiu nenhum livro! Ora, uma comemoração de Livro sem livros...

E pegou a *Festa do Livro Espirita!* Que até já se transformou em *Semana do Livro Espirita,* como já se fez em França, para que, efectivamente, haja

> Livros... livros a mancheias
> Para o espirita estudar
> E os leigos elucidar...

★

Este ano de 1955, saiu a 7.ª festa do Livro Espirita. Vimo-la com muita alegria, com muita satisfação. E como que desvanecido e vangloriado, recebemos os convites que nos mandaram, sentindo que não somos, ainda, esquecido de todos os espiritas e até de muitos moços espiritas, que não nos conheceram nos dias do Congresso...

★

Este ano comemorou-se também no mundo profano, em torno da figura simpática de Monteiro Lobato. Exactamente, no mesmo dia 18 de Abril! Temos diante dos olhos o *ex-libris* do *Dia do Livro,* promovida a homenagem pela *Biblioteca Municipal.* Monteiro Lobato cercado pelos volumes da sua colecção, principalmente dos seus livros infantis. E, no alto, depois do «*DIA DO LIVRO, instituido pelos Escritores-Editores e Livreiros*»... Bonito, efectivamente. Mas, o simbolismo da Festa do Livro dos Espiritas, elaborado por J. A. de Oliveira, em 1949, fala-nos mais e melhor à sensibilidade, à alma. Lembram-se? Tem o seu postal guardado? Vejam-no, e talvez sintam connosco...

★

Monteiro Lobato frequentara sessões espiritas nos últimos dias da sua vida. Escreveu muito para crianças. Seus livros ainda não foram excedidos. E, no seu volume, na *Ante-Véspera,* faz a mais brilhante apologia do Espiritismo. Leiam-no e verão!

Ora, se a *Festa do Livro Espirita* ainda não se projectou fora do meio espirita, ainda não se projectou, mesmo, em alguns ambientes espiritas, o *Dia do Livro,* instituído em torno do nome de Monteiro Lobato, contou com a colaboração e cooperação da imprensa profana, de toda a rádio, da *Hora do Brasil,* de largos recursos materiais para a sua difusão no Rio. De futuro, difundir-se-á por todo o Brasil. Esperamos...

★

Humberto de Campos não morreu espirita. Mas, do lado de lá, nenhum outro escritor brasileiro tem feito mais propaganda do Espiritismo.

Monteiro Lobato desencarnou integrado no Espiritismo.

Quem duvidará de que ele, agora, na Espiritualidade, não vá seguir as pegadas luminosas do outro escritor, tão popular como ele, na propaganda do Livro Espirita, na difusão da obra literária do Espiritismo? Nós assim o esperamos.

E assim o estamos sentindo.

AO BATER ÀS PORTAS DO ALÉM

Por CYRILO ALLEIXO

As comunicações entre a humanidade visível e invisível, devem ser objecto de profundo e criterioso estudo, por parte de quem se dispõe a penetrar nos mistérios de além-túmulo, sem o que se corre o risco de toda a sorte de embustes e de se cair nas armadilhas preparadas pelos espíritos mal intencionados.

Pretender estabelecer tais relações sem prévia preparação, é como avançar á toa por regiões desconhecidas, em noite caliginosa, ante perigos de toda a ordem, impossíveis de prever. É lançarmo-nos às cegas a uma tarefa nova, em cujas malhas inextricáveis nos debatemos baldadamente por falta de preparo adequado, que nos teria revelado o caminho a seguir com inteiro conhecimento de causa e nos conduziria seguramente ao êxito.

Se na vida corrente tudo deve ser objecto de estudo e preparo, com mais razão o devem ser as comunicações com os habitantes dum meio que, por ser invisível, se presta particularmente a toda a sorte de mistificações.

Se a prudência aconselha a usarmos de segurança em todas as circunstâncias da existência, não se compreende que ao tratar-se de assunto tão sério, se proceda, na maioria das vezes, exactamente ao contrário, deixando à sorte e à ventura o resultado das comunicações com os ocupantes do etéreo.

Vários factores influem em tão levianas decisões. Segundo uns, o mergulho na morte é qual banho purificador, diluente enérgico dos resquícios das imperfeições terrenas, transformando-nos assim em autênticos poços de virtude, espécie de santos e sábios, muito embora nos tivéssemos refestelado cá em baixo, no lodaçal do vício e da ignorância.

Com tal convicção, que perigo pode haver, quando se bate às portas do Além?

Quem poderá atender senão essas criaturas, que a morte nivelou com a rasoura da santidade?

Outros, considerando os espíritos como meras abstracções, qualquer coisa de vago e de irreal, colocam-os tão distantes de nós, que lhes tiram qualquer possibilidade de nos molestar.

Outros há ainda, para quem o panorama invisível é indiferente, pois nem sequer nisso pensam, interessando-lhe sòmente, custe o que custar, a comunicação com os seus misteriosos habitantes.

Sobre a opinião daqueles para quem é sempre o diabo que nos atende, nem vale a pena falar, tão ridícula e pueril ela é.

Importa, portanto, fazer-se muita luz neste assunto de magna importância, para que, senhores do «modus faciendi», possamos penetrar afoitamente num meio que, se é fértil em magníficos resultados, também o é em ciladas de toda a ordem, armadas aos que têm a leviandade de se apresentarem ali completamente desarmados.

Sendo a população invisível constituída pelos desencarnados, a quem a morte não tornou melhores nem piores, segue-se que, lá como cá, há de tudo: bom e mau.

A morte não santifica ninguém, continuando cada qual com as virtudes ou defeitos adquiridos e, como, por motivo da lei da afinidade, os espíritos com certo adiantamento se afastam para meios afins, os que mais próximo estão de nós e prontos, portanto, a atender-nos, são, no geral, aqueles a quem o lastro das imperfeições mantém acorrentados à crosta terrestre.

Mais ou menos aferrados ao lado material das coisas, sentem-se fortemente atraídos para o mundo que deixaram, tomando parte em todas as actividades humanas, de acordo com seus gostos e preferências, sempre prontos a praticar o mal os que, na explosão do ódio transbordante de suas almas denegridas, ou na vingança de agravos recebidos, encontram requintado e diabólico prazer.

O contacto com o plano etéreo deve ser, como se vê, rodeado da maior prudência, tendo em atenção os ensinamentos que os grandes mestres nos legaram, a fim de não sermos vítimas das forças do mal, sempre prontas a estender sua perniciosa acção àqueles que, às cegas, tacteiam no labirinto invisível.

As comunicações com os desencarnados podem e devem visar fins elevados, quais os de fazer-nos progredir moralmente, de suavizar a dor causada pela separação de entes queridos, etc., etc.

Desde que não satisfaçam a esses requisitos, não passam de simples palhaçadas, quando não redundam em ciladas perigosíssimas, onde, para nossa desdita, nos colocamos à mercê de espíritos mal intencionados, que, de mil maneiras, nos procuram molestar, pagando-se assim bem cara a leviandade de nossos propósitos.

Ao pensar-se em estabelecer comunicações com nossos irmãos do Além, devemos atender especialmente à lei das afinidades, segundo a qual os semelhantes se atraiem reciprocamente.

Claro está que quem é moralmente atrasado e com propósitos do mesmo estofo, não pode deixar de atrair invisíveis afins, pela simpatia espontânea estabelecida entre ambas as margens, colaboradores duvidosos, dos quais nada de bom há a esperar.

O caso é muito diferente, quando ao desejo sincero de progredir se alia uma certa evolução, porque, neste caso, a atracção incide, como não podia deixar de ser, sobre entidades de hierarquia superior, com as quais muito se pode aprender e nada há a deplorar.

As comunicações devem ser portanto sérias, visando alvos superiores, para não cairmos nas mãos dos maldosos, ou simplesmente zombeteiros e brincalhões.

Os espíritos de certa ordem estão sempre prontos a atender-nos, quanos fins em vista são louváveis, não nos dando, porém, ouvidos, se as intenções são duvidosas e se arrastam pelas coisas puramente materiais.

Seria também estultícia aceitarem-se como verdadeiras todas as comunicações, só porque procedem do Além, sabendo-se que, lá como cá, há sabedores e ignorantes e muitos destes sempre prontos a responder de qualquer modo a todas as perguntas, que para tal não têm escrúpulos.

A mediunidade é um dom inestimável, e quem quer que a possua tem o dever de consagrá-la inteira-

mente ao bem da humanidade, de contrário terá de sofrer na devida altura, as fatais consequências da sua falta.

Mas os médiuns, dados os escolhos com que têm de arrostar, devem instruir-se devidamente na sua missão, se não quiserem ser vítimas dos velhacos e impostores do outro plano.

As imperfeições morais são outros tantos pontos vulneráveis, que os maus espíritos sabem explorar com argucia, mormente o orgulho, por ser defeito fácil de nos escapar.

Sejamos humildes, pois ante as alturas sidéreas a que temos de chegar, não passamos de minúsculos vermes, arrastando-nos no lodo das nossas imperfeições.

Se assim não proceder, o médium cairá fatalmente no laço armado sorrateiramente por aqueles que, lisongeando-lhe a vaidade, fingem ser seus amigos e as consequências não se farão esperar. Aumentando gradualmente seu império sobre a vítima, arrastá-la-ão para a obsessão e subjugação, com seu sombrio cortejo de sofrimentos e misérias.

Médiuns: orai e vigiai. Não deveis permitir ciladas ao vosso orgulho. Apelai do fundo da alma para as forças superiores do Bem, colocando-vos sob a orientação de quem, conhecendo os perigos inerentes a tal missão, vos possa auxiliar a resistir às tentações ardilosas dos que vos pretendem perder.

Não vos lisonjeeis com a obtenção de comunicações elevadas, pois deveis lembrar-vos de que não passais de meros instrumentos nas mãos das entidades comunicantes.

Tendes tanto direito de vos ufanardes disso, como quem faz ouvir belas melodias manejando um realejo.

Quem quer que tenha a seu cargo a orientação de um médium, deve estar sempre de atalaia, para dar conta de tudo que lhe pareça suspeito.

Assim, quando o médium se deixa fascinar pela assinatura pomposa das comunicações obtidas por seu intermédio, não obstante denotarem visível carácter de mediocridade, receando ao mesmo tempo o contacto com pessoas esclarecidas, há grande probabilidade de estar sob a funesta acção de entidades inferiores, cujo fim é afastá-lo de quem possa abrir-lhe os olhos.

Os espíritos superiores, revelam-se pela linguagem elevada e concisa, devendo desconfiar-se dos prolixos, que procuram suprir a qualidade pela quantidade.

Sucede, às vezes, provirem falsas comunicações de espíritos sérios, à guisa de lição, a fim de o médium se não orgulhar, julgando-se infalível.

Devemos desconfiar igualmente de tudo que brigue com a razão e o bom senso e contradiga as mais elementares noções da ciência, como provindo dos ignorantes ou zombeteiros, cujo fim é distrairem-se à nossa custa.

No geral, as grandes verdades reveladas, longe de ficarem circunscritas a um grupo, costumam ser transmitidas simultâneamente em diferentes pontos do globo, através de outros tantos médiuns.

As sessões espíritas devem merecer-nos o maior respeito, não devendo os respectivos componentes alimentar outro desejo que não seja o da sua melhoria e o da humanidade visível e invisível.

Com um grupo pouco numeroso, o mais homogéneo possível, reunido para fins nobres, muita coisa útil se pode conseguir, porque os infatigáveis obreiros do bem que actuam no outro plano, atraídos por esse ambiente luminoso, ali vão levar os tesouros de seu amor e sabedoria.

Para conter à distância os malévolos e brincalhões, deve evitar-se tudo que seja banal, todas as perguntas fúteis e materialonas, bem como os pensamentos e propósitos do mesmo género; de contrário lançar-se-ão sobre nós, como abutres esfaimados à presa apetecida.

As entidades superiores não estão dispostas a perder tempo com banalidades, pois a sua missão é outra, retirando-se nesses casos, com grande satisfação para os que, sem escrúpulos, respondem à toa a todo o género de perguntas.

O seu desígnio é auxiliarem-nos moralmente e não resolverem nossos problemas materiais, tarefa da nossa responsabilidade e competência.

O silêncio e o recolhimento são condições necessárias a todas as comunicações sérias, assim como as preces no início e fim das sessões, bem sinceras e bem do coração.

Devemos tratar os espíritos empenhados em auxiliar-nos, com o respeito e estima que merecem, dada sua elevada posição hierárquica, não lhes dando motivos para se entristecerem ou se retirarem, a fim de não ficarmos privados de magníficas oportunidades para o nosso aprimoramento espiritual.

AOS CONFRADES BRASILEIROS

Com o nosso regresso a Portugal, o esforço não terminou. Prossegue e prosseguirá ininterruptamente.

Daqui saudamos todos os amigos que em doze Estados nos cumularam de atenções, prestando homenagens tão grandes, que as endossamos à Doutrina, por estarem em desproporção com o mérito do visitante.

A sua amizade e generosidade não se pagam em moeda terrena. Os abraços e as lágrimas jubilosas que vertemos no oceano emotivo do nosso encontro são contas de rosário que ficarão em coração amigo a rezar e a cantar.

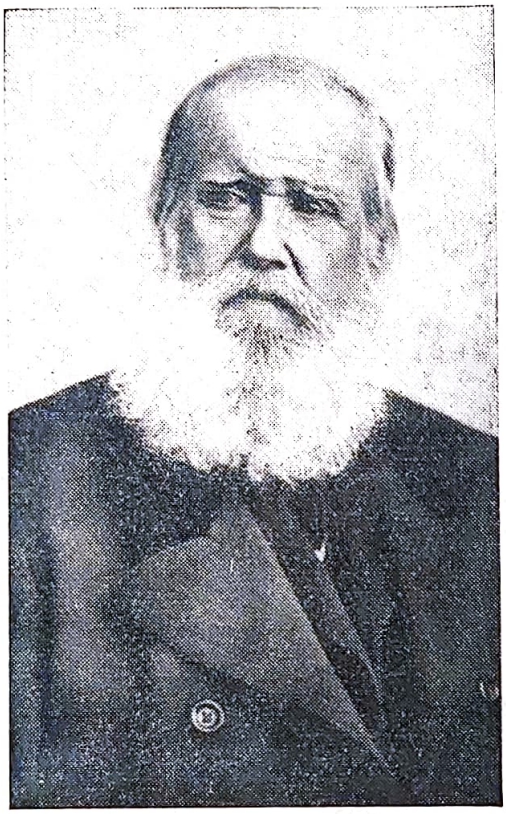
Não se perdeu nem se perderá o eco de tantas manifestações carinhosas, de espontaneidade insuperável. Senti-lo-emos sempre, como suave recordação de viagem que se realizou para bem de todos e na qual o Espiritismo foi a legenda comum, unificando e congraçando obreiros de seara imensa.

Logo que tenhamos em dias os trabalhos directos, que lògicamente se atrasaram, iremos à correspondência. Até lá, desculpai, amigos, o silêncio, que o nosso pensamento está convosco.

ECOS DE U

Por ISIDORO

O HOSPITAL PEDR



D. Pedro 2.º do Brasil, também chamado Pedro de Alcântara

O mês de Maio de 1955 foi altamente produtivo em nosso trabalho de garimpeiro. Deu motivos variados ao pincel desmantelado do borrador de quadros; mas, assim mesmo, ele os aproveitou, julgando que poderia ser útil na dessiminação de elementos que não devem ficar no olvido.

O Agostinho Pereira de Sousa, assinante desta revista há muitos anos, desde o seu aparecimento, é a alma mater *do Hospital Espirita Pedro de Alcântara, já conhecido dos antigos leitores. Nestas colunas falámos da sua construção e do programa que animava o esforço de uma caravana de abnegados que não depunha as armas, enquanto a batalha exigisse denodo e sacrifício.*

Há homens tenacíssimos que erguem projectos «irrealizáveis». São coisas fantásticas, próprias de lunáticos, e o vulgo sorri de incredulidade.

— Coitados! — diz ele — Se andassem na crosta, se avaliassem a grandeza de semelhantes arquitecturas, teriam juizo e não se abalançariam a tanto.

E segue, encolhendo os ombros, a tratar de outros assuntos, «mais sérios e mais úteis»...

O Hospital Espirita Pedro de Alcântara era obra de pessoas que não tinham em grande conta o raciocínio dos «fortes». No entanto...

★

O Agostinho levou-nos àquele retiro onde as almas se debatem entre dois fogos de barragem. Os abrolhos da Terra, os safanões do mundo, a miséria física e os esconsos do invisível, esses esgotos de escorrências psíquicas que arrebatam a personalidade ao doente de moléstia mental, como lhe chamam os homens subjugados a certos diplomas.

A entrada é majestosa, digna de artista consumado. E aqui principia a cogitação do visitante. Pensava num casebre qualquer, «próprio de lunáticos», e contempla coisa magnífica, quase digna de um pincel. Mas poderia ser «fachada» para desnortear os outros, aqueles que, de facto, andam pela crosta, sem pôr os pés na crosta.

À direita, o Pavimento André Luís. *Ali deambulam pobres obsidiados. Saberão eles que o mundo não é aquilo?... Alguns chegaram à conclusão que sim. O mundo não pode ser outra coisa. Lembram-se vagamente donde vieram, mas isso esbate-se na memória, como sonho que passou. E começa ali nova vida, polvilhada de ilusões e de fan-*

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

I

O DE ALCÂNTARA

tasmas. Vêem diàriamente as mesmas caras, ouvem as mesmas palavras, falam aos homens e às mulheres de bata branca, únicos interlocutores de quem dependerá um dia a sua liberdade, e esperam ansiosamente. Mesmo «louco», o ser humano espera, aguarda o termo do sequestro, porque se trata de autêntico sequestro. As almas estão em duplo cárcere: de pedra e de carne. Elas não apreciam a beleza da construção, que é esplêndida. Nem os mosaicos de 1.ª classe, que são lindíssimos. Nem as banheiras, de higuiene insuperável. Nem os quartos amplos, óptimamente mobilados, de soalho reluzente... Não destrinçam o bom do mau, não sentem que desfrutam conforto comum a pobres e a ricos. Nem sabem que, ao lado, há uma Casa de Saúde arrendada ao Instituto I. A. P. I.

Se soubessem avaliar este precioso conjunto, seriam como nós outros, homens normais, que procuramos compreender os construtores de hospitais destinados a obsidiados.

Já falámos no assunto. Quando estivemos em Campos, a impressão foi muito forte, na visita ao Asilo João Viana. Daí para cá, temos pensado muito no que é preciso fazer para roubar à espessura das trevas asas vivas que desejam luz para ver e imensidade para voar. E o nosso coração vibra ainda à lembrança desses quadros pavorosos. Por isso o Pavimento André Luís *despertou facetas especiais que jaziam em nosso mundo psicológico.*

À esquerda, o Pavilhão José Vaz de Melo, *um velho português, tão íntegro como o Agostinho, e que desencarnou há cerca de quatro anos.*

Dissemos há tempos que os portugueses do Brasil depositaram 80 por cento do seu esforço e do seu amor à causa, nos alicerces dessa obra gigantesca que se chama beneficência espirita e que representa, a todos os títulos, o padrão maior da Doutrina em terras de Santa Cruz. Não há dúvida. É assim mesmo. Depois de percorrer 12 grandes Estados neste rincão ubérrimo e de visitar centenas de monumentos onde o amor ao próximo se expande em vibrações felizes, podemos dizer que não errámos na afirmação. O Hospital Pedro de Alcântara é uma legenda de benfazer, uma legenda luso-brasileira de fé imperecível.

Mais além, a Sala de Trabalhos Mediúnicos e de Sessões, *com um desenho mediúnico representando Pedro de Alcântara e ao lado o seguinte soneto do espírito do Imperador aqui recebido por Francisco Cândido Xavier, em 22 de Setembro de 1939:*

AOS OBREIROS DO BEM

Operários do bem e da Amizade,
Deus abençõe a santa eucaristia
Deste instante de luz e de alegria,
Iluminando a paz que nos invade!...

Devotados obreiros da bondade,
Se a hora é de amargura e de agonia,
Prossigamos no esforço da harmonia,
Da doutrina sublime da verdade.

Meu Deus, que os missionários deste templo
Possam testificar em tudo o exemplo
De renúncia, de amor, de vida e luz!

Sede felizes, caros companheiros,
Laborando no bem dos brasileiros,
Sob a paz do Evangelho de Jesus!

Não podia haver mais belo incitamento à recuperação do homem do que as palavras do elevado espírito que na vida terrena guiou este bom povo e tantos pensamentos lhe envia do misterioso Além.

★

Nesta mesma sala fomos surpreendidos por carinhosa recepção de toda a Directoria, à frente da qual estava o Agostinho. O Ama-

deu Santos e o Humberto Correia de Sá tinham ido connosco. Se há momentos emotivos na vida do homem, aqueles pertenciam a essa espécie.

O linguajar foi simples. Se o não fosse é que seria de estranhar. Vejam o que disse o presidente da Sociedade Espirita Obreiros do Bem, detentora do Hospital, dirigindo-se aos circunstantes:

Irmãos amigos:

Aqui está o Isidoro. Temo-lo cá. Isidoro chegou. Veio visitar Obreiros do Bem.

E quem o trouxe? Teria sido Lia? Talvez.

Em nossas reuniões de trabalhos lemos sempre uma de suas mensagens, a fim de preparar o ambiente e integrar nele o espírito.

E aquelas mansagens que nos dão alento, que nos fortificam a fé, foram escritas por Isidoro a mandado de Lia.

E ao terminar a nossa súplica para o começo do trabalho, um dos mentores fala-nos, à guisa de comentário, acerca do termo da mensagem que se acabou de ler. É assim que nos preparamos de corpo e de alma para a irradiação mental, a benefício dos doentes da Casa de Pedro de Alcântara. É do Livro de Lia que nos servimos para libertar os pensamentos das coisas materiais. É nesse livro que banhamos as nossa almas.

Dizemos isto, para que o Isidoro sinta onde está, para que ele sinta como nós amamos o vulto singular de Lia e o seu intérprete.

Não sabemos bem por que acontecem estas coisas. Só sabemos que nos sentimos bem e que um amparo, uma protecção, um estado de tranquilidade nos envolve.

Habituámo-nos também à leitura de «Estudos Psíquicos» e por essa razão nos é muito familiar a figura de Isidoro. Temos como devoção a leitura de «Dois Mundos», que nos coloca em contacto com o espírito sábio, correcto, franco e carinhoso de Lia. E este momento que estamos vivendo, aqui, na Casa de Pedro de Alcântara, com Isidoro à nossa mesa e a imagem de Lia em nossa mente é de encantamento, de vibração, de fraternidade e de gratidão a Deus, que permitiu que isto acontecesse.

Parece que Isidoro tinha saudades do Brasil. Saudades? Sim, porque ele há tempos que vivia, como se nos conhecesse há muito. Como se já aqui tivesse estado. Como se fôssemos velhos amigos e vizinhos separados pelo mar, tal é a afinidade que nos envolve. Rio-Lisboa, através de correspondência recíproca entre as duas cidades, entre os grupos que estudam as verdades contidas na Boa Nova.

Nós também ansiávamos por esta visita, por esta aproximação. Nós também te admiramos, Isidoro, e sabemos quão difícil é estudar e pregar a doutrina dos espiritas lá de onde vens. Foi aos pouquinhos que te fomos conhecendo e amando — se assim podemos dizer.

...E um dia estivemos na Rua do Salitre, frente à casa onde a tua palavra se fazia ouvir e a tua acção se fazia sentir. Olhámos a fachada daquela tenda de trabalho. Quisemos visitá-la. Mas naquele dia não havia reunião, e sentimos acanhamento no dia seguinte, quando pensámos em lá voltar. E viemos embora sem te falar. Mas até hoje acompanha-nos uma espécie de remorso em nosso coração. Não tinha que ser... Era talvez cedo... Seria preciso esperar, E, assim, esperámos.

Mas agora, amigos, podemos abraçá-lo e o fazemos neste momento, com entusiasmo, dizendo-lhe da nossa admiração e da nossa alegria, por vê-lo aqui.

Disse-nos o seu artigo de fundo em «Estudos Psíquicos» que, nesta viagem, era preciso um arauto e ele não o era. Pois o é. Para nós, ele é o arauto da fé que Portugal mandou para dizer-nos que lá também se crê na sublime lei da Reencarnação, que é o mais belo presente que o Criador ofereceu à criatura; que lá também se trabalha e ama a Deus sobre todas as coisas; e que se estuda e se ora com aquele sentimento que o Mestre preconizou. Isidoro teria sido o escolhido para falar com a voz do coração aos seus irmãos do Brasil. E neste ponto fazemos aqui as mesmas interrogações:

— De onde veio a ideia da viagem? Que voz interior nos conduz a amar o Brasil e a festejá-lo?...

E perguntamos, por nossa vez:

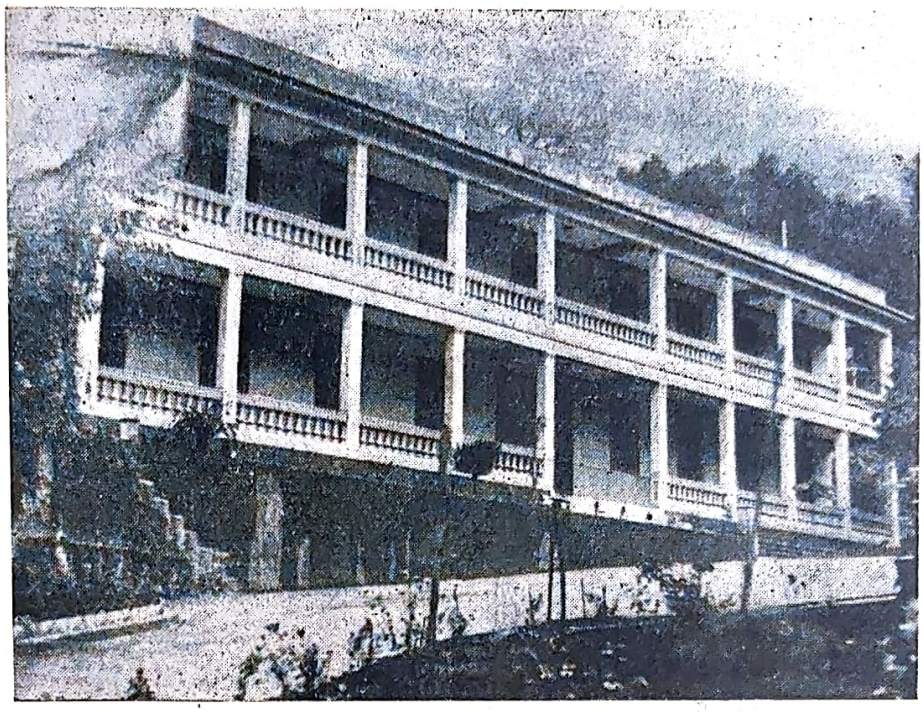
— Porque foi que o Brasil teve como governante um português? Porque foi que este proclamou a independência?

— Porque veio ele nascer no Brasil com a missão de o conduzir com simplicidade e humildade, que foram apanágio de toda a sua vida?

Tudo tem sua razão de ser. Os homens são instrumentos do destino das nações. Por seus gostos, suas aspirações, seus desejos,

ou até por mera fantasia de seus espíritos, realizam aquilo que, por desígnios divinos, tem que ser realizado. Em cada indivíduo há, ou se forma um projecto, uma aspiração, um ideal. Por isso vemos o emigrante cheio de esperanças partir para terras longínquas, o cientista integrado nas suas pesquisas e o ambicioso a sacrificar a própria família para obter o que deseja.

Isidoro obedeceu ao impulso do seu coração e veio até nós. Há-de haver algum motivo. Tudo tem razão de ser. E quem dirige é Deus.



HOSPITAL ESPIRITA PEDRO DE ALCÂNTARA

Recebe, querido irmão, o nosso muito obrigado por teres vindo. Tem a certeza — todos os que aqui trabalham sentem-se felizes por viver este momento de espiritualidade e confraternização com os nossos irmãos de Portugal, brilhantemente representados pela tua figura.

Temos um pedido a formular: Recebe mensagens de Lia e manda-as para cá. São lições maravilhosas e confortadoras esperanças para o nosso amanhã. São ensinamentos preciosos que iluminam as nossas almas. São cartas de um ente querido em terras distantes, falando do país em que se encontra, como se vive e de que se vive. Por elas sabemos tudo o que precisamos para sermos felizes.

Manda-nos cartas de Lia e recebe o nosso abraço com votos de saúde e paz.

Esta linguagem é de um homem estranho que não sabemos caracterizar. Foi um choque o que sofremos. Não estávamos preparado... Hoje, depois dessa ronda quilométrica, evocamos esta hora fraterna e temos saudade.

Não sabemos o que dissemos àqueles amigos da Obreiros do Bem.

Quando o coração fala, não há estenógrafo. O que saiu, saiu. É como a pedra num lago. Voltamos à primitiva e o resto é um sonho que se esvai. A fonte já estava jorrando desde 18 de Abril e o riacho tinha aspiração a grande caudal. Calculam o que teria sido a resposta.

Não estávamos preparados, isso não estávamos. A missão que leváramos era simples. Não havia missionato, nem há. Havia amor sincero, luzeiro do norte e do sul. O magnetismo espiritual irradiava sobre os quadrantes da Doutrina. E produzia aquele suave milagre.

No Livro de Honra, sim, ficaram impressões fortes daquela visita...

★

Mas temos que subir ao 1.º andar. Lá está a Sala da Princesa Isabel. A escadaria é de mármore. Aqui há maior número de obsidiados. São do sexo feminino. Uma varanda corrida... muito ampla e gradeada. Vista agradável. As doentes passeiam de cá para lá e de lá para cá. Outras sentam-se em bancos acolhedores.

Fomos apresentado ao médico psiquiatra. Há dois no Hospital: o Dr. Franklim Leal e o Dr. Guedes Pinto. O trabalho que estes seres desenvolvem para libertação e recuperação de outros seres!

O médico e o doente são dois extremos de uma equação que a sociedade resolverá um dia. Até lá, perder-nos-emos num emaranhado de convenções.

Mas, aqui, o problema enfrenta-se com

lógica e amor. Caminha-se para vida melhor e mais perfeita. A própria construção do edifício o demonstra. Tudo está feito com esmero. Banheiros e privadas de luxo. Instalações das melhores do Brasil. Muita higiene, muita disciplina.

Ao menos, os «enterrados vivos» respiram à vontade, têm conforto. Alguns há que não podem curar-se. Eles ignoram o facto e esperam sempre um dia cheio de sol com liberdade... Sonham, coitados! É tão bom sonhar no interior do calabouço! Mesmo que no dia seguinte apareçam as quatro paredes tradicionais. Quando chove, alegra ver o arco-íris ou uma nesga de firmamento azul. Deixemos que os «loucos» sonhem. Enquanto há vida, há esperança.

Para completar a homenagem à família de Pedro de Alcântara, há também a Sala de Teresa Cristina.

Mais adiante, um gabinete dentário com assistência semanal e Secção de Electrochoque, onde os métodos psiquiátricos se aplicam. Primeiro, consulta-se o guia para destrinçar a natureza do choque. Depois, exame médico para diagnóstico. Finalmente, confronto com a indicação do guia. E o electrochoque se aplica por indicação de um ou de outro.

Os doentes contagiosos não podem ser internados.

Há um vigia permanente, de dia e de noite, para o caso de qualquer perturbação eventual.

Há também quartos para doentes agitados.

O tratamento é familiar.

★

O soalho continua a reluzir... A mesma higiene, o mesmo asseio, a mesma disciplina. Estes «malucos», afinal, fizeram coisas extraordinárias que impressionam os espíritos «fortes». Até dá vontade de ser «doido» para aqui ficar algum tempo.

Mas lá em baixo há qualquer coisa animada... Ah! É o Ambulatório Médico para indigentes que entram e saem. É a flor mimosa da caridade a perfumar a obra de Deus entregue aos homens...

★

Às 19 horas falámos ao microfone de «Selecções Espiritualistas», na Rádio Guanabara. Não podíamos descrever aquela impressão. Aquilo era Espiritismo Vivo que empolgava e convencia.

Já o desséramos: desobsessão era recuperação e recuperar o homem era devolvê-lo ao lar e à sociedade. Ter ao lado um filho ou irmão obsidiado era a tortura maior do coração. A morte arrebata os seres e o homem conforma-se, por instinto ou necessidade. Esta morte, porém, é mais dramática, mais dolorosa. É que o ser não morreu: foi substituído por um intruso...

O Hospital Pedro de Alcântara é um grande expoente de caridade espírita. Ali há sintonia de esforços. É um pugilo de trabalhadores ao serviço da seara. E por isso lá sentimos lágrimas que não mais esqueceremos.

Obras que nos fazem chorar de emoção são obras imorredoiras. As almas sentem-se bem nestes ambientes de caridade. Elevam-se e depuram-se. Preparam-se para vida maior.

O Hospital Espírita Pedro de Alcântara é uma das mais belas obras de assistência psicossomática.

Ficámos maravilhado. Isto é coisa para se ver muitas vezes e sentir o seu influxo humano. Só então poderemos habilitar-nos à compreensão exacta desta obra grandiosa. E teremos que falar dela novamente, acompanhar o seu ritmo e o seu progresso, suas glórias e seus anseios. É preciso que o mundo vibre com o trabalho dignificante.

★

O Espiritismo no Brasil assumiu proporções assombrosas. Os que não vieram cá ignoram quase tudo, porque os jornais pouco dizem. A propaganda é deficiente. Trabalha-se no silêncio, quantas vezes no sacrifício, e não há sinos a tocar, para que o mundo note. Quem vê e ouve é o próprio necessitado. Esse sabe onde está a obra e para lá dirige os passos. E sempre encontra a porta aberta. Há dificuldade? Dá-se um jeito... e tudo se vai arrumando...

Espírito fraternal! Como iluminas a miséria humana! Como te desprendes de frioleiras! «Dá-se um jeito»... É a boa vontade em acção, para que o egoísmo desapareça da face da terra.

Para esse fim, há quem não diference o dia da noite. Moureja hora a hora, minuto a minuto. A recompensa está no coração. Fazer bem, aliviar dores, tranquilizar o próximo, são vias de acesso a grande altura. Nin-

guém quer ficar em baixo; todos sobem, com esforço físico, com esforço mental. É uma escalada maravilhosa!...

★

Falámos, acima, num Ambulatório. Tem o nome de Allan Kardec e as suas portas estão abertas aos que procuram alívio para as dores, em caridade insuperável, sem preconceitos de raça, de cor ou religião.

Todos aqui têm o seu quinhão de bondade. Não precisam de apresentação do sr. A ou do sr. B. E desta forma atenderam-se em 1954 nada menos de 3.118 doentes, assim classificados:

Clínicas médicas	1.083
Clínica pediátrica	1.273
Clínica ginecológica	762
	3.118

Agora, o movimento da sala de curativos e injecções, perfeitamente expressivo, com 462 curativos, 1.601 injecções e 195 aplicações fisioterápicas.

Isto, não falando nas inúmeras receitas médicas e nos produtos farmacêuticos fornecidos gratuitamente, cujas despesas atingiram 138 mil cruzeiros.

★

Queremos referir-nos igualmente ao movimento hospitalar desta nobre instituição.

Em 31-12-1953 havia 16 internados. Em 1954 entraram 35. Total, 51. Pois sairam 17 curados, 15 melhorados e 4 no estado crónico.

No fim de 1954 havia 15 doentes internados.

★

É também oportuno mencionar o número de doentes submetidos a tratamento especializado, nos moldes da evolução técnica moderna:

Insulina	374
Cardiozol	17
Electrochoque	568
Piretogenos	64
Arsenox	99
	1.122

Curativos, foram 208. Injecções, 7.000.

Estes algarismos são eloquentes e dispensam comentários.

Mas, além deste Ambulatório Médico, há outro, cuja finalidade é prestar assistência gratuita aos portadores de pequenas neuroses e fazer triagem aos doentes indicados para internação.

O movimento deste Ambulatório é expressivo, pois atendeu 737 doentes: 502 do sexo feminino e 235 do sexo masculino, preenchendo plenamente o fim para que foi criado.

★

A sua actual Directoria é composta de homens abnegados e honestos, todos respirando simpatia. Junto dela sente-se um grande prazer espiritual. Não poderemos esquecer os momentos que lá vivemos. Tão doces, tão suaves, tão harmoniosos! Era a verdadeira alegria cristã.

Eles são nossos velhos amigos. É o português Agostinho Pereira de Sousa, alma vibrátil de intuitivo ao serviço de uma bela organização moral, que está na presidência há muitos anos e acompanha a missão da nossa revista com a maior atenção e solicitude. É o Artur Donato, outro devotado lutador, também português de lei, que está na vice-presidência. E o 1.º secretário Jorge Martins Freire, e o 2.º, João Francisco Magalhães de Sousa, ambos amigos da instituição, ambos espiritas convictos. E o 1.º tesoureiro, Manuel Teixeira da Silva Carvalho, e o 2.º, Alberto Gonçalves Puga, firmes no seu posto de arrecadação de fundos e de vigilância para que o Hospital dê o máximo rendimento. E os procuradores Carlos Carillo Filho e Artur de Almeida Lemos, igualmente vigilantes, prontos ao primeiro sinal para defender tão precioso depósito. E o bibliotecário Joaquim António Cardoso, patrício e amigo que tivemos ensejo de estreitar ao coração num gesto de espontaneidade. E o António de Almeida, na direcção da Assistência.

Este grupo homogéneo é que dirige os destinos do Hospital Espirita Pedro de Alcântara. Cada vez estão mais novos, embora as cãs de alguns teimem em afirmar que o tempo vai passando sobre os homens. Mas eles protestam que não é assim. E têm razão. Como disse o nosso querido Ramiro Viana, da cidade de Campos, a juventude não é função do tempo, é função da vontade. As obras da colectividade espirita estão assinadas, em grande parte, por homens de vontade

PREDOMINÂNCIA DA VONTADE

Por IDALINA AGUIAR MATOS

Seja qual for a posição do homem, tenha ele conhecimentos literários, filosóficos ou religiosos, só poderá ser realmente admirado por seus amigos, mediante as atitudes que encarnar na vida social.

Poucos não têm sido os exemplos do predomínio da vontade, testemunhando o seu real valor.

Diz a história que Francisco de Assis, já a caminho do progresso espiritual, ainda sentia em seu íntimo uma certa luta ao deparar com um irmão leproso. Certa ocasião, a oportunidade, talvez não fortuita, apresentou-lhe no caminho um viandante portador do insidioso mal. Seu coração pulsou. Quis fugir... mas surgiu em sua mente uma claridade em forma deliberada: dominar-se e beijar o leproso!... Naquele gesto, o seu espírito recebia a maior das dádivas: o domínio da sua vontade!

Demóstenes foi grande por sua força de vontade, educando a voz e aperfeiçoando os gestos, os quais considerava prejudiciais à sua carreira de orador. Tendo um vício de pronúncia, para o corrigir declamava com a boca cheia de seixos; ia discursar à beira-mar, procurando dominar com a voz o fragor das vagas para habituar-se — dizia ele — a dominar o clamor das assembleias populares.

Maria Madalena, possuída dessa mesma força, abandonou seu castelo de ruínas morais, e despojou-se das jóias e brilhantes raros até então usados como ornamentação indispensável à sua vida de ilusão.

Todos precisamos deste auto-domínio para vencer a borrasca que surge ou que já existe entre nós. É preciso muita perseverança para conseguirmos desenvencilhar-nos de inúmeros males destruidores da paz e da tranquilidade das criaturas. Um deles é a maledicência; tenebroso e cruel, sendo o seu autor, sem que o perceba, a primeira vítima atingida.

Suas emanações são mais horripilantes e seus efeitos mais repugnáveis que o beijo nas chagas purulentas do leproso!

Travemos uma luta incessante, a fim de conseguirmos o domínio superior às forças inconscientes do mal. Esta vontade se fará presente através das nossas próprias e constantes vibrações, no sentido de não fraquejarmos a despeito de todas as tormentas.

que nunca poderão ser velhos. A chama do Ideal acalenta e rejuvenesce. Só os apáticos envelhecem, só eles revelam decrepitude.

Os dirigentes do Hospital pertencem á falange dos invencíveis. Daqui e de lá, tudo farão para maior glória do Espiritismo. Ouvimos suas palavras vibrantes e decididas e não temos dúvida acerca do seu trabalho produtivo. Eles não estratificam, não dormem à sombra do que alcançaram. Procuram sempre novas fórmulas de ataque aos males que nos afligem. É só aguçar a vista.

★

Esta visita constituiu um verdadeiro prêmio destinado a recompensar o nosso desejo de bem servir. Prêmio de amor fraterno, de alegria espiritual, estímulo ao trabalho, à dedicação, à renúncia das glórias terrenas.

Aquelas paredes não são ergástulo. Os que lá vivem sentem vibrações amigas e confiam no seu destino. Aguardam pacientemente a hora do resgate. E quando soar o toque de clarim volverão à sociedade ou à família, recuperados e restaurados. Será a aleluia das almas libertas. Algemas quebradas, sol de liberdade, olhos ao Alto, rumo ao futuro...

Que bem que nos sentimos no Hospital Espirita Pedro de Alcântara! Foi um banho lustral que limpou e tonificou. Que prossigam na estrada do amor. é o que desejamos àqueles homens: A serenidade da sua atitude e a firmeza de seus passos são sinais de progresso incessante. Pois que ele se efectui, hoje e sempre, sob a égide de um grande espírito que continua a velar pela felicidade do Brasil!

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1955.

O PROBLEMA DA MORTE

Por **DEOLINDO AMORIM**

Apesar de toda a literatura actual, de origem humana e de origem espiritual, não podemos desprezar as obras consideradas clássicas do Espiritismo. Sabemos muito bem que a literatura actual, notadamente a de natureza mediúnica, é vasta, profunda e edificante. Com excepção de certas produções de conteúdo comum, temos, felizmente, obras notáveis, sob todos os pontos de vista. A literatura mediúnica, no Brasil, principalmente, é riquíssima, como todos sabem. Contudo, as chamadas obras clássicas da Doutrina continuam, através do tempo, a merecer o mesmo crédito de outrora, porque são tesouros insubstituíveis. Entre as grandes fontes de consulta do Espiritismo, podemos indicar os livros de Camille Flammarion. Acabamos de reler, por exemplo, uma passagem desse grande livro, que é «A Morte e o seu Mistério», de Flammarion, 2.º volume. Nesse livro, o grande astrónomo francês encara o problema da morte com argumentação e provas irrefutáveis em favor da sobrevivências da alma. Diz ele: «Atribuir a um agrupamento de moléculas materiais, a uma acção química, mecânica, dum formigueiro qualquer de átomos, a faculdade de ver o que ainda não existe, o que acontecerá volvidos muitos anos, muitas horas, muitas semanas, muitos meses, é pura hipótese, e não se apoia em nenhuma base científica. À força de se querer fazer ciência prática, cai-se na observação, deixa-se de raciocinar lògicamente».

Depois de examinar o problema da sobrevivência da alma — que é ponto central da filosofia espirita — à luz dos dados experimentais, Flammarion entra no terreno filosófico e pergunta com o vigor, a convicção de um homem que pensa e examina com serenidade: «Como é que combinações de moléculas poderiam produzir a bondade, a devoção, a honestidade, a probidade, a virtude», por exemplo?

De facto, o aspecto moral deste problema é mais importante do que parece. Onde está a sede do senso moral? Como a tese materialista, com toda a sua dialética, com todo o seu «espírito científico», poderia explicar a consciência moral, a sensação de remorso, sem admitir, no homem, a existência do princípio moral? E qual a razão de ser desse princípio moral, se, na opinião dos materialistas, tudo se destrói com a morte? Diz muito bem Flammarion que «um conjunto de moléculas» não seria capaz de dar à criatura humana o sentimento de responsabilidade. Poderão dizer que Flammarion é um autor muito antigo. Sim, é um autor nascido no século passado, e todos nós sabemos que, depois de Flammarion outros autores espiritas, já se publicaram muitas obras interessantes. É preciso reconhecer, entretanto, que as obras de ALLAN DELANNE e muitos outros outores são obras actuais, quanto às ideias que sustentam, porque não foram superadas até hoje. Um autor ou um livro só deve ser considerado fora de época quando as suas ideias são ultrapassadas por ideias mais novas, mais exactas, mais claras. Qual foi a obra que, na discussão do problema da alma, suplantou Kardec ou Flammarion? Nenhuma, até hoje.

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO

A visita do nosso director ao Brasil teve como consequência a fundação de uma sucursal de «Estudos Psíquicos» e «Medicina Natural» no Rio de Janeiro, dirigida por Nelson Baptista de Azevedo, presidente da União dos Discípulos de Jesus, daquela cidade, e do programa radiofónico diário «Selecções Espiritualistas».

Todos os confrades brasileiros que desejem tratar de assuntos relativos a assinaturas podem dirigir-se à Sucursal, instalada na seguinte artéria:

Avenida 13 de Maio, N.º 23, 21.º andar, Sala 2101, Edifício Darke — Telef. 32 94 97

RESPONSABILIDADE DOS ESPIRITISTAS

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário, Argentina)

O Espiritismo, no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e ético, é uma força imensa de efeitos transcendentes. Poderíamos afirmar que é a síntese perfeita dos princípios normativos de amanhã. Especialmente a parte que se relaciona com a filosofia e a moral, terá de reconstruir-se, para marcar-lhe rumos novos.

É preciso reconhecer que o homem exterior progrediu consideràvelmente e já domina o espaço infinito, a profundidade do oceano, a velocidade do pensamento, etc. Mas o mundo interior, os aspectos introspectivos, são-lhe quase desconhecidos. Se assim não fosse, como poderíamos ser testemunhas inermes dos espectáculos dolorosos que nos dá o mundo?

Os materialistas dizem que a situação caótica em que agimos e vegetamos se normalizará com distribuição mais equitativa das riquezas, isto é, dos bens materiais. Nós julgamos que, desta maneira, o problema ficará meio resolvido. A riqueza moral e psíquica tem que desenvolver-se paralelamente à riqueza económica e social.

O materialismo não está em condições de solucionar a questão do espírito, visto que, para ele, nada existe fora da matéria. E o nada carece de virtualidade para reconstruir o essencial, o vital, o dinâmico e criador.

Estarão os espiritistas em condições de reconstituir o já destruído mundo introspectivo das sociedades que viveram sempre na confusão de milhares de religiões, que acentuaram ainda mais o desconcerto do panorama moral dos homens?...

Frente a esta crise terrível, os espiritistas mundiais têm uma grave responsabilidade histórica. Seremos capazes de afrontar tão grande empresa? Neste momento, parece-nos que não. Não analisámos conscienciosamente o enorme valor que encerra a força do espírito, cujas projecções são de natureza cósmica. Também não temos interpretado bem o sentido universal do Espiritismo.

Do invisível nos vêm anunciando um porvir de luta e de amargura, convidando-nos a organizar-nos e a melhorar o nosso mundo introspectivo, unindo as nossas forças individuais e institucionais. Salvo raras excepções, as actividades espiritas neste sentido são cada vez menores e incoerentes, embora nelas predomine o individualismo com seus corolários. Ainda não chegámos a entender-nos no trabalho firme, ligados em pensamento e acção. Contudo superamo-nos mùtuamente, mantendo pontos de vista contrários aos mais elementares princípios da doutrina.

Falta-nos compreensão e harmonia, essa harmonia vibrante, como a que rege as leis divinas. Escudamos as nossas fraquezas e os nossos erros no Espiritismo, sem o ter compreendido na sua mais lata expressão. Quando uniremos os nossos esforços, a nossa vontade e os nossos pensamentos à acção dos nossos irmãos invisíveis, para agir em uníssono em benefício da humanidade? Quando deixaremos a mesquinhez de nossas concepções para nos elevarmos acima das insignificâncias humanas, meros átomos sem energia transcendente, dispondo-nos a honrar a doutrina emancipadora, através de acções práticas, se as acções práticas são as que têm ressonância cósmica?...

Que temos feito até hoje para que a harmonia em nosso campo fosse uma bela realidade? As vozes do Alto caem geralmente no vácuo, enquanto lutas intestinas prosseguem, aumentando em sua trajectória negativa. O orgulho e a vaidade andam soltos pelo chamado mundo «espiritista». A pecha do personalismo, a soberbia de pretender ser algo aos olhos dos outros, sem ter em conta a humildade em toda a grandeza dinâmica.

Devemos preparar-nos para o futuro, visto que a responsabilidade histórica dos espiritistas é grande, enorme. A eles compete encherem o gigantesco vazio que as religiões deixaram nas almas. Conseguirão este objectivo aqueles que, por sua vez, estão vazios e orfãos de qualidades superiores? Desta forma colocamo-nos na mesma vereda dos negativistas, dos neantistas, dos materialistas.

A nossa questão é esta: ou nos renovamos integralmente ou desapareceremos do cenário que ocupamos. Não há outra alternativa.

Os que se dizem «espiritistas», mas que o não são, constituem um peso morto na evolução e na marcha do progresso. Invocamos a ciência do psiquismo, sem respeitá-la nem honrá-la com os nossos conhecimentos, as nossas obras e o nosso modo de ser, dir-se-á que nos agrada mais ser espiritistas de quando em quando. É tão fácil pregar!...

Tememos que a tormenta renovadora surpreenda os pregadores em sua tribuna. Os povos reclamarão oportunamente um novo sentido da vida e uma nova concepção do Universo. Estaremos nós em condições de prencher essa necessidade, de características e projecções imperiosas? As multidões estão fartas de palavras e de promessas fictícias. Querem factos, obras, realidades, exemplos, como fruto vivo do Espiritismo. E se não pudermos satisfazê-las, se nos virem tão ocos como os pastores das religiões, voltar-se-ão para eles, por rotina ou pela atracção do hábito.

Estuguemos o passo para sair do círculo vicioso das quisílias domésticas, orientando as tarefas no sentido da harmonia fraterna. Provemos que a irmandade não é palavra decorativa. O mundo materialista e fetichista aproxima-se ràpidamente da fase apocalíptica. Estamos em vésperas de fortes abalos mundiais, porque isto é indício do rearmamento das grandes e pequenas potências.

As consciências antibélicas olham-nos e analisam-nos, à espera da nossa palavra, a palavra alentadora do Espiritismo, cuja natureza é profundamente pacifista, embora revolucionária em sua essência. Por infelicidade, a nossa revolução pacífica, revolução introspectiva, permanece estática, em virtude das suas molas estarem oxidadas, isto é, os seus elementos, os seus cooperadores, os seus propulsores, os que se limitam a esperar a hora propícia, com o prato na mão, a fim de receberem o que lhes corresponder. Deste ponto de vista, não nos sincronizamos com a doutrina espirita. Falta-nos a transformação ética. Por mais que se esforce o Espiritismo na formação do novo homem, este constitui uma raridade, uma excepção, uma «rara avis».

Não negamos que há bons e autênticos espiritistas. Mas são tão poucos! Não obstante, confiemos neles, nos seus exemplos, nas suas obras admiráveis e magníficas. As metamorfoses nas várias manifestações da vida foram sempre obra de psíquicos, de insignificantes minorias. São a levedura do progresso das sociedades humanas. Ponhamos nelas a nossa esperança, esperando que marquem rumos mais claros ao progresso da humanidade.

(I. D. S. traduziu)

O Dinheiro

Não é a autoridade que solapa a elevação da alma: É o abuso do poder.

Não é a inteligência que destila o veneno intelectual: É a perversidade com que a mobilizamos.

Não é o tesouro verbalístico que abre feridas naqueles que nos ouvem: É o modo com que arremessamos o estilete da palavra.

Não é a beleza da forma que gera o fel do desencanto: É a vaidade com que a malbaratamos no vício.

Assim, também, não é o dinheiro que nos condena ao inferno da angústia: É o nosso processo de empregá-lo, quando nos esquecemos de facilitar a corrente do progresso, através da acção diligente na fraternidade e do devotamento constante ao bem, com que nos cabe colaborar no engrandecimento do mundo e da vida.

O ouro com Jesus é bálsamo na úlcera do enfermo, é gota de leite à criancinha desamparada, é remédio ao doente, agasalho aos que padecem frio, é calor no lar sitiado pelo infortúnio, é assistência aos braços que suplicam trabalho digno, é socorro aos animais e protecção à natureza.

O cofre forte nas garras da usura é metal enferrujado, criando a miséria, mas um vintém no serviço de Jesus pode converter-se em preciosa sementeira de paz e felicidade.

Não amaldiçôes o dinheiro, instrumento passivo em tuas mãos!

Fá-lo servir contigo, sob a inspiração do Cristo, e todas as tuas possibilidades financeiras serão valiosos talentos em teu caminho, cooperando com o teu esforço, na edificação terrestre do Reino de Deus.

EMMANUEL

(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Mocidades Espiritas! Paz e Luz crescentes, com Jesus.

O mundo, esborcado aos solavancos dos desordenados movimentos intempestivos dos idealistas sem Deus, necessita restaurar-se. A sua restauração só se poderá fazer sobre um alicerce irremovível. O material desse alicerce precisa possuir máxima resistência. Os espiritas permanecem como a esperança última da restauração do mundo. E os corações da Mocidade Espirita são o principal material do alicerce indispensável do novo mundo — restaurado. Os corações dos moços espiritas devem-se preparar para sustentar o peso da reconstrução em marcha de um mundo melhor, argamassado na água vivificante do cristianismo redivivo. Daí a necessidade premente da aproximação dos jovens da fonte eterna de água perene dos ensinos de Jesus, super-activados pela irradiação da Luz da 3.ª Revelação Divina. Esclarecidos pela 3.ª Revelação, dessedentados pelo Cristo, os corações da Mocidade estarão suficientemente resistentes, vitoriosamente aptos para arcar com a responsabilidade maior da base sobre que assentará o 3.° milénio da cristandade, o mundo melhor, quando todos os problemas que ora afligem a Humanidade encontrarem solução cabal. Resolvidos esses problemas, dos quais salientamos os de ordem moral, o mundo estará restaurado e a Humanidade pacìficamente possuirá a Terra. Cabe à Mocidade Espirita liderar os trabalhos dessa restauração formidável, no meio do torvelinho actual dos homens, que só lutam pela implantação dos seus direitos, sempre esquecidos da satisfação dos seus deveres. A vida em comum confere-nos sagrados direitos, mas prescreve-nos deveres inderrogáveis. Direitos e deveres são de existência correlativa, proporcional, colateral, cooperante.

Joana d'Arc, a jovem filha da pátria de Allan Kardec, a médium que passou pela Terra redimindo um povo, sacrificou-se em prol dos direitos da sua França. A própria França levantou-se na Revolução de 1789 para implantar no mundo os direitos do homem e do cidadão, quando a sua Assembleia Constituinte, então, derrubou o antigo regime feudal, com a célebre declaração, que transcrevemos a seguir e que pertence à História:

«I) Os homens nascem e ficam sendo livres e iguais em direitos. — II) Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão. — III) A liberdade consiste em cada um poder fazer tudo o que não prejudique aos outros. — IV) O princípio de toda a soberania reside imediatamente na nação. — V) A lei é a expressão da vontade geral. Todos os cidadãos têm o direito de concorrer pessoalmente ou por intermédio dos seus representantes, para a formação das leis. Estas devem ser iguais para todos, quer protejam, quer castiguem.

ÀS MOCIDADE

Pelo Prof. ALEIXO V

Presidente da Associação Espi

— VI) Sendo a propriedade um direito involável e sagrado, ninguém pode ser privado dela, a não ser quando a necessidade pública, legalmente reconhecida, o exija, e sob a condição de uma justa indemnização.»

E até hoje, está-se levantando o mundo para lutar de todos os modos, indivíduo contra indivíduo, nação contra nação, grupo de nações contra grupo de nações, para defesa dos seus direitos. Enquanto a luta se trava apenas com a finalidade de garantia de direitos, todos se esquecem da obrigação dos deveres. Deveres íntimos dormitam. Deveres particulares são prostituídos, no limite do lar e na sociedade. Deveres disciplinares, morrem. A mortalha da ignomínia veste a sociedade, cujos componentes são sepulcros caia-

dos de branco, para disfarçar o negrume de suas almas. Por toda a parte é um clamor sem cessar pelos direitos estatuídos.

— Onde ficaram os redentores ensinos de Jesus? Que fez deles a humanidade contemporânea que se diz cristã? Que espécie de cristandade é essa que não pratica os ensinamentos do Cristo? O Cristianismo só nos impõe deves. Jesus deu o exemplo, suportando a condenação à morte na cruz infamante do Calvário, sem se defender, nem reclamar.

Mocidades espiritas!

Implantai na Terra o Evangelho do Senhor!

A França proclamou os direitos do homem e do cidadão, libertando o homem do jugo de outro homem. Vós deveis, agora, proclamar as renúncias

ES ESPIRITAS

VÍTOR MAGALDÍ

ita "Estudantes da Verdade"

do homem, para que ele se liberte da escravidão da sua própria consciência. Alentai os vossos corações com a seiva que emana da Doutrina Espirita, que é a renascença do cristianismo. E fazei dos vossos corações a matéria-prima do alicerce da restauração do mundo. Nos Evangelhos de Jesus encontrareis a rota do futuro mundo redimido. Para seguir e balizar essa rota, pela qual a Humanidade atingirá a própria redenção, é que retornastes ao mundo. Grave é, pois, a tarefa que vos foi confiada. Atentai bem no cumprimento dela! Não ireis passar por esta actual existência em brancas nuvens. Não deixareis de sonhar, é certo. Mas, se quiserdes triunfar na vossa tarefa, aprendei a renunciar. Exemplificai a renúncia, para que os que devem ser guiados por vós, sigam o vosso exemplo! Jesus deve ser o vosso exemplo; assim como Ele, vós deveis ser o exemplo para a Humanidade transviada do roteiro divino.

Não vos digo coisa nova. Tudo isso já é do vosso conhecimento. Mas, meus caros jovens companheiros, aqui não se trata de saber; trata-se de exemplificar. É indispensável a acção. Deveis pôr em acto o que já adquiristes em conhecimento. As palavras passam. Os exemplos permanecem. Já disse João: — «Não cuideis de quem diz; mas, cuidai do que ele diz».

Eu vos quero ver, por aí fora, dando um exemplo vivo daquilo que sois, onde quer que vos acheis. Lembrai-vos, pois, de uma coisa, no alvoroço da vida, sempre e sempre: — o de que sois partícipes de uma mocidade, chamados e escolhidos, portanto, para a companhia do Cristo. E ele não quer a companhia dos que só e apenas o honram com os lábios, dos que só e apenas sabem dizer «Senhor! Senhor!» Ele deseja ter por companheiros aqueles que praticam os seus ensinamentos, a renúncia, a concórdia, a abnegação, o altruismo, a caridade — numa palavra — o amor! Sede dignos da companhia do Mestre, repetindo os seus exemplos! Provai, com vossas acções, que sois realmente Seus discípulos! Na Seara de Jesus só permanecerão os que pegarem no arado. A Sua seara é grande, e os trabalhadores são poucos. Jesus está chamando novos trabalhadores, dia a dia, para escolher dentre eles os que são dignos do seu salário. Vós fostes chamados; e sois os escolhidos. Tornai-vos dignos do vosso salário para que não sejais substituídos por trabalhadores mais diligentes.

Mocidades Espiritas!

Honrai a confiança que o Mestre depositou em nós! Sede com Ele, como Ele tem sido convosco! Lavrai a seara que Ele vos conferiu! Persisti no trabalho, de bom ânimo até o fim! Fazei dos vossos corações o principal elemento do alicerce da restauração do mundo!

(Volta Redonda. Estado do Rio de Janeiro).

LEMBRANÇAS INTUITIVAS

Por De PALMA MACHADO

Às vezes, ao passarmos por um caminho qualquer, defrontamos um certo pedaço de paisagem que nos faz recordar intuitivamente e murmuramos:

— Eu já vivi num lugar igual a este! Era isso mesmo. Uma casa antiga, assim mesmo, com esse riacho ao fundo. Aquela joqueira velha, derramando sombra na estrada, aquela touceira de cana na subida do barranco, aquele canteiro de malva-rosas perfumando a entrada da casa, aquelas sempre-vivas amarelas, era isso mesmo, eu já vivi num lugar assim! Quem sabe se não foi aqui mesmo?

Outras vezes, é uma cena que nos faz recordar por intuição: um homem escorrega e cai no mesmo instante em que do outro lado uma criança chora e um gato passa correndo, enquanto um homem que vai passando solta uma gargalhada com a graça do filho. E a gente, intimamente, pensa:

— Já vivi numa cena assim... Era exactamente isso. Não sei aonde, mas vivi num caso assim.

Que coisa engraçada! Outras vezes ainda, recordamos por intuição certos ambientes. Isso pode acontecer, por exemplo, quando visitamos pela primeira vez a casa de certo amigo, e, intimamente, comentamos:

— Esta casa já foi minha! Era assim mesmo, esta mesa de pés torneados, aquela velha poltrona metida naquele recanto da parede, com um travesseiro macio cobrindo a mola que o uso libertou, rompendo a tapeçaria, e que, ainda assim, é o assento gostoso da hora da palestra. Aquele relógio parado, aquele cabide de tronco, ao lado da porta da varanda... E aquele quadro e aquele jarro e aquele prato de faiança; não, esta casa já foi minha, já morei aqui.

Com pessoas, então, as lembranças intuitivas são frequentes. Encontros que nos fazem mal e encontros que nos fazem bem. Às vezes defrontamos certas pessoas, e ràpidamente mudamos o olhar para evitar qualquer aproximação. Nosso espírito repele, não gostou, não vai, o melhor é evitar. Talvez no futuro possa haver aproximação entre nós, quando formos mais evolvidos.

Em outras ocasiões, é precisamente o contrário. Gostamos de olhar certa pessoa num encontro ocasional. E nos vem uma vontade imensa de falar, de tocar, de conversar. Ficamos numa impaciência sem medida. Quase sempre se acaba conversando. E se constroem, assim, boas amizades. Porque, em regra, a primeira impressão é a que fica.

As lembranças intuitivas são assim, são verdadeiras no destino das pessoas. As almas têm encarnações conhecidas e desconhecidas; quando se tem projecção social, ou se vive anònimamente, com poucas amizades, ou sem nenhuma. No seio da sociedade humana ou espiritual tem a alma o seu lastro de possibilidades para evolver e essa evolução só se processa pela simpatia recíproca entre os espíritos. O local, o ambiente, as coisas, as pessoas, tudo que preocupou o espírito fica para as recordações intuitivas. Acabam-se os tratados, caducam-se as documentações, chamadas de importantes; caem no esquecimento os inquéritos e as diligências, mas fica no espírito o facto, na sua expressão real, para as lembranças intuitivas no futuro, sejam de remorso ou de saudade. Nada do que foi se acaba de todo, nem nas coisas, nem nos factos, nem a lembrança. O facto que passou renova-se pela lembrança, para que continui a lição em face à prova, e continui o bem pelo amor purificado.

Rio de Janeiro, 14-9-955.

Crónica Mundial

PINTURAS MEDIÚNICAS

Survie e *Forces Spirituelles*, de França, referem-se novamente às pinturas mediúnicas!

Depois de Augustin Lesage e de Victor Simon, M.me Clairac atraiu não só a atenção do mundo espirita, como também do profano, quando da sua exposição em Rabat — a cidade residencial de Marrocos.

Devemos desde já apresentar o retrato que nos deram de M.me Clairac: senhora muito culta, esposa dum magistrado e mãe.

Maroc-Presse comentou nestes termos:

«A pintura de Giffie (M.me Clairac) menos estética que a de Victor Simon (parece emanar de intenções simbólicas coloridas de surrealismo) esforça-se por expressar o invisível pela figura: desdobramento do ser, etc.... Dum cuidado menos plástico que espiritual, é empolgante pelo que nos revela acerca do perigo, da insegurança e da fragilidade da vida humana.

«As personagens mergulham muitas vezes numa atmosfera sobrenatural de grandes traços luminosos.

«Insistimos muito no seu carácter extra-pictórico, mas perturbante e um pouco ingénuo dos quadros de Giffie, que comunica a essas personificações do psiquismo humano uma estranha fascinação».

Segundo e *Vigie Marocaine*, M.me Clairac declarou:

«Eu sou apenas uma executante. Foi o meu guia fluídico quem me dirigiu a mão e escolheu o sentido harmónico das cores e me conduziu o espírito ao símbolo. Fui inspirada por uma força divina...»

No preâmbulo do opúsculo que editou e no qual o seu guia comenta o símbolo das diversas telas, M.me Clairac diz:

«O motivo desta exposição é fácil de provar: 1.º) A franca coabitação em si duma força desconhecida que só procura manifestar-se. 2.º) Que esta força, uma vez estabelecido o contacto, mantém com o ser humano uma longa conversa. Além diso, é a origem de todas as inspirações. 3.º) Que é inteligente, e às vezes exige um esforço na direcção do ideal».

Regozijamo-nos pelo facto desta exposição ter constituído mais um sucesso espirita.

FALAVA COM DOIS MESES DE IDADE

A revista *Constância* transcreve, no seu último número, uma notícia da imprensa brasileira, a que os nossos diários fizeram referência: um bebé que falava correctamente, apenas com dois meses e poucos dias.

Na verdade o caso é de pasmar; mas, se nos lembrarmos de que estamos nas vésperas dum novo ciclo, que deve despontar com uma autêntica transformação em tudo que actualmente constitui o nosso modo de vida, devemos aceitar esse facto como sintoma de tantas outras coisas que têm sido anunciadas.

Nestes 45 anos que vão decorrer, quantas e quantas surpresas não surgirão?

Uma nova raça, a que chamam a Sexta Raça, já está a despontar na América e dará início à futura Humanidade que será possuidora de faculdades — como o sexto sentido — até hoje conhecidas apenas em seres extraordinários.

O que agora nos surpreende, acharemos normal então, pois cremos provável vir a fazer parte dessa nova humanidade, nas nossas próximas reencarnações.

Estaremos em erro?...

UM CURADOR ITALIANO

O *Psyckic News*, de Londres, deu em Outubro a seguinte notícia:

«Em Itália, os curadores têm livre acesso no Vaticano. Em França, os intelectuais católicos estão a combater as actividades verdadeiramente cristãs dos curadores».

Assim escreve *L'Heure d'Etre*, o contemporâneo francês, fazendo comentários acerca da situação anómala que existe no Continente.

Ele publicou uma fotografia do grande curador italiano Achilles d'Angelo, tratando um dignitário da Igreja católica nos sagrados recintos do Vaticano.

A fotografia mostra o curador fazendo passes magnéticos à perna de Monsenhor Tulli, que tem a calça arregaçada por cima do joelho.

Achilles d'Angelo é visita do Vaticano, onde os seus serviços de curador são altamente solicitados.

O jornal francês lembra aos seus leitores que só o ano passado é que um alto prelado do Vaticano (Monsenhor Montini, agora arcebispo de Milão) se declarou curado pelos tratamentos de d'Angelo. E acrescenta:

«Ao contrário dos seus correligionários italianos, os católicos franceses submetem-se ao jugo da profissão médica, que é amargamente oposto a qualquer forma de cura que não seja ortodoxa. Implacável na sua atitude de loja fechada, faz uma verdadeira perseguição aos espiritistas.

«Não só alguns católicos são contra estas curas, mas também muitos chefes religiosos de outras seitas que se dizem cristãs».

Já famoso como curador entre os leigos e conhecido, mesmo fora dos círculos do Espiritismo, como o «Mago de Nápoles», Achilles d'Angelo conseguiu ganhar a estima dos médicos e colaborou com a medicina ortodoxa no seu trabalho de curas.

Os doentes pediram aos médicos que esse famoso psíquico os fosse ver, esse psíquico cujo magnetismo estava curando tantos, e desta maneira d'Angelo continuou a praticar o seu dom.

Vejam este notável contraste com o procedimento dos outros médicos franceses: o Dr. Claoué, Avenida Alphand, 12, Paris 16 ème, apresentou-se ousadamente ao lado dos curadores espirituais.

Sendo de opinião de que não é contra os interesses da medicina ortodoxa aceitar a colaboração de curadores como auxiliares da profissão estabelecida, este grande homem, tem auxiliado activamente a Organização dos Auxiliares Médicos.

Este grupo vai realizar um congresso em Paris, a 16 de Outubro, e todos os interessados podem comunicar com o Dr. Claoué, na morada acima indicada.

O Congresso Internacional de Sociologia Médica e da Medicina

Livre incluirá discussões sobre «Moral e Medicina» e «As perseguições feitas por quem não consegue curar contra aqueles que conseguem».

MATERIALIZAÇÃO DE ANIMAIS

O «Progreso Espirita» de Buenos Aires, num interessante artigo sobre «Materialização», de João Teixeira de Paula, dedica um capítulo aos animais, dizendo:

«Possuindo os animais uma alma conforme provas práticas obtidas por experimentadores da Ciência Psíquica, não é de admirar que esses nossos «irmãos inferiores» posam materializar-se. E conhecemos muitas comunicações nesse género.

O professor Ismael Gomes Braga relata, numa série de interessantes artigos publicados sobre a alma dos animais, numa revista paulista, o seguinte caso, digno de transcrição:

«Gustavo Geley, Ernesto Bozzano e outros cientistas, registaram inúmeros casos de materialização de espíritos de animais, em sessões de materialização. Cães, gatos, macacos, um animal desconhecido a que Charles Richet deu o nome de *pitecantropo* e um enorme leão, manifestaram-se por meio de materialização. Este último, batendo com a cauda nos móveis, causou pânico nos assistentes, que debandaram, provocando enorme comoção no médium».

Admirável também, por ser inédito, é o caso referido por Raoul Montandon: numa sessão à qual assistira, manifestaram-se cães que se agarraram à dentada durante uns cinco minutos. Comenta o nosso autor:

«Latindo muito debilmente, desapareceram logo que o guia os separou. Não havia cães na sessão, e posso jurar que não estávamos alucinados, nem éramos vítimas de sonho».

Os melhores médiuns de materializações de animais foram os polacos Kluski, Guzyk e Burgik, as americanas Etta Wriedt e Margery Crandon, os italianos Forletta e Politti e poucos mais.

Em São Paulo fizeram-se experiências a esse respeito, com resultados satisfatórios.

Também a «Voz Informativa», de Julho último, nos dá um largo relato da autoria da sua Directora acerca da materialização de um gato muito estimado dessa nossa prezada confrade.

O artigo intitula-se «Um Grande Amigo» e é acompanhado da fotografia do belo animal, de quem Madame Benavides disse:

«O meu pobre e carinhoso gato morreu, mas continua junto de mim. Não; não vive na minha recordação; é que realmente o senti em várias ocasiões; senti a sua presença física. E mais do que nunca senti a grande verdade: NADA MORRE; o que uma vez existiu, nunca deixa de ser. Apenas se transforma.

A alma daquele gato demonstrou um grau de evolução pouco vulgar e algum destino deve seguir na cadeia infinita do progresso.

Oxalá que ao voltar para a verdadeira pátria do espírito, ele venha receber-me com um suave «miau» de alegria e uma expressão de ternura nos seus estranhos olhos bicolores».

Quão desconhecido é o mundo dos animais! E quanto lastimamos que haja ainda quem os considere como meras coisas, quando, afinal, sentem, sofrem e pensam e até chegam a ultrapassar nobremente o raciocínio de alguns seres que, de humanos, apenas têm a forma!

EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS

Two Worlds, de Londres, publicou há tempo um artigo do conhecido jornalista e médium inglês Horace Leaf, no qual reúne as suas primeiras quatro experiências psíquicas, que não deixarão de interessar os leitores.

Horace Leaf é também conferencista notável, tendo feito algumas digressões pelos Estados Unidos da América e noutros países anglo-saxónicos.

Diz ele que o seu primeiro momento espiritual eclodiu quando consagrou a vida a Deus, como cristão evangelista. Viveu um mês sem «pecar», mas esse sacrifício foi compensado com alegria e tranquilidade inefável. Nesta experiência radicou-se no seu espírito a certeza da existência de Deus, embora nada soubesse a respeito da sua natureza formal.

A segunda verificou-se à cabeceira de um familiar que se encontrava moribundo, com cancro pulmonar. Fàcilmente notou que o doente tinha sido purificado pelo sofrimento.

A terceira desenrolou-se com o desenvolvimento da sua mediunidade e convenceu-o de que a morte não é o fim da vida, mas um problema digno de estudo e que não deve infundir receio.

A quarta realizou-se no Hospital da University College, antes da guerra de 1914. Estava anestesiado e viu-se num estado superior de consciência, cheio de alegria inexplicável. Notou então que se tratava do seu mundo real, o mundo a que pertencia. Nesse momento usava vestuário semelhante ao dos filósofos da Grécia antiga e não acreditava na reencarnação.

Sobre a natureza especial desse mundo nada pode dizer. Diz que a razão disso deve basear-se na diferença considerável entre essa região e a Terra, por isso que a sua consciência normal não pode apreender tal estado. Mas lembra-se de que o corpo era tridimensional.

Quando voltou ao corpo nada mais conseguiu observar. À medida que voltava ao estado consciente, ia-se extinguindo a percepção mental, perdendo-se totalmente, ainda sob os efeitos da anestesia.

Ao chegar ao corpo físico, que jazia inerte na mesa operatória, reparou tristemente que era necessário regressar à vida planetária. Nesse instante não sentia o corpo como realidade e pôde comprovar que a Terra era uma grande ilusão dos sentidos.

Então viu que estava sujeito à lei de Deus e que Deus é a Lei. Por isso tinha que aceitar os factos e juntar-se ao corpo material. Nesta conformidade sentiu-se como se Deus fosse.

Durante as duas longas horas que levou a recobrar os sentidos, teve ensejo de analisar todos os estados mentais que ia atravessando.

Uma das maiores descobertas que realizou deu-lhe a convicção de que os acontecimentos terrestres pertencem ao corpo somático; não pertencem à alma humana.

Finalmente o seu regresso definitivo ao corpo comparou-o ele a um eclipse, ou seja a volta à prisão donde saira.

— À medida que voltava ao estado de consciência — afirma ele — ia recobrando a memória por fases definidas, dir-se-ia ligadas intimamente a grupos de células específicas. Isto me permitia suportar melhor os contra-tempos da existência, pois compreendi totalmente o que de outra maneira me teria sido impossível.

Notas & Comentários

UNIÃO ESPIRITA BAHIANA

Esta veneranda instituição comunicou-nos o empossamento dos corpos gerentes que regerão os seus destinos no biénio 1955-57, ficando assim constituída:

Assembleia Geral — Presidente: Dr. Abílio Silva Lima; Vice-presidente, Manuel Cruz; 1.º Secretário, Cristóvão Silva; 2.º Secretário, Johann Jacob Sentages. Directoria: Presidente, Dr. Pedro Domingos Ribeiro; Vice-presidente, Aurelino Mota Carvalho; 1.º Secretário, Dr. Emanuel Lewton Moniz; 2.º Secretário, Paulo Alberto; 1.º Tesoureiro, João de Deus da Silva; 2.º Tesoureiro, Armando Dias Andrade; Bibliotecário, Engenheiro João Vivas Oliveira. Comissão de Contas: Alcibíades José de Oliveira, Deodato do Amaral Baptista e Octávio Lidger Conrado.

A União Espirita Bahiana é uma agremiação muito conceituada, que merece o auxílio de todos, pelos seus objectivos humanitários, pois dispõe de gabinete médico e gabinete dentário e serviço de distribuição de roupas e géneros alimentícios.

Além disso, é seu desejo fundar um sanatório para doentes mentais desvalidos, no terreno que adquiriu para esse fim.

Conhecemos todos estes amigos e temos a certeza de que impulsionarão a simpática colectividade, proporcionando-lhe dias de maior glória. Como lhes prometemos, em nossa passagem por Salvador, «Estudos Psíquicos» aqui fica à disposição de tão operosos trabalhadores.

INSTITUTO ARGENTINO DE PARAPSICOLOGIA

Do Departamento de Investigações Científicas deste Instituto recebemos a seguinte nota, com o pedido de publicação:

«A fim de estudar os fenómenos de projecção da E. S. P. (projecção da percepção extra-sensorial) este Departamento solicita pormenores de comprovações realizadas neste campo, com vista aos sensitivos adequados a semelhantes trabalhos.

«As projecções da E. S. P. equivalem aos fenómenos de bilocação, desdobramento e viagens astrais.

«Também se pede resposta a esta pergunta:

«— Já viu alguma vez o seu duplo flutuando no ar e ao lado do corpo físico?

«Na Universidade de Duke obtiveram-se 20 % de respostas afirmativas nos alunos consultados.

«A correspondência deve ser enviada ao Presidente do Instituto Argentino de Parapsicologia (Engenheiro José S. Fernández), Calle Abrina, 2607, Buenos Aires, Argentina».

A REENCARNAÇÃO

O Boletim Espirita, órgão do «Ateneu de Propaganda Espirita Allan Kardec», de Buenos Aires, dedica o seu artigo de fundo, de Agosto último, à tese que apresentou no 1.º Congresso Espirita sobre a reencarnação.

Nesse excelente artigo expõe largamente o alto significado do assunto que, no seu aspecto filosófico, destrói a tese das penas eternas, como lei de Deus.

Explica e realça a teoria das vidas sucessivas e o quanto a reencarnação tem de útil na evolução humana, citando ao mesmo tempo Allan Kardec, como insigne mestre de uma sã doutrina.

O articulista termina afirmando que só mediante a reencarnação se verifica o progresso ascendente da humanidade.

Esta é também a nossa convicção.

EFEITOS DA BOMBA ATÓMICA

Conciencia, de Buenos Aires, colheu a seguinte nota em L'Information, de Paris:

«É difícil conhecer verdadeiramente o efeito das experiências termonucleares, visto possuirmos delas noções muito vagas. Dez anos depois dos bombardeamentos atómicos de Hiroshima e Nagasaki, ainda não se puderam avaliar os perigos inerentes à hereditariedade individual e colectiva. Teremos de esperar três ou quatro gerações (a Natureza trabalha lentamente), ou talvez mais, para melhor fixar as terríveis consequências dessas explosões.

«Segundo informações dadas pela União de Parteiras de Nagasaki, está demonstrado que, em cada sete crianças japonesas, uma nasce anormal, verificando-se ali percentagem elevada de mortos nos recém-nascidos cuja autópsia revelou a inexistência de cérebro. Outras crianças nascem sem olhos, nem órbitas.

«O Prof. Nilhiwaki, que está realizando uma série de conferências em viagem pelo mundo, termina a sua exposição, dizendo: «Somos o único país que experimentou a explosão atómica e temos consciência da responsabilidade que essa experiência dá. Por isso é nosso dever chamar a atenção de todos os países, a fim de exigir que terminem as experiências nucleares».

Não fazemos comentários, tão elucidativas são as palavras de L'Information.

«O ESPIRITA MINEIRO»

Caiu em nossas mãos O Espirita Mineiro, de Belo Horizonte, edição relativa a Julho-Agosto últimos, com farto noticiário sobre a reunião de entidades federativas e estaduais na sede da Federação Espirita Brasileira.

É sempre com grande prazer que lemos este mensário da União Espirita Mineira e não podemos esquecer o Ademar Dias Duarte e o Bady Curi, dois grandes amigos que nos encheram de amabilidades inestimáveis.

A nossa viagem ao Brasil deve-lhes boa parte do seu triunfo. De solicitude que tocava as raias da amizade perene, nunca os evocamos sem enorme saudade a esmaltar o nosso espírito.

O Espirita Mineiro é dos melhores jornais brasileiros ao serviço da doutrina espirita e para isso muito concorre a arte e a cultura do Dr. Ademar, que é um beletrista apreciado pelos amantes do vernáculo.

Quando este número de Estudos Psíquicos lhes chegar às mãos, já terão correspondência do amigo distante, mas presente na sua vasta obra.

Noticiário

A CHEGADA DO NOSSO DIRECTOR

No último número de *Estudos Psíquicos* dissemos que o nosso Director chegaria a Lisboa em fins de Setembro e teríamos o prazer de o ver presidir à reabertura do Centro Luz e Amor, marcada para o domingo 2 de Outubro. Mas «o homem põe e Deus dispõe», como diz um rifão popular, e tudo foi alterado.

Devido aos recentes distúrbios na Argentina, o «Vera Cruz» ficou retido em Buenos Aires mais dias do que era de esperar, e desta forma só no dia 7 de Outubro, pelas 13 horas, Isidoro Santos chegou a Lisboa.

Risonho e bem disposto como sempre, abraçou todos os confrades que o foram esperar no Cais da Rocha de Conde de Óbidos. Entre eles, salientamos sua esposa e filho, João José Pilar e esposa, Marecos Henriques, D. Ivone de Sousa, António Cardoso, etc.

Num primeiro contacto connosco, Isidoro Santos disse que vinha maravilhado com o que vira e ouvira no Brasil e com os espiritas brasileiros, que dispensam toda a boa vontade ao progresso da Causa. Disse-nos ainda que tem muito a contar da sua longa viagem e vem cheio de energia e desejos de trabalhar em prol do Espiritismo.

Que os Guias Espirituais ajudem o nosso dinâmico director a cumprir a sua nobre e alta missão é o que todos nós muito sinceramente desejamos. — **A. C.**

DR. PEDRO DIAS DE SOUSA

Estamos muito gratos ao nosso particular amigo Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa pelo inestimável concurso que deu à organização de *Estudos Psíquicos* durante a nossa ausência no Brasil. Espiritista da velha guarda, mentalidade forte ao serviço de um ideal superior, contribuiu decisivamente para que esta revista se mantivesse no seu nível, com agrado de todos. E embora saibamos que não gostará desta nota pública, seríamos injustos se a não escrevêssemos.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE SETEMBRO

Mais um brinde de livros espiritas relativo ao mês de Setembro último, atribuído a D. Urânia da Silva Jácome, de Ponta Delgada, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

UM APELO

No nosso regresso do Brasil notámos com tristeza o desinteresse que os espiritas portugueses demonstram pela beneficência. Assim, as nossas secções deste género encontram-se esgotadas, sem recursos, dir-se-ia que um vento desolador açoitou as almas, levando-as para estradas largas de comodismo e perdição. Que saudade do que vimos na Terra do Cruzeiro! Que saudade daquele Espiritismo sadio que entra no coração como fluido vitalizante!

Amigos! Dai alguma coisa aos que nada possuem. Talvez um dia necessiteis do socorro que os outros impetram.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE NOVEMBRO DE 1955

Grupo de irradiação mental

Todas as quintas-feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, com a médium D. Deolinda Robalo e dirigido por António Pereira da Silva.

—

Dia 1, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «O que eu vi no Brasil».

Dia 15, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Problema dos Estigmas».

Dia 29, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Grupo ««General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 13 de Dezembro, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Aproxima-se o Natal...

...e os espiritos portugueses não podem ficar insensíveis à necessidade de tantos irmãos que lutam tenazmente pela vida, quantos deles a braços com a doença, que os vai minando dia-a-dia. Que o exemplo dos anos passados se mantenha no ano corrente. Ultrapassemos hoje o esforço de ontem. Retiremos do nosso orçamento alguns escudos e façamo-los circular em prol dessas criaturas. «Quem dá aos pobres empresta a Deus». O que dermos ser-nos-á endossado no futuro.

Incluso encontrareis um impresso distinado à subscrição do Natal. Preenchei-o, queridos leitores, e devolvei-o acompanhado de qualquer importância. A vida vos correrá melhor, distribuindo com os outros o que vos foi dado...

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Setembro — I. S., de Lisboa; C. E. L. A., de Lisboa, 50$00; Brindes de Livros Espiritas, 67$50. Total — 137$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Casas Mal-assombradas	50$00	
Narrações do Infinito	30$00	
Stella (romance astronómico)	50$00	
Urânia	40$00	

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00	
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	28$00	40$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	38$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	28$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	60$00	
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	60$00	
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas		55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	36$00	48$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	42$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00	
Pérolas do Além	28$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	54$00	64$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	34$00	46$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	20$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	25$00	

OBRAS DIVERSAS

A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	45$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	32$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	45$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	200$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	55$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00	72$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda,* 4 volumes	160$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a *Fernando de Lacerda*	30$00	42$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	45$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00	
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	32$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	36$00	46$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*		40$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espíritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00	
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	24$00	
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier*	30$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	40$00	52$00
Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	40$00	52$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	
Mediunidade (A), por *Edgar Armond*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	32$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	32$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	30$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle* (conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»)	23$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	35$00	47$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	28$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espíritas, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	40$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	60$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	30$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	50$00	
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	35$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espírita por *Fernando do Ó*	28$00	
Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy*	30$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	30$00	42$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	60$00	
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	35$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ABEL GOMES

(ver pág. 325)

CONTÉM: Quatro Obreiros, da **Redacção**; A Lei dos Renascimentos, pelo **Dr. Paulo Hecker**; Vida e Obra de Abel Gomes, pelo **Dr. Amadeu Santos**; Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas, por **Deolindo Amorim**; A Reencarnação vista por um Frade «Ab Ovo», pelo **Dr. Carlos Imbassahy**; No Reino das Borboletas, por **Irmão X**; O Espiritismo nas Religiões, pelo **Coronel Delfino Ferreira**; Carta a Um Materialista; Soliloquio, por **Manuel Cavaco**; Médium que Revela Parte do Teste Final de Oliver Lodge, tradução de **I. D. S.**; Poesia e Trabalho, por **Virgílio Sobrinho**; Ecos de Uma Viagem, por **Isidoro Duarte Santos**; O Dever da Mulher, por **Henrique Magalhães**; O Nosso Grupo, por **André Luís**; Os Espiritas e a sua Imprensa, por **Tito L. Bancéscu**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; A Lei do Progresso, por **Pietro Ubaldi**; A Grande Viagem, por **De Paula Machado**; A Vez do Agostinho Pereira de Sousa, por **Leopoldo Machado**; Pensamentos de Marco Aurélio; Aproxima-se o Natal; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros Novos.

16.º ANO NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 1955 N.os 11-12

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Vitória**	*Dr. Ayrton Machado*
Curitiba	*João Ghignone*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
	Zalmino Zimmermann	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Rio Grande	*Armando O. Couto*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Aracajú**	*José Elson Fontes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*	**Juiz de Fora**	*João dos Santos Coragem*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Três Rios**	*Acir Faria*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*	**Rio Preto**	*Lázaro Camargo Ehmke*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*	**Paranaguá**	*René Risental*
		Florianópolis	*Osvaldo Melo*
		João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), moeda equivalente a 70$00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
ALLAN KARDEC	
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00
LÉON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

16.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 1955 — N.os 11-12

Redactor	Director Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

QUATRO OBREIROS

Outra revoada a caminho da pátria espiritual... Chelmicki Afflalo, Francisco Spinelli, Henri Regnault, Agostinho Pereira de Sousa, quatro arautos, quatro esteios que tão grande peso suportaram. Acabam de chegar, talvez ainda não tenham limpado o pó das sandálias. Como o tempo passa! Há pouco estavam connosco, tomavam parte em nossas obras, ouvíamos suas exortações e admoestações. E agora tudo passou. Suas vozes emudeceram, embora seus espíritos continuem a vibrar. É a vida, é a realidade ou a ilusão — quem sabe? — de um ápice, dentro ou fora do tempo.

Por causa desse instante fugaz, quantos trabalhos, quantas loucuras, quantas intempéries! São as canseiras do dia e da noite, as apreensões, a indigestão e a fome, o delírio e a desgraça, a riqueza e a miséria... O sol e a sombra, o alto e o baixo...

Aqueles quatro amigos eram garimpeiros do Ideal. Procuravam coisas preciosas no monturo da Terra. Queriam humanidade nova, escoimada e purificada. Não pactuavam com o desregramento. Imaginaram uma sociedade em que os homens fossem cumpridores, ligados ao dever, e sofriam.

Estavam num mundo e passaram a outro. Sabem que não há compartimentos estanques entre a terra e o céu, que o espírito continua na marcha ascensional. E pouco devem estranhar. A transição é aprendizagem. Qualquer deles conhecia o assunto. Quando se ignora a situação, o caso é mais grave. Mas, assim, não. Tudo está facilitado.

Quatro obreiros que partiram, nas asas da vibração. Cada qual tem a sua. São quatro marchas diferentes direitas ao ponto comum.

Conhecêmo-los e admirámo-los. Não porque fossem perfeitos, mas porque foram sinceros. A perfeição é relativa. Por mais que se esforce, o homem não consegue imitar o belo. Esse está nas obras de Deus. É de apreciar e contemplar e não de copiar. Mas todos merecem a nossa lembrança e a nossa saudade.

Nós protestamos contra a morte e a cada instante a vemos suportar a vida. É o hábito, afinidade indiscutível a tocar o coração, a fazê-lo sangrar. A convivência, o trabalho comum, a generosidade mútua, a cimentar amizades que vieram de longe.

Estes amigos pensavam o mesmo em relação a outros que se foram. É assim a vida...

No fundo, tudo está ligado. Os dois mundos interpenetram-se. Somos partículas cósmicas que se adaptam ao meio ambiente. E reagem conforme as dificuldades.

O Chelmicki parecia duro, mas tinha sensibilidade. O Spinelli parecia brando, mas era organizador e enérgico. O Regnault parecia doente, mas dava exemplos de força e de valor. O Agostinho parecia vulgar, mas era intuitivo e observador.

A diversidade na unidade adaptava-se a cada um deles. De outro modo teriam sido zeros à esquerda. Assim, não. Emergiram do vulgo, tiveram admiradores e opositores. É preciso que os homens se distingam por qualquer coisa, que não façam parte da massa amorfa. Para isso a luta se impõe, porque só ela tempera e selecciona. Quem não sabe lutar, não sabe viver. O «dolce farniente» é para os nulos. A luta exercita, a luta encoraja, a luta ensina o caminho do triunfo.

Estes quatro ganharam seu quinhão de glória na faina terrena. Soldados da vida humana, a humildade os condecorou e honrou.

Eles não morreram. Ficaram em nossas almas, como legendas de trabalho. Apontemo-los aos coevos e aos vindouros. Se os imitarem, poderão morrer tranquilos. Terão legado exemplos de honestidade e verdade.

Outra revoada a caminho do Além... Ide, peregrinos do universo. Onde estiverdes, esteja sempre o vosso coração. Amai, suavizai, amparai, como fizestes deste lado. O prémio estará convosco, seja qual for a marcha dos séculos futuros...

Opõe-se à teoria reencarnacionista que é uma lei natural, a hipótese da unicidade de vidas, mera afirmação humana fundada na presunção das almas serem criadas para os corpos que nascem. Diante do superlativo absoluto das perfeições divinas, uma só travessia planetária é absurdo, de vez que impossibilitaria a explicação das disparidades terrenas, pois ninguém ousará asseverar que Deus criasse criaturas à sua semelhança para fins diferentes.

A multiplicidade de vidas permite se faça ideia sã do diapasão moral da justiça divina estabilitado nos Evangelhos: — «A cada um, consoante as suas obras». As almas em encarnações sucessivas ficam sujeitas em consequência dos seus passados a situações especiais, sempre úteis e propícias aos próprios desenvolvimentos espirituais.

A concepção da vida única torna incompreensível a diversidade de aptidões, porque a filiação divina do homem revelada por Cristo, não se coaduna com a existência de crianças belas e precoces ao lado de outras mongolianas e imbecilizadas sem nenhuma possibilidade de vida normal; dos que morrem ao nascer e dos que vivem longamente; de ricos e pobres; de bons e maus.

Nenhum critério de justiça justificaria a concomitância desses extremos gritantes. Por que punir ou premiar quem não tem obras algumas, nem possibilidades de conscientemente as realizar? Como conceder destinos idênticos aos que lutaram durante uma larga jornada e aos que pereceram na primeira infância? Sobe de ponto a impossibilidade de solução a essas perguntas ao se atentar para o facto de que os partidários de uma só vida supõem que as almas, depois da morte do corpo, vão para lugares fixos e determinados, conforme tenham sido boas ou más, e que lá permaneçam eternamente de modo constante e irremissível em contemplação beatífica paradisíaca, ou sob os tormentos infindáveis de penas infernais.

A confusa situação gerada por tal corrente levou os seus corifeus, na ânsia de harmonizarem a mesquinha situação humana com os atributos perfeitos da Divindade, a inventarem cerimoniais e práticas materializadas de culto externo, a fim de conseguirem milagrosas compensações sobrenaturais, independentes do mérito de cada um, que legitimassem a primitividade grosseira do seu ponto de vista que, sem tais recursos, seria incrível por injusto e iníquo.

As muitas vidas dadas ao espírito facultam-lhe recomeçar as tarefas de que se não desencumbiu em novos corpos e meios vários, que lhe favoreçam o avanço nos sectores que se mantiveram em atraso, iluminando-lhe as facetas obscuras. Destarte, fazem inteligível a imortalidade da alma com a eternidade, para efectivação do indefinido progresso espiritual.

Não se concebe vida eterna para condenar os seres à estagnação, privando-os do seu dom mais singularizante que é a actividade.

A ideia da vida única deu lugar ao surto do ritual religioso, a que foi arbitràriamente emprestada força de influir na sorte das almas, como se se pudesse admitir que actos de terceiros fizessem variar as leis da aferição do mérito, mòrmente quando realizados por profissionais cuja reiteração habitual projecta na rotina que desfaz qualquer provável valor moral.

Todos têm de levar a sua cruz ao próprio Gólgota. A ninguém é dado depor a sacola

A LEI DOS R

Pelo Dr. PA

(Correspondent

de suas misérias à porta dos outros. Mesmo entre pessoas que se amem e recìprocamente se desejam auxiliar, não pode uma arcar com as provações da outra. No máximo, ser-lhes-á dado encorajarem-se em assistência amorável e solícita, cordialmente impedindo desfalecimentos e ensejando boas decisões.

A responsabilidade é positiva, não há fugir. Cada um é forçado a responder por suas acções. Livre de as praticar, torna-se escravo de suas consequências. O nexo causal entre o procedimento e os seus resultados, por vezes escapa à percepção dos agentes; todavia, nem por isto o princípio geral da lei de acção deixa de se exercer com certeza total. As messes correspondem com exactidão às semeaduras, em espécie e intensidade. Aos bons advirão harmonias e aos maus, desagrados, na medida exacta do bem e do mal feitos.

A indefectível justiça divina é oportuna, nunca falha nem tarda, e jamais reveste forma de prémio ou castigo, porque sempre se

configura na entrega daquilo que a cada um pertence, outorgando por acréscimo e na directriz das virtualidades respectivas, os mais eficientes motivos de progresso espiritual. Os meios comuns de que se servem as Leis Cósmicas para auxiliarem o homem em sua marcha ascencional para a perfeição residem, ora em conceder-lhe o pesar e o remorso para os conduzirem ao arrependimento e à impossibilidade de reincidência, ora na magnífica sensação de felicidade que induz a perseverar no bem.

O homem ciente e consciente de que está obrigado ao cumprimento dos seus deveres, usa o livre arbítrio para se descartar das tendências más e viciosas, procurando tirar o maior aproveitamento das lições da experiência na directriz de se melhorar.

A verdade reencarnacionista, porque só se recebe o que tiver sido conquistado por esforço e mérito próprios, convence o terrícola de que tem de resgatar suas faltas e conquistar os atributos que o habilitem a aproximar-se de Deus, além de ser fonte inexaurível de encorajamento e garantia segura de êxito.

A hipótese contrária prega um futuro de humilhações e penas eternas, levanta a ideia de vingança e encoleriza por punir inùtilmente, de vez que o justiçado não se pode mais reabilitar.

Os reencarnacionistas cristãmente adoram a Deus, Pai de Misericórdia, em Espírito e Verdade; e os adeptos da vida única julgam-nO cruel e O temem. Não pode haver amor onde existir o medo.

A observação demonstra que os acontecimentos naturais corroboram o facto da multiplicidade de vidas; assim, as precocidades impressionantes atestam que as crianças-prodígios adquiriram antes de nascer os conhecimentos que ostentam; a vocação franca para um determinado fim cuja realização não encontra dificuldade e prescinde de prévio aprendizado especial caracteriza a pré-existência da alma; os Espíritos Modelos que perlustram trajectórias luminosas, destacadamente Jesus, o maior de todos, apenas por existirem, comprovam que o saber e a santidade de que são dotados não foram adquiridos numa encarnação, mas que os trouxeram de pretéritas vidas.

Não se pode irrogar a Deus a falta de equidade de O supor capaz de criar filhos de humos vários para objectivos diversos. Os que já atingiram graus eminentes de puridade destacam-se apresentando-se como eleitos, enquanto que os espíritos novos, ainda atrasados, mostram-se pequenos. Logo, se Deus criou as almas não foi para eternamente desgraçá-las. Fora livre de as criar ou não; se o fez, foi para destiná-las à felicidade por purificação e aperfeiçoamento perenes.

Os que tombam, pontificam as escrituras, serão reabilitados. Na verdade, não há culpas irresgatáveis. E as suas remissões não se efectivam pelo cumprimento de penas, porém pela reposição dos equilíbrios desfeitos. Do ângulo das vidas sucessivas, verifica-se que novas oportunidades surgem, de modo que quem mata não deve ser morto; ao invés, precisa viver, e salvar uma vida, para resgatar sua dívida.

O erro de acreditar que a Providência castiga, decorre de presumir que a Sua misericórdia se exerça à maneira da justiça humana. Admitir castigos divinos equivale a proclamar que o mal se eternize na Criação, enquanto que acreditar no resgate da falta pelo culto do bem e exercício da caridade, efectuados oculta e desinteressadamente, faz certo que o bem é o escopo da Natureza, o «caminho estreito» que conduz à meta da perfeição.

A reencarnação mostra que os afectos se prolongam e aumentam, mesmo depois do regresso à pátria comum. E, acima disso, o amor que Jesus disse ser a síntese de tudo, do lado de lá, quando se está mais próximo de Deus, aumenta. Não é dado crer que mães devotadas e amoráveis, por boas, sejam felizes no céu, vendo seus filhos estremecidos atormentados no inferno.

Se o altruísmo é o meio de deslocar o género humano dos planos inferiores para guindá-lo aos páramos de luz, é inacreditável que no Além prevaleça o egoísmo. As almas serão tanto maiores e melhores quanto mais real e ampla for a sua capacidade de amar e renunciar, de desinteresse e humildade.

Setembro de 1955.

NASCIMENTOS

O HECKER

n Porto Alegre)

VIDA E OBRA DE ABEL GOMES

Pelo Dr. AMADEU SANTOS

Abel Gomes é hoje um nome aureolado de um sentimento de respeito, sempre pronunciado com reverência carinhosa. Por intermédio dele atendia um brasileiro de vida modesta, cujos feitos lhe deram nomeada, cujas referências encomiosas se projectaram por todos os Estados da Federação e talvez pelo estrangeiro. Lidando em um lugarejo do interior de Minas Gerais, poderia ter desaparecido do cenário do mundo objectivo envolto na algidez do anonimato, sem que dele se lembrassem nem preocupasse ninguém. Simples, pobre e doente, não fosse o seu corpo portador de espírito lúcido, empreendedor, operoso e decidido, com atributos de nobreza e altruismo, por certo que a geração que aí está já o teria esquecido inteiramente. Graças, pois, aos predicados superiores, às qualidades genuinas de diligência e utilitarismo que ornavam o seu carácter, é que a sua recordação afectiva e salutar se impõe, a cada passo, ao justo preito dos seus contemporâneos, tudo indicando que essa espécie de culto de saudade e ternura se há-de reflectir nos pósteros, incoercivelmente, mercê dos exemplos que dignificaram a sua vida de homem do povo, sociólogo e evangelizador dos modernos bárbaros, que ainda os há, infelizmente, em número alarmante.

O ESPIRITISTA

Era ele deísta, cristão, adepto do Espiritismo, tendo sido um dos desiminadores da doutrina reencarnacionista que mais fizeram pelo prestígio dela, no seio das massas brasileiras, atingindo pessoas de todos os níveis culturais. Aceitara a codificação kardeciana pelo estudo, tendo influído na sua conversão, segundo lho ouvimos dos próprios lábios, o livro «Depois da Morte», de Léon Dénis. Alcançou a fé raciocinada, preconizada pelo iluminado de Lyon, depois de acurado aprendizado, à custa de estudos sérios, meditações intensivas, solucionando uma problemática própria que lhe havia de influenciar a formação de uma personalidade rígida, moldada em preceitos morais inflexíveis, rigorosos, que lhe não daria margem para uma leve condescendência com o despudor, o desvario e a solércia. O seu grande poder de persuasão, como mediador do bem, da solidariedade e da pacificação, ele o usava sempre sem pruridos de afectação nem ressaibos de vanglória. E aí se assentava, justamente, o admirável processo de cooperação fraternista, sem mistérios nem mecanismos complicados, que amiude atrapalham ou ensandecem os pseudo dirigentes.

O PREGADOR

Abel Gomes pregava simplesmente, sem planos mirabolantes, com naturalidade. Não era orador consumado, esquivando-se sempre que podia, da tribuna. Preferia pregar pela palavra escrita, sistemàticamente, através de suas produções literárias e poéticas, de grande profundidade, estrutural e substancialmente. Sua doutrinação oral circunscrevia-se ao recesso íntimo de seus inúmeros admiradores, o que lhe proporcionava recrutar um círculo de discípulos e seguidores, influenciados pelas suas oportunas elucidações e salutares conselhos. Ouvindo-o com aquele sentimento e admiração que sempre nos inspirou, tínhamos em mente projectar e revigorar os cenários dos colóquios de Sócrates e seus sequazes. Muitas vezes, com efeito, a significação das reuniões, na sua oficina de trabalho ou no seu leito de enfermo do corpo, assumia as características dos diálogos socráticos, de que nos dão notícia as sonorosas e doces narrativas de Platão. Verdade — confesse-se — que se deverão salvar as distâncias, mais, talvez, pelo apoucamento dos interlocutores, pela inanidade ambiental e outros factores que será óbvio adivinhar. Mas que a semelhança das situações é provável, ninguém, certamente, negará.

O EXEGETA E PERSUASOR

Cuidadoso exegeta, Abel Gomes esmerava-se na interpretação dos textos bíblicos, perlustrando o Velho e o Novo Testamento, com visível facilidade, ensinando pacientemente, dentro do seu processo de persuasão, horas a fio, a excelência das profecias e o exacto sentido das parábolas. Essa, a preocupação preliminar, com método comparativo, pretendendo seguidamente o confronto com os princípios gerais da Doutrina Espirita. Servia-se, de ordinário, da ilustração das teses com a remissão aos factos da vida de relação, valendo-se dos vastos recursos da experiência, auridos no lidar constante com os seus iguais e na captação das vivências pessoais, muitas vezes dolorosas e cansativas, porém úteis e necessárias. Mas a sua preferente maneira de ensinar e convencer era a do exemplo indefectível, procurando aplicar, pela acção, no seio da vida social, aos olhos de todos, os preceitos doutrinários mais difíceis de praticar, por implicarem activo desprendimento, sublime renúncia e abençoados sacrifícios! Como se vê, a sua pregação usual e mais eficiente tinha, pois, por pedestal, um sentido pragmatista, consubstanciado na actividade, na acção, visando impressionar pelo espírito de decisão, fundado no exercício efectivo das normas morais que devem nortear uma vida altamente destinada a servir de paradigma a gregos e troianos, crentes ou incrédulos. Eis porque o desfolhar do livro da existência terrena dos legítimos benfeitores da colectividade se impõe como necessidade do espírito de imitação, quando não basta a rudeza dos imaturos, como regra imperiosa de comportamento, pela simples apreensão e consequente convencimento de um aprimoramento espontâneo, facultativo, literário.

DADOS BIOGRÁFICOS ESSENCIAIS

Abel Gomes descendia de intrépidos desbravadores e colonizadores de origem lusa, sendo tetraneto de Braz Pires de Farinho, oriundo da terra algarvia — que a longevidade dos séculos não apagou de todo a influência mourisca — fundador de Braz Pires, actual distrito pertencente ao município de Piranga, região mesopotâmica formada pelos

rios Piranga e Chopotó, fertilíssima e ainda hoje próspera e florescente, onde vivem ainda muitos descendentes seus; era filho de António Gomes, radicado no arraial de Conceição de Turvo, actual cidade de Senador Firmino. As famílias Farinho, Gomes e Sousa Lima constituem uma confluência sanguínea que serviu de lastro a uma ilustre e operosa geração de mineiros participantes da formação de nossa nacionalidade, cujos efeitos são hoje quase inteiramente ignorados, face ao desleixo a propósito das nossas coisas e da nossa gente. Os descendentes dessas famílias estão hoje disseminados pela chamada Zona da Mata, continuando a tradição do trabalho e honradez, que aqui podemos atestar sem rebuço, visto que é esse o nosso convencimento pessoal, dado o convívio que tivemos com muitos deles, principalmente nas localidades de Astolfo Dutra, Ubá, Viçosa e Dom Silvério.

ASTOLFO DUTRA GUARDA-LHE AS CINZAS

A terra natal de Abel Gomes é a antiga Conceição do Turvo, que o viu nascer no dia 30 de Dezembro de 1877. A localidade, porém, que mais lhe deve, é justamente aquela, pela qual muito suou, lutando pelo seu progresso e na qual morreu no dia 16 de Agosto de 1934. Suas cinzas lá estão no cemitério adusto, cansado, velho e decrépito, sem os ornamentos da arte necrológica, quase despido, impassível, estático, à espera dos novos despojos daqueles que findam as suas tarefas terrenas. Foi nessa terra altaneira e aprazível, na qual se espreguiça, sonolento, o tranquilo Pomba, de águas mansas e fertilizantes, que a obra de Abel Gomes germinou e se desenvolveu, de sorte a torná-lo estimado de quantos tinham a dita de acercar-se dele.

O PROFESSOR

Anteriormente, exercera o magistério secundário em Viçosa e Cataguazes, leccionando Português e Matemática. Era autodidata, não tendo cursado nenhuma Faculdade e, mesmo no Ginásio, a 1.ª vez que entrou foi justamente para ensinar, transmitindo, certamente, os conhecimentos auridos na Academia da Espiritualidade, no pertinente aprendizado das vidas sucessivas. Não obstante, era dotado de uma cultura sólida, revelando-se, sempre, esclarecido e competente, em tudo demonstrando verdadeiro aprimoramento humanístico.

O POLIGLOTA

Poliglota, dominava bem o Português, o Castelhano, o Francês e o Italiano e conhecia razoavelmente o Latim e o Grego. Foi, ao demais, um dos pioneiros do Esperanto em nossa terra, tendo redigido, parece-nos que pela 1.ª vez em terras

ABEL GOMES

de fala camoniana, uma gramática na língua de Zamenhof, destinada no ensino do idioma neutro, auxiliar, a um círculo reduzido de pessoas de sua amizade.

O ESCRITOR

Homem de letras, deixou, ao término da existência, uma vasta obra fraccionada, dificilmente de precisar, uma parte perdida no anonimato ou encoberta por pseudónimos (entre os quais o de Jota Ubirajara) e outra parte ignorada ou desviada na dispersividade dos hebdomadários de vida efémera, esparsos, isolados e inteiramente contingentes. Ainda assim deixou livros deliciosos, de boa urdidura e concatenação, em original, que não teve a dita, como almejara, de ver transfigurados em letra de forma, conforme o permite a invenção de Gutembergue. Tais obras póstumas foram ùltimamente editadas, achando-se actualmente nas livrarias, uma das quais prefaciada por nós e as demais pelo seu sobrinho e maior amigo, Prof. Ismael Gomes Braga. Trata-se de «A Felicidade», «Pérolas Ocultas» e «Braz Pires». Sua mais intensa actividade intelectual foi, todavia, como jornalista, colaborando, por diletantismo, em inúmeros jornais e revistas brasileiras e portuguesas.

O POETA

Sua poética é também bastante apreciável, de uma suavidade enternecedora, sendo o seu género predominantemente lírico, estravazando sua alma em cânticos harmoniosos de artista solitário, amante do trato de problemas humanos, por vezes tocando as lindes de um patriotismo construtivo, isento de ressaibos jacobinescos e quase sempre dominando o corpo de um religiosismo sadio, inspirado no kardecismo.

O PARALÍTICO

Impossibilitado de andar, quando ainda tinha apenas 25 anos de idade, época em que a vida mais fortemente lhe deveria sorrir com promessas e enleios fáceis, pois uma paralisia progressiva lhe imobilizara as pernas, muita gente acrdeitou-o aniquilado para sempre, com rumo certo para a invalidez. Engano. De facto, poderia tornar-se inútil, sem direito a censura. Além de paralítico, quase cego e pobre, pouco esperariam dele os que lhe desconheciam a têmpera e lhe ignoravam a nobreza de carácter. Animoso e possuidor de noção elevada do dever e capacidade de trabalho como jamais vimos em nenhum outro homem, nunca cedeu aos rijos golpes da adversidade. Foi assim que o conhecemos: doente, mas dinâmico; paralítico, mas activo e deligente. Sabia produzir, como poucos, num verdadeiro milagre de superação de todas as dificiências fisiológicas e orgânicas. Por contrastante que pareça, era um regalo apreciá-lo numa cadeira de rodas, a diligenciar, a

comandar e a executar tarefas dificultosas! Dona Aldana e o Prof. Sousa Primo, seus companheiros de trabalho da família Pacheco, seus amigos, enfim, muitas vezes ficavam boquiabertos ao ver o rendimento considerável de sua actividade prodigiosa! Foi assim que o começámos a admirar e que aprendemos a votar-lhe uma amizade sem limites. A magia do seu proceder correcto e incomum tomava conta de todos que privavam da sua intimidade. Não deveríamos, portanto, fugir, por insensibilidade, à sedução espontânea, predominante desse homem invulgar. A fortuna, que sempre lhe foi madrasta, nunca teve nele um enamorado. Nunca a cortejou nem lhe teceu louvaminhas. Sabia antes sobrepor, à noção de riqueza material, o ideal consubstanciado na concepção de que, acima de tudo, a verdadeira riqueza reside na posse dos bens imarcessíveis do espírito que, no acerto evangélico, o ladrão não rouba, a traça não roe e a ferrugem não consome.

O PROFISSIONAL

Trabalhador, como poucos, exerceu a profissão de guarda-livros, em várias firmas comerciais, conhecedor que era das técnicas da Contabilidade e da Escrituração Mercantil. Mas, como se lhe tornasse cada vez mais difícil a visita à sede das firmas para as quais trabalhava, viu-se na contingência de ter de abondonar tal meio de vida, passando então a dedicar-se ao ofício de alfaiate, por poder exercê-lo em casa, empregando ainda parte do tempo e cuidados disponíveis à arte fotográfica. As horas de escasso lazer empregava-as a recreiar o espírito, compondo músicas admiráveis e a ensinar as maravilhas dos sons a um pugilo de estetas, preparando um não pequeno número de artistas-amadores. Muitos dos músicos que compuseram as filarmónicas «Lira Portuense» e «Euterpe Mineira», foram discípulos seus. Até as qualidades de teatrólogo teve o nosso biografado oportunidade de demonstrar, preparando trabalhos que foram à cena, especialmente em dois grandes festivais de que tivemos a dita de participar activamente, em benefício do *Portuense Foot-Ball Clube*, quando da fundação dessa associação desportiva. Fazia questão de não viver afastado da realidade social, cumprindo seu magno dever de patriotismo, exercendo sempre o seu direito de voto e participando de directorias sucessivas de quase todas as agremiações políticas, recreativas e religiosas, quando não assumia posição saliente na fundação de semelhantes instituições sociais. Solteiro, fez-se pai adoptivo de dois rapazes — o Nico e o Jove — que ajudou a formar em cidadãos prestantes e conceituados, o primeiro dos quais casou com sua sobrinha Laura, no recesso de cujo lar viveu Abel Gomes o resto de sua existência terrena. Além de ele lhes ensinar a própria profissão, tornou-os sócios de sua modesta oficina, ministrando-lhes, ao demais, ensinamentos evangélicos, conhecimentos gerais, Esperanto e Música. Com eles repartiu as alegrias de sua vida de heroísmos e vitórias, face à superação dos óbices, desditas, revezes e dificuldades de que foi sempre pontilhada.

A OFICINA

O local de seu trabalho era o ponto de convergência obrigatória de inúmeros admiradores, confrades e amigos, sequiosos de aprimorar conhecimentos, reduto em que porfiou até o fim, visivelmente alegre, conformado extremamente com o seu destino, jubiloso por vencer, uma a uma, as provas que nunca repudiou, as penas que nunca rejeitou nem deplorou, agradecendo constantemente a Deus a paciência e a resignação, que não o abandonaram um instante, sequer. Exemplo desse espírito de obediência aos sábios desígnios da Providência e à composição do seu magistral poema «A Dor», dedicado ao Ismael, inteligência e coração voltados para o bem da colectividade, verdadeiro continuador da obra do tio, amigo e mestre saudoso, com quem mantinha activa e constante correspondência, na qual predominava o assunto doutrinário, como tivemos oportunidade de verificar, pela leitura de muitos originais dos missivistas, — a serviço do Esperanto e do Espiritismo.

FRAQUEZA

E para sermos cem por cento fieis à verdade, testificando de tudo quanto sabemos da vida exemplar de Abel Gomes, vale afirmar que uma única qualidade negativa, se é que chega a tanto, desse espírito de eleição, era o medo à solidão, uma espécie de abatimento íntimo, que sentia, justamente, quando se achava sòzinho, como quem tacteia na escuridão, comportamento que mal podia reprimir, embora o chegasse a dominar, consoante ele confidenciara. Mas temos para nós que esse era uma manifestação oculta, muito forte, espécie de tendência natural para o espírito de serviço, pois que a sua alma se comprazia na actividade permanente, visando beneficiar o seu próximo. Só assim podemos interpretar tal atitude, que, antes de constituir uma manifestação de fraqueza, deve representar um indício de virtude, em potencial. De seus lábios nunca ouvimos, nem referência alguma nos foi feita a propósito, um mero queixume, leve que fosse, que pudesse reflectir a significação de um sentimento de desespero, de revolta ou blasfémias, nem sequer levemente dissimulado. Muito ao contrário, permanecia sempre optimista, expansivo, bem disposto, sereno, sorridente e jovial. Possuia consolação de sobra, que destribuia, tanto quanto podia, com os outros. Inúmeras foram as vezes em que indivíduos de todas as crenças e mesmo sem crença nenhuma, sobrecarregados de desespero e desilusão, batiam à sua porta em busca de conforto, esclarecimento e orientação. E nunca deixou de atendê-los, ministrando-lhes conselhos salutares e oportunos, amenizando-lhes as aflições e tornando-os menos infelizes. Era, assim, um como que oráculo, a quem recorriam os angustiados, logrando melhoria e conforto. A respeito, soubemos que muitas desinteligências domésticas foram desfeitas, muitos problemas e situações conflitivas tiveram cabal solução, ao influxo da sua influência moral, dos seus pareceres comedidos e suasórios, benevolentes e pacificadores. E para atender os filhos da desventura, todas as horas lhe eram disponíveis e todos os intantes, propícios.

AINDA O ESPIRITISMO

Abel Gomes pertenceu a um pugilo de pioneiros do Espiritismo em Minas Gerais, entre os quais podemos citar João Ernesto, em Ubá, João Marcelino, na cidade do Pomba, Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento, e José Justiniano de Godói e Jota Lacerda, em Cataguazes. No antigo Porto de Santo António, com um pequeno número de confrades, entre os quais o farmacêutico Manoel Vaz, o Comerciante António Garone e os operários Ceziano Primo e Joaquim José de Sousa, fundou, talvez em 1928, o Grupo Espirita «Luz e Trabalho», de assistência reduzida e de vida efémera. No dia 2 de Julho de 1933, nada menos de 12 pessoas fundaram um novo centro, a que deram a mesma denominação inicial do anterior, passando a chamar-se Cabana Espirita, «Abel Gomes», depois da desencarnação do seu patrono. Os

fundadores da Cabana, salvo algum nome esquecido involuntàriamente, foram os seguintes. Abel Gomes, Astolfo Olegário de Oliveira, Juvenal Pacheco, António Pacheco, José Vitoriano da Silva, Mário Vitoriano, António Garone, Joaquim José de Sousa, José Reis, Almir Viana Linhares, Sebastião Diogo e Amadeu Santos. Com quanto ocupasse o cargo de presidente honorário, Abel Gomes era o substituto de todos os directores nos seus impedimentos, notadamente dos secretários, sendo que ainda hoje existe o 1.º Livro de Actas, com algumas delas lavradas pela sua pena brilhante, a última das quais inacabada, por motivo da pertinaz doença que lhe levou o corpo ao túmulo, à beira do qual falaram, além dos oradores locais, Astolfo, Mário e Amadeu, vários respresentantes das municipalidades vizinhas, entre os quais os jornalista cataguazense Alziro Arruda, traçando o necrológio do ilustre extinto. A sociedade espirita que ele ajudou a fundar, teve, logo após a sua morte, edificada a sua sede própria, justamente em frente da sua antiga residência, numa significativa homenagem ao seu espírito, e para o que concorreram, espontânea e gostosamente, muitos amigos seus de outras crenças, notadamente das tradicionais famílias Costa Cruz, Almeida, Ribeiro e Linhares. Mais tarde, inspirados no seu exemplo edificante, os seus continuadores fundaram um jornal doutrinário — *Arauto da Fé* — e uma instituição de amparo social — a Fundação Espirita «Abel Gomes» — que alberga mais de 30 crianças, às quais ministra as luzes do alfabeto e as normas da sã Moral, sob os auspícios de uma directoria, anualmente eleita, adjuvada pela Mocidade Espirita «Francisco Cândido Xavier».

OUTRAS TAREFAS DO ALÉM

Terminadas as suas tarefas na Terra, Abel Gomes não deixou de trabalhar e produzir. Invisível, continua em plena actividade, actuando junto de vários Centros do interior e do Distrito Federal, tendo ditado ou inspirado copiosas mensagens de subido teor doutrinário, em prosa e verso, em Português e Esperanto, servindo-se do concurso de muitos médiuns, de diferentes pontos do país. A última edição de «Parnaso de Além Túmulo», a Livraria da Federação, já inclui colaboração sua, da Espiritualidade. Os poemas e sonetos insertos na revista *Reformador*, orgão da FEB, ditados pelo espírito de Abel Gomes, através dos famosos médiuns Chico Xavier, Francisco Valdemiro Lorenz e Porto Carreiro Neto, retratam, com fidelidade, a personalidade da entidade comunicante, mercê do seu estilo peculiar e da coerência dos conceitos emitidos, em conformidade com a identificação perfeita entre eles e o seu pensamento mantido em vida. Nessa mesma linguagem elegante, naquele estilo simples e coloquial que estávamos acostumados a apreciar-lhe, ressalta a lição que enviou à terra pelo nosso querido Chico, constante do capítulo do livro «Falando à Terra», sob a epígrafe de «Notícias»! Mais do que em qualquer outro, insistimos, é neste trabalho que Abel Gomes ressurge, redivivo, natural, puro, incontrastável. Não é apenas na identificação da sua presença por meio de seu estilo leve e cheio de beleza que o sentimos, mas da substância da produção, em que fielmente se reflete, por meio dos factos que ele narra, ocorridos no nosso mundo e presenciados por ele, fazendo reaparecer velhos episódios em que são envolvidas certas personagens reais em luta com os seus graves problemas, com os seus casos particulares intrincados, muitas vezes deixando transparecer, no desenrolar inapelável das cenas, as suas mazelas, paixões e vícios. Quem, como nós, conheceu, de perto, o palco autêntico em que se desempenham os ligeiros e penosos papeis, bem pode aquilatar da autenticidade das cenas, na própria ribalta. De tudo isso podemos dar o nosso decidido testemunho e apontar os «artistas», de carne e osso, muitos dos quais não terminaram a actual peregrinação terrena. E muitas pessoas, estamos certos, estão dispostas, se houver necessidade, a abonar estas afirmações. Quando menos, servirão para reafirmar a tese imortalista, se é que ainda possa ser posta lealmente em dúvida.

Nesta metrópole, à rua Jiquibá, 139, com o departamento do Grupo Espirita» André Luiz», funciona, desde 1942, a Juventude Espirita «Abel Gomes», agremiação de moços que tem aquele iluminado espírito por patrono e que é uma das mais profícuas e bem organizadas instituições espiritas juvenis que muito já tem produzido em prol da colectividade sofredora que aí está. É um pugilo de jovens esclarecidos, que lutam pelo bem-estar da humanidade, seguindo as luminosas pegadas do inesquecível propagandista do Espiritismo no Estado montanhês.

ELE E NÓS — OBRIGADO!

Quanto a nós, confessamo-nos o ínfimo dos seus discípulos, de cuja luz e exemplos superiores tanto beneficiaram. Se não temos podido ou sabido reproduzir-lhe as lições, exercitando nosso pobre espírito na prática diuturna, em pleno palco da vida, os ensinamentos admiráveis nelas contidos, pior para nós que conhecemos aumentada a responsabilidade na posse de grande messe de saber e de virtude, oportunidade que poderá ser adiada, com melhores possibilidades de agrura, se não nos apercebermos a tempo de um maior aproveitamento no decurso da vida que ainda nos resta! O próprio aprimoramento intelectual que temos grangeado, em grande parte o devemos ao estímulo recebido daquele nosso amigo e guia. Mas tudo que temos aprendido nas Faculdades onde temos andado, em sã consciência, longe está de poder comparar-se com o aprendizado aurido sob os auspícios de sua influência, na sua convivência prodigiosamente benéfica. Valha esse nosso desabafo, sincero e autêntico, como um preito inequívoco da nossa permanente homenagem, pela nossa grande dívida contraída perante nosso grande amigo e mestre, cujo nome está imortalizado no bronze, nas fachadas de diversas associações espiritas e no recesso indelével de inúmeros corações devotados e reconhecidos. E se nós não passarmos por este mundo em branca nuvem, como advertia inspirado poeta, teremos obrigação de dizer algum dia uma simples palavra ao Abel:

— Obrigado por tudo que fizeste por nós e pelos outros!...

SELECÇÕES ESPIRITUALISTAS

Programa diário dirigido por *Nelson Baptista de Azevedo*. Às 19 horas (hora brasileira) em RÁDIO GUANABARA, na frequência de 1360 kc. e em ligação com RÁDIO QUINTANDINHA, na frequência de 5045 kc. (59.04 metros). Todos devem escutar este programa, escrevendo para Avenida 13 de Maio, 23, 25.º andar, sobre a maneira como é ouvido. SELECÇÕES ESPIRITUALISTAS é um programa da U. D. J. (União dos Discípulos de Jesus), Rio de Janeiro.

DEOLINDO AMORIM ESCREVEU

SOCIEDADE DE ESTUDOS

É provável que muitos confrades nossos ainda não conheçam uma revista, que tem o título de *SEPE,* e é publicada em Niterói. É uma publicação ainda nova, e por isso mesmo, não tem nem pode ter, por enquanto, a popularidade e o prestígio de outros órgãos da imprensa espírita. Todavia, sem exagero, podemos dizer que *SEPE* é uma das mais eficientes revistas espiritas entre quantas, actualmente, se publicam no Brasil. O título *SEPE* corresponde ao nome da instituição de que é órgão, isto é, a *Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas,* cujo fundador e presidente é o nosso culto e muito querido Confrade Dr. Randolpho Pena Ribas, médico homeopata e conferencista de muito mérito. Além da matéria doutrinária, muito bem escolhida, tem a revista, ainda, uma secção de vernáculo, o que, aliás, reputamos uma necessidade, embora possa parecer matéria descabida em publicações espiritas.

Conseguiu o Dr. Pena Ribas formar, na *Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas,* um grupo de companheiros competentes e bem orientados, todos eles identificados conscientemente com o programa da Sociedade. A revista *SEPE* é dirigida pelo próprio presidente da Sociedade e, ainda, pelo Dr. Carlos Imbassahy, como Redactor-chefe, o Prof. Zélio dos Santos Jota como Secretário, e Irycê Bruno, como Gerente.

O nome da Sociedade, por si mesmo, já está indicando o método, a ordem lógica de um programa de acção: *Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas.* Porque não se diz *Pesquisas e Estudos?* Justamente porque, se assim fosse, haveria inversão da ordem, pois, antes da pesquisa, que já é trabalho experimental, é necessário o estudo, o conhecimento teórico e metódico. Entrar no campo de pesquisa, seja em que terreno for, sem base, sem conhecimentos regulares, é cair no empirismo, é correr o risco da improvisação ou ficar, depois, na rotina infrutífera. Daí o acerto, a justeza a sequência de um programa: estudar, conhecer, metodizar os conhecimentos, para, depois, pesquisar com alguma base. A parte experimental vem depois do estudo básico.

É verdade que o conhecimento teórico, por si só, não é suficiente para resolver certos problemas. Todos nós sabemos que a teoria sem a prática, sem a experiência, é apenas, e quando muito, ilustração intelectual. O conhecimento puramente teórico pode formar grande bagagem de erudição, mas a verdade é que não forma o verdadeiro homem de ciência. Em todos os campos de estudo e observação, a experiência é justamente o complemento indispensável da teoria, porque é na prática, diante dos fenómenos, que se confirmam os postulados de uma doutrina ou de uma tese. Sem a experiência, não há demonstração prática, e sem demonstração prática, todos os enunciados teóricos ficarão reduzidos a simples hipóteses.

O conhecimento prático é muito útil em todos os domínios da investigação, mesmo porque, como dizia o velho filósofo, a *Ciência é filha da curiosidade.* A experiência, porém, deve ser bem dirigida. O homem deseja conhecer as coisas, faz as suas tentativas empíricas, porque não tem instrumentos adequados, e só mais tarde, com o material adquirido na prática e com as conclusões do raciocínio claro, é que se organizam as teorias, os métodos, etc. Isto quer dizer, portanto, que os conhecimentos organizados quase sempre começam pelas experiências mais simples até que se transformem em ciências. Muitas vezes, aquilo que o homem vulgar, o homem sem preparo descobre momentâneamente, como se fosse obra do acaso, pode ser o ponto de partida para a formação de uma teoria nova ou de uma doutrina revolucionária. Muitos princípios científicos nasceram de factos aparentemente banais.

Os alquimistas, na Idade Média, com o seu empirismo, abriram o caminho para a experimentação e a confirmação científica das leis da Química. Podemos citar um exemplo histórico ainda mais característico. O europeu, no período da colonização da América Latina, veio aprender, com o nosso índio, na prática, muita coisa sobre as propriedades terapêuticas de certas plantas. O europeu trouxe a sua ciência do Velho Mundo, mas ignorava, por exemplo, o uso da *quinina* e da *ipeca.* É certo que o colonizador, com a sua técnica, com os conhecimen-

tos científicos da época, trouxe a cultura para a América, mas também é certo que aprendeu, na medicina rudimentar dos índios, muita coisa a respeito da rica flora americana, inclusive certos processos de tratamento, mais tarde aproveitados pelo homem moderno.

Todos nós, queiramos ou não, vivemos aprendendo e ensinando. Nenhuma cultura se desenvolveu, até hoje, por si mesma, sem colaboração de outras culturas, sem contactos e permutas. A velha cultura do índio, que tem raízes tão antigas que ainda não foram bem definidas, recebeu, inegàvelmente, boa contribuição europeia, mas é indispensável observar que o nosso índio, por sua vez, dentro do seu *habitat,* com os seus recursos primários, forneceu muito material de pesquisa para enriquecer o património científico da Europa e da América. O conhecimento prático do índio americano permitiu ao europeu aprender o emprego e o cultivo de drogas medicinais, cujo valor terapêutico o autóctone já conhecia há muito tempo, em forma

E PESQUISAS ESPIRITAS

de conhecimento empírico e intuitivo. O europeu aproveitou e levou para o Velho Mundo muitos elementos da cultura indígena e mais tarde, com esses elementos, oriundos da América, sistematizou princípios e fórmulas sob rótulo novo. Nosso sertanejo, com as suas *beberagens,* com as suas *mézinhas,* como se diz lá no sertão, muitas vezes concorre para que a curiosidade inteligente do homem de ciência descubra, nos processos elementares da medicina caseira, drogas e plantas que a técnica se encarrega de aperfeiçoar nas experiências de laboratório.

Não se pode, portanto, dissociar a teoria da prática. Se, porém, a teoria sem a prática não traz resultados satisfatórios, convém notar, ao mesmo tempo, que a prática, pura e simples, sem a teoria, sem conhecimento metódico, pode levar a resultados negativos e pode, também, causar perigos incalculáveis. O conhecimento prático é muito limitado, porque só permite ver um aspecto, uma faceta da realidade. A teoria deve preceder a prática. Ninguém, sensatamente, sem conhecimento de algumas leis de Física ou de Química, teria coragem de provocar fenómenos dentro de um laboratório, sem técnica, sem formação especializada. Por que, então, na parte experimental do Espiritismo, que é também ciência, se deve desprezar a teoria, o estudo sistematizado para ficar apenas na prática, na curiosidade improdutiva? Não se deve pesprezar a experiência, de forma alguma, como não se deve abandonar a contribuição que vem da prática, através de factos isolados e ainda não suficientemente interpretados; mas, daí, não se deve concluir que a teoria seja desnecessária.

Antes da prática, antes da experiência directa com o fenómeno, é indispensável formar, pelo menos, algum lastro de conhecimentos gerais do assunto. A revista *SEPE* (órgão da *Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas,* de Niteroi), defende este programa, que está, aliás, de acordo com a orientação recomendada e praticada por Allan Kardec. É verdade que Kardec começou pelo fenómeno, mas logo assentou as bases da doutrina, e não ficou na prática empírica. *SEPE,* por todos os motivos, é uma revista de cultura, que está fazendo excelente propaganda do Espiritismo.

Sabemos que a palavra *cultura,* às vezes, provoca reacções antipáticas, como se fosse uma espécie de palavra herética; mas, na realidade, Espiritismo é cultura, e uma revista de cultura, no sentido em que empregamos a expressão, não é nem pode ser uma revista comum, uma revista de puro lavor literário ou académico: é alguma coisa mais sólida e mais profunda. porque deve ser o veículo de propagação de uma doutrina que abrange o campo da cultura humana e da cultura espiritual. Em termos de Espiritismo, cultura é conhecimento global, é conhecimento do homem através do corpo e do espírito, do homem inteligência e do homem sentimento; cultura é preparação do espírito e adestramento da percepção com o objectivo supremo de procurar a Verdade, esteja ela onde estiver, porque só a Verdade nos fará livres, como disse Jesus, acima de seitas, acima de sistemas, de escolas e dogmas. Espiritismo é cultura, finalmente, e cultura no sentido amplo do vocábulo. Pela sua orientação e pelo seu programa, a revista *SEPE* é o que se pode chamar uma revista de cultura ao serviço da causa espirita no Brasil.

(Palestra em «Selecções Espiritualistas» — Rádio Guanabara, Rio de Janeiro)

A REENCARNAÇÃO VISTA PO

Pelo Dr. CARLO

(Correspondente em

I

Frei Boaventura Kloppenburg é um teólogo que professora em Petrópolis.

Mas, comecemos historiando os factos. Não há como começar pelo princípio.

Não vê que o autor destas linhas e Mário Cavalcanti de Melo fizemos um livro intitulado *A Reencarnação e suas Provas,* livro que foi oferecido àquele honrado Frade.

Um livro sobre reencarnação, para certos homens, é assim como um milheiral para um formigueiro. As formigas destroem-no para manterem os respectivos corpos, aqueles homens destroem os livros para manterem as respectivas almas e as alheias.

Destarte, foi o volume parar às mãos do ardoroso cenobita e saltou logo uma réplica, nem sempre muito amena, intitulada *A Reencarnação, Exposição e Crítica.*

Na «exposição» diz-nos o que é a palingenesia e declara a razão da sua oportuna e imprescindível intervenção no caso:

«Não são, pois, poucos os que neste Brasil católico procuram difundir as ideias reencarnacionistas. É necessário que nesta Babel de intensa propaganda uma voz se faça ouvir, católica e serena, para submeter a filosofia da reencarnação à luz da lógica, da história, da ciência e, sobretudo, da mensagem cristã».

Já veremos como serena se fez ouvir a voz do Frade e como à lógica, à história, à ciência ficou submetida a filosofia reencarnacionista, na babel de intensa propaganda.

Exposição. — Iremos deixar passar pela malha algumas piabas, a fim de examinar certos peixes de maior vulto. Vejamos este:

«Sempre que Allan Kardec fala expressamente sobre o problema da origem da alma, ele se refugia no mistério. Muito embora o seu racionalismo o faça repetir mais de uma vez que para o Espiritismo absolutamente não há mistério».

Ora, é impossível que depois de tanta leitura e de tanto estudo, depois de tanto ler, interpretar, refutar e combater Kardec, como tem feito, o ilustrado teólogo não sabia ainda que o mistério que não existe para o Espiritismo é o mistério teológico, é aquele que não pode ser discutido, investigado, aprofundado; que é inacessível à razão; e o mistério «no que se refugia o Espiritismo» é aquele realmente indevassável, é aquele em que a ciência ainda não pôde penetrar; é o insondável, não por imposição dogmática, mas porque não é possível atingir o que se deseja; porque é inútil lançar a sonda.

Seria duvidosa a sanidade mental de quem afirmasse que não há mistérios, no sentido de que tudo já se acha devidamente esclarecido na natureza; entretanto, toda a gente sabe que há sectores cheios de mistérios onde não há nenhuma necessidade deles. E entre esses mistérios e o mistério pelo desconhecimento existe um abismo.

É muito difícil confundir o mistério da Santíssima Trindade com o que envolve a vida em Aldebarã. Pois esta confusão atribui ele a Kardec, «que ora repete que não há mistérios para o Espiritismo, ora se refugia no mistério».

Se, portanto, quiserem que o Kardec explique por que os corpos são atraídos para a Terra e não dela expelidos, ou porque a matéria atrai a matéria, ele não poderá refugiar-se no mistério, a menos que aceite como verdade irrefragável, por exemplo, que Deus, apesar da sua imensa bondade, criou a maior parte dos seres humanos para penarem, *ad secula seculorum,* nos caldeirões do Averno.

Não é admissível, para o Frade, recusar alguém os mistérios do seu catecismo e não recusar os que se encontram nas profundezas do Infinito!

O Autor vê, ainda, uma incongruência no facto de haver Kardec declarado que a origem da alma é um mistério, enquanto Galileu, espírito, dizia que

«O Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, simultâneamente com o livre arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores».

Apoia-se, ainda, o codificador

«Na opinião dos que pensam que o princípio inteligente se individualiza e elabora passando pelos diversos graus da animalidade».

Isto para o digno Frade significa que Allan Kardec expôs a origem da alma, do mesmo passo que diz desconhecê-la, caindo em flagrante contradição.

Supor «que o princípio inteligente passa por diversos graus de animalidade» e «pela série dos seres inferiores», o mesmo é, na cartilha do nosso amigo, que saber, precisamente, a fonte de onde saiu a alma.

UM FRADE "AB OVO"

IMBASSAHY
(Niterói, Estado do Rio)

Suponhamos que se pergunte a um fazendeiro donde vêm as saúvas que lhe devastam as plantações. Estaria ele atrapalhado se declarasse que não sabia e, ao mesmo tempo, informasse que os daninhos himenerópteros passaram pelo sítio do Brederodes e depois pela chácara do Fagundes, e atravessaram a estrada, e caíram no milheiral.

Está claro, teològicamente falando, que isto, e o saber-se o buraco de onde surgiram as formigas é a mesma coisa.

Persiste, ainda, o despautério do Kardec, quando, depois de ignorar o ponto de partida da alma, acha que ela passou por uma série de existências antes do período humano.

Passar por uma série de existências é como o insecto que passou por uma série de lugares: está claro, para o Professor de Teologia, que, passando quem quer ou o que quer que seja, por aqui e por ali, se lhe deve conhecer a origem.

Inegàvelmente, a formidável lógica, à luz da qual o eminente Frade está submetendo a filosofia da reencarnação, deixa uma pessoa estarrecida.

Começa, depois, o nosso crítico a enumerar as divergências reinantes entre os reencarnacionistas: uns dizem que a reencarnação é lei geral para todos os Espíritos; outros querem-na para os Espíritos muito atrasados; uns... outros... e vai por aí a assegurar que uns dizem isto, outros dizem aquilo...

Quem são, porém, estes *uns* e aqueles *outros* é o que não ficou elucidado. Neste ponto, faria inveja ao silêncio de Conrado. O rol com os *uns* e com os *outros* bastou-lhe para impressionar.

Ora, não há ramo de actividade em que uns não deixem de dizer coisas aproveitáveis e outros não deixem de dizer coisas abracadabrantes: em que uns estejam certos e outros errados.

Tempos houve em que uns diziam que a Terra se movia e outros que ela era inamovível; um desses *uns*, se não se retrata a tempo ia parar em cima de uma tocha; uma dizia que ouvia vozes e que estas vozes a conduziam; outros a queimarem por isto; uns a amaldiçoaram e torraram; outros a canonizaram; uns escreveram livros e os esconderam, porque os outros, se os lessem, mandariam os livros e os autores à fogueira; uns admitiam a graça para todas as criaturas; outros só a admitiam para os cristãos da sua comunidade. E assim por diante.

Conviria, entretanto, saber, com o rol do Frade à vista, quais foram os *uns* que afirmaram que o indivíduo reencarna sempre no mesmo sexo; quais os *outros*, que a reencarnação nada tem com a ordem moral; quais são os *uns* para quem o indivíduo reencarna sem excepção, imediatamente, e quais os *outros* para quem, igualmente sem excepção, há um intervalo de 1.500 anos; quais os *uns* que dizem renascer quem quer e quando quer, e quais os *outros* que afirmam ser a reencarnação de natureza regressiva; quem são os *uns* que acreditam possa o Espírito tomar o corpo animal ou vegetal, e os *outros* que pensam possa ele reintegrar-se em Deus...

Eis o que dizem uns e outros conforme o dito escritor.

Esta série de disparates deve dar, de facto, à doutrina espirita, um aspecto caótico e absurdo. Mas o pior é que será difícil ao estudioso encontrar nas nossas páginas doutrinárias aquela salsada. O autor bem sabe disso, e ele, que escrupuliza nessa questão de citações, pôs o Kardec de lado, com todos os seus seguidores, e deixou o precioso aranzel às costas largas de *uns* e de *outros*.

Chego ao período que trata dos «argumentos a favor da reencarnação», e topo com esta exposição interessante:

> «Temos o direito a que se nos diga quais as razões em que se apoia tão estupenda e exorbitante doutrina que nos joga impiedosamente através de um número ilimitado de sempre novas provações e vidas difíceis».

Há centenas de livros, e o nosso modestamente inscrito entre eles, que trazem as provas da teoria das vidas sucessivas; mas, como se essa livraria não existisse, diz, enérgico, que temos o direito a que se nos digam as razões em que se apoia a estupenda doutrina. Mais adiante ele se ocupa com essas razões, entretanto que as ignora no momeno.

Há, porém, um trecho de maior relevo. E nós, por nosso turno, temos o direito de exigir que se nos diga onde o Autor o achou: é o lance doutrinário em que se afirma serem ilimitadas as provações, e as vidas sempre difíceis. Ainda, aqui, o Autor esqueceu Kardec, o Denis, os textos, as citações, e doutrinou por conta própria.

Aquilo, de facto, dá má impressão. As pro-

vações ilimitadas, as vidas eternamente difíceis, deixam crer que, em nossos ensinos, o sofrimento, pela reencarnação, participa das penas eternas. E por falar em penas, é pena que não aproveitasse e frisasse mais esta formidanda incoerência: enquanto, por um lado, mostramos o horror, a impiedade, a injustiça, que representa o inferno, do outro, estamos, com a nossa tese, a jogar os seres num número ilimitado de sempre novas provações e vidas difíceis.

Ouçamos, pois, Allan Kardec, já que o Professor o desprezou neste ponto magno:

«Em cada nova existência o Espírito dá um passo na via do progresso. E quando se houver despojado de todas as impurezas não mais necessitará das vidas corpóreas». (*Livro dos Espíritos,* n.º 168).

«O Espírito que avança ràpidamente evita as provações». (*Idem,* n.º 169).

«Em que se torna o Espírito depois da última encarnação? Em espírito feliz; puro espírito». (*Idem,* n.º 170).

O que sempre se ensinou em Espiritismo sério é que o Espírito não retrograda, que as suas penas são proporcionais às faltas; que se extinguem, purificado o Espírito; que este encarna em um ou outro sexo, conforme as provas, devendo participar das vicissitudes da vida, mas sem alternância obrigatória; que chega, enfim, à felicidade, meta final, infalível.

É isto o que se ensina nas obras de Allan Kardec, e não a miscelânea apresentada, conforme o que sai da cabeça de cada um ou de cada outro. E o Frade conhece perfeitamente a lição espirita, como veremos. Àquela salabórdia, portanto, faltou o cunho da sinceridade, sem que se lhe visse a serenidade que prometeu e de que nos encheu de esperanças.

Para finalizar o capítulo, acha que o Criador, se fosse verdadeira a reencarnação, deveria dar aos homens a certeza total a este respeito.

Foi pena que o Criador deixasse de sondar, em matéria de tal porte, o nosso respeitável Monge, a fim de que, em se tratando de certezas totais, fizesse uma excepção em favor das vidas sucessivas e nos fornecesse uma convicção segurà, como a que já nos trouxe a respeito de anjos e demónios, do Céu e do Inferno, e do Purgatório também, das Três Pessoas em uma só, da absolvição *in extremis,* da criação do Mundo, do casal, da maçã, da serpente, da Torre de Babel, da ressurreição, da parada dos astros e de tantas coisas de que já se não tem dúvida nenhuma, tal a certeza totalíssima que o Criador houve por bem autorgar-nos.

Comparem-se os documentos que temos sobre a extracção de Eva das costelas de Adão com os das vidas sucessivas e ver-se-á que razões assistem ao nosso Frei em exigir, para nós, a totalização da certeza.

Que mofina figura não fazem aqueles diante destes!...

Diz-nos ainda:

«Mas já o mero facto de existirem numerosos homens que aprenderam a exercitar largamente a arte de pensar e que filosofaram toda a vida sobre o destino do homem e o sentido da vida terrestre, e todavia não chegaram à conclusão das vidas sucessivas, só este facto já vem destruir pela base esta suposição apriorística, que em si pareceria tão natural».

Deixaremos de parte alguns pontos que a corrente jaculatória carreou entre os argumentos, como o de se tratar de uma «suposição apriorística», quando se conclui pela reencarnação, em vista da lição dos Espíritos e pela série exuberante de factos que a demonstram.

E irei a outro mais interessante.

Valeria a pena, por exemplo, saber que poder teriam aqueles homens inúmeros, por mais larga que lhes fosse a arte pensante, de saber o que se processa no Outro Mundo, sem ouvir os Espíritos.

Quando nos reportamos aos povos da Antiguidade e aos demais, em várias regiões, que acreditam na palingenesia, fazêmo-lo, principalmente, por dissertação histórica, e, depois, porque o seu conhecimento, como tudo o que se refere às questões mediúnicas, lhes veio pelo fenómeno. O exercício do pensamento pouco adianta ao caso, porque, em geral, exercita-se o pensamento na direcção das ideias preconcebidas, de que é exemplo o ilustre crítico da reencarnação e do nosso livro.

Mas, nem mesmo aquela razão de escacha pessegueiro, baseada no número de pensadores e filósofos que descrêem da preexistência, poderá ter algum valor, porque, ao lado deles, há outros igualmente numerosos, filósofos e pensadores, aos quais não padece dúvida a existência das vidas múltiplas.

Isto posto, iremos passar, agora, aos «argumentos especìficamente espiritas», que formam um novo capítulo, onde é maior e um tanto contundente, a cajadada do honrado Professor de Teologia Dogmática, de Petrópolis.

NO REINO DAS BORBOLETAS

Por IRMÃO X

À beira de um charco, formosa borboleta, fulgurando ao crepúsculo, pousou sobre um ninho de larvas e falou para as pequeninas lagartas, atónitas:

— Não temais! Sou eu... uma vossa irmã de raça!... Venho para comunicar-vos esperança. Nem sempre permanecereis coladas à erva do pântano! Tende calma, fortaleza, paciência!... Esforçai-vos por não sucumbir aos golpes da ventania que, de quando em quando, varre a paisagem. Esperai! Depois do sono que vos aguarda, acordareis com asas de puro arminho, reflectindo o esplendor solar... Então, não mais vos arrastareis, presas ao solo húmido e triste. Adquirireis preciosa visão da vida! Subireis muito alto e vosso alimento será o néctar das flores... Viajareis deslumbradas, contemplando o mundo, sob novo prisma!... Observareis o sapo que nos persegue, castigado pela serpente que o destrói e vereis a serpente que fascina o sapo, fustigada pelas armas do homem!...

Enquanto a mensageira se entregava a ligeira pausa de repouso, ouviam-se exclamações admirativas:

— Ah! não posso crer no que vejo!

— Que misteriosa e bela criatura!...

— Será uma fada milagrosa?

— Nada possui de comum connosco...

Irradiando o suave aroma do jardim em que se demorava, a linda visitante sorriu e continuou:

— Não vos confieis à incredulidade! Não sou uma fada celeste! Minhas asas são parte integrante da nova forma que a Natureza vos reserva. Ontem, vivia convosco; amanhã, vivereis comigo! Equilibrar-vos-eis no imenso espaço, desferindo voos sublimes à plena luz! Libertadas do chavascal, elevar-vos-eis, felizes! Conhecereis a beleza das copas floridas e o saboroso licor das pétalas perfumadas, a delícia da altura e a largueza do firmamento!...

Logo após, lançando carinhoso olhar à família alvoroçada, distendeu o corpo colorido e, volitando, graciosa, desapareceu.

Nisto chega ao ninho a lagarta mais velha do grupo, que andava ausente, e, ouvindo as entusiásticas referências das companheiras mais jovens, ordenou irritada:

— Calem-se e escutem! Tudo isso é insensatez... Mentiras, divagações... Fujamos aos sonhos e aos desvarios. Nunca teremos asas. Ninguém deve filosofar... Somos lagartas, nada mais que lagartas. Sejamos práticas, no imediatismo da própria vida. Esqueçam-se de pretensos seres alados que não existem. Desçam do delírio da imaginação para as realidades do ventre! Abandonaremos este lugar, amanhã. Encontrei a horta que procurávamos... Será nossa propriedade. Nossa fortuna está no pé de couve que passaremos a habitar. Devorar-lhe-emos todas as folhas... Precisamos simplesmente comer, porque, depois, será o sono, a morte e o nada... nada mais...

Calaram-se as larvas, desencantadas.

Caiu a noite e, em meio da sombra, a lagarta-chefe adormeceu, sem despertar no outro dia. Estava ela completamente imóvel.

As irmãs preocupadas observavam curiosas o fenómeno e puseram-se na expectativa.

Findo algum tempo, com infinito assombro, repararam que a orgulhosa e descrente orientadora se metamorfoseara numa veludosa falena, voejante e leve...

.....

Anotando a lição breve e simples, creio que há muitos pontos de contacto entre o reino dos homens e o reino das borboletas.

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)

O ESPIRITISMO NAS RELIGIÕES

III

Ao demais, em várias de suas passagens o Corão alude com muito acatamento a Jesus, a quem denomina «o Filho de Maria».

Fundamentando-se na unidade de Deus, diz o Corão: — «*Deus é único, clemente, misericordioso, vivo, imutável; sábio e poderoso; criador do céu e da terra; omnipotente; omnipresente; sem princípio nem fim; é o que é*».

A respeito do pensamento islamítico sobre Deus, a Dr.ª Anie Besant, referindo-se ao alto desenvolvimento da cultura dos árabes, disse, a certa altura da sua apologia: — «Em filosofia chegaram ao mais elevado nível e se submergiram na essência mesma do Ser Supremo, proclamando-o Absoluto e distinguindo as relações do homem com o Único Sem Par. Evidenciaram a identificação do Espírito divino com o humano e descobriram as mais admiráveis verdades filosóficas, a pura vedanta dos indus, para a qual converge toda a ciência».

Do espírito de tolerância religiosa com que nasceu o Islão, nos fala a respeito o Corão, assim se expressando: «*Não faças violência alguma no tocante à religião. Se abraçam o Islão, vão bem encaminhados, mas se não o abraçam, só te cumpre orar*».

Não temos aqui a ausência de proselitismo aconselhada por Kardec aos espiritistas?

Como o nascimento de Jesus, também o de Maomé é relatado revestido de circunstâncias especiais que lhe dão carácter sobrenatural. É assim, entre outras, que, ao ser dado à luz, quatro espíritos, materializados, de mulheres, entre as quais Maria de Nazaré, assistiram à parturiente, animaram-na e lhe falaram do futuro do filho. Disseram que seria ele o último profeta. Terminaram por levá-lo, enviando-o no dia seguinte pelo anjo Gabriel, que o apresentou já lavado, cuidado, circuncidado e que lhe disse: «Teu filho viajou o céu, teve instruções directas de Deus para estabelecer a paz no mundo».

Nós, cristãos, sorrimos diante disto, mas não sorrimos de nada do que se diz, mais ou menos semelhante, a respeito de Jesus, João Baptista, Moisés... Tais coisas, aliás, se deparam igualmente na vida de Crisna, principalmente do «menino Crisna»; também na de Buda, mesmo na de Lao-Tsé, e que não referimos no devido lugar, porque, sobre não estarmos apresentando um curso de religiões comparadas, alongaria de muito esta nossa já vasta tarefa.

Como a Jesus menino, também a Maomé tentaram matar em pequeno. Igualmente foi criança-prodígio, realizando coisas *sobrenaturais:* fez chover, interrompendo calamitosa estiagem; ressuscitou mortos; curou enfermos por imposição das mãos. Certa noite, após o anjo Gabriel lhe transmitir determinada incumbência, se transportou de Meca a Medina, cumpriu a tarefa e de pronto regressou. Transportara-se «em corpo e alma», afirmam crentes e biógrafos que lhe enumeram muitos outros «milagres»...

Lendas? O Evangelho, entanto, está cheio dos atribuídos a Jesus, Não só. O livro *Actos dos Apóstolos* os apresenta realizados por Pedro, João, Paulo... inclusive ressurreições.

O Espiritismo a muitas destas coisas explica, donde poder aceitá-las, sem nelas ver milagres, dado não os admitir, como não admite o sobrenatural, o acaso, os mistérios divinos. É que em tudo o Espiritismo busca o racional, estuda as leis de Deus, de Deus em quem vê a fonte do eterno suprimento, aberta perenemente a todos; suprimento de tudo, mormente de sabedoria, luz. Questão de saber canalizarmo-nos para receber. O próprio Cristo afirmou, pelos lábios de Jesus: «*Nada há oculto que não haja de ser conhecido*» e mais: «*Tudo o que faço vós podereis fazer ainda meihor do que eu*».

Antes de passarmos ao Cristianismo, transcrevamos um último pensamento de Maomé:

— «*Procurar a instrução, cultivar o estudo é uma acção meritória aos olhos de Deus; difundir a ciência é uma prece, procurá-la é luta santa; amá-la é uma adoração; ensiná-la aos outros, uma caridade; dispensá-la aos que são dignos dela, uma boa obra*».

★

Passemos, por último, ao Cristianismo:

Que o *caracteriza?* Poderíamos dizer que a *Igualdade,* como o budismo; que a *Justiça,* como o judaísmo; ou o *Dever de Liberdade,* como o Bramanismo; que a *Resignação,* como o islamismo, ou a *Purificação,* como o zoroastrismo ou mazdeísmo; e, ainda, a *Benignidade, a Sociabilidade,* a *Veneração aos Antepassados,* como o confucionismo, etc., e estaríamos fixando características perfeitas. Justo por isto é que o Cristianismo, doutrina do Cristo, por Jesus de Nazaré, realmente é universal. Universal como a acção do Cristo. Outrossim, se quisermos estabelecer-lhe uma *síntese,* qual o fizemos às outras religiões (estamos empregando a linguagem do mundo...), a mesma analogia depararemos, donde concluirmos ser o Cristianismo a síntese de todas as religiões, e isto em função da doutrina que ele é, aparte da forma por que seja observada, compreendida, aqui, ali, acolá; ontem, hoje, amanhã. E como cada forma surge a seu tempo, para o seu tempo e consoante o meio, erradamente fechando-se num círculo exclusivista de crença, é que todas essas formas ou «religiões» morrem ao fim de certo tempo, mais ou menos longo, consoante mais ou menos evolvida se vai tornando a mentalidade dos seus profitentes. Allan Kardec advertiu, ou, melhor, observou com muita justeza, que todas as religiões que se estratificam morrem. Se o mosaísmo, transmudado em judaísmo, houvesse compreendido Jesus, não haveria surgido o Cristianismo; talvez tomasse nova denominação que afastasse a ideia, o cunho personalista, regionalista e racista.

Por isto Kardec não deu à doutrina espírita o seu nome e a apresenta como continuação natural, histórica, divina mesmo, do vero Cristianismo, proclamando, no *Livro dos Médiuns,* item 350, *in fine:* — «*A bandeira que arvoramos bem alto é a do Espiritismo cristão e humanitário*», claro que não por espírito de seita, sim pela razão daquele universalismo que percebeu, reconhecendo a sequência evolutiva das formas de apresentação, a que atrás conduzimos o raciocínio do leitor. Tanto assim que no seu derradeiro livro *A Génese, Segundo o Espiri-*

tismo, justifica a proclamação acima, esclarecendo: «*Os Espíritos só ensinam a moral do Cristo, pela razão de não haver outra melhor*», moral esta, todavia, que o codificador reconheceu já expendida meio século a. c., por Sócrates.

Se de igual modo, para não sairmos do nosso quadro religioso, as igrejas cristãs aceitassem a Doutrina dos Espíritos, que Kardec teve por missão codificar, ou seja o Espiritismo, este não se teria visto forçado a viver aparte e ir, aos poucos, fazendo-se uma religião, o que não será um mal, se tudo bem se enquadrar nos princípios fundamentais respectivos, dado poder constituir-se núcleo de base para a unificação das crenças, geratriz da Igreja Universal, a que Jesus se referia. Mal, entretanto, será, se não for contido o religiosismo que se vai processando e que retardará de muito o que Jesus chamava «o reino de Deus na Terra», com uma humanidade que se reduza a um só rebanho com um só pastor.

★

Oriundo do judaísmo, o Cristianismo surgiu como luz nova a esgue, *de tanta vítima; misericórdia quero, não sacrifícios*». *Um Deus Ideal*, subjectivo, que afinal não poderemos, sequer, mentalizar, tal Jesus revelou à mulher samaritana, junto ao poço de Jacob, porque *Deus Espírito*, Espírito infinito, Espírito sabedoria, Espírito inteligência total, universal; um Deus, enfim, que é apenas o *tudo* que poderemos compreender da singeleza do vocábulo «*Espírito*»...

Deus é Espírito e *em Espírito e Verdade quer ser adorado pelos que o adorem*... Esta a grande verdade messiânica a um mundo que não compreendia, como ainda não compreende, Deus idealmente; Deus Amor, sim, mas por isto mesmo, Deus Justiça, e, ainda por isto, Liberdade.

Em função deste trinómio: Amor, Justiça, Liberdade, Deus não pune nem premeia. No plano da sua obra, porque sábia e perfeita, tudo se subordina a leis inderrogáveis. Entre tais leis, a do Trabalho, a da Evolução, como a da Igualdade. Igualmente dotadas dos necessários recursos, partindo igualmente de um mesmo nível de conhecimento e compreensão, as almas iniciam a sua

E tudo isto o Espiritismo sanciona, tudo agasalha em sua Doutrina. E, sobretudo, veio a restabelecer e completar.

De facto, afirmou Jesus haver ainda muito a ensinar, mas não ser possível, ao tempo, aos homens receber. Foi isto, como todos sabem, no discurso de despedida, na *Grande Ceia*, o «Ágape da Fraternidade»... Aí prometeu, então, para mais tarde, o envio do *Espírito Verdade*, que, diferentemente dele, Jesus, que ia morrer; diferentemente de Moisés e de todos os Profetas, que igualmente morreram, ficaria para sempre entre os homens, aos quais traria toda a verdade, restabeleceria todas as coisas e faria recordar todos os ensinamentos (Jo 14:16; 26 — 15:26; e 16:8; 12).

Temos evidentemente nesse passo evangélico, em palavras do Mestre divino, a lição da condição evolutiva da sua Doutrina, a que os seus seguidores vieram a denominar Cristianismo, evolução a completar-se pelo prometido Espírito Verdade, também denominado o *Paráclet*o e ainda *Espírito Santo*.

Há quem admita que este desceu sobre os Apóstolos quarenta dias

PELO CORONEL DELFINO FERREIRA

pancar a penumbra que envolvia o sentido da doutrina de Moisés, mas, sobretudo, a iluminar as consciências, a esclarecer a razão dos homens do mundo através dos homens da Palestina. A criar nos corações uma fé que removesse das almas as montanhas de erros, de orgulho, ambições, materialidade, que avassalavam a sociedade nos lares, nos templos, nos meios governamentais. Uma luz a rasgar nas trevas que envolviam a moral humana estradas que a levassem à moral divina, moral natural. Farol a lançar sobre o mar de abusos do poder, de abusos da riqueza fomentadores de miséria e podridão, um raio luminoso a nortear segura rota a seguro porto de salvação. O Cristianismo, baseado na Lei, não pròpriamente no texto da de Moisés, mas da Lei natural, regente da vida do espírito na matéria e fora dela, à qual não viera destruir mas esclarecer para ser cumprida, começa transformando o Deus iracundo, vingativo do judaísmo num *Deus Amor*, que apenas quer amar e ser amado; um *Deus Verdade, Deus Luz*, que já houvera dito ao profeta: «*basta de tanto san-*

trajectória evolutiva sujeitas ao trabalho multiforme, livres quanto ao emprego desses recursos, do tempo a empregar e dos caminhos a seguir, todas devendo, porém, igualmente atingir o mesmo destino de luz. Luz a ser desejada (pedida) e buscada com pertinácia e confiantemente. Esta, aliás, a lição do Cristo: *Pedi e obtereis, Buscai e achareis, Batei e abrir-se-vos-á*.

E tudo isto é Amor, Justiça e Liberdade. E como da liberdade resulta a responsabilidade, supera a tudo, no campo da justiça, a Lei de Causa e Efeito (Causalidade).

★

Que ideologia, que religião no mundo mais perfeita? Que moral mais elevada? E se compreendermos devidamente os horizontes dessa moral, compreenderemos também que ela obriga a sustentar um espírito de solidariedade, de fraternidade, de tolerância e igualdade, ou seja a sua verdadeira síntese — *Cooperação;* e teremos, consequentemente, o norte verdadeiro indicado pelo Cristianismo.

após a chamada ascensão de Jesus. Raciocinando-se, porém, um pouco, tendo-se notadamente em vista as palavras do Cristo, acima recordadas, haver-se-á de convir não ser possível em tão pouco tempo os homens poderem receber o que não foi possível ao próprio Mestre lhes dar por incapazes de receberem... Nada, mesmo, resultou do acontecido, que confirme a promessa.

Para determinarmos, porém, a nossa compreensão da realização da vinda do Espírito Verdade, recuaremos ao Velho Testamento, bastando-nos ir ao livro do profeta *Joel*, 2:28, onde lemos a previsão de que Deus faria derramar o seu espírito por sobre toda a carne, isto é, criatura, e, então, fala agora o próprio profeta: «*vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos sonharão, terão visões os vossos mancebos; também sobre os servos e servas derramarei o meu espírito. Mostrarei prodígios nos céus e na terra*». Ora, para quem tem olhos de ver, o que Joel aqui anuncia é a difusão da *Mediunidade;* e assim o compreendeu S. Pedro, que ao explicar o fenómeno de

Pentecoste (o primeiro incompreendido Hydesville...) o ligou a essa profecia, como sua realização (At. II:16 ss.).

Os médiuns são, portanto, os instrumentos dos portadores dos ensinamentos que ao tempo de Jesus não puderam ser dados aos homens. As revelações continuarão. Já agora por portadores que «ficarão para sempre entre os homens», porquanto Espíritos, «vozes do Alto», a descerem perenemente a todos nós, através de médiuns que se multiplicam, que nascem, morrem e se sucedem pelo tempo afora. Destarte, a génese da fenomenologia espírita encontra-se firmada na Bíblia, no Velho como no Novo Testamento. Neste encontramos: na Epístola I, de S. Paulo aos Coríntios, como que uma norma a seguir em reuniões práticas; e na I de João a advertência, salutar e instrutiva, do exame da natureza das «comunicações» pelo da natureza ou índole dos espíritos comunicantes, quando diz: «*Amados, não creiais em todos os espíritos, mas examinai se vêm de Deus*», donde inferir-se que não só espíritos bons, ou sòmente maus, se comunicam.

O Espiritismo, por conseguinte, não se sobrepõe ao Cristo. Foi por ele anunciado; e os superiores ensinamentos trazidos pelos Espíritos aptos a tal não são deles, mas ouvidos do Cristo. Daí o desdobrar-se do Cristianismo através do Espiritismo, destarte, em verdade, a sua «continuação histórica e divina», que não justifica, todavia, o qualificarmos de cristão, antes, devermos, distinguindo das várias denominações que os homens deram à fé cristã, atribuir à sua fase última, em realidade a sua vera expressão, *Enquanto se fizer necessário*, a designação de *Cristianismo Espírita*, de vez ainda não possuir o mundo o sentido do real universalismo da Doutrina do Cristo.

O Espiritismo permanecerá, assim, apenas «Espiritismo», sem qualificações limitadoras que lhe entorpeçam a natureza universalista, aberto aos profitentes de todas as crenças, de todas as «religiões», como um denominador comum de todas, até ao momento da unificação, do advento da *Religião única, da Religião universal*.

★

Do perfuntório exame das religiões aqui feito, constatámos em todas, principalmente no Judaísmo e no Cristianismo, a incidência dos princípios fundamentais do Espiritismo, embora envoltos em certa obscuridade. O mesmo, quanto aos factos fenoménicos, então incompreendidos ou mal interpretados, tal é o caso das curas realizadas por Buda, Jesus, Pedro, Paulo e Maomé.

Era propósito nosso fazer desfilar aqui esses factos, meros fenómenos espiríticos. Constituiria, por certo, a parte mais interessante, por mais ilustrativa ou documentária; mas só a Bíblia, deles refarta, exigiria o dobro do espaço até aqui consumido, sem que hajamos debatido as artificiais divergências entre Espiritismo e Cristianismo, o que equivaleria fazê-lo em relação às demais religiões, dado, como verificámos, constituir o Cristianismo a mais alta expressão de todas.

Dessas divergências, a mais positivamente marcante reside no que se refere ao destino da alma imortal e que envolve o problema da justiça divina. Para o Espiritismo há um destino único para todas: a perfeição, dentro do infinito da vida, sempre activa, face ao ensino do Cristo: «*O Pai trabalha incessantemente e Eu ajo como o Pai*». A génese bíblica apresenta o homem feito à semelhança de Deus. Ora, Deus é Espírito. Nós o somos. Com a diferença, apenas, mas fundamental, de que Ele é infinito, e nós, finitos. O trabalho vale pelo que representa. Quanto maior saber, melhor trabalho. Se o Pai trabalha incessantemente e o Cristo igualmente, nós, criaturas, incomensuràvelmente inferiores ao Cristo, não deveremos ter situação diferente, de inércia, no gozo. Logo, para melhor servirmos à obra de Deus, como seus colaboradores — que o somos — cumpre que nos aperfeiçoemos. Convergem para isto as leis do Trabalho e do Progresso (Evolução), de par com a de Liberdade, que nos confere o mérito, dado que preside à nossa vontade. Decorre disto não haver céu, como lugar de eternas delícias sem trabalho ou esforço outro qualquer...

Inseriu Jesus na Oração Dominical a súplica de perdão de nossas dívidas a Deus; condicionou-o, porém, à forma pela qual também perdoarmos os nossos devedores. O perdão, na doutrina cristã, é condição básica de nossa evolução. Se, pois, Deus exige que perdoemos para que nos perdoe, não se concebe haja estabelecido penas eternas em qualquer lugar de eternos suplícios. A política criminal moderna admite a regeneração dos delinquentes em que vê enfermos morais necessitados de cura e não de punição. As penas de morte e de prisão perpétua estão desaparecendo dos nossos códigos. Como, então, conceber penas eternas no Código Divino? Disto decorre não haver inferno.

Se não há céu para os bons nem inferno para os maus, qual o destino da alma após a morte do corpo? *Viver* onde e como se tornar necessário à continuidade dos seus esforços, experimentações, de seu progresso, enfim. E como a vida é uma só, a se processar nos planos criados por Deus, a Lei é «nascer, viver, renascer, progredir sempre», tal nos ensina Kardec, baseado no Evangelho, onde vemos Jesus pontificando não querer Deus que nenhuma de suas criaturas se perca, e isto porque para Deus todas ganharão o seu reino. Disse, porém, ainda, Jesus: «*Aquele que não nascer de novo não poderá ver o reino de Deus*». Cumpre, então, nascer e renascer até atingir a perfeição, fruto do Conhecimento, que é a Verdade, donde haver afirmado o Divino Mestre: «*Busca a Verdade, e a Verdade te libertará*». De quê?, perguntar-se-á. Da ignorância que leva ao erro — chamado algures «pecado».

Está na reencarnação, pois, o caminho da perfeição e também de seus efeitos: porque há reencarnações simplesmente de serviço, missionárias, para que possamos, como Cristo, imitar o Pai no trabalho incessante... Também o Velho Testamento, na expressão do tempo, *Ressurreição*, reconhece e proclama a

LIVROS

Chegaram ao nosso Depósito mais os seguintes livros:

GALERIA DE HOMENS E MULHERES CÉLEBRES, por *Eduardo Sucupira Filho*. Óptimo resumo de biografias das maiores figuras da humanidade de todos os tempos (1.ª e 2.ª série), cada ... 45$00

A REENCARNAÇÃO E AS SUAS PROVAS, por *Carlos Imbassahy* e *Mário Cavalcanti de Melo*. Obra séria e de grande alcance para a compreensão deste problema ..... 50$00

TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABÉU, por *Urbano Pereira*. Documentário palpitante de origem extra-normal colhido por um ex-catedrático de Física ..... 35$00

verdade reencarnacionista. E o facto mais alto a respeito está em Malaquias anunciando a «ressurreição» de Elias para a missão de precursor do Messias. Ora, o Cristianismo proclama João Baptista esse precursor. E Jesus o confirmou, endossando, destarte, como várias outras oportunidades, a ideia reencarnacionista.

A cegueira, talvez voluntária, das igrejas cristãs, *hoje* conduz à negação. Que vale, pois, argumentar? O tempo é que vencerá a obstinação...

Como «a História se repete», e, no caso, possìvelmente como argumento vivo a favor da afirmação de ser o Espiritismo o Consolador prometido pelo Cristo e, assim, a continuação natural do Cristianismo, até os insultos sofridos por Jesus e as calúnias assacadas contra ele se repetem contra os espiritistas, e em particular contra os médiuns. Assim é que Jesus, se curava obsessões e enfermidades, o fazia com a ajuda de Belzebú. Também nós... Jesus era acusado de pregar contra César, não obstante todo o espírito de renúncia manifesto em suas palavras e atitudes, mesmo em seu depoimento a Pilatos: «*O meu reino não é deste mundo*». Igualmente nós, por vezes, o somos da prática de ideologias que no momento assustam os césares da época, donde a incoerência de ora sermos fascistas, nazistas, integralistas, etc.

NOVOS

DEUS E UNIVERSO, de *Pietro Ubaldi*. Um livro em que se procura explicar a coexistência de Deus e do Mal ..... 150$00

O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS, por *Camille Flammarion*. Obra notabilíssima há muito esperada. Um volume de 500 páginas 80$00

HISTÓRIA DE UM HOMEM, de *Pietro Ubaldi*. O drama humano que se desenvolve entre o bem e o mal ..... 150$00

A MORTE E O SEU MISTÉRIO, por *Camille Flammarion*. 3 volumes: «Antes da Morte», «Durante a Morte» e «Depois da Morte» ..... 150$00

MANDAMOS ESTES LIVROS À COBRANÇA

★

Ainda pelo acabado de expor se constata como o Espiritismo é bem dilecto irmão do Cristianismo..., lamentável sendo, entretanto, que, não percebendo tão íntima afinidade, e ignorando o carácter universalista, cósmico, do Cristianismo, também espiritistas neguem ao Espiritismo — por ciosos de sua feição universalista — a natureza cristã, engrossando, neste particular, o coro de numerosos adversários.

Entanto, S. Justino, doutor da igreja católica, nascido em Samaria no ano 100 e degolado em Roma em 165, proclamou em sua Apologia II: — «*Todos quantos hão vivido em conformidade com a Razão e o Verbo são cristãos, ainda que parecendo não ligados a nenhum culto. Tais foram: entre os gregos, Sócrates e Heráclito; e entre os bárbaros, Abraão, Ananias, Azarias, Misael, Elias e muitos outros cujos nomes e acções se fossem lembrados formariam uma lista demasiado longa. Do mesmo modo os que entre os antigos viveram antes de Jesus Cristo e não se conduziram de conformidade com a Razão e o Verbo e perseguiram os que desse modo viviam, eram inimigos de Jesus Cristo. Mas os que viveram depois e os que vivem agora, segundo a Razão e o Verbo, são cristãos*».

Nestes conceitos há três proposições que valem ser destacadas:

1.ª — Ser cristão é viver em conformidade com a Razão e o Verbo;

2.ª — Foram cristãos, quantos, *antes e depois* de Jesus, hão vivido de conformidade com a Razão e o Verbo;

3.ª — Não foram cristãos, mas *inimigos de Jesus-Cristo*, quantos, antes de Jesus (logo com mais justa razão, também depois...), não se conduziram segundo a Razão e o Verbo e *perseguiram* os que assim viveram.

Logo: Cristianismo é uma *Atitude Moral*, humano-divina. É por isso «*Religião Universal*», cujos profitentes: a Humanidade (toda ela cristã, consciente ou inconscientemente) constituem o que Jesus chamava «*Minha Igreja*». Há, pois, implícita no conceito de S. Justino, emitido cerca de dois milénios atrás, a ideia do *Cristo Cósmico*, que, destarte, não poderá ser arguida de teosófica, qual nos aparteou um confrade argentino, quando, em debate no 2.º Congresso Espirita Pan-Americano, buscávamos harmonizar opiniões.

Outro elevado testemunho: Santo Agostinho, nascido em 12-XI-354, ou seja dois séculos e meio depois de S. Justino, afirmou a existência do Cristianismo antes de Jesus. Disse ele:

— «*Aquilo mesmo a que se denomina agora religião cristã existiu entre os antigos e nunca deixou de existir, desde o começo do género humano até à vinda do Cristo em carne. Foi nesse tempo que a verdadeira religião, que já existia, começou a ser denominada Cristianismo*».

Também Bossuet, renomado bispo católico, dos mais ilustres prelados franceses, desencarnado em 1704, referindo-se à religião e ao Cristianismo, exclamou:

— «*Aí tendes A RELIGIÃO. Sempre a mesma, desde o Princípio do mundo*».

Dentro, portanto, do pensamento de Santo Agostinho, como do de Bossuet, o sentido de religião não é, para eles, o vulgar, do mundo. Há um sentido *esotérico* e outro *exotérico*. O Cristianismo sòmente é religião dentro do sentido esotérico, oculto e cuja realização está simplesmente na prática do Bem, o que, aliás, levou o evangelista João em sua Epístola I, 4:20, a argumentar não ser possível a alguém amar a Deus, a quem não vê, não amando ao próximo, a quem vê; e donde Tiago, primeiro bispo de Jerusalém, para quem a fé sem obras é morta, definir religião, mas religião pura, imaculada, para com Deus, o visitar os órfãos e viúvas em suas necessidades e conservar-se imaculado no mundo (Ti 1:27).

Concluindo: Acabamos de ver, através, embora, de certa desordem a despeito de nossa boa vontade, que o Espiritismo vive em todas as grandes religiões. Na doutrina, como nos factos. Outro tanto verificaríamos em todas as crenças da humanidade, de todos os tempos e latitudes.

Denominador comum de todas, o Espiritismo é nelas como o fio de um rosário em que cada conta fosse uma religião.

Após todo o exposto far-se-á ainda mister responder à questão preliminar, inicial: «*É, ou não, Religião o Espiritismo?*».

Aos que julgarem que sim, responderemos: É. Tanto quanto o Cristianismo puro. O do Cristo.

Quem tiver ouvidos de ouvir...

FIM

A seguir: «*O Espiritismo na Fé Íntima de Padres da Igreja Cristã Primitiva*».

Carta a um Materialista

II

Meu caro C.

Recebi o teu postal de 10 e confesso que não compreendo bem o sentido da tua pergunta, um tanto lacónica, sobre a qual necessito que me esclareças.

Em primeiro lugar: que entendes tu pela tua conversão?

Quererás dizer que tens dúvidas sobre a realidade absoluta das teorias materialistas e que, não te satisfazendo já as mesmas por lhes reconheceres falta de base, desejas estudar e interpretar, por ti mesmo, a origem da vida, a Causa das causas, na sua essência mais íntima (até onde puder ir a nossa compreensão), sem dogmas, sem superstições, sem ideias preconcebidas, empregando em todas as circunstâncias a tua razão?

Estarás, tu, realmente, interessado em conhecer o como, o porquê e o para quê do nosso existir? Por que viemos a este mundo, donde viemos e para onde vamos?

Porque somos assim e não de outra maneira? Arde, em ti, esse desejo intenso de saber, e de conhecer aquilo que os nossos pobres sentidos físicos, só por si, são insuficientes para nos revelar? E por que é que o corpo material nos limita, assim, o nosso raio de acção, captando apenas tão limitadas vibrações, em vez de se sintonizar, à nossa vontade, com qualquer gama de vibrações das mais variadas frequências?

Se é isto o significado da tua pergunta, posso desde já dizer-te, como preâmbulo, que o assunto é demasiado vasto para poder ser abarcado em poucas palavras, e em pouco tempo e que só com um gosto acendrado pelo estudo persistente destes transcendentais assuntos poderás vir a conhecer um pouco da Verdade, porque a verdade é, para cada um de nós, relativa à inteligência e ao esforço que fazemos por penetrá-la.

A Verdade é como uma noiva esquiva, que só se deixa conhecer, intimamente, do noivo que obstinadamente a procura e que não desanima com os acidentais insucessos, ou revezes, que tenha de enfrentar para alcançar aquela que tão ardentemente deseja possuir.

Quem deseja alcançar a Verdade tem de se fazer como os meninos, o que, como os ocultistas explicam, quer dizer: deve pôr de lado todas as ideias preconcebidas e todos os preconceitos de escola, não presumindo que sabe muito e que pode contestar o que quer que seja sem estudo prévio sério. Não deve dizer: — isto é impossível, porque eu nunca vi — pois já sabemos que os nossos sentidos físicos só trabalham dentro de escassos limites de vibrações e que para cima e para baixo desses limites, a que estamos sujeitos, há uma infinidade de vibrações nas duas direcções opostas, das quais não podemos aperceber-nos nas condições ordinárias.

E, hoje, a ciência tem-nos revelado tanta coisa que para os nossos antepassados eram impossíveis e que só se podiam dar por «milagre»!...

Os neo-espiritualistas não aceitam os milagres, porque sabem que tudo são fenómenos naturais, uns que conhecemos, outros cujo *processus* ainda ignoramos.

Ante um facto novo, por mais estranho ou invulgar que se nos afigure, não há que afirmar-lhe ou negar-lhe relatividade; mas o único caminho honesto e desempoeirado a seguir é estudar o fenómeno sob todos os seus aspectos, fazendo experiências repetidas, se possível, e comparar com as experiências e com os *métodos* de outros, que se tenham dedicado aos mesmos assuntos e com mais prática do que nós. Fazer, então, deduções e tirar conclusões, joeirando tudo pelo crivo apertado da razão *esclarecida*, não se impressionando se essas conclusões forem opostas (mesmo diametralmente opostas!) aos conceitos gerais do vulgo ou dos sábios negativistas, do diz-se, do pensa-se, ou do habitual.

A Verdade não se sujeita aos homens, nem lhes pede, por favor, que a aceitem; os homens é que têm que a procurar, que tentar compreendê-la e interpretá-la. Quem não estiver animado por este grande amor à Verdade, sem se importar com situações criadas ou com preconceitos sociais, estará sempre sujeito a cair em grandes erros.

Nem credulidade, nem cepticismo. É indispensável conservar a mente aberta para bem interpretar o que se passa connosco e à nossa volta. Ao mesmo tempo é necessário estar, constantemente, atento às vozes interiores que nos falam no silêncio do nosso íntimo, e não tentar abafá-las, antes prestar-lhes atenção e procurar interpretá-las, porque, quase sempre, nos ajudam. É preciso, no entanto não as confundir com as influências externas que, por vezes, tentam mistificar-nos, insinuando-se na nossa mente, com outro aspecto que não lhes pertence.

Não se deve esquecer que o nosso cérebro funciona como um posto emissor e receptor de ondas subtis, e que pode captar, ou emitir, tanto o bom como o mau. Temos, por conseguinte, que vigiar, constantemente, a sua sintonização, se não quisermos prejudicar e ser prejudicados. Temos de joeirar o que nos apareça.

A ciência tem, actualmente, tendência a tornar-se religiosa, e a religião a tornar-se científica.

Quando as duas se encontrarem, se completarão, porque só a reunião da ciência com a religião *pura* nos pode proporcionar o conhecimento integral da Vida.

Não me sinto suficientemente erudito para te instruir sobre assunto de tão grande amplitude, apesar de há quinze anos o vir estudando, sempre com entusiasmo crescente. Mas posso indicar-te bons autores, dignos de toda a confiança, que relatam as melhores experiências até hoje realizadas e que apresentam um estudo pormenorizado da ciência, da filosofia e da moral a que esses conhecimentos nos conduzem.

Tu, como advogado culto, certa-

Nov/Dez/57

mente queres também aprofundar e não te satisfarás com explicações resumidas ou incompletas.

À medida que te fores embrenhando nesta nova ciência, na ciência da vida imortal, poderemos, então, tu e eu, ir trocando impressões e, se necessitares, posso dar-te alguns esclarecimentos sobre o que não te pareça claro e que eu já tenha compreendido.

Para iniciares os teus estudos psíquicos, recomendo-te, em primeiro lugar, as obras de Allan Kardec (Dr. Léon Hipollite Dénizar Rivaille), formado por três faculdades, que, há um século, reuniu, escolheu, ordenou e codificou o néo-espiritualismo experimental, disperso por todo o mundo.

A seguir, deves conhecer as obras de Léon Denis, discípulo e continuador de Kardec. Depois, do engenheiro Gabriel Delanne; de Ernesto Bozzano, professor da Universidade de Turim; do astrónomo Camille Flamarion; do grande médium brasileiro Francisco Cândido Xavier; de Alexandre Aksakof, conselheiro do Kzar; de William Crookes, célebre físico inglês; do coronel conde Albert de Rochas, director da Escola Politécnica de Paris; do Dr. Lôbo Vilela, licenciado em matemáticas e engenheiro geógrafo; de César Lombroso, considerado um dos maiores criminologistas; do Dr. Paul Gibier, discípulo e substituto de Pasteur e director do Instituto de Microbiologia de Nova Iorque; de João Antunes; de Annie Besant; de Max Heindel; de C. W. Leadbeater; de Prentice Mulfor; de Krisnamurti; de W. W. Atkinson, de Blavatski; de Elizabeth d'Esperance; de Arthur Findlay; de A. Conan Doyle, o criador de Sherlok-Holmes; de sir William Barret; de Isidoro Duarte Santos, 1.º tenente da Armada; de Aurélio Valente; do reverendo G. Vale Owen; do professor Pietro Ubaldi, grande místico hodierno; de J. C. F. Zöllner, professor de astronomia e de física da Universidade de Leipzig; do Dr. A. Martins Velho, advogado; e ainda de muitos outros que, pouco a pouco, te irão esclarecendo, cada um focando, em especial, um determinado aspecto, dando-te conhecimento mais amplo e mais completo do conjunto, porque cada um traz mais pormenores, porque examinam inteiramente o assunto em estudo. Algumas obras tenho e posso emprestar-tas. Para as que não possuo, posso indicar-te onde as poderás adquirir.

Mas tu é que terás que te converter a ti próprio, conscientemente, à medida que a tua fé latente se for desenvolvendo.

Não estamos mais no tempo da fé cega. Hoje, a fé de cada um pode crescer ao infinito por meio da experimentação, submetida ao raciocínio e à razão *esclarecida*.

Eu nada poderei fazer, se tu te recusares a ver as coisas.

Posso pôr-te a comida a jeito e indicar-te o que tens a fazer, mas tu é que terás de a levar à boca e mastigá-la.

Para o que eu souber e puder, estou à tua disposição.

Fico aguardando as tuas notícias.

Teu s. e amigo

B.

SOLILÓQUIO

por MANUEL CAVACO

Mais do que as outras, aquela promessa crística de enviar à humanidade o «Consolador — o Espírito da Verdade», revela que Jesus Cristo é a Providência Divina, e qualifica, além do mais, de verdadeira e consoladora, a doutrina dos Espíritos que cooperam na perfectibilidade dos humanos; e é por aqueles dois primeiros predicados que mais se distingue a doutrina dos Espíritos.

Precisamente: o Espiritismo é constituído pela doutrina que os Espíritos superiores têm dado e continuarão a dar à humanidade; e por essa principal razão, a da sua origem, o Espiritismo é perene e indestrutível.

Jamais nenhuma potestade terrena conseguirá destruir ou obscurecer, sequer, o Espiritismo, da crença humana, porquanto «o Espírito sopra onde quer e ninguém sabe de onde vem nem para onde vai», como ensinam os Evangelhos do Cristianismo.

Sem dúvida, aqueles indivíduos que agora morrem a perseguir e a combater o Espiritismo renascerão depois a difundi-lo e a defendê-lo, por simples dever consciencial.

De resto, a quem estiver livre de preconceitos e obrigações sectárias escolásticas ou não, de qualquer feição: política, religiosa, filosófica e outras, não lhe é difícil verificar e confirmar-se que o Espiritismo é a ciência e a filosofia da vida do espírito, fulcro luminoso da formação consciencial de cada indivíduo na sua trajectória através da pluralidade de existências nos planetas e fora deles, no astral.

Tenhamos, pois, inteira confiança nas promessas de Jesus-Cristo, porque elas constituem o incentivo mais eficiente para a redenção de cada um dos humanos.

As existências são efémeras, mas a vida é eterna e nessa eternidade se desenvolvem os atributos espirituais de cada indivíduo até alcançar o mais elevado nível da espiritualidade crística.

Porto, Julho de 1955.

A Fred Jordan Gill cabe a honra de transmitir a mensagem final legada por *Sir* Oliver Lodge numa série de sobrescritos selados, como teste oportuno da sua sobrevivência. Claro que o lobisomen da telepatia não teve intervenção no êxito da prova. Fred J. Gill ignorava todas as indicações dos primeiros sobrescritos.

O relato desta experiência foi publicado na *Light* de Setembro. Em 20 de Junho de 1930, *Sir* Oliver Lodge entregou um sobrescrito selado à Sociedade de Investigações Psíquicas, o qual continha a mensagem póstuma que ele esperava dar através de um médium, após o seu trespasse.

Desencarnou em Agosto de 1940 e, em virtude da guerra, o pacote foi posto em segurança fora de Londres e estes documentos só voltaram àquela cidade em fins de 1945.

No ano seguinte formou-se uma comissão de representantes da Aliança Espiritualista de Londres, hoje chamada Colégio de Ciências Psíquicas, e de pessoas da família de *Sir* Lodge, com George Tyrell na presidência, para estudar e discutir o assunto.

★

O pacote continha sete sobrescritos, uns dentro dos outros, e cada qual com a sua mensagem metida no imediatamente inferior. Nos seis primeiros havia instruções destinadas aos assistentes e outras para serem dadas gradualmente aos médiuns e estimular e guiar a memória de Lodge para a mensagem final.

Neste pacote de sobrescritos havia um suplementar marcado com a letra *B*, o qual continha outro endereçado à Aliança Espiritualista de Londres, com data de 23 de Dezembro de 1931.

Ainda outro, marcado com a letra C, envolvia novo sobrescrito com data de 10 de Outubro de 1933. Eram, portanto, 11 sobrescritos.

★

Outro sobrescrito selado, envolvendo mais cinco, foi guardado na Aliança Espiritualista em Novembro de 1931, contendo indicações mais precisas, no sentido de auxiliar a memória de Lodge.

No interior dos sobrescritos estava repetido o final da mensagem metida no último sobrescrito da Sociedade de Investigações Psíquicas, com explicações suplementares.

MÉDIUM QUE REVELA PARTE DO

A TELEPATIA NÃO

A mensagem final escolhida por Lodge como prova da sua identidade e sobrevivência e datada de 10 de Junho de 1930, dizia assim, textualmente:

«Um exercício elementar que tem sido mais ou menos uma obsessão. Nunca o tinha escrito antes, mas tamborilei-o milhões de vezes em milhares de mesas e cadeiras. Nunca houve tanto para dizer, nem tantos toques digitais necessários para corresponder à frequência dos nossos contactos.

«Assim, o polegar bate três vezes, o dedo superior bate uma só, o anelar ou o mínimo batem duas vezes. Deste modo, batendo todos os dedos na mesa, levantando o superior e batendo outra vez, depois o anelar, e batendo novamente, teriam batido todos, excepto o indicador ou o superior, que teriam de bater três vezes mais».

★

Este exercício de cinco dedos foi dado inteiramente como se vê na gravura. A mensagem final traz notas em que Lodge afirma que, na sua mente, o exercício estava, invariàvelmente, sintonizado com o número de contactos feitos por cada dedo.

O Exercício de *cinco dedos* que Lodge fez milhares de vezes

(b) *letras do alfabeto*	c	e	g	e	d	f	e	d	c	e	g	e	d	c	c
(c) *dedilhação*	×	2	4	2	1	3	2	1	×	2	3	2	1	2	×

(d) *nomes do solfejo* — *Dó, mi, sol, mi, ré, fá, mi, ré, dó, mi, sol, mi, ré, dó, mi.*

A sua ideia, jamais revelada durante a vida, era repetir o exercício o maior número de vezes possível.

Havia 15 notas e os dedos batiam, respectivamente, 3, 3, 6, 1, 2 vezes, num total de 15.

Lodge mencionou também uma forma de usar o exercício resumido, em parte por meio

TESTE FINAL DE OLIVER LODGE

PODE EXPLICAR ISTO

de acordes musicais, em vez de notas simples, que ràpidamente lhe davam os mesmos 15 toques digitais. Isto habilitava-o a fazê-lo com mais frequência.

Outra forma era omitir o dedo superior com um diagrama, levando a redução a 14 toques. «É uma escapatória — disse Lodge —, mas posso mencioná-la e até explicá-la aqui. Muito provàvelmente não será mostrada a todos». Assim terminava o sumário da mensagem final.

A sua ideia era: quando algum médium transmitisse o conteúdo do primeiro sobrescrito, este, uma vez aberto, deveria fornecer as indicações do seguinte e assim por diante. Deveriam servir também para lhe espevitar a memória.

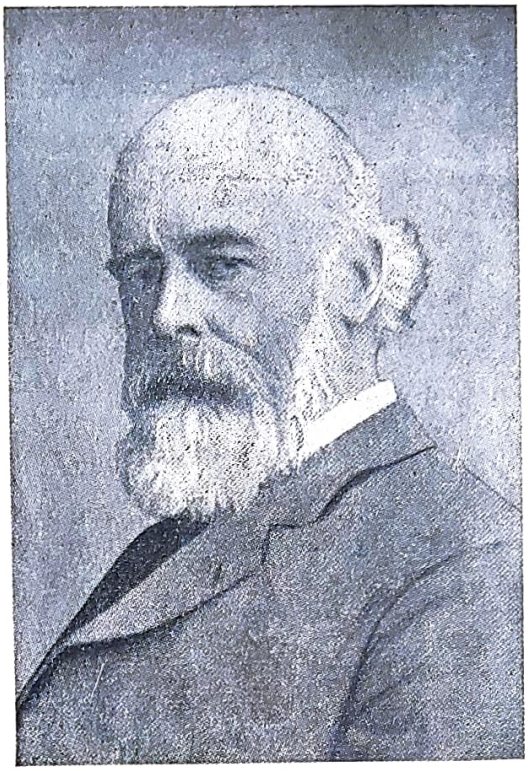
Nos sobrescritos 1 e 2 da Sociedade de Investigações Psíquicas, de Junho de 1930, e abertos em 10 de Fevereiro de 1947, havia as seguintes palavras: «Isto não é incidente ou episódio. É impossível adivinhá-lo. O assunto é demasiadamente vulgar».

No sobrescrito n.º 3, aberto em 14 de Abril de 1947, estava escrito: «...qualquer coisa muito trivial me obsidiava e que eu não revelei a pessoa alguma».

★

O método resumido de Lodge estava no sobrescrito B-2 da Sociedade de Investigações Psíquicas, com data de 23 de Dezembro de 1931 e aberto em 23 de Fevereiro de 1951. O sobrescrito n.º 1 da Aliança Espiritualista de Londres, datado de Novembro de 1931 e aberto em 7 de Abril de 1951 continha o sobrescrito n.º 2, com estas palavras: «Em parte, pode ser um número ou uma referência mais clara e recordações infantis». «Os psicómetras podem experimentar também...».

A escrita do sobrescrito n.º 2 era mencionada no pacote da S. I. P. O sobrescrito n.º 2, já citado, da A. E. L. tinha sido aberto em 3 de Novembro de 1951 e continha o sobrescrito n.º 3. Na parte exterior Lodge



«Sir» OLIVER LODGE

dizia que o sobrescrito podia ser aberto livremente, «se alguma mensagem numérica fosse recebida que pudessam atribuir-me».

★

Nas costas do sobrescrito dizia: «isto deve ser usado em conjunto com o documento da S. I. P. e principalmente referido a uma possível comunicação numérica».

O sobrescrito n.º 3, da A. E. L., datado de 25 de Novembro de 1931 foi aberto em 22 de Fevereiro de 1952 e continha a seguinte indicação: «Se eu der um número de 5 dedos, será exacto, mas poderei dizer mais acerca de 2, 8, 0, 1, e isto quererá dizer que estou na pista. Não é o número real (esse está escrito no sobrescrito fechado), mas tem relação com ele».

O sobrescrito n.º 4, da A. E. L., de 22 de Novembro de 1931 foi aberto em 16 de Março de 1953. Continha dois diagramas, um da mão esquerda e outro da direita, respectivamente, com os números 3, 3, 6, 1 e 2, colocados em frente de cada dedo.

A comunicação diz que, segundo Lodge, os assistentes poderiam entrar em comunicação com ele através de um médium. Assim seria fornecida uma ideia de um dos so-

brescritos das séries, receberia informações acerca do seguinte sobrescrito e se diria quando o deveriam abrir.

★

O relato informa que muitos assistentes eram auxiliados por membros da comissão com vários médiuns. As condições do teste nunca eram totalmente cumpridas, nem obtida qualquer informação ambígua relativa a cada sobrescrito aberto anteriormente.

Também havia mensagens atribuídas a Lodge dando instruções para «abrir antes».

Quando se abriram os sobrescritos seguintes do pacote da S. I. P. que precediam o último, viu-se que não continham mais sugestões. Repetiam simplesmente algumas sugestões adicionais e não davam explicações.

★

Em 19 de maio de 1954 abriram-se os últimos sobrescritos dos dois pacotes na presença de representantes das duas associações e pessoas da família de Lodge.

O relato afirma que, desde 1947, se realizaram perto de 130 sessões dirigidas pela comissão com vários médiuns, tendo sido recebidos mais de 100 escritos automáticos de outros médiuns que supunham ter revelado a mensagem.

Quando Lodge entregou o seu primeiro pacote na S. I. P., em Junho de 1930, disse que «a mensagem era pormenorizada e não podia ser adivinhada em qualquer salão».

Isto dá-nos a impressão de que, apesar das «sugestões» que avivariam a memória de Lodge, elas não atingiriam os assistentes. Contudo, isto afasta a ideia de que as principais sugestões faziam parte da mensagem final, parcialmente divulgada pelos sobrescritos precedentes, embora os assistentes não estivessem prevenidos.

O relatório acrescenta: «Isto aumenta a dificuldade de apreciar o valor das afirmações feitas por médiuns depois das sugestões serem conhecidas dos assistentes, devido à possibilidade telepática entre estes e o médium». Segundo o relatório, o teste de Lodge não era tão secreto como ele esperava.

Por udo isto, o êxito de Jordan Gill tem o maior relevo. Fez referência a parte da mensagem final, sem conhecer qualquer sugestão. Os pormenores que menciona estavam no último sobrescrito e eram desconhecidos dos assistentes. Portanto, a telepatia não pode explicar o seu resultado.

★

Gill mencionou o exercício dos cinco dedos e disse que teve clara impressão de música.

Na segunda sessão, quando soube que tomava parte num teste póstumo, aludiu a números romanos e a letras do alfabeto, os quais formavam uma espécie de código.

Geraldine Cummins, notável médium de escrita automática que conhecia as sugestões, afirmou correctamente que a «obsessão vulgar» a que Lodge se referia era a de entoar silenciosamente uma canção com os dedos, quando estava sòzinho, e que vinha desde a sua infância e persistiu toda a sua vida.

Outro médium — Thirza Smith — fez uma referência parcial ao conteúdo do último sobrescrito, depois dela e o assistente conhecerem as indicações importantes.

★

O relatório afirma: «Não há dúvida que o teste de *Sir* Oliver era extremamente difícil de executar.

Mercy Phillimore, um dos signatários do relatório, resume a sua atitude nestas palavras:

«Estou convencido de que *Sir* Oliver Lodge tentou repetidas vezes realizar a sua difícil tarefa; levou a maioria dos assistentes a ver se o médium tinha tido conhecimento dos propósitos da sessão; que muitas vezes os seus esforços eram frustrados, mas nalgumas ocasiões conseguia transmitir factos correctos, por métodos directos e indirectos; que generosamente deu o seu prolongado esforço para cumprir a sua promessa, com o fim de auxiliar e encorajar certas pessoas. Este procedimento está de harmonia com o seu carácter.

«No decurso das sessões houve muitas afirmações correctas acerca da vida de *Sir* Oliver, de sua família, etc. Estas particularidades tinham grande valor, por aumentarem a minha crença na sua cooperação, mas não tinham valor probatório, porque tudo podia ser descoberto ou inferir-se de seus livros publicados.

«O aspecto do «controlo directo» de *Sir* Oliver Lodge nas sessões de *miss* Thirza Smith reproduzia algumas das características e maneirismos conhecidos sem qualquer dúvida por *miss* Norah Lodge e *miss* Helen Alvey (um dos membros da comissão.

(Traduzido de «Two Worlds» por I. D. S.)

POESIA E TRABALHO

Por VIRGÍLIO SCBRINHO

Imagine, leitor amigo, uma família unida, onde vibre um só pensamento, onde uma, exclusivamente, seja a vontade do grupo social! Onde a elevação de sentimentos tenha a Deus como farol! Onde o Amor faça o mínimo desejo, o seu templo! Onde a Sinceridade a tudo dirija! Onde a Verdade a tudo ilumine! Onde a função social do grupo seja a de fazer o Bem, através da iluminação das consciências pela convicção e pelo estudo! Pense na grandeza dessas coisas. Introspcione com tudo isto. Depois... medite na possibilidade dos homens se entenderem pelo discernimento da Verdade. Naturalmente, qualquer um analisando à luz meridiana da liberdade de pensar, haverá de concluir com os ensinamentos do Cristianismo Redivivo que o homem é o único responsável pela melhoria do seu globo. É a alavanca positiva do Progresso. Pois bem, isto tudo a que aludimos, tivemos ocasião de viver e de sentir, domingo último, quando de nossa visita à cidade de Serrinha, em pleno coração sertanejo, onde um povo altaneiro constroi os alicerces espirituais da Pátria do Evangelho e Coração do Mundo, no dizer feliz de Humberto de Campos. Contagiados pela Harmonia da família espirita serrinhense, pelo labor edificante a que se entregam moços e velhos espiritas daquela urbe nordestina, haurimos novas energias para lutar e vencer com o ideal de um mundo melhor e uma humanidade sadia. É de extasiar a maneira delicada daquela gente boa, simples e humilde que impulsiona naquelas plagas o raiar da aurora do Terceiro Milénio. Aos domingos, pela manhã, são os moços que, à semelhança de pássaros felizes, buscam nos ensinamentos espiritas alimento para transpor esse estágio de fronte erguida e a satisfação do dever cumprido. Em verdade, o Espiritismo em Serrinha marcha cada vez mais para cima e para o alto, transformando moralmente os seus adeptos, incutindo a directriz na conjugação de esforços para o engrandecimento de sua terra e do Universo. Existe, ùnicamente, poesia no quotidiano da vida dos espiritas serrinhenses e trabalho em prol do desenvolvimento da cidade que construiu o Centro Espirita «Deus Cristo e Caridade», que é a bandeira daquela gente, sempre desfraldada no coração de seus filhos.

LIVROS NOVOS

br.

OBRAS DO YOGUI RAMACHÁRACA

14 Lições de Filosofia Yogui — Belas noções sobre a mais alta filosofia do universo, muito claras e desenvolvidas ..... 48$00

Ciência (A) da Cura Psíquica — Regras para o tratamento mental, psíquico e espiritual, de acordo com as leis naturais e os princípios da cura psíquica ..... 38$00

Ciência Yogui da Respiração — Chave da saúde física e mental, com os mais salutares exercícios respiratórios ..... 30$00

Cura Prática pela Água — Aconselha o melhor tratamento para as doenças dos rins e prisão de ventre, simplesmente com o uso da água ..... 25$00

br.

Gnana-Yoga — A verdadeira arte de aprender tudo o que se desejar, aproveitando os poderes do homem e as forças da natureza ..... 48$00

Raja-Yoga — *Desenvolvimento mental* — Meios de alcançar a mais alta sabedoria. Obra dedicada ao desenvolvimento das forças latentes ..... 48$00

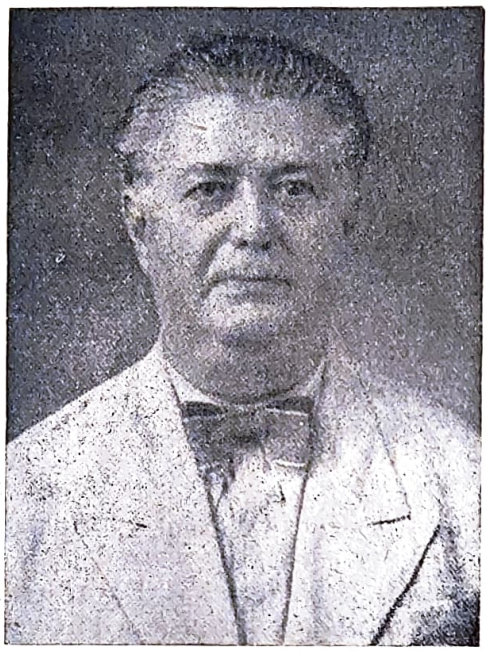
Vida (A) Depois da Morte — Descreve as condições de vida no Além com particularidades muito curiosas ..... 30$00

ECOS DE U

Por ISIDORO

X

A CASA



OLÍMPIO DE VASCONCELOS

Há certos acontecimentos que deixam em nós traços indeléveis. E andamos toda a vida em torno deles, como borboletas subjugadas, limalha de ferro dominada pelo imã. Às vezes é canção obsidiante a envolver a memória, antes de se fixar em seus recessos. É tam-tam que se esbate e logo volta à carga, facto luminoso ou acorde intermitente. Os leitores sabem... Todos conhecem o fenómeno.

A Casa de Luciá anda em nós com o seu fulgor de estrela. Mal chegámos ao Rio, mal nos desenvencilhámos da peia alfandegária, sob ambiente cálido, na Praça de Mauá, um auto nos conduziu a Lins de Vasconcelos, ao Meier, depois de atravessar a Avenida Getúlio Vargas, majestosa via que se alonga em linha recta para lá da Candelária.

Os minutos escoavam-se na esteira da roda, que galgava a distância em hodierna maratona, vira aqui, vira além, ultrapassando o «bonde», mas atento aos sinais do trânsito, que são inexoráveis e impõem respeito ao motorista. Até que chegámos ao subúrbio e uma porta se abriu, simples e boa, acolhedora e genil. Lá estava D. Rosa Leomil e o Leopoldo Machado, que viera ali, de propósito, para o abraço fraterno, trocando Nova-Iguaçú pela capital buliçosa, com prejuizo da saúde abalada. Lá estava D. Matilde e o Paulo, casal amigo — filha e genro de D. Rosa —, lá estavam outros confrades que vinham tomar parte na recepção e que se juntaram a nossos acompanhantes, todos almas generosas e simples, embora um deles, o Dr. Ovídio Gil, houvesse, em tempos, gerido interinamente o Ministério da Fazenda...

★

O abraço recíproco de uns e outros foi banho de compreensão e alegria que a todos caldeou. E percorrido o arruamento que leva ao pavilhão principal, assistimos à primeira surpresa verdadeiramente emotiva. As filhas de Luciá, em semi-círculo, entoam para nós o «Hino do Visitante», desejando-nos muita ventura na viagem empreendida. A letra e a música reuniam-se no mesmo ramo perfumado. O olhar nostálgico das pequeninas irradiava indizível ternura que nos tocava o coração. Elas estavam ali, ingénuas, desprevenidas, ignorantes de muitos dramas humanos. Tinham carinho, orientação, directrizes que plasmavam almas. Elas bem o sentiam no conforto que as rodeava. Quantas não teriam roçado precipícios, quantas não teriam experimentado a fome, a dureza da vida, cheia de alçapões e veredas traiçoeiras! E estavam ali, mimosas flores de carne, olhos inocentes, à espera de auxílio...

O seu cântico enchia o parque de vibrações amorosas, que a vegetação luxuriante

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

I

DE LUCIÁ

reflectia para adultos sensíveis. Nunca nos sentimos mais ligados à criança do que nesta emergência solene. Aquela infância em breve se tornaria mocidade florida entregue ao Brasil imenso. Moçoilas que revolucionariam a terra de Santa Cruz, quando o grito materno as divinizasse para a missão grandiosa de fortalecer a raça, dando homens válidos à comunidade.

Tínhamos necessidade de dizer alguma coisa aos infantes que nos recebiam, mas a comoção da surpresa dificultava a articulação do verbo. E foi com grande esforço que nos dirigimos àquela gente de palmo e meio, num incitamento que levava muito do nosso amor pelo grande povo brasileiro. Fizemo-lo na linguagem mais simples do idioma pátrio, sempre a mais eloquente e que melhor acorda as almas do letargo.

★

Depois, a recepção, na casa-de-jantar, junto ao varandim, donde falara às crianças. Amigos, muitos amigos em redor da mesa. Ao fundo, Leopoldo Machado, o espiritista n.º 1 do Brasil, como lhe chamam de Norte a Sul. Estava ali com sacrifício, já o dissemos, e para saudar o amigo de muitos anos que ele atraíra para surtos maiores. Viera de Nova-Iguaçu, terra de boa laranja que a Natureza enfeitou de galas verdadeiras. A Caravana da Fraternidade, que ele empreendera com outros lutadores, entre eles, o querido Spinelli, ora nos umbrais do Além, açoitara o roble e quase o vergara ao sol das intempéries.

Leopoldo, o querido Leopoldo de tantos anos de convívio espiritual, deu as boas-vindas ao visitante e disse-lhe palavras imerecidas, muito além do que seria normal, reveladoras de alto apreço que só a amizade justifica. E outros falaram no mesmo diapasão, procurando ver em nós coisas ilusórias que, passadas à realidade, fariam inveja a muitos obreiros de um e outro continente.

O Amadeu Santos, essa jóia de homem que nos saudara na chegada ao Rio, em plena rua que o sol ia crestando, cremos que também falou. Mas ele acompanhou-nos tanto, dedicou-nos tanta amizade, que não sabemos bem se ali fez ouvir a sua palavra fluente.

Foi com grande prazer que desabafámos

O 3.º Pavilhão da Casa de Luciá

perante aqueles amigos que labutavam na mesma seara e que ali se encontravam a recaber um homem simples, cavouqueiro como eles, servente cumpridor do Ideal, disposto a sacrifícios, para que a Doutrina resplandecesse...

★

E lá ficámos hospedado. O Leopoldo ficou também. Ainda convalescente, sabiam-lhe bem os ares da mansão radiosa, entre a miudagem que ele adora. Matava saudades do Lar de Jesus, onde outra miudagem crescia e florescia, à margem de plantas viçosas desentranhadas do solo ubérrimo, em pitoresco declive. E nós tínhamos um presente régio. Que satisfação abraçar um companheiro de lides conhecido há mais de vinte anos e com o qual dividíramos ideias e aspirações! E por isso o nosso desabafo não se descreve inteiramente. Há circunstâncias íntimas que só os interessados compreendem. Temos palmilhado estradas semelhantes, temos sentido abrolhos semelhantes. E deste modo não admira que haja afinidade.

O Leopoldo estava ali por dois motivos principais. Um era este. O outro era igualmente forte. É que ele constituira-se em Cireneu da minha viagem, sobretudo no Centro e Nordeste do Brasil. Queria receber-nos na chegada e partilhar connosco as rosas e os espinhos.

★

Sempre tivemos inclinação para as casas de beneficência. Proteger é obra meritória, dá força moral aos que a exercem. E quando se protege com objectivo espiritual, auxiliando os fracos com generosidade instintiva, então o verbo assume proporções mais elevadas.

A Casa de Luciá atraíra-nos num momento psicológico. E além da presença do Leopoldo, havia outra presença amiga que nos rodeou de carinho e incitou ao trabalho de viajor naquelas terras do Cruzeiro do Sul. Era D. Rosa Leomil de Vasconcelos, portuguesa de lei a quem se deve a fundação da obra. Idealizou-a e fundou-a, à ilharga do marido, paulista de nascimento que dava pela nome de Olímpio Leomil de Vasconcelos Oliveira, humanista de vasta cultura. Idealizou-a e fundou-a na sua própria residência e com recursos exclusivos. Hoje abriga cerca de 80 crianças dos dois sexos. Relembram saudosamente papai Olímpio, que há dois anos abandonou a vida terrena em demanda da verdadeira pátria. Vimo-las, gárrulas e activas, cada qual em seu mister, conscientes e briosas, varrendo, lavando, arrumando, saltando e cantando, doce optimismo estampado em rostos prazenteiros que reflectiam traquinice respeitosa. Todos nos saudavam alegremente.

— Bom dia, senhor Isidoro...

Às vezes falavam três ao mesmo tempo.

Que saudade temos das horas gastas na Casa de Luciá!

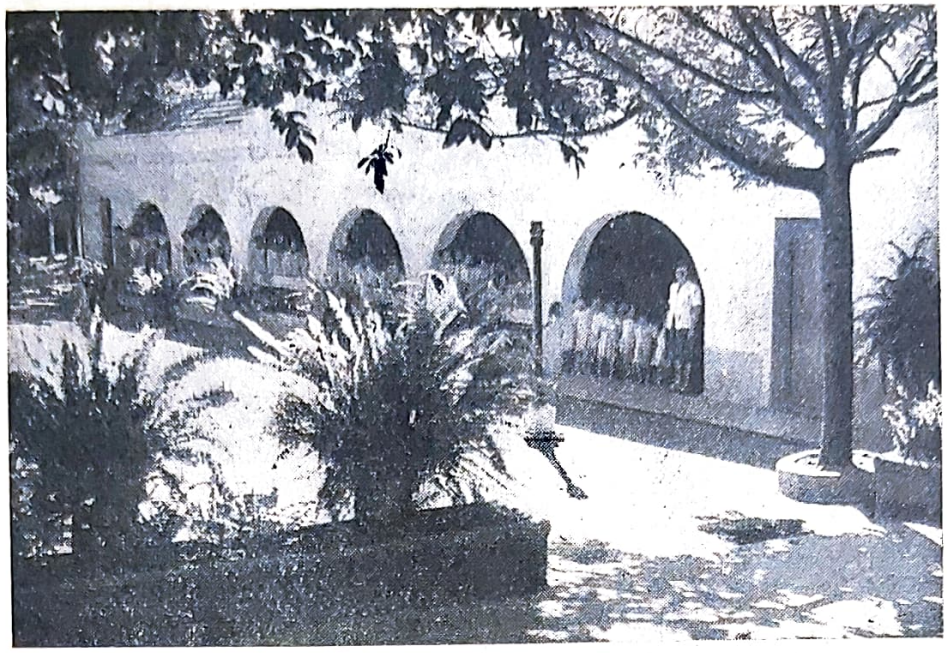
★

Durante alguns dias tivemos a companhia do Leopoldo. Cada um em seu pavilhão, tratava de reconstituir-se. Ele, do esforço desmarcado nas plagas nordestinas; nós, da transição climática que depois degenerou em gripe impertinente de carácter epidémico. E ao almoço e ao jantar, sempre animados pela alegria gentil de D. Rosa, trocávamos impressões, contávamos a vida e dezenas de pormenores vinham à tona. Que extraordinária mulher, esta portuguesa insigne, lavadeira, cozinheira, professora, directora e mãe adorável de tantos pequeninos! Sua graça jovial contagia todos os que se acolhem àquele tecto amigo. Sente-se qualquer coisa de imaterial a pairar no ambiente. Vibrações harmónicas, paz virgiliana... O Leopoldo às voltas com a dieta... Nós às voltas com a nossa... E, à sobremesa, a conversa generalizada dá encantos novos que valem por muitas iguarias. Entre um baiano ilustre e um beirão campesino, a portuguesa nortenha equilibra a atitude maternal, não vão eles ficar ciumentos um do outro...

★

Não há bem que sempre dure... E é pena. O Leopoldo teve de voltar ao Lar de Jesus, àquela colina verdejante, onde as «filhas» o aguardavam ansiosas. E nós subordinámo-nos ao imponderável. De um lado para outro, em roda viva, solicitado pela doutrina e acarinhado por amigos dilectos, tostado pela canícula e vergado a comoções frequentes, nem minuto nos restava para anotações de andanças várias. Era preciso arranjá-lo de qualquer modo... Foi então que a febre se lembrou de nós e nos foi prostrando. Tudo aconselhava recolhimento. D. Rosa foi a primeira a lembrá-lo, em palavras carinhosas. E ali nos ficámos, no pavilhão confortável, dividindo o tempo entre o físico e o psíquico. A temperatura orgânica descontroláva-nos. Nossa hospedeira previu o fenómeno e adoptou me-

didas urgentes, às quais se associou o coração sensível de D. Jandira, esposa do Dr. Ovídio. Enfermeiras desveladas, prestes debelaram a transição, durante a qual escrevemos as três primeiras crónicas de viagem. Depois veio outro amigo generoso, o António José Alves, que no Brasil tem mourejado e defendido a Causa. A sua homeopatia foi safanão benéfico que ajudou a convalescença.



Aspecto de outro Pavilhão

Almas boas que há no Brasil! Correu o boato da nossa indisposição e logo acorreram à Casa de Luciá dezenas de pessoas interessadas no restabelecimento. Não as nomeamos aqui, porque o assunto é outro e seus nomes encheriam muitas linhas preciosas. Falaremos delas ali e além. Teremos de encontrá-las em muitos lances da jornada.

E enquanto não retomávamos a faina, demos um passeio tonificante pelos vários departamentos da instituição...

★

A Casa de Luciá recolhe muitos órfãos, mas não se pode nem deve chamar-lhe orfanato. Esta palavra é rebarbativa. Lar é o seu verdadeiro nome. No fundo, não há órfãos, que todos são filhos do mesmo pai. Há crianças abandonadas; seres que não conheceram carinho materno no lugar onde nasceram e outras que ignoram o nome de seus progenitores. Mas órfãos não há. Quantos filhos se sentem órfãos no convício com os pais? E quantos órfãos se sentem filhos no convívio com estranhos? Cada qual tem seu ambiente específico.

A Casa de Luciá é recinto modelar criado pelo Espiritismo. Se não fosse esta bela doutrina, nem Olímpio nem Rosa Leomil se teriam abalançado à sua construção. E não haveria aqueles parques floridos, nem as copas de arvoredo que tão lindo aspecto dão à paisagem. Nem existiria o bando infantil que dá vida e cor ao conjunto.

Mas a vontade é o maior factor de progresso que o homem tem ao seu alcance. E quando se exerce no sentido do bem, os resultados são quase sempre maravilhosos.

Neste caso, o exemplo foi tão digno de imitar-se, que hoje há 54 Lares no Brasil, feitos à semelhança da Casa de Luciá. Ideia prolífera, porque humanitária e generosa. É a materialização evangélica, a cruzada maternal ao serviço do próximo.

★

A obra, como já dissemos um dia, é dirigida por 18 membros natos: 11 brasileiros descendentes de portugueses, 2 brasileiros descendentes de franceses e 5 portugueses. Mas a origem não interessa. A finalidade é que vale.

Sobre 11.000 metros quadrados de terreno há sete edifícios construídos: três grandes pavilhões de três andares cada um; dois, de dois andares cada um; um, de um andar, e um conjunto de oito apartamentos para aluguel. Este estava a receber os últimos retoques em fins de Setembro, quando nos dispúnhamos a regressar.

O primeiro tem entrada pela Rua de Carolina Ramos. É uma autêntica moradia, com biblioteca, secretaria, sala-de-jantar, refeitório dos meninos, cozinha, copa, etc., tudo es-

meradamente conservado e artisticamente disposto pelas mãos geniais de D. Rosa Leomil.

No 1.º andar, ao cimo da escada, o quarto «privativo» do Leopoldo. É ali que o vate de Nova-Iguaçú vem afinar a lira, quando há torneios a disputar, ou se acolhe em necessário repouso, após esforços demasiados que lhe desgastam o físico. Ao lado, a sala-de-jantar, que serviu à nossa recepção, uma vasta e luxuosa secretaria, com um retrato de Luciá em tamanho natural, pintado por Velda Ribeiro em 1946, quando tinha 18 anos. É um trabalho impressionante e harmonioso.

No 2.º andar, a biblioteca, instalada em grande salão. Lá se encontram obras valiosíssimas, como a «Popular Enciclopædia», «Biblioteca Internacional de Obras Célebres» e muitos livros seleccionados. Vimos também duas estantes de obras espiritas. Aposento acolhedor, fartamente iluminado. Um quarto de hóspedes, um apartamento com duas salas e casa-de-banho.

No rés-do-chão é que está a cozinha, uma grande cozinha forrada de azulejo, assim como a sala-de-jantar do mesmo pavimento, com rádio, cristaleira, frigorífico, etc., etc. Ao lado, o jardim onde nós e o Leopoldo tirámos a fotografia... E logo a seguir fresca mesa de marmorite, de 5 metros por 1m,10, e um belo galpão com bancos de madeira. Muitas vezes nos sentámos neles a meditar nesta obra magnífica, outras a conversar amigàvelmente com o Leopoldo. Não podemos evocar esses momentos sem um fiozinho de saudade. Teremos nós ainda oportunidade de lá voltar um dia?

A Casa de Luciá é uma espécie de Casa do Gaiato, já o dissemos também. A diferença está no recrutamento da massa a lapidar. O padre Américo vai buscá-la à viela, à degradação social. D. Rosa Leomil procura-a no resvaladouro da vida, antes de se estatelarem no esgoto. E dá-lhes pão e agasalho e instrução primária e profissional. Plasma o espírito, como exímio joalheiro facetando a gema. Depois a criança se faz mulher ou homem e entra na vida com as armas da vitória. E nunca mais se esquece da educadora e benfeitora. A Casa de Luciá imprimiu-se para sempre no espírito de quantos lá passaram a infância e parte da mocidade. É uma legenda de redenção, um símbolo de benfazer. D. Rosa Leomil é o protótipo da mulher espirita. A Casa de Luciá é o padrão dos Lares de Jesus, que proliferam Brasil em fora presos ao coração generoso de tantas almas que se devotaram ao próximo.

★

Atravessamos o galpão, viramos à esquerda e entramos no pavimento térreo do 2.º pavilhão da obra. Sala de aula. Mosaico acastanhado, limpidíssimo. Sala de reuniões, com um grande aparelho de televisão. Ampla mesa ao centro, ladeada por 14 cadeiras. Soalho reluzente. Nas paredes, quadros interessantes:

«Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão».

«Eu sou o pão que desceu do céu».

«Leva até o fim a tua cruz».

«São muitos os caminhos que conduzem ao Pai».

«A Caridade é a maior das virtudes».

«Os actos é que revelam os homens».

«Domine a carne e eleve o espírito».

«O Espírito progride na matéria, não vive dela».

«Se permanecerdes nas minhas palavras, sereis verdadeiramente meus discípulos».

Não é preciso assinar estas exortações. O Cristo está nelas em espírito e verdade.

Subimos ao 1.º andar e deparamos com dois belos dormitórios, de limpeza inexcedível. Apetece ser menino pobre e filho natural para dormir em tão esmerado asseio.

D. Rosa, que nos acompanha na visita, diz-nos na sua linguagem simples e amorável:

— Temos cá esta menina que foi exposta no banco do jardim com seis dias de idade. Tem agora três meses. Está um amor!

— É a «mascote» do lar...

— É a legionária mais nova da Casa de Luciá. Antes assim do que matá-la...

E acaricia-a contra o seio, num eloquente gesto de ternura.

23 camas. O soalho parece um espelho. E que disciplina! Os garotos fazem as camas, limpam tudo com cuidado...

Agora passamos aos armários. Escovas dentífricas, sabonetes, pentes... Além, «sweters» de lã, roupas de cama, aparelhos sanitários, chuveiro eléctrico colectivo e banheiro, com água quente e fria...

O pátio ostenta 17 árvores frondosas, de belos frutos tropicais...

★

O 3.º pavilhão é imponente, de estilo colonial. Perto, uma horta cultivadíssima, onde viceja a couve portuguesa, ao lado de múltiplas espécies vegetais.

No rés-do-chão, um salão nobre adamascado, com três quadros a lã, denotando maes-

tria e bom gosto das autoras. Um deles representa um castelo medieval com água corrente ao lado. Só um grande talento conseguiria dar perfeita ilusão aquática. Outro representa lindas árvores floridas, em plano inclinado... Várias poltronas granadinas se encontram espalhadas no aposento...

Mais alguns passos. Eis-nos na Sala de Lavores, dirigida por D. Jandira Gil. 25 alunas femininas, das quatro às dezoito primaveras, cada qual segurando o seu paninho...

E um grande refeitório de mármore sugestivo... E outra aula arejada, soalho reluzente... biblioteca de livros de estudo e livros recreativos...

D. Rosa traz a mascote ao colo. Muitos beijos dá na pequenina! Fará dela uma bela mulher — a mulher de amanhã... Maternidade sublime está naquele instinto a germinar e a sorrir!

A sala-de-jantar é de ladrilho branco, à semelhança das almas infantis. E higiénico e acolhedor. A cozinha é também no mesmo estilo, desde o fogão-a-gás aos armários. Aqui há dois grandes lava-loiças de mármore assentes em mosaico vermelho-escuro, tudo muito limpo... Por toda a parte vasos vermelhos encadernando lindas samambaias, espécie de fetos europeus, de cor violenta...

E uma lavandaria... Duas máquinas automáticas «Norge»... e mais plantas... Depois, a escadaria que leva ao 1.º andar...

Degraus de mármore branco contra mármore negro de laivos brancos. Corrimão de mármore branco com laivos pretos... Escadaria monumental, de 1^{m} e 70 de largura...

O 1.º andar debruça-se para o jardim através de artística varanda. Neste pavimento vêmos a camarata das menores. O mesmo soalho sob 25 camas limpas...

Ao lado, o quarto de D. Rosa. A sua cama, ao centro. À esquerda, a do Lúcio Paulo, neto adoptivo, e à direita a de Luciá, feliz recém-nascida, linda «mascote» da Casa. Perto, bela casa-de-banho em tom verde...

— D. Rosa, você veio ao mundo com missão muito elevada.

— Não é privilégio meu. Qualquer pode fazer o mesmo. É questão de saber gastar o dinheiro... Dêem-me crianças, flores e música. Já estou satisfeita...

Pois esta alma diamantina levanta-se às 4 e meia a dar banho às pupilas e deita-se às 22 horas, sempre a vigiar, administrando e orientando...

Agora um roupeiro enorme, de 4 metros de comprimento por 3^{m},80 de altura. Tudo em ordem, tudo bem acondicionado. Aqui, roupa azul; ali, amarela... O uniforme de sair é de casimira azulina.

Num recanto, pábulo magnífico de nossos olhos: vitral ovalado, amarelo e azul. É Luciá distribuindo pão às crianças, sob o dístico fraterno: «Sede benvindos à Casa de Luciá».

★

Estávamos quase no fim da visita. Mas olhámos à direita e novas instalações sanitárias nos chamaram a atenção. Principalmente um lavatório octavado, cujas torneiras se abriam para marmorite cor-de-romã... Mais três chuveiros e seis privadas. O tom berrante da marmorite contrastava admiràvelmente com a brancura dos ladrilhos.

Ao flanco, o dormitório dos grandes — de 14 a 18 anos —. 32 camas. Igual esmero, disciplina e asseio. Uma coluna branca ao meio

D. Rosa, mediunizada, numa sessão de cura

do salão, sustentáculo do tecto e nota de elegância do construtor...

D. Rosa leva-nos ao 2.º andar. Almoxarifado. Cobertores, toalhas de rosto, toalhas de banho, tudo bem arrumadinho.

— Agora, vamos à caixa de surpresas...

Abre-se uma porta no forro... Bicicletas das meninas, cadeirame, dois montes de leite em pó oferecido por um amigo americano, que já oferecera a televisão... Visitou a Casa de Luciá e de vez em quando lembra-se dos filhos de D. Rosa...

★

Esta instituição é altamente apreciada no Brasil. Por alturas do congresso eucarístico, os seus organizadores propuseram-lhe o aluguel temporário da Casa, só para ali tirarem fotografias.

— Pagavam 1.500 cruzeiros diários para estacionar das 6 da manhã às 6 da tarde — conta D. Rosa —. Traziam crianças de asilos católicos e tiravam fotografias. Era para levar para Roma. Quem cá veio foi um brasileiro. Disse que os prelados queriam que tirássemos de cá as meninas, a fim de serem substituídas por irmãs de caridade naquelas 12 horas, enquanto durasse o congresso. O mobiliário podia ficar todo. Só lhes interessavam as fotografias...

Isto não merece comentários, que ressaltam do próprio enunciado da notícia...

★

Passamos à enfermaria. Debaixo deste recinto, um alpendre de 27 m. por 12 m., todo revestido de mosaico igual ao dos outros pavilhões. Ao meio, uma mesa corrida, de 10 metros de comprido, com tampo de alumínio reluzente.

Uma larga escadaria de marmorite, de 1m,70 de largura. Ao cimo, a cozinha dos doentes. Onde estão eles? A profilaxia afasta-os da Casa de Luciá. Um quarto grande destinado a contagiados, que também estão ausentes...

Depois, o consultório médico, devidamente equipado. Banheiro de luxo, privada com tampa de madre-pérola. Duche quente e frio e um «armazém» de sabonetes finos adquiridos em saldos.

Finalmente, a enfermaria geral. Seis camas vazias, graças ao bom tratamento das crianças. Ao lado, um óptimo solário, de mosaico igual ao restante.

Em frente deste pavilhão há baloiços destinados aos infantes: 20 masculinos e 50 femininos.

A única subvenção recebida é do Governo Federal: 20.000 cruzeiros por ano. Mais nada.

★

Neste fecho de crónica fica bem uma anedota verídica. Tínhamos ido a Nova-Iguaçú. D. Rosa fora connosco no automóvel de um casal amigo. Era visita ao Leopoldo, no Lar de Jesus. Almoçámos, passeámos pela cerca, ouvimos cantar a petizada... E como fizesse calor, despimos o paletó. Após algum tempo resolvemos voltar ao Rio. Vamos ao cabide, tiramos o paletó, atravessamos o alpendre, descemos três degraus, vestimos esta peça de vestuário... Mas não caía bem... Puxámos de um lado, puxámos do outro... e nada. «Deve ser do calor» — pensámos. E despimo-lo outra vez. Mais abaixo, num socalco arrelvado, tomámos lugar no automóvel, de volta à Casa de Luciá.

Chegámos, instalámo-nos e eis que o telefone retine:

— Allô! Allô! Isidoro está? Aqui, Leopoldo...

— Sim. Isidoro está. Sou eu mesmo. Que há de novo?

— Um paletó a mais e outro a menos...

— Não compreendo...

— O seu paletó é meu e o meu é seu...

— Não compreendo... Que grande charada!

— Estão trocados. Você levou o meu e deixou o seu. Veja se lá tem uma carteira com 2.500 cruzeiros.

Nesse momento lembrámo-nos também da nossa com 5.000. E inquirimos. Que sim, que estava lá. E também a caneta e os óculos e a lapiseira...

Vamos direitos ao guarda-fato. Evidentemente! Era o paletó do Leopoldo. Mas a carteira faltava. E voltámos ao telefone.

— Está o paletó, não está a carteira!

Do outro lado uma voz responde:

— Que grande salsada!

Foi quando nos lembrámos do automóvel. Com o calor não vestíramos o paletó, que ficou dobrado sobre a poltrona. Quilómetros andados, vimos um porta-moedas e um pente de algibeira misturado com o paletó. E pensámos que tais objectos pertenciam ao motorista, que também não envergava paletó. Tivemos então uma ideia redentora.

— Allô! Allô! É Leopoldo?... Sim... sim...

Aqui, Isidoro. Encontrou a carteira?... Aqui não está... Ah!... está bem... Vá ao socalco arrelvado... Sim... onde entrei no automóvel... Talvez lá esteja...

— Que grande salsada! — exclamámos por nossa vez. — Quem me mandou trocar o paletó?...

Mas eles eram tão parecidos...

Passados alguns minutos, volta o Leopoldo:

— Allô! Allô!... Allô!... Aqui, o porta-moedas!

— O porta-moedas?...

— Não, o Leopoldo. O dinheiro apareceu, mais o porta-moedas. Estava cá...

— Onde? No meu paletó?...

— Não, homem! No relvado, onde você entrou no automóvel...

Compreendemos tudo. E duas sonoras gargalhadas fizeram vibrar dois microfones, o dele e o nosso. No que ia dando a troca dos paletós!...

Quando o Leopoldo voltou à Casa de Luciá, *muito nos rimos com a anedota. E hoje, pasados alguns meses, ainda encontramos motivos de hilaridade, ao lembrar o equívoco. Ambos «tínhamos perdido» os haveres, certos de que os paletós estavam em seus lugares. Só quando demos pela troca se esclareceu tudo. «Tout est bien s'il finit bien»...*

★

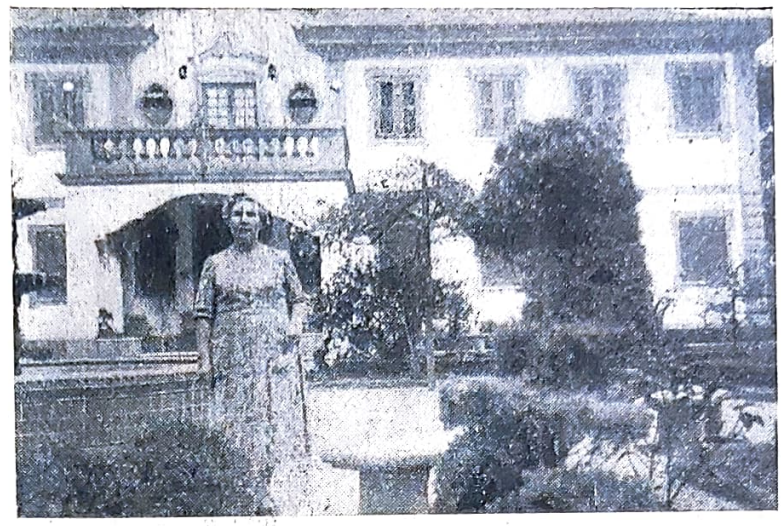
Casa de Luciá! *Mansão de amor, retiro de poetas, tabernáculo de caridade! Como te recordamos e à tua directora! Acolheste-nos, jubilosa, como se fôssemos um filho pródigo. Tudo era nosso: os pavilhões, a horta, os jardins, a biblioteca... E que noite, a do jantar de anos de D. Rosa, a que assistimos com o Leopoldo e o Baptista Lino, outro cireneu que nos auxiliou e acarinhou em S. Paulo!... Tudo isto paira em nossa mente, quadro vivo que nos há-de impressionar, enquanto vivermos.*

D. Rosa Leomil ratificou-nos:

— Volte para cá, quando vier ao Rio. Esta casa é sua e dos seus!

Como se isto de ir ao Rio fosse coisa de alguns minutos!...

Mas fica o desejo, fica a simpatia. Que grande coração, o dessa portuguesa amiga que se esquece de si para servir os outros! Essa alma de artista, simples e boa, que irradia modéstia e inspira confiança! Mulheres assim não deviam morrer para o mundo. Cumprem altas missões, são fulcros de energia e a humanidade necessita delas em seu avanço progressivo.



D. Rosa Leomil no belíssimo jardim fronteiro ao 3.º Pavilhão da Casa de Luciá

O Leopoldo sabe que é assim. Por isso ele vai à Casa de Luciá *retemperar as forças abaladas. Não há termas mais propícias à recuperação física e moral do que esta verdadeira estância do espírito. Gostaríamos de lá poder ficar muito tempo. não como hóspede furtivo, mas como trabalhador denodado. Que pena termos regressado a Portugal! Parte veio connosco, está connosco, muito junta ao coração... A outra parte ficou no Rio, em Lins de Vasconcelos, para os lados do Meier...*

Em pensamento vamos lá muitas vezes no dia. Aquela mesa convidativa está sempre posta. À cabeceira, D. Rosa. Aos lados, o Paulo, D. Matilde, o Leopoldo e nós. Este quadro é permanente, nada o desfaz, nem o vento nem o tempo. A memória defende-se de outras impressões que avançam na retina, procurando ambiente... O Leopoldo com sua dieta... Nós com a nossa... E D. Rosa insistindo sempre...

— Ao menos, o doce!

É verdade... o doce, o maravilhoso nectar de suas mãos exímias!

Como nos sentimos felizes ao evocar estas coisas grandes, que parecem pequenas! A alma confrange-se ao pensar que tarde mal voltaremos à Casa de Luciá.

E quem sabe se voltaremos mais depressa do que julgamos?...

O DEVER DA MULHER

Por HENRIQUE MAGALHÃES

A missão da mulher na terra, desde que o mundo é mundo, tem sido a de preparadora de almas para o bem, formadora de corações para sentir e de aprimoradora dos sentimentos para o sentido elevado do amor.

Este trabalho ininterrupto, burilador por excelência do diamante humano, a mulher o exerce consciente ou inconscientemente através dos séculos, no preparo lentamente elaborado do carácter dos filhos, nas várias encarnações. De facto, a mãe, na sua faina de todos os dias e de todos os instantes procura formar o coração dos filhos, chegando por vezes às raias de heroísmo, numa catequese constante, para que os seus entes queridos sigam o caminho traçado pelo Cristo, bastando citar o exemplo de Santa Mónica, mãe de Santo Agostinho.

Deus, na sua sabedoria infinita, confiou à mulher o encargo dessa sublime tarefa, na certeza de que a cumpriria no decorrer dos tempos com sublimidade incomparável.

Começando por Maria, a mãe imaculada, até à mais rústica das criaturas que têm a ventura de ser mães, todas, a seu turno, tiveram as suas missões.

Temos visto crianças que, desde tenra idade, são mães de seus irmãos, por morte da genitora e, assim, principiam a calcurriar a estrada dolorosa da vida.

A mais bela missão da mulher é ser mãe. Não cabe aqui a palavra genitora: dizendo mãe, referimo-nos às educadoras, àquelas a quem está afecta a educação das crianças. Uma professora, na escola, é mãe de seus alunos. Para que cumpra com os seus deveres integralmente, perante Deus, tem de desenvolver não só o intelecto, mas, principalmente, a moral das crianças que lhe são confiadas, incutindo na formação das inteligências juvenis os bons hábitos, corrigindo os defeitos, ensinando-as a ser virtuosas. Se assim não o fizer, as crianças mal educadas vão desviando as outras, imprimindo-lhes a sua educação defeituosa e, desse modo, a mestra foge à sua finalidade mais importante que é a de educadora.

É na idade jovem que mais fàcilmente se assimila a virtude ou o vício. O que é ensinado nessa fase fica gravado no espírito, às vezes para toda a vida. Ainda hoje me lembro das exortações educativas que fazia a minha professora aos alunos. Certo dia, disse-nos ela:

— Nem que um filho ajude a seus pais durante toda a vida, nunca lhes pagará o trabalho que com ele tiveram. Quem poderá jamais pagar a aflição das mães junto ao leito dos filhos enfermos? Quantas noites de insónia passadas com desvelo à cabeceira do filho amado?

Eis uma grande verdade. Pois bem; esses ensinamentos jamais esquecidos têm-me servido inúmeras vezes. Eis aqui, bem patente, o importante papel da professora-mãe, na transformação do género humano.

As senhoras que trabalham em asilos e educandários são geralmente mães, no sentido mais amplo. A missão de tais mães é muito importante, levando-se em conta que a educação nesses estabelecimentos é completa. Além disso, uma dessas mães pode ter dez, vinte ou cem filhos.

Urge que sejam despertadas as nossas irmãs encarregadas dessas missões, compreendendo a grandiosidade e a responsabilidade desses lugares de mães. A elas está afecta a transformação para melhor dos filhos de Deus que lhes foram confiados.

★

O ensino às crianças deve ser ministrado não só no desenvolvimento intelectual e trabalhos manuais, mas, principalmente, no moral, base do progresso do espírito no sentido do bem, do amor e da verdade.

A educação da mãe no lar é o cimento coordenador de todo o edifício social e, principalmente, a base onde se processa a evolução dos povos, no campo espiritual.

Pela conversação com as crianças, conhece-se relativamente a educação moral dos pais. As crianças reflectem nos seus ditos aquilo que vêem ou ouvem dos pais. É sufi-

ciente reflectir neste ponto para compreendermos em toda a extensão o que representa o modo de agir ou de falar diante dos nossos filhos.

A mulher tem o instinto evoluído e sentimental. Como esposa, percebe com facilidade os defeitos que o companheiro contrai no trabalho ou na sociedade. Se ela for inteligente e espiritualizada, poderá, muito jeitosamente, ir aos poucos sanando esses males, contornando o perigo, fazendo ver ao companheiro os seus deveres de esposo e pai e, ao mesmo tempo, enunciando-lhe os perigos a que se expõe. Este é um trabalho árduo que exige paciência e constância, mas que é de importância capital na vida dos cônjuges.

Da harmonia de vistas, do bom senso e das palavras sãs é que sai a educação apurada dos filhos.

— Mães e esposas, compenetrai-vos da vossa missão de educadoras e guias da Humanidade! Vêde bem o quadro tristíssimo que os nossos olhos presenciam: são casas de jogo e casas de bebidas, onde impera a libidinagem, repletas de frequentadores; moças e meninos de tenra idade, impregnados do vício do fumo e outras coisas bem tristes...

Tudo isso representa a degenerescência moral das criaturas de Deus, pela frequência aos antros de perdição, nos quais buscam as suas tendências viciosas, não corrigidas pela educação.

— Mães e esposas, arrancai os vossos entes queridos dessas masmorras corrompidas! Por meio de conselhos brandos e ponderados, conseguireis desviá-los do caminho errado em que se encontram. Dai aos vossos filhos uma educação modelo, ensinando-os, desde tenra idade, a fugir desses vícios clamorosos! Para que possais dar-lhes educação de acordo com os ditames do Senhor, necessário se faz prepareis os vossos espíritos na forja dos conhecimentos da pura moral ensinada nos Evangelhos de Jesus-Cristo e, assim, com absoluta segurança, encaminhá-los-eis pela estrada da Salvação.

Sois as colaboradores mais eficientes da regeneração da humanidade impregnada de paixões e erros, transviada do rebanho do Divino Pastor. Vós, porém, encaminhá-la-eis ao seu aprisco, através de sucessivas gerações.

Seja, pois, o vosso instrutor o vosso maior amigo, o Divino Mestre, nas páginas do seu Evangelho, a fim de preparar-vos convenientemente para fazer jus à maior das missões da mulher na Terra, consubstanciada na missão de mãe.

A mulher, como bem diz o padre Germano, é sempre mãe; quer seja esposa, irmã ou mestra.

O NOSSO GRUPO

O nosso grupo de trabalho espirita cristão, em verdade, assemelha-se ao campo consagrado à lavoura comum.

Almas em pranto que o procuram simbolizam terrenos alagadiços que nos cabe drenar proveitosamente.

Observadores agressivos e rudes são espinheiros magnéticos que devemos remover sem alarde.

Frequentadores enquistados na ociosidade mental constituem gleba seca que nos compete irrigar com carinho.

Criaturas de boa índole, mas vacilantes na fé, expressam erva frágil que nos pede socorro até que o tempo as favoreça.

Confrades irritadiços, padecendo melindres pessoais infindáveis, são arbustos carcomidos por vermes de feio aspecto.

Irmãos sonhadores, eficientes nas ideias e negativos na acção, representam flores improdutivas.

Pedinchões inveterados, que nunca movem os braços nas boas obras, afiguram-se-nos folhagem estéril que devemos suportar com paciência.

Amigos dedicados ao mexerico e ao sarcasmo são pássaros arrasadores que prejudicam a sementeira.

O companheiro, porém, que traz consigo o coração vibrando de boa vontade, na conjugação do verbo servir, é o semeador que sai com Jesus a semear, ajudando incessantemente a execução do Plano Divino e preparando a seara do Amor e da Sabedoria, em favor da Humanidade, no futuro infinito.

ANDRÉ LUÍS

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

OS ESPIRITAS E A SUA IMPRENSA

O que custa manter uma publicação

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário - Argentina)

Se os espiritistas tivessem noção exacta do significado e importância do periodismo, as nossas publicações seriam outra coisa e a propaganda doutrinária assumiria aspectos mais amplos e sólidos.

Digâmo-lo com toda a franqueza. As nossas revistas e periódicos não recebem o apoio material que merecem. Por isso os mensários independentes realizam propaganda eficiente. Os seus directores têm de fazer gigantescos esforços para mantê-los regularmente. Realizam verdadeiros sacrifícios morais e materiais.

Citaremos apenas três revistas que desenvolvem um esforço espirita de inegável valor: *Voz Informativa, La Conciencia* e *Estudos Psíquicos,* de Lisboa. São três revistas que encaram os problemas espiritas com amplíssimo critério, vendo-se bem que à frente delas há pessoas competentes, dispostas a dar-lhes variedade, amenidade, agilidade no aspecto gráfico que exerce uma influência atraente no ânimo do leitor, convidando-o a apreender os problemas do espírito.

A nossa ilustre amiga senhora prof.ª Eulodia Cástol de Benavides e os queridos amigos Genaro Pucci e Isidoro Duarte Santos lastimam-se periòdicamente da falta de apoio. Nem todos os assinantes cumprem o dever de enviar o numerário relativo às suas assinaturas. Alguns dos representantes recebem os pacotes de revistas, sem se lembrarem de que as tipografias não fiam e que é preciso pagar-lhes o importe de cada edição. E quando esses agentes morosos recebem a notificação de que têm uma dívida para com a administração, não respondem ou dizem: «quando cobrar as assinaturas se enviará o dinheiro»...

Por outro lado, há quem julgue que os directores de revistas desta espécie «estão enriquecendo», como nos disse um assinante de *La Conciencia* em certa oportunidade.

Nós, que somos jornalista profissional e conhecemos o ramo perfeitamente, podemos afirmar que se os espiritistas estivessem pletóricos com crescentes gastos exigidos por uma revista ou um periódico, certamente a cooperação seria integral, visto que, em tal caso, cada subscritor espirita procuraria aumentar o número dos assinantes, enviando contribuições suplementares. Deste modo se estimulariam os directores, neutralizando em parte as preocupações que gravitam em torno de erários empobrecidos, levando muitas vezes ao sacrifício das necessidades particulares para enfrentar as despesas da impressão, expedição, franquia, etc.

É que os espiritistas, em geral, não têm ideia real do que significa uma propaganda eficaz. Adquirem publicações profanas, cooperando com a tendência materialista de embrutecer o povo com propaganda mercantil, se é que não pagam religiosamente as quotas mensais do clube de futebol da sua predilecção. As crianças e os adolescentes espiritas preferem ler as historietas absurdas e deformadoras da sua mentalidade. E os pais espiritas fazem causa comum com uma literatura atentatória da estrutura psíquica de seus filhos. É como se se albergasse nos lares espiritas o inimigo do homem, esse inimigo que, sistemàticamente, esvazia os cérebros e os corações da juventude.

E se ao lado do desporto dos 22 jogadores de futebol e do apoio da imprensa profana passarmos aos vícios, poderíamos dizer que se os fumadores espiritas dessem às suas publicações metade do que gastam em tabaco, é inegável que elas teriam a vida assegurada.

A verdade clara e dolorosa é que a imprensa espirita enfraquece em toda a parte, indício de que necessita de apoio de quem se diz espiritista. Esta semi-orfandade é inexplicável. As grandes empresas de propaganda negam anúncios às nossas revistas, sob pretexto de não serem eficazes, de não implicarem benefícios monetários, em virtude da escassez da sua circulação. E as seitas religiosas agem subterrâneamente contra a imprensa

espirita, com o fim exclusivo de obstruir a nossa propaganda.

Como se vê, os inimigos das publicações espiritas sérias são muitos. É preciso abnegação e grandeza de alma para enfrentar a série de inconvenientes que travam a função das publicações empenhadas na iluminação dos cérebros e das consciências, não em benefício delas, mas de cada indivíduo, a fim de preparar os espíritos para a vida e para a compreensão de um novo estado, quando tenha de abandonar o invólucro material. Isto compreende-se perfeitamente, se tivermos em conta as entidades que aparecem em estado de perturbação nas sessões experimentais a pedir auxílio e orações...

*

Se apregoamos a irmandade para os outros, é lógico que a pratiquemos entre as comunidades espiritas. Porque, se abandonarmos os que se sacrificam demasiado, roubando tempo ao descanso, a ponto de atentar muitas vezes contra a saúde pelo excesso de trabalho, deixamos de cumprir as nossas obrigações, desligando-nos pràticamente da fraternidade que invocamos.

Atravessamos um dos períodos mais críticos da história humana, de natureza apocalíptica, de renovação profunda, de renovação total do planeta. Os espiritistas são, pois, os mais indicados para impulsionar a nossa prédica e pô-la em prática, ao menos de quando em quando. Procuremos, pois, vitalizar o nosso jornalismo, esforçando-nos ao máximo, já que de nós depende a difusão metodizada da nossa doutrina. A propaganda espirita demandará labor didático de vastas proporções, se quisermos que o Espiritismo adquira carta de cidadania universal.

Se cotejarmos o extenso e eficiente trabalho que se vem realizando no espaço, determinando os mais variados fenómenos psíquicos, como testemunho da sobrevivência do ser humano após a destruição do corpo físico, com as precárias actividades que os espiritistas desenvolvem na Terra, devemos confessar que é bem pouco o que fazemos. Não colaboramos com os amigos do Além, tal como deveríamos fazer, nem orientamos as nossas tarefas de propaganda doutrinária e experimental em conformidade com as imperiosas necessidades do mundo.

Nestes momentos evolutivos, todos os países civilizados deviam contar com uma imprensa espirita, não diremos diária, mas semanal, com revistas modernas amplamente ilustradas, com uma emissora de rádio ou algumas horas semanais alugadas nas estações profanas, imitando os irmãos brasileiros, que neste ponto realizam propaganda magnífica, contando, além disso, com várias empresas editoras de onde saem milhões de livros espiritas, inclusive esperantistas, mediante os quais se difunde a Doutrina.

O que nós solicitamos aos amigos espiritistas é um pouco mais de coerência, abandonando inteiramente essas lutas intestinas, que só beneficiam os inimigos encarniçados do ideal. Empreguemos as nossas energias, o papel e a tinta para fins nobres em benefício do Espiritismo. Não façamos esforços negativos, nem percamos tempo em rixas caseiras. Deve caracterizar-nos uma finalidade comum. Para a conseguir, teremos de atender e alimentar a nossa imprensa, especialmente as publicações que difundem a boa propaganda, exercendo nelas influência positiva, atraindo para a verdade espirita as almas ardentes e os valores de todos os sectores da vida humana.

Em síntese: reorganizemos o nosso jornalismo e a nossa propaganda, estimulando com factos os que sabem orientar e dirigir, nutrindo as publicações com pensamentos elevados e ilustrados, únicos que podem convencer e alargar as fileiras do Espiritismo estudioso, observador e experimental.

(Trad. de I. D. S.)

NOTA — Este artigo foi-nos enviado pela A.P.E.E.M., de Buenos Aires.

"Nos domínios da Mediunidade"

Eis a última obra de «André Luís», recebida pelo grande médium Francisco Cândido Xavier.

Nunca o problema mediúnico foi estudado com maior elevação e profundidade. Este livro esgotou-se num só mês, apesar da sua edição atingir 15.000 exemplares.

À venda no nosso Depósito

Preço — 35$00

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

23

EVOLUÇÃO

Afinal de contas, que seria da humanidade se a morte do corpo físico, abrindo ao homem o pórtico da vida espiritual, o separasse definitivamente da Terra, impossibilitando-o destarte de continuar a obra de sua evolução aqui começada? Se a vida actual do ser não é sequência de outras que deixaram ao longo dos séculos os vestígios do seu desenvolvimento progressivo, de que modo se teria processado essa mesma evolução no seio da humanidade? Como se explicaria a transformação gradual do troglodita no «homo sapiens» hodierno? Destas reflexões surge um dilema: Ou as almas, criadas, como dizem, no momento da formação dos corpos, Deus as faz iguais ou faz desiguais. Se cria as almas desiguais entre si — a umas dotando de sabedoria e virtude e a outras impondo a estupidez e o vício — Deus é injusto, e tal não pode acontecer porque seria a negação de um atributo divino; se são criadas em igualdade de condições, como é de todo admissível, por que não são hoje tão atrasadas como na Idade da Pedra?... O progresso que através dos tempos se tem efectuado em todos os sectores das actividades humanas, se não é uma continuidade do esforço do homem em paralelo com o desenvolvimento da sua inteligência num curso de existência sucessivas e laboriosas, será então obra directa do Criador, não passando assim as criaturas de instrumentos dóceis da sua execução, sem nenhum mérito nessa obra. Muito judiciosas são as ponderações de Allan Kardec a este respeito, quando comenta no capítulo XXV de O Evangelho Segundo o Espiritismo: *«Se as almas se evolassem diàriamente para não mais voltar, a humanidade teria de renovar-se constantemente com elementos primitivos, tendo tudo por fazer e aprender; não haveria, pois, razão para que o homem se achasse actualmente mais adiantado do que nas eras primitivas do mundo, uma vez que a cada nascimento todo o trabalho intelectual teria de recomeçar. Ao contrário, a alma, voltando com o progresso obtido anteriormente e adquirindo cada vez alguma coisa a mais, passa, gradualmente, da barbaria à «civilização material» e desta à «civilização moral». Ora, pois, «se aceitamos a ideia de progresso, não podemos admitir fim a essa marcha indefinida. Porque, ou já somos chegados, e não há progresso, ou há progresso e temos de evoluir continuamente». Tomamos mais este pensamento a um escritor materialista, sr. J. H. Robinson* (A Formação da Mentalidade) *por vermos que este, embora trilhando caminho diferente, falou neste particular a mesma linguagem dos espiritas. Demais, se a doutrina palingenésica não repousasse sobre alicerce granítico, o embate dos séculos e as arremetidas da crítica não a teriam deixado sobreviver até nossos dias.*

24

DOUTRINA ANTIGA

É, de facto, muito antiga a doutrina da pluralidade das existências. Professada de longa data pelos hebreus, Jesus Cristo, por sua vez, a consagrou, como se vê em diversas passagens dos Evangelhos. Vários seculos antes do advento do Messias, porém, a Reencarnação era já crença generalizada entre os indús, os egípcios e os gregos. Na China e no Japão difundiu-se largamente depois que os ensinos do Buda extenderam-se pela Ásia. É realmente uma doutrina, ressalta Maeterlink, que tem por si o apoio das religiões mais antigas e universais, e outra não há, sustenta Max Muler, acerca da qual tão completamente tenham concordado os maiores filósofos da humanidade. Na actualidade, só no continente asiático, onde têm maior preponderância o Bramanismo e o Budismo, os reencarnacionistas são computados em mais de quinhentos milhões — quase o dobro do que representam todas as agremiações cristãs reunidas. Isto para só falarmos nos sequazes de Brama e nos discípulos de Sakyamuni, pois entre os povos orientais medra noutras correntes filosóficas que advo-

gam o princípio das vidas sucessivas, o Espiritismo inclusive. A ancianidade desta crença, a sua vasta penetração entre povos de diferentes culturas, permitem considerar que ela não é destituida de valor, pois não se concebe que uma ideia atravesse os tempos, seja aceite, professada, durante cinco ou seis milênios, pelos homens mais distintos de inumeráveis gerações, se não se baseia em fundamentos sérios. Esses fundamentos, aliás, já temos evidenciado, assentam nas próprias explicações, tão persuasivas e tão lógicas, que a Reencarnação nos apresenta e nenhuma crítica jámais pôde invalidar, no tocante à diversidade de caracteres, à variedade de aptidões, às desproporções das qualidades morais — a todas as desigualdades, enfim, que se notam entre os seres humanos. É certo que hodiernamente tem-se procurado desacreditá-la, e o fazem intencionalmente aqueles que pretendem monopolizar a fé. Temos lido críticas maliciosas ao Espiritismo, em que seus autores, no inglório afã de amesquinhá-lo, se referem à Reencarnação dizendo que ela preconiza o retorno da alma humana a corpos de animais. Não faz muito tempo um desses zoilos, numa tirada de jornal da sua filiação religiosa, saiu-se com uma historiazinha que não chegava a ser jocosa porque era chula demais, aludindo a uma conversação que teria tido com um espirita... O diálogo mostrava este declarando-se convencido de que a sua falecida avó reencarnara em certo animal doméstico, razão pela qual todos em casa tratavam com grande desvelo o tal bicho... Ora, quem porventura leu em Kardec ou em outro autor espirita de responsabilidade, qualquer referência em apoio a retrogradação da alma humana para corpos de irracionais?! Contudo, vale a pena passarmos um ligeiro golpe de vista no velho e carunchoso dogma da metempsicose.

25

A METEMPSICOSE

A antiguidade egípcia conheceu e propagou a doutrina dos renascimentos. Pitágoras, nas suas viagens ao país do Nilo, familiarizou-se com ela ao pé dos hierofantes, e levou-a dali para a sua escola grega. Porém, guardando estreita fidelidade aos seus mestres, Pitágoras tinha duas doutrinas: uma (esotérica) reservada aos que frequentavam os Mistérios, isto é, aos iniciados; outra (exotérica) destinada ao povo, com intencionais alterações que induziram ao erro da metempsicose. Àqueles se revelava a verdade acerca da evolução e destino da alma. A ascensão era gradual e progressiva, sem regressão possível às formas inferiores. Às multidões, com o fito deliberado de conter pelo temor os instintos da maldade, se ensinava que as almas dos perversos deviam renascer em corpos de animais afim de expiar os seus crimes... Um discípulo de Pitágoras, Timeu de Locres, escreve que — «os cobardes se transformam em mulheres, os homens levianos e vãos, em pássaros, os ignorantes, em animais selvagens; as almas nodoadas e corrompidas vão animar peixes e répteis aquáticos». E Plotino diz — «os que só fizeram uso de seus sentidos, passam, particularmente, para as bestas feras, se se entregaram às exaltações da cólera». Enfim, sòmente os homens rectos, que cultivaram as virtudes civis, voltavam a um novo nascimento revestindo a forma humana. Essa suposta transmigração da alma do homem para corpos animais e reciprocamente, era o que se designava pelo nome de Metempsicose. Razão tinha Pitágoras para prescrever a abstinência de carnes a seus discípulos, preceito que também aprendera no Egipto, onde o respeito aos animais advinha da persuasão geral de que os corpos destes eram ocupados por almas humanas, e que, por conseguinte, quem maltratava animais expunha-se a maltratar seus próprios avós... Não obstante o evidente obsurdo da metempsicose dos antigos, há hoje quem ainda pretenda, muito de indústria, mirando desacreditar o Espiritismo, fazer crer que ela é a mesma Reencarnação aceita e propagada pelos espiritas. Nós, porém, anunciamos uma doutrina que não admite a retrogradação da alma. Esta pode, em sua marcha progressiva, estacionar por um instante, mas nunca recua para palmilhar o caminho que já tenha percorrido. Uma existência mal aproveitada pode o homem recomeçá-la, como o aluno repete o ano perdido por ter negligenciado o estudo; mas essa nova prova ele a faz necessàriamente dentro da sua espécie, em um novo invólucro do mesmo tipo vivo, e não no corpo de um ente inferior. O dogma oriental da metempsicose — já o disse um comentador e nós o secundamos — desconhece a grande lei do progresso, que é, ao contrário, a base da Doutrina Espirita e a força propulsora que permite a todos elevarem-se para Deus.

(Continua)

A LEI DO PROGRESSO

por PIETRO UBALDI

No Brasil existem pontos que se podem classificar como os mais belos do mundo. Entre estes estão as praias de S. Vicente e Santos, que podem comparar-se à bahia de S. Francisco da Califórnia, ao golfo de Nápoles, à ilha de Capri e outros sítios célebres.

Belezas incomparáveis, feitas de maravilhosa harmonia, tão íntima e espiritual, que nos dá a impressão de que esse mundo fantástico acaba de sair das mãos de Deus.

No entanto, tudo isto há milhões de anos não passava de um caos, matéria incandescente, horrível, sem harmonia nem beleza, onde a vida era impossível. Todavia, pouco a pouco, por uma lei íntima e inevitável que tudo dirige, os elementos desse mundo, confundidos em terrível desordem, seguiram um caminho que os conduziu cada um ao ponto que deviam ocupar, segundo sapiente plano prèviamente estabelecido, porque dessa coordenação nasceram a harmonia e a beleza actuais. As águas encontraram o leito onde repousaram sem invadir a terra e aí ficaram sem ameaçar as casas construídas pelos homens nas suas margens; as rochas fixaram-se na sua posição definitiva, nas ilhas e nas planícies. Sobre esta primeira separação nasceu outra ordem mais perfeita, a das plantas e depois a dos animais e, por fim, a do homem. O ceu tinguiu-se de azul, reflectindo as suas belas cores nas águas do mar, as colinas cobriram-se de verdura e sobre a terra pacificada o homem completou a obra, construíndo belas cidades. Assim caminha a vida.

No entanto, como o homem é ainda pouco evoluído e feroz! Ele, sim, ainda se encontra no estado caótico de desordem em que lutavam primitivamente os elementos desencadeados. O homem ainda considera o seu próximo, não como um elemento do mesmo organismo social, mas como um fraco para explorar ou como um inimigo para subjugar. É este o caos humano da luta de todos contra todos.

Mas a mesma lei que tudo rege, como arrancou do caos e conduziu à ordem e à harmonia os elementos telúricos, também conduzirá à harmonia os indivíduos humanos, até que se coordenem na unidade de um grande organismo colectivo que será a humanidade do futuro. Então o homem conhecerá uma alegria e beleza que hoje ignora. Esta lei está bem expressa no Evangelho que diz: «Ama o teu próximo como a ti mesmo». É esta a lei do progresso humano.

Quantos restos de animalidade existem nos instintos do homem! Explicam-se como resíduos adquiridos, porque no passado necessário para conquistar a vida, sobreviveram só aqueles que os possuiam. Era a dura lei da selecção do mais forte que, na vida, tinha todos os direitos. Mas a humanidade tão exposta constantemente, ascenderá na escala da evolução. O homem deve ascender, pela lei biológica, não pode parar nesta fórmula mental que terá de ser superada. A ferocidade e o espírito agressivo pertencem ao passado. A humanidade deve formar-se como unidade, os seus elementos não podem continuar a combater-se para se eliminarem, com esta fórmula: «Da tua morte depende a minha vida», mas devem colaborar segundo a fórmula evangélica: «Ama o seu próximo».

Os romanos dos tempos antigos deliravam quando nas festas dos circos os homens eram mortos por outros homens ou despedaçados pelas garras das feras.

Na Idade Média os duelos de morte e as execuções capitais, as fogueiras e os empalamentos eram considerados como agradáveis espectáculos! Nalguns países ainda se realizam corridas de toiros. Mas o mundo moderno acorre aos estádios onde a luta tomou aspecto mais civilizado de desafios desportivos. O princípio da luta sobrevive, mas para fazer sobressair a habilidade e os dotes físicos e não a ferocidade e a capacidade para matar. Isto já se pode considerar um progresso. Foi suprimida a excitação do sangue e a alegria de assassinar. A própria guerra tomou carácter científico, requer mais maquinismos e inteligências do que ódio pessoal e feroz.

Isto são apenas ligeiros indícios. Em que maravilha se tornará o mundo dos homens quando estes se harmonizarem cada vez mais e for eliminada a estupidez do conflito

A GRANDE VIAGEM

Por DE PALMA MACHADO

Se todas as lições que aprendemos, no trabalho das oficinas, dos laboratórios, no campo, nas indústrias, nas artes e nas ciências, como nas várias escolas filosóficas e no culto de todas as religiões; sem mencionar as experiências que o sofrimento deixou; se todas essas lições bastassem para emancipar a alma, tornando-a livre, com aquela liberdade prima, própria dos espíritos de luz, seria tão bom!...

Se todo o conselho que a gente recebesse durante uma vida toda de desatinos, de incerteza e de padecimentos, lavasse as nossas faltas e purificasse os nossos sentimentos; se só isso chegasse para deixar o espírito fora de culpa e medido às mais elevadas recompensas, seria tão bom!...

Como seria bom!...

Se com a bênção que os nossos pais nos abençoam e os nossos maiores do sangue comum; se com a bênção com que nos abençoam aqueles que nas religiões lidam com o nome de Deus; se com a bênção com que nos abençoam os que são mais velhos do que nós, ou são melhores, ou nos estimam; se com todas essas bênçãos, o remorso se apagasse no esquecimento, sem espiar, sem resgate, seria tão bom!... Como seria bom, se assim fosse!...

Toda a acção de conhecimento, de advertência ou de amor ajuda a quem sofre, mas não elimina a causa. A causa só o culpado a elimina. O perdão não apaga o crime; santifica a vítima, mas o crime continua com o criminoso. A lição é uma carta de luz, para o espírito renovar o saber, educando-se e ilustrando-se.

O conselho é uma advertência que não magoa. Acaricia o coração de quem sofre, como um vento caridoso que seca o suor de quem, num trabalho rude, se mortifica ao sol. A bênção é a saudação divina na palavra humana. Nenhuma frase conforta mais e emociona tanto, como: Deus te abençoe, meu filho!

Um coração abençoado é como um canteiro regado e fresco. Tudo ajuda, mas a carga pertence ao dono do fardo... Carregando a sua cruz, cada um de nós pode ter esse ou aquele Cireneu, constrangido ou espontâneo; mas a cruz, cada um de nós, levará a sua até o fim. Até pelo amor, que é grande, que é forte, que é lei e é sentimento, ninguém pode apanhar para si responsabilidade espiritual de quem se ama.

Quando a gente vê isso, e vê a dolorosa viagem da alma errante, aquela que o sofrimento moral deixou na carne e em cuja duração não cabe o tamanho da prova, e torna preciso outras vidas em novos corpos e o espírito cumpre o seu destino, entre a tentação no livre arbítrio e o fatalismo da lei; quando a gente vê isso, não o faz sem penar também. É quando os nossos olhos ficam irmãos dos olhos que choram. E rompendo séculos e vencendo o tempo, a alma em sua grande viagem vai trocando costumes, educando-se e limpando o sentimento para renovar em cada vida terrena, uma face do destino que progride, se ilumina e vai a Deus, objectivo ideal da grande viagem...

constante de todos contra todos! Teremos então um mundo de paz, de amor pelo próximo, um mundo de harmonia e beleza, onde todos terão o seu lugar e a compreensão recíproca fortificará, para o bem de todos, a vida de todos, sem deixar ninguém abandonado num mundo inimigo, como hoje acontece.

Abençoados aqueles que, aplicando os princípios do Evangelho, seguindo-os com a palavra e com o exemplo, procuram preparar o advento deste novo Reino anunciado por Cristo e que representa a felicidade para todos.

(Tradução de SIBIL)

A VEZ DO AGOSTINHO PEREIRA DE SOUSA

Por LEOPOLDO MACHADO

(Correspondente em Nova-Iguaçú)

Nós estávamos na força da propaganda falada e escrita do Espiritismo, pregando a Doutrina por toda a parte, escrevendo livros e colaborando em quase todos os periódicos doutrinários.

Um dia, um ilustre confrade diz-nos, interessadíssimo:

— O Agostinho do Camiseiro, quer conhecê-lo. Vamos até lá?

Fomos. E daquela primeira visita resultou a cimentação de uma amizade forte, sem explosões e sem excessos, através da Vida.

Disse-lhe, naquele nosso primeiro encontro:

— Eu sabia que o senhor devia ser espirita. Chamou-me, um dia, a Marília, a atenção para o seu caso, dizendo: «Esse homem, dono do Camiseiro, só pode ser espirita, pois, só um espirita seria capaz de tratar os seus empregados assim...».

— O senhor tem, então, bom faro. Só pelo cheiro descobriu que eu era espirita...

— É certo. A diferença e que o faro foi de minha esposa e não meu.

Passámos a visitá-lo, sempre que íamos ao Rio.

E, em cada visita que lhe fazíamos, tinha ele algo a dizer-nos; uma história a contar-nos, uma revelação a fazer-nos, uma dúvida a esclarecer, um facto a comentar. E em tudo que dizia, punha interesse.

Recordamos até, neste passo, alguma coisa das muitas que nos confiou, nas conversas que mantivemos, em dias e horas incertas: o facto da fundação de O Camiseiro *e a origem da figura simbólica da sua casa comercial — um cachorrinho puxando com os dentes uma camisa. E ficava ele a ver os fregueses passar por seus produtos sem os comprar, levando-o a baixar os preços de coisas expostas à venda, uma e mais vezes ao dia; a compra do terreno que o fascinava, em Santa Teresa, onde construira um arranha-céu, indo residir no último andar. No acto da escritura da compra do terreno, a proprietária quis mais dinheiro, levando-o a dizer-lhe em segredo, bem ao pé do ouvido: «Receba o seu dinheirinho calada, e fique muito quietinha, na certeza de que fez muito bom negócio». A história de um graveto exposto ameaçadoramente, à beira do caminho. Passava por ele um teórico e sempre dizia, vaticinando: «Este graveto ainda fura a vista de uma pessoa». Mas não consertava o graveto, não o quebrava. Pois, aconteceu que ele mesmo teve a vista vazada pelo graveto fatídico. Entrou em contendas com um vizinho, sendo levado a juízo. Diz-lhe, então, o juiz: «Deixe o pobre viver, que Deus é pai de todos nós, e o senhor é espirita...».*

★

Um dia, depois de suas «Loucuras de Maio», visitámo-lo. Encontrámo-lo radiante. Disse-nos, displicente, sem reservas: «Ganhei muito dinheiro este ano. Ando pensando aplicar as sobras numa obra de assistência. Que me aconselha?

Respondo-lhe imediatamente:

— Há uma obra aí que o está esperando, talvez dependendo até da sua boa vontade: é a Associação Espirita Obreiros do Bem, *que pretende fundar um hospital. Se quiser, poderei falar com os seus directores, e eles o procurarão.*

Ele quis e foi procurado, posteriormente, pelos directores da Obreiros do Bem. *Aliás, logo depois de uma investida que fizeram os dirigentes da Instituição na época, junto ao Comandante Simeão, para que o hospital se fundasse junto ao* Orfanato Pedro Richard, *em Jacarepaguá.*

Interessou-se pela obra, e o hospital saiu. Lá está, belo e magnífico, no bairro do Rio Comprido, à Rua Santa Alexan-

drina, compondo-se, ainda, de outros departamentos, qual a qual mais interessante e mais eficiente. Na sua Casa de Saúde esteve hospitalizada a querida esposa. Assim, fora operada de um mal, cuja operação parece que abrevia o falecimento da operada.

★

Um dia disse-nos, a caminho do Pedro de Alcântara, de auto, exactamente no primeiro dia em que visitámos a obra:

— Andam dizendo que eu sou o tal: muito bonzinho e muito caridoso! Conversa! Nada disso! Não me privei, ainda, da maçã que como ao almoço, do vinho às refeições. Onde, portanto, o meu sacrifício? E onde não há sacrifício, não há caridade...

Foi de volta dessa visita que trouxemos o propósito de elaborar um opúsculo «Nada lhe é, no momento, maior» — de propaganda da Obreiros do Bem e da sua grande obra. Elaborámos o opúsculo, a livraria da Federação Espirita Brasileira imprimiu e ele custeou a impressão.

★

AGOSTINHO PEREIRA DE SOUSA

Veio a Hora Espirita Radiofónica, na Rádio Transmissora, hoje Rádio Globo, sob a nossa presidência e direcção. Foi o Agostinho Pereira de Sousa um dos primeiros com que contámos, compondo, assim, o corpo dirigente da Hora. Nas reuniões semanais que fazíamos, às segundas-feiras, era dos primeiros a chegar com a sua cooperação, que levava, também, ao microfone. Nós éramos, na época, uma espécie de pombo de paz. Por isso mesmo que criámos aquele programa para reunir espiritas e correntes espiritas, as mais díspares e diversas, completamente alheio à ânsia e às traições dos diabinhos coxos. Fomos, assim, dos primeiros arrastados pelas circunstâncias, ficando lá o Agostinho, até que a Hora deixou de existir...

★

Agostinho pregava e escrevia bem, cautelosamente.

Não era de arroubos, nem de ostentação.

As suas palestras, sempre escritas, ele as reunia em pequenos opúsculos, cujo nome de autor aparecia em dois elementos: AGOS-TINHO. (Agos ligado a Tinho).

A sua última carta, com o seu último opúsculo, recebidos em Julho último. Respondendo-lhe que íamos ler e emitir a nossa opinião, embora desvaliosa, respondeu-nos: «Nada disso. Não se preocupe, porque eu não sou escritor. Como há no Espiritismo lugar para todos...».

★

Temos brigado com muita gente, com muitos medalhões do Espiritismo. Talvez por se nos julgar, também, um medalhão. Entretanto, nunca encontrámos jeito para brigar com o Agostinho; nunca descobrimos nada em sua amizade para o menor estremecimento. Virtude, certamente, dele e não nossa! Por isso mesmo que aqui deixamos esta afirmação.

★

Pusemos, faz muito tempo, o espírito de um pobre orgulhoso e egoísta, com o seu vizinho, um rico, generoso e modestíssimo, na Espiritualidade, vivendo am-

Pensamentos de Marco Aurélio

Quão fácil é afastar do espírito e riscar dele todo o pensamento que perturbe a alma e recobrar num instante a calma perfeita!

★

A ti pertence fazer e dizer sempre o que convém à tua natureza. Nunca te afastes perante os juizos ou as calúnias de outrem. Se o que faças ou digas for bom, não será indigno de ti.

Não te importes que os outros falem a seu modo e tenham sentimentos pessoais. Não faças caso deles. Segue sempre o bom caminho. Deixa-te guiar pela tua natureza ou pela natureza comum. Para uma ou para outra, há só um caminho.

★

Avalia a rapidez da torrente que arrasta tudo o que existe e o que nasce, porque a natureza das coisas se assemelha muito à corrente de um rio inesgotável. As suas obras são apenas transformações contínuas cujas causas resultam de mil variações. Nada é duradoiro, nem mesmo o que parece mais seguro.

Avalia também o abismo incomensurável do passado e do futuro, em que tudo se desvanece e acaba. Não será loucura vangloriar-se, atormentar-se ou indignar-se por semelhantes coisas, como se durassem infinitamente?

★

O ambicioso pretende que a sua felicidade dependa de outro; o luxurioso, de suas paixões; o sábio, de seus actos pessoais.

Aproxima-se o Natal

Destinados aos pobres do Natal recebemos os seguintes donativos que agradecemos:

Centro Espiritualista Luz e Amor	*150$00*
Revista «Estudos Psíquicos»	*100$00*
Revista «Medicina Natural»	*100$00*
Maria Raquel Duarte Santos	*50$00*
Isidoro Duarte Santos	*50$00*
Frederico Pereira	*20$00*
Manuel Perdigão e Adelina Perdigão	*50$00*
João de Deus Santana da Fonseca	*50$00*
António Luís Andrade	*20$00*
Deolinda Lucas	*20$00*
Raúl Freire de Almeida	*20$00*
Miguel Matias de Carvalho	*30$00*
Luísa Pacheco Martins	*20$00*
Mário de Jesus Dias	*10$00*
António da Silva Braga Júnior	*50$00*
José Abrantes	*8$00*
Manuel Lopes Gonçalves	*20$00*
J. F. C.	*10$00*
F. G. Agra	*10$00*
Eduardo Manuel Cortes	*28$00*
J. G. C.	*5$00*
C. M. B.	*10$00*
Maria Rosa Pereira	*5$00*
Artur de Freitas	*50$00*
Zahyra Fontes Pereira de Melo	*20$00*
António Franco	*10$00*
Manuel José Rodrigues	*10$00*
Anónimo	*20$00*
E. F. A.	*20$00*
A. P. Silva	*20$00*
J. Salgueiro	*20$00*
Anónimo	*5$00*
Maria Ribeiro Vieira Dias	*50$00*
Laurinda da Conceição Gonçalves	*10$00*
Severo A. Moreira e sua mulher Alice Moreira	*100$00*
Duas irmãs	*20$00*
Manuel Lourenço da Rocha	*20$00*
Total	*1.211$00*

bos um apólogo espiritualista. O espírito do pobre, que vivia a invejar o rico, na vida da carne, assistira à recepção do outro Espírito no Céu, recepcionado a cânticos celestiais, a hosanas divinas. Não se conteve que não explodisse:

— Então, mentiria o Evangelho, afirmando que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico se salvar?

A resposta do Alto não se fez esperar:

— Mais fácil não quer dizer impossível. Pobres aqui, sofredores e humildes, sem invejas e sem despeitos, melhores do que tu, chegam diàriamente. Mas, ricos como este: ricos assim, modestos, humildes e bons, raramente chega aqui um. Ora, esse um que chegue aqui, mesmo que tenha desfrutado as coisas boas da Terra, é mais do que justo que seja recebido festivamente assim...

Estamos na impressão de que o Agostinho Pereira de Sousa levará festas ao Céu...

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

UMA CRIANÇA MÉDIUM

Psychic News publicou um relato que decerto elucidará muitos leitores acerca duma obsessão.

Uma criança recebeu entidades espirituais falando em linguagem e dialecto que não conhecia.

Eis como Horace Leaf descreve o caso, que lhe foi narrado pelo pai de Halldor, a criança em questão, que ele observara pouco depois de aportar à Islândia, onde permaneceu algum tempo.

«A atitude de Halldor para comigo mudou consideràvelmente. Dantes, recusava aproximar-se de mim; agora não se importa de se sentar ao meu colo, e permitiu-me afagá-lo, embora esteja nervoso.

«Notei que uma mudança psicológica se tinha produzido, o que pode atribuir-se à minha pessoa, ou aos espíritos a quem eu pedi que curassem a criança.

«Halldor melhorou muito desde a primeira vez que mo trouxeram. Esta mudança não pode ser atribuída à psicoterapia, porque achei completamente impossível aplicar-lhe esse método, devido ao seu nervosismo.

«Tenho na minha frente um relatório feito pela mãe de Halldor, senhora muito culta, que escreve inglês melhor do que muitos ingleses.

«Nem ela nem o marido tinham qualquer predisposição para aceitarem a hipótese de que a doença era motivada por espíritos, e estavam absolutamente desinteressados da ciência psíquica, até que foram aconselhados pelo psiquiatra a levarem o filho aos médiuns.

«Ficaram admiradíssimos com o conselho, mas ao verificarem os benéficos resultados obtidos, tornaram-se espiritas convictos.

«Possuo algumas declarações escritas pela mãe de Halldor, provando que se tratava de obsessão. Depois de cuidadosas observações feitas por um psicólogo, viu-se que a sua inteligência era acima do normal.

«A mãe afirmou que, em transe, seu filho falava muito de Londres.

«Na manhã seguinte, as primeiras palavras que disse foram: «Já não tenho gelo na cabeça», usando um vocábulo muito pouco corrente: «sing». Então o pai saiu do quarto e Halldor nem reparou nisso. Quando voltou ao aposento perguntei ao garoto: — «Quem é aquele Sr.?». Respondeu-me: — «Um general vermelho».

«Na mesma manhã, pelas 11 horas, estava Halldor em pé, junto da janela do quarto de estar, começou a dizer qualquer coisa acerca do bombardeamento de sua casa.

«Por isso, ficou muito excitado, gritando: — Agora estão a atirar bombas para a enfermaria da maternidade e tenho de as salvar». Depois disso correu para a porta e queria continuar a correr pela escada abaixo. Isto acontecia raramente, pois era muito nervoso, e nunca saía do quarto sòzinho e até mesmo para ir à casa de banho tinha de ser acompanhado. Corri para ele, obriguei-o a parar e tentei acalmá-lo, sem resultado.

«O ataque aéreo parecia continuar e o próprio Halldor seria atacado, porque me disse: — Agora pretendem atingir o meu avião; alvejam uma das asas. Oh! O sangue corre do meu corpo».

«Depois tornou-se muito pálido, a transpiração a correr-lhe pelo rosto, e começou a esfregar a nuca.

«Noutra ocasião disse: — É terrível estar morto e vivo. Preferia morrer completamente».

«Uma noite, na cama, disse: — «Estou cansado de atirar bombas. Gostava de viver a minha vida como os outros».

«Muitos espíritos falaram através de Halldor. Um deles disse: —«Halldor está a desenvolver-se. Tem uma multidão à sua volta (evidentemente, referindo-se a espíritos). É um belo garoto e uma luz o envolve».

«— O sr. pode seguir essa luz — disse-lhe eu. — Penso que iria ter a Eyjolfstadis, o sítio em que o Sr. está sempre a falar».

«— Oh, sim! — disse o Espírito, — ali há relva e o gado é lindo».

«Falava num dialecto que é usado nalguns lugares da costa oriental (cerca de 300 milhas de Rey-Kjavik, onde a criança vive).

«Halldor nunca esteve nessa localidade, e a quinta que mencionou, Eyjolfstadis, nem mesmo a conheço. Essa quinta, é na costa oriental, facto que confirmei mais tarde».

Estas informações feitas por uma criança de 6 anos são surpreendentes e vê-se claramente que, duma forma supra-normal, Halldor conhece lugares e incidentes absolutamente fora da sua vida.

Este interessante relato proporciona dois excelentes ensinamentos. O primeiro, para aqueles que atribuem a causa única das obsessões ao perigo de se frequentar as práticas espiritas. Vê-se por esta história verídica, quanto é falsa essa afirmação, porquanto pessoas de outras religiões são também atacadas pelos Espíritos. E este caso que é uma flagrante prova, refutando aquela afirmação, apresentando-nos uma criança de seis anos que não pode ser acusada de frequentar esse género de sessões. Contudo, os Espíritos perturbados procuraram-na, causando-lhe prejuizos que o método espirita curou.

PORQUE É QUE O SEU FILHO NÃO É ESPIRITA?

É a pergunta que faz o jornal *A Flama*, de Uberaba, num artigo do confrade Alceu de Sousa Novais, que chamou a atenção dos pais espiritas para a educação espiritualista dos seus filhos, dizendo:

«Não podemos compreender Centros ou Grupos Espiritas sem o funcionamento de escolas de Espiritismo para crianças, como não podemos compreender um agricultor ou pomicultor sem reservas de boas sementes, ou de um viveiro para as suas futuras plantações.

«Frequentar sessões, absorver os fluidos salutares, ouvir excelentes conselhos, oportunos ensinamentos, enquanto os seus filhos ficam em casa ou andam pelas ruas em busca de estranhos catecismos é obra de egoismo e incompreensão do problema do lar espirita».

Concordamos plenamente com a opinião deste nosso confrade, e admiramos as iniciativas brasileiras, que louvamos, pela maneira como estão conduzindo as juventudes.

Na 1.ª conferência que o nosso Director realizou no Centro Luz e Amor, acerca da sua viagem às terras de Vera Cruz, focou com

entusiasmo a exuberância de vida que sentiu nos jovens rapazes e raparigas, que admirou durante a sua permanência nesse país irmão.

Diz um velho rifão português: «Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso». Se o Brasil espírita pode executar os seus sonhos, nós não nos encontramos nas mesmas condições, porque múltiplos factores no-lo impedem neste momento.

Contudo, esperamos que chegue a hora propícia para prosseguirmos na obra de organização da juventude espírita portuguesa. Para esse efeito fazemos nossas as sensatas palavras de *A Flama* e para elas chamamos a atenção de todos os nossos confrades.

Que o chefe de família seja espírita militante e deixe em casa a esposa e os filhos é, de facto, prova de egoísmo, cujas consequências se reflectem em prejuízos da Causa Espírita.

OSCAR WILDE COMUNICOU EM MÉDIUNS INGLESES

O *Psychic News* diz-nos que Oscar Wilde, o conhecido poeta inglês que fez parte desse grupo de escritores românticos do fim do século, comunicou-se recentemente na médium britânica Sr.ª Parcin, numa sessão no Teatro Windmill, em Johannesburg.

O jornal *Sunday Times* informou que o médium foi convidado pela «Society for Psychic Advancement», a fim de investigar certas histórias contadas pelos componentes duma companhia teatral quando esta fazia ali os seus ensaios, e que foram perturbados por desconhecidos que se ouviam no teatro.

Lyn Oppenheim, ensaiadora da companhia, declarou que, durante um ensaio, tinha ouvido passos vindos da ala esquerda. Não se via ninguém. Os passos eram pesados, vigorosos e sem vibração.

Ruth Oppenheim, da mesma companhia, declarou que tinham revistado muitas vezes o teatro, mas sempre sem resultado.

A sessão da Sr.ª Parvin foi feita na cave. Ela caiu em transe e o seu rosto transformou-se; os lábios tornaram-se grossos, sensuais, e a voz parecia de um ébrio. Dizia:

— Sofri entre quatro estreitas paredes.

— É Oscar Wilde! — exclamou Ruth Oppenheim.

A referência às quatro paredes pode estar relacionada com a sua condenação na Prisão Reading.

Interrogado sobre o que estava a fazer no teatro, o comunicante que falava na médium Sr.ª Parvin, disse:

— Estraguei a minha juventude. Morri e tento emendar-me. Quero ajudar os jovens actores deste novo teatro. Quero que ele seja um lugar de beleza e de emoção nobre.

Quando a Sr.ª Parvin lhe disse que algumas pessoas da companhia tinham medo e que, por isso, ele devia retirar-se, o Espírito replicou:

— Não me mandem embora; estou aqui para os ajudar.

É possível que, para alguns cépticos, esta notícia não revista importância, mas para aqueles que já vislumbram o alto significado da Verdade, é uma proveitosa lição.

FOTOGRAFIA DE OBJECTOS VOLANTES

Com este título, deu-nos o *Psychic News* a seguinte notícia:

«Um fotógrafo francês declarou ter feito uma fotografia no momento próprio em que os objectos estavam a ser atirados pelo ar.

«Chamado para investigar uma manifestação fenoménica, na pequena aldeia de S. Jean de Mauriciennе, na fronteira franco-italiana, Gerard Lestienne, fotógrafo do *Samedi Soir*, averiguou se havia sinais de trapaça ou de brincadeira.

«Numa pobre casita ocupada por família italiana de apelido Costa, onde as manifestações se passaram, Lestienne e o jornalista Michel Agellet, tiraram toda a gente da casa assombrada e examinaram cuidadosamente todas as peças do mobiliário e utensílios de cozinha.

«Como nada encontrassem, Lestienne preparou a sua máquina fotográfica e dispuseram-se para longa vigília.

«As únicas pessoas que ficaram no quarto foram Tereza Costa, de 24 anos, com o bebé ao colo, e um aldeão que estava sentado num canto e não se movia.

«Depois de hora e meia de espera ouviram bater e Lestienne disparou instintivamente a máquina fotográfica. A fotografia obtida encontra-se nesta edição do *Psychic New:* uma caçarola e a tampa, uma tesoura e o telégrafo que se vêem rodopiando no ar.

«Mais tarde conseguiu outras fotografias notáveis do fenómeno.

«Não podemos explicar o que vimos, — declararam os dois jornalitsas. — Só podemos voltar ao assunto com as fotografias que tirámos e garantimos que ninguém teve intervenção no assunto».

Com estas e muitas outras provas, admiramo-nos de ainda haver pessoas que não se convertem ao Espiritismo. Lêem notícias deste género, mais a título de curiosidade ou distracção, do que apreciando os ensinamentos que elas encerram.

Sinal dos tempos...

O GENERAL SMUTS MANIFESTOU-SE NUM QUARTO DE QUE GOSTAVA

Conta o *Psychic News* que certa enfermeira, visitando uma remota aldeia da África do Sul, notou a presença do falecido general Smuts no quarto de hóspedes onde ela estava a descansar.

Mais tarde soube que Smuts ficava muitas vezes naquele mesmo quarto e que era um grande amigo dos hospedeiros.

A enfermeira, Mrs. Laura McKriell Pullin, escrevendo do Sillwood Hall Hotel ao mesmo jornal, descreveu o que presenciou.

Tinha sido mandada em missão pelos Serviços de Enfermagem da África do Sul para o interior da região de Karoo. Mrs. Pullin não conhecia a família a que se destinava e nunca tinha estado naquela região.

Os donos da casa sugeriram-lhe que descansasse depois da sua longa jornada e deram-lhe um espaçoso quarto, muito agradável, que tinha sido biblioteca.

À cabeceira da cama havia prateleiras com velhos livros cobrindo toda a parede. Quando descansava na cama, em plena luz do dia, reparou de repente numa forma que apareceu no quarto, vinda do tecto.

O quarto parecia-lhe demasiadamente pequeno para conter a estranha entidade e as paredes davam a impressão de que iam cair sob o peso dum estremecimento.

Então ela viu o fantasma do falecido general Smuts. Como Mrs. Pullin só o tinha encontrado uma vez numa festa oficial, estranhou muito o fenómeno.

Depois do jantar contou aos hospedeiros o que tinha visto e a dona da casa disse-lhe:

— A senhora deve ser médium, porque o general Smuts gostava desse quarto. Por vezes mantinha-se aí mais de uma hora a folhear velhos livros e não raro levava um para estudar. Como vê, o general Smuts era muito nosso amigo.

Notas & Comentários

«A EVOLUÇÃO», DE CARLOS IMBASSAHY

Acabamos de receber este livro, o último do grande polemista brasileiro Dr. Carlos Imbassahy, editado pela Federação Espírita do Paraná. O autor já no-lo havia prometido no dia do nosso regresso a Portugal. Tratava-se, porém, de livro pesado e teve a amabilidade de enviá-lo pelo correio.

Um livro de Imbassahy é sempre acontecimento notável no mundo das letras e da doutrina. Das letras, porque escreve com propriedade e clareza, em linguagem escorreita; da doutrina, porque nenhum lhe ganha em conhecimento e erudição.

Da perfuntória leitura que fizemos podemos dizer que é um livro preciosíssimo, no qual se estuda a evolução, a reencarnação, os tabos científicos, a manifestação dos vivos e a manifestação dos mortos, com grande cópia de argumentos.

Leremos esta obra com a atenção que merece e daremos depois as nossas impressões. Pedro Granja escreveu um belo prefácio, que está à altura da obra. O que ele diz do autor é realidade flagrante. Ninguém, como Imbassahy, sabe pegar num assunto e esgotá-lo, responder a um ataque com tanto aprumo e galhardia. É expositor exímio e polemista de garra. Por isso os seus livros ficam, como padrões insignes, na inteligência dos leitores.

Ainda há pouco nos deu «A Reencarnação e as Suas Provas», de parceria com Mário Cavalcanti de Melo, outra obra magnífica onde há muito que ler e aprender.

Carlos Imbassahy, que volta a colaborar em Estudos Psíquicos, valorizando nossas colunas com sua presença elegante, mantém neste livro o seu renome de beletrista consumado. Que ele possa, durante muito tempo, continuar na linha ascendente do seu trabalho prolífero, são os votos de seus admiradores, entre os quais nos contamos há muito. Homens como Imbassahy são raros. Vieram à terra em missão de esclarecer e a luz de seu facho vê-se de longe, de toda a parte onde haja sequiosos de evolução mental e espiritual. Por isso nos congratulamos, sempre que este belíssimo escritor anuncia algum trabalho de sua lavra, que terá de ser harmónico e perfeito, como não poderia deixar de ser.

AGOSTINHO PEREIRA DE SOUSA

Pela crónica de Leopoldo Machado tivemos conhecimento do trespasse de um grande amigo desta revista, o querido Agostinho Pereira de Sousa, director-presidente do Hospital Espírita Pedro de Alcântara, do Rio de Janeiro, e membro

Ainda há pouco lhe demos um abraço fraternal, no Camiseiro, da Rua da Assembleia, próximo do Largo da Carioca, e nada fazia entrever o desenlace inesperado. Vimo-lo entre balcões de fazendas, de um lado para outro, dando ordens e recebendo informações de inúmeros empregados, sempre jovial, sempre bondoso, e nesse momento nos entregou duas mensagens que recebera do espírito da esposa, cuja memória venerava.

Que pena ter-se ausentado o Agostinho! Embora saibamos que a extinção é ilusória, ele já não existe em corpo de carne, para que o pudéssemos abraçar novamente, quando voltássemos ao Rio.

Deixou uma grande casa comercial — O Camiseiro — e um património que fica ligado ao seu nome — o Hospital Espírita Pedro de Alcântara.

Leopoldo Machado fala dele com verdade e amizade. Agostinho Pereira de Sousa era mesmo assim. Temperamento refinado, índole bondosa, generoso na melhor acepção da palavra, as fileiras espíritas do Brasil perderam nele um valioso elemento que dificilmente poderá substituir-se.

Mas a vida não muda... O tempo vai passando, ninguém o detém. Os maiores projectos são derrubados inexoràvelmente, quando menos se espera...

Este amigo era o roble que parecia dominar a distância. Quem nos diria que seus dias estavam contados?... Ninguém poderia dizê-lo. Caiu mais depressa do que subiu. Perdeu a companheira e pouco tempo lhe sobreviveu.

Agora tem outra vida a viver, outro campo a rotear. Estamos certos de que se afirmará com a mesma dignidade com que prestigiou a sua missão terrena.

Não dizemos «Pobre Agostinho». Nós é que somos pobres. Nós é que ficámos sem aquele coração amigo.

Ah! Mas terá os nossos pensamentos e as nossas vibrações...

HENRI REGNAULT

Mais um trabalhador deixou a arena, após uma vida de trabalho dedicada à causa espírita. Henri Regnault, escritor francês, conferencista exímio, que no Salão de Geografia de Paris realizou dezenas de palestras culminadas de experimentações magnéticas e telepáticas e que atraíam milhares de ouvintes e espectadores ao histórico recinto, foi também redactor-correspondente de Estudos Psíquicos, em cujas colunas publicou belíssimos trabalhos, altamente apreciados pelos nossos leitores.

O seu esforço não se limitava às fileiras espíritas. Todas as verdades espiritualistas tinham nele excelente cultor.

Vice-presidente da União Espírita Francesa, era o organizador de «Survie», órgão oficial desta agremiação, e o director das sessões realizadas na Rua Léon Delhomme. De enorme actividade, ele próprio distribuía milhares de prospectos nas entradas do metropolitano, nos parques e nos lugares públicos.

Já se encontrava doente há muito. Fora a Croix-de-Vie passar as férias, julgando poder ali encontrar a saúde física e moral de que necessitava. Na volta, porém, (6.ª feira, 30 de Setembro), sentiu-se pior, e no dia seguinte foi encontrado morto no seu quarto. Foi inumado no cemitério de Thiais, em 6 de Outubro.

Muitas cartas nos escreveu este homem extraordinário e muitos livros nos ofereceu, com imerecidas dedicatórias. Lamentamos a sua partida e esperamos que, no Além, tenha merecido recompensa da sua labuta em prol da humanidade sofredora.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Sem a menor sombra de exagero, podemos dizer que constituiu um acontecimento marcante na história do Espiritismo Português, a comferência que o nosso Director Isidoro Duarte Santos realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor, durante a qual nos deu as primeiras impressões directas da sua recente — e podemos acrescentar, triunfal — viagem ao Brasil. As salas encontravam-se completamente repletas de público. Entretanto, o Dr. Carreira Dias de Sousa tomou a presidência, convidando para a mesa os Srs. Jorge Raimundo, professor Francisco Cabrita e António Cardoso. Depois de curtas mas expressivas palavras proferidas pelo Presidente da mesa, subiu ao estrado Isidoro Duarte Santos, a quem a assistência brindou com uma expressiva e vibrante salva de palmas.

O orador, vivamente emocionado, começou por nos contar os antecedentes da viagem: como ela se forjara, em primeiro lugar no seu pensamento, e como fora possível em seguida dar-lhe realidade, graças à cooperação de muitos amigos brasileiros.

Logo à chegada ao país irmão, junto ao cais, na Praça Mauá, foi-lhe feita uma saudação de boas-vindas, a que respondeu com todo o prazer afirmando que levava a todos os espiritas brasileiros uma mensagem de amor e solidariedade dos confrades portugueses. Aquele primeiro contacto com os irmãos desse país, em plena praça pública, com a presença de muitos e muitos confrades, encheu a sua alma de Luz e Alegria, essa alegria natural a que há muitos anos não estava, infelizmente, habituado.

Isidoro Duarte Santos contou que se dirigiu depois à Casa de Luciá, onde outra recepção o aguardava. Só nesse primeiro dia teve que realizar nada menos que 6 palestras...

Cada vez escutado com mais interesse, referiu-se à Casa da Mãe Pobre, ao Hospital Pedro de Alcântara, ao Asilo Francisco de Paula, etc., etc., edifícios grandiosos, onde coisa alguma falta, e onde — como sucede nos Hospitais — vão estagiar os próprios médicos profanos. São edifícios que, não só dignificam o Espiritismo, como também os seus dirigentes.

Só no Rio de Janeiro há mais de 2.000 agrupamentos (kardecistas, roustanguistas e umbandistas).

Por último, Duarte Santos falou da *Academia Militar das Agulhas Negras,* onde, apesar de o seu director ser católico, são permitidas práticas espiritas, com sala própria para isso. E o mais interessante de tudo — disse — é que o templo católico tem altar desmontável, de forma que esse compartimento tem sido utilizado para sessões de materialização.

A concluir, Isidoro Duarte Santos informou que o que dissera naquelas duas horas não representava mais do que uma gota de água, comparando com o oceano do que vira e ouvira no Brasil. E prometeu-nos que, nos meses futuros, continuará os seus relatos de viagem por aquelas terras abençoadas.

A assistência brindou novamente o orador, com uma vibrante salva de palmas, que traduziu o grande interesse que a sua magnífica exposição tivera, acompanhada ao mesmo tempo do profundo reconhecimento por tudo quanto o nosso Presidente fizera para glória e dignificaçã da Doutrina.

Tardes destas, elevam-nos a esferas superiores, aproximando-nos mais e mais do Além — **A. C.**

ESTUDOS PSÍQUICOS

Informamos os leitores de que o presente número é referente aos meses de Novembro e Dezembro. Levou-nos a este procedimento a necessidade de fazer sair a revista no princípio do mês a que se refere, em vez de no fim do mês, como temos feito.

O próximo número sairá no começo de Janeiro para que os assinantes do Brasil o recebam no mesmo mês, contando com a irregularidade dos vapores que transportam mala postal, o que não acontecia até aqui, pois a revista chegava lá, por vezes, muito tarde.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS

Mais um brinde de livros espiritas que, desta vez, pertence a Rui de Jesus, de Luanda.

Trata-se do romance de Charles Richet «À Porta do Mistério», obra que se encontra completamente esgotada.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM DEZEMBRO DE 1955

Grupo de irradiação metal

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as 4.as feiras, com a médium D. Deolinda Robalo e dirigida por António Pereira da Silva.

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 13, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 18, domingo, às 16 horas — 2.ª Conferência de Isidoro Duarte Santos, da série intitulada «O que eu vi no Brasil».

Dia 25, domingo, não há trabalhos.

Dia 27, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 1 de Janeiro de 1956, domingo, não há trabalhos.

Dia 8 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agredecemos:

D. Antónia Lemos do Rosário, da Beira, 30$00; I. S., de Lisboa, 20$00; C. E. L. A., 50$00; Brindes de livros espritas, 62$50. *Total — 162$50.*

LIVROS NOVOS

br.

OBRAS DO DR. CARLOS IMBASSAHY

Ciência Metapsíquica — Obra de estudo científico que interessa a todos os espiritas cultos ..... 30$00

Corpo e Espírito — Importante trabalho em que se demonstra a imortalidade da alma — enc. ..... 30$00

Fantasmas, Fantasias e Fantoches, de colaboração com *Pedro Granja*. Obra extraordinária de resposta ao catedrático Silva Melo que escreveu um livro contra o Espiritismo. Todos os argumentos do professor reduzidos a cisco. Um grosso volume ... 60$00

Matéria ou Espírito? — de colaboração com *Pedro Granja*. Livro de filosofia espirita apresentado de forma sugestiva—enc. 30$00

O Esiritismo à Luz dos Factos — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo. Demonstração da sua realidade perante factos que o atestam — enc. 64$00 ..... 50$00

Religião — Refutação às razões dos que combatem a parte religiosa do Espiritismo 28$00

OBRAS DIVERSAS

Bhagavad Gîtâ, *ou a sublime canção da Imortalidade.* *Tradução de Vladomiro Lorenz* — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia de Patanjali, Kapila e dos Vedas ..... 35$00

Canções da Imortalidade, pelo espírito de *Rabindraná Tagore,* psicografado pelo médium *Pedro Machado* — enc. ..... 30$00

Céu (O) em nossas Almas, por *Balzac*. Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritualistas — enc. 40$00

Conferências no Brasil, por *Pietro Ubaldi*. Orientações da ciência, o destino e o imponderável, a personalidade humana e o problema da hereditariedade — enc. ..... 40$00

Deus para as Criaturas, mensagens de grande espiritualidade recebidas por *Helena Moreira* — 2 vol. ..... 80$00

Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*. Interpretação espiritual da dialética através de um estudo profundo da da ciência espirita ..... 26$00

Em (E) Verdade Vos Digo..., por *Medeiros Correia Júnior* — Belos estudos evangélicos à luz do Espiritismo — enc. 30$00

Ensaio de Crítica Religiosa, por *J. Gois*. Um grande volume de estudo comparativo de religiões. Período antes de Cristo, depois de Cristo e período espirita — enc. ..... 50$00

Espiritismo (O) e a Igreja, pelo reverendo *Haraldur Nielsson*. Um padre desassombrado conta suas experiências espiritas ... 20$00

Evangelho dos Humildes, por *Eliseu Rigonatti*. O texto de S. Mateus explicado integralmente à luz do Espiritismo ..... 40$00

br.

Flores do Bem, pelo *espírito de Charles Budelaire* e recebido pelo médium Dr. R. A. Ranieri — enc. ..... 30$00

Grande (A) Síntese, por *Pietro Ubaldi*. Obra monumental de ciência e filosofia espiritualista recebida intuitivamente—enc. 150$00

Onde Estás, ó Morte?, por *Cornélio Pires* — Belo album de fotografias de espíritos materializados ..... 80$00

Região em litígio entre este Mundo e o Outro, por *Roberto D. Owen*. Obra de fôlego que causou na América do Norte retumbante sucesso em prol do Espiritismo 55$00

Selecções, por *Ernesto Bozzano* — «Breve História dos «raps», «Materializações Minúsculas», «Fenómenos de Transfiguração» e «Impressões de Mãos de fogo» — encadernado ..... 40$00

Silva Melo e os seus Mistérios, pelo *Dr. Sérgio do Vale* — Um dos livros mais completos de Espiritismo, em resposta ao catedrático Silva Melo, da Universidade do Rio de Janeiro ..... 60$00

Tesouro (O) dos Humildes, por *Maurice Maeterlinck* — Magnífica viagem pelos aspectos emotivos da alma humana — enc. 35$00

Trabalhos «Post-Mortem» do Padre Zabeu, pelo *engenheiro Urbano Pereira* — As famosas materializações do Padre Zabeu no Estado de S. Paulo. Repleto de gravuras em papel especial ..... 35$00

Vida (A) das Abelhas, por *Maurice Maeterlinck*. Livro mundialmente conhecido que impressiona extraordinàriamente — enc. 38$00 ..... 27$00

Visões Grandiosas na Terra e no Ar, por *C. de Vesme*. Visões espirituais, exércitos e batalhas que se renovam no ar ..... 16$00

MANUAIS DE CIÊNCIAS HERMÉTICAS

(Psicologia experimental)

Astrologia — O conhecimento da astrologia constitui um verdadeiro guia na vida, fornecendo ao estudante verdadeiras directrizes de progresso ..... 120$00

Educação Pessoal — Tendes fraca inteligência? Este livro vos ensina a desenvolvê-la. Quereis triunfar e enriquecer? Este livro vos proporciona os meios de o conseguir e de vos remodelar ..... 40$00

Fisiognomonia e Frenologia — Tratado sobre a arte de conhecer o homem pelo rosto, olhar, porte e gestos ..... 56$00

Grafologia — Conhecimento do carácter, aptidões e qualidades pela caligrafia. É muito útil aos comerciantes e a quem trata com o público ..... 56$00

Hipnotismo — Quer dominar as multidões e fascinar com os olhos? Leia este livro e e aprenderá a adquirir poder hipnótico ... 56$00

br.

Magia Teúrgica — Ensina a dominar as coisas materiais, a entrar em contacto com os entes que partiram e com os espíritos planetários ..... 88$00

Magnetismo — Indica os processos mais rápidos para adquirir força magnética e ensina a vencer a timidez, a dominar as emoções. É, ao mesmo tempo, um guia para a cura das doenças ..... 56$00

Medicina Oculta — Exposição da medicina universal. Estuda a verdadeira origem das doenças e fornece elementos de ataque, mesmo sem ver o doente ..... 60$00

Quiromancia — O mais completo tratado de ler nas mãos. Quem o estudar, poderá descobrir íntimos segredos e predizer o futuro, a começar por si próprio ..... 72$00

Radiopatia — Os raiós solares e as irradiações humanas no tratamento das doenças. Um precioso tratado de banhos de sol ... 45$00

OBRAS DIVERSAS

Madame Curie, por *Eva Curie* — A vida de uma mulher extraordinária que a ciência guindou às culminâncias, prémio Nobel de física e química, 16 medalhas honrosas e doutora *honoris causa* por vinte universidades ..... 50$00

Magia Mental, por *W. Atkinson* — Um livro dos mais importantes da nova psicologia acerca da energia mental e suas aplicações. Esta obra provocou uma grande revolução nos Estados Unidos ..... 80$00

Magia Prática (Tratado elementar), de *Papus* — O mais completo tratado de magia prática. Adaptação, realizacão e história da magia, com um dicionário adequado. Um grande volume com 160 gravuras ..... 120$00

Magnetismo Pessoal, por *Hector Durville* — Ensina a desenvolver poderosamente as forcas psíquicas e magnéticas, adquirindo domínio sobre si e sobre os outros ... 40$00

Profecias de Nostradamus, por *Marques da Cruz* — As célebres profecias publicadas em 1611 que prevêem até Outubro de 1999 80$00

Radietesia (A) no lar, pelo *Dr. Saevarius* — O pêndulo detector e pesquisador dos remédios das doenças humanas, animais e vegetais, ao alcance de todos ..... 30$00

Pietro Ubaldi, sua vida - sua obra, por *Clóvis Tavares.* A vida do grande místico, numa encadernação elegante ..... 40$00

Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado* Diálogos, sainetes, pecas em prosa e verso, próprias para educação recreativa ..... 25$00

OBRAS DE VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente, mostrando evoluções para uma religião universal ..... 40$00

Grande (A) Mensagem — Mensagens do *Homem dos Milagres* sobre as possibilidades humanas ..... 40$00

br.

Nos Templos do Himalaia — Um tratado de iniciação em forma de romance, com os mais belos ensinamentos da filosofia Yogui ..... 40$00

No Santuário — (Continuação do anterior, embora possam ser lidos separadamente). Desenvolve o problema das células cerebrais e linhas de força. Um verdadeiro livro científico ..... 40$00

O Templo do Silêncio — Guia para a verdadeira paz. Ensina a pôr-se em contacto com a fonte da Vida e do poder ..... 16$00

INICIAÇÃO ESPIRITA

(Maravilhosa colecção doutrinária)

Matéria dos volumes publicados:

Volume I — **Período Preparatório** — Velho Testamento e a Criação — A Evolução da Terra — O Velho Testamento, por *E. Armond, C. Jordão da Silva, G. Paiva, E. Manso Vieira, Iracema Martins* e *P. Camargo.*

Volume II — **Novo Testamento** — Parte Histórica — A Vida de Jesus, por *Edgard Armond.*

Volume III — **Aspecto Religioso — Novo Testamento,** por *Pedro de Carmago (Vinicius).*

Volume IV — **Novo Testamento** — Aspecto Filosófico e Aspecto Científico, por *C. Jordão da Silva* e *Luís M. de Barros.*

Volume V — **Novo Testamento — Actos dos Apóstolos,** por *Emílio Manso Vieira.*

Volume VI — **Novo Testamento — Epístolas e Apocalipse de João,** por *B. Godoy* e *Iracema de Almeida.*

Volume VII — **Cosmogonias — Origens da Vida na Terra — Estudo dos Seres e das Formas,** por *J. Abreu Filho, Ary Lex* e *E. Armond.*

Vlume VIII — **Contribuição da Ciência Metapsíquica ao Estudo da Vida Espiritual,** volume 1.°, por *Sérgio Vale.*

Volume IX — **Contribuição da Ciência Metapsíquica ao Estudo da Vida Espiritual,** volume 2.°, por *Sérgio Vale.*

Volume X — **Leis e Normas da Vida Espiritual,** por *Luís Monteiro de Barros.*

Volume XI — **Sector Filosófico — Categoria dos Mundos — Imortalidade — Reencarnação,** por *Carlos Jordão da Silva.*

Volume XII — **Leis dos Destinos dos Seres — A Conquista das virtudes Evangélicas,** por *E. Manso Vieira* e *Iracema de Almeida.*

Volume XIII — **O Evangelho por Fora — Sentido das Palavras Santas** — *a)* no sentido «literal»; *b)* no sentido «espiritual»; *c)* no sentido «anagógico» — Interpretação das Palavras Santas — Hermenêutica e Exegese — Regras de Hermenêutica, pelo *Dr. Canuto de Abreu.*

Volume XIV — **O Evangelho por Fora,** (Volume 2.°) — Regras de Hermenêutica — *a)* primeira regra; *b)* segunda regra e *c)* terceira regra, pelo *Dr. Canuto de Abreu.*

Preço de cada volume br. — 20$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura 18$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis,* obra dedicada às pessoas cultas — enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes* ..... 45$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga,* recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto* — enc. 42$00 ..... 30$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo* — encadernado ..... 35$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00
Em Torno do Mestre, por *Vinicius* ..... 40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin* 32$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal* — enc. 46$00 ..... 36$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00
Factos, por *António J. Trindade,* um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier* ... 30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 52$00	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett* — enc. 47$00	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz da Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00
O Reino de Jesus, por *Fernando da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy*	30$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00	30$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00
Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00
Mediunidade (A), pelo *coronel Edgar Armond* — Estudo substancial das várias mediunidades, muito útil a todos os médiuns	35$00
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* — Livro de evangelização destinado às tribunas, aos lares e às sessões, contendo verdades eternas	32$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário	23$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Profecias (As) de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*. Um estudo profundo devido à pena de um dos maiores génios da humanidade	60$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00

	br.
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado	30$00

ROMANCES DO CONDE DE ROCHESTER

(Recebidos pela médium russa Krijanowsky)

A Abadia dos Beneditinos — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Chanceler (O) de Ferro Romance histórico que relata a vida de José, no antigo Egipto, vida que o *Genesis* sintetizou nalguns capítulos	54$00
Herculanum — Romance passado na Roma dos Césares, com a descrição da catástrofe do Vesúvio, onde ficaram soterradas duas lindas cidades para um sonho de 18 séculos	38$00
Sinal da Vitória — Contém os factos ocorridos em Roma no começo do século IV com as perseguições aos cristãos até à época da conversão do imperador Constantino, através da visão da cruz	60$00
Vingança (A) do Judeu — Romance notabilíssimo onde se apresenta a sociedade antiga com preconceitos de raça, classe ou riqueza, à luz da fé revigorada pelo cristianismo	60$00

ROMANCES DE VÍTOR HUGO

Recebidos pela médium Zilda Gama

Almas Crucificadas — Uma história empolgante de almas em luta, no tempo das cruzadas e dos cavaleiros audazes	45$00
Dor Suprema — Fatalidade de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isto perpassa nesta obra maravilhosa	60$00
Do Calvário ao Infinito — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança. Em expiações redentoras quatro almas ascendem à glória imortal	60$00
Na Sombra e na Luz — Novela verídica que relata a existência triste de um companheiro terreno do autor. Por vezes, Vítor Hugo é personagem. Emociona até às lágrimas — enc. 54$00	42$00
Redenção — Novela de amor passada no tempo dos castelãos medievais e profundamente instrutivo	40$00

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A